Thomas Mann

A montanha mágica

COLEÇÃO THOMAS MANN

Coordenação
Marcus Vinicius Mazzari
A morte em Veneza e *Tonio Kröger*
Doutor Fausto
Os Buddenbrook
A montanha mágica

Thomas Mann

A montanha mágica

Tradução
Herbert Caro

Revisão da tradução e posfácio
Paulo Astor Soethe

Prêmio Nobel
Companhia das Letras

SUMÁRIO

PROPÓSITO

Queremos narrar a história de Hans Castorp, não por ele (a quem o leitor em breve conhecerá como um jovem singelo, ainda que simpático), mas pela história em si, que nos parece em alto grau digna de ser narrada (e cabe dizer a favor de Hans Castorp ser esta a história *dele*, já que não é a qualquer um que cada história acontece): esta história já se passou há muito tempo, está recoberta, por assim dizer, pela pátina do tempo e deve ser relatada, incondicionalmente, na forma do passado mais remoto.

Isso talvez não seja desvantagem para história alguma, mas vantagem; é necessário que as histórias já se tenham passado, e quanto mais mergulhadas no passado, caberia dizer, melhor corresponderão à sua qualidade essencial de histórias, e mais adequadas serão ao narrador, esse mago que evoca o pretérito. Acontece, porém, com a história o que hoje também acontece com os homens, e entre eles, não em último lugar, com os narradores de histórias: ela é muito mais velha que seus anos; sua vetustez não pode ser medida por dias, nem o tempo que sobre ela pesa, por revoluções em torno do sol. Numa palavra, não é propriamente ao *tempo* que a história deve o seu grau de antiguidade — e o que se pretende com essa observação feita de passagem é aludir e remeter ao caráter problemático e à peculiar duplicidade desse elemento misterioso.

Mas, para não se obscurecer de modo artificial um estado

de coisas claro em si, seja dito que a idade sumamente avançada de nossa história provém do fato de ela se desenrolar *antes* de determinada peripécia e de certo limite que abriram um sulco profundo nas vidas e consciências dos homens… Ela se desenrola ou — não avancemos com o uso do presente — ela se desenrolou numa época transata, outrora, nos velhos tempos, naquele mundo de antes da Grande Guerra, cujo deflagrar marcou o começo de tantas coisas que ainda mal deixaram de começar. Antes, pois, é quando ela se desenrola, se bem que não muito antes. E não será o caráter de antiguidade de uma história tanto mais profundo, perfeito e maravilhoso, quanto mais próxima do presente, quão menos "antes", ela se desenrolar? Bem pode ser que sob outros aspectos a nossa história, por sua natureza intrínseca, tenha cá e lá algo em comum com os contos maravilhosos.

Narrá-la-emos pormenorizadamente, com exatidão e minúcia — pois desde quando a natureza cativante ou enfadonha de uma história depende do espaço ou do tempo que exige? Sem medo de sermos acusados de meticulosidade, inclinamo-nos, pelo contrário, a opinar que realmente interessante só é aquilo que tem bases sólidas.

Não será, portanto, num abrir e fechar de olhos que o narrador terminará a história de Hans. Não lhe bastarão para isso os sete dias de uma semana, tampouco serão sete meses, apenas. Melhor será que ele desista de computar o tempo que decorrerá sobre a Terra enquanto essa tarefa o mantiver enredado. Decerto não chegará — Deus me livre — a sete anos!

Dito isso, comecemos.

I.

A CHEGADA

Um jovem singelo viajava, em pleno verão, de Hamburgo, sua cidade natal, a Davos-Platz, no cantão dos Grisões. Ia de visita, por três semanas.

Mas de Hamburgo até essas alturas a viagem é longa; demasiado longa, na verdade, para uma estada tão curta. É preciso atravessar diversos estados, subindo e descendo, do planalto da Alemanha meridional até a beira do lago de Constança, cujas ondas saltitantes são transpostas de navio, por sobre abismos outrora considerados insondáveis.

Dali adiante, a viagem, que até esse ponto avançava rapidamente, quase em linha reta, desenreda-se. Há delongas e complicações. Na localidade de Rorschach, já em território suíço, volta-se ao amparo da viação férrea; mas logo não se vai além de Landquart, pequena estação alpina, onde é preciso fazer baldeação. É um trem de bitola estreita o que ali se toma depois de prolongada espera numa paisagem varrida pelo vento e desprovida de encantos. No instante em que se põe em movimento a locomotiva de pequeno porte, mas de extraordinária força de tração, começa a parte deveras aventurosa da viagem, uma escalada brusca e penosa que parece não ter fim. A estação de Landquart situa-se a uma altura moderada. A partir dela, porém, adentra-se pelas montanhas, por uma estrada rochosa, áspera, angustiante.

Hans Castorp — eis o nome do rapaz — estava sozinho num pequeno compartimento almofadado em cinza, onde também se encontravam sua maleta de couro de crocodilo (presente de seu tio e pai de criação, o cônsul Tienappel, cujo nome convém mencionar desde já), bem como o casaco de inverno, a balouçar suspenso num gancho, e o cobertor de viagem enrolado. Estava sentado junto à janela aberta, e, como a tarde se vinha tornando cada vez mais fresca, levantara — rapaz mimado e franzino que era — a gola do sobretudo de verão, forrado de seda e de corte amplo, ao gosto da moda. A seu lado, no assento, jazia uma brochura intitulada *Ocean Steamships*, na qual Hans Castorp, durante as primeiras horas de viagem, de vez em quando lançara um olhar; agora, porém, o livro permanecia ali abandonado, enquanto o hálito da locomotiva arquejante, ao entrar pela janela, salpicava-lhe a capa de partículas de carvão.

Dois dias de viagem apartam um homem — e especialmente um jovem que ainda não criou raízes firmes na vida — do seu mundo cotidiano, de tudo quanto ele costuma chamar seus deveres, interesses, cuidados e projetos; apartam-no muito mais do que esse jovem podia imaginar enquanto um fiacre o levava à estação. O espaço que, girando e fugindo, roja-se de permeio entre ele e seu lugar de origem revela forças que se costuma julgar privilégio do tempo; produz de hora em hora novas metamorfoses íntimas, muito parecidas com aquelas que o tempo origina, mas em certo sentido mais intensas ainda. Qual o tempo, gera esquecimento; porém o faz desligando o indivíduo das suas relações e pondo-o num estado livre, primitivo; chega até mesmo a transformar, num só golpe, um pedante ou um burguesote numa espécie de vagabundo. Dizem que o tempo é como o rio Lete; mas também o ar de paragens longínquas representa uma poção semelhante, e seu efeito, conquanto menos radical, é mais rápido.

Hans Castorp ia passando por experiências análogas. Não tivera a intenção de levar essa viagem muito a sério nem de

entregar-se totalmente a ela. Propusera-se liquidá-la depressa, porque tinha que ser feita, depois regressar para casa tal como partira, e retomar sua vida anterior exatamente no ponto em que a abandonara por um instante. Ainda ontem se movimentara dentro do costumeiro círculo de ideias; ocupara-se com os acontecimentos mais recentes — seu exame de conclusão — e com o futuro imediato — sua entrada na vida prática, como funcionário da firma Tunder & Wilms (Estaleiros, Fábrica de Máquinas e Caldeiras). Com a máxima impaciência que seu temperamento lhe permitia, procurara olhar para além das três semanas vindouras. Nesse momento, porém, parecia-lhe que as circunstâncias exigiam dele plena atenção, não lhe sendo lícito menosprezá-las. Essa sensação de ser alçado a regiões cujos ares nunca respirara, e onde, como sabia, reinavam condições de vida particularmente rarefeitas e reduzidas, a que em absoluto não estava acostumado — essa sensação começava a excitá-lo, a enchê-lo de certa angústia. O torrão natal e a rotina de sempre haviam ficado não somente para trás, muito para trás, mas sobretudo a grande profundidade abaixo dele; e a ascensão continuava a afastá-los mais ainda. Pairando entre eles e o desconhecido, Hans Castorp perguntava-se como passaria lá em cima. Será que não seria imprudente e prejudicial a ele, que nascera poucos metros acima do mar e se habituara ao ar da sua terra, deixar-se transportar tão subitamente a esses sítios extremos, sem pelo menos se demorar por alguns dias num lugar de altitude média? Ansiava por chegar ao fim da viagem; pois, uma vez lá em cima — pensava —, devia-se viver como em toda parte, sem que lhe fossem recordadas, como agora, durante a escalada, as esferas impróprias em que se encontrava. Hans Castorp olhou janela afora: o trem serpenteava, sinuoso, através de um desfiladeiro estreito. Viam-se os primeiros vagões, via-se a locomotiva vomitando, no seu esforço, golfadas de fumaça parda, esverdeada e negra que logo se dissipavam. Nas profundidades, à direita,

murmuravam cursos d’água; à esquerda, pinheiros escuros buscavam por entre os rochedos as alturas de um céu cinzento como pedra. Túneis tenebrosos iam desfilando, e quando reaparecia a luz, rasgavam-se dilatados abismos com povoados em seu fundo. Fechavam-se os abismos, vinham logo a seguir novos desfiladeiros com restos de neve nas gretas e fendas. Havia paradas diante de casinhas miseráveis de estações pequenas; e de estações sem saída em frente, o trem partia em direção oposta, o que produzia um efeito desnorteante. Panoramas grandiosos do universo de cumes alpinos abriam-se de repente, um amontoado fantasmagórico e solene que se procurava alcançar e galgar, para logo no próximo meandro da estrada subtraírem-se ao olhar reverente. Hans Castorp notou que deixara para trás a zona das árvores frondosas e, se não se enganava, também a dos pássaros canoros. Essa ideia de cessação e empobrecimento fez que ele, acometido de um ligeiro acesso de vertigem e mal-estar, cobrisse por dois segundos os olhos com a mão. Mas isso passou. Viu então que terminara a ascensão; estava vencido o ponto culminante do passo. No fundo plano de um vale o trem agora corria com maior comodidade.

Eram aproximadamente oito horas, ainda havia luz. Na paisagem longínqua apareceu um lago de águas cinzentas, e de suas margens subiam pinheirais negros pelas encostas das montanhas adjacentes, que rareavam mais acima, acabando-se aos poucos e dando lugar à rocha calva, envolta em brumas. O trem parou numa estaçãozinha; era Davos-Dorf, o vilarejo de Davos, segundo Hans Castorp ouviu gritar. Dentro em pouco chegaria a seu destino. De repente, porém, ressoou a seu lado uma voz displicente de Hamburgo, a voz de seu primo Joachim Ziemssen, que dizia:

— Ei, você! Boa tarde! Anda, desça logo. — Ao olhar pela janela, viu na plataforma Joachim em pessoa, trajando um sobretudo de Ulster marrom, sem chapéu, e de aspecto tão sadio como nunca lhe vira. Joachim riu-se e repetiu: —

Vamos, saia logo, não faça cerimônia.

— Mas se ainda nem cheguei! — exclamou Hans Castorp estupefato, permanecendo sentado.

— Não, você já chegou, sim. Estamos no vilarejo. Daqui, o sanatório fica bem mais perto. Vim com um carro. Passe-me a bagagem.

Rindo, um tanto confuso pelo imprevisto da chegada e do encontro com o primo, Hans Castorp entregou-lhe a maleta e o casaco de inverno, o cobertor enrolado em volta da bengala e do guarda-chuva, e finalmente o *Ocean Steamships*. A seguir percorreu o estreito corredor do vagão e saltou para a plataforma, a fim de trocar com o primo saudações pessoais, que entretanto se deram sem exuberância, como convém a pessoas de modos frios e reservados. Parece estranho, mas desde cedo ambos haviam evitado chamar-se pelos prenomes, exclusivamente porque temiam uma cordialidade excessiva. Como, porém, não ficava bem tratarem-se pelo nome de família, limitavam-se ao você, e esse hábito se arraigara em ambos.

Um homem de libré e boné agaloado observou como ambos — o jovem Ziemssen em atitude militar — apertavam-se as mãos depressa e com algum acanhamento; então se aproximou para pedir o comprovante de bagagem de Hans Castorp. Era o porteiro do Sanatório Internacional “Berghof”. Prontificou-se a buscar a mala grande do hóspede na estação seguinte, Davos-Platz, a praça da cidade, enquanto os dois senhores por favor se dirigissem com o carro diretamente ao sanatório, para jantar. O homem coxeava fortemente, de modo que a primeira pergunta que Hans Castorp fez a Joachim Ziemssen foi esta:

— É um veterano de guerra? Por que coxeia assim?

— Essa foi boa! — retrucou Joachim com certo amargor. — Veterano de guerra! O homem tem o mal no joelho; ou teve, ao menos. Por isso lhe extraíram a rótula.

Hans Castorp procurou pensar o mais rápido que pôde.

— Ah, foi isso! — disse. Enquanto prosseguia no caminho,

ergueu a cabeça e lançou um rápido olhar para trás. — Mas você não me fará acreditar que ainda sofre daquela coisa. Até parece que já usa galões e acaba de voltar das manobras. — E olhou o primo de soslaio.

Joachim era mais alto e mais espadaúdo que ele, um modelo de força juvenil e como que talhado para a farda. Representava aquele tipo bem trigueiro que sua loura pátria não raro produz. Sua tez, bastante morena já por natureza, estava tostada pelo sol e adquirira uma cor quase brônzea. Com os grandes olhos negros e o bigodinho escuro sobre os lábios cheios, bem-conformados, seria positivamente belo, não fossem as orelhas muito despegadas. Essas orelhas haviam sido seu único desgosto, a grande dor da sua vida — até certo momento. Agora tinha outras preocupações. Hans Castorp continuou:

— Você vai regressar comigo, não é? Não vejo impedimento algum.

— Regressar com você? — perguntou o primo, fitando-o com os olhos grandes que haviam sido sempre suaves, mas durante esses cinco meses assumiram expressão um tanto cansada, quase melancólica. — Com você, quando?

— Ora, daqui a três semanas.

— Compreendo, você já pensa em regressar — respondeu Joachim. — Espere um pouco; mal acaba de chegar. Três semanas representam quase nada para nós aqui em cima, mas para você que vem de visita e tenciona demorar-se só três semanas é uma porção de tempo. Trate de se aclimatar primeiro. Não tardará a notar que não é assim tão fácil. E o clima não é a única coisa estranha que existe aqui. Você encontrará muita coisa nova, sabe? Comigo não será tão depressa como você imagina. “Regressar daqui a três semanas” é uma ideia lá de baixo. Tenho a pele tostada, sim senhor, mas isso vem principalmente do sol refletido pela neve e não significa grande coisa, como Behrens sempre afirma. No último exame geral, ele disse ter quase certeza de que eu teria de ficar ainda uns seis meses.

— Seis meses? Está louco? — gritou Hans Castorp. Eles se instalaram no cabriolé amarelo que os esperava numa praça pedregosa, diante da estação, que não passava de uma espécie de telheiro. Enquanto os dois baios se punham em movimento, Hans Castorp remexeu-se, cheio de indignação, no assento mal-estofado. — Meio ano? Mas já faz quase meio ano que você está aqui. Não se tem tanto tempo assim…

— Pois é, o tempo… — disse Joachim, olhando para a frente e meneando a cabeça repetidas vezes, sem se preocupar com o sincero agastamento do primo. — Aqui não fazem muita cerimônia com o tempo da gente. Você não tem ideia. Três semanas são para eles como um dia, vai ver. Tudo isso se aprende — ele disse. E acrescentou: — Aqui todas as concepções se transformam.

Hans Castorp não cessava de contemplar-lhe o perfil.

— Mas você se restabeleceu maravilhosamente — disse, meneando a cabeça.

— Acha? — respondeu Joachim. — Não é mesmo? Também o creio — continuou, encostando-se no espaldar, para logo voltar à posição anterior. — Vou melhor, sim — explicou —, mas ainda não estou bem. À esquerda, em cima, onde antes se ouviam estalidos, nota-se agora apenas uma respiração um pouco rude, que não inspira cuidados. Mas aqui, mais para baixo, percebe-se um ronco *muito* forte, e no segundo espaço intercostal há também ruídos.

— Que grande cientista você se tornou! — disse Hans Castorp.

— Pois é. Deus sabe que é uma triste ciência. Quem me dera já tê-la esquecido ao estar em serviço — replicou Joachim. — Mas ainda produzo esputo — acrescentou, dando de ombros, com um gesto ao mesmo tempo resignado e veemente que não lhe ficava bem. A seguir tirou do bolso interno do sobretudo um objeto que mostrou ao primo, até a metade, para logo guardá-lo novamente; era um frasco chato, bojudo, de vidro azul, com um fecho de metal. — A maioria de nós, aqui em cima, usa isto. Batizaram-no com

um nome especial, um apelido bem engraçado, até. Está olhando a paisagem?

Era o que Hans Castorp fazia. Deu sua opinião:

— Magnífica.

— Você acha? — perguntou Joachim.

Haviam seguido na direção do eixo do vale, por um caminho ladeado de habitações, cá e lá, e paralelo ao leito da via férrea. Depois, dobrando à esquerda, haviam cruzado os trilhos de bitola estreita e atravessado um curso d'água. Agora subiam a trote um atalho pouco íngreme, rumo a uma encosta coberta de bosques. Ali, numa meseta um tanto proeminente, de pouca altura, destacava-se um edifício comprido, encimado por uma torre em cúpula, com a fachada dirigida para sudeste. Numerosas varandas davam-lhe de longe um aspecto esburacado, poroso como uma esponja. As primeiras luzes acabavam de ser acesas, enquanto o crepúsculo avançava rapidamente. Já se esvaíra um suave arrebol, que durante algum tempo animara o céu toldado. Reinava na natureza aquele estado de transição, descolorido, melancólico, desprovido de vida, que precede imediatamente o anoitecer definitivo. O vale povoado, extenso e levemente sinuoso, iluminava-se em toda parte, tanto no fundo como nas bordas — sobretudo na direita, que formava uma saliência, com os terraços da encosta salpicados de construções. À esquerda, algumas veredas subiam através dos prados, para se perderem na baça negrura dos pinheirais. Os bastidores mais distantes das montanhas, próximos da saída do vale, que ali se estreitava, exibiam-se num frio azul de ardósia. Com o vento que acabava de se levantar, o frescor da noite começava a fazer sentir-se.

— Não! Para falar com franqueza, não acho a paisagem tão formidável assim — disse Hans Castorp. — Onde estão as geleiras, os picos brancos e as cordilheiras gigantescas? Não me parece que essas montanhas sejam muito altas.

— Pelo contrário, são bem altas, sim — retrucou Joachim. —

Você nota quase em toda parte o limite da presença das árvores. Ele se delineia com absoluta nitidez. Terminam os pinheiros, e com isso acaba-se toda a vegetação. Como você vê, é pura rocha. Por ali, à direita desse pico, que é o Schwarzhorn, aparece até uma geleira. Está vendo a área azulada? Não é lá muito grande, mas é uma geleira como deve ser, a Scaleta. O Piz Michel e o Tinzenhorn, naquela abertura (não se pode vê-los daqui), também ficam cobertos de neve durante o ano inteiro.

— De neve eterna — disse Hans Castorp.

— Pois é, neve eterna, se assim quiser. Não se pode negar que tudo isso é bastante alto. E não esqueça que nós mesmos nos achamos a uma altura espantosa. Mil e seiscentos metros acima do nível do mar. Por isso as elevações não se destacam tanto.

— Sim senhor, que escalada até aqui! Passei muito medo, nem lhe conto! Mil e seiscentos metros! São mais ou menos cinco mil pés, se calculo bem. Nunca na vida estive tão alto. — E cheio de curiosidade, Hans Castorp aspirou profundamente aquele ar estranho, como que para prová-lo. Era fresco, e nada mais. Carecia de aroma, de sabor, de umidade. Tragava-se com facilidade e nada dizia à alma.

— Ótimo! — exclamou Hans Castorp por educação.

— Sim, esse ar tem grande fama. De resto, a paisagem não se apresenta, esta noite, sob seu aspecto mais favorável. Às vezes está muito mais bonita, sobretudo com neve. Mas a gente acaba por se cansar dela. Nós todos, aqui em cima, pode acreditar, estamos fartos, indizivelmente fartos dela — disse Joachim, e sua boca torceu-se numa expressão de nojo que parecia exagerada e incontrolada, e que mais uma vez não lhe ficava bem.

— Você tem um jeito tão esquisito de falar! — disse Hans Castorp.

— Esquisito? — perguntou Joachim com certa apreensão, voltando-se para o primo.

— Não, não! Desculpe! Tive essa impressão só por um

momento — apressou-se Hans Castorp a dizer. Ele se referira à expressão “Nós, aqui em cima”, que Joachim já empregara umas quatro ou cinco vezes, e que de certa forma lhe causava impressão deprimente e estranha.

— Como vê, nosso sanatório está ainda mais alto que a aldeia — continuou Joachim. — Cinquenta metros. O prospecto diz “cem”, mas são apenas cinquenta. O sanatório que fica mais alto é o Schatzalp, lá do outro lado. Não se vê daqui. No inverno, eles têm de transportar os cadáveres em trenós, porque os caminhos se tornam impraticáveis...

— Os cadáveres? Ah, sim!... Veja só! — exclamou Hans Castorp, e de repente rebentou em riso, um riso violento, irreprimível, que lhe sacudiu o peito e fez que o rosto enrijecido pelo vento frio se contraísse num trejeito dolorido. — Em trenós? E você me conta essas coisas assim, sem mais nem menos? Parece que se tornou muito cínico nesses cinco meses.

— Cínico nada! — replicou Joachim, dando de ombros. — Como assim? Afinal, os cadáveres pouco se importam... De resto, pode ser que a gente chegue mesmo a ficar cínico, neste nosso meio. O próprio Behrens também é um cínico às antigas; um sujeito de classe, diga-se de passagem; na universidade pertencia a uma corporação das mais finas; e dizem que é ótimo cirurgião. Você vai gostar dele. E ainda há o Krokowski, seu assistente — um tipo muito capaz. No prospecto fala-se especialmente da sua atividade: a dissecação psíquica dos pacientes.

— O quê? Dissecação psíquica? Que coisa nojenta! — gritou Hans Castorp, e com isso, a hilaridade tomou conta dele. Já não conseguia dominá-la. Depois de tudo quanto ouvira, a dissecação psíquica lhe encheu as medidas. Riu-se tanto que as lágrimas lhe brotavam entre a mão com que, inclinando-se para a frente, cobria os olhos. Também Joachim riu de todo coração, o que parecia fazer-lhe bem. Assim, o desembarque dos dois jovens deu-se com alegria e descontração, ao deixarem o carro que lentamente os

trouxera por uma rampa íngreme e serpeante até o portal do Sanatório Internacional Berghof.

Logo à direita, entre o portão e o guarda-vento, achava-se a guarita do porteiro; de lá, onde estivera lendo jornais sentado em frente ao telefone, veio ao encontro dos recém-chegados um criado de tipo francês, vestido com libré cinzenta igual à do homem coxo da estação, e conduziu-os através do vestíbulo bem-iluminado, onde à esquerda ficavam os salões. Ao passar, Hans Castorp lançou um olhar para dentro, notou que estavam vazios e perguntou onde é que estavam os hóspedes.

— Cumprindo o repouso — respondeu o primo. — Fui dispensado porque queria receber você. Normalmente também me deito na sacada, depois do jantar.

Pouco faltou para que Hans Castorp voltasse a estourar em risos.

— Como? Em plena escuridão, vocês ainda se deitam na sacada? — indagou com voz vacilante...

— Sim, faz parte do regulamento. Das oito às dez. Mas venha agora ver seu quarto e lavar as mãos.

Entraram no elevador, cujo mecanismo elétrico foi posto em ação pelo criado francês. Enquanto subiam, Hans Castorp enxugou os olhos.

— Estou todo moído e exausto de tanto rir — disse, respirando pela boca. — Você me contou mil coisas estranhas... Aquela história da dissecação psíquica é o cúmulo; por essa eu não esperava. Aliás, estou um pouco cansado por causa da viagem. Você também sofre com o frio nos pés? Ao mesmo tempo sinto que me arde o rosto, é bem desagradável. A gente jantará logo, não é? Tenho a impressão de que já estou com fome. A comida de vocês, aqui em cima, é boa?

Caminhavam sem ruído sobre a passadeira de fibra de coqueiro que cobria o corredor estreito. Globos de vidro

fosco difundiam uma luz pálida. As paredes, parecendo envernizadas, reluziam duras, revestidas de tinta a óleo branca. Surgiu então uma enfermeira de touca branca, trazendo no nariz um pince-nez, cujo cordão ela colocara por trás da orelha. Estava claro que era protestante, uma irmã sem vocação muito firme, curiosa e irritada de tanto tédio que pesava sobre ela. Em dois pontos do corredor, em frente das portas brancas envernizadas e numeradas, viam-se no chão uns recipientes grandes, bojudos e de gargalo curto, sobre cuja finalidade Hans Castorp se esqueceu de pedir explicações.

— Aqui está o seu quarto — disse Joachim. — Número trinta e quatro. À direita fica o meu, e à esquerda mora um casal russo; gente um pouco relaxada e barulhenta, diga-se de passagem, mas não houve jeito de evitar isso. Bem! Que tal lhe parece?

A porta era dupla, de folhas superpostas, e no vão entre elas havia cabides. Joachim acendera a lâmpada do teto, e sob a luz trêmula o quarto se apresentou alegre e tranquilo, com móveis brancos e práticos, os papéis de parede igualmente brancos, resistentes e laváveis, o linóleo limpo, cobrindo o soalho, e as cortinas de linho, bordadas de maneira simples e graciosa, conforme o gosto moderno. A porta da sacada estava aberta; viam-se as luzes do vale e ouvia-se ao longe uma música de baile. O bom Joachim colocara algumas flores num pequeno vaso sobre a cômoda — a época de segunda florada oferecia aquilégias e umas poucas campânulas, que ele mesmo colhera na encosta.

— Muito amável da sua parte — disse Hans Castorp. — Que quarto simpático! Num lugar destes dá prazer passar algumas semanas.

— Anteontem morreu aqui uma americana — disse Joachim. — Behrens achou logo que a coisa se acabaria antes da sua chegada, e que então você poderia ficar com o quarto. O noivo estava ao lado dela. Embora fosse oficial da marinha inglesa, não se pode dizer que manteve a

compostura. A cada instante saía ao corredor para chorar como um menino. Depois esfregava as faces com *cold cream*, porque estava escanhoado e as lágrimas lhe ardiam na pele. Na noite de anteontem a americana teve duas hemoptises de primeira, e com isso, fim de papo. Mas ela já se foi ontem de manhã, e é claro que então desinfetaram tudo para valer. Com formalina, sabe? Dizem que é excelente nesses casos.

Hans Castorp ouviu a história sob uma distração nervosa. De mangas arregaçadas, à frente da pia ampla cujas torneiras niqueladas cintilavam à luz elétrica, ele mal lançou um olhar fugidio para a cama arrumada, de metal branco, roupa limpa.

— Desinfetaram, então está ótimo — disse ele, com certa loquacidade e sem muito propósito, enquanto lavava e enxugava as mãos. — Pois é, aldeído metílico; não há micróbio que resista a isso. H2CO, sim senhor! Mas tem um cheiro picante, não é? Naturalmente, a mais rigorosa limpeza é indispensável... — Sua pronúncia era mais acentuadamente hamburguesa que a do primo, que desde os tempos de estudante perdera os vestígios do dialeto de sua terra. Hans Castorp continuou conversando com grande desembaraço: — Ainda queria dizer... Ah, sim. Acho provável que o oficial da marinha se afeitasse com aparelho de barbear; esses troços esfolam mais a pele que uma navalha bem afiada. Esta, pelo menos, é minha experiência, e por isso alterno o uso de uma coisa e outra... Ora, é lógico que a água salgada dói na pele irritada. E no serviço militar, quem sabe se o homem não se acostumou ao uso do *cold cream*; nisso não vejo surpresa alguma... — E prosseguindo, acrescentou que tinha na maleta duzentos Maria Mancini, seu charuto preferido; a inspeção alfandegária fora muito condescendente; e a seguir transmitiu as saudações de diversas pessoas de sua cidade natal. — Será que não aquecem os quartos? — exclamou de repente, e correu aos radiadores, a fim de apalpá-los.

— Não, eles costumam manter-nos a uma temperatura fresca — respondeu Joachim. — É preciso um frio muito mais intenso, só lá por agosto, para que acendam a calefação central.

— Agosto, qual agosto! — disse Hans Castorp. — Estou é com frio! Um frio horroroso, ao menos no corpo, pois o rosto me arde! Olhe, experimente, estou com o rosto em brasa.

Essa ideia de que alguém lhe tocasse o rosto não condizia em absoluto com o modo de ser de Hans Castorp, e a ele mesmo causou impressão penosa. Joachim fez que não era com ele e limitou-se a dizer:

— É do ar. Não quer dizer nada. O próprio Behrens anda o dia inteiro com as faces azuladas. Há pessoas que nunca se habituam. E agora *go on*, senão não teremos mais o que comer.

Quando saíram, a enfermeira voltou a aparecer para examiná-los com olhares míopes e curiosos. No primeiro andar, Hans Castorp deteve-se de repente, imobilizado por um ruído simplesmente atroz, que se ouvia a pouca distância, por trás de uma volta do corredor; um ruído não muito forte, mas de som tão lúgubre que o jovem fez uma careta e mirou o primo com os olhos arregalados. Era tosse, sem dúvida, a tosse de um homem; mas uma tosse em nada parecida com qualquer outra que Hans Castorp jamais ouvira; sim, uma tosse em comparação com a qual todas as demais pareciam sinais de magnífica e sadia vitalidade — uma tosse inteiramente despida de prazer e alívio, que não se dava em acessos regulares, mas soava como se alguém chafurdasse de maneira débil e horripilante no lamaçal da podridão orgânica.

— Pois é — disse Joachim. — Este é um caso sério. Um aristocrata austríaco, homem elegante, como que feito para andar a cavalo. E agora vai desse jeito. Mas por enquanto ainda passeia.

Ao seguirem o caminho, Hans Castorp discorreu com pormenores sobre a tosse do cavaleiro.

— Leve em conta — disse ele — que nunca ouvi coisa semelhante, algo totalmente novo para mim, é natural que eu me impressione. Há muitas espécies de tosse, tosses secas e tosses soltas. Diz-se que geralmente as soltas são mais benignas que as que fazem a gente ladrar. Em minha juventude — ele disse mesmo "em minha juventude" —, quando tive o crupe, ladrava como um lobo, e todo mundo sentiu-se aliviado quando a tosse ficou mais solta, lembro-me bem. Mas uma tosse como esta nunca se viu, pelo menos eu não tinha ideia de que existisse uma coisa dessas. Já não é uma tosse viva. Não é seca, mas também não se pode chamar de solta. Não encontro, nem de longe, a palavra adequada. É como se se descortinasse o interior do homem, fosse possível olhá-lo lá dentro, e tudo não passasse de lodo e pântano...

— Ora veja — disse Joachim —, ouço essas coisas todos os dias. Para mim, pode dispensar a descrição.

Mas Hans Castorp não conseguiu dominar-se. Afirmou repetidas vezes que para ele era como se tivesse lançado um olhar no interior do aristocrata. Quando entraram no restaurante, seus olhos fatigados da viagem mostravam um brilho exaltado.

NO RESTAURANTE

A sala do restaurante estava clara, o ambiente era elegante e confortável. Ficava logo à direita do vestíbulo, à frente dos salões, e, conforme explicou Joachim, era frequentado principalmente por hóspedes recém-chegados, que precisavam comer fora de hora, ou por quem tinha visitas. Mas também aniversários e partidas iminentes eram festejados ali, assim como os resultados favoráveis de exames gerais. Em certas ocasiões, o ambiente no restaurante era de franca alegria, disse Joachim, e até se servia champanhe. Mas neste momento só havia ali uma senhora de aproximadamente trinta anos, que lia um livro e ao mesmo tempo cantarolava baixinho, tamborilando na toalha com o dedo médio da mão esquerda. Quando os dois jovens se sentaram, mudou de lugar, a fim de dar-lhes as costas.

— É misantropa — explicou Joachim, abafando a voz —, come sempre lendo um livro no restaurante. Afirmava-se que muito jovem ingressara em sanatórios para doenças pulmonares e nunca mais convivera com o mundo de fora.

— Ora, comparado com ela, você é apenas um principiante, com seus cinco meses, e ainda o será quando tiver um ano nas costas — disse Hans Castorp ao primo. Joachim tomou o cardápio, dando de ombros, com um gesto que antes não lhe era peculiar.

Haviam escolhido a mesa mais próxima da janela, e que ficava elevada sobre um estrado. Era o lugar mais agradável da sala. Achavam-se sentados junto à cortina creme, frente a frente, com os rostos abrasados pela luz da pequena lâmpada de mesa, de quebra-luz vermelho. Hans Castorp juntou as mãos recém-lavadas e esfregou-as uma na outra com uma sensação de conforto e expectativa, como era seu hábito ao sentar-se à mesa, talvez porque seus antepassados costumassem rezar antes de tomar a sopa.

Serviu-os uma criada amável, de fala gutural, com vestido preto e avental branco, rosto largo de cores muito sadias, e para seu divertimento Hans Castorp aprendeu que ali, em alemão suíço, as criadas eram chamadas *Saaltöchter*, “filhas de salão”, literalmente. Pediram a ela uma garrafa de Gruaud Larose, que Hans Castorp devolveu porque estava fria demais: que retornasse em breve. A comida estava excelente. Serviram-se sopa de aspargos, tomates recheados, um assado com vários legumes e verduras, uma sobremesa de preparo excepcional, queijos diversos e frutas. Hans Castorp comeu muito, se bem que seu apetite se evidenciasse menos intenso que lhe parecera. Era uma espécie de consideração por si próprio que o fazia comer fartamente, mesmo sem fome.

Joachim não fez muita honra aos quitutes. Estava cansado daquela cozinha, foi o que disse, e isso se daria com todos aqui em cima; era costume resmungar contra a comida, pois quem se acha amarrado neste lugar por toda uma eternidade… Em compensação, bebeu o vinho com prazer e certa entrega, e com o cuidado de evitar qualquer frase por demais sentimental manifestou repetidas vezes sua satisfação por ter com quem trocar palavras sensatas.

— Sim, senhor, você veio mesmo a calhar! — disse ele, e sua voz pausada revelava emoção. — Para mim sua chegada é um acontecimento e tanto. Ao menos acontece algo diferente… Quero dizer, representa um marco, uma ruptura dessa monotonia eterna e infinita…

— Mas o tempo deve passar depressa para vocês aqui — opinou Hans Castorp.

— Depressa ou devagar, como queira — respondeu Joachim. — Ele não passa é de modo algum, sabe? Aqui não há tempo nem vida; não há é coisa alguma — acrescentou meneando a cabeça. E novamente levantou a taça.

Também Hans Castorp voltou a beber, embora o rosto lhe ardesse como fogo. Mas o seu corpo continuava frio, e nos seus membros havia um desassossego todo especial, ao

mesmo tempo eufórico e um tanto penoso. Suas palavras precipitavam-se; era frequente confundir-se, mas com um gesto displicente da mão passava por cima de tais incidentes. O próprio Joachim tornara-se mais animado também, e a conversa prosseguiu ainda mais desembaraçada e alegre quando a senhora da mesa vizinha, cessando subitamente de cantarolar e tamborilar, levantou-se e saiu. Gesticulavam com os garfos enquanto comiam; davam-se ares de importância, com as bochechas túmidas de comida; riam-se, sacudiam a cabeça, encolhiam os ombros, e ainda com a boca cheia voltavam a palestrar. Joachim queria saber o que se passava em Hamburgo, e levou a conversa para o projeto da canalização do Elba.

— Fenomenal! — disse Hans Castorp. — Formidável para o desenvolvimento da nossa navegação, e de uma importância incalculável. No orçamento, destinamos a essa obra cinquenta milhões para as despesas imediatas, e sabemos o que estamos fazendo, você pode estar certo.

Apesar da importância que atribuía à canalização do Elba, logo abandonou o assunto, para pedir que Joachim lhe contasse mais pormenores da vida “aqui em cima” e dos hóspedes. Este lhe fez a vontade com grande prazer, já que se sentia feliz por ter uma oportunidade de desafogar-se e abrir-se. Teve que repetir a história dos cadáveres transportados pela pista de trenó e assegurar que se tratava da mais pura verdade. Como Hans Castorp mais uma vez desatasse a rir, o primo riu-se também, parecendo deleitar-se com aquilo de todo coração; e logo emendou outras coisas divertidas, a fim de manter vivo o bom humor que havia. Falou de uma senhora que partilhava a mesa com ele, uma tal sra. Stöhr, mulher bastante doente, aliás, casada com um músico de Cannstatt, e que era a criatura mais inculta que já encontrara. Ela dizia “desinsfectar”, mas a sério. E ao assistente Krokowski intitulava de “fómulo”. Era preciso ouvir tudo isso e ainda dar jeito de conter o riso. E, como se não bastasse, era mexeriqueira, como de resto a

maioria dos hóspedes ali em cima, e costumava contar que uma companheira, a sra. Iltis, trazia consigo um “esterilete”.

— Imagine, ela diz “esterilete”! Essa é impagável…

E quase deitados, recostados no espaldar das cadeiras, ambos riram-se tanto que o corpo lhes estremeceu e ficaram com soluços quase ao mesmo tempo.

De quando em quando, Joachim se entristecia ao pensar no seu infortúnio.

— Pois é, aqui estamos e nos divertimos — disse com uma expressão dolorosa, ainda interrompido algumas vezes pelas trepidações de seu diafragma —, e no entanto não posso prever, nem de longe, quando poderei sair daqui. Pois, quando o Behrens me diz: “Mais meio ano”, sei que preciso preparar-me para um prazo maior. É bem duro isso. Você pode avaliar como é triste para mim. Já me haviam aceitado no Exército e, no mês que vem, eu poderia fazer exames para oficial. Agora vivo aqui vadiando com o termômetro na boca, conto os deslizes dessa ignorantona da sra. Stöhr e perco meu tempo. Um ano tem tanta importância na nossa idade, traz tantas alterações e tantos progressos na vida lá de baixo! E eu obrigado a estagnar aqui como uma poça d’água, sim senhor, como um charco apodrecido. Não há exagero nessa comparação…

Em vez de responder, Hans Castorp limitou-se a perguntar se havia jeito de se obter porter nesse sanatório. O primo olhou-o com certa surpresa e viu que ele estava a ponto de adormecer, até já estava cochilando.

— Mas você está é com sono! — disse Joachim. — Vamos, é hora de ir para a cama, nós dois.

— Não, não é hora, não — disse Hans Castorp com a língua trôpega. Mesmo assim seguiu Joachim, caminhando um pouco curvado, com as pernas rijas, como quem está literalmente caindo de cansaço. Fez, porém, um violento esforço para se recompor quando, no vestíbulo pouco iluminado, ouviu o primo dizer:

— Está aqui o Krokowski. Tenho que apresentar você.

O dr. Krokowski estava sentado em uma área iluminada, ante a lareira de uma das salas de convivência, ao lado da porta corrediça escancarada, e lia o jornal. Pôs-se de pé, quando os dois jovens se aproximaram dele, e Joachim, em atitude militar, disse:

— Permita-me, doutor, que lhe apresente meu primo Castorp, de Hamburgo. Ele acaba de chegar.

O dr. Krokowski saudou o novo pensionista com certa cordialidade jovial, robusta e reconfortante, como se quisesse dar a entender que no contato com ele não havia lugar para acanhamento, mas somente confiança e despreocupação. Tinha cerca de trinta e cinco anos; era espadaúdo, obeso e muito mais baixo do que os dois, de maneira que, para encará-los, viu-se obrigado a deitar a cabeça para trás. Além disso era extremamente pálido, de uma palidez translúcida e mesmo fosforescente, que se intensificava ainda mais pelo fulgor sombrio dos olhos, pela negrura das sobrancelhas e da barba comprida, que terminava em duas pontas e já mostrava alguns fios brancos. Trajava uma fatiota preta, um tanto surrada, e calçados pretos, abertos como sandálias, meias grossas de lã cinzenta e um colarinho macio e amplo, como Hans Castorp só vira até então num fotógrafo de Dantzig, e o qual conferia ao dr. Krokowski a aura de quem estivesse mesmo em um ateliê. Com um sorriso afetuoso, que fez com que os dentes amarelos apontassem por entre a barba, apertou a mão do jovem e disse com voz arrastada de barítono e algum sotaque estrangeiro:

— Seja bem-vindo, sr. Castorp! Espero que o senhor se aclimate rapidamente e se sinta bem entre nós. Permita-me perguntar: veio como paciente?

Era comovente ver como Hans Castorp se esforçava por mostrar-se cortês e dominar a sonolência. Sentia-se irritado pelo fato de estar tão pouco apresentável, e, com a desconfiada soberba peculiar aos jovens, via no sorriso e na atitude confortante do médico apenas sinais de ironia

indulgente. Respondeu que passaria três semanas ali, ao passo que mencionou também seu exame e acrescentou que, graças a Deus, gozava da mais perfeita saúde.

— Será? — perguntou o dr. Krokowski, avançando a cabeça obliquamente, como para caçoar, enquanto seu sorriso se acentuava. — Nesse caso o senhor é um fenômeno digno de ser estudado. Eu, pelo menos, ainda não encontrei um homem sequer em perfeita saúde. Posso perguntar que exame o senhor prestou?

— Sou engenheiro, doutor — comunicou Hans Castorp com dignidade e modéstia.

— Ah, engenheiro! — E o sorriso do dr. Krokowski como que se retraiu, chegou por um momento a perder a força e a cordialidade. — Uma profissão excelente! De maneira que o senhor não pretende receber aqui qualquer assistência médica, nem de ordem física nem psíquica?

— Não, muito obrigado! — disse Hans Castorp, a ponto de dar um passo para trás.

O sorriso do dr. Krokowski reapareceu vitorioso. E, enquanto tornava a apertar a mão do jovem, ele exclamou em voz alta:

— Pois então, sr. Castorp, durma bem, na plena convicção de sua saúde inatacável! Durma bem, e até amanhã! — Com essas palavras, despediu-se dos jovens e voltou a seu jornal.

Não havendo mais ascensorista àquela hora, subiram a pé pela escada, silenciosos e um tanto perturbados pelo encontro com o dr. Krokowski. Joachim acompanhou Hans Castorp até o número trinta e quatro, onde o criado coxo já depositara a bagagem do recém-chegado. Continuaram a conversar durante um quarto de hora, enquanto Hans Castorp tirava da mala o pijama e os objetos de toucador, fumando um charuto grosso, de sabor leve. Não tivera hoje a oportunidade de fumar um charuto, o que lhe pareceu estranho e extraordinário.

— Ele dá a impressão de ter muita personalidade — disse Castorp, e ao falar expeliu a fumaça que acabara de aspirar.

— E é pálido como cera. Agora, o calçado que usa, que coisa horrorosa! Imagine só: meias de lã cinzenta e ainda aquelas sandálias! Você acha que no fim ele se ofendeu?

— Ele é um pouco suscetível — admitiu Joachim. — Você não deveria ter rejeitado tão bruscamente a assistência médica, pelo menos o tratamento psíquico. Ele não gosta que alguém se esquive a isso. Antipatiza comigo também, porque não me abro o bastante. Mas, de vez em quando, conto-lhe um sonho, para que tenha alguma coisa que analisar.

— Ah, então feri-lhe o orgulho — disse Hans Castorp, aborrecido; pois ficava bem pouco satisfeito consigo mesmo ao melindrar alguém, e com isso o cansaço acometeu-o com força redobrada.

— Boa noite — disse. — Estou caindo de sono.

— Às oito virei buscar você para o café da manhã — prometeu Joachim ao sair.

Hans Castorp mal se asseou antes de deitar-se. Sucumbiu ao sono tão logo apagou a lâmpada de cabeceira, mas teve um sobressalto ao lembrar que na antevéspera alguém morrera naquela mesma cama.

— Sem dúvida não foi a primeira vez — disse para si, como se isso pudesse tranquilizá-lo. — Afinal de contas, é um leito de morte, um simples leito de morte. — E adormeceu.

Logo, porém, começou a sonhar, e sonhou quase sem interrupção até a manhã do dia seguinte. Em especial viu Joachim Ziemssen em posição estranhamente desengonçada, a descer num trenó por uma pista oblíqua. Era de um palor tão fosforescente quanto o do dr. Krokowski, e à sua frente achava-se sentado o aristocrata austríaco, cuja imagem era um tanto vaga, como a de alguém que apenas se ouvira tossir. “Isso pouco nos importa, a nós, aqui em cima”, disse o desengonçado Joachim, e logo era ele, e não o aristocrata, quem tossia daquela maneira horripilante e lamacenta. Ao ouvi-lo, Hans Castorp verteu lágrimas amargas e verificou ser preciso correr à farmácia para

comprar *cold cream*. Mas à beira do caminho estava sentada a sra. Iltis, de focinho pontiagudo, e tinha na mão algo que deveria ser o “esterilete”, mas não passava de um aparelho de barbear. Essa visão fez que Hans Castorp desatasse a rir, e assim foi sendo lançado entre emoções as mais diversas, até que a manhã, despontando pela porta semiaberta da sacada, o despertou.

II.

DA PIA BATISMAL E DAS DUAS FIGURAS DO AVÔ

Hans Castorp conservava apenas pálidas recordações da casa paterna. Mal chegara a conhecer o pai e a mãe. Morreram ambos no curto intervalo entre o quinto e o sétimo ano de sua vida. Primeiro faleceu a mãe, de forma absolutamente inesperada, em vésperas de um parto, por causa de uma obstrução de vasos sanguíneos, consequência de uma neurite; segundo diagnóstico do dr. Heidekind, foi uma embolia, que paralisou instantaneamente o coração: a mãe acabava de rir-se, sentada na cama, pareceu cair para trás de tanto riso, mas na realidade havia morrido. O pai, Hans Hermann Castorp, foi incapaz de compreender tal coisa, e, visto seu grande apego à esposa, e não ser ele de compleição muito robusta, não pôde conformar-se com tamanho golpe. Seu espírito, desde aquele dia, tornou-se confuso e apoucado; presa de uma espécie de torpor, cometeu uma série de erros nos negócios, de maneira que a firma Castorp & Filho sofreu grandes prejuízos. Na segunda primavera depois da morte da mulher, ele contraiu pneumonia durante uma inspeção de depósitos no porto, onde ventava muito. Como o coração fatigado não resistisse à febre alta, faleceu ao cabo de cinco dias, não obstante os cuidados do dr. Heidekind; e acompanhado de numeroso cortejo de concidadãos foi unir-se à esposa no jazigo dos Castorp, bem localizado no cemitério da igreja de Santa

Catarina, com vista para o Jardim Botânico.

Seu pai, o senador, sobreviveu-lhe pouco tempo, e no curto período até morrer — também de pneumonia, a propósito, mas só depois de muita luta e longo sofrimento, já que ao contrário do filho Hans Lorenz Castorp dificilmente se deixava abater, arraigado na vida como era — ora, nesse curto período, enfim, de apenas um ano e meio, o órfão Hans Castorp morou na casa do avô, uma mansão ao gosto do classicismo nórdico, edificada em princípios do século passado sobre um terreno estreito, à rua da Esplanada. Era de uma cor que lembrava o céu nublado, e o portão de entrada, flanqueado por meias colunas e no meio do andar térreo, achava-se cinco degraus acima do chão; a casa tinha dois pavimentos superiores, e no primeiro as janelas iam até o chão, protegidas por grades de ferro fundido.

Nesse primeiro pavimento ficavam as salas de recepção, inclusive a de jantar, clara, decorada com estuque, e cujas três janelas guarnecidas de cortinas escarlate davam para o pequeno quintal. Era nesse aposento que durante os referidos dezoito meses o avô e o neto almoçavam todos os dias às quatro horas, servidos pelo velho Fiete, que trazia brincos nas orelhas, botões de prata na casaca e uma gravata de cambraia igual àquela do patrão, do qual também imitava o hábito de esconder na laçada o queixo escanhoado. O avô tratava Fiete por “você” e falava com ele em dialeto baixo-alemão, não por pilhéria — já que não tinha senso de humor algum —, mas com toda a seriedade e porque sempre o fazia no contato com gente do povo, com estivadores, carteiros, carroceiros e criados. Hans Castorp escutava-o com gosto, e com o mesmo prazer escutava as respostas de Fiete, igualmente em baixo-alemão, quando este servia o dono da casa e se curvava para falar-lhe junto à orelha direita, com a qual o senador ouvia muito melhor que com a outra. O ancião compreendia, fazia que sim e continuava comendo, muito ereto entre a mesa e o alto espaldar da poltrona de mogno, quase que sem se inclinar

para o prato. E o neto, sentado à sua frente, contemplava em silêncio, com atenção inconsciente e profunda, os gestos precisos e bem-cuidados, mediante os quais as belas mãos alvas, magras e idosas do avô, com as unhas convexas, aparadas em ponta, e com o anel-sinete de pedra verde no indicador direito, arranjavam na ponta do garfo um bocado de carne, legumes e batatas, que eram conduzidos à boca enquanto a cabeça ia-lhe ao encontro, com leveza. Hans Castorp olhava então suas próprias mãos, ainda desajeitadas, e sentia que nelas se preparava a capacidade de manejar mais tarde a faca e o garfo com a mesma perfeição do avô.

Mais problemática, porém, era a questão de saber se um dia chegaria a acomodar o queixo numa gravata como aquela que enchia a ampla abertura do colarinho singular do avô, cujas pontas afiadas roçavam as bochechas. Ora, para isso era preciso ter a idade dele, pois já naqueles dias ninguém mais, exceto o avô e o velho Fiete, usava colarinhos e gravatas assim. Uma lástima, porquanto o pequeno Hans Castorp gostava muito de contemplar o queixo do avô, apoiado no alto nó da gravata branca como neve; ainda quando adulto essa lembrança causava-lhe prazer: havia ali algo que ele aprovava do mais fundo de seu coração.

Terminada a refeição, os guardanapos eram dobrados, enrolados e enfiados nas argolas de prata, tarefa da qual Hans Castorp, naquela época, se desincumbia apenas com dificuldade, dado serem esses guardanapos tão grandes quanto pequenas toalhas. O senador levantava-se da poltrona, que Fiete puxava para trás, e ia, de passo arrastado, ao “gabinete”, em busca de um charuto. Às vezes, o neto o seguia até ali.

Esse “gabinete” devia sua origem ao fato de a sala de jantar ocupar toda a largura da casa e ter três janelas, de modo que não restara espaço suficiente para três salões, como se costuma encontrar nas casas desse tipo, senão

apenas dois, um dos quais formava um ângulo reto com a sala de jantar e tinha somente uma janela. Para evitar que esse salão ficasse excessivamente amplo, haviam feito uma subdivisão por meio de um tabique, aproximadamente na quarta parte do seu comprimento, formando-se assim o dito “gabinete”, uma peça estreita, que de uma claraboia recebia uma luz crepuscular e continha apenas poucos móveis: uma estante, na qual se achavam as caixas de charutos do senador; uma mesa de jogo, cuja gaveta abrigava objetos atraentes, como naipes de uíste, fichas, tabuletas de dentes móveis para marcar pontos, uma lousa com lápis de pedra, boquilhas de papel e outras coisas; e finalmente no canto havia um armário de vidro, estilo rococó, de madeira de mogno, atrás de cujas vidraças se achavam cortinas de seda amarela.

— Vovô, por favor — é o que o pequeno Hans Castorp sentia-se à vontade para dizer, nesse gabinete, pondo-se nas pontas dos pés para estar mais próximo ao ouvido do ancião —, me mostra a pia batismal!

E o avô, que já afastara para trás a aba comprida da sobrecasaca de casimira macia e tirara do bolso da calça um molho de chaves, abria então o armário, de cujo interior emanava um aroma singularmente misterioso e agradável ao menino. Ali estava guardada toda espécie de objetos pouco usados e justamente por isso fascinantes: um par de candelabros de prata, um barômetro quebrado com figuras talhadas em madeira, um álbum de daguerreótipos, um licoreiro de madeira de cedro, um pequeno turco, duro ao tato sob sua roupagem de seda e que tinha na barriga um mecanismo engenhoso que outrora lhe permitira caminhar sobre a mesa, mas já não funcionava havia muito tempo, um modelo de navio antigo, e bem no fundo, até uma ratoeira. O ancião, entretanto, retirava da prateleira do centro uma bacia redonda, de prata muito oxidada, que ficava sobre uma bandeja, também de prata, e assim mostrava ao menino os dois objetos: tirava-os um de cima do outro e

exibia-os de todos os lados, dando-lhe novamente as mesmas explicações de tantas outras vezes.

Originalmente a bacia e a bandeja não formavam um jogo, como bem se via, e como o pequeno voltava a aprender; mas combinavam-se no uso — dizia o avô — fazia uns cem anos, isto é, desde a compra da bacia. Esta era formosa, de linhas simples e nobres, com a marca do gosto austero que reinava em princípios do século anterior. Polida e maciça, repousava sobre um pé redondo e era dourada no seu interior; mas desse ouro sobrara com o tempo somente um reflexo de amarelo pálido. Como único adorno, uma coroa de rosas e folhas denteadas, lavrada em relevo, cobria a borda superior. Quanto à bandeja, podia-se ler a data que lhe conferia uma antiguidade muito maior: “mil seiscentos e cinquenta”, em números enfeitados de arabescos, emoldurados por toda espécie de desenhos distribuídos desordenadamente, à “maneira moderna” daquela época, mistura exuberante e arbitrária de escudos e rabiscos, metade flores metade estrelas. No reverso da bandeja, porém, estavam inscritos os nomes dos chefes de família que no decorrer dos anos a tinham possuído: já havia ali sete nomes, cada qual com o ano da transmissão do objeto, e o ancião recitava-os ao neto um a um, indicando-os com a ponta de seu dedo ornado de anel. Estava ali o nome do pai, assim como o do próprio avô, o do bisavô, e depois se dobrava, triplicava, quadruplicava o prefixo na boca do narrador. O menino, com a cabeça inclinada para o lado, ouvia tudo isso, cravando na bacia um olhar pensativo, sonhador ou abstrato, e abrindo a boca infantil numa expressão entre respeitosa e sonolenta; ouvia esses “bis, tris, tetra”, sons obscuros de tumba e de tempos soterrados, que todavia expressavam uma ligação piedosamente mantida entre o presente — a sua própria vida — e aquele mundo submerso. Esses sons exerciam sobre o menino um efeito esquisito, que se refletia em seu rosto. Ao ouvi-los, tinha a impressão de respirar um ar frio, bolorento, o ar da

igreja de Santa Catarina ou da cripta de São Miguel; parecia-lhe sentir o sopro daqueles lugares onde as pessoas tiram os chapéus e avançam num andar reverente, cadenciado, na ponta dos pés; julgava ouvir até mesmo o silêncio remoto, pacato, desses lugares ecoantes; ao som dessas sílabas surdas, sensações devotas mesclavam-se com a ideia da morte e da história, e tudo isso era benfazejo ao garoto; quem sabe se não era para ouvi-las e repeti-las mais uma vez que ele gostava tanto de contemplar a pia batismal?

Depois, o avô repunha a bacia sobre a bandeja e mostrava ao menino a concavidade lisa, levemente dourada, que resplandecia sob a luz vinda do teto.

— Já faz quase oito anos — dizia — que te levantamos sobre esta bacia, e que a água com que foste batizado caiu dentro dela. O sacristão Lassen da paróquia de São Jacó verteu-a na mão em concha do bom pastor Bugenhagen, e dali ela escorreu sobre tua cabeça até a bacia. A água tinha sido amornada, para que não te assustasses e chorasses, e de fato não choraste nem um pouquinho, embora antes gritasses de tal maneira que Bugenhagen tinha dificuldades de fazer seu sermão. Mas quando sentiste a água, ficaste quietinho, e queiramos crer que por respeito ao Santo Sacramento. E por estes dias vai fazer quarenta e quatro anos que teu saudoso pai recebeu o batismo, e a água que escorreu da cabeça dele caiu nesta mesma bacia. Foi aqui, nesta casa, sua casa paterna, na sala ao lado, e quem o batizou foi ainda o velho pastor Hesekiel, a quem os franceses quase fuzilaram quando jovem, porque pregara contra suas rapinagens e saques; esse pastor também já faz muito, muito tempo que está junto de Deus. E há setenta e cinco anos batizaram a mim, também nesta mesma sala, e mantiveram minha cabeça por cima da bacia, exatamente como a vês agora colocada sobre a bandeja; e o pastor pronunciou as mesmas palavras como no teu batizado e no de teu pai, e a água morna e límpida escorreu da mesma forma dos meus cabelos (não tinha muito mais do que tenho

agora) e caiu aqui, nesta bacia dourada.

O pequeno levantava os olhos para a cabeça fina e comprida do ancião, que voltava a inclinar-se para a bacia, como fizera naquele momento já longínquo a que se referia. E se apoderava do menino uma sensação já muitas vezes experimentada, a impressão estranha, entre sonhadora e angustiante, de algo que desfilava sem se mover, que se mudava e contudo permanecia, algo que era tanto reiteração como vertiginosa monotonia — impressão que ele conhecia de outras ocasiões, e cuja volta esperara e desejara. Era em parte pelo prazer de senti-la mais uma vez que pedia ao avô que lhe mostrasse a relíquia da família, na sua imutável progressão.

Quando, mais tarde, o jovem se examinava a si mesmo, verificava que a imagem do avô se lhe gravara na memória com muito maior nitidez, intensidade e significação do que a de seus próprios pais; isso talvez se devesse a alguma simpatia ou afinidade física particular, pois o neto se parecia com o avô, tanto quanto um fedelho de faces rosadas pode ter semelhança com um septuagenário encanecido e esclerótico. Mas, antes de tudo, esse fato falava em favor do ancião, que incontestavelmente fora a figura mais característica, a personalidade pitoresca da família.

No que se referia a assuntos públicos, muito antes do traspasse de Hans Lorenz Castorp o tempo já atropelara sua maneira de ser e pensar. Fora homem profundamente cristão, membro da Igreja Reformada, de opiniões tradicionalistas, e empenhava-se com tamanha tenacidade por manter aristocraticamente restrito o círculo social apto a ascender ao governo que parecia viver no século XIV, tempo em que as corporações de artesãos da cidade, vencendo a encarniçada resistência do patriciado livre, conquistaram o direito de voto e assento no Conselho Municipal. O velho sentia grande dificuldade em adaptar-se a inovações. Sua vida coincidira com uma era de rápido desenvolvimento e revoluções múltiplas, com decênios de progresso em marcha

forçada, que haviam exigido muita audácia e grande abnegação nos negócios públicos. Mas Deus sabe que não fora por culpa do velho Castorp que o espírito moderno obtivera seus conhecidos e brilhantes triunfos. Ele dera maior importância às tradições ancestrais e às instituições antigas do que às arriscadas ampliações do porto e outros ímpios arremedos de cidades grandes; refreara e se opusera sempre que possível, e se fosse por ele a administração seria ainda hoje tão idílica e antiquada como seu próprio escritório.

Era assim que o ancião, em tempos de vida e mesmo depois, se apresentava aos olhos de seus concidadãos, e se o pequeno Hans Castorp nada entendia de assuntos públicos, seu olhar silencioso e contemplativo de criança fazia como que exatamente as mesmas observações; observações mudas, despidas de crítica, porém cheias de vida, e que mais tarde, como reminiscência consciente, conservavam seu caráter de irrestrita aprovação, hostil a qualquer análise verbal. Como já dissemos, havia nisso um quê de simpatia, aquele laço íntimo, aquela afinidade de almas que não raras vezes salta uma geração. Os filhos e os netos contemplam, para admirar, o que sua massa hereditária faz antever, e admiram o que veem, na intenção de aprender e aperfeiçoar.

O senador Castorp era alto e macilento. Os anos lhe haviam curvado os ombros e a nuca, mas ele fazia esforço intenso para compensar isso por uma postura muito ereta. Ao assumi-la, numa dignidade penosamente mantida, contraía-se-lhe a boca, cujos lábios já não se apoiavam em dentes, repousando sobre as gengivas vazias, uma vez que o ancião punha a dentadura postiça apenas para comer. E justamente esse esforço, aumentado talvez pelo empenho de esconder um incipiente tremor da cabeça, é que determinava aquela atitude austera e tesa, com o queixo escorado pelo nó da gravata, posição que tanto agradava ao pequeno Hans Castorp.

O senador apreciava a caixinha de rapé — usava uma oblonga, de tartaruga, lavrada de ouro — e servia-se de lenços vermelhos, cujas pontas costumavam pender do bolso traseiro da sobrecasaca. Se bem que isso não deixasse de ser uma nota um tanto cômica de sua personalidade, parecia perfeitamente admissível em consideração à idade, como negligência que a velhice ora se permite, de modo consciente e bem-humorado, ora acarreta, sob uma insciência digna de respeito. Em todo caso, era esse o único sinal de fraqueza que o olhar arguto do pequeno Hans Castorp observava na pessoa do avô. Mas, para o menino de sete anos tanto como para a recordação do adulto, a imagem cotidiana e familiar do ancião não constituía a genuína e verdadeira. Na sua realidade autêntica, o avô tinha aspecto diferente, bem mais belo e correto que o corriqueiro: era o aspecto que apresentava em um retrato seu de tamanho natural, que antigamente estivera pendurado na sala de estar dos pais do pequeno Hans Castorp, e depois emigrara com ele para a rua da Esplanada, onde recebera seu lugar por cima do sofá de seda vermelha, na sala de recepção.

O retrato mostrava Hans Lorenz Castorp vestido com os trajes oficiais de vereador da cidade — essa roupagem burguesa austera, e até piedosa, de eras desaparecidas, que uma comunidade ao mesmo tempo conservadora e progressista levara consigo através dos tempos, reservando-a ao uso festivo para confundir de forma cerimoniosa o passado com o presente, o presente com o passado, e para evidenciar o nexo inextinguível entre todas as coisas, a veneranda solidez de suas firmas comerciais. Sobre um chão coberto de lajes avermelhadas, diante de um fundo de pilares e arcos ogivais, o senador Castorp aparecia em pé, de corpo inteiro, com o queixo inclinado e as comissuras da boca apontando para baixo, cravando nas lonjuras a mirada contemplativa dos olhos azuis, empapuçados. A veste talar negra, aberta na frente, ia até os joelhos e exibia nas orlas

um largo debrum de peles. De umas meias mangas amplas, estufadas e adornadas de galões, saíam outras mangas, mais justas, de pano liso. Punhos de renda cobriam as mãos até a metade. As pernas finas do ancião estavam revestidas de meias de seda preta, e os pés, calçados de sapatos com fivelas de prata. Rodeava-lhe o pescoço uma golilha larga como um prato, engomada e disposta em numerosas pregas, que o queixo aplanava na parte dianteira, e que se levantava de ambos os lados. Por baixo dela caía sobre o colete um folho pregueado de cambraia. Sob o braço, o ancião levava o tradicional chapéu de aba larga, cuja copa terminava em ponta.

Era um retrato excelente, criado pela mão de artista afamado, de ótimo gosto e ao estilo dos mestres antigos, bastante apropriado ao tema. Trazia à lembrança de quem o contemplasse quadros espanhóis ou holandeses do fim da Idade Média. O pequeno Hans Castorp olhara-o frequentemente, não como um perito de arte, é claro, mas com certa compreensão mais geral e até mesmo com muita perspicácia. Embora não tivesse visto o avô em pessoa tal como a tela o representava senão uma única vez, e assim mesmo durante um curto instante, por ocasião da chegada de um cortejo solene ao palácio da municipalidade — não deixava de considerar, como já dissemos, a aparência do retrato a verdadeira e genuína, e de ver no avô de todos os dias apenas a forma interina, um substituto imperfeitamente adaptado ao seu papel. Pois o que havia de diferente e esquisito em seu aspecto cotidiano tinha origem em uma tal adaptação, imperfeita e quiçá um tanto desajeitada, nela se mantinham restos e vestígios de sua forma pura e autêntica, e não havia como extingui-los por completo. Assim, estavam fora de moda o colarinho duro, pontudo, e o alto nó da gravata branca; mas era impossível aplicar o termo “fora de moda” àquela peça de vestuário admirável, à qual as demais constituíam apenas alusão interina: a golilha espanhola. E o mesmo acontecia com a cartola de abas inusitadamente

recurvas que o avô usava na rua, e à qual correspondia, numa realidade superior, o feltro de aba larga reproduzido no quadro; e com a sobrecasaca pregueada e longa, cujo modelo e essência eram, aos olhos do pequeno Hans Castorp, a veste talar, agaloada e debruada de peles.

Assim o menino aprovou no seu íntimo que o avô surgisse em plena autenticidade e perfeição no dia em que chegou a hora de lhe dizer adeus para sempre. Isso foi na sala, na mesma sala onde tantas vezes haviam feito as refeições, sentados um em frente do outro. No seu centro jazia agora Hans Lorenz Castorp, estendido no caixão enfeitado de prata, exposto numa essa rodeada de coroas. Lutara até o fim contra a pneumonia, lutara tenaz e demoradamente, embora até ali houvesse dado a impressão de só se sentir em casa nesta vida à custa de uma forçosa adaptação ao presente; e agora jazia no seu leito de gala, vencedor ou vencido, não se sabia ao certo, e tinha em todo caso uma expressão severa e sossegada, e a fisionomia, depois de todas essas lutas, aparecia mudada, o nariz, mais pontiagudo, e a metade inferior do corpo, escondida sob um cobertor, em cima do qual se achava um ramo de palmeira; a cabeça erguida pousava sobre um travesseiro de seda, de modo que o queixo se conchegava imponentemente à concavidade dianteira da golilha espanhola; e entre as mãos meio ocultas pelos punhos de renda, cujos dedos, embora imitando uma posição natural, não deixavam de revelar frieza e imobilidade, alguém introduzira um crucifixo de marfim, que o defunto, de sob as pálpebras abaixadas, parecia fitar incessantemente.

No princípio da enfermidade, Hans Castorp vira o avô diversas vezes, mas depois não tornara a vê-lo. Haviam evitado que ele assistisse ao espetáculo da luta, que na sua maior parte se desenrolara durante as horas noturnas. Só indiretamente o menino sentira suas consequências, em virtude da atmosfera angustiada da casa, dos olhos avermelhados do velho Fiete, das idas e vindas dos médicos;

o resultado final, porém, que ele agora presenciava na sala, resumia-se no fato de que o avô, solenemente desobrigado daquela adaptação passageira, assumira em definitivo o seu genuíno e merecido aspecto — e esse resultado parecia digno de aprovação, ainda que o velho Fiete vertesse lágrimas, meneando sem cessar a cabeça, e que até mesmo Hans Castorp chorasse, como o fizera quando da repentina morte da mãe, e pouco tempo depois em presença do pai, que também estivera estendido assim, não menos silencioso e estranho.

Afinal já era a terceira vez, num curto lapso de tempo, e numa idade tão tenra, que a morte agia sobre o espírito e os sentidos — principalmente os sentidos — do pequeno Hans Castorp. Esse quadro e essa impressão já não lhe eram novos, senão bastante familiares, e se nas duas ocasiões anteriores já se mostrara comedido e dono de si, sem perder o domínio dos nervos, apesar da tristeza natural que sentia, dessa vez aparentou tranquilidade ainda maior. Como ignorasse a significação prática que aqueles acontecimentos tinham para a sua existência, ou talvez por considerá-los com certa indiferença pueril, confiante em que o mundo, desse ou daquele modo, cuidaria de seu bem-estar, manifestou em frente dos ataúdes certa frieza, igualmente pueril, bem como uma atenção objetiva, às quais o terceiro enterro acrescentou um matiz especial, baseado no sentimento e expressão da experiência anterior, que o imunizou contra os frequentes acessos de choro e o contágio do pranto dos demais, fazendo que tudo isso se lhe afigurasse como uma reação normal. No decorrer de três ou quatro meses após o falecimento do pai, esquecera-se da morte; agora se recordava dela, e todas as impressões antigas reavivaram-se simultâneas, exatas e intensas na sua peculiaridade incomparável.

Analisadas e resumidas, essas impressões seriam mais ou menos as seguintes: a morte tinha dois aspectos, um piedoso, significativo, de melancólica beleza, quer dizer, um

aspecto religioso, e ao mesmo tempo tinha outro, absolutamente diverso e até mesmo oposto, um aspecto muito físico, bem material, que era impossível qualificar propriamente de belo, significativo, piedoso, nem sequer de triste. A natureza solene e religiosa expressava-se no suntuoso ataúde do defunto, na magnificência das flores e no ramo de palmeira, que, como se sabe, simbolizavam a paz celestial; expressava-se além disso, ainda mais nitidamente, no crucifixo entre os dedos exangues de quem outrora fora o avô, no Redentor de Thorvaldsen, a distribuir bênçãos junto à cabeceira do féretro, e em dois candelabros, cada um de um lado do ataúde, também eles dotados de caráter eclesiástico, naquela ocasião. Todas essas disposições encontravam seu sentido preciso, próprio e evidente na ideia de que o avô se unira para sempre com sua figura genuína e verdadeira. Mas, além dessa razão de ser, existia — como o pequeno Hans Castorp bem notava, ainda que não se desse conta disso em palavras — mais uma outra, uma finalidade mais profana, a manifestar-se em tudo isso, principalmente naquela multidão de flores, em especial nas tuberosas, espalhadas por toda parte: cabia-lhes disfarçar, fazer esquecer e não admitir ao limiar da consciência o segundo aspecto da morte, que não era nem belo nem realmente triste, mas, a bem dizer, quase indecente e de um caráter baixo e carnal.

Era em virtude desse segundo aspecto que o avô defunto se afigurava tão estranho, que no fundo nem parecia o avô, senão um boneco de cera, de tamanho natural, que a morte pusera em seu lugar, e ao qual agora se dedicavam todas essas pompas piedosas e reverentes. Aquele que ali jazia, ou melhor, *aquilo* que ali jazia, não era portanto o verdadeiro avô; não passava de um invólucro, que — Hans Castorp sabia-o muito bem — não constava de cera, mas de sua própria matéria; *apenas* de matéria, e precisamente nisso residiam o indecente e a ausência de tristeza; aquilo era tão pouco triste como são as coisas que dizem respeito ao corpo

e *apenas* a ele. O pequeno Hans Castorp contemplou a matéria lisa, amarelo-cera e firme como queijo de que era feita aquela figura morta de tamanho natural, com o rosto e as mãos do ex-avô. Naquele instante uma mosca pousou na testa imóvel e começou a mexer sua tromba para cima e para baixo. O velho Fiete espantou-a cautelosamente, evitando tocar a testa; ao fazê-lo, exibia uma fisionomia reservada e pudica, como se não devesse nem quisesse saber do ato que praticava; pudor que sem dúvida se devia ao fato de ser o avô, no atual estado, corpo e nada mais. Mas a mosca deu um voo circular e aterrissou em seguida nos dedos do avô, perto da cruz de marfim. Enquanto isso se dava, Hans Castorp sentiu mais que antes aquela emanação leve, mas particularmente persistente, que não lhe era estranha e que, por vergonhoso que fosse, lembrava-lhe um colega de escola afetado de um mal desagradável e por isso evitado pelos colegas. E Hans Castorp compreendeu que o aroma das tuberosas tinha por objetivo abafar essa emanação, o que não lograva fazer, apesar de tanta exuberância, beleza e austeridade.

Esteve diversas vezes diante do cadáver: uma vez a sós com o velho Fiete; outra, com seu tio-avô Tienappel, negociante de vinhos, e os dois tios James e Peter; depois uma terceira vez, quando um grupo de estivadores endomingados permaneceu durante alguns minutos ante o ataúde, para despedir-se do antigo chefe da casa Castorp & Filho. Então chegou a hora do enterro. A sala ficou cheia de gente, e o pastor Bugenhagen, da igreja de São Miguel, o mesmo que batizara Hans Castorp, pronunciou a oração fúnebre, ornado de uma golilha espanhola. No coche que, logo atrás do carro fúnebre, dava início a uma fila muito, muito comprida, o pastor conversou de modo bem gentil com Hans Castorp — e assim findou essa etapa, e logo depois, embora tão jovem, Hans Castorp mudou de casa e de ambiente pela segunda vez em sua vida.

Isso não lhe redundou em desvantagem, pois passou a morar na casa do cônsul Tienappel, seu tutor nomeado pelo tribunal. Nada lhe faltava ali, nem com respeito a sua pessoa, nem tampouco no referente à defesa de seus interesses, dos quais ele ainda nada sabia. O cônsul Tienappel, tio da saudosa mãe de Hans, administrava os bens deixados pelos Castorp. Pôs à venda os imóveis, também se encarregou de liquidar a firma Castorp & Filho, Importação e Exportação, e o que conseguiu salvar foram uns quatrocentos mil marcos: a herança de Hans Castorp. O cônsul Tienappel aplicou-os em valores seguros, cobrando no início de cada trimestre, não obstante os sentimentos de parente, dois por cento de comissão legal sobre os juros vencidos.

A casa dos Tienappel, situada no fundo de um jardim à avenida de Harvestehude, dava para um gramado, no qual não se tolerava erva daninha por menor que fosse. Atrás havia um roseiral público, depois o rio. Apesar de possuir uma bela carruagem, o cônsul caminhava todos os dias ao escritório na cidade velha, a fim de fazer um pouco de exercício, já que às vezes sofria de ligeiras congestões cerebrais, e às cinco da tarde regressava da mesma maneira para o almoço, segundo o costume cultivado com esmero na casa dos Tienappel. Era um homem de corpo avantajado, vestia-se com os melhores tecidos ingleses, e tinha olhos azuis um tanto saltados, atrás de óculos com aros de ouro, o nariz coberto de espinhas, barba grisalha de marinheiro e um diamante esplendoroso no curto mindinho da mão esquerda. Sua mulher já falecera havia muito tempo. Tinha dois filhos, Peter e James. O primeiro servia na marinha e passava apenas pouco tempo na casa paterna, ao passo que o outro trabalhava no comércio de vinhos da família, como futuro herdeiro da firma. A casa da família era dirigida desde

muitos anos por Schalleen, filha de um ourives de Altona, que andava com alvos punhos engomados em volta dos pulsos roliços; cumpria a ela cuidar de que na mesa de almoço e de jantar houvesse fartura de frios, camarões, salmão, enguia, peito de ganso, e *tomato ketchup* para o rosbife; ela observava com olhos vigilantes os garçons contratados por ocasião dos banquetes que o cônsul Tienappel dava aos seus amigos, e também era ela que, na medida do possível, servia de mãe ao pequeno Hans Castorp.

Hans Castorp se criou num clima abominável, entre vento e bruma, criou-se, por assim dizer, dentro de um impermeável amarelo, e em geral sentia-se perfeitamente bem. Desde cedo foi um pouco anêmico, conforme verificou o mesmo dr. Heidekind, que lhe prescreveu, para antes do almoço, após a aula, um volumoso copo de porter, bebida substancial, como se sabe, e considerada pelo doutor altamente sanguificativa. Em todo caso, o porter tranquilizava a vitalidade de Hans Castorp de modo apreciável e, para seu bem, aumentava nele uma determinada tendência para a "basbaquice", como dizia seu tio Tienappel, ou seja, aquela sua inclinação para sonhar, de boca aberta, sem pensar, e com o olhar ao longe. De resto era sadio e normal, um tenista regular e um bom remador, se bem que preferisse ao manejo dos remos instalar-se numa noite de verão no terraço do clube náutico de Uhlenhorst, diante de um copo cheio, para apreciar a música e contemplar os barcos iluminados, por entre os quais os cisnes sulcavam o irisado espelho das águas. Bastava ouvi-lo falar calma e ponderadamente, sem grande profundidade e com alguma monotonia, a voz marcada pelo dialeto alemão do norte; e bastava examinar-lhe de relance a correção loura, o perfil finamente recortado, de certo cunho antigo em que uma arrogância hereditária e inconsciente se manifestava sob a forma de uma indolência um tanto árida, para verificar que, sem sombra de dúvida, esse Hans Castorp era mesmo um produto puro e autêntico

desta terra, assentado em seu lugar com absoluta perfeição — ele próprio, caso lhe ocorresse questionar-se, não teria dúvida alguma quanto a isso.

A úmida atmosfera da grande cidade marítima, mescla de vida farta e mercantilismo de envergadura mundial, esse ar que enchera de prazer a vida dos seus antepassados, Hans Castorp respirava-o com profunda aprovação, saboreando-o como uma coisa natural. Com o olfato penetrado pelas emanações da água, da hulha e do alcatrão e pelos acres odores de montões de produtos coloniais, via como no cais do porto os enormes guindastes a vapor imitavam a calma, a inteligência e a gigantesca força de elefantes a serviço do homem, transportando toneladas de sacos, fardos, caixas, barris e tambores, do bojo de transatlânticos ancorados até os armazéns das docas ou os vagões da estrada de ferro. Via os comerciantes, com impermeáveis amarelos como o dele próprio, afluírem à Bolsa por volta do meio-dia, onde, como ele sabia, se jogava alto, e facilmente acontecia que alguém se visse obrigado a distribuir convites apressados para um grande banquete destinado a salvar-lhe o crédito. Via (e foi esse o campo em que mais tarde se concentraram seus principais interesses) a multidão que fervilhava nos estaleiros; via os corpos de mamute de vapores regressados da Ásia ou da África, altos como torres, com as quilhas e hélices no ar, escorados em pontaletes grossos como árvores no dique seco, monstruosos na sua paralisia, invadidos por exércitos de operários que pareciam pigmeus, ocupados em raspar, martelar e pintar; via nos picadeiros cobertos erguerem-se, envoltos numa cerração fumosa, os esqueletos de navios em construção, enquanto engenheiros, com os planos de construção e as tabelas de zonchadura na mão, davam ordens aos capatazes. Todas essas coisas eram familiares a Hans Castorp desde sua infância, e despertavam nele apenas a sensação confortável e habitual de fazer parte de tudo isso; essa impressão culminou quando, numa manhã de domingo no Pavilhão do Alster, em companhia de James

Tienappel ou de seu primo Ziemssen — Joachim Ziemssen — comeu pãezinhos quentes com carne defumada, regados por um copo de vinho do Porto envelhecido, para então reclinar-se na poltrona e aspirar com volúpia a fumaça de seu charuto. Pois era justamente nesse ponto que Hans Castorp representava um produto genuíno da sua terra: gostava de viver bem, e, apesar da sua aparência anêmica e refinada, agarrava-se com fervor e firmeza, qual um lactente deliciado pelos seios da mãe, aos prazeres físicos que a vida lhe oferecia.

Levava sobre os ombros, comodamente e com certa dignidade, a elevada condição de civilidade que a alta sociedade dessa democracia municipal de comerciantes transmite aos seus filhos. Ia lavadinho como um neném e fazia-se vestir pelo alfaiate que gozava da confiança dos jovens da sua esfera social. O pequeno tesouro de roupa de dentro marcada com tanto cuidado, que guardavam as gavetas inglesas de seu armário, era lealmente administrado por Shalleen; e mesmo quando Hans Castorp passou a estudar fora, continuou mandando regularmente a roupa branca para casa, a fim de que ali a lavassem e consertassem (pois sua máxima era que, exceto em Hamburgo, ninguém mais no Reich sabia engomar bem), e bastava um pedacinho puído no punho de uma de suas bonitas camisas de cor para enchê-lo de um mal-estar violento. Suas mãos, embora não fossem tipicamente aristocráticas, tinham a pele bem-cuidada e macia, adornadas pelo anel-sinete, herança do avô, e por outro anel de platina em forma de corrente, e seus dentes, que eram suscetíveis e haviam sofrido algumas avarias, traziam obturações de ouro.

Ao caminhar ou permanecer de pé, avançava um pouco o ventre, o que não dava propriamente uma impressão de energia marcial. Em compensação era impecável sua postura à mesa. Ele era gentil ao voltar o tronco teso para o vizinho com quem falava (pausadamente e com leve

sotaque do norte alemão), e os cotovelos achegavam-se ao corpo enquanto dissecava um pedaço de frango ou extraía, ao manusear com habilidade o talher especial, a carne rosada de uma pinça de lavagante. Terminada a refeição, era sua primeira necessidade a tigelinha de água perfumada para lavar os dedos, e a segunda, o cigarro russo, sonegado ao imposto alfandegário, uma vez que Hans Castorp tinha uma fonte conveniente onde comprá-lo a contrabando. Ao cigarro seguia-se o charuto, de uma saborosa marca de Bremen, chamado Maria Mancini, do qual se falará mais adiante, e cujas substâncias picantes se combinavam deliciosamente com as do café. Hans Castorp punha as suas provisões de fumo a salvo das influências prejudiciais da calefação a vapor, guardando-as no porão, aonde descia todas as manhãs para abastecer a charuteira com a dose diária. Só com relutância teria comido manteiga que lhe servissem num bloco e não em forma de bolinhas estriadas.

Como se vê, empenhamo-nos em dizer tudo quanto possa criar disposição favorável a ele, mas julgamo-lo sem exagero e não o apresentamos nem melhor nem pior do que era. Hans Castorp não era um gênio nem um imbecil, e a razão de evitarmos para sua qualificação o termo “medíocre” reside em circunstâncias que nada têm que ver com sua inteligência, e quase nada com sua personalidade singela; fazemo-lo devido ao respeito que temos por seu destino, ao qual nos sentimos inclinados a atribuir certa significação supraindividual. Seu cérebro satisfazia as exigências do curso científico do colégio sem que tivesse que empreender esforços excessivos — e ele decerto não estaria inclinado a empreendê-los sob circunstância alguma e por qualquer objetivo fosse; e isso se deveria menos ao medo de se prejudicar do que a não ver razão para empreender esses esforços; ou melhor: por não ver razão *incondicional alguma* para empreendê-los. É precisamente por isso que não o chamamos de medíocre, já que ele percebia, dessa ou daquela forma, a ausência de tais razões.

O homem não vive somente sua vida pessoal como indivíduo; consciente ou inconscientemente, participa também da vida de sua época e de seus contemporâneos. Até mesmo uma pessoa inclinada a julgar absolutas e naturais as bases gerais e impessoais da sua existência, e que permaneça tão distante quanto o bom Hans Castorp da ideia de criticá-las — até uma pessoa assim pode facilmente sentir seu bem-estar moral um tanto diminuído pelos defeitos inerentes a essas bases. O indivíduo pode vislumbrar numerosos objetivos pessoais, finalidades, esperanças, perspectivas, que lhe deem impulso para grandes esforços e elevadas atividades; mas, quando o elemento impessoal que o rodeia, quando o próprio tempo, não obstante toda a agitação exterior, carece de esperanças e perspectivas fundamentais e se lhe revela como desesperador, desorientado e falto de saída, e quando responde com um silêncio vazio à pergunta que de qualquer modo se faz, consciente ou inconscientemente, acerca do sentido supremo, ultrapessoal e absoluto, acerca de toda atividade e de todo esforço — então se tornará inevitável, justamente entre as naturezas mais retas, o efeito paralisador desse estado de coisas, e esse efeito será capaz de ir além do domínio da alma e da moral, e de afetar a própria parte física e orgânica do indivíduo. Para alguém se dispor a empreender uma obra que ultrapasse a medida da necessidade pura e simples, sem que seu tempo saiba uma resposta satisfatória à pergunta “Para quê?”, é indispensável um isolamento e prontidão moral, algo raro e de natureza heroica, ou então uma vitalidade muito robusta. Hans Castorp não possuía nem uma nem outra dessas qualidades, então está claro por que era medíocre, ainda que num sentido bastante decoroso.

Tudo isso se refere à disposição interior do nosso jovem não só durante sua vida escolar, senão também durante os anos posteriores a ela, quando já escolhera a sua profissão civil. Quanto à sua carreira ao longo dos anos escolares, cabe

dizer que se viu obrigado a repetir um que outro. Mas afinal a sua origem, a urbanidade de suas maneiras e também um belo talento, embora pouco apaixonado, para a matemática ajudaram-no a seguir adiante; concluída a formação básica Hans Castorp decidiu cursar também os anos mais avançados — sobretudo, cabe dizer a verdade, a fim de prolongar uma situação habitual, provisória e indecisa e de ganhar tempo para refletir sobre o que desejava vir a ser; pois a princípio não o sabia com certeza, nem sequer no último ano do colégio chegou a formar uma opinião firme a esse respeito, e quando a coisa se decidiu (seria exagerado dizer que *ele* mesmo tomou a decisão) ainda lhe restava a sensação de que bem poderia ter escolhido um outro caminho qualquer.

Uma coisa, entretanto, era verdade: os navios sempre lhe haviam despertado grande interesse. Na meninice enchera as páginas das suas agendas com desenhos a lápis de cúteres de pesca, chatas carregadas de legumes e veleiros de cinco mastros. Aos quinze anos, gozou do privilégio de assistir, de um lugar reservado, nos estaleiros de Blohm & Voss, ao lançamento de um novo paquete postal de duas hélices, o *Hansa*. Pintou então uma aquarela bem-feita e exata em todos os pormenores da esbelta nave. O cônsul Tienappel pendurou no seu escritório particular esse quadro, no qual o verde-garrafa transparente do mar revolto estava pintado com tanto amor e tamanha habilidade que alguém disse ao cônsul Tienappel que nisso se revelava talento e que Hans Castorp poderia tornar-se um bom pintor de marinhas — apreciação que o cônsul não se arrependeu de ter repetido ao pupilo, já que Hans Castorp a recebeu com uma boa risada, sem se preocupar um instante sequer com esse tipo de ideias excêntricas e perspectivas de vida boêmia.

— Você não tem muito dinheiro — dizia-lhe às vezes o tio Tienappel. — A parte principal de meus bens caberá um dia a James e Peter, quer dizer, fica na firma, e Peter vai receber

os juros da sua cota. O que pertence a você está bem colocado e produz uma renda segura. Mas, hoje em dia, não tem graça viver de juros, a não ser que a gente possua cinco vezes mais que você. Para ser alguém nesta cidade e viver como você está acostumado, é preciso ganhar muito dinheiro. Tome nota disso, meu filho.

Hans Castorp tomou nota. Começou a procurar uma profissão que lhe permitisse sair-se airosamente perante si mesmo e aos olhos do mundo. E quando finalmente escolheu — obedecendo a uma sugestão do velho Wilms, da casa Tunder & Wilms, que numa noite de sábado, à mesa do uíste semanal, disse ao cônsul Tienappel: "Hans Castorp deveria estudar engenharia naval, isso sim seria uma ideia, então ele poderia entrar na minha firma, e eu cuidaria do rapaz" —, quando finalmente assim se decidiu, passou a ter sua profissão em alto apreço e verificou que ela era complicada e trabalhosa como o diabo, mas também possuía seu aspecto nobre, importante e grandioso. Em todo caso, para seu caráter pacífico achava-a infinitamente preferível à do primo Ziemssen, filho de uma meia-irmã de sua saudosa mãe, que a todo custo queria tornar-se oficial. Esse Joachim Ziemssen não tinha sequer o peito muito sadio, e podia ser que justamente por isso uma profissão exercida ao ar livre fosse a mais indicada para ele: uma profissão em que mal se podia falar a sério em trabalho e esforço intelectual, era o que pensava Hans Castorp, com leve desdém. Pois pessoalmente via o trabalho com máximo respeito, ainda que pouco bastasse para cansá-lo do trabalho.

Nesse ponto retornamos às reflexões acima, quanto a saber se limitações impostas à pessoa pelo tempo em que ela vive podem influenciar diretamente seu organismo físico. Como é que Hans Castorp poderia não ter respeito pelo trabalho? Isso seria contrário à natureza. Tudo contribuía para que o trabalho se lhe apresentasse como algo digno do mais irrestrito respeito; no fundo nada mais existia que merecesse tal respeito; o trabalho era o princípio em face do qual uma

pessoa se saía bem ou malograva, era o que havia de absoluto naquele tempo, algo que trazia em si sua justificativa. O respeito que Hans Castorp lhe devotava era portanto de caráter religioso e, quanto soubesse, de caráter indiscutível. Isso não quer dizer, no entanto, que ele amasse o trabalho; por mais que o respeitasse, não era capaz de amá-lo pela simples razão de não se dar bem com ele. Um esforço intenso irritava-lhe os nervos e esgotava-o rapidamente. Com toda a franqueza Hans Castorp confessava que no seu íntimo amava muito mais o tempo de lazer, livre do lastro de chumbo das tarefas penosas, o tempo que se estendia diante dele, sem obstáculos a serem vencidos a duras penas. Essa contradição na sua atitude perante o trabalho deveria, a bem dizer, ser resolvida. Será que o caminho para que seu corpo, tanto quanto seu espírito — primeiro o espírito e sob sua influência o corpo —, pudesse dedicar-se ao trabalho com maior prazer e intensidade, estaria em que Hans Castorp, no âmago da sua alma, naquelas profundezas que ele mesmo ignorava, pudesse ser capaz de crer no trabalho como valor absoluto e princípio autojustificado, e de achar sossego nesse pensamento? Com isso chegamos mais uma vez à questão da sua mediocridade ou mais que mediocridade, à qual não tencionamos dar resposta definitiva. Pois de forma alguma nos consideramos encomiastas de Hans Castorp, nem eliminamos a hipótese de que o trabalho, em sua vida, apenas se interpusesse um pouco ao perfeito gozo do Maria Mancini.

Jamais foi convocado ao serviço militar. Aliás, no fundo do seu coração antipatizava com ele, e assim conseguiu evitar a convocação. Possivelmente o médico militar, dr. Eberding, que frequentava a vila na avenida de Harvestehude, tivesse ouvido do cônsul Tienappel, assim de passagem, que o jovem Castorp considerava a obrigação de vestir a farda uma interrupção sensível dos estudos universitários que acabara de iniciar fora de Hamburgo.

Trabalhando com vagar e calma — pois mesmo fora de Hamburgo Hans Castorp conservava o hábito tranquilizador de tomar já de manhã cedo uma dose de porter —, seu cérebro ia se enchendo de geometria analítica, cálculo diferencial, mecânica, projetiva e grafostática; calculava o deslocamento de navios carregados e vazios, estabilidade, equilibragem e metacentro, ainda que isso às vezes lhe fosse custoso. Seus desenhos técnicos — arcabouços da estrutura, traçados de linhas de flutuação e seções longitudinais — não alcançavam o nível da sua representação pictórica do *Hansa* em alto-mar; mas, quando se tratava de apoiar a ideia abstrata por meio de uma apresentação mais acessível aos sentidos, intensificar as sombras com tinta nanquim ou colorir os cortes transversais com tintas alegres que indicassem os materiais, nisso Hans Castorp superava em habilidade a maioria de seus colegas.

Quando voltava para casa nas férias, muito asseado, muito bem vestido, com um bigodinho ruivo no rosto sonolento de jovem patrício e a caminho de uma posição respeitável na vida, as pessoas que se ocupavam de questões municipais e eram entendidas em assuntos de família e de vida social — como é o caso de quase todos numa cidade livre e autônoma —, ora, esses seus concidadãos, examinando-o criticamente, perguntavam-se qual seria o papel do jovem Hans Castorp na vida pública, em um futuro breve. Havia a tradição a seu favor; seu nome era antigo e de boa reputação; e mais cedo ou mais tarde — isso parecia quase certo — seria preciso contar com sua pessoa enquanto fator político. Então teria um lugar na Assembleia ou no Conselho Municipal e influiria na legislação; no exercício de um cargo honorífico, participaria das preocupações que a soberania acarreta; pertenceria a alguma repartição administrativa, à comissão de finanças talvez ou à de obras públicas, sua voz não deixaria de ser ouvida, e se levaria seu voto em conta. Seria interessante saber a que partido se filiaria, mais tarde, esse jovem Castorp. As aparências podiam enganar, mas ele *não*

tinha, propriamente, a cara de uma pessoa com quem os democratas pudessem contar, e era evidente a semelhança com o avô. Quem sabe se não puxaria a ele, tornando-se um travão, um elemento conservador? Era muito possível — como também era possível o contrário. Afinal de contas, tratava-se de um engenheiro, futuro construtor de navios, um homem da técnica e do tráfego mundial. Assim se ventilava a alternativa de Hans Castorp unir-se aos radicais, chegando a ser um homem de ação, destrutor profano de edifícios antigos e belas paisagens, sem raízes no solo pátrio, qual um judeu, e sem laços de tradição, qual um ianque; talvez preferisse, sem a mínima consideração, romper com aquilo que uma veneranda história nos transmitiu, e arrastar o Estado por um caminho de audaciosas experiências, em vez de promover o desenvolvimento circunspecto das condições de vida naturais — também isso tudo era concebível. Estaria em seu sangue a convicção de que Suas Sapiências, às quais a dupla sentinela da Municipalidade apresentava armas, administravam tudo da melhor maneira possível, ou ele se inclinaria a apoiar a oposição na Assembleia? Naqueles olhos azuis sob as sobrancelhas ruivas não se podia ler resposta alguma a essas perguntas que a curiosidade de seus concidadãos fazia, e parece provável que nem o próprio Hans Castorp, uma folha em branco, teria sabido satisfazê-la.

Quando empreendeu a viagem, durante a qual travamos conhecimento com ele, ainda não completara vinte e três anos. Tinha atrás de si quatro semestres de estudos na Escola Politécnica de Dantzig e outros quatro nas escolas congêneres de Brunswick e de Karlsruhe. Recentemente passara nos exames teóricos, sem distinção nem grandes aplausos, mas com dignidade, e a essa época dispunha-se a trabalhar como engenheiro voluntário na casa Tunder & Wilms, a fim de conseguir nos estaleiros a necessária formação prática. No entanto, ao chegar a esse ponto, o seu

caminho tomou outro rumo, como a seguir.

Para preparar-se para os exames, Hans Castorp tivera que estudar com intensidade e perseverança. Ao regressar para casa, parecia muito mais fatigado que de costume. O dr. Heidekind ralhava com ele cada vez que o encontrava, e exigia uma mudança de ares, mas que fosse radical. Dessa vez, disse ele, não bastava Norderney, nem Wyk, na ilha de Föhr, e a seu ver Hans Castorp, antes de entrar nos estaleiros, deveria passar algumas semanas nas altas montanhas.

Muito bem, foi o que disse o cônsul Tienappel ao sobrinho e pupilo. Mas nesse caso, seria preciso veranearem em lugares diferentes, pois nem quatro cavalos arrastariam a ele, o cônsul Tienappel, até às altas montanhas. Aquele ar da serra não lhe convinha; o que ele necessitava era de uma pressão atmosférica razoável, senão podia sofrer algum ataque. Que Hans Castorp fizesse a gentileza de viajar sozinho para as montanhas. E que fizesse uma visita a Joachim Ziemssen.

Era uma ideia natural. Pois Joachim Ziemssen estava doente — não doente como Hans Castorp, mas de outro modo, realmente sério, que causara mesmo um grande susto a toda a família. Já antes sofria de catarros e acessos de febre, um dia se pusera a escarrar sangue, e então partira a toda pressa para Davos, sumamente contrariado e abatido, já que acabava de atingir a meta dos seus desejos. Durante alguns semestres, segundo o desejo da família, estudara jurisprudência; mas, obedecendo a um impulso irresistível, mudara de profissão, apresentara-se como aspirante a oficial, e já fora até admitido. E agora fazia cinco meses que se internara no Sanatório Internacional Berghof (médico diretor: dr. Behrens, conselheiro áulico) e se aborrecia mortalmente, conforme costumava escrever em seus cartões-postais. Se Hans Castorp, antes de assumir seu cargo na casa Tunder & Wilms, quisesse fazer alguma coisa pela própria saúde, nada mais plausível que ir a Davos para visitar o pobre primo — era o mais agradável para ambas as

partes.

Era pleno verão quando decidiu viajar. Já haviam chegado os últimos dias de julho.

Pretendeu viajar por três semanas.

III.

ENSOMBRAMENTO PUDICO

Estando muito cansado, Hans Castorp receara dormir além da hora, mas levantou-se mais cedo que o necessário e assim teve tempo de sobra para observar com minúcia seus hábitos matinais — hábitos sumamente civilizados, entre os quais desempenhavam papéis importantes uma baciazinha de borracha, um sabonete verde de alfazema num recipiente de madeira e o indispensável pincel de palha —, e também para combinar os cuidados de limpeza e de higiene com as tarefas de desfazer as malas e arrumar seus pertences. Ao passar o aparelho prateado pelas faces cobertas de espuma perfumada, lembrou-se dos seus sonhos confusos e, esboçando um sorriso indulgente, meneou a cabeça ante tamanho desvario, com a sensação de superioridade que experimenta quem se barbeia à luz clara da razão. Não se sentia propriamente descansado, mas o frescor do dia dava-lhe boa disposição.

Ainda enxugando as mãos, com o rosto empoado, em ceroulas de fio escócia e chinelos de marroquim vermelho, saiu à sacada; ela corria como peça única ao longo do edifício, e apenas paredes de vidro fosco, sem avançar até a balaustrada, dividiam-na em compartimentos, nos diversos quartos. A manhã estava fresca e nublada. Vastas massas de neblina jaziam imóveis diante das elevações laterais, enquanto volumosas nuvens brancas e cinzentas

repousavam sobre a cordilheira mais distante. Pedaços e tiras de céu azul apareciam aqui e ali, e quando um raio de sol caía sobre o fundo do vale a aldeia cintilava muito alva, contrastando com os pinheirais sombrios que cobriam as encostas. Em algum lugar se dava um concerto matinal, provavelmente no mesmo hotel de onde viera, na noite anterior, o som de uma orquestra. Ouviam-se em surdina os acordes de um hino religioso; depois de uma pausa, seguiu-se uma marcha, e Hans Castorp, que gostava da música de todo o coração, por ela produzir nele um efeito semelhante ao do porter matutino, calmante, entorpecente, instigador de certa "basbaquice", escutou-a satisfeito, com a cabeça levemente inclinada para o lado, a boca aberta e os olhos um pouco avermelhados.

Lá de baixo subia, sinuoso, o caminho que conduzia ao sanatório, e pelo qual ele havia chegado na véspera. Gencianas-amarelas estreladas, de talo curto, cresciam na grama úmida da encosta. Parte do terraço estava cercada por uma sebe, para formar um jardim, onde havia veredas ensaibradas, canteiros de flores e uma gruta artificial de rochedos junto a um esplêndido abeto. Para o sul abria-se um alpendre com telhado de zinco, onde se viam algumas espreguiçadeiras, e ao lado se erguia um mastro pintado de marrom avermelhado, em que às vezes tremulava uma bandeira — uma bandeira de fantasia, verde e branca, e no centro um caduceu, o emblema da medicina.

Uma mulher passeava pelo jardim, uma senhora já de idade, de aspecto sombrio, quase trágico. Vestida completamente de preto, com um negro véu envolvendo os desgrenhados cabelos grisalhos, ia e vinha sem descanso pelas veredas, num passo monótono e rápido, de joelhos um tanto dobrados e de braços rígidos, caídos para a frente. Tinha a testa sulcada de rugas horizontais, e dirigia fixamente ao alto os olhos muito negros, sob os quais pendiam bolsas flácidas. Seu semblante envelhecido, de uma lividez meridional, com a grande e melancólica boca

contraída para um lado, relembrou a Hans Castorp o retrato de uma famosa atriz trágica, que ele vira em alguma parte. Era sinistro observar como essa mulher enlutada, pálida, acertava, aparentemente sem sabê-lo, os passos longos, tristonhos, ao ritmo da marcha que ressoava de longe.

Pensativo, com uma simpatia compassiva, Hans Castorp contemplou-a do alto da sacada. Era-lhe como se aquela visão triste obscurecesse o sol da manhã. Mas ao mesmo tempo percebeu algo mais, algo audível, ruídos que partiam do quarto dos vizinhos da esquerda — o casal russo, segundo informação de Joachim. E esses ruídos tampouco condiziam com aquela manhã clara e fresca; pelo contrário, pareciam poluí-la de certa forma viscosa. Hans Castorp recordou-se de que, já na noite anterior, ouvira qualquer coisa parecida, mas o cansaço impedira-o de prestar atenção. Era uma luta, eram risadinhas e arfadas, cuja natureza escabrosa não podia passar despercebida ao jovem, se bem que ele, por bondade, se esforçasse a princípio por interpretá-la de maneira inocente. Também se poderiam dar outras denominações a essa tal bondade, por exemplo o nome um tanto insípido de pureza da alma, ou talvez o belo e austero nome de pudicícia, ou ainda os nomes depreciativos de indisposição à verdade ou de tartufice, ou até mesmo o de piedade ou resguardo místico — havia de tudo isso um pouco na atitude de Hans Castorp diante dos rumores vindos do quarto vizinho, atitude que se manifestava em um ensombramento pudico de sua fisionomia, como se ele mesmo nada devesse saber daquilo que ouvia, nem o quisesse: essa expressão de inocência não era propriamente original, mas ele tinha o hábito de adotá-la em certas ocasiões.

Com a dita fisionomia retirou-se da sacada para o quarto, na intenção de não assistir por mais tempo a acontecimentos que se lhe afiguravam graves e mesmo perturbadores, apesar de se manifestarem sob o acompanhamento de risinhos. Porém, no interior do quarto,

fizeram-se ouvir ainda mais distintamente os atos praticados do outro lado da parede. Parecia uma perseguição em torno dos móveis; uma cadeira fez um estrondo ao cair; um alcançou o outro; deram-se palmadas e beijos, e a todos esses sons juntaram-se agora os acordes de uma valsa, as frases batidas e melodiosas de uma canção popular, acompanhando de longe a cena invisível. Hans Castorp, com a toalha na mão, escutava contrariado. E de repente corou por baixo da camada de pó de arroz: o que ele já previra claramente acabava de suceder: a brincadeira, sem dúvida alguma, tomara um rumo animalesco. “Deus do céu!”, pensou, virando as costas para terminar sua toilette com movimentos propositadamente ruidosos. “Ora, são marido e mulher, está bem, não há mal nenhum nisso. Mas, já de manhã, em pleno dia… é pesado. E me parece que ontem à noite também quebraram a trégua. Afinal de contas, são enfermos, ou pelo menos um dos dois está doente, uma vez que estão aqui; caberia moderação. Mas claro que o mais escandaloso”, continuou raciocinando com grande irritação, “são essas paredes tão finas que a gente ouve tudo. É insuportável! Construção barata, claro; uma vergonha economizarem nisso! Será que verei o casal mais tarde, irão me apresentar a eles? Eu morreria de vergonha.” Nesse momento Hans Castorp notou com admiração que o rubor que lhe subira às faces recém-barbeadas não queria ceder de modo algum, ou pelo menos persistia a sensação de calor que o acompanhava e não era outra coisa senão aquele ardor seco de que padecera na noite anterior e que, depois de haver sumido durante o sono, reaparecera agora, reanimado por essas circunstâncias. Isso não fez aumentar sua simpatia pelo casal vizinho; ao contrário, ele comprimiu os lábios, murmurou a respeito deles uma palavra muito desrespeitosa, e então cometeu o erro de refrescar uma vez mais o rosto com água, o que só fez agravar seu mal. Sua voz vacilou mal-humorada quando respondeu a Joachim, que batera para chamá-lo e, ao entrar, deparou com Hans

Castorp sem que este lhe desse a mínima impressão de um homem refeito ou alegre pelo frescor da manhã.

DESJEJUM

— ’Dia — disse Joachim. — Que tal sua primeira noite aqui em cima? Satisfeito?

Já estava pronto para sair, num traje esporte e com botas de feitio sólido. Por cima do braço tinha o sobretudo de Úlster, com o frasco chato a delinear-se na altura do bolso lateral. Como no dia anterior, não levava chapéu.

— Obrigado — respondeu Hans Castorp —, mais ou menos. Não quero emitir uma opinião precipitada. Tive sonhos meio confusos, e além disso a casa possui um grande defeito: as paredes têm ouvidos, e isso é um pouco desagradável. Quem é aquela mulher de preto, lá no jardim?

Joachim percebeu imediatamente de quem se tratava.

— Ah, essa é a Tous-les-deux — disse. — Todos a chamam assim porque essas palavras são as únicas que se ouvem dela. É mexicana, sabe? Não fala alemão, e de francês só umas poucas frases estropiadas. Faz cinco semanas que está aqui, para visitar o filho mais velho, um caso totalmente desesperador, que em breve esticará as canelas — já tem o mal em toda parte, todo o corpo está envenenado, pode-se dizer, e segundo Behrens esse estado final se parece com o tifo —, horrível para todos os familiares, em todo caso. Há duas semanas chegou o caçula, para ver o irmão pela última vez — aliás, um belo rapaz, tal qual o outro —, ambos são rapazes muito bonitos, de olhos ardentes; as mulheres estavam em alvoroço. Bem, o caçula já tinha tossido um pouco antes de vir para cá, mas fora disso parecia completamente em ordem. E mal chega aqui, imagine, tem um acesso de febre, e logo 39,5! Febre muito alta, sabe? Põe-se de cama, e só com muita sorte voltará a se levantar, diz o Behrens. Há muito que já deveria ter vindo aqui para cima... Pois é, e desde então a mãe perambula desse jeito, quando não está junto dos dois, e cada vez que alguém lhe dirige a palavra, responde apenas “Tous les deux!”,* pois não sabe

dizer outra coisa, e no momento não há ninguém aqui que compreenda espanhol.

— Ah, então é por isso — disse Hans Castorp. — E você acha que ela me dirá a mesma coisa, quando lhe for apresentado? Seria esquisito, quero dizer, seria ao mesmo tempo cômico e sinistro — acrescentou, e seus olhos estavam como na véspera: davam-lhe a impressão de estarem quentes e pesados, como se tivesse chorado por muito tempo; e novamente havia neles aquele brilho que ali acendera a estranha tosse do cavaleiro. De um modo geral parecia a Hans Castorp que só nesse instante conseguia estabelecer contato entre o presente e o dia de ontem, voltando a entender o nexo das coisas, o que não fora o caso logo depois de despertar. E a propósito estava pronto, disse ao primo, enquanto umedecia o lenço com algumas gotas de água de alfazema, para esfregar a testa e a região abaixo dos olhos. — Se estiver bem para você, podemos tomar café tous les deux — gracejou com uma sensação de descomedida leviandade. Joachim lançou-lhe um olhar indulgente, acompanhado de um sorriso bem peculiar, entre melancólico e zombeteiro, conforme pareceu. E por quê? Isso era assunto dele…

Após ter verificado que levava consigo a necessária provisão de tabaco, Hans Castorp tomou a bengala, o sobretudo e o chapéu — sim, também o chapéu, como uma espécie de desafio, pois estava por demais seguro dos seus hábitos e de seu modo de viver para sujeitar-se tão rapidamente e por apenas três semanas a costumes novos e estranhos. Assim saíram do quarto e desceram a escada. Nos corredores, Joachim apontava para uma que outra porta, mencionando os nomes dos ocupantes, nomes alemães e outros que revelavam toda espécie de origens estrangeiras, e acrescentando breves comentários quanto ao caráter e à gravidade do respectivo caso.

Encontraram também pessoas que já regressavam da sala de refeições, e cada vez que Joachim cumprimentava

alguém, Hans Castorp, cortesmente, tirava o chapéu. Sentia-se curioso e impaciente como um jovem a ponto de ser apresentado a uma multidão de pessoas estranhas e que ao mesmo tempo anda acossado pela sensação nítida de ter os olhos turvos e o rosto avermelhado — o que, aliás, só em parte era o seu caso, pois que, em realidade, estava pálido.

— Antes que me esqueça! — exclamou de repente, com certa ênfase incontida. — Você pode me apresentar àquela senhora do jardim, se houver oportunidade. Não tenho nada contra isso. Que ela me diga “tous les deux”; não faz mal, já estou preparado, sei o que ela quer dizer e farei a fisionomia adequada. Mas não desejo de modo algum travar conhecimento com aquele casal russo, ouviu? Não tenho a mínima vontade. É gente de péssimas maneiras, e se devo morar durante três semanas lado a lado com eles, já que não houve como evitar essa vizinhança, ao menos não quero conhecê-los. Tenho bons motivos para estar resoluto em meu pedido…

— Tudo bem, tudo bem — disse Joachim. — Incomodaram você tanto assim? Pois é, são uns bárbaros, gente incivilizada e ponto final, eu havia dito a você. Ele costuma sentar-se à mesa com uma jaqueta de couro puída que só ela. Sempre me admira que Behrens tolere isso. E ela também não é das mais asseadas, apesar do chapéu de plumas… Em todo caso, não se preocupe: eles têm seus lugares bem longe de nós, à mesa dos russos ordinários; pois além desta existe ainda a mesa dos russos distintos. É bem pouco provável você entrar em contato com eles, mesmo que queira. Em geral não é fácil travar conhecimento com quem seja, até porque há tantos estrangeiros entre os hóspedes. Eu mesmo só conheço pessoalmente umas poucas pessoas, apesar de estar aqui há tanto tempo.

— Qual dos dois está doente, ele ou ela? — perguntou Hans Castorp.

— Acho que é ele. Sim, é só ele — respondeu Joachim, visivelmente distraído, enquanto dependuravam os

sobretudos nos cabides, à entrada da sala de refeições. Feito isso, entraram no recinto bem-iluminado, de teto abobadado, onde burburinhavam vozes, tiniam talheres e as criadas suíças corriam com bules fumegantes.

Havia sete mesas na sala, a maioria em sentido longitudinal e apenas duas colocadas de través. Eram mesas grandes, cada qual com capacidade para dez pessoas, se bem que nem todas estivessem completamente ocupadas. Alguns passos em diagonal através da sala bastaram para que Hans Castorp alcançasse o lugar preparado para ele, no lado estreito da mesa central, entre as duas transversais. De pé, atrás da sua cadeira, Hans Castorp inclinou-se numa mesura reservada e polida para os companheiros de mesa, aos quais Joachim, cerimoniosamente, o apresentou. Mal os encarou, e ainda menos chegou a gravar na memória os seus nomes. Apenas o nome e a pessoa da sra. Stöhr lhe chamaram a atenção, assim como seu rosto vermelho e cabelos gordurentos de um louro acinzentado. A julgar pela expressão de seu rosto, de obstinada ignorância, não parecia improvável que viessem dela os mais crassos disparates. Então Hans Castorp sentou-se e notou com satisfação que ali o café da manhã era levado a sério, como uma refeição importante.

Havia na mesa tigelas com geleias e com mel, pratos com arroz-doce e com mingau de aveia, travessas com ovos mexidos e com carne fria; a manteiga era servida em abundância; alguém levantava a redoma de vidro para cortar um pedaço de queijo suíço, úmido de gordura; e no centro da mesa via-se ainda uma fruteira com frutas frescas e secas. Uma criada vestida de preto e branco perguntou a Hans Castorp o que ele desejava beber: chocolate, café ou chá. Era baixinha como uma criança, e tinha um rosto oblongo e envelhecido — uma anã, ele constatou com espanto. Lançou um olhar ao primo, mas este se limitou a dar de ombros, franzindo as sobrancelhas, como para dizer: “E daí, o que tem de mais?”. Assim, Hans Castorp recompôs-

se, pediu chá, com especial cortesia, por se tratar de uma anã, e pôs-se a comer arroz-doce com canela, enquanto seus olhos vagavam por sobre os demais pratos, que ainda desejava provar, e por sobre os hóspedes distribuídos nas sete mesas, colegas de Joachim, companheiros seus de destino, todos enfermos por dentro, a conversar e a tomar seu café da manhã.

A sala estava decorada com aquele gosto moderno que sabe dar um cunho fantástico à mais singela objetividade. Não era muito larga em proporção a seu comprimento. Rodeava-a uma espécie de passeio, onde ficavam aparadores e que se abria em amplas arcadas para o interior cheio de mesas. Os pilares revestidos, até meia altura, de madeira cujo lustro imitava sândalo, e dali em diante caiados, da mesma forma como a parte superior das paredes e o teto, ostentavam faixas multicores com motivos simples e alegres, que se repetiam nos vastos arcos da abóbada pouco acentuada. Guarneciam a sala alguns candelabros elétricos, de latão polido, compostos de três argolas superpostas, ligadas entre si por um entrelaçamento decorativo; em volta da argola inferior havia uma série de globos de vidro fosco, parecidos com pequenas luas. Havia lá quatro portas envidraçadas, duas em frente de Hans Castorp, na largura da sala, que davam para um avarandado, uma terceira à esquerda, que conduzia diretamente ao vestíbulo de entrada, e finalmente aquela pela qual Hans Castorp entrara, vindo de um corredor, uma vez que Joachim o guiara por uma escada diferente da que haviam usado na noite passada.

À sua direita estava sentada uma criatura pouco vistosa, vestida de preto, de tez penujosa e faces levemente febris, que ele supôs uma costureira ou modista, provavelmente porque ela tomava apenas café com pão e manteiga, e porque nele a ideia de uma costureira associara-se desde sempre à ideia de café com pão e manteiga. O lugar à sua esquerda estava ocupado por uma senhorita inglesa,

também já avançada em anos, muito feia, com dedos magros e enregelados, que lia cartas da sua terra, escritas em letra redonda, enquanto bebia um chá cor de sangue. Depois vinham Joachim e, em seguida, a sra. Stöhr, numa blusa de lã enxadrezada. Ao comer, ela mantinha a mão esquerda firmemente cerrada nas proximidades da face. Era visível seu esforço de proferir as palavras com um ar de distinção e cultura, ao afastar o lábio superior de seus dentes de coelho grandes e estreitos. Um jovem de bigode fino, e com a cara de quem tem na boca algo de gosto repugnante, sentou-se ao lado dela e tomou a refeição em completo silêncio. Entrou quando Hans Castorp já estava sentado, e ao caminhar levou o queixo em direção ao peito, num gesto rápido, de modo a saudar os comensais sem olhar para eles; então ocupou seu assento, e deixou claro, com seu comportamento, que não tencionava travar conhecimento com o novo hóspede. Talvez estivesse demasiado enfermo para dar atenção a esse tipo de convenções e se interessar pelo ambiente em geral. Por um momento sentou-se à sua frente uma jovem extraordinariamente magra, de cabelos louro-claros, que esvaziou no prato uma garrafa de iogurte, tomou-o com a colher e logo se foi.

A conversação à mesa não foi muito animada. Joachim palestrou cerimoniosamente com a sra. Stöhr, informando-se a respeito da sua saúde e inteirando-se com o devido pesar de que ela deixava muito a desejar. A sra. Stöhr queixou-se de seu estado de “lassidão”.

— Sinto-me tão lassa! — disse, arrastando as sílabas, com a afetação peculiar às pessoas pouco cultas. Já antes de se levantar tivera 37,3, e quanto não teria de tarde? A costureira, segundo comunicou, tinha a mesma temperatura, mas declarou sentir-se, pelo contrário, muito agitada, desassossegada, tomada de uma tensão interior, qual estivesse às vésperas de um acontecimento singular e decisivo, o que em absoluto não era o caso, visto se tratar de

uma excitação puramente física, sem motivos na alma. Por certo não deveria ser costureira, pois se expressava numa linguagem correta, até erudita. A Hans Castorp, por sua vez, essa tal excitação numa criatura tão insignificante e prosaica, ou antes o fato de se falar disso, causou a impressão de algo inconveniente e quase escandaloso. Perguntou primeiro à costureira, e depois à sra. Stöhr, há quanto tempo já se achavam ali em cima (aquela vivia no sanatório fazia cinco meses, e esta, fazia sete), a seguir reuniu seus conhecimentos de inglês para interrogar sua vizinha da direita acerca da qualidade do chá que ela tomava (era chá de roseira brava) e se ele tinha um sabor agradável, o que a senhora confirmou quase impetuosamente, e então pôs-se a contemplar a sala, onde as pessoas iam e vinham: o café da manhã não constituía uma refeição que se fizesse rigorosamente em comum.

Receara um pouco receber impressões horrorosas, mas viu-se logrado: o ambiente na sala parecia bastante animado, não despertava de modo algum a ideia de um lugar das lamentações. Jovens de ambos os sexos, tostados pelo sol, entravam cantarolando, conversavam com as criadas e atacavam a comida com vigoroso apetite. Havia também pessoas mais idosas: casais, uma família inteira com crianças, a falar russo, e rapazes na adolescência. As mulheres vestiam, quase todas, casaquinhos muito justos, de lã ou seda, suéteres, como os chamavam, ora brancos ora coloridos, com golas voltadas para fora e bolsos laterais, e era bonito ver como andavam ou palestravam com as mãos enterradas nesses bolsos. Em diversas mesas circulavam fotografias, instantâneos recentes, tirados pelos próprios pensionistas, com certeza; numa outra mesa, trocavam selos. Falavam do tempo, de como haviam dormido, e da temperatura que tinham de manhã, medida na boca. A maioria mostrava-se alegre — provavelmente sem motivo especial, apenas por não terem preocupações imediatas e estarem reunidos num grupo numeroso. Alguns, porém,

achavam-se sozinhos à mesa com a cabeça apoiada nas mãos e o olhar cravado à frente. Mas os outros deixavam-nos cismar e não lhes prestavam atenção.

De repente, Hans Castorp sobressaltou-se, irritado e ofendido. Uma porta acabava de bater violentamente, a porta da esquerda, que dava para o vestíbulo. Escapara às mãos de alguém ou fora mesmo fechada com força, e Hans Castorp sentiu um ódio mortal por esse ruído, que desde sempre o enfurecera. Talvez esse ódio se devesse à sua educação, talvez proviesse de uma idiossincrasia inata — enfim, ele detestava que cerrassem as portas com estrondo e tinha vontade de esbofetear a quem cometesse esse crime na sua presença. No caso particular, tratava-se, além do mais, de uma porta envidraçada, o que, pelo tinir estridente, aumentava o choque. “Barbaridade!”, disse Hans Castorp de si para si, enfurecido, “que falta de educação!” Como no mesmo instante a costureira lhe dirigisse a palavra, não teve tempo para descobrir o culpado. E enquanto lhe respondia tinha o cenho ainda franzido e rugas entre as sobrancelhas louras.

Joachim perguntou se os médicos já havia passado.

— Sim, fizeram a primeira ronda — respondeu alguém. Teriam acabado de sair no momento em que os primos entraram.

Nesse caso era melhor irem-se embora, sem esperar, opinou Joachim. No decorrer do dia sem dúvida encontrariam outra oportunidade para apresentar Hans Castorp. Mas na porta quase deram de frente com o dr. Behrens, que entrava a passo rápido, seguido do dr. Krokowski.

— Epa! Cuidado, cavalheiros! — exclamou Behrens. — Mais um pouco e haveria aqui um desastre para os nossos calos. — Falava com a pronúncia arrastada da Baixa Saxônia, no nordeste da Alemanha, e mastigava as palavras. — É *o senhor*, então? — disse a Hans Castorp, quando Joachim o apresentou, batendo os calcanhares. — Muito prazer. — E

estendeu ao jovem sua mão do tamanho de uma pá. Era um homem ossudo, muito mais alto que o dr. Krokowski, de cabelos completamente brancos, com a nuca saliente, grandes olhos azuis, proeminentes, injetados e lacrimosos, nariz arrebitado e um bigodinho curto, um tanto torto, em virtude de um franzimento unilateral do lábio superior. O que Joachim dissera das bochechas do médico era pura verdade: eram azuis, de maneira que a cabeça formava um berrante contraste com o jaleco branco de cirurgião que ele usava, cintado, que descia abaixo dos joelhos, deixando ver as calças listradas e uns pés colossais, calçados de botinas amarelas, bastante surradas. O dr. Krokowski também andava de trajes profissionais, mas seu jaleco era de lustrina preta, com elásticos nos punhos, e lhe realçava ainda mais a palidez. Limitando-se a um mero papel de assistente, não tomou parte na cena de apresentação, mas uma certa tensão crítica de sua boca deixou transparecer que ele julgava um tanto esquisita sua posição de subalterno.

— Primos? — perguntou o dr. Behrens, apontando com a mão para os dois jovens, de um lado a outro, e fixando neles os olhos azuis, injetados de sangue. — E este aqui também é apaixonado pelo rufar dos tambores? — indagou sobre Joachim, avançando a cabeça na direção de Hans Castorp. — Nunca na vida, não é? Eu logo vi que o senhor — agora se dirigia a Hans Castorp — tem algo de paisano, de comodista. Não é marcial como este guerreiro. Aposto como seria melhor paciente que ele. Noto de imediato se alguém tem ou não vocação para ser um paciente que preste, pois para isso é preciso ter talento, como talento, aliás, é necessário para tudo; e esse mirmídone aí não tem talento algum. Pode ser até que o tenha para o campo de manobras, mas para ser doente, nem sombra. A todo momento quer ir embora, imagine! Sempre só quer ir embora, e não para de insistir comigo e de me suplicar; simplesmente não pode esperar o dia em que comecem a judiar com ele, lá embaixo. Haja entusiasmo! Para nós, nem meio aninho ele quer perder. Mas

vive até que bastante bem aqui conosco… Diga, Ziemssen, o senhor mesmo: é bom aqui ou não é? Bem, o senhor seu primo saberá nos apreciar melhor; ele vai se divertir, tenho certeza. Mulheres não faltam aqui, e temos das mais encantadoras. Pelo menos quando vistas de fora, há algumas muito pitorescas. Mas *o senhor* deveria era ganhar um pouco mais de cor, para não deixar de fazer um belo papel com as mulheres. Dizem que a árvore dourada da vida é verde, muito bem, mas para a cútis o verde não me parece o mais indicado. Totalmente anêmico, está claro — disse, ao se aproximar de Hans Castorp sem qualquer cerimônia e baixar-lhe uma das pálpebras com o dedo médio e o indicador. — Eu logo disse, o senhor está totalmente anêmico. Quer saber uma coisa? Não era má ideia abandonar por algum tempo a sua querida Hamburgo. Não nego que seja uma cidade à qual devemos muita gratidão. Sempre nos manda um bom contingente, graças à sua meteorologia úmida. Mas permita-me que eu aproveite a ocasião para dar-lhe o meu despretensioso conselho, *sine pecunia*, sabe? Enquanto estiver aqui, faça a mesma coisa que seu primo. Nada melhor, no seu caso, do que viver por algum tempo como se tivesse uma ligeira *tuberculosis pulmonum* e acumular proteínas. É uma coisa curiosa, no nosso meio, esse metabolismo proteico… Embora fique aumentada a combustão geral, o que o corpo faz é fixar proteínas… Mas então, Ziemssen, dormiu bem? Ótimo assim, não é? E agora um passeio a pé! Mas só meia hora, nada mais! E depois ponha na boca o charuto de mercúrio. Convém sempre tomar nota, Ziemssen! Minuciosamente! Conscienciosamente! Sábado quero ver sua curva! E seu primo também deve tomar a temperatura. Controlar não traz mal algum. Boa manhã, senhores! Passar bem, e divirtam-se! Adeusinho… Adeusinho…

E o dr. Krokowski acompanhou o chefe, que continuava singrando a sala, balançando os braços com as palmas das mãos bem voltadas para trás, e perguntando à direita e à

esquerda se haviam dormido bem, o que todos confirmavam.

— Homem muito simpático — disse Hans Castorp, enquanto atravessavam o portal, depois de terem cumprimentado amavelmente o porteiro coxo, que se achava na guarita classificando cartas. Saíram ao ar livre. O portal encontrava-se na parte sudeste do edifício caiado de branco, cujo corpo central tinha um andar a mais que as duas alas e era encimado por uma pequena torre coberta de zinco, guarnecida de um relógio. Quem saía por esse portal não entrava no jardim cercado, mas logo adentrava a área livre, com vista sobre prados que se estendiam pelas encostas das montanhas, cobertos cá e lá de abetos de pouca altura e de pinheiros-da-montanha encurvados sobre o solo. O caminho que trilharam — na verdade o único que existia, com exceção da estrada que descia ao vale — passava em ligeiro declive atrás do sanatório, rumo à esquerda, ladeando a cozinha e a despensa, onde se viam grandes recipientes de lixo ao longo das grades da escada que conduzia ao porão, para então seguir mais um bom trecho na mesma direção e elevar-se, depois de uma volta brusca à direita, por uma subida íngreme ao longo da encosta escassamente arborizada. Era uma vereda de chão duro, avermelhado, ainda um tanto úmido, em cuja beira jaziam, de quando em quando, uns blocos de pedra. Os primos não eram os únicos a passear. Alguns hóspedes, que haviam terminado a refeição quase ao mesmo tempo que eles, seguiam-nos a curta distância, e outros grupos, já de regresso, vinham-lhes ao encontro, com o passo ruidoso de pessoas que descem.

— Homem muito simpático — repetiu Hans Castorp. — Tem um jeito tão solto de falar! Dá gosto ouvi-lo. Essa do “charuto de mercúrio” para designar “termômetro” é mesmo muito boa, eu logo compreendi… Mas agora vou é acender um charuto de verdade — disse ele, estacando —, já não aguento mais sem ele! Desde o meio-dia de ontem não fumo

nada que preste. Com licença! — Tirou da charuteira de couro de verniz, enfeitada com as suas iniciais em prata, um exemplar de Maria Mancini, um belo exemplar da camada superior da caixa, achatado em uma face, que era como ele mais gostava, e então cortou a ponta com uma pequena guilhotina de corte angular, que trazia na corrente do relógio, acendeu o isqueiro e pôs fogo ao charuto comprido de ponta vertical, tirando-lhe umas boas baforadas. — Muito bem! — ele disse. — Quanto a mim, podemos continuar o passeio. Você é claro que não fuma, devido ao excesso de entusiasmo.

— Nunca fumo — respondeu Joachim. — Por que fumaria justamente aqui?

— Isso eu não compreendo! — disse Hans Castorp. — Simplesmente não compreendo como alguém possa viver sem fumar. Privar-se, por assim dizer, do que há de melhor na vida e privar-se, em todo caso, de um prazer magnífico! Quando acordo pela manhã, já me alegro com a ideia de poder fumar durante o dia, e quando tomo a refeição já penso em fumar logo depois; e até posso dizer, com uma dose de exagero, que como apenas para ter a ocasião de fumar. Um dia sem tabaco seria para mim o cúmulo da insipidez, um dia totalmente vazio, sem o mínimo atrativo, e se eu qualquer dia despertasse sabendo que não poderia fumar, acho que não teria coragem nem para me levantar. Francamente, eu ficaria na cama. Olhe, quando a gente fuma um charuto que puxa bem… claro que não deve estar furado, o que constitui um defeito muito desagradável… Quero dizer, quando a gente fuma um charuto bom, então a sensação que se tem é a de estar protegido e de que nada lhe pode acontecer. É a mesma coisa como deixar-se ficar deitado numa praia à beira do mar; fica-se deitado, não é? Não se tem a necessidade de qualquer outra coisa, nem de trabalho nem de distrações… E fuma-se no mundo inteiro, graças a Deus! Ao que me parece, não existe lugar onde esse prazer seja desconhecido, por mais longe que nos

arraste o destino. Até os exploradores das regiões polares levam fumo em abundância, para que possam aguentar os esforços das suas viagens, e me identifiquei muito com isso, nas vezes em que li sobre o assunto. Pode acontecer que uma pessoa ande muito mal... Suponhamos, por exemplo, que eu me encontrasse num estado lamentável... Agora, enquanto tivesse meu charuto, aguentaria firme, tenho certeza, o charuto me faria vencer qualquer obstáculo.

— De qualquer modo — objetou Joachim — é um sinal de fraqueza depender do fumo a esse ponto. Behrens tem toda a razão: você é um paisano, um civil. Ele disse isso em sentido elogioso, mas você é mesmo um paisano incorrigível. Afinal de contas, anda bem de saúde e pode fazer o que quiser — acrescentou, e seus olhos assumiram uma expressão cansada.

— Sim, exceto pela anemia — disse Hans Castorp. — Ele não teve pejo algum para me falar à queima-roupa da minha cor verde. Mas é verdade, eu mesmo notei que em comparação com o pessoal daqui meu rosto é quase verde, em casa jamais reparei. E achei muito gentil da parte dele dar-me assim, sem mais, uns conselhos desinteressados, *sine pecunia*, como ele diz. Estou pronto a fazer o que ele me recomendou, e adaptar meu estilo de vida ao seu... Que mais poderia fazer aqui em cima, afinal? E, por Deus, não me fará mal algum acumular proteínas, embora essa expressão, e você há de concordar comigo, me soe meio repugnante.

Enquanto caminhava, Joachim tossiu algumas vezes — a subida parecia cansá-lo. Quando teve o terceiro acesso de tosse, estacou, franzindo a testa, e disse: “Toque em frente!”. Hans Castorp apressou-se em seguir caminho, sem olhar para trás. Depois diminuiu o passo, até quase parar, porque teve a impressão de se ter adiantado muito ao primo. Mas não voltou a cabeça.

Um grupo de pacientes de ambos os sexos vinha se aproximando dele — Hans Castorp já os vira trilhar o

caminho plano a meia altura da encosta. Agora se achavam na descida, indo a seu encontro, a passo barulhento, numa confusão de vozes. Eram seis ou sete pessoas de diferentes idades, umas muito jovens, outras um tanto avançadas em anos. Hans Castorp contemplou-as, com a cabeça inclinada para o lado, enquanto seus pensamentos se ocupavam com Joachim. Estavam sem chapéu, bronzeados, as senhoras vestiam suéteres coloridas, ao passo que os homens, na maioria, iam sem sobretudo e mesmo sem bengala, como quem sai sem cerimônias, com as mãos nos bolsos, para dar uma voltinha em frente de casa. Achavam-se na descida, que não exige grande esforço muscular, mas apenas um ligeiro refreamento pelas pernas fincadas no chão para evitar o excesso de velocidade e o tropeção, qual se soltassem montanha abaixo; assim, seu modo de andar tinha algo de alado e leve, que se comunicava às suas fisionomias e atitude em geral e inspirava em quem os via o desejo de fazer parte do grupo.

E logo se encontraram próximos de Hans Castorp, que se pôs a examinar-lhes os rostos. Nem todos eram bronzeados, duas senhoras destacavam-se até pela palidez, uma magrinha como um caniço, com uma tez de marfim, e a outra, mais baixa, gorducha, com a cara salpicada de lunares. Todos o fitaram com o mesmo sorriso petulante. Uma mocinha alta, de suéter verde, com cabelos desgrenhados e uns estúpidos olhos semicerrados, passou tão perto de Hans Castorp que quase lhe roçou o braço. E assobiou ao passar... Mas, que coisa louca! Assobiou, mas não o fez com a boca. Nem sequer contraiu os lábios; pelo contrário, manteve-os bem cerrados. Algo assobiou de dentro, enquanto encarou Hans Castorp com uma mirada tola dos olhos entreabertos. Foi um assobio sumamente desagradável, agudo, penetrante e todavia oco, prolongado e de tom cadente, assim como a música desses porquinhos de borracha comprados em barracas em dias de festa, que, com um som gemebundo, deixam escapar o ar insuflado à

medida que vão murchando. Tal o ruído inexplicável vindo do peito da jovem, que agora já se ia com o resto do grupo.

Hans Castorp quedou-se imóvel, olhando ao longe. Então se virou bruscamente, percebendo que o assobio atroz deveria ter sido um trote, uma brincadeira de antemão preparada, pois viu pelos movimentos de ombro que aquela gente se ria dele. Um rapaz atarracado e beiçudo, que, para andar com as mãos nos bolsos da calça, levantava o paletó de uma forma bastante inconveniente, virou-se descaradamente para ele e riu... Nesse meio-tempo Joachim se aproximara. Passou pelo grupo e o cumprimentou à sua maneira militar, fazendo uma quase continência e inclinando-se de tacões unidos. Em seguida, voltou-se para o primo com um olhar interrogador.

— Que é que há com você? — perguntou.

— Ela assobiou! — respondeu Hans Castorp. — Assobiou com a barriga, ao passar por mim. Você saberia me explicar o que foi isso?

— Ora! — exclamou Joachim, com uma risada desdenhosa. — Não foi com a barriga. Que bobagem! Essa é a Kleefeld, Hermine Kleefeld. Ela assobia com o pneumotórax.

— Com quê? — perguntou Hans Castorp. Estava sumamente excitado, sem saber, no entanto, em que sentido. Vacilava entre o riso e o choro, quando acrescentou: — Você não pode esperar de mim que eu compreenda esse jargão de vocês.

— Vamos adiante — disse Joachim. — Posso lhe explicar, enquanto a gente passeia. Parece que você está criando raízes! Trata-se de um negócio de cirurgia, compreende? É uma intervenção que frequentemente executam aqui. O Behrens tem grande prática nisso... Quando um pulmão está muito atacado e o outro está bom, ou pelo menos relativamente bom, dispensa-se o lado enfermo por algum tempo de qualquer atividade, a fim de poupá-lo. Quer dizer, dão um talho nessa região, no flanco, não sei precisamente onde, mas o Behrens é um mestre nessas coisas. E depois

enchem a gente de gás, de nitrogênio, sabe? E assim o pulmão carcomido é posto fora de ação. É claro que o gás introduzido no corpo não se conserva indefinidamente. Precisa ser renovado de quinze em quinze dias, mais ou menos. É a mesma coisa que reencher um balão, compreende? Ao cabo de um ano ou mais, se tudo for bem, o pulmão pode curar-se graças a esse completo descanso. Mas, nem sempre termina assim, e parece até que a intervenção é bastante arriscada. Contudo, dizem que já foram obtidos muitos bons resultados com o pneumotórax. Toda a turma que você acaba de encontrar anda com ele. Havia lá a sra. Iltis, aquela que tem os lunares, sabe? E a srta. Levi, uma magrinha, caso você se lembre; ela ficou de cama por muitíssimo tempo. Eles formaram um grupo, pois essa coisa do pneumotórax une mesmo as pessoas, e se denominaram "Sociedade Meio-Pulmão", hoje são conhecidos assim. Mas o orgulho da sociedade é a Hermine Kleefeld, porque sabe assobiar com o pneumotórax. É um talento especial que poucos têm. Como ela consegue fazê-lo, isso não sei dizer; nem ela mesma sabe explicar. Depois de ter andado depressa, é capaz de assobiar de dentro de si, e disso se aproveita para assustar as pessoas, sobretudo os doentes recém-chegados. Acho, aliás, que com isso perde nitrogênio, pois precisa reabastecer-se de oito em oito dias.

Hans Castorp desatou a rir. No decorrer das explicações de Joachim, a sua excitação tomara decididamente o rumo da hilaridade. Enquanto prosseguia no caminho, cobrindo os olhos com a mão e inclinando-se para a frente, sentiu os ombros sacudidos por uma sucessão rápida de risinhos silenciosos.

— É uma sociedade registrada? — perguntou, numa voz embargada, que, à força de conter o riso, soava chorona e levemente queixosa. — Tem estatutos? Que pena você não ser sócio. Olhe, nesse caso poderiam admitir-me como sócio honorário ou como… visitante. Você deveria pedir ao Behrens que lhe ponha parte dos pulmões fora de ação.

Quem sabe se você não conseguiria também assobiar, caso se esforçasse um pouco? Afinal de contas, isso se aprende… É a coisa mais engraçada que já vi! — acrescentou, com um profundo suspiro. — Escute, não me leve a mal que eu fale desse jeito, mas eles mesmos andam tão bem-humorados, esses seus amigos pneumáticos! Quem vê como caminham assim… E quando se pensa que são a “Sociedade Meio-Pulmão”! “Fiu-u”, ela sibila para mim… Uma pessoa e tanto! Mas tudo não passa de traquinice. Por que são tão alegres, você pode me explicar?

Joachim esforçou-se por encontrar uma resposta.

— Meu Deus — disse enfim —, eles estão tão livres… Quero dizer, é gente moça, e o tempo nada significa para eles. E quem sabe se não vão morrer? Para que então ficar com a cara triste? Às vezes me vem a ideia de que essa coisa da doença e da morte no fundo não é séria; é antes uma espécie de relaxamento. A seriedade existe somente na vida lá de baixo. Creio que você também compreenderá isso, quando estiver mais tempo aqui em cima.

— Sem dúvida — confirmou Hans Castorp. — Tenho até certeza disso. Desde que estou aqui, comecei logo a me interessar pela vida de vocês, e quando a gente tem interesse por alguma coisa não tarda em compreendê-la, não é?… Mas, que se passa comigo? Não me agrada! — disse abruptamente, olhando o charuto. — Já faz tempo que me pergunto o que é que me incomoda, e agora vejo que é o Maria que não tem sabor algum. Tem um gosto de papel mascado. Sinto-me como se tivesse o estômago desarranjado, eu lhe asseguro. É um mistério para mim. Não nego que hoje comi muita coisa, mas isso não pode ser o motivo, pois quanto mais se come, mais aroma tem o charuto. O que você acha? Será porque tive uma noite muito agitada? Talvez seja isso… Não! Não há jeito! Vou jogá-lo fora — concluiu, após uma nova tentativa. — Cada nova tragada aumenta a decepção. Não adianta forçar. — Depois de hesitar um momento, atirou o charuto encosta abaixo,

por entre a brenha úmida. — Quer saber uma coisa? — perguntou então. — Estou convencido de que isso tem alguma relação com aquele maldito ardor no rosto, que está me incomodando outra vez, desde que me levantei. O diabo sabe por quê, mas tenho a impressão de estar todo corado… Você também sentiu isso, quando chegou aqui?

— Senti, sim — disse Joachim. — No começo também estranhei muita coisa. Mas não se preocupe. Eu já lhe disse que não é tão fácil aclimatar-se aqui em cima. Tudo isso se arranja. Olhe esse banco aí; tem uma vista bonita. Vamos sentar-nos um pouco e depois voltar. Está quase na hora do repouso.

O caminho tornara-se plano. Corria agora na direção de Davos-Platz, e oferecia, por entre pinheiros altos e delgados, dobrados pelo vento, o panorama do povoado que se estendia branco sob a luz clara. O banco de feitio tosco em que se sentaram encostava-se à vertente íngreme. A seu lado, um curso d'água corria rumo ao vale, gorgolejando e cachoando através de uma calha de madeira.

Com a ponta de seu bastão alpino, Joachim pôs-se a ensinar ao primo os nomes dos cumes envoltos em nuvens, que pareciam fechar o vale pelo lado sul. Mas Hans Castorp limitou-se a olhá-los de relance, inclinou-se para a frente e ficou desenhando na areia com a bengala de passeio guarnecida de prata. Interessava-lhe saber outra coisa.

— Eu queria lhe perguntar… — começou. — A doente que ocupava meu quarto tinha acabado de esticar as canelas, quando cheguei. Já houve muitos óbitos, desde que você está aqui?

— Uns vários, com certeza — respondeu Joachim. — Mas são tratados com muita discrição, sabe? A gente não nota coisa alguma, ou só mais tarde, casualmente. Quando alguém morre, tudo se dá no mais estrito sigilo, em consideração aos outros pacientes, sobretudo às senhoras, que, não fosse assim, talvez tivessem crises nervosas. Você nem percebe quando alguém morre no quarto pegado ao

seu. Trazem o caixão de madrugada, enquanto todos estão dormindo, e vão buscar a pessoa somente em horas determinadas, por exemplo durante as refeições.

— Hmm… — disse Hans Castorp, continuando a desenhar. — As coisas se passam nos bastidores, então.

— Sim, de certo modo. Mas recentemente, faz… Espere um pouco… Faz talvez umas oito semanas…

— Nesse caso não se pode dizer “recentemente” — objetou Hans Castorp, vigilante e crítico.

— Como? Ah, sim, então não foi recentemente. Como você é meticuloso! Eu só estava fazendo uma estimativa do número. Bem, faz algum tempo tive ocasião de lançar um olhar atrás dos bastidores, por mero acaso. Lembro-me daquele momento como se fosse hoje. Foi quando levaram o viático, o sacramento da extrema-unção, sabe, os Santos Óleos para a pequena Hujus, Barbara Hujus, que era católica. Quando cheguei aqui, ela ainda não estava de cama, e fazia travessuras como uma colegial de quinze anos. Mas depois foi enfraquecendo rapidamente. Não se levantou mais. Seu quarto achava-se a três portas do meu. Por fim chegaram seus pais, e um dia também o padre. Veio quando todos estavam tomando o chá da tarde e não havia ninguém nos corredores. Mas, imagine o que me aconteceu: adormeci durante o repouso geral, não ouvi o sinal do gongo e me atrasei uns quinze minutos. Assim se deu que no momento crítico, em vez de me achar entre os outros, me perdi atrás dos bastidores, para usar a sua expressão. Eu estava a ponto de atravessar o corredor quando apareceram e foram ao meu encontro com camisas de renda e uma cruz à frente, uma cruz de ouro, com lanternas, como se fosse o estandarte da banda do regimento.

— Isso não é comparação que se faça — disse Hans Castorp com certa severidade.

— Ora, foi essa impressão que eu tive. Foi sem querer que me lembrei disso. Mas ouça só o que aconteceu. Vieram em minha direção, a passo apressado. Eram uns três, se não me

engano; à frente o homem da cruz, depois o sacerdote, com óculos no nariz, e por fim um menino com o turíbulo. O padre levava à altura do peito o viático recoberto, mantendo a cabeça humildemente inclinada; era o Santo Sacramento, você sabe.

— Justamente — disse Hans Castorp. — Por isso estranhei quando você falou da banda do regimento.

— Pois é. Mas espere um pouco, porque se você tivesse assistido à cena também não saberia o que pensar dessa lembrança. Era de causar pesadelos…

— Em que sentido?

— Bem, eu não sabia como me comportar numa circunstância dessas. Não estava sequer de chapéu, que pudesse tirar…

— Está vendo? — interrompeu-o Hans Castorp mais uma vez. — Está vendo como é necessário usar chapéu? Notei que vocês todos andam sem, aqui em cima. Mas convém usar, para poder tirá-lo nas ocasiões oportunas… E que aconteceu então?

— Postei-me junto da parede — disse Joachim — numa atitude conveniente. Quando se aproximaram de mim, fiz uma leve mesura. Foi bem em frente do quarto da pequena Hujus, número vinte e oito. Acho que o padre ficou satisfeito ao ver minha reverência; agradeceu amavelmente, tirando o barrete. E no mesmo instante pararam. O menino com o turíbulo bateu à porta, abriu e deu passagem ao superior. E agora imagine o meu espanto e o que senti! No momento em que o sacerdote atravessa o limiar do quarto, começa lá dentro um barulhão, uns berros como você nunca ouviu, umas três ou quatro vezes seguidas, e depois uma gritaria ininterrupta, contínua, gritos que pareciam sair de uma boca vastamente aberta, aaah, e havia nisso tanta desolação, tanto horror, tanto protesto, que é indescritível, e umas súplicas tão pungentes de quando em quando!… E de repente tudo se torna cavo e surdo, como se a voz se tivesse sumido debaixo da terra e viesse das profundezas do porão.

Hans Castorp voltou-se bruscamente para o primo:

— Era a Hujus? — perguntou, transtornado. — E como assim “do porão”?

— Ela tinha se escondido sob os cobertores — disse Joachim. — Imagine o que eu senti! O sacerdote permaneceu no limiar da porta, disse palavras de conforto. Parece-me que o vejo ainda. Ao falar, avançava um pouco a cabeça, e depois voltava a retraí-la. O homem com a cruz e o coroinha não viam a hora de partir, sem haver sequer entrado. E por entre os dois, eu podia ver o interior do quarto. É igual aos nossos, com a cama à esquerda da porta, contra a parede. À cabeceira, algumas pessoas, os pais naturalmente, que também se inclinavam para a cama, proferindo palavras de consolo, e na cama só se via uma massa informe, que suplicava, esperneava, protestava com horror.

— Esperneava mesmo?

— Com todas as forças. Mas de nada lhe adiantou. Foi inevitável que recebesse a extrema-unção. O padre aproximou-se dela, os dois outros entraram também, e a porta fechou-se. Mas antes ainda pude ver: a cabeça da Hujus aparece por um segundo com os cabelos louros revoltos, crava no sacerdote os olhos arregalados, olhos pálidos, sem cor alguma, e com “ahs” e “ais” volta a desaparecer sob a colcha.

— E você só me conta isso agora? — disse Hans Castorp, depois de um silêncio. — Não compreendo por que já não tocou no assunto ontem à noite… Mas, meu Deus, ela ainda devia estar muito forte para se defender desse jeito. É preciso estar forte para isso. Não deveriam mandar vir o padre antes de a pessoa ficar bem fraca.

— Ela estava fraca, sim — replicou Joachim. — Ah, não faltaria o que contar sobre isso. Difícil é saber por onde começar… Ela estava bem fraca, e foi só o medo que lhe deu tanta força. Sentiu um pavor horrível porque percebeu que estava às portas da morte. Era uma mocinha, afinal, seria fácil compreendê-la. Mas também há homens que se

comportam assim, o que é sinal de uma covardia imperdoável. O Behrens sabe, aliás, como lidar com esses tipos no tom adequado.

— Que tom? — perguntou Hans Castorp, franzindo as sobrancelhas.

— “Não faça tanta fita!” é o que ele diz — respondeu Joachim. — Disse isso não faz muito tempo, numa ocasião parecida. Quem nos contou foi a enfermeira-chefe, que estava lá para segurar o agonizante. Era um desses que no leito de morte ainda fazem uma cena pavorosa e não querem morrer de jeito algum. Então o Behrens ralhou com ele. “Faça o favor de não fazer tanta fita!”, ele disse, e o paciente logo ficou quietinho e morreu com toda a calma.

Hans Castorp deu uma palmada na coxa e, reclinando-se no encosto do banco, ergueu o olhar aos céus:

— Ora, escuta só, essa é demais! — exclamou. — Ralhar com o doente e dizer-lhe sem mais nem menos: “Não faça tanta fita!”. A um moribundo! É demais. Afinal de contas, um moribundo merece respeito. Não se pode dizer-lhe isso do nada… Para mim, um moribundo é como que sagrado.

— Não discordo — disse Joachim. — Mas com um comportamento como esse…

— Ah, não! — insistiu Hans Castorp, com uma veemência desproporcional à pouca oposição que enfrentava. — Ninguém me tirará da cabeça que um moribundo é mais nobre do que um indivíduo qualquer que passeia e ri e ganha dinheiro e enche a pança! Isso não!… — Sua voz vacilou estranhamente. — Não é admissível que do nada… — E de súbito suas palavras se afogaram numa gargalhada que se apoderou dele e o dominou; era o mesmo riso da véspera, uma risada que brotava das entranhas, lhe sacudia todo o corpo e não tinha fim, que lhe cerrou os olhos e arrancou lágrimas por entre as pálpebras comprimidas.

— Psiu! — fez Joachim de repente. — Agora silêncio! — cochichou e acotovelou o primo que ainda se ria a bandeiras despregadas. Hans Castorp ergueu os olhos cheios de

lágrimas.

Vindo da esquerda, aproximou-se um forasteiro, um senhor baixinho, moreno, com bigode preto elegantemente torcido, e calças de xadrez claro. Trocou com Joachim uma saudação — a dele era nítida e sonora — e deteve-se à sua frente numa atitude graciosa, os pés cruzados, apoiado na bengala.

Seria difícil avaliar-lhe a idade, devia ter entre trinta e quarenta anos, visto seus cabelos, nas fontes, se acharem entremeados de fios de prata e mais acima se tornarem bastante ralos, se bem que a aparência geral da sua pessoa desse a impressão de juventude. Duas entradas profundas evidenciavam-se ao lado da risca que repartia os cabelos escassos e aumentavam-lhe a fronte. Seus trajes — amplas calças de xadrez amarelado e paletó muito comprido, de uma fazenda parecida com burel, com duas fileiras de botões e lapelas largas — estavam longe de pretender qualquer elegância. O colarinho duro, de pontas arredondadas e viradas para baixo, já estava puído nas bordas, de tanto lavar, e a gravata preta, gasta pelo uso; pelo jeito frouxo como as mangas lhe caíam sobre os pulsos, Hans Castorp notou que ele não usava punhos. Contudo, era visível tratar-se de um cavalheiro; a esse respeito não deixava dúvidas o cunho de cultura que marcava o rosto do forasteiro, tampouco sua atitude natural e quase nobre. Tal mescla de desalinho e graça, combinada com uns olhos negros e o bigode suavemente ondulado, fez Hans Castorp pensar em certos músicos estrangeiros que na época do Natal tocavam nos pátios de Hamburgo e que com os olhos aveludados dirigidos para cima estendiam os chapéus de aba larga, para que das janelas lhes lançassem moedas de dez pfennig. “Um tocador de realejo”, pensou Hans Castorp, e assim não se admirou nem um pouquinho do nome que ouviu, quando Joachim se levantou do banco e, com algum acanhamento, fez a apresentação.

— Meu primo Castorp… o sr. Settembrini.

Também Hans Castorp se pusera de pé para cumprimentar o cavalheiro. Seu rosto revelava ainda os traços daquele excesso de hilaridade. Mas o italiano, cortesmente, fez questão de que não se incomodassem, e obrigou-os a

sentarem-se de novo, ao passo que ele mesmo permaneceu em frente aos dois, na sua postura agradável. Esboçava um sorriso ao manter-se assim, contemplando os primos, principalmente a Hans Castorp; e essa expressão fina, um tanto zombeteira, que lhe aprofundava e encrespava uma das comissuras da boca, sob o espesso bigode, produzia um efeito singular, convidando, em certo sentido, à lucidez do espírito e à vigilância. Hans Castorp, sentindo-se como que prontamente desembriagado, envergonhou-se do seu desenfreamento anterior.

— Os senhores estão de bom humor. Têm motivo, têm toda a razão. Uma esplêndida manhã! O azul do céu, o sol a sorrir… — E com um gesto rápido e elegante do braço, ergueu para o céu a mãozinha amarela, enquanto lançava na mesma direção um olhar alegre. — Realmente faltaria pouco para esquecermos onde estamos.

Falava sem sotaque, e somente a precisão da pronúncia poderia fazer adivinhar que se tratava de um estrangeiro. Seus lábios formavam as palavras com certa volúpia. Dava prazer ouvi-lo.

— E o senhor fez uma viagem agradável? — perguntou a Hans Castorp. — Já lhe comunicaram a sentença? Quero dizer: já se realizou a sinistra cerimônia do primeiro exame médico? — Aqui precisaria haver calado e aguardar, se de fato desejasse obter resposta; pois fizera a pergunta, e Hans Castorp estava a ponto de responder. Mas de imediato o forasteiro voltou a perguntar: — Decorreu sem transtornos, sua viagem? Da sua hilaridade — silenciou por um instante, enquanto se acentuava o encrespamento dos seus lábios — podem-se tirar conclusões bem distintas. Quantos meses lhe pespegaram os nossos Minos e Radamanto? — A palavra “pespegaram” soou particularmente engraçada em sua boca. — Deixe-me adivinhar. Seis? Ou logo nove? Mesquinhez aqui não tem vez…

Hans Castorp riu-se, surpreso, procurando recordar quem eram Minos e Radamanto. Respondeu então:

— Como assim? Não, não, aqui há um engano, sr. Septem…

— Settembrini — corrigiu o italiano, com nitidez e presteza, curvando-se em uma reverência humorística.

— Sr. Settembrini — queira perdoar! Como já disse, há um engano seu. Não estou doente, não. Presto apenas uma visita de poucas semanas ao meu primo Ziemssen e também quero aproveitar a ocasião para descansar um pouquinho…

— Ora, vejam! Então não é dos nossos? O senhor é saudável e só está de passagem, como Ulisses no reino das sombras? Que audácia descer a estas profundezas, onde os mortos pairam e vegetam…

— Profundezas, sr. Settembrini? Por favor não diga isso! Subi uns cinco mil pés para chegar aqui…

— É o que o senhor pensa! Palavra de honra, trata-se apenas de uma ilusão — disse o italiano, com um gesto enérgico da mão. — Somos criaturas que caíram muito baixo; não é mesmo, tenente? — e com isso voltou-se para Joachim, que muito se alegrou pelo tratamento honroso, mas se esforçou por dissimular sua satisfação e apenas respondeu circunspecto:

— Pode ser que a gente tenha se apatetado aqui. Mas há meios de se regenerar.

— Pois é, acho que o senhor tem capacidade para isso; é um homem decente — disse Settembrini. — Sim, sim, sim! — ele disse, sibilando três vezes o “s” e fazendo estalar a língua outras tantas vezes contra o céu da boca. Depois, dirigindo-se a Hans Castorp, exclamou: — Veja só, veja só, veja só! — com a mesma pronúncia do “s”, enquanto mirava o rosto do novato com tamanha intensidade que seus olhos assumiam expressão fixa e cega. Por fim, reavivando o olhar, prosseguiu: — Então o senhor veio por vontade própria a estas alturas, visitar esta gente decaída que somos, e quer nos conceder por algum tempo o prazer da sua companhia… Muito gentil da sua parte. E quanto tempo tenciona ficar aqui? Sou indiscreto. Mas quero me deixar surpreender ao ouvir o prazo que alguém fixa para si quando decide

livremente, e não Radamanto.

— Três semanas — respondeu Hans Castorp, com orgulho um tanto fátuo, ao notar que causava inveja.

— Oh, dio! Três semanas! Ouviu, tenente? Não lhe parece um atrevimento dizer: “Vou passar três semanas aqui, e depois partir”? Fique sabendo, meu senhor, que ignoramos a semana como medida de tempo. Para nós, a menor unidade é o mês. Fazemos nossas contas em grande estilo: eis um privilégio das sombras. Temos outros privilégios ainda, todos eles de tipo semelhante. Posso perguntar que profissão o senhor exerce na vida lá de baixo, ou melhor, para que profissão se prepara? Como está vendo, não costumamos refrear a nossa curiosidade. Ela é um de nossos privilégios também.

— Com o maior prazer — disse Hans Castorp, e prestou a informação.

— Engenheiro naval! Magnífico! — gritou Settembrini. — Essa profissão me parece magnífica, eu lhe asseguro, embora os meus próprios talentos vão em outra direção.

— O sr. Settembrini é literato — explicou Joachim com certo acanhamento. — Escreveu o necrológio de Carducci para periódicos alemães. Carducci, você sabe. — E ficou ainda mais acanhado, quando o primo o olhou pasmo, como se dissesse: “Que sabe você de Carducci? Não mais do que eu, se não me engano”.

— Exatamente — confirmou o italiano, sacudindo a cabeça. — Tive a honra de falar aos seus compatriotas da vida desse grande poeta e livre-pensador, quando ela chegou ao fim. Conheci-o; posso dizer-me seu discípulo. Em Bolonha, estive sentado aos seus pés. A ele devo meu quinhão de cultura e de alegria de viver. Mas estávamos falando do senhor. Engenheiro naval! Sabe o senhor que está subindo no meu conceito? De repente se me afigura como o representante de todo um universo do trabalho e do gênio prático.

— Ah, sr. Settembrini, por ora sou apenas estudante e estou bem no início.

— Pois sim, e o primeiro passo custa. Como aliás é difícil todo trabalho que merece esse nome, não é?
— Difícil como o diabo — disse Hans Castorp, e essas palavras lhe saíram do fundo do coração.
De súbito Settembrini franziu as sobrancelhas.
— O senhor invoca o próprio diabo para confirmar tal coisa? — perguntou. — Satã em pessoa? Sabe que meu grande mestre lhe dedicou um hino?
— Como? — admirou-se Hans Castorp. — Ao diabo?
— A ele mesmo. Cantam esse hino em minha pátria, em certas solenidades: *O salute*, *o Satana*, *o Ribellione*, *o forza vindice della Ragione*... Um cântico magnífico! Mas me parece pouco provável que o senhor tenha pensado nesse diabo, já que as relações dele com o trabalho são as melhores. O diabo a que o senhor se referiu, e que abomina o trabalho porque tem motivos para temê-lo, deve ser aquele outro do qual dizem que com ele não se brinca...
Tudo isso causou uma impressão estranha ao bom Hans Castorp. Não sabia italiano, e o resto do que dizia Settembrini tampouco lhe inspirava muita confiança. Essas coisas sabiam a sermão dominical, ainda que proferidas num tom de palestra leve e jocosa. Hans Castorp olhou o primo, que baixou os olhos, e então disse:
— O senhor toma as minhas palavras muito ao pé da letra, sr. Settembrini. O que eu disse do diabo era apenas uma maneira de falar e nada mais.
— Deve haver uma pessoa com espírito — disse Settembrini, mirando o ar com uma expressão melancólica. Porém, reanimando-se imediatamente, e dando à conversa um caráter jovial, gracioso e conciliador, continuou: — Seja como for, penso ter razão quando deduzo de suas palavras que o senhor escolheu uma profissão tão exigente quanto honrosa. Meu Deus, sou humanista, um *Homo humanus*, e nada entendo dessas coisas engenhosas, por mais sincero que seja o respeito que lhes voto. Mas imagino que a teoria da sua disciplina deva requerer um cérebro claro e arguto; e

sua prática, um homem na genuína acepção da palavra. Não é assim?

— Por certo é assim, não posso deixar de concordar com o senhor — respondeu Hans Castorp, empenhando-se, mau grado seu, em falar com alguma eloquência. — É uma enormidade o que se exige de nós hoje em dia. Nem é bom pensar na extensão dessas exigências, do contrário arriscamos perder a coragem. Não, não é brinquedo. E quando não se tem uma constituição tão robusta... Estou aqui apenas de visita, e também não sou dos mais robustos. Assim, seria mentira se dissesse que me dou tão bem com o trabalho. Pelo contrário, devo confessar que ele me esgota bastante. No fundo, só me sinto bem mesmo quando nada faço...

— Como agora, por exemplo?

— Agora? Acabo de chegar aqui em cima, e ainda ando meio tonto, como o senhor pode imaginar...

— Ah! Meio tonto...

— Pois é. Não dormi muito bem, e depois o café da manhã foi reforçado demais... Estou acostumado a uma primeira refeição abundante, mas a de hoje parece que foi completa demais para mim, too rich, como dizem os ingleses. Numa palavra, eu me sinto um pouco angustiado, e esta manhã um charuto não me apeteceu. Imagine só! É coisa que quase nunca me acontece, a não ser quando estou seriamente doente, e hoje o meu charuto estava com gosto de couro! Tive de jogá-lo fora, não adiantava forçar. O senhor fuma, se me posso permitir a pergunta? Não? Então não pode ter ideia do aborrecimento e da decepção que um caso desses provoca numa pessoa que desde a juventude gosta tanto de fumar, como eu...

— Não tenho experiência nesse campo — replicou Settembrini —, e não estou em má companhia com essa minha inexperiência. Grande número de espíritos nobres e esclarecidos detestou o tabaco. Carducci também não lhe era simpático. Mas nesse ponto o senhor contará com a

plena compreensão de nosso Radamanto, que é partidário do seu vício.

— Meu… vício? Não diga isso, sr. Settembrini.

— Por que não? É preciso chamar as coisas pelos seus nomes verdadeiros, e fazê-lo com energia. Isso fortalece e eleva a vida. Também tenho meus vícios.

— Então o dr. Behrens é um apreciador de charutos? Que homem simpático!

— O senhor acha? Já travou conhecimento com ele, então…

— Sim, quando saímos agora há pouco. Foi quase uma consulta, mas *sine pecunia*, sabe? Ele notou de imediato que estou bastante anêmico, e me deu o conselho de seguir, aqui, o mesmo regime que meu primo: passar muito tempo deitado na sacada e também tomar a minha temperatura, foi o que me disse.

— Verdade? — gritou Settembrini. — Que maravilha! — exclamou então, rindo-se às gargalhadas, com o corpo curvado para trás e o rosto levantado para o céu. — Como se diz na ópera de seu mestre: "Caço pássaros, sempre alegre, oleri, la-rá-oleré!". Escute, essa é mesmo divertida. E o senhor seguirá o conselho dele? Mas sem dúvida! E por que não!? É esperto como o diabo, esse Radamanto! E "sempre alegre", com efeito, se bem que às vezes de uma alegria meio forçada. Tem uma tendência para a melancolia. Seu vício não lhe faz bem (se fizesse, não seria um vício), e o tabaco torna-o merencório. Eis por que a nossa reverenda superiora se encarregou de administrar suas provisões de fumo e lhe concede somente pequenas rações diárias. Dizem que de vez em quando ele sucumbe à tentação de lhe roubar uns charutos a mais, e nesse caso cai em melancolia. Numa palavra: tem a alma atarantada. O senhor já conhece a nossa enfermeira-chefe? Não? Que lástima! Seria imperdoável da sua parte não demandar a honra de lhe ser apresentado. Ela pertence à estirpe dos Von Mylendonks, prezado senhor! Da Vênus de Médicis

distingue-se num único ponto: no lugar onde a deusa mostra os seios, costuma a enfermeira-chefe usar um crucifixo.

— Rá, rá, essa é boa! — riu-se Hans Castorp.

— E seu prenome é Adriática.

— Ainda mais essa? — exclamou Hans Castorp. — Veja só, é extraordinário. Von Mylendonk, e ademais, Adriática. É como se fosse uma pessoa morta há muito tempo. Parece até medieval.

— Meu caro senhor — retrucou Settembrini —, aqui existe muita coisa que "parece medieval", para usar a sua expressão. Tenho para mim que foi exclusivamente por seu senso de estilo artístico que nosso Radamanto nomeou esse fóssil como diretora do seu Museu de Horrores. Pois ele é artista... Ainda não sabia? Sim, sim, ele pinta a óleo. Afinal, nem há que opinar, não há nada de proibido nisso, a coisa está aí para quem queira... Dona Adriática diz a todos quantos querem ouvi-la, e também aos que não querem, que em meados do século XIII houve uma Mylendonk que foi abadessa de um convento em Bonn, sobre o Reno. Ela mesma não pode ter nascido muito tempo depois dessa época...

— Rá, rá, rá! Acho-o bem sarcástico, sr. Settembrini.

— Sarcástico? O senhor quer dizer: maledicente. Sim, sou um pouco maledicente — disse Settembrini. — Lamento apenas que me tenham condenado a desperdiçar minha maledicência com assuntos tão miseráveis. Espero que o senhor não se oponha à maledicência, meu caro engenheiro. A meu ver, é a mais esplêndida arma da razão na luta contra as potências das trevas e da fealdade. A maledicência, senhor, é o espírito da crítica, e a crítica representa a origem do progresso e do esclarecimento. — E de súbito pôs-se a discorrer sobre Petrarca, a quem chamou de "pai dos tempos modernos".

— Acho que agora temos que ir ao repouso, não? — disse Joachim, circunspecto.

O literato fizera acompanhar suas palavras de expressivos

gestos da mão. Assim, concluiu a mímica com um gesto que apontou para Joachim, e disse:

— Nosso tenente dá o sinal de serviço. Vamo-nos, então! Temos o mesmo caminho, "à direita, aquele que busca os muros de Dis, o Poderoso". Ah, Virgílio, Virgílio! Não há quem o supere, meus senhores! Acredito no progresso, por certo. Mas Virgílio dispõe de adjetivos que nenhum moderno encontraria...

E, enquanto se puseram a caminho de casa, ele começou a recitar versos latinos com pronúncia italiana; mas interrompeu-se quando lhes veio ao encontro uma mocinha qualquer, aparentemente uma aldeã, nem tão notável pela beleza, e ele abriu um sorriso namorador, metendo-se a cantarolar.

— Ts, ts, ts — estalou a língua. — Ai, ai, ai! Trá, lá, lá! Bonita joaninha, quer ser minha? Vejam só, "seus olhos brilham à luz furtiva" — ele recitou sabe Deus que autor, e com um gesto mandou um beijo à jovem já de costas, que lá se ia, toda confusa.

"Que grande doidivanas!", pensou Hans Castorp, e não mudou sua opinião quando Settembrini, após esse acesso de galanteria, voltou a maldizer. Ele tinha uma birra especial contra o dr. Behrens. Criticou-lhe o tamanho dos pés e ironizou o título de conselheiro áulico, que ele recebera de um príncipe que sofria de tuberculose cerebral. A região inteira, segundo Settembrini, ainda falaria da vida escandalosa desse príncipe, mas Radamanto teria feito apenas vista grossa, bem grossa, à maneira mais perfeita de um cortesão áulico. Os senhores saberiam, a propósito, que Behrens foi o inventor da temporada de verão? Ele e mais ninguém! Honra ao mérito! Antigamente apenas os mais fiéis entre os fiéis passavam o estio neste vale. Mas "o nosso humorista", na sua clarividência incorruptível, percebeu então que esse inconveniente decorreria somente de um preconceito. E estabeleceu a teoria segundo a qual, pelo menos no que tocava ao seu sanatório, a cura de verão era

não só recomendável, mas até sumamente eficaz e mesmo imprescindível. Soube apresentar seus argumentos, divulgou-os por meio de artigos de jornal e interessou a imprensa por eles. Desde então, os negócios marcharam igualmente bem no verão como no inverno.

— É um gênio — disse Settembrini. — In-tu-i-ção! — exclamou. E a seguir se pôs a achincalhar os demais estabelecimentos do lugar, elogiando num tom cáustico o espírito negocista dos seus donos. Havia lá o professor Kafka... Todos os anos, na época crítica do degelo, quando grande número de pensionistas queria partir, o professor Kafka via-se forçado a fazer uma viagem de oito dias, mas prometia outorgar as autorizações de alta logo após o seu regresso. Entretanto, permanecia ausente durante seis semanas, e os desgraçados a esperar, enquanto suas contas, diga-se de passagem, não paravam de aumentar. Certa vez, Kafka foi chamado a Fiume para examinar um doente, mas não se pôs a caminho antes que lhe garantissem uns bons cinco mil francos suíços, e entre uma coisa e outra passaram-se duas semanas. No dia seguinte ao da chegada do *celebrissimo*, o paciente faleceu. Quanto ao dr. Salzmann, este até diria à boca pequena que o prof. Kafka não mantinha limpas as seringas de injeção, a ponto de infeccionar os enfermos. “Ele usa pneumáticos nas rodas de seu coche” — afirmaria Salzmann — “para que seus mortos não o ouçam”, ao que Kafka replicava que no sanatório de Salzmann obrigavam os pacientes a um consumo muito intenso do “fruto consolador da vinha” (igualmente na intenção de lhes arredondarem as contas), de maneira que ali morreria gente aos montes, não de tísica, mas de cirrose do fígado...

Enquanto Settembrini prosseguia no mesmo tom, Hans Castorp ria-se jovialmente e sem malícia, ao ouvir essa catadupa de eloquência blasfema. A linguagem do italiano tinha um som particularmente agradável, na sua absoluta pureza e correção, livres de qualquer sotaque. Dos seus

lábios volúveis, as palavras brotavam cheias, distintas e como que recém-feitas. O próprio Settembrini gozava com as locuções e formas cultas, vivas e sardônicas de que se servia; até mesmo a flexão e a conjugação gramatical dos vocábulos causavam-lhe prazer evidente e contagiante, que se disseminava ao redor. Ele parecia ter o espírito por demais claro e concentrado para que lhe pudesse ocorrer, nem uma vez sequer, perder o fio da meada.

— O senhor fala com tanta graça, sr. Settembrini — disse Hans Castorp —, com tamanha vivacidade… Nem sei como chamar esse seu jeito de falar.

— Plástico, talvez? — respondeu o italiano, abanando-se com o lenço, apesar da temperatura bastante fresca. — Esta deve ser a palavra que o senhor procura. Quer dizer que eu falo de um modo plástico… Mas, que é isto? — exclamou. — Que é que estou vendo? Ali deambulam os nossos juízes do inferno. Que visão!

Os três já haviam dobrado a curva do caminho. Isso se deveria aos discursos de Settembrini? Ao declive da rua? Ou teriam se afastado do sanatório menos que parecera a Hans Castorp? Pois todo caminho que trilhamos pela primeira vez é muito mais longo que o mesmo caminho quando já o conhecemos… Fosse como fosse, o regresso se realizara com uma rapidez surpreendente. Settembrini tinha razão, eram os dois médicos que caminhavam pelo largo que se estendia atrás do sanatório, o dr. Behrens à frente, com o jaleco branco e a nuca saliente, agitando os braços como se fossem remos, e o dr. Krokowski seguindo-lhe as pegadas, com seu blusão preto, lançando olhares em torno de si, que se mostravam tanto mais orgulhosos na medida em que a ética profissional o obrigasse, em serviço, a manter-se atrás do chefe.

— Ah, Krokowski! — gritou Settembrini. — Lá vai ele e conhece todos os segredos das nossas damas. Não deixem de reparar no refinado simbolismo da sua vestimenta. Ele anda de preto, para indicar que o seu campo de estudos

mais peculiar é a noite. Esse homem tem na cabeça um único pensamento, e tal pensamento é sórdido. Como pode, Engenheiro, que ainda não tenhamos falado dele? O senhor já chegou a conhecê-lo?

Hans Castorp disse que sim.

— E então? Começo a crer que ele também lhe agrada…

— Francamente não sei, sr. Settembrini. Falei com ele apenas uns poucos instantes. E não tenho o hábito de formar uma opinião precipitada. Costumo olhar as pessoas e pensar: "Então és assim? Muito bem".

— Isso é apatia! — respondeu o italiano. — Por que não julgar? Julgue, sim! É para esse fim que a natureza lhe deu dois olhos e o discernimento. O senhor achou que eu fui maledicente, mas se falei assim não o fiz sem intenção pedagógica. Nós, os humanistas, temos todos uma veia pedagógica… Meus senhores, o laço histórico entre o humanismo e a pedagogia é a prova do laço psicológico que existe entre ambos. Não convém privar o humanista de sua função educadora… Não se lhe pode arrebatar essa função, porque somente ele guarda a tradição da dignidade e beleza do humano. Um dia o humanista substituiu o sacerdote, que numa época sombria e misantrópica ousara arrogar-se a condução da juventude. Desde então, senhores, não surgiu qualquer tipo novo de educador. O ginásio humanista… Talvez o Engenheiro me chame de reacionário, mas por princípio, *in abstracto*, queira compreender-me bem… do ginásio humanista eu continuo adepto…

Ainda no elevador continuou desenvolvendo o tema e não se calou senão no segundo andar, quando os primos saíram. Ele seguiu até o terceiro, onde, como contou Joachim, ocupava um quartinho que dava para os fundos do sanatório.

— Então não tem muito dinheiro? — perguntou Hans Castorp, que acompanhou Joachim. O quarto do primo era totalmente igual ao seu, em frente.

— Não — disse Joachim —, ao que parece, não. Ou pelo

menos só o que é necessário para pagar a pensão. Seu pai já era literato, sabe? E, se não me engano, também o avô.

— Bem, então é isso… — disse Hans Castorp. — E ele está seriamente doente?

— Ao que eu saiba, não corre perigo, mas a doença é persistente e sempre reincide. Ele já sofre disso faz muitos anos, partiu uma vez ou outra, mas logo teve que se internar de novo.

— Pobre coitado! Logo ele que tanto louva o trabalho… E é tão loquaz, mesmo com tudo isso. E salta de um assunto a outro com tanta facilidade! Com a pequena ele foi bastante atrevido, fiquei até incomodado, por um momento. Mas o que disse depois sobre a dignidade humana foi mesmo notável, tive a impressão de estar ouvindo um discurso solene. Você o encontra muitas vezes?

Mas Joachim não pôde responder senão com dificuldade e sem nitidez. Tirara um pequeno termômetro de um estojo de couro vermelho, forrado de veludo, que se achava na mesa, e introduzira na boca a extremidade inferior cheia de mercúrio. Manteve-o à esquerda, por baixo da língua, de maneira que o instrumento de vidro saía obliquamente da boca, apontando para cima, e então pôs-se à vontade, calçando sapatos e vestindo uma jaqueta agaloada. Buscou na mesa uma tabela impressa e um lápis, bem como um livro — uma gramática russa, já que estudava russo, por esperar disso, segundo afirmava, certas vantagens no serviço. Assim equipado, saiu para a sacada, instalou-se na espreguiçadeira e atirou por cima dos pés um cobertor de lã de camelo.

Essa última precaução quase não era necessária. Havia um quarto de hora, a camada de nuvens tornara-se cada vez mais transparente, e o sol irrompeu com tamanho calor e brilho estival que Joachim protegeu a cabeça com uma espécie de toldo de linho branco, que por meio de um pequeno mecanismo engenhoso podia ser fixado no braço da cadeira e inclinado segundo a posição do sol. Hans Castorp elogiou esse invento. Ficou à espera do resultado da tomada de temperatura. Nesse ínterim, pôs-se a observar tudo quanto se fazia; também contemplou o saco de pele que se achava apoiado num canto da *loggia* — Joachim servia-se dele nos dias frios — e com os cotovelos fincados no parapeito olhou para o jardim, onde o alpendre comum estava a essa hora povoado de pacientes deitados, que liam, escreviam ou conversavam. Não se lograva ver, aliás, senão uma parte do interior, com umas cinco espreguiçadeiras, talvez.

— Quanto tempo vai durar isto? — perguntou Hans Castorp, voltando a cabeça.

Joachim levantou sete dedos.

— Mas já devem ter passado esses sete minutos.

Joachim fez que não. Depois de alguns instantes tirou o termômetro da boca, olhou-o e disse:

— Pois é, quando se presta atenção ao tempo, ele passa muito devagar. Eu gosto de tomar a temperatura quatro vezes por dia, porque assim se nota o que propriamente representa um minuto, ou até uns sete minutos, para gente que, como nós aqui, esbanja tão pavorosamente os sete dias da semana.

— Você diz: "propriamente". Assim não se pode dizer — objetou Hans Castorp, que se sentara com uma coxa no parapeito. O branco dos seus olhos estava estriado de vermelho. — O tempo não tem natureza própria, em absoluto. Quando nos parece longo, é longo, e quando nos parece curto, é curto, mas ninguém sabe em realidade a sua verdadeira extensão. — Não tinha o hábito de filosofar, mas nesse momento sentiu-se impelido a fazê-lo.

Joachim replicou:

— Como não? Afinal de contas medimos o tempo. Temos relógios e calendários, e quando um mês se escoa, termina para mim, para você e para todos os outros.

— Espere um pouco — disse Hans Castorp, levantando o índice à altura dos olhos turvos. — Você acha então que um minuto é tão longo como lhe parece, quando toma a temperatura?

— Um minuto é longo assim... ele *dura* tanto tempo quanto o ponteiro dos segundos necessita para dar uma volta completa.

— Mas o ponteiro precisa de bem mais ou bem menos tempo, conforme a sensação que experimentamos. E na realidade... eu digo: na realidade — repetiu Hans Castorp, apertando o índice contra o nariz, com tanta força que chegou a torcer a ponta — trata-se aí de um movimento, de um movimento no espaço; não é? Espere, não me interrompa! Medimos o tempo por meio do espaço, portanto.

Mas isso é a mesma coisa que medir o espaço com o auxílio do tempo… o que fazem somente pessoas sem espírito científico. De Hamburgo a Davos são vinte horas; sim senhor, de trem. Mas a pé, quantas horas são? E no pensamento? Nem um segundo!

— Escute — disse Joachim. — Que é que você tem? Parece que o ar, aqui conosco, lhe faz mal.

— Silêncio! Algo muito sutil me passa pela cabeça. Que é o tempo, afinal? — perguntou Hans Castorp, apertando o nariz para o lado, com tamanha violência que a ponta se tornou branca e exangue. — Você pode me dizer? Percebemos o espaço com os nossos sentidos, por meio da vista e do tato. Muito bem! Mas que órgão possuímos para perceber o tempo? Você pode me responder? Aí você empaca, está vendo? Como é possível medir uma coisa da qual, no fundo, nada sabemos, nada, nem uma de suas características sequer? Dizemos que o tempo passa. Está bem, que passe. Mas para que pudéssemos medi-lo… Espere um pouco! Para que o tempo fosse mensurável, seria preciso que decorresse de um modo *uniforme*; e onde está escrito que é mesmo assim? Para a nossa consciência, não é. Somente o supomos, para a boa ordem das coisas, e nossas medidas, permita-me esta observação, não passam de convenções…

— Bem — disse Joachim. — Nesse caso é também mera convenção o fato de eu ter, neste termômetro, quatro marcas além do normal. Mas é por causa dessas cinco marcas que preciso cruzar os braços, em vez de seguir a carreira militar. Que coisa nojenta!

— Você tem 37,5?

— A temperatura já está baixando. — Joachim fez o registro em sua tabela. — Ontem à noite eram quase 38. Foi por causa da sua chegada. Aqui, quem recebe visitas costuma sofrer uma elevação de temperatura. Mas, mesmo assim, é um benefício.

— Já vou deixá-lo, de qualquer modo — disse Hans Castorp. — Minha cabeça ainda está cheia de pensamentos sobre o

tempo… É todo um complexo, posso dizer. Mas não quero excitar você com isso, que tem essas marcas além da conta. Vou ver se guardo tudo na cabeça, e mais tarde voltaremos a falar nisso, talvez depois do desjejum. Quando for hora, você me chama, não é? Eu também vou fazer uma sessão de repouso. Isso não dói, graças a Deus. — Com essas palavras, contornou a vidraça divisória e entrou no seu próprio compartimento, onde a espreguiçadeira e a mesinha se achavam também preparadas. No quarto cuidadosamente arrumado, apanhou o *Ocean Steamships*, bem como o belo cobertor macio, enxadrezado de verde e carmesim, e a seguir estirou-se na cadeira.

Depois de pouco tempo, também ele viu-se obrigado a baixar o toldo. Para quem se encontrava assim deitado, o calor do sol fazia-se insuportável. Mas Hans Castorp verificou imediatamente e com satisfação que a sua posição era muito cômoda; não se recordava de ter visto, jamais, uma espreguiçadeira tão confortável. A armação, de linhas um tanto antiquadas — o que, evidentemente, era apenas um capricho estético, visto a cadeira estar novinha —, constava de madeira lustrosa, entre marrom e vermelho. Um colchão forrado de chitão macio era, em realidade, composto de três almofadões altos e estendia-se desde os pés até a cabeceira. Havia ainda uma almofada em forma de rolo, nem muito dura nem muito mole, presa à altura da nuca por meio de um cordão, revestida de uma capa bordada, e que produzia um efeito sumamente agradável. Hans Castorp apoiou o cotovelo sobre a larga superfície do braço da cadeira e com as pálpebras semicerradas entregou-se ao repouso, sem recorrer ao *Ocean Steamships* para a sua distração. Vista através dos arcos da *loggia*, a paisagem áspera e pobre, mas iluminada pelo sol, assemelhava-se a um quadro dentro de uma moldura. Hans Castorp contemplou-a, pensativo. De repente lembrou-se de um outro assunto e interrompeu o silêncio, dizendo em voz alta:

— A moça que nos serviu o café é uma anã, não é?

— Psiu! — fez Joachim. — Fale baixinho. Sim, é uma anã. E daí?

— Nada. Ainda não tínhamos falado nisso.

E então tornou a devanear. Já passava das dez horas, quando se deitara. Decorreu uma hora. Uma hora comum, nem longa, nem curta. Quando ela chegou ao fim, ressoou um gongo através da casa e do jardim, primeiro à distância, depois pertinho, depois à distância de novo.

— O desjejum — disse Joachim. Ouviu-se como ele se levantava.

Também Hans Castorp terminou o repouso e entrou no quarto, para se arrumar. Os primos encontraram-se no corredor e desceram juntos. Hans Castorp disse:

— O repouso foi ótimo. E que cadeiras são essas? Se houver à venda, levo uma delas para Hamburgo. Deitado assim, sinto-me como no céu. Você acha que o Behrens mandou fazê-las especialmente, segundo as suas indicações?

Joachim não sabia. Após terem deixado os sobretudos no vestiário entraram pela segunda vez na sala de refeições, onde o serviço já estava em pleno andamento.

Na sala, o branco cintilava, de tanto leite. Em cada lugar via-se um copo grande, de meio litro pelo menos.

— Comigo não! — disse Hans Castorp, voltando a sentar-se na extremidade da mesa, entre a costureira e a inglesa, e desdobrando resignadamente o guardanapo, embora ainda se sentisse abarrotado do café da manhã. — Não, senhor: comigo não — repetiu. — Deus me livre! Nunca tomo leite, e ainda menos a esta hora. Não haveria um porter? — E dirigiu-se à anã, com toda a amabilidade e delicadeza. Infelizmente não havia. Mas a criada prometeu trazer-lhe cerveja de Kulmbach, e de fato voltou ela pouco depois. Era uma cerveja preta, espessa, com uma espuma parda, e substituiu o porter da melhor maneira. Hans Castorp bebeu com avidez, de um copo alto de meio litro. Acompanhou a bebida de fiambres com pão torrado. Novamente foi servido

mingau de aveia, e novamente muita manteiga e fruta. Ele se limitou a contemplar tudo isso, já que não se sentiu capaz de comer ainda mais. Pôs-se a estudar os pensionistas, e aos poucos a multidão começou a subdividir-se em grupos, salientando-se até algumas pessoas em particular.

Sua própria mesa estava completa, com exceção do lugar que se achava à sua frente, na extremidade oposta. Segundo ficou sabendo, era o “lugar do doutor”. Pois os médicos participavam das refeições comuns, quando as suas ocupações lhes deixavam o tempo necessário, e costumavam comer numa e noutra mesa, alternadamente. Por isso se reservava à extremidade de todas elas um “lugar do doutor”. No momento, nenhum dos dois se encontrava presente. Dizia-se que estavam operando. De novo entrou o jovem bigodudo, abaixou uma só vez o queixo na direção do peito e sentou-se com uma fisionomia desassossegada e hermética. Também a magrinha de cabelos louros estava no seu lugar, engolindo colheradas de iogurte, como se isso fosse o seu único alimento. A seu lado, instalara-se dessa vez uma senhora de idade, baixinha e alegre, a qual dirigia uma torrente de palavras russas ao jovem taciturno, que a olhava com uma expressão preocupada, limitando-se a sacudir a cabeça, ostentando a expressão de quem tem na boca qualquer coisa de gosto repugnante. À sua frente, ao outro lado da senhora de idade, achava-se mais uma mocinha, aliás muito bonita, com uma tez rosada e seios rijos; tinha cabelos castanhos agradavelmente ondulados, olhos redondos e pueris, da mesma cor, e um pequeno rubi na mão bem-formada. Ria muito, e também falava russo, só russo. Chamava-se Marúsia, segundo Hans Castorp pôde ouvir. Além disso, ele observou de passagem que Joachim baixava os olhos com ar severo cada vez que a moça se ria ou falava.

Settembrini apareceu na porta lateral e, cofiando o bigode, encaminhou-se para o seu lugar, na extremidade da mesa colocada obliquamente diante de Hans Castorp. Apenas

sentou-se, os comensais desataram a rir. Sem dúvida acabara de fazer algum comentário maledicente. Hans Castorp também conseguiu identificar os membros da “Sociedade Meio-Pulmão”. Hermine Kleefeld, com seus olhos estúpidos, foi arrastando o passo até a mesa mais próxima da porta do avarandado, e cumprimentou o jovem beiçudo que, no passeio da manhã, levantara o paletó daquele jeito inconveniente. À mesa transversal à direita de Hans Castorp, estava sentada a srta. Levi, com a cútis de marfim, junto da sra. Iltis, gorda e salpicada de lunares; além delas, só pessoas desconhecidas.

— Lá vêm os seus vizinhos — murmurou Joachim ao primo, inclinando-se para a frente... O casal passou perto de Hans Castorp, rumo à “mesa dos russos ordinários”, a última à direita, onde já se achava uma família com um menino de cara feia, a devorarem enormes montões de *porridge*. O homem era de constituição débil e tinha as faces cavas e cinzentas. Trajava uma jaqueta de couro marrom e calçava toscas botinas de feltro, fechadas a fivela. Sua esposa, também baixinha e delgada, exibia um chapéu enfeitado de penas que a cada passo balouçavam, um boá pouco limpo, igualmente de penas, e minúsculos sapatos de couro da Rússia, cujos tacões excessivamente altos a obrigavam a um passo saltitante. Hans Castorp examinou os dois com uma falta de consideração que não lhe era habitual e cuja brutalidade ele mesmo percebeu; mas foi justamente o caráter brutal da sua conduta o que, de repente, lhe causou certo prazer. A expressão de seus olhos era ao mesmo tempo obtusa e indiscreta. Quando, nesse momento, a porta envidraçada da esquerda se fechou, tinindo estrepitosamente, como acontecera na hora do café, Hans Castorp não tornou a sobressaltar-se, mas limitou-se a uma careta fleumática. Empenhou-se então em voltar a cabeça para aquele lado; no entanto, verificou que esse esforço era excessivo e não valia a pena. Aconteceu que mais uma vez não logrou averiguar quem manejava a porta daquela

maneira relaxada.

Essa indiferença provinha do fato de a cerveja matinal o ter atordoado e paralisado por completo. Em outras ocasiões, ela exercia sobre ele apenas um efeito levemente inebriante. Desta vez, porém, produziu em Hans Castorp as mesmas consequências de um golpe na testa. As pálpebras pesavam-lhe como chumbo, e quando por cortesia procurou palestrar com a inglesa a língua não obedeceu sequer aos mais simples pensamentos. Até a tentativa de mudar a direção do olhar lhe custou um esforço imenso. E a isso acresceu-se aquele horroroso ardor no rosto, que reaparecera com a mesma intensidade da véspera; sentia as faces como que túmidas de calor, respirava com dificuldade, e o coração batia qual um martelo envolto num pano. Se todas essas sensações não o incomodaram grandemente foi porque sua cabeça se encontrava no estado de quem houvesse feito duas ou três inalações de clorofórmio. Que o dr. Krokowski finalmente surgira na sala e se sentara no lugar à sua frente, Hans Castorp notou-o apenas como num sonho, não obstante o médico o fixar diversas vezes, ao conversar em russo com as senhoras à sua direita — enquanto as mocinhas, a exuberante Marúsia e a macilenta comedora de iogurte, apenas baixavam humilde e pudicamente os olhos diante dele. Hans Castorp, aliás, é escusado dizê-lo, não deixou de se comportar convenientemente; preferiu permanecer calado, visto sua língua se mostrar recalcitrante, e até conseguiu manejar com uma correção toda especial a faca e o garfo. Quando o primo lhe deu um sinal com a cabeça e se levantou, pôs-se também de pé, inclinou-se vagamente em direção aos companheiros de mesa e seguiu com passo firme atrás de Joachim.

— Qual é a hora do próximo repouso? — perguntou, ao saírem da casa. — A meu ver, é a melhor coisa que existe por aqui. Quem me dera estar deitado na minha magnífica espreguiçadeira! Vamos muito longe?

— Não — respondeu Joachim. — Nem posso ir longe. A esta hora costumo descer à aldeia e dar um passeio até Davos-Platz, quando tenho bastante tempo. A gente olha as lojas e o movimento na rua, e compra o que precisa. Antes do almoço há mais uma hora de repouso, e depois fica-se outra vez deitado até as quatro. Não se preocupe.

Desceram em pleno sol pela rampa da estrada. Atravessaram o curso d'água e as trilhas estreitas, tendo diante de si os vultos das montanhas que ladeavam o vale à direita: o "Pequeno Schiahorn", as "Torres Verdes" e o "Dorfberg", conforme Joachim foi explicando. Lá, mais adiante, a certa altura, via-se o cemitério do vilarejo de Davos-Dorf, cercado de um muro; também para ele Joachim apontou com a bengala. E chegaram à estrada principal, que, um pouco acima do fundo do vale, se estendia ao longo da vertente composta de terraços.

Não se podia falar propriamente de um vilarejo, do qual sobrava apenas o nome "Dorf". A estância de tratamento climático devorou-o, ao prolongar-se mais e mais em direção à entrada do vale, de modo que a parte do conjunto que se chamava "Dorf" se confundia, insensivelmente e sem solução de continuidade, com a outra, chamada "Davos-Platz". Hotéis e pensões, todos eles abundantemente providos de avarandados cobertos, sacadas e alpendres de repouso, achavam-se dispersos por ambos os lados, bem como casinhas particulares, nas quais se alugavam cômodos; de vez em quando viam-se casas em construção; havia também alguns terrenos baldios, onde a estrada permitia ver os prados abertos do vale…

Hans Castorp, tomado pelo desejo de se proporcionar o costumeiro e querido estímulo vital, acendera novamente o charuto. Provavelmente foi graças à cerveja que acabava de beber que redescobriu, com indizível satisfação, alguns

vestígios do almejado aroma, se bem que este aparecesse apenas em raros momentos e sem grande intensidade. Custou-lhe um certo esforço nervoso alcançar uma ideia daquele antigo prazer, e o repugnante sabor de couro continuava predominando. Incapaz de conformar-se, lutou algum tempo pela obtenção do gozo que ora se lhe esquivava, ora assomava a muita distância, como que zombando dele. Finalmente, fatigado e aborrecido, jogou fora o charuto. Apesar do seu atordoamento, sentiu que a cortesia o obrigava a entabular uma conversa. Para esse fim, procurou lembrar-se das coisas interessantes que, havia pouco, tencionara dizer acerca do "tempo". Mas constatou que se esquecera por completo de todo esse "complexo", a ponto de já não abrigar na sua cabeça o mínimo pensamento a respeito do tempo. Em compensação, meteu-se a falar de assuntos referentes ao corpo, e isso de maneira bastante esquisita.

— Quando é que você vai tirar novamente a temperatura? — perguntou. — Depois da refeição? Assim está bem. A essa hora o organismo acha-se em pleno funcionamento; aí deve aparecer a verdade. Mas diga, você não acha que o Behrens brincou comigo, quando sugeriu que eu também tomasse a temperatura? Settembrini riu-se às gargalhadas quando ouviu a história. E realmente seria absurdo. Nem termômetro eu tenho.

— Ora — disse Joachim. — Isso é o de menos. Basta comprar um. Aqui se encontram termômetros em toda parte. Qualquer loja tem.

— Para quê? Não senhor, o repouso, vá lá; mas tomar a temperatura, isso seria exigir muito de um visitante. É uma ocupação que deixo para vocês. Quem me dera eu apenas soubesse — continuou Hans Castorp, pondo as mãos sobre o coração, como um jovem apaixonado — por que é que tenho a toda hora estas palpitações! Elas me inquietam, e já faz tempo que estou refletindo sobre isso. Olhe, a gente sofre de palpitações quando se acha em vésperas de uma alegria

extraordinária, ou quando está com medo; em poucas palavras, quando experimenta emoções, não é? Mas, sentir que o coração bate gratuitamente, sem motivo nem sentido, por assim dizer por conta própria — acho isso misterioso, compreende? É como se o corpo seguisse o seu próprio caminho e se tivesse desligado da alma. De certo modo é semelhante a um corpo morto que na realidade não está tão completamente morto (isso nem existe...), mas ainda leva uma vida bem ativa, como que por conta própria: os cabelos e as unhas continuam crescendo, e, como me explicaram, reina nele, sob aspectos físicos e químicos, a mais franca animação.

— Que maneira de falar é essa? — disse Joachim num tom de ponderada censura. — Franca animação! — Talvez quisesse, dessa forma, vingar-se um pouco da observação que o primo fizera de manhã sobre a “banda do regimento”.

— Mas é isso mesmo! Reina a mais franca animação. Por que você se escandaliza? — perguntou Hans Castorp. — De resto, mencionei isso apenas de passagem. Eu queria somente dizer que é uma coisa sinistra e penosa ver o corpo levar uma existência própria, independente da alma, e dar-se ares de importância, como no caso dessas palpitações sem motivo. E a gente se esforça por encontrar um sentido nessa coisa; procura-se a respectiva emoção, um sentimento de alegria ou de medo que justifique as palpitações, de certo modo — pelo menos no que diz respeito a mim, só posso falar de mim mesmo.

— Sim, é assim — disse Joachim, suspirando. — É mais ou menos a mesma coisa que estar com febre. Nesse caso também reina no corpo “a mais franca animação”, para empregar a sua expressão. Então acontece facilmente que, sem querer, a gente ande à cata de uma emoção, como você diz, para que essa animação receba um sentido mais ou menos plausível... Mas estamos falando de coisas tão desagradáveis! — acrescentou em voz trêmula, e cortou a conversa. Hans Castorp limitou-se a dar de ombros, da

mesma forma como vira Joachim fazer na véspera.

Durante algum tempo caminharam em silêncio. Depois Joachim perguntou:

— E o que você acha das pessoas? Quero dizer, dos nossos companheiros de mesa.

Hans Castorp assumiu um ar indiferente, pensativo.

— Meu Deus! — disse. — Não me parecem grande coisa. Tenho a impressão de que em outras mesas há pessoas mais interessantes, mas pode ser que me engane. A sra. Stöhr deveria lavar os cabelos, que estão muito ensebados. E aquela Mazurca, ou como se chama?, parece-me um pouco fútil. A toda hora bota o lenço na boca, de tanto rir.

Joachim achou graça nessa deformação do nome.

— "Mazurca"… Essa é ótima! — exclamou. — Ela se chama Marúsia, sabe? É o mesmo que Maria. Pois é — acrescentou —, ela é bem estouvada, mesmo. E contudo teria motivos de sobra para ficar mais quieta, pois está bastante doente.

— Ninguém pensaria isso — disse Hans Castorp. — Tem uma aparência tão sadia! Uma doença do peito é a última coisa que eu lhe atribuiria. — Tentou trocar com o primo um olhar atrevido, mas verificou que o rosto de Joachim, apesar de tostado pelo sol, mostrava uma cor terrosa, como a adquire a pele queimada, quando o sangue se retira, e que sua boca se crispara de um modo particularmente doloroso, adotando uma expressão que despertou no jovem Hans Castorp um vago pavor e fez com que ele, mudando imediatamente de assunto, fosse informar-se sobre outras pessoas, na intenção de esquecer o mais depressa possível Marúsia e a expressão de Joachim, o que, aliás, conseguiu sem dificuldade.

A inglesa do chá de roseira brava chamava-se Miss Robinson. A costureira não era costureira, mas uma professora do Liceu Estadual Feminino de Königsberg, e por isso se expressava com tanta correção. Seu nome era sra. Engelhart. Quanto à velhota jovial, nem o próprio Joachim sabia como se chamava, apesar de viver há muito tempo ali

em cima. Em todo caso era a tia-avó da comedora de iogurte, com a qual morava o tempo todo no sanatório. Mas quem estava mais doente, dentre os que comiam à mesa, era o dr. Blumenkohl, Leo Blumenkohl, de Odessa... aquele moço bigodudo de cara fechada. Já havia anos que se achava internado...

Estavam passando por uma verdadeira calçada urbana, a rua principal de um centro internacional, como logo se via. Vinham-lhes ao encontro os hóspedes das clínicas, na maioria jovens, que flanavam por ali, os cavalheiros em traje esporte e sem chapéu, as damas também sem chapéu e com saias brancas. Ouvia-se falar russo e inglês. À direita e à esquerda havia lojas com vitrines elegantes, e Hans Castorp, cuja curiosidade travava uma luta violenta com a fadiga ardente, obrigou os olhos a verem, detendo-se durante muito tempo diante da loja de um camiseiro, para constatar que a vitrine estava mesmo à altura.

Depois surgiu uma rotunda com galeria coberta, onde uma banda dava um concerto. Era a sede social da estância. Em diversas quadras de tênis jogavam-se partidas. Jovens escanhoados, de pernas compridas, trajando calças de flanela cuidadosamente passadas, exibiam os antebraços desnudos e os sapatos com solas de borracha, e à sua frente jogavam mocinhas bronzeadas, vestidas de branco, que em plena corrida se estiravam alto no ar iluminado pelo sol, a fim de rebaterem, no vôlei, a bola alvacenta. Um como que pó de farinha pairava sobre as quadras bem-cuidadas. Os primos sentaram-se num banco vazio, para olhar e criticar o jogo.

— Você não joga aqui? — perguntou Hans Castorp.

— Não me deixam — respondeu Joachim. — Nós temos de ficar deitados, sempre deitados... Settembrini costuma dizer que vivemos uma vida horizontal, que somos uns horizontais. É uma das suas piadas sarcásticas... Aquela gente que joga ali não está doente, ou então joga apesar da proibição. De resto, eles não jogam muito seriamente; é mais

para mostrar os trajes… E quanto às proibições, existem por aqui outras coisas proibidas que se jogam, como o pôquer, sabe? E também petits chevaux, neste ou naquele hotel. Entre nós, isso se pune com expulsão, o jogo de azar é considerado a infração mais prejudicial. Contudo, há quem saia ainda depois da revista noturna, para entrar na jogatina. O príncipe que deu o título ao Behrens também costumava escapulir de noite.

Hans Castorp mal o ouvia. Andava com a boca entreaberta; embora não estivesse resfriado, tinha dificuldade em respirar pelo nariz. Seu coração martelava num ritmo contrário à música, o que lhe causava impressão vagamente penosa. Tomado dessa sensação de desordem e contrariedade, estava a ponto de cochilar quando Joachim o avisou de que eram horas de voltar.

Percorreram o caminho em silêncio. Hans Castorp até chegou a tropeçar diversas vezes na estrada plana, e, ao dar-se conta disso, esboçou um sorriso melancólico, sacudindo a cabeça. O porteiro coxo conduziu-os no elevador até o seu pavimento. Separaram-se em frente do número 34, com um breve “até logo”. Hans Castorp rumou através do quarto e saiu para a sacada, onde, sem mais nem menos, se deixou cair na espreguiçadeira. Nem sequer mudou de posição, antes mergulhou numa pesada modorra, que as rápidas pulsações do coração animavam desagradavelmente.

Não se deu conta do tempo que passou nesse estado. Chegada a hora, ressoou o gongo. Mas, como Hans Castorp sabia, isso não representava o chamado imediato à refeição, era apenas o sinal para os hóspedes se aprontarem, e assim ele permaneceu deitado até que o estrondo metálico se intensificasse e depois se afastasse pela segunda vez. Quando Joachim atravessou o quarto para buscá-lo, Hans Castorp quis mudar de roupa. Joachim, entretanto, não permitiu. Detestava e desdenhava a falta de pontualidade. Como era possível progredir na vida e recuperar a saúde, para voltar ao serviço — perguntou —, aquele que se mostrava por demais relaxado até para observar o horário das refeições? Nesse ponto, indiscutivelmente, tinha razão, e Hans Castorp limitou-se a observar que não estava doente, mas apenas se sentia sumamente sonolento. A toda pressa lavou as mãos, e em seguida desceram ao salão, pela terceira vez nesse dia.

Os hóspedes vinham afluindo por ambas as entradas. Entravam também pelas portas do avarandado, que estavam abertas. Dentro de pouco tempo, todos se encontravam sentados em torno das sete mesas, como se nunca se tivessem levantado. Tal era, pelo menos, a impressão de Hans Castorp — impressão puramente fantástica e irracional, mas que, por alguns instantes, seu cérebro enevoado não logrou rechaçar, e na qual chegou mesmo a encontrar prazer; pois, no decorrer da refeição, tentou repetidamente evocá-la, obtendo a cada vez uma ilusão perfeita. A velhota jovial estava novamente, no seu linguajar indistinto, a dirigir uma torrente de palavras ao dr. Blumenkohl, sentado do lado oposto da mesa, e que a ouvia com um ar preocupado. Sua sobrinha macilenta comia, finalmente, outra coisa que não o iogurte: o espesso *crème d'orge*, que as criadas serviam em pratos; mas ela não foi

além de umas poucas colheradas e deixou sobrar o resto. A bela Marúsia, para abafar o riso, apertava contra a boca o lencinho, que exalava perfume de flor de laranjeira. Miss Robinson lia as mesmas cartas escritas em letra redonda que já lera de manhã. Evidentemente não sabia uma única palavra de alemão e fazia até questão de não saber. Joachim, em atitude deferente, proferiu algumas frases inglesas sobre o tempo, às quais ela respondeu mastigando uns monossílabos, para logo recair no silêncio. Quanto à sra. Stöhr, com sua blusa de padrão escocês, submetera-se de manhã ao exame médico e tratava de relatar os pormenores com afetação vulgar, descortinando seus dentes de coelho. Lamentou-se de que em cima, à direita, ainda houvesse ruídos; além disso, tinha uma diminuição do murmúrio abaixo da axila esquerda e teria que ficar mais cinco meses, conforme lhe dissera “o Velho”. Em sua linguagem ordinária, chamava o dr. Behrens de “o Velho”. Mostrou-se, de resto, muito indignada pelo fato de “o Velho” não estar presente à mesa. Segundo a “tournée” — queria dizer: segundo o turno — era hoje a vez da sua mesa, ao passo que “o Velho” novamente se sentara à mesa próxima da esquerda (onde, com efeito, se via o dr. Behrens juntando as manzorras diante do prato). Mas, claro — continuou a sra. Stöhr —, ali tinha seu lugar a gorda sra. Salomon, de Amsterdam, que todos os santos dias se apresentava às refeições num vestido muito decotado, e tal aspecto parecia ser do agrado do “Velho”, se bem que ela, a sra. Stöhr, não soubesse explicar por que razão, uma vez que nos exames médicos ele tinha ensejo para ver dessa dama o quanto quisesse. Mais tarde, cochichando exaltadamente, contou que à noite anterior, no avarandado de repouso localizado no sótão, alguém apagara a luz, e isso para fins que a sra. Stöhr qualificava de “manifestos”. “O Velho” notara o incidente e praguejara de tal maneira que todo o sanatório o ouvira. Mas, naturalmente, mais uma vez não conseguira descobrir o culpado, e no entanto não era preciso ter estudado na

universidade para adivinhar que fora aquele capitão Miklosich, de Bucareste, para quem nunca havia escuridão suficiente quando em companhia de senhoras; um homem sem a mínima formação, embora usasse espartilho, e fosse por natureza um predador, sim, um predador — repetiu a sra. Stöhr numa voz afogada, enquanto o suor lhe perlava a testa e o lábio superior. — Todo o mundo em Davos, em "Dorf" e "Platz", sabia das relações que existiam entre ele e a esposa do cônsul-geral Wurmbrand, de Viena... Nem sequer se podia chamá-las de *secretas*. O capitão não somente entrava, às vezes já de manhã cedo, no quarto da mulher do cônsul-geral, quando esta se encontrava ainda deitada, e assistia a toda a sua toilette; mas, na terça-feira passada, também *saíra* do quarto da Wurmbrand às quatro da madrugada... A enfermeira do jovem Franz, do número 19, aquele em quem recentemente o pneumotórax malograra... Essa enfermeira, afinal, apanhara o capitão em flagrante delito, e de tanta vergonha enganara-se com a porta, de modo que se vira, de repente, no quarto do sr. Paravant, promotor público de Dortmund... Por fim, a sra. Stöhr entregou-se a considerações pormenorizadas sobre um "instituto cósmico" no vilarejo lá embaixo, onde ela costumava comprar o seu enxaguatório — Joachim baixou a cabeça e cravou os olhos em seu prato...

A comida era tão boa quanto abundante. Incluindo a sopa, constava de nada menos que seis pratos. Depois do peixe, vinham uma sólida iguaria de carne e a guarnição; a seguir, ainda outro prato de legumes, carne de aves frita, uma sobremesa austríaca, em nada inferior à da véspera, e por fim queijo e frutas. Cada prato era servido duas vezes, e não era à toa. Em toda parte, nas sete mesas, viam-se pratos cheios; reinava naquela sala um apetite voraz, uma fome de lobo, que seria um prazer observar, se ela não produzisse, ao mesmo tempo, uma impressão de certo modo sinistra e até repulsiva. Não somente as pessoas bem-humoradas manifestavam esse apetite, aquelas que tagarelavam e se

atiravam bolinhas de pão, mas também as taciturnas e sombrias, que, nos intervalos entre os diferentes pratos, apoiavam a cabeça nas mãos e fitavam o vazio. Um adolescente na mesa vizinha da esquerda, um colegial, segundo parecia, com mangas muito curtas e óculos redondos de grossas lentes, cortava em pedacinhos tudo quanto se amontoava no seu prato, transformando-o numa papa informe; depois se inclinava para a frente e devorava a comida, passando o guardanapo de vez em vez por baixo dos óculos, para enxugar não se sabia o quê, lágrimas ou gotas de suor.

Dois incidentes ocorreram durante o almoço, despertando a atenção de Hans Castorp, na medida em que seu estado permitia. Primeiramente, a porta envidraçada tornou a fechar-se com estrondo; foi quando comiam o peixe. Hans Castorp sobressaltou-se, irritado, e na sua cólera veemente disse de si para si que desta vez era necessário descobrir o culpado. Não se limitou a pensar nisso intimamente, mas também formou as palavras com os lábios, por tomar muito a sério o incidente. “Eu tenho que saber!” foi o que ele murmurou com uma indignação de tal modo exagerada que tanto Miss Robinson como a professora o olharam, pasmadas. Com essas palavras voltou-se para a esquerda e arregalou os olhos injetados.

Foi uma senhora quem atravessou a sala, uma mulher, uma moça jovem, melhor dizendo, de estatura apenas média, vestida de suéter branco e saia colorida, com cabelos louro-avermelhados, que ela usava simplesmente numa trança enrolada em volta da cabeça. Hans Castorp mal pôde entrever-lhe uma parte do perfil, quase nada. Ela caminhou sem ruído, o que criou um estranho contraste com sua entrada barulhenta; caminhou de um modo furtivo e peculiar, com a cabeça levemente avançada, até a última mesa à esquerda, a mesa dos “russos distintos”, perpendicular ao avarandado. Uma das mãos ela manteve no bolso da jaqueta de lã muito justa, e a outra, no entanto,

levou à nuca, apoiando e arranjando o cabelo. Hans Castorp olhou essa mão — entendia de mãos e lhes devotava atenção muito crítica, tendo o hábito de examinar, antes de mais nada, essa parte do corpo das pessoas com quem travava conhecimento. Não era propriamente feminina a mão que arrumava os cabelos; não oferecia aquele aspecto cuidado e refinado que costumavam ter as mãos das damas da esfera social de Hans Castorp. Bastante larga, de dedos curtos, tinha algo de primitivo, de infantil, que lembrava a mão de uma colegial. As unhas, evidentemente, ignoravam a manicure; estavam aparadas de maneira tosca, também de colegial, e a pele, nas bordas, parecia um tanto áspera, como a de quem tivesse o vício de roer as unhas. Hans Castorp notou tudo isso mais por adivinhação do que pelos olhos, pois a distância era demasiadamente grande. A moça retardatária cumprimentou com um aceno de cabeça os companheiros de mesa e, dando as costas à sala, sentou-se ao lado do dr. Krokowski, que presidia àquela mesa. Depois, ainda segurando os cabelos com a mão, lançou por sobre o ombro um olhar ao público — o que permitiu a Hans Castorp vislumbrar-lhe as maçãs salientes e os olhos rasgados… Uma recordação vaga, ele não sabia de que nem de quem, assaltou-o leve e passageiramente ao ver esse rosto…

“Uma fêmea, naturalmente!”, pensou Hans Castorp, e mais uma vez lhe aconteceu articular as palavras, de modo que a professora, srta. Engelhart, pôde entender o que ele disse. A solteirona esguia deu um sorriso indulgente.

— É madame Chauchat — disse. — Ela é tão lassa. Uma mulher encantadora. — E logo se intensificou o rubor aveludado das faces da srta. Engelhart, coisa que sempre se dava quando ela abria a boca.

— Francesa? — perguntou Hans Castorp com severidade.

— Não, russa — respondeu a srta. Engelhart. — Pode ser que o marido seja francês ou de origem francesa. Não tenho certeza.

— Seria *aquele* ali? — indagou Hans Castorp, ainda

irritado, e apontou para um senhor de ombros caídos, que se achava à mesa dos “russos distintos”.

— Oh, não, ele não se encontraria aqui — tornou a professora. —Jamais teria estado aqui, e seria totalmente desconhecido.

— Ela deveria fechar a porta com mais cuidado! — disse Hans Castorp. — Sempre bate com a porta. É uma falta de educação.

A professora aceitou a censura com um sorriso humilde, como se ela própria fosse a culpada, e assim deixaram de falar em madame Chauchat.

O segundo incidente consistiu na temporária ausência do dr. Blumenkohl. Foi isso e nada mais. De repente, acentuou-se a expressão levemente enojada do seu rosto, ele cravou o olhar no vazio com mais preocupação que em geral, afastou a cadeira com um movimento discreto e saiu. Foi quando a imensa boçalidade da sra. Stöhr manifestou-se em toda sua crueza; pois a vil satisfação que provavelmente lhe causava o fato de estar menos enferma que Blumenkohl levou-a a acompanhar-lhe a saída com comentários mesclados de compaixão e desdém.

— Pobre coitado! — disse ela. — Está com os pés na cova. Já precisa conversar de novo com o Joãozinho Azul. — Sem o menor pejo, e arvorando uma fisionomia de obstinada tolice, proferiu a denominação burlesca “Joãozinho Azul”, e Hans Castorp, ao ouvi-la, experimentou uma mescla de horror e vontade de rir. Pouco tempo depois, o dr. Blumenkohl retornou, na mesma atitude discreta como saíra. Sentou-se novamente e prosseguiu na refeição. Também ele comia muito; serviu-se duas vezes de cada prato, taciturno, com expressão tristonha e fechada.

Finalmente, o almoço chegou ao fim. Graças ao serviço atencioso — a anã era em especial um ser excepcionalmente rápido — durara apenas uma hora. Ofegante, sem saber como subira, Hans Castorp viu-se mais uma vez na magnífica espreguiçadeira da sua sacada. O repouso após o

almoço prolongava-se até a hora do chá, sendo considerado o mais importante, e por isso observado com todo o rigor. Entre as divisões de vidro opaco que o separavam de Joachim, de um lado, e do casal russo, do outro, Hans Castorp permaneceu estendido, modorrando, a respirar pela boca, enquanto seu coração martelava. Quando fez uso do lenço, notou nele manchas de sangue, mas não teve forças para refletir a esse respeito, apesar de ser muito impressionável e se inclinar, por natureza, para preocupações hipocondríacas. Tornara a acender um Maria Mancini, e dessa vez fumou o charuto até o fim, fosse como fosse seu sabor. Entre tonto, angustiado e cismarento, analisou as coisas estranhas que lhe aconteceram aqui em cima. Duas ou três vezes seu peito foi sacudido por uma risada interior, ao relembrar a expressão abominável que empregara, na sua boçalidade, a sra. Stöhr.

No jardim, lá embaixo, a brisa levantava de vez em quando a bandeira adornada de um caduceu. O céu voltara a nublar-se em toda parte. Desapareceu o sol, e quase imediatamente surgiu um frio pouco hospitaleiro. O alpendre de repouso parecia estar cheio; ouviam-se conversas e risos abafados.

— Pelo amor de Deus, sr. Albin, guarde essa faca. Pode acontecer uma desgraça! — lamentou-se uma voz aguda, suplicante, de mulher.

— Meu caro sr. Albin, por favor, tenha consideração pelos nossos nervos e afaste essa arma homicida! — interveio outra. Ao que um jovem louro, sentado na borda da primeira espreguiçadeira com um cigarro na boca, retrucou em tom insolente:

— Nem penso nisso! Será que as senhoras não me permitem brincar com a minha faca? Não nego que é uma faca muito bem afiada. Comprei-a em Calcutá, de um faquir cego. O homem era capaz de engoli-la, e logo depois o seu boy ia desenterrá-la a uns cinquenta passos de distância… Querem ver? Corta melhor que uma navalha. Basta tocar no gume, e a carne se abre que nem manteiga. Esperem, vou mostrá-la de perto… — O sr. Albin levantou-se. Houve gritos estridentes. — Não? Nesse caso vou buscar meu revólver — continuou ele. — Talvez seja mais interessante para as senhoras. É formidável. Tem uma força de percussão que nem imaginam… Vou buscá-lo no meu quarto.

— Sr. Albin, sr. Albin, não faça isso! — imploraram várias vozes. Mas o sr. Albin já saíra do alpendre para subir ao quarto. Era muito jovem, com movimentos desengonçados, e tinha uma cara rosada, de criança, ornada de pequenas suíças.

— Sr. Albin! — gritou uma senhora atrás dele. — Seria melhor buscar um sobretudo. Ponha um sobretudo, faça o favor! O senhor passou seis semanas na cama, com

pneumonia, e agora fica sentado aqui, sem se agasalhar, e ainda fuma cigarros! Palavra de honra, sr. Albin, isso é tentar a Deus.

Mas ele se limitou a um riso sarcástico e foi-se embora. Poucos minutos após, já estava de volta com o revólver na mão, para desenfrear uma gritaria ainda mais idiota que a anterior. Ouviu-se como algumas dentre as senhoras, levantando-se de um pulo, tropeçaram no cobertor e caíram no chão.

— Vejam só como é pequeno e lustroso — disse o sr. Albin. — Mas ele morde, quando aperto aqui… — Nova gritaria. — Claro que está carregado — acrescentou o sr. Albin. — Há seis balas no cilindro, que gira a cada disparo… Aliás, não comprei este negócio para brincadeira — concluiu, ao notar que o efeito das suas palavras diminuía. Enfiou o revólver no bolso do paletó, tornou a sentar-se, cruzando as pernas, e acendeu novo cigarro. — Absolutamente, não é para brincadeira — repetiu, cerrando os lábios.

— Mas, para quê? Para quê, então? — perguntaram algumas vozes trêmulas de pressentimento.

— Que horror! — exclamou de repente uma das senhoras, e o sr. Albin sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Vejo que as senhoras começam a compreender — disse. — Com efeito, é para isso que ando com ele — continuou num tom displicente, depois de ter tirado uma longa tragada do cigarro, não obstante a pneumonia recém-vencida. — Conservo-o preparado para o dia em que esta coisa aqui começar a me aborrecer muito, e então terei a honra de uma despedida digna. É muito simples. Gastei algum tempo em estudar o assunto e sei como liquidar melhor. — A palavra “liquidar” provocou um grito de susto. — O coração não interessa. É um alvo incômodo… Além disso prefiro extinguir a consciência no seu próprio centro, enxertando um corpo estranho bem engraçadinho neste órgão interessante… — E o sr. Albin mostrou com o indicador o crânio coberto de cabelos louros, aparados rente. — Deve-se apontar para aqui

— com essas palavras, o sr. Albin voltou a tirar do bolso o revólver niquelado e bateu com o cano na fronte —, aqui, em cima da artéria... É um processo facílimo, até sem espelho...

Ouviram-se muitas vozes de insistente protesto, às quais se misturou ainda um violento soluço.

— Sr. Albin, sr. Albin, tire esse revólver da fronte, guarde o revólver! Não posso ver uma coisa dessas! Sr. Albin, o senhor é moço, vai recuperar a saúde, voltará à vida e terá uma grande carreira pela frente; garanto-lhe! Bote o sobretudo, deite-se na espreguiçadeira, agasalhe-se bem e continue com o seu tratamento! Não mande o massagista embora, como fez da outra vez, quando ele veio esfregá-lo com álcool. E por amor à sua vida, sua jovem e preciosa vida, sr. Albin, atenda ao nosso conselho: abandone os cigarros!

Mas o sr. Albin mostrou-se inexorável:

— Não e não! — disse ele. — Não insistam comigo. Está bem. Agradeço-lhes sua bondade. Nunca neguei algo a uma senhora, mas deve-se compreender que é inútil procurar deter a roda do destino. Faz mais de dois anos que vivo aqui... Estou farto e vou sair do jogo. Que mal há nisso? Incurável, minhas senhoras! Olhem o homem que aqui está à sua frente; é um caso incurável. O próprio dr. Behrens já não disfarça essa sua opinião, nem para guardar as aparências. Então me concedam a pequena liberdade que para mim resulta desse fato! É como no ginásio, quando se decidia que alguém levava bomba e tinha que repetir o ano. Deixavam então de examiná-lo, e ele não precisava mais trabalhar. Eu cheguei definitivamente a essa situação feliz. Nada mais preciso fazer; não entro mais no balanço; posso me rir de tudo... Querem chocolate? Sirvam-se. Não, minhas senhoras, não me privem de nada. Tenho montões de chocolate no meu quarto; oito caixas de bombons, cinco barras de Gala-Peter e dois quilos de chocolate Lind. Tudo isto me mandaram as senhoras do sanatório durante a

minha pneumonia...

Em algum lugar, uma voz de contrabaixo reclamou silêncio. O sr. Albin deu uma rápida risada: era um riso trêmulo, abrupto... Depois se fez silêncio no alpendre de repouso, um silêncio tão completo, como se uma miragem ou fantasmagoria se tivesse sumido; e de um modo estranho pareceram continuar ecoando as palavras pronunciadas há pouco. Hans Castorp ficou a escutar, até que o último ruído houvesse cessado, e, conquanto tivesse a impressão de que o sr. Albin era um fantoche, não pôde deixar de sentir certa inveja. Principalmente aquela comparação tirada da vida escolar causara-lhe viva impressão, já que ele mesmo tivera que repetir o sexto ano do ginásio e ainda se lembrava muito bem daquela situação decerto um pouco ignominiosa, mas também cômica e agradavelmente desembaraçada, que desfrutara durante o último trimestre, quando deixara de se esforçar e pudera “rir-se de tudo”. Não é fácil precisar seus pensamentos, visto serem obscuros e confusos, contudo pareceu-lhe, em suma, que a honra oferecia consideráveis vantagens, mas que a vergonha não as tinha menores, e que as vantagens desta última eram quase ilimitadas. Enquanto a título de experiência ele se colocou na situação do sr. Albin e imaginou para si o que significaria ver-se definitivamente livre da pressão da honra e gozar para sempre as imensas vantagens da vergonha, uma sensação de gozo dissoluto o assustou e imprimiu às batidas do coração desse homem jovem, por alguns instantes, um ritmo ainda mais acelerado.

Depois perdeu a consciência. De acordo com seu relógio de bolso eram três e meia quando o despertou uma conversa atrás da divisória de vidro do lado esquerdo. O dr. Krokowski, que a essa hora fazia a ronda sem o acompanhamento do conselheiro áulico, falava em russo com o casal mal-educado. Informava-se, como parecia, a respeito do estado do marido e pediu que lhe mostrassem a papeleta da temperatura. Depois prosseguiu na ronda, sem, no entanto, tomar o caminho ao longo da sacada, evitando o compartimento de Hans Castorp e dando uma volta pelo corredor, a fim de entrar pela porta no quarto de Joachim. Hans Castorp sentiu-se um tanto melindrado pelo fato de se ver contornado dessa maneira, se bem que não desejasse de modo algum uma entrevista a sós com o dr. Krokowski. Sem dúvida, estava bem de saúde e não entrava em conta; pois, aqui em cima, pensou ele, estabelecera-se o princípio de não se ver considerado nem despertar interesse quem tivesse a honra de estar são; e isso não deixou de agastar o jovem Castorp.

Após ter passado uns dois ou três minutos no quarto de Joachim, o dr. Krokowski continuou seu caminho, ao longo da sacada. Hans Castorp ouviu o primo dizer-lhe que estava na hora de se levantar e de preparar-se para o chá da tarde.

— Está bem — respondeu e ergueu-se. Mas sentiu-se tonto, por ter permanecido deitado durante tanto tempo. Ao invés de refrescá-lo, a modorra de novo lhe provocara aquele ardor penoso das faces, ao passo que o resto do corpo estava arrepiado, talvez porque não se agasalhara suficientemente.

Lavou os olhos e as mãos; pôs em ordem os cabelos e as roupas, e foi encontrar-se com Joachim, no corredor.

— Você ouviu esse sr. Albin? — perguntou, enquanto desciam pela escada.

— Claro — replicou Joachim. — Deveriam ensinar disciplina a esse sujeito. Perturbou o repouso da tarde com o seu palavrório e excitou as senhoras de tal maneira que lhes retardou a cura por semanas inteiras. É caso muito grave de insubordinação. Mas quem vai denunciá-lo? Ademais, esse tipo de conversa costuma ser bem recebido pela maioria, pois serve de distração.

— Você acha possível — indagou Hans Castorp — que ele ponha em prática aquele “processo facílimo”, como o chama, e enxerte em si um “corpo estranho”?

— Por que não? — respondeu Joachim. — Impossível não é. Essas coisas acontecem aqui. Dois meses antes da minha chegada, um estudante, que estava no sanatório havia muito tempo, enforcou-se na floresta, logo depois de um exame geral. Nos primeiros dias da minha estada, falavam muito do incidente.

Hans Castorp bocejou nervosamente.

— Hum! Não me sinto bem entre vocês — declarou. — Francamente, talvez nem possa ficar aqui, sabe, e me veja obrigado a partir. Você não me levaria a mal?

— Partir? Que ideia é essa? — gritou Joachim. — Tolice! Mal acaba de chegar. Como quer formar uma opinião logo no primeiro dia?

— Meu Deus! É ainda o primeiro dia? Já me parece que estou aqui há muito, muito tempo…

— Por favor, não volte a filosofar sobre o tempo! — disse Joachim. — Hoje de manhã me deixou todo confuso.

— Não se preocupe, já esqueci tudo — tornou Hans Castorp. — O complexo todo. Já não tenho sutileza alguma na cabeça, passou… E então, agora haverá chá?

— Sim, e depois caminharemos até o mesmo banco da manhã.

— Se Deus quiser. Tomara que a gente não encontre o Settembrini. Sou incapaz de tomar parte numa conversa erudita; já deixo avisado.

Na sala de refeições, serviram-se todas as bebidas

adequadas à hora. Miss Robinson tomou novamente seu chá de roseira brava, vermelho como sangue, enquanto a sobrinha engolia colheradas de iogurte. Além disso havia leite, chá, café, chocolate e mesmo caldo de carne. Por toda parte os hóspedes, que haviam ficado duas horas deitados após o reforçado almoço, acharam-se ocupados em passar manteiga em grandes fatias de pão doce com passas.

Hans Castorp pediu chá e embebeu nele um biscoito. Experimentou também um pouco de geleia. Examinou atentamente o pão doce com passas, mas estremeceu diante da ideia de comer aquilo. Mais uma vez — a quarta — achava-se sentado em seu lugar, na sala das sete mesas, com a abóbada de cores singelas. E um pouco mais tarde, às sete horas, encontrava-se ali pela quinta vez, por ocasião do jantar. O intervalo, curto e insignificante, fora preenchido por um passeio até aquele banco encostado na vertente da montanha, próximo do curso d'água — pelo caminho que a essa hora estava muito frequentado por pensionistas, de maneira que os dois primos tiveram de cumprimentar muita gente —, e por um repouso na sacada, ao longo de uma hora e meia. Nesse tempo fugaz e pouco substancial Hans Castorp não parou de tremer de frio.

Para o jantar, vestiu-se com grande cuidado e então, sentado entre Miss Robinson e a professora, comeu sopa Julienne, carne assada e frita, com acompanhamentos, dois pedaços de um bolo que continha simplesmente tudo: massa de amêndoa, creme de manteiga, chocolate, recheio de frutas e maçapão, bem como pão integral com um queijo excelente. Novamente mandou vir uma garrafa de cerveja de Kulmbach. Mas, após ter bebido metade do copo, percebeu nitidamente que o lugar que lhe convinha era a cama. A cabeça lhe zunia; suas pálpebras pesavam feito chumbo; o coração batia qual um pequeno címbalo; e, para aumentar a sua tortura, imaginava que a bela Marúsia, que, inclinando-se para a frente, escondia o rosto na mão adornada com o rubi, estava se rindo à custa *dele*, se bem

que ele tivesse feito todos os esforços para não lhe dar motivos. Como de muito distante ouviu também a sra. Stöhr contar ou afirmar alguma coisa que lhe parecia a tal ponto disparatada que já não atinava com certeza se o seu ouvido o enganava ou se, porventura, as palavras da sra. Stöhr se convertiam em absurdos no seu próprio cérebro. Afirmava ela saber preparar vinte e oito diferentes espécies de molho para peixe, e ter a coragem de se gabar desses conhecimentos, ainda que seu marido lhe tivesse desaconselhado mencioná-los. “Não fale nisso!”, ele teria dito. “Ninguém vai acreditar, e quem acreditar achará a coisa ridícula!” E no entanto ela queria quebrar o silêncio e professar abertamente que era de fato capaz de preparar vinte e oito espécies de molhos para peixe. Isso pareceu pavoroso ao pobre Hans Castorp. Espantou-se, levou a mão à testa e esqueceu-se por completo de mastigar e deglutir o que tinha na boca, um bocado de queijo Chester com pão integral. E assim foi até todos se levantarem da mesa, e ele ainda com aquilo na boca.

Saíram pela porta envidraçada da esquerda, aquela porta infeliz que sempre se fechava com estrondo e dava diretamente para o vestíbulo. Quase todos os pensionistas tomaram esse caminho. Parecia que era costume realizar, após o jantar, uma espécie de reunião no vestíbulo e nos salões adjacentes. A maioria dos pacientes mantinha-se de pé, conversando em pequenos grupos. Em torno de duas mesas dobradiças, forradas de verde, estavam a jogar, numa o dominó e noutra o bridge; deste último jogo participavam somente pessoas jovens, entre elas o sr. Albin e Hermine Kleefeld. No primeiro salão havia alguns aparelhos ópticos, destinados a divertir os hóspedes: um estereoscópio, através de cujas lentes se enxergavam fotografias colocadas no seu interior, como, por exemplo, um gondoleiro veneziano de uma plasticidade rígida e sem vida; em segundo lugar um caleidoscópio em forma de óculo, a cuja lente se apoiava a vista, enquanto se acionava devagar uma roda dentada, a

fim de desencadear uma fantasmagoria multicor e sempre variada, de estrelas e arabescos; e, finalmente, um tambor giratório, no qual eram introduzidas fitas cinematográficas, e por cujas fendas, abertas aos lados, podia-se ver um moleiro brigando com um limpa-chaminés, um mestre-escola a castigar um menino, um funâmbulo que dava saltos e um casal de camponios a dançar uma tirolesa. Hans Castorp, com as mãos frias repousando nas coxas, olhou demoradamente todos esses aparelhos. Também se deteve por alguns instantes nas proximidades da mesa de bridge, onde o incurável sr. Albin, crispando desdenhosamente os lábios, manejava as cartas com os movimentos displicentes de um homem mundano. Num ângulo da sala estava sentado o dr. Krokowski, a dirigir palavras animadas e cordiais a um semicírculo de senhoras, do qual faziam parte a sra. Stöhr, a sra. Iltis e a srta. Levi. O pessoal da mesa dos “russos distintos” retirara-se ao pequeno salão adjacente, separado da sala de jogos por uma simples cortina, e constituía ali uma panelinha íntima. Além de madame Chauchat havia ali: um cavalheiro lasso, de barba loura, tórax côncavo e olhos esbugalhados; uma jovem muito morena, de um tipo original e humorístico, com brincos de ouro e cabelos lanosos despenteados; ademais, o dr. Blumenkohl, que se uniu a eles, e ainda dois rapazes de ombros caídos. Madame Chauchat trajava vestido azul com gola de renda branca. Sentada no sofá, atrás da mesa redonda, no fundo do pequeno aposento, formava o centro do grupo. Tinha o rosto voltado para a sala de jogos. Incapaz de contemplar sem reprovação aquela mulher mal-educada, Hans Castorp pensava de si para si: “Ela me lembra algo, mas não sei dizer o quê…”. Um indivíduo alto, de uns trinta anos, e cujos cabelos já começavam a tornar-se ralos, tocou três vezes seguidas no pequeno piano castanho a “Marcha nupcial” do *Sonho de uma noite de verão*, e a pedido de algumas senhoras reiniciou pela quarta vez a peça melodiosa, depois de ter fixado profunda e silenciosamente

os olhos de cada uma delas.

— É permitido perguntar como o senhor se sente, Engenheiro? — perguntou Settembrini, o qual, mãos nos bolsos, flanara entre os hóspedes e agora se aproximava de Hans Castorp. Ainda trazia aquele paletó de tecido cinzento parecido com burel, e as calças claras, enxadrezadas. Sorriu ao dirigir-se a Hans Castorp, que de novo se sentiu como que desembriagado à vista desses lábios finos, contraídos numa expressão zombeteira, sob a curva do negro bigode. Mesmo assim tinha a boca semiaberta, enquanto os seus olhos injetados fixavam o italiano com um olhar bastante estúpido.

— Ah! É o senhor? — disse. — O senhor do passeio da manhã, aquele do banco lá em cima, perto do curso d'água... Claro, logo o reconheci. O senhor acredita — continuou, embora sabendo que não devia dizer uma coisa dessas — que no primeiro momento tomei-o por um tocador de realejo?... Foi uma ideia absurda, naturalmente — acrescentou, ao notar que o olhar de Settembrini assumira um caráter frio e perscrutador —, uma bobagem, eis a palavra: uma bobagem sem tamanho. Ainda não posso compreender por que cargas-d'água eu...

— Fique tranquilo, não faz mal algum — replicou Settembrini, após um instante de silêncio, durante o qual apenas contemplara o jovem. — E como o senhor passou o dia de hoje, o primeiro dia da sua estada neste sítio de prazeres?

— Obrigado por perguntar. Passei o dia conforme o regulamento — respondeu Hans Castorp. — Sobretudo "à maneira horizontal", como o senhor prefere dizer.

Settembrini esboçou um sorriso.

— Pode ser que me tenha expressado dessa forma, ocasionalmente — disse então. — Pois é, e achou divertido esse modo de viver?

— Divertido ou aborrecido, como queira... — tornou Hans Castorp. — Isso às vezes é difícil de distinguir, sabe? Não

cheguei a me aborrecer, absolutamente; para isso o ambiente de vocês aqui em cima é animado demais. A gente vê e ouve tanta coisa nova e estranha… Contudo, tenho a impressão de não estar aqui há apenas um dia, mas já faz muito tempo; e até me parece que fiquei mais velho e mais inteligente.

— Mais inteligente também? — perguntou Settembrini, alçando os sobrolhos. — Permita a pergunta: quantos anos o senhor tem?

Mas veja só, Hans Castorp não sabia! Não podia, nesse instante, recordar a sua idade, apesar dos esforços violentos, quase desesperados, que fazia para se lembrar. A fim de ganhar tempo, esperou até que a pergunta fosse repetida, e depois respondeu:

— Eu? Quantos anos? Estou no vigésimo quarto ano da minha vida. Em breve vou fazer vinte e quatro. Mas desculpe, que estou cansadíssimo — ele disse. — E cansaço ainda não é a expressão certa para falar do meu estado. O senhor conhece essa sensação de sonhar e de saber que se sonha, de querer despertar e não conseguir? É justamente o que se passa comigo. Tenho certeza de ter febre. Não há outra explicação. O senhor acredita que ando com os pés frios até os joelhos? Se bem que os joelhos não façam parte dos pés… Perdão, estou totalmente confuso, e isso não é de admirar, quando a gente já de manhã cedo ouve assobios do… do pneumotórax e depois tem de escutar o palavrório do sr. Albin, e ainda numa posição horizontal. Imagine, não posso me livrar da ideia de que os meus cinco sentidos não merecem confiança, e isso me incomoda ainda mais que o ardor do rosto e os pés frios. O senhor me diga com toda a franqueza: acha possível que a sra. Stöhr saiba preparar vinte e oito molhos para peixe? Não quero saber se ela é de fato capaz de prepará-los — isso me parece impossível —, mas se ela realmente afirmou uma coisa dessas durante o jantar, ou se fui só eu que tive a impressão…

Settembrini ficou olhando para ele. Parecia não ter

prestado atenção. Novamente os seus olhos haviam se “cravado no vazio”, tomando rumo fixo e cego, e, como fizera no passeio da manhã, disse três vezes, num tom irônico e pensativo, “sim, sim, sim” e “veja só, veja só, veja só”, sempre sibilando o “s”.

— Vinte e quatro, disse o senhor? — perguntou então…

— Não, vinte e oito! — insistiu Hans Castorp. — Vinte e oito molhos para peixe! Não molhos quaisquer, mas molhos especiais para peixe; isso é que me parece assombroso.

— Engenheiro! — disse Settembrini, entre irado e exortador. — Trate de se dominar, e me deixe em paz com esses absurdos. Nada sei dessas coisas, nem quero saber. Está no vigésimo quarto ano de vida, disse o senhor? Hum… Permita-me mais uma pergunta, ou uma sugestão despretensiosa, se preferir. Uma vez que a estada aqui parece não lhe convir, uma vez que não se sente bem no nosso meio, nem física nem psiquicamente, se não muito me engano… que acha o senhor de renunciar a tornar-se mais velho nestas paragens? Em suma: que tal se ainda esta noite preparasse suas malas e aproveitasse o trem de amanhã para pôr-se a caminho e safar-se daqui?

— O senhor pensa que eu deva partir? — perguntou Hans Castorp… — Se mal acabo de chegar? Não, não mesmo, não posso ter opinião formada logo no primeiro dia!

Ao proferir essas palavras, lançou casualmente um olhar para a sala vizinha, onde viu a sra. Chauchat de frente, seu rosto de largas maçãs e olhos oblíquos. “O que ela me lembra? E quem, neste mundo inteiro?”, ele pensou. Mas sua cabeça exausta, apesar de todo o esforço, foi incapaz de encontrar a resposta.

— Naturalmente, não é fácil para mim aclimatar-me aqui em cima com vocês — continuou —, mas isso era de prever, e se eu logo abandonasse o posto, só por sentir durante alguns dias um pouco de calor e de tonturas, teria vergonha de mim e me julgaria covarde. Isso seria contrário a toda razão… Senão, diga o senhor mesmo…

De repente entrou a falar com grande ênfase e com movimentos vivos dos ombros, parecendo querer convencer o italiano a retirar formalmente a sugestão que fizera.

— Inclino-me diante da razão — respondeu Settembrini. — Inclino-me também diante da coragem. O que o senhor disse não soa mal. Seria difícil opor-lhe um argumento sólido. Além disso, já observei alguns belíssimos casos de aclimatação. Houve no ano passado, a srta. Kneifer, Ottilie Kneifer, moça de boa família, filha de um alto funcionário do Estado. Esteve aqui cerca de um ano e meio e habituara-se de tal modo ao ambiente que por coisa alguma quis ir embora quando a sua saúde se restabeleceu por completo. (Pois isso também acontece, há gente que se cura aqui em cima.) Bem, ela suplicou ao dr. Behrens, fervorosamente, que lhe permitisse ficar. Não queria nem podia voltar para a sua terra. Aqui se sentia em casa, aqui estava feliz. Mas, como houvesse muitos pedidos e se precisasse do quarto dela, seus rogos foram em vão, e insistiram em dar-lhe alta como curada. E Ottilie começou a ter muita febre, sua curva subiu muito. Contudo, foi desmascarada quando lhe substituíram o termômetro por uma "irmã muda". O senhor ainda não sabe o que isso significa? É um termômetro sem escala que o médico controla pessoalmente, medindo a coluna de mercúrio e inscrevendo a temperatura na papeleta. Ottilie tinha 36,9; sim senhor, não tinha febre. Então tomou um banho no lago; era em princípios de maio, e de noite havia geadas. A água do lago não estava propriamente a zero, mas somente alguns graus acima disso. Ottilie passou um bom tempo na água, para contrair essa ou aquela doença. Mas, e o resultado? Continuou perfeitamente boa. Despediu-se desolada, inacessível ao consolo dos pais. "Que vou fazer lá embaixo?", gritou uma e outra vez. "Meu lar é aqui!" Não sei que fim ela levou… Mas tenho a impressão de que o senhor não me presta atenção, Engenheiro. Parece que lhe custa manter-se de pé, se não me engano. Tenente, aqui lhe entrego seu primo — disse

voltando-se para Joachim, que nesse instante se aproximava. — Ponha-o na cama. Ele reúne em si razão e coragem, mas esta noite anda meio débil.

— Não, senhor, entendi tudo, realmente — afirmou Hans Castorp. — A “irmã muda” é apenas uma coluna de mercúrio, totalmente sem escala. Está vendo que compreendi muito bem. — Mesmo assim entrou no elevador, com Joachim e mais alguns outros pensionistas. Terminara o convívio social e cada um dispersou-se em busca das sacadas ou dos alpendres para o repouso noturno. Hans Castorp acompanhou Joachim até o quarto. O chão do corredor, com a passadeira de palha de coqueiro, executava sob os seus pés movimentos suavemente ondulantes, mas que não o incomodavam. Sentou-se na grande espreguiçadeira de Joachim, de forro florido — outra igual achava-se no seu próprio aposento — e acendeu um Maria Mancini. Achou-o com sabor de cola, carvão e outras coisas, menos o que deveria ter; apesar disso, continuou a fumá-lo, e ao mesmo tempo observou como Joachim se arrumou para o repouso: o primo vestiu uma jaqueta de usar em casa, mas de talhe militar prussiano, e por cima um velho sobretudo, depois foi à sacada com a lâmpada do criado-mudo e o manual de russo na mão, acendeu a lâmpada e, com o termômetro na boca, deitou-se na espreguiçadeira, onde com surpreendente habilidade começou a envolver-se em dois grandes cobertores de lã de camelo que se achavam estendidos na cadeira. Hans Castorp contemplou com sincera admiração aqueles movimentos destros. Joachim jogou os cobertores, um após outro, por cima de si, primeiro pela esquerda, cobrindo-se até a axila, depois por baixo, sobre os pés, e por fim pela direita, até formar uma espécie de pacote perfeitamente simétrico e liso, do qual saíam apenas a cabeça, os ombros e os braços.

— É formidável como você faz isso! — disse Hans Castorp.

— É questão de prática — respondeu Joachim, falando com o termômetro preso entre os dentes. — Você também vai

aprender. Amanhã, sem falta, teremos de comprar alguns cobertores para você. Serão úteis também lá embaixo, e aqui são indispensáveis, sobretudo para você, que não tem saco de peles.

— Mas não tenciono deitar-me na sacada de noite — declarou Hans Castorp. — Isso eu não farei, posso garantir desde já. Eu me sentiria ridículo. Tudo tem limites. Além disso, me parece preciso acentuar, num ou noutro ponto, que estou apenas de visita a vocês aqui em cima. Vou ficar ainda alguns instantes com você e fumar um charuto, como de costume. Ele tem um sabor infame, mas eu sei que é de boa qualidade; e isso terá sido o bastante para hoje. Daqui a pouco serão nove horas, mas nem sequer são nove horas, infelizmente. Quando, porém, forem nove e meia, aí já será tarde o bastante para a gente se recolher em um horário mais ou menos normal.

De repente sentiu um calafrio — primeiro um, e logo depois diversos outros, em rápida sequência. Hans Castorp levantou-se de um pulo e correu para o termômetro suspenso na parede, como se se tratasse de apanhá-lo em flagrante delito. Segundo a escala de Réaumur fazia nove graus no quarto. Hans Castorp apalpou o radiador e verificou que estava frio e apagado. Resmungou palavras confusas, cujo conteúdo aproximado era que, embora estivessem em agosto, era uma vergonha não se acender a calefação; pois o que importava não era o nome do mês, mas a temperatura reinante, e esta era de um frio de rachar. Mas nas suas faces continuava o ardor. Ele voltou a sentar-se, pôs-se novamente de pé, e em voz baixa pediu licença para tomar o cobertor da cama de Joachim. Instalado na poltrona, cobriu-se com ele, dos quadris para baixo. Assim permaneceu, ao mesmo tempo ardendo e tiritando, a torturar-se com o charuto de gosto asqueroso. Invadiu-o uma intensa sensação de miséria, como se nunca na vida ele se tivesse sentido tão mal quanto naquele momento. “Que coisa miserável!”, murmurou. Em seguida, porém, achou-se de repente tomado

por uma estranha e exuberante sensação de alegria e esperança, e, depois de tê-la experimentado, quedou-se a esperar que ela se reproduzisse. Mas isso não se deu, e o que lhe restou foi apenas a miséria. Finalmente se levantou, atirou o cobertor de Joachim sobre a cama, cochichou de boca crispada qualquer coisa parecida com “Boa noite!” e “Veja se não morre de frio!” e “Na hora do café você me busca, sim?”, e então, cambaleando, atravessou o corredor, em busca do seu quarto.

Ao despir-se, começou a cantarolar, mas não de alegria. Mecanicamente, sem prestar atenção, desempenhou-se das pequenas funções e obrigações da higiene noturna de um homem civilizado; pingou no copo umas gotas de um dentifrício vermelho, contido num frasco de viagem, e gargarejou discretamente; lavou as mãos com um sabonete de violeta, suave e de excelente qualidade, e pôs a camisola de cambraia, em cujo bolsinho se viam bordadas as iniciais HC. Feito isso, meteu-se na cama e apagou a luz, enquanto deixava cair a cabeça quente e agitada sobre o travesseiro de morte da americana.

Esperara com a mais absoluta certeza mergulhar sem demora no sono, mas verificou que se enganara, e as mesmas pálpebras que pouco antes tivera tanto trabalho de manter abertas não queriam agora permanecer fechadas e abriam-se, latejando irrequietamente, logo que tentava cerrá-las. “Ainda não é a hora em que costumo dormir”, disse de si para si. “Além disso passei muito tempo deitado durante o dia.” Lá fora, alguém parecia bater um tapete — coisa pouco verossímil, e que em realidade não se dava; evidenciou-se que eram as palpitações do seu próprio coração, que Hans Castorp ouvia fora de si, ao longe, exatamente como se um tapete fosse tratado com um batedor de junco.

O quarto não estava completamente escuro. Pela porta aberta da sacada entrava a luz das lampadazinhas acesas nos compartimentos externos, de Joachim e do casal da

mesa dos “russos ordinários”. E, enquanto Hans Castorp estava deitado de costas e com as pálpebras a piscar, renovou-se nele uma impressão toda especial que recebera durante o dia, uma observação que logo procurara esquecer, por terror e delicadeza. Tornou a ver aquela expressão que assumira o rosto de Joachim quando se falou de Marúsia e suas qualidades físicas — essa contração da boca, particularmente lastimável, acompanhada do palor salpicado de manchas em suas faces bronzeadas. Hans Castorp compreendeu o que aquilo significava; compreendeu-o e discerniu-o de uma forma nova, tão profunda e tão íntima que o batedor de junco, lá fora, redobrou a velocidade e o vigor dos seus golpes e quase abafou os sons de uma serenata que vinham de Davos-Platz. Pois já havia outro concerto naquele hotel lá de baixo; uma melodia simétrica e barata de opereta ressoava através das trevas, e Hans Castorp pôs-se a assobiá-la num cicio — pode-se muito bem assobiar num cicio —, enquanto marcava o ritmo com os pés frios debaixo do acolchoado de penas.

Está visto que esse é antes um método apropriado para não adormecer, e a essa altura Hans Castorp já não tinha vontade alguma de fazê-lo. Desde que compreendera, de uma forma tão inédita e viva, por que Joachim empalidecera, o mundo parecia-lhe renovado, e aquela sensação de exuberante alegria e esperança tornou a comovê-lo no seu íntimo. De resto, aguardava mais alguma coisa, sem saber claramente o que era. Mas, quando notou que os vizinhos da direita e da esquerda haviam terminado o repouso e entravam nos quartos, para trocar a posição horizontal na sacada pela mesma posição no interior do aposento, expressou de si para si a convicção de que dessa vez o casal bárbaro observaria a trégua. “Posso dormir tranquilamente”, pensou. “Esta noite eles vão se comportar bem, é o que espero!” Tal não aconteceu, no entanto. O próprio Hans Castorp não acreditara seriamente nessa possibilidade e, para dizer a verdade, de sua parte ele não teria

compreendido, caso eles não tivessem aberto as hostilidades. Ainda assim soltou grande número de exclamações do mais veemente espanto, diante dos ruídos que ouvia.

— Um escândalo! — gritou, sem voz. — Que coisa! E imaginar que algo assim fosse possível! — E, de quando em vez, voltou a acompanhar, ciciando, a melodia de opereta barata, que obstinadamente chegava até ele.

Depois veio o sono. Mas, junto com ele, surgiram fantásticas imagens de sonhos, mais fantásticas ainda do que as da primeira noite, e no meio das quais diversas vezes se sobressaltou, assustado ou entregue à perseguição de uma ideia confusa. Sonhava que via o dr. Behrens passear pelas alamedas do jardim, caminhando de joelhos dobrados, com os braços pendendo, rijos, para a frente, e acertando os passos longos, como que monótonos, ao ritmo de uma marcha que ressoava de longe. Quando o conselheiro áulico estacou diante de Hans Castorp, usava óculos com grossas lentes redondas e dizia coisas sem nexo: “Um paisano, é claro”, observou, e sem pedir licença abaixou a pálpebra de Hans Castorp com os dedos indicador e médio da mão enorme. “Um paisano decente, como notei logo. Mas não lhe falta talento, absolutamente não lhe falta talento para uma combustão geral aumentada. Não se incomodaria em gastar alguns anos, alguns anos alegres de serviço conosco, aqui em cima. Pois então, cavalheiros, e agora um passeio, vamos!”, exclamou, metendo na boca os dois indicadores enormes e dando assobios tão estranhamente melodiosos que de diversos lados e em miniatura surgiram, voando através dos ares, a professora e Miss Robinson, para lhe pousarem nos ombros, à direita e à esquerda, assim como na sala de refeições ficavam sentadas ao lado de Hans Castorp. E assim o médico se foi, a passo saltitante, esfregando um guardanapo por trás das lentes dos óculos, a fim de enxugar os olhos e secar não se sabia o quê, suor ou lágrimas.

Depois, Hans Castorp sonhou que se encontrava no pátio

do ginásio, onde durante tantos anos passara os intervalos entre as aulas, e que estava a ponto de pedir emprestado um lápis à madame Chauchat, que igualmente estava presente. Ela lhe deu uma lapiseira de prata, que continha um lápis vermelho por fora, gasto até a metade, e recomendou a Hans Castorp, numa voz agradavelmente rouca, que o devolvesse sem falta depois da aula. E quando o olhou, com seus olhos rasgados, de azul esverdeado, por cima das maçãs salientes, ele fez um esforço violento para se desprender do sonho; pois agora já sabia e queria gravar na memória que acontecimento e que pessoa ela lhe recordava com tamanha intensidade. A toda pressa, pôs-se a guardar essa percepção num lugar seguro, já que sentia como o sono e o sonho novamente se apoderavam dele. Com efeito, viu-se logo na contingência de procurar um refúgio para se abrigar contra a perseguição do dr. Krokowski, que lhe quis dissecar a alma, o que provocou em Hans Castorp um medo louco, realmente sem limites. Ele fugiu do doutor a passo trôpego, passando pelas divisórias de vidro que separavam os compartimentos das sacadas, e com perigo de vida saltou ao jardim. Em último recurso, tentou trepar no mastro pardo da bandeira. Despertou, banhado em suor, quando o perseguidor lhe agarrava a perna da calça.

Mal se acalmou um pouco e logo voltou a adormecer, quando os acontecimentos tomaram para ele o seguinte rumo: encontrou-se empenhado em arredar com o ombro o sr. Settembrini, que ali se achava, de pé, sorrindo — um sorriso fino, seco, zombeteiro sob o espesso bigode negro, e que se esboçava justamente no ponto em que o bigode se erguia numa bela curva; um sorriso que melindrava Hans Castorp. “O senhor é demais aqui”, ouviu a própria voz dizer distintamente. “Vá-se embora! É apenas um tocador de realejo e é demais aqui!” Mas Settembrini não se deixou afastar do lugar, e Hans Castorp ainda estava a perguntar-se o que deveria fazer quando, de chofre e por sorte, lhe

ocorreu uma excelente ideia a respeito da natureza do tempo: evidenciou-se que o tempo nada mais era senão uma “irmã muda”, uma coluna de mercúrio desprovida de escala, para aqueles que quisessem trapacear. Então acordou com a firme intenção de comunicar no dia seguinte essa descoberta a seu primo Joachim.

Em meio a tais aventuras e achados decorreu a noite, e também Hermine Kleefeld, assim como o sr. Albin e o capitão Miklosich, desempenharam papéis complicados. Este último carregava em suas fauces a sra. Stöhr e era trespassado com uma lançada pelo promotor público, sr. Paravant. Um sonho Hans Castorp chegou a ter duas vezes durante a noite, e em ambas exatamente do mesmo modo, a segunda já de madrugada. Achava-se sentado na sala das sete mesas quando a porta envidraçada se fechou com enorme estrondo e madame Chauchat, no seu suéter branco, entrou com uma mão no bolso e a outra na nuca. Porém, ao invés de se dirigir à mesa dos “russos distintos”, a mulher mal-educada aproximou-se a passo silencioso de Hans Castorp e, sem dizer palavra, estendeu-lhe a mão para beijar — não as costas, mas sim a palma. E Hans Castorp beijou o interior dessa mão; beijou essa mão pouco cuidada, um tanto larga, de dedos curtos, com a pele áspera nas bordas das unhas. Novamente o invadiu então, dos pés à cabeça, aquela sensação de gozo dissoluto por que passara, quando, a título de experiência, se sentira livre da pressão da honra e desfrutara as ilimitadas vantagens que a vergonha acarreta. Foi essa a sensação que ele tornou a encontrar no sonho, mas com intensidade muitas vezes maior.

---

* “Os dois!” (Todas as notas de tradução são do editor.)

IV.

COMPRA NECESSÁRIA

— E agora? Já terminou o verão de vocês? — perguntou Hans Castorp ironicamente, no terceiro dia, ao primo…

O tempo mudara de modo assustador.

O segundo dia completo que o visitante passara no sanatório fora de magnífico esplendor estival. O azul profundo do céu luzia por cima das copas pontiagudas dos pinheiros, enquanto a aldeia, no fundo do vale, fulgia deslumbrante em meio ao calor. O ar estava cheio do tilintar alegre e calmo dos cincerros das vacas que aqui e ali, nas encostas, pastavam o capim curto e cálido dos prados. Já à hora do café da manhã, as senhoras haviam exibido levíssimas blusas de tecidos laváveis, algumas até com mangas de broderie, o que não ficava igualmente bem a todas; para a sra. Stöhr, por exemplo, esse traje era pouco vantajoso, visto ela ter os braços demasiado balofos para usar vestimenta vaporosa. Também o sexo forte levara em conta o tempo esplêndido, no que se referia à escolha dos trajes. Surgiram jaquetas de alpaca e fatiotas de linho, e Joachim ostentara calças de flanela cor de marfim, sob o costumeiro paletó azul, combinação que lhe dava um ar tipicamente militar. Quanto a Settembrini, também ele manifestara repetidas vezes a intenção de mudar de roupa.

— Que diabo! — dissera em um passeio em direção ao vilarejo, depois do lanche, em companhia dos dois primos. — Como o sol está quente! Já vejo que terei de pôr roupa mais

leve.

Apesar dessa declaração expressa, porém, continuara trajando o casaco espesso e comprido, de largas lapelas, e as calças enxadrezadas, que provavelmente representavam tudo quanto possuía de vestuário.

No terceiro dia, porém, tudo estava como se a natureza houvesse sofrido um golpe, e a ordem das coisas, sido posta às avessas. Hans Castorp mal deu crédito aos próprios olhos. Foi depois do almoço, e o pessoal já fazia vinte minutos que se entregava ao repouso: o sol se escondeu rapidamente, nuvens feias, pardas como turfa, surgiram por cima da cordilheira ao sudeste, e um vento glacial estranho, que penetrava até a medula dos ossos, como viesse de desconhecidas regiões geladas, entrou subitamente a varrer o vale, provocou uma queda brusca de temperatura e encetou um regime completamente novo.

— Vem neve — ressoou a voz de Joachim detrás da divisória de vidro.

— Como assim, “neve”? — perguntou Hans Castorp. — Não vai querer me dizer que vai nevar agora?

— Claro! — respondeu Joachim. — Conhecemos bem esse vento. Quando ele vem, traz consigo passeios de trenó.

— Bobagem! — retrucou Hans Castorp. — Ou muito me engano, ou estamos em princípios de agosto.

Mas Joachim, conhecedor do clima, dissera a verdade. Dentro de poucos instantes começou a desabar formidável nevada, acompanhada de trovões incessantes. Era um torvelinho tão denso que tudo parecia envolto num vapor branco e quase nada se enxergava do vilarejo e do fundo do vale.

A neve continuou caindo durante toda a tarde. Puseram a funcionar a calefação central. Enquanto Joachim recorreu ao saco de peles, sem admitir qualquer interrupção em seu tratamento, Hans Castorp refugiou-se no interior do quarto, aproximou a cadeira do radiador aquecido e, meneando a cabeça de quando em quando, fixou o olhar naquele

disparate. Na manhã do dia seguinte, já não nevava. Mas, conquanto o termômetro de fora marcasse alguns graus acima de zero, havia neve suficiente para se afundar nela o pé, de modo que, ante os olhos pasmados de Hans Castorp, desdobrou-se uma perfeita paisagem hibernal. Haviam voltado a desligar a calefação. A temperatura nos quartos era de seis graus acima de zero.

— E agora? Já terminou o verão de vocês? — perguntou Hans Castorp ao primo, com amarga ironia.

— Difícil dizer — respondeu Joachim, na sua maneira objetiva. — Se Deus quiser, ainda haverá uns belos dias de verão. Mesmo em setembro, não é impossível. Mas o caso é que aqui não existe diferença acentuada entre as estações, sabe? Elas se misturam, por assim dizer, e não se atêm ao calendário. No inverno, há dias em que o sol está tão forte que a gente sua e tira o paletó durante o passeio, e no verão… Bem, você está vendo o que às vezes acontece no verão. E ainda a neve, esta então põe tudo em desordem. Cai neve em janeiro, mas em maio não cai muito menos, e em agosto também está nevando. Generalizando, posso dizer que não passa mês sem que haja neve; nisso a gente pode se fiar. Numa palavra, temos dias de verão e dias de inverno, dias de primavera e dias de outono, mas não há propriamente estações aqui em cima.

— É uma bela confusão — disse Hans Castorp. Em companhia do primo, foi ao vilarejo, com galochas e sobretudo de inverno, a fim de comprar uns cobertores para a terapia de repouso, visto ser evidente que, num tempo desses, não lhe bastaria o cobertor de viagem. Chegou a ventilar a ideia da compra de um saco de peles, porém abandonou-a e mesmo se assustou diante dela. — Não, senhor — disse. — Vamos nos limitar aos cobertores. Lá embaixo também me servirão, cobertores usam-se em toda parte, não há neles algo de particular ou estranho. Mas um saco de peles é uma coisa toda especial. Se comprasse um saco de peles, peço que me entenda, eu teria a impressão de

estar querendo me domiciliar aqui e de tornar-me, em certo sentido, um de vocês... Bem, só quero dizer que absolutamente não vale a pena comprar um saco de peles só para essas poucas semanas.

Joachim concordou. Numa bela e bem-sortida loja do bairro inglês, compraram dois cobertores de lã de camelo, do mesmo tipo que possuía Joachim, particularmente compridos e largos, muito macios e de cor natural, e deram ordem de mandá-los sem demora ao sanatório, o Sanatório Internacional Berghof, quarto 34. Hans Castorp queria estreá-los hoje mesmo, à tarde.

Haviam descido ao vilarejo depois do lanche da manhã, uma vez que o horário habitual não oferecia outra ocasião para ir até lá. Chovia, e a neve depositada nas ruas já se transformara numa espécie de pasta gélida que lhes enlameava as calças. Ao regressarem, encontraram-se com Settembrini, que sem chapéu, mas com um guarda-chuva, também se encaminhava ao sanatório. O italiano tinha a cara amarelada e andava visivelmente possuído de um humor elegíaco. Num estilo puro e com palavras bem escolhidas, lamentava-se do frio e da umidade que tanto o faziam sofrer. Se ao menos acendessem a calefação! Mas aqueles potentados miseráveis mandavam desligá-la tão logo parasse a nevada: uma regra estúpida, um insulto a toda inteligência! E quando Hans Castorp objetou que, a seu ver, uma temperatura moderada talvez fosse parte do regime, para evitar que os pacientes ficassem mal-acostumados, Settembrini respondeu com o mais veemente sarcasmo. Pois sim, o regime! Os sagrados e intangíveis princípios do regime! Hans Castorp estaria falando deles no tom que convém, disse Settembrini, um tom de disciplina e submissão. Era gritante apenas — mas gritante em um sentido muito benéfico — que entre esses princípios gozassem de respeito ilimitado justamente os que coincidem com os interesses financeiros dos potentados, ao passo que se faria vista grossa diante da violação de outros princípios

menos dispendiosos… Enquanto os primos desataram a rir, Settembrini, no contexto do almejado calor, passou a falar de seu saudoso pai.

— Meu pai — disse pausada e fervorosamente —, meu pai era homem muito fino, tinha o corpo e a alma igualmente sensíveis! E como adorava, no inverno, seu gabinete de estudo bem aquecido, mantido a uma temperatura constante de vinte graus Réaumur, o que se obtinha por meio de uma pequena estufa vermelha de tanto calor; e quando em dias de chuva fria ou de tempestade glacial uma pessoa passava pelo vestíbulo e entrava no gabinete sentia o calor lhe envolver os ombros como um manto macio, e os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas de bem-estar. A pequena peça estava abarrotada de livros e manuscritos, entre os quais se achavam muitas preciosidades, e em meio a esses tesouros do espírito estava ele, de pé, com seu roupão de flanela azul, diante da estreita escrivaninha, onde se dedicava à literatura. Era delgado e tinha pouca estatura, era mais baixo que eu, imaginem!, mais de uma cabeça mais baixo; nas frontes tinha uns espessos tufos de cabelo grisalho, e seu nariz era muito longo e fino… Que romanista, senhores! Um dos mais eminentes da sua época, conhecedor de nossa língua como poucos houve, estilista latino como mais ninguém, um uomo letterato ao gosto de Boccaccio… Eruditos vinham de longe até ele, ora de Haparanda, ora de Cracóvia, e vinham especialmente a Pádua, nossa cidade, para lhe demonstrar estima, e ele os recebia com afável dignidade. Era também poeta emérito, que nas horas de lazer compunha novelas na mais elegante prosa toscana: um mestre do idioma gentile — disse Settembrini com extrema satisfação, enquanto movia a cabeça de lado a lado, e sentia derreter sobre a língua as sílabas pátrias. — Ele cultivava seu jardim, segundo o exemplo de Virgílio — continuou —, e tudo quanto dizia era belo e sadio. Mas era preciso que fizesse calor, muito calor, no seu gabinete, senão tremia de indignação e era capaz de verter lágrimas,

porque o deixavam padecer frio. E agora imagine, Engenheiro, e o senhor, Tenente, o quanto eu, filho de meu pai, sofro neste maldito e bárbaro lugar, onde o corpo tirita de frio em pleno verão, e as impressões mais humilhantes atormentam continuamente a alma… Ah! É duro! Que tipos esses que nos rodeiam! Esse Conselheiro Áulico, servo burlesco do Demônio! E Krokowski — Settembrini fez como se o nome lhe quebrasse a língua —, Krokowski, o confessor impudico, que me odeia, porque a minha dignidade humana proíbe entregar-me às suas práticas sacerdotais… E meus comensais… Em que companhia estou condenado a tomar as refeições! À minha direita fica um cervejeiro de Halle, chama-se Magnus, com o bigode que mais parece um feixe de feno. “Deixe-me em paz com literatura”, diz ele. “Que é que ela oferece? Belos caracteres? Que me adiantam belos caracteres? Sou um homem prático, e na vida quase nunca se encontram belos caracteres.” É esta a ideia que ele faz da literatura. Belos caracteres, santa Mãe de Deus! Sua mulher, que costuma sentar-se à frente dele, nada faz senão perder proteínas e afundar-se cada vez mais na estupidez. Que miséria sórdida!…

Sem que houvessem trocado opiniões sobre essas palavras, Hans Castorp e Joachim julgaram-nas do mesmo modo: acharam-nas lamurientas e desagradavelmente sediciosas, se bem que divertidas e até instrutivas, na sua animosidade atrevida e acurada. Hans Castorp riu-se gostosamente da comparação com o “feixe de feno” e também dos “belos caracteres”, ou melhor, do jeito desesperadamente engraçado como Settembrini se manifestava. Em seguida disse:

— Por Deus, é verdade, pode ser que a companhia seja mesmo desigual num estabelecimento destes. Não se pode escolher os vizinhos da mesa, isso seria quase impraticável. À nossa mesa há também uma senhora desse tipo, a sra. Stöhr… Creio que o senhor a conhece, não? É de uma ignorância pavorosa, não há dúvida, e às vezes a gente não

sabe para onde olhar, quando ela se mete a tagarelar. Lamenta-se de sua temperatura e de se sentir tão lassa, e parece que seu caso não é mesmo simples, infelizmente. E isto é estranho, estupidez e doença… Não sei se me expresso bem, mas tenho uma impressão muito esquisita ao ver uma pessoa estúpida que ainda por cima está doente; essas duas coisas reunidas, acho que são o que há de mais triste neste mundo. Não se sabe como comportar-se, pois todos gostam, afinal, de tratar um enfermo com seriedade e respeito, não é? A enfermidade é, por assim dizer, algo digno de reverência. Mas quando a obtusidade se intromete a cada instante, com "fómulo", "estabelecimento cósmico" e outras asneiras do mesmo quilate, aí francamente a gente fica sem saber se ri ou se chora, é um dilema para o sentimento humano, e tão lamentável que nem sei dizer. Na minha opinião, não há rima possível entre essas duas coisas, elas não combinam, e a gente mal consegue imaginá-las juntas. Sempre se pensa que uma pessoa obtusa deve ser sadia e comum, e que a doença torna as pessoas finas e cultas e especiais. É assim que se pensa em geral. Ou será que não? Pode ser que eu esteja dizendo mais do que posso justificar — concluiu. — É apenas porque casualmente tocamos no assunto… — E estacou, confuso.

Também Joachim estava um pouco perplexo, e Settembrini permaneceu calado, apenas alçando os sobrolhos, como quem, por cortesia, aguarda o fim da palavra de um interlocutor. Na realidade, porém, tinha a intenção de deixar chegar o momento em que Hans Castorp se atrapalhasse todo, antes de responder, afinal:

— Sapristi,[1] Engenheiro, o senhor acaba de manifestar qualidades filosóficas que eu não esperava da sua parte! De acordo com a sua teoria, o senhor mesmo deveria estar menos sadio do que aparenta, porque, evidentemente, é dotado de espírito. Permita-me observar, no entanto, que não posso acompanhar suas deduções, rejeito-as, sim, chego a sentir verdadeira hostilidade diante delas. Tal como o

senhor me vê, sou um pouco intolerante em assuntos do espírito e prefiro ser tachado de pedante a deixar de combater opiniões que me parecem tão censuráveis como essas que o senhor nos apresentou…

— Mas, sr. Settembrini…

— Per-mi-ta-me… Já sei o que o senhor tenciona replicar. Quer dizer que não falou muito a sério, que os pontos de vista que acaba de representar não são propriamente os seus, que apenas apanhou uma opinião de entre as muitas possíveis que flutuam no ar, e que o fez a fim de se exercitar um pouco, sem assumir nenhuma responsabilidade. É o que está em harmonia com a sua idade, que ainda se compraz em dispensar a resolução viril e em tentar, provisoriamente, toda espécie de teorias. *Placet experiri*[2]— acrescentou, pronunciando o "c" de *placet* brandamente, à italiana. — Uma excelente máxima. O que me deixa pasmado é apenas o fato de ver as suas experiências tomarem justamente esse rumo. Não me parece tratar-se de um mero acaso. Receio que exista no senhor uma tendência capaz de se arraigar no seu caráter, se não for combatida em tempo. Por isso me creio na obrigação de corrigi-lo. O senhor opinou que a doença reunida à estupidez era a coisa mais triste que havia no mundo. Estou de acordo. Também eu prefiro um doente espirituoso a um bobalhão tísico, porém não posso deixar de protestar quando o senhor se mete a considerar a combinação de enfermidade e obtusidade uma espécie de falta de estilo, um ato de mau gosto praticado pela natureza, e um *dilema para o sentimento humano*, conforme lhe aprouve expressar-se. E quando o senhor parece julgar a enfermidade algo tão nobre e, como dizia?, tão *digno de reverência* que simplesmente *não pode haver rima possível* entre essas duas coisas. É outra expressão sua. Pois bem, não concordo com isso. A doença absolutamente não é nobre, nem digna de reverência, de modo algum. Essa concepção é em si mesma doentia ou leva à doença. O método mais acertado de despertar no senhor repugnância

contra ela talvez seja dizer-lhe que é velha e feia. Ela tem origem em épocas supersticiosas, acossadas de remorsos, e nas quais a ideia do humano, privada de toda dignidade, degenerara a ponto de se tornar uma caricatura, épocas angustiadas, que consideravam a harmonia e o bem-estar coisas suspeitas, diabólicas, ao passo que a debilidade equivalia a um passaporte para o céu. Mas a razão e o esclarecimento dissiparam essas sombras que pairavam sobre a alma da humanidade; verdade é que ainda não terminaram a sua obra, e a luta continua. Essa luta, meu caro senhor, chama-se trabalho, trabalho terreno, trabalho em prol da Terra, da honra e dos interesses da humanidade. E temperadas, dia a dia, por essa luta, aquelas forças acabarão por libertar o homem e por guiá-lo pelos caminhos do progresso e da civilização, rumo a uma luz cada vez mais clara, mais sua e mais pura.

"Puxa!", pensou Hans Castorp, espantado e confuso. "Mas isso soa como uma ária de ópera! Como é que provoquei esse discurso? Ele me parece, aliás, um pouco árido. Por que o homem fala o tempo todo de trabalho? Sempre insiste no trabalho, embora aqui em cima isso venha um pouco fora de propósito." Finalmente respondeu:

— Muito bem, sr. Settembrini. É mesmo notável como o senhor sabe falar. Essas coisas não poderiam ser ditas de um modo… de um modo mais plástico.

— Um retrocesso — prosseguiu Settembrini, enquanto erguia o guarda-chuva por cima da cabeça de um transeunte —, um retrocesso espiritual em direção aos conceitos desses tempos tenebrosos, atormentados… Creia-me, Engenheiro, isso é doença; uma doença explorada a fundo, para a qual a ciência conhece denominações diversas; uma deriva da terminologia estética e psicológica, e outra, da política. São termos escolares, que nada têm que ver com o nosso tema, e dos quais o senhor pode perfeitamente prescindir. Mas, como tudo se encadeia na vida espiritual, e uma coisa se depreende da outra, como

não se pode estender ao diabo nem sequer o dedo mínimo sem que ele logo agarre a mão inteira e com ela todo o homem… e como, por outro lado, um princípio sadio só pode presentificar efeitos também sadios, sendo indiferente qual o ponto de partida, queira pois o senhor gravar na memória que a doença, longe de ser nobre e por demais digna de reverência para ser compatível com a estupidez, representa, pelo contrário, uma *humilhação*… Sim senhor, uma humilhação dolorosa do homem, um insulto à ideia, um rebaixamento que no caso individual pode merecer tolerância e cuidado, mas que seria uma aberração homenagear espiritualmente — grave isto na memória! —, uma aberração, e o início de todas as demais aberrações espirituais. Aquela mulher que o senhor mencionou… Nem quero me lembrar do nome dela… Ah, sim, a sra. Stöhr, muito obrigado… Bem, não é, ao que me parece, o caso dessa criatura ridícula o que coloca o sentimento humano diante de um dilema, para usar as suas palavras. Estúpido e doente — meu Deus, isso são as peculiaridades da própria miséria; o caso é simples, e nada nos resta fazer senão sentir compaixão e encolher os ombros. O dilema, meu caro, a tragédia começa onde a natureza se mostrou bastante cruel para destruir a harmonia da personalidade, ou para torná-la de antemão impossível, associando um espírito nobre e cheio de vitalidade a um corpo pouco apto para a vida. O senhor conhece Leopardi, Engenheiro? Ou o senhor, Tenente? Um poeta infeliz da minha terra, um corcunda enfermiço, com uma alma originalmente grande, mas rebaixada sem cessar pela miséria do seu corpo e arrastada aos abismos da ironia, uma alma cujas lamentações dilaceram o coração. Ouçam isto!

E Settembrini pôs-se a recitar em italiano, sentindo as sílabas se diluírem sobre a língua, movendo a cabeça de lado a lado e às vezes cerrando os olhos, sem se preocupar com que seus companheiros não entendessem palavra alguma. Visivelmente, o que lhe importava era saborear a

beleza da sua prosódia e a força da sua memória, e exibi-las ao auditório. Finalmente disse:

— Mas, não, os senhores não compreendem. Estão ouvindo sem perceber o sentido doloroso dos versos. O aleijado Leopardi (é preciso sentir essa desgraça em sua plenitude, cavalheiros) careceu sobretudo do amor das mulheres, e foi isso, antes de mais nada, que o tornou incapaz de impedir o definhamento de sua alma. O esplendor da glória e da virtude empalideceu ante seus olhos; a natureza afigurou-se-lhe malvada (ela é realmente malvada, estúpida e malvada, nesse ponto concordo com ele) e ele caiu em desespero. É horrível dizê-lo: ele desesperou da ciência e do progresso. Eis, meu caro Engenheiro, um exemplo de autêntica tragédia. Aqui o senhor encontra o "dilema para o sentimento humano" de que falava, e não no caso daquela mulher, com cujo nome me recuso terminantemente a onerar minha memória… Não me fale de "espiritualização" que possa resultar de enfermidade; pelo amor de Deus, não faça isso! Uma alma sem corpo é tão desumana e horripilante quanto um corpo sem alma. A primeira é, aliás, uma rara exceção, e o segundo, o mais comum. Via de regra é o corpo que exubera, açambarca toda a vida e toda a importância, e se emancipa da maneira mais asquerosa. Um homem que vive enfermo é corpo e nada mais, e nisso reside o anti-humano, o aviltante… Na maioria das vezes não vale mais que um cadáver…

— Engraçado! — exclamou Joachim de súbito, inclinando-se para a frente, a fim de olhar o primo que caminhava do outro lado de Settembrini. — Não faz muito, você disse uma coisa bem parecida.

— Será? — tornou Hans Castorp. — Bem, pode ser que uma ideia semelhante me tenha passado pela cabeça.

Settembrini permaneceu calado durante alguns momentos, antes de dizer:

— Tanto melhor, meus senhores. Tanto melhor. Longe de mim a intenção de lhes expor uma filosofia original. Não é

isso o que me cabe fazer. Se o nosso engenheiro, espontaneamente, já chegou a observações análogas, confirma-se a minha opinião de que ele é um diletante do espírito e simplesmente se entrega, à maneira dos jovens talentosos, a experiências com toda espécie de conceitos possíveis. Um jovem de talento não é uma folha em branco, senão uma folha sobre a qual já tudo foi escrito, com tinta simpática, por assim dizer; tudo, tanto o bem como o mal; e ao educador cumpre desenvolver decididamente o bem e, mediante uma influência adequada, apagar o mal que deseje manifestar-se… Os senhores fizeram compras? — perguntou então num tom diferente.

— Não, senhor, nada de especial — respondeu Hans Castorp. — Quer dizer…

— Compramos alguns cobertores para o meu primo — respondeu Joachim displicentemente.

— É para o repouso… Com esse frio de rachar… Dizem que devo observar o regime durante as semanas da minha estada — explicou Hans Castorp, rindo e baixando os olhos.

— Ah? Cobertores! Repouso! — exclamou Settembrini. — Sim, sim, sim! Com efeito: *placet experiri* — repetiu, com pronúncia italiana. Depois se despediu, pois, cumprimentados pelo porteiro coxo, acabavam de entrar no sanatório. No vestíbulo, Settembrini tomou o caminho para os salões, a fim de ler os jornais antes do almoço, segundo disse. Parecia querer gazear o segundo repouso.

— Deus me livre! — desabafou Hans Castorp, enquanto estava com Joachim no elevador. — É mesmo um pedagogo. Ele já nos disse noutro dia que tinha uma veia pedagógica. E a gente deve cuidar-se na presença dele e não dizer qualquer palavra em excesso, senão segue logo uma preleção que não acaba nunca. Mas vale a pena ouvi-lo falar. Cada palavra lhe sai da boca tão arredondada e apetitosa que sempre me faz lembrar pãezinhos frescos.

Joachim deu uma risada.

— Não lhe diga isso. Creio que ele ficaria decepcionado se

soubesse que você pensa em pãezinhos ao escutar as suas teorias.

— Acha mesmo? Ora, não tenho tanta certeza disso. Sempre me parece que ele não se preocupa exclusivamente com as suas teorias, e que estas desempenham um papel secundário. O que lhe interessa mais é o falar em si, o seu modo peculiar de fazer as palavras saltar e rolar... tão elásticas como bolas de borracha... Tenho impressão de que não o desagrada verificar que ouvidos alheios notam o efeito. O cervejeiro Magnus disse, indubitavelmente, uma asneira quando falou dos “belos caracteres”, mas Settembrini nos deveria ter dito o que é, em realidade, o objetivo da literatura. Eu não quis perguntar, para não mostrar minha ignorância. Não sou nada competente nessas coisas, e até agora nunca vi um literato. Contudo, se o que importa não são os belos caracteres, devem ser as belas palavras. Tal a minha impressão quando me acho em companhia de Settembrini. Que palavras usa esse homem! Sem o mínimo acanhamento fala de “virtude”, ora essa! Nunca na vida empreguei esse vocábulo. Até mesmo na escola, dizíamos “coragem”, quando líamos “*virtus*” nos livros. Naquele momento senti um choque; não posso negá-lo. E depois, fico nervoso quando ele se mete a resmungar sobre o frio e sobre Behrens e sobre a sra. Magnus porque ela perde proteínas, sobre tudo o que existe, enfim. É um homem do conflito, um oposicionista, como logo percebi. Investe contra qualquer coisa, e uma atitude dessas sempre me dá a impressão de desleixo, não posso evitá-lo.

— É o que você pensa — disse Joachim ponderadamente. — Mas, por outro lado, tal atitude revela certo orgulho, que nada tem de desleixado. Pelo contrário, Settembrini é um homem que se respeita a si mesmo, ou respeita os homens em geral. E isso me agrada nele, porque, a meu ver, é um sinal de decência.

— Tem razão — concordou Hans Castorp. — Ele até me parece um tanto severo. A gente, às vezes, sente-se

constrangido diante dele, porque vê que... como dizer? Que está sendo controlado. Sim, senhor, é isso mesmo. Você acredita que tenho a impressão de que ele não aprovou a compra dos cobertores para o repouso, de que se opõe a ela, e ficou até escandalizado?

— Não — disse Joachim, circunspecto e admirado. — Por que razão? Não posso imaginar... — E com isso se foi, metendo o termômetro na boca e levando todos os seus apetrechos para o repouso, enquanto Hans Castorp começou logo a mudar de roupa e a arrumar-se para o almoço, do qual os separava nem sequer uma hora.

EXCURSO SOBRE O SENTIDO DO TEMPO

Quando voltaram ao quarto de Hans Castorp, depois do almoço, já se encontrava ali, numa cadeira, o embrulho dos cobertores; e nesse dia o jovem serviu-se deles pela primeira vez. Joachim, mais experiente na arte de se agasalhar, que todos exerciam ali em cima e os recém-chegados tinham de aprender, mostrou-lhe como fazer. Os cobertores, um após outro, deviam ser estendidos sobre a espreguiçadeira de maneira que um bom pedaço deles sobressaísse no lugar dos pés. A seguir, a gente se sentava na cadeira e começava a envolver-se no cobertor superior, primeiro de um lado em todo o comprimento, até as axilas, depois na parte de baixo, por cima dos pés, o que requeria que a pessoa se soerguesse, se inclinasse para a frente e apanhasse ambas as camadas da extremidade dobrada, e por fim do outro lado, sendo importante ajustar cuidadosamente a ponta dupla da referida extremidade às bordas da cadeira, a fim de se conseguir um máximo de lisura e regularidade. Em seguida, procedia-se da mesma forma com o cobertor de baixo, que era um pouco mais difícil de manejar. Hans Castorp, como noviço desajeitado, não cessava de gemer, enquanto, ora curvado, ora reclinado, treinava os movimentos que Joachim lhe ensinara.

— Só mesmo alguns veteranos — disse o primo — sabem jogar simultaneamente os dois cobertores por cima do corpo, com apenas três manobras precisas. É uma habilidade rara e invejada, que exige não somente anos de prática mas também um talento natural. — Essas últimas palavras fizeram com que Hans Castorp estourasse em riso, deixando-se cair para trás, sobre as costas doloridas. Joachim, que no primeiro instante não compreendera o que havia de cômico nisso, olhou-o com um ar incerto, e depois também desatou a rir.

— Feito! — disse quando Hans Castorp, exausto de toda

essa ginástica, arrumado em forma de cilindro, e como que sem membros, estava estendido na espreguiçadeira, com o rolo elástico por baixo da nuca. — Mesmo que fizesse uns vinte graus abaixo de zero, nada lhe poderia acontecer agora. — Com isso desapareceu atrás da divisória de vidro, para agasalhar-se, ele mesmo.

Essa coisa dos vinte graus abaixo de zero parecia bastante suspeita a Hans Castorp, que se ressentia muito do frio. Repetidas vezes, calafrios lhe passaram pelo corpo, enquanto contemplava, através das arcadas de madeira, a umidade que se precipitava lá fora, pingando, garoando e dando a impressão de estar a ponto de se transformar, de um momento para outro, em nova nevada. Era, porém, estranho que, não obstante o tempo úmido, ele continuasse com o rosto seco e ardente, como se estivesse num quarto superaquecido. Ademais, sentia-se ridiculamente cansado em virtude dos exercícios realizados para envolver-se nos cobertores. Com efeito, o *Ocean Steamships* tremia-lhe nas mãos, quando o aproximava dos olhos. Era evidente que a sua saúde não era lá muito boa — “totalmente anêmico”, dissera o dr. Behrens — e por isso incomodava-se tanto com o frio. Mas essas sensações desagradáveis eram compensadas pela grande comodidade da sua posição, pelas qualidades insondáveis e quase misteriosas dessa espreguiçadeira, que Hans Castorp já descobrira, entusiasmado, quando da estreia, e que voltavam a comprovar-se de modo sumamente ameno. Fosse devido ao tipo das almofadas, à inclinação conveniente do encosto, à altura e largura acertadas dos braços, ou talvez à consistência apropriada do rolo atrás da nuca — em todo caso era impossível imaginar um método mais humano para garantir o bem-estar de membros em repouso do que os serviços dessa cadeira perfeita. E grande satisfação invadia a alma de Hans Castorp, ao pensar nas duas horas vazias, cheias de paz assegurada, que tinha à sua frente, essas horas sagradas que o regulamento da casa destinava ao

repouso principal, e que ele, apesar de ser um simples visitante, aprovava como uma instituição inteiramente adequada ao seu caráter. Pois Hans Castorp era paciente por natureza, podia ficar longamente sem nada fazer e, conforme nos recordamos, adorava esse tempo livre, que nenhuma atividade faz esquecer, nem consome, nem afugenta. Às quatro horas iria tomar o chá da tarde, com bolo e confeitos; depois haveria um novo repouso na espreguiçadeira; às sete, vinha o jantar, que, como todas as refeições, ofereceria algumas sensações e certos aspectos curiosos, dignos de serem aguardados com prazer; depois, alguns olhares no interior da caixa estereoscópica, no caleidoscópio em forma de luneta e no tambor cinematográfico… Hans Castorp já sabia de cor o programa do dia, ainda que fosse exagero dizer que já se "aclimatara" perfeitamente.

No fundo constitui fenômeno esquisito esse processo de aclimatação num lugar estranho, a adaptação — por mais laboriosa que seja — e a mudança de hábitos às quais as pessoas se submetem só para variar e na intenção firme de abandoná-las imediatamente ou pouco depois de completadas, a fim de voltarem ao estado anterior. Intercala-se tal processo como uma espécie de interrupção ou entreato, no curso principal da vida, e isso para fins de "restabelecimento", quer dizer: para exercitar, renovar e revolucionar o organismo que corria perigo, e já estava a ponto de se amimalhar, de enlanguescer e de entibiar, na desarticulada monotonia da existência rotineira. Mas, qual é a origem desse langor, dessa tibieza, nos casos de continuidade por demais extensa e ininterrupta de uma rotina? Trata-se menos do cansaço e do desgaste físico e espiritual, que causam as exigências da vida — para eles, o simples descanso bastaria como remédio reconstituinte —, que de algo psíquico: é a consciência do tempo que ameaça perder-se na uniformidade constante, e que liga laços tão estreitos de parentesco e afinidade à própria sensação de

vida a ponto de não se poder debilitar uma sem que a outra sofra e definhe também. Com respeito à natureza do tédio encontram-se frequentemente conceitos errôneos. Crê-se em geral que a novidade e o caráter interessante do conteúdo "fazem passar" o tempo, quer dizer, abreviam-no, ao passo que a monotonia e a vacuidade lhe estorvam e retardam o fluxo. Isso não é verdade, senão com certas restrições. Pode ser que a vacuidade e a monotonia alarguem e tornem "tediosos" o momento e a hora; porém, as grandes quantidades de tempo são por elas abreviadas e aceleradas, a ponto de se tornarem um quase nada. Um conteúdo rico e interessante é, por outro lado, capaz de abreviar a hora e até mesmo o dia; mas, considerado sob o ponto de vista do conjunto, confere amplitude, peso e solidez ao curso do tempo, de maneira que os anos ricos em acontecimentos passam muito mais devagar do que aqueles outros, pobres, vazios, leves, que são varridos pelo vento e se vão voando. O que se chama tédio é, portanto, na realidade, antes uma brevidade mórbida do tempo, provocada pela monotonia: em casos de igualdade contínua, os grandes lapsos de tempo chegam a encolher-se a tal ponto que causam ao coração um susto mortal; quando um dia é como todos, todos são como um só; passada numa uniformidade perfeita, a mais longa vida seria sentida como brevíssima e decorreria num abrir e fechar de olhos. O hábito representa a modorra, ou ao menos o enfraquecimento, do senso de tempo, e o fato dos anos de infância serem vividos mais vagarosamente, ao passo que a vida posterior se desenrola e foge cada vez mais depressa — esse fato também se baseia no hábito. Sabemos perfeitamente que a intercalação de mudanças de hábitos, ou de hábitos novos, constitui o único meio para manter a nossa vida, para refrescar a nossa sensação de tempo, para obter um rejuvenescimento, um reforço, uma retardação da nossa experiência do tempo, e com isso, o renovamento da nossa sensação de vida em geral. Tal é a finalidade da mudança de lugar e de clima, da viagem de recreio, e nisso

reside o que há de salutar na variação e no episódico. Os primeiros dias num ambiente novo têm um curso juvenil, quer dizer: vigoroso e amplo. Isso se aplica a uns seis ou oito dias. Depois, à medida que a pessoa se “aclimata”, começa a sentir uma progressiva abreviação: quem se apega à vida, ou melhor, quem gostaria de fazê-lo, talvez note com horror como os dias voltam a tornar-se leves e começam a deslizar voando; e a última semana — de quatro, por exemplo — é de uma rapidez e fugacidade inquietantes. Verdade é que a vitalização do nosso senso de tempo produz efeitos além do interlúdio, fazendo-se valer ainda quando a pessoa já voltou à rotina; os primeiros dias que passamos em casa, depois da variação, se nos afiguram também novos, amplos e juvenis; mas esses são somente uns poucos, já que a gente se reacostuma mais rapidamente à rotina do que à sua suspensão. E o senso de tempo de quem já está fatigado, em virtude da idade, ou nunca o possuiu desenvolvido em algo grau — o que é sinal de pouca força vital —, volta a adormecer muito depressa, e já ao cabo de vinte e quatro horas é como se tal pessoa jamais se tivesse afastado do seu ambiente habitual, e a viagem não passasse do sonho de uma noite.

Inserimos aqui essas observações porque o jovem Hans Castorp tinha em mente ideias análogas, quando, depois de alguns dias, disse ao primo, fixando nele os olhos estriados de sangue:

— É mesmo curioso como o tempo, no começo, parece longo a quem se encontra num lugar estranho. Quer dizer… Absolutamente não me aborreço; nada disso! Ao contrário, posso afirmar que me divirto esplendidamente. Mas, quando olho para trás — em retrospectiva, sabe? — tenho a impressão de já estar aqui há não sei quanto tempo. E de agora até aquele momento em que cheguei a Davos-Dorf e não compreendi que já estava no fim da minha viagem e você me disse: “Pode descer” — lembra-se ainda? —, isso me parece toda uma eternidade. Essas coisas nada têm que

ver com medidas e raciocínios. São puramente questão de sentimentos. Claro que seria tolice dizer: “Tenho a impressão de estar aqui há dois meses”; isso seria um absurdo. Só posso dizer: “Já faz muito tempo”.

— Pois é — disse Joachim, com o termômetro na boca. — Eu também me aproveito disso. De certo modo, posso me segurar em você, desde que está aqui. — E Hans Castorp riu-se de que o primo dissesse isso com tanta simplicidade, sem acrescentar qualquer outra explicação.

HANS CASTORP FAZ UMA TENTATIVA DE CONVERSAÇÃO EM FRANCÊS

Não, absolutamente não se aclimatara ainda, nem no que se referia ao conhecimento da vida no sanatório em todas as suas particularidades — conhecimento que seria impossível adquirir em tão poucos dias e (como ele dizia de si para si, e também explicou a Joachim) que infelizmente não lhe seria dado adquirir tampouco em três semanas —, nem quanto à adaptação do seu organismo às condições atmosféricas tão peculiares que reinavam "aqui em cima"; pois essa adaptação lhe custava esforços, tremendos esforços, e, como lhe parecia, não estava disposta a realizar-se.

O dia normal era subdividido de forma clara e cuidadosamente organizado. Bastava ajustar-se à sua engrenagem que a gente logo assumia seu ritmo e afazia-se à rotina. Mas, no conjunto da semana e das unidades mais vultosas do tempo, o dia normal estava submetido a certos desvios regulares que só se manifestavam pouco a pouco: um aparecia pela primeira vez depois que outro já se houvesse repetido; e também no que dizia respeito ao surgimento diário de objetos e de faces individuais, Hans Castorp tinha que aprender a cada passo, observando mais de perto as coisas que antes só olhara superficialmente, e assimilando impressões novas com receptividade juvenil.

Aqueles recipientes bojudos, de gargalo curto, por exemplo, que se achavam nos corredores, diante de algumas portas, e nos quais Hans Castorp reparara logo na noite da sua chegada, continham oxigênio, conforme Joachim lhe explicou, em resposta à sua pergunta. Era oxigênio puro, a seis francos o balão, e esse gás vivificante era ministrado aos agonizantes, para lhes dar um derradeiro estímulo e prolongar a duração das suas forças. Sorviam-no por meio de um tubo. Atrás das portas perto das quais se encontravam esses balões havia agonizantes, ou *moribundi*, como se expressou o dr. Behrens certo dia, quando Hans Castorp

topou com ele no primeiro andar. Remando com os braços, o conselheiro áulico, de avental branco e faces azuladas, vinha atravessando o corredor, e subiram juntos pela escada.

— Que tal, meu caro espectador desinteressado? — disse Behrens. — Que é que anda fazendo? Será que a gente pode esperar alguma aprovação de seu olhar crítico? Obrigado, muita honra para nós! Pois é, nossa temporada de verão está um bocado boa. É formidável mesmo! Verdade é que não poupei dinheiro para torná-la cada vez mais brilhante. Contudo, é uma lástima que o senhor não queira passar o inverno conosco. Ouvi dizer que tenciona ficar oito semanas apenas. Como? Só três? Ora bolas, três semanas são como uma visita de médico; nem vale a pena tirar o casaco para tão pouco tempo. Bem, isso não é comigo. Mas, realmente, é uma pena que o senhor não esteja aqui durante o inverno. Olhe, a gente da alta, sabe? — disse com uma careta cômica —, a alta-roda internacional só vem a Davos no inverno. O senhor deveria mesmo ver essa turma. Seria muito instrutivo. Quando esses camaradas dão saltos de esqui, que coisa gozada! E ainda as damas, Deus meu! Aquelas mulheres multicores que nem uma ave-do-paraíso, eu lhe digo! E como são galantes!... Bem, está na hora de ver meu *moribundus* — acrescentou. — É aqui, no 27. Etapa final, compreende? Exit pela direita. Ontem e hoje ainda se embriagou com cinco dúzias de frascos de oxigênio, esse gourmet! Mas acho que até o meio-dia se recolherá *ad penates*... Pois então, meu caro Reuter — disse ao entrar no quarto. — Que tal se a gente virasse mais uma?... — Fechou a porta, e as demais palavras perderam-se atrás dela. Por um instante, porém, Hans Castorp enxergara no fundo do quarto, sobre o travesseiro, o perfil de cera de um jovem de barba rala, que lentamente volvia para a porta os grandes olhos esgazeados.

Era o primeiro *moribundus* com que Hans Castorp deparava em sua vida, visto os pais e o avô terem morrido,

por assim dizer, pelas suas costas. Quanta dignidade não se expressou na cabeça do jovem que ali jazia sobre o travesseiro, com a barba pontiaguda no queixo, apontada para cima! Como foi significativa a mirada dos olhos dilatados, quando os dirigiu para a porta com vagar! Hans Castorp, enquanto se encaminhava para a escada, ainda absorto na reminiscência daquela visão fugaz, tentou involuntariamente imitar os olhos arregalados, significativos e lentos do *moribundus*. Com esses olhos é que encarou uma senhora que, atrás dele, abrira uma porta e o alcançara no patamar. Não percebeu de imediato tratar-se de madame Chauchat. Ela esboçou um leve sorriso ao ver aqueles olhos e, segurando com a mão a trança que lhe cercava a cabeça levemente avançada, desceu à frente dele pela escada, a passo elástico e silencioso.

Durante esses primeiros dias, e mesmo muito tempo depois, Hans Castorp não chegou a travar conhecimento com outras pessoas. O programa do dia, no seu conjunto, não favorecia isso. Ademais, Hans Castorp era reservado por natureza e sentia-se ali em cima no papel de um visitante e "espectador desinteressado", como o chamara o dr. Behrens. Bastavam-lhe amplamente a conversa e a companhia de Joachim. É verdade que aquela enfermeira do corredor espichava de tal maneira o pescoço atrás deles, cada vez que passavam por ela, que Joachim, que já em outras ocasiões lhe concedera alguns momentos de conversa, não pôde deixar de lhe apresentar o primo. Com o cordão do pince-nez atrás da orelha, ela falava não somente de forma rebuscada, mas até com uma afetação penosa. Quem a examinasse mais de perto devia ter a impressão de que a tortura do tédio lhe afetara a inteligência. Era muito difícil desembaraçar-se dela, porque manifestava um medo doentio do fim da palestra, e logo que os jovens se dispunham a prosseguir no caminho agarrava-se a eles com palavras e miradas pressurosas, e mesmo com um sorriso tão

desesperado que, por misericórdia, eles se detinham outra vez. Falava prolixamente do papai, que era jurisconsulto, e do primo, que era médico, na intenção evidente de brilhar e de sublinhar o fato de se ter criado num ambiente culto. Quanto ao seu paciente, lá atrás daquela porta, era o filho de um fabricante de bonecos, de Coburgo, e chamava-se Rotbein. Recentemente, o mal atacara os intestinos do jovem Fritz, e isso era duro para todos os que se interessavam pelo caso, como “os senhores” sem dúvida compreendiam. Era especialmente duro para uma pessoa que descendia de uma família de acadêmicos e possuía a sensibilidade peculiar às classes superiores. E não se podia deixá-lo só, nem um minuto… Fazia alguns dias — era quase incrível! — ao voltar de uma saidinha (apenas fora comprar um pouco de pó dentifrício) encontrara o doente sentado na cama, tendo diante de si um copo de espessa cerveja preta, um salame, um bruto pedaço de pão de centeio e um pepino. Sua família mandara-lhe todas essas especialidades da sua terra, na ideia de fortificá-lo. Claro que no dia seguinte o homem estava mais morto do que vivo. Ele precipitava o próprio fim. Mas isso traria a redenção só para ele, mas não para ela… A propósito, podiam chamá-la irmã Berta, se bem que seu verdadeiro nome fosse Alfreda Schildknecht… já que *ela* teria então que cuidar de outro doente, num estado mais ou menos avançado, naquele ou em outro sanatório. Era essa a única perspectiva que se lhe abria, uma outra não existia para ela, infelizmente.

Pois é, foi o que disse Hans Castorp, e que a profissão de uma enfermeira lhe parecia difícil, sim, mas também bastante honrosa.

Honrosa é, com certeza, foi o que a enfermeira respondeu, mas também muito difícil.

Enfim, tudo de bom para o sr. Rotbein. E os primos trataram de se afastar.

Mas, nesse instante, ela voltou a agarrar-se a eles com palavras e olhares, e seus esforços de cativar a atenção dos

dois jovens por mais alguns instantes ofereciam um espetáculo tão lamentável que teria sido cruel não lhe conceder mais um pequeno prazo.

— Ele está dormindo — disse. — Não precisa de mim. Por isso saí ao corredor, só por alguns minutos… — E começou a se queixar do dr. Behrens e do tom que ele usava ao falar com ela, um tom solto demais, ao se considerar sua origem. Agradava-lhe muito mais o dr. Krokowski, que a seu ver tinha uma alma e tanto. Depois tornou a tratar do papai e do primo. Seu cérebro não produzia mais nada. Em vão se empenhava em reter os dois jovens por mais alguns instantes, elevando a voz subitamente até quase gritar, cada vez que faziam menção de ir adiante. Mesmo assim, finalmente lhe escaparam. Mas, algum tempo ainda, a enfermeira seguiu-os com olhares ávidos, inclinando o tronco para a frente, como se quisesse segurá-los com a força dos olhos. Depois, com um suspiro que lhe irrompeu do peito, voltou ao quarto do seu paciente.

A única outra pessoa que Hans Castorp chegou a conhecer nesses primeiros dias foi aquela pálida senhora enlutada, a mexicana alcunhada de “Tous-les-deux”, que ele vira no jardim. E realmente lhe aconteceu ouvir da boca dessa senhora aquela expressão lúgubre que se transformara em apelido. Mas, como já estava prevenido, conseguiu manter uma atitude correta e teve motivos para ficar satisfeito consigo. Os dois primos encontraram a mexicana em frente do portão principal, quando, após o café da manhã, encetavam o passeio matinal, previsto no regulamento. Envolta num xale de lã preta, ela caminhava de joelhos dobrados, a passo longo e irrequieto. Sob o véu negro, enrolado em torno dos cabelos entremeados de fios de prata e amarrado por baixo do queixo, luzia num branco baço o rosto envelhecido, com a boca grande, marcada pelo sofrimento. Joachim, sem chapéu, como de costume, cumprimentou-a com uma mesura, à qual ela respondeu lentamente, enquanto as rugas transversais da sua testa

estreita se acentuavam em virtude do esforço de olhar. Ao deparar com um rosto desconhecido, estacou e, meneando levemente a cabeça, aguardou que os dois jovens se aproximassem. Evidentemente lhe parecia necessário saber se o moço estranho lhe conhecia o caso e queria expressar-lhe o seu pesar. Joachim apresentou o primo. Por baixo da mantilha, ela estendeu a mão ao visitante, mão magra, amarelada, de veias salientes, e adornada de anéis. Continuou olhando-o, sacudindo a cabeça. Então veio o inevitável.

— Tous les dé, monsieur — disse ela. — Tous les dé, vous savez...

— Je le sais, madame — respondeu Hans Castorp, numa voz abafada. — Et je le regrette beaucoup.[3]

As bolsas flácidas sob os olhos negros como azeviche eram tão grandes e tão pesadas como Hans Castorp nunca vira iguais. Um perfume suave, murcho, emanava dela. O jovem sentiu uma emoção doce e grave invadir-lhe o coração.

— Merci — disse ela com um sotaque rangente, que harmonizava de modo estranho com o alquebrado da sua aparência, e uma das comissuras da boca pendia tragicamente. A seguir, tornou a esconder a mão sob a mantilha, inclinou a cabeça e pôs-se a caminhar de novo. Hans Castorp, porém, disse, enquanto prosseguiam no passeio:

— Está vendo? Tudo saiu bem. Eu soube lidar com ela. Em geral me parece que me dou bem com esse tipo de pessoas. Sei, por instinto, como tratá-las. Você não acha também? Tenho até a impressão de que, na maioria dos casos, me entendo melhor com gente triste do que com gente alegre; sabe Deus por quê! Talvez seja porque sou órfão e perdi meus pais muito cedo. Mas, quando as pessoas estão sérias e tristes e a morte entra em jogo, não me sinto propriamente deprimido nem acanhado; pelo contrário, tenho a sensação de estar no meu elemento, e em todo caso passo melhor do que num ambiente de festa barulhenta. Isto não suporto.

Pensei nesses dias que é uma bobagem da parte daquelas senhoras essa coisa de terem tanto pavor da morte e de tudo o que se relaciona com ela, a ponto de se tornar preciso escondê-la e administrar o Santo Sacramento enquanto a gente está comendo. Isso é ridículo, ora bolas! Você não gosta de ver um caixão? Eu gosto, de vez em quando. Acho que um caixão é um móvel bonito, já quando vazio. Mas, quando há alguém dentro, torna-se mesmo solene, ao meu ver. Os enterros têm qualquer coisa edificante. Às vezes tenho matutado que, em vez de irmos à igreja, deveríamos ir a um enterro, para nos edificar. As pessoas vestem-se com boas roupas pretas, tiram os chapéus, olham o féretro e mantêm uma atitude grave e piedosa. Ninguém se atreve a dizer piadas, como em outras circunstâncias. A mim me agrada muito ver pessoas devotas. Às vezes cheguei a me perguntar se não deveria ter sido pastor. De certo modo, isso teria servido bem para mim, creio... Tomara que eu não tenha cometido nenhum erro de francês, naquelas frases que falei com ela.

— Não — disse Joachim. — “Je le regrette beaucoup” é para lá de correto.

POLITICAMENTE SUSPEITA!

E eis que tiveram lugar alguns desvios regulares do dia normal: primeiro um domingo — e um domingo com concerto no terraço do sanatório, como só havia de quinze em quinze dias. Tratava-se, pois, de uma marca na quinzena em cuja segunda metade Hans Castorp entrara, vindo de fora. Ele chegara numa terça-feira, de modo que era o quinto dia desde então, um dia de aspecto primaveril, depois daquela fantástica queda de temperatura e recaída no inverno; um dia ameno e fresquinho, com nuvens limpas num céu azul e claro, e com um sol moderado sobre as encostas e o vale, que novamente haviam assumido o verde regulamentar do verão, já que a neve recente estava condenada a derreter-se depressa.

Era visível que todo mundo se esforçava por dignificar e distinguir o domingo; a administração e os hóspedes ajudavam-se mutuamente nesse sentido. Logo com o café da manhã serviu-se bolo coberto com farofa de açúcar; junto de cada lugar à mesa havia um pequeno vaso com algumas flores, cravos da montanha e rosas alpinas, que os cavalheiros prendiam à lapela (o sr. Paravant, promotor público de Dortmund, até vestira para essa ocasião um fraque preto com colete à fantasia); o toucador das senhoras tinha caráter festivo e vaporoso, a sra. Chauchat apareceu à hora do café, trajando uma ampla matinée de rendas com mangas japonesas; com ela, após bater a porta envidraçada com um estrondo, fez uma espécie de continência e apresentou-se graciosamente a todo o salão, para só então encaminhar-se, a passo silencioso, para a sua mesa. A matinée assentava-lhe tão magnificamente que a vizinha de Hans Castorp, a professora de Königsberg, se mostrou toda entusiasmada. Até mesmo o casal bárbaro da mesa dos “russos ordinários” levava em conta o dia do Senhor; o marido substituíra a jaqueta de couro por uma sobrecasaca

curta, e as botinas de feltro, por sapatos de couro; a esposa, embora usasse também desta vez o boá de penas pouco limpo, exibiu uma blusa de seda verde, com gola pregueada... Ao vê-los, Hans Castorp, de cenho carregado, mudou de cor, o que nos últimos tempos lhe acontecia com certa frequência.

Logo depois da segunda refeição da manhã começou o concerto no terraço; reuniam-se ali instrumentos de sopro de toda espécie, para tocar alternadamente músicas alegres e solenes, até quase a hora do almoço. Durante o concerto, o repouso não era estritamente obrigatório. Se bem que alguns pensionistas desfrutassem o deleite musical do alto das sacadas e também no alpendre houvesse algumas espreguiçadeiras ocupadas, a maioria dos hóspedes achava-se em torno das mesinhas brancas, na plataforma coberta. Uma turma de alegres vivedores, julgando por demais correto sentar-se numa cadeira, instalara-se nos degraus de pedra da escadaria que conduzia ao jardim, e ali manifestava muita animação. Eram jovens enfermos de ambos os sexos, que Hans Castorp já conhecia em grande parte, ou de nome ou de vista. Hermine Kleefeld pertencia a essa roda, bem como o sr. Albin, que fazia circular uma grande caixa florida com chocolates, e convidava a todos, enquanto ele próprio nada comia, limitando-se a fumar com ar paternal numerosos cigarros de piteira dourada. Além do rapaz beiçudo da "Sociedade de Meio-Pulmão", viam-se ainda a srta. Levi, magra e de cor de marfim como sempre, um moço louro, de nome Rasmussen, que deixava pender frouxamente as mãos, quais barbatanas, à altura do peito, e a sra. Salomon, de Amsterdam, matrona opulenta, de vestido vermelho, e que igualmente se unira à mocidade. Aquele moço alto, de cabelos ralos, que sabia tocar a marcha nupcial do *Sonho de uma noite de verão*, estava sentado atrás dela, cingindo com os braços os joelhos pontudos e cravando-lhe na nuca trigueira o olhar melancólico. Havia ainda uma mocinha ruiva, da Grécia;

outra, de origem desconhecida, com um perfil de anta; o garoto guloso com os óculos de lentes grossas; e outro rapazote de quinze ou dezesseis anos, com um monóculo fincado junto ao olho, um burro parrudo, notadamente, que ao tossicar levava à boca a unha comprida do dedo mindinho em forma de colherinha para sal — e outras pessoas mais.

O rapaz de unha comprida — contou Joachim em voz baixa — estava pouco doente ao chegar. Não tivera febre, e seu pai, um médico, mandara-o por mera precaução ao sanatório, onde, segundo a opinião do dr. Behrens, deveria ficar uns três meses. Agora, porém, decorrido esse prazo, tinha 37,8 a 38 graus e ia bastante mal. Verdade é que se comportava de modo tão insensato que merecia umas bofetadas.

Os dois primos tinham uma mesinha só para si, um pouco distante das demais, visto Hans Castorp fumar um charuto para acompanhar a cerveja preta que levara consigo depois da segunda refeição da manhã. De tempo em tempo conseguia achar gosto no tabaco. Um pouco tonto pela cerveja e a música, que como sempre fazia que entreabrisse a boca e inclinasse a cabeça para o lado, contemplou, com os olhos avermelhados, a vida despreocupada de estação de cura que o rodeava. Não o incomodou, em absoluto, a consciência de que toda essa gente escondia no seu interior um processo de decomposição, com pouca probabilidade de se deter, e que a maioria se achava num estado levemente febril; pelo contrário, essa consciência contribuiu para aumentar a singularidade do ambiente e emprestar-lhe um certo encanto intelectual… Bebia-se limonada gasosa em torno das mesinhas. Na escadaria tiravam-se fotografias. Alguns permutavam selos, e a grega ruiva desenhava a lápis, num bloco, o retrato do sr. Rasmussen; depois, não quis mostrar-lhe o desenho; rindo-se e exibindo os grandes dentes separados, esquivou-se de um para outro lado, de maneira que ele levou muito tempo antes de lhe arrancar o

bloco. Hermine Kleefeld, com os olhos semicerrados, quedou-se no seu degrau, a bater, com um jornal enrolado, o compasso da música, enquanto o sr. Albin lhe prendia na blusa um ramalhete de flores silvestres. O rapaz beiçudo, sentado ao pé da sra. Salomon, conversava com ela, voltando a cabeça para trás, ao passo que o pianista de cabelos ralos não cessava de fitar a nuca da matrona.

Chegaram os médicos e meteram-se entre os hóspedes, o dr. Behrens no jaleco branco, e o dr. Krokowski com a sua peculiar blusa preta. Passaram ao longo da fileira de mesinhas, e a cada grupo de hóspedes o conselheiro áulico disse jovialmente uma pilhéria qualquer, de forma que uma esteira de hilaridade lhe marcou o caminho. A seguir, desceram pela escada, rumo à mocidade, cuja parte feminina, requebrando-se e lançando olhares de soslaio, logo se agrupou em torno do dr. Krokowski, ao passo que o médico-chefe, em homenagem ao domingo, exibia ao sexo forte o seu truque dos cordões de botina: colocou o pé enorme num degrau superior, desatou a laçada, apanhou os cordões com uma mão só, empregando nisso uma técnica especial, e conseguiu, sem servir-se da outra, prendê-los novamente aos ganchinhos, de forma cruzada; a habilidade despertou a admiração de todos, e alguns, em vão, tentaram imitá-lo.

Mais tarde apareceu também Settembrini no terraço. Apoiando-se na bengala, saiu da sala de refeições. Como sempre, trajava o paletó comprido e as calças amareladas. Com um ar distinto, vivo e crítico, olhou em torno e aproximou-se da mesa dos primos. “Ah, bravo!”, exclamou e pediu licença para sentar-se.

— Cerveja, tabaco e música — disse. — Eis sua pátria! Vejo que o senhor tem senso para o espírito nacional, Engenheiro. Folgo em ver que está no seu elemento. Deixe-me participar da harmonia do estado em que o senhor se encontra!

Hans Castorp recompôs suas feições, o que, aliás, já

procurara fazer logo que avistara o italiano. Em seguida respondeu:

— O senhor chega tarde ao concerto, sr. Settembrini. Já está quase no fim. Não gosta de música?

— Não por ordem superior — replicou Settembrini. — Nem quando é ditada pelo calendário. Não simpatizo com ela quando tem um cheiro de farmácia e me é ministrada pelas autoridades, para fins sanitários. Estimo ainda um pouco a minha liberdade, ou pelo menos aquele restinho de liberdade e dignidade humana que sobra a gente como nós. Em ocasiões como esta, costumo comparecer como visitante, assim como o senhor faz aqui em cima. Assisto durante um quarto de hora e depois vou-me embora. Isso me dá a ilusão de independência… Não digo que seja mais que uma simples ilusão; seja como for, a mim causa certa satisfação. Com seu primo, o caso é diferente. Para ele, isto aqui é serviço. Não é, Tenente? O senhor considera o concerto parte dos seus deveres. Ah! Sim, eu sei que o senhor conhece o truque de conservar o seu orgulho em plena escravidão. É um truque desconcertante. Não há muitos na Europa que entendam disso. E a música? O senhor não me perguntou se eu era amante da música? Bem, se o senhor usou a palavra "amante" — Hans Castorp absolutamente não se lembrava de tê-la empregado —, não escolheu mal a expressão, porque ela tem um quê de frivolidade afetuosa. Pois é, estou de acordo. Sim senhor, sou amante da música, o que significa que a estime particularmente, assim como estimo e amo, por exemplo, a palavra, o veículo do espírito, o utensílio e o resplandecente arado do progresso… A música? Ela representa tudo que existe de semiarticulado, de duvidoso, de irresponsável, de indiferente. O senhor talvez me objete que ela pode ser clara. Mas também a natureza pode ser clara; também um arroio o pode ser, e de que nos adianta isso? Não é essa a clareza verdadeira; é uma clareza sonhadora, despida de significação, uma clareza que a nada obriga nem chega a ter consequências; é perigosa porque

induz a gente à complacência satisfeita… Suponhamos que a música tome uma atitude de magnanimidade. Bem, nesse caso, ela inflamará os nossos sentimentos. No entanto, o que importa é inflamar nossa razão. Aparentemente a música é toda movimento, e contudo suspeito nela o quietismo. Permita que eu leve a minha tese ao exemplo: tenho contra a música uma antipatia de caráter político.

A essa altura da conversa, Hans Castorp não pôde deixar de bater com a mão sobre o joelho e de exclamar que nunca na vida ouvira coisa semelhante.

— Mesmo assim, convém ponderar a ideia — disse Settembrini sorrindo. — A música é inestimável como meio supremo de produzir entusiasmo, como força que faz avançar e subir, mas só para pessoas cujos espíritos já estejam preparados para os seus efeitos. Porém, é indispensável que a literatura a preceda. Sozinha, a música não é capaz de levar o mundo avante. Para a sua pessoa, Engenheiro, ela representa indubitavelmente um perigo. Isso verifiquei logo ao chegar, na sua fisionomia.

Hans Castorp começou a rir.

— Ora, não olhe o meu rosto, sr. Settembrini! O senhor não imagina até que ponto me incomoda o ar de vocês aqui em cima. Aclimatar-me custa-me muito mais do que eu pensava.

— Creio que o senhor se engana.

— Mas por quê? Ainda me sinto cansado e quente como o diabo.

— Parece-me, no entanto, que devemos ficar gratos à direção por estes concertos — disse Joachim circunspectamente. — O senhor considera o assunto de um ponto de vista superior, sr. Settembrini, por assim dizer, como escritor, e nesse sentido não quero contradizê-lo. Mas tenho a impressão de que nós aqui deveríamos aceitar com gratidão um pouquinho de música. Não sou um entendido em música, de modo algum, e aquilo que tocam para nós não é grande coisa. As peças não são nem clássicas nem modernas. É uma charanga e nada mais. Mesmo assim,

representa uma variação agradável que, de forma decente, preenche algumas horas; quero dizer que as assinala e as ocupa, de modo que elas tenham algum valor próprio, ao passo que em geral se desperdiçam aqui horas e dias e semanas de um modo simplesmente pavoroso. Olhe, essas pecinhas insignificantes duram sete minutos, em média, não é? E esses sete minutos têm alguma coisa em particular, têm princípio e têm fim, destacam-se e são, de certo modo, preservados da ameaça de se perderem sem mais nem menos na monotonia geral. Além disso, muitas vezes ainda são subdivididos pelas partes da peça, e estas, por sua vez, se compõem de compassos, de maneira que sempre acontece alguma coisa e cada instante recebe um certo sentido, ao qual se pode agarrar, ao passo que normalmente… Não sei se me expressei…

— Bravo! — gritou Settembrini. — Bravo, Tenente! O senhor definiu muito bem um fator incontestavelmente moral na natureza da música; a saber, que ela mede o curso do tempo de uma forma especial e cheia de vida, e assim lhe empresta vigilância, espírito e preciosidade. A música desperta o tempo; desperta a nós, para tirarmos do tempo um gozo mais refinado; desperta… e portanto é moral. A arte é moral na medida em que desperta. Mas que sucede, quando ela faz o contrário? Quando entorpece, adormenta, estorva a atividade e o progresso? Também disso a música é capaz; sabe perfeitamente agir como ópio. Uma influência diabólica, meus senhores! O ópio é uma obra do diabo, porque causa apatia, estagnação, passividade, inatividade servil… Há na música um elemento perigoso, senhores. Insisto no fato de sua natureza ambígua. Não exagero ao declarar que ela é politicamente suspeita.

Settembrini continuou externando ideias desse gênero, e Hans Castorp escutava, sem, no entanto, compreendê-lo perfeitamente, em primeiro lugar por causa do cansaço, e em segundo porque se sentia distraído pela animada atividade dos jovens alegres espalhados pela escadaria. Não

o enganavam seus olhos? Que era isso? A senhorita de cara de anta estava ocupada em pregar um botão à presilha de joelho, nos calções de golfe do jovem de monóculo. A asma embargava a respiração da mocinha, enquanto o rapaz tossia, cobrindo a boca com a unha comprida semelhante a uma colherinha de sal. Verdade era que ambos estavam doentes, e todavia essa conduta não deixava de pôr em evidência os costumes estranhos que reinavam entre a mocidade, cá em cima. A banda de música tocava uma polca...

Foi assim que o domingo se notabilizou. Sua tarde, além disso, esteve assinalada por excursões de coche realizadas por vários grupos de hóspedes. Depois do chá, diversas parelhas subiram laboriosamente a rampa do sanatório e pararam em frente do portão principal, para recolher os pensionistas que haviam encomendado os carros. Eram na maioria russos, sobretudo senhoras russas.

— Os russos gostam de passear de carro — disse Joachim a Hans Castorp. Os primos estavam diante da entrada e divertiam-se a presenciar a partida das carruagens. — Vão a Clavadell ou ao lago ou ao vale de Flüela ou a Klosters. São esses os passeios que se costuma fazer. Qualquer dia podemos também passear de carro, se quiser. Mas acho que por enquanto você terá bastante trabalho para se aclimatar, e não tem necessidade de aventuras.

Hans Castorp concordou. Tinha um cigarro na boca e as mãos nos bolsos da calça. Viu como a jovial velhota russa com a sua sobrinha magra e mais duas outras senhoras — Marúsia e madame Chauchat — tomavam assento num coche. Madame Chauchat trazia um guarda-pó leve, cinturado, mas andava sem chapéu. Sentou-se ao lado da senhora idosa, no fundo do carro, ao passo que as senhoritas ocupavam os assentos dirigidos para trás. Todas as quatro estavam alegres, e suas bocas não paravam um segundo sequer. Tagarelavam naquele seu idioma brando, como que desprovido de ossos. Falavam e riam-se do cobertor de viagem, muito pequeno e que só dificilmente bastava para quatro pessoas, bem como dos bombons russos que a velha tia levou para merenda, numa caixinha de madeira forrada de algodão e papel rendado, e que ela já fez circular, mesmo antes da partida... Hans Castorp distinguiu com interesse a voz velada da sra. Chauchat. Como sempre, quando avistava essa mulher relaxada, sentia reafirmar-se aquela

semelhança que andara procurando tanto tempo e finalmente descobrira num dos seus sonhos… O riso de Marúsia, porém, o aspecto dos seus olhos redondos e castanhos, que vagavam com uma expressão infantil por cima do lencinho que cobria a boca, e seus seios rijos, que interiormente estavam bastante doentes — tudo isso lhe recordava outra coisa, uma visão comovente que tivera havia pouco tempo. Cautelosamente, sem mover a cabeça, olhou para Joachim, a seu lado. Não, graças a Deus o seu rosto não tinha a cor terrosa do outro dia, e os lábios também não se crispavam daquele modo doloroso. Mas o primo estava com os olhos fixos em Marúsia, numa atitude e com uma fisionomia que seria impossível qualificar de militares, e que, bem ao contrário, pareciam tão tristonhas e desoladas que era inelutável tachá-las de perfeitamente paisanas. No entanto, não tardou a dominar-se e lançou um olhar tão rápido a Hans Castorp que este mal teve tempo para desviar os olhos e dirigi-los para qualquer ponto no ar. Sentiu como o seu coração se punha a bater, sem motivo nenhum e por iniciativa própria, como às vezes fazia ali em cima.

O resto do domingo não ofereceu mais nada de extraordinário, a não ser a comida que, embora não pudesse ser mais farta do que de costume, se distinguia ao menos pelo aumentado requinte dos pratos. (No menu do almoço figurava um chaud-froid de galinha, guarnecido de caranguejos e meias cerejas; os sorvetes vieram acompanhados de filhós, em cestinhos tecidos de fios de açúcar, e por fim surgiram até fatias de abacaxi fresco.) Pela noite, depois de tomar a sua cerveja, Hans Castorp sentiu-se esgotado, com frio e com uma lassidão nos membros ainda maior do que nos dias anteriores. Já às nove horas disse “Boa noite” ao primo, cobriu-se apressadamente com o acolchoado de penas e adormeceu como fulminado.

Mas o dia seguinte, isto é, a primeira segunda-feira que o visitante passou no sanatório, trouxe outra dentre as

modificações periódicas do programa normal: uma daquelas conferências que o dr. Krokowski fazia de quinze em quinze dias na sala de refeições, para todo o público adulto do “Berghof” que dominasse o idioma alemão e não estivesse moribundo. Tratava-se, segundo Hans Castorp soube de Joachim, de uma série de preleções em sequência, espécie de curso científico-popular, sob o título geral de *O amor como fator patogênico*. A palestra didática realizava-se depois da segunda refeição da manhã, e, também segundo a informação de Joachim, não era lícito, ou pelo menos era muito malvisto, que alguém lhe deixasse de assistir. Por isso considerava-se um tremendo atrevimento a atitude de Settembrini, que, embora dominasse o alemão melhor que ninguém, não somente nunca comparecia a essas conferências como até as criticava em termos sumamente depreciativos. Quanto a Hans Castorp, estava disposto a ir, primeiro por cortesia, mas também por uma curiosidade não dissimulada. Antes, porém, fez uma coisa completamente errada e prejudicial: deu-lhe na veneta empreender por conta própria um extenso passeio, de que se saiu bem mal, para além do que se poderia supor.

— Preste atenção! — foram suas primeiras palavras, quando Joachim, pela manhã, entrou em seu quarto. — Estou vendo que não posso continuar desse jeito. Estou farto da vida horizontal. Com esse regime, o sangue adormece nas veias da gente. O seu caso é diferente, claro! Absolutamente não quero tentar você. Mas tenho a intenção de dar, logo depois do café, um bom passeio, se você não me leva a mal essa ideia. Caminharei assim, sem destino, durante algumas horas. Vamos ver se não me sentirei outro homem quando regressar.

— Muito bom! — disse Joachim, ao notar que o outro levava a sério o projeto. — Mas não exagere, ouviu? Aqui as coisas não são como lá embaixo. E procure estar de volta na hora, para a conferência.

Na realidade, as razões que haviam levado o jovem Hans

Castorp ao projeto desse passeio não se relacionavam somente com o seu bem-estar físico. Parecia-lhe que sua cabeça quente, o gosto ruim que ele amiúde tinha na boca e as pulsações caprichosas do seu coração se deviam menos às dificuldades da aclimatação do que a certos fatores, como, por exemplo, as atividades do casal russo no quarto vizinho, a lenga-lenga que a estúpida e doente sra. Stöhr proferia durante as refeições, a tosse lamacenta do aristocrata austríaco, que todos os dias se ouvia no corredor, as palavras do sr. Albin, as impressões que os costumes sociais da mocidade enferma lhe haviam causado, a fisionomia de Joachim quando olhava para Marúsia, e outras observações desse tipo. Pensava então que deveria ser saudável subtrair-se à zona de influência do Berghof, respirar profundamente ao ar livre e fazer algum exercício, a fim de saber, de noite, por que se sentia tão cansado. E assim, cheio de iniciativa, separou-se de Joachim após o café da manhã, quando, logo após o banco junto da calha, o primo dava início a seu passeio regulamentar, e ele mesmo, brandindo a bengala, seguiu estrada abaixo seus próprios caminhos.

Era uma manhã fresquinha e nublada, pelas oito e meia. Tal e qual se propusera, Hans Castorp aspirava profundamente o puríssimo ar matutino, uma atmosfera fresca e leve que se deixava sorver sem esforço, atmosfera sem umidade nem conteúdo nem recordações... Transpôs o curso d’água e os trilhos de bitola estreita, alcançou a rua principal, aqui e ali ladeada de casas, mas logo a abandonou, para tomar um atalho através dos prados, que, depois de um curto trajeto plano, subia a encosta à direita, num curso oblíquo e bastante íngreme. Essa subida alegrou Hans Castorp. Dilatou-se-lhe o peito. Com o castão da bengala empurrou o chapéu para trás, e quando, de certa altura, lançou um olhar sobre a paisagem e avistou ao longe o espelho do lago, pôs-se até a cantar.

Cantou as canções que lhe ocorriam, toda espécie de

cantigas sentimentais e populares, como figuram nas antologias para estudantes e ginastas. Uma, por exemplo, continha os versos:

Que os bardos cantem o amor e o vinho,
Mas cantem antes a virtude.

Começou cantarolando baixinho, mas logo aumentou o volume e por fim cantava com toda a força que tinha. Sua voz de barítono era áspera, mas, nesse momento, pareceu-lhe bonita. Entusiasmava-se cada vez mais, à medida que ia cantando. Quando chegava a notas excessivamente altas, recorria ao falsete, e também este lhe agradava. Às vezes falhava a sua memória, e nesses casos saía-se bem entoando a melodia com quaisquer palavras e sílabas absurdas que no momento lhe ocorriam, e que ele, à maneira dos cantores de ópera, proferia modulando-as com os lábios e carregando nos “erres”. Finalmente passou a improvisar tanto o texto como a melodia, acompanhando a sua produção com gestos teatrais dos braços. Já que é muito cansativo subir e cantar ao mesmo tempo, Hans Castorp em breve perdeu o fôlego. Mas, por idealismo, em prol da beleza do canto, venceu a emergência, e, por entre numerosos suspiros, deu tudo que tinha. Por fim, completamente sem alento, quase cego, com olhos a enxergarem apenas faíscas coloridas, e com o pulso a martelar, deixou-se cair ao pé de um enorme pinheiro. Depois de tamanha emoção, sentiu-se tomado de uma sensação de intenso mal-estar, de uma ressaca que tocava as raias do desespero.

Quando, com os nervos mais ou menos tranquilizados, animou-se a prosseguir o passeio, a nuca tremia-lhe intensamente, de modo que, apesar da sua juventude, sacudia a cabeça da mesma forma que outrora fizera o velho Hans Lorenz Castorp. Ele mesmo sentiu que esse fenômeno lhe recordava com grande simpatia o falecido avô, e, sem experimentar repugnância, divertiu-se com a imitação daquele gesto de apoiar o queixo sobre o nó da gravata,

gesto com o qual o velho procurava evitar o tremor da cabeça, e que tanto agradava ao menino.

Subiu ainda mais, em zigue-zague. Atraía-o o tilintar dos cincerros das vacas, e passado pouco tempo avistou um rebanho a pastar nas proximidades de um chalé, cujo telhado estava consolidado com pedras. Dois homens barbudos, com machados no ombro, vinham ao seu encontro. Perto dele, despediram-se um do outro.

— Pois então, passe bem, e muito agradecido! — disse um dos homens, numa voz profunda, gutural, e, mudando o machado de um ombro para outro, dirigiu-se ao vale, avançando caminho, a passo ruidoso, por entre os pinheiros.

Aquele "Passe bem, e muito agradecido", que soara estranhamente através da solidão, fez sonhar o espírito de Hans Castorp, ainda tonto pela subida e pelo canto. Repetiu as palavras em voz baixa, procurando arremedar o dialeto gutural, singelo e solene do montanhês. Subiu um bom pedaço além da choça, na intenção de alcançar o limite das árvores. Mas um olhar ao relógio fez com que desistisse do projeto.

Dobrou para a esquerda, rumo à aldeia, seguindo uma vereda que começava plana e depois descia. Acolheu-o um bosque de altas coníferas. Ao atravessá-lo, Hans Castorp voltou a cantar um pouco, ainda que cautelosamente. Mesmo assim tremiam-lhe os joelhos durante a descida ainda mais do que antes. Quando saiu do bosque, deteve-se, surpreso, diante de um quadro magnífico que se lhe descortinava, uma paisagem íntima e fechada, de plasticidade tranquila e grandiosa.

Por um leito pedregoso, pouco profundo, precipitava-se um curso d'água pela encosta direita abaixo; escumando, saltava os rochedos dispostos como que em terraços, e em seguida corria, num fluxo mais calmo, em direção ao vale, passando por baixo de uma pitoresca pontezinha, com um tosco parapeito de madeira. O solo parecia azul pelas flores campanuláceas de um arbusto que crescia em toda parte.

Pinheiros sombrios, de troncos gigantescos e bem-proporcionados, viam-se ora isolados, ora em grupos, no fundo do desfiladeiro e nas encostas. Um deles, arraigado obliquamente no alcantil à beira do arroio torrentoso, atravessava o panorama numa diagonal torta e excêntrica. Uma solidão cheia de rumores pairava sobre esse sítio isolado e formoso. Do outro lado do regato, Hans Castorp viu um banco que convidava ao repouso.

Transpôs a pontezinha e sentou-se, a fim de se divertir com o aspecto da cachoeira de águas espumantes e de lhes escutar o ruído idilicamente palrador, uniforme e todavia cheio de variação íntima. O murmúrio das águas — Hans Castorp adorava-o tanto quanto a música, e talvez ainda mais. Mas, apenas se pusera à vontade, começou a sangrar-lhe o nariz, tão de repente que não pôde evitar que manchasse a sua roupa. A hemorragia era violenta e obstinada; durante meia hora, pouco mais ou menos, não parou de incomodá-lo, obrigando-o a ir e vir, sem cessar, entre o regato e o banco, para lavar o lenço, aspergir água e voltar a estender-se nas tábuas do assento, com o nariz coberto pelo lenço úmido. Quando finalmente o sangue estancou, permaneceu assim deitado, imóvel, com as mãos presas atrás da cabeça, e com os joelhos fletidos. Tinha os olhos cerrados e os ouvidos cheios de zoadas. Contudo, não se sentia mal, antes acalmado pela copiosa sangria. Achava-se num estado de vitalidade singularmente diminuída; pois, cada vez que expelia o ar, durante algum tempo não experimentava nenhuma necessidade de aspirar outra vez; com o corpo em suspenso, deixava, com toda a calma, que seu coração palpitasse diversas vezes, antes que, tardia e indolentemente, voltasse a tomar fôlego.

Eis que, de súbito, sentiu-se transportado para aquela fase remota da sua vida, em que se passara a cena original de um sonho remodelado em conformidade com impressões mais recentes, e que tivera poucas noites atrás… Viu-se arrebatado para o lá e o outrora, sem deixar qualquer

vestígio, a ponto de suspender o espaço e o tempo, e com tanto vigor que se poderia dizer que no banco junto da cachoeira jazia um corpo inânime, ao passo que o verdadeiro Hans Castorp se encontrava longe dali, num ambiente e numa época muito distantes — e ainda numa situação que, apesar da sua simplicidade, era para ele arriscada e lhe inebriava o coração.

Tinha então treze anos; era aluno do quarto ano do ginásio, um rapazote de calças curtas. Achava-se no pátio da escola, a conversar com outro garoto, aproximadamente da mesma idade, mas que pertencia a outra série. Era por motivos bastante gratuitos que Hans Castorp entabulara essa conversa, que o alegrava sobremodo, ainda que seu assunto objetivo e claramente delimitado a obrigasse a um máximo de brevidade. Isso se passou durante o recreio entre a penúltima e a última aula, aulas de história e desenho, para a série de Hans Castorp. No pátio pavimentado de ladrilhos vermelhos, separado da rua por um muro coberto de telhas e provido de dois portões, os alunos passeavam em filas ou formavam grupos, encostando-se semissentados às saliências azulejadas do edifício. Entrecortavam-se numerosas vozes. Um professor, com um chapéu de abas largas, vigiava a rapaziada, enquanto comia um sanduíche de presunto.

O garoto com o qual Hans Castorp conversava chamava-se Hippe, e seu prenome era Pribislav. Acrescia a isso, como detalhe curioso, que o “r” desse prenome se pronunciava como “ch”: dizia-se Pchibislav, e esse nome pouco comum condizia bem com o aspecto do rapaz, cujo tipo, longe de ser normal, era antes bastante exótico. Hippe, filho de um historiador e professor ginasial, e por conseguinte um aluno modelar, já frequentava a classe imediatamente mais adiantada que a de Hans Castorp, se bem que fossem quase da mesma idade. Provinha de Mecklemburgo, e sua pessoa constituía, evidentemente, o produto de uma antiga mistura de raças, com uma dose de sangue eslavo num recipiente

germânico, ou vice-versa. Seus cabelos, aparados rente ao crânio redondo, eram louros, mas seus olhos, de uma cor entre azul e cinzento — era uma cor incerta, ambígua, qual a de uma cordilheira longínqua —, mostravam uma forma singular, estreita e, a rigor, até um pouco oblíqua; e sob esses olhos destacavam-se as maçãs, salientes e fortemente acentuadas. Essas feições, nada feias e mesmo bastante simpáticas, haviam valido a Hippe, entre os colegas, o apelido de "o Quirguiz". Hippe já usava calças compridas e uma jaqueta azul, cinturada nas costas e fechada até o pescoço, sobre cuja gola se percebiam habitualmente alguns vestígios de caspa.

Acontecia que Hans Castorp, desde muito tempo, fixara a sua atenção nesse Pribislav; escolhera-o em meio ao formigueiro de rostos conhecidos e desconhecidos que enchia o pátio; interessava-se por ele, acompanhava-o com os olhos e — será lícito dizer que o admirava? Em todo caso devotava-lhe um interesse especial, e ao dirigir-se à escola já se regozijava com a ideia de observá-lo no trato com os companheiros de curso, de vê-lo falar e rir-se, e de distinguir-lhe de longe a voz em meio às outras, aquela voz agradável, velada e um tanto rouca. É forçoso admitir que não havia razão suficiente para essa simpatia, a não ser que se queira considerar como tal o prenome pagão, a qualidade de aluno modelar (o que era impossível ter qualquer importância nesse caso) ou finalmente os olhos quirguizes — olhos que por ocasião de certos relances laterais que não se fixavam em nada às vezes eram capazes de se envolver languidamente em trevas misteriosas — de modo que, fosse como fosse, Hans Castorp pouco se preocupava com a justificação intelectual dos seus sentimentos e ainda menos com o problema de encontrar uma denominação para eles. Indubitavelmente não se podia falar de amizade, já que ele nem sequer "conhecia" Hippe. Mas não havia, em primeiro lugar, a mínima necessidade de uma denominação, porquanto nem se pensava em falar de um assunto que não

se prestava para isso nem requeria palavras. Segundo, uma denominação representa, se não uma crítica, ao menos uma definição, isto é, uma classificação na ordem das coisas conhecidas e habituais, e Hans Castorp estava compenetrado da convicção inconsciente de que um tesouro íntimo como esse devia ser preservado para sempre de tal definição e classificação.

Bem ou mal justificados, e em todo caso impróprios para qualquer denominação ou expressão verbal, esses sentimentos eram de tanta força vital que Hans Castorp, já fazia um ano — pouco mais ou menos, por ser impossível fixar a data do começo —, alimentava-os em silêncio, o que revelava, pelo menos, a fidelidade e a constância do seu caráter, levando-se em conta o lapso enorme de tempo que, nessa idade, representa um ano. Infelizmente, as designações de qualidades de caráter contêm, via de regra, um julgamento moral, quer no sentido de um elogio, quer de uma censura, se bem que todas elas tenham dois aspectos. Quando examinamos, sem emitir nenhuma opinião acerca do seu valor, a tal "fidelidade" de Hans Castorp — da qual ele mesmo absolutamente não se gabava —, consistia ela em certa morosidade, lentidão e persistência do seu espírito, em uma mentalidade fundamentalmente conservadora, que lhe afigurava as situações e as circunstâncias da vida tanto mais dignas de estabilidade e de simpatia quanto maior fosse sua duração. Também se inclinava a crer na eternidade do estado particular e da disposição de alma em que se achava em determinado momento, e justamente por isso os apreciava, sem almejar nenhuma modificação. Assim se acostumara, no seu íntimo, a essa longínqua e silenciosa relação que o ligava a Pribislav Hippe, tomando-a no fundo por uma instituição permanente da sua vida. Adorava as emoções que ela acarretava, a curiosidade de saber se nesse ou naquele dia o outro iria ou não a seu encontro, se passaria perto dele, ou talvez se lhe dirigiria um olhar; adorava essas satisfações tácitas e delicadas com que o

brindava o seu segredo; adorava até mesmo as decepções inerentes ao caso, e dentre as quais a maior era verificar que Pribislav faltava à aula; então, o pátio parecia ermo; o dia, privado de todo sabor; e entretanto permanecia viva a esperança no futuro.

Isso durou um ano, até alcançar aquele apogeu crítico. Depois, continuou por mais um ano, graças à fidelidade conservadora de Hans Castorp, e por fim terminou, sem que ele notasse mais do afrouxamento e da dissolução dos laços que o ligavam a Pribislav Hippe do que notara da sua formação. Ademais, Pribislav abandonou o ginásio e a cidade, devido a uma transferência de seu pai; mas esse fato, Hans Castorp mal o percebeu. Pode-se dizer que o vulto do “Quirguiz”, desprendendo-se imperceptivelmente de uma névoa, entrou na sua vida, na qual ia adquirindo uma nitidez e um relevo cada vez mais intensos, até aquele instante no pátio, que representava o máximo de clareza e de corporeidade; que durante algum tempo se conservou assim no primeiro plano, e por fim, aos poucos, recuou, desaparecendo nas brumas, sem despertar nenhuma tristeza de despedida.

Esse instante, porém, a situação arriscada e aventuresca a que Hans Castorp viu-se novamente transferido, a conversa, uma conversa real com Pribislav Hippe, deu-se da seguinte forma: foi antes da aula de desenho, e Hans Castorp verificou que estava sem seu lápis. Dos seus colegas, nenhum podia dispensar o seu; mas, entre os alunos de outras séries, Hans Castorp tinha esse ou aquele conhecido a quem pudesse se dirigir. Dentre todos, pensou, era Pribislav Hippe a quem conhecia melhor; era-lhe mais próximo que os outros, esse rapaz, com o qual, em silêncio, já tivera tanto que ver; e, com um impulso alegre de todo o seu ser, resolveu aproveitar a oportunidade — oportunidade, foi como a chamou — para pedir a Pribislav Hippe que lhe emprestasse um lápis. Não percebeu que esse ato seria um tanto estranho, visto ele não conhecer Hippe em realidade;

ou não se importou com isso, imbuído de uma singular desconsideração. E assim aconteceu que, no meio da azáfama do pátio ladrilhado, se plantou diante de Pribislav Hippe e lhe disse:

— Perdão, você poderia me emprestar um lápis?

E Pribislav fitou-o com seus olhos quirguizes, por cima das maçãs salientes. E então lhe respondeu na sua voz simpática e velada, falando sem a mínima surpresa, ou sem manifestá-la, ao menos.

— Com muito prazer — disse. — Mas você deve devolvê-lo sem falta depois da aula. — Com essas palavras tirou do bolso uma lapiseira prateada, com um anel que se devia empurrar para cima, para que o lápis vermelho apontasse do tubo metálico. Hippe explicou o mecanismo simples, enquanto as duas cabeças se inclinavam sobre o objeto.

— Cuidado para não quebrá-la em dois! — acrescentou.

Que ideia! Como se Hans Castorp pretendesse não devolver a lapiseira ou tratá-la com descuido.

Depois, olharam-se sorrindo, e, como nada mais restasse a dizer, deram lentamente meia-volta e separaram-se.

Foi tudo. Mas nunca na vida Hans Castorp sentira-se mais satisfeito do que naquela aula de desenho, ao trabalhar com o lápis de Pribislav Hippe, e com a perspectiva de entregá-lo mais tarde ao seu dono, como consequência natural e espontânea daquilo que haviam combinado. Tomou a liberdade de apontar o lápis, e das lasquinhas vermelhas que sobraram guardou três ou quatro durante quase um ano numa gaveta da sua carteira escolar. Ninguém que as visse suspeitaria da sua importância. A devolução realizou-se, de resto, da forma mais simples possível, em perfeita conformidade com as intenções de Hans Castorp, que até se orgulhava um pouco desse fato, displicente e pretensioso que se tornara pela intimidade com Hippe.

— Tome — disse. — E muito obrigado.

Pribislav não disse palavra alguma; limitou-se a verificar o mecanismo e meteu a lapiseira no bolso.

Depois disso, nunca mais voltaram a se falar. De qualquer maneira, porém, haviam se falado uma vez, graças ao espírito empreendedor de Hans Castorp…

Abriu os olhos, ainda confuso pela intensidade do seu arrebatamento. “Parece que sonhei!”, pensou. “Pois é, era Pribislav. Faz tempo que não lembro dele. Onde é que foram parar aquelas lasquinhas? A carteira escolar está no sótão, na casa do tio Tienappel. Devem ainda estar na gavetinha esquerda. Não as tirei de lá. Nem sequer para jogá-las fora eu lhes dediquei a atenção devida… Pribislav, todo ele, em carne e osso. Eu nunca teria pensado que tornaria a vê-lo tão nitidamente. Como é parecido com ela, com aquela mulher, aqui de cima! Será por isso que me interesso tanto por ela? Ou, talvez: será por isso que me interessei tanto por *ele*? Bobagem! Pura bobagem! Em todo caso está na hora de voltar, e bem depressa.” Ainda assim, permaneceu deitado por mais alguns instantes, cismando, absorto em recordações.

— Pois então, passe bem, e muito agradecido! — disse e sorriu, com os olhos cheios de lágrimas.

A seguir fez uma tentativa de se pôr a caminho. Mas logo tornou a sentar-se, com o chapéu e a bengala na mão, pois verificou que os joelhos não o sustentavam com firmeza. “Epa!”, pensou. “Parece que não vai dar! E ainda por cima preciso estar às onze em ponto na sala de refeições, para assistir à conferência. Os passeios aqui têm seus atrativos, mas têm também suas dificuldades. Seja como for, não posso ficar aqui. Só que fiquei meio dormente de tanto ficar deitado; com o movimento, vai melhorar.” Tentou mais uma vez pôr-se de pé e, com um sério esforço de recompor-se, conseguiu fazê-lo.

Mas, comparado com a partida briosa, o regresso não deixava de ser lamentável. Repetidas vezes, Hans Castorp teve que descansar à beira do caminho, por sentir que seu rosto de súbito empalidecera, que sua testa estava banhada em suor frio e as palpitações desregradas do coração lhe

tolhiam o fôlego. Penosamente se esfalfou na descida em zigue-zague, e quando chegou ao vale, nas proximidades do Cassino, compreendeu com toda a clareza que lhe seria impossível percorrer pelas suas próprias forças o extenso trajeto até o Berghof. Como não houvesse condução coletiva, nem se enxergasse nenhum carro de aluguel, fez parar um carroceiro que conduzia rumo à aldeia uma carreta, cheia de caixotes vazios, e pediu-lhe que o deixasse subir. Sentou-se de costas para o homem, com as pernas pendendo fora do veículo. Os transeuntes contemplavam-no com surpresa e compaixão, enquanto assim se deixava transportar, oscilando sob o efeito das sacudidelas, com a cabeça a balançar de sonolência. Perto da passagem de nível, desembarcou, deu ao carroceiro algumas moedas, sem reparar se eram muitas ou poucas, e galgou apressadamente a rampa sinuosa.

— Dépêchez-vous, Monsieur — disse o porteiro francês. — La conférence de Monsieur Krokowski vient de commencer.[4] — Hans Castorp atirou o chapéu e a bengala ao moço encarregado do vestiário e, com a língua entre os dentes, esgueirou-se rápido e cauteloso pela porta entreaberta da sala de refeições, onde os pensionistas se haviam agrupado em cadeiras dispostas em filas, enquanto no canto direito da sala o dr. Krokowski, vestido de sobrecasaca, e em pé atrás de uma mesa guarnecida de uma garrafa d’água, já se punha a falar.

Por sorte encontrou lugar vago na ponta de uma fileira, perto da porta. Sentou-se discretamente e procurou fingir ter ocupado a cadeira desde o princípio. O público, bebendo as palavras do dr. Krokowski com a intensa atenção dos primeiros instantes, mal reparou no jovem; ainda bem, porque Hans Castorp oferecia um aspecto terrível. Seu rosto estava lívido como linho, e suas roupas, manchadas de sangue, de modo que ele parecia um assassino que acabara de cometer um crime. A senhora sentada à sua frente voltou, entretanto, a cabeça e examinou-o com uns olhos rasgados. Era madame Chauchat, como Hans Castorp reconheceu com uma espécie de agastamento. Mas que diabo! Não o podiam deixar em paz? Tencionara, recém-chegado ali, sentar-se sossegado e refazer-se um pouquinho; e agora lhe acontecia estar face a face justamente com essa mulher. Tal casualidade, em outra ocasião, talvez lhe causasse satisfação; mas, exausto e derreado como se sentia, que lhe importava aquilo? A situação só impunha exigências novas ao seu coração e o irritaria durante toda a conferência. Os olhos com que ela o fixara, bem no rosto e mirando as manchas de sangue no casaco, eram exatamente os de Pribislav, e fizera-o com uma insistência indiscreta e petulante, com as maneiras mesmo de alguém que bate as portas com grande estrondo. Como era desajeitada a postura dela! Completamente diversa da que guardavam as senhoras da esfera próxima a Hans Castorp, que se mantinham eretas na cadeira, dirigiam a cabeça para o vizinho de mesa e falavam com as pontas dos lábios. A sra. Chauchat, porém, estava sentada numa atitude lassa, relaxada, com as costas redondas e os ombros caídos, e ainda avançava a cabeça, a ponto de deixar saliente a vértebra da nuca, por cima do decote da blusa branca. Também Pribislav mantinha a cabeça da mesma forma, mas

ele era um aluno modelar que se conduzia com todas as honras — muito embora não fosse esse o motivo por que Hans Castorp lhe pedira o lápis —, ao passo que era claro e evidente que a postura negligente da sra. Chauchat, o seu jeito de bater a porta e a indiscrição do seu olhar tinham relação com sua enfermidade; expressavam-se em tudo isso até mesmo aquele desembaraço e aquelas vantagens — talvez pouco honrosas, mas deveras ilimitadas — de que se ufanara o jovem sr. Albin…

Enquanto Hans Castorp ficou olhando para as costas indolentes da sra. Chauchat, seus pensamentos embaralharam-se, cessaram de ser pensamentos e transformaram-se em devaneios, nos quais penetrava como de longe o barítono arrastado do dr. Krokowski, com os “erres” brandos, pronunciados em surdina. Mas o silêncio que reinava na sala, a profunda atenção que parecia enfeitiçar a todos em redor, exerceram seus efeitos sobre ele e como que o despertaram da sua modorra. Olhou em torno de si… A seu lado achava-se o pianista de cabelos ralos, com a cabeça inclinada para trás, escutando de boca entreaberta e de braços cruzados. A srta. Engelhart, a professora, sentada a alguma distância, tinha nos olhos uma expressão de avidez, e em ambas as faces manchas avermelhadas — fenômeno que se repetia nos rostos das demais senhoras que Hans Castorp observou. Notou-o nos semblantes da sra. Salomon, ali, ao lado do sr. Albin, e da mulher do cervejeiro, sra. Magnus, aquela que perdia proteínas. Sobre a fisionomia da sra. Stöhr, um pouco mais para trás, refletia-se um êxtase tão cheio de ignorância que até causava dó, enquanto a srta. Levi, a da pele de marfim, recostando-se ao espaldar com os olhos semicerrados e as mãos espalmadas no regaço, parecia uma defunta, exceto pelo movimento de vaivém forte e rítmico do seu peito, o que lembrava a Hans Castorp uma figura de cera que ele vira tempos atrás num museu, e que tinha um mecanismo interior. Alguns pensionistas punham a mão em concha contra a orelha, ou, pelo menos,

fingiam esse gesto, ficando com a destra erguida a caminho do ouvido, como se a atenção os tivesse paralisado no meio do movimento. O sr. Paravant, promotor público, um homem trigueiro de aparência sumamente robusta, até coçou a orelha com o dedo indicador, para fazer com que ouvisse melhor, e logo voltou a submetê-la à verborreia do dr. Krokowski.

De que falava, afinal, o dr. Krokowski? Que tema estava desenvolvendo? Hans Castorp procurou concentrar o seu espírito, a fim de apanhar o fio da palestra, porém não o conseguiu imediatamente, visto não ter ouvido o princípio e ter perdido ainda outras passagens, depois, ao refletir acerca das costas lassas de sra. Chauchat. Tratava-se de uma potência… daquela potência… Numa palavra, tratava-se da potência do amor, *Liebe*. Claro! O assunto estava indicado pelo título geral do ciclo de conferências, e de que mais poderia falar o dr. Krokowski, dado ser essa sua especialidade? Verdade é que parecia um tanto estranho a Hans Castorp assistir, assim subitamente, a uma preleção sobre o amor, já que os cursos que ele seguira antes haviam se ocupado apenas de assuntos como a translação de rodas dentadas em construções náuticas. Como se arranjava o conferencista para expor em pleno dia, a um público de cavalheiros e senhoras, um assunto de natureza tão confidencial e espinhosa? O dr. Krokowski expunha-o num linguajar misto, entre poético e erudito, rigorosamente científico e, ao mesmo tempo, vibrante como um hino. Esse tom despertava no jovem Hans Castorp a impressão de uma certa falta de ordem, mas talvez fosse justamente ele o que esquentava as faces das damas e o que fazia os senhores coçar as orelhas. Em particular, o orador empregava o termo “*Liebe*” num sentido levemente ambíguo, de modo que nunca ficava claro o que se devia pensar das suas palavras, se elas se referiam a algo piedoso ou a algo carnal-passional — o que produzia uma espécie de enjoo marítimo. Nunca na vida Hans Castorp ouvira pronunciar esse vocábulo tantas

vezes seguidas como nessa hora e nesse lugar, e ao refletir sobre esse fato até achava que ele próprio jamais se servira dessa palavra e nem a ouvira de boca estranha. Talvez estivesse errado — mas, em todo caso, não lhe parecia que tanta repetição trouxesse qualquer vantagem ao vocábulo. Pelo contrário, “*Liebe*”, essa sílaba e meia, já em si um tanto escabrosa, de consoantes lingual e labial, e vogal balante no meio, acabou por se lhe tornar bastante repelente, e ligou-se a ela uma representação parecida com leite aguado, algo branco-azulado e um tanto insípido, sobretudo em comparação com todo o vigor das ideias que o dr. Krokowski estava apresentando a seu respeito. Pois era evidente que, sob a forma que ele usava, podiam-se dizer coisas bem fortes sem que o público saísse da sala. Absolutamente não se limitava a discutir, com uma espécie de tato inebriante, assuntos comumente conhecidos, mas nos quais a maioria das pessoas prefere não tocar. Destruía ilusões; implacavelmente fazia prevalecer o conhecimento; não deixava espaço para a fé sentimental na dignidade dos cabelos prateados ou na pureza angélica da criança tenra. Trazia, aliás, com a sobrecasaca, o mesmo tipo de colarinho amplo e as sandálias por cima das meias cinzentas, o que dava uma impressão de idealismo e princípios firmes, se bem que Hans Castorp se assustasse um pouco com esse aspecto. Valendo-se de livros e folhas soltas, espalhadas por sobre a mesa, o dr. Krokowski documentava as suas exposições por meio de toda espécie de paradigmas e anedotas, chegando até a recitar versos, vez ou outra. Discursava acerca das formas tenebrosas do amor e das variedades excêntricas, dolorosas e sinistras, da sua índole e da sua onipotência. Entre todos os instintos existentes na natureza — disse ele — era o amor o mais vacilante e o mais ameaçado, fundamentalmente propenso à aberração e à perversão fatal. Nesse fato não havia nada de surpreendente, uma vez que esse impulso poderoso não era uma coisa simples, senão que, por sua natureza,

infinitamente composta, e por mais legítimo que ele parecesse no seu conjunto, o que o compunha era justamente uma série de perversões. Mas já que com muita razão, continuou o conferencista, já que com muita razão se negava que da perversidade das partes fosse deduzida a perversidade do todo, era inevitável a conclusão que atribuía parte daquela legitimidade do todo, senão toda ela, também à perversão que compunha esse todo. Isso era uma exigência da lógica, da qual, segundo o orador, os ouvintes deviam compenetrar-se. Havia resistências íntimas e corretivos psíquicos, instintos decentes e coordenadores, próprios a um caráter que o dr. Krokowski quase se sentia tentado a qualificar de burguês, e sob o efeito compensador e restritivo desses instintos as partes perversas eram fundidas num todo útil e irrepreensível; processo frequente e simpático, cujo resultado, porém (como acrescentou o dr. Krokowski, com certo desdém), não tinha nenhuma importância para o médico e o filósofo. Em outros casos, entretanto, malograva o referido processo; não havia jeito de levá-lo a bom termo. E quem, perguntou o dr. Krokowski, seria capaz de dizer se esses últimos casos não eram os mais nobres, os psicologicamente mais valiosos? Existia então uma tensão extraordinária, uma paixão que ultrapassava as medidas habituais, burguesas, e essa tensão se fazia sentir entre os dois grupos de forças que eram a necessidade de amor e os impulsos contrários, dentre os quais cumpria mencionar a vergonha e o asco. Travada nos abismos da alma, essa luta impedia, nos ditos casos, que os instintos extraviados chegassem a ser pacificados, protegidos e moralizados de modo que fossem conduzidos à harmonia usual e à vida amorosa regular. E como terminava esse combate — pois tratava-se mesmo de um combate — entre as potências da castidade e do amor? Terminava, aparentemente, com a vitória da castidade. O medo, as conveniências, a repugnância pudica, o trêmulo desejo de pureza, todos eles oprimiam o amor, mantinham-no

agrilhoado, nas trevas, davam acesso à consciência e à atividade, quando muito a uma parte, jamais, porém, ao todo múltiplo e vigoroso das suas reivindicações confusas. No entanto, essa vitória da castidade não era mais que aparente, não passava de uma vitória de Pirro, pois a potência do amor não se deixava reprimir nem violentar, o amor oprimido não estava morto, não; vivia, continuava, nas trevas, no mais profundo segredo, a almejar a sua realização, rompia o círculo mágico da castidade e ressurgia, ainda que sob forma metamorfoseada, dificílima de reconhecer... E qual era, afinal, a forma e a máscara que usava o amor vedado e oprimido na sua reaparição? Assim perguntou o dr. Krokowski, e deixou o seu olhar passar ao longo das filas, como se esperasse seriamente uma resposta dos seus ouvintes. Ora, essa resposta teria de ser dada por ele mesmo, que já dissera tantas outras coisas. Ninguém a sabia, além dele; mas ele haveria de sabê-la, isso se notava em sua expressão. Com os seus olhos ardentes, sua palidez de cera, sua barba negra e as sandálias de monge por cima das meias de lã cinzenta, parecia simbolizar, na sua própria pessoa, aquela luta entre a castidade e a paixão de que acabava de falar. Ao menos era essa a impressão de Hans Castorp, enquanto, como todos os demais, esperava com suma curiosidade ficar sabendo sob que forma voltava o amor rechaçado. As mulheres mal se atreviam a respirar. O promotor Paravant mais uma vez coçou a orelha, para que, no instante decisivo, ela se tornasse aberta e acolhedora. Eis o que disse o dr. Krokowski:

— Sob a forma de doença. O sintoma da doença nada é senão a manifestação disfarçada da potência do amor; e toda doença é apenas amor transformado.

Agora sabiam o segredo, se bem que nem todos fossem capazes de apreciá-lo devidamente. Um suspiro percorreu a sala, e o promotor Paravant meneou a cabeça num gesto significativo de aprovação, enquanto o dr. Krokowski prosseguia desenvolvendo a sua tese. Hans Castorp, por sua

vez, baixou a cabeça, a fim de refletir sobre o que ouvira e de perguntar-se a si próprio se compreendera. Mas ele tinha pouca prática nesse tipo de exercícios mentais e, além disso, pouca presença de espírito, devido àquele passeio infeliz. Assim, sua atenção distraiu-se facilmente, e de fato logo se concentrou nas costas que via à sua frente, bem como no braço, que se elevava e inclinava para trás, para que a mão, diante dos olhos de Hans Castorp, sustentasse, de baixo, os cabelos em trança.

Era angustiante ter essa mão tão perto dos olhos. Quisesse ele ou não, tinha de olhá-la, estudá-la com todos os defeitos e particularidades humanas que lhe eram inerentes, como se ela estivesse sob uma lente. Não, não havia nada de aristocrático nessa mão curta de colegial, com as unhas aparadas de qualquer jeito. Nem sequer se tinha certeza de que estivesse perfeitamente limpa nos nós dos dedos, e a pele ao lado das unhas estava roída — a esse respeito não existia a menor dúvida. Hans Castorp fez uma careta, todavia seus olhos continuaram fixos na mão de madame Chauchat, e passou-lhe pela cabeça uma lembrança vaga e incompleta daquilo que dissera o dr. Krokowski sobre as resistências burguesas que se opunham ao amor… O braço era mais belo, esse braço suavemente dobrado atrás da cabeça, e quase desnudo, já que o tecido das mangas, uma levíssima cambraia, era mais fino que o da blusa, de maneira que propiciava uma espécie de transfiguração vaporosa ao braço, que sem ela talvez fosse menos gracioso. Ele era ao mesmo tempo delicado, cheio — e frio ao tato, não se podia supor outra coisa. Em face dele, absolutamente não entravam em ação as referidas resistências burguesas.

Hans Castorp sonhou, os olhos fitos no braço da sra. Chauchat. Como se vestiam essas mulheres! Mostravam isso e aquilo da nuca e do peito; realçavam os braços com tecidos translúcidos… Agiam assim em todo o mundo para excitar o desejo ansioso dos homens. Deus do céu, que bela era a vida! Bela, justamente em razão da naturalidade com

que as mulheres se vestiam de um modo tão sedutor — era algo natural, sim, e tão comum e conhecido de todos que a gente apenas se deleitava, inconscientemente, sem pensar ou fazer caso de tal coisa. Mas cumpria pensar nisso, ponderou Hans Castorp consigo, para encontrar um genuíno prazer na vida e não esquecer que se tratava de uma instituição deliciosa, e quase de conto de fadas, no fundo. Claro que havia uma finalidade definida no fato de as mulheres terem o direito de se vestir dessa forma deliciosa e maravilhosa, sem com isso infringir as regras da decência: tratava-se da próxima geração, da procriação da raça humana, sim, senhor! Mas, quando a mulher estava interiormente enferma, quando não era, de maneira alguma, apta para a maternidade — que dizer então? Haveria ainda algum sentido no uso de mangas de cambraia que despertassem a curiosidade dos homens — quanto a um corpo carcomido por dentro? Era evidente que isso *não* tinha sentido algum, deveria ser considerado indecente, e até mesmo proibido. Pois no interesse de um homem por uma mulher enferma havia tão pouco de razão quanto… bem, quanto houvera naquele interesse silencioso que Hans Castorp sentira por Pribislav Hippe. Uma comparação estúpida, uma reminiscência um tanto penosa. Mas que se havia apresentado espontaneamente, sem que ninguém a evocasse. De resto, sua contemplação onírica interrompeu-se nesse ponto, sobretudo porque sua atenção voltou a concentrar-se no dr. Krokowski, cuja voz se elevara muito. Realmente, lá estava ele, atrás da mesinha, com os braços abertos e a cabeça obliquamente inclinada, parecendo-se, apesar da sobrecasaca, com o senhor Jesus pregado na cruz!

Ficou claro que o dr. Krokowski, no fim da sua conferência, fez propaganda intensa a favor da dissecação das almas, e convidou todo o mundo, com os braços abertos, para vir até ele. Vinde a mim todos os que trabalhais e vos achais carregados, disse ele, embora com outras palavras. E não deixou dúvida quanto à sua convicção de que todos, sem

exceção, estavam nessas condições, onerados de trabalho e carregados. Falou ainda do sofrimento oculto, do pudor e da mágoa, e dos efeitos redentores da análise; celebrou a iluminação do inconsciente, preconizou a reconversão da doença em um sentimento consciente, exortou à confiança e prometeu a cura. A seguir deixou cair os braços, elevou a cabeça, juntou a papelada de que se servira durante a conferência, apanhou a pilha com a mão esquerda, e apertando-a ao ombro direito, com um gesto tipicamente professoral, afastou-se pelo corredor, de cabeça erguida.

Todos se levantaram, empurrando as cadeiras para trás, e começaram a dirigir-se lentamente para a mesma saída pela qual o doutor abandonara a sala. Era como se todos, num movimento concêntrico, convergissem para ele, de todos os lados, hesitantes, em gesto involuntário, e todavia numa unanimidade surda, como a multidão que seguisse o flautista de Hamelin. Hans Castorp permaneceu parado no meio da torrente, agarrando com a mão o espaldar da sua cadeira. “Estou aqui só de visita”, pensou; “ando bem de saúde, nem entro em questão, graças a Deus, e quando houver a próxima conferência nem estarei mais aqui.” Ele viu a sra. Chauchat sair a passo arrastado, com a cabeça avançada. “Será que ela também se deixa dissecar?”, pensou, e seu coração se pôs a martelar… Nem sequer notou que Joachim se aproximou dele entre as cadeiras, e estremeceu nervosamente quando o primo lhe dirigiu a palavra.

— Você chegou no último instante — disse Joachim. — Foi muito longe? Que tal o passeio?

— Oh, bonzinho — respondeu Hans Castorp. — Caminhei até bem longe, sim, senhor! Mas devo confessar que o passeio me trouxe menos que eu esperava. Talvez tenha sido prematuro, ou até prejudicial para mim. Por enquanto não farei outro.

Joachim não perguntou se a conferência lhe agradara ou não, e Hans Castorp não emitiu opinião alguma sobre o

assunto. Como por acordo tácito, nem então nem depois aludiram à conferência.

DÚVIDAS E PONDERAÇÕES

Na terça-feira, completou-se uma semana desde que nosso herói passou a estar com as pessoas aqui em cima, e por isso, ao regressar do passeio matinal, encontrou uma conta no seu quarto, sua primeira conta semanal, um documento comercial preenchido com esmero, num envelope verde, com cabeçalho ilustrado (havia lá uma vista sedutora do edifício do Berghof), sendo que à esquerda uma coluna estreita apresentava um pequeno excerto do prospecto e destacava em negrito a referência ao “tratamento psíquico segundo os mais modernos princípios”. Os itens, redigidos caligraficamente, davam um total de cento e oitenta francos redondos: doze francos por dia pela pensão e os cuidados médicos, e oito pelo quarto; acresciam-se a isso vinte francos de “entrada” e dez pela desinfecção do quarto; outras despesas menores, referentes a roupa, cerveja e ao vinho tomado por ocasião do primeiro jantar, arredondavam a soma. Ao conferir a conta em companhia de Joachim, Hans Castorp não encontrou nada de que reclamar.

— É verdade que não faço uso dos cuidados médicos — disse. — Mas isso é comigo. Estão compreendidos no preço da pensão e não posso exigir que os descontem. Como poderiam fazê-lo?... Quanto à desinfecção, são meio careiros. Não é possível que tenham gastado dez francos de H_2CO, para fumigar os vestígios da americana. Mas, em geral, acho que é antes barato que caro, em consideração ao que oferecem. — Foram, pois, antes da segunda refeição da manhã à “administração”, a fim de liquidar a conta.

A “administração” achava-se no rés do chão. Quem seguia, além do vestíbulo, o corredor que passava ao lado do vestiário, das cozinhas e das despensas não se podia enganar na porta, tanto mais que esta se distinguia por uma placa de porcelana. Ali, com grande interesse, Hans Castorp travou conhecimento com o centro comercial da empresa.

Era um verdadeiro escritório comercial em miniatura. Uma datilógrafa se achava em plena atividade, e três funcionários estavam inclinados sobre as escrivaninhas, enquanto na saleta ao lado um senhor que devia ocupar o posto de chefe ou gerente trabalhava numa secretária colocada no meio da peça, limitando-se a medir os clientes por cima dos óculos, com um olhar frio e objetivo. Enquanto os primos foram atendidos no guichê, a conta paga, dinheiro ao caixa, recibo expedido, ambos guardaram a atitude séria, modesta, silenciosa e até submissa que jovens alemães sabiam transpor a qualquer escritório, e não só diante de autoridades e repartições. Mas depois de terem saído da "administração", a caminho da refeição, e também mais tarde no decorrer do dia, conversaram um pouco sobre a organização da empresa Berghof. Joachim, na sua qualidade de integrado ao lugar e bem-informado sobre ele, soube responder às perguntas de Hans Castorp.

O dr. Behrens não era de maneira alguma proprietário nem arrendatário do estabelecimento, se bem que à primeira vista se pudesse ter essa impressão. Acima e atrás dele havia potências invisíveis que, na forma do escritório, só até certo ponto se tornavam manifestas. Existia um conselho fiscal, uma sociedade anônima, da qual seria alto negócio fazer parte, uma vez que, segundo a informação fidedigna de Joachim, anualmente eram distribuídos polpudos dividendos aos acionistas, e isso apesar dos salários muito altos dos médicos e dos princípios bastante liberais de administração. O conselheiro áulico não era, por conseguinte, autônomo; não passava de um agente, de um funcionário, de alguém que, embora fosse o primeiro e o supremo, era apenas aparentado com as potências superiores; constituía a alma do estabelecimento e exercia uma influência decisiva sobre toda a organização, inclusive a intendência, não obstante estar isento, como médico-diretor, de qualquer ocupação com a parte comercial do sanatório. Natural do noroeste da Alemanha, chegara fazia

anos a essa posição, a contragosto e na contramão de seus planos de vida. Fora levado para Davos por sua mulher, cujos restos mortais havia muito repousavam no cemitério do vilarejo, aquele cemitério pitoresco de Davos-Dorf, situado na encosta da direita, ali, mais atrás, perto da entrada do vale. Devia ter sido uma mulher encantadora, ainda que astênica e com olhos excessivamente grandes, a julgar pelas fotografias que se encontravam em toda parte na moradia do médico, e pelos retratos a óleo espalhados pelas paredes, nascidos do pincel diletante do marido. Depois de lhe ter dado dois filhos, um menino e uma menina, seu corpo franzino, acossado pela febre, fora atraído para essas regiões, onde, dentro de poucos meses, sucumbira à consunção. Dizia-se que Behrens, que a adorara, fora de tal forma ferido por esse golpe que durante algum tempo, tomado de melancolia e esquisitice, chamara a atenção das pessoas na rua pelos seus risinhos, monólogos e gestos descontrolados. Nunca mais regressara ao seu ambiente de origem, mas ficara ali, decerto porque não queria afastar-se do túmulo. Mas talvez a razão determinante fosse de caráter menos sentimental: a enfermidade atacara a ele próprio, e segundo sua convicção científica o lugar que lhe *cabia* era ali mesmo. Por isso instalara-se em Davos, como um daqueles médicos que são companheiros do infortúnio de quem recebe os seus cuidados, que não combatem a enfermidade independentes dela, na plenitude da sua liberdade e inteireza pessoal, mas que estão, eles mesmos, marcados pela doença — caso estranho, sem dúvida, mas que não é muito raro e inegavelmente tem suas vantagens e seus inconvenientes. A camaradagem entre o médico e o paciente merece plena aprovação, e ouve-se por aí que só quem sofre é capaz de ser salvador e guia dos que sofrem também. Mas será possível que quem se inclua entre os escravos de uma potência exerça sobre ela efetivo domínio espiritual? Quem está oprimido pode libertar? Para o sentimento singelo, o

médico enfermo não deixa de ser um paradoxo, um fenômeno problemático. Será que o saber intelectual sobre a doença, que decorre de sua experiência pessoal, não se turva e confunde, mais que se enriquece e fortalece moralmente? O médico enfermo não encara a doença face a face, com o olhar franco de um adversário; vê-se coibido, não toma uma posição clara; e com toda a cautela que o tema exige, deve-se questionar se uma pessoa que pertence ao mundo da doença pode se interessar pela cura de outrem, ou ao menos por sua conservação, na mesma medida que um homem sadio…

Dessas dúvidas e ponderações Hans Castorp externou uma parte, à sua maneira, em conversa com Joachim sobre o "Berghof" e seu diretor médico, mas Joachim objetou que não se sabia se o dr. Behrens ainda estava enfermo — provavelmente ele já se curara. Havia muito tempo que começara a clinicar ali — no início como médico particular, adquirindo logo boa reputação como auscultador de ouvido fino e como especialista bastante seguro em pneumotomia. Depois, o Berghof procurara a sua colaboração, o estabelecimento ao qual o dr. Behrens se ligara estreitamente fazia mais de um decênio… Ali, nos fundos, ao extremo da ala noroeste do sanatório, ficava sua habitação (o dr. Krokowski residia não longe dele), e aquela senhora da antiga nobreza, a enfermeira-chefe, à qual Settembrini se referira de forma sarcástica, e que Hans Castorp só conhecia de vista, dirigia a casa do viúvo. De resto, o conselheiro áulico vivia sozinho, pois o filho estudava em universidades alemãs, e a filha casara-se com um advogado, na parte francesa da Suíça. O jovem Behrens vinha às vezes de visita durante as férias, o que já ocorrera uma vez desde a chegada de Joachim ao sanatório. O primo contou que nesse caso havia grande agitação entre as damas do estabelecimento; as temperaturas subiam; ciumeiras provocavam disputas e querelas nos alpendres de repouso, e nos horários especiais de atendimento do dr. Krokowski a

procura aumentava…

Para sua clínica particular, o assistente recebera uma peça especial, que, como a grande sala de consulta, o laboratório, a sala de operações e o serviço de radiografia, encontrava-se no bem-iluminado subsolo do edifício. Falamos de subsolo porque a escada de pedra que conduzia do rés do chão para ali despertava realmente a ideia de que se descia a uma espécie de porão — o que, no entanto, era um engano. Pois, em primeiro lugar, o rés do chão estava situado bastante alto, e ademais o Berghof estava construído num terreno em declive, na encosta da montanha; assim, as peças que compunham esse "porão" davam para o jardim e o vale: essas circunstâncias contradiziam e compensavam, em certo modo, o efeito e o sentido daquela escada. Pois quem pensava descer pelos seus degraus para um lugar mais baixo do que o nível do solo encontrava-se depois da descida ainda ao nível da terra ou, quando muito, alguns pés abaixo dele — impressão que divertiu a Hans Castorp, quando, certa tarde, em que seu primo quis fazer-se pesar pelo massagista, acompanhou-o a essa esfera "subterrânea". Reinavam ali uma clareza e um asseio de hospital; tudo era branco sobre branco, e as portas cintilavam com a alvura do esmalte, inclusive a que conduzia ao gabinete de consultas do dr. Krokowski, na qual o cartão de visita do sábio se achava fixado por meio de um percevejo. Para chegar a essa porta, era preciso descer mais dois degraus, a partir do corredor, de maneira que a peça situada atrás dela tinha um caráter de calabouço. Ela ficava à direita da escada, na extremidade do corredor, e Hans Castorp observava-a com atenção especial, enquanto ia de cá para lá, esperando por Joachim. Viu sair uma pessoa, uma senhora chegada recentemente, cujo nome ele ainda não conhecia, mulher pequena, graciosa, com franjas cacheadas na testa e brincos de ouro. Ao subir os dois degraus, inclinou-se profundamente, arregaçando a saia, ao passo que a outra mão, adornada de anéis, apertava contra a boca um

lencinho, enquanto os olhos grandes, turvos e assustados miravam o vazio. Apressadamente foi-se para a escada, a passinhos curtos, com a saia a farfalhar, até que de repente estacou, como se algo lhe viesse à memória; a seguir pôs-se novamente a andar e desapareceu na escadaria, sempre inclinada para a frente e sem tirar o lencinho dos lábios.

Quando a porta se abrira, tornara-se patente que a peça, atrás dela, estava muito mais escura que o corredor branco: era evidente que a luminosidade clínica desses cômodos inferiores não chegava até ali; conforme Hans Castorp observou, no gabinete analítico do dr. Krokowski reinava uma meia-luz velada, um crepúsculo profundo.

CONVERSAS À MESA

Durante as refeições, na sala pintalgada, o jovem Castorp sentiu certo embaraço ao notar que daquele passeio, realizado por conta própria, lhe ficara o referido tremor de cabeça peculiar ao avô. Justamente à mesa, esse tique se produzia com certa regularidade; não havia jeito de impedi-lo, e era difícil ocultá-lo. Além do recurso de apoiar o queixo dignamente na gravata, do qual afinal não se podia servir a todo instante, Hans Castorp inventou todo tipo de meios para disfarçar essa sua fraqueza. Por exemplo, mantinha a cabeça em constante movimento, conversando com as vizinhas ora da direita ora da esquerda; ou, quando levava a colher à boca, fincava o antebraço esquerdo na mesa, a fim de firmar a sua postura; também apoiava o cotovelo na mesa, nos intervalos entre os pratos, e escorava a cabeça com a mão, se bem que a ele mesmo essa atitude se afigurasse como uma falta de educação, admissível, apenas e a rigor, num ambiente desregrado de enfermos. Mas tudo isso não deixava de ser penoso, e pouco faltava para que lhe tirasse por completo o gosto das refeições, que ele normalmente apreciava muito, em virtude das sensações e coisas notáveis que acarretavam.

No entanto, esse fenômeno ignominioso contra o qual Hans Castorp tanto lutava não era — ele o sabia bem — de origem simplesmente física; não o provocara apenas o ar daqui, nem o esforço de aclimatação; expressava, ao contrário, uma agitação íntima e estava ligado de modo direto a certas sensações e episódios marcantes.

Madame Chauchat chegava quase sempre com atraso à mesa, e, enquanto ela não estava presente, Hans Castorp não podia ficar sentado e manter os pés tranquilos, porque esperava o estrondo da porta de vidro, que invariavelmente acompanhava a entrada da moça, e não ignorava que naquele momento se sobressaltaria e sentiria seu rosto

gelar-se, como de fato acontecia com a mais absoluta regularidade. No começo, nunca deixara de voltar furiosamente a cabeça; seguira com olhares irados o caminho da desleixada retardatária até a mesa dos “russos distintos”; às vezes também murmurara, entredentes, qualquer praga ou exclamação indignada. Àquela altura dos acontecimentos já não fazia nada disso; limitava-se a inclinar a cabeça sobre o prato, mordendo os lábios, ou com um movimento propositado e artificial voltava-a para outro lado; pois parecia-lhe que já não tinha direito de encolerizar-se; não se sentia bastante livre para censurar; pelo contrário, tinha a impressão de ser cúmplice da conduta escandalosa, de partilhar a responsabilidade por ela ante os demais — em poucas palavras: estava com vergonha; e teria sido inexato dizer que se envergonhava do comportamento da sra. Chauchat; não, ele individualmente sentia vergonha perante as outras pessoas, o que, aliás, era mais que desnecessário, visto ninguém na sala se preocupar com o desleixo da sra. Chauchat, tampouco com a vergonha de Hans Castorp por isso, com exceção, talvez, da professora, a srta. Engelhart, sua vizinha da direita.

Essa criaturinha ridícula compreendera que, graças à sensibilidade de Hans Castorp relativa a portas fechadas com estrondo, se originara uma certa relação afetiva entre o seu jovem companheiro de mesa e aquela russa; sabia, além disso, que pouco importava o caráter de tal relação, contanto que ela existisse, e que a indiferença fingida de Hans Castorp — bastante mal fingida por falta de prática e talento de ator — não significava um enfraquecimento, senão um reforço dos laços, uma fase mais avançada dessa relação. Sem ter as mínimas pretensões ou esperanças para sua própria pessoa, a srta. Engelhart expandia-se incessantemente em encômios desinteressados sobre a sra. Chauchat — embora seja surpreendente que Hans Castorp, senão logo, ao menos com o tempo, haja notado e reconhecido de forma perfeitamente clara o caráter atiçador

dessa insistência, que lhe causava até mesmo repulsa, sem que por isso ele deixasse de se influenciar e seduzir muito docilmente por ela.

— Bam! — fez a solteirona. — Aí está *ela*. Nem é preciso levantar os olhos para saber quem entrou. Claro, ali vai ela, e que jeito de andar ela tem: como um gato que se esgueira até o prato de leite! Eu gostaria de trocar de lugar com o senhor, para que lhe fosse possível contemplá-la com tanto desembaraço e comodidade como faço agora. Compreendo que o senhor não possa virar a cabeça a cada instante para olhá-la. Deus sabe o que ela acabaria imaginando se o notasse... Agora cumprimenta a sua gente... O senhor deveria olhar para lá, é uma delícia observá-la. Quando ela sorri e conversa, como agora, forma-se uma covinha em uma de suas faces, mas não sempre, só quando ela quer. Sim senhor, é mesmo um encanto de mulher, uma criaturinha muito mimada, e isso explica sua lassidão. Não há como não adorar pessoas assim, pois se elas aborrecem pelo desleixo, a própria irritação torna-se um motivo a mais para nos voltarmos a elas; é uma felicidade e tanto exasperar-se e ver-se forçado a amar, apesar de tudo...

Assim murmurou a professora, tapando a boca com a mão, para que os outros não pudessem ouvi-la, e o rubor héctico das suas bochechas de solteirona manifestou a temperatura anormal de seu corpo. O palavrório excitante adentrou o pobre Hans Castorp até a medula. Uma certa falta de iniciativa, que lhe era peculiar, criou nele a necessidade de ouvir confirmar por um terceiro que madame Chauchat era uma mulher sedutora. Ademais, o jovem desejou que viesse de uma pessoa estranha o impulso para entregar-se a sentimentos aos quais sua razão e consciência opunham uma resistência incômoda.

Por outro lado, essas conversas eram pouco fecundas em informações positivas. Conquanto tivesse as melhores intenções do mundo, a srta. Engelhart era incapaz de contar pormenores exatos a respeito da sra. Chauchat; não sabia

mais que os outros no sanatório; não a conhecia, nem sequer tinha amigos em comum com ela, e a única coisa que lhe poderia dar vantagem aos olhos de Hans Castorp era ser natural de Königsberg, perto da fronteira russa, e entender algumas palavras em russo — méritos insignificantes, mas que Hans Castorp estava disposto a considerar uma espécie de relação longínqua com a sra. Chauchat.

— Ela não usa anel — disse ele —, não usa aliança de casamento, como vejo. A senhora me explique isso. Não me disse que é casada?

A professora parecia em apuros, como se estivesse metida num beco sem saída e precisasse desculpar-se. Tão responsável pela sra. Chauchat ela se sentia diante de Hans Castorp.

— O senhor não deve ligar a isso — disse então. — Sei de boa fonte que ela é casada. A esse respeito não pode restar a mínima dúvida. Se ela se faz tratar de madame, não é para se dar ares de importância, como é hábito de certas senhoritas estrangeiras, quando já passaram da primeira juventude. Nós todos sabemos que ela realmente tem um marido em algum lugar da Rússia. É fato conhecido em toda parte. Seu nome de solteira é diferente, é um nome russo e não francês, qualquer coisa em “-anov” ou “-ukov”. Já me disseram, mas esqueci. Se o senhor quiser, vou me informar. Com certeza há pessoas por aqui que sabem. Uma aliança? Não, ela não usa aliança; eu também já reparei nisso. Meu Deus, talvez não lhe assente bem, talvez lhe faça a mão larga demais. Ou pode ser que ela julgue o uso da aliança costume muito burguês. Andar assim com uma argola lisa no dedo... agora só falta o molho de chaves num cestinho... Não senhor, ela é muito moderna para isso. Eu sei positivamente que todas as mulheres russas têm no seu modo de ser qualquer coisa de liberdade e desembaraço. E esse tipo de anel é tão prosaico, tão negativo! É, por assim dizer, um símbolo da servidão. Dá às mulheres um quê de freira, faz delas umas florezinhas não-me-toques. Não me

admira que a sra. Chauchat não queira ser assim… Uma mulher encantadora, na flor da idade!… Provavelmente não tem vontade nem vê motivos para mostrar seus laços conjugais a todo cavalheiro que lhe aperte a mão…

Deus do céu, com que ardor a professora defendeu sua causa! Hans Castorp olhou-a nos olhos, assustado, mas ela sustentou o olhar, entre acanhada e teimosa. Depois, ambos permaneceram calados durante alguns momentos, como para se refazerem. Hans Castorp comeu algo e tentou reprimir o tremor da cabeça. Finalmente disse:

— E o marido? Não se preocupa com ela? Não vem nunca visitá-la? Que é que ele faz?

— É funcionário público, na administração russa, e vive numa região perdida, no Daguestão, sabe? Fica bem para o leste, além do Cáucaso. Foi mandado para lá. Não senhor, eu já lhe disse que nunca o viram aqui em cima. E ela, já faz três meses que voltou para cá.

— Então não é a primeira vez que ela está aqui?

— Oh, não! É a terceira. E nos intervalos vai a outros lugares, todos semelhantes… Não, o que se dá é justamente o contrário: às vezes *ela* é que faz uma visita a *ele*, e não com muita frequência; só uma vez por ano passa algum tempo com ele. Pode-se dizer que vivem separados, e que ela o visita de vez em quando.

— Claro, se ela está doente…

— Está doente, sim. Mas não *tanto* que tenha que viver o tempo todo em sanatórios e separada do marido. Devem existir outras razões mais decisivas. Pode ser que ela não goste do Daguestão, um ermo selvagem e distante, para lá do Cáucaso. Nisso não há nada de surpreendente. Mas também o marido deve ter alguma culpa por ela não se sentir bem a seu lado. Embora tenha um nome francês, é um funcionário público russo, e esses funcionários russos, o senhor pode acreditar, são uns tipos bastante rudes. Certa vez encontrei um deles, que tinha suíças grisalhas e uma cara bem vermelha… São venais ao extremo, e todos eles

têm um fraco pela vodca, aquela aguardente deles, sabe?... A fim de guardar as aparências pedem que lhes sirvam qualquer coisinha para comer, uns cogumelos avinagrados ou um pedacinho de esturjão, e acompanham isso com imensas quantidades de bebidas alcoólicas. É o que chamam de “tira-gosto”...

— A senhora põe toda a culpa nele — disse Hans Castorp. — Mas nós aqui não sabemos se também não é por causa dela que os dois não se acertam. Temos que ser justos. Quando olho para ela e me lembro daquele hábito de bater a porta... Ora, ela não me parece um anjinho. Não me leve a mal essa opinião, mas desconfio dela. A senhora não é imparcial, está até o pescoço de preconceitos em favor dela...

De vez em quando, ele se expressava dessa maneira. Com uma astúcia no fundo alheia à sua natureza, fingia crer que o entusiasmo da srta. Engelhart pela sra. Chauchat não fosse o que em realidade era; e agia dissimuladamente, como se esse entusiasmo constituísse um fato engraçado, *sui generis*, do qual ele mesmo, o independente Hans Castorp, pudesse servir-se para mexer com a pobre solteirona, a uma distância fria e humorística. E não se tratava de ousadia alguma de sua parte, pois tinha certeza de que a sua cúmplice admitiria e toleraria essa atrevida desfiguração das coisas.

— Bom dia! — dizia ele, por exemplo. — Passou bem a noite? Espero que tenha sonhado com a sua bela Minka... Vejam só, basta mencionar esse nome e logo a senhorita está toda corada. Está completamente caidinha por ela; não vale a pena negá-lo...

E a professora, realmente ruborizada, inclinava-se profundamente sobre a xícara e cochichava com o canto esquerdo da boca:

— Não, sr. Castorp, isso não se faz! Não é nada gentil da sua parte embaraçar-me desse jeito com as suas alusões. Todo o mundo já está reparando que falamos dela e que o

senhor me diz coisas que me fazem corar.

Que jogo estranho, esse ao qual se entregavam os dois vizinhos de mesa! Ambos sabiam que estavam mentindo dupla e triplamente, que Hans Castorp caçoava da professora só para poder falar da sra. Chauchat, e no entanto encontrava um prazer mórbido e indireto nas gracinhas que dirigia à solteirona; esta, por sua vez, admitia as gracinhas, primeiro por um instinto de alcoviteira, segundo porque, para agradar ao jovem, de fato se apaixonara um pouco pela sra. Chauchat, e finalmente porque sentia uma satisfação mesquinha quando Hans Castorp mexia com ela e a fazia corar. Ambos sabiam disso, sabiam um do outro, sabiam também que nenhum ignorava os pensamentos do outro; e tudo isso era complexo e pouco limpo. Mas, embora Hans Castorp em geral sentisse repugnância de coisas complexas e pouco limpas, e a sentisse também nesse caso particular, continuava, não obstante, a chafurdar nesse elemento turvo, tranquilizando-se com a ideia de estar ali em cima de visita e de partir dentro em breve. Com uma objetividade afetada, falava, à maneira de um conhecedor, sobre o físico da mulher "lassa", constatando que ela era muito mais bonita e mais jovem vista de frente do que de perfil; que seus olhos estavam demasiado distantes entre si, e que a sua postura deixava muito a desejar, ao passo que seus braços eram realmente formosos e de "linhas suaves". E, ao dizer essas coisas, procurava disfarçar o tremor da cabeça e verificava ao mesmo tempo que a professora se dava conta dos seus esforços vãos. Teve até o máximo desgosto de notar que ela também ficava com a cabeça a tremer. Fora por mera política, por uma astúcia pouco natural, que ele chamara a sra. Chauchat de "bela Minka", pois que assim tinha uma oportunidade para fazer novas perguntas:

— Eu disse "Minka", mas como ela se chama em realidade? Quero dizer, qual é o primeiro nome? A senhorita, que está apaixonada por ela, deveria sabê-lo.

A professora pôs-se a refletir.

— Espere um pouco — disse. — Eu sabia o nome. Não era Tatiana? Não, não era, e Natacha tampouco. Natacha Chauchat? Não, não é isso que me disseram. Agora sei! Ela se chama Awdótia, e se não é assim, é qualquer coisa parecida. Tenho certeza de que não é nem Katienka nem Ninotshka. Francamente, não me lembro mais. Mas será fácil eu me informar, se o senhor fizer questão…

Com efeito, no dia seguinte ela sabia o nome. Pronunciou-o na hora do almoço, quando a porta envidraçada se fechou com estrondo. A sra. Chauchat chamava-se Clawdia.

Hans Castorp não compreendeu imediatamente. Fez repetir e soletrar o nome, antes de gravá-lo na memória. Depois repetiu-o diversas vezes, enquanto fitava a sra. Chauchat com os olhos injetados, como para ver se lhe ficava bem.

— Clawdia? — disse ele. — Sim, sim, é bem possível que ela se chame assim. O nome combina com ela. — Não dissimulou o prazer que lhe causava essa informação de caráter íntimo. Dali por diante só falava de "Clawdia" ao referir-se à sra. Chauchat. — Parece-me que a sua Clawdia faz bolinhas com o miolo do pão. Não acho isso muito distinto.

— Depende de quem as faz — a professora respondia. — Para a Clawdia isso cai bem.

Sim, essas refeições na sala das sete mesas tinham um extraordinário encanto para Hans Castorp. Lastimava quando terminava uma delas, mas consolava-se com a ideia de que em breve, dentro de duas horas ou pouco mais, voltaria a esse mesmo lugar, e quando se via novamente sentado era-lhe como se nunca se tivesse levantado. Que acontecia no intervalo? Nada. Um rápido passeio até o curso d'água ou ao bairro inglês, e algum repouso na espreguiçadeira. Isso não representava nenhuma interrupção séria, nenhum obstáculo que fosse difícil vencer. Seria diferente caso se interpusessem trabalhos, preocupações ou dificuldades que não se pudessem ignorar

nem afastar do pensamento. Mas nada disso existia no plano prudente e feliz da vida no “Berghof”. Ao levantar-se de uma refeição tomada em comum, Hans Castorp já se podia alegrar imediatamente com o antegozo da próxima — contanto que o verbo “alegrar-se” seja mesmo apropriado para aquele tipo de expectativa com que ele sempre aguardava o novo encontro com a enferma sra. Clawdia Chauchat, e não se lhe dê um sentido por demais leviano, jovial, ingênuo e vulgar. Talvez o leitor se incline a admitir e a julgar adequadas unicamente expressões de caráter jovial e vulgar, quando se trata da pessoa de Hans Castorp e da sua vida íntima; cabe lembrar, porém, que ele, como jovem sensato e consciencioso, não podia simplesmente “alegrar-se” com a vista e a proximidade da sra. Chauchat. Sabendo desse fato, constatamos que, se alguém tivesse formulado essa ideia na sua presença, ele, dando de ombros, teria rejeitado o referido verbo.

De fato, ele começou a tratar com desdém certos meios de expressão — eis aí um pormenor digno de menção. Com as faces ardendo, andava a cantar; cantarolava de si para si, pois o seu estado de alma era sensitivo e musical. Trauteou uma cançãozinha que ouvira, Deus sabe onde, numa reunião social ou num concerto de beneficência, cantada por uma voz de soprano pouco volumosa. Era uma ninharia terna que começava assim:

No fundo de minha alma ecoa
A mais milagrosa canção...

e ele já estava a ponto de acrescentar:

De teus lábios ela voa
E entra em meu coração!

até que subitamente encolheu os ombros, disse: “Ridículo!”, chamou a delicada canção de insípida, piegas e adocicada, e rechaçou-a — rechaçou-a para longe de si com certa severidade e melancolia. Em tal cançãozinha terna, podia até ser que um rapaz qualquer, após ter “dado seu coração”

— como se costuma dizer —, num impulso lícito, sossegado e esperançoso, a uma pequena sadia lá de baixo, se abandonasse, dali por diante, a sentimentos igualmente lícitos, futurosos, razoáveis e, no fundo, bem alegres. Quanto a ele, porém, e à sua relação com madame Chauchat — a palavra "relação" vai por conta de Hans Castorp, e declinamos de toda responsabilidade quanto a isso —, decididamente não lhes convinha um poeminha desses; estendido na sua cadeira, e torcendo o nariz, viu-se movido a sentenciá-la com o veredicto estético de "tola!", mas interrompeu-se, muito embora não soubesse de algo mais apropriado que pudesse empregar nesse caso.

Mas havia uma coisa que lhe proporcionava prazer, quando se achava assim deitado e observava seu coração, o coração corporal, que palpitava rápida e audivelmente através do silêncio, esse silêncio regulamentar que reinava em todas as dependências do "Berghof" durante o repouso principal. Seu coração batia com tenacidade e indiscrição, como sucedia quase sempre, desde que se encontrava aqui em cima; mas Hans Castorp deixara de ligar a esse fato tamanha importância como nos primeiros dias. Já não se podia dizer que o coração batia à toa, sem motivo, e sem nexo com a alma. Tal nexo existia ou, pelo menos, não era difícil estabelecê-lo; a atividade exaltada do corpo justificava-se por uma respectiva emoção. Bastava que Hans Castorp pensasse na sra. Chauchat — e ele pensava nela — para encontrar o sentimento que correspondesse ao martelar de seu coração.

TEMOR NASCENTE. DOS DOIS AVÔS E DO PASSEIO DE BARCA AO CREPÚSCULO

O tempo estava horrível — em relação a isso Hans Castorp não teve sorte durante os poucos dias da sua permanência nestas regiões. Não caiu neve, propriamente, mas choveu dias a fio, uma chuva pesada e feia; nuvens espessas cobriram o vale, e temporais ridiculamente obsoletos — dado já fazer tanto frio que havia sido necessário acender a calefação no refeitório — despejavam-se com estrondos arrastados e retumbantes.

— Que lástima! — disse Joachim. — Pensei que um dia desses a gente poderia levar uma merenda até o Schatzalp, ou fazer qualquer outra excursão. Mas pelo visto não será possível. Só espero que sua última semana seja melhor.

No entanto, Hans Castorp respondeu:

— Deixe para lá. Não estou com o mínimo ânimo empreendedor. Minha primeira aventura não me fez muito bem. Descanso melhor quando vivo assim calmamente, sem muitas distrações. Distrações são para os veteranos, mas eu, com minhas três semanas, para que preciso de distrações?

Com efeito, ele se sentia ocupado e absorto com o que havia no lugar onde estava. Se abrigava esperanças, tanto a sua realização como uma possível decepção aguardavam-no aqui e não num Schatzalp qualquer. O que o atormentava não era tédio; pelo contrário, começava a recear que o fim da sua estada chegasse com demasiada pressa. A segunda semana já estava avançada; dois terços do seu tempo em breve teriam passado, e quando começasse o último terço já seria tempo de arrumar as malas. Aquela primeira revitalização do senso de tempo de Hans Castorp havia muito que se passara; os dias já começavam a voar, e isso conquanto cada um deles se estirasse sob o efeito de uma expectativa sempre renovada e abundasse de experiências silenciosas e secretas… Sim, o tempo é um enigma singular,

difícil de resolver.

Será necessário pormenorizar aquelas experiências secretas que retardavam e ao mesmo tempo aceleravam o curso dos dias de Hans Castorp? Não há quem as ignore. Na sua insignificância sentimental, eram experiências absolutamente comuns, e num caso mais razoável e futuroso, que permitisse a aplicação daquela cançãozinha “No fundo de minha alma ecoa…”, elas tampouco poderiam desenrolar-se de outra forma.

Era impossível que madame Chauchat nada percebesse dos fios que se estendiam entre determinada mesa e a sua. E era justamente a intenção desenfreada de Hans Castorp que ela notasse alguma coisa e até o máximo possível desses fios. Dizemos “desenfreada” porque ele próprio estava perfeitamente a par da insensatez de seu caso. Mas quem se encontra no estado a que ele chegara, ou melhor, estava a ponto de chegar, deseja que a outra parte tome conhecimento desse estado, ainda que a coisa não tenha pés nem cabeça. É do ser humano ser assim.

Durante a refeição a sra. Chauchat voltara-se duas ou três vezes para aquela mesa, ou por casualidade ou sob efeito de algum magnetismo, e sempre dera com os olhos de Hans Castorp. Na quarta vez, fê-lo com premeditação, e de novo os encontrou atentos. Na quinta ocasião, não surpreendeu o olhar, porque ele abandonara seu posto de vigia. Mas Hans Castorp sentiu imediatamente que ela o observava, então os olhos dele responderam com tanto fervor que, sorrindo, ela desviou o olhar. Se ela o julgava pueril, então estava enganada. A necessidade de refinamento por parte dele era considerável. Assim, na sexta vez, quando pressentiu, adivinhou, recebeu uma mensagem interior de que ela olhava em sua direção, fingiu examinar com insistente desgosto uma senhora com acne no rosto, que se aproximara da sua mesa para falar com a tia-avó, e então insistiu ferrenhamente nisso, por dois, talvez três minutos, sem esmorecer, até ter certeza de que os olhos quirguizes lá

do outro lado da sala se houvessem desviado dele — um teatro inusitado, que cabia fazer-se perceptível para a sra. Chauchat, mas que sobretudo *deveria* ser percebido por ela, para que a sutileza e o autodomínio de Hans Castorp a levassem a ficar cismada com aquilo... E assim as coisas avançaram, até que se chegou à seguinte situação. Num intervalo entre dois pratos, a sra. Chauchat virou-se indolentemente e inspecionou a sala. Hans Castorp havia mantido o posto: e seus olhares se encontraram. Enquanto se encararam — a enferma de um modo vagamente escrutador e zombeteiro, Hans Castorp com uma rigidez excitada (que o fez inclusive cerrar os dentes, enquanto mantinha-se firme ante os olhos dela) —, o guardanapo dela começa a deslizar do colo e fica a ponto de cair ao chão. Estremecendo nervosamente, ela procura agarrá-lo, mas também o jovem se sobressalta em cada membro seu, levanta-se da cadeira e faz menção de se precipitar cegamente em socorro dela, pelo espaço de oito metros que os separa, e isso em torno de uma mesa que está de permeio, como se fosse representar uma catástrofe o guardanapo vir a tocar o chão... Alguns centímetros acima do assoalho, ela por pouco consegue apanhá-lo. Mas nessa posição curvada, agachada sobre o chão, com a ponta do guardanapo entre os dedos e o rosto anuviado, visivelmente aborrecida por aquele pequeno pânico absurdo que acabara de invadi-la, e pelo qual parece ver em Hans Castorp o culpado — ela lança ao jovem um olhar a mais, percebe-o de sobrancelhas erguidas, a ponto de se lançar numa corrida, e, sorrindo, vira-lhe as costas.

Hans Castorp abandonou-se todo à sensação de triunfo que o incidente lhe trouxe. Mas a reação não se fez esperar, já que, no decorrer dos dois dias seguintes, quer dizer, durante dez refeições, madame Chauchat não se voltou para olhar a sala e até se omitiu do hábito de “apresentar-se” ao público no momento da entrada. Foi duro. Como, porém, essas modificações na sua conduta indubitavelmente se

endereçavam a ele, era evidente a existência de uma relação entre ambos, se bem que de forma negativa; e isso já lhe bastava.

Hans Castorp compreendia bem que Joachim tivera toda razão ao observar que ali não era fácil travar conhecimento com outras pessoas, com exceção dos comensais. Pois, durante a escassa hora depois do jantar — a única que dava regularmente ocasião a uma espécie de vida social, mas amiúde se reduzia a uns vinte minutos —, madame Chauchat achava-se sempre em companhia dos membros de seu círculo habitual, o cavalheiro de tórax côncavo, a mocinha humorística, com os cabelos lanosos, o taciturno dr. Blumenkohl e os jovens de ombros caídos. Todos eles ocupavam o fundo do pequeno salão que parecia reservado à “mesa dos russos distintos”. Acrescia-se a isso que Joachim nunca deixava de ter pressa de sair do salão, a fim de não abreviar o repouso, como dizia, e talvez também por outros motivos dietéticos que não mencionava, mas que Hans Castorp adivinhava e respeitava. Acabamos de tachar de “desenfreados” os seus desejos, mas, qualquer que fosse o seu rumo, o que ele almejava não eram relações sociais com a sra. Chauchat, e no fundo estava de acordo com as circunstâncias que se opunham a isso. As relações vagamente tensas que seus olhares e gestos haviam estabelecido entre ele e a russa não tinham caráter social, não obrigavam a nada e não deviam, de modo algum, obrigar. Era perfeitamente compatível com elas uma vasta série de argumentos reprovadores, da parte dele; e o fato de seu coração palpitar com o pensamento em “Clawdia” não era nem de longe suficiente para abalar no neto de Hans Lorenz Castorp a convicção de que entre ele e aquela estrangeira, que passava a vida separada do marido e sem aliança no dedo em toda espécie de estações de cura, cuja postura deixava a desejar, que batia estrondosamente as portas, fazia bolinhas de migalhas de pão e sem dúvida roía as unhas — a convicção, pois, de que em realidade, isto é:

fora dessas suas relações secretas, entre ele e ela nada podia haver de comum, de que abismos profundos separavam a existência dela da sua, e de que ele se sentia incapaz de enfrentar, ao lado dela, qualquer crítica a que ele mesmo devotasse o mínimo reconhecimento. Hans Castorp era por demais sensato para ter a mínima presunção pessoal; mas uma altivez de natureza mais geral e de origem mais longínqua achava-se gravada na sua fronte e em torno dos olhos um tanto sonolentos, e o resultado dessa altivez era aquele sentimento de superioridade do qual o jovem não podia nem queria desfazer-se em presença do ser e do jeito de ser da sra. Chauchat. Foi estranho que esse sentimento de proveniência tão remota se lhe tenha tornado tão vivaz e, talvez pela primeira vez, consciente, quando um belo dia ele ouviu a sra. Chauchat falar alemão: ela estava de pé na sala depois do fim de uma refeição, com as mãos nos bolsos do suéter, e em conversa com outra enferma, provavelmente uma companheira do alpendre de repouso, fazia esforços, aliás encantadores, segundo Hans Castorp percebeu ao passar por ali, para lidar com o idioma alemão, sua própria língua materna, como Hans Castorp de repente notou com um orgulho nunca antes experimentado — ainda que não sem se sentir prontamente inclinado a sacrificar esse orgulho ao deleite que lhe inspiraram as palavras dela, graciosamente desfiguradas.

Numa palavra: na sua relação muda com esse membro desleixado da sociedade do Berghof, não via Hans Castorp senão uma aventura de férias, que, perante o tribunal da razão — de sua própria consciência racional —, não podia mesmo reclamar aprovação alguma; antes de tudo porque a sra. Chauchat era enferma, lassa, febril e interiormente carcomida, circunstância estreitamente relacionada com o caráter duvidoso de toda a sua existência e que também muito contribuía para inspirar a Hans Castorp sentimentos de distância e de reserva... Não, pretender entabular com ela relações efetivas era uma ideia que não lhe ocorria, e

quanto àquela relação muda — ela acabaria, bem ou mal, dentro de semana e meia, quando começasse o seu estágio na casa Tunder & Wilms.

Verdade é que por enquanto se acostumara a considerar o autêntico objetivo e o genuíno conteúdo das suas férias todas essas emoções, tensões, satisfações e decepções provenientes da sua delicada relação com a enferma; habituara-se a entregar-se totalmente a elas e a deixar depender o seu humor do seu desenvolvimento próspero ou não. As circunstâncias favoreciam o cultivo dessa relação com máxima benevolência, uma vez que ali viviam um perto do outro, num espaço limitado, e com um programa diário preestabelecido e obrigatório para todo mundo; e, ainda que a sra. Chauchat morasse num outro andar, o primeiro (e fizesse a terapia de repouso no terraço do sótão, o mesmo onde o capitão Miklosich havia pouco apagara a luz), existia contudo a possibilidade e até a inevitabilidade de constantes encontros, da manhã à noite, pelo simples fato de haver cinco refeições. E isso, tanto quanto a ausência de preocupações e dificuldades, parecia a Hans Castorp algo fabuloso, não obstante lhe causasse certa angústia a sensação de estar preso na mesma cela, com uma quase oportunidade bastante favorável.

Mesmo assim ele ainda acelerava um pouco a marcha dos acontecimentos; fazia cálculos e punha seu cérebro a serviço da causa da sua felicidade. Visto a sra. Chauchat chegar habitualmente atrasada à mesa, ele também se empenhou por se atrasar também, a fim de encontrá-la no caminho. Vestia-se com vagar, de modo que não estava pronto quando Joachim vinha buscá-lo, pedia ao primo que descesse sem ele e dizia que o seguiria imediatamente. Dirigido pelo instinto peculiar ao seu estado de alma, aguardava determinado momento que lhe parecia indicado. Então descia correndo ao primeiro piso; a partir dali, não continuava a servir-se da mesma escada pela qual chegara, mas percorria quase toda a extensão do corredor até o

patamar da outra escada, passando por uma porta que havia muito conhecia — a do quarto nº 7. Nesse caminho, ao longo do corredor, de uma escada à outra, cada passo oferecia, por assim dizer, uma probabilidade, pois a qualquer instante podia abrir-se a referida porta, e repetidas vezes isso de fato se deu. Ela se fechava estrondosamente atrás da sra. Chauchat, que, por sua vez, saía em silêncio, e em silêncio se encaminhava para a escada… E logo descia diante dele, segurando a trança com a mão, ou Hans Castorp ia à sua frente, sentindo-lhe o olhar na nuca e experimentando nos membros como que uma cãibra e nas costas a sensação de um formigueiro. Mas, no desejo de fingir que lhe ignorava a presença e que vivia uma vida individual vigorosamente independente, enterrava as mãos nos bolsos do paletó, encolhia os ombros ou pigarreava sem necessidade, batendo no peito com o punho — tudo isso para patentear a sua indiferença.

Em duas ocasiões, levou a manha ainda mais longe. Quando já se achava sentado à mesa, disse, entre perplexo e irritado, apalpando os bolsos com as mãos:

— Ora essa, esqueci o meu lenço! Preciso subir outra vez.

E subiu, para que ele e “Clawdia” *deparassem* um com o outro, o que constituiria um acontecimento diferente, mais perigoso, cheio de atrativos mais picantes do que ir à frente ou atrás dela. Quando ele realizou a manobra, ela o mediu de cima a baixo, a certa distância, e de modo bastante atrevido, livre de qualquer acanhamento; mas quando foram se aproximando, desviou o rosto com displicência e passou por ele de tal maneira que ao resultado desse episódio não merecia ser atribuído grande valor. Da segunda vez, porém, encarou-o, e não só de longe; encarou-o durante todo o tempo com ar firme e até um pouco sombrio, e quando seus caminhos se encontraram chegou mesmo a virar a cabeça para ele. O pobre Hans Castorp sentiu-se penetrado até a medula. Por outro lado não convém lastimá-lo, já que fora ele próprio que quisera tudo isso. Esse encontro, no entanto,

causou-lhe um veemente abalo, enquanto ocorria e sobretudo depois; pois, quando tudo já pertencia ao passado, foi então que percebeu com precisão o que se dera. Nunca antes tivera o rosto da sra. Chauchat tão perto dele, tão nitidamente distinto em todos os seus pormenores. Pudera divisar os cabelinhos curtos que se desprendiam do emaranhado da trança loura, de um tom metálico, arruivado, e que estava simplesmente enrolada em volta da cabeça. Apenas uns poucos palmos de distância separaram seu próprio rosto e o dela, rosto de feições esquisitas e todavia tão familiares, que lhe agradavam como mais nada no mundo; feições estranhas e cheias de caráter (pois só o estranho nos parece ter caráter), de um exotismo nórdico misterioso, que induzia à análise, visto suas particularidades e proporções não serem fáceis de determinar. Decisivo era, sem dúvida, o destaque que assumiam as maçãs salientes, altas e acentuadas; elas comprimiam os olhos descomunalmente distantes entre si e situados quase à flor do rosto, até lhes impunham uma certa obliquidade e ao mesmo tempo originavam o suave côncavo das faces, que, por sua vez, e indiretamente, causava a exuberância dos lábios um tanto grossos. Mas antes de tudo havia os próprios olhos — esses olhos quirguizes, de corte estreito e simplesmente mágico, na opinião de Hans Castorp, olhos cuja cor cambiava entre azul e cinzento, qual a de uma cordilheira longínqua, e que às vezes, por ocasião de certos relances para o lado, que não se fixavam em nada, eram capazes de se envolver, languidamente, em trevas misteriosas —, os olhos de Clawdia, afinal, que o haviam contemplado atrevida e um tanto sombriamente, de muito perto, e que na sua posição, cor e expressão pareciam-se de modo surpreendente e mesmo assustador com os de Pribislav Hippe. “Pareciam-se” não seria de modo algum a expressão adequada — estes olhos *eram* os mesmos; e também a largura da parte superior do rosto, o nariz levemente achatado, tudo, até a brancura rosada da pele, e

a tez sadia, que na sra. Chauchat apenas dava a ilusão de saúde e, como no caso de vários outros pensionistas, não passava de um resultado superficial do repouso ao ar livre —, tudo isso era tal qual em Pribislav, e tampouco o olhar com que este o contemplara no pátio da escola, ao passarem um pelo outro, não fora diferente.

Tal coisa era inquietante sob todos os aspectos. Hans Castorp estava entusiasmado pelo encontro que acabava de ter, e ao mesmo tempo sentia qualquer coisa como um temor nascente, uma angústia semelhante àquela que lhe causava a sensação de estar preso na mesma cela com a quase oportunidade favorável: também o fato de Pribislav, olvidado havia tanto tempo, vir-lhe ao encontro ali em cima, na pessoa da sra. Chauchat, fitando-o com aqueles olhos quirguizes, também isso fazia com que Hans Castorp se sentisse preso em companhia do inevitável e do irremovível — irremovível num sentido venturoso e atemorizador. Algo auspicioso, mas ao mesmo tempo fatídico, apavorante mesmo, e o jovem Hans Castorp sentiu como que uma necessidade de socorro. No seu íntimo operavam-se movimentos vagos e instintivos, os quais se poderia designar como olhares em volta, tateios e busca de ajuda, conselho e amparo. Sucessivamente, pensou em diversas pessoas, das quais talvez lhe fosse útil recordar-se.

Havia ali, a seu lado, Joachim, o bondoso e honrado Joachim, cujos olhos, no decorrer desses últimos meses, assumiram uma expressão melancólica, e que às vezes encolhia os ombros daquele jeito desdenhoso e violento que em outros tempos não lhe fora peculiar — Joachim, com o "Joãozinho Azul" no bolso, para empregarmos o termo com que esse recipiente era designado pela sra. Stöhr, cuja fisionomia obstinadamente descarada nunca deixava de causar horror a Hans Castorp… Havia, pois, o brioso Joachim, atormentando e maçando o dr. Behrens, a fim de obter dele a licença para partir e fazer o almejado serviço na "planície", nas "terras baixas", que era como os que viviam aqui em

cima designavam, com um desprezo leve mas nítido, o mundo das pessoas sadias. Era para chegar lá mais rapidamente e para poupar um pouquinho daquele tempo que aqui se gastava tão generosamente que ele dedicava com o máximo rigor à terapia qual estivesse prestando serviço; fazia-o para recuperar a saúde, sem dúvida, mas também, como Hans Castorp adivinhava de vez em quando, por amor ao próprio regime que, afinal de contas, era um serviço como outro qualquer, e dever cumprido era dever cumprido. Por isso acontecia todas as noites que Joachim, ao cabo de um quarto de hora, já insistia com ele que abandonassem a reunião dos pensionistas e se recolhessem ao repouso noturno, e isso tinha as suas vantagens, pois a pontualidade militar do primo acudia ao espírito paisano de Hans Castorp, que sem ela talvez preferisse demorar-se por muito tempo a contemplar sem proveito nem esperança a saleta ocupada pelos russos. No entanto, o fato de Joachim ter tanta pressa de abreviar a vida social no salão era também devido a outro motivo de natureza secreta, mas que Hans Castorp compreendia perfeitamente, desde que conhecia tão bem aquela palidez terrosa de Joachim e o modo particularmente doloroso com que a boca do primo se crispava em determinados momentos. Ora, Marúsia, a sempre risonha Marúsia com o pequeno rubi no formoso dedo, com o perfume de flor de laranjeira e com os seios opulentos, mas carcomidos, também costumava estar presente às reuniões sociais, e Hans Castorp percebeu que essa circunstância afugentava Joachim, precisamente porque o atraía em excesso, de uma forma pavorosa. Joachim também se sentiria “preso numa cela”, e de modo ainda mais opressivo e angustioso do que ele próprio, já que Marúsia com seu lencinho perfumado comia cinco vezes por dia à mesma mesa que eles? Em todo caso Joachim achava-se por demais ocupado consigo mesmo para que a sua existência pudesse significar uma ajuda íntima para Hans Castorp. Sua fuga da sala de reuniões, que se repetia

diariamente, sem dúvida causava uma impressão de honradez, mas sobre Hans Castorp exercia um efeito não mais que tranquilizador, e a este pareceu, em certos momentos, haver aspectos questionáveis no bom exemplo e nas instruções especializadas que Joachim lhe oferecia quanto ao leal cumprimento dos deveres e do serviço que o regime lhes impunha.

Ainda não fazia sequer duas semanas que Hans Castorp estava no Berghof, mas parecia-lhe muito mais tempo, e o programa do dia, ali em cima, esse programa que ele via Joachim observar com tanto zelo piedoso, começara a adquirir a seus próprios olhos um quê de intangibilidade sagrada e natural, tanto assim que a vida lá de baixo, nas terras baixas, vista assim de cima, se lhe afigurou quase anormal e errada. Já chegara a um alto grau de habilidade no manejo dos dois cobertores, mediante os quais, nos dias frios, a gente se transformava, por ocasião do repouso, num pacote simétrico, parecido com uma verdadeira múmia; pouco faltava para que igualasse a destreza de Joachim na arte de envolver-se segundo as regras; e quase se admirou ao pensar que lá embaixo, na planície, ninguém sabia dessa arte. Pois é, isso era estranho, mas ao mesmo tempo Hans Castorp sentiu estranheza diante do fato de que assim lhe parecesse, e novamente nasceu nele o desassossego que o fez perscrutar o seu íntimo em busca de conselho e amparo.

E ele pensou no dr. Behrens e no seu conselho, oferecido *sine pecunia*, de viver exatamente como os pacientes e de até tomar a temperatura; lembrou-se também de Settembrini, que desatara a rir às gargalhadas ao ficar sabendo desse conselho, e que depois citara qualquer coisa da *Flauta mágica*. Sim, nesses dois também pensou a título de experiência, para ver se essa recordação lhe trazia algum proveito. O dr. Behrens era um homem de cabelos brancos, poderia ser o pai de Hans Castorp. Além disso, era o diretor do estabelecimento, a mais alta autoridade que existia por ali, e era justamente de autoridade paterna que o coração

do jovem Hans Castorp, na sua inquietude, sentia necessidade. E todavia, por mais que tentasse, não conseguia recordar-se do conselheiro áulico com confiança filial. O médico enterrara ali a esposa, sofrendo um golpe que passageiramente o tornara um tanto esquisito. Depois permanecera em Davos, porque o túmulo o retinha, e também por estar ele mesmo atacado pela enfermidade. Quem sabia se isso já passara? Gozava o dr. Behrens de boa saúde, e estava sinceramente decidido a curar as pessoas para que pudessem sem demora regressar à planície e voltar ao serviço? Suas faces estavam sempre azuis, e ele dava a impressão de estar febril. Mas talvez isso fosse apenas uma ilusão, e a cor do seu rosto se devesse ao ar das alturas. O próprio Hans Castorp experimentava todos os dias um ardor seco, sem que tivesse febre, ao menos pelo que se podia julgar sem termômetro. Mas, quando se ouvia o conselheiro falar, tinha-se, às vezes, novamente a impressão de ele estar com temperatura elevada; alguma coisa não parecia certa na sua maneira de expressar-se; embora as suas palavras soassem enérgicas, corretas e joviais, havia nelas qualquer coisa singular, exaltada, sobretudo para quem observava ao mesmo tempo as faces azuis e os olhos lacrimosos que faziam acreditar que ele ainda chorava a mulher. Hans Castorp lembrou-se do que Settembrini dissera da "melancolia" e dos "vícios" do conselheiro áulico, a quem chamara de "alma atarantada". Nisso podia haver malícia ou leviandade; porém Hans Castorp não achava, de qualquer modo, que pensar no dr. Behrens fosse algo propriamente revigorante.

E havia ainda esse Settembrini, o oposicionista, o doidivanas e "*Homo humanus*", como se definia a si próprio, o homem que o censurara com palavras abundantes e enfáticas, porque qualificara a combinação de estupidez e enfermidade como contradição e dilema para o sentimento humano. Que tal era ele? Era proveitoso ocupar-se com esse homem? Hans Castorp ainda sabia muito bem o quanto, em

diversos daqueles sonhos excessivamente agitados que aqui em cima lhe encheram as noites, exasperara-se por causa do sorriso fino e seco do italiano, que se esboçava sob a bonita curva do bigode; recordava-se de o ter tratado de tocador de realejo e de haver procurado afastá-lo do lugar, porque lhe parecia demais ali. Mas isso se passara num sonho, e Hans Castorp acordado era diferente, menos livre de inibições do que quando sonhava. Em estado de vigília, tudo isso podia ser de outro modo; talvez fizesse bem tentando conformar-se intimamente com essa maneira de ser, completamente nova para ele, que Settembrini representava; quem sabia se não eram dignas de ser estudadas sua rebeldia e sua crítica, posto fossem choramingueiras e gárrulas? Ele mesmo se designara pedagogo; evidentemente desejava exercer influência; e o jovem Hans Castorp anelava de coração que o influenciassem — o que no entanto não precisava ir tão longe a ponto de ele se deixar induzir por Settembrini a arrumar as malas e partir antes do tempo, conforme a sugestão que este recentemente lhe dera, bastante a sério.

Placet experiri, pensou consigo sorrindo, pois seu latim bastava para tanto, ainda que não se pudesse qualificar de *Homo humanus*. Assim, não perdia Settembrini de vista e escutava com gosto, embora com atenção crítica, tudo quanto o italiano produzia no decorrer das entrevistas que se realizavam ocasionalmente, durante os comedidos passeios prescritos pelo regime, até o banco na encosta da montanha ou até Davos-Platz. Havia também outras oportunidades para fazê-lo, quando Settembrini, após a refeição, era o primeiro a levantar-se e, com as suas calças xadrez e com um palito entre os dentes, atravessava indolentemente a sala, a fim de fazer, em completo desacordo com o regulamento e os costumes, uma visitinha à mesa dos dois primos. Postava-se então diante deles, numa atitude graciosa, com os pés cruzados, e palestrava gesticulando com o palito. Ou talvez puxasse uma cadeira, para instalar-se num canto entre Hans Castorp e a

professora, ou então entre o jovem e Miss Robinson, e para observar como os nove comensais comiam a sobremesa à qual ele mesmo parecia ter renunciado.

— Peço que me admitam nesta roda ilustre — dizia, apertando as mãos dos primos e abrangendo as demais pessoas numa única reverência. — Esse cervejeiro aí… para nem mencionar o aspecto desolador da senhora cervejeira… Mas esse sr. Magnus… ora, ele acaba de fazer uma conferência etnopsicológica. Querem ouvir como foi? "Nossa querida Alemanha é um grande quartel, não há dúvida. Mas ela encerra muita energia, e eu não trocaria as nossas sólidas virtudes pela cortesia dos outros. Que me adianta a cortesia, se me enganam pela frente e por trás?" O estilo era esse. Não aguento mais. Além disso tenho à minha frente uma pobre criatura com rosas de cemitério nas faces, uma solteirona da Transilvânia, que não para de falar de seu "cunhado", um homem do qual ninguém nada sabe, nem quer saber. Numa palavra, não posso mais, preferi bater em retirada.

— Pois é, o senhor picou a fula, fugiu mesmo — disse a sra. Stöhr. — Posso imaginar.

— Exatamente! — exclamou Settembrini. — Uma fula de mulas! Estou vendo que aqui há várias mesmo. Não há dúvida, estou em boa companhia. Sim senhora, eu piquei a… Ah, se todos soubessem cunhar frases assim!… E como vão os progressos de sua saúde, sra. Stöhr?

Era horroroso observar a afetação da sra. Stöhr.

— Ah, meu bom Deus! — disse ela. — É sempre a mesma coisa; o senhor sabe bem. Dão-se dois passos para a frente e três para trás. Cada vez que a gente acaba de cumprir cinco meses da pena, vem o velho acrescentar mais meio ano. Ai de mim, é um suplício de Tântalo! Vai-se empurrando, empurrando, e quando se pensa que se está lá em cima…

— Ah, como a senhora é gentil! Concede a esse coitado do Tântalo uma pequena mudança de ares. Para variar, deixa-o rolar a pedra de mármore! Eis o que eu chamo de genuína

bondade da alma… Mas, muito bem, madame: ocorrem histórias misteriosas com a senhora. Falam-se de sósias, corpos astrais… Nunca acreditei nessas coisas, mas o caso da senhora me faz duvidar…

— Parece-me que o senhor quer se divertir à minha custa.

— De modo algum! Nem pensar! A senhora me tranquilize, antes de mais nada, quanto a certos lados obscuros da sua existência e logo poderemos pensar em diversões. Ontem à noite, entre as nove e meia e dez horas, saí ao jardim para fazer um pouco de exercício. Meus olhos vagaram ao longo da fachada, e notei que a lampadazinha elétrica da sacada da senhora luzia através da escuridão. Concluí que a senhora estava observando o repouso, como ordenam o dever, a razão e o regulamento. “Ali jaz a nossa bela doente”, disse eu de mim para mim, “obedecendo fielmente às prescrições, para que possa o mais depressa possível voltar aos braços do sr. Stöhr.” E, faz poucos minutos, que ouço? Que àquela mesma hora a senhora foi vista no *cinematógrafo* — o sr. Settembrini pronunciou a palavra à italiana, com o acento na quarta sílaba — no *cinematógrafo* da colunata da clínica, e depois na confeitaria, com vinho doce e merengues, e dizem…

A sra. Stöhr retorcia os ombros de tanto rir; afogava risinhos no guardanapo; dava cotoveladas em Joachim Ziemssen e no taciturno dr. Blumenkohl; piscava um olho de modo entre astucioso e petulante, e demonstrava de todas as formas possíveis a mais idiota satisfação consigo própria. Para esquivar-se do controle, costumava colocar na sacada a lampadazinha acesa. Então se safava em busca de algumas distrações no bairro inglês. Enquanto isso, seu marido, em Cannstatt, estava à sua espera. Por outro lado, ela não era a única paciente que tinha esse hábito.

— … e dizem — continuou Settembrini — que a senhora saboreou esses merengues em companhia… de quem? Em companhia do capitão Miklosich, de Bucareste. Há quem afirme que ele usa espartilho, mas, meu Deus, que

importância pode ter isso, no nosso caso? Eu lhe suplico, madame, onde estava a senhora? A senhora vale por duas! Sem dúvida, achava-se dormindo, e enquanto a parte terrestre da sua existência se entregava ao repouso solitário, a parte espiritual espairecia em companhia do capitão Miklosich e de outras coisas doces…

A sra. Stöhr requebrava-se e gesticulava como se alguém lhe fizesse cócegas.

— Não se sabe se convém desejar o contrário — acrescentou Settembrini. — Ou seja: que a senhora tivesse saboreado sozinha aquelas coisas doces, e feito o repouso na companhia do capitão Miklosich…

— Hi, hi, hi…

— Os senhores conhecem a história de anteontem? — perguntou o italiano, de imediato. — Alguém foi apanhado… levado pelo diabo ou, mais precisamente, pela senhora sua mãe, uma dama muito enérgica, que me agradou bastante. Trata-se do jovem Schneermann, Anton Schneermann, que tinha o seu lugar ali na mesa da senhorita Kleefeld. Como os senhores veem, está vazio. Será preenchido daqui a pouco, quanto a isso não me preocupo; mas Anton sumiu-se nas asas da tempestade, num abrir e fechar de olhos e bem de repente. Achava-se aqui havia um ano e meio, com as suas dezesseis primaveras, e justamente agora acabavam de impor-lhe mais seis meses. E que aconteceu então? Não sei quem teria dado certas informações à sra. Schneermann. Em todo caso, ela ficou sabendo das relações de seu filhinho com Baco *et ceteris*. Sem aviso prévio entra em cena uma matrona, três palmos mais alta que eu, encanecida e furiosa. Administra, sem dizer nada, uma porção de bofetadas ao sr. Anton, segura-o pelo pescoço e mete-o no trem. "Se ele deve ir a pique", grita ela, "pode muito bem fazê-lo na planície." E lá se vão…

Quem estava sentado próximo não pôde deixar de rir, pois o sr. Settembrini era muito engraçado ao narrar. Mostrava-se bem-informado sobre as últimas novidades, ainda que se

comportasse criticamente e com sarcasmo ante a vida comunitária das pessoas aqui em cima. Estava a par de tudo. Conhecia os nomes e grande parte do passado dos recém-chegados. Relatava que, no dia anterior, fulano ou fulana sofrera uma resseção de costelas. Sabia de fonte fidedigna que a partir do outono próximo já não seriam admitidos doentes que tivessem temperaturas acima de 38,5 graus. Segundo a sua afirmação, na noite passada o cachorrinho da sra. Capatsoulias, de Mitilene, sentara-se sobre o botão do sinal luminoso no criado-mudo da sua dona. Desse fato resultaram muitas correrias e grande tumulto, tanto mais que a sra. Capatsoulias não fora encontrada sozinha, mas sim em companhia do assessor Düstmund, de Friedrichshagen. Nem o dr. Blumenkohl conseguiu conter um sorriso ao escutar essa história. A bela Marúsia esteve a ponto de se asfixiar com o seu lencinho perfumado de flor de laranjeira, e a sra. Stöhr soltou uns gritos estridentes, comprimindo o seio esquerdo com ambas as mãos.

Mas com os dois primos Lodovico Settembrini falava também de si próprio e da sua origem, quer nos passeios, quer por ocasião das reuniões noturnas ou depois do almoço, quando a maioria dos pensionistas já saíra da sala e os três cavalheiros ainda permaneciam sentados por alguns instantes à extremidade da mesa, enquanto as criadas tiravam os pratos e Hans Castorp fumava o Maria Mancini, cujo sabor, no decorrer da terceira semana, tornara a agradar-lhe um pouco. Cioso, atento e surpreso, mas disposto a deixar-se influenciar, o jovem escutava as narrativas do italiano, que lhe abriam um mundo singular e completamente novo.

Settembrini falou de seu avô, que fora advogado em Milão, mas sobretudo um grande patriota, mistura de agitador público, orador e publicista — também ele um homem de oposição, tal qual o neto, mas que praticara a coisa num estilo mais elevado, mais audacioso. Pois ao passo que

Lodovico, como ele mesmo observava com amargura, se via reduzido a escarnecer a vida e as atividades no Sanatório Internacional Berghof, a castigá-las com críticas zombeteiras e a protestar contra elas em nome de uma humanidade bela e cheia de atividade, o avô dera muito que fazer aos governos, conspirando contra a Áustria e a Santa Aliança, que naquela época haviam oprimido a sua pátria despedaçada, reduzindo-a a uma pesada servidão. Ele fora membro fervoroso de certas sociedades secretas, difundidas na Itália — um carbonário, como explicou Settembrini, abaixando de repente a voz, como se ainda fosse perigoso falar dessas coisas. Numa palavra, segundo os relatos do neto, esse Giuseppe Settembrini afigurou-se aos dois ouvintes como um indivíduo sombrio, apaixonado, insurgente, um rebelde e um conjurado. Não obstante o respeito que os primos, por motivos de cortesia, procuravam sentir, não conseguiram apagar por completo nas suas feições uma expressão de antipatia desconfiada e até de repugnância. Verdade é que se tratava de um caso especial: o que ouviam passara-se numa época remota, fazia quase cem anos, pertencia à história, e do ensino de história, sobretudo da antiga, eram-lhes teoricamente familiares a mentalidade em apreço, o fenômeno do apego desesperado à liberdade e do ódio inflexível à tirania, se bem que nunca esperassem entrar em contato tão direto com esse espírito. Além disso houvera, como ficaram sabendo, na natureza revolucionária e conspiradora desse avô, um grande amor à pátria, que ele desejava ver livre e unida. Com efeito, a sua atividade sediciosa fora o fruto e a emanação desse sentimento respeitável, e, por estranha que parecesse a cada um dos primos essa mistura de rebeldia e patriotismo — já que estavam acostumados a identificar o espírito patriótico com um senso de ordem conservador —, tinham de admitir, no seu íntimo, que sob as circunstâncias especiais daquela época e daquele país podia ter havido identidade entre insurreição e dever cívico, de um lado, e

comedimento leal e indiferença preguiçosa quanto à causa pública, de outro.

Mas o avô de Settembrini não fora somente um patriota italiano, senão também um concidadão e um irmão em armas de todos os povos sedentos de liberdade. Pois, após o malogro de certa tentativa de intervenção e golpe de Estado empreendida em Turim, e da qual ele participara com palavras e ações, escapando só por milagre aos esbirros do príncipe Metternich, empregara seus anos de desterro em lutar e derramar seu sangue, ora na Espanha, em prol da constituição, ora na Grécia, pela independência do povo helênico. Ali é que viera ao mundo o pai de Settembrini — talvez por isso ele se tornara um grande humanista e adorador da Antiguidade clássica —, nascido, aliás, de uma mãe de sangue alemão, pois Giuseppe casara-se com uma rapariga suíça e a levara consigo em todas as demais andanças. Mais tarde, depois de dez anos de exílio, pudera regressar à sua terra. Exercera em Milão a profissão de advogado, mas absolutamente não renunciara ao direito de concitar a nação pela palavra falada e escrita, em versos e em prosa, à liberdade e à instauração da república unida, de esboçar, com um brio passional e imperioso, programas revolucionários, e de proclamar num estilo claro a unificação dos povos libertos em prol da felicidade universal. Um pormenor mencionado por Settembrini, o neto, impressionou sobremaneira o jovem Hans Castorp: durante toda a sua vida, o avô Giuseppe mostrara-se aos seus compatriotas vestido de preto, alegando que usava luto pela Itália, sua pátria, que definhava na miséria e na escravidão. Ao ouvir isso, Hans Castorp voltou a fazer uma comparação que mentalmente já fizera diversas vezes: lembrou-se de seu próprio avô, que também, durante todo o tempo que o neto o conhecera, sempre usara roupas pretas, mas com um espírito totalmente diferente do que animara esse outro avô; recordou os trajes fora de moda, mediante os quais a natureza genuína de Hans Lorenz Castorp, aquela que

pertencia a uma época remota, se adaptara ao presente, a título provisório e com a acentuação da antipatia que os tempos modernos lhe inspiraram, até o dia em que, no seu leito de morte, assumira solenemente a sua forma verdadeira e própria, com a golilha pregueada do tamanho de um prato. Havia deveras uma profunda diferença na maneira de ser dos dois avôs. Hans Castorp refletiu sobre ela, enquanto o seu olhar se fixou no vazio, e ele meneou a cabeça de uma forma cautelosa, o que podia significar tanto um sinal de admiração por Giuseppe Settembrini quanto uma manifestação de surpresa e desgosto. Por outro lado, esforçou-se lealmente para não condenar o que lhe parecia estranho, procurando não ir além da comparação e do exame dos fatos. Diante dele, na sala, surgiu o rosto oblongo do velho Hans Lorenz, a inclinar-se pensativo sobre a concavidade redonda e levemente dourada da bacia batismal, relíquia familiar itinerante e hirta; tinha a boca arredondada, pois seus lábios formavam o prefixo alemão “Ur”, que evocava gerações: “bis, tri, tetra” — um som surdo e piedoso que lembrava lugares nos quais logo se começava a avançar com um passo cadenciado e reverente. E ao mesmo tempo Hans Castorp via como Giuseppe Settembrini, segurando a bandeira tricolor numa das mãos e brandindo na outra um sabre, erguia, num juramento sagrado, os olhos negros ao céu e se lançava à frente de um grupo de defensores da liberdade contra a falange do despotismo. Ambas essas atitudes tinham, sem dúvida, sua beleza e seu valor, pensava Hans Castorp, empenhando-se em ser justo, tanto mais que, pessoalmente, ou com parte do seu ser, se sentia um pouco parcial. Pois o avô de Settembrini combatera com o fim de obter direitos políticos, ao passo que a seu próprio avô ou, pelo menos, aos antepassados dele haviam pertencido, originariamente, todos os direitos, e fora a canalha que lhos arrancara no decorrer de quatro séculos, por meio da violência e de chavões… Eis que um e outro tinham andado vestidos de preto, o avô do norte e o

do sul, cada qual com o objetivo de interpor uma rigorosa distância entre si mesmo e o malvado presente. Mas um agira assim por piedade, em homenagem ao passado e à morte, para os quais pendia a sua natureza; o outro, ao contrário, por rebeldia, a fim de honrar um progresso inimigo da piedade. "Certamente, isto são dois mundos, dois pontos cardeais", disse Hans Castorp de si para si, e, enquanto o sr. Settembrini prosseguia contando, o jovem viu-se, por assim dizer, colocado entre eles, lançando olhares examinadores ora a um ora a outro. Parecia-lhe então que uma coisa semelhante já lhe ocorrera antes. Recordou um solitário passeio de barca, ao crepúsculo, num lago de Holstein, passeio que fizera em fins de verão, alguns anos antes. Fora perto das sete horas; o sol já se pusera e a lua quase cheia já se elevara, a leste, por cima das margens do lago, cobertas de arbustos. E durante dez minutos, enquanto Hans Castorp sulcava, remando, as águas silenciosas, reinara uma constelação perturbadora, fantástica qual um sonho. A oeste resplandecera, como em pleno dia, uma luz vítrea, prosaica, decidida; mas bastara voltar a cabeça para deparar com uma paisagem de luar, igualmente típica, entremeada de brumas úmidas e cheia de mágico encanto. Esse contraste esquisito durara um quarto de hora, pouco mais ou menos, antes de se completar o triunfo da noite e da lua. Com um pasmo alegre, os olhos deslumbrados e confundidos de Hans Castorp haviam passado de uma iluminação e de uma paisagem à outra, do dia para a noite e da noite para o dia. E nesse instante, ao comparar os dois avôs, não pôde deixar de se lembrar daquela impressão.

Fosse como fosse — prosseguiu ele na marcha de seus pensamentos —, não podia ser que o advogado Settembrini se houvesse tornado um grande jurisconsulto ao levar uma vida dessas, e em face de tão vastas atividades. Mas, segundo as afirmações plausíveis de seu neto, fora o princípio geral da Justiça o que o animara desde a infância até o fim da vida. Hans Castorp, embora não tivesse nesse

momento particular a cabeça sobremodo lúcida, e sentisse o seu organismo ocupado com a digestão dos seis pratos de uma refeição do Berghof, procurou compreender o que Settembrini queria dizer ao chamar esse princípio de "fonte da liberdade e do progresso". Esta última palavra significara para Hans Castorp, até então, qualquer coisa parecida com o desenvolvimento dos guindastes no decorrer do século XIX. Agora verificava que o sr. Settembrini não desprezava essas coisas, seguindo nesse ponto, evidentemente, o exemplo do avô. O italiano rendia à pátria dos seus dois ouvintes uma grande homenagem, por terem sido inventados ali a pólvora, que reduzira a ferro-velho as armaduras do feudalismo, e o prelo, que possibilitara a difusão democrática das ideias, quer dizer: a difusão das ideias democráticas. Quanto a isso, elogiava a Alemanha, e também pelo que se referia ao passado dela, se bem que lhe parecesse de justiça conceder a palma a seu próprio país, uma vez que este fora o primeiro a desfraldar a bandeira do esclarecimento, da cultura e da liberdade, enquanto os demais povos ainda vegetavam presos na superstição e na servidão. Porém, se Settembrini tratava a técnica e o tráfego — o campo de trabalho propriamente dito de Hans Castorp — com tanta reverência como já demonstrara por ocasião do primeiro encontro com os primos, junto ao banco na encosta da montanha, aparentemente não o fazia por amor a essas forças, senão por causa da importância que elas tinham para o aperfeiçoamento moral dos homens, e que ele constatava com satisfação. A técnica — expôs Settembrini — subjugava cada vez mais a natureza, pelas comunicações que criava, pelas redes de estradas e telégrafos que construía, e pelas vitórias que conquistava sobre as diferenças de clima; dessa forma apresentava-se como o meio mais seguro para aproximar os povos, para favorecer o contato entre eles, para levá-los a acordos humanos, para destruir os preconceitos existentes, e, finalmente, para estabelecer a união universal. A raça humana tinha a sua origem na

escuridão, no medo e no ódio, mas avançava e subia por um caminho brilhante, rumo a um estado terminal de simpatia, luminosidade íntima, bondade e felicidade. O veículo mais apropriado para transpor esse caminho era a técnica, declarou Settembrini. Mas, ao falar assim, associava, num abrir e fechar de olhos, categorias que Hans Castorp até então imaginara separadas por um largo abismo. “Técnica e moral”, disse o italiano, e a seguir entrou mesmo a falar do Salvador cristão, que fora o primeiro a revelar o princípio da igualdade e da união; depois, o prelo viera favorecer poderosamente a divulgação desse princípio, e, por fim, a grande Revolução Francesa fizera dele uma lei. Por razões pouco definíveis, mas muito reais, isso parecia sumamente confuso ao jovem Hans Castorp, se bem que o sr. Settembrini o formulasse em palavras tão claras e tão belas. Uma vez — contou o italiano —, uma única vez na vida, ao começo da sua maturidade, o avô sentira-se plenamente feliz: foi ao receber a notícia da Revolução de Julho em Paris. Em altos brados e publicamente proclamara então que todos os homens, um dia, equiparariam aqueles três dias de Paris aos seis dias da criação. Nesse instante, Hans Castorp não pôde evitar bater com o punho na mesa e experimentar uma surpresa extraordinária. Achava um pouco forte colocar os três dias de verão do ano 1830, durante os quais os parisienses haviam dado a si próprios uma nova constituição, ao lado dos seis dias no decorrer dos quais Deus, Nosso Senhor, separara a terra firme da água e criara as luzes eternas do firmamento, bem como as flores, as árvores, as aves, os peixes e tudo quanto vive; e ainda mais tarde, ao conversar a sós com seu primo Joachim, disse expressamente que essa afirmação lhe parecia muito forte e até mesmo chocante.

Mas estava disposto a deixar-se influenciar, no sentido do provérbio segundo o qual era agradável experimentar, e assim ele refreou o protesto que sua piedade e seu bom gosto faziam contra a concepção settembriniana das coisas,

ponderando que aquilo que se lhe afigurava blasfêmia podia ser qualificado de ousadia, e que as aparentes banalidades talvez tivessem sido manifestações de generosidade e nobre entusiasmo, pelo menos naquele país e naquela época, como, por exemplo, quando o avô de Settembrini chamara as barricadas "o trono do povo" e declarara que cumpria "consagrar a lança do cidadão sobre o altar da humanidade".

Hans Castorp sabia por que escutava os discursos do sr. Settembrini; não que fosse capaz de explicar os motivos com clareza, mas sabia-os. Havia algo como senso de dever, além daquela irresponsabilidade própria ao viageiro e visitante em férias, que não se fecha a impressão alguma e bem deixa as coisas se aproximarem, mas ciente de que amanhã ou depois abrirá as asas e voltará à ordem habitual: era, enfim, um preceito da consciência moral (e para ser exato, o preceito e exortação de uma consciência pesada) o que induzia Hans Castorp a ouvir o italiano, prestando-lhe atenção, de pernas cruzadas e a fumar seu Maria Mancini, ou então quando, em três, subiam caminhando do bairro inglês em direção ao Berghof.

Segundo as digressões de Settembrini, dois princípios disputavam o mundo entre si: a força e o direito, a tirania e a liberdade, a superstição e a ciência, o princípio da estagnação e o do movimento efervescente, do progresso. Podia-se chamar a um o princípio asiático e ao outro, o europeu, visto ser a Europa a terra da rebelião, da crítica e da atividade transformadora, ao passo que o continente oriental encarnava a imobilidade, o repouso inerte. Não existia a menor dúvida quanto à questão de saber qual das duas forças terminaria por triunfar; só poderia ser a da luz, a do aperfeiçoamento guiado pela razão. Pois a humanidade arrastava mais e mais povos pelo seu caminho brilhante; ganhava cada vez mais terreno na própria Europa e estava a ponto de penetrar na Ásia. No entanto, faltava ainda muito para que a sua vitória fosse completa, e grandes,

magnânimos esforços eram exigidos dos homens de boa vontade, dos que haviam recebido a luz, até que raiasse o dia em que desmoronassem as monarquias e as religiões também naqueles países que na verdade nunca tinham gozado o seu século XVIII nem seu ano de 1789. Mas esse dia haveria de chegar, dizia Settembrini, esboçando um fino sorriso sob a curva do bigode. Se não pelos pés das pombas, sobre as asas das águias. Ele nasceria como a aurora da confraternização geral dos povos sob o signo da razão, da ciência e do direito; acarretaria a santa aliança da democracia dos cidadãos, em esplêndido contraste com aquela três vezes infame aliança dos príncipes e gabinetes, de quem o avô Giuseppe fora inimigo mortal — acarretaria, numa palavra, a República Universal. Mas, para alcançar esse objetivo final era necessário, antes de mais nada, ferir o princípio asiático, o princípio servil da inércia, no centro e no nervo vital da sua resistência, que era Viena. Tratava-se de golpear a Áustria na cabeça, e de destruí-la, primeiro para tirar desforra de seus atos passados, e depois para pôr a caminho o reino da justiça e da felicidade sobre a Terra.

Esse, último rumo e essa conclusão das altissonantes jaculações de Settembrini deixaram de interessar a Hans Castorp. Causaram-lhe desagrado e até o chocaram, porque via neles a expressão de um rancor pessoal ou nacional, cada vez que se repetiam. No que tocava a Joachim Ziemssen — quando ele ouvia o italiano discorrer dessa forma, voltava mesmo a cabeça, de cenho carregado, e cessava de escutar; às vezes também dizia que estava na hora do repouso ou tentava mudar de assunto. Hans Castorp tampouco se sentia obrigado a prestar atenção a ideias tão extravagantes, que evidentemente ultrapassavam os limites das influências que a voz da sua consciência lhe aconselhava admitir a título de experiência; e essa voz era tão forte, cabe destacar, que, sempre que o sr. Settembrini ia sentar-se à mesa dos primos ou os acompanhava durante um passeio, o próprio Hans Castorp se punha a pedir-lhe que

lhe explanasse suas ideias.

Essas ideias, ideais e aspirações, observou Settembrini, faziam parte das tradições da sua família. Pois todos os três lhe haviam consagrado a vida e as forças do espírito: o avô, o pai e o neto, cada qual à sua maneira, o pai não menos que o avô, se bem que não tivesse sido, como este, um agitador político e um paladino da liberdade, senão um sábio quieto e delicado, um humanista que vivia amarrado à sua escrivaninha. Mas, que era afinal o humanismo? Era o amor aos homens, nada mais, nada menos, e por isso mesmo implicava também a política, a insurreição contra tudo quanto mancha e desonra a dignidade humana. Haviam censurado ao humanismo o apreço exagerado da forma; mas ele cultivara a bela forma unicamente por amor à dignidade humana, em esplêndida oposição à Idade Média, que vivia não só entregue à misantropia e à superstição, como também enfeada por uma ignominiosa falta de forma. Desde seus inícios, o humanismo defendera a causa do ser humano, os interesses terrenos, a liberdade do pensamento e o prazer de viver, opinando que o céu, por motivos de equidade, pertencia aos pardais. Prometeu! Este teria sido o primeiro humanista, e idêntico ao Satanás a que Carducci dedicou seu hino... Oh, meu Deus, pudessem os primos ter escutado como, em Bolonha, o velho inimigo da Igreja maldisse e zombou da sensibilidade cristã dos românticos! E dos hinos sacros de Manzoni! Da poesia de sombras e luares do “Romanticismo”, que comparou à “Luna, pálida monja celeste!”. *Per Bacco*, que prazer sublime, escutar esse homem! E pudessem também ter ouvido Carducci interpretando Dante: celebrara-o como cidadão de uma metrópole, que defendia, contra a ascese e a negação do mundo, a força ativa que revolucionava e melhorava o mundo. Ora vejam, não era a sombra enfermiça e mística de Beatriz a quem o poeta honrava sob o nome de “*Donna gentile e pietosa*”; ao contrário, designava assim a própria esposa, que no poema representava o princípio do

conhecimento das coisas deste mundo e da atividade prática na vida...

Dessa maneira, Hans Castorp aprendia isso e aquilo sobre Dante, e da melhor das fontes. Não se fiava irrestritamente nesses seus novos conhecimentos, dado o espírito estouvado de quem lhe servia de intermediário. Mesmo assim, valia a pena saber que Dante fora um cidadão de uma metrópole e tivera um espírito vivaz. E a seguir, Hans Castorp prestava atenção ao que Settembrini contava de si próprio. O italiano declarava que no neto Lodovico, isto é, em sua pessoa, se haviam combinado as tendências dos seus ascendentes imediatos: a cívica, do avô, e a humanística, do pai. Assim ele se tomara um literato, um escritor livre. Pois a literatura não era outra coisa senão isto: a associação de humanismo e política, associação que se realizava como a maior naturalidade, visto o próprio humanismo ser política, e a política, humanismo... A essa altura das explanações, Hans Castorp escutava com grande atenção, esforçando-se por compreender tudo direitinho; pois esperava aprender finalmente em que consistia a crassa ignorância do cervejeiro Magnus e ficar sabendo por que a literatura era outra coisa que não “belos caracteres”. Settembrini perguntou se os primos já tinham ouvido falar do sr. Brunetto, de Brunetto Latini, escrivão municipal de Florença por volta de 1250 e autor de um livro sobre as virtudes e os vícios. Esse mestre fora o primeiro a esmerilar a cultura dos florentinos e a ensinar-lhes a oratória bem como a arte de dirigir sua república conforme as regras da política.

— Aí está, meus senhores! — exclamou Settembrini. — Aí está! — E passou a falar da “palavra”, do culto da palavra, da eloquência, que qualificou de humanidade. Pois o verbo era a honra dos homens, e só ele tornava a vida digna de seres humanos. Não somente o humanismo, mas também a humanidade em geral, toda a dignidade humana, todo o respeito pelos homens e toda a estima que eles sentiam de si próprios eram inseparáveis do verbo, e, por conseguinte,

da literatura... (“Está vendo?”, disse Hans Castorp mais tarde ao primo. “Está vendo que na literatura o que importa são as belas palavras? Eu logo percebi...”) De tal forma que também a política se achava ligada à literatura, ou melhor: tinha sua origem na aliança, na fusão de humanidade e literatura, já que a bela palavra gerava a bela ação.

— Faz dois séculos — disse Settembrini —, vivia no país dos senhores um velho poeta, um homem de grande eloquência, que atribuía suma importância à beleza da caligrafia, porque, segundo a sua opinião, esta conduzia à beleza do estilo. Deveria ter ido um pouco mais longe e dizer que um belo estilo conduz a belas ações.

Pois escrever bem já seria quase pensar bem, e daí a agir bem não haveria muita distância. Toda moralidade e todo aperfeiçoamento moral derivariam, enfim, do espírito da literatura, desse pundonor humano que corresponderia concomitantemente ao espírito da humanidade e da política. Sim, tudo isso seria uno e indivisível, uma e mesma força e uma e mesma ideia, e poderia ser resumido num único termo. Qual seria esse termo? Ora, ele se compunha de sílabas familiares cujo significado e cuja majestade os primos sem dúvida jamais haveriam compreendido até então. Seu nome era: civilização! E, ao pronunciar essa palavra, Settembrini ergueu a amarelada mãozinha direita como quem faz um brinde.

O jovem Hans Castorp achava tudo isso digno de atenção; sem compromisso e a título de experiência apenas, mas digno de atenção, sim; e foi nesse sentido que falou com Joachim Ziemssen, o qual, porém, por estar com o termômetro na boca, não pôde responder senão indistintamente, e a seguir se mostrou por demais ocupado em decifrar os graus e inscrevê-los na papeleta, para que pudesse formular uma opinião acerca dos pontos de vista de Settembrini. Hans Castorp, porém, inteirava-se dessas opiniões cheio de boa vontade e abria-lhes o seu íntimo, a fim de estudá-las; o que deixa ver quanta vantagem leva o

homem acordado sobre o homem que dorme estupidamente — pois em sonhos já acontecera diversas vezes a Hans Castorp tratar o sr. Settembrini de tocador de realejo, à queima-roupa, e tentar empurrá-lo com toda a força, porque "era demais ali". Como homem acordado, porém, ouvia-o atenta e cortesmente e esforçava-se com muita imparcialidade por suavizar e diminuir a oposição que nele desejava levantar-se contra as ideias e as exposições do seu mentor. Não se pode negar que certa oposição se movia em sua alma: ela se baseava em antigas resistências que sempre haviam se manifestado ali, e também em outras, resultantes da situação presente, das experiências ora indiretas ora tácitas que Hans Castorp fazia com esta gente aqui em cima.

Que é o homem, e com quanta facilidade se engana a sua consciência! Quão perito ele é na arte de perceber na própria voz do dever a licença para se entregar à paixão! Era por um senso de dever, por equidade, pela necessidade de um contrapeso que Hans Castorp escutava os discursos do sr. Settembrini, examinando com muita complacência as considerações dele sobre a razão, a república e a beleza do estilo, e dispondo-se a deixar-se influenciar por elas. Tanto mais lícito lhe parecia depois dar livre curso aos seus pensamentos e sonhos, a fim de rumarem em uma direção diferente e até oposta — e, para formularmos desde já o resultado total do que suspeitamos ou adivinhamos, seja dito que escutava o sr. Settembrini com a finalidade exclusiva de obter da sua consciência plenos poderes que esta primitivamente não lhe quisera outorgar. Mas, que ou quem é que se encontrava do lado oposto ao patriotismo, à dignidade humana e às belas-letras, para onde Hans Castorp pensava ter reconquistado o direito de dirigir seus pensamentos e seus atos? Ora, ali se achava Clawdia Chauchat, indolente, carcomida, com seus olhos de quirguiz; e, enquanto Hans Castorp refletia sobre ela (a palavra "refletir" é, aliás, muito mansa para expressar o modo como,

no seu íntimo, ele se ocupava com ela), era novamente como se andasse de barca por aquele lago de Holstein e dirigisse os olhos deslumbrados e confundidos pela luminosidade vítrea da margem ocidental para a noite de luar, entremeada de brumas, dos céus do Oriente.

O TERMÔMETRO

A semana de Hans Castorp ia de terça-feira a terça-feira, visto ele ter chegado numa terça. Já fazia alguns dias que liquidara a conta da segunda semana — com a importância modesta de uns cento e sessenta francos, razoável e justificada segundo a sua própria opinião, mesmo que deixassem de ser consideradas as vantagens impagáveis da estada ali, justamente por ser impossível pagar por elas, bem como certos suplementos que poderiam ter sido faturados, se assim o quisessem, como, por exemplo, o concerto bimensal e as conferências do dr. Krokowski. O total de cento e sessenta francos referia-se exclusivamente à pensão propriamente dita, àquilo que o hotel oferecia como tal, a hospedagem confortável e as cinco refeições reforçadíssimas.

— Não é caro, não; é até barato, e você não pode se queixar de ser explorado aqui em cima — disse o visitante ao morador antigo. — Você gasta, em média, uns seiscentos e cinquenta francos por mês com o quarto e a comida, e nisso já está incluído o tratamento médico. Pois bem. Admitamos que você pague ainda uns trinta francos por mês em gorjetas, porque quer mostrar-se generoso e faz questão de ver em toda parte caras sorridentes. Temos então seiscentos e oitenta francos. Você vai me dizer que existem ainda extras e despesas por fora. Vai-se algum dinheiro para bebidas, para cosméticos e charutos; de vez em quando se faz uma excursão, um passeio de carro, e um dia vem a conta do alfaiate ou do sapateiro. Está bem assim, e com tudo isso você não consegue, nem querendo, ir além de mil francos por mês! Não são sequer oitocentos marcos! O total não chega a dez mil marcos por ano. Disso não passa, de modo algum. É com isso que se vive.

— Nota dez em cálculo mental — disse Joachim. — Eu nem sabia que você era tão hábil nisso. E acho mesmo generoso

da sua parte fazer logo a conta do ano inteiro. Mas você exagerou a despesa. Não fumo charutos e espero não chegar à situação de ter que mandar fazer ternos novos aqui; não, senhor!

— Bem, então é ainda menos — disse Hans Castorp um tanto confuso. Mas, fossem quais fossem os motivos que o haviam induzido a incluir na conta do primo charutos e roupas novas, a rapidez do seu cálculo mental não passava de uma ilusão, e Joachim se enganara a respeito dos dons naturais do primo. Pois, nesse terreno como em todos os outros, Hans Castorp era antes lerdo e pouco inspirado. No caso em apreço, não se tratava de uma improvisação, realizada com tamanha facilidade, senão do produto de um trabalho preparado *por escrito*: uma noite, durante o repouso (pois também ele acabara por deitar-se depois do jantar, já que todo mundo o fazia), levantara-se especialmente da sua magnífica espreguiçadeira, e, obedecendo a um súbito impulso, fora ao quarto buscar papel e um lápis para calcular. Dessa forma verificara que seu primo, ou melhor, que um pensionista qualquer do sanatório, precisava, tudo incluído, de uns doze mil francos por ano, e convencera-se, assim, por brincadeira, de que ele próprio estava financeiramente mais do que à altura das despesas exigidas aqui em cima, uma vez que podia considerar-se um homem com renda de dezoito e dezenove mil francos por ano.

Sua segunda conta semanal fora, portanto, liquidada havia três dias, e ele recebera o devido recibo e agradecimento. Significava isso que Hans Castorp alcançara a metade da terceira e, segundo os seus planos, da última semana da sua estada. No domingo próximo assistiria a mais um dos concertos quinzenais; na segunda-feira escutaria outras das conferências igualmente bimensais do dr. Krokowski — assim disse de si para si e também o declarou a Joachim. Mas, na terça ou quarta-feira, partiria e deixaria o primo sozinho, o pobre Joachim, a cuja pena Radamanto voltara a acrescentar

sabe Deus quantos meses, e cujos olhos meigos e negros se cobriam de um véu melancólico cada vez que se falava da partida iminente de Hans Castorp. Cruzes! Como tinham corrido essas férias! Haviam voado, fugido, evaporado — não se podia dizer como. Eram, afinal de contas, vinte e um dias que os dois primos deviam passar em companhia um do outro, uma longa série cujo fim, no início, parecia muito distante. E agora, de repente, não sobravam mais que três ou quatro míseros dias, um resto insignificante, que, na verdade, se tornava um pouco mais importante pelas duas variantes periódicas do programa habitual, mas sobre o qual já pesava o pressentimento da arrumação das malas e da despedida. Três semanas não representavam quase nada ali em cima — todos o haviam prevenido desse fato. Aqui em cima, a menor unidade de tempo era o mês — dissera Settembrini, e, como a estada de Hans Castorp no Berghof não chegasse a tanto, era uma permanência de nada; não passava de uma visita de médico, como a qualificara o dr. Behrens. Talvez fosse devido ao aumento da combustão geral que aqui o tempo corresse tão vertiginosamente? Ao menos essa agitação vital podia servir de consolo a Joachim, quando ele pensava nos cinco meses que tinha à sua frente, contando que não houvesse mais do que isso. Mas durante essas três semanas deveriam ter prestado maior atenção ao curso do tempo, assim como se fazia ao tomar-se a temperatura, quando os sete minutos regulamentares se convertiam num lapso de tempo considerável... Hans Castorp sentia sincera compaixão pelo primo, em cujos olhos se podia ler a mágoa de perder em breve o companheiro; experimentava de fato a mais viva compaixão, pensando em que o coitado permaneceria sem ele dali por diante, ao passo que ele mesmo viveria na planície, a serviço das técnicas de mobilidade destinadas a unir as nações: era uma compaixão tão ardente que em certos momentos lhe doía o peito, e tão viva que ele às vezes duvidava de que teria a coragem de deixar Joachim sozinho aqui em cima. E

justamente por ser esse sentimento tão ardente, Hans Castorp evitava o mais possível falar da sua partida. Era Joachim quem de vez em quando dirigia a conversa para esse assunto, pois, como dissemos, até o último instante, por tato e delicadeza naturais, Hans Castorp pareceu não querer pensar nisso.

— Tomara — disse Joachim — que você ao menos tenha descansado aqui conosco, e que quando descer se sinta renovado.

— Sim, vou dar lembranças a todo mundo — respondeu Hans Castorp — e dizer que você voltará daqui a cinco meses, o mais tardar. Você disse "descansado"? Se *eu* descansei bem nestes poucos dias? Acho que sim. Creio que mesmo um tempo tão curto deve fazer bem à gente. É verdade que as impressões que recebi aqui foram muito inusitadas, inusitadas sob todos os pontos de vista, e assim lhes devo grande número de ideias novas; mas também foram fatigantes, tanto para o corpo como para o espírito. Não me parece que já digeri tudo isso e que me aclimatei, o que seria a condição primeira de todo descanso. O Maria, graças a Deus, voltou a ter o mesmo sabor de antes. Faz alguns dias que gosto dele novamente. Mas ainda acontece às vezes, quando me assoo, que meu lenço se tinja de vermelho, e este maldito ardor do rosto junto com aquelas absurdas palpitações não me abandonarão, ao que penso, até o fim da minha estada. Não, não se pode falar, no meu caso, de aclimatação. E nem é possível com tão pouco tempo! Seria preciso uma permanência mais longa para a gente se adaptar e assimilar as impressões novas, antes que se possa começar com o descanso e o tal acúmulo de proteínas. É uma lástima. Digo "lástima", porque certamente foi um erro da minha parte não ter reservado mais tempo para esta viagem — teria sido fácil consegui-lo. Assim me parece que lá em casa, na planície, terei antes de mais nada que descansar deste descanso. Vou dormir três semanas a fio, de tão esgotado que estou. E infelizmente tenho ainda

este catarro…

Com efeito, Hans Castorp parecia fadado a regressar à planície com um resfriado de primeira classe. Constipara-se, provavelmente durante o repouso, e, para fazer uma segunda conjetura, provavelmente durante o repouso noturno, do qual ele participava havia uma semana, apesar do tempo frio e úmido, que não dava mostras de melhorar antes da sua partida. Mas ficara sabendo que esse tempo não era considerado mau, o conceito de mau tempo não se sustinha ali em cima; não se temia tempo algum; mal se preocupavam com a sua qualidade; e com a docilidade elástica peculiar à juventude, com toda a sua facilidade de adaptação às ideias e aos hábitos do ambiente ao qual se achava transferido, Hans Castorp pusera-se a imitar essa indiferença. Quando chovia a cântaros, não se devia pensar que por isso o ar fosse menos seco. E não parecia sê-lo mesmo, pois a gente continuava a ter a cabeça em brasa, qual se achasse numa peça superaquecida ou houvesse tomado muito vinho. No que se refere ao frio, que era forte, teria sido insensato refugiar-se no quarto para escapar dele. Enquanto não nevasse, não se acendia a calefação central, e sentar-se no quarto não era mais confortável que ficar deitado no compartimento da sacada, agasalhado com um sobretudo de inverno e envolto, conforme as regras, em dois bons cobertores de pelo de camelo. Bem ao contrário, essa última posição era infinitamente mais cômoda; era, nem mais nem menos, a posição mais prazenteira que Hans Castorp se recordava já ter experimentado — opinião que não mudaria pelo fato de um literato e carbonário a qualificar, com uma segunda intenção equívoca e maliciosa, de posição “horizontal”. Ela lhe agradava muito, principalmente à noite, quando a lampadazinha acesa luzia na mesinha a seu lado, e Hans Castorp, bem embrulhado nos cobertores cálidos, tendo entre os dentes o Maria Mancini, de sabor reencontrado, entregava-se ao gozo das vantagens dificilmente definíveis que oferecia esse tipo de

cadeira; gozava-as, embora com a ponta do nariz gelada e as mãos que seguravam um livro — ainda o *Ocean Steamships* — rígidas e avermelhadas pelo frio, olhando através dos arcos da *loggia* para o vale cada vez mais escuro, com as luzes ora dispersas ora aglomeradas, e escutando a música que dali vinha quase todas as noites durante uma hora, sons agradavelmente abafados, familiares e melodiosos: eram fragmentos de óperas, trechos de *Carmen*, do *Troubadour* ou do *Freischütz*, valsas bem-estruturadas e ligeiras, marchas que faziam que a gente marcasse o ritmo com a cabeça, e alegres mazurcas. Mazurca? Marúsia era como ela se chamava, a mocinha com o pequeno rubi, e no compartimento vizinho, atrás da espessa parede de vidro opaco, jazia Joachim — de vez em quando, Hans Castorp trocava com ele algumas palavras em voz baixa, procurando não incomodar os outros "horizontais". No seu compartimento, Joachim achava-se tão bem instalado quanto Hans Castorp, se bem que não entendesse de música e não soubesse achar prazer nos concertos noturnos. Tanto pior para ele, que em vez disso provavelmente lia sua gramática russa. Hans Castorp, porém, deixava o *Ocean Steamships* descansar sobre o cobertor e saboreava com sincera simpatia os sons da música, sondando completamente a profundeza translúcida do seu feitio e encontrando tão franco deleite em determinada invenção musical cheia de caráter e de graça, que só com hostilidade recordava as coisas que Settembrini dissera a respeito da música, considerações irritantes, no sentido de que ela fosse politicamente suspeita e de que realmente não valesse mais que o dito do avô Giuseppe sobre a Revolução de Julho e os seis dias do Gênesis...

Assim, Joachim não participava do gozo musical, e ignorava também a distração aromática do tabaco; no mais, permanecia em seu compartimento, igualmente agasalhado, estendido num abrigo pacato. Terminara o dia, por ora terminara tudo, e podia-se estar seguro de que nada mais

aconteceria, já não haveria emoções, não se exigiria do músculo cardíaco qualquer outro esforço. Mas também se estava seguro de que *amanhã*, com toda a probabilidade, tudo que acarretava essa existência monótona, garantida e regular voltaria a ser caso e recomeçaria desde o princípio; essa dupla segurança e aconchego era algo muito reconfortante, e unido à música e ao sabor reencontrado do Maria fazia que o repouso da noite representasse para Hans Castorp uma condição de vida verdadeiramente feliz.

Mas tudo isso não impedira que o visitante e dócil noviço pegasse um belo resfriado durante o repouso (ou em outra ocasião qualquer e de quaquer outro modo). Uma constipação intensa avançava, instalada na cavidade frontal e tratando de comprimi-la; a úvula estava irritada e dolorida; o ar não passava normalmente pelo canal destinado pela natureza a esse fim, mas atravessava-o frio, com dificuldade, provocando incessantes acessos de tosse. A voz de Hans Castorp adquirira de um dia para outro a tonalidade de um contrabaixo surdo, como que macerado por bebidas fortes. Segundo ele dizia, não pregara olho durante a noite, porque uma secura sufocante da garganta o sobressaltara de quando em quando.

— Bem desagradável tudo isso — disse Joachim — e quase escandaloso. É bom que você saiba, aqui em cima os resfriados não são reçus, o que se faz é negar sua existência; oficialmente é impossível que eles ocorram, com esse ar seco, e um paciente que recorresse ao Behrens com um resfriado seria muito mal recebido. Mas com você o caso é diferente, afinal você tem direito a algo assim. Seria bom se conseguíssemos cortar a gripe. Lá na planície há métodos de fazê-lo, mas aqui… Não acho que o seu caso vá despertar interesse o bastante. E preferível não adoecer aqui, porque ninguém se preocupa com isso. É uma velha regra que você acaba aprendendo pouco antes de partir. Quando cheguei aqui, havia uma senhora que durante uma semana a fio tapou a orelha com a mão e gemeu de dor. Finalmente, o

Behrens foi examiná-la. “A senhora pode ficar totalmente tranquila”, disse ele, “isso não vem da tuberculose.” E ficou por isso mesmo. É, teremos que ver como dar um jeito. Amanhã falarei com o balneador, quando ele vier ao meu quarto ministrar o tratamento. Com ele começa a via hierárquica, e dali o caso passará pelos canais regulamentares; talvez acabem fazendo algo por você.

Assim falou Joachim; e a via burocrática logo se mostrou eficaz. Na sexta-feira, quando Hans Castorp regressou do passeio matinal, bateram na sua porta, e daí resultou uma oportunidade para travar conhecimento pessoal com a enfermeira-chefe, srta. Von Mylendonk, ou a “sra. Superiora”, como a chamavam. Até então, ele enxergara apenas de longe essa personagem aparentemente muito ocupada, como ela saíra de um quarto e atravessara o corredor para entrar em outro, do lado oposto; ou ouvira-lhe a voz coaxante, durante uma das suas rápidas passagens pela sala de refeições. Desta vez, porém, a visita destinava-se a ele próprio. Atraída por sua gripe, ela bateu com os dedos ossudos e frenéticos à porta do aposento e então transpôs o limiar mesmo antes de ele dizer “Entre”, detendo-se apenas por um instante, para curvar-se para trás e certificar-se do número do quarto.

— Trinta e quatro — coaxou sem abafar a voz. — Está certo. Meu rapaz, on me dit que vous avez pris froid. I hear you have caught a cold. Wy, kaschetsja, prostudilisj, ouvi dizer que está resfriado. Em que língua devo falar com o senhor? Ah, já vejo que é alemão. Pois é, a visita do jovem Ziemssen, já sei. Estão esperando por mim na sala de operações, por causa de um indivíduo que será anestesiado e acaba de comer salada de feijão. Quando a gente não tem os olhos em toda parte… Então, meu rapaz, acha mesmo que se resfriou aqui?

Hans Castorp ficou perplexo ante esse linguajar de uma senhora da alta aristocracia. Enquanto ela falava, parecia passar por cima das suas próprias palavras, voltando a

cabeça de cá para lá, num movimento irrequieto, circular, e erguendo o nariz como para farejar, assim como fazem as feras na jaula. A mão direita sardenta, levemente cerrada, com o polegar levantado, bamboleava no punho, como para dizer: “Depressa, depressa! Não escute o que eu digo! Fale, afinal, para que eu possa sair”. Era uma quarentona de estatura reduzida, sem formas atraentes, vestida de jaleco de hospital, branco e cinturado, e trazia sobre o peito uma cruz adornada de granadas. Sob a touca de enfermeira apareciam uns escassos cabelos arruivados; seus olhos inquietos, de um azul aquoso, estavam inflamados, sendo que em um deles, como se não bastasse, havia ainda um terçol adiantado; seu nariz era arrebitado, e a boca, como a de um sapo, tinha o lábio inferior avançado obliquamente, que ela, ao falar, movia como uma pá. Não obstante, Hans Castorp contemplou a srta. Von Mylendonk com toda a afabilidade, indulgência e confiança singela, que lhe eram peculiares.

— Que tipo de resfriado é esse, hein? — voltou a perguntar a Superiora, esforçando-se por dar a seus olhos uma insistência penetrante, o que no entanto não conseguiu, porque seu olhar logo se desviava. — Não gostamos de resfriados. Resfria-se com frequência? Seu primo também se resfria a cada instante, não é? Que idade tem o senhor? Vinte e quatro? Idadezinha perigosa… Vem até aqui e já se resfria? Num caso desses não convém falar de resfriado, meu ilustre rapaz. Isso é lero-lero lá de baixo. — (A palavra “lero-lero” soava horrorosa e extravagante na sua boca, proferida com aquele movimento de pá do lábio inferior.) — O senhor tem um belíssimo catarro das vias respiratórias; isso não se discute, basta ver os seus olhos. — (E de novo ela fez a estranha tentativa de encará-lo com um olhar penetrante, sem que dessa vez tivesse melhor êxito.) — Mas catarros não vêm do frio. Eles vêm é de uma infecção para a qual se está predisposto. Agora resta apenas saber se se trata ou não de uma infecção inofensiva. Todo o resto é lero-lero. — (Mais

uma vez o repugnante “lero-lero”!) — É bem possível que no seu caso a predisposição tenha caráter inócuo — acrescentou, fitando-o de um modo inexplicável com o terçol adiantado. — Aqui tenho um simples antisséptico, pode ser que lhe faça bem. — Com isso tirou da bolsa de couro negro que lhe pendia do cinturão um pequeno embrulho e o colocou na mesa. Era Formaminto. — Mas o senhor me parece corado, como se tivesse febre. — Ela não parava de fitá-lo, com um olhar que sempre se afastava do seu alvo. — Já tomou a temperatura?

Hans Castorp disse que não.

— Por que não? — perguntou, e o lábio inferior, obliquamente protuberante, permaneceu suspenso na mesma posição…

Ele não respondeu. O bom rapaz ainda era muito jovem e conservara o hábito do silêncio, próprio dos colegiais que se plantam na carteira, nada sabem e por isso se calam.

— O senhor não toma nunca a sua temperatura?

— Tomo, sra. Superiora; quando estou com febre, tomo.

— Olhe, meu rapaz, a gente toma a temperatura justamente para ver se tem ou não tem febre. E segundo a sua opinião não está com febre neste momento?

— Não sei, sra. Superiora. Não tenho certeza. Desde que cheguei aqui sinto calor e frio ao mesmo tempo.

— Hum! E onde está o seu termômetro?

— Não trouxe nenhum comigo, sra. Superiora. Para quê? Vim até aqui apenas de visita. Estou bem de saúde.

— Lero-lero! O senhor me mandou chamar porque está bem de saúde?

— Não, senhora — riu-se, com educação. — Mas porque estou um pouco…

— … resfriado. Já vi muito resfriado desse. Aqui estão! — disse ela, pôs-se a mexer na bolsa de novo, e por fim retirou dois estojos de couro alongados, um preto e outro vermelho, que colocou igualmente na mesa. — Este custa três francos, e este custa cinco. Claro que o senhor fica mais bem servido

com o de cinco. É para toda a vida, se o manejar com cuidado.

Sorrindo, Hans Castorp pegou da mesa o estojo vermelho e o abriu. Faceiro como uma joia, jazia o utensílio de vidro na concavidade exatamente adaptada à sua forma e forrada de veludo encarnado. Os graus completos eram marcados com riscas vermelhas e os décimos, com riscas pretas. Os números eram vermelhos. A parte inferior que ia se adelgaçando estava cheia de cintilante mercúrio. A coluna aparecia baixa, marcando uma temperatura muito inferior ao grau normal do calor animal.

Hans Castorp não ignorava o que devia a si mesmo e a sua reputação.

— Vou comprar este — disse, sem prestar a mínima atenção ao outro. — O de cinco. Será que lhe posso…

— Feito! — coaxou a enfermeira-chefe. — Não convém fazer economias quando se trata de compras importantes. E não tem pressa, a despesa vai para sua conta. Passe-o para cá, primeiro vamos fazer a coluna descer completamente… Assim. — Tirou-lhe o termômetro da mão e agitou-o repetidas vezes no ar, fazendo com que o mercúrio ficasse abaixo de 35. — Já vai subir, o *Mercurius*, já vai subir — ela disse. — E agora, eis aqui sua aquisição. Sem dúvida, o senhor já deve saber como se procede aqui conosco, certo? Debaixo da sua prezada língua, durante sete minutos, quatro vezes por dia, e mantenha bem fechadinhos seus lábios tão simpáticos. Adieu, meu rapaz! Bons resultados! — E saiu do quarto.

Hans Castorp, que fizera uma mesura, permaneceu junto à mesinha, e seu olhar pousou sobre a porta pela qual ela saíra e sobre o instrumento que ela deixara atrás. “Então é essa a Superiora, srta. Von Mylendonk”, disse de si para si. “Settembrini não gosta dela, e realmente ela tem seus defeitos. O terçol não é nada bonito, mas isso, com certeza, não é permanente. Mas por que me chama sempre de ‘meu rapaz’? Que rudeza estranha! E logo me vendeu um

termômetro. Anda sempre com alguns na bolsa. Parece que aqui há termômetros em toda parte, em qualquer loja, inclusive nos lugares onde ninguém os esperaria encontrar, segundo afirma Joachim. Ora, eu nem tive o trabalho de procurar um, pois já me caiu nas mãos.” Tirou do estojo o frágil objeto, contemplou-o e pôs-se a andar nervosamente pelo quarto. Seu coração batia depressa e violentamente. Lançou um olhar para a porta aberta da sacada, a seguir fez menção de se encaminhar à porta do quarto, na intenção de ir ter com Joachim. Mas desistiu disso e deixou-se ficar de pé, perto da mesa, pigarreando, para verificar a rouquidão. Depois tossiu. “Pois é, tenho que ver se o resfriado me deu febre”, disse ele e num movimento rápido introduziu o termômetro na boca, com a ponta de mercúrio sob a língua, de modo que o instrumento, apontando obliquamente para cima, saía por entre os lábios que ele cerrava bem para não dar entrada ao ar de fora. Feito isso, olhou o relógio de pulso. Eram nove e trinta e seis. E começou a esperar que decorressem sete minutos.

“Nem um segundo de mais”, ele pensou, “nem um de menos. Em mim se pode confiar, tanto para cima quanto para baixo. Não há necessidade de me dar uma ‘irmã muda’, como àquela criatura de que falou Settembrini, a tal Ottilie Kneifer.” A seguir pôs-se a passear pelo quarto, comprimindo o instrumento com a língua.

O tempo se arrastava, o prazo parecia não ter fim. Somente dois minutos e meio haviam passado quando ele olhou os ponteiros, receando poder ultrapassar o momento marcado. Fez então um sem-número de coisas; agarrou objetos e os recolocou no lugar, saiu à sacada, esquivando-se à atenção do primo, deixou que seus olhos vagassem pela paisagem, por esse vale altaneiro, já profundamente familiar ao espírito dele em todas as suas formas: com seus picos, cordilheiras e paredes rochosas, o cenário do Brembühl em posição avançada ao lado esquerdo, cuja encosta se inclinava para a aldeia e cujo flanco era coberto pelo matagal agreste dos

prados alpinos; com as formações das montanhas à direita, cujos nomes também aprendera; e com a parede rochosa do Altein, que, vista do lugar onde se achava Hans Castorp, parecia fechar o vale, ao sul — e deixou que seu olhar percorresse as veredas e os canteiros do terraço ajardinado, a gruta rupestre e o abeto; escutou um murmúrio que subiu do alpendre, onde alguns pensionistas se entregavam ao repouso, e voltou então ao quarto, enquanto procurava melhorar a posição do instrumento na boca, para então esticar o braço, a fim de afastar a manga do pulso e aproximar o relógio do rosto. Com muito trabalho e esforço, por assim dizer sob o efeito de empurrões, golpes e pontapés, haviam decorrido seis minutos. Mas, como se deixasse estar no quarto e se abandonasse a devaneios, dando livre curso aos pensamentos, sumiu-se despercebido o último minuto, como nas patas silenciosas de um gato, até que um novo movimento do braço lhe revelou essa fuga clandestina: e assim passou a ser quase tarde demais; a terça parte do oitavo minuto já se escoara quando Hans Castorp, dizendo consigo que isso não tinha importância, não fazia mal, nem modificava o resultado, tirou então o termômetro da boca e cravou nele os olhos desorientados.

Não conseguiu decifrar imediatamente a indicação do instrumento. O brilho do mercúrio confundia-se com o reflexo luminoso do tubo de vidro achatado. A coluna parecia ora ter subido muito, ora não existir de todo. Hans Castorp achegou o termômetro aos olhos, virou-o de um lado para outro e não distinguiu nada. Finalmente, depois de um movimento bem-sucedido, a imagem tornou-se nítida; ele a reteve e processou-a com seu entendimento o mais rápido que pôde. Com efeito, o mercúrio dilatara-se, dilatara-se muito, a coluna subira bastante alto e parara vários décimos acima do limite normal. Hans Castorp tinha 37,6.

Em pleno dia, entre as dez e as dez e meia, 37,6 era demais; era temperatura elevada, era uma febre que resultava de uma infecção à qual estava predisposto, e

restava apenas saber de que tipo de infecção se tratava. 37,6! O próprio Joachim não tinha mais; ninguém ali tinha mais, com exceção daqueles que se achavam acamados por estarem gravemente enfermos ou até moribundos; nem a Kleefeld com o seu pneumotórax, nem... nem madame Chauchat sequer. Naturalmente, no seu caso particular não era a mesma coisa; ele tinha o que lá embaixo se chamava de uma simples gripezinha. Mas seria difícil estabelecer uma diferença clara. Hans Castorp não sabia com certeza desde quando andava com essa temperatura, e se era somente desde que se resfriara. Lamentou não ter interrogado o mercúrio mais cedo, logo no início da sua estada ali, assim como lhe aconselhara o dr. Behrens. Fora um conselho bem sensato, como se evidenciava agora, e Settembrini fizera muito mal ao rir-se dele daquele modo ruidoso e zombeteiro — aquele Settembrini com sua república e seu belo estilo! Hans Castorp desprezava a república e o belo estilo, enquanto examinava uma e outra vez a indicação do termômetro, que não raro se lhe esquivava, em virtude dos reflexos, e que então ele voltava a apanhar, virando e revirando fervorosamente o instrumento. Eram 37,6, e isso de manhã!

Experimentou uma violenta emoção. Pôs-se a atravessar o quarto de um lado para outro, com o termômetro na mão, que mantinha horizontalmente, a fim de evitar o mínimo abalo por uma sacudidela na vertical. Depois colocou-o com todo o cuidado no anteparo do lavatório e, pegando o sobretudo e os cobertores, foi entregar-se ao repouso. Sentado, envolveu-se nos cobertores, assim como aprendera, pelos dois lados e por baixo, manejando-os um após outro com a habilidade já adquirida. A seguir permaneceu imóvel até a hora do pequeno almoço, à espera da entrada de Joachim. Às vezes sorria, e era como se sorrisse a alguém. Às vezes levantava-se-lhe o peito num tremor angustiado, o que o fazia tossir com o peito opresso pelo catarro.

Joachim encontrou-o ainda deitado, quando, às onze horas, depois das badaladas do gongo, foi buscá-lo para a refeição.

— E então? — perguntou admirado, aproximando-se da espreguiçadeira.

Hans Castorp permaneceu calado durante um momento, olhando apenas para a frente. Por fim respondeu:

— Quer saber da última? Estou com uma temperatura um pouco elevada.

— Como assim? — perguntou Joachim. — Você se sente febril?

Hans Castorp mais uma vez demorou um pouco a resposta, antes de replicar com certa indolência:

— Olhe, meu caro, já faz tempo que me sinto febril, desde que estou aqui. Desta vez não se trata de impressões subjetivas, mas de uma constatação bastante exata. Medi a temperatura.

— Você tirou a temperatura?! Com quê?! — gritou Joachim, assustado.

— Com um termômetro, ora essa — respondeu Hans Castorp, com ar até certo ponto irônico e severo. — A Superiora vendeu-me um. O que não sei é por que ela trata a gente de “meu rapaz”; muito correto isso não é. Mas me vendeu a toda pressa um ótimo termômetro, e se você quiser convencer-se da temperatura que ele indica pode ver ali dentro, no lavatório. É uma elevação insignificante.

Joachim deu bruscamente meia-volta e entrou no quarto. Quando saiu outra vez, disse num tom hesitante:

— Pois é, são 37,55.

— Nesse caso baixou um pouco — tornou Hans Castorp imediatamente. — Eram 37,6.

— De modo algum se pode dizer que isso seja insignificante, já pela manhã — opinou Joachim. — Mas que bela surpresa — acrescentou, plantando-se em frente da espreguiçadeira do primo, como para admirar a “bela surpresa”, com as mãos à cintura e a cabeça baixa. — Você terá que ficar de cama.

Hans Castorp já estava com a resposta preparada.

— Não vejo motivo algum — retrucou — para ficar de cama com 37,6 quando você e tantos outros que têm a mesma temperatura andam passeando livremente por aqui.

— Aqui se trata de outra coisa — disse Joachim. — No seu caso é algo agudo e inofensivo. Você tem febre porque está resfriado.

— Primeiro — replicou Hans Castorp, inclusive subdividindo o seu discurso em "primeiro" e "segundo" —, não compreendo por que com uma febre inofensiva... se é que cabe admitir que exista uma coisa dessas... mas vá lá: não compreendo por que com uma febre inofensiva a gente deve ficar na cama e com outra, não. E segundo, já lhe disse que o resfriado não me fez mais quente do que eu estava antes. Na minha opinião — concluiu —, 37,6 é igual a 37,6. Se vocês podem passear com uma temperatura dessas, eu também posso.

— Mas quando cheguei aqui tive que permanecer deitado durante quatro semanas — objetou Joachim. — E só quando verificaram que a cama não fazia desaparecer a febre foi que me deram licença para levantar-me.

Hans Castorp sorriu.

— E daí? — perguntou. — Eu pensava que o seu caso fosse diferente. Tenho a impressão de que você se contradiz a si mesmo. Primeiro estabelece uma diferença e logo depois equipara. Isso não passa de lero-lero...

Joachim deu meia-volta sobre os calcanhares, e quando novamente se dirigiu ao primo viu-se que seu rosto trigueiro se tornara ainda mais escuro.

— Não, senhor — disse ele. — Não equiparo nada. Quem faz confusão é você. Eu acho apenas que você está resfriadíssimo. Basta ouvir a sua voz. E você deveria meter-se na cama para abreviar a coisa, uma vez que tenciona partir na semana que vem. Mas, se não quiser que... quer dizer: se não quiser ficar na cama, deixe isso para lá. Eu não lhe prescrevo coisa alguma. Em todo caso está na hora da

outra refeição da manhã. Ande, que já estamos atrasados!

— Isso mesmo. Vamos logo! — disse Hans Castorp, afastando os cobertores. Entrou no quarto para arrumar o penteado com a escova. Enquanto o fazia, Joachim foi ao lavatório a fim de olhar mais uma vez o termômetro, conforme Hans Castorp pôde observar de longe. Depois desceram, sem falar, e voltaram a instalar-se nos seus lugares, na sala de refeições, que, como sempre a essa hora, resplandecia branca de tanto leite.

Quando a anã levou a Hans Castorp a cerveja Kulmbach, ele a recusou com um ar de grave renúncia. Preferia não tomar cerveja hoje; não beberia coisa alguma, obrigado; quando muito, um pouco d'água. Isso causou surpresa a seu redor. Mas como? Que novidades seriam essas? Por que não querer cerveja? Sua temperatura estaria um pouco elevada, foi o que Hans Castorp lançou no ambiente. Trinta e sete e seis. Coisa mínima.

De pronto todos o advertiram, com o indicador em riste — uma situação bem estranha. Assumiram uma atitude picaresca, inclinaram a cabeça para o lado, piscaram um olho e tocaram a ponta da orelha com o indicador, como para ouvir melhor as coisas escabrosas e picantes a respeito de alguém que até então se fingira inocente.

— Ora, ora, meu amigo! — disse a professora, e suas faces ruborizaram-se, enquanto o advertia, sorrindo. — Ouve-se cada coisa! Vejam só!

— Ai, ai, ai! — fez a sra. Stöhr, o dedo curto e avermelhado em riste, à altura do nariz. — Ele tem *tempus*, o sr. Visitante. O que o senhor não me apronta!... Era bem o que me faltava, Irmão Folgazão!

Até mesmo a tia-avó, na outra extremidade da mesa, advertiu-o irônica e manhosa, quando a novidade chegou até ela. A bela Marúsia, que até então mal prestara atenção a ele, inclinou-se para enxergá-lo melhor e olhou-o com seus grandes olhos redondos, apertando contra os lábios o lencinho perfumado de flor de laranjeira. Também o dr.

Blumenkohl, ao qual a sra. Stöhr acabava de comunicar o fato, não pôde deixar de fazer o gesto que todos faziam. Apenas Miss Robinson mostrou-se indiferente e reservada como sempre. Joachim, numa atitude muito correta, mantinha os olhos baixos.

Hans Castorp, satisfeito pelo interesse que despertava, acreditou ser do seu dever desmenti-los modestamente.

— Não, senhores — disse —, estão enganados. A minha febre é a coisa mais inofensiva que se pode imaginar. Estou apenas resfriado. Estão vendo: meus olhos lacrimejam, tenho o peito opresso e ando tossindo a noite toda. É bastante desagradável.

Mas eles não aceitaram as suas desculpas; riam-se, e faziam-lhe sinais com a mão, para que deixasse de insistir, enquanto gritavam:

— Sim, sim, sim! É conversa-fiada! Já sabemos essa do resfriado, já conhecemos, sim! — E todos exigiram em uníssono que Hans Castorp se apresentasse sem demora a um exame médico. A notícia os excitara. Dentre as sete mesas, esta foi a mais animada durante toda a refeição. Sobretudo a sra. Stöhr, com o rosto estúpido todo avermelhado, por cima do jabô, e com pequenas gretas na pele das faces, demonstrou uma loquacidade quase frenética. Pôs-se a fazer digressões a respeito da natureza fascinante da tosse. Sim, era mesmo uma distração e um prazer sentir como no fundo do peito se intensificava e crescia o prurido, que as pessoas procuravam capturar, por assim dizer, esforçando-se convulsivamente e comprimindo-se para acalmar a irritação: um divertimento análogo era o do espirro, quando o desejo de soltá-lo aumentava, tornava-se irresistível, e a gente, como que inebriada, inspirava e expirava tempestuosamente, até se entregar por completo e, ante o júbilo da explosão, esquecer o resto do mundo. E cá e lá ainda acontecia de isso se dar duas, três vezes seguidas. Eram esses os prazeres gratuitos da vida, como também o de coçar as frieiras na primavera, quando elas

comichavam com tanta doçura — coçar-se com fervor cruel até sair sangue, abandonar-se à fúria e ao prazer, e quem por acaso olhasse então no espelho veria ali uma careta diabólica.

Com essa minúcia horrorosa a inculta sra. Stöhr discursou até o fim da refeição do meio da manhã, curta, mas substanciosa. Então, os dois primos começaram o seu segundo passeio matinal, que os levaria a Davos-Platz. Joachim andava meio absorto, e Hans Castorp, gemendo de tão resfriado que estava, dava pigarros do fundo do peito enferrujado. Ao regressarem, Joachim disse:

— Vou lhe fazer uma proposta. Hoje é sexta-feira. Amanhã, depois do almoço, tenho meu exame mensal. Não é um exame geral, mas o Behrens percute um pouquinho e manda o Krokowski tomar notas. Você poderia me acompanhar e pedir que aproveitem a ocasião para auscultá-lo rapidamente. É mesmo ridículo… Se isso lhe acontecesse em casa, mandaria chamar o Heidekind. E aqui onde temos dois especialistas você dá passeios, sem ter ideia de a quantas anda ou a que ponto vai a infecção; não sabe sequer se não seria melhor meter-se na cama.

— Ótimo! — disse Hans Castorp. — Boa ideia! Claro, posso fazer assim mesmo. Será até interessante para mim assistir a um exame médico.

Estava, pois, tudo combinado; e, quando chegaram ao sanatório, quis o acaso que encontrassem o próprio dr. Behrens. Assim tinham uma oportunidade favorável para formular em pessoa o seu pedido.

O vulto de Behrens, alto, com o pescoço vigoroso, chapéu-coco atirado para trás e um charuto na boca, veio da ala avançada do edifício, de faces azuladas e olhos saltados; em plena atividade, estava a ponto de se dirigir ao consultório particular e visitar sua clientela no vilarejo, depois de haver trabalhado na sala de operações, segundo declarou.

— Salve, cavalheiros! — exclamou. — Sempre passeando, hein? Que tal o mundo grã-fino? Eu volto justamente de um

duelo desigual, a bisturi e serra cirúrgica. Um caso sério, sabem? Resseção de costelas. Antigamente uns cinquenta por cento ficavam na mesa do estabelecimento. Agora temos mais jeito, mas ainda acontece de, *mortis causa*, levantarmos acampamento antes do fim. Bem, o de hoje não era um desmancha-prazeres. Por enquanto está aguentando firme… Coisa de louco um tórax humano que já deixou de ser. É uma pasta mole, sabem? Nada bonito! Uma leve adulteração da ideia, digamos!… Mas, e os senhores? Como vai a prezada compleição? A existência é mais divertida a dois, não é, Ziemssen, velha raposa? Mas por que está chorando, senhor turista? — dirigiu-se de repente a Hans Castorp. — Aqui é proibido chorar em público. É o regulamento da casa. Se todo mundo fizesse isso…

— É meu resfriado, doutor — respondeu Hans Castorp. — Não sei como pôde acontecer, mas estou com uma gripe terrível. E com tosse também, tenho o peito bem fechado…

— Vejam só! — exclamou Behrens. — Nesse caso seria conveniente consultar um bom médico.

Os dois desataram a rir, e Joachim explicou, juntando os calcanhares:

— É o que tencionávamos fazer, sr. Conselheiro. Amanhã é o dia do meu exame, e queríamos justamente pedir-lhe que tivesse a bondade de auscultar meu primo na mesma ocasião. Trata-se de saber se ele poderá partir na terça-feira.

— S.a.o.! — disse Behrens. — Sempre às ordens! E com prazer! Já deveríamos ter feito isso há muito tempo. Quem está aqui em cima não deve deixar de aproveitar a oportunidade. Mas, afinal de contas, a gente não quer insistir. Pois então, amanhã às duas, logo depois da boia.

— É que tenho também um pouco de febre — recomeçou Hans Castorp.

— Não diga! — gritou Behrens. — Que grande novidade! Pensa que não tenho olhos para ver? — E com o formidável indicador apontou para os dois bugalhos dele, vermelhos, saltados, de um azul lacrimoso. — A propósito, qual é a sua

temperatura?

Hans Castorp disse-a timidamente.

— Já de manhã? Nada mau! Para um principiante não lhe falta talento. Pois é, está combinado, amanhã às duas apareçam os dois. Será uma grande honra para mim. Boa nutrição! — E com os joelhos dobrados, remando com as mãos, pôs-se a descer pelo caminho íngreme, enquanto a fumaça do charuto se desfraldava atrás dele.

— Tudo arranjado como você desejava — disse Hans Castorp. — Não podia ser melhor. Agora tenho hora marcada. No meu caso, ele não poderá fazer grande coisa. O máximo que me prescreverá será um xarope de alcaçuz ou um chá expectorante, mas para quem se sente tão mal como eu é sempre agradável receber um pouco de atenção médica. Só queria saber por que ele usa essa linguagem exagerada e cínica. No começo me diverti com isso, mas agora não acho mais graça. "Boa nutrição!" Jeito horrível de falar! Pode-se dizer: "Bom proveito!". "Proveito" é uma palavra de certo cunho poético, assim como "o pão nosso de cada dia", e se harmoniza com o sagrado desejo de que haja um "bom" proveito" da refeição. Mas "nutrição" é termo puramente fisiológico, e fazer bons votos para isso me parece puro sarcasmo. Também não me agrada ver como ele fuma, isso me intimida um pouco, porque sei que, o charuto não lhe faz bem e o põe melancólico. Settembrini diz que o jeito folgazão de Behrens é forçado, e Settembrini é sem dúvida um homem crítico, de juízo seguro. Eu mesmo deveria, talvez, formar com mais frequência uma opinião própria, em vez de aceitar as coisas como se apresentam. Nesse ponto, ele tem toda razão. Mas acontece, então, que, enquanto se está disposto a julgar, a criticar, a escandalizar-se, de repente se intromete qualquer coisa completamente diversa, que nada tem que ver com o juízo, e logo se acaba a indignação moral, e a república e o belo estilo assumem um caráter insípido para quem o ouve…

Ainda murmurou algumas palavras indistintas. Parecia não

saber com clareza o que queria dizer. O primo limitou-se a olhá-lo de lado, disse “até logo”, e ambos foram cada um a seu quarto e à respectiva sacada.

— Quanto? — perguntou Joachim depois de algum tempo, com voz abafada, mesmo sem ter visto que Hans Castorp tornara a consultar o termômetro. Este respondeu num tom indiferente:

— Nada de novo.

Com efeito, apenas entrou no quarto, tirara de cima do lavatório a elegante aquisição da manhã; por meio de sacudidelas verticais apagara os 37,6 que já haviam desempenhado seu papel, e qual um veterano iniciara o repouso com o charuto de vidro na boca. Mas, contrariando todas as expectativas ambiciosas, e embora ele conservasse o instrumento sob a língua durante oito minutos inteiros, o mercúrio não se dilatara além dos mesmos 37,6 — o que, afinal, era febre, se bem que não mais alta do que a que tivera pela manhã. Depois do almoço, a coluna cintilante subiu a 37,7. À noite, quando o paciente estava muito cansado depois das sensações e emoções do dia, parou em 37,5, e na madrugada do dia seguinte marcou apenas 37, para alcançar novamente a posição do dia anterior, por volta do meio-dia. Com tudo isso chegou o almoço do sábado, e, ao seu fim, a hora marcada para o exame.

Mais tarde, Hans Castorp recordou-se de que madame Chauchat usara, durante essa refeição, um suéter amarelo-dourado com grandes botões e bolsos bordados, que era novo, novo ao menos para ele, e com o qual, um pouco atrasada como sempre, ela se apresentara diante de todo o salão, daquele modo como Hans Castorp bem conhecia. Depois ela se encaminhara a passo silencioso para a sua mesa, como sucedia cinco vezes por dia; instalara-se na cadeira com movimentos lânguidos e, palestrando, começara a comer. Como todos os dias, mas dessa vez com uma atenção particular, Hans Castorp vira-a mover a cabeça ao falar, e novamente notara-lhe a curva da nuca e a

postura lassa das costas; ele a vira ao buscar a mesa dos “russos distintos” com o olhar por sobre o ombro de Settembrini, que estava sentado na mesa colocada de entremeio, na transversal. A sra. Chauchat, porém, durante todo o almoço não se voltara para o salão uma vez sequer. Mas depois da sobremesa, quando à direita, no lado estreito da sala, onde ficava a mesa dos “russos ordinários”, o grande relógio de pêndulo e correntes dera as duas horas, ocorrera algo que misteriosamente causou em Hans Castorp profunda comoção: enquanto ressoaram as duas badaladas do relógio — uma e duas — a graciosa enferma virara lentamente a cabeça e também parte do tronco; por cima do ombro olhara clara e abertamente para a mesa de Hans Castorp, e não somente para essa mesa em geral; não, de um modo inequívoco e cruel fixara o olhar nele pessoalmente, esboçando um sorriso em torno dos lábios cerrados e nos olhos rasgados, semelhantes aos de Pribislav, como se quisesse dizer: “Pois então? Está na hora. Você vai ou não vai?”. (Pois, quando os olhos falam, tratam-nos por “você”, mesmo que a boca ainda não tenha sequer pronunciado “o senhor”.) Fora esse um incidente que transtornara e enchera de espanto o âmago do coração de Hans Castorp. Mal confiara nos seus sentidos. Consternado fitara o rosto da sra. Chauchat, e depois, levantando os olhos, acima da sua testa e dos seus cabelos, encarara o vazio. Sabia ela que às duas horas ele devia ir ao exame? Assim parecia, e entretanto isso era quase tão improvável quanto supor que ela soubesse que nesse mesmo instante, no minuto que acabava de escoar, ele se perguntara a si próprio se não deveria mandar Joachim dizer ao dr. Behrens que seu resfriado já ia melhor e que ele considerava dispensável o exame: uma ideia, a propósito, cujas vantagens acabavam de definhar sob esse sorriso perscrutador, para transformarem-se em tédio dos mais repulsivos. Um segundo após, Joachim já pusera na mesa o guardanapo enrolado, dera um sinal ao primo com as

sobrancelhas alçadas, inclinara-se para os vizinhos e se afastara da mesa — ao que Hans Castorp, vacilando interiormente, se bem que de passo firme, e com a sensação de que aquele olhar e aquele sorriso continuavam pousando nele, atendeu prontamente, seguindo-o em direção à saída.

Desde a manhã do dia anterior, não haviam voltado a falar dessa programação do dia de hoje, e ainda agora caminhavam um ao lado do outro, num acordo tácito. Joachim apressava-se. Já passara a hora marcada, e o conselheiro áulico exigia pontualidade. O seu caminho conduzia-os da sala de refeições, pelo corredor do rés do chão, passando ao lado da administração e descendo pela escada limpa, coberta de linóleo, até o porão. Joachim bateu à porta em frente da escada, porta que uma placa de porcelana indicava ser a entrada do consultório.

— Entre! — gritou Behrens, arrastando fortemente a primeira sílaba. Achava-se no centro da peça, vestido de avental, e tinha na mão direita o estetoscópio preto com o qual dava umas palmadinhas na perna.

— Vamos, vamos! — disse, com os olhos esbugalhados fitos no relógio de parede. — Un poco più presto, Signori![5] Não estamos aqui ao serviço exclusivo de Vossas Senhorias.

O dr. Krokowski estava sentado diante da dupla escrivaninha, junto à janela, pálido, com sua blusa de alpaca preta, apoiando os cotovelos na tábua da mesa; numa das mãos tinha a caneta e com a outra cofiava a barba; à sua frente jaziam papéis, provavelmente as fichas do paciente. Olhou os jovens que entravam, com a expressão vaga de uma pessoa que se acha presente apenas para ajudar.

— Então, deixe ver o boletim — disse o conselheiro áulico, em resposta às desculpas de Joachim. Tirou-lhe da mão a papeleta de temperatura, para examiná-la, enquanto o enfermo se apressava a desnudar o tronco, suspendendo as roupas despidas no cabide ao lado da porta. Ninguém se ocupava de Hans Castorp. Durante algum tempo, ele permaneceu de pé, contemplando os outros. Depois, sentou-

se numa poltrona de estilo antigo, guarnecida de borlas nos braços, e que se encontrava ao lado de uma mesinha com uma garrafa d'água. Estantes carregadas de volumosas obras de medicina e de pastas cheias de documentos de casos estendiam-se ao longo das paredes. Fora disso, a mobília constava somente de uma chaise-longue, revestida de branco, que podia ser levantada e baixada mediante uma manivela, e cuja cabeceira estava coberta com um guardanapo de papel.

— Vírgula sete, vírgula nove, vírgula oito — disse Behrens, folheando as fichas semanais, onde Joachim registrara fielmente as temperaturas tomadas cinco vezes por dia. — Ainda um pequeno excesso de animação, meu caro Ziemssen. O senhor não pode pretender que ficou mais calmo, desde o outro dia. (O "outro dia" fora quatro semanas antes.) Não está desintoxicado, não senhor! — acrescentou. — Ora, isso não se consegue de um dia para outro, e fazer bruxarias não é conosco.

Joachim fez que sim com um gesto de cabeça e encolheu os ombros desnudos, embora bem pudesse haver objetado não se achar aqui em cima desde a véspera, apenas.

— E como vão aquelas pontadas no hilo direito, onde sempre havia anomalias? Melhor? Bem, venha cá! Vamos bater gentilmente à sua porta. — E com isso começou o exame.

O dr. Behrens, com as pernas separadas e o tronco inclinado para trás, meteu o estetoscópio sob o braço e começou a percutir a parte superior do ombro direito de Joachim; batia servindo-se do poderoso dedo médio da mão direita como martelo e apoiando-se na mão esquerda. Depois desceu pela omoplata e apalpou lateralmente a parte central e inferior das costas, ao que Joachim, bem amestrado, levantou o braço para que o médico pudesse explorar também a região axilar. Tudo isso se repetiu então no lado esquerdo. A seguir, o conselheiro áulico deu ordem de meia-volta, para examinar o peito. Percutiu a zona logo

abaixo do pescoço, junto à clavícula, bateu acima e abaixo do peito, primeiro à direita e depois à esquerda. Após ter percutido o suficiente, pôs-se a auscultar, colocando o estetoscópio nas costas e no peito de Joachim e apertando a orelha contra a concha; dessa forma foi percorrendo todas as regiões anteriormente apalpadas. Ao mesmo tempo era preciso que Joachim ora respirasse com vigor, ora tossisse artificialmente, o que parecia fatigá-lo muito, pois ofegava e seus olhos enchiam-se de lágrimas. O dr. Behrens, porém, comunicava tudo quanto ouvia em palavras breves e precisas ao assistente sentado à escrivaninha, de modo que Hans Castorp não pôde deixar de pensar numa sessão no alfaiate, quando o elegante artífice toma as medidas para um traje e, numa ordem tradicional, vai colocando a fita métrica aqui e ali em volta do corpo e dos membros do freguês, para então ditar as cifras assim obtidas ao oficial que de costas encurvadas se empenha em anotá-las. “Soproide”, “diminuído”, ditava o dr. Behrens. “Vesicular”, dizia, e outra vez “vesicular” — parecia que isso era um bom sinal. “Rude”, continuava, fazendo uma careta. “*Muito* rude.” “Estalido.” E o dr. Krokowski ia tomando nota, como um aprendiz faz com os centímetros ditados pelo cortador.

Hans Castorp, a cabeça inclinada para o lado, acompanhava os acontecimentos, perdendo-se numa contemplação pensativa do torso de Joachim, cujas costelas (graças a Deus ainda não faltava uma sequer) se elevavam com as arfadas sob a pele tesa, por cima do estômago reentrante. Estudava esse corpo esbelto, de efebo, com a epiderme trigueiro-amarelada e os pelos negros na zona do esterno e nos braços musculosos, um dos quais exibia em volta do pulso uma corrente de ouro. “São braços de ginasta”, pensou Hans Castorp. “Ele sempre gostou de cultura física, ao passo que eu nunca achei graça nisso. Era devido à sua predileção pelas armas. Sempre se preocupou com o corpo, muito mais do que eu, ou pelo menos de outra forma; pois eu nunca deixei de ser paisano, e mais me

importavam banhos quentes e boas comidas e bebidas, enquanto ele se dedicava a esforços e exercícios viris. E agora o seu corpo passou para o primeiro plano, mas de um modo muito diverso; tornou-se independente e tomou ares de importância, em virtude da doença. Está iluminado e não quer se desintoxicar nem se tornar robusto, por mais que o pobre Joachim deseje ser soldado, lá na planície. Imaginem! Ele tem uma compleição perfeita, tal qual o Apolo de Belvedere, com exceção dos pelos. Mas interiormente está enfermo e por fora demasiado aquecido pela doença. Pois a doença faz o homem mais corporal, torna-o corpo e nada mais…" E, ao ventilar essas ideias, assustou-se e enviou um olhar rápido e perscrutador do tronco nu de Joachim para os seus olhos negros e meigos, que a respiração forçada e a tosse artificial haviam enchido de lágrimas, e que durante o exame olhavam, melancólicos, por cima do espectador, perdendo-se no vazio.

Nesse ínterim, o dr. Behrens terminara o seu trabalho.

— Então, 'tá bem assim, Ziemssen — disse. — Tudo em ordem, dentro do possível. Na próxima vez — (era dentro de quatro semanas) — acho que irá um pouco melhor.

— Quanto tempo o sr. Conselheiro imagina que…

— Outra vez com pressa? Nesse estado, o senhor não vai poder judiar com seus recrutas. Meio ano, foi o que lhe disse naquele dia. Quanto a mim pode contar a partir de então, mas considere isso o mínimo. Afinal de contas, dá para viver aqui, tenha paciência. Não somos um calabouço, nem uma… mina siberiana. Ou o senhor está querendo que nos pareçamos com algo assim? 'Tá bem, Ziemssen. Retirada! O próximo, se alguém mais estiver disposto! — exclamou, olhando para o teto. Então estendeu o braço e passou o estetoscópio ao dr. Krokowski, que se levantou, apanhou o aparelho e, como assistente, submeteu Joachim a um novo pequeno exame.

Também Hans Castorp erguera-se de um pulo e, com olhos fixos no conselheiro áulico, que com as pernas separadas e a

boca aberta se quedava absorto pelos próprios pensamentos, começou a aprontar-se apressadamente. Atrapalhou-se ao tentar desvestir a camisa pontilhada e tirá-la pela cabeça, até que finalmente pôs-se à frente do dr. Behrens, branco, louro e delgado — com a aparência de um tipo mais paisano que Joachim Ziemssen.

Mas o conselheiro deixou-o esperar, absorto em pensamentos. O dr. Krokowski já voltara a sentar-se, e Joachim começara a se vestir, quando Behrens finalmente resolveu reparar naquele que ainda estava disposto.

— Ah! Sim, é *o senhor* — disse então, agarrando o braço de Hans Castorp com a gigantesca manzorra. Afastou-o um pouquinho de si e passou por ele um olhar penetrante. Não lhe estudava o rosto, assim como se faz com um ser humano, senão o corpo. Virou-o como se vira um corpo, e contemplou-lhe também as costas. — Hum! — murmurou. — Vamos ver no que dá. — E começou a percuti-lo, procedendo da mesma forma como antes.

Explorou os mesmos lugares como no exame de Joachim Ziemssen, repetindo a percussão em diferentes pontos. Durante certo tempo insistiu, para fins de comparação, em golpear alternadamente em cima, junto da clavícula esquerda, e um pouco mais abaixo.

— Está ouvindo? — perguntou, dirigindo-se ao dr. Krokowski... Este, sentado em frente da escrivaninha, a cinco passos de distância, confirmou por um movimento de cabeça que estava ouvindo: com ar grave inclinou o queixo para o peito, de tal modo que a barba se comprimiu e as pontinhas se levantaram.

— Respire profundamente! Agora tussa! — ordenou o conselheiro, que tornara a pegar o estetoscópio, e Hans Castorp esfalfou-se, durante uns oito ou dez minutos, enquanto o médico escutava sem proferir palavra alguma, não fazendo mais do que colocar o instrumento aqui e ali e auscultar, cuidadosa e repetidamente, vários lugares nos quais já insistira quando da percussão. A seguir enfiou o

estetoscópio por baixo do braço, juntou as mãos nas costas e olhou o chão entre si e Hans Castorp.

— Pois é, Castorp — disse enfim, e era a primeira vez que chamava o jovem simplesmente pelo sobrenome. — O resultado é, *praeter-propter*, como eu esperava desde o princípio. Observei o senhor com um olho vigilante, Castorp, e agora posso dizê-lo, desde o dia em que tive a imerecida honra de conhecê-lo, e cheguei à opinião bastante firme de que o senhor era, clandestinamente, um dos nossos e acabaria por perceber esse fato, como fizeram tantos outros que vieram aqui para divertir-se, estudaram o ambiente, torcendo o nariz, e um belo dia ficaram sabendo que seria conveniente para eles, e não apenas "conveniente", se o senhor me entende!, abandonarem a atitude de curiosidade displicente e passarem aqui uma temporada extensa.

Hans Castorp empalidecera, e Joachim, a ponto de abotoar os suspensórios, imobilizou-se e escutou…

— O senhor tem um primo tão bonzinho e tão simpático — prosseguiu o conselheiro, movendo a cabeça em direção a Joachim e balançando-se, ao alternar os calcanhares e as pontas dos pés —, um primo que, esperamos, em breve possa dizer *ter estado* doente um dia; e, mesmo que cheguemos a esse ponto, não deixará de ser realidade o fato de que seu verdadeiro primo-irmão *terá estado* doente, o que *a priori*, como diz o grande pensador, lança certa luz sobre o senhor, meu caro Castorp…

— Mas ele não é meu primo-irmão, sr. Conselheiro.

— Pois bem, pois bem. Mas será possível que o senhor queira renegar seu primo? Primo-irmão ou não, em todo caso é um consanguíneo. Por que lado?

— Pelo lado de minha mãe, sr. Conselheiro. Ele é filho de uma meia-ir…

— E a senhora sua mãe anda bem de saúde?

— Não, senhor, ela não vive mais. Morreu quando eu ainda era menino.

— Ah! Sim? De quê?

— De uma embolia, sr. Conselheiro.
— Embolia? Bem, isso aconteceu faz muito tempo. E o senhor seu pai?
— Morreu de pneumonia — disse Hans Castorp. — E meu avô também — acrescentou.
— Ah, o avô também? Hum, deixemos então os seus ascendentes. Quanto ao senhor, creio que foi sempre meio anêmico, não é? Mas, e o trabalho físico ou intelectual nunca o cansou? Pelo contrário? E o senhor costuma ter palpitações? Só recentemente? Muito bem, e parece existir, além disso, uma vívida tendência para catarros nas vias respiratórias. O senhor sabe que já esteve enfermo?
— Eu?
— Sim, é à sua prezada pessoa que me refiro. Pode ouvir a diferença? — E o conselheiro áulico pôs-se a percutir a região esquerda do peito, ora em cima, ora mais abaixo.
— Ali, o som é um pouco mais surdo que aqui — disse Hans Castorp.
— Ótimo! O senhor deveria tornar-se especialista. Ali há portanto uma macicez, e tal macicez tem a sua origem em focos antigos que já se esclerosaram, ou, se assim lhe agrada melhor, já cicatrizaram. O senhor é um doente veterano, Castorp, mas não convém censurar ninguém por não lhe ter comunicado esse fato. O diagnóstico na fase precoce é muito difícil, sobretudo para os senhores nossos colegas na planície. Eu nem quero dizer, precisamente, que nós aqui temos ouvidos mais finos, embora a especialização e a prática influam bastante. É o ar que nos ajuda a ouvir, sabe? Esse ar rarefeito e seco das alturas.
— Claro, compreendo — disse Hans Castorp.
— Muito bem, Castorp. E agora preste atenção, meu jovem, quero lhe dizer umas palavras de ouro. Se no seu caso houvesse apenas isso, peço que entenda, e se tudo se limitasse àquela macicez e cicatrizes no interior do seu odre de Éolo e a esses corpos estranhos de substâncias calcárias, eu mandaria o senhor para seus Lares e Penates e não me

preocuparia nem um pouquinho com a sua saúde, compreende? Mas, assim sendo, e em face dos fatos que verifiquei além disso, e considerando que o senhor já se encontra aqui entre nós, não vale a pena regressar, Hans Castorp, pois dentro em breve teria de apresentar-se novamente.

Hans Castorp voltou a sentir como o sangue lhe afluía ao coração, fazendo com que ele martelasse violentamente. Joachim continuava de pé, com as mãos nos botões traseiros da calça, e tinha os olhos baixos.

— Olhe, além da macicez — disse o conselheiro áulico — o senhor tem à esquerda, bem em cima, uma respiração rude que toca as raias de um ruído bolhoso e provém, indubitavelmente, de um lugar novo. Não quero dizer que já se trata de um estado de fusão, mas não há dúvida nenhuma de que é um lugar úmido, e se o senhor continuasse a viver daquele jeito na planície, então lhe garanto, meu caro amigo, que mais dia menos dia, que diabos!, todo o lobo iria por água abaixo.

Hans Castorp quedava-se imóvel; sua boca estremecia singularmente, e via-se com absoluta nitidez como o seu coração batia contra as costelas. Seu olhar vagou até Joachim, cujos olhos, no entanto, não encontrou, e dali novamente ao rosto do dr. Behrens, com os esbugalhados olhos azuis, as faces azuladas e a boca com o bigodinho torto de um lado.

— Como confirmação objetiva — continuou o conselheiro — temos ainda a sua temperatura: 37,6 às dez da manhã, o que corresponde, em boa medida, às observações acústicas.

— Eu pensei — disse Hans Castorp — que essa febre viesse simplesmente do meu estado gripal.

— E o estado gripal? — retrucou o médico... — De onde vem todo esse catarro? Permita-me dizer-lhe uma coisa, Castorp, e abra os ouvidos. Ao que eu saiba, o senhor dispõe de convoluções cerebrais em número suficiente. Bem, o ar que temos aqui é bom contra a enfermidade. Não é isso que

o senhor pensa? E com razão. Mas, ao mesmo tempo, este ar também é bom *para* a enfermidade; compreende? No começo acelera o seu curso, revoluciona o corpo, fomenta a irrupção da doença latente, e tal irrupção é, com a sua licença, o seu catarro. Eu não sei se o senhor na planície já era propenso a febres, mas aqui, em todo caso, o senhor está febril desde o primeiro dia da sua permanência, e não somente em virtude desse seu catarro, se quiser ouvir minha opinião.

— Sim, sim — disse Hans Castorp —, é o que eu acho também.

— Provavelmente o senhor logo sentiu tonturas — asseverou o conselheiro. — Isso é obra das toxinas solúveis que as bactérias produzem. Elas têm efeito inebriante sobre o sistema nervoso central, compreende? E daí vêm as bochechas alegremente rosadas. Bem, Castorp, o senhor vai se meter na cama; assim poderemos ver se algumas semanas de repouso total bastam para desembriagá-lo. Então se falará sobre o resto. Tiraremos uma vista bem bonita do seu interior; o senhor gostará de espiar para dentro de sua própria pessoa. Mas já lhe digo uma coisa: um caso como o seu não fica bom entre hoje e depois de amanhã. Aqui não cabem êxitos publicitários nem curas milagrosas. Eu logo tive a impressão de que o senhor seria um paciente melhor e teria mais talento para a doença do que esse general de brigada que deseja safar-se cada vez que tem uns décimos a menos. Como se “descansar armas!” não fosse um comando tão bonito quanto “ao ombro, armas!”. O primeiro dever do cidadão é a serenidade, e impaciência apenas o prejudica. Trate de não me decepcionar, Castorp, faço questão de que não ponha a perder minha fama de bom conhecedor das pessoas! E agora, marche-marche, já para o celeiro!

Com essas palavras, o conselheiro áulico deu por terminada a entrevista e sentou-se à escrivaninha, a fim de, atarefado que era, aproveitar o intervalo até o próximo

exame para cumprir trabalhos de escrita. O dr. Krokowski, porém, ergueu-se de seu lugar, dirigiu-se até Hans Castorp e — com a cabeça levemente inclinada e curvada para trás, a mão esquerda no ombro do rapaz, e nos lábios um sorriso vigoroso que deixava entrever pela barba os dentes amarelados — apertou-lhe calorosamente a mão direita.

---

1 “Céus!”
2 “Convém experimentar.”
3 “Os dois, senhor”; “Os dois, o senhor sabe...”; “Eu sei, senhora.”; “E eu lamento muito.”
4 “Apresse-se senhor.”; “A conferência do senhor Krokowski acabou de começar.”
5 “Um pouco mais rápido, senhores!”

V.

SOPA ETERNA E CLAREZA REPENTINA

Aqui se antecipa um fenômeno com que o narrador faz bem em espantar-se, a fim de que o leitor, em face dele, não se espante demais por conta própria. Pois se nosso relatório sobre as três primeiras semanas da permanência de Hans Castorp com estas pessoas aqui em cima (uma permanência de não mais que vinte e um dias de alto verão, eis o que todos esperavam) consumiu quantidades de espaço e tempo cuja extensão bem correspondeu a nossa maldisfarçada expectativa, a descrição das três semanas seguintes de sua visita a este lugar só exigirá tantas linhas, palavras e instantes quantos foram as folhas, páginas, horas e dias de trabalho que aquele primeiro relatório ocupou: um piscar de olhos — bem vemos o que nos espera — e essas três semanas terão ficado para trás, bem sepultadas.

Ora, isso poderia causar espanto; e todavia está bem assim, corresponde às leis do narrar e do ouvir. Pois está bem e corresponde às ditas leis que o tempo se torne para nós tão longo ou tão curto que ele se afigure tão vasto ou tão reduzido à nossa experiência quanto o é para o jovem Hans Castorp, o herói de nossa história, requisitado pelo destino de modo tão inesperado. E, em vista do mistério que constitui o tempo, pode ser proveitoso preparar o leitor para outros milagres e fenômenos com que depararemos em companhia de Hans Castorp. Por enquanto basta que todos se lembrem da rapidez com que decorre uma “longa” série

de dias para o doente que os passa acamado. É o mesmo dia que se repete uma e outra vez; mas, justamente por se tratar sempre do mesmo dia, parece no fundo pouco adequado o termo “repetição”; melhor seria falar de monotonia, de um agora que parou ou de eternidade. Trazem a sopa até você na hora do almoço, assim como a trouxeram ontem e a trarão amanhã. E ao mesmo tempo você se sente presa de uma sensação singular que vem não se sabe de onde nem por quê: você se vê invadido por uma espécie de vertigem, enquanto a sopa se aproxima; os tempos confundem-se, misturam-se no seu espírito, e o que se revela a você como verdadeira forma da existência é um presente sem extensão, no qual lhe trazem a sopa eternamente. Seria, entretanto, paradoxal falar de fastio, quando se trata de eternidade, e queremos evitar quaisquer paradoxos, sobretudo em companhia desse nosso herói.

Achava-se, pois, Hans Castorp acamado desde a tarde de sábado, porque o dr. Behrens, a autoridade suprema do mundo que nos encerra, assim decidira. Jazia ali, com o monograma no bolsinho do camisolão, as mãos juntas atrás da cabeça, na sua cama branca e limpinha, leito de morte da americana e provavelmente de muitas outras pessoas. Com olhos ingênuos, azuis, turvos pelo resfriado, fixava o teto do quarto, meditando sobre a singularidade da sua situação. Por outro lado, não cabe admitir que sem o resfriado seus olhos tivessem lançado olhares claros, luzentes e inequívocos, visto que o aspecto de seu interior, por singela que fosse sua natureza, não se apresentava dessa forma, senão, muito pelo contrário, bastante perturbado, confuso, indistinto, semissincero e cheio de dúvidas. Às vezes, um riso louco de triunfo subia-lhe do fundo da alma e lhe sacudia o peito, enquanto seu coração estacava, dolorido, sob o efeito de uma desmedida e até então ignorada alegria e esperança; outras vezes, porém, empalidecia de susto e desassossego, e eram os golpes da sua própria consciência que o coração repetia, numa cadência acelerada, errática,

batendo-lhe nas costelas.

No primeiro dia, Joachim deixou-o em completa paz, evitando qualquer discussão. Discretamente, entrou algumas vezes no quarto do doente, saudou-o com um aceno da cabeça e perguntou, por mera cortesia, se lhe faltava alguma coisa. Era-lhe, aliás, muito fácil compreender e respeitar o temor que Hans Castorp sentia por qualquer controvérsia, uma vez que o compartilhava e se achava, ele próprio, em situação até mais penosa que a do primo.

Mas na manhã de domingo, ao regressar do passeio matinal que fizera sozinho, como antigamente, já não adiou por mais tempo a conversa com Hans Castorp, destinada a resolver os assuntos mais urgentes e mais necessários. Postando-se ao pé da cama, disse com um suspiro:

— Pois é, não adianta fugir à realidade. É preciso tomar algumas resoluções. Estão esperando você lá em casa.

— Ainda não — respondeu Hans Castorp.

— Hoje talvez não, mas nos próximos dias, na quarta ou na quinta-feira.

— Olhe — tornou Hans Castorp —, eles não contam comigo num dia certo. Têm mais que fazer do que me aguardar e contar os dias até a minha volta. Quando chegar, muito bem, o tio Tienappel vai dizer: "Pois então, já voltou?". E o tio James dirá: "Como foi de viagem?". E se eu não regressar, levará muito tempo antes que alguém dê pela minha ausência; isso lhe garanto. Claro que qualquer dia devo avisá-los…

— Você pode imaginar — continuou Joachim, dando mais um suspiro — quanto essa situação é desagradável para mim! Que é que vai acontecer agora? Naturalmente me sinto responsável, por assim dizer. Você vem aqui para me visitar, eu o inicio aqui em cima, e agora você está preso, e não sabemos quando poderá partir e assumir sua vaga. Você deve compreender que isso é sumamente penoso para mim.

— Perdão! — disse Hans Castorp, sempre com as mãos atrás da cabeça. — Para que se preocupar assim? É absurdo.

Será que vim aqui para lhe fazer uma visita? Foi também por isso, mas em primeiro lugar para descansar, a conselho de Heidekind. Bem, e agora se torna manifesto que necessito de muito mais descanso do que eu e todos nós tínhamos imaginado. Acho que não sou o primeiro que pensava passar aqui um fim de semana, e para quem as coisas acabaram sendo de outro modo. Lembre-se, por exemplo, do segundo filho da "Tous-les-deux", que levou aqui um golpe muito mais forte. Eu nem sei dizer se ele ainda vive; talvez já o tenham levado durante uma refeição. Verdade é que o fato de eu estar um pouco doente constitui para mim uma surpresa. Ainda preciso familiarizar-me com a ideia de ser paciente e pertencer à roda de vocês, em vez de me sentir apenas como visitante. Mas, por outro lado, a surpresa não é tão grande assim, pois nunca tive a impressão de gozar de saúde esplêndida, e quando penso nos meus pais que morreram ambos muito jovens… donde viria afinal o esplendor? Não se pode negar que você mesmo tem uma pequena lesão, embora ela esteja mais ou menos boa agora, e me parece bem possível que haja na nossa família uma tendência para isso. Behrens fez uma alusão nesse sentido. Seja como for, desde ontem estou deitado aqui e me ocupo em analisar os sentimentos que tive o tempo todo, e a atitude que tomei em relação às coisas, sabe?, em face da vida e de suas exigências. Na minha natureza houve sempre certa inclinação para a seriedade e uma determinada antipatia contra manifestações robustas e barulhentas. Faz pouco tempo que falamos a esse respeito, e eu mencionei que às vezes quase tive vontade de ser pastor, por gosto pelas coisas tristes e edificantes… Por exemplo, um pano preto, sabe?, com uma cruz de prata em cima ou com as letras R.I.P… "*Requiescat in pace*"… uma bela frase, a mais bela de todas, na verdade, e que me agrada bem mais que "Muitos anos de vida", com sua alegria ruidosa. Creio que tudo isso se deve ao fato de que eu mesmo ando atacado pela doença e tenho, desde o começo, familiaridade com

ela, como agora se torna evidente. Mas, se realmente é assim, posso dizer que fiz muito bem em ter vindo para cá e submeter-me a um exame. Você não precisa ter quaisquer remorsos por causa disso. Não ouviu que, se eu tivesse continuado por mais algum tempo com aquela minha vida na planície, poderia ter acontecido que todo o lobo do pulmão fosse por água abaixo?

— Disso ninguém pode ter certeza — disse Joachim. — É justamente isso o que não se sabe. Dizem que você já teve em outras ocasiões focos com os quais nunca ninguém se preocupou, e que se curaram por si mesmos, de maneira que nada deles sobrou a não ser uma macicez sem importância. É bem possível que o mesmo se fosse dar com aquele lugar úmido do qual eles falam agora, se você não me tivesse visitado casualmente aqui em cima. É disso que não se pode ter certeza.

— Não, a gente não pode ter certeza de coisa alguma — respondeu Hans Castorp. — E por essa razão não temos o direito de supor o pior, tampouco no que se refere ao tempo que terei de permanecer aqui como paciente. Você diz que ninguém sabe quando poderei partir para começar a trabalhar nos estaleiros, mas disse essas palavras num sentido pessimista, e isso me parece precipitado, justamente porque não se pode saber nada. O Behrens não fixou prazo algum; é um homem circunspecto e não faz o papel de adivinho. Ainda não foram feitas a radioscopia e as chapas radiográficas que lhe permitirão tirar conclusões objetivas. Quem sabe se elas apresentarão um resultado importante, pode ser que até então eu já esteja sem febre e diga adeus a vocês. Creio que não convém dar alarme antes do tempo e, sem mais nem menos, contar histórias que vão assombrar o pessoal lá em casa. Basta escrevermos qualquer dia desses — posso escrever aqui mesmo, com esta caneta-tinteiro, basta erguer-me um pouco — que estou fortemente resfriado, com febre e acamado, e que no momento ainda não posso viajar. Quanto ao resto, veremos depois.

— Está bem — disse Joachim —, podemos fazer assim, por enquanto. Nesse caso poderemos esperar algum tempo também com respeito às outras disposições.

— Que outras disposições?

— Não seja tão imprevidente! Você se preparou apenas para uma estada de três semanas, com essa sua maleta. Vai precisar de roupas, roupa de baixo, roupa de inverno, e mais calçados. E afinal de contas será necessário que lhe mandem dinheiro.

— *Supondo*... — disse Hans Castorp — *supondo* que eu vá precisar de tudo isso.

— Certo, aguardemos os resultados. Mas convém... e isso de forma alguma! — prosseguiu Joachim, caminhando nervosamente pelo quarto — ... convém que não nos iludamos! Há bastante tempo que estou aqui e entendo disso. Quando o Behrens diz que há um lugar com respiração rude, quase um ruído bolhoso... Mas, é claro, por certo podemos esperar!

E assim ficou, por enquanto. As variantes semanais e quinzenais do dia normal voltaram a prevalecer, e Hans Castorp participou delas, também na sua situação atual, desfrutando-as, senão diretamente, pelo menos através das informações que lhe dava Joachim, quando ia vê-lo e se sentava por um quarto de hora na beira da cama.

A bandeja com a qual na manhã de domingo lhe apresentaram o café estava ornada com um pequeno vaso de flores, e não haviam esquecido de lhe enviar alguns dos biscoitos finos que nesse dia eram servidos na sala. Mais tarde, animou-se o movimento no jardim e no terraço, quando teve início o concerto bimensal, com um alarido de clarins e o som fanhoso de clarinetas, e durante o qual Joachim permaneceu ao lado do primo: ele assistiu ao programa no compartimento da sacada, cuja porta estava aberta, enquanto Hans Castorp, semissentado na cama, com a cabeça inclinada para o lado e o olhar abandonado a uma sensação entre terna e fervorosa, escutava as harmonias que

se arrojavam sobre ele e o faziam recordar, com certo desdém, os discursos de Settembrini acerca da música “politicamente suspeita”.

De resto, como já dissemos, ele se inteirava, por intermédio de Joachim, dos acontecimentos e aspectos desses dias. Interrogou-o sobre o domingo, se então haviam aparecido vestidos elegantes, matinées de renda ou coisa que o valha (mas para matinées de renda havia feito frio excessivo). Também quis saber se pela tarde haviam feito excursões de coche (com efeito, algumas aconteceram: a “Sociedade Meio-Pulmão” fora *in corpore* até Clavedell); e na segunda-feira pediu informações sobre a conférence do dr. Krokowski, quando Joachim voltou de lá e, antes de começar o repouso da tarde, foi ter com ele. Joachim mostrou-se taciturno e pouco disposto a relatar pormenores da palestra, como tampouco haviam falado sobre a anterior. Mas Hans Castorp insistiu em conhecê-los.

— Eu fico aqui no meu quarto e pago o preço inteiro — disse. — Quero também participar do que oferecem. — Relembrou a segunda-feira de duas semanas antes, com aquele passeio que dera por conta própria e do qual não se saíra muito bem. Formulou a hipótese de que, no fundo, fora esse passeio o que provocara a revolução no seu corpo e causara a irrupção da enfermidade latente. — Mas como falam por aqui! — exclamou. — A gente do povo! Com quanta dignidade e solenidade! Às vezes soa como poesia. “Pois então, passe bem, e muito agradecido!” — repetiu, procurando imitar a fala do lenhador. — Foi o que ouvi na floresta e não o esquecerei por toda a minha vida. Tais coisas associam-se a outras impressões e reminiscências, sabe?, e guardam-se no ouvido até o fim dos dias… O Krokowski falou outra vez do “amor”? — perguntou, fazendo uma careta ao pronunciar essa palavra.

— Lógico — respondeu Joachim. — De que mais falaria? Este é, afinal, seu tema.

— E que disse hoje?

— Ora, nada de especial. Você já ficou sabendo, da outra vez, como ele costuma expressar-se.
— Mas que novidades contou?
— Nada de especialmente novo… Pois é; o que ele contou hoje foi química pura — relatou Joachim de má vontade. “Aquilo” representaria, segundo ele, uma espécie de intoxicação, de autointoxicação do organismo, foi o que disse o dr. Krokowski, e sua origem estaria na decomposição de uma substância ainda desconhecida, espalhada por todo o corpo; e os produtos dessa decomposição exerceriam um efeito inebriante sobre certos centros da medula espinhal, o mesmo que sucederia no caso do consumo habitual de tóxicos, como cocaína ou morfina.
— E daí vêm as tais “bochechas alegremente rosadas”! — disse Hans Castorp. — Vejam só! Isso é notável! Quanta coisa não sabe aquele sujeito! É para lá de sábio, esse doutor. Espere só, que qualquer dia ele acaba descobrindo a tal substância desconhecida, espalhada por todo o corpo, e se mete a fabricar os tóxicos solúveis que embriagam o centro, para que possa embriagar as pessoas de um modo todo especial. Quem sabe se em outros tempos já não conseguiram isso? Ao ouvir essas coisas, pode-se acreditar que haja alguma verdade nas histórias sobre filtros de amor e em outras fábulas semelhantes que se encontram nos livros de lendas antigas… Você já vai?
— Sim — disse Joachim —, é absolutamente necessário que me deite um pouco. Minha curva anda subindo desde ontem. O seu caso parece que mexeu com meus nervos…
Assim se passaram o domingo e a segunda-feira. Vieram a manhã e o anoitecer, e fez-se o terceiro dia da estada de Hans Castorp na “oficina”, um dia de semana sem qualquer distinção, a terça-feira. Era, entretanto, o dia da sua chegada ali em cima, de maneira que estava em Davos havia três semanas. Assim, sentiu-se obrigado a redigir a referida carta para casa e a informar seus tios, pelo menos superficial e provisoriamente, a respeito da sua situação.

Recostado no travesseiro de plumas, escreveu sobre uma folha de papel com o cabeçalho do estabelecimento, comunicando que sua partida, ao contrário do previsto, seria atrasada. Contou que estava acamado com uma gripe e com febre, e que o conselheiro áulico Behrens, em virtude de um excesso de cuidado, característico dele, insistia em levar a coisa a sério, já que a relacionava com a sua constituição geral, isto é, a “deste que vos escreve”. Pois desde sua primeira entrevista o médico-chefe achara-o muito anêmico e considerou, em suma, que o prazo preestabelecido por ele, Hans Castorp, para seu próprio descanso não se poderia acatar como suficiente. Outros pormenores seguirão em breve... “Assim está bem”, pensou Hans Castorp. “Não há palavras demais e basta para manter tudo em ordem por algum tempo.” A carta foi entregue ao criado, que a levou diretamente ao trem, evitando a demora da caixa do correio.

Com isso, as coisas essenciais pareceram bem arranjadas ao nosso herói aventuroso; e de espírito tranquilo, ainda que atormentado pela tosse e pelo nariz entupido por causa do resfriado, ele começou a viver um dia de cada vez, acomodando-se a cada dia normal em sua fixa monotonia, subdividido em diversos e numerosos pedacinhos, nem fastidioso nem interessante, e sempre o mesmo. Pela manhã, após ter batido vigorosamente à porta, entrava o massagista, um indivíduo musculoso chamado Turnherr, com as mangas da camisa arregaçadas, veias avultadas nos antebraços, um jeito de falar gutural e bastante limitado, que se dirigia a Hans Castorp chamando-o pelo número do quarto, como fazia com todos os enfermos, e o friccionava com álcool. Logo depois da sua saída aparecia Joachim, já completamente vestido, para dar o bom-dia ao primo, inteirar-se da temperatura das sete da manhã e comunicar a sua própria. Enquanto Joachim tomava café lá embaixo, Hans Castorp fazia o mesmo, com o travesseiro de plumas nas costas e com o apetite voraz que uma mudança de situação costuma provocar. Mal o incomodava a irrupção

pressurosa e puramente profissional dos médicos, que a essa hora já haviam atravessado a sala de refeições e se desincumbiam, a passo acelerado, de sua ronda pelos quartos dos acamados e moribundos. Com a boca repleta de geleia, Hans Castorp afirmava ter dormido muito bem, observava por cima dos bordos da xícara como o conselheiro, fincando as mãos na mesa central, examinava depressa a planilha com as temperaturas e com uma voz displicentemente arrastada retribuía a saudação de despedida. Depois acendia um cigarro, e lá estava Joachim, de volta de seu passeio matinal obrigatório, quando mal pensara que ele sequer pudesse haver saído. Novamente conversavam sobre isso e aquilo, e o lapso de tempo até a segunda refeição da manhã — Joachim, nesse ínterim, entregava-se ao repouso — era tão curto que mesmo um perfeito cretino ou débil mental não chegaria a aborrecer-se. E muito menos ocorria isso a Hans Castorp, ocupado como estava com digerir as impressões que lhe haviam trazido as três primeiras semanas da sua estada ali em cima, e que além disso tinha muito que meditar acerca de sua situação presente e sobre o fim a que ela iria levar. Assim, nem sequer tivera necessidade dos dois grossos volumes de uma revista ilustrada que, vindos da biblioteca do sanatório, jaziam sobre seu criado-mudo.

E o mesmo se aplica ao intervalo de tempo durante o qual Joachim ia dar seu segundo passeio a Davos-Platz, uma horinha, quando muito. Então o primo entrava de novo no quarto de Hans Castorp, para contar isso e aquilo que lhe houvessem despertado interesse enquanto caminhara, e permanecia algum tempo de pé ou sentado junto da cama hospitalar, antes de se recolher ao repouso do meio-dia — que quanto tempo durava? Só mais uma horinha! A gente mal chegava a juntar as mãos atrás da cabeça e a mirar um pouquinho o teto do quarto, entregando-se aos seus pensamentos, e já ressoava o gongo convidando todos que não estivessem nem acamados nem moribundos a se

postarem de pé, a caminho da refeição principal.

Ia-se Joachim, vinha a “sopa do almoço”: uma denominação de simbolismo ingênuo, em consideração àquilo que iam trazendo! Pois Hans Castorp não fora sujeito a um regime de enfermo — nem haveria por que o submeterem a isso. Uma alimentação parca, de doente, não era indicada de maneira alguma para o estado em que se encontrava. Achava-se ali e pagava tarifa integral, e o que lhe trazem na eternidade parada dessa hora não é uma “sopa do almoço” coisa alguma, mas sim o menu do Berghof com seus seis pratos, completo e sem a mínima restrição: uma refeição opulenta nos dias de semana, e nos domingos um festim de gala, prazer e espetáculo, preparado na cozinha de luxo do hotel por um chefe de cozinha de formação europeia. A criada do salão cuja função era atender os doentes acamados trazia os pratos montados em apetitosas caçarolas cobertas por tampas niqueladas; ela empurrava sobre a cama o tampo da mesa de hospital, essa maravilha da obtenção de equilíbrio sobre um pé só, posta no quarto momentos antes, e então Hans Castorp regalava-se com tudo aquilo, como o filho do alfaiate diante da mesinha mágica no conto de fadas.

Apenas terminada sua refeição, Joachim aparecia de novo, e até que este se encaminhasse ao seu compartimento na sacada e o silêncio do grande repouso começasse a pairar sobre o Berghof já seriam quase duas e meia. Talvez faltasse ainda um pouquinho; para sermos exatos, eram apenas duas e quinze. Mas não convém levar em conta tais quartos de hora supranumerários que ultrapassam as unidades redondas; são absorvidos despercebidamente, sobretudo num ambiente generoso em matéria de tempo, como, por exemplo, em viagens, quando se fica muitas horas no trem, ou em outras ocasiões que acarretam um estado vazio de prolongada espera, em que todos os esforços e toda existência ficam reduzidos à tarefa de passar e vencer o tempo. Duas e quinze equivalem então a duas e meia;

equivalem, por Deus do céu, até mesmo a três horas, pois se pode dizer que falta meia hora para as três. Os trinta minutos, considerados um prelúdio à hora que vai das três às quatro, são descontados intimamente, como se costuma fazer nessas circunstâncias. E dessa forma, a duração do grande repouso reduzia-se, afinal de contas e em definitivo, a uma hora apenas, que, além do mais, se via diminuída, aparada e como que apostrofada pouco antes do seu fim. O apóstrofo era o dr. Krokowski.

Sim, o dr. Krokowski já não contornava mais o quarto de Hans Castorp durante a ronda que fazia sozinho de tarde. Agora o jovem figurava no balanço, deixara de ser um intervalo e hiato, era um paciente; interrogavam-no, em vez de negligenciá-lo, como lhe acontecera durante tanto tempo, para seu descontentamento, que era leve, discreto, mas presente dia a dia. Fora na segunda-feira que o dr. Krokowski aparecera pela primeira vez no quarto do nosso herói. Usamos o termo "aparecer" como adequado, dada a impressão estranha e mesmo um tanto horrível que Hans Castorp não pôde deixar de ter naquela ocasião. Ele se abandonara a um cochilo, ou meio cochilo, quando, num sobressalto, deu pela presença do assistente, que se achava no quarto sem ter entrado pela porta, e se aproximava dele, vindo de fora. Pois o médico tomara o caminho, não pelo corredor, mas sim pela área externa, e entrara pela porta da sacada, de maneira que parecia ter chegado pelos ares. Em todo caso, ele surgira de repente ao pé da cama de Hans Castorp, pálido, vestido de preto, espadaúdo e atarracado, o apóstrofo da hora; e por entre sua barba bipartida viram-se num sorriso viril os dentes amarelados.

— O senhor parece surpreendido em me ver aqui, sr. Castorp — dissera o dr. Krokowski com uma brandura de barítono, arrastando as palavras e falando de modo um tanto afetado, com "r" palatal exótico, que ele não vibrava, mas emitia com um golpe único da língua logo atrás dos incisivos superiores. — Limito-me a cumprir um agradável

dever, verificando se tudo vai bem por aqui. Suas relações conosco entraram numa nova fase. Da noite para o dia, o visitante transformou-se num camarada. — A palavra “camarada” causara em Hans Castorp uma leve inquietação. — Quem diria! — gracejara o dr. Krokowski como um bom camarada. — Quem imaginaria que seria assim, naquela noite em que tive a honra de saudá-lo pela primeira vez, e o senhor corrigiu minha opinião errônea (era errônea na ocasião), dizendo que gozava da mais perfeita saúde! Acho que manifestei então qualquer coisa parecida com uma dúvida, mas asseguro-lhe que não quis aludir a uma coisa dessas! Não desejo passar por mais clarividente do que sou. Eu não tinha em mente algo como um lugar úmido; falava num sentido diferente, mais geral, mais filosófico, e apenas expressava minhas dúvidas quanto à possibilidade de “ser humano” e “saúde perfeita” serem termos compatíveis. E ainda hoje, mesmo após o resultado de seu exame, não posso, segundo meu modo de ser, e discordando de meu prezado chefe, conceder a esse lugar úmido aí — e com a ponta do dedo tocara levemente o ombro de Hans Castorp — um interesse prioritário. Para mim, ele não passa de um fenômeno de segunda ordem… O orgânico é sempre secundário…

Hans Castorp estremecera.

— … e por isso é a sua gripe, aos meus olhos, um fenômeno de terceira ordem — acrescentou o dr. Krokowski com muita displicência. — Como vai ela? O descanso na cama terá por certo um efeito rápido e benéfico. Quais são as suas temperaturas de hoje? — E dali em diante a visita do dr. Krokowski assumira o caráter de uma simples e inofensiva formalidade, caráter que guardaram todas as demais visitas, nos dias e nas semanas que a seguiram. O dr. Krokowski chegava faltando quinze para as quatro ou um pouquinho mais cedo, entrava pela sacada, cumprimentava da sua maneira enérgica e jovial o paciente acamado, fazia as perguntas profissionais mais rudimentares, entabulava,

às vezes, uma breve conversa de natureza mais pessoal, largava algumas pilhérias cheias de camaradagem; e, embora tudo isso não deixasse de suscitar certa reserva, acaba-se por se acostumar, quando não se ultrapassam certos limites, e foi assim que Hans Castorp logo não teve mais o que objetar às aparições periódicas do dr. Krokowski, que passaram a ser parte do dia normal e apostrofar a hora do grande repouso.

Eram, pois, quatro horas quando o assistente voltava a mover-se pela sacada; quatro horas, isto é, plena tarde! De súbito, inopinadamente, achava-se Hans Castorp em plena tarde, que por sua vez não se demorava em avizinhar-se da quase noite: quando acabavam de tomar o chá, na sala de refeições e no quarto 34, já eram perto de cinco horas, e até que Joachim voltasse de seu terceiro passeio obrigatório, e fosse novamente ter com o primo, já seria tão próximo das seis que, numa conta redonda, o repouso até o jantar voltaria a limitar-se a uma hora apenas, de forma que o tempo constituía um adversário facílimo de vencer, para quem tivesse a cabeça repleta de pensamentos e dispusesse, além disso, de todo um *orbis pictus* na mesinha de cabeceira.

Joachim despedia-se para ir à refeição. Traziam o jantar. O vale, havia muito, enchera-se de sombras, e enquanto Hans Castorp comia a escuridão espalhava-se a olhos vistos pelo quarto branco. Terminada a refeição, ele permanecia recostado no travesseiro, diante da mesinha de conto de fadas, então vazia, e contemplava o crepúsculo que se acentuava rapidamente, o crepúsculo desse dia que dificilmente se deixava distinguir do da véspera e do de oito dias antes. Já era noite, e mal passara a manhã. O dia subdividido, artificialmente abreviado, desagregara-se e desvanecera-se literalmente entre seus dedos, conforme verificava, cheio de agradável surpresa, ou talvez um tanto pensativo; pois ainda não se achava na idade em que a gente se horroriza ante essa descoberta. Para ele era apenas

como se nunca tivesse deixado de contemplar esse mesmo crepúsculo.

Um dia — podia ser o décimo ou o décimo segundo desde que Hans Castorp se acamara — bateram àquela hora à porta do quarto, ou seja: antes que Joachim tivesse voltado do jantar e da reunião. E à ordem de "entre!", que Hans Castorp pronunciou com voz inquiridora, surgiu no limiar Lodovico Settembrini: e de um só golpe fez-se no quarto uma claridade deslumbrante. Pois o primeiro movimento do visitante, ainda antes de fechar a porta, fora acender a luz do teto, que, refletida pelo branco das paredes e dos móveis, envolveu imediatamente o aposento numa luminosidade trêmula.

Dentre todos os pensionistas, o italiano era o único de quem Hans Castorp, nesses dias, pedira especial e expressamente notícias a Joachim. Este não deixava de lhe relatar as pequenas ocorrências e modificações da vida cotidiana do estabelecimento, cada vez que se sentava, por dez minutos, na beira da cama, o que se dava dez vezes por dia. As perguntas que Hans Castorp lhe fizera haviam sido de caráter geral e impessoal. A curiosidade de jovem solitário levava-o a perguntar se, porventura, tinham chegado novos hóspedes, ou se partira uma das fisionomias conhecidas; e parecia causar-lhe satisfação a resposta de que só a primeira coisa sucedera. Chegara um "novo", um moço de rosto esverdeado e cavo, que recebera um lugar à mesa da sra. Iltis e da srta. Levi, aquela da tez de marfim, logo à direita da mesa dos primos. Ora, Hans Castorp esperaria pacientemente a oportunidade para vê-lo. Ninguém se fora, então? Joachim disse que não, baixando os olhos. Mas teve que responder a essa pergunta repetidas vezes, de dois em dois dias, pouco mais ou menos, e isso apesar de haver tentado informar de uma vez por todas, e de havê-lo dito com alguma impaciência na voz, que ninguém tencionava partir, e que não era costume ali partir assim, sem mais nem menos.

No que dizia respeito a Settembrini, porém, Hans Castorp solicitara informações especiais. Desejara saber o que ele "dissera disso". Disso o quê?

— De eu estar deitado aqui e ser tratado como doente, ora essa!

Com efeito, Settembrini manifestara uma opinião, ainda que laconicamente. Logo no dia do desaparecimento de Hans Castorp, aproximara-se de Joachim, a fim de saber onde se achava o visitante; parecera disposto a receber a notícia da sua partida. Ao ouvir as explicações de Joachim, proferira apenas duas palavras italianas; dissera primeiro "Ecco" e depois "Poveretto", o que significa: "está vendo?" e "coitadinho" — não era preciso entender mais italiano do que os dois jovens para apreender o sentido dessas exclamações.

— Por que "poveretto"? — perguntara Hans Castorp. — Afinal, ele também se acha amarrado aqui em cima, com a sua literatura, que consta de humanismo e de política, e pouca coisa pode fazer em prol dos interesses da vida terrena. Ele que deixe de se compadecer de mim do alto da sua importância. Ainda voltarei à planície antes dele.

E agora o sr. Settembrini achava-se no quarto iluminado de chofre. Hans Castorp, que se apoiara sobre um cotovelo e se virara em direção à porta, reconheceu-o, piscando os olhos, e corou ao fazê-lo. Como sempre, Settembrini levava o seu espesso paletó com as grandes lapelas, um colarinho meio puído, e as calças de tecido xadrez. Tendo apenas terminado a refeição, trazia, conforme o seu hábito, um palito entre os dentes. As comissuras da boca, por baixo da bela curva do bigode, entesaram-se, exibindo o conhecido sorriso fino, seco e crítico.

— Boa noite, Engenheiro! O senhor me dá licença para visitá-lo? Sim? Nesse caso é indispensável a luz... Desculpe a minha arbitrariedade! — disse apontando para a lâmpada do teto com um gesto elegante da mãozinha. — O senhor estava meditando? Não quero, de modo algum, perturbar-

lhe os pensamentos. Acho plenamente justificada uma tendência à reflexão, no seu caso, e para conversar o senhor dispõe, afinal de contas, do seu primo. Bem se vê que tenho perfeita consciência da minha desnecessidade. Contudo, estamos convivendo aqui num espaço exíguo, e assim se cria uma simpatia de pessoa para pessoa, uma simpatia espiritual, uma simpatia do coração… Já faz uma semana inteira que não o vejo. Realmente, eu já pensava que o senhor tivesse partido, quando vi o seu lugar vazio, lá embaixo, no "*refectorium*". O tenente me informou melhor, ou devo dizer, hum, informou-me do pior, e tenho esperança de que isso não soe como falta de cortesia… Numa palavra, como vai o senhor? Que anda fazendo? Como se sente? Espero que não esteja muito abatido.

— Ah! Sr. Settembrini, é o senhor? É muito amável da sua parte. "*Refectorium*"? Rá, rá! Já está gracejando outra vez. Sente-se, por favor. Não me incomoda, de modo algum. Eu estava deitado assim e me deixara levar pelos pensamentos, ou talvez seja exagero falar em pensamentos. Era simples preguiça o que me impedia de acender a luz. Muito obrigado, subjetivamente sinto-me quase normal. Ficar de cama curou-me quase completamente aquele resfriado, mas, conforme todos me dizem, isso era apenas um fenômeno secundário. A temperatura, por sua vez, ainda não é normal, às vezes 37,5, outras 37,7. Nesse ponto, nada se modificou nos últimos dias.

— O senhor mede regularmente a temperatura?

— Sim, senhor. Seis vezes por dia, como todos aqui em cima. Rá, rá! O senhor me desculpe, mas ainda me rio da denominação de "*refectorium*" para nossa sala de refeições. Assim a chamam nos mosteiros, não é? Isto aqui tem mesmo qualquer coisa de mosteiro. Nunca estive num mosteiro, mas imagino que deva ser parecido. Também já sei as "regras" de cor e observo-as minuciosamente…

— Como um frade piedoso. Pode-se dizer que o senhor terminou o noviciado e acaba de professar os votos. Minhas

felicitações mais solenes! O senhor já fala de “*nossa* sala de refeições”! Aliás, eu não quero ferir a sua dignidade masculina, mas o senhor me lembra antes uma freirazinha que um monge, uma pequena noiva de Cristo, recém-tonsurada, inocentezinha, com os grandes olhos de uma vítima imolada. Em outros tempos já vi esse tipo de ovelhinhas, e nunca… nunca sem me entregar a certo sentimentalismo. Ah, sim, sim! O senhor seu primo me contou tudo. No último instante o senhor afinal se submeteu ao exame.

— Porque eu me sentia febril… Veja, sr. Settembrini, com um catarro destes eu teria chamado o nosso médico, lá na planície. E aqui, onde a gente se acha por assim dizer na fonte, onde há dois especialistas na casa… teria sido estranho…

— Claro, claro! E o senhor já tinha tomado a temperatura antes que recebesse ordem de fazê-lo. De resto já lhe haviam dado um conselho nesse sentido logo depois da sua chegada. Foi a Mylendonk quem lhe impingiu o termômetro?

— Impingiu, como? Havia necessidade, então comprei um.

— Compreendo. Uma transação comercial impecável. E quantos meses o chefe lhe pespegou?… Deus grandioso, já lhe fiz essa pergunta uma vez! O senhor se lembra? Acabava de chegar. Respondeu-me com tanto brio…

— Claro que me lembro, sr. Settembrini. Depois passei por tantas coisas novas, mas disso sei como se fosse hoje. Já naquela ocasião o senhor foi tão divertido e nomeou o Conselheiro Behrens juiz do inferno… Radamés… Não, espere! O nome era diferente…

— Radamanto? Pode ser que, de passagem, eu o tenha chamado assim. Não me lembro de tudo o que, em determinada ocasião, brota da minha cabeça.

— Radamanto, isso mesmo! Minos e Radamanto! Aquela vez também nos falou em Carducci…

— Perdão, meu caro amigo, deixemos esse nome de lado. No momento, ele soa muito estranho em sua boca!

— Como quiser — riu-se Hans Castorp. — Em todo caso foi por seu intermédio que aprendi muita coisa a respeito dele. Sim, então eu não suspeitava ainda de nada, e respondi ao senhor que tencionava passar três semanas aqui; não tinha ideia alguma do resto. A Kleefeld acabava de me assobiar com o pneumotórax, e eu estava boquiaberto. E logo naquele primeiro dia já tinha a impressão de estar com febre, pois o ar daqui é bom não somente *contra* a doença, mas também *em prol* dela. Às vezes precipita sua irrupção, e quem sabe se isso não é necessário para que se realize a cura.

— Uma hipótese fascinante! Será que o Conselheiro Áulico Behrens também lhe falou daquela teuto-russa que tivemos aqui durante cinco meses no ano passado... Não: no ano retrasado? Não? Pois deveria tê-lo feito. Uma senhora simpática, de origem teuto-russa, casada, jovem mãe. Vinha do Leste, linfática, anêmica, e parece que havia também qualquer coisa mais grave. Bem, ela passa aqui um mês e logo começa a lamentar-se de que se sente mal. Paciência, paciência! Decorre outro mês, e ela continua afirmando que, longe de estar melhor, anda cada vez pior. Explicaram-lhe que unicamente o médico era capaz de julgar como o paciente *anda*; ela mesma só podia dizer como se *sentia*, e isso tinha pouca importância. Quanto ao seu pulmão os doutores disseram estar satisfeitos. Pois bem, ela se cala, prossegue com o tratamento, e perde peso, semana após semana. No quarto mês desmaia durante os exames. Não faz mal, declara Behrens; com o estado do pulmão estava bem satisfeito, foi o que ele disse. Mas no quinto mês ela já não consegue caminhar, então escreve uma carta ao marido sobre isso, lá longe no Leste; e Behrens recebe uma carta dele, com as palavras “Pessoal” e “Urgente” no envelope, numa letra enérgica. Eu mesmo vi. Pois bem, diz Behrens, dando de ombros, parece que ela não suporta bem o clima daqui. A mulher ficou fora de si. Ele lhe deveria ter dito isso antes, foi o que ela gritou; e que sempre tivera essa

impressão, e que se destruíra toda ali!… Esperemos que em companhia do marido, lá no Leste, ela tenha recobrado as forças.

— Que maravilha! O senhor narra com tanta beleza, sr. Settembrini. Cada palavra é mesmo plástica. Também me ri muitas vezes a sós da história que nos contou sobre aquela mocinha que tomou um banho no lago, e à qual tinham que dar a irmã muda. Sim senhor, acontece muita coisa neste mundo! A gente nunca para de aprender. Quanto ao meu próprio caso, ainda não existe certeza alguma. O Conselheiro diz que encontrou uma coisinha no meu pulmão. Eu mesmo ouvi, quando me percutiu, os lugares antigos onde estive enfermo sem saber. E agora parece que descobriu outro foco fresco, não sei onde… Acho, aliás, que a palavra “fresco” soa meio esquisita com relação a essas coisas. Mas por enquanto só se trata de observações acústicas, e não chegaremos a um diagnóstico seguro antes que eu volte a levantar-me e se proceda à radioscopia e à radiografia. Então, sim, teremos um resultado definitivo.

— Acha mesmo? O senhor sabe que frequentemente a chapa fotográfica apresenta manchas, que são então interpretadas como cavernas, embora sejam apenas sombras, e que em lugares onde, *ali* sim, há alguma coisa ela às vezes não mostra *mancha nenhuma*? Madonna, a chapa fotográfica! Esteve aqui um jovem numismata que tinha febre, e, como tivesse febre, foram vistas nitidamente umas cavernas na chapa fotográfica. Pretenderam até tê-las ouvido. Trataram-no como se tivesse tísica, e no decorrer do tratamento morreu. A obdução demonstrou que seu pulmão estava intacto, e que falecera não sei de quê.

— Ora veja, sr. Settembrini, o senhor fala logo de obdução. Espero que eu ainda não tenha chegado a esse ponto.

— Meu caro Engenheiro, o senhor é um pândego!

— E o senhor é muito crítico e muito cético, isso não se discute! Não acredita nem sequer na ciência exata. E a sua própria chapa mostra manchas?

— Mostra, sim.
— E o senhor está realmente um pouco enfermo?
— Sim, infelizmente ando bastante enfermo — tornou o sr. Settembrini, baixando a cabeça. Fez-se uma pausa, durante a qual tossiu levemente. Hans Castorp, da sua posição de repouso, contemplou o visitante reduzido ao silêncio. Era como se, com aquelas perguntas muito simples, tivesse refutado e silenciado muita coisa, inclusive a república e o belo estilo. Da sua parte, não fez nada para reavivar a conversa.
Depois de algum tempo, o sr. Settembrini ergueu-se de novo, sorrindo.
— Diga-me, Engenheiro — perguntou —, como é que sua família recebeu a notícia?
— Que notícia? A do adiamento do meu regresso? Ora, minha família, o senhor sabe?, minha família, lá em casa, consta de três tios, um tio-avô e seus dois filhos, cujas relações comigo são, antes, de primos. Outra família não tenho. Sou órfão de pai e mãe desde muito cedo. Como receberam a notícia? Bem, ainda não sabem muita coisa, não sabem mais do que eu mesmo. Logo no começo, quando tive de ficar de cama, escrevi uma carta a eles, dizendo que eu estava fortemente resfriado e não podia viajar. E ontem, como já fizesse muito tempo, escrevi outra vez, avisando que a minha gripe despertou a atenção do dr. Behrens a respeito do meu pulmão, e que ele insistia que eu prolongasse a minha estada, até que se esclarecesse o caso. Acho que eles se inteiraram de tudo isso com a mais completa calma.
— E o seu emprego? O senhor me falou de um campo de atividades práticas, ao qual tencionava dedicar-se em breve.
— Sim, como voluntário. Pedi que por enquanto me desculpassem, lá nos estaleiros. Não haverá quem se desespere por isso, o senhor bem entende. Eles podem perfeitamente arranjar-se sem um voluntário.
— Ótimo! Sob esse ponto de vista, tudo está em perfeita

ordem. Fleuma em toda a linha! Em geral são muito fleumáticos, lá no seu país, não é? Mas também enérgicos!

— Ah, sim, enérgicos também, muito enérgicos — confirmou Hans Castorp. Examinou, à distância, a mentalidade da sua terra e verificou que seu interlocutor a qualificara com acerto. — Fleumáticos e enérgicos, isso mesmo.

— Bem! — continuou Settembrini. — No caso de o senhor permanecer aqui por mais tempo, não nos faltará uma oportunidade para conhecer o senhor seu tio, quer dizer, o tio-avô. Sem dúvida ele virá certificar-se de seu estado.

— Nem pense nisso! — exclamou Hans Castorp. — Nunca na vida! Nem dez cavalos conseguiriam arrastá-lo até aqui em cima. Meu tio é de constituição muito apoplética e quase não tem pescoço. Não senhor! Ele precisa de uma pressão atmosférica razoável. Aqui se sentiria ainda muito pior do que aquela sua senhora teuto-russa; teria toda espécie de chiliques.

— Isso me decepciona. Apoplético, o senhor disse? Que adiantam então a fleuma e a energia?... Seu tio é rico, não é? O senhor é rico também? Todos são ricos na sua terra.

Hans Castorp sorriu diante dessa generalização do sr. Settembrini. A seguir tornou a contemplar, da sua posição de repouso, aquele mundo distante, a esfera familiar à qual fora arrebatado. Recordava, esforçava-se por formar uma opinião imparcial, e a isso a distância animava-o e disso o tornava capaz. Por fim respondeu:

— Ou se é rico, sim, ou não se é. Tanto pior para os que não são. Eu? Não sou milionário, mas o que possuo está garantido. Sou independente e tenho de que viver. Mas deixemos de falar de mim. Se o senhor tivesse dito: "É preciso ser rico, lá embaixo", eu estaria de acordo. Pois, quando alguém *não* é rico ou deixa de sê-lo... ai dele! "Aquele sujeito? Será que ainda tem dinheiro?", perguntam então, textualmente e com essa mesma cara. Ouvi essas palavras umas quantas vezes, e vejo que se gravaram na

minha memória. Disso concluo que as estranhei, embora me fossem familiares; pois, do contrário, não as recordaria. O que o senhor acha? Não, não creio que, por exemplo, o senhor, um *Homo humanus*, se sentisse bem entre nós. Até eu que, afinal de contas, me criei ali, fiquei às vezes chocado, como percebo agora, apesar de pessoalmente não ter sofrido por esse espírito. Quem não faz servir em seus banquetes os mais seletos e os mais caros vinhos não vê sua casa frequentada e não consegue casar suas filhas. Aquele pessoal é assim. Deitado aqui como estou, e observando as coisas de certa distância, fico mesmo chocado. Que palavras usou o senhor? Fleumáticos e...? Enérgicos! Sim senhor, mas que significa isso? Isso significa duro, frio. E que significam duro e frio? Significam cruel. A atmosfera, lá embaixo, é cruel, é inexorável. Quando alguém está deitado como eu, e olha as coisas de longe, sente-se horrorizado.

Settembrini ouviu-o, meneando a cabeça. Continuou assim, até que Hans Castorp chegasse a um término provisório da sua crítica e cessasse de falar. Depois disse com um suspiro:

— Eu não quero disfarçar as formas particulares que a crueldade natural da vida assume no seio da sociedade do seu país. Seja como for, a atribuição de crueldade não deixa de ser uma atribuição bastante sentimentalista. Por lá o senhor dificilmente o teria empregado, por receio de parecer ridículo perante si mesmo. Com toda razão abandonou o uso dessa atribuição aos fracalhões da vida. Que o senhor se sirva dela agora revela certa desambientação que eu não gostaria de ver intensificar-se, pois quem se habitua a seu uso pode facilmente acabar se perdendo para a vida e para a forma de existência que lhe é inata. Sabe o senhor, meu caro Engenheiro, o que quer dizer “perder-se para a vida”? Eu, sim, eu sei. Vejo isso todos os dias aqui. Ao cabo de seis meses, o mais tardar, o jovem que chega aqui (e são quase sempre jovens os que chegam) já não tem outra coisa na cabeça que não o flerte e a temperatura. E depois de um

ano, quando muito, ele já não é mais capaz de pensar em outra coisa e passa a considerar “cruel” qualquer outro pensamento, ou defeituoso e ignorante, melhor dizendo. O senhor gosta de histórias. Eu poderia contar-lhe algumas. Poderia falar-lhe de certo filho e marido que passou onze meses aqui, e a quem conheci. Era um pouco mais velho que o senhor, acho eu, talvez até bastante mais velho. Como ele melhorasse aqui, deram-lhe alta, a título de experiência, e o homem voltou aos braços dos seus. Não eram tios; eram a mãe e a esposa. Durante todo santo dia ficava deitado com o termômetro na boca, e não sabia falar de outra coisa. “Vocês não entendem”, dizia. “É preciso ter vivido lá em cima para saber como as coisas devem ser. Aqui embaixo faltam os conceitos básicos.” Essas queixas só terminaram quando a mãe decidiu o caso. “Volte lá para cima”, disse ela. “Você não presta para mais nada.” E ele voltou mesmo, regressou à “sua terra”. Pois o senhor deve saber que chamam isto aqui de “nossa terra”, os que aqui viveram. O homem alienara-se completamente da esposa. Ela não tinha os “conceitos básicos” e preferiu renunciar. Entendeu que ele encontraria na “terra dele” uma companheira com os mesmos “conceitos básicos”, e que lá ficaria.

Hans Castorp escutara distraidamente. Tinha ainda o olhar cravado na lâmpada cintilante no quarto branco, como em busca da distância. Riu-se um tanto atrasado e disse:

— Ele chamou aqui de “sua terra”? Realmente, é um pouco sentimentalista, como diz o senhor. De fato, o senhor sabe inúmeras histórias. Eu continuava pensando naquilo que dizíamos, pouco atrás, sobre a dureza e a crueldade. São coisas que, nesses últimos dias, me passaram pela cabeça diversas vezes. Veja, a gente precisa ter uma casca bem grossa mesmo para concordar por completo com a mentalidade do pessoal lá de baixo, na planície, e com perguntas como “Será que ainda tem dinheiro, esse sujeito?” e com a cara que as acompanha. Quanto a mim, nunca deixei de achar isso pouco natural, embora não seja,

propriamente, um *Homo humanus*. Percebo agora, olhando para trás, que sempre impliquei com esse jeito de ser. Talvez haja uma relação entre essa minha atitude e o meu pendor inconsciente à doença. Eu mesmo ouvi como Behrens percutiu os lugares antigos, e agora ele afirma ter encontrado um pequeno foco recente. Essa descoberta surpreendeu-me um pouco, não há como negá-lo, e todavia não posso dizer que me espantei muito. Nunca me senti firme como um rochedo, e como meus pais morreram tão cedo… Sou órfão de pai e mãe desde criança, sabe?

A cabeça, os ombros e as mãos do sr. Settembrini esboçaram um gesto único, que, de uma forma jovial e polida, sugeria a pergunta: “Pois então? Que tal prosseguir?”.

— O senhor é escritor — disse Hans Castorp —, é literato; portanto deve entender disso e compreender que, sob essas circunstâncias, não se consegue ter um espírito bruto nem achar perfeitamente natural a crueldade das pessoas — das pessoas comuns, sabe?, que passeiam e riem e ganham dinheiro e enchem a pança… Não sei se me expressei…

Settembrini fez uma reverência.

— O senhor quer dizer — explanou — que o contato prematuro e repetido com a morte produz uma disposição fundamental da alma que torna o indivíduo suscetível e atento às durezas e cruezas da vida mundana maquinal, ou digamos: ao seu cinismo.

— Exatamente! — gritou Hans Castorp com sincero entusiasmo. — Que formulação admirável, sr. Settembrini! O senhor pôs os pontos nos is. “Com a morte…” Eu sabia que o senhor, como literato…

Settembrini moveu a mão em direção ao jovem, inclinando a cabeça para um lado e fechando os olhos, num gesto belo e suave, destinado a interromper o jovem e a pedir-lhe mais uns instantes de atenção. Manteve-se durante alguns segundos nessa posição, mesmo depois de Hans Castorp haver calado e manter-se à espera do que estaria por vir.

Finalmente reabriu os olhos negros, os olhos de tocador de realejo, e disse:

— Permita-me. Permita-me, Engenheiro, que lhe diga e inculque que a única maneira sadia e nobre, aliás, também, como acrescento expressamente, a única maneira *religiosa* de encarar a morte é compreendê-la e senti-la como uma parte, como um complemento, como uma condição inviolável da vida, e *não* separá-la, justamente, da vida (o que seria o contrário de sadio, nobre, sensato e religioso) ao criar-se uma oposição intelectual entre morte e vida e, de modo abjeto, usar a morte como argumento contra a vida. Os antigos adornavam seus sarcófagos com símbolos de vida, procriação, e até com símbolos obscenos. Para a religiosidade antiga, o sagrado frequentemente coincidia com o obsceno. Esses homens sabiam honrar a morte. A morte é venerável como berço da vida, como regaço da renovação. Mas, separada da vida, torna-se um fantasma, um bicho-papão, e coisa pior ainda. Pois a morte, como potência espiritual independente, é uma potência extremamente devassa; a perversa atração que ela exerce é muito forte, sem dúvida, mas simpatizar com ela, também sem dúvida alguma, equivale à mais horrorosa aberração do espírito humano.

Nesse ponto calou-se o sr. Settembrini. Parou ao chegar a essa generalização e terminou num tom decidido. Levava o assunto a sério, e não falara de modo a manter uma conversação; menosprezara dar ao interlocutor uma oportunidade para entabular e replicar e, ao contrário, baixara a voz ao fim de suas afirmações, dando-lhes um ponto final. Permaneceu sentado, boca fechada, mãos postas no colo; manteve cruzadas as pernas vestidas com a calça de xadrez e limitou-se a balançar o pé suspenso no ar, que fitava com um olhar severo.

Diante disso, Hans Castorp ficou calado também. Recostando-se no travesseiro de plumas, voltou a cabeça para a parede e tamborilou levemente com a ponta dos

dedos sobre o acolchoado. Era como se tivesse recebido uma lição, como se o houvessem chamado à ordem, e mesmo repreendido. Seu silêncio tinha algo de obstinação pueril. A interrupção da conversa estendeu-se por bastante tempo.

Finalmente, o sr. Settembrini reergueu a cabeça e disse com um sorriso:

— O senhor se lembra, Engenheiro, de que já tivemos uma discussão semelhante, ou até a mesma? Naquela ocasião, acho que foi durante um passeio, falávamos sobre a doença e a estupidez, cuja combinação o senhor considerava paradoxal, e isso devido ao respeito que devotava à doença. Eu qualifiquei esse respeito de desatino sinistro, com o qual se desonra a ideia do homem, e, para grande prazer meu, o senhor não me parecia totalmente avesso a levar em conta minhas objeções. Tratamos também da neutralidade e da incerteza intelectual da mocidade, da sua liberdade de escolha, da sua tendência para fazer experiências com todo tipo de pontos de vista, e constatamos que não era nem lícito nem necessário considerar tais experiências opções definitivas, válidas para o resto da vida. O senhor me permite… — e o sr. Settembrini, sorridente, inclinou-se para a frente na cadeira, com os pés juntos no chão, as mãos comprimidas entre os joelhos e a cabeça um pouco mais adiante, numa posição oblíqua — … o senhor me permite também no futuro — prosseguiu, e na sua voz vibrava uma ligeira emoção — que o auxilie um pouco em suas tentativas e experiências, e que exerça uma função de corretivo, quando porventura houver o perigo de determinações funestas?

— Mas como não, sr. Settembrini! — respondeu Hans Castorp, apressando-se a abandonar a sua atitude tímida e um tanto recalcitrante. Cessou de tamborilar sobre o acolchoado e dirigiu-se ao visitante com amabilidade um tanto perplexa. — Acho muito gentil da sua parte… Pergunto-me, de fato, se eu… Quer dizer, se no meu caso…

— E totalmente “*sine pecunia*” — citou o sr. Settembrini,

levantando-se. — Não quero ser menos generoso que os outros. — Riram-se ambos. Ouviu-se abrir a porta de fora, e um momento após girou a maçaneta da porta interior. Era Joachim que voltava da reunião da noite. Ao ver o italiano, corou, como acontecera a Hans Castorp pouco antes, e a pele tostada de seu rosto adquiriu um matiz mais escuro.

— Ah, está com visita — disse. — Que bom para você! Fiquei retido lá embaixo. Obrigaram-me a jogar uma partida de bridge. É o que chamam de bridge, oficialmente — acrescentou, dando de ombros. — Em realidade era outra coisa. Ganhei cinco marcos…

— Tomara que você não pegue esse vício! — disse Hans Castorp. — Hum, hum… O sr. Settembrini fez-me passar o tempo agradavelmente, enquanto eu esperava pela sua volta. “Agradavelmente”, aliás, é uma expressão pouco apropriada que, a rigor, se pode aplicar ao seu falso bridge. Não, o sr. Settembrini ocupou-me o tempo de um modo muito mais elevado… Uma criatura decente deveria fazer todos os esforços para safar-se daqui o mais depressa possível, ainda mais quando vocês começam a entregar-se à jogatina… Mas se é para ter a oportunidade de ouvir o sr. Settembrini com mais frequência e deixar-me ajudar por sua conversa, eu quase desejo ter febre por um tempo indefinido e ficar preso aqui… Qualquer dia acabarão por dar-me uma irmã muda, para que eu não possa enganá-los.

— Eu repito, Engenheiro, que o senhor é mesmo um pândego — disse o italiano. Despediu-se do modo mais cortês. Ficando a sós com o primo, Hans Castorp não conteve um suspiro.

— Que pedagogo! — exclamou… — Um pedagogo humanista, não há como negar. A cada instante me corrige, ora por meio de historietas, ora de forma abstrata. E a conversa com ele leva a tantos assuntos diferentes… Eu jamais imaginaria que se pudesse falar sobre eles, nem sequer entendê-los. E se o tivesse encontrado lá embaixo, na planície, *por certo* eu não os teria entendido —

acrescentou.

Àquela hora, Joachim costumava permanecer algum tempo em companhia do primo. Sacrificava para isso dois ou três quartos de hora do seu repouso noturno. Às vezes jogavam xadrez na mesinha de Hans Castorp, já que Joachim trouxera lá de baixo um jogo e um tabuleiro. Depois, ia buscar os seus apetrechos e, com o termômetro na boca, instalava-se na sacada, enquanto também Hans Castorp tomava a temperatura pela última vez, ao acompanhamento de música ligeira, cujos sons subiam ora de longe ora de perto, através do vale perdido na noite. Às dez horas terminava o repouso. Ouvia-se Joachim; ouvia-se também o casal da mesa dos “russos ordinários”… E Hans Castorp deitava-se de lado, à espera do sono.

A noite representava a metade mais difícil da jornada, pois Hans Castorp despertava frequentemente e não raras vezes permanecia acordado durante longas horas, fosse porque o calor anormal do seu sangue o impedia de dormir, fosse porque a sua disposição e a sua capacidade para o adormecimento eram diminuídas devido à sua existência que ora se dava por completo na horizontal. Em compensação, as horas de sono vinham animadas por sonhos variados e cheios de vida, sonhos nos quais podia continuar devaneando depois de desperto. Se o dia se tornava breve pela múltipla subdivisão, de noite era a monotonia amorfa do progresso das horas o que produzia o mesmo efeito. Quando chegava a manhã, constituía uma distração observar como o quarto pouco a pouco se tornava cinzento e se revelava, como os objetos se salientavam e depunham o véu que os envolvera, e como a luz lá fora se acendia com um esplendor ora alegre ora avermelhado e turvo. E assim, inopinadamente, vinha outra vez o momento em que o massagista, batendo à porta com seu enérgico punho, anunciava o reinício do programa do dia.

Hans Castorp não levara um calendário para viagem tão curta, e por isso nem sempre tinha noção exata das

respectivas datas. De tempo em tempo pedia ao primo informações a esse respeito, mas Joachim tampouco andava bem orientado nesse sentido. Os domingos, principalmente o do concerto, que acontecia a cada duas semanas, sendo este o segundo que Hans Castorp passava ali em cima, constituíam todavia um ponto de referência para alguns, e portanto era certo que nesse ínterim o mês de setembro avançara bastante e estava próximo do meio. Desde que Hans Castorp se achava na cama, o tempo frio e nublado dera lugar, lá fora no vale, a uns belos dias de fim de verão, inúmeros dias assim, uma série inteira deles, de modo que Joachim entrava todas as manhãs de calças brancas no quarto do primo, e este, de sua parte, não conseguia reprimir uma sensação de sincera contrariedade, uma contrariedade da alma e dos seus jovens músculos, diante da impossibilidade de desfrutar um tempo maravilhoso assim. A meia voz disse certa vez que era até mesmo uma "vergonha" deixá-lo inaproveitado; mas acrescentou, para acalmar-se, que, mesmo se estivesse de pé, tampouco poderia fazer muito mais que agora, visto a experiência lhe proibir o excesso de movimento. E ao menos a porta da sacada, ampla e bem aberta, oferecia-lhe um sabor do brilho quente que havia lá fora, ao ar livre.

No entanto, ao final do prazo que lhe fora imposto, o tempo voltou a mudar. Do dia para a noite tornou-se brumoso e frio. O vale desapareceu numa nevada úmida, e o hálito seco da calefação a vapor encheu o quarto. Assim estava o dia em que Hans Castorp, à visita matinal dos médicos, lembrou o conselheiro áulico de estar acamado há três semanas, e pediu licença para levantar-se.

— Puxa! Já terminou? — disse Behrens. — Deixe ver! De fato, está certo. Meu Deus, como a gente envelhece. Bem, durante todo esse tempo o senhor não fez grandes progressos. Como? Ontem esteve normal? Sim, com exceção da temperatura das seis da tarde. Pois então, Castorp, não quero ser cruel. Vou devolvê-lo à sociedade humana.

Levante-se e passeie, meu amigo. Dentro dos limites indicados, naturalmente! Em breve faremos um retrato do seu interior. Tome nota! — disse ao dr. Krokowski, apontando com o polegar enorme por cima do próprio ombro para Hans Castorp e fitando, ao saírem, o assistente pálido, de olhos azuis, injetados e lacrimosos… Hans Castorp estava livre da “oficina”.

Com a gola do sobretudo levantada e com galochas nos pés, voltou a acompanhar o primo até o banco ao lado do curso d’água e no regresso, não sem ventilar o problema de saber por quanto tempo o conselheiro áulico o teria deixado na cama, caso ele mesmo não o tivesse avisado do fim do prazo. E Joachim, com olhar melancólico e a boca aberta como para proferir um “Ah!” sem esperança, fez no ar o gesto de que certas coisas são mesmo imprevisíveis.

“MEU DEUS, EU VEJO!”

Passou-se uma semana antes que Hans Castorp fosse convidado por intermédio da enfermeira-chefe Von Mylendonk a apresentar-se no laboratório de radiologia. Ele não quisera apressar o curso das coisas. Reinava grande azáfama no Berghof, era evidente que os médicos e empregados tinham muito que fazer. Nos últimos dias haviam chegado novos pensionistas: dois estudantes russos com bastas cabeleiras e com blusas negras, fechadas, que não deixavam a descoberto a menor parte da camisa; um casal holandês, que recebera lugares à mesa de Settembrini; um mexicano corcunda, que assustava os comensais com seus espantosos ataques de dispneia, durante os quais se agarrava com mãos de ferro aos vizinhos, fosse homem ou mulher, forçando-os, apesar de toda a resistência horripilada que lhe opusessem, e dos gritos de socorro que lançassem, a participarem da sua própria angústia. Numa palavra, a sala de refeições estava quase repleta, se bem que a temporada de inverno não começasse antes de outubro. E a pouca gravidade do caso de Hans Castorp, seu grau de enfermidade, mal lhe davam o direito de exigir atenção especial. A sra. Stöhr, por exemplo, por mais estúpida e inculta que fosse, estava indubitavelmente muito mais enferma que ele, e do dr. Blumenkohl era bom nem falar. Seria faltar a todo senso de hierarquia e de distância não observar, no caso de Hans Castorp, uma reserva modesta, tendo-se em conta, sobretudo, que tal mentalidade estava de acordo com o espírito da casa. Os levemente doentes não contavam muito, como Hans Castorp deduzia de conversas que ouvira. Falava-se deles com desdém, conforme a escala de valores ali usada; recebiam olhares de esguelha, não só por parte dos doentes graves e gravíssimos, senão também daqueles que eram igualmente “leves”: agindo assim, estes menosprezavam na verdade a si próprios, mas ao mesmo

tempo salvaguardavam a sua dignidade, por se submeterem à referida escala de valores. Isso é do ser humano. “Bah, esse sujeito!”, diziam um do outro. “Ele não sofre de nada, no fundo. Mal tem o direito de estar aqui. Não tem sequer uma caverna...” Tal era o espírito que reinava no sanatório; era aristocrático, em certo sentido, e Hans Castorp inclinava-se diante dele, por um inato respeito à lei e à ordem, fosse qual fosse sua natureza. Cada terra com seu uso, reza o provérbio. Manifestam pouca cultura os viajantes que zombam dos costumes e dos conceitos dos povos que os acolhem; e muitos são os tipos de qualidades que conferem honra a quem as possui. Mesmo em sua relação com Joachim, Hans Castorp observava um certo respeito e um quê de cerimônia, não só por ser o primo paciente mais antigo e seu guia e cicerone nesse mundo novo, mas antes de tudo por se tratar, sem a menor dúvida, do “mais grave”. Assim sendo, era compreensível uma tendência, comum a todos, de atribuírem ao próprio caso a maior importância possível e exagerarem-lhe a gravidade, na intenção de pertencerem cada qual à aristocracia, ou de se avizinharem dela. O próprio Hans Castorp, quando interrogado à mesa, acrescentava alguns décimos à temperatura verificada, e não deixava de se sentir lisonjeado quando o advertiam com o dedo, como a um grande espertalhão. Mas, não obstante essa pequena gabolice, ainda continuava sendo personagem secundário, de maneira que paciência e discrição constituíam a atitude que lhe convinha.

Reassumira o estilo de vida das três primeiras semanas, aquela vida ao lado de Joachim, familiar, invariável e regrada; e tudo corria à maravilha desde o primeiro dia, como se jamais tivesse sofrido interrupção. Com efeito, esta de agora fora insignificante, como Hans Castorp logo notou, por ocasião do seu reaparecimento à mesa. Verdade é que Joachim, ligando deliberadamente uma importância especial a esse tipo de fatos marcantes, empenhara-se em adornar com algumas flores a mesa do primo ressuscitado. Mas a

recepção por parte dos comensais foi pouco festiva e não se distinguiu quase em nada de outras, anteriores, precedidas de uma separação de três horas, e não de três semanas: não tanto por sentirem indiferença ante sua pessoa singela e simpática, nem porque estivessem por demais ocupados consigo próprios, isto é, com seus corpos tão interessantes, senão pelo fato de não terem consciência do intervalo. E Hans Castorp podia segui-los sem esforço por esse caminho, já que se encontrava em seu lugar à extremidade da mesa, entre a professora e Miss Robinson, como se tivesse feito ali sua última refeição, na véspera.

Se em sua própria mesa não se fazia grande caso do fim do seu retiro, como é que no resto da sala alguém se preocuparia com ele? Ninguém ali o percebera, ninguém mesmo — com exceção única de Settembrini, que ao final da refeição se aproximara para uma saudação amistosa e brincalhona. Hans Castorp sentia-se, na verdade, inclinado a fazer mais uma exceção, a cujo respeito não nos arriscamos a opinar. Afirmava de si para si que Clawdia Chauchat dera pelo seu reaparecimento logo quando entrara, atrasada como sempre, após ter batido a porta envidraçada; tinha certeza de que seus olhos estreitos o haviam fitado, e ele respondera a esse olhar; e mal ela se sentara, voltara-se de novo para o lado dele, sorrindo por cima do ombro, sorrindo como fizera três semanas antes, antes de ele ter ido ao exame médico. E esse gesto fora tão pouco dissimulado, tão desprovido de consideração — de consideração tanto para com ele quanto para com os demais pensionistas — que Hans Castorp vacilava sobre se devia sentir-se deliciado, ou tomar essa atitude por um sinal de desprezo e irritar-se por causa dela. Fosse como fosse, o coração dele se contraíra sob a influência desses olhares, que de um modo fantástico e inebriante tinham negado e desmentido as conveniências segundo as quais ambos se ignoravam; contraíra-se quase dolorosamente, afinal, já no momento em que brandira a porta envidraçada, pois fora com respiração ofegante que

ele aguardara até ali.

Convém ainda acrescentar que o vínculo interior que Hans Castorp dedicava à enferma da mesa dos “russos distintos”, a parte que seus sentidos e seu espírito modesto tomavam nessa pessoa de estatura média, de andar felino e de olhos quirguizes, enfim, sua paixão por ela (permita-se aqui o emprego dessa palavra, embora tal palavra seja “lá de baixo”, uma palavra da planície, e possa despertar a ideia de que valha mencionar aqui aquela cançãozinha “No fundo de minha alma ecoa...”) fez progressos muito grandes no período de reclusão. A imagem dela pairara diante dos olhos dele quando, acordado de madrugada, ele contemplara o quarto que aos poucos se delineava; ou quando, de tardezinha, fixara o olhar no crepúsculo cada vez mais denso (inclusive na hora em que Settembrini ali entrara, acendendo a luz subitamente, fora essa a imagem que ele tivera à frente, com a mais absoluta nitidez, e por isso corara ao ver o humanista); nas maçãs do rosto dela, em sua boca, em seus olhos cuja cor, forma e posição lhe laceravam a alma, em suas costas lânguidas, na vértebra de seu pescoço que despontava do decote da blusa sobre sua nuca, nos braços aureolados pela finíssima gaze, fora nisso tudo que ele ficara pensando durante as tantas horas do dia subdividido — e se antes silenciamos sobre ele servir-se desse meio para fazer as horas passarem tão depressa foi porque participamos com simpatia do desassossego de consciência que assomou em meio à assustadora felicidade causada por essas imagens e visões. Sim, existiam mesclados com isso o susto, o abalo psíquico, a esperança que se perdia no infinito, no vago, na mera aventura, e existiam alegria e medo, um medo tão indefinível, mas que às vezes comprimia de tal modo o coração do jovem — o coração no sentido próprio e fisiológico — que ele então levava uma das mãos à altura desse órgão e a outra à testa (qual uma viseira por cima dos olhos) e murmurava:

— Meu Deus!

Pois atrás da fronte havia pensamentos ou semipensamentos, aos quais, afinal, as ditas imagens e visões deviam sua desmedida doçura; e os quais se referiam à negligência e desconsideração de madame Chauchat, à sua situação de enfermidade, ao realce e ao destaque que o corpo dela recebia em virtude da doença, sim, à corporalização de todo seu ser por meio da doença, da qual ele, Hans Castorp, também iria participar dali por diante, por decisão médica. Atrás de sua fronte, ele compreendeu a liberdade aventurosa com que a sra. Chauchat, ao voltar-se e sorrir para ele, ignorou o fato de ambos ainda não haverem sido apresentados segundo as conveniências sociais, como se ambos não fossem seres sociais e não sentissem necessidade de *falar* um com o outro... E foi precisamente isso que o assustou: e que o assustou da mesma forma como no instante em que ele, na sala de exames, desviara o olhar do torso de Joachim para buscar os olhos do primo; com a diferença de que antes haviam sido a compaixão e o cuidado as causas do susto, e agora havia algo muito diferente em jogo.

Assim, a vida do Berghof, tão confortável e bem-regrada nos limites de sua ambientação, recobrou o curso invariável que lhe era próprio. Hans Castorp, à espera de ser radiografado, continuou a compartilhá-la com o bom Joachim e a fazer, hora por hora, as mesmas coisas que o primo, cuja proximidade parecia fazer bem ao jovem rapaz. Pois, embora se tratasse apenas de uma proximidade entre enfermos, havia nela uma boa parte de honradez militar; uma honradez, na verdade, que despercebidamente já estava a ponto de achar satisfação no serviço representado pelo tratamento, de modo que esse serviço se tornava, por assim dizer, um sucedâneo do cumprimento do dever lá de baixo, e uma profissão substituta: Hans Castorp não era tão estúpido que não percebesse isso tudo de modo claro. Mas sentia muito bem, por certo, o efeito refreador que essa proximidade exercia sobre sua disposição de paisano, e

talvez ela mesma — o exemplo que dava e o controle que exercia — aquilo que o livrava de passos imprudentes e de empresas precipitadas. Pois não lhe escapava o quanto o correto Joachim sofria em razão de determinado perfume de flor de laranjeira que o envolvia diariamente, e cuja atmosfera abrangia um par de olhos castanhos, redondinhos, um pequeno rubi, muita alegria risonha, pouco justificada, e uns seios bem-formados na aparência externa. A razão e a devoção à honra, que faziam que Joachim temesse e evitasse a influência dessa atmosfera, comoviam Hans Castorp, impunham-lhe certo refreamento e certa ordem, e impediam-no, por assim dizer, de pedir à mulher de olhos estreitos que "lhe emprestasse um lápis": algo a que, sem essa proximidade disciplinadora — a julgar pela experiência que tinha —, ele talvez estivesse bastante propenso.

Joachim nunca falava da risonha Marúsia, e esse fato proibia a Hans Castorp falar de Clawdia Chauchat na presença dele. Achava compensação à mesa, trocando secretamente opiniões com a professora sentada à sua direita; esforçava-se por corar as faces da solteirona, mediante algumas piadas a respeito do seu fraco pela graciosa enferma, e ao fazê-lo imitava aquela atitude com que o velho Castorp apoiava dignamente o queixo no nó da gravata. Insistia também com ela para que o inteirasse de novos e interessantes pormenores relativos à situação particular de madame Chauchat, sua origem, seu marido, sua idade e ao caráter da sua doença. Queria saber se ela tinha filhos. Mas por certo que não, não tinha. Uma mulher como esta, com filhos? Provavelmente estava proibida de tê-los, e, por outro lado, que espécie de filhos teria? Hans Castorp teve que lhe dar razão. Opinou, com uma objetividade forçada, que agora já era um pouco tarde. Às vezes, o perfil de madame Chauchat lhe parecia um pouco rígido. Ela já teria passado dos trinta anos? A srta. Engelhart contestou com veemência. Clawdia, trinta? Quando muito,

vinte e oito. E no que se referia a seu perfil, como podia o vizinho dizer uma coisa dessas? O perfil de Clawdia era de uma delicadeza e suavidade puramente juvenis, se bem que fosse um perfil interessante e não o de uma sirigaita qualquer, cheia de saúde. E para castigá-lo a srta. Engelhart acrescentou sem titubear que com frequência a sra. Chauchat recebia visitas de senhores, em particular de um patrício dela que morava em Davos-Platz: recebia-o de tarde, no quarto dela.

Essas palavras acertaram o alvo. O rosto de Hans Castorp crispou-se, apesar de todo o seu esforço, e também era forçada a maneira como proferiu as frases “Imaginem” e “Vejam só”, para passar por cima da novidade. Incapaz de dar pouca importância à existência desse compatriota, como fingira no começo, voltou a falar dele sem cessar, de lábios trêmulos. Era um homem moço?

— Moço e bem-apessoado, segundo ouvi dizer — respondeu a professora. — Não tive ocasião de julgar com meus próprios olhos.

— Doente?

— Quando muito, ligeiramente.

— Tomara — disse Hans Castorp com sarcasmo — que ele mostre um pouco mais de roupa branca do que seus patrícios da mesa dos “russos ordinários”. — E a srta. Engelhart, ainda para castigá-lo, respondeu que podia garantir o contrário. Hans Castorp, terminando por admitir que esse era um assunto merecedor de exame cuidadoso, encarregou-a seriamente de se informar sobre aquele compatriota que com tanta frequência visitava madame Chauchat. Mas, ao invés de trazer notícias a respeito desse ponto, ela comunicou-lhe alguns dias após um fato completamente diverso.

A srta. Engelhart havia descoberto que alguém pintava Clawdia Chauchat, que ela se deixava retratar, e perguntou a Hans Castorp se ele também sabia disso. Podia estar certo de que a notícia procedia de fonte fidedigna. Já desde algum

tempo, ela posava no próprio Berghof, e quem era que lhe fazia o retrato? O conselheiro áulico! O dr. Behrens recebia-a quase diariamente em seu apartamento particular, para esse fim.

Essa novidade tocou Hans Castorp ainda mais que a anterior. Daí para diante passou a fazer uma porção de pilhérias forçadas a esse respeito. Ora, ninguém ignorava que o doutor pintava a óleo. Que queria a professora? Não era coisa proibida, e todo mundo podia fazê-lo. E isso se passava nos aposentos do viúvo? Era de esperar que pelo menos a srta. Von Mylendonk assistisse às sessões.

— Ela não tem tempo para isso.

— Mas tampouco Behrens deve ter mais tempo que a enfermeira-chefe — ponderou Hans Castorp com severidade. Essa observação soou definitiva, mas ele estava longe de abandonar o assunto. Fez toda uma série de perguntas, para saber pormenores e o que mais fosse: quis saber as dimensões do retrato, se era de meio corpo ou corpo inteiro, e a que horas se davam as sessões; mas também nesse ponto a srta. Engelhart mostrou-se incapaz de lhe oferecer detalhes e pediu-lhe que esperasse com paciência os resultados das próximas investigações.

Depois de se ter inteirado dessa notícia, Hans Castorp teve 37,7. Muito mais do que as visitas que a sra. Chauchat recebia, atormentavam-no e inquietavam-no as outras que ela fazia. A própria existência particular e pessoal da sra. Chauchat, independente do seu conteúdo, já começara a causar-lhe sofrimento e desassossego, e quanto não se intensificariam essas sensações quando lhe chegassem aos ouvidos outras insinuações relacionadas a esse conteúdo! Ainda que parecesse perfeitamente possível que as relações entre o visitante russo e sua compatriota fossem de natureza banal e inocente, Hans Castorp sentia-se desde algum tempo inclinado a considerar a banalidade e a inocência como lero-lero. E tampouco podia decidir-se a formar uma opinião diferente quanto à pintura a óleo como base de

relação entre um viúvo de vocabulário robusto e uma moça de olhos rasgados e andar felino. O gosto que o médico manifestara na escolha de seu modelo correspondia por demais ao seu próprio para que pudesse acreditar-lhe no caráter banal, e a recordação das faces azuladas e dos olhos proeminentes, estriados de vermelho, do conselheiro áulico, nada contribuía para diminuir seu ceticismo.

Um fato que Hans Castorp observou nesses dias, casualmente e por conta própria, exerceu sobre ele um efeito diferente, posto que novamente se tratasse de uma confirmação de seu gosto. À mesa transversal da sra. Salomon e do colegial voraz, de óculos, à esquerda da mesa dos primos e nas proximidades da porta lateral, havia um enfermo natural de Mannheim, como Hans Castorp ouvira dizer. Era um moço de trinta anos, pouco mais ou pouco menos, com cabelos ralos e dentadura cariada, e que falava acanhadamente, o mesmo que de vez em quando tocava piano durante a reunião noturna, e quase sempre a marcha nupcial de *Sonho de uma noite de verão*. Diziam que era muito devoto: por motivos óbvios, uma qualidade não rara entre as pessoas aqui em cima, conforme Hans Castorp ouvira dizer. Soubera também que o moço assistia todos os domingos ao serviço religioso em Davos-Platz e lia durante o repouso livros edificantes, com um cálice ou um ramo de palmeira na capa. E justamente esse rapaz — foi o que Hans Castorp notou um belo dia — dirigia seus olhares ao mesmo ponto que ele próprio; cravava-os na graciosa pessoa de madame Chauchat, e isso de um modo entre tímido e indiscreto, que tocava as raias do canino. Hans Castorp, após ter observado essa atitude pela primeira vez, não pôde deixar de verificá-la com muita frequência. Via o moço pela noite, na sala de jogo, entre os pensionistas, melancólico e absorto pelo aspecto da mulher formosa, apesar de contaminada, que se achava sentada ali, no sofá do pequeno salão, a conversar com Tamara (assim se chamava a mocinha humorística, de cabelos lanosos), com o dr.

Blumenkohl e com os cavalheiros de peito côncavo e ombros caídos, da sua mesa. Via-o voltar-se, ir à toa de cá para lá, e virar de novo a cabeça lentamente por cima do ombro, olhando de esguelha naquela direção, com uma contração lamentável do lábio superior. Via-o empalidecer e baixar os olhos, que imediatamente depois levantava outra vez, sempre que se cerrava a porta envidraçada e a sra. Chauchat deslizava até seu lugar. E observou diversas vezes como o coitado se plantava, após a refeição, entre a saída e a mesa dos “russos distintos”, para deixar a sra. Chauchat passar bem perto dele e para devorar, com os olhos cheios de tristeza até o fundo da alma, a mulher que nem dava por sua presença.

Também essa descoberta impressionou consideravelmente o jovem Hans Castorp, embora a mísera indiscrição do rapaz de Mannheim não o pudesse inquietar da mesma forma que as relações particulares entre Clawdia Chauchat e o conselheiro Behrens, esse homem que lhe era tão claramente superior em relação à idade, personalidade e posição que ocupava na vida. Clawdia absolutamente não se preocupava com o moço de Mannheim. Se fosse diferente, o fato não teria escapado à atenção aguçada de Hans Castorp. Não era, portanto, o aguilhão antipático do ciúme cuja picada ele sentia no coração. Mas o jovem experimentava todas as sensações que costumam experimentar a embriaguez e a paixão quando, no mundo exterior, topam com a imagem de si mesmas, para então formar a mais estranha mescla de sentimentos de repugnância e solidariedade. É impossível analisar e estudar tudo isso, se é que desejamos levar avante nossa narrativa. Seja como for — aquilo que a observação do moço de Mannheim deu a pensar ao pobre Hans Castorp foi forte demais para seu estado de alma.

Assim se passaram os oito dias até o da radioscopia de Hans Castorp. Ele não soubera que esse seria o prazo, mas quando certa manhã, na hora do café, a superiora (ela

estava de novo com um terçol, que não podia ser o mesmo; parecia ser-lhe inerente o pendor a esse mal inofensivo, mas desfigurador) deu-lhe ordem de se apresentar de tarde no laboratório, haviam decorrido precisamente oito dias. Hans Castorp devia aparecer em companhia do primo, meia hora antes do chá, pois ao mesmo tempo se tiraria um novo retrato do interior de Joachim, visto a última radiografia dele ter sido feita havia muito tempo.

Cortaram, pois, nesse dia, uns trinta minutos do repouso principal e desceram às três e meia em ponto pela escadaria de pedra até o porão fictício. Lado a lado, estavam sentados na pequena sala de espera que separava o gabinete de consultas do laboratório de radioscopia. Joachim, para quem essas coisas não representavam nada de novo, parecia completamente calmo; Hans Castorp, porém, achava-se numa expectativa um tanto febril, já que até esse momento nunca haviam lançado olhares na vida interior de seu organismo. Não estavam sós. Quando entraram, já se encontravam na peça alguns pensionistas, com revistas surradas sobre os joelhos, e que esperavam como eles; havia lá um jovem gigante sueco, que na sala de refeições tinha o seu lugar à mesa de Settembrini, e do qual se dizia que, na época da sua chegada, em abril, estivera tão doente que haviam hesitado em admiti-lo; desde então, porém, aumentara oitenta libras e estava a ponto de receber alta como totalmente curado; além dele, estava lá uma senhora da mesa dos "russos ordinários", uma mãe de mísero aspecto, com seu filho ainda mais mísero, um garoto feio e narigudo de nome Sacha. Essas pessoas esperavam havia mais tempo do que os primos. Evidentemente, entrariam antes deles. Decerto se produzira algum atraso na sala de radioscopia, a perspectiva era a de beber chá frio.

No gabinete estavam ocupados. Ouvia-se a voz do conselheiro áulico, que dava ordens. Já haviam passado as três e meia quando a porta foi aberta — quem a abriu foi um assistente técnico que trabalhava nessa seção. Mandaram

entrar o gigante sueco, aquele felizardo. Sem dúvida, o seu antecessor fora-se por outra porta. Desse momento em diante, as coisas se desenrolaram mais depressa. Ao cabo de dez minutos já se ouviam os vigorosos passos do escandinavo completamente curado, essa publicidade ambulante do lugar e do sanatório, que se afastava pelo corredor. Foi, então, recebida a mãe russa com Sacha. Mais uma vez, como por ocasião da entrada do sueco, Hans Castorp notou que na sala de radioscopia reinava penumbra, isto é, uma meia-luz artificial, exatamente como do outro lado, no gabinete analítico do dr. Krokowski. As janelas estavam cobertas de cortinas; a luz do dia estava excluída, e luziam apenas algumas lâmpadas elétricas. Enquanto Sacha e sua mãe eram chamados a entrar e Hans Castorp os acompanhava com os olhos, descerrou-se, nesse preciso momento, a porta do corredor, e o enfermo seguinte entrou na sala de espera, muito cedo, em vista das notícias sobre o atraso dos exames. Era madame Chauchat.

Era mesmo Clawdia Chauchat, de repente ali, naquele quartinho; Hans Castorp, de olhos arregalados, reconheceu-a, sentiu o sangue fugir do próprio rosto e seu maxilar inferior embotar-se, até a boca estar a ponto de se abrir sozinha. A entrada de Clawdia efetuara-se de modo despercebido, inopinado, e de chofre ela estava com os primos, compartilhando com eles o recinto onde um segundo antes ainda não estivera. Joachim lançou um olhar rápido para Hans Castorp, e logo após não somente baixou os olhos como tornou a tirar da mesa a revista ilustrada que depusera pouco antes, e escondeu o rosto atrás das folhas desdobradas. Hans Castorp não teve bastante energia para fazer o mesmo. Depois de empalidecer, corou violentamente; o coração pulsava-lhe descompassado.

A sra. Chauchat sentou-se junto à porta do laboratório, numa pequena poltrona redonda de braços um tanto estropiados, como que rudimentares. Recostando-se, cruzou ligeiramente as pernas e olhou para o vazio, enquanto seus

olhos de Pribislav, desviados nervosamente pela consciência de estar sendo observada, pareceram quase vesgos. Trazia suéter branco, saia azul e tinha sobre os joelhos um livro da biblioteca local. Batia de leve com a sola do pé que apoiara no assoalho.

Bastou um minuto e meio para mudar de atitude. Olhou em redor de si. Levantou-se com a expressão de quem está indeciso e não sabe aonde dirigir-se. E começou a falar. Perguntou alguma coisa. Dirigiu a palavra a Joachim, muito embora este parecesse absorto na leitura da revista, ao passo que Hans Castorp ali se achava sem nada fazer. Formava palavras na boca, emprestando-lhes a voz que saía da garganta branca. Era aquela voz pouco grave, um tanto áspera, agradavelmente velada, que Hans Castorp conhecia — conhecia desde muito tempo e já ouvira uma vez, a seu lado, no dia em que lhe dissera: “Com muito prazer. Mas você deve devolvê-lo sem falta depois da aula”. Aquelas frases haviam sido proferidas com mais fluência e maior decisão; agora, porém, as palavras chegavam um pouco arrastadas e trôpegas. Quem as proferia não tinha um direito natural de usá-las; tomava-as apenas de empréstimo, como Hans Castorp já diversas vezes a ouvira fazer, experimentando em si mesmo certo sentimento de superioridade, envolvido em deleite. Com uma das mãos no bolso do casaquinho de lã e a outra na nuca, perguntou a sra. Chauchat:

— Por favor, qual é a hora que marcaram para o senhor?

E Joachim, após ter relanceado os olhos para o primo, respondeu, juntando os calcanhares, mas permanecendo sentado:

— Três e meia.

Ela voltou a falar:

— A minha hora é três e quarenta e cinco. Que é que há? São quase quatro horas. Alguém entrou agora, não é?

— Sim, duas pessoas — explicou Joachim. — As que estavam na nossa frente. O serviço está atrasado. Parece

que o atraso é de meia hora.

— Que coisa desagradável! — disse ela, apalpando o penteado num gesto nervoso.

— Bastante — tornou Joachim. — Nós também já estamos esperando há quase meia hora.

Assim conversaram, e Hans Castorp escutou-os como que num sonho. Que Joachim falasse com a sra. Chauchat era quase como se ele mesmo o fizesse — se bem que, por outro lado, fosse muito diferente. Aquele "bastante" chocara Hans Castorp; a resposta pareceu-lhe petulante ou ao menos estranhamente fria, em face das circunstâncias. Mas, afinal, Joachim podia falar assim — podia *falar* com ela, o que em si era bastante significativo, e talvez até se gabasse de seu "bastante", com o mesmo ar de importância que Hans Castorp assumira perante Joachim e Settembrini quando, ao lhe perguntarem quanto tempo pretendia permanecer em Davos, respondera: "Três semanas". Fora a Joachim que ela dirigira a palavra, não obstante ele haver escondido o rosto atrás do jornal. Sem dúvida fizera-o por ser o primo o pensionista mais antigo, a quem conhecia de vista havia mais tempo. Mas também por outra razão: entre ela e Joachim tinham cabimento relações civilizadas e uma troca de palavras articuladas; nada de selvagem, profundo, terrível e misterioso existia entre eles. Se uma certa pessoa de olhos castanhos, com um anel de rubi e um perfume de flor de laranjeira, houvesse esperado ali, perto deles, teria cabido a Hans Castorp tomar as rédeas da conversa e dizer "bastante", independente e puro como se sentia em relação a ela. "Com efeito, bastante desagradável, senhorita", teria dito e talvez, com um gesto desenvolto, tivesse tirado o lenço do bolso do paletó a fim de se assoar. "Tenha paciência, por favor. Estamos todos no mesmo barco." E Joachim teria admirado sua leviandade — provavelmente sem experimentar o desejo sério de substituí-lo. Não, dada a situação, Hans Castorp tampouco teve ciúmes de Joachim, não obstante haver sido do primo a oportunidade de falar

com a sra. Chauchat. Estava de acordo com ela haver se dirigido a Joachim. Assim fazendo, ela levara em conta as circunstâncias e dera sinais de ter consciência delas... O coração dele martelava.

Após o tratamento displicente que a sra. Chauchat recebera da parte de Joachim, e no qual Hans Castorp até notara certa hostilidade contra a companheira de enfermidade — algo que o levou a sorrir apesar de toda sua agitação —, “Clawdia” tentou dar um passeio pela peça; mas, como faltasse espaço para isso, aproximou-se também da mesa, tirou dela uma revista ilustrada e voltou à poltrona dos braços rudimentares. Hans Castorp permaneceu sentado, a contemplá-la, imitando o jeito do avô de apoiar o queixo na gravata, a ponto de se parecer ridiculamente com o velho. Como a sra. Chauchat voltara a cruzar as pernas, a esbeltez das linhas, do joelho para baixo, tornou-se nítida sob a saia de tecido azul. Era de estatura apenas mediana, uma estatura agradável e harmoniosa aos olhos de Hans Castorp, mas tinha as pernas relativamente compridas e as cadeiras pouco largas. Não estava recostada na poltrona, mas inclinada para a frente, de pernas cruzadas, com os antebraços superpostos apoiados sobre a coxa, as costas e os ombros curvados para a frente, a ponto de se salientarem as vértebras da nuca, e sua coluna quase delinear-se sob o suéter muito justo, ficando comprimidos, de ambos os lados, os seios que não eram opulentos e altos como os de Marúsia, mas pequenos como os de uma menina. De súbito Hans Castorp lembrou-se de que também ela se achava à espera da radioscopia. O conselheiro áulico pintava-a, reproduzia-lhe sobre uma tela a aparência exterior, com óleo e corantes. Dentro em breve, porém, na penumbra, dirigiria sobre ela os raios que lhe revelariam o interior do corpo. E, ao pensar nisso, Hans Castorp voltou a cabeça com um ensombramento pudico da sua fisionomia e com aquele ar de discrição e reserva que lhe parecia adequado a essa visão.

Não foi por muito tempo que ficaram assim, reunidos a três, na salinha de espera. Lá dentro não haviam feito grandes cerimônias, liquidaram com rapidez os casos de Sacha e sua mãe, era questão de recuperar logo o tempo perdido. O técnico de jaleco branco voltou a abrir a porta, Joachim atirou a revista sobre a mesa enquanto se levantava, e Hans Castorp seguiu-o em direção à porta, não sem uma hesitação íntima: foi tomado por escrúpulos de bom cavalheiro, e veio com eles a tentação de, apesar de tudo, dirigir-se educadamente à sra. Chauchat e oferecer-lhe a precedência, talvez até em francês, se possível; procurou apressadamente os vocábulos e ponderou a sintaxe. Mas ignorava se esse tipo de galanteria era usual por aqui, talvez a ordem estabelecida ficasse acima de todo cavalheirismo. Joachim devia sabê-lo, e como não fizesse menção de ceder o seu lugar à senhora presente, apesar dos olhares comovidos e insistentes de Hans Castorp, este seguiu os passos do primo em direção à porta e, depois de passar pela sra. Chauchat, que continuava em sua posição inclinada e mal levantara os olhos, entrou no laboratório.

Estava atordoado demais pelo que deixou atrás de si e pelas aventuras dos dez últimos minutos para que a transferência de seu corpo ao gabinete de radioscopia pudesse produzir também uma modificação imediata de seu estado de alma. Não via nada ou tinha apenas percepções muito vagas nessa meia-luz artificial. Ainda ouviu a voz velada e agradável da sra. Chauchat, e como ela disse:

— Mas que é isso?… E umas pessoas ainda acabaram de entrar… Que coisa desagradável…

E o som dessa voz lhe descia docemente pelas costas, fazendo-o estremecer. Via o joelho delineado sob o pano da saia; via as vértebras do pescoço salientarem-se na nuca curvada, por baixo dos curtos cabelos arruivados que nesse lugar pendiam frouxos, sem terem sido presos na trança, e um novo tremor passou-lhe pelo corpo. Deparou com o conselheiro Behrens, de costas para os recém-entrados, em

pé diante de um armário ou estante saliente, e viu-o examinar uma chapa escura que, com o braço estendido, mantinha nas proximidades da lâmpada fosca do teto. Passando ao lado dele, chegaram ao fundo da sala, precedidos pelo técnico que fazia os preparativos para o exame. Pairava ali um cheiro esquisito. Uma espécie de ozônio deteriorado enchia a atmosfera. Entre janelas cobertas de preto, uma estante embutida dividia o gabinete em duas partes desiguais. Distinguiam-se equipamentos de física, lentes côncavas, quadros de distribuição elétrica, instrumentos para medir, mas também uma caixa parecida com uma máquina fotográfica sobre uma armação de rodas, e dispositivos de vidro, embutidos em fileiras na parede. Não se sabia onde se estava, se no ateliê de um fotógrafo, uma câmara escura ou uma oficina de inventor e gabinete técnico de um bruxo.

Sem perder tempo, Joachim começou a desnudar-se até a cintura. O técnico, um jovem suíço atarracado, de faces rosadas, pediu a Hans Castorp que fizesse o mesmo. Acrescentou que os exames eram feitos rapidamente e que logo a seguir seria a vez dele... Enquanto Hans Castorp despia o colete, Behrens saiu da parte menor do recinto e foi ter com eles, na outra, mais espaçosa.

— Olá! — disse. — Vejam só os nossos Dióscuros! Castorp e Pólux!... Por favor, nada de gemidos! Esperem um pouco, num instante os veremos por dentro. Parece, Castorp, que o senhor tem medo de nos revelar o seu interior. Fique tranquilo, que tudo se passará segundo as regras da estética. Olhe aí, já viu minha galeria particular? — E, tomando Hans Castorp pelo braço, conduziu-o àquelas fileiras de vidros escuros, e, dando volta a um comutador, acendeu a luz atrás delas. Eis que os vidros, iluminando-se, mostraram as suas imagens. Hans Castorp viu membros — mãos, pés, rótulas, pernas, coxas, braços e partes de bacias. Mas a forma viva, arredondada, daqueles fragmentos do corpo humano era fantasmagórica e de contornos vagos;

circundava, como uma névoa ou uma aura pálida, o núcleo que ressaltava, clara, minuciosa e decididamente: o esqueleto.

— Muito interessante — disse Hans Castorp.

— É de fato interessante! — retrucou o conselheiro áulico. — Uma aula prática muito útil para pessoas jovens. Anatomia radiológica, compreende? Um triunfo dos tempos modernos. Isto aqui é um braço de mulher, como o senhor pode perceber pela sua delicadeza. É com isso que nos cingem nas horas de amor, sabe? — E pôs-se a rir, o que fazia levantar-se apenas de um lado o lábio superior com bigodinho aparado. Em seguida apagaram-se as chapas. Hans Castorp voltou-se para onde estava sendo preparada a radiografia de Joachim.

Isso se dava à frente do móvel embutido em cujo outro lado o conselheiro áulico se achava momentos antes. Joachim sentara-se numa espécie de tamborete de carpinteiro, diante de uma tábua contra a qual apertava o peito, enquanto a abraçava. O técnico corrigia-lhe a posição com movimentos moldadores, fazendo avançar mais as espáduas de Joachim e massageando-lhe as costas. Depois, encaminhou-se para trás da máquina fotográfica, para focalizar, encurvado e de pernas separadas, como um fotógrafo qualquer, até que se mostrou satisfeito e, afastando-se, recomendou a Joachim que inalasse o ar profundamente e prendesse a respiração até tudo estar pronto. As costas arredondadas de Joachim dilataram-se, depois imobilizaram-se. Nesse momento, o técnico fez a manobra adequada no quadro de distribuição. Durante dois segundos operaram energias terríveis cujo dispêndio era necessário para atravessar a matéria, correntes de milhares de volts, de cem mil, como Hans Castorp julgava lembrar-se. Mal as forças se viam dominadas em prol desse objetivo, procuravam escapar-se por um desvio. Descargas estouravam como disparos. Chispas azuis percutiam num aparelho de medição. Relâmpagos compridos passavam

crepitando ao longo da parede. Uma luz vermelha, semelhante a um olho, mirava o recinto, impassível e ameaçadora, de um lugar qualquer, e um frasco nas costas de Joachim enchia-se de algo verde. Depois, tudo sossegou; desapareceram os fenômenos luminosos, e com um suspiro Joachim soltou o ar retido nos seus pulmões. Estava tudo terminado.

— O próximo réu! — chamou Behrens, dando uma cotovelada em Hans Castorp. — Não faça cera! O senhor vai ganhar uma cópia gratuita, Castorp. Assim, para divertir os filhos e netos, poderá projetar-lhes na parede os segredos que guarda no peito.

Joachim retirara-se, e o técnico já estava mudando a chapa. O conselheiro instruiu pessoalmente o novato acerca do modo de se sentar e se agarrar.

— Abraçar! — disse. — Dê um abraço à tábua! Por mim, pode imaginar-se abraçado ao que quiser! Só aperte o peito firmemente, como se isso lhe trouxesse uma profunda sensação de felicidade! Assim está bem. Respire! Não se mexa! — ordenou. — E agora sorria! — Hans Castorp esperava de olhos piscos, com os pulmões repletos de ar. Atrás dele irrompeu a tempestade, estourando, pipocando, crepitando, e depois amainou. A objetiva contemplara seu interior.

Ergueu-se, perturbado e aturdido pelo que acabava de lhe acontecer, ainda que a penetração nem de leve se lhe tivesse tornado sensível.

— Ótimo! — elogiou o conselheiro áulico. — Agora vamos ver com os nossos próprios olhos.

E Joachim, como era de seu feitio, de pronto encaminhara-se mais ao fundo da sala, para se colocar nas proximidades da porta de saída, junto a um tripé. Tinha às costas o volumoso aparelho, em cuja parte traseira se notava uma ampola de vidro, semicheia de água, com um tubo de evaporação; e diante de si, à altura do peito, um anteparo emoldurado, suspenso em roldanas. À sua esquerda, no

meio de um quadro de distribuição e de outro instrumental, elevava-se um globo vermelho com uma lâmpada, que foi acesa pelo conselheiro áulico, montado sobre o tamborete à frente do anteparo. Apagou-se a luz do teto, e somente a vermelha iluminava a cena. Com um rápido gesto, o mestre fez desaparecer também esta, e profundas trevas envolveram as pessoas presentes.

— Antes de tudo os olhos têm de se adaptar — ouviu-se a voz do conselheiro através da escuridão. — É preciso que as nossas pupilas se alarguem imensamente, como as dos gatos, para que possamos enxergar o que queremos descobrir. Os senhores compreendem que não poderíamos enxergar tal coisa direito, com os nossos olhos ordinários, habituados à luz do dia. Antes de começarmos, devemos esquecer o dia claro com suas imagens alegres.

— Lógico — disse Hans Castorp, que se achava de pé atrás do médico. Fechou os olhos, pois tanto fazia tê-los abertos ou cerrados, tão negra era a noite. — É necessário que os olhos tomem um banho de escuridão, para que possam enxergar uma coisa dessas. Isso está claro. Acho até conveniente e indicado que a gente aproveite esse tempo para se concentrar um pouco, numa prece silenciosa, por assim dizer. Estou aqui de olhos fechados e sinto uma sonolência agradável. Mas que cheiro é esse?

— Oxigênio — explicou o conselheiro —; é o oxigênio que o senhor sente no ar. O produto atmosférico da nossa tempestade particular, compreende?... E agora abra os olhos! — acrescentou. — Já vai começar a evocação. — Hans Castorp obedeceu depressa.

Ouviu-se a mudança de uma alavanca de lingueta. Um motor sobressaltou-se, pôs-se a cantar furiosos agudos, mas logo foi regulado por uma segunda manobra. O chão vibrava ritmicamente. A luzinha vermelha, oblonga e vertical, encarava-os, como uma ameaça muda. Em qualquer parte crepitou um relâmpago. E lentamente, com um brilho leitoso, qual uma janela que se iluminasse, ressaltou das

trevas o pálido retângulo do anteparo luminoso, diante do qual o conselheiro Behrens cavalgava o seu tamborete de sapateiro, com as coxas escancaradas, e com os punhos fincados nelas, apertando o nariz achatado contra a vidraça que lhe permitia a visão interior de um organismo humano.

— Está vendo, rapaz? — perguntou... Hans Castorp inclinou-se por cima do ombro dele, mas tornou a levantar a cabeça para olhar na direção onde supunha estarem, no meio da escuridão, os olhos de Joachim, que provavelmente tinham aquela mesma expressão meiga e triste do último exame. E perguntou ao primo:

— Você me permite?

— Pois não — respondeu Joachim generosamente, de dentro de suas trevas.

O chão continuava vibrando, e as energias em ação estalavam e rumorejavam, enquanto Hans Castorp, curvado, espiava pela lívida janela, espiava através da ossatura vazia de Joachim Ziemssen. O esterno confundia-se com a espinha dorsal numa espécie de coluna escura, cartilaginosa. A fileira anterior das costelas estava entremeada pela das costas, que parecia mais pálida. As clavículas, em elegante curva, bifurcavam-se mais acima, para ambos os lados, e na suave auréola dos contornos da carne exibia-se, seco e nítido, o esqueleto dos ombros, a juntura dos úmeros de Joachim. Era muito clara a cavidade do peito, mas distinguia-se um sistema de veias, manchas escuras, em negrejante crespidão.

— Imagem clara — disse o conselheiro áulico. — Isso sim é magreza distinta, a juventude militar. Já me apareceram umas panças aqui... Impenetráveis, quase não se distinguia nada. Ainda estão por inventar raios capazes de atravessar camadas de banha iguais a essas... Este aqui, sim, é um trabalho limpo. Pode ver o diafragma? — perguntou, apontando com o dedo para o arco escuro que subia e descia na parte inferior da janela... — Está vendo, à esquerda, essas bossas, essas protuberâncias? É a pleurisia

que ele teve faz quinze anos... Respire profundamente! — ordenou. — Mais! Eu disse: “Profundamente!”. — E o diafragma de Joachim erguia-se, trêmulo, o mais alto que podia. Notava-se um clareamento nas regiões superiores do pulmão, mas o conselheiro não estava satisfeito. — Insuficiente — observou. — O senhor vê os hilos? Veja as aderências! Está vendo as cavernas? É daí que vêm as toxinas que o embriagam. — Mas a atenção de Hans Castorp achava-se toda absorvida por alguma coisa parecida com um saco, qualquer massa estranha, como que animalesca, que aparecia, escura, atrás da coluna central, na sua maior parte à direita do espectador — massa que regularmente se dilatava e se contraía, um pouco à maneira de uma medusa a nadar.

— O senhor está vendo o coração? — perguntou o conselheiro, desprendendo novamente a manzorra da coxa e designando com o indicador aquele saco palpitante...

Deus do céu, era o coração. Hans Castorp estava vendo o coração honroso de Joachim.

— Estou vendo seu coração! — disse com voz estrangulada.

— Pois não, à vontade — tornou Joachim, e sem dúvida sorria, resignado, ali na escuridão. Mas o médico mandou-os calar e que deixassem de sentimentalismos. Estudou as manchas e as linhas, a crespidão preta na cavidade interior do peito, e, enquanto isso, Hans Castorp tampouco se cansava de olhar a forma sepulcral de Joachim, seu esqueleto, essa armação descarnada, esse escanifrado “*memento mori*”[1]. Sentia-se cheio de devoção e de terror.

— Sim, sim, eu vejo — disse diversas vezes. — Meu Deus! Eu vejo!

Ouvira falar de uma mulher, uma parenta, havia muito falecida, da família Tienappel, distinguida pelo dom, ou talvez pela desgraça, de uma visão sinistra, que suportara com toda a humildade: as pessoas que morreriam em breve apareciam-lhe sob a forma de esqueletos. Deste modo é que

Hans Castorp via o bom Joachim, embora com a ajuda e por meio da aparelhagem da ciência física e óptica, de maneira que isso não queria dizer grande coisa e nada havia de sobrenatural, tratando-se ademais de um espetáculo que o primo lhe permitira expressamente. No entanto, de repente sentiu-se tomado de uma profunda compreensão ante o destino melancólico daquela tia visionária. Violentamente emocionado pelo que via, ou, no fundo, pelo fato de o ver, tinha a alma acossada por dúvidas secretas, a ponto de se perguntar se tudo aquilo se passava de forma lícita, se a sua visão, naquelas trevas vibrantes e chispantes, era de fato inocente; e no seu peito mesclava-se o angustiante prazer da indiscrição com os sentimentos de comoção e piedade.

Mas, poucos minutos após, ele mesmo se achava no pelourinho, em plena tempestade, enquanto Joachim vestia o seu corpo que tornara a ser opaco. O conselheiro áulico voltava a mirar através da vidraça leitosa; dessa vez esquadrinhava o interior de Hans Castorp, e das suas observações feitas a meia voz, de certos resmungos abruptos e de algumas expressões vagas, parecia deduzir-se que o resultado correspondia às suas expectativas. Terminada a radioscopia, teve ainda a amabilidade de permitir que o paciente, a seus rogos insistentes, contemplasse a própria mão através do anteparo luminoso. E Hans Castorp viu o que devia ter esperado, mas que, em realidade, não cabe ver ao homem, e que jamais teria crido poder ver: lançou um olhar para dentro do seu próprio túmulo. Viu, antecipado pela força dos raios, o futuro trabalho da decomposição; viu a carne em que vivia, solubilizada, aniquilada, reduzida a uma névoa inconsistente, em meio à qual se destacava o esqueleto minuciosamente plasmado da sua mão direita, e em torno da primeira falange do dedo anular pairava, preto e frouxo, o anel-sinete que o avô lhe legara, um objeto duro desta terra, com o qual os homens adornam esse seu corpo destinado a desfazer-se, para que ele, o objeto, fique novamente livre e

se possa enfiar em outra mão que o use durante algum tempo. Com os olhos daquela parenta da família Tienappel, contemplou uma parte familiar do seu corpo, estudou-a com olhos videntes e penetrantes, e pela primeira vez na vida compreendeu que estava destinado a morrer. Enquanto isso, sua fisionomia tomou aquela expressão que costumava assumir quando ouvia música — expressão bastante tola, sonolenta e piedosa, com a boca entreaberta e a cabeça inclinada para um ombro. O conselheiro disse:

— Fantasmagórico, hein? Sim senhor, inegavelmente há nisso qualquer coisa de fantasmagoria.

E mandou parar as energias. O chão serenou; esvaíram-se os fenômenos luminosos; a janela mágica voltou a envolver-se em trevas. A luz do teto foi acesa. E, enquanto também Hans Castor se vestia, Behrens dava aos jovens alguns esclarecimentos a respeito das suas observações, levando em conta os reduzidos conhecimentos dos dois, como leigos. No que se referia a Hans Castorp, o resultado óptico confirmou o acústico com toda a precisão que a honra da ciência podia exigir. Haviam sido visíveis os lugares antigos tanto como outros, recentes, e partindo dos brônquios estendiam-se "cordões" órgão adentro, muito adentro — "cordões com nódulos". Hans Castorp poderá verificá-los com seus próprios olhos, em breve lhe será entregue um pequeno dispositivo.

— Por conseguinte, calma, paciência, disciplina viril! Comer, tirar a temperatura, repousar, esperar, não ter pressa. — Com isso voltou-lhes as costas. Eles se foram. Hans Castorp, ao sair atrás de Joachim, olhou por cima do ombro. Admitida pelo técnico, a sra. Chauchat entrava no laboratório.

LIBERDADE

Quais eram, afinal, as impressões do jovem Hans Castorp? Parecia-lhe que as sete semanas que ele comprovadamente já passara com as pessoas aqui em cima não fossem mais que sete dias? Ou parecia-lhe, pelo contrário, que já vivia nesse lugar havia muito, mas muito mais tempo do que em realidade se passara? Ele mesmo ventilava esse problema, tanto de si para si, como também interpelando Joachim, sem, no entanto, chegar a resolver a questão. Uma coisa e outra, provavelmente, eram verdade: ao seu olhar retrospectivo, o tempo ali passado afigurava-se tanto excessivamente longo como excessivamente breve. Um único aspecto desse tempo, entretanto, escapava-lhe sempre: a sua duração real — admitindo-se ser o tempo um fenômeno natural e ser lícito relacionar com ele o conceito de realidade.

Fosse como fosse, o mês de outubro estava prestes a começar; podia chegar a qualquer instante. Era fácil para Hans Castorp fazer as contas; além do mais, as conversas dos seus companheiros de enfermidade, que escutava por acaso, chamavam-lhe a atenção sobre esse fato.

— Vocês sabem que daqui a cinco dias será novamente o fim do mês? — ouviu dizer Hermine Kleefeld, que se dirigia a dois rapazes da sua turma, o estudante Rasmussen e aquele indivíduo beiçudo, de nome Gänser. Estavam tagarelando depois da refeição principal, entre as mesas, por cima das quais pairava cheiro de comida. Ainda hesitavam em se recolher e em começar o repouso. — Primeiro de outubro — continuou a moça. — Eu mesma vi na folhinha do escritório. É o segundo da mesma espécie que passo neste oásis de prazer. Bem, acabou-se o verão, se é que tivemos verão. A gente se sente roubada, como nos roubaram a vida, sob todos os pontos de vista. — E soltou um suspiro do seu meio pulmão, sacudindo a cabeça e fitando o teto com os olhos

velados de estupidez. — Ânimo, Rasmussen! — acrescentou, dando uma palmada no ombro caído do companheiro. — Conte-nos algumas anedotas!

— Sei muito poucas — replicou Rasmussen, com as mãos pendentes como barbatanas, à altura do peito. — E não consigo contá-las bem, estou sempre muito cansado.

— Nem um cachorro — murmurou Gänser entre dentes — gostaria de viver assim, ou de modo semelhante, por muito tempo. — E todos riram, dando de ombros.

Também Settembrini, com seu palito entre os lábios, andava por perto, e ao saírem disse a Hans Castorp:

— Não lhes dê crédito, Engenheiro, nunca lhes dê crédito quando resmungam! Todos o fazem, sem exceção, se bem que se sintam aqui como em casa, mais do que em casa, mais do que lhes convém. Levam uma vida de vadios e ainda exigem compaixão. Julgam-se com direito de serem amargos, irônicos, cínicos. “Neste oásis de prazer!” Acaso não é um oásis de prazer? A mim, parece ser, e isso no sentido mais equívoco da palavra. “Roubada”, disse essa fêmea, “roubaram-me a vida neste oásis de prazer!” Mas dê-lhe alta e mande-a para a planície, e a vida que ela levará lá embaixo manifestará apenas uma única coisa: o seu ardente desejo de voltar para cá o mais depressa possível. Sim senhor, a ironia! Acautele-se com o tipo de ironia que cultivam aqui, meu caro Engenheiro! Acautele-se, em geral, com essa atitude de espírito! Onde ela não é um meio correto e clássico da eloquência, perfeitamente compreensível a qualquer intelecto sadio, chega a ser licenciosidade, torna-se um obstáculo à civilização, um namorico escabroso com a estagnação, com o vício, com o oposto do espírito. Uma vez que a atmosfera em que vivemos favorece altamente o desenvolvimento dessa flor dos pântanos, posso esperar ou devo até temer que o senhor me compreenda.

Com efeito, as palavras do italiano eram de tal gênero que, se Hans Castorp as tivesse ouvido seis semanas antes, lá nas

terras baixas, teriam representado para ele sons vazios de significado. Mas a permanência aqui em cima fizera-lhe o espírito mais receptivo; receptivo no sentido de uma compreensão intelectual, sem implicar ao mesmo tempo o da simpatia, o que talvez seja ainda mais significativo. Ficava satisfeito, no seu íntimo, porque Settembrini, depois de tudo o que acontecera, ainda continuava falando com ele à sua maneira, continuava dando-lhe instruções e advertências e procurava influenciá-lo; e todavia a sua receptividade intelectual se refinara de tal modo que era capaz de formar uma opinião acerca das palavras do italiano e negar-lhes, pelo menos até certo ponto, a sua aprovação. “Imaginem”, disse para si mesmo, “ele fala da ironia pouco mais ou menos da mesma forma como da música. Só falta que a chame de ‘politicamente suspeita’, a partir do momento em que ela deixe de ser ‘um meio de ensino correto e clássico’. Mas uma ironia que em nenhum instante desse lugar a equívocos — que ironia seria essa? — pergunto eu, uma vez que se trata de dar a minha opinião. Árida e professoral, eis o que ela seria!” Quão ingrata, a juventude em formação. Aceita os presentes, para logo criticá-los por seus defeitos.

No entanto, achou muito arriscado expressar essas ideias recalcitrantes. Limitou suas objeções ao juízo que o sr. Settembrini fizera de Hermine Kleefeld, juízo que lhe pareceu injusto ou que, por certos motivos, quis que fosse como tal.

— Mas esta moça está enferma! — ele disse. — Está, sem sombra de dúvida, muito doente e tem toda a razão de se desesperar. Que o senhor quer que ela faça?

— A doença e o desespero — retrucou Settembrini — muitas vezes não são mais que formas de licenciosidade.

“E Leopardi?”, pensou Hans Castorp. “Ele desesperou abertamente da ciência e do progresso. E ele mesmo, o sr. mestre-escola? Não está enfermo também, e não para de voltar para cá? Carducci ficaria bem pouco satisfeito com

ele.” Em voz alta, porém, disse:
— Essa é boa! Qualquer dia destes aquela moça pode bater as botas, e o senhor fala de licenciosidade! Precisa me explicar isso um pouco melhor! Se o senhor afirmasse que a doença é às vezes consequência da licenciosidade, seria plausível…
— Muito plausível — aparteou Settembrini. — Ora bolas! Será que o senhor se daria por satisfeito, se eu não fosse além dessa afirmação?
— … ou se dissesse que muitas vezes a doença serve de pretexto à licenciosidade; isso eu aceitaria também.
— Grazie tante!
— Mas a doença como *forma* de licenciosidade? Quer dizer que ela não é produto da licenciosidade, mas sim licenciosidade, ela própria? Isso me parece paradoxal!
— Por favor, Engenheiro, nada de imputações levianas! Eu desprezo os paradoxos, detesto-os! Tome nota de que tudo quanto lhe disse sobre a ironia se aplica também ao paradoxo, e outras coisas mais! O paradoxo é a erva venenosa do quietismo, a irisação do espírito apodrecido, a maior licenciosidade de todas! Verifico, aliás, que o senhor volta a defender a enfermidade…
— Não, o que o senhor diz me interessa muito. Está me trazendo à memória certas ideias que o dr. Krokowski explana nas suas conferências de segunda-feira. Ele também considera a doença orgânica um fenômeno secundário.
— Um idealista pouco limpo.
— O que tem o senhor contra ele?
— Justamente isto.
— O senhor não gosta da análise?
— Depende. Gosto dela muito ou pouco, alternadamente, meu caro Engenheiro.
— Como devo compreender o que o senhor disse agora?
— A análise é boa como instrumento do esclarecimento e da civilização; é boa, quando abala convicções estúpidas,

dissipa preconceitos naturais e solapa a autoridade; é boa, em outros termos, enquanto liberta, refina, humaniza e prepara os escravos para a liberdade. É má, muito má mesmo, quando estorva a ação, quando prejudica as raízes da vida e se mostra incapaz de lhe dar forma. A análise pode ser uma coisa pouco apetitosa, repugnante como a morte, à qual talvez pertença, afinal de contas, sendo afim do túmulo e de sua anatomia mal-afamada…

“Urrou bem, Leão!”, foi o que Hans Castorp não pôde deixar de pensar, como sempre fazia quando o sr. Settembrini explanava um assunto pedagógico. Mas limitou-se a dizer:

— Há pouco estudamos a anatomia da luz, lá em nosso subsolo. Foi o termo que Behrens empregou, quando fez nossa radioscopia.

— Ah, o senhor já passou por essa etapa também? E então?

— Vi o esqueleto da minha mão — disse Hans Castorp, procurando evocar as sensações que lhe despertara aquele espetáculo. — O senhor também pediu que lhe mostrassem a sua?

— Não, senhor. Não me interessa nem um pouquinho ver o meu esqueleto. E qual é o diagnóstico médico?

— Ele encontrou cordões. Cordões com nódulos.

— Que sujeito diabólico!

— Não é a primeira vez que o senhor chama assim o dr. Behrens. Que quer dizer com isso?

— Fique certo de que se trata de um termo eufemístico.

— Não, sr. Settembrini, o senhor está sendo injusto! Eu admito que o homem tenha seus defeitos. Sua maneira de falar, com o tempo, foi se tornando desagradável para mim. Tem qualquer coisa de forçado, principalmente para quem se recorda de que ele teve aqui o grande desgosto de perder a mulher. Mas, afinal de contas, é homem de méritos e digno de respeito. Trata-se de um benfeitor da humanidade sofredora! Faz poucos dias encontrei-o, quando ele acabava de operar; vinha de uma resseção de costelas, uma

intervenção durante a qual a vida do enfermo estava por um fio. Causou-me profunda impressão vê-lo voltar do seu trabalho complicado e útil, de que entende com tanta perfeição. Parecia muito excitado, e como prêmio por seu esforço acendeu um charuto. Tive inveja dele.

— Muito bonito da sua parte! Mas qual é a pena que impôs ao senhor?

— Ele não estabeleceu nenhum prazo fixo.

— Nada mal! Pois então, Engenheiro, vamos nos deitar. Ocupemos os nossos postos.

Despediram-se em frente do número 34.

— E o senhor sobe então ao telhado, sr. Settembrini? Deve ser mais divertido ficar deitado tendo companhia do que estar a sós. O senhor conversa com as pessoas lá em cima? Há gente interessante entre seus companheiros de repouso?

— Ah, são partos e citas, muitos deles!

— Quer dizer, russos?

— E russas — tornou o sr. Settembrini, e entesou-se uma das comissuras da sua boca. — Adieu, Engenheiro!

Não havia dúvida, essas palavras tinham sido ditas de propósito. Hans Castorp estava confuso quando entrou no quarto. Sabia Settembrini o que se passava com ele? Provavelmente o espiara com intenções pedagógicas, e lhe seguira a direção dos olhos. Hans Castorp encolerizava-se contra o italiano e contra si próprio, porque, não sabendo dominar-se, provocara a alfinetada. Enquanto procurava pena e papel, a fim de levá-los consigo ao repouso — pois já não era conveniente esperar e tinha de ser escrita uma terceira carta para casa —, continuava a exasperar-se. Murmurou qualquer coisa contra aquele doidivanas e criticastro, que se intrometia no que não era da sua conta, e todavia assobiava, ele mesmo, para as raparigas na rua. Hans Castorp não se sentia disposto a escrever. Esse tocador de realejo, com suas indiretas, estragara-lhe todo o bom humor. Mas, fosse como fosse, era preciso ter trajes de inverno, dinheiro, roupa de baixo, calçados — em suma,

tudo o que Hans Castorp teria trazido se tivesse imaginado que passaria ali não somente umas três semanas de pleno verão, mas um prazo… Um prazo ainda indeterminado que, em todo caso, ocuparia boa parte do inverno, ou, tendo-se em conta as ideias que “entre nós aqui em cima” vigoravam a respeito do tempo, se prolongaria até o seu fim. Era justamente isso que urgia comunicar à família, pelo menos como possibilidade. Era necessário fazer, desta vez, um trabalho completo, dizer ao pessoal de casa a verdade nua e crua, e não manter neles possíveis ilusões…

Assim disposto, começou a escrever, servindo-se da técnica que diversas vezes vira Joaquim empregar: na espreguiçadeira, com a caneta-tinteiro na mão e a pasta de viagem sobre os joelhos dobrados. Em uma folha de papel de cartas do estabelecimento, das quais havia uma boa provisão na gaveta da sua mesa, escreveu a James Tienappel, que lhe era o mais íntimo dentre seus três tios. Pediu-lhe que informasse o cônsul. Falou de um contratempo desagradável, de receios que se haviam confirmado, da necessidade, verificada pelos médicos, de permanecer ali em cima durante parte do inverno, ou mesmo durante toda a estação fria, visto casos como o seu serem frequentemente mais persistentes do que outros de aparência mais impressionante. Afirmou tratar-se de intervir com energia e precaver-se em tempo. Sob esse ponto de vista, opinou, era uma verdadeira sorte e um acaso feliz ele ter subido e aproveitado o ensejo de se submeter a um exame; caso contrário, poderia ter acontecido que ignorasse ainda por muito tempo o seu estado, e talvez viesse a saber dele depois, de uma forma mais penosa. Quanto à duração provável do tratamento, não seria de estranhar se tivesse de desperdiçar com ele o inverno todo e não voltasse à planície antes de Joachim. Os conceitos de tempo eram ali diferentes dos que se aplicavam à permanência normal numa estação balneária. O mês era, por assim dizer, a menor unidade de tempo, e um só não seria sequer levado em conta…

Fazia frio, e Hans Castorp escrevia agasalhado com o sobretudo e envolto num cobertor. De vez em quando tirava os olhos do papel, que se ia enchendo de frases razoáveis e convincentes, e levantava-os para contemplar a paisagem, a cuja presença já se familiarizara e quase deixara de perceber: aquele vale alongado, que se afunilava até a cordilheira de cumes hoje marcados por uma palidez vítrea, de um fundo claro salpicado de casas, às vezes resplandecendo ao sol, e encostas cobertas de mato ou de pradaria, das quais vinha o tilintar de cincerros das vacas. Hans Castorp escrevia com uma facilidade cada vez maior, e não compreendia como pudera ter receio da redação dessa carta. Enquanto a redigia, persuadia-se a si próprio de que não podia haver coisa mais contundente do que as suas explicações, as quais sem dúvida encontrariam em casa a mais completa aprovação por parte dos seus tios. Jovens da sua classe e da sua situação financeira cuidavam da saúde, quando isso lhes parecia conveniente, e aproveitavam as comodidades especialmente preparadas para pessoas de sua condição. Se tivesse partido para casa, era certo que o teriam mandado de volta, ao ouvirem o que ele tinha a contar. Hans Castorp pediu que lhe enviassem as coisas de que necessitava. Terminou solicitando a remessa regular do dinheiro de que precisaria; oitocentos marcos por mês seriam suficientes para cobrir todas as despesas.

Assinou. Estava feito o trabalho. Essa terceira carta esgotava o assunto e teria um efeito duradouro — não segundo os conceitos de tempo que reinavam lá embaixo, mas segundo os daqui de cima; ela consolidava a *liberdade* de Hans Castorp. Foi essa a palavra que empregou, não expressamente, e sem formar sequer as sílabas em seu íntimo, mas sentindo-lhe o significado mais amplo, como aprendera a fazer durante sua estada aqui — significado que pouco tinha que ver com o que Settembrini dava à palavra. A isso, uma onda de espanto e emoção, sentimento já conhecido dele, percorreu-lhe o interior, arrancou-lhe um

suspiro e lhe fez estremecer o peito.

Sentia que, de tanto escrever, o sangue se acumulara em sua cabeça, e suas faces ardiam. Tirou o termômetro de mercúrio da mesinha com a luminária e mediu a própria temperatura, como para aproveitar a ocasião. A torre de mercúrio subiu a 37,8.

"Estão vendo?", pensou Hans Castorp. E acrescentou o seguinte pós-escrito: "Esta carta me cansou. Minha temperatura é 37,8. Vejo que por ora devo levar uma vida muito tranquila. Terão que desculpar-me se escrever só raras vezes!". Feito isso, permaneceu deitado e elevou a mão contra o céu, com a palma para fora, assim como fizera diante do anteparo luminoso. Mas a luz celeste deixou intacto o seu aspecto de vida. Diante da sua clareza, a matéria da mão até se tornou mais opaca e mais escura, e somente os contornos afiguravam-se numa vaga iluminação vermelha. Era a mão viva, que Hans Castorp estava habituado a ver, a lavar, a usar, e não aquela armação estranha com que se defrontara através do anteparo. A cova analítica, que então vira aberta, voltara a se fechar.

CAPRICHOS DE MERCÚRIO

Começou outubro como costumam começar os meses... Um começo em si discreto e sem ruído algum, sem sinais nem manchas de nascença, um insinuar-se em silêncio, que facilmente escapa à atenção, caso insubmissa à ordem severa. Em realidade o tempo não tem cesuras; não há tempestades nem ressoar de trombetas no início de um novo mês ou de um novo ano, e mesmo no início de um novo século somos apenas nós, seres humanos, que lançamos fogos e repicamos sinos.

No caso de Hans Castorp, o primeiro dia de outubro não diferiu em nada do último de setembro. Estava igualmente frio e desabrido, e os dias seguintes passaram-se da mesma forma. No repouso eram necessários o sobretudo de inverno e os cobertores de lã de camelo, não só de noite, mas também durante o dia. Os dedos com que Hans Castorp segurava o livro estavam úmidos e enregelados, se bem que as faces lhe ardessem num calor seco. Joachim se sentia tentado a recorrer ao saco de peles, mas desistiu, para não se mimar antes do tempo.

Alguns dias mais tarde, porém, ainda no decorrer da primeira quinzena do mês, mudou tudo e irrompeu um veranico atrasado de tamanho esplendor que o espanto foi geral. Com muita razão Hans Castorp ouvira elogiar o mês de outubro dessas paragens. Durante duas semanas e meia, aproximadamente, um céu magnífico estendeu-se por cima do vale; cada dia ultrapassava o anterior na pureza do azul, e o sol irradiava com uma intensidade tão veemente que todos se viram induzidos a ir buscar os trajes mais leves de verão já relegados às malas, os vestidos de musseline e as calças de linho; e nas horas próximas do meio-dia nem mesmo o grande para-sol de lona sem cabo, que se podia afixar ao braço da espreguiçadeira mediante um engenhoso mecanismo, um sarrafo com diversos furos, lograva oferecer

abrigo suficiente contra o astro abrasador.

— Que sorte eu ainda poder desfrutar este tempo — disse Hans Castorp ao primo. — Às vezes tivemos dias tão ruins! E agora é como se o inverno fosse passar e já chegasse a boa estação.

Ele tinha razão. Poucos sinais indicavam a verdadeira época do ano, e também estes eram bastante discretos. Excetuando-se alguns bordos plantados em Davos-Platz, onde levavam uma existência penosa, e que fazia muito tempo haviam perdido o ânimo e deixado cair suas folhas, não existiam por ali outras árvores decíduas cujo estado imprimisse à paisagem o cunho da estação. Somente o alno alpestre, árvore híbrida, de agulhas macias que perde como se fossem folhas, mostrava a calvície outonal. As demais árvores da região, tanto as altas como as acanhadas, eram coníferas sempre verdes, resistentes ao inverno, que, na falta de limites distintos, pode distribuir suas nevadas sobre o ano inteiro. Apenas os diversos matizes de um vermelho ferrugíneo nas copas da floresta, apesar do ardor estival do céu, revelavam o declínio do ano. Verdade é que, para o olhar mais atento, havia ainda flores nos prados a anunciarem o mesmo fato, na sua linguagem suave. Já não se viam o salepo, parente das orquídeas, e os arbustos da aquilégia, que na época da chegada do visitante tinham adornado as encostas; também o cravo silvestre desaparecera. Apenas a genciana e os caules curtos do lírio verde davam-se a ver, testemunhando certa frescura íntima da atmosfera aquecida de modo superficial; era um frescor capaz de penetrar de súbito a própria medula de quem ali descansasse, quase tostado por fora, e assaltá-lo como um calafrio que se apodera do enfermo febril.

Quanto a Hans Castorp, não se submetia interiormente àquela ordem com que as pessoas, ao lidar com o tempo, controlam seu curso, dividindo, contando e nomeando suas unidades. Não prestara atenção ao silencioso começo do décimo mês. Somente o impressionava o que lhe ferisse os

sentidos, o ardor do sol com a frescor secreto dentro e abaixo dele — uma sensação que, nessa intensidade, era nova para ele e o motivava a uma comparação culinária: fazia-o pensar, conforme declaração que fez a Joachim, numa "omelette en surprise" com algo gelado sob a espuma quente dos ovos. Era frequente dizer coisas desse tipo, dizia-as com rapidez e fluência, numa voz emocionada, como faz quem treme de frio apesar de ter a pele ardente. Verdade é que houve também intervalos durante os quais se mostrou taciturno, para não dizer: ensimesmado; pois a sua atenção continuava dirigida para fora, embora concentrada num único ponto; todo o mais — tanto pessoas como objetos — diluía-se numa espécie de bruma vinda de seu próprio cérebro, algo que o conselheiro Behrens e o dr. Krokowski certamente teriam qualificado de "produto de venenos solúveis", segundo o jovem brumoso repetia a si mesmo, sem que essa percepção lhe proporcionasse a capacidade, e o mínimo desejo sequer, de se libertar da embriaguez.

Tratava-se de uma embriaguez que tinha seu fim em si mesma e à qual nada se afigurava mais odioso e menos almejável que um retorno à sobriedade. Ela se impunha ante quaisquer impressões que a pudessem enfraquecer; não as admitia, a fim de conservar-se intacta. Hans Castorp sabia e mencionara, ele mesmo, em outras ocasiões, que a vista de perfil não favorecia a sra. Chauchat; seu rosto assomava um tanto anguloso e já não tão jovem. Que fazia então? Evitava olhá-la de perfil, cerrava literalmente os olhos, quando porventura ela oferecesse esse aspecto que o magoava. Por quê? Sua razão deveria ter exultado por ter uma oportunidade de impor-se! Mas isso seria pedir demais... Ele empalideceu de encanto quando Clawdia, num desses dias radiosos, na segunda refeição da manhã, voltou a surgir com a matinée de rendas que usava em dias de calor e que a deixava extraordinariamente atraente — quando surgiu ali, atrasada, batendo a porta com estrondo e sorridente, com os braços ligeiramente erguidos a alturas desiguais, e

enfrentou a sala, apresentando-se diante de todos. Mas encantava-o menos o fato de ela parecer tão bonita, e mais, *isto* sim, a sensação de ver reforçada a doce névoa em sua própria cabeça, aquela embriaguez que queria a si mesma e que tinha seu fim em que a justificassem e alimentassem.

Um perito na forma de pensar de Lodovico Settembrini, à vista de tamanha falta de boa vontade, talvez falasse aqui em licenciosidade, "uma forma de licenciosidade". Hans Castorp recordava às vezes as ideias literárias que o italiano expressara acerca "da enfermidade e do desespero", e que ele mesmo achara incompreensíveis, ou fingira achar assim. Contemplava Clawdia Chauchat, a lassidão das suas costas, a posição avançada da sua cabeça; via-a chegar sempre atrasada à mesa, sem razão nem desculpa, somente por falta de ordem, energia e civilidade; via como, em virtude dessa mesma falta, batia atrás de si cada porta por que entrava ou saía; via como formava bolinhas de miolo de pão e roía de vez em quando os lados das pontas dos dedos — e surgia nele um pressentimento tácito: se ela estava doente, o que deveria estar, sem dúvida e quiçá sem esperança, já que estava forçada a viver ali em cima repetidas vezes e por muito tempo, então sua doença era, se não toda, ao menos em grande parte de natureza moral, e efetivamente não se tratava nem da causa nem do efeito da sua "negligência", como dissera Settembrini, mas de algo inerente a ela. Hans Castorp relembrava também o gesto desdenhoso que fizera o humanista ao falar dos "partos e citas", cuja companhia tinha de suportar durante o repouso; um gesto de desprezo e repúdio naturais e espontâneos, que não necessitavam de justificativa, e que foram muito familiares a Hans Castorp em outros tempos, quando ele, que à mesa mantinha uma postura bem tesa, odiava as portas fechadas com estrondo, e jamais se sentia tentado a roer as unhas (por dispor, em vez disso, do recurso do Maria Mancini) — quando Hans Castorp, enfim, sentira grande aversão ante à má educação da sra. Chauchat e não pudera evitar uma sensação de

superioridade, ao ouvir a estrangeira de olhos rasgados tentando expressar-se em sua língua materna.

Mas, a essa altura dos acontecimentos, Hans Castorp, devido ao estado íntimo de seu espírito, abandonara quase totalmente tal modo de sentir. Era antes o italiano que o irritava, por ter falado, em sua sobranceria, de “partos e citas”, sem sequer se referir a pessoas da mesa dos “russos ordinários”, onde os estudantes de cabelos tão bastos e de roupa de baixo invisível discutiam sem cessar no seu idioma exótico, o único em que podiam se expressar, era evidente, e cujo caráter desprovido de ossos fazia pensar num tórax sem costelas, como aquele que o dr. Behrens acabara de descrever. Era inegável que os hábitos dessa gente eram capazes de despertar num humanista vivos sentimentos de distância. Comiam com a faca e sujavam a privada de forma inenarrável. Settembrini afirmava que um dos membros dessa roda, um acadêmico já adiantado no curso de medicina, mostrara-se absolutamente ignorante em matéria de latim; nem soubera, por exemplo, o que era um “*vacuum*”. E, segundo a própria experiência diária de Hans Castorp, não mentia a sra. Stöhr quando contava, à mesa, que o casal do número 32 recebia o massagista, quando este se apresentava pela manhã para ministrar a fricção, ambos deitados na mesma cama.

Tudo isso podia ser verdade, e não foi à toa que se instituiu a separação manifesta entre os “distintos” e os “ordinários”. Hans Castorp afirmava a si próprio que não faria senão dar de ombros diante de qualquer propagandista da república e do belo estilo que subsumisse o pessoal das duas mesas sob uma só denominação de “partos e citas”, e que o fizesse de maneira altiva e sóbria — sóbria, em especial, embora também andasse febril e embriagado. O jovem Hans Castorp compreendia muito bem em que sentido Settembrini usara essas palavras. Não começara também ele próprio a compreender a relação da enfermidade da sra. Chauchat com sua “negligência”? Mas dera-se o que ele próprio

descrevera, certo dia, a Joachim: no início a gente se escandaliza e experimenta sentimentos de distância, mas de repente “intromete-se qualquer coisa completamente diversa”, que “nada tem que ver com o juízo”, e logo se acaba a indignação moral, a ponto de as pessoas se tornarem quase inacessíveis a influências pedagógicas de natureza republicana ou eloquente. Mas que é isso? — perguntamos, provavelmente de acordo com o senso de Lodovico Settembrini. Qual é essa coisa duvidosa que, intrometendo-se, paralisa e elimina o juízo dos homens, privando-os do direito de o usarem, ou melhor, fazendo com que renunciem ao seu uso com um entusiasmo insensato? Não perguntamos pelo nome dessa coisa, pois todos o conhecem. Indagamos acerca da sua índole moral e não esperamos, falando francamente, resposta muito otimista. No caso de Hans Castorp, essa índole manifestou-se de tal maneira que ele não somente deixou de usar seu juízo, mas também se pôs a experimentar, ele próprio, aquela forma de vida que o tocava. Tentou saber que tal era a sensação de quem ficava sentado relaxadamente à mesa, com as costas lassas, e verificou que isso constituía um grande alívio para os músculos da bacia. Além disso, procurou não fechar com cuidado a porta que atravessava, mas batê-la atrás de si, e também esse método se mostrou bastante cômodo e adequado, expressando quase a mesma coisa que o hábito de dar de ombros com que Joachim o saudara na estação, logo em sua chegada, e que reencontrara muitas vezes entre as pessoas daqui de cima.

Dito de modo simples: nosso herói estava apaixonado até a raiz dos cabelos por Clawdia Chauchat. Usamos novamente essa palavra, uma vez que pensamos ter feito o necessário para evitar o mal-entendido que ela poderia originar. Não era, portanto, uma melancolia amavelmente sentimental, no sentido da já referida cançãozinha, o que constituía a essência da sua paixão. Esta era antes uma variante bem perigosa e erradia daquela fascinação, mescla de frio e calor,

qual o estado de um homem febril, ou um dia de outubro nas regiões elevadas; e o que lhe faltava era precisamente o elemento sentimental que ligasse os componentes extremos. Por um lado, com um imediatismo que fazia o jovem empalidecer e lhe crispava as feições, essa paixão referia-se ao joelho da sra. Chauchat e ao delineamento de sua perna, às costas dela, às vértebras de sua nuca e a seus braços, que comprimiam os pequenos seios — referia-se, numa palavra, ao corpo dela, um corpo lânguido e exaltado, acentuado em demasia pela doença e transformado pela doença, uma vez mais, em corpo. E essa paixão, por outro lado, era algo sumamente volátil e vasto, uma ideia, não: um sonho, o sonho temeroso e infinitamente sedutor de um jovem, cujas perguntas precisas, embora não formuladas de maneira consciente, haviam sido respondidas apenas por um silêncio vão. Como qualquer outro, também nós reivindicamos o direito de fazer, no decorrer da presente narrativa, nossas próprias conjeturas, e externamos nossa suposição de que Hans Castorp não teria ultrapassado o prazo previsto para sua estada com as pessoas aqui em cima, nem teria alcançado este ponto em que encontra, caso sua alma singela houvesse encontrado, nas profundezas do tempo, uma informação satisfatória sobre o sentido e a finalidade do ofício de viver.

De resto, sua paixão infligia-lhe todas as dores e proporcionava-lhe todas as alegrias que esse estado acarreta em toda parte e em todas as circunstâncias. A dor é pungente; contém um elemento degradante, como toda dor, e representa tamanho abalo do sistema nervoso que embarga a respiração e é capaz de arrancar de um homem adulto lágrimas amargas. E para também fazermos justiça às alegrias — estas eram numerosas, e, ainda que nascessem de motivos insignificantes, não menos intensas que as mágoas. Por exemplo: prestes a entrar na sala de refeições, Hans Castorp nota atrás de si o objeto de seus sonhos. O resultado é conhecido de antemão, e de simplicidade

extrema, mas encanta a alma com aquela mesma força que faz brotar as lágrimas. Os olhos de ambos, próximos, encontram-se: os dele e os glaucos olhos dela, cuja forma e posição levemente asiáticas apoderam-se dele com sua magia, até a medula. Ele já não tem consciência, mas mesmo assim dá um passo para o lado, a fim de deixar livre a passagem pela porta. Com um meio sorriso e um "merci" pronunciado em voz baixa, ela aceita seu oferecimento não mais que cortês, passa por ele e atravessa o limiar. Ei-lo na aura da personalidade que acaba de roçá-lo, louco pela felicidade que lhe causam a coincidência e o fato de uma palavra da sua boca, esse merci, ter-se dirigido direta e pessoalmente a ele. Segue-a, encaminha-se a passo vacilante até sua mesa, ao lado direito, e enquanto se deixa cair na cadeira pode verificar que "Clawdia", sentando-se também, vira-se para ele com a expressão de quem reflete sobre o encontro junto à porta, segundo ele quer crer. Oh, aventura inacreditável! Oh, júbilo, triunfo, exultação sem limite! Não, Hans Castorp não alcançaria essa embriaguez de fantástica satisfação ante o olhar de uma sirigaita sadia, lá embaixo na planície, à qual, num impulso lícito, sossegado e esperançoso, tivesse "dado seu coração", como naquela cançãozinha. Com uma jovialidade febril, ele cumprimenta a professora, que tudo viu e cuja pele veludosa corou; a seguir, aborda Miss Robinson, com uma tentativa tão absurda de conversação inglesa que a senhorita, não habituada a êxtases, recua de um salto para então medi-lo com o olhar atemorizado.

Outra vez, durante o jantar, os raios de um esplêndido pôr do sol caem sobre a mesa dos "russos distintos". Haviam corrido as cortinas das portas do avarandado e das janelas, mas em alguma parte sobrou uma fresta, através da qual um clarão vermelho, deslumbrante, apesar de frio, abre caminho e fere justamente a cabeça da sra. Chauchat, de maneira que, na conversa com o compatriota de peito sumido à sua direita, ela tem de resguardar os olhos com a mão. É um

incômodo, mas tão pouco grave que ninguém se preocupa. A própria interessada nem sequer parece reparar na pequena contrariedade. Mas Hans Castorp descobre-a através de toda a sala. Observa-a durante alguns instantes, examinando a situação, acompanhando o caminho dos raios e fixando o ponto de onde incidem. É da janela ogival, lá atrás, à direita, no canto entre uma das portas do avarandado e a mesa dos “russos ordinários”, muito distante do lugar da sra. Chauchat e quase igualmente afastado do lugar de Hans Castorp. Então ele toma suas decisões. Sem proferir nenhuma palavra, levanta-se com o guardanapo na mão, passa diagonalmente por entre as mesas, atravessa a sala, une cuidadosamente as cortinas creme, certifica-se, com um olhar por cima do ombro, de que o clarão vesperal já não pode mais entrar e que a sra. Chauchat está livre do inconveniente; então volta à sua mesa, esforçando-se por parecer indiferente. Um jovem atencioso, que faz o que é necessário, já que ninguém mais se lembra de fazê-lo. Muito poucos notaram sua intervenção; a sra. Chauchat, porém, percebeu de imediato o alívio e virou-se em direção a ele, conservando essa posição até que Hans Castorp alcançasse seu lugar e, sentando-se, olhasse para ela, que, com um sorriso entre amável e surpreendido, agradeceu, fazendo avançar um pouco a cabeça, sem propriamente incliná-la. Ele retribuiu com uma mesura correta. Seu coração quedou-se imóvel, parecia ter deixado de bater. Somente mais tarde, quando tudo terminara, pôs-se a martelar; foi então que Hans Castorp percebeu que Joachim, em silêncio, tinha os olhos cravados no prato — e que a sra. Stöhr dera uma cotovelada no dr. Blumenkohl e, com risinhos abafados, procurava olhares cúmplices em toda parte, tanto na própria mesa como nas demais…

Relatamos um acontecimento cotidiano, mas o cotidiano torna-se estranho quando se desenvolve em terreno estranho. Havia tensões e soluções benéficas entre eles, ou quando não entre eles — pois deixamos indeciso até que

ponto madame Chauchat participava delas —, existiam ao menos para a imaginação e para a sensibilidade de Hans Castorp. Naqueles belos dias, muitos pensionistas tinham o costume de ir, depois do almoço, ao avarandado situado à frente da sala de refeições, onde permaneciam em grupos, expondo-se ao sol durante um quarto de hora. Aquilo oferecia um aspecto semelhante ao das reuniões dominicais por ocasião do concerto bimensal da charanga. Os jovens absolutamente ociosos, supersaturados de iguarias de carne e de guloseimas, e todos ligeiramente febris, falavam, pilheriavam e trocavam olhares. A sra. Salomon, de Amsterdam, ia sentar-se rente à balaustrada, enquanto a acossavam com os joelhos o beiçudo Gänser e, do outro lado, o gigante sueco, que, embora totalmente restabelecido, ainda prolongava sua estada em prol de uma pequena cura suplementar. A sra. Iltis parecia ser viúva, pois regozijava-se desde havia pouco com a companhia de um “noivo”, aliás de aparência melancólica e subalterna, e cuja presença não a impelia a aceitar, simultaneamente, as homenagens do capitão Miklosich, homem de nariz adunco, bigode untado de pomada, peito saliente e olhos ameaçadores. Havia lá as damas do alpendre, de diferentes nacionalidades, entre elas algumas figuras novas, aparecidas desde 1º de outubro, e cujos nomes Hans Castorp ainda ignorava. No meio delas achavam-se cavalheiros da laia do sr. Albin, jovens de dezessete anos, guarnecidos de monóculo; um rapaz holandês de cara rosada, com óculos e com uma paixão monomaníaca por trocar selos; diversos gregos, de olhos amendoados, recendendo a brilhantina e inclinados a desrespeitar, quando à mesa, os direitos dos comensais; dois peralvilhos inseparáveis, apelidados de “Juca e Chico”, e que tinham a fama de dar numerosas escapadelas... O mexicano corcunda, cuja ignorância dos idiomas ali representados imprimia-lhe a expressão de um surdo, tirava fotografias sem cessar, arrastando consigo, com uma agilidade engraçada, o tripé de um lado para outro

do terraço. Às vezes aparecia também o conselheiro áulico para exibir o truque dos cordões de sapato. Em alguma parte, solitário, o devoto de Mannheim abria caminho por entre a multidão, e seus olhos fundos e tristes seguiam, para viva repugnância de Hans Castorp, certos rumos secretos.

Para nos ocuparmos uma vez mais daquelas "tensões e soluções", enfim, podia acontecer numa dessas ocasiões que Hans Castorp, instalado rente ao muro da casa numa cadeira laqueada de jardim, conversasse animadamente com Joachim, a quem, apesar da sua relutância, obrigara a sair com ele, e visse como à sua frente a sra. Chauchat se mantinha junto à balaustrada, fumando um cigarro, em companhia de seus comensais. E ele falava como que para ela, para que o ouvisse. Mas ela lhe virava as costas… Como se vê, aludimos agora a um caso determinado. A palestra do primo não bastara para alimentar-lhe a loquacidade afetada, de modo que, intencionalmente, travara conhecimento com uma pessoa estranha. E quem era? Hermine Kleefeld. Como por acaso, Hans Castorp dirigira a palavra à mocinha, apresentando-se formalmente a si mesmo e a Joachim, e puxara uma cadeira laqueada também para ela, a fim de desempenhar papel de destaque numa cena de três. Se ela ainda se lembrava, ele perguntou, de que maneira diabólica o assustara naquele dia, quando do seu primeiro encontro, durante o passeio matutino? Sim, fora *ele* que recebera aquelas boas-vindas cordiais, dadas por meio de um assobio animador! E realmente ela alcançara seu objetivo, ele o admitia sem titubear, pois se sentira como que fulminado. Que a senhorita perguntasse ao primo se isso não era verdade. Rá, rá, rá! Assobiar com o pneumotórax para espantar quem passeava por ali inofensivamente! Sendo bem sincero, e com a devida cólera, isso não merecia outro nome senão o de jogo herético, abuso pecaminoso… E enquanto Joachim, ciente do seu papel de mero instrumento, continuava sentado com os olhos baixos, e a Kleefeld aos poucos também ia deduzindo dos olhares cegos e erráticos

de Hans Castorp o fato humilhante de que sua pessoa servia apenas de meio para determinado fim, Hans Castorp prosseguia amuando-se, tomando ares afetados, expressando-se em termos rebuscados e procurando dar à própria voz uma bela sonoridade, até que enfim conseguiu que a sra. Chauchat se voltasse para ver quem falava tão espalhafatosamente, e o encarasse, por um instante apenas. Deu-se então que seus olhos de Pribislav resvalaram rapidamente pelo corpo de Hans Castorp, que se achava sentado com as pernas cruzadas, e, com uma expressão de indiferença proposital que chegava às raias do desdém, do desdém mesmo, fitaram por algum tempo os sapatos amarelos do jovem, antes de se retirarem de novo, fleumaticamente, e quiçá ocultando, lá no fundo, um sorriso…

Uma calamidade grave, grave mesmo! Hans Castorp ainda continuou falando febrilmente por mais algum tempo. Depois, quando no seu foro íntimo se dera conta daquele olhar lançado aos seus sapatos, silenciou, quase no meio da palavra, e entregou-se à sua mágoa. A Kleefeld, aborrecida e melindrada, sumiu-se. Com certo agastamento na voz, Joachim propôs que agora bem poderiam recolher-se ao repouso. E um homem prostrado, de lábios pálidos, concordou com ele.

Dois dias a fio Hans Castorp sofreu amargamente sob os efeitos desse incidente, pois nada ocorreu nesse meio-tempo que lhe derramasse algum bálsamo na ferida ardente. Por que o olhara daquele modo? Por que, em nome de Deus e da Trindade, sentia por ele esse desdém? Considerava-o um palerma lá de baixo, sadio, aberto apenas ao que fosse inofensivo? Um ingênuo da planície, por assim dizer, um tipo vulgar que passeava e ria e enchia a pança e ganhava dinheiro — um aluno-modelo que nada entendia da vida a não ser as enfadonhas vantagens da honra? Era apenas um visitante fútil, vindo por três semanas, incapaz de participar da sua esfera? Acaso ele não professara votos em razão de

uma região pulmonar úmida? Não fora incluído nas fileiras da ordem, não fazia parte do “Nós aqui em cima”, já com dois meses completos nas costas? E o mercúrio não subira, ainda ontem, a 37,8?… Mas justamente isso completava seu sofrimento! O mercúrio deixara de subir! A terrível prostração desses últimos dias esfriara, desembriagara, desentesara a natureza de Hans Castorp, o que, para a sua maior vergonha, se manifestava por temperaturas muito baixas, pouco acima da normal. Era-lhe cruel verificar que a mágoa e a contrariedade que o atormentavam nada faziam senão afastá-lo cada vez mais do ser e da existência de Clawdia.

O terceiro dia trouxe a doce redenção; trouxe-a já de manhã. Era um maravilhoso dia de outono, ensolarado e fresquinho, com os prados cobertos de teias prateadas. O sol e a lua minguante achavam-se simultaneamente no céu puro. Os primos tinham se levantado mais cedo que de costume, a fim de homenagear o belo dia e prolongar o passeio matinal um pouco além do limite regulamentar, passando pelo banco vizinho ao curso d’água e avançando pelo caminho do bosque. Joachim, cuja curva também marcava, por aqueles dias, uma baixa simpática, propusera essa infração refrescante, e Hans Castorp não se opusera.

— Somos gente curada — dissera ele —, sem febre e livres de venenos; quase que estamos maduros para a planície. Nada nos impede de dar nossas cabriolas.

Caminhavam de cabeça descoberta; pois, desde que professara, Hans Castorp adaptara-se, por bem ou por mal, ao costume reinante de andar sem chapéu, não obstante a firmeza com que, no começo, defendera contra esse hábito o seu próprio estilo de vida e sua boa educação. Fincavam no chão as suas bengalas. Ainda não haviam vencido a subida do caminho avermelhado e mal tinham alcançado o ponto onde, aquela vez, o grupo dos “pneumáticos” encontrara o novato quando divisaram, a alguma distância, a sra. Chauchat que subia devagar — a sra. Chauchat, de suéter

branco, saia de flanela branca e sapatos igualmente brancos, com a cabeleira ruiva batida pelo sol da manhã. Para falar com maior precisão: quem a reconheceu foi Hans Castorp. A atenção de Joachim não despertou antes de a sensação desagradável de se ver instigado e aguilhoado indicar-lhe o que se passava. Essa sensação teve a sua origem na marcha acelerada que seu companheiro, de súbito, acabava de iniciar, após ter interrompido a caminhada pouco antes, de maneira brusca, e quase parado por alguns instantes. Tal precipitação pareceu muito prejudicial e irritante a Joachim, que perdeu o fôlego e começou a tossir. Mas Hans Castorp, seguro do seu objetivo, e com os órgãos funcionando às mil maravilhas, pouco se preocupou com isso, e, como o primo compreendesse a situação, limitou-se a cerrar o cenho, sem dizer nada, e a acompanhar o passo do companheiro, visto não ser possível que este avançasse sozinho.

A bela manhã animava o jovem Hans Castorp. Acrescia a isso que, durante a depressão, as forças da sua alma haviam descansado furtivamente, e no seu espírito luzia a certeza de que chegara o momento em que se desvaneceria o encantamento que pairara em torno dele. Assim estugou o passo, arrastando consigo Joachim, que ofegava e também por outros motivos se mostrava recalcitrante. Antes da curva, a partir da qual o caminho se tornava plano e corria ao longo do flanco direito do morro coberto de mato, quase alcançaram a sra. Chauchat. Eis que Hans Castorp voltou então a diminuir a velocidade da marcha, para não realizar o seu propósito num estado de respiração curta que revelasse o seu esforço. E pouco além da referida curva, entre a encosta e a parede rochosa, em meio aos pinheiros tingidos de cor de ferrugem, e através de cujos ramos incidiam feixes de raios de sol, ocorreu, sim, realizou-se o fato maravilhoso: que Hans Castorp, caminhando à esquerda de Joachim, alcançasse a graciosa enferma, passasse por ela a passo enérgico e, no momento em que se achava à sua direita,

fizesse uma mesura justificada pela falta de um chapéu, cumprimentando-a *respeitosamente* (mas por que assim: respeitosamente?) com um bom-dia pronunciado a meia voz e que obteve resposta. Com uma inclinação amável da cabeça, que revelava pouca surpresa, Chauchat agradeceu, dizendo igualmente “bom dia” na língua de Hans Castorp, enquanto seus olhos sorriam. E tudo isso constituiu coisa bem diferente, profunda e deliciosamente oposta àquele olhar lançado a suas botas; foi um acaso feliz, uma modificação do estado das coisas para melhor e para ótimo; um acontecimento sem igual, que quase ultrapassou a capacidade receptiva de Hans Castorp; foi a redenção!

Com pés alados, deslumbrado por uma insensata alegria, graças ao cumprimento, à palavra, ao sorriso, Hans Castorp prosseguiu em sua marcha acelerada ao lado de Joachim, de quem tanto abusara e que, em silêncio, contemplava a encosta, mantendo o olhar afastado do primo. Hans Castorp pregara-lhe uma peça bastante forte, que aos olhos de Joachim se afigurava uma espécie de ardil e de traição, como o jovem muito bem sabia. Não era bem a mesma coisa como se tivesse pedido emprestado um lápis a alguma pessoa completamente desconhecida; pelo contrário, seria quase uma falta de educação passar rigidamente e sem cumprimentar, ao lado de uma senhora com quem fazia meses se vivia sob o mesmo teto. Clawdia não entabulara dias antes, na sala de espera, uma conversa com eles? Joachim, por conseguinte, estava obrigado a calar. Mas Hans Castorp compreendia perfeitamente por que outras razões o orgulhoso Joachim permanecia calado e desviara o olhar, ao passo que ele próprio se sentia tão exuberante e frivolamente arrebatado pela manobra bem-sucedida. Não podia ser mais feliz quem, lá na planície, “desse o seu coração” a qualquer sirigaita sadia, do modo como convinha, com as melhores perspectivas e, no fundo, com grande satisfação, alcançando com isso um grande êxito… Não! Tal indivíduo jamais poderia ser *tão feliz* como era Hans

Castorp, com o pouco que acabava de conseguir e assegurar-se numa hora ditosa… Por isso, depois de algum tempo deu uma palmada vigorosa no ombro do primo e disse:

— Ei, que é que você tem? O dia está tão lindo! Que lhe parece irmos até o Cassino? Deve haver música lá, não acha? Talvez toquem *Carmen*: “Segue guardada em meu coração, a flor que me deste pela manhã”. Mas que é que há? Está com uma pedra no sapato?

— Não há nada — respondeu Joachim. — Mas você parece tão excitado! Receio que a sua baixa de temperatura já tenha terminado.

E *terminara*, de fato. O humilhante aviltamento da natureza de Hans Castorp foi superado pela saudação que trocara com Clawdia Chauchat; e sua satisfação, a rigor, devia-se à consciência que ele tinha desse encontro. Sim, Joachim tinha razão: o mercúrio tornava a subir! E subiu até próximo de 38 quando Hans Castorp foi consultá-lo, logo após o passeio.

Se certas alusões de Settembrini haviam exasperado Hans Castorp, este não se devia admirar nem acusar o humanista de o ter espionado por motivos pedagógicos. Até um cego teria notado a quantas o jovem andava. Ele mesmo não fazia nada para ocultá-lo. Uma certa exaltação e alguma ingenuidade nobre impediam-no de disfarçar o seu estado de alma. Nesse ponto distinguia-se — com vantagem sua talvez — daquele apaixonado de cabelos ralos, o rapaz de Mannheim, e da sua conduta dissimulada. Recordamos e repetimos que a situação em que Hans Castorp se encontrava acarreta geralmente um impulso e uma necessidade de abrir-se, uma tendência para o desabafo e a confissão, uma cega preocupação consigo próprio e a mania de encher o mundo com os seus assuntos — manifestações tanto mais estranhas para nós, seres prosaicos, quanto menos lógica, menos razão e esperança o caso implica. É difícil dizer como essas pessoas começam a trair-se a si mesmas; elas parecem mesmo incapazes de dizer ou fazer qualquer coisa que não as traia — ainda mais numa sociedade que, segundo a observação de um espírito crítico, tem só duas coisas na cabeça: em primeiro lugar, a temperatura, e depois... de novo a temperatura, o que vale dizer, por exemplo, a pergunta sobre quem ressacia a sra. Wurmbrandt, esposa de um cônsul-geral de Viena, da volubilidade do capitão Miklosich. Seria o gigante sueco, ora completamente curado, ou o sr. Paravant, promotor público de Dortmund? Ou ambos, talvez? Pois era notório e indiscutível que os laços que haviam unido durante alguns meses o promotor e a sra. Salomon, de Amsterdam, tinham sido dissolvidos sob um acerto amistoso, e que a sra. Salomon, seguindo as propensões da sua idade, inclinara-se para jovens de idade mais tenra, tomando sob as suas asas o beiçudo Gänser, da mesa da Kleefeld, ou “requisitando-o”,

segundo manifestou-se a sra. Stöhr num estilo como que jurídico, sem no entanto perder em plasticidade; assim, portanto, o promotor público, quanto à consulesa geral, tinha plena liberdade de se bater com o sueco em duelo, ou de apenas chegar a um acordo com ele.

Esses processos pendentes de decisão na sociedade do Berghof, em especial na mocidade febril, e nos quais as passagens entre as sacadas (ao longo da balaustrada, e ao largo das divisórias de vidro) desempenhavam papel central: ora, essas ocorrências eram o que se tinha em mente, e elas formavam uma parte importante da atmosfera local — ainda que isso não exprima com a devida clareza o que paira no ar. Com efeito, Hans Castorp tinha a impressão esquisita de que um assunto fundamental, ao qual em toda parte do mundo se atribui importância considerável, e que forma um tema constante de alusões sérias ou brincalhonas, aqui era acentuado, valorizado e ressaltado de um modo tão grave e, justamente em razão dessa gravidade, tão novo, que a coisa em si revelava-se sob um aspecto nunca visto e, se não terrível, ao menos assustador, justamente em razão da novidade. Ao enunciarmos isso, mudamos a expressão do nosso rosto e assinalamos que, se nos ocorreu até agora falar das relações em apreço num tom leve e chistoso, fizemo-lo pelos mesmos motivos secretos que frequentemente prevalecem, sem que isso enuncie coisa alguma acerca da natureza leve ou chistosa do próprio assunto. No ambiente onde nos encontramos, esse tom seria, de fato, ainda menos indicado do que em outra parte. Hans Castorp pensara que, dentro dos limites normais, entendia desse assunto fundamental, alvo de tantas pilhérias, e sem dúvida tinha razões para pensar assim. Mas agora percebia que na planície não chegara além de um conhecimento pouco suficiente, e que no fundo andara na mais cândida ignorância a esse respeito, ao passo que na montanha certas experiências pessoais, a cujo caráter aludimos repetidas vezes, e que em determinados

momentos lhe arrancaram a exclamação “Meu Deus!”, capacitavam-no interiormente a notar e compreender de fato o forte caráter inédito, perigoso e inominável que o assunto tinha para todos ali em cima, em geral e em particular. Não que ali não se pilheriasse sobre ele. Mas, ainda mais que na planície, esse tom parecia impróprio nas alturas; ele suscitava um quê de arrepio e respiração embargada, que fazia perceber com sobeja nitidez que ele era apenas um véu transparente em volta da angústia que (sem chance de êxito) procurava disfarçar-se por meio dele. Hans Castorp recordou a palidez terrosa que reparara em Joachim, quando pela primeira e última vez aludira ao físico de Marúsia, com o tom de brincadeira inocente que se usa na planície. Recordou também a lividez fria que se espalhara por seu próprio rosto quando livrara a sra. Chauchat do clarão do sol poente — e recordou o fato de que, antes e depois, em diversas ocasiões, encontrara essa lividez em muitos rostos estranhos, via de regra em dois ao mesmo tempo, como, por exemplo, nos da sra. Salomon e do jovem Gänser, quando se formara entre eles o que a sra. Stöhr designava com aquele termo jurídico. Ele se recordou disso, digamos, e compreendeu que, sob essas circunstâncias, não somente seria muito difícil não “se trair”, mas também não valeria a pena. Em outras palavras: não era apenas certa exaltação e certa ingenuidade, senão também um determinado estímulo da parte do ambiente o que fazia com que Hans Castorp se sentisse pouco animado a coibir-se e a dissimular seu estado de alma.

Logo à chegada de Hans Castorp, Joachim mencionara a dificuldade de travar conhecimento com outros pensionistas, dificuldade que resultava sobretudo de duas circunstâncias: os primos formavam, dentro da sociedade do sanatório, uma espécie de partido ou de grupo em miniatura, e o marcial Joachim, preocupado exclusivamente com a sua cura rápida, mostrava-se, por princípio, avesso a contatos e relações mais íntimas com os companheiros de sofrimento. Não fosse

assim, Hans Castorp teria encontrado e aproveitado muito mais oportunidades para divulgar seus sentimentos com desenfreada espontaneidade. Sem embargo, Joachim chegou a apanhá-lo certa noite durante uma reunião em companhia de Hermine Kleefeld, dos dois comensais dela, os srs. Gänser e Rasmussen e do rapaz de monóculo, com a desmesurada unha; ouviu então como Hans Castorp, de olhos excessivamente brilhantes, e numa voz emocionada, improvisava um discurso sobre as formas singulares e estranhas do rosto da sra. Chauchat, enquanto os seus ouvintes trocavam olhares, acotovelavam-se e soltavam risinhos afogados.

Era penoso para Joachim; mas o causador de tal hilaridade permanecia insensível à revelação do seu estado, quiçá opinando que não faria jus a ele se o deixasse oculto e despercebido. Quanto a isso, podia ter certeza de contar com a compreensão de todos. E conformava-se com os sorrisos maliciosos que se mesclavam a essa compreensão. Não somente na sua própria mesa, mas, com o tempo, também nas mesas vizinhas, olhavam-no para caçoar de suas faces ora pálidas ora ruborizadas, cada vez que, após o começo de uma refeição, a porta envidraçada se fechava com estrondo. E também isso o satisfazia, já que causava nele a impressão de que sua ebriedade, ao despertar atenção, era reconhecida e corroborada pelos demais, em certo sentido, de forma a favorecer sua causa e lhe animar as esperanças vagas e insensatas. Essa sensação chegava a fazê-lo feliz. As coisas iam tão longe que o pessoal, literalmente, se aglomerava para observar o moço obcecado. Isso se dava, por exemplo, no terraço depois do almoço, ou à frente da portaria nas manhãs de domingo, quando os pensionistas iam lá receber a correspondência que nesse dia não era distribuída pelos quartos. Sabia-se que lá estaria um indivíduo extasiado e embevecido que exibiria abertamente seus sentimentos. Assim, agrupavam-se nas proximidades a sra. Stöhr, a srta. Engelhart, a Kleefeld com a sua amiga de

cara de anta, o incurável sr. Albin, o rapaz com a unha comprida e ainda outros membros da companhia dos enfermos; ficavam parados, contraindo ironicamente as comissuras da boca, sufocando o riso no lenço e olhando o jovem, que sorria com ar ausente e apaixonado, tendo as faces abrasadas daquele ardor que o incomodava desde a noite da sua chegada, e fixando em determinado ponto os olhos luzentes, com aquele brilho que neles acendera a tosse do aristocrata austríaco...

No fundo, era muito gentil da parte do sr. Settembrini aproximar-se, em tais circunstâncias, de Hans Castorp, para entabular uma conversa com ele e informar-se sobre o seu estado de saúde. Mas é duvidoso que seu interlocutor soubesse apreciar com a devida gratidão a atitude filantrópica e a liberdade de preconceitos que nisso se manifestavam. Assim se deu, certa vez, no vestíbulo, numa tarde de domingo. Os pensionistas comprimiam-se em torno do porteiro, estendendo as mãos para agarrar a correspondência. Também Joachim achava-se ali. Seu primo ficava para trás, procurando obter, na referida postura, um olhar de Clawdia Chauchat, que se encontrava perto dele, com seus companheiros de mesa, esperando que se dispersasse a multidão que cercava a portaria. Era essa uma hora em que se misturavam os hóspedes, hora prenhe de oportunidades, e por isso querida e almejada pelo jovem Hans Castorp. Havia oito dias, ele roçara madame Chauchat diante do guichê, de modo que ela até o empurrara de leve e dissera “Pardon!”, com uma ligeira inclinação da cabeça, ao que ele lograra responder, em virtude de uma febril e, a seu ver, abençoada presença de espírito:

— Pas de quoi, madame![2]

“Que dádiva”, pensou ele, “a correspondência ser distribuída no vestíbulo, nas tardes de domingo!” Pode-se dizer que ele gastava a semana toda no aguardo de que uma mesma hora voltasse a ocorrer, dali a sete dias — e aguardar significa adiantar-se, significa sentir o tempo e o

presente não como um dom, mas como mero obstáculo, significa negar e aniquilar seu valor intrínseco e saltá-los espiritualmente. Dizem que é enfadonho esperar. Mas ao mesmo tempo, e mais propriamente, esperar é divertido, pois assim se devoram quantidades de tempo sem as viver e explorar como tais. Poder-se-ia dizer que o homem que apenas espera se parece com um comilão cujo aparelho digestivo deixa passar as massas de comida sem lhes assimilar os valores nutritivos e proveitosos. Poder-se-ia ir ainda mais longe e dizer: como os alimentos não digeridos não fortificam o homem, o tempo desperdiçado na espera não faz envelhecer. Verdade é que praticamente não existe a espera pura, sem mistura.

Fora, pois, devorada uma semana, e a hora dominical do correio chegara de novo, como se ainda fosse a mesma de oito dias antes. Continuava, de forma muito excitante, a criar oportunidades. Cada minuto encerrava e oferecia a possibilidade de se estabelecer um contato social com a sra. Chauchat: eram possibilidades que faziam apertar e acossar o coração de Hans Castorp, sem que este lhes permitisse realizarem-se. A isso opunham-se inibições de natureza ora militar ora paisana: em parte estavam ligadas à presença do honrado Joachim e ao próprio senso de honra e de dever de Hans Castorp; em parte, porém, baseavam-se na sensação de que relações sociais com Clawdia Chauchat, relações *cerimoniosas* que obrigassem a dizer “a senhora”, fazer mesuras e, se possível, falar francês — ora, relações assim não eram necessárias nem desejáveis, nem adequadas… Ele deixava-se estar, observando o jeito de ela falar e rir-se, exatamente como fizera Pribislav Hippe outrora, lá no pátio da escola: os lábios dela abriam-se largamente, e os olhos oblíquos e glaucos, por cima das maçãs do rosto, contraíam-se formando estreitas fendas. Isso não era o que se poderia chamar de “belo”; era apenas como era, e em face da paixão amorosa o julgamento estético baseado na razão importa tão pouco quanto o raciocínio moral.

— O senhor também espera cartas, Engenheiro?

Havia uma única pessoa capaz de falar assim, um desmancha-prazeres. Hans Castorp, num sobressalto, voltou-se para o sr. Settembrini, que, sorrindo, se achava à sua frente. Era o mesmo sorriso fino e humanístico com que saudara o recém-chegado por ocasião do primeiro encontro, perto do banco, à margem do curso d'água. E, como então, Hans Castorp corou ao deparar com ele. Mas, embora nos seus sonhos frequentemente lhe ocorresse empurrar o "tocador de realejo", porque "era demais ali", evidenciou-se que o homem acordado é melhor que o cismarento, e Hans Castorp avistou esse sorriso não só com vergonha e a sensação de retorno à sobriedade, mas também com sentimentos de um grato desamparo. Ele disse:

— Cartas? Ora veja, sr. Settembrini! — respondeu. — Não sou embaixador. Talvez haja um cartão-postal para um de nós dois. Meu primo já foi ver.

— A mim, aquele diabo coxo ali na frente já me entregou minha pequena correspondência — disse Settembrini, levando a mão ao bolso do infalível paletó de tecido espesso. — Coisas interessantes, coisas de grande envergadura literária e social, não nego! Trata-se de uma obra enciclopédica, para cuja colaboração um instituto humanitário fez-me a honra de convidar-me… Um belo trabalho, afinal… — Settembrini interrompeu-se. — Mas e os seus próprios assuntos? — perguntou. — Como vão eles? Até que ponto progrediu, por exemplo, o seu processo de aclimatação? Fazendo as contas, o senhor ainda não está há tanto tempo em nosso meio a ponto de a pergunta vir fora de propósito.

— Obrigado, sr. Settembrini. Por enquanto continuo tendo algumas dificuldades. Acho possível que isso vá assim até o último dia. Há quem nunca se habitue, como disse meu primo logo que cheguei. Mas a gente se habitua ao fato de não se habituar.

— Um processo meio complicado — zombou o italiano. —

Um modo um tanto estranho de se assimilar. Naturalmente, a juventude é capaz de tudo. Não se habitua, mas se arraiga.

— E afinal, isto aqui não é uma mina siberiana…

— Não, não é mesmo. Mas vejo que o senhor prefere comparações orientais. É compreensível. A Ásia nos devora. Aonde quer que se olhe, só se veem caras tártaras. — E o sr. Settembrini voltou discretamente a cabeça por cima do ombro. — Gêngis Khan — acrescentou —, olhos de lobo da estepe brilhando no escuro, neve e aguardente, cnutes, a fortaleza de Schlüsselburg e o cristianismo. Deveriam erguer, aqui no vestíbulo, um altar a Palas Atena, como medida de defesa. O senhor está vendo? Lá na frente, um desses Ivan Ivanovitch, que não dispunha de roupas de baixo, começou a discutir com o promotor Paravant. Cada um diz que é sua vez de receber a correspondência. Não sei quem tem razão, mas a meu ver o promotor acha-se sob a proteção da deusa. É um burro, sem dúvida, mas ao menos sabe latim.

Hans Castorp riu-se — o que o sr. Settembrini jamais fazia. Era impossível imaginá-lo rindo à vontade. Não ia além da contração fina e seca de uma das comissuras da boca. Após ter contemplado o riso do jovem, perguntou:

— Já lhe entregaram o seu diapositivo?

— Entregaram, sim! — confirmou Hans Castorp, dando-se ares de importância. — Já faz algum tempo. Aqui está. — E levou a mão até um bolso interno à altura do peito.

— Ah, o senhor o leva consigo na carteira? Como uma espécie de documento, um passaporte ou uma carteira de sócio. Ótimo! Deixe ver. — E erguendo a chapinha de vidro tarjada de preto, segurou-a contra a luz, entre o polegar e o indicador da mão esquerda, gesto muito comum, frequentemente visto ali em cima. O rosto com os olhos negros, amendoados, torceu-se numa leve careta, enquanto examinava a fotografia fúnebre, sem deixar perceber claramente se isso era para ver melhor ou por outros

motivos.
— Pois é — disse então. — Muito agradecido! E tome aqui o passaporte que o legítima. — Com isso devolveu a chapa ao proprietário, mantendo-se de lado e como que passando-a por cima do próprio braço, sem voltar sequer o rosto para o rapaz.
— Viu os cordões? — perguntou Hans Castorp. — E os nódulos?
— O senhor já sabe — replicou o sr. Settembrini devagar — o que penso a respeito da importância desses produtos. Sabe também que as manchas e as sombras aí dentro são, na maioria, de origem fisiológica. Vi centenas de radiografias que tinham, pouco mais ou menos, o aspecto da sua, e deixavam ao critério de quem as examinasse toda a liberdade de considerá-las ou não como "passaporte". Eu falo aqui como leigo, mas leigo veterano, ao menos.
— E seu próprio passaporte é pior?
— Sim, um pouco pior... Por outro lado sei que nossos mestres e superiores não fundam diagnóstico algum exclusivamente nesse brinquedo... E então, o senhor pretende passar o inverno conosco?
— Ah, meu Deus, que fazer?... Começo a me familiarizar com a ideia de que só descerei em companhia do meu primo.
— Quer dizer que o senhor se habitua ao fato de não... Formulou isso de um jeito muito espirituoso. Espero que já tenha recebido sua bagagem... Roupas quentes, calçados firmes?
— Recebi tudo. Tudo em perfeita ordem. Informei meus parentes, e nossa governanta me enviou as coisas por expresso. Agora estou preparado.
— Isso me tranquiliza. Mas, escute! O senhor vai precisar de um saco de peles. Agora é que me lembro! Esse veranico é traiçoeiro. De um momento para outro podemos estar em pleno inverno. O senhor passará aqui os meses mais frios...
— Pois é, o saco de repouso — disse Hans Castorp. — É

uma peça necessária, sem sombra de dúvida. Também já ventilei vagamente o projeto de ir à aldeia, nos próximos dias, junto com meu primo, para comprar um. Lá embaixo nunca mais precisarei dele, mas para quatro ou seis meses já vale a pena.

— Vale, Engenheiro, vale mesmo — disse o sr. Settembrini baixinho, aproximando-se um pouco mais do jovem. — Sabe o senhor que é horroroso ouvir com que leviandade fala de meses? É horroroso porque é antinatural e contrário ao seu caráter, e porque isso provém unicamente da docilidade dos seus anos. Ai dessa excessiva docilidade da juventude! É o desespero dos educadores, por mostrar-se disposta a aceitar sobretudo as coisas ruins. Não fale como se costuma falar aqui, meu rapaz, mas como convém à sua maneira europeia de viver! Neste ar aqui há muita coisa da Ásia, principalmente. Não é sem motivo que esses tipos da Mongólia moscovita andam pululando por aí. Esse pessoal — e o sr. Settembrini fez um movimento com o queixo, apontando por cima do ombro — não lhe deve servir de modelo. Não se deixe contagiar pelos conceitos deles. Pelo contrário, oponha-lhes a própria natureza, a sua natureza superior, e mantenha sagrado o que, pela sua índole e pela sua origem, deve ser sagrado ao senhor, filho do Ocidente, do divino Ocidente, filho da civilização; o tempo, por exemplo. Esse procedimento generoso, essa prodigalidade bárbara no emprego do tempo é de estilo asiático. Pode ser que esse seja o motivo por que os filhos do Oriente se dão bem aqui. O senhor nunca notou que, quando um russo fala em “quatro horas”, é como se nós disséssemos “uma hora”? É fácil chegar à conclusão de que o pouco-caso que essa gente faz do tempo está relacionado com a vastidão selvagem do seu país. Onde há muito espaço há muito tempo. Diz-se que eles são o povo que tem tempo e pode esperar. Nós, os europeus, não o podemos. O tempo que temos é tão exíguo quanto o espaço do nosso continente nobre e delicado nos seus contornos. É preciso que

administremos o nosso tempo e o nosso espaço de maneira econômica, que tiremos proveito deles, Engenheiro, muito proveito! Tome como símbolo as nossas cidades grandes, esses centros, esses focos da civilização, esses cadinhos do pensamento! À medida que sobe ali o preço do solo e se torna impossível o desperdício de espaço, o tempo, repare bem nisso!, também chega a ter um valor cada vez mais elevado. *Carpe diem!* Quem cantava assim era um homem da metrópole. O tempo é um dom divino, outorgado ao homem para que o explore, sim, meu caro Engenheiro, para que o explore a serviço do progresso da humanidade.

Por maiores que fossem os obstáculos que estas últimas palavras, na sua forma alemã, oferecessem à língua mediterrânea do sr. Settembrini, ele conseguiu proferi-las de um modo agradável, claro, sonoro e — inegavelmente — plástico. Hans Castorp limitou a sua resposta àquele tipo de reverência breve, rígida e acanhada com que um aluno recebe uma lição que encerra uma censura. Que mais poderia replicar? Essa preleção altamente pessoal que o sr. Settembrini lhe fazia em segredo, quase cochichando, e com as costas voltadas aos outros pensionistas, tinha caráter muito objetivo, muito insociável, e afastava-se por demais de uma simples conversa para que o bom tato permitisse uma manifestação de aplauso. Não se responde a um professor: “Como o senhor falou bem!”. Em outras ocasiões, Hans Castorp às vezes o fizera para se manter, por assim dizer, num plano de igualdade social com o humanista. Mas este nunca lhe dirigira palavras tão insistentemente pedagógicas, que não deixavam lugar para outra atitude senão a de engolir a reprimenda, aturdido qual um escolar em face de tanta moral.

Via-se, de resto, na expressão do sr. Settembrini, que, apesar do seu silêncio, a atividade do seu espírito continuava. Ainda se encontrava bem perto de Hans Castorp, tanto que este até se viu forçado a reclinar o corpo um pouquinho para trás. Os olhos negros do italiano fitavam

o rosto do jovem com a fixidez cega de um homem absorto por suas ideias.

— O senhor sofre, Engenheiro — prosseguiu. — Sofre como um desnorteado… e quem deixaria de perceber tal coisa em sua fisionomia? Mas também a sua conduta em face do sofrimento deveria ser uma conduta europeia, e não a do Oriente, que, justamente por ser brando e propenso à enfermidade, povoa tanto esta região… Compaixão e paciência infinita: eis a maneira oriental de enfrentar o sofrimento. Não pode, não deve ser a nossa, não convém ao senhor!… Acabamos de falar da minha correspondência… Veja, aqui… Ou melhor, venha comigo! Aqui não se pode conversar… Vamos retirar-nos e entrar logo ali adiante. Quero fazer-lhe algumas confidências que… Venha! — E dando meia-volta arrastou Hans Castorp para fora do vestíbulo até a primeira saleta, a mais próxima do portão, mobiliada como sala de leitura, e onde a essa hora não havia pensionistas. Sob a abóbada branca, nas paredes revestidas de painéis claros, viam-se estantes de livros, uma mesa central, rodeada de cadeiras, coberta de jornais fixos em pregadores, e escrivaninhas sob as arcadas das janelas. O sr. Settembrini avançou até uma dessas janelas, seguido de Hans Castorp. A porta permaneceu aberta.

— Estes papéis — disse o italiano, tirando com mão pressurosa do bolso do paletó espesso um fascículo contendo um envelope volumoso com diversos folhetos e uma carta, que fez resvalar entre os dedos, para que Hans Castorp os pudesse ver — esses papéis têm o cabeçalho em francês: "Liga Internacional para a Organização do Progresso". Recebo-os de Lugano, onde existe uma seção filiada à Liga. O senhor quer conhecer os seus princípios, seus objetivos? Vou indicá-los em duas palavras. A Liga para a Organização do Progresso deriva da doutrina evolucionista de Darwin uma concepção filosófica segundo a qual a vocação natural mais profunda da humanidade é seu autoaperfeiçoamento. Disso ela deduz, então, que constitui

dever de cada indivíduo desejoso de corresponder a essa vocação natural colaborar ativamente no progresso da humanidade. Muitos acudiram ao chamado da Liga. É considerável o número dos seus sócios na França, Itália, Espanha, Turquia e até na Alemanha. Também eu tenho a honra de figurar como tal nas listas da Liga. Foi esboçado um amplo programa de reformas, baseado em princípios científicos, um programa que abrange todas as possibilidades atuais de aperfeiçoamento do organismo humano. Estuda-se o problema da saúde da nossa raça; são examinados todos os métodos para combater a degeneração, que é, sem dúvida, uma consequência inquietante da industrialização crescente. Além disso a Liga promove a fundação de universidades populares, empenha-se na superação da luta de classes, por meio de todos os melhoramentos sociais que possam contribuir para esse fim, e preocupa-se com a abolição das lutas entre os povos e da guerra, mediante o desenvolvimento do direito internacional. Como o senhor vê, os esforços da Liga são generosos e vastíssimos. Diversas revistas internacionais testemunham as suas atividades, revistas mensais, redigidas em três ou quatro idiomas importantes e que relatam de forma vívida a evolução progressista da humanidade civilizada. Foram fundados numerosos grupos locais nos diferentes países, que devem realizar discussões noturnas e solenidades dominicais, com a finalidade de esclarecer e de edificar o público no sentido do ideal do progresso humano. Mas antes de tudo a Liga dedica-se a ajudar, por meio desse seu material, os partidos políticos progressistas de todos os países... O senhor está seguindo as minhas palavras, Engenheiro?

— Perfeitamente! — respondeu Hans Castorp com uma veemência precipitada. Ao proferir essa palavra tinha a sensação de quem escorrega, mas ainda consegue, mal e mal, manter-se de pé.

O sr. Settembrini pareceu satisfeito.

— Creio que lhe abri perspectivas novas e surpreendentes.
— Sim, senhor, confesso que é a primeira vez que ouço falar desses... desses esforços.
— Uma pena — exclamou Settembrini em voz abafada —, uma pena que não tenha ouvido falar deles antes! Mas talvez ainda não seja tarde. Olhe estes folhetos... O senhor por certo deseja saber de que é que tratam... Pois então escute! Esta primavera foi convocada em Barcelona uma assembleia geral solene da Liga. Como sabe, essa cidade ufana-se de manter relações particulares com a ideia progressista. O congresso realizou-se durante uma semana, com banquetes e solenidades de toda espécie. Meu Deus! Eu tencionava seguir para lá, tinha o mais ardente desejo de participar das deliberações. Mas esse patife do Conselheiro proibiu a viagem, ameaçando-me de morte. Que quer o senhor? Eu receei a morte e não fui. Estava desesperado, como pode imaginar, por causa da peça que me pregou a minha saúde precária. Não há nada mais doloroso que ver como a nossa parte orgânica, a parte animal do nosso ser, nos impede de servir à razão. Tanto mais viva é a satisfação que me causa esta carta que recebi da secretaria da Liga em Lugano. O senhor está curioso de saber seu conteúdo? Não duvido! Dou-lhe umas informações rápidas então... A Liga para a Organização do Progresso, consciente do fato de que a sua tarefa consiste em promover a felicidade dos homens, ou, em outros termos: em lutar contra o sofrimento humano, por meio de um trabalho social adequado, e com o fim de exterminá-lo por completo; e considerando, ademais, que essa tarefa suprema só pode ser cumprida com o auxílio da ciência sociológica, cujo objetivo final é o Estado perfeito, ora, diante de tudo isso, a Liga resolveu, em Barcelona, publicar uma obra, em diversos volumes, que levará o título *Sociologia dos males* e na qual serão estudados, de uma forma sistemática e completa, os sofrimentos humanos, segundo as suas categorias e espécies. O senhor vai objetar: que adiantam categorias, espécies e sistemas? Respondo-

lhe: a ordem e a classificação formam o começo do domínio, e o inimigo mais perigoso é o inimigo desconhecido. É necessário arrancar o gênero humano dos estados primitivos do medo e da apatia passiva e conduzi-lo rumo à fase da atividade consciente do seu objetivo. É mister ensinar-lhe que desaparecem aqueles efeitos cujas causas primeiro reconhecemos e depois abolimos, e que quase todos os males do indivíduo são enfermidades do organismo social. Muito bem! É esta a intenção da *Sociologia dos males*. Em aproximadamente vinte volumes de tipo enciclopédico, serão enumerados e tratados todos os males imagináveis dos homens, desde os males mais pessoais e mais íntimos até os grandes conflitos coletivos, os males que têm a sua origem nas inimizades de classes e nos entrechoques internacionais; numa palavra, a obra mostrará os elementos químicos que, em múltipla mistura e combinação, compõem todos os sofrimentos humanos; e, tomando por diretriz a dignidade e a felicidade dos homens, indicará para cada caso os remédios e medidas que lhe parecem apropriados para eliminar a causa do mal. Especialistas destacados entre eruditos europeus, médicos, economistas e psicólogos, repartirão entre si a redação dessa enciclopédia dos sofrimentos, e a secretaria central em Lugano será o estuário para onde confluirão os rios de artigos. Vejo que seus olhos me perguntam qual será o papel que eu desempenharei em tudo isso. Permita-me concluir! Nesta grande obra também não devem ser omitidas as belas-letras, na medida em que estas tiverem por assunto o sofrimento humano. Por isso foi previsto um volume especial que, para consolo e instrução dos que sofrem, deve conter uma compilação e uma breve análise de todas as obras-primas da literatura universal que se refiram ao respectivo conflito. E precisamente essa é a tarefa da qual foi incumbido este seu humilde criado, na carta que o senhor vê aqui.

— Não diga, sr. Settembrini! Permita que eu o felicite de todo o coração! É uma incumbência formidável e, segundo

creio, feita como que sob medida para o senhor. Não me surpreende nem um pouquinho que a Liga tenha pensado em sua pessoa para essa tarefa. E como não deve estar satisfeito, agora que pode contribuir para o extermínio do sofrimento humano!

— É um trabalho enorme — disse o sr. Settembrini, pensativo —, requer muito tino e muita leitura. Tanto mais — acrescentou, enquanto o seu olhar parecia perder-se na multiplicidade de suas tarefas —, tanto mais que as belas-letras quase sempre têm por assunto o sofrimento, e até obras-primas de segunda ou terceira categoria se preocupam de alguma forma com ele. Não faz mal, ou antes: tanto melhor! Por vasta que seja a tarefa, em todo caso é das que se podem executar neste lugar maldito, ainda que eu espere não ser obrigado a terminá-la aqui. O mesmo não se pode dizer — continuou, aproximando-se novamente de Hans Castorp e baixando a voz até quase cochichar —, o mesmo não se pode dizer dos deveres que a natureza impõe ao senhor, Engenheiro. Eis o ponto a que eu tencionava chegar, e nesse sentido desejava exortá-lo. O senhor sabe quanto admiro a sua profissão; mas, como é uma profissão prática e não uma profissão literária, o senhor não pode exercê-la aqui, bem ao contrário da minha. Só na planície pode ser europeu, só ali pode combater o sofrimento ativamente, à sua maneira, só ali pode promover o progresso e aproveitar o tempo. Falei-lhe da tarefa que me coube apenas para lhe recordar isso, para chamá-lo à razão, para corrigir os seus conceitos que, aparentemente, começam a perturbar-se sob a influência da atmosfera. Insisto com o senhor: vele por sua dignidade! Seja orgulhoso e não se perca no ambiente estranho! Evite este atoleiro, esta ilha de Circe. O senhor não é Ulisses tanto assim, para habitá-la impunemente. Acabará andando sobre as quatro patas, já está a ponto de se apoiar nas extremidades dianteiras, e daqui a pouco começará a grunhir. Cuidado!

Ao proferir em voz abafada as suas exortações, o

humanista sacudira a cabeça com insistência. A seguir, permaneceu calado, com os olhos baixos e o cenho carregado. Era impossível responder-lhe com brincadeiras ou evasivas, como era costume de Hans Castorp, e como, por um instante, ele novamente pensou fazer. Também ele baixara as pálpebras. Por fim, encolhendo os ombros, disse em voz igualmente baixa:

— Que devo fazer?

— O que eu lhe disse.

— Isso significa: partir?

O sr. Settembrini ficou calado.

— O senhor quer dizer que devo regressar para casa?

— É o que lhe aconselhei logo na primeira noite, Engenheiro.

— Sim, senhor, e naquela ocasião eu tinha plena liberdade de fazê-lo, embora achasse pouco razoável safar-me daqui, só porque o ar das alturas me incomodava um pouco. Mas desde então a situação mudou bastante. Nesse ínterim houve o exame médico, depois do qual o Conselheiro Behrens me disse com todas as letras que não valia a pena regressar, pois dentro de pouco tempo me veria obrigado a voltar para cá; e que se eu continuasse a viver daquele jeito na planície me arriscaria a que, dentro de pouco tempo, todo o lobo do pulmão fosse para o diabo.

— Eu sei. Agora, o senhor tem seu passaporte no bolso.

— Sim, o senhor diz isso com tanta ironia… Com a ironia justa, perfeitamente compreensível, que é um meio clássico e correto de eloquência… Está vendo como gravei na memória suas palavras? Mas o senhor pode mesmo assumir a responsabilidade de me dar o conselho de regressar, apesar dessa fotografia, do resultado da radioscopia e do diagnóstico do Conselheiro Áulico?

Settembrini hesitou um momento. Depois endireitou-se, abriu os olhos, fixou-os em Hans Castorp, firmes e negros, e replicou com uma ênfase que não deixava de encerrar um quê de teatral e de exagerado:

— Sim, Engenheiro, assumo esta responsabilidade.

Mas também Hans Castorp entesara sua postura. Mantinha os tacões juntos e encarava o sr. Settembrini. Desta vez tratava-se de um duelo. Hans Castorp não arredava pé. Existiam influências próximas a fortificá-lo. De um lado havia um pedagogo, e do outro, lá fora, uma mulher de olhos rasgados. Ele nem sequer se desculpou pelo que disse; não acrescentou: "Não leve a mal minhas palavras!". Limitou-se a retrucar:

— Nesse caso, o senhor é mais prudente quando se trata de si próprio do que em relação a outros. O senhor não viajou para o congresso da Liga em Barcelona, contra a proibição do médico. Tinha medo da morte e ficou aqui.

Até certo ponto, não havia dúvida, caiu por terra a pose do sr. Settembrini. Ele sorriu, um tanto forçado, e respondeu:

— Sei apreciar uma resposta incisiva, mesmo que a sua lógica não se distancie muito do sofisma. Repugna-me entrar na odiosa competição que está em moda por aqui; do contrário lhe responderia que ando muito mais doente que o senhor. Desgraçadamente estou tão enfermo que, sem exagero, mantenho apenas com artifícios, e na intenção de me iludir a mim mesmo, a esperança de abandonar este lugar e voltar ao mundo lá de baixo. No momento em que se tornar evidente a indecência dessa atitude, virarei as costas a este estabelecimento e ocuparei, para o resto dos meus dias, um quarto numa casa particular em qualquer lugar do vale. Será triste, mas, como a esfera do meu trabalho é a mais livre e a mais espiritual de todas, isso não me impedirá de servir até o meu último suspiro a causa da humanidade nem de fazer frente ao espírito da doença. Já chamei a atenção do senhor para a diferença que nesse ponto existe entre nós. Meu caro Engenheiro, o senhor não é um homem capaz de defender aqui o que há de melhor na sua natureza. Verifico isso desde nosso primeiro encontro. O senhor me objeta que não fui a Barcelona. Submeti-me à proibição do médico para não me destruir antes do tempo. Mas fiz isso

com as mais enérgicas reservas, sob o mais altivo e doloroso protesto do meu espírito contra a pressão do meu corpo miserável. Será que esse protesto está vivo também no senhor, quando se sujeita aos preceitos das potências daqui? Não serão apenas *o corpo* e sua tendência nefasta o que o faz obedecer com demasiada espontaneidade?...

— O que o senhor tem contra o corpo? — Hans Castorp não tardou a interrompê-lo e fixou no italiano seus olhos azuis arregalados, cuja esclera estava estriada de veias vermelhas. Sua audácia entonteceu-o, e qualquer um perceberia isso nele. “De que é que estou falando?”, pensou. “Estou indo longe demais. Mas, uma vez que me pus em pé de guerra, vou fazer o possível para não deixar com ele a última palavra. Naturalmente ele acabará triunfando; mas não faz mal, porque sempre tirarei disso algum proveito. Vou provocá-lo.” E completou a sua objeção, dizendo: — O senhor não é humanista? Como pode falar mal do corpo?

Settembrini sorriu, dessa vez sem esforço, seguro de si.

— “Que tem o senhor contra a análise?” — citou, com a cabeça inclinada sobre o ombro. — “Não gosta nem de falar da análise?” O senhor sempre me encontrará disposto a responder às suas perguntas, Engenheiro — continuou com uma reverência, esboçando com a mão um gesto de saudação que descia até o soalho —, sobretudo quando os seus argumentos dão prova de espírito. Não lhe falta elegância ao ripostar. Humanista? Claro que sou. O senhor nunca me apanhará manifestando tendências ascéticas. Digo “sim” ao corpo, honro-o e sinto amor por ele, assim como me porto em face da forma, da beleza, da liberdade, da alegria e do gozo, assim como tomo partido das coisas mundanas, dos interesses da vida, contra a aversão sentimentalista do mundo; represento o Classicismo contra o Romantismo. Acho que a minha posição é inequívoca. Mas existe um poder, um princípio ao qual dedico a minha fervorosa aprovação, meu supremo respeito e amor, e esse poder, esse princípio é o espírito. Por mais que eu abomine

ver como alguns, com a cabeça na lua, procuram opor ao corpo vivente fantasias e fantasmagorias suspeitas a que chamam de “alma”, não ignoro que, dentro da antítese de corpo *e espírito*, o primeiro representa o princípio mau e diabólico; pois o corpo é natureza, e a natureza (quando oposta ao espírito, à razão, eu repito!) é má: mística e má! “O senhor é humanista!” Sou humanista, sim, não se discute, pois sou amigo do homem, como Prometeu o era, um enamorado da humanidade e de sua nobreza. Essa nobreza, no entanto, acha-se encerrada no espírito, na razão, e por isso seria em vão se o senhor me acusasse de obscurantismo cristão…

Hans Castorp refutou a suposição com um gesto.

— … seria absolutamente em vão o senhor me acusar disso — insistiu Settembrini —, só porque um belo dia o humanismo, no seu nobre orgulho, chegou a se dar conta da humilhação, da ignomínia que reside no fato de o espírito estar ligado ao corpo, à natureza. O senhor tem conhecimento de que nos foi transmitido um dito do grande Plotino, segundo o qual ele sentia vergonha de ter um corpo? — perguntou Settembrini, e exigiu tão a sério uma resposta que Hans Castorp se viu obrigado a confessar que ouvia isso pela primeira vez. — Quem nos transmitiu essas palavras foi Porfírio. É uma sentença absurda, se assim quiser. Mas o absurdo é a honestidade espiritual, e no fundo não há nada mais nobre que a objeção do absurdo, nos casos em que o espírito procura manter sua dignidade em face da natureza e recusa abdicar a favor dela… O senhor ouviu falar do terremoto de Lisboa?

— Não, houve um terremoto? Aqui não vejo jornais.

— O senhor me entendeu mal. De passagem vale dizer que é lamentável, e bem característico deste lugar, que o senhor se descuide da leitura dos jornais. Mas o senhor não me compreendeu bem. O fenômeno natural a que aludi não é recente; passou-se faz aproximadamente cento e cinquenta anos…

— Ah sim! Espere um pouco. É verdade. Eu li que Goethe recebeu a notícia em Weimar, em seu quarto, de noite, e disse ao criado…

— Ora, não era disso que eu queria falar — interrompeu-o Settembrini, fechando os olhos e agitando no ar a mãozinha trigueira. — O senhor aliás confunde as catástrofes. Pensa no terremoto de Messina. Eu me refiro ao abalo sísmico que sofreu Lisboa em 1755.

— Perdão.

— Bem, Voltaire revoltou-se contra ele.

— Quer dizer… Como assim? Ele se revoltou?

— Pois é, rebelou-se. Não admitiu aquele fado ou fato brutal, negou-se a abdicar perante ele. Protestou em nome do espírito e da razão contra esse excesso escandaloso da natureza que vitimou três quartas partes de uma florescente cidade e milhares de vidas humanas… O senhor fica pasmado? Sorri? Que pasme, mas, quanto ao sorriso, tomo a liberdade de censurá-lo. A atitude de Voltaire era a de um autêntico descendente daqueles antigos gauleses que atiravam as suas flechas contra o céu. Olhe, Engenheiro, aí o senhor vê a hostilidade do espírito em face da natureza, a orgulhosa desconfiança com que a encara, a maneira nobre pela qual se obstina no direito de criticar a ela e a seu poder maligno e insensato. Pois a natureza é o poder, e aceitar o poder, conformar-se com ele, repare bem: conformar-se *intimamente* com ele, é servil! E com isso o senhor chega àquele humanismo que absolutamente não se deixa cair em nenhuma contradição e que não se torna culpado de qualquer reincidência em hipocrisia cristã, quando se decide ver no corpo o princípio mau e antagônico. A contradição que o senhor pensa encontrar é, no fundo, sempre a mesma. “Que tem o senhor contra a análise?” Nada… quando ela se empenha em instruir, em libertar, em promover o progresso. Tudo… quando traz consigo o asqueroso olor faisandé[3] do túmulo. E o mesmo se dá com o corpo. É preciso honrá-lo e defendê-lo onde se trata da sua emancipação e da sua

beleza, da liberdade dos sentidos, da felicidade, do prazer. É mister desprezá-lo cada vez que se opuser, como princípio da gravidade e da inércia, ao movimento rumo à luz. Convém detestá-lo quando chega a representar o princípio da doença e da morte, quando o seu espírito específico se torna o espírito da perversidade, o espírito da decomposição, da volúpia e da vergonha…

Estas últimas palavras, Settembrini as proferira muito perto de Hans Castorp, falando quase sem voz e com muita rapidez, para poder concluir. Chegou socorro a Hans Castorp: Joachim entrou na sala de leitura com dois cartões-postais na mão. O discurso do literato ficou interrompido, e a habilidade com que sua fisionomia assumiu uma expressão leve e mundana não deixou de impressionar seu aluno — se é que podemos designar Hans Castorp dessa maneira.

— Olá, Tenente! O senhor deve ter andado à procura do seu primo. Queira perdoar! Entabulamos uma conversa, e se não me engano tivemos até uma pequena disputa. Nada mau como argumentador, o senhor seu primo: um adversário bem pouco inofensivo no debate de ideias, quando dá importância ao assunto.

HUMANIORA

Hans Castorp e Joachim Ziemssen, trajando calças brancas e jaquetas azuis, estavam sentados no jardim, depois do almoço. Era mais um desses tão elogiados dias de outubro, um dia quente sem ser pesado, de um brilho festivo, e ao mesmo tempo de certo sabor amargo. Um azul de intensidade meridional pairava por cima do vale, em cujo fundo ainda verdejavam alegremente as pradarias sulcadas de veredas e salpicadas de habitações, e de cujas encostas cobertas de matagal selvagem vinham os sons dos cincerros das vacas — esse tilintar metálico, música pacífica e singela, que flutuava, clara e tranquila, através dos ares calmos, vazios e rarefeitos, aprofundando a atmosfera de solenidade que predomina em regiões altas.

Os primos haviam se instalado num banco, em uma das extremidades do jardim, diante de um largo circular, plantado de abetos novos. O lugar estava situado na parte noroeste da plataforma cercada, que se elevava uns cinquenta metros acima do vale e formava o pedestal do Berghof. Permaneciam calados. Hans Castorp fumava. No íntimo, experimentava algum rancor contra Joachim, porque este, depois do almoço, não quisera tomar parte na reunião do terraço e, contra o seu desejo, forçara-o a desfrutar a calma do jardim, antes de se entregar ao repouso regulamentar. Era uma atitude tirânica da parte de Joachim. Afinal de contas, eles não eram gêmeos siameses. Podiam separar-se quando suas inclinações não coincidiam. Ora, Hans Castorp não se achava ali para fazer companhia a Joachim; ele mesmo era paciente. Pensando nisso, amuava-se, e não lhe era difícil suportar o amuo, já que dispunha do Maria Mancini. Com as mãos nos bolsos da jaqueta, estendendo diante de si os pés calçados de sapatos marrons, deixava pender entre os lábios o charuto comprido e acinzentado, que se encontrava na primeira fase da

combustão, o que quer dizer que não fora ainda removida a cinza da ponta obtusa. Depois da refeição farta, gozava aquele aroma que voltara a saborear plenamente. Bem podia ser que a sua aclimatação ali em cima consistisse apenas em habituar-se à ideia de não se habituar, e contudo era evidente que, no que se referia às reações químicas do seu estômago e aos nervos das suas mucosas secas e propensas a sangrar, a adaptação se realizara enfim; insensivelmente e sem que ele fosse capaz de observar o progresso, ressuscitara, no decorrer desses sessenta e cinco ou setenta dias, todo o prazer orgânico que tinha origem naquele estimulante ou anestesiante vegetal tão bem preparado. Hans Castorp regozijava-se de lhe ter reencontrado o sabor. A satisfação moral intensificava o prazer físico. Durante o tempo que passara na cama, fizera economias nos duzentos charutos que trouxera como provisão de viagem, e dos quais ainda sobravam alguns. Mas, junto com a roupa de baixo e os trajes de inverno, mandara que Schalleen lhe enviasse outras quinhentas unidades do produto bremense, para ficar bem fornido. Eram caixinhas envernizadas muito bonitas, ostentando, como detalhes dourados, um globo terrestre, muitas medalhas e um edifício de exposição rodeado de bandeiras tremulando ao vento.

Enquanto estavam assim sentados, eis que o conselheiro Behrens atravessou o jardim. Naquele dia tomara parte no almoço, à mesa da sra. Salomon. Haviam-no visto juntar diante do prato as enormes manzorras. Depois, provavelmente se detivera no terraço, dirigindo a cada enfermo algumas palavras pessoais e exibindo, talvez, o truque dos cordões de sapato, para quem ainda não o tivesse visto. Agora aproximava-se, flanando pelo caminho ensaibrado, sem o jaleco de médico, num fraque de quadradinhos, com o chapéu-coco para trás, e tendo na boca, também ele, um charuto muito preto, do qual tirava grandes baforadas de fumaça esbranquiçada. A cabeça e o

rosto com as faces azuladas, que pareciam quentes, com o nariz arrebitado, os olhos azuis, lacrimosos, e o bigodinho torto, eram pequenos em proporção à silhueta comprida, levemente encurvada, e às dimensões das mãos e dos pés. O médico andava nervoso e sobressaltou-se visivelmente ao deparar com os primos. Até deu a impressão de estar um tanto confuso, vendo-se obrigado a ir cumprimentá-los. Fê-lo na sua maneira habitual, jovialmente, citando um verso apropriado de Schiller, "Veja lá, veja lá, Timóteo!", e pedindo, ao mesmo tempo, a bênção do céu para a digestão dos pacientes. Fez questão de que permanecessem sentados, quando quiseram levantar-se em respeito a ele.

— Não se incomodem! Fiquem à vontade! Nada de cerimônias com um homem humilde como eu! É uma honra que não mereço, tanto mais que ambos os senhores estão enfermos. Não precisam observar essas formalidades. Vamos deixar tudo como está.

E manteve-se de pé à frente dos primos, com o charuto entre os dedos indicador e médio da manzorra.

— Que tal esse repolho enrolado, Castorp? Deixe ver, sou perito e amador. A cinza é boa. Que bela morena é essa?

— Maria Mancini, Postre de Banquett, de Bremen, sr. Conselheiro. Custa pouco ou nada, dezenove pfennig nas cores selecionadas, mas tem um buquê que normalmente não se encontra por esse preço. Sumatra-Havana, com capa cor de areia, como o senhor pode ver. É uma mistura meio pesada e muito saborosa, mas que parece bem leve à língua. Esse charuto gosta que se lhe deixe a cinza o maior tempo possível. Em geral não a removo mais de duas vezes. Claro que ele tem seus caprichos, mas o controle da fabricação deve ser muito rigoroso, porque o Maria é de absoluta confiança quanto às suas qualidades e puxa com uma regularidade perfeita. O senhor permite que eu lhe ofereça um?

— Obrigado. Podemos fazer uma troca. — E ambos tiraram as charuteiras.

— Este é de raça — disse o conselheiro áulico, mostrando a Hans Castorp a marca que fumava. — Tem temperamento, sabe? E está cheio de força e de seiva. St. Felix-Brasil; sempre preferi este tipo. Um autêntico remédio para qualquer preocupação. Arde como aguardente, e sobretudo no fim produz algo de fulminante. Recomenda-se certa reserva nas relações com ele. Não se pode acender um após outro; isso ultrapassa as forças de um homem. Mas prefiro um bom trago de vez em quando a vapor d'água o dia todo…

Fizeram girar entre os dedos os presentes recíprocos, examinaram com perícia esses corpos esbeltos, que tinham qualquer coisa de vida orgânica: as costelas oblíquas e paralelas, formadas pelas beiras elevadas e, aqui ou ali, um tanto despegadas da capa; as veias expostas que pareciam pulsar; as pequenas asperezas da pele; e o jogo da luz sobre as superfícies e arestas. Hans Castorp formulou sua impressão:

— Um charuto desses tem vida. Respira, literalmente. Lá em casa me deu na veneta guardar o Maria numa caixa de metal hermeticamente fechada, para protegê-lo da umidade. O senhor acredita que ele morreu? Dentro de uma semana pereceram todos, e o que sobrou foram cadáveres com cheiro de couro.

E ambos trocaram experiências acerca da melhor maneira de conservar charutos, sobretudo os importados. O conselheiro apreciava muito os importados, e de preferência fumaria Havanas pesados, mas infelizmente não conseguia suportá-los. Dois pequenos Henry Clay, cujos encantos fruíra durante certo sarau, quase que o haviam mandado à outra vida.

— Fumei-os com o café — contou —, um após outro sem prestar atenção. Mas quando terminei, comecei a me perguntar o que se estava passando comigo. Eu me sentia diferente; era uma sensação totalmente estranha que eu jamais experimentara. Não foi fácil chegar até em casa, e

depois não acreditei nos meus próprios olhos. Tinha as pernas geladas, sabe? Um suor frio por todo o corpo; o rosto branco como um lençol; o coração com toda espécie de crises; o pulso ora fininho que nem um fio e quase imperceptível, ora galopando a rédea solta; compreende? E o cérebro numa agitação louca... Eu tinha certeza de que dançava a minha última dança. Falo em dança, porque é o termo que então me ocorreu, e que empreguei, falando com meus botões, para caracterizar o meu estado. Pois, no fundo, achei a coisa formidável; pareceu-me uma verdadeira festa, embora eu tivesse um medo terrível. Mais exatamente, eu era todo medo, dos pés à cabeça. Olhe, o medo e a alegria não se excluem, como todo o mundo sabe. Um rapaz que está a ponto de possuir pela primeira vez uma garota também treme de medo, e ela não menos. E todavia se desmancham de prazer. Bem, eu quase que me teria desmanchado igualmente. Com o peito arfando, comecei a dançar aquela última dança. Mas a Mylendonk, com as suas aplicações, conseguiu tirar-me daquele estado. Compressas geladas, fricções a escova, uma injeção de cânfora, e assim me salvaram para a humanidade.

Hans Castorp, sentado, na sua qualidade de paciente, contemplava o médico com uma expressão que demonstrava a atividade de seu cérebro. Notou que, durante a narrativa, os olhos azuis e proeminentes de Behrens se haviam enchido de lágrimas.

— O senhor pinta às vezes, não é verdade, sr. Conselheiro? — perguntou de repente.

O médico fingiu-se sumamente surpreso.

— Como? Por quem me toma, moço?

— Desculpe. Assim ouvi dizer por aí, e por acaso me lembrei agora.

— Hum, nesse caso não vou negá-lo. Todos nós temos as nossas fraquezas. Pois é, confesso que essas coisas me acontecem. Anch' io sono pittore,[4] como costumava dizer aquele espanhol.

— Paisagens? — perguntou Hans Castorp lacônica e condescendentemente, num tom que as circunstâncias o faziam adotar.

— Tudo que o senhor quiser! — respondeu o conselheiro áulico entre acanhado e jactancioso. — Paisagens, naturezas-mortas, animais… Quando se é homem, não se tem medo de nada.

— E retratos?

— Já me aconteceu pintar um retrato ou outro. O senhor quer encomendar o seu?

— Rá, rá, rá! Não, não, mas seria muito gentil da sua parte, sr. Conselheiro, se qualquer dia nos mostrasse os seus quadros.

Após ter lançado ao primo um olhar surpreso, Joachim apressou-se em afirmar que também ele acharia isso muito gentil.

Behrens estava encantado, lisonjeado às raias do entusiasmo. Até corou de prazer, e dessa vez seus olhos deram a impressão de querer derramar as lágrimas.

— Como não! — exclamou. — Será um prazer imenso! Se os senhores quiserem, podemos ir já. Venham, venham comigo! Vou lhes preparar um café turco no meu antro! — E tomou os dois jovens pelo braço, forçou-os a se levantarem e, caminhando entre eles, de braço dado, guiou-os pela vereda ensaibrada em direção ao seu apartamento, que, como já sabiam, se achava bem perto, na ala noroeste do Berghof.

— Tempos atrás — disse Hans Castorp — eu mesmo fiz algumas tentativas nesse gênero.

— Não diga! Coisa sólida, a óleo?

— Não, não. Não fui além de algumas aquarelas. Às vezes um navio, outras uma paisagem marinha, bagatelas e nada mais. Mas gosto muito de apreciar quadros, e por isso tomei a liberdade…

Essa explicação serviu, até certo ponto, para tranquilizar e esclarecer Joachim a respeito da estranha curiosidade do

primo. E com efeito, fora mais para ele que para o conselheiro que Hans Castorp recordara os seus próprios estudos artísticos. Chegaram. Desse lado não havia um portal tão magnífico, franqueado de lampiões, como do lado da rampa. Alguns degraus encurvados conduziam ao portão de carvalho, que o conselheiro abriu com uma das chaves do seu bem-provido chaveiro. Ao fazê-lo, tremia-lhe a mão. Evidentemente estava nervoso. Acolheu-os um vestíbulo guarnecido de cabides, onde Behrens pendurou o chapéu-coco. Mais para dentro havia um pequeno corredor que uma porta envidraçada separava do resto da casa. Aos dois lados desse corredor estendiam-se as peças do apartamento particular. O médico chamou a criada e deu ordens. A seguir, entre palavras joviais e animadoras, fez entrar os hóspedes por uma das portas à direita.

Depararam com alguns cômodos mobiliados de modo banalmente burguês, que davam para o vale e comunicavam entre si, separados apenas por reposteiros: uma sala de jantar em estilo “alemão antigo”; uma saleta de estar e de trabalho, com uma escrivaninha, acima da qual estavam suspensos um boné de estudante e dois sabres cruzados, com alguns tapetes de lã, uma estante e um sofá; e finalmente um gabinete de fumar, de mobília “turca”. Em toda parte viam-se quadros, os quadros do conselheiro áulico. Cheios de cortesia e dispostos a admirar, os olhos dos visitantes prontamente convergiram sobre eles. A malograda esposa do médico estava representada diversas vezes, pintada a óleo e também em fotografia, sobre a escrivaninha. Era uma loura um tanto enigmática, vaporosamente vestida, com as mãos juntas à altura do ombro esquerdo — não juntas firmemente, mas apenas unindo de leve as articulações superiores dos dedos — e com os olhos ora dirigidos para o céu, ora bem baixos, escondidos sob as longas pestanas que saíam obliquamente das pálpebras; nunca, porém, a saudosa senhora olhava para a frente, encarando o espectador. Além dela viam-se

antes de tudo paisagens alpinas, montanhas cobertas de neve ou de abetos verdes, montanhas envoltas na bruma das alturas, e montanhas cujos contornos secos e nítidos penetravam, sob a influência de Segantini, um céu, profundamente azul. Havia ainda cabanas de pastores, vacas de grandes barbelas, pastando, de pé ou deitadas, na pradaria ensoleirada, uma galinha depenada, deitada na mesa, por entre legumes, e que deixava pender o pescoço torcido, flores, tipos de montanheses e outras coisas mais — tudo pintado com certo diletantismo fácil, com tintas atrevidamente aplicadas em grossos tufos, que amiúde davam a impressão de terem sido comprimidos da bisnaga diretamente sobre a tela e terem levado muito tempo para secar — processo que não deixava de produzir certo efeito, em caso de defeitos graves.

Como numa exposição de pintura, iam contemplando os quadros expostos ao longo das paredes acompanhados do dono da casa, que de vez em quando explicava o respectivo assunto, mas em geral permanecia silencioso, desfrutando, com a orgulhosa reserva do verdadeiro artista, o prazer de olhar as próprias obras em companhia de pessoas estranhas. O retrato de Clawdia Chauchat encontrava-se na saleta de estar, pendurado na parede da janela. Hans Castorp, apenas entrara, já o descobrira de relance, apesar de o quadro se parecer apenas vagamente com o modelo. De propósito, o jovem evitou o lugar. Reteve os seus companheiros na sala de jantar, onde fingia admirar um panorama verde do vale de Sergi, com as geleiras azuladas no fundo. A seguir, por iniciativa própria, dirigiu-se ao gabinete de estilo turco, que examinou com igual atenção, distribuindo muitos elogios. Depois, foi ver a parede da entrada da saleta de estar, insistindo diversas vezes com Joachim para que manifestasse o seu aplauso. Por fim voltou-se e disse com surpresa comedida:

— Este rosto me parece conhecido.

— O senhor a reconhece? — quis saber o dr. Behrens.

— Claro, acho que não pode haver lugar para um engano. É aquela senhora da mesa dos russos distintos, a que tem um nome francês...

— Sim, senhor, a Chauchat. Folgo em ver que o senhor a acha parecida.

— Por certo! — mentiu Hans Castorp, menos por falsidade, e mais por estar consciente de que não teria reconhecido o modelo do retrato caso tudo tivesse ocorrido sem artifícios, assim como Joachim jamais o teria feito sem a ajuda dele: o bom Joachim, a quem se pregara essa peça, e que agora começava a dar pela coisa e a sair do engano em que Hans Castorp o induzira.

— Ah, sim — disse ele baixinho, disposto a apoiar a contemplação do quadro. O primo soubera mesmo compensar a ausência de ambos na reunião do terraço...

Era um busto de meio perfil, de tamanho um pouco menor que o natural, decotado, com um arranjo de véus em volta dos ombros e do peito. Rodeava-o uma larga moldura preta, chanfrada e guarnecida de uma borda de ouro na parte interior, junto à tela. A sra. Chauchat parecia dez anos mais velha do que em realidade, como ocorre frequentemente em retratos feitos por amadores esforçados por salientar as características do modelo. Em todo o rosto havia excesso de vermelho. O nariz estava muito mal desenhado. O pintor não acertara o tom dos cabelos, fazendo-o muito semelhante a palha. A boca saíra torta. Ele absolutamente não descobrira ou não conseguira expressar o encanto peculiar àquela fisionomia, ficando tudo estragado pelo exagero de particularidades. O conjunto não passava de um trabalho de troca-tintas, e como retrato não ia além de uma afinidade muito longínqua com o original. Mas Hans Castorp não se mostrava muito exigente quanto à semelhança. As relações que existiam entre essa tela e a pessoa da sra. Chauchat afiguravam-se-lhe suficientemente estreitas. O quadro bem *deveria* representar a sra. Chauchat, já que ela mesma posara naqueles aposentos, era o que bastava a Hans

Castorp. Emocionado, ele repetiu:
— Em carne e osso!
— Não diga isso! — protestou o conselheiro. — Foi um trabalho bravo, e não creio ter produzido uma coisa que preste, apesar de termos realizado umas vinte sessões. Como esperar que alguém reproduza um rosto tão complicado? A gente imagina que deve ser fácil apanhá-la, com seus zigomas hiperbóreos e aqueles olhos rasgados como riscas na casca de um pão. É o que o senhor pensa! Acertando no pormenor, fracassa-se no conjunto. É um verdadeiro quebra-cabeça. O senhor a conhece? Talvez seja melhor não pintá-la na presença dela, mas de memória. Conhece-a?
— Sim, não, superficialmente, como se conhecem pessoas aqui…
— Bem, eu a conheço mais por dentro, subcutaneamente, compreende? Por razões bem específicas, estou mais ou menos a par de sua pressão arterial, do tono de seus tecidos e de sua circulação linfática, mas a superfície me opõe maiores dificuldades. O senhor já observou como ela anda? O rosto é tal e qual o andar. Uma criatura felina! Veja, por exemplo, os olhos! Não falo da cor, que também é traiçoeira. Refiro-me à posição e à forma. O senhor dirá que a fissura das pálpebras é rasgada, oblíqua. Mas só na aparência é assim. O que o engana é o epicanto, isto é, uma particularidade que se encontra em certas raças. Isso tem origem no fato de que um excesso de pele, que provém do nariz chato dessa gente, se estende da dobra da pálpebra para além da comissura interior do olho. Basta esticar fortemente a pele por cima da base do nariz para que o senhor obtenha um olho igual aos nossos. É uma mistificação picante, mas nada honrosa, uma vez que o epicanto, observado de perto, não passa de uma imperfeição de fundamento atávico.
— Ah, então é essa a explicação — disse Hans Castorp. — Não sabia, mas já faz tempo me interessava conhecer o

mistério desse tipo de olhos.

— Ilusão, equívoco, nada mais! — confirmou o conselheiro. — Se o senhor os desenhasse simplesmente oblíquos e rasgados, estaria perdido. É preciso realizar essa aparência oblíqua e rasgada assim como o faz a natureza, juntando, por assim dizer, a ilusão à ilusão, e para isso é naturalmente indispensável que o senhor esteja informado a respeito do epicanto. Conhecimentos nunca prejudicam. Olhe, por exemplo, a pele, essa pele do corpo! Acha ou não acha que tem vida?

— Formidável! — disse Hans Castorp. — É formidável como o senhor deu vida a essa pele. Creio que nunca vi pele tão bem reproduzida. A gente tem a impressão de ver os poros. — E com a borda exterior da mão acariciou o decote do retrato, que, muito branco, se destacava do vermelho exagerado do rosto, como uma parte do corpo que habitualmente não se vê exposta à luz e que assim sugeria, de um modo petulante, intencional ou não, a ideia da nudez — um efeito, em todo caso, bastante grosseiro.

Mesmo assim era justo o elogio de Hans Castorp. O brilho baço da alvura desse busto delicado mas não magro, que se perdia no arranjo dos véus azulados, tinha muita naturalidade. Evidentemente, fora pintado com sentimento, porém, apesar de um quê de adocicado, conseguira o artista dar-lhe uma espécie de realidade científica e de precisão viva. Sobretudo na região das clavículas suavemente ressaltadas, servira-se do caráter granado da tela para obter, através da tinta a óleo, o efeito da aspereza natural da superfície da pele. Um lugarzinho na parte esquerda, ali onde os seios começavam a dividir-se, não ficara esquecido, e entre as proeminências aparecia a rede das veias palidamente azuis. Era como se, sob os olhos do espectador, um estremecimento mal perceptível de sensibilidade percorresse essa nudez. Ou, usando uma formulação um tanto ousada: podia-se chegar à ideia de perceber a perspiração, a emanação invisível e viva dessa carne, e

quem colasse os lábios contra ela talvez imaginasse sentir não o cheiro de tinta e de verniz, mas o de um corpo humano. Assim dizendo, limitamo-nos a reproduzir as impressões de Hans Castorp; mas, embora ele estivesse particularmente disposto a receber tais impressões, deve-se constatar, com toda objetividade, que o decote da sra. Chauchat era, de fato, o que havia de mais notável entre as pinturas da saleta.

O conselheiro Behrens, com as mãos nos bolsos, balouçava-se alternadamente nos calcanhares e nas pontas dos pés, enquanto contemplava a sua obra em companhia dos visitantes.

— Folgo em ver, meu caro colega — disse —, folgo muito em ver que o senhor compreende as minhas intenções. É muito bom e não faz mal algum saber o que se passa também debaixo da epiderme, a ponto de se poder pintar um pouco daquilo que não se vê. Em outras palavras: é bom manter com a natureza ainda uma outra relação que não a puramente lírica, por assim dizer; e exercer em paralelo a profissão de médico, fisiólogo ou anatomista, e ainda dispor de alguns conhecimentos discretos sobre os dessous.[5] Diga o senhor o que quiser, mas isso tem lá suas vantagens e dá, indiscutivelmente, uma certa superioridade. Nessa pele aí há ciência. O senhor pode examiná-la com o microscópio para controlar a verdade orgânica. Nela, o senhor não vê apenas as camadas mucosas e córneas da epiderme, mas também, representado na ideia, o que está embaixo, o tecido do derma, com suas glândulas sudoríparas e sebáceas, com os vasos de sangue e com as papilas; e ainda mais abaixo deve-se imaginar a túnica adiposa, o estofamento, sabe?, a base que, com as suas numerosas células de gordura, produz as lindas formas femininas. O que se sabe e se pensa durante o ato criador, isso também se faz sentir. Guia a mão e causa os seus efeitos; não existe, e todavia existe de alguma forma; e aí se tem o que confere vivacidade.

Hans Castorp estava todo entusiasmado por essa palestra. Sua testa tingira-se de rubor. Seus olhos brilhavam. Ele não sabia o que responder em primeiro lugar, tanta coisa tinha a dizer. Antes de mais nada se propunha tirar o quadro da parede da janela e colocá-lo num lugar mais favorável; além disso desejava comentar as observações do conselheiro a respeito da pele, que lhe interessavam vivamente; e tencionava expressar, por fim, um pensamento geral e filosófico que lhe ocorrera, e ao qual conferia particular importância. Enquanto levava as mãos ao quadro para despendurá-lo, começou a falar apressadamente:

— Sim senhor! Sim senhor! Tem razão, isto é importante. Eu queria dizer… Ou melhor, o senhor disse: "Ainda uma outra relação…". Seria bom manter além da relação lírica, creio ter sido assim que o senhor se expressou, além da relação artística, digo eu, ainda uma outra; numa palavra: convém olhar os objetos ainda sob outro aspecto, por exemplo, o aspecto médico. Isso é cem por cento certo, desculpe, caro Conselheiro, mas acho mesmo essa opinião muito acertada, porque não se trata, no fundo, de relações e aspectos fundamentalmente diferentes, mas, em realidade, de um só ponto de vista. São apenas modificações de um mesmo ponto de vista, quero dizer: matizes, ou talvez variantes do mesmo interesse geral, do qual a atividade artística também é apenas uma parte e uma expressão, se assim posso dizer… Ora, com sua permissão vou tirar o quadro deste lugar, onde não recebe luz alguma. Espere, vou colocá-lo aqui no divã, para ver se não… Bem, eu queria dizer: de que se ocupa a ciência médica? Claro que não entendo nada do assunto, mas sei, afinal, que se ocupa do homem. E o direito, a legislação e a jurisprudência? Também do homem! E a linguística, que ordinariamente anda ligada ao exercício da profissão pedagógica? E a teologia, a cura das almas, o sacerdócio? Todos eles se ocupam do ser humano; todos são apenas variações de um e mesmo interesse importante e capital, a saber, o interesse pelo

homem; são, numa palavra, as profissões humanísticas, e quem quer estudá-las aprende como fundamento antes de tudo as línguas clássicas; não é isso?, para obter uma cultura formal, como dizem. O senhor talvez se admire de que eu fale assim, eu que não sou mais que um técnico, de formação científica. Mas, enquanto eu estava acamado, meditava frequentemente sobre isso, e me parece coisa excelente, parece-me maravilhoso basear-se cada profissão humanística no elemento formal, na ideia da forma, da bela forma, não é mesmo?... Isso empresta a tudo um caráter tão nobre, tão desinteressado, e dá à coisa um quê de sentimento e de... de cortesia... O interesse transforma-se quase que numa proposta galante... quer dizer, eu provavelmente não emprego os termos próprios, mas a gente vê como o espírito e a beleza se misturam e no fundo nunca deixaram de ser idênticos... Em outras palavras: a ciência e a arte... de maneira que o exercício das artes constitui também uma parte integrante do conjunto, como quinta faculdade por assim dizer, e que não é diferente de uma profissão humanística, uma variante do interesse humanístico, uma vez que seu tema mais importante e sua preocupação principal são outra vez o ser humano, como o senhor deve admitir. E verdade que eu só pintava navios e marinhas, quando na minha juventude fiz tentativas nesse sentido; mas o que há de mais atraente na pintura é a meu ver o retrato, porque tem por objeto imediato o homem. Foi por isso que perguntei logo ao Conselheiro Áulico se o senhor acaso já fizera ensaios nesse campo... Não acha que este lugar seria muito mais favorável ao quadro?

Ambos, tanto Behrens como Joachim, olhavam-no como para verificar se não se envergonhava do seu discurso improvisado. Mas Hans Castorp estava por demais absorto pelo seu assunto para se acanhar. Mantendo o quadro junto da parede do sofá, esperava que lhe respondessem se estava mais bem iluminado ali, ou não. Nesse instante, a criada trouxe, numa bandeja, água quente, um fogareiro a

álcool e xicrinhas para café. O conselheiro mandou-a levar tudo ao gabinete de fumar e disse, dirigindo-se a Hans Castorp:

— Neste caso deveria interessar-se menos pela pintura do que pela escultura… Tem razão, neste lugar recebe muito mais luz. Se o senhor acha que o quadro suporta tanta… Quero dizer, pela plástica, porque ela lida mais pura e mais exclusivamente com o ser humano em geral… Mas devemos prestar atenção para que a água não se evapore toda.

— Pois é, a plástica — disse Hans Castorp, enquanto passavam de uma peça a outra. Esquecendo-se de pendurar o quadro novamente, ou de colocá-lo no chão, levou-o consigo ao gabinete contíguo. — Não há dúvida, numa Vênus grega ou num tipo de atleta, o elemento humanístico mostra-se com maior nitidez. No fundo é esse o gênero autêntico, a arte genuinamente humanística, para quem reflete bem…

— Ora, quanto à pequena Chauchat — observou o conselheiro —, acho que ela é antes um objeto para a pintura, e me parece que Fídias ou aquele outro sujeito cujo nome tem uma desinência judaica teriam torcido o nariz ao tipo de fisionomia que ela tem… Mas o que o senhor está fazendo? Por que ficar zanzando com esse troço para cima e para baixo?

— Perdão, vou encostá-lo no pé da minha cadeira; ali fica bem, por enquanto… Mas os escultores gregos pouco se preocupavam com a cabeça; o que lhes importava era o corpo. Talvez seja este o elemento verdadeiramente humanístico… E o senhor acha que a plasticidade das formas femininas é só gordura?

— Gordura e nada mais — disse em tom categórico o conselheiro, que acabava de abrir um armário embutido e tirara dele os apetrechos necessários para o preparo de café: um moinho turco em forma de tubo, a caneca de cabo alongado, o recipiente duplo para açúcar e café moído, tudo de latão. — Palmitina, estearina, oleína — acrescentou,

enquanto derramava de uma lata os grãos de café dentro do moinho e começava a dar voltas à manivela. — Estão vendo, eu mesmo faço tudo, desde o início. Assim o café fica duas vezes melhor... Pois é gordura! Que pensava o senhor? Que fosse ambrosia?

— Não, eu já sabia. Só é curioso ouvir as coisas ditas dessa maneira — respondeu Hans Castorp.

Estavam sentados num canto, entre a porta e a janela, em torno de um tamborete de bambu, que suportava uma bandeja de latão, ornada de motivos orientais, onde o aparelho de café encontrara um lugar em meio a utensílios para fumantes. Joachim instalara-se ao lado de Behrens, numa otomana abundantemente guarnecida de almofadas de seda; Hans Castorp, numa poltrona provida de rodinhas, na qual apoiara o retrato da sra. Chauchat. Tinham sob os pés um tapete multicor. O conselheiro áulico deitou colheradas de café e de açúcar na caneca de cabo comprido, acrescentou água e fez o líquido ferver em cima do fogareiro a álcool. A bebida derramada nas xicrinhas de forma acebolada tinha uma espuma escura, e seu sabor era tão forte quanto doce.

— Com as formas do senhor é a mesma coisa — continuou Behrens. — A sua plasticidade, se é que se pode falar dela, é também gordura, embora não haja tanta como nas mulheres. Entre nós, a gordura normalmente não vai além da vigésima parte do peso do corpo, ao passo que nas mulheres costuma ser a décima sexta parte. Sem a camada adiposa embaixo da nossa pele, ficaríamos como uns cogumelos secos. Com os anos, a gordura se vai, e então se produz o famoso drapejamento de rugas pouco estéticas. Onde aquela camada tem a maior espessura é no peito, no ventre e nas coxas da mulher, numa palavra, em toda parte onde encontramos alguma coisa para divertir o coração e as mãos. As plantas dos pés também são gordurosas e cosquentas.

Hans Castorp fazia girar entre as mãos o moinho de café

em forma de tuba. Como o resto do conjunto, era antes de origem indiana ou persa do que turca; assim o indicava o estilo dos ornamentos gravados no latão, cujas superfícies brilhantes se destacavam do fundo baço. Hans Castorp contemplou-os, a princípio sem entender do que se tratava. Quando compreendeu, corou violentamente.

— Pois é, são utensílios só para homens — disse Behrens. — Por isso mantenho-os guardados a chave. Essa fada que cuida de minha cozinha poderia ter maus pensamentos. Mas parece-me que aos senhores isto não pode fazer mal. Ganhei essas coisas de uma paciente, uma princesa egípcia que nos deu a honra de permanecer um ano conosco. Veja, o desenho se repete em todas as peças. Gozado, hein?

— Sim, é mesmo curioso — respondeu Hans Castorp. — Ah, não, a mim não me impressiona. Seria até possível dar a esses ornamentos uma interpretação séria e solene, ainda que eles fiquem um pouco impróprios para um serviço de café. Ouvi dizer que os antigos representavam isso nos ataúdes. Para eles, o obsceno e o sagrado eram, de certo modo, uma e mesma coisa.

— Ora, quanto àquela minha princesa — disse Behrens —, creio que ela se interessava mais pelo obsceno. Também ganhei dela uns excelentes cigarros, coisa extrafina, que só ofereço em ocasiões excepcionais. — E tirou do armário uma caixa de cores berrantes, que apresentou aos hóspedes. Joachim fez que não, juntando os tacões. Hans Castorp serviu-se e fumou o cigarro extraordinariamente grosso e comprido, adornado de uma esfinge impressa em ouro, e que de fato era maravilhoso.

— Tenha a bondade, Conselheiro — pediu Castorp —, de nos contar mais alguma coisa sobre a pele. — Voltara a pôr nos joelhos o retrato da sra. Chauchat e contemplava-o, reclinado na poltrona, com o cigarro entre os lábios. — Não precisamente da túnica adiposa. Dela já sabemos bastante. Mas da pele humana em geral, que o senhor pinta com tanta perfeição.

— Da pele? Interessa-se por fisiologia?

— Sim, senhor, muito. Sempre tive grande interesse por essa matéria. O corpo humano é um assunto que me põe os sentidos em alerta. Às vezes cheguei a me perguntar se não deveria ter estudado medicina. Sob certos aspectos, creio que eu me teria dado muito bem com essa profissão. Pois quem se interessa pelo corpo também se interessa pela doença, e principalmente por ela. Não tenho razão? Por outro lado, isso não quer dizer grande coisa, uma vez que eu teria podido dedicar-me a diversas profissões. Por exemplo, seria possível que eu tivesse escolhido o sacerdócio.

— Não diga!

— Pois sim, cheguei a ter a impressão passageira de que, talvez, a minha vocação fosse esta.

— Por que se tornou engenheiro então?

— Por acaso. Acho que o que decidiu foram mesmo as circunstâncias exteriores.

— Bem, e quanto à pele! O que lhe contar, então, sobre seu ectoderma... É o seu cérebro externo, sabe? Ontogeneticamente falando, tem a mesmíssima origem que o aparelho dos chamados órgãos sensitivos superiores, aí em cima, no seu crânio: o sistema nervoso central, como o senhor deve saber, é apenas uma leve modificação da camada exterior da pele; nas espécies inferiores do reino animal ainda não existe a diferença entre central e periférico. Esses bichos servem-se da pele para cheirar e saborear, compreende? Toda a sua sensibilidade reside na pele, o que deve ser bastante agradável, para quem for capaz de se imaginar no lugar deles. Nas criaturas altamente desenvolvidas, porém, criaturas como o senhor e eu, a ambição da pele limita-se à faculdade de sentir cócegas, ela não passa nesse caso de um órgão protetor e transmissor, mas que presta uma atenção infernal a tudo quanto nos possa ofender o corpo. Estende mesmo para fora umas antenas de tato, o velo do nosso corpo, os pelos fininhos que se compõem somente de células endurecidas e

permitem sentir a menor aproximação, muito antes de a própria pele ser tocada. Cá entre nós: é até possível que a função defensiva e protetora da pele não se restrinja exclusivamente à esfera física... O senhor sabe de que maneira fica ruborizado e pálido?

— Só vagamente.

— Devo confessar que nem nós mesmos o sabemos com absoluta precisão, pelo menos no que se refere ao rubor. O assunto não foi ainda completamente esclarecido, pois por enquanto não conseguimos demonstrar nos vasos de sangue a existência de músculos dilatadores que sejam postos em ação pelos nervos vasomotores. Por que intumesce a crista do galo, ou que outros exemplos de jactância se possam citar, é um mistério, por assim dizer, tanto mais quando se trata de um efeito psíquico. Supomos que haja ligações entre a camada cortical do cérebro e o centro vascular da medula oblongada. E devido a certos estímulos (por exemplo, quando o senhor se sente muito envergonhado) entra em jogo essa ligação, e começam a agir os nervos vasculares que vão em direção ao rosto; então se dilatam e se enchem os vasos capilares que ali se acham, de maneira que o senhor anda com a cabeça feito um peru, está todo túmido de sangue e mal pode abrir os olhos. Em outros casos, porém, quando nos espera Deus sabe o quê, uma coisa de tremenda beleza talvez, contraem-se os vasos capilares da pele, que então se torna pálida, fria e murcha, e o senhor fica que nem um cadáver, de tanta emoção, com as órbitas lívidas como chumbo e com um nariz branco, afilado, enquanto o nervo simpático faz o coração martelar loucamente.

— Ah! Então é assim que isso acontece?

— Mais ou menos. São reações, sabe? Mas, uma vez que todas as reações e todos os reflexos têm uma finalidade inerente, nós, fisiólogos, chegamos a supor que também esses fenômenos colaterais de emoções psíquicas são, no fundo, meios adequados de defesa, reflexos protetores,

como o arrepio, por exemplo. O senhor sabe de onde nos vêm os arrepios?

— Com franqueza, também não sei claramente.

— Aí se trata de um trabalho das glândulas sebáceas da pele que secretam o sebo cutâneo, uma substância albuminosa gordurenta, que não é lá muito apetitosa, sabe? Mas conserva a pele macia, evita que ela se grete ou rasgue, e a torna agradável ao tato. Nem se pode imaginar que sensação nos daria o contato com a pele humana, não fosse a colesterina. Essas glândulas sebáceas dispõem de pequenos músculos orgânicos capazes de pô-las num estado de ereção, e, quando fazem isso, sucede ao senhor o mesmo que aconteceu àquele rapaz sobre o qual a princesa derramou um balde cheio de lambaris: sua pele fica feito um ralador, e, quando a excitação é muito forte, até os folículos pilosos se levantam; seus cabelos eriçam-se na cabeça e os pelos no corpo, exatamente como se dá com um porco-espinho que se defende. Aí o senhor poderá dizer que chegou a conhecer o horror.

— Ora, eu — disse Hans Castorp —, eu já cheguei várias vezes a esse ponto. Eu me horrorizo com facilidade, nas mais diversas ocasiões. O que me admira é apenas que essas glândulas se ericem em circunstâncias tão diferentes. Quando alguém risca um vidro com um lápis de pedra, fica-se com arrepios, e uma música especialmente linda me produz o mesmo efeito. Quando fui comungar, na cerimônia de minha confirmação, tive estremecimentos e arrepios que não acabavam mais. E estranho quanta coisa põe em ação esses pequenos músculos.

— Pois é — disse Behrens. — Estímulo é estímulo. O corpo não dá a mínima ao conteúdo dos estímulos. Sejam lambaris, seja a Santa Ceia, as glândulas sebáceas se eriçam e fim.

— Sr. Conselheiro — disse Hans Castorp, contemplando o retrato que tinha sobre os joelhos —, há mais uma coisa que eu gostaria de saber. O senhor acaba de falar de processos

interiores, da circulação linfática etc. Como é isso? Eu desejaria ouvir mais a esse respeito, sobre a circulação linfática, por exemplo, se o senhor tivesse a bondade... O assunto me interessa muito.

— Acredito — tornou Behrens. — A linfa é o que há de mais fino, mais íntimo e mais delicado em toda a oficina do corpo. Parece que o senhor tem uma vaga ideia disso, desde que me faz essa pergunta. Sempre falam do sangue e dos seus mistérios, e dizem que é um suco todo especial. Mas a linfa é o sumo do suco, a essência, sabe?, o leite do sangue, um líquido delicioso... Após uma alimentação gordurosa tem até a aparência de leite.

E jovialmente, servindo-se da sua linguagem colorida, ele se pôs a descrever o sangue, esse caldo de gordura, albumina, ferro, açúcar e sal, vermelho como uma capa de teatro, preparado pela respiração e pela digestão, saturado de gases e carregado de escória produzida pelo processo de renovação, esse caldo de uma temperatura de 38º centígrados, que era impelido pela bomba do coração através dos vasos e promovia, em todas as partes do corpo, o metabolismo, o calor animal, numa palavra, a nossa preciosa vida. Explicou que o sangue não chega diretamente até as células, mas que a pressão exercida sobre ele o fazia transpirar um extrato ou sumo leitoso através das paredes dos vasos, de modo a penetrar em todo lugar, enchendo quaisquer interstícios e dilatando ou distendendo o elástico tecido celular. Era isso o tono dos tecidos, o turgor, e graças ao turgor, por sua vez, acontecia que a linfa, depois de ter untado amenamente as células e de ter realizado com elas uma permuta de substâncias, era enviada aos vasos linfáticos e voltava ao sangue, à razão de um litro e meio por dia. E o conselheiro discorreu sobre o sistema de condução e de sucção dos vasos linfáticos, tratou do canal lactífero que recolhia a linfa das pernas, do ventre, do peito, de um dos braços e um lado da cabeça. Passou a falar de uns delicados órgãos, filtros que se encontravam em muitos lugares dos

vasos linfáticos, os chamados gânglios, situados no pescoço, nas axilas, nas articulações do cotovelo, nos jarretes e em outros lugares igualmente íntimos e suaves do corpo.

— Aí se podem formar inchações — explicou Behrens —, e eis que justamente este havia sido nosso ponto de partida. Os gânglios linfáticos intumescem, por assim dizer: nos jarretes ou nas articulações dos braços, formam-se aqui ou ali tumores semelhantes aos hidrópicos, e quando isso se dá há sempre um motivo, ainda que pouco simpático. Em certas circunstâncias torna-se então mais que óbvio o diagnóstico de uma obstrução tuberculosa dos vasos linfáticos.

Hans Castorp permaneceu calado.

— Pois é — disse ele baixinho, depois de uma longa pausa —, é isso mesmo, e eu bem que poderia ter me tornado médico. O canal lactífero… A linfa das pernas… Essas coisas me interessam muito… Que é o corpo? — exclamou de repente, impetuoso. — Que é a carne? Que é o organismo humano? De que se compõe? Explique-nos tudo isso na tarde de hoje, sr. Conselheiro! Explique-o de uma vez, para que a gente fique sabendo!

— Compõe-se de água — respondeu Behrens. — Parece que o senhor se interessa também pela química orgânica. Na sua maior parte, o corpo humano consta de água, nada mais nada menos, e não vejo razão de se exaltar por causa disso. A substância seca não vai além de vinte e cinco por cento do total, sendo que vinte por cento disso é simples clara de ovo, substâncias proteicas, se é que o senhor prefere esse termo mais distinto, às quais se acrescenta apenas um pouquinho de gordura e de sal. É quase só isso.

— E essa clara de ovo, que é?

— Uma porção de elementos: carbono, hidrogênio, nitrogênio, oxigênio, enxofre, às vezes também um pouco de fósforo. Mas o senhor desenvolve uma sede exuberante de saber! Há também proteínas que se apresentam ligadas a hidratos de carbono, isto é, glicose e amido. Na velhice, a carne torna-se dura, o que vem do fato de aumentar o

colágeno no tecido conjuntivo; a cola, sabe?, que é a parte essencial dos ossos e das cartilagens. Que mais quer que eu lhe conte? Temos no plasma muscular uma proteína, o miosinogênio, que no corpo morto coagula, formando a fibrina muscular e produzindo a rigidez cadavérica.

— Ah, sim, a rigidez cadavérica! — disse Hans Castorp, bem-disposto. — Muito bem, muito bem. E depois vem a análise geral, a anatomia do túmulo.

— Sim, naturalmente. A propósito, o senhor formulou isso de modo muito bonito. A coisa torna-se bem fluida, daí para a frente. A gente se esparrama, por assim dizer. Não se esqueça de toda aquela água! E os outros ingredientes são pouco duráveis, sem a ação da vida. Em virtude da putrefação, decompõem-se em combinações mais simples, de natureza anorgânica.

— Putrefação, decomposição — disse Hans Castorp —, aí se trata de um processo de combustão, uma combinação com o oxigênio, se não me engano.

— Exatamente, há uma oxidação.

— E a vida?

— Também. Também, meu rapaz. Oxidação também. A vida é essencialmente uma combustão das proteínas das células, donde provém esse agradável calor animal, que às vezes é excessivo. Pois é, viver é morrer, nesse ponto não adianta dissimular. Trata-se de uma destruction organique, como um francesinho qualquer, na sua leviandade inata, qualificou a vida. E ela cheira assim, a vida. Quando temos uma impressão contrária, é porque nosso juízo não está sendo imparcial.

— E quem se interessa pela vida — prosseguiu Hans Castorp — interessa-se decididamente pela morte. Não é verdade?

— Bem, há sempre uma certa diferença. Viver significa que, na transformação da matéria, se conserva a forma.

— Para que conservar a forma? — perguntou Hans Castorp.

— Para quê? Escute, o que o senhor acaba de dizer não

tem nada de humanismo.

— Forma é bobagem.

— Hoje ninguém o segura. Está como que insubordinado. Mas eu já me sinto exausto — disse o conselheiro áulico. — E começo a ficar melancólico — acrescentou, cobrindo os olhos com a manopla enorme. — Estão vendo, cai sobre mim de surpresa. Tomei café com os senhores, gostei, e de repente me acontece ficar melancólico. Os senhores me desculpem. Foi uma satisfação rara para mim, um prazer extraordinário...

Os primos levantaram-se de um pulo. Recriminaram-se por haver tomado tanto tempo ao sr. Conselheiro... Ele fez afirmações tranquilizadoras, em sentido contrário. Hans Castorp apressou-se a levar o retrato da sra. Chauchat à saleta vizinha e a recolocá-lo no lugar antigo. Não voltaram pelo jardim, para chegar a seus alojamentos. Behrens mostrou-lhes o caminho por dentro do edifício, conduzindo-os até a porta de vidro que lhes permitia o acesso por ali. No estado de alma que o invadira subitamente, a sua nuca parecia mais saliente do que em geral. Piscava os olhos lacrimosos, e o bigodinho oblíquo, devido aos lábios torcidos de um lado só, assumira uma expressão lamentável.

Enquanto os primos atravessavam os corredores e as escadas, Hans Castorp falou:

— Você não pode negar que foi uma boa ideia.

— Foi pelo menos uma variação — replicou Joachim. — E vocês, não se pode negar, aproveitaram a ocasião para resolver uma porção de problemas. Às vezes achei a conversa meio complicada. Mas agora é tempo de fazer um pouco de repouso. Temos ainda uns vinte minutos antes do chá da tarde. Talvez lhe pareça bobagem da minha parte insistir tanto nessas coisas, desde que, nestes últimos tempos, você se mostra tão... insubordinado. Mas é que você, afinal de contas, também não necessita tanto disso como eu.

PESQUISAS

E assim sucedeu o que forçosamente tinha de suceder, e o que Hans Castorp, até pouco antes, não teria imaginado ver ali: irrompeu o inverno, o inverno alpino, que Joachim já conhecia, pois chegara quando o anterior estava no auge. Hans Castorp tinha algum receio dele, se bem que se tivesse preparado da melhor forma. O primo esforçou-se por tranquilizá-lo.

— Você não deve pensar que o inverno aqui é excessivamente rigoroso — disse. — Não é nada ártico. Não se sente tanto o frio, por causa da secura do ar e da ausência de vento. Agasalhando-se bem, pode-se permanecer na sacada até altas horas da noite sem passar frio. Isso se dá graças à inversão da temperatura acima do limite da cerração; fica mais quente nas altitudes mais elevadas, algo que antes não se sabia. Esfriar mesmo, só quando chove. Mas agora você já tem o seu saco de repouso, e em casos de emergência liga-se a calefação, ao menos um pouco.

Ademais, não se podia falar nem de assalto nem de violência: o inverno vinha chegando devagarzinho, e por enquanto não se apresentava de forma diferente daquela que o verão trouxera consigo. Durante alguns dias soprara o vento sul, o sol ardeu, o vale pareceu encolhido e estreitado, e os bastidores dos Alpes, ao fundo do vale, afiguraram-se próximos e muito claros. Depois surgiram nuvens, irrompendo do pico Michel e do Tinzenhorn rumo ao nordeste, e o vale escureceu. Então começou a chover copiosamente, a chuva foi se tornando bacenta, de um cinza esbranquiçado, a neve misturou-se a ela, e no fim havia apenas neve. O vale estava envolto em torvelinhos, e, como isso se passasse durante muito tempo e também a temperatura, nesse ínterim, tivesse baixado muito, a neve não pôde derreter-se toda. Estava úmida, mas subsistia. O

vale estendia-se sob um manto branco, fininho, molhado e defeituoso, do qual se destacava o preto das coníferas, nas encostas. Na sala de refeições, os radiadores iam amornando. Isso acontecia em princípios de novembro, por volta do dia de Finados, e não constituía nenhuma novidade. Em agosto passara-se o mesmo, e havia muito o pessoal perdera o hábito de considerar a neve um privilégio do inverno. A toda hora e com qualquer tempo, tinha-se neve diante dos olhos, pois sempre cintilavam restos e vestígios dela nas gretas e nas fendas da cordilheira rochosa dos Alpes Réticos, que pareciam fechar a saída do vale, e as majestades montanhosas do sul, mesmo as mais distantes, sempre resplandeciam envoltas em neve. Mas tanto a nevada como a queda de temperatura mostravam-se persistentes. Num gris pálido, o céu pendia pesado sobre o vale, desfazendo-se em flocos que caíam silenciosos e incessantes, com uma abundância exagerada e um pouco inquietante. O frio aumentava de hora em hora. Chegou a manhã em que Hans Castorp registrou sete graus no seu quarto, e no dia seguinte eram apenas cinco. Isso significava geada, que, embora com certa moderação, persistia. Gelara de noite, e agora gelava também de dia, desde a manhã até a noite, enquanto a nevada prosseguia, com pequenas interrupções, durante quatro, cinco, sete dias. Daí por diante a neve ia se amontoando, chegando a ser uma calamidade. No caminho obrigatório que conduzia ao banco junto do curso d’água, bem como na estrada que levava ao vale, haviam trabalhado com pás para abrir pistas; mas estas eram estreitas, e não havia jeito de contornar a quem viesse de encontro. Num caso desses era preciso pisar no dique de neve acumulado na margem da pista e afundar-se até o joelho. Um rolo de pedra, puxado por um cavalo, conduzido no cabresto por um homem, rodava o dia todo pelas ruas de Davos, e um bonde sobre patins de trenó, amarelo e de um tipo antiquado, semelhante a uma diligência, com um limpa-neves à frente, para afastar as massas brancas, trafegava

entre o bairro do Cassino e a parte setentrional do lugar, o chamado “vilarejo”. O mundo, esse mundo alto, estreito e remoto das pessoas daqui de cima, aparecia expressamente agasalhado e estofado. Não havia coluna nem estaca que não trajasse uma touca branca, as escadarias do Berghof iam desaparecendo, transformando-se num plano inclinado, e almofadões pesados, de formas excêntricas, oprimiam em toda parte os ramos dos pinheiros; cá e lá as massas de neve resvalavam, desfaziam-se em pó, e passavam por entre os troncos, como uma nuvem ou névoa alva. As montanhas ao redor estavam tomadas de neve, que se afigurava áspera nas regiões mais baixas, e macia, quando a cobrir os cumes multiformes mais acima do limite até onde as árvores cresciam. Reinava a penumbra, com o sol lançando apenas um brilho pálido através da atmosfera velada. Mas a neve difundia uma branda luz indireta, uma claridade leitosa que embelezava o mundo e as pessoas, embora elas andassem com os narizes vermelhos sob os gorros de lã branca ou colorida.

Na sala de refeições, em torno das sete mesas, a entrada do inverno, principal temporada nessas paragens, formava o tema predileto das conversas. Dizia-se que haviam chegado numerosos turistas e desportistas, povoando os hotéis do “vilarejo” e da “Platz”. A espessura da camada de neve era avaliada em sessenta centímetros, e afirmava-se que a sua qualidade era ideal para os esquiadores. Outros contavam que se trabalhava ativamente na pista de trenó, que de Schatzalp, na vertente noroeste, conduzia ao vale; dentro de poucos dias, ela poderia ser inaugurada, contanto que o vento föhn não viesse estragar os projetos. Os enfermos regozijavam-se com a ideia de poder assistir ao recreio dos sadios, dos hóspedes lá de baixo, o qual ia recomeçar agora, com festas desportivas e competições, que muitos tencionavam olhar apesar da proibição, gazeando o repouso e escapulindo. Hans Castorp ficou sabendo que haveria uma inovação, o skikjöring, invenção nórdica que consistia em

uma corrida na qual os esquiadores participantes se faziam puxar por cavalos. Para ver isso valeria dar uma escapada. — Também já se falava dos festejos do Natal.

Do Natal! Ora essa! Hans Castorp nem pensara nisso ainda. Não lhe causara dificuldades dizer ou escrever que, em virtude do resultado do exame médico, teria de passar o inverno ali em cima, em companhia de Joachim. Mas, como notava agora, isso incluía o Natal, e esse fato tinha sem dúvida algo de espantoso para o seu coração, devido à circunstância, embora não exclusivamente a ela, de ele nunca ter passado essa festa longe do torrão natal e do seio da família. Bem, por Deus, era preciso conformar-se. Já deixara de ser criança, e Joachim tampouco parecia escandalizar-se com essa perspectiva, e aceitava-a sem choramingar. Não convinha esquecer, afinal, em quantos lugares e sob quantas condições diferentes já se festejara o Natal, ao longo dos tempos!

Parecia-lhe, entretanto, um pouco precipitado já falar do Natal antes do primeiro domingo do Advento. Faltavam até lá ainda umas seis semanas e tanto. Mas o pessoal da sala de refeições saltava-as ou devorava-as — processo interior que também Hans Castorp já sabia executar, se bem que ainda não se houvesse acostumado a fazê-lo com tanta audácia como os seus companheiros mais antigos. Estes consideravam o Natal, ou outras etapas semelhantes no curso do ano, ótimos pontos de referência ou uma espécie de aparelhos de ginástica, adequados para se pular agilmente por cima de intervalos vazios. Todos tinham febre, seu metabolismo estava aumentado, sua vida física passava-se num ritmo intenso e veloz — talvez isso explicasse o fato de matarem com tanta rapidez tamanhas quantidades de tempo. Hans Castorp não se teria surpreendido se falassem do Natal como de uma data já vencida, e logo se pusessem a discorrer sobre o Ano-Novo ou o Carnaval. Mas tão levianos e tão imoderados eles não chegavam a ser, na sala de refeições do Berghof. Detinham-se no Natal, festa que dava

motivos para preocupações e dores de cabeça. Deliberavam acerca do presente comunitário que, segundo costume estabelecido na casa, seria entregue na véspera do Natal ao chefe, o conselheiro áulico Behrens, e para o qual tinham aberto uma subscrição. Como contavam aqueles que estavam no sanatório fazia mais de doze meses, o conselheiro, no ano anterior, fora presenteado com uma mala de viagens. Falava-se desta vez em uma mesa de operações, um cavalete de pintor, um casaco forrado de peles, uma cadeira de balanço e de um estetoscópio de marfim, adornado de qualquer tipo de incrustações. Settembrini, ao ser consultado, recomendou uma obra lexicográfica que, conforme dizia, estava em preparo e se intitulava *Sociologia dos males*, mas ninguém apoiou a ideia a não ser um livreiro que, havia poucos dias, se encontrava à mesa da Kleefeld. Por enquanto não parecia possível chegar a um acordo. Era difícil entender-se com os pensionistas russos. Os moscovitas declararam que tencionavam dar a Behrens um presente à parte. Durante dias a fio, a sra. Stöhr manifestou suma inquietação por causa de uma importância de dez francos que, imprudentemente, adiantara à sra. Iltis para a coleta, e que esta "se esquecera" de devolver. "Esquecera-se" — as entonações que a sra. Stöhr dava a essa palavra eram multiplamente matizadas, mas todas elas calculadas para expressar a mais profunda incredulidade quanto a essa falta de memória, que parecia à prova de quaisquer alusões e indiretas que a sra. Stöhr afirmava ter prodigalizado. Diversas vezes, esta se dispunha a renunciar e a perdoar a dívida da Iltis.

— Pago por mim e por ela, então — foi o que disse. — Deixa estar, a vergonha não é minha!

Mas finalmente descobriu uma solução que comunicou aos comensais, causando uma hilaridade geral: foi cobrar os dez francos da "administração", que os incluiu na conta da sra. Iltis, de modo que a devedora morosa saiu lograda e o assunto foi liquidado.

Terminara a nevada. O céu abriu-se parcialmente. Nuvens de um cinzento azulado rasgaram-se e deixaram passar alguns raios de sol que tingiram a paisagem de azul. A seguir, o tempo serenou por completo. Reinava em pleno novembro um frio límpido, um esplendor invernal, puro e constante. Era maravilhoso o panorama que se via através das arcadas da *loggia*, os bosques empoados, as fendas repletas de neve fofa, o vale branco, ensolarado sob o azul reluzente do céu. E principalmente de noite, quando subia a lua quase cheia, o mundo apresentava-se enfeitiçado de um modo milagroso. Uma cintilação de cristal, um resplendor como de diamantes ostentava-se em toda parte. Muito preta e muito branca elevava-se a floresta. As regiões do céu que se achavam distantes da lua jaziam escuras, bordadas de estrelas. Sombras de contornos nítidos, precisos e intensos, sombras que davam a impressão de serem mais reais e mais importantes do que os próprios objetos, caíam das casas, das árvores, dos postes telegráficos, sobre o solo refulgente. Poucas horas depois do pôr do sol, a temperatura descia a sete ou oito graus abaixo de zero. O mundo parecia encantado, imobilizado numa pureza glacial, e sua imundície natural ficava submersa e envolta no sonho de um fantástico feitiço de morte.

Hans Castorp permanecia até altas horas da noite no seu compartimento da sacada acima do mágico vale hibernal, muito mais tempo do que Joachim, que se retirava às dez horas ou pouco depois. A sua excelente espreguiçadeira, com o colchão composto de três coxins e com o rolo à altura da nuca, achava-se próxima da balaustrada de madeira, ao longo da qual se estendia uma almofada de neve. Na mesinha branca, a seu lado, luzia a lâmpada elétrica, e junto a uma pilha de livros havia um copo de leite gordo, o leite da noite, que era servido às nove horas em todos os quartos dos habitantes do Berghof, e no qual Hans Castorp vertia um cálice de conhaque para adaptá-lo ao seu paladar. Já haviam sido mobilizados todos os recursos de que ele dispunha

contra o frio. Enfiara-se Hans Castorp até acima do peito no saco de peles, que se podia abotoar e fora adquirido em boa hora numa casa especializada de Davos. Em torno desse saco lançara, segundo o rito, os dois cobertores de lã de camelo. Além disso trazia, por cima da fatiota de inverno, um curto casaco forrado de peles. Na cabeça levava um gorro de lã, nos pés, sapatos de feltro, e nas mãos, umas espessas luvas que, no entanto, se mostravam incapazes de impedir o enrijamento dos dedos.

Para que ele permanecesse tanto tempo lá fora, até meia-noite e às vezes mais tarde ainda (quando o casal de russos ordinários havia muito se retirara do compartimento vizinho), contribuía sem dúvida a magia da noite invernal, tanto mais que até as onze horas se entretecia nele a música que, de longe e de perto, subia do vale. Antes de tudo, porém, em ação simultânea e conjunta, eram a inércia e a excitação que o induziam a ficar até tarde: de um lado, a inércia e o cansaço do seu corpo, avesso a todo movimento, e, do outro, a excitação ativa do seu espírito, ao qual não davam trégua alguns estudos novos e fascinantes em que o jovem mergulhara. O clima incomodava-o, a geada exercia-lhe sobre o organismo um efeito esgotador. Hans Castorp comia muito, aproveitava as fartas refeições do Berghof, onde os gansos assados sucediam a um rosbife acompanhado de legumes; e o fazia com um apetite desmedido, que parecia estar na ordem do dia entre os pensionistas do Berghof, ainda mais intensamente no inverno que no verão. Ao mesmo tempo sentia-se tomado de sonolência, de maneira que frequentemente lhe ocorria, tanto de dia como nas noites de luar, adormecer sobre os livros que manuseava, e dos quais trataremos mais adiante; depois de alguns minutos de inconsciência continuava então as suas pesquisas. Conversas animadas — e aqui, mais que na planície, ele tendia a falar depressa, sem inibições e até com atrevimento —, conversas animadas, enfim, que ele mantinha com Joachim durante os passeios

obrigatórios pela neve esgotavam-no muito; acometiam-no vertigens e tremores, uma sensação de aturdimento e ebriedade, e a cabeça fervia. Sua curva de temperatura subira desde o começo do inverno. Diante disso o conselheiro Behrens murmurara qualquer coisa a respeito de injeções que ele costumava usar em casos de elevação tenaz da temperatura e às quais duas terças partes dos pacientes, inclusive Joachim, se submetiam regularmente. Mas decerto, pensou Hans Castorp, existiam relações entre a intensa produção de calor que se efetuava em seu corpo e aquela agitação e atividade do espírito que o prendia à espreguiçadeira até muito tarde, na noite gélida e cintilante. A leitura que o cativava sugeria-lhe explicações como essas.

Lia-se avidamente nos alpendres de repouso e nas sacadas particulares do Sanatório Internacional Berghof — sobretudo entre os novatos e os pensionistas recentes; pois os pacientes que ali permaneciam por muitos meses ou por vários anos já haviam aprendido fazia muito a matar o tempo sem distrações nem esforços intelectuais e deixá-lo para trás graças a um virtuosismo interior: estes chegavam a declarar que isso de se agarrar à leitura era mesmo uma falta de habilidade, coisa de sarrafaçais. Quando muito admitiam que um livro repousasse sobre os joelhos ou na mesinha, o que já era suficiente sentir-se abastecido. A biblioteca do estabelecimento, poliglota e rica em obras ilustradas, continha, em forma ampliada, a literatura que comumente se encontra na sala de espera de um dentista, e achava-se à livre disposição dos pensionistas, sem custos. Também se permutavam os romances alugados numa livraria da “Platz”. De quando em quando aparecia um livro ou um escrito qualquer que era disputado a tapas, e para o qual estendia as mãos, com maldissimulada cobiça, até quem já tivesse abandonado o hábito de ler. A essa altura dos acontecimentos circulava de mão em mão uma brochura mal-impressa, adquirida pelo sr. Albin, intitulada *A arte da sedução*. O texto estava traduzido, muito ao pé da letra, do

francês, conservando a tradução a própria sintaxe desse idioma, o que emprestava ao estilo muita dignidade e uma elegância picante. O autor explanava a filosofia do amor carnal e da volúpia, no sentido de um paganismo epicurista e mundano. A sra. Stöhr terminou rapidamente a leitura e achou a obra "formidável". A sra. Magnus — a que perdia proteínas — concordou com ela sem reservas, ao passo que o seu marido, o cervejeiro, pretendeu ter tirado algum proveito dessa leitura para si mesmo, mas lastimou que a sra. Magnus se tivesse inteirado da doutrina do opúsculo, já que essas coisas "amimalhavam" as mulheres e lhes incutiam ideias extravagantes. Tal crítica contribuiu para aumentar muito o interesse que reinava pela obra. Entre duas senhoras chegadas em outubro, e que frequentavam o alpendre térreo, a sra. Redisch, esposa de um industrial polonês, e uma certa viúva Hessenfeld, de Berlim, deflagrou-se depois do almoço uma cena bastante desagradável, quase violenta, que Hans Castorp se viu obrigado a presenciar da sua sacada. Culminou o espetáculo numa gritaria convulsiva e histérica de uma das duas senhoras — podia ser a Redisch, mas também podia ser a Hessenfeld — e na remoção da mulher raivosa até seus aposentos. A mocidade apoderara-se do tratado ainda antes das pessoas mais maduras. Alguns estudavam-no em comum, depois do jantar, nos mais diversos quartos. Hans Castorp viu como o rapaz da unha comprida o entregava, na sala de refeições, a uma jovem recém-chegada e levemente enferma, de nome Fränzchen Oberdank, que fora trazida pela mãe e usava os cabelos louros repartidos por uma risca.

Talvez houvesse exceções; talvez houvesse pensionistas que enchessem as horas de repouso obrigatório com alguma atividade intelectual de caráter sério, com alguns estudos proveitosos, ainda que o fizessem apenas para conservar o contato com a vida na planície ou para conferir ao tempo um pouco de peso e profundidade, evitando assim que se tornasse apenas tempo, tempo e nada mais. Talvez existisse,

além do sr. Settembrini com seus esforços destinados a exterminar os sofrimentos do mundo, e do honrado Joachim com seus manuais russos, ainda esse ou aquele com uma mentalidade análoga, senão entre o público da sala de refeições, o que era mesmo pouco provável, ao menos entre os pacientes acamados e moribundos. Hans Castorp inclinava-se a admitir essa hipótese. Quanto a ele próprio, o *Ocean Steamships* já não lhe dizia nada. Por isso mandara vir de casa, junto com as roupas de inverno, alguns livros relacionados com a sua profissão, obras de engenharia, tratados sobre a construção de navios. No entanto, esses volumes haviam sido abandonados em favor de outros, obras didáticas pertencentes a uma faculdade e disciplina muito diferente, cuja matéria despertara o interesse do jovem Hans Castorp. Tratava-se de livros de anatomia, fisiologia, biologia, redigidos em vários idiomas — alemão, francês, inglês — e que lhe tinham sido remetidos um belo dia pelo livreiro do lugar, evidentemente porque Hans Castorp os encomendara por sua própria iniciativa e clandestinamente, durante um passeio que dera até "Platz", sem a companhia de Joachim (que a essa hora andara ocupado com a pesagem ou tomara uma injeção). Foi com surpresa que Joachim viu esses livros nas mãos do primo. Haviam sido muito caros, como obras científicas costumam ser. Os preços ainda se achavam anotados no interior das capas ou sobrecapas. Joachim perguntou por que Hans Castorp, se desejava ler esse tipo de literatura, não a pedira emprestada ao conselheiro áulico, que certamente dispunha de um rico sortimento. Mas Hans Castorp replicou que preferia possuir os livros, e que a leitura era bem diferente quando o livro lhe pertencia; além disso, gostava de sublinhar e assinalar certos trechos a lápis. Durante horas a fio, Joachim ouviu do compartimento de sacada do primo o ruído da espátula que ia abrindo as folhas.

Os volumes eram pesados e difíceis de manejar. Para os ler, quando deitado, Hans Castorp apoiava a borda inferior sobre

o peito ou o estômago. Isso não deixava de ser incômodo, mas ele o suportava pacientemente. De boca entreaberta, fazia os olhos percorrerem as páginas eruditas, que se achavam iluminadas pela claridade avermelhada do quebra-luz da lampadazinha, quase sem necessidade, já que ele as poderia ler, se preciso, à luz do luar. Acompanhava as linhas com a cabeça até que seu queixo repousasse sobre o peito, posição em que o leitor permanecia algum tempo, refletindo, cochilando ou entregando-se a um misto de sono e de meditação, antes de elevar o rosto para ler a página seguinte. Hans Castorp realizava investigações profundas; lia, enquanto a lua, a passo comedido, seguia sua órbita sobre o vale alpino, cintilante de cristais; lia livros que tratavam da matéria organizada, das qualidades do protoplasma, da substância sensível que, entre a composição e a decomposição, se mantém numa estranha existência intermediária, e da evolução das suas formas desenvolvidas a partir de tipos fundamentais, primitivos e todavia sempre presentes; lia com insistente interesse o que os livros diziam sobre a vida e o seu sagrado e impuro mistério.

O que era a vida? Não se sabia. Sem dúvida, bastava ser vida para que tomasse consciência de si mesma, mas ela não sabia o que era. Sem dúvida, enquanto propriedade de reagir a estímulos, a consciência já despertava em certa medida, nas camadas mais baixas e menos adiantadas de seu surgimento, e era impossível fixar em determinado ponto de sua história coletiva ou individual a primeira aparição de fenômenos conscientes, e tampouco se devia fazer a consciência depender, por exemplo, da existência de um sistema nervoso. As formas animais mais inferiores não dispunham de sistema nervoso, e muito menos de cérebro, mas ninguém se atreveria a negar-lhes a capacidade de sentir estímulos. Além disso, podia-se entorpecer a vida, a própria vida, e não somente certos órgãos especiais destinados à recepção de estímulos, que esta porventura

criasse, a saber, os nervos. Podia-se suspender temporariamente a irritabilidade de toda substância dotada de vida, no reino vegetal tanto como no reino animal; era possível narcotizar ovos e espermatozoides por meio de clorofórmio, cloral hidratado ou morfina. A consciência de si mesma era, pois, uma simples função da matéria organizada em prol da vida, e sob grande intensificação a função dirigia-se contra seu próprio portador, convertia-se no desejo de pesquisar e explicar o fenômeno que lhe deu origem, na tendência esperançosa e desesperada da vida para se conhecer a si própria, na autoinvestigação da natureza, que sempre acaba sendo vã, já que a natureza não se pode resolver em conhecimento, nem a vida pode contemplar seus segredos últimos.

O que era a vida? Ninguém sabia. Ninguém conhecia o ponto da natureza de onde ela brotava e onde se acendia. A partir desse ponto, nada havia no âmbito da vida que não estivesse em relação ou vagamente relacionado; mas a relação da própria vida com algo outro parecia não haver. A única coisa que talvez se pudesse afirmar a seu respeito era que sua estrutura devia ser de tal modo evoluída que não tinha, nem de longe, igual no mundo inanimado. A distância entre a ameba com seu pseudópode e o animal vertebrado era insignificante e desprezível em comparação com a que existe entre o fenômeno mais simples da vida e a outra parte da natureza, que nem sequer merecia ser qualificada de morta, uma vez que era inorgânica. Pois a morte não era senão a negação lógica da vida; entre esta, porém, e a natureza inanimada abria-se um abismo por cima do qual a ciência em vão se empenhava por lançar uma ponte. Alguns esforçavam-se por fechá-lo por meio de teorias, que ele no entanto sorvia, sem nada perder em profundidade e sua extensão. Para encontrarem um laço, haviam se perdido na hipótese contraditória de uma matéria viva sem estrutura, de organismos não organizados, que se reuniriam espontaneamente na solução de albumina, como o cristal na

água-mãe — embora a diferenciação orgânica constituísse ao mesmo tempo a condição básica e a manifestação de toda a vida, e embora não se conhecesse criatura viva que não devesse sua existência a um ato de procriação. O júbilo triunfante que saudara o protoplasma primevo, pescado nas profundezas mais extremas do mar, rapidamente se transformara em consternação. Demonstrou-se que depósitos de gesso haviam sido confundidos com o protoplasma. Mas os cientistas, para não se deterem à frente de um milagre — pois a vida a compor-se dos mesmos elementos e a decompor-se nos mesmos elementos que a natureza inorgânica, sem nada que a motivasse, seria um milagre —, viram-se forçados a admitir uma geração espontânea, isto é, a origem do orgânico no inorgânico, o que, aliás, era igualmente um milagre. Destarte continuaram a inventar graus intermediários e transições e a supor a existência de organismos inferiores a todos os que se conheciam, os quais tivessem como predecessores, no entanto, tentativas de vida ainda mais primitivas, os chamados “probiontes” que ninguém jamais veria, porque eram de uma pequenez inframicroscópica, e antes de cujo nascimento hipotético devia ter se produzido a síntese de combinações de albumina…

Mas então, o que era a vida? Era calor, o produto calorífico de uma instabilidade preservadora da forma, uma febre da matéria que acompanhava o processo de incessante decomposição e reconstituição de moléculas de albumina, estas mesmas insubsistentes, dadas a complicação e engenhosidade de sua estrutura. Era o ser daquilo que em realidade não podia ser, daquilo que, a muito custo e mediante um esforço delicioso e aflitivo, consegue chegar, nesse processo complexo e febril de decadência e de renovação, ao equilíbrio no ponto do ser. Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda-d’água, e igual à chama. Mas, se bem não

fosse material, era sensual até a volúpia e até o asco, o impudor da natureza tornada irritável e sensível com respeito a si própria, e a forma lasciva do ser. Era um movimento clandestino, mas perceptível no casto frio do universo, uma secreta e voluptuosa impureza composta de sucção e de evacuação, uma exalação excretória de gás carbônico e de substâncias nocivas de procedência e qualidade ignotas. Era vegetação, desenvolução e configuração — possibilitadas pela hipercompensação da sua instabilidade e controladas pelas leis de formação que lhe eram inerentes — de uma coisa túmida de água, albumina, sal e gorduras, uma coisa que se chamava carne e se convertia em forma, em imagem sublime, em beleza, mas que, ao mesmo tempo, era o princípio da sensualidade e do desejo. Pois essa forma e essa beleza não eram conduzidas pelo espírito, como nas obras da poesia e da música, nem tampouco por uma substância neutra, absorvida pelo espírito, e que o encarnasse de uma maneira inocente, como o fazem a forma e a beleza das obras plásticas. Eram, pelo contrário, conduzidas e elaboradas por uma substância na qual despertou, de um modo desconhecido, a voluptuosidade, pela substância da própria matéria orgânica que vivia se decompondo, pela carne cheirosa...

Agasalhado de lã e de peles destinadas a evitarem perda de calor, o jovem Hans Castorp repousava acima do vale cintilante, enquanto, nessa noite glacial iluminada pelo brilho do satélite morto, aparecia-lhe a imagem da vida. Essa imagem flutuava diante dele em algum lugar do espaço, longínqua e todavia próxima dos sentidos; havia o corpo, de uma brancura embaciada, viscoso, a exalar odores e vapores; havia a pele com toda a impureza e toda a imperfeição que lhe eram peculiares, com manchas, papilas, rugas, descolorações, zonas granulosas ou escamosas, a pele revestida das finas correntes e dos delicados torvelinhos da lanugem rudimentar. Distante do frio da matéria inanimada, essa imagem pairava na sua própria

esfera vaporosa, assumindo uma atitude relaxada, com a cabeça coroada de alguma coisa fresca, córnea, pigmentária, que era um produto da sua pele, e com as mãos unidas por detrás da nuca; de sob as pálpebras baixas, estava a mirar o espectador com aqueles olhos que uma variante da formação da pele na comissura interior fazia parecer oblíquos, e com os lábios um tanto grossos, entreabertos; apoiava-se numa das pernas, de modo que o osso ilíaco que suportava o peso ressaltava nitidamente sob a carne, ao passo que, na perna relaxada, o joelho levemente dobrado roçava o interior da perna de apoio, e o pé tocava o solo apenas com a ponta dos dedos. Assim se quedava a imagem; voltava-se sorrindo, certa da sua graça, com os cotovelos luzidios apontando para a frente, na simetria dos membros gêmeos e dos sinais do corpo. À sombra das axilas, de exalação acre, correspondia, num triângulo místico, a noite do regaço; assim como aos olhos, a boca vermelha e epitelial; e às corolas rubras dos seios, o umbigo alongado em sentido vertical. Sob o impulso de um órgão central e de nervos motores que partiam da medula espinhal, o ventre e o tórax moviam-se, a cavidade pleuroperitoneal dilatava-se e encolhia-se, e o hálito, aquecido e umedecido pelas mucosas do trato respiratório saturado de secreções, escapava por entre os lábios, após ter combinado nos alvéolos dos pulmões o seu oxigênio e a hemoglobina do sangue, para possibilitar a respiração interna. Pois Hans Castorp compreendia que esse corpo vivo, a repousar no misterioso equilíbrio da estrutura das suas partes alimentadas de sangue, percorridas por nervos, veias, artérias, capilares, e banhadas pela linfa, esse corpo com a armação interna formada por ossos ocos, cheios de tutano gorduroso, por ossos chatos, ossos curtos e vértebras, consolidados com a ajuda de sais calcários e de cola à base do tecido gelatinoso, substância primitiva de apoio, esse corpo com as cápsulas, cavidades lubrificadas, tendões e cartilagens das articulações, com seus músculos em número

de mais de duzentos, com seus órgãos centrais a serviço da nutrição, respiração, recepção e emissão de estímulos, com suas membranas protetoras, cavidades cerosas e glândulas ricas em secreções, com o sistema de canais e fendas da sua complicada superfície interna, que pelos orifícios do corpo desembocava no mundo exterior — Hans Castorp compreendia, pois, que esse eu era uma unidade viva de categoria superior, muito distante daqueles seres mais simples, reduzidos a respirarem, alimentarem-se e mesmo pensarem com toda a superfície do seu corpo, e que ele se compunha de miríades de tais organismos minúsculos, que, tendo a sua origem num único dentre eles, e multiplicando-se mediante uma divisão sempre repetida, haviam organizado, diferenciado, desenvolvido os mais diversos usos e funções e tinham chegado a produzir formas que eram a condição e o efeito do seu crescimento.

O corpo que então se lhe afigurava, esse ser singular e esse eu vivente, era portanto uma enorme pluralidade de indivíduos que respiravam e se alimentavam, que, em virtude da sua subordinação orgânica e da sua adaptação a uma finalidade especial, tinham perdido sua existência própria, sua liberdade e sua vida independente, haviam se transformado em elementos anatômicos, a tal ponto que a função de alguns se restringia à irritabilidade em face dos estímulos da luz, do som, do tato, do calor, ao passo que outros só sabiam modificar sua forma mediante contração, ou secretar líquidos digestivos, e ainda outros estavam aptos exclusivamente a proteger, sustentar, veicular humores ou servir à procriação. Havia casos em que se afrouxavam os laços dessa pluralidade orgânica, reunida para formar um eu elevado, casos nos quais a multidão de indivíduos inferiores não se associava, senão de uma forma superficial e incerta, numa unidade de vida superior. O nosso estudioso meditava acerca do fenômeno das colônias de células; inteirava-se da existência de semiorganismos, de algas cujas células avulsas, apenas envoltas num manto

gelatinoso, frequentemente se achavam muito distantes umas das outras, tratando-se, sem embargo, de formas multicelulares, que, porém, se fossem interrogadas, seriam incapazes de dizer se preferiam ser consideradas uma aglomeração de indivíduos unicelulares ou um ser único, e que, referindo-se a si próprias, oscilariam estranhamente entre o “eu” e o “nós”. Aqui a natureza dispunha de um estado intermediário entre a associação altamente social de inúmeros indivíduos elementares a formarem os tecidos e os órgãos de um eu superior e a livre existência individual dessas unidades avulsas: o organismo multicelular era tão somente uma dentre as formas do processo clínico segundo o qual decorria a vida, e que constituía um movimento circulatório de ato gerador em ato gerador. A fecundação, a fusão sexual de dois corpos de células, achava-se no início da construção de todo indivíduo multicelular, como também se encontrava no começo de cada série de gerações de criaturas elementares de vida isolada, e sempre reconduzia a si própria. Pois esse ato persistia através de numerosas gerações que não necessitavam dele para se multiplicarem mediante contínua divisão, até chegar o momento em que os descendentes nascidos sem o concurso do sexo se vissem novamente obrigados à cópula e o ciclo voltasse a se fechar. Assim, o Estado multiforme da vida, originado da fusão nuclear de duas células geradoras, era a coletividade de muitas gerações de indivíduos celulares, produzidos de modo assexual. Seu crescimento coincidia com a multiplicação deles, e o ciclo gerativo se fechava quando as células sexuais, elementos desenvolvidos com o fim especial da procriação, haviam se formado nele e então encontravam o caminho de uma junção que desse novo impulso à vida.

Com um volume de embriologia fincado no peito, nosso herói acompanhava a evolução do organismo a partir do instante em que o espermatozoide — um dentre inúmeros, e este em primeiro lugar, impulsionado pelo movimento de flagelo de sua extremidade traseira — chocava a ponta

cefálica com a membrana gelatinosa do óvulo, para então inserir-se no cone de atração que o plasma ovular arqueara, ao encontro de sua aproximação. Não se podia imaginar truque algum, caricatura alguma em que a natureza não se comprazesse para variar esse processo constante. Havia animais entre os quais o macho levava uma vida de parasita no intestino da fêmea. Outros havia em que o braço do indivíduo fecundante se estendia através da garganta da fêmea até o interior do seu corpo, onde depositava o esperma, depois do que era decepado e vomitado, para então escapar correndo com os seus próprios dedos, deixando perplexa a ciência que durante muito tempo o tratara, em grego ou em latim, como um ser vivo independente. Hans Castorp assistia às furiosas discussões entre as escolas eruditas dos "ovistas" e dos "animalculistas", uns pretendendo que o óvulo era um sapo, um cão ou um homem completo em miniatura, e que o sêmen não operava senão o crescimento das suas partes, ao passo que outros consideravam o espermatozoide, provido de cabeça, braços e pernas, um ser vivo preformado, ao qual o óvulo servia apenas de meio de cultura — até que enfim se punham de acordo, atribuindo iguais méritos às células ovulares e germinais, ambas oriundas de células de reprodução primitivamente indistinguíveis. Hans Castorp via o organismo unicelular do óvulo fecundado a ponto de se transformar num organismo multicelular, estriando-se e segmentando-se; via os corpos de células unirem-se uns aos outros, construindo uma parede mucosa; via a vesícula seminal introfletir-se e formar uma taça ou cavidade, que então se desempenhava das funções de nutrição e da digestão. Era essa a larva intestinal, a gástrula, o bicho original, a forma básica, tanto de toda vida animalesca como de toda beleza carnal. Suas duas camadas epiteliais, a exterior e a interior, o ectoderma e o endoderma, apareciam como órgãos primitivos, dos quais surgiam, por meio de saliências ou depressões, as glândulas, os tecidos, os

instrumentos dos sentidos, os apêndices do corpo. Uma tira do ectoderma engrossava, afundava-se numa espécie de sulco, fechava-se formando um tubo para abrigar os nervos, e convertia-se na coluna vertebral, no cérebro. E quando o muco fetal se consolidava a ponto de se tornar tecido conjuntivo fibroso ou cartilagem, visto as células gelatinosas começarem a produzir uma substância glutinosa, em lugar da mucina, Hans Castorp via como em certos pontos as células conjuntivas extraíam sais calcários e gorduras dos humores que as banhavam, e como terminavam então por ossificar-se. O embrião do homem mantinha-se encolhido, de cócoras, caudífero, em nada diferente do embrião de um porco, dotado de um enorme pedúnculo abdominal e de extremidades rudimentares, informes, com a larva do rosto dobrada sobre o ventre túrgido, e sua evolução afigurava-se, aos olhos de uma ciência de ideias sombrias e pouco lisonjeiras, como a repetição resumida de uma genealogia zoológica. Passageiramente, o embrião tinha bolsas branquiais como as arraias. Parecia lícito ou forçoso deduzir dos estados evolutivos por ele atravessados o aspecto pouco humano que o homem concluído oferecera nos tempos primitivos. Sua pele, provida de músculos tremedores, destinados a afugentar os insetos, estava coberta de pelo abundante; era enorme a extensão de sua mucosa pituitária; suas orelhas despegadas e móveis tomavam parte importante no jogo de mímica e eram mais próprias para captar o som do que nossas orelhas atuais. Naqueles tempos, os olhos, protegidos por uma terceira pálpebra mictitante, haviam se achado aos lados do crânio, com exceção do terceiro olho, cujo rudimento é a glândula pineal, e que era capaz de vigiar o zênite. Esse homem possuíra, além disso, um longo tubo intestinal, numerosos dentes molares e sacos vocais ao lado da laringe, que lhe permitiam urrar; o macho trouxera as glândulas sexuais no intestino do abdômen.

A anatomia esfolava e dissecava, para o nosso

pesquisador, os membros do corpo humano; mostrava-lhe os músculos e os tendões, tanto superficiais como subjacentes e profundos, os da coxa e da perna, do pé e sobretudo do braço; ensinava-lhe os nomes latinos com que a medicina, essa matriz do espírito humanístico, os designara e distinguira generosa e galantemente; permitia ao jovem avançar até o esqueleto, cuja estrutura lhe abria novas perspectivas sobre a unidade de tudo quanto é humano, e sobre o fato de se acharem relacionadas com isso todas as disciplinas. Pois nesse ponto recordou-se, de um modo sumamente estranho, da sua verdadeira — ou talvez seja melhor dizer: da sua antiga — profissão, do título científico de que se declarara portador ao chegar aqui em cima, perante as pessoas que encontrara (dr. Krokowski, sr. Settembrini). Para aprender alguma coisa — fora-lhe bem indiferente o quê — inteirara-se nas universidades desse ou daquele fato referente a estática, suportes arqueáveis, carga e construção como emprego economicamente vantajoso do material mecânico. Teria sido pueril opinar que as engenharias, as regras da mecânica, se aplicariam à natureza orgânica; mas tampouco se podia pretender que tivessem sido deduzidas desta. Na natureza, tais regras se viam simplesmente repetidas e reforçadas. O princípio do cilindro vazado predominava na estrutura dos ossos longos, com seu canal central, de maneira que exatamente o mínimo de substância sólida supria as necessidades estáticas. Um corpo, Hans Castorp aprendera, que, conforme as exigências feitas a ele quanto à tração e à pressão, estivesse composto tão somente de varas e tirantes de um material mecanicamente adequado poderia suportar a mesma carga que um corpo maçico de igual composição. Da mesma forma era possível observar na evolução dos ossos longos como, *pari passu* com a ossificação da superfície, as partes internas, mecanicamente supérfluas, se transformaram em tecidos gordurosos, o tutano amarelo. O osso femoral era uma grua em cuja construção a natureza

orgânica, pela flexão que dera às pecinhas ósseas, executava exatamente as mesmas curvas de tração e de pressão que Hans Castorp teria que prever caso quisesse conceber de modo correto um aparelho destinado a realizar iguais incumbências. Ele teve satisfação ao ver tal coisa, pois percebeu que se mantinha, desse modo, em uma relação tripla com o fêmur, ou com a natureza orgânica em geral: uma relação lírica, médica e técnica — tão intensa a estimulação que recebera. E essas três relações, assim lhe parecia, chegavam a ser, no humano, uma só; eram variantes de uma e mesma aspiração premente, faculdades do pensamento humanístico...

Com tudo isso, permanecia inexplicável a obra do protoplasma, e parecia vedado à vida compreender-se a si própria. A maioria dos processos bioquímicos não somente era desconhecida, como também era inerente à sua natureza esquivar-se à compreensão. Quase nada se sabia da estrutura, da composição dessa unidade de vida que se chamava a “célula”. Que adiantava demonstrar as partes do músculo morto? Não se podia analisar quimicamente o músculo vivo; e as modificações produzidas pela rigidez cadavérica já bastavam para desvalorizar quaisquer experiências. Ninguém compreendia o metabolismo, ninguém sabia nada da natureza da função nervosa. A que qualidades as papilas gustativas deviam a faculdade do gosto? Em que consistiam os diferentes tipos de excitação que os odores produziam em certos nervos sensitivos? Em quê, o cheiro em geral? O odor específico dos animais e dos homens baseava-se na evaporação de substâncias que ninguém era capaz de definir. A composição do líquido que se chamava suor era pouco clara. As glândulas que o secretavam produziam aromas que, sem dúvida, desempenhavam um papel de destaque entre os mamíferos, cuja importância para a vida humana os cientistas se declaravam incapazes de explicar. A função fisiológica de partes do corpo evidentemente importantes permanecia

obscura. Que se deixasse sem solução o problema do apêndice vermiforme, que era um mistério! Entre os coelhos, ele sempre se encontrava cheio de um conteúdo pastoso que não se sabia como entrava ali nem como se renovava. E qual era a explicação da substância branca e cinzenta da medula oblongada, qual a do tálamo que se comunicava com o nervo óptico, e qual a das substâncias cinzentas que se encontram na ponte de Varólio? A medula cerebral e espinhal era a tal ponto sujeita à desintegração que não havia esperança de penetrar-lhe jamais o segredo da estrutura. A que circunstância se devia a suspensão das atividades do córtex cerebral? Que impedia o estômago de se digerir a si próprio, fato que ocorria às vezes nos cadáveres? Respondia-se: a vida, um singular poder de resistência do protoplasma vivo — e fingia-se não perceber que essa era uma explicação mística. A teoria de um fenômeno tão comum como a febre estava cheia de contradições. O aumento das combustões tinha como resultado uma produção mais intensa de calor. Mas, por que não aumentava também, como em outras ocasiões, o gasto de calor, para compensar esse fato? Originava-se a paralisia das glândulas sudoríparas de uma contração da pele? Entretanto, tal não se observara senão em casos de calafrios, ao passo que, fora disso, a pele se mostrava quente. A experiência da “picada bulbar” indicava o sistema nervoso central como a sede dos fatores que causavam o aumento da intensidade das combustões, bem como a referida particularidade da pele, que era qualificada de anormal porque ninguém sabia explicá-la.

Mas que dizer de toda essa ignorância quando comparada à desorientação da ciência em face de fenômenos como o da memória, ou daquela memória ampliada e digna da mais alta admiração, que se denominava transmissão hereditária de qualidades adquiridas? Era totalmente impossível chegar sequer a uma ideia vaga da explicação mecânica desse trabalho realizado pela substância celular. O

espermatozoide, que transmitia ao óvulo as inúmeras e complexas peculiaridades da espécie e da individualidade do pai, era visível somente com o auxílio do microscópio, e o máximo aumento não bastava para apresentá-lo sob outro aspecto que o de um corpo homogêneo, nem para permitir a determinação da sua origem, pois o sêmen de todos os tipos de animais aparecia idêntico. Eram esses fatores da organização que impunham a hipótese segundo a qual o mesmo que se passava no corpo superior ocorria nas células que o compunham, quer dizer, que estas também eram organismos superiores, compostos, por sua vez, de minúsculos corpos vivos, de unidades de vida individuais. Dava-se, portanto, um passo do elemento que se supusera como o menor, para outro, de dimensões ainda mais reduzidas; sob a pressão da necessidade, as partes elementares eram decompostas em partículas subelementares. Não havia dúvida: assim como o reino animal era formado de diversas espécies de animais, e assim como o organismo dos animais e dos homens, de todo um reino de espécies de células, também o organismo da célula compunha-se de um novo e múltiplo reino animal de unidades vitais elementares, cujo tamanho ficava muito longe do limite do que era possível ver com o microscópio; eram unidades que cresciam independentemente, que se multiplicavam segundo a lei de que cada qual só podia reproduzir suas semelhantes, e que, em conformidade com o princípio da divisão do trabalho, serviam num esforço coletivo à categoria de vida imediatamente superior à sua.

Esses eram os genes, os bioblastos, os bióforos — e Hans Castorp estava encantado de conhecê-los pelos nomes naquela noite glacial. Mas, como se achasse inspirado, perguntou-se a si próprio como se apresentaria a natureza elementar dessas unidades a quem as examinasse ainda mais de perto. Sendo portadoras de vida, deviam estar organizadas, pois a vida fundava-se na organização; mas, estando organizadas, não podiam ser elementares, já que

um organismo não é elementar, senão múltiplo. Tratava-se, portanto, de unidades de vida inferiores à célula que compunham organicamente. Assim sendo, era, porém, forçoso que elas, apesar do seu tamanho incrivelmente pequeno, fossem por sua vez "construídas", construídas de maneira orgânica, como formas de vida. Pois a ideia da unidade viva identificava-se com a da construção à base de unidades menores, subordinadas, isto é: destinadas às finalidades de uma vida superior. Enquanto a divisão tinha por resultado unidades orgânicas, dotadas das particularidades da vida, a saber: as faculdades de assimilação, de crescimento e de multiplicação, para ela mesma não havia limites. Com referência a unidades de vida, seria, pois, errado falar de unidades elementares, visto o conceito da unidade encerrar *ad infinitum* o conceito acessório da unidade subordinada e componente; não existia vida elementar, quer dizer, alguma coisa que já fosse vida e ainda continuasse sendo elementar.

No entanto, embora a lógica não lhe aceitasse a existência, devia em última análise existir qualquer coisa dessas, visto que não se podia rejeitar a ideia da geração espontânea e, com isso, da vida originada do não vivente; aquele abismo que em vão se procurava fechar na natureza exterior, o abismo entre a vida e o inanimado, devia de certa forma ser preenchido ou transposto, no seio orgânico da natureza. Em algum momento essa divisão tinha que conduzir a "unidades" que, muito embora compostas, ainda não estivessem organizadas e servissem de intermediárias entre a vida e a não vida, grupos de moléculas que formassem a transição entre as categorias da vida e a mera química. Mas quem chegasse à molécula química já se encontraria nas proximidades de um abismo, cujas fauces escondiam um mistério ainda muito maior do que o que se abre entre as naturezas orgânica e inorgânica: o abismo que separa o material do imaterial. Pois a molécula compunha-se de átomos, e o átomo não tinha sequer tamanho suficiente para

ser-lhe adequada a qualificação de “extraordinariamente pequeno”. Era de um tamanho tão reduzido, uma condensação tão ínfima, tão precoce e tão transitória do imaterial, do ainda não material mas já semelhante à matéria, da energia, que mal se podia considerá-lo matéria, e sim algo intermediário e limítrofe entre o material e o imaterial. Surgia o problema de uma outra geração espontânea, ainda mais enigmática e fantástica do que a gênese original orgânica: o da origem da matéria no imaterial. Com efeito, o abismo entre matéria e não matéria exigia ser transposto, e tão insistentemente, ou ainda com maior insistência do que o que existe entre a natureza orgânica e a inorgânica. Necessariamente devia haver uma química do imaterial, das combinações de que resultava o material, assim como os organismos nasciam de combinações inorgânicas. Podia ser que os átomos fossem os probiontes e as moneras da matéria — materiais, quanto à sua natureza, e todavia ainda imateriais. Mas ao se alcançar o ponto onde se tratava daquilo que “nem sequer é pequeno” toda a medida se esvaía; “nem sequer pequeno” equivalia a “imensamente grande”, e o passo dado em direção ao átomo manifestava-se, sem exagero, como maldição no mais alto grau. Pois no instante da mais extrema dissecação e diminuição do material, descortinava-se de repente o cosmo astronômico!

O átomo era um sistema cósmico carregado de energia, e em cujo seio gravitavam planetas, numa rotação de espantosa rapidez, em torno de um centro semelhante ao sol, e cujo éter era percorrido a uma velocidade só mensurável em anos-luz, por cometas mantidos nas suas órbitas excêntricas pela força do corpo central. E isso não é uma simples comparação, tão pouco quanto o seria a que define o organismo multicelular como um “Estado de células”. A cidade, o Estado, a comunidade social organizada segundo o princípio da divisão do trabalho não somente era comparável à vida orgânica, mas até a repetia

exatamente. Da mesma forma repetia-se no seio da natureza, na mais extrema redução, o universo estelar macrocósmico cujos grupos, nebulosas, constelações, configurações pairavam empalidecidos pela lua, acima do vale cintilante de neve, ante os olhos do nosso adepto. Não seria lícito pensar que certos planetas do sistema solar atômico — esses enxames e essas vias lácteas de sistemas solares que compunham a matéria —, ora, que um e outro desses corpos celestes do mundo interior se encontravam numa condição semelhante à que fazia da Terra uma sede da *vida*? Para um jovem adepto meio embriagado no seu íntimo, e cuja pele se achava num estado "anormal", para um homem que já não estava completamente sem experiência no terreno das coisas proibidas, tal suposição não somente não era extravagante, mas até se impunha com uma insistência inelutável, parecendo evidente e tendo todo o cunho de lógica e de verdade. A "pequenez" dos corpos celestes do mundo interior seria uma objeção pouco incisiva, já que a medida do que era grande ou pequeno perdia-se, mais tardar, no momento em que se evidenciava o caráter cósmico das partes "mais minúsculas" da matéria, e já que os conceitos de "exterior" e "interior" também viam abalada sua solidez. O mundo do átomo era um "exterior", ao passo que o astro terrestre que habitamos era, se considerado do ponto de vista orgânico, um profundo "interior", provavelmente. Não chegara certo sábio, nos seus sonhos audaciosos, a falar dos animais da Via Láctea, monstros cósmicos, cuja carne, cujo esqueleto e cérebro se compunham de sistemas solares? Mas, se isso sucedia assim como se afigurava a Hans Castorp, tudo começava apenas no instante em que se imaginava ter alcançado o término! Era possível que, no fundo íntimo e mais remoto do seu ser, talvez se encontrasse ele mesmo, o jovem Hans Castorp, mais uma vez, e mais cem vezes, bem agasalhado num compartimento de sacada com vista sobre a noite glacial e enluarada dos Alpes, a estudar a vida do corpo, com os

dedos enregelados e as faces ardentes, sob o impulso de um interesse médico-humanista?

A anatomia patológica, sobre a qual ele segurava um manual inclinado para a luz vermelha da lampadazinha, informava-o, por meio de um texto entremeado de ilustrações, acerca da natureza da aglomeração parasítica de células e acerca de tumores infecciosos. Eram formas de tecidos — formas de caráter especialmente exuberante — provocadas pela irrupção de células estranhas num organismo que se mostrara acolhedor e de algum modo — talvez seja preciso dizer: de um modo um tanto perverso — oferecia condições favoráveis a seu crescimento. O mal não era que o parasita privasse de alimentos o tecido circundante; mas, no decorrer do metabolismo peculiar a toda célula, ele produzia combinações orgânicas surpreendentemente tóxicas e inevitavelmente perniciosas. Conseguira-se isolar e apresentar, sob uma forma concentrada, as toxinas de alguns microrganismos, e causara surpresa ver quão minúsculas eram as doses dessas substâncias, simples combinações de albumina, que bastavam para originar os mais perigosos fenômenos de envenenamento e a mais rapace perdição, quando introduzidas na circulação de um animal. A aparência exterior dessa corrupção era a de uma excrescência dos tecidos, o tumor patológico, que constituía a reação das células contra o estímulo exercido pelos bacilos estabelecidos entre elas. Formavam-se nódulos do tamanho de grãos de painço, composto de células cuja estrutura se parecia com os tecidos das mucosas, e entre as quais, ou nas quais, se instalavam os bacilos; algumas dessas células, extraordinariamente ricas em protoplasma, tornavam-se gigantescas e multinucleares. Mas essa exuberância conduzia a uma rápida ruína, pois que os núcleos dessas células monstruosas entravam logo a se atrofiar e a se decompor, estragando-se o seu protoplasma em virtude da coagulação; novas zonas do tecido vizinho eram invadidas

por aquela irritação estranha; fenômenos de inflamação iam se alastrando, e atacavam os vasos adjacentes; os glóbulos brancos, irresistivelmente atraídos, encaminhavam-se ao local do desastre; progredia a morte por coagulação, e, nesse ínterim, os venenos solúveis das bactérias já haviam embriagado os centros nervosos; o organismo alcançara uma temperatura elevadíssima, e cambaleava, por assim dizer, com ânimo alegre, rumo à própria dissolução.

Eis o que havia a dizer sobre a patologia, a teoria da enfermidade, acentuação da dor física, que, no entanto, como acentuação do elemento corporal, acentuava também a volúpia. A enfermidade era a forma licenciosa da vida. E a vida, por sua vez? Não passava ela, quiçá, de uma doença infecciosa da matéria, assim como aquilo que se podia denominar geração espontânea da matéria talvez fosse apenas uma enfermidade, uma excrescência causada por uma irritação do imaterial? O início da marcha para o mal, para a voluptuosidade e para a morte dava-se, sem dúvida, no lugar onde, provocada pelo prurido de uma infiltração desconhecida, realizava-se aquela primeira condensação do espírito, aquela vegetação patologicamente exuberante do seu tecido, mescla de prazer e de repulsa, que constituía a fase mais primitiva do substancial, a transição do imaterial ao material. Eis o que era o pecado original. A segunda geração espontânea, a criação do orgânico pelo inorgânico já não era mais do que uma intensificação maligna do progresso do corpo em direção à consciência, da mesma forma que a enfermidade do organismo era um exagero ébrio e um relevo indecente da sua natureza física. A vida chegava a ser apenas o próximo passo no caminho aventuroso do espírito que se tornara impudico, o cálido reflexo do pudor da matéria que fora despertada à sensibilidade e se mostrara disposta a corresponder ao apelo...

Montões de livros achavam-se empilhados na mesinha com a lâmpada. Um jazia no chão, ao lado da espreguiçadeira,

sobre a esteira da sacada, e aquele que Hans Castorp estudara por último pesava-lhe sobre o estômago, oprimindo-o e embargando-lhe a respiração, sem que, entretanto, do córtex cerebral partissem aos músculos competentes ordens no sentido de o afastarem. O jovem lera a página até o fim, e seu queixo alcançara o peito. As pálpebras haviam se fechado espontaneamente por cima dos olhos azuis singelos. Ele via a imagem da vida, a estrutura dos seus membros florescentes, a beleza cuja portadora era a carne. Ela retirara as mãos da nuca; e os braços, que ela abriu, e em cujo lado anterior, sob a pele delicada da articulação do cotovelo, desenhavam-se vasos de sangue azulados, as duas ramificações das grandes veias — ora, esses braços eram de uma indizível doçura. Ela se aproximou dele, inclinou-se para ele, sobre ele, e ele sentiu-lhe o odor orgânico, sentiu-lhe o pulsar do coração. Algo delicado e cálido enlaçou seu pescoço, e enquanto ele, desfalecendo de volúpia e angústia, pousou as mãos sobre o lado externo desses braços, ali, onde a pele granulosa que envolvia o tríceps era de um frescor aprazível, sentiu nos lábios a sucção úmida do beijo dela.

DANÇA MACABRA

Pouco depois do Natal morreu o aristocrata austríaco… Mas antes celebrou-se o Natal, esses dois dias de festa, ou mais exatamente, incluindo-se a véspera, esses três dias, que Hans Castorp vira aproximar-se com certo sobressalto e expectativa inquieta, perguntando-se como passariam, e que então chegaram e decorreram como dias normais, com manhã, tarde e noite, e com um clima nada extraordinário (de leve degelo), não se diferenciando de outros de sua espécie, que surgem e desaparecem. Levemente adornados em sua aparência externa, e pelo período que lhes fora outorgado, exerceram domínio sobre os cérebros e corações das pessoas, até se tornarem passado, primeiro próximo, depois cada vez mais distante, deixando atrás de si um rastro de impressões incomuns ao cotidiano…

O filho do conselheiro áulico, de nome Knut, veio passar as férias em Davos e se alojou com o pai na ala lateral do sanatório. Era um rapaz bonito, mas cuja nuca também já começava a salientar-se em demasia. A presença do jovem Behrens fazia-se sentir no ambiente. As senhoras mostravam-se risonhas, faceiras e agitadas, e suas conversas tratavam de encontros com Knut no jardim, no bosque ou no bairro do Cassino. Ele também recebeu visitas: certo número de colegas da universidade subiu ao vale, seis ou sete estudantes, alojados no vilarejo, mas que tomavam as refeições em companhia do conselheiro e, todos juntos, percorriam a região em companhia de seu colega de turma. Hans Castorp procurava não encontrá-los. Evitava esses jovens, e tanto ele como Joachim chegavam a esquivar-se deles, por não terem vontade alguma de conhecê-los. Havia um mundo a separar esse adepto dos que viviam aqui em cima, de um lado, e esses rapazes que cantavam, caminhavam e brandiam bengalas, de outro. Hans Castorp nada queria saber nem ouvir a respeito deles. Além disso, a

maioria dos visitantes parecia natural do norte da Alemanha; talvez houvesse entre eles alguns conterrâneos, e Hans Castorp, ante conterrâneos, não experimentava outra coisa senão extrema aversão. Frequentemente ele ventilava, com antipatia, a possibilidade da chegada de hamburgueses ao Berghof, tanto mais que Behrens dissera que essa cidade fornecia ao estabelecimento um considerável contingente de clientes. Era possível que algum patrício seu se encontrasse entre os doentes graves ou moribundos que ninguém via. Visível era apenas um comerciante de faces cavas, que se instalara fazia algumas semanas à mesa da sra. Iltis, e do qual diziam que era natural de Cuxhaven. Ao pensar nessa vizinhança, Hans Castorp regozijava-se com a dificuldade de estabelecer, ali em cima, qualquer contato com pessoas de outras mesas, e com o fato de sua terra natal ser muito extensa, e dividida em diversas esferas. A presença indiferente desse comerciante amenizou muito as preocupações que despertara nele a ideia de topar com outros hamburgueses aqui em cima.

A véspera de Natal foi se aproximando, certo dia pareceu estar às portas, e no dia seguinte passou a estar presente... Naquela ocasião, quando Hans Castorp se admirara de já ouvir falar do Natal, havia pelo menos seis semanas a separá-lo dele, tanto tempo, por conseguinte, quanto deviam durar toda a sua permanência segundo o plano inicial e mais as três semanas que passara na cama. Mas as seis semanas de então, tal qual se afigurava à retrospectiva de Hans Castorp, tinham representado um tempo enorme, sobretudo sua primeira metade, ao passo que agora um período teoricamente igual significava quase nada: parecia-lhe que os comensais tinham razão quando faziam tão pouco-caso desse lapso de tempo. Seis semanas, nem sequer tantas quantos os dias que uma semana tem — que importância tinham, quando se ventilava a questão de saber o que era uma dessas semanas, um desses pequenos circuitos de segunda-feira a domingo, e de novo segunda-

feira? Bastava considerar o valor e significado da próxima unidade mais compacta, na sequência, para compreender que o resultado dessa soma não podia ser grande coisa, e que seu efeito, além do mais, tampouco passava de um forte encurtamento, desbotamento, encolhimento e aniquilamento. Que era um dia, contado, por exemplo, a partir do momento em que a gente se sentava para almoçar, até a volta desse instante, vinte e quatro horas depois? Nada — apesar de serem vinte e quatro horas. Mas, que era, afinal, uma hora, gasta, por exemplo, no repouso obrigatório, num passeio ou numa refeição — enumeração que esgotava, aproximadamente, as possibilidades de se passar essa unidade de tempo? Outra vez, nada. O total desses nadas pesava pouco. O caso tornava-se mais sério, todavia, quando a escala descia às unidades menores: esses sete vezes sessenta segundos, durante os quais se mantinha o termômetro entre os lábios, a fim de poder prolongar a curva da temperatura, tinham uma vida tenaz, e seu peso era considerável; dilatavam-se até formar uma pequena eternidade, insertavam períodos de extrema solidez na fuga fantasmagórica do tempo imenso…

O dia de festa mal era capaz de perturbar o regime habitual dos habitantes do Berghof. Um belo pinheiro já fora erguido, alguns dias antes, ao lado direito da sala de refeições, junto à mesa dos “russos ordinários”, e seu aroma que, através do cheiro dos pratos abundantes, chegava às vezes até os comensais acendia um quê pensativo nos olhos de algumas pessoas agrupadas em torno das sete mesas. Na hora do jantar do dia 24 de dezembro, a árvore ostentava enfeites variegados de fios de prata, bolas de vidro, pinhões dourados, pequenas maçãs suspensas em redes e toda espécie de bombons. As velas de cera multicor brilhavam durante e após a refeição. Segundo se dizia, também havia arvorezinhas de velas acesas nos quartos dos doentes acamados; cada qual tinha a sua. E nos últimos dias, o correio trouxera encomendas em abundância. Também

Joachim Ziemssen e Hans Castorp haviam recebido remessas da sua terra na longínqua planície, mimos empacotados com carinho, que agora se achavam espalhados pelos seus quartos: roupas escolhidas com esmero, gravatas, objetos de luxo produzidos em couro e níquel, bem como muitos doces próprios para a festa, nozes, maçãs e marzipã — provisões que os primos contemplavam com um ar incerto perguntando-se quando chegaria o momento de comer tudo isso. Como Hans Castorp sabia, o seu pacote fora feito por Schalleen, que também comprara os presentes, após uma ponderada deliberação com os tios. A remessa vinha acompanhada de uma carta de James Tienappel, redigida à máquina, mas sobre o seu grosso papel particular. O tio transmitia as felicitações de Natal e votos de pronto restabelecimento, os do tio-avô tanto como os seus próprios, e com muito senso prático acrescentava logo as felicitações pelo Ano-Novo, na iminência de chegar, tal como Hans Castorp também fizera, quando, em tempo, escrevera deitado na espreguiçadeira a carta de Natal ao cônsul Tienappel, comunicando ainda alguns pormenores acerca do seu estado de saúde.

Na sala de refeições, a árvore resplendecia, crepitava, exalava o seu perfume e mantinha viva nos corações e nos espíritos a consciência da hora. Todos se haviam engalanado; os senhores trajavam smoking, e as senhoras exibiam joias que lhes tinham enviado as mãos carinhosas dos maridos, de todas as zonas da planície. Também Clawdia Chauchat substituíra o costumeiro suéter de lã por um vestido de gala, que tinha, todavia, algo de extravagante, ou melhor, de nacional: era um costume claro, cinturado e bordado, de caráter rústico, russo ou pelo menos balcânico, talvez búlgaro, guarnecido de lantejoulas de ouro, e cujas amplas pregas faziam-lhe a silhueta parecer mais cheia do que normalmente, o que correspondia muito bem àquilo que Settembrini chamava a sua “fisionomia tártara” e sobretudo a seus “olhos de lobo da estepe”. Reinava grande alegria na

mesa dos “russos distintos”, foi ali que espocou a primeira rolha de champanhe, que então surgiu em quase todas as mesas. Na dos primos, a velha tia pediu-o para a sua sobrinha e para Marúsia, e logo se pôs a regalar todo o mundo. O cardápio era seleto e terminava com pastéis de queijo e bombons finos, completado por café e licores. De vez em quando, um ramo de pinheiro que se incendiara e tinha de ser apagado depressa provocava um pânico barulhento e exagerado. Settembrini, vestido como sempre, e com um palito na mão, sentou-se um instante, pelo fim do banquete, à mesa dos primos. Caçoou com a sra. Stöhr e passou então a comemorar, em algumas frases, o Filho do Carpinteiro e o Rabino da Humanidade, cujo aniversário se simulava nesse dia. Não se sabia com certeza se ele vivera verdadeiramente. Mas o que nascera naquela época e começara a sua marcha vitoriosa, ininterrompida até hoje, era a ideia do valor da alma individual, junto com a ideia da igualdade — numa palavra, a democracia individualista. A ela brindava, ao esvaziar a taça que lhe haviam oferecido. A sra. Stöhr achou essa maneira de falar “equívoca e desalmada”. Levantou-se sob protesto, e, como os demais de qualquer modo já abandonavam a sala de refeições, também seus companheiros de mesa imitaram-lhe o exemplo.

A reunião noturna tornou-se solene e animada pela entrega dos presentes ao conselheiro áulico, que chegou acompanhado de Knut e da Mylendonk, para passar meia hora com seus pacientes. O ato teve lugar na saleta dos aparelhos ópticos. O presente que os russos ofertavam em separado consistia num objeto de prata, uma bandeja redonda, muito grande, em cujo centro se achava gravado o monograma do conselheiro, e que, evidentemente, não podia ter a menor serventia. Em compensação, o divã, com o qual os demais pensionistas haviam presenteado o médico, servia ao menos para a gente se deitar, conquanto ainda não tivesse nem colcha nem almofadas e fosse simplesmente forrado de pano. Mas, a cabeceira era

graduável, e Behrens logo experimentou a comodidade do móvel, estendendo-se ao comprido, com a bandeja inútil sob o braço, cerrando os olhos e pondo-se a roncar qual uma serraria; pretendia ser o dragão Fafnir ao lado do seu tesouro. A hilaridade foi grande. Também a sra. Chauchat riu-se da cena; seus olhos estreitaram-se, e a boca estava muito aberta, exatamente, assim pareceu a Hans Castorp, como a de Pribislav Hippe quando se ria.

Assim que o chefe saiu, foram todos sentar-se às mesas de jogo. O grupo russo instalou-se, como sempre, no pequeno salão. Na sala de refeições, alguns pensionistas permaneceram de pé, em torno da árvore de Natal, observando como os tocos de vela se apagavam nos pequenos suportes de metal e saboreando os bombons que pendiam dos ramos. Às mesas, já postas para o café da manhã, achavam-se sentadas diversas pessoas, distantes umas das outras, num isolamento silencioso; havia quem apoiasse a cabeça nas mãos.

O primeiro dia de Natal foi úmido e brumoso. Tratava-se apenas de nuvens, dizia Behrens, nuvens que envolviam o vale. Nunca havia cerração ali em cima. Mas, nuvens ou cerração — em todo caso a umidade era penetrante. A neve caída ia se derretendo na superfície, tornando-se porosa e pegajenta. Durante o repouso obrigatório, o rosto e as mãos enregelavam-se de maneira bem mais penosa do que em dias de frio seco.

O dia distinguiu-se por um sarau musical, um verdadeiro concerto com cadeiras enfileiradas e programas impressos, oferecido pela direção do Berghof às pessoas daqui de cima. Era um recital de canções, executado por uma cantora profissional que vivia em Davos e dava aulas. Ela levava duas medalhas junto ao decote do vestido de gala. Tinha uns braços que se pareciam com bengalas e uma voz cujo timbre estranhamente surdo revelava de modo lastimável os motivos da sua permanência nessas alturas. Cantava:

Levo comigo
O meu amor...

O pianista que a acompanhava também residia no vilarejo... A sra. Chauchat estava sentada na primeira fila, mas aproveitou o intervalo para se retirar, de forma que Hans Castorp, a partir desse momento, teve ensejo para escutar a música (era música, apesar de tudo) com o coração tranquilo, seguindo a letra das canções que se achava impressa nos programas. Durante algum tempo, Settembrini quedou-se a seu lado, antes que desaparecesse também, após ter feito algumas observações incisivas e plásticas acerca do bel canto surdo da cantora local e de ter observado, com alguma satisfação satírica, que mesmo nessa noite estavam “em família”. Para falar a verdade, Hans Castorp sentiu-se aliviado quando ambos saíram, a mulher dos olhos estreitos e o pedagogo, permitindo-lhe devotar livremente sua atenção às canções. Julgou acertado que no mundo inteiro se fizesse música, até sob as circunstâncias mais especiais, inclusive nas expedições polares.

O segundo dia de Natal, 26 de dezembro, já não se distinguiu em nada, a não ser pela ligeira consciência da sua presença, de um domingo ou mesmo de um simples dia útil; e, quando chegou a seu fim, a festa de Natal pertencia ao passado, ou, como se poderia dizer com igual exatidão, estava novamente relegada ao longínquo porvir, à distância de um ano dali: doze meses, até a época em que se renovaria no ciclo do ano — enfim, apenas sete meses a mais do que Hans Castorp já acabara de passar aqui em cima.

Mas, logo após o Natal desse ano, ainda antes do Ano-Novo, morreu o aristocrata austríaco. Os primos souberam por intermédio de Alfreda Schildknecht, a chamada irmã Berta, enfermeira do pobre Fritz Rotbein, a qual lhes comunicou no corredor o acontecimento, que exigia discrição. Hans Castorp interessou-se vivamente pelo

assunto, já que as manifestações de vida do aristocrata haviam formado parte das primeiras impressões que recebera ali — daquelas impressões que, segundo lhe parecia, tinham provocado a sensação de calor no seu rosto, a qual persistia desde então — e também por motivos morais, de natureza quase religiosa. Hans Castorp obrigou Joachim a uma prolongada conversa com a diaconisa, que apreciava com gratidão e tenacidade o diálogo e a troca de opiniões. Era um milagre, dizia ela, que o cavalheiro houvesse chegado a ver os dias de festa. Havia muito que ele revelava mesmo a persistência de um nobre cavaleiro, e ninguém podia explicar como que é que conseguira respirar nos últimos tempos. Verdade era que desde alguns dias só se sustentara graças a imensas quantidades de oxigênio; ainda ontem consumira quarenta balões, a seis francos cada um. Isso devia ter custado um dinheirão, como os senhores podiam calcular; e cabia considerar quanto a isso que a esposa, em cujos braços expirara, ficava viúva já sem quaisquer recursos. Joachim desaprovou esse desperdício. Para que aquela tortura e aquela demora artificial e custosa num caso totalmente desesperado? Não se podia censurar o homem por ter engolido cegamente o precioso gás vivificante, já que o tinham forçado a isso. Porém os que o tratavam deveriam ter procedido com mais siso, deixando-o, por Deus, trilhar o caminho inevitável que lhe cabia, independentemente da situação financeira, e ainda mais em consideração a esta. Os vivos também tinham algum direito. E ainda outras coisas nesse tom. Mas Hans Castorp replicou-lhe com ênfase. Censurou o primo por falar quase como Settembrini, sem respeito nem pejo diante do sofrimento. O aristocrata morrera, afinal, e em face desse fato deviam cessar quaisquer brincadeiras. Era só isso que lhes restava fazer para demonstrarem a sua seriedade, e um agonizante tinha direito a toda a reverência e a todas as honras. Hans Castorp insistia em defender essa opinião. Esperava ao menos que Behrens não tivesse ralhado com o aristocrata,

fazendo-lhe reprimendas sem piedade alguma. Não tinha havido razão para isso, declarou a Schildknecht. Apenas no último momento houve uma pequena e inconsiderada tentativa de fuga, quando o nobre cavalheiro procurou saltar da cama; mas bastou apontar-lhe de leve a inutilidade de tal intento para, de uma vez por todas, demovê-lo da ideia.

Hans Castorp foi ver o defunto. E se o fez foi por antipatizar com o sistema vigente, de ocultamento, por desprezar a atitude egoísta dos outros, que não queriam saber nem ver nem ouvir coisa alguma, e porque desejava, com sua ação, contrariar essa atitude. À mesa fizera uma tentativa no sentido de mencionar o óbito, mas houvera em face do assunto uma repulsa tão unânime e tão obstinada que Hans Castorp sentira vergonha e indignação. A sra. Stöhr chegara a mostrar-se agressiva. Que ideia era essa de falar daquelas coisas?, perguntara. Que espécie de educação ele havia recebido? O regulamento da casa tinha o cuidado de proteger os pensionistas contra o contato com tais histórias, e agora vinha um novato e se metia a falar disso em voz alta, justamente na hora do assado, e ainda em presença do dr. Blumenkohl, que a qualquer instante podia ter a mesma sorte. (Isso ela disse à boca pequena, sob o anteparo da própria mão.) Se algo assim se repetisse, ela ia queixar-se ao diretor. Fora nesse momento que o insultado se decidira publicamente a prestar uma derradeira homenagem ao companheiro falecido, indo visitá-lo no seu leito de morte e rezando uma tácita oração. Convencera Joachim a que o acompanhasse.

Por intermédio da irmã Berta conseguiram adentrar a câmara mortuária, que se achava no primeiro andar, debaixo dos seus próprios quartos. Recebeu-os a viúva, uma loura pequena, desgrenhada, exausta pelas vigílias, de nariz vermelho, com um lenço diante da boca; trajava um sobretudo grosso, com a gola levantada, pois fazia muito frio no recinto. Haviam desligado a calefação, e a porta da sacada estava aberta. Em voz abafada, os jovens

murmuraram algumas palavras adequadas. A seguir, dolorosamente convidados por um gesto da mão, atravessaram o quarto em direção à cama, avançando nas pontas dos pés, com passo reverencioso e cadenciado, e permaneceram em contemplação diante do leito do morto, cada qual à sua maneira: Joachim, numa posição militar, com os tacões unidos, saudando com uma leve mesura; Hans Castorp, relaxado e pensativo, com as mãos cruzadas sobre o peito, e com a cabeça inclinada para o ombro, exibindo uma fisionomia semelhante àquela com que costumava ouvir música. A cabeça do aristocrata fora acomodada bem erguida, de maneira que o corpo, esse conjunto comprido, berço dos múltiplos processos da vida, com os pés erguidos sob a extremidade da colcha, aparecia tanto mais plano, lembrando uma tábua. Uma grinalda de flores jazia na região dos joelhos, e o ramo de palmas que saía dela tocava as mãos grandes, amarelas e ósseas, que repousavam entrelaçadas sobre o peito afundado. Amarelo e ósseo era também o rosto com o crânio calvo, o nariz adunco, as maçãs acentuadas e o basto bigode ruivo, cuja espessura ainda contribuía para intensificar a concavidade cinzenta das faces hirtas. Os olhos estavam cerrados com uma firmeza pouco natural: não se fecharam, foram fechados, pensou Hans Castorp. Chamava-se a isso último tributo de amor, embora ele fosse rendido antes em consideração aos vivos do que ao morto. Era preciso fazê-lo a tempo, imediatamente depois da morte; pois, uma vez formada a miosina nos músculos, tornava-se impossível; então o cadáver permanecia estendido, olhando fixamente, e já não se podia manter a doce ilusão do “adormecimento”.

Como um perito, sentindo-se em seu elemento sob mais de um aspecto, Hans Castorp detinha-se ao lado da cama, cheio de competência, mas também de piedade.

— Parece dormir — disse por compaixão, ainda que houvesse enormes diferenças.

A seguir, com a voz abafada como convinha, entabulou

conversa com a viúva do aristocrata, informando-se sobre o martírio do marido, sobre os últimos dias e instantes, e sobre o futuro transporte do corpo para a Caríntia. A simpatia e a compreensão que suas perguntas demonstravam tinham um caráter ao mesmo tempo médico e sacerdotal. A viúva expressava-se no seu dialeto austríaco, numa fala arrastada e fanhosa, às vezes interrompida por soluços. Pareceu-lhe notável que dois jovens manifestassem tanta disposição para participar da mágoa alheia; ao que Hans Castorp respondeu que seu primo e ele também estavam enfermos; quanto à sua própria pessoa, em idade muito tenra já se achara junto ao leito de morte de parentes próximos; era órfão de pai e mãe, e por conseguinte familiarizado com a morte, desde havia muito tempo. Ela indagou pela profissão que Hans Castorp escolhera. Ele explicou que "fora" de uma área técnica. Fora? Sim, no sentido de que agora a enfermidade e a duração bastante incerta da permanência ali em cima lhe haviam estorvado os planos, o que sem dúvida representava um marco importante e talvez um novo rumo para a sua existência. Isso não se podia prever. (Joachim lançou-lhe um olhar observador e espantado.) E o senhor seu primo? Ele deseja ser soldado, lá embaixo na planície, é aspirante. Oh!, foi o que ela disse, e acrescentou que a profissão militar, com efeito, era apropriada para induzir à seriedade, e um soldado devia andar preparado para certas circunstâncias que o pusessem em contato direto com a morte. Talvez lhe fizesse bem habituar-se desde cedo ao seu aspecto. E ela despediu os jovens, expressando gratidão com uma calma amável que não podia deixar de causar respeito a quem considerasse a sua situação angustiosa e, sobretudo, a elevada conta de oxigênio que lhe legara o marido. Os primos voltaram aos seus quartos. Hans Castorp mostrou-se satisfeito com a visita e piedosamente inspirado pelas impressões que acabava de receber.

— *Requiescat in pace* — disse. — *Sit tibi terra levis.*

Requiem aeternam dona eis, Domine.[6] Você está vendo, quando se trata da morte, ou a gente se dirige a um morto ou refere-se a ele, volta a vigorar o latim; essa é a língua oficial para esses casos, e assim se vê como a morte é coisa bem especial. Mas não é por mera cortesia humanista que se fala latim em sua honra. A língua dos mortos não é o latim que se aprende na escola, sabe? Tem um espírito muito diferente, um espírito completamente oposto, pode-se dizer. É o latim sacro, o dialeto monacal, é a Idade Média, um canto surdo, subterrâneo, monótono em certo sentido: a Settembrini nada disso agradaria, humanistas, republicanos e esse tipo de pedagogos não têm tais coisas em conta, pois elas vêm de um outro pendor do espírito, do outro pendor que há. Acho que devemos ter clareza quanto a esses diferentes pendores, ou diferentes tendências, como seria melhor dizer: pois há duas, a piedosa e a livre. Ambas têm suas vantagens, mas o que me faz antipatizar com a livre, quero dizer, com a settembriniana, é que ela pretende ter o monopólio da dignidade humana, e isso é exagero. A outra também encerra, a seu modo, muita dignidade humana e dá ensejo a boas doses de decência, atitudes corretas e formalidade solene, até mais que a atitude "livre", embora vise especialmente à fraqueza e à instabilidade dos homens, e embora o pensamento sobre morte e decomposição desempenhe nela um papel tão importante. Você já viu *Don Carlos* no teatro e as coisas que se passam na corte espanhola, quando entra o rei Filipe vestido todo de preto, com a ordem da Jarreteira e a do Tosão de Ouro, e tira então bem devagar o chapéu, esse que se parece muito com nossos chapéus-coco, afinal, ele o levanta e diz: "Cobri-vos, meus Grandes!", ou qualquer coisa nesse sentido. Não se pode negar que isso é um comportamento sumamente comedido, nele nada nos lembra relaxamento e costumes descuidados, pelo contrário. A própria rainha diz: "Na minha França, tudo era diferente". Claro, para ela tudo isso é complicado e meticuloso demais, ela desejaria um ambiente

mais alegre, mais humano. Mas que quer dizer humano? Tudo é humano. O temor a Deus, o elemento humilde e solene, além de rigorosamente contido, peculiar aos espanhóis, é uma espécie de humanidade muito digna, penso eu, e por outro lado essa palavra "humano" pode encobrir qualquer desordem e negligência. Não está de acordo?

— Nesse ponto concordo com você — disse Joachim. — Também não suporto negligência e moleza. Tem que haver disciplina.

— Pois é. Você diz isso como militar, e eu não nego que no Exército entendem desse assunto. A viúva tinha plena razão quando asseverou que o ofício de vocês tem um caráter sério, porque é sempre preciso contar com a pior das eventualidades e estar preparado para um encontro com a morte. Vocês têm o uniforme que é limpo e justo e requer um colarinho engomado. Essas coisas dão às pessoas um certo decoro. E existem ainda a hierarquia e a obediência, e um soldado presta honra ao outro, cerimoniosamente. Tudo isso se faz dentro do espírito espanhol, por devoção, e no fundo me agrada bastante. Entre nós, os paisanos, deveria haver muito mais desse espírito, em nossos costumes e em nossa atitude. É o que eu prefiro e que julgo conveniente. Parece-me que o mundo e a vida foram feitos de sorte que deveríamos sempre andar de preto, com uma golilha engomada em lugar do colarinho, e manter uns com os outros relações graves, reservadas e formais, recordando-nos da morte. Eu gostaria que fosse assim. Acho que isso corresponde à moral. Olhe, aí temos mais um desses erros e dessas presunções de Settembrini. É ótimo que a nossa conversa me proporcione uma oportunidade para falar sobre isso. Ele imagina ter monopolizado não somente a dignidade humana, mas também a moral, por causa da sua "atividade prática" e das suas solenidades dominicais em prol do progresso (como se justamente nos domingos não houvesse mais em que pensar, além de progresso) e com seu

extermínio sistemático dos males. Desse assunto você não está inteirado, ele me contou tudo para me trazer boa instrução: o homem quer exterminar os males de modo sistemático, por meio de uma enciclopédia... Mas, se é justamente isso que me parece imoral, que fazer? Claro que não o digo a ele, porque logo me esmagaria com a sua lábia plástica e diria: “Eu o estou prevenindo, Engenheiro!”. Mas pelo menos tenho o direito de pensar o que quero. “Majestade, conceda-nos liberdade de pensamento!” — ele concluiu. (Nesse meio-tempo haviam chegado ao quarto de Joachim, e este se preparava para o repouso.) — Mas vou lhe dizer uma coisa, sobre o que tenho a intenção de fazer. Vivemos aqui lado a lado com pessoas agonizantes e com o mais grave sofrimento e martírio, no entanto essa gente não só se comporta como se nada tivesse que ver com isso, mas também é isolada e protegida contra o mínimo contato com essas coisas, e delas nada vê. Tenho certeza de que farão desaparecer o aristocrata austríaco, clandestinamente, enquanto estivermos jantando ou tomando o café da manhã. Acho isso contrário à moral. A Stöhr ficou furiosa, bastou que eu mencionasse o falecimento. Não suporto tamanha estupidez. Que ela não tenha a mínima cultura e pense que *Leise*, *leise*, *fromme Weise* é do Tannhäuser, como afirmou faz poucos dias à mesa, vá lá; mas, com tudo isso, poderia ter sentimentos um pouco mais morais, e os outros também. Por isso me propus ocupar-me no futuro dos enfermos graves e dos moribundos da casa. Isso me fará bem. Essa visita que acabamos de fazer também me animou, em certo sentido. O coitado do Reuter, do número 25, aquele rapaz que eu vi pela fresta da porta, logo nos primeiros dias da minha estada aqui, deve fazer muito tempo que se encaminhou *ad penates*, para depois ser descartado na surdina; e já naquela ocasião ele tinha os olhos tão exageradamente grandes. Mas restam muitos outros, a casa está cheia, nunca faltam novas chegadas, e a irmã Berta, ou a superiora ou talvez o próprio Behrens certamente nos ajudarão a estabelecer relações

com algumas dessas pessoas; não é possível que vá ser tão difícil assim. Imagine que algum moribundo faça aniversário, e a gente fique sabendo da data… são coisas que se podem descobrir. Pois bem, enviamos ao quarto desse homem, ou dessa senhora, a ele ou a ela, segundo o caso, um vaso com flores, um gesto de atenção de dois companheiros anônimos, com os melhores votos de pronto restabelecimento: a palavra "restabelecimento" sempre convém, por mera cortesia. Por certo acabarão por revelar nossos nomes à referida pessoa, e ele ou ela, em seu estado de fraqueza, nos mandará transmitir suas saudações pela fresta da porta, talvez até nos convide para entrar no quarto por um instante. Então trocaremos algumas palavras de humanidade com essa pessoa, antes que ela se dissipe. É assim que imagino a coisa toda. Você está de acordo? De minha parte, estou decidido.

Joachim pouco tinha que opor a esse projeto.

— É contrário ao regulamento da casa — disse. — Sob certo ponto de vista, você o infringiria. Mas, excepcionalmente, e como você insiste tanto, pode ser que o Behrens lhe dê a licença. Refira-se ao seu interesse pela medicina…

— Sim, entre outras coisas vou me referir a isso também — respondeu Hans Castorp, e, realmente, os motivos de que nascera o seu desejo eram complexos. O protesto contra o egoísmo reinante era apenas um dentre eles. O que ainda contribuía para a sua decisão era, antes de tudo, a necessidade que experimentava o seu espírito de tomar a sério e de poder honrar o sofrimento e a morte; necessidade que ele esperava satisfazer e fortificar pelo contato com os enfermos graves e os agonizantes; tal contato compensaria os múltiplos insultos a que essa dita necessidade se via exposta a cada passo, cada dia e cada momento, e os quais confirmavam, de modo chocante, certas opiniões de Settembrini. Exemplos que corroborassem tal coisa existiam em abundância. Se interrogássemos a Hans Castorp, ele citaria em primeiro lugar, talvez, certos habitantes do

Berghof que, segundo sua própria confissão, absolutamente não estavam doentes e viviam ali por livre e espontânea vontade, sob o pretexto oficial de uma ligeira infecção, mas em realidade só para se divertirem, e porque lhes comprazia o estilo de vida dos enfermos; um caso desses era a viúva Hessenfeld, já mencionada ocasionalmente, mulher muito viva cuja paixão era apostar. Apostava com os cavalheiros, fazia qualquer parada a respeito de qualquer assunto; apostava pelo tempo que faria lá fora, pelos pratos que seriam servidos, pelos resultados dos futuros exames gerais e pelo número de meses que seriam impostos a determinada pessoa, por certos trenós, campeões de esqui ou de patinação, quando das competições desportivas, pelo desenvolvimento das intrigas amorosas que eram tecidas entre os pensionistas, enfim, por mil coisas na sua maioria insignificantes e indiferentes; apostava chocolate, champanhe ou caviar, que então eram solenemente consumidos no restaurante, apostava dinheiro, entradas de cinema e beijos a dar ou a receber — numa palavra, com essa sua mania animava e sensacionalizava a vida na sala de refeições. Mas tal conduta afigurava-se pouco séria ao jovem Hans Castorp, e a sua simples existência parecia-lhe uma afronta à dignidade desse lugar de sofrimentos.

Pois, no íntimo, ele se empenhava lealmente em proteger essa dignidade e em mantê-la perante si próprio, por mais difícil que isso se lhe tornasse depois de quase meio ano de permanência entre os daqui de cima. Os olhares que pouco a pouco conseguira lançar na vida, nas atividades, nos hábitos e nos conceitos dessas pessoas, não eram apropriados para incrementar a boa vontade dele. Havia lá aqueles dois peralvilhos magros, de dezessete e dezoito anos, respectivamente, e cognominados de “Juca e Chico”; as escapadas noturnas dos dois, com o fim de jogar pôquer ou cair na bebedeira, davam abundante assunto às conversas do mundo feminino. Recentemente, isto é, oito dias depois do Ano-Novo (pois não nos esqueçamos de que,

enquanto narramos, o tempo progride sem descanso no seu curso silencioso), difundiu-se durante o almoço a notícia de que o massagista, em plena manhã, encontrara os dois rapazes estendidos sobre as suas camas, ainda trajando os smokings amarrotados. Também Hans Castorp se riu disso; mas essa história, por mais que lhe envergonhasse os sentimentos elevados, não era nada em comparação com as aventuras do advogado Einhuf, de Jüterbog, um quarentão com cavanhaque e com mãos cobertas de pelos negros, que fazia algum tempo ocupava, à mesa de Settembrini, o antigo lugar do sueco restabelecido; ele não somente voltava para casa em estado de completa embriaguez, noite após noite, mas alguns dias antes nem sequer regressara, até ser encontrado no dia seguinte, estatelado no jardim. Passava por um estroina perigoso, e a sra. Stöhr era capaz de apontar com o dedo para a jovem noiva de um senhor na planície que, em determinada hora, fora vista ao sair do quarto de Einhuf, envolta unicamente num abrigo de peles sob o qual, segundo se afirmava, havia apenas uma combinação. Era escandaloso, não só com respeito à moral em si, mas também escandaloso e ofensivo para Hans Castorp em pessoa, se considerados os seus esforços espirituais. Acrescia a isso que ele era incapaz de pensar na pessoa do advogado sem incluir nos seus pensamentos também Fränzchen Oberdank, aquela mocinha de cabelos lisos, que havia poucas semanas chegara ali, apresentada pela mãe, uma digna matrona provinciana. Quando da sua chegada e após o primeiro exame, Fränzchen Oberdank fora considerada um caso leve. Mas, seja que ela houvesse cometido alguma imprudência, seja que se tratasse de um daqueles casos em que o ar era bom não para *combater*, senão para *fomentar* a doença, ou seja, ainda que a pequena se tivesse enredado em certas intrigas e desgostos que lhe prejudicassem a saúde — em todo caso sucedeu o seguinte, quatro semanas depois do seu internamento: ao voltar de um segundo exame e ao entrar na sala de

refeições, jogou a bolsinha ao ar e exclamou em voz muito alta: “Viva! Tenho de ficar aqui um ano inteiro!”, o que provocou uma gargalhada homérica em toda a sala. Quinze dias após, porém, circulou o rumor de que o advogado Einhuf se portara como um canalha com Fränzchen Oberdank. Aliás, essa expressão vai por nossa, ou melhor: por conta de Hans Castorp, já que os portadores do boato não julgavam o assunto de natureza bastante inédita para justificar palavras tão violentas. Além disso deram a entender, encolhendo os ombros, que para tais coisas era indispensável a presença de duas pessoas e que, sem dúvida, nada ocorrera sem o consentimento e o desejo de ambos os interessados. Pelo menos eram essas a atitude e a opinião moral da sra. Stöhr diante do caso em apreço.

Karoline Stöhr era terrível. Se havia algo capaz de perturbar Hans Castorp nos seus sinceros esforços espirituais era a existência e o comportamento dessa mulher. Suas gafes contínuas já teriam bastado. Dizia “agônia” em vez de “agonia”, “insolvente” em lugar de “insolente”, e produzia as mais espantosas tolices sobre os fenômenos astronômicos que originavam um eclipse solar. Afirmava que o excesso de neve era o “flagício dos moradores”, e certo dia provocou a prolongada surpresa do sr. Settembrini, ao dizer que estava lendo um livro tirado da biblioteca do estabelecimento, e que lhe interessaria: *Benedetto Cenelli*, na tradução de Schiller! Ela usava de preferência lugares-comuns que atacavam os nervos do jovem Hans Castorp, por sua insipidez e vulgaridade inerente a expressões em moda, como, por exemplo, “É de tirar o chapéu!” ou “Você não faz ideia!”. E como a expressão “formidável”, que o linguajar da moda durante muito tempo usara em lugar de “esplêndido” ou “perfeito”, já se mostrasse totalmente gasta, debilitada, prostituída e, por isso, antiquada, ela então adotou o último grito da moda, que era a palavra “fenomenal”; e a partir desse momento, a sério ou por brincadeira, passou a achar tudo

fenomenal: a pista de trenó, a sobremesa vienense e a temperatura do seu próprio corpo — o que também causava impressão asquerosa. Não bastasse, ainda havia sua desmedida mania de mexericar. Ela contar que naquele dia a sra. Salomon estava usando sua calcinha de rendas mais preciosa, visto ter hora marcada para um exame e ostentar nessas circunstâncias a sua roupa mais fina diante dos médicos — isso ainda vá lá; o próprio Hans Castorp já tivera a impressão de que o ato do exame médico, independente do seu resultado, causava prazer às senhoras, que para essa ocasião se enfeitavam com uma garridice toda especial. Mas, que pensar quando a sra. Stöhr assegurava que a sra. Redisch, de Posen, suspeita de sofrer de tuberculose da medula espinhal, era obrigada a marchar uma vez por semana completamente nua diante do dr. Behrens? A inverossimilhança dessa afirmação quase igualava seu caráter escabroso, mas a sra. Stöhr defendia-a com a maior obstinação e jurava dizer a verdade, apesar de ser difícil de compreender por que a coitada despendia tanto zelo, ênfase e insistência em tais assuntos, uma vez que as suas próprias preocupações já lhe davam bastante que fazer. De vez em quando acossavam-na acessos de um desassossego covarde e lamuriento, motivado aparentemente por um aumento da sua “lassidão” ou pela ascensão da sua curva. Então ela ia à mesa aos prantos, com as faces ásperas e vermelhas inundadas de lágrimas; abafando o choro com o lenço, contava que o Behrens tencionava metê-la na cama; mas queria saber o que o médico dissera sobre ela pelas costas, queria saber o que tinha, o que seria dela, queria arrostar a verdade. Com grande espanto notou certo dia que os pés da sua cama achavam-se dirigidos para o portão de entrada, e quase que desfaleceu ao fazer essa descoberta. Não foi fácil entender sua raiva e seu horror, e sobretudo Hans Castorp custou a encontrar uma explicação plausível. E daí? Como assim? Por que a cama não devia ficar como estava? Mas, por Deus do céu, como é que ele não compreende?

— *Com os pés para a frente!...*

Ela fez um estardalhaço medonho, e foi necessário mudarem a posição da cama, mesmo que depois a luz passasse a dar-lhe bem no rosto e lhe prejudicasse o sono.

Nada disso era sério; e vinha muito pouco ao encontro das aspirações espirituais de Hans Castorp. Um incidente pavoroso, que naquela época ocorreu durante uma das refeições, causou ao jovem uma impressão particularmente forte. Um pensionista recém-chegado, o professor Popov, homem macilento e taciturno, que tinha o seu lugar à mesa dos “russos distintos” em companhia da sua noiva igualmente magra e silenciosa, foi presa, no meio do almoço, de um violento ataque de epilepsia; lançando aquele grito cujo caráter demoníaco e inumano tem sido descrito frequentemente, caiu ao chão e revirou-se ao lado da cadeira, nas mais horripilantes contorções, agitando os braços e as pernas. Uma circunstância agravante era que haviam acabado de servir peixe, de maneira que era de recear que Popov, no seu enlevo convulsivo, cravasse alguma espinha na garganta. O tumulto foi indescritível. As mulheres, em primeiro lugar a sra. Stöhr, sem que no entanto lhe ficassem atrás as sras. Salomon, Redisch, Hessenfeld, Magnus, Iltis, Levi e quais outros fossem seus nomes, tiveram todas elas os mais variados chiliques, a ponto de algumas se igualarem ao sr. Popov. Seus gritos eram estridentes. Não se via mais que olhos histericamente cerrados, bocas abertas e corpos retorcidos. Uma única senhora preferiu desmaiar em silêncio. Houve crises de sufocação, já que todos haviam sido surpreendidos pelo tremendo incidente no ato de mastigar e de engolir. Parte dos pensionistas sumiu-se por tudo que era porta, também pelas do avarandado, não obstante o frio e a umidade que reinavam fora. Mas essa ocorrência tinha, além do seu caráter horrendo, ainda um cunho especial e chocante, em virtude de uma associação de ideias que se impunha e a relacionava com a última conferência do dr. Krokowski. É

que o analista, no decorrer das suas explanações acerca do amor como fator patogênico, na segunda-feira anterior, tratara justamente da epilepsia; esse mal que a humanidade, em tempos pré-analíticos, considerara ora uma prova sagrada, até mesmo profética, ora uma possessão do demônio, o dr. Krokowski qualificara-o em termos poéticos, mas também inexoravelmente científicos, como equivalente do amor e como orgasmo do cérebro; numa palavra, interpretara-o de tal forma que aos seus ouvintes o comportamento do professor Popov, espécie de ilustração da conferência, afigurava-se como uma revelação descomedida ou um escândalo misterioso. Assim, ter-se-ia exprimido na fuga das senhoras um certo pudor. O próprio dr. Behrens assistiu a essa refeição, e foi ele, com o auxílio da Mylendonk e de alguns companheiros de mesa jovens e robustos, quem retirou da sala o extático (azul, espumejante, rígido e desfigurado) e o transportou ao vestíbulo, onde Popov permaneceu ainda muito tempo sem sentidos, enquanto os médicos, a superiora e outros membros do pessoal da casa se ocupavam com ele, antes de o levarem numa padiola. Algum tempo depois, porém, viu-se de novo o professor Popov com a noiva, à mesa dos “russos distintos”, a terminarem o almoço silenciosos e satisfeitos, como se nada tivesse acontecido.

Hans Castorp presenciara o incidente com os sinais exteriores de um respeitoso espanto, se bem que no fundo, Deus o perdoasse, também isso não lhe tivesse parecido muito sério. Verdade é que Popov poderia ter se engasgado, por estar com a boca cheia de peixe; mas, em realidade, não se engasgara, e, apesar da fúria e do paroxismo inconsciente, ainda tivera um pouco de cuidado, fazendo como se jamais se tivesse comportado qual um louco ou um ébrio raivoso. Talvez nem sequer se lembrasse do ocorrido. Essa figura tampouco apresentava contornos capazes de fortalecer o respeito de Hans Castorp diante do sofrimento; também ela aumentava, à sua maneira, o número das

impressões de licenciosidade frívola, às quais o jovem, mau grado seu, se via exposto ali em cima, e que desejava enfrentar por meio de uma ocupação com os doentes graves e moribundos, ainda que isso fosse contrário ao uso estabelecido.

No andar dos primos, não longe dos seus quartos, achava-se acamada uma mocinha muito nova, de nome Leila Gerngross, a qual, segundo informações da irmã Berta, estava a ponto de morrer. No espaço de dez dias tivera quatro hemoptises violentíssimas, e seus pais acabavam de chegar, a fim de levá-la para casa, enquanto viva, se possível; tornara-se manifesto, porém, que isso era impraticável: o conselheiro áulico declarara que a pobre da pequena Gerngross não estava em condições de ser transportada. Ela tinha dezesseis ou dezessete anos. Hans Castorp achou que esta era a oportunidade desejada para realizar o seu projeto do vaso de flores e dos votos de restabelecimento. Na verdade, Leila não estava fazendo aniversário, o que, segundo as previsões humanas, nunca mais ocorreria, já que a data do seu aniversário, como Hans Castorp descobrira, só chegaria na primavera. Mas isso, conforme sua decisão, não devia constituir obstáculo à tal homenagem caridosa. Num dos seus passeios do meio-dia pela zona do Cassino, entrou com o primo na loja de um florista, respirando com o peito emocionado a atmosfera carregada de perfumes e de um cheiro de terra úmida. Comprou um lindo pé de hortênsia, que enviou ao quarto da jovem moribunda, anonimamente, com um cartão, no qual se lia apenas: “Da parte de dois companheiros, com os melhores votos para o seu pronto restabelecimento”. Sentiu-se alegre ao dar a respectiva ordem, entontecido pelo aroma agradável das plantas e pelo ar tépido da loja, que, depois do frio exterior, lhe fez lacrimejar os olhos; seu coração palpitava, e enchia-o uma sensação de aventura, de audácia e do caráter oportuno dessa empresa insignificante, à qual atribuía, em segredo, uma envergadura simbólica.

Leila Gerngross não tinha enfermeira particular; achava-se confiada aos cuidados imediatos da srta. Von Mylendonk e dos médicos. No entanto, a irmã Berta entrava a toda hora no seu quarto, e foi ela que informou os jovens quanto ao efeito que produzira a atenção deles. A pequena, naquele mundo estreito em que a confinava o seu estado desesperador, sentira um prazer louco ante a saudação vinda de mãos desconhecidas. A planta achava-se ao lado da cama; a mocinha acariciava-a com os olhos e as mãos, fazia questão de que a regassem, e, mesmo durante os piores acessos de tosse que a sacudiam, ainda mantinha cravados nela os olhos torturados. Também os pais, o major aposentado, sr. Gerngross, e sua esposa, estavam comovidos e simpaticamente impressionados, e, como não conhecessem os habitantes da casa e não soubessem adivinhar o nome do ofertante, a srta. Schildknecht não pudera deixar, como ela própria confessou, de correr véu do anonimato e de designar os primos como os autores do mimo. Transmitiu-lhes o convite dos três Gerngross para que fossem apresentar-se e acolher sua gratidão, e foi assim que, dois dias após, conduzidos pela enfermeira, os dois adentraram, sobre a ponta dos pés, a câmara de martírio de Leila.

A agonizante era uma criatura loura, muito amável e encantadora, com uns olhos cor de não-me-esqueças; e, apesar das terríveis perdas de sangue e da respiração feita com sobras escassas de tecido pulmonar ativo, oferecia um aspecto que, embora frágil, nada tinha de lastimoso. Agradeceu e iniciou a conversa numa voz um tanto apagada, mas agradável. Um brilho rosado surgiu-lhe nas faces e nelas permaneceu. Hans Castorp, após ter explicado os motivos da sua ação aos pais e à enferma e quase se ter desculpado por ela, falou numa voz abafada e comovida, cheio de carinhosa deferência. Faltou pouco — e em todo caso existiu o impulso íntimo nesse sentido — para que ajoelhasse ao pé da cama. Durante muito tempo conservou

a mão de Leila entre as suas, posto que essa mãozinha quente não estivesse apenas úmida, mas até alagada de suor, pois a menina transpirava abundantemente; suava com tamanha intensidade que sua carne deveria ter se encolhido e estiolado há muito tempo, não houvesse, para compensar a transudação, o consumo ávido de refresco, do qual havia uma garrafa cheia sobre o criado-mudo. Os pais, aflitos como estavam, mantinham a conversa em conformidade com o bom-tom, por meio de perguntas a respeito do estado de saúde dos primos e de outros recursos convencionais. O major era um homem espadaúdo, de testa baixa e bigode eriçado, um gigante, cuja inocência orgânica quanto à predisposição enfermiça da filha saltava aos olhos. Responsável por aquilo era mais a esposa, bem se notava, uma baixinha de tipo decididamente tísico, cuja consciência parecia deveras pesada em virtude da herança que legara à filha. Quando Leila, ao cabo de dez minutos, deu sinais de fadiga (o rosado das faces intensificou-se, enquanto seus olhos de não-me-esqueças assumiram um brilho inquietante) e os primos, advertidos pelos olhares da irmã Alfreda, despediram-se, a sra. Gernross acompanhou-os até fora do quarto, entregando-se a acusações a si mesma, que calaram fundo em Hans Castorp. Dela, só dela, é que poderia vir algo assim, assegurou a mulher compungida; por causa dela é que a pobre menina tinha aquilo, o marido nada tinha que ver com a coisa, a mínima participação sequer. Mas também ela, podia garantir, não sofrera do mal senão de forma passageira, só um pouquinho, coisa leve, quando moça. Depois se curara por completo, como lhe haviam certificado, quando quisera casar-se. Gostava tanto da vida e do casamento que assim conseguira a cura; ao selar o matrimônio já estava completamente sadia e restabelecida, e seu querido esposo, forte como um carvalho, nem de longe pensara em tais histórias. No entanto, por mais puro e vigoroso que fosse o marido, sua influência não pudera impedir a desgraça. Pois na filha reaparecera o horror,

aquele mal enterrado e esquecido, e a menina não será capaz de vencê-lo, sucumbirá a ele, ao passo que ela própria, a mãe, triunfara e chegara a uma idade de maior resistência. A coitadinha, a menina querida iria morrer, os médicos já não lhe davam esperança, e somente ela mesma era culpada, a mãe, com seus antecedentes.

Os jovens empenharam-se em consolá-la, sugerindo a possibilidade de um desfecho feliz. Mas a mulher do major limitou-se a soluçar. Mais uma vez lhes agradeceu tudo quanto haviam feito pela filha, a hortênsia e a visita com a qual acabavam de distrair a menina e proporcionar-lhe um pouco de felicidade. A pobrezinha achava-se deitada ali, no seu tormento e na sua solidão, enquanto outras mocinhas gozavam a vida e dançavam com rapazes bonitos, desejo que a enfermidade não aniquilava de modo algum. Eles, de sua parte, lhe haviam transmitido alguns raios de sol, talvez os últimos, meu Deus. A hortênsia era como um triunfo num baile, e a conversa com os dois cavalheiros de boa aparência representara para a menina o mesmo que um flirt breve e alegre, como ela, a mãe Gerngross, notara tão bem.

Essas palavras causaram a Hans Castorp uma impressão desagradável, sobretudo porque a mulher do major não pronunciara a palavra “flirt” corretamente, ou seja, não à maneira inglesa, senão alemã, com um nítido “i”, o que o irritou. Além disso ele não era um cavalheiro de boa aparência, mas visitara a pequena Leila em sinal de protesto contra o egoísmo reinante e num intuito médico-sacerdotal. Numa palavra, sentiu-se um tanto decepcionado pelo modo como terminara a empresa, ao menos no que dizia respeito à atitude da mulher do major, mas de resto a realização do projeto deixou-o animado e satisfeito. Sobretudo duas sensações: o cheiro de terra na loja do florista e a umidade da mãozinha de Leila, ambas haviam remanescido em sua alma e seu espírito. E como dera o primeiro passo, combinou ainda no mesmo dia com a irmã Berta uma visita ao paciente dela, Fritz Rotbein, que aborrecia terrivelmente não

só a enfermeira, mas também a si próprio, conquanto, segundo todos os indícios, não lhe restasse mais do que pouco tempo de vida.

De nada adiantou a resistência do bom Joachim; não lhe foi possível esquivar-se. A atividade caritativa e o espírito empreendedor de Hans Castorp foram mais fortes que a repugnância do primo, cuja manifestação se limitou ao silêncio e aos olhos baixos, uma vez que não poderia justificá-la sem faltar aos sentimentos cristãos. Hans Castorp deu-se conta e tirou partido desse fato. Compreendia com absoluta clareza o sentido militar daquela falta de entusiasmo. Mas que fazer se ele próprio sentia-se animado e feliz com essas iniciativas, e se elas lhe pareciam proveitosas? Nesse caso era preciso não se importar com a resistência silenciosa de Joachim. Deliberaram juntos sobre ser conveniente mandar ou levar flores também ao jovem Fritz Rotbein, se bem que se tratasse de um moribundo de sexo masculino. Hans Castorp insistia em fazê-lo; na sua opinião, as flores eram indispensáveis; o precedente do pé de hortênsia, de cor violeta e de formas bonitas, agradara-lhe sobremaneira. Assim, decidiu que o sexo de Rotbein era compensado por seu estado desesperador, e que não era preciso que o moço fizesse anos para receber flores, visto os agonizantes terem o direito irrestrito e permanente de ser tratados como aniversariantes. Assim disposto, foi mais uma vez, em companhia do primo, aspirar a atmosfera terrosa e tépida da loja de flores. Entraram, então, no quarto do sr. Rotbein, com um ramalhete oloroso de rosas, cravos e goivos, aspergido fazia pouco, conduzidos por Alfreda Schildknecht, que anunciara os jovens.

O moço gravemente enfermo, de apenas vinte anos, mas já um pouco calvo e grisalho, com uma tez de cera e o rosto emaciado, de mãos grandes, nariz grande e orelhas grandes, quase chorou de tão grato pelo consolo e pela distração. Com efeito, teve os olhos úmidos de fraqueza quando cumprimentou os dois primos e recebeu o ramo de flores. A

seguir, porém, passou a falar, sem transição, embora num quase cochicho, sobre o comércio de flores na Europa e o seu crescente desenvolvimento, sobre a enorme exportação dos horticultores de Nice e de Cannes, os vagões carregados e as remessas postais que saíam diariamente daqueles lugares em todas as direções; discorreu acerca dos mercados atacadistas de Paris e de Berlim, e do abastecimento da Rússia. Bem, ele era comerciante, e enquanto houvesse vida nele seus interesses continuariam orientados nesse sentido. Seu pai, fabricante de bonecos em Coburgo, enviara-o à Inglaterra para educar-se, contou ele, murmurando, e fora ali que adoecera. Mas haviam diagnosticado a sua moléstia febril como sendo de caráter tifoide e, tratando-a como tal, tinham-no submetido a um regime de sopas aguadas que o debilitara sobremaneira. Ali em cima lhe fora permitido comer, e ele o fizera; sentado na cama, esforçara-se por alimentar-se, com o suor do seu rosto. Entretanto, já era tarde. O mal, desgraçadamente, já lhe atacara os intestinos. Era inútil que lhe enviassem de casa línguas e enguias defumadas, visto ele não suportar mais nada. Agora, seu pai partira de Coburgo, chamado por um telegrama de Behrens. Ia-se fazer uma intervenção decisiva, a resseção de costelas. Queriam tentá-la em todo caso, se bem que as probabilidades de êxito fossem mínimas. Rotbein cochichou a respeito de tudo isso com a maior objetividade, considerando também o problema da operação sob o ângulo exclusivamente comercial; enquanto vivesse, encararia qualquer assunto sob esse ponto de vista. O preço da intervenção, murmurou, inclusive a anestesia raquidiana, elevava-se a mil francos, pois tencionavam tirar quase todo o tórax, entre seis e oito costelas, e tratava-se de saber se o capital assim empatado daria algum lucro. Behrens animava-o, mas tinha interesse evidente em fazer a intervenção, ao passo que o do paciente parecia duvidoso. Ninguém podia dizer-lhe se não era preferível morrer tranquilamente, na posse de todas as suas costelas.

Era difícil aconselhá-lo. Os primos ponderaram que se deveria levar em conta a excelente técnica cirúrgica do conselheiro áulico. Concordaram em deixar a decisão ao velho Rotbein, que já se achava a caminho. Quando se despediram, o jovem Fritz voltou a chorar um pouquinho; as lágrimas que vertia, embora só fossem produto da sua debilidade, formavam um contraste singular com a seca objetividade da sua maneira de pensar e de falar. Rogou aos primos que repetissem a visita, o que eles prometeram de bom grado. Mas não tiveram ocasião de fazê-lo. O fabricante de bonecos chegou na mesma noite, e logo na manhã seguinte realizou-se a operação, depois da qual o jovem Fritz não se achava num estado que lhe permitisse receber visitas. E dois dias após, Hans Castorp, ao passar em companhia de Joachim pelo quarto de Rotbein, viu que ali se fazia uma faxina. A irmã Berta já saíra do Berghof com sua maleta, porque fora chamada com urgência para cuidar de um novo moribundo em outro estabelecimento, e encaminhara-se para ali suspirando, com o cordão do pince-nez atrás da orelha, visto ser essa, afinal, a única perspectiva que se lhe abria.

Um quarto "de onde se saiu", um quarto livre, submetido a uma limpeza geral, com ambas as portas abertas e com os móveis empilhados uns sobre os outros, como podiam ver os que passassem por ele a caminho da sala de refeições ou da saída — um quarto nessas condições oferecia um aspecto significativo e todavia tão costumeiro que mal impressionava as pessoas, e ainda menos a quem um dia se apossara de um quarto que acabava de ser "liberado" e desinfetado dessa forma, para logo acomodar-se nele e fazer dele seu lar. Às vezes se sabia quem acabara de ocupar o respectivo número, coisa que então dava que pensar: foi o que aconteceu no referido caso, como também oito dias depois, quando Hans Castorp, passando pelo aposento da pequena Gerngross, deparou com ele no mesmo estado. Dessa vez, seu espírito se opôs, de início, a aceitar o sentido

da atividade que ali reinava. Deteve-se a olhar, pensativo e consternado, no momento em que o dr. Behrens o encontrou por casualidade.

— Eu estava olhando a faxina — disse Hans Castorp. — Bom dia, sr. Conselheiro. A pequena Leila…

— Pois é! — disse Behrens, dando de ombros.

Depois de um instante de silêncio, que permitiu a esse gesto produzir seu efeito, acrescentou:

— Pouco antes de a porta se fechar de vez, o senhor ainda lhe fez a corte, segundo manda a regra? Gentil da sua parte importar-se com meus pulmõezinhos canoros em suas gaiolas, relativamente robusto como o senhor é. Um traço simpático do seu caráter, sim, senhor; ora, vamos dizer o que tem que ser dito: é um traço de caráter muito simpático. Será que eu mesmo devo apresentá-lo de vez em quando? Tenho aqui pintassilgos de todo tipo, se o senhor se interessa. Agora, por exemplo, vou visitar a minha “abarrotada”. Quer me acompanhar? Apresento-o simplesmente como um companheiro de infortúnio.

Hans Castorp disse que o conselheiro se adiantara às suas palavras e lhe oferecera justamente o que ele desejava pedir. Aproveitaria, muito grato, essa permissão e seguiria o doutor. Mas quem era essa tal “abarrotada”, e como se devia entender esse nome?

— Literalmente — respondeu o médico. — De modo exato, sem metáfora alguma. Deixe que ela mesma lhe conte a história.

Ao cabo de poucos passos chegaram ao quarto da “abarrotada”. O conselheiro áulico atravessou a dupla porta e mandou Hans Castorp esperar um instante. O som de risadas e palavras opressas pela falta de fôlego, mas claras e alegres, ressoou do quarto quando Behrens entrou, para ser logo interceptado pelas portas. E o visitante compassivo tornou a ouvir esse som, quando, poucos minutos após, foi admitido, e o dr. Behrens o apresentou a uma senhora loura, estendida na cama, e que fixava curiosamente no jovem os

olhos azuis. Com algumas almofadas nas costas, achava-se entre sentada e deitada. Muito irrequieta, ria-se sem cessar, embora lhe faltasse o fôlego; era um riso cascateante, muito agudo e argênteo, nervoso, e como que originado por cócegas. Riu-se também das formulações que o conselheiro usara para lhe apresentar o visitante, e quando o médico se foi, gritou várias vezes atrás dele: Adeusinho! Muito obrigada! Até logo! E enquanto isso acenou-lhe com a mão, suspirou retumbante, riu seus trinados argênteos, fincou as mãos no peito, que ondeava por baixo da camisa de cambraia, e manteve-se incapaz de manter quietas as pernas. Sra. Zimmermann era seu nome.

Hans Castorp conhecia-a vagamente, de vista. Durante algumas semanas ela ocupara um lugar à mesa da Salomon e do colegial voraz, e sempre se mostrara muito risonha. Depois desaparecera, sem que o jovem se preocupasse muito com sua ausência. Talvez tivesse partido, ocorrera a ele, se é que chegara mesmo a constituir opinião sobre isso. Agora reencontrava-a ali sob o nome de “abarrotada” e aguardava a explicação.

— Rá, rá, rá, rá! — riu-se ela, como se lhe fizessem cócegas, o peito a mover-se. — Um homem engraçadíssimo esse Behrens, um homem fantasticamente cômico e divertido, a gente quase morre de tanto rir. Por que não se senta, sr. Kasten, Carsten, ou como seja, o senhor tem um nome tão gozado, rá, rá, ri, ri, desculpe-me. Sente-se nessa cadeira aí, ao pé da cama, mas permita que eu mexa as pernas, rá... ah! — suspirou com a boca muito aberta e logo tornou a trinar. — Simplesmente não consigo parar...

Era quase bonita, com feições claras, talvez excessivamente acentuadas, porém agradáveis, e com um início de papada. Mas seus lábios eram azulados, e a ponta do nariz tinha a mesma cor, sem dúvida devido à falta de ar. As mãos, de uma magreza simpática, ressaltadas pelos punhos de renda da camisola, eram tão incapazes de sossegar quanto os pés. Tinha um pescoço de mocinha, com

duas “saboneteiras” sobre as clavículas delicadas, e sob o linho também os seios pareciam pequenos e jovens, mantidos pela dispneia e o riso numa agitação inquieta e forçada. Hans Castorp resolveu enviar-lhe ou levar-lhe também um ramalhete bonito de flores aspergidas e perfumosas, vindas dos estabelecimentos de horticultura de Nice ou de Cannes. Com certa preocupação, buscou partilhar da hilaridade volúvel e nervosa da sra. Zimmermann.

— Então o senhor visita os doentes graves? — perguntou ela. — Que divertido e amável da sua parte, rá, rá, rá, rá! Eu mesma não estou em estágio tão grave, imagine! Quer dizer, não estava nem um pouquinho, faz bem pouco tempo... Até que recentemente, essa história... Escute e diga se não é a coisa mais engraçada que já ouviu... — E lutando por respirar, entre trinos e gorjeios, contou o que lhe ocorrera.

Chegara a Davos um pouco enferma. A doença existira inegavelmente, pois, do contrário, não teria vindo. Talvez nem sequer se tratasse de um caso *bem* leve. Mas fora antes leve que grave. O pneumotórax, essa conquista ainda recente da técnica cirúrgica, mas já muito apreciada, fora experimentado no seu caso com grande êxito. A intervenção dera o melhor resultado possível. O estado de saúde e a disposição da sra. Zimmermann haviam melhorado de modo sumamente reconfortante. Seu marido — pois era casada, embora sem filhos — pudera contar com seu regresso dentro de três ou quatro meses. Então, para distrair-se, ela fizera uma excursão a Zurique; não houvera outra razão para essa viagem a não ser o desejo de se divertir. E de fato se divertira a valer, mas ao fazê-lo sentira a necessidade de se reabastecer de gás. Confiara esse trabalho a um médico lá de baixo. Um rapaz encantador e tão cômico! Rá, rá, rá! Mas que acontecera? Abarrotara-a! Não havia outro termo, esse já dizia tudo. Embora tomado de toda boa vontade, o médico não entendia muito do ofício. Numa palavra, ela regressara ao Berghof totalmente abarrotada, isto é, com o coração

opresso e sem fôlego nenhum, rá! ri, ri, ri, e o Behrens praguejara como o diabo e na hora metera-a na cama. Pois agora estava gravemente enferma, não com altas temperaturas, mas estragada, arruinada mesmo. Rá, rá, rá! E essa cara, essa cara engracada que Hans Castorp estava fazendo? E ela ria, enquanto apontava o dedo para ele; e riu-se tanto daquela cara que também a testa dela começou a tingir-se de azul. Mas a coisa mais gozada, disse ela, era o Behrens, com seus ralhos e sua rudeza. Já de antemão ela rira, ao notar que estava abarrotada. "A senhora encontra-se em perigo de morte imediata", gritara o conselheiro, sem mais aquela; esse grosseirão, rá, rá, rá, ri, ri, ri, desculpe-me.

Não se esclareceu o motivo por que ela dava essas risadas cascateantes com respeito às declarações de Behrens; se era só devido à sua "rudeza" e porque não acreditava nelas, ou, embora acreditando — o que afinal não podia deixar de fazer —, por achar terrivelmente cômico o caso em si, isto é, o perigo de vida que a ameaçava. Hans Castorp tinha impressão de que esta última hipótese era a verdadeira e que realmente ela gorjeava, piava e trinava só em virtude da leviandade infantil e da falta de siso do seu cérebro de passarinho, o que lhe parecia censurável. Mesmo assim, mandou-lhe flores, mas não tornou a ver a risonha sra. Zimmermann. Após ter sido sustentada durante alguns dias por meio de oxigênio, ela de fato veio a falecer nos braços do marido chamado por telegrama. "Uma besta quadrada!", qualificou-a o conselheiro, ao informar Hans Castorp do óbito.

Mas já antes o espírito empreendedor e compassivo de Hans Castorp, ajudado pelo conselheiro áulico e pelo pessoal da enfermaria, estabelecera novas relações com outros doentes graves da casa, e Joachim teve que acompanhá-lo. Teve que acompanhá-lo ao quarto do segundo filho da "Tous-les-deux", aquele que sobrara; pois já fazia muito tempo que o quarto do primeiro fora faxinado e fumigado com H_2CO. Visitaram também o menino Teddy, que recentemente

chegara do Instituto Pedagógico Fridericianum, onde não pudera ficar, dada a gravidade do seu caso. Também foram ver o teuto-russo, o sr. Anton Karlovitch Ferge, funcionário de uma companhia de seguros, que era um sofredor de caráter bonachão. E também a infortunada mas muito coquete sra. Von Mallinckrodt, que, tal e qual as demais pessoas que acabamos de citar, foi obsequiada com flores, e ademais alimentada umas diversas vezes por Hans Castorp, com mingau à boca, em presença de Joachim… Aos poucos chegaram a adquirir a reputação de samaritanos ou irmãos de caridade. Um belo dia, o próprio Settembrini interpelou Hans Castorp nesse sentido.

— Sacramento, Engenheiro! Ouço dizer coisas sensacionais sobre a sua conduta. O senhor se consagrou à beneficência? Procura justificar-se por meio de boas obras?

— Nada, não, sr. Settembrini. Nada que mereça ser mencionado. Meu primo e eu…

— Não meta seu primo no assunto! Embora ambos deem que falar à gente, é do senhor que se trata em realidade. Disso tenho certeza. O tenente é uma personalidade respeitável, mas singela, e seu espírito não corre perigo algum que possa inquietar um pedagogo. O senhor não me fará acreditar que ele tenha qualquer mando nessa história. O mais talentoso dos dois, mas também o mais ameaçado, é o senhor. Se me permite empregar o termo, o senhor é um "filho enfermiço da vida", e com o senhor é preciso preocupar-se. De resto, o senhor me permitiu preocupar-me com sua pessoa.

— Pois não, sr. Settembrini. Essa permissão lhe dei de uma vez por todas. É muito amável da sua parte. E o termo "filho enfermiço da vida" é bonito. Quanta coisa não inventam os escritores? Não sei se devo orgulhar-me desse título; mas ele soa bem, indiscutivelmente! Pois é, eu me dedico um pouquinho a esses "filhos da morte". Acho que é a isso que o senhor se refere. Às vezes, quando tenho tempo, e sem que o regime sofra por isso, ocupo-me com os casos graves e

sérios, compreende? Com aqueles que não estão aqui para divertir-se nem para entregar-se à licenciosidade, mas que estão morrendo.

— Está escrito: “Deixai que os mortos enterrem os seus mortos!” — replicou o italiano.

Hans Castorp ergueu os braços e expressou com a sua fisionomia que havia muita coisa escrita, isso e mais aquilo, de maneira que era difícil discernir o melhor e inspirar-se nele. Inegavelmente, o tocador de realejo apalpara um ponto nevrálgico, como fora de esperar. Na verdade, Hans Castorp estava sempre disposto a escutá-lo, a considerar, sem compromisso, suas teorias como dignas de ser ouvidas, e a admitir, a título de experiência, aquele influxo pedagógico; contudo, não tinha a mínima intenção de renunciar, a favor de certos conceitos educativos, a empresas que, apesar da mãe Gerngross e da sua ideia de um “pequeno flerte”, e apesar, também, da natureza prosaica do pobre Rotbein e dos gorjeios tolos da “abarrotada”, lhe pareciam de algum modo proveitosas e de alcance considerável.

O filho da Tous-les-deux chamava-se Lauro. Recebera flores, violetas de Nice, de aroma terroso, “da parte de dois companheiros compassivos, com os melhores votos de restabelecimento”; e, como o anonimato já se transformara em mera formalidade e todo mundo sabia de quem partiam esses mimos, a própria Tous-les-deux, a pálida e enlutada mãe mexicana, dirigiu aos primos, durante um encontro no corredor, algumas palavras de gratidão e convidou-os, com voz rangente e sobretudo com uma gesticulação cheia de mágoa, a receberem pessoalmente os agradecimentos de seu filho — de son seul et dernier fils qui allait mourir aussi[7] A visita realizou-se imediatamente. Evidenciou-se que Lauro era um moço de surpreendente beleza, de olhos ardentes, com um nariz aquilino cujas narinas palpitavam, e com esplêndidos lábios, por cima dos quais brotava um bigodinho negro. No entanto, o rapaz exibiu uma atitude tão

fanfarrona e tão teatral que os visitantes — tanto Hans Castorp quanto Joachim Ziemssen — se sentiram aliviados quando a porta do quarto do enfermo voltou a fechar-se atrás deles. Tous-les-deux estava envolta em seu xale de lã preta, com o véu negro atado sob o queixo, com as rugas transversais da sua testa baixa e com as bolsas enormes sob os olhos de ágata negra. De joelhos dobrados ia e vinha pelo quarto, baixando aflitamente uma das comissuras de sua boca. De vez em vez aproximava-se dos primos sentados à beira da cama, a fim de repetir, qual um papagaio, a sua trágica frase. “Tous les dé, vous comprenez, messiés... Premièrement l’un et maintenant l’autre.”[8] Enquanto isso, o belo Lauro, também em francês, entregava-se a altissonantes fanfarrices de um espalhafato insuportável; carregando nos “erres”, numa voz crepitante, afirmou que esperava morrer heroicamente, comme héros, à l’espagnol,[9] tal qual o irmão, de même que son fier jeune frère Fernando,[10] que também falecera como um herói espanhol; gesticulando, abriu a camisola para oferecer aos golpes da morte o peito amarelado e continuou a comportar-se desse jeito até que um ataque de tosse, fazendo subir-lhe aos lábios uma fina espuma rosada, lhe abafasse as bravatas e levasse os primos a afastar-se nas pontas dos pés.

Não comentaram a visita feita a Lauro e, no íntimo, cada um para si, abstiveram-se de julgar o comportamento dele. Agradou-lhes mais, no entanto, a visita ao quarto de Anton Karlovitch Ferge, de Petersburgo, que, com seu grande e jovial bigode, e com seu proeminente pomo de adão, de aspecto igualmente jovial, jazia na cama, refazendo-se, num esforço lento e penoso, da tentativa de pneumotórax a que se sujeitara, e que quase lhe custara a vida na mesa de operações. Fora ali que sofrera um choque violento, o chamado choque pleural, complicação bastante frequente dessa intervenção moderna. No seu caso, o choque produzira-se de uma forma particularmente perigosa, como colapso completo acompanhado de uma síncope muito

preocupante; numa palavra, o acidente se dera com tamanha gravidade que fora preciso interromper a operação e adiá-la por enquanto.

Os olhos cinzentos, bonachões, do sr. Ferge dilatavam-se, e seu rosto tornava-se lívido cada vez que falava daquele acidente que devia ter sido horroroso para ele.

— Sem narcose, cavalheiros! Muito bem, nós não podemos suportá-la; está contraindicada em nosso caso; um homem razoável compreende isso e se conforma. Mas a anestesia local não penetra fundo, meus senhores; embota apenas a carne mais externa, e quando cortam através dela para abrir a gente o que se sente é apenas uma espécie de pressão ou confrangimento. Eu estava deitado, com o rosto coberto para não ver nada. O assistente segurava-me do lado direito, e a superiora, do esquerdo. Era como se me pressionassem e confrangessem, mas tratava-se somente da carne que abriam e retiravam, com pinças. Então ouvi o dr. Behrens dizer: “Agora!” e nesse instante, cavalheiros, começou a apalpar a pleura com um instrumento rombudo… Deve ser assim para que não a fure antes do tempo… Apalpam-na em busca do lugar apropriado para fazer o furo e introduzir o gás… E quando ele fez isso, enquanto tateou toda a extensão da minha pleura com o instrumento — oh, meus senhores! —, foi aí que não pude mais, saí de mim, tive uma sensação indescritível. A pleura, cavalheiros, é coisa que não deve ser tocada; não é direito que a toquem, ela não o admite, é tabu, está revestida de carne, isolada e inatingível de uma vez por todas. E agora haviam-na posto a descoberto, e o conselheiro apalpava-a. Meus senhores, comecei a enjoar. Pavoroso, cavalheiros, pavoroso! Eu nunca teria pensado que pudesse existir sensação tão medonha, tão miserável, tão abjeta, sete vezes abjeta, nesta terra nem em parte alguma do mundo, fora do inferno! Desmaiei. Tive três síncopes ao mesmo tempo, uma verde, uma parda e uma violeta. Além disso, um fedor tomava conta do desmaio: o choque pleural atacou-me o olfato, meus

senhores, tudo fedia loucamente a hidrogênio sulfurado, assim como deve ser o cheiro do inferno; e em meio a tudo isso ouvi que eu mesmo ria, enquanto perdia os sentidos, mas não como ri uma criatura humana, não, era o riso mais nojento e mais indecente que já ouvi em toda a minha vida, pois o apalpamento da pleura, senhores, produz as cócegas mais infames, exageradas e desumanas; eis no que consiste a tortura maldita e vergonhosa, é a isso que chamam choque pleural, e que Deus os poupe dele.

Com frequência, e sempre pálido de terror, Anton Karlovitch Ferge tornou a falar dessa intervenção “abjeta”, cuja repetição iminente lhe inspirava muito medo. Confessara, aliás, desde o início, ser apenas um homem simples, alheio a todas as coisas “sublimes”, e de cuja alma e intelecto não se deviam esperar realizações extraordinárias, as quais ele também não exigiria de ninguém. Isso posto, contou histórias bastante interessantes da sua vida antiga, da qual o arrancara a enfermidade, a vida de um viajante a serviço de uma companhia de seguros contra fogo. Partindo de Petersburgo, realizara em todas as direções longas viagens pela Rússia inteira, para visitar as fábricas seguradas e para investigar aquelas cuja situação financeira fosse duvidosa. Pois as estatísticas demonstravam que precisamente as indústrias que andavam mal se incendiavam com a maior frequência. Por isso, a sua firma sempre o encarregara da missão de sondar as empresas sob esse ou aquele pretexto e de informar a companhia, para que esta, por meio de resseguros mais elevados ou pela divisão do risco, pudesse prevenir uma perda sensível. Contava acerca de viagens em pleno inverno através do vasto império, expedições noturnas sob um frio espantoso, que fizera deitado num trenó, metido entre cobertores de peles de cordeiro. Contava como, ao acordar, vira os olhos dos lobos luzirem feito estrelas, sobre a neve. Levara consigo, num caixote, provisões congeladas, sopa de repolho e pão branco, que fora necessário degelar nas etapas,

durante a troca de cavalos; e o pão estivera, nessas ocasiões, tão fresco como se acabasse de sair do forno. Era uma desgraça, no entanto, quando o degelo vinha de repente: pois então a sopa de repolho, empacotada em pedaços, derretia e se esvaía toda.

Assim contava o sr. Ferge, interrompendo-se de vez em quando para fazer notar, entre suspiros, que tudo isso seria muito bonito, se não tivessem de repetir com ele a tentativa de pneumotórax. Não era nada sublime o que ele dizia, mas de caráter real e agradável de ouvir, sobretudo para Hans Castorp, que achava útil aprender alguma coisa a respeito do império russo e seu estilo de vida, samovares, pirogues, cossacos e igrejas de madeira, com tantas torres em forma de cebola que se assemelhavam a uma colônia de cogumelos. Ele induziu o sr. Ferge a falar dos habitantes desse país; do seu exotismo setentrional, e por isso ainda mais esquisito, aos olhos de Hans Castorp; da mescla asiática do seu sangue, de suas maçãs salientes e da posição fino-mongólica dos olhos. O jovem escutava com interesse antropológico. Pediu também para ouvir algumas frases em russo. O idioma oriental fluía rápido, indistinto, estranhíssimo, invertebrado, saía de sob o bigode jovial do sr. Ferge, de seu proeminente pomo de adão, de aspecto igualmente jovial, e Hans Castorp (como é peculiar à juventude) divertia-se tanto mais quanto mais proibido fosse o terreno onde brincava com tudo isso.

Frequentemente os primos iam passar um quarto de hora nos aposentos de Anton Karlovitch Ferge. Em outras ocasiões visitavam o pequeno Teddy, do Fridericianum, um rapaz elegante de catorze anos, louro e delicado, com uma enfermeira particular e um pijama de seda branca, enfeitado de alamares. Era órfão e rico, segundo ele mesmo contava. Esperava ser submetido a uma intervenção de certa gravidade, a remoção de partes carcomidas, que tencionavam experimentar; mas, quando se sentia melhor, saía às vezes da cama, por uma hora, para participar, no seu

belo traje esporte, da vida social lá embaixo. As senhoras gostavam de gracejar com o adolescente, e ele ouvia as suas conversas, como, por exemplo, aquelas que se referiam ao advogado Einhuf, à senhorita da combinação e a Fränzchen Oberdank. A seguir voltava para a cama. Dessa maneira o pequeno Teddy matava o tempo com elegância e deixava claro que não esperava outra coisa da vida, senão isso mesmo.

No número 50, porém, achava-se a sra. Natalie von Mallinckrodt, com seus olhos negros e com brincos de ouro nas orelhas, coquete, faceira e todavia uma espécie de Lázaro ou de Jó feminino, castigada por Deus com todo o tipo de moléstias. Seu organismo parecia inundado de toxinas, de maneira que um sem-número de enfermidades a acossava alternada ou simultaneamente. A pele era sobremodo atingida; estava coberta, em grande parte, de um eczema que causava coceiras cruéis e formava chagas em determinados lugares, até nos lábios, o que dificultava a introdução da colher. Revezavam-se na sra. Von Mallinckrodt inflamações internas, ora da pleura ora dos rins, dos pulmões, do periósteo e mesmo do cérebro, com subsequentes síncopes. Uma insuficiência cardíaca, originada pela febre e pelas dores, angustiava-a ao extremo, fazendo que não conseguisse deglutir por completo os alimentos engolidos, que então permaneciam presos na parte superior do esôfago. Numa palavra, o destino dessa mulher era terrível. Além disso, a sra. Von Mallinckrodt era sozinha neste mundo. Deixara o marido e os filhos por amor a outro homem, ou melhor: a um rapazote, que, por sua vez, a abandonara, segundo ela mesma contou aos primos. Assim vivia sem lar, embora não sem recursos, visto o marido enviar-lhe dinheiro. Em vez de mostrar uma altivez pouco indicada, tirava proveito dessa generosidade ou paixão persistente, tanto mais que nem a si própria levava a sério e sabia ser apenas uma mulherzinha desonrada e pecaminosa. Baseando-se nessa percepção, suportava todas as

calamidades de Jó, com surpreendente paciência e tenacidade, com aquela resistência elementar, própria de uma mulher de raça, que triunfava sobre a miséria do seu corpo trigueiro e transformava em peça elegante de seu vestuário até mesmo a atadura de gaze que qualquer motivo repugnante a obrigava a usar na cabeça. Mudava sem cessar as joias, exibindo corais de manhã e pérolas de noite. Muito satisfeita com as flores remetidas por Hans Castorp, que, era óbvio, ela atribuía antes à galanteria que à caridade, mandou transmitir aos dois jovens um convite para tomarem o chá junto à sua cama. Bebia esse chá numa chávena de bico, que segurava com os dedos, todos, inclusive os polegares, cobertos até os nós de opalas, ametistas e esmeraldas. Com os brincos de ouro balouçando nas orelhas, contou aos primos tudo quanto lhe acontecera. Falou-lhes de seu marido respeitável, mas cacete, e dos seus filhos igualmente decentes e fastidiosos, que puxaram ao pai e nunca lhe tinham inspirado sentimentos muito calorosos; falou do rapazote, em cuja companhia fugira, e gabou-lhe a poética ternura. Mas os parentes do jovem, servindo-se da astúcia e da força, haviam conseguido afastá-lo dela, assim como a doença, que então irrompera violentamente, sob múltiplas formas, e talvez lhe causasse asco.

— Os senhores também me acham asquerosa? — perguntou com faceirice, e sua feminilidade de puro sangue triunfou do eczema que se estendia pela metade do rosto.

Hans Castorp sentiu desprezo pelo mocinho que experimentara repugnância por ela e, dando de ombros, expressou essa opinião. No que tocava a ele próprio, a pusilanimidade do adolescente poético justamente o instigou em sentido oposto: fê-lo procurar oportunidades, em repetidas visitas, para prestar à infortunada sra. Von Mallinckrodt pequenos serviços de samaritano que não exigiam conhecimentos especiais, como por exemplo meter-lhe cuidadosamente na boca o mingau que lhe serviam no

almoço, dar-lhe que beber na chávena de bico, quando engasgava, ou ajudá-la a mudar de posição na cama, pois além dos outros males existia ainda uma ferida que lhe complicava a posição deitada, decorrente de uma operação. Ele se exercitava nesses atos caridosos cada vez que, a caminho da sala de refeições ou de regresso de um passeio, entrava no quarto dela. Nesses casos pedia a Joachim que fosse sozinho para a frente, e alegava que apenas queria informar-se do estado do número 50. Invadia-o então a sensação agradável da amplitude de sua natureza, uma alegria que se alicerçava na ideia da utilidade e do alcance secreto das suas ações, e à qual se mesclava certo prazer furtivo causado pela aparência impecavelmente cristã dessas atividades; com efeito, essa aparência era tão piedosa, caritativa e digna de elogios que parecia impossível opor-lhe argumentos sérios, fosse do ponto de vista militar, fosse do ponto de vista da pedagogia e do humanismo.

Ainda não mencionamos Karen Karstedt, e contudo era dela que Hans Castorp e Joachim se ocupavam com especial intensidade. Tratava-se de uma cliente particular do conselheiro, externa, e recomendada por ele mesmo à caridade dos primos. Fazia quatro anos que vivia aqui em cima e, sem recursos, dependia de uns parentes pouco liberais, que uma vez a tinham levado, alegando que de qualquer forma morreria em breve. Sua volta devia-se exclusivamente à intervenção do conselheiro áulico. Domiciliara-se no “vilarejo”, numa pensão barata. Tinha dezenove anos e era franzina, com cabelos lisos, oleosos, com olhos que, timidamente, procuravam ocultar um brilho que condizia com o rubor hético das faces, e com uma voz caracteristicamente velada, mas de sonoridade simpática. Tossia quase sem interrupção, e as pontas de todos os seus dedos achavam-se cobertas de esparadrapos, por estarem roídas pela doença.

A ela é que os primos devotavam um cuidado especial, a pedido do conselheiro, que se dirigira a eles, uma vez que, a

seu ver, eram bons rapazes. A história começou com uma remessa de flores; seguiu-se uma visita à pobre Karen, que os recebeu em sua pequena sacada no “vilarejo”; depois disso, os três organizaram alguns passeios especiais, assistindo, por exemplo, a um concurso de patinação ou a uma corrida de trenó. Pois a temporada de esportes de inverno chegara ao auge, em nosso vale alpino. Durante uma semana ia realizar-se um festival, com numerosas sensações. Até então, os primos haviam prestado atenção apenas ocasional e fugaz a esse tipo de espetáculos e diversões. Joachim era avesso à simples ideia de distrair-se aqui em cima. Não se encontrava em Davos para se divertir; absolutamente não estava ali para viver e se conformar com a estada, tomando-a agradável e variada, senão com a única finalidade de se desintoxicar o mais depressa possível, para que pudesse voltar à planície e entrar no serviço ativo, no serviço verdadeiro, em lugar do serviço da cura, que era apenas um sucedâneo, mas cuja diminuição ele só tolerava mau grado seu. Participar ativamente dos esportes de inverno era-lhe vedado, e figurar como espectador não era atrativo algum. Quanto a Hans Castorp, sentia-se muito unido aos daqui de cima, num sentido estrito e íntimo, para manifestar interesse pela atividade de pessoas que consideravam esse vale como um campo de esportes.

Mas sua caridosa solicitude para com a pobre srta. Karstedt modificou um tanto a situação — pois, sem parecer pouco cristão, Joachim não podia fazer objeções. Foram buscar a enferma no seu modesto alojamento no “vilarejo”, e levaram-na a passear, sob um frio abrasado por esplêndido sol, através do bairro inglês, assim chamado por causa do Hotel d’Angleterre, por entre as lojas luxuosas da rua principal, onde tilintavam os guizos dos trenós e flanavam sibaritas ricos e vadios de todas as partes do mundo, habitantes do Cassino e de outros grandes hotéis, que andavam sem chapéu, trajando roupas modernas de esporte, cortadas em tecidos finos e caros, e exibiam rostos

bronzeados pelo ardor do sol hibernal e pela reverberação da neve. Desceram, finalmente, até o local de patinação, situado não longe do Cassino, no fundo do vale, e que no verão servia de campo de futebol. Ouvia-se música. A orquestra do Cassino dava um concerto no estrado do pavilhão de madeira, acima da pista retangular, atrás da qual as montanhas cobertas de neve se destacavam do fundo azul-escuro. Compraram entradas; abriram caminho através do público, que rodeava a pista nas arquibancadas erguidas em três dos seus lados; encontraram lugares e olharam o espetáculo. Os patinadores, vestidos com jaquetas justas e calças pretas de malha, requebravam-se, adejavam, descreviam figuras, saltavam e giravam. Um casal de virtuoses, senhor e senhora, profissionais que não participavam de competições, realizou uma proeza que em todo o vasto mundo só ele sabia fazer e desencadeou toques de clarins e salvas de palmas. No campeonato de velocidade, seis moços de diferentes nacionalidades, arcados para a frente, com as mãos nas costas e, às vezes, com um lenço entre os dentes, deram seis voltas em torno do extenso retângulo. O som de uma campainha misturou-se com a música. De vez em quando, a multidão rebentava em frenéticos aplausos e aclamações.

Era um ambiente colorido, aquele que os três enfermos contemplavam, os primos e sua pupila. Ingleses, com boinas escocesas e dentes brancos, conversavam em francês com senhoras de perfumes penetrantes, vestidas dos pés à cabeça com lãs variegadas; algumas usavam calças. Americanos de cabeça pequena, com os cabelos colados ao crânio, e com o cachimbo na boca, mostravam casacos de peles com o pelo para fora. Russos barbudos e elegantes, de aparência barbaramente rica, e holandeses, mestiços de malaios, estavam sentados no meio de alemães e suíços. Entremeava-se em toda parte gente de proveniência indistinta, de fala francesa, oriunda dos Bálcãs ou do Levante; um mundo aventureiro pelo qual Hans Castorp

demonstrava um certo fraco, e que Joachim rejeitava como sendo equívoco e despido de caráter. Nos intervalos, crianças realizavam concursos humorísticos, tropeçando ao longo da pista com um pé calçado de esqui e o outro de patim; houve também uma competição em que os meninos empurravam pás nas quais estavam sentadas as meninas. Faziam corridas de velas, sendo vencedor o que conservava a vela acesa até chegar à outra extremidade do campo. Tinham que transpor obstáculos, ou encher regadores com batatas por meio de colheres de estanho. O mundo dos ricos exultava. Exibiam-se as crianças mais ricas, as mais célebres e as mais graciosas, a filhinha de um multimilionário holandês, o filho de um príncipe prussiano e um garoto de doze anos que tinha o nome de uma marca de champanhe mundialmente conhecida. Também a pobre Karen exultava, interrompida por acessos de tosse. De tanto prazer, batia palmas, com as mãos de dedos carcomidos. Estava tão grata.

Os primos levaram-na também à corrida de trenós. A meta final não ficava longe nem do "Berghof" nem do domicílio de Karen Karstedt, pois a pista partia da Schatzalp e terminava no "vilarejo", entre as casas do lado oeste. Ali se achava um pequeno pavilhão de controle, que recebia, pelo telefone, a comunicação da partida de cada trenó. Por entre as barreiras de neve gelada, ao longo das curvas de brilho metálico, precipitavam-se as estruturas planas, tripuladas por homens e mulheres vestidos de lã branca, com faixas das cores de diferentes países em redor do peito; desciam das alturas, um a um, bastante espaçados. Viam-se rostos avermelhados, que a neve açoitava. As quedas, os choques entre dois trenós, que viravam, espalhando pela neve a sua equipe, eram fotografados pelo público. Aqui também tocava uma banda. Os espectadores estavam instalados em pequenas tribunas ou avançavam pelo trilho estreito que se abrira com a pá, ao longo da pista, e por cima desta passavam pontes de madeira, igualmente ocupadas pela multidão, a observar

os trenós em competição, que de tempo em tempo deslizavam zunindo. Os cadáveres do sanatório situado lá em cima seguiam o mesmo caminho, a toda velocidade, por baixo das pontes, acompanhando as curvas, descendo rumo ao vale, pensou Hans Castorp, e também expressou esse pensamento.

Uma tarde, já que ela se mostrava tão satisfeita com tudo aquilo, resolveram levar Karen Karstedt à sala do bioscópio de "Platz". O ar viciado parecia estranho aos três, acostumados como estavam a uma atmosfera puríssima. Pesava-lhes o peito, nublava-lhes a cabeça; mas nesse ar trepidava uma vida múltipla, que se sucedia na tela, diante dos seus olhos doloridos; uma vida apresentada em pedacinhos, divertida e apressada, cheia de uma inquietação saltitante, nervosa na demora, sempre prestes a se sumir, acompanhada por uma musiquinha que aplicava o compasso do tempo atual à fuga das imagens pertencentes ao passado, e que, apesar da limitação dos seus recursos, sabia lançar mão de todos os registros da solenidade e da pompa, da paixão, da barbárie e da sensualidade lânguida. Era uma violenta história de amor e de crime, que se desenrolava silenciosamente ante eles. A ação passava-se na corte de um déspota oriental e constava de acontecimentos precipitados cheios de ostentação e de nudez, saturados da libidinosidade do soberano e da fúria religiosa dos súditos, transbordante de crueldade, de cobiça e volúpia assassina e de um realismo meticuloso, quando se tratava de fazer apreciar a musculatura de uns braços de verdugo — em suma, algo fabricado à base do conhecimento íntimo dos desejos secretos da civilização internacional que formava a assistência. Settembrini, como homem de juízo, provavelmente condenaria da forma mais severa esse espetáculo contrário à humanidade; sua ironia reta e clássica fustigaria o abuso da técnica com o fim de dar vida a representações tão avessas à humanidade. Essa era ao menos a opinião de Hans Castorp, que ele segredou ao

primo. A sra. Stöhr, porém, que também estava no cinema, não longe dos três, parecia toda entregue, e seu rosto estólido e vermelho crispava-se de tanto gozo.

O mesmo aspecto ofereciam, de resto, as fisionomias dos demais espectadores. Quando a derradeira imagem de uma sequência de cenas se desvanecia, fazia-se luz na sala, e o campo das visões se apresentava como tela vazia diante da multidão, não havia sequer por que aplaudir. Ninguém estava lá para receber os aplausos e receber as ovações por seu desempenho artístico. Os atores que se haviam reunido para dar o espetáculo que o público acabava de desfrutar fazia muito que se tinham dispersado; o que se vira eram apenas sombras das suas façanhas, milhões de imagens, brevíssimos instantâneos, em que se dissecara a sua atividade durante o processo fotográfico, para que fosse possível restituí-la ao elemento do tempo, cada vez que se quisesse, num curso tremeluzente de tanta rapidez. O silêncio da multidão, passada a ilusão, tinha qualquer coisa de inerte e repugnante. As mãos jaziam impotentes em face do nada. Restava esfregar os olhos, fixar um ponto qualquer, envergonhar-se da claridade e querer voltar à escuridão para tornar a contemplar, para ver acontecer de novo aquelas coisas de um outro tempo, transplantadas para um tempo arejado e maquiladas pela música.

O déspota morreu vítima de um punhal, lançando da boca aberta urros que não se ouviam. A seguir foram mostradas imagens de todas as partes do mundo: o presidente da República Francesa, de cartola, com a grã-cruz da Legião de Honra, a responder, do assento de um landô, a um discurso de saudação; o vice-rei da Índia, assistindo às bodas de um rajá; o príncipe-herdeiro alemão no pátio de um quartel em Potsdam. Viam-se a vida numa aldeia de nativos de Novo Mecklemburgo, uma rinha de galos em Bornéu, selvagens desnudos que tocavam flauta soprando pelo nariz, a caça de elefantes selvagens, uma cerimônia na corte real do Sião, uma rua de bordéis no Japão, com gueixas sentadas atrás de

grades de madeira. Viam-se samoiedos agasalhados, a atravessarem, em trenós puxados por renas, um ermo nevoso da Ásia setentrional, peregrinos russos rezando em Hebron e um delinquente persa recebendo bastonadas. Presenciava-se tudo isso; o espaço estava aniquilado, o tempo, retrocedido, o ali e outrora havia sido transformado num aqui e agora que deslizava, bailava, envolto em música. Uma jovem marroquina, em trajes de seda listrada, ajaezada de correntes, fivelas e anéis, com os exuberantes seios semidesnudos, aproximava-se de repente, em tamanho natural. Tinha as narinas dilatadas, os olhos cheios de vida animalesca, as feições em pleno movimento; ria-se exibindo os dentes brancos e mantinha uma das mãos, cujas unhas pareciam mais claras que a pele, à altura dos olhos, qual uma pala, enquanto a outra mão acenava para o público. As pessoas fitavam, acanhadas, a encantadora sombra que fingia enxergar e não enxergava, que absolutamente não era atingida pelos olhares, e cujo riso e aceno não se referiam ao presente, senão que pertenciam ao ali e outrora, de modo que teria sido absurdo retribuí-los. Isto, como já se disse, mesclava ao prazer uma sensação de impotência. E por fim sumiu-se o fantasma. Uma clareza vazia estendeu-se sobre a tela, onde apareceu a palavra “fim”. O ciclo de espetáculos se fechara, e em silêncio a sala se esvaziou, enquanto um novo público já se apertava lá fora, desejoso de assistir a uma repetição dessa sequência de cenas.

Animados pela sra. Stöhr, que se uniu a eles, foram ainda visitar o café do Cassino, por amor à pobre Karen, que juntava as mãos de tanta gratidão. Ali também havia música. Uma pequena orquestra, com casacas vermelhas, tocava sob a regência de um spalla tcheco ou húngaro, que, separado da sua banda, se achava no meio dos pares dançantes e investia contra o seu instrumento com frenéticas contorções do corpo. Nas mesas imperava uma vida de pompa. Eram servidas bebidas seletas. Os primos pediram laranjada para si próprios e sua pupila, a fim de se

refrescarem, já que a atmosfera estava quente e carregada de poeira. A sra. Stöhr preferiu um licor doce. A essa hora, ela disse, ainda não reinava muita animação. Um pouco mais tarde, o baile seria bem mais alegre. Numerosos pacientes dos diversos sanatórios, bem como enfermos não internados, que moravam nos hotéis e no próprio Cassino, entrariam na dança, em número muito maior do que agora. Não eram raros os casos graves que nesse salão haviam passado, em plena festa, para a eternidade, emborcando a taça da alegria de viver e sofrendo a hemorragia final *in dulci jubilo*. O que a crassa ignorância da sra. Stöhr fez desse "*dulci jubilo*" foi realmente extraordinário. A primeira palavra, ela a tomou emprestada do vocabulário italiano-musical do marido, dando-lhe a pronúncia "dolce"; a segunda lembrava "jubileu", "jogral" ou Deus sabe o quê. Os dois primos inclinaram-se ao mesmo tempo para os canudos dos seus copos quando esse latim veio à tona, mas a Stöhr não deu a mínima. Pelo contrário, mostrando obstinamente os dentes de lebre, serviu-se de toda espécie de alusões e de indiretas para descobrir a razão de ser das relações entre os três jovens. Parecia-lhe evidente no que dizia respeito à jovem Karen, que, segundo a sra. Stöhr, devia estar satisfeitíssima com a corte que lhe faziam dois cavalheiros elegantes. Menos claro afigurava-se-lhe o caso com relação aos primos, mas, não obstante sua estupidez e ignorância, a intuição feminina ajudou-a a formar uma ideia, ainda que incompleta e trivial. Adivinhou e deixou entender, mediante alfinetadas, que o verdadeiro cavalheiro era Hans Castorp, ao passo que o jovem Ziemssen era apenas assistente; opinou que Hans Castorp, cuja inclinação para a sra. Chauchat não lhe escapara, cortejava a mísera Karstedt tão somente como sucedâneo, visto que, evidentemente, não sabia como aproximar-se da outra — opinião muito digna de uma sra. Stöhr, desprovida de todo fundo moral, insuficiente, baseada numa intuição desprezível; e por isso Hans Castorp limitou sua resposta a um olhar fatigado e

desdenhoso, quando a mulher a expressou dessa forma banal e chistosa. Com efeito, as relações com a pobre Karen constituíam para ele uma espécie de sucedâneo e de recurso suplementar, indefinidamente proveitoso, assim como no caso de suas demais empresas caritativas. Mas, ao mesmo tempo, essas ações piedosas tinham finalidade própria. A satisfação que Hans Castorp experimentara ao introduzir o mingau na boca da inválida sra. Von Mallinckrodt, ao ouvir como o sr. Ferge descrevia o inferno do choque pleural ou ao ver a pobre Karen bater palmas com os dedos cobertos de esparadrapos de tanta alegria e gratidão — essa satisfação, em que pese sua natureza derivada e relativa, era de um caráter espontâneo e puro; tinha origem num espírito formativo oposto àquele que o sr. Settembrini representava na sua pedagogia, mas suficientemente valioso, segundo a opinião do jovem Hans Castorp, para que se aplicasse a ele o *placet experiri*.

A casinha onde morava Karen Karstedt achava-se situada nas proximidades do curso d'água e dos trilhos da via férrea, à margem da estrada que conduzia ao "vilarejo". Dessa forma era fácil para os primos irem buscá-la, quando, depois da segunda refeição da manhã, quisessem levá-la ao passeio regulamentar. Dirigindo-se ao "vilarejo" na intenção de chegar à rua principal, tinham ante seus olhos o pequeno Schiahorn, em seguida as três agulhas que se chamavam Torres Verdes, e ainda mais à direita o cume do Dorfberg. A um quarto da altura da sua encosta via-se um cemitério, o cemitério do "vilarejo", rodeado de um muro, e que prometia uma linda vista; motivo por que valia a pena escolhê-lo como destino de um passeio. Uma bela manhã foram até lá, todos os três. Aliás, todas as manhãs eram belas, a essa época do ano, calmas e ensolaradas, de um azul profundo, com uma atmosfera entre quente e fria, cintilante de alvura. Os primos, um com a tez cor de tijolo e o outro bronzeado, iam sem sobretudo, que teria sido incômodo sob esse sol abrasador. O jovem Ziemssen usava traje esporte e galochas

por causa da neve; Hans Castorp calçava da mesma forma, mas levava calças compridas, pois não tinha espírito desportivo suficiente para andar de calções de golfe. Estava-se na primeira metade de fevereiro do novo ano. Sim, o ano mudara desde que Hans Castorp havia subido, e já se escrevia outro número, o seguinte. Um dos ponteiros grandes do relógio que media as eras do universo dera para a frente um passo correspondente a uma unidade; não se tratava de um ponteiro dos maiores, como aquele que se referia aos milênios — muito poucos dentre os que viviam agora chegariam a vê-lo avançar —, tampouco o dos séculos ou ainda o dos decênios. Mas o ponteiro dos anos acabava de movimentar-se, embora Hans Castorp se achasse aqui havia pouco mais de meio ano apenas, e daí por diante permaneceria parado, à maneira dos ponteiros de certos relógios grandes, que só de cinco em cinco minutos se põem em movimento. Antes que fizesse novo avanço, o ponteiro dos meses teria de avançar dez vezes, um pouco mais, portanto, do que fizera desde a chegada de Hans Castorp. O mês de fevereiro já não figurava no balanço, visto um mês começado ser um mês liquidado, assim como uma moeda trocada já se contar como gasta.

Os três companheiros dirigiram-se, pois, certo dia, ao cemitério situado na encosta do Dorfberg — e é para manter o relato rigorosamente completo que se menciona aqui esse passeio. A iniciativa deveu-se a Hans Castorp, e Joachim, que a princípio impusera restrições, levando em conta a pobre Karen, deixara-se convencer e reconhecera que não adiantaria tentar iludi-la e, à maneira da covarde sra. Stöhr, esconder-lhe tudo quanto pudesse lembrar-lhe o fim. Karen Karstedt ainda não se entregava às ideias otimistas, peculiares à última fase da enfermidade; estava a par do seu estado, e sabia o que significava a necrose das pontas dos dedos. Não ignorava tampouco que seus parentes avarentos não admitiriam o luxo de se transportar o féretro ao seu país natal, e que depois do *exitus* lhe designariam um modesto

lugarzinho ali em cima. Numa palavra, podia-se opinar que um passeio até lá, do ponto de vista moral, era mais apropriado para ela que muitos outros, como, por exemplo, até o ponto de partida dos trenós ou o cinema — assim como não passava de um ato decente de camaradagem prestar visita aos daqui de cima, e desde que não se quisesse considerar o cemitério mera atração ou terreno neutro para um passeio.

Subiram lentamente, em fila indiana, porque a trilha aberta a pá não permitia irem lado a lado. Deixando atrás e abaixo as casas mais altas construídas na vertente, olhavam, enquanto subiam, a paisagem familiar na sua magnificência invernal, que voltava a oferecer nova perspectiva e lhes abria um outro aspecto. Ela se dilatava rumo ao nordeste, em direção à entrada do vale. Surgia, então, a esperada vista do lago circular, rodeado de bosques, congelado e coberto de neve. Atrás da sua margem oposta, os planos inclinados das montanhas pareciam encontrar-se no solo, e mais além assomavam cumes desconhecidos, sobrelevando uns aos outros, diante do céu azul. Os três contemplaram tudo isso, detendo-se na neve, em frente do portão de pedra que dava acesso ao cemitério. A seguir entraram, abrindo os batentes de ferro, que estavam simplesmente encostados.

Também ali as trilhas estavam limpas, entrecortando as elevações dos túmulos cercados de grades e estofados de neve, como leitos bem-dispostos e simétricos com suas cruzes de pedra ou de metal, e com seus pequenos monumentos adornados de medalhões e dísticos. Não se ouvia nem se via ninguém. A calma, o isolamento, a paz do lugar pareciam profundos e íntimos em muitos sentidos. Um anjinho ou menino de pedra, com um boné de neve enviesado sobre a cabeça, quedava-se em alguma parte no meio das moitas e fechava os lábios com um dedo; podia passar pelo gênio do lugar, quer dizer: o gênio do silêncio, de um silêncio, porém, que se afigurava nitidamente como negação e antípoda da fala, como emudecimento, portanto,

mas que de modo algum se sentia como vazio de conteúdo ou como inerte. Para os dois visitantes de sexo masculino, aquela seria sem dúvida uma ocasião de tirar os chapéus, se os tivessem levado. Mas já que andavam com a cabeça descoberta — Hans Castorp também passara a fazê-lo — limitaram-se a uma atitude reverente, caminhando em fila indiana com o peso do corpo sobre as pontas dos pés e fazendo como que pequenas mesuras para os lados, enquanto seguiam Karen Karstedt, que conduzia o cortejo.

A forma do cemitério era irregular. Começava por estender-se num retângulo estreito em direção ao sul, para depois ampliar-se em dois sentidos, por meio de outros retângulos. Evidentemente se haviam feito necessários repetidos aumentos, tendo sido acrescentadas partes dos campos vizinhos. Mesmo assim, o recinto parecia novamente ocupado na sua quase totalidade, tanto ao longo dos muros como na zona interior, menos apreciada, em geral. Era difícil assinalar um lugar onde mais alguém pudesse ser enterrado, em caso de emergência. Discretamente, os três companheiros caminharam durante longo tempo pelas estreitas trilhas e corredores, entre as sepulturas. Estacavam, de vez em quando, para decifrar um nome com as respectivas datas de nascimento e de morte. As pedras sepulcrais e as cruzes eram simples e demonstravam pouco aparato. No que toca às inscrições, os nomes eram de origens as mais diversas: soavam inglês, russo, ou eslavo em geral, bem como alemão, português e outros; as datas, porém, tinham um cunho delicado. Em geral, o intervalo entre uma e outra era de extraordinária brevidade; o número de anos decorridos entre nascimento e *exitus* elevava-se, na média, a vinte ou pouco mais; muito verdor, pouca vetustez, eis o que povoava o campo-santo, um povo volúvel vindo de todas as partes do mundo e que aqui se adaptara em definitivo à existência horizontal.

Em um lugar qualquer entre a multidão de jazigos, no interior do adro, quase em seu centro, encontraram um

pedacinho de terra ainda rasa, do comprimento de uma pessoa, plano e desocupado, entre dois outros já recobertos, de cujas pedras pendiam coroas de perpétuas. Detiveram-se ali, a moça um passo à frente dos companheiros, e leram as inscrições tristes gravadas nas pedras: Hans Castorp numa atitude de abandono, com as mãos entrelaçadas, a boca aberta e olhos sonolentos; o jovem Ziemssen em posição de sentido, não somente ereto, mas até um pouco inclinado para trás. E os primos, possuídos de uma curiosidade simultânea, lançaram um olhar de esguelha para o rosto de Karen Karstedt. Ela percebeu mesmo assim, e ali permaneceu, acanhada e humilde, a cabeça um tanto curvada para a frente, e esboçou um sorriso forçado, enquanto, célere, piscava os olhos.

NOITE DE WALPURGIS

Mais alguns dias pela frente, e foram-se sete meses que o jovem Hans Castorp passou aqui em cima, enquanto o primo Joachim, que já tivera nas costas seus cinco a mais, no momento daquela chegada, podia lembrar-se de quase doze meses de estada, um aninho inteiro — uma data redonda —, redonda no sentido cósmico, uma vez que a Terra, desde o dia em que ali o deixara a locomotiva de pequeno porte, mas de extraordinária força de tração, dera uma volta completa em torno do sol e regressara ao ponto onde então estivera. Era época de Carnaval. Aproximavam-se os folguedos da terça-feira, e Hans Castorp indagou, dos pensionistas com mais de um ano ali, que tal seria a festa.

— Magnific! — respondeu Settembrini, a quem os primos haviam encontrado durante o exercício matinal. — Splendide! — acrescentou. — Tão alegre como no Prater; o senhor vai ver, Engenheiro. Cá viemos mui lampeiros figurar de cavalheiros… — disse, e sua boca se pôs a transbordar de ironias, que ele fez acompanhar de gestos apropriados com a cabeça, braços e ombros. — Que é que o senhor espera, se até na maison de santé há bailes para os loucos e os idiotas, como li em algum lugar? Por que não haveria aqui também? O programa inclui as mais diversas danses macabres, como o senhor pode imaginar. Infelizmente, alguns dos convidados do ano passado não poderão estar presentes, uma vez que a festa termina na nona hora e meia…

— Isso significa… Ah sim! Essa é boa! — riu-se Hans Castorp. — Que humor sutil!… Na nona hora e meia! Ei, você ouviu esta? O sr. Settembrini está pensando que é muito cedo para que “certa parte” da assistência do ano passado possa comparecer, rá, rá, é fantástico! Trata-se da parte que nesse ínterim disse valete à “carne”, sabe? E de uma vez por todas. Você compreendeu meu trocadilho?… Mas eu estou mesmo curioso de ver isso — continuou. — Acho certo que

aqui se comemorem as festas nos dias em que elas caem; assim, a gente marca as etapas, como de costume, por meio de cesuras, para que não haja uma monotonia desconexa, o que seria muito estranho. Tivemos o Natal, notamos o começo do ano novo, agora vem o Carnaval. Depois vêm o Domingo de Ramos (será que servem rosquinhas?), Semana Santa, Páscoa e, seis semanas mais tarde, Pentecostes; em seguida vem o dia mais longo do ano, o solstício de verão, e logo se vai em direção ao outono…

— Pare! Pare com isso! — exclamou Settembrini, elevando os olhos para o céu e comprimindo as têmporas com as palmas da mão. — Cale-se! Não posso ouvir como o senhor se excede dessa maneira…

— Perdão, eu quero dizer, justamente… Bem, parece que Behrens se decidirá finalmente a me dar aquelas injeções para me desintoxicar, pois tenho sempre 37,4, 5, 6, e até 7. Não está querendo ceder. Sou e continuo sendo um filho enfermiço da vida. Não sou propriamente um paciente a longo prazo, Radamanto nunca me condenou a uma determinada pena, mas acha que seria absurdo interromper o tratamento antes do tempo, depois de tantos meses que estou aqui, e depois de ter, por assim dizer, empatado um tempo considerável. De que serviria fixar um prazo? Isso não significaria nada, pois quando ele diz, por exemplo: “Meio ano, pouco mais ou menos”, trata-se do mínimo, e é preciso que a gente esteja preparado para mais. Vejo isto no caso de meu primo, cujo fim devia ter chegado no início deste mês — digo “fim” no sentido da alta definitiva —, mas da última vez Behrens lhe acrescentou mais quatro meses até a cura completa. E, pois bem, o que teremos então? Teremos o solstício de verão, como eu disse, sem a mínima intenção de melindrá-lo, e aí estaremos novamente a caminho do inverno. Mas por enquanto teremos primeiro o Carnaval, e o senhor já sabe que acho o mais certo a gente celebrar as festas na ordem em que surgem no calendário. A sra. Stöhr me contou que o porteiro tem à venda umas cornetas de

brinquedo.

Era verdade. Desde o café da manhã na terça-feira de Carnaval, que chegara tão depressa, antes mesmo que se tivesse tempo de avistá-la de longe — ora, desde as primeiras horas da manhã ouvia-se na sala de refeições toda espécie de sons produzidos por instrumentos de sopro, que roncavam ou trilavam carregados do melhor humor. Durante o almoço foram lançadas serpentinas da mesa de Gänser, Rasmussen e da Kleefeld; algumas pessoas, como a Marúsia dos olhos redondos, já tinham sobre a cabeça carapuças de papel, igualmente compradas no alojamento do porteiro coxo; à noite, porém, cresceu no salão e nas salas de conversação um convívio festivo, em cujo decurso... Só nós sabemos, por ora, a que levou o decurso desse convívio carnavalesco, como obra do espírito empreendedor de Hans Castorp. Mas não nos deixamos levar por nosso saber, nem vamos abandonar por isso nossa circunspeção; concedemos ao tempo, isso sim, a merecida honra e não nos precipitamos — talvez até retardemos um pouco o curso dos acontecimentos, partilhando com o jovem Hans Castorp suas inibições morais, que por tanto tempo refrearam sua realização.

À tarde, todo mundo foi a Davos-Platz para olhar o movimento carnavalesco nas ruas. Desfilavam as fantasias, os pierrôs e os arlequins, agitando as matracas. Entre os pedestres e as pessoas fantasiadas que ocupavam os trenós enfeitados e providos de guizos, travavam-se batalhas de confete. Na hora do jantar, os pensionistas reuniram-se alegres em torno das sete mesas, decididos a manter o entusiasmo público nesse recinto fechado. As carapuças de papel, as cuícas e as cornetas do porteiro tinham sido vendidas com grande rapidez. O promotor Paravant dera início aos disfarces mais completos, vestindo um quimono de senhora e um rabicho postiço, que, segundo as exclamações vindas de todos os lados, pertencia à esposa do cônsul-geral Wurmbrand; por meio de um encrespador,

puxara para baixo as pontas do bigode, de maneira que parecia um chinês perfeito. A administração da casa não ficava atrás. Cada mesa estava adornada de uma lanterna de papel com a forma de uma lua multicor e uma vela acesa por dentro, de modo que Settembrini, ao entrar na sala e passar perto da mesa de Hans Castorp, citou uns versos que podiam referir-se a essa iluminação:

Perceberá candeios de mil cores.
Há lá festa; há de achar-se acompanhado...

foi o que ele murmurou com um sorriso fino e seco, enquanto, negligentemente, se dirigiu ao seu lugar, onde o receberam com pequenos projéteis, bolinhas cheias de um líquido perfumado, que se rompiam com o choque e molhavam as vítimas.

Numa palavra, desde o início, o clima era de festa. Estrondeavam gargalhadas; serpentinas pendiam dos lustres e balançavam, agitadas pelas correntes de ar; no molho dos assados, boiavam confetes. Com passo apressado, a anã não tardou em trazer a primeira garrafa de champanhe num recipiente de gelo, então misturaram o champanhe com vinho da Borgonha, obedecendo a um sinal do advogado Einhuf. Pelo fim da refeição, apagaram-se as luzes do teto e a iluminação limitou-se às lanternas, ao claro-escuro de uma noite italiana em seus vários matizes. A essa altura dos acontecimentos o bom humor era geral, e na mesa de Hans Castorp houve muitos aplausos quando Settembrini passou adiante um bilhete (para Marúsia, que ocupava o lugar mais próximo ao dele, enfeitada com um gorro de jóquei de papel de seda verde), no qual se liam os seguintes versos, escritos a lápis por ele:

Mas veja que esta noite é a festa das diabruras
cá no monte; e eu também sou uma das figuras.
Mas vá lá; faltarei contanto que revele
a um pobre fogo-fátuo o modo como o leve.

O dr. Blumenkohl, que de novo andava muito mal de

saúde, esboçou aquela expressão, ou melhor, aquela contração dos lábios que lhe era peculiar, e murmurou algumas palavras relativas à procedência desses versos. Hans Castorp, por sua vez, achou-se na obrigação de dar uma resposta humorística. Tencionou escrever no bilhete uma réplica, que nem poderia vir a ser lá grande coisa. Remexeu os bolsos em busca de um lápis, mas não o encontrou e tampouco pôde consegui-lo de Joachim ou da professora. Pedindo auxílio, seus olhos estriados de vermelho dirigiram-se para o leste, no canto traseiro da sala, bem à esquerda. Viu-se então como aquela intenção fugaz degenerava em associações de ideias tão longínquas que Hans Castorp empalideceu, esquecendo-se totalmente de seu intuito primitivo.

Havia, além disso, outros motivos para empalidecer. A sra. Chauchat, que tinha o seu lugar ali atrás, arrumara-se para o Carnaval; trajava um vestido novo, ou pelo menos um vestido que Hans Castorp nunca a vira usar — de uma seda leve e escura, quase preta, que não cambiava senão de vez em quando com um brilho de ouro-castanho; o decote, redondo e discreto, qual o de um vestido de menina, mal mostrava o pescoço, a junção das clavículas e as vértebras da nuca, um pouco salientes sob os cabelos despegados, pela posição da cabeça inclinada para a frente; mas os braços de Clawdia estavam desnudos até os ombros, esses braços delgados e todavia cheios, braços frios, provavelmente, e que se destacavam tão brancos da seda escura do vestido, que Hans Castorp, fechando os olhos, sussurrou de si para si:

— Meu Deus!

Nunca antes ele deparara com vestidos como este. Conhecia o corte de vestidos de baile com decotes tais como permitia ou até prescrevia o caráter de uma festa, decotes muito maiores que este, sem produzirem, no entanto, efeito igualmente sensacional. Evidenciou-se, antes de tudo, ter se enganado redondamente o pobre Hans Castorp, ao supor

que o encanto e a insensata sedução desses braços, que só conhecia através de um véu de gaze fino, iam ser menos intensos sem essa auréola sugestiva. Engano! Ilusão fatal! A nudez completa, acentuada e deslumbrante desses magníficos membros de um organismo intoxicado, constituía um espetáculo muito mais emocionante do que a auréola de outrora, uma visão à qual não se podia responder de outra maneira que baixando a cabeça e repetindo, em voz surda:

— Meu Deus!

Pouco mais tarde chegou outro bilhete com o seguinte conteúdo:

Quem nunca viu melhor sociedade?
Tudo moças, perfeitas donzelas!
Tudo moços, digníssimos delas!
Que promessas à posteridade!

— Bravo, bravo! — alguém gritou.

Alguns já bebiam café, servido em pequenos bules de barro pardo, ou então licores, como a sra. Stöhr, que gostava imensamente de bebidas fortes e doces. Os comensais começaram a levantar-se e a circular pela sala. Visitavam-se uns aos outros; trocavam de mesa. Parte dos pensionistas já passara aos salões, enquanto outros, mais sedentários, continuavam a fazer honra à mistura de vinhos. Settembrini chegou então pessoalmente, com a xicrinha de café na mão e o palito entre os dentes. Sentou-se como visitante à cabeceira da mesa, entre Hans Castorp e a professora.

— Montanhas do Harz — disse. — Região entre Schierke e Elend. Será que lhe prometi demais, Engenheiro? Que feira, que fuzuê! Mas espere um pouco, ainda não se esgotou nosso engenho, não chegamos ao apogeu, e quem dirá ao fim. Pelo que estão falando, haverá muitas máscaras mais. Algumas pessoas se retiraram, pode estar certo de que algo virá, o senhor vai ver.

De fato, novas fantasias foram aparecendo: senhoras vestidas de homem, com os rostos enegrecidos com rolhas

tisnadas, e que ofereciam aspecto pouco natural, de opereta, pela opulência de suas formas. Cavalheiros que por sua vez se haviam fantasiado de mulher, trajando longos vestidos, em cujas saias tropeçavam, como, por exemplo, o estudante Rasmussen, numa roupa preta, enfeitada de lantejoulas, exibindo um decote cheio de espinhas e abanando-se, pela frente e por trás, com um leque de papel. Apareceu um mendigo, arrastando-se de joelhos dobrados, apoiado numa muleta. Um pensionista transformara roupas de baixo e um chapéu de senhora numa fantasia de pierrô; empoara o rosto de tal maneira que os olhos adquiriram uma expressão estranha, e, com batom, dera à boca certo relevo sanguíneo; era o rapazote da unha comprida. Um grego da mesa dos russos ordinários, dotado de pernas bonitas, pavoneava-se em ceroulas de malha lilás, com uma golinha de papel e um florete, pretendendo-se um fidalgo espanhol ou um príncipe de conto de fadas. Todas essas fantasias haviam sido improvisadas, a toda pressa, depois da refeição. A sra. Stöhr também não pôde permanecer em seu lugar por mais tempo. Sumiu-se, para logo reaparecer disfarçada de arrumadeira, com a saia e as mangas arregaçadas; tinha as fitas da touca de papel amarradas por baixo do queixo; munida de balde e vassoura, pôs-se a trabalhar, passando o pano molhado sob as mesas, entre as pernas das pessoas sentadas.

A velha Baubo vem sozinha…

citou Settembrini, ao vê-la, e não deixou de acrescentar, na sua pronúncia clara e plástica, o verso seguinte. Quando ela ouviu essas palavras, chamou-o de “galo tirolês” e mandou-o guardar para si mesmo essas “piadinhas sujas”. Em nome da liberdade própria das máscaras, tratou-o por você; pois o tratamento informal já fora adotado em toda parte, durante a refeição. Settembrini esteve a ponto de retrucar, quando uma barulheira e uma onda de gargalhadas, vindas do vestíbulo, interromperam-no e atraíram a atenção da sala.

Seguidas de pensionistas que vinham das salas laterais, entraram solenemente duas figuras estranhas, que haviam acabado de se fantasiar. Uma vinha com trajes de diaconisa, mas seu hábito preto estava coberto, do pescoço até a barra, de faixas brancas, transversais; listras curtas, próximas umas das outras, e longas, mais espaçadas, dispostas à maneira da marcação de um termômetro. Levava um dos indicadores à boca pálida e trazia, na outra mão, uma papeleta de temperatura. O outro mascarado andava de vestido azul, com os lábios e os sobrolhos pintados de azul, e com manchas azuis no rosto e no pescoço; usava um gorro de lã azul, colocado obliquamente na cabeça, e trajava uma espécie de macacão de alpaca azul, feito de uma só peça, atado nos tornozelos por meio de fitas e enchido na parte central do corpo, para formar uma enorme barriga. As figuras foram reconhecidas como sendo a sra. Iltis e o sr. Albin. Ambos levavam cartazes de papelão, nos quais se podia ler: “A Irmã Muda” e “Joãozinho Azul”. A passo saltitante deram volta à sala.

Quantos aplausos não receberam! Houve aclamações sem fim. A sra. Stöhr, com a vassoura debaixo do braço e com as mãos fincadas nos joelhos, riu-se desmedida e ordinariamente, como lhe permitia o seu papel de arrumadeira. Apenas Settembrini manteve-se reservado. Seus lábios, sob a bela curva do bigode, comprimiram-se sobremaneira, após um rápido olhar aos dois mascarados, alvo de tantas palmas.

Entre as pessoas que, formando o cortejo do Azul e da Muda, haviam voltado das dependências à sala de refeições, achava-se também Clawdia Chauchat; em companhia de Tamara, a moça de cabelos lanosos, e daquele comensal de tórax côncavo, um certo Buligin, que usava um smoking, ela roçou com seu vestido novo a mesa de Hans Castorp, passou pela sala em diagonal, até a mesa do jovem Gänser e da Kleefeld; lá, estacou, mãos nas costas, conversando e rindo com os olhos oblíquos, enquanto seus companheiros

continuavam a seguir os fantasmas alegóricos e abandonavam a sala atrás deles. Também a sra. Chauchat enfeitara-se com uma carapuça de Carnaval. Não era sequer um gorro comprado, mas sim daquele tipo que se faz para crianças, um tricórnio dobrado de papel branco. Levava-o atravessado, o que lhe ficava muito bem. O vestido de seda, cambiante entre marrom-escuro e dourado, deixava ver os pés e tinha saia godê. Nada mais diremos dos braços. Estavam nus até os ombros.

— Repare! — Hans Castorp ouviu ressoar a voz do sr. Settembrini, como que de longe, enquanto ele mesmo a acompanhava com o olhar, no caminho que fazia até a porta envidraçada, e sala afora. — É Lilith.

— Quem? — perguntou Hans Castorp.

Satisfeito, o literato replicou:

— A primeira mulher de Adão. Cuidado!…

Além deles, somente o dr. Blumenkohl ainda permanecia à mesa, no seu lugar distante. Os demais companheiros, entre eles Joachim, tinham passado para as salas de conversação. Hans Castorp disse:

— Hoje você anda cheio de poesia e versos. Que Lili é essa, afinal? Adão casou-se duas vezes? Eu não sabia disso…

— É a lenda hebraica que o diz. A tal Lilith transformou-se num fantasma noturno, perigoso aos jovens, sobretudo por seus lindos cabelos.

— Diabos! Um fantasma noturno com lindos cabelos! Não é algo que o agrade, certo? Diante de algo assim você logo chega e acende a luz elétrica, por assim dizer, para pôr os rapazes no bom caminho, não é? — disse Hans Castorp, divagando, porque bebera grandes quantidades daquela mistura de vinhos.

— Escute, Engenheiro, deixe disso! — ordenou Settembrini de cenho franzido. — Sirva-se do tratamento que convém empregar no Ocidente entre pessoas cultas, por favor! Esse seu ímpeto não condiz com sua pessoa.

— Mas por que não? É Carnaval. Todos aceitam esse

tratamento, nesta noite…

— Sim, senhor, mas em virtude de um prazer imoral. O “você” entre pessoas estranhas, isto é, entre pessoas que normalmente se tratam por “o senhor”, constitui uma selvageria repulsiva, uma brincadeira com o estado original, um jogo negligente que abomino, por dirigir-se, no fundo, contra a civilização e a humanidade desenvolvida, e isso de uma forma indecente e despudorada. Eu não o tratei por “você”. Apenas citei um trecho da obra-prima de sua literatura nacional. Servi-me, portanto, de uma linguagem poética…

— Eu também! Também eu falo, em certo sentido, poeticamente. É porque o momento me parece próprio para fazê-lo, só por isso! Não digo que me seja natural e fácil tratá-lo por “você”. Pelo contrário, custa-me certo esforço; tenho que me obrigar a isso. Mas faço-o com prazer, faço-o alegremente e de todo o coração…

— De todo o coração?

— Sim, de todo o coração. Pode crer. Já faz tanto tempo que vivemos juntos aqui em cima! Uns sete meses; você pode fazer o cálculo. Segundo os conceitos daqui não é grande coisa, mas, quando penso nas ideias que reinam lá embaixo, é tempo considerável. Bem, e esse tempo, nós o passamos um ao lado do outro, porque a vida nos reuniu aqui. Encontramo-nos quase todos os dias e tivemos conversas interessantes, frequentemente sobre assuntos dos quais lá embaixo eu não entenderia patavina. Mas aqui era diferente. Aqui achei-os importantes e pertinentes, de modo que todas as vezes que a gente discutiu prestei muita atenção. Ou melhor: prestei atenção todas as vezes que você me explicou as coisas na qualidade de um *Homo humanus*, pois eu, com a minha falta de experiência, pouco sabia contribuir para o tema e apenas me limitava a achar útil tudo quanto você dizia. Graças a você aprendi e compreendi muita coisa… O que me falou de Carducci foi pouco, mas as relações que existem entre a república e o belo estilo, ou

entre o tempo e o progresso da humanidade — se não houvesse o tempo seria impossível o progresso da humanidade, e o mundo não passaria de um charco estagnado e uma poça pútrida… Que saberia eu de tudo isso, se você não me tivesse ensinado? Trato-o simplesmente por “você” e não por outro nome. Desculpe, mas não sei como falar de outra forma. Não há jeito. Você está sentado aí, e chamo-o “você”, simplesmente; é o quanto basta. Você não é um homem qualquer que leva um nome, é um representante, sr. Settembrini, um representante, neste lugar e a meu lado, isso é o que você é — confirmou Hans Castorp, e com a palma da mão bateu sobre a toalha. — E agora quero agradecer — prosseguiu, aproximando da xicrinha de café do sr. Settembrini, em cima da mesa, a sua taça cheia de borgonha com champanhe —, quero agradecer pelos cuidados que você, de maneira muito amável, me devotou ao longo destes sete meses; quero agradecer por ajudar em seus exercícios e experiências o calouro que eu era, assaltado por tantas impressões novas; porque você procurou exercer sobre mim uma influência corretiva, totalmente *sine pecunia*, por meio de historietas ou de forma abstrata. Tenho a sensação nítida de que chegou o momento de expressar a minha gratidão por isso e por tudo, e de pedir seu perdão por ter sido um mau aluno, um “filho enfermiço da vida”, como você me chamou. Quando me disse isso, fiquei muito comovido, e cada vez que me lembro sinto a mesma emoção. Um filho enfermiço é o que fui sem dúvida também para você e sua veia pedagógica, da qual falamos logo no primeiro dia. Claro, pois aí temos mais uma dessas relações que você me revelou, essa que existe entre o humanismo e a pedagogia. Com o tempo, eu descobriria muitas outras relações ainda… Perdoe-me e não guarde de mim más recordações! À sua saúde, sr. Settembrini, viva! Esvazio minha taça em homenagem a seus esforços literários pelo extermínio dos sofrimentos humanos — terminou; e, inclinando-se para trás, sorveu em grandes

tragos a mistura de vinhos. A seguir levantou-se dizendo: — E agora vamos reunir-nos aos outros.

— Escute, Engenheiro, que lhe deu na veneta? — perguntou o italiano, com os olhos cheios de surpresa, e também se pôs de pé. — Isto soa como uma despedida…

— Não, não, por que despedida? — respondeu Hans Castorp, esquivo. Esquivou-se não somente nas suas palavras, mas também fisicamente, descrevendo meio círculo com o corpo e avizinhando-se da professora, srta. Engelhart, que viera buscá-los. No salão de música, anunciou ela, o conselheiro em pessoa estava preparando e distribuindo um ponche de Carnaval, que a administração oferecia aos pensionistas. Que eles fossem imediatamente, caso ainda desejassem beber um copo. E assim se puseram a caminho.

Realmente, o conselheiro áulico Behrens achava-se ali no salão, rodeado pela multidão dos pensionistas, que lhe estendiam pequenas canecas. À sua frente havia a mesinha redonda do centro, coberta de uma toalha branca. Nela se via uma terrina, da qual o conselheiro tirava, com uma concha, a bebida fumegante. Também ele dera à sua aparência um cunho levemente carnavalesco, acrescentando ao avental de médico, que levava como sempre, uma vez que a sua atividade não conhecia descanso, um autêntico fez turco, carmesim, com uma borla negra a balouçar junto à orelha. Essa combinação parecia-lhe disfarce suficiente; bastava para levar aos limites da excentricidade e da pândega a sua aparência já em si fora do comum. O longo avental branco exagerava o tamanho do conselheiro. Quando se fazia abstração da curvatura da nuca, endireitando-a mentalmente e fazendo o corpo alcançar a sua altura verdadeira, a silhueta do homem, com a cabecinha de aspecto singular e colorido, parecia aumentada acima do natural. Pelo menos ao jovem Hans Castorp, esse rosto jamais se afigurara tão esquisito como nesse dia, quando contrastava com o ridículo fez vermelho;

essa fisionomia achatada, com o nariz arrebitado, com a pele azulada, que dava a impressão de estar quente, com os olhos azuis lacrimosos e saltados sob as sobrancelhas de um louro quase branco, e com o bigodinho claro a torcer-se obliquamente por cima da boca arqueada, de lábios grossos. Procurando evitar o vapor quente que saía da terrina bem à sua frente, em redemoinhos, o médico entornava a bedida parda, um ponche de áraque açucarado, num jato que ia de sua concha até os copos estendidos diante dele. Enquanto isso, exprimia-se em seu jargão disparatado, de modo que distribuía a bebida em meio a gargalhadas em torno da mesa.

— No topo monta dom Urião — explicou Settembrini em voz baixa, apontando para o conselheiro áulico, até que, em seguida, o movimento das pessoas separou-o de Hans Castorp. Também o dr. Krokowski estava presente. Baixote, atarracado e enérgico, com o blusão de alpaca preta suspenso nos ombros, com as mangas pendendo vazias qual caíssem em dominó, ele mantinha a taça à altura dos olhos e conversava jovialmente com um grupo de mascarados de sexo travestido. Ouviram-se sons de música. A paciente com a cara de anta, acompanhada pelo rapaz de Mannheim, tocou o *Largo de Händel* ao violino e depois uma sonata de Grieg, de caráter nacional e adequado ao ambiente de salão. Houve aplausos benevolentes, até nas duas mesas de bridge que tinham sido armadas, e em torno das quais se haviam instalado pessoas fantasiadas, com garrafas ao lado, em baldes de gelo. As portas estavam abertas. Também no vestíbulo se achavam pensionistas. Um grupo cercava a mesa redonda, com a terrina de ponche, olhando o conselheiro empenhado em introduzir um novo jogo de salão. Ele estava desenhando de pé com os olhos fechados, inclinado por cima da mesa, mas deitando a cabeça para trás, para que todos pudessem ver que realmente não abria os olhos. Nas costas de um cartão de visita, esboçava a lápis uma figura, às cegas. Eram os contornos de um porco o que

a sua manopla desenhava sem a ajuda dos olhos; um porquinho visto de perfil, um tanto simplificado, mais esquemático do que naturalístico, porém, incontestavelmente, a forma básica de um porquinho, que o conselheiro ia traçando sob essas condições difíceis. Isso exigia muita habilidade, e ele dispunha dela. O olhinho puxado entrou, pouco mais ou menos, onde devia entrar, talvez um pouco perto do focinho, mas, de qualquer maneira, em seu lugar; o mesmo se deu com a orelha pontuda e com as perninhas, que pendiam da pança arredondada; prolongando a linha das costas igualmente redondas, o rabinho formava um saca-rolhas muito elegante. Todos exclamaram “Ah!” quando a obra estava concluída, e apressaram-se a imitar a proeza, tomados da ambição de igualar o mestre. Mas eram muito poucos os que sabiam desenhar, com os olhos abertos, um porquinho apresentável, e ainda menos às cegas. Que monstros não resultaram das suas tentativas! Não havia relação alguma entre os traços. O olhinho colocado fora da cabeça; as patinhas dentro da pança, que por sua vez ficava escancarada; o rabinho enrolava-se em algum lugar longe do corpo, sem nenhuma relação orgânica com a figura principal, formando um arabesco independente. Ria-se até não poder mais. O grupo aumentou. Foi atraída a atenção dos jogadores de bridge, que se aproximaram, curiosos, com as cartas abertas em leque na mão. A assistência controlava os olhos de quem experimentava, para certificar-se de que ninguém estivesse fazendo trapaça, como alguns tentavam, na sensação da sua impotência. Os espectadores riam-se aberta ou secretamente, enquanto o candidato cometia seus erros cegos, e rebentavam de júbilo quando ele, abrindo os olhos, contemplava a sua obra absurda. Uma confiança falaz em si próprios impelia todos a participar da competição. O cartão, apesar de bem grande, encheu-se rapidamente de ambos os lados, de maneira que os desenhos entravam uns nos outros. O conselheiro sacrificou um segundo cartão, que tirou da

sua carteira, e sobre o qual o promotor Paravant, segundo um plano premeditado, tentou desenhar o porquinho num só traço, com o único resultado de malograr de forma muito pior que os outros; os rabiscos que saíram de seu lápis não somente não se pareciam com porco coisa alguma, mas tampouco recordavam, nem de longe, qualquer coisa neste mundo. Novos gritos, novas gargalhadas e tumultuosas felicitações. A seguir foram buscar cardápios na sala de refeições, para que diversas pessoas, cavalheiros e senhoras, pudessem desenhar ao mesmo tempo. Todos os competidores tinham seus vigilantes e seus espectadores, cada um dos quais esperava a sua vez de se apossar do lápis que estava sendo usado. Havia apenas três lápis em disputa. Todos pertenciam a pensionistas. O conselheiro áulico, ao ver que o jogo estava bem encaminhado, sumiu-se acompanhado do assistente.

No meio da multidão, Hans Castorp observava por cima do ombro de Joachim o trabalho de um dos desenhistas; apoiava o cotovelo nesse ombro, com os cinco dedos da mão apoiava o queixo, e a outra mão, mantinha-a posta no quadril. Falava e ria. Também queria desenhar. Reclamou em voz alta e recebeu um lápis, um pedaço bem curtinho, que mal se podia conduzir entre o polegar e o indicador. Protestou contra esse toco, com os olhos fechados erguidos para o teto. Resmungou em voz alta e praguejou contra a insuficiência do lápis, enquanto a mão apressada rabiscava no cartão uma espantosa monstruosidade, que por fim avançava sobre a toalha.

— Isso não vale! — exclamou em meio às merecidas risadas. — Como se pode com um troço desses… Que vá para o diabo! — E atirou na terrina de ponche o toco assim acusado. — Quem tem um lápis decente? Quem me empresta um? Quero desenhar de novo. Um lápis! Um lápis! Quem tem outro lápis? — gritou, voltando-se para todos os lados, com o antebraço esquerdo ainda firmado na mesa, e agitando no ar a mão direita. Não pôde obter nenhum. Eis

que deu meia-volta e atravessou a peça, continuando a gritar. Foi em direção a Clawdia Chauchat, que, como ele sabia, se achava perto do reposteiro diante da salinha e dali observava, sorrindo, o alvoroço em torno da mesa de ponche.

Atrás de si, Hans Castorp ouviu chamar, em palavras sonoras e constrangedoras:

— Eh! Ingegnere! Aspetti! Che cosa fa Ingegnere! Un po' de ragione, sa! Ma è matto questo ragazzo![11]

Mas abafou essa voz com a sua. Viu-se então como o sr. Settembrini levantou a mão acima da cabeça — gesto usado em seu país, com um sentido difícil de se expressar em poucas palavras, e que ele acompanhou com um "Ehh!" prolongado — para depois abandonar o convívio carnavalesco... Hans Castorp, porém, achando-se no meio do pátio ladrilhado do ginásio, fitou de muito perto o azul verde-cinzento desses olhos providos de epicanto, acima das maçãs salientes, e disse:

— Será que *você* não tem um lápis, por acaso?

Estava pálido como a morte, tão pálido como naquele dia quando, manchado de sangue, após o passeio solitário, fora assistir à conferência. Os nervos que controlavam os vasos capilares de seu rosto funcionavam de tal maneira que a pele exangue emurcheceu, lívida e fria, fazendo que o nariz parecesse mais pontiagudo e a parte abaixo dos olhos adquirisse uma cadavérica cor de chumbo. O nervo simpático, por sua vez, mandava o coração de Hans Castorp martelar num ritmo tão acelerado que já não se podia falar de uma respiração regular. Calafrios percorriam o corpo do jovem, devido a um trabalho das glândulas sebáceas, que se eriçavam junto com os folículos pilosos.

A mulher do tricórnio de papel contemplou-o de alto a baixo com um sorriso que não revelava nem um vestígio de compaixão ou desassossego diante do aspecto transtornado de Hans Castorp. Aquele sexo ignora, aliás, tal compaixão e desassossego diante dos terrores que traz consigo a paixão,

esse elemento que notadamente lhe é muito mais familiar que ao homem, o qual, por natureza, não se dá com ele. Daí acontece que a mulher nunca vê o homem numa situação dessas sem sentir vontade de escarnecer e mostrar uma alegria maliciosa. Enquanto ele, de sua parte, ficaria grato por qualquer sinal até mesmo de compaixão e desassossego.

— Eu? — foi como reagiu a enferma dos braços desnudos àquele "você"... — Sim, pode ser. — No seu sorriso e na sua voz talvez transparecesse um pouco da emoção que se produz quando, depois de prolongadas relações mudas, se profere a primeira palavra; é uma emoção sutil que secretamente inclui o passado inteiro no momento presente. — Você é muito ambicioso... Muito... ardoroso — ela prosseguiu, zombando, na sua pronúncia exótica com o "r" estrangeiro e o "o" demasiado aberto, sendo que sua voz levemente velada, agradavelmente rouca, dava às palavras, ademais, uma acentuação esquisita, que as fazia soar como fossem de um idioma totalmente estrangeiro. Enquanto isso, remexia a bolsinha de couro, vendo se descobria um lápis. De sob um lenço tirou uma minúscula lapiseira de prata, frágil e fininha, artigo de fantasia, inútil para o trabalho sério. O lápis de outrora, o primeiro, fora diferente, mais robusto e manejável.

— Voilà — disse ela, pondo diante dos olhos de Hans Castorp a pequena lapiseira, que segurava pela ponta, entre o polegar e o indicador, movendo-a com leveza para cá e para lá.

Como ela fingisse oferecê-la e negá-la ao mesmo tempo, ele, então, fez menção de pegá-la, sem a receber; quer dizer, elevou a mão à altura do objeto, bem próximo dele, com os dedos prontos para apanhá-lo, mas sem concluir o ato. Do fundo das órbitas cor de chumbo, seu olhar fixava-se alternadamente na lapiseira e no rosto tártaro de Clawdia. Seus lábios exangues estavam abertos e permaneciam assim, sem que se servisse deles para falar, até que disse:

— Está vendo? Eu sabia que você teria um lápis.

— Prenez garde, il est un peu fragile — respondeu ela. — C’est à visser, tu sais.[12]

E, enquanto as duas cabeças se avizinhavam por cima da lapiseira, ela lhe explicou o mecanismo, que nada tinha de anormal. Fazendo-se girar a rosca, aparecia uma mina de grafite, delgada qual uma agulha, provavelmente dura e pouco própria para escrever.

Permaneceram inclinados um para o outro. Como ele trajasse um fraque, trazia nesta noite um colarinho engomado sobre o pescoço, onde pôde escorar o queixo.

— Pequeno, mas todinho seu — disse Hans Castorp, com sua testa quase junto à dela, voltando a boca à lapiseira, sem mover-lhe os contornos e suprimindo assim os sons labiais.

— Oh! E você também tem um humor sutil — ela respondeu com uma risada breve, enquanto se endireitava e deixava com ele a lapiseira. (Sabe Deus de onde ele tirava sutileza a uma hora dessas, já que não havia uma gota de sangue sequer em sua cabeça.) — Pois então vá, não perca tempo! Desenhe uma figura… e faça uma bela figura! — Parecia que ela, com igual sutileza, tratava de afastá-lo.

— Não, *você* não desenhou ainda; mas tem que desenhar agora — disse Hans Castorp, sem articular o “m” de “mas”. Recuou um passo, como para fazê-la seguir.

— Eu? — perguntou ela novamente com uma surpresa que parecia referir-se antes a outra coisa que à proposta dele. Sorrindo, mas um tanto perturbada, permaneceu imóvel durante um momento. Depois, porém, obedecendo ao magnetismo do recuo de Hans Castorp, deu alguns passos em direção à mesa de ponche.

Verificou-se, entretanto, que o interesse pelo jogo caíra nesse ínterim e estava nas últimas. Havia ainda quem desenhasse, mas já não encontrava espectadores. Os cartões jaziam cobertos de garatujas, todos tinham posto à prova a própria incapacidade; a mesa achava-se quase deserta, tanto mais que se iniciara uma contracorrente.

Como deram-se conta da saída dos médicos, logo alguém sugeriu que se começasse a dançar. A mesa foi retirada do centro da sala. Vigias foram colocados nas portas do gabinete de escrita e da saleta de música, com a ordem de dar sinal para interromper o baile caso reaparecessem “o velho”, Krokowski ou a superiora. Um rapaz eslavo atacou com fervor o teclado do pequeno piano de nogueira. Os primeiros pares começaram a girar pelo interior de um círculo irregular, formado por poltronas e cadeiras, em que ficaram os espectadores.

Hans Castorp fez um gesto vago com a mão, como para dizer “Adeus” à mesa que se afastava. Apontou com o queixo para alguns assentos livres que descobrira na saleta, e para um cantinho bem abrigado à direita do reposteiro. Não falou, talvez porque a música lhe parecesse muito barulhenta. Para a sra. Chauchat, colocou uma poltrona forrada de pelúcia no lugar que antes assinalara com a pantomima. Para si mesmo apossou-se de uma cadeira de vime de braços redondos, que gemeu e rangeu quando ele se sentou. Ele então se inclinou para ela, apoiando os cotovelos nos braços da poltrona, com a lapiseira na mão e os pés para trás, embaixo da cadeira. Ela, por sua vez, afundou-se no estofado coberto de pelúcia; seus joelhos achavam-se muito elevados; mesmo assim cruzou as pernas e balançou um dos pés, cujo tornozelo, acima da margem do sapato de verniz preto, desenhava-se sob a seda da meia, igualmente preta. À sua frente estavam sentadas outras pessoas, que se levantavam para dançar e cediam o lugar a outras, cansadas. Era um constante vaivém.

— Seu vestido é novo — disse Hans Castorp, para ter o direito de olhá-la, e ouviu como ela respondia:

— Novo? Então você conhece minhas roupas?

— Tenho ou não tenho razão?

— Tem, sim. Mandei fazê-lo aqui por esses tempos, no Lukac ˇ ek, do vilarejo. Ele trabalha muito para senhoras daqui de cima. O vestido lhe agrada?

— Muito — ele respondeu, envolvendo-a mais uma vez com seu olhar, antes de baixar os olhos. — Quer dançar? — acrescentou.
— E você, gostaria? — perguntou ela, sorrindo, com as sobrancelhas alçadas, ao que ele replicou:
— Gostaria, sim, se você tivesse vontade.
— Você é mais levadinho que eu pensava — observou ela, e, quando ele riu com desdém, acrescentou: — Seu primo já foi?
— Sim, ele é meu primo — confirmou Hans Castorp, sem necessidade. — Notei que ele não está mais aqui. Acho que já se recolheu.
— C'est un jeune homme très étroit, très honnête, très allemand.[13]
— Étroit? Honnête?[14] — repetiu ele. — Entendo francês muito melhor que falo. Você quer dizer então que ele é um pedante. Acha que os alemães são pedantes, nous autres allemands?[15]
— Nous causons de votre cousin. Mais c'est vrai, vocês são um pouco bourgeois. Vous aimez l'ordre mieux que la liberté, toute l'Europe le sait.[16]
— Aimer… aimer… Qu'est-ce que c'est? Ça manque de définition, ce mot-là. Um ama, outro possui, comme nous disons proverbialement[17] — afirmou Hans Castorp. E prosseguiu: — Nos últimos tempos, andei meditando sobre a liberdade. Isto é: ouvi essa palavra com tanta frequência que me fez refletir. Je te le dirai en français, o que pensei a respeito. Ce que tout l'Europe nomme la liberté, est peut-être une chose assez pédante et assez bourgeoise en comparaison de notre besoin d'ordre — c'est ça![18]
— Tiens! C'est amusant. C'est ton cousin à qui tu penses en disant des choses étranges comme ça?[19]
— Não, c'est vraiment une bonne âme, uma natureza singela, cujo espírito não corre nenhum perigo, tu sais. Mais il n'est pas bourgeois, il est militaire.[20]
— Não corre perigo? — repetiu ela com dificuldade… — Tu

veux dire: une nature tout à fait ferme, sûre d'elle-même? Mais il est sérieusement malade, ton pauvre cousin.[21]

— Quem disse isso?

— Aqui a gente anda bem-informada sobre os outros.

— Foi o Conselheiro Behrens, não?

— Peut-être en me faisant voir ses tableaux.

— C'est-à-dire: en faisant ton portrait?

— Pouquoi pas? Tu l'as trouvé réussi, mon portrait?

— Mais oui, extrêmement. Behrens a très exactement rendu ta peau, oh vraiment très fidèlement. J'aimerais beaucoup être portraitiste, moi aussi, pour avoir l'occasion d'étudier ta peau comme lui.

— Parlez allemand, s'il vous plaît![22]

— Oh, falo alemão também quando falo francês. C'est une sorte d'étude artistique et médicale — en un mot: il s'agit des lettres humaines, tu comprends.[23] E então, não quer dançar?

— Ah, não. Coisa mais pueril. En cachette des médecins. Aussitôt que Behrens reviendra, tout le monde va se précipiter sur les chaises. Ce sera fort ridicule.[24]

— Você o respeita tanto?

— A quem? — disse ela, pronunciando a interrogação com uma brevidade exótica.

— Behrens.

— Mais va donc avec ton Behrens! Além disso falta espaço para dançar. Et puis sur le tapis…[25] Vamos ver como dançam os outros.

— Pois sim, vamos — ele concordou, e pôs-se a olhar, sentado junto dela, com o rosto pálido; os olhos azuis que tinham a expressão pensativa do avô observavam os saracoteios dos enfermos disfarçados, no salão e na biblioteca. A Irmã Muda saltitava com o Joãozinho Azul; a sra. Salomon, fantasiada de cavalheiro engalanado, de casaca e colete branco, com uma camisa engomada de peito saliente, com um bigode pintado e com um monóculo,

girava nos saltinhos altos de seus sapatos de verniz, que saíam inaturalmente por baixo das calças de homem; seu par era o pierrô, cujos lábios luziam num vermelho de sangue no rosto caiado, e cujos olhos se pareciam com os de um coelho albino. O grego de mantilha requebrava suas pernas harmoniosas, revestidas de ceroulas violeta, em torno de Rasmussen, decotado e resplandecente de lantejoulas escuras. O promotor público, no seu quimono, a sra. Wurmbrand e o jovem Gänser dançavam juntos, a três, mantendo-se abraçados, ao passo que a Stöhr bailava com a sua vassoura, que apertava contra o coração e cujas crinas acariciava como se fossem a cabeleira hirsuta de um homem.

— Vamos, sim — repetiu Hans Castorp mecanicamente. Falavam baixinho, em meio aos sons do piano. — Vamos sentar-nos aqui e olhar como num sonho. Para mim, isto é um sonho, sabe?, estarmos sentados assim: comme un rêve singulièrement profond, car il faut dormir très profondément pour rêver comme cela… Je veux dire: C’est un rêve bien connu, rêvé de tout temps, long, éternel, oui, être assis près de toi comme à présent, voilà l’éternité.[26]

— Poète! — disse ela. — Bourgeois, humaniste et poète: voilà l’allemand au complet, comme il faut![27]

— Je crains que nous ne soyons pas du tout et nullement comme il faut — ele respondeu. — Sous aucun égard. Nous sommes peut-être des filhos enfermiços da vida, tout simplement.

— Joli mot. Dis-moi donc… Il n’aurait pas été fort difficile de rêver ce rêve-là plus tôt. C’est un peu tard que monsieur se résout à adresser la parole à son humble servante.

— Pourquoi des paroles? — disse ele. — Pourquoi parler? Parler, discourir, c’est une chose bien républicaine, je le concède. Mais je doute que ce soit poétique au même degré. Un de nos pensionnaires, qui est un peu devenu mon ami, M. Settembrini…

— Il vient de te lancer quelques paroles.

— Eh bien, c’est un grand parleur, sans doute, il aime même beaucoup à réciter de beaux vers — mais est-ce un poète, cet homme-là?
— Je regrette sincèrement de n’avoir jamais eu le plaisir de faire la connaissance de ce chevalier.
— Je le crois bien.
— Ah! Tu le crois?
— Comment? C’était une phrase tout à fait indifférente, ce que j’ai dit lá. Moi, tu le remarques bien, je ne parle guère le français. Pourtant, avec toi je préfère cette langue à la mienne, car pour moi, parler français, c’est parler sans parler, en quelque manière: sans responsabilité, ou comme nous parlons en rêve. Tu comprends?
— A peu près.
— Ça suffit… Parler — continuou Hans Castorp —, pauvre affaire! Dans l’éternité, on ne parle point. Dans l’éternité, tu sais, on fait comme en dessinant un petit cochon: on penche la tête en arrière et on ferme les yeux.
— Pas mal, ça! Tu es chez toi dans l’éternité, sans aucun doute, tu la connais à fond. Il faut avouer que tu es un petit rêveur assez curieux.
— Et puis — disse Hans Castorp —, si je t’avais parlé plus tôt, il m’aurait fallu te dire “vous”!
— Eh bien, est-ce que tu as l’intention de me tutoyer pour toujours?
— Mais oui. Je t’ai tutoyé de tout temps et je te tutoierai éternellement.
— C’est un peu fort, par example. En tout cas, tu n’auras pas trop longtemps l’occasion de me dire “tu”. Je vais partir.[28]
A palavra custou a lhe penetrar a consciência. Em seguida, ele teve um sobressalto e lançou olhares confusos em redor de si, como faz quem é despertado de repente. Sua conversa desenvolvera-se com certa lentidão, porque Hans Castorp falava o francês de modo lerdo, como que numa meditação vacilante. O piano, que se calara durante algum tempo,

voltou a ressoar, agora sob as mãos do rapaz de Mannheim, que substituíra o jovem eslavo e colocara uma partitura no suporte. A srta. Engelhart estava sentada a seu lado e virava as folhas. A assistência do baile já se tornara menos numerosa. Grande parte dos pensionistas parecia ter adotado a posição horizontal. Não havia mais ninguém nas poltronas à frente dos dois. Na biblioteca, alguns jogavam cartas.

— Que é que você vai fazer? — perguntou Hans Castorp, consternado…

— Vou partir — ela repetiu, sorrindo, aparentemente surpresa pelo estarrecimento dele.

— Não é possível — disse ele. — É uma piada!

— Nem um pouquinho. Estou falando sério. Partirei.

— Quando?

— Ora, amanhã. Après dîner.[29]

Dentro dele aconteceu um desabamento de grandes proporções. Depois, disse:

— Aonde você vai?

— Muito longe daqui.

— Ao Daguestão?

— Tu n’es pas mal instruit. Peut-être, pour le moment…[30]

— Então, está curada?

— Quant à ça… non. Mas Behrens acha que no momento não se pode fazer grande coisa aqui. C’est pourquoi je vais risquer un petit changement d’air.[31]

— Então você vai voltar!

— Não se sabe. E ainda mais, não se sabe quando. Quant à moi, tu sais, j’aime la liberté avant tout et notamment celle de choisir mon domicile. Tu ne comprends guère ce que c’est: être obsédé d’indépendance. C’est de ma race, peut-être.[32]

— Et ton mari au Daghestan te l’accorde… ta liberté?

— C’est la maladie qui me la rend. Me voilà à cet endroit pour la troisième fois. J’ai passé un an ici, cette fois. Possible que je revienne, mais alors tu seras bien loin depuis

longtemps.[33]

— Você acha, Clawdia?

— Mon prénom aussi! Vraiment tu les prends bien au sérieux les costumes du Carnaval.[34]

— Você sabe o quanto estou doente?

— Oui… non… comme on sait ces choses ici. Tu as une petite tache humide là dedans et un peu de fièvre, n’est-ce pas?

— Trent-sept et huit ou neuf l’après-midi[35] — explicou Hans Castorp. — E você?

— Oh, mon cas, tu sais, c’est un peu plus compliqué… pas tout à fait simple.

— Il y a quelque chose dans cette branche des lettres humaines dite la médecine — disse Hans Castorp — qu’on appelle bouchement tuberculeux des vases de lymphe.

— Ah! Tu as mouchardé, mon cher, on le voit bien.[36]

— Et toi?…[37] Perdão. Deixa-me perguntar-lhe uma coisa, urgente e em alemão: naquele dia, quando me levantei da mesa, para ir ao exame médico, faz seis meses… Você se virou para olhar para mim… Ainda se lembra?

— Quelle question! Il y a six mois![38]

— Você sabia aonde eu ia?

— Certes, c’etait tout-à-fait par hasard…[39]

— Soube pelo Behrens?

— Toujours ce Behrens!

— Oh, il a représenté ta peau d’une façon tellement exacte… D’ailleurs, c’est un veuf aux joues ardentes et qui possède un service de café très remarquable… Je crois bien qu’il connaisse ton corps non seulement comme médecin, mais aussi comme adepte d’une autre discipline des lettres humaines.

— Tu as décidément raison de dire que tu parles en rêve, mon ami.

— Soit… Laisse-moi rêver de nouveau après m’avoir réveillé si cruellement par cette cloche d’alarme de ton départ. Sept mois sous tes yeux… Et à présent, où en réalité

j’ai fait ta connaissance, tu me parles de départ!

— Je te répète que nous aurions pu causer plus tôt.[40]

— É o que você teria desejado?

— Moi? Tu ne m’échapperas pas, mon petit. Il s’agit de tes intérêts, à toi. Est-ce que tu étais trop timide pour t’approcher d’une femme à qui tu parles en rêve maintenant, ou est-ce qu’il y avait quelqu’un qui t’en a empêché?

— Je te l’ai dit. Je ne voulais pas te dire “vous”.

— Farceur! Réponds donc: ce monsieur beau parleur, cet italien-là qui a quitté la soirée… Qu’est-ce qu’il t’a lancé tantôt?

— Je n’en ai entendu absolument rien. Je me soucie très peu de ce monsieur, quand mes yeux te voient. Mais tu oublies… il n’aurait pas été si facile du tout de faire ta connaissance dans le monde. Il y avait encore mon cousin avec qui j’étais lié et qui incline très peu à s’amuser ici: il ne pense à rien qu’à son retour dans les plaines, pour se faire soldat.

— Pauvre diable. Il est, en effet, plus malade qu’il ne sait. Ton ami italien du reste ne va pas trop bien non plus.

— Il le dit lui-même. Mais mon cousin… Est-ce vrai? Tu m’effraies.

— Fort possible qu’il va mourir, s’il essaye d’être soldat dans les plaines.

— Qu’il va mourir. La mort. Terrible mot, n’est-ce pas? Mais c’est, étrange, il ne m’impressionne pas tellement aujourd’hui, ce mot. C’était une façon de parler bien conventionnelle, lorsque je disais: “Tu m’effraies”. L’idée de la mort ne m’effraie pas. Elle me laisse tranquille. Je n’ai pas pitié… ni de mon bon Joachim ni de moi-même, en entendant qu’il va peut-être mourir. Si c’est vrai, son état ressemble beaucoup au mien et je ne le trouve pas particulièrement imposant. Il est moribond, et moi, je suis amoureux, eh bien!… Tu as parlé à mon cousin à l’atelier de photographie intime, dans l’antichambre, tu te souviens?

— Je me souviens un peu.
— Donc ce jour-là Behrens a fait ton portrait transparent.
— Mais oui.
— Mon dieu. Et l'as-tu sur toi?
— Non, je l'ai dans ma chambre.
— Ah, dans ta chambre. Quant au mien, je l'ai toujours dans mon portefeuille. Veux-tu que je te le fasse voir?
— Mille remerciements. Ma curiosité n'est pas invincible. Ce sera un aspect très innocent.
— Moi, j'ai vu ton portrait extérieur. J'aimerais beaucoup mieux voir ton portrait intérieur qui est enfermé dans ta chambre... Laisse-moi demander autre chose! Parfois un monsieur russe qui loge en ville vient te voir. Qui est-ce? Dans quel but vient-il, cet homme?
— Tu es joliment fort en espionage, je l'avoue. Eh bien, je réponds. Oui, c'est un compatriote souffrant, un ami. J'ai fait sa connaissance à une autre station balnéaire, il y a quelques années déjà. Nos relations? Les voilà: nous prenons notre thé ensemble, nous fumons deux ou trois papiros, et nous bavardons, nous philosophons, nous parlons de l'homme, de Dieu, de la vie, de la morale, de mille choses. Voilà mon compte rendu. Es-tu satisfait?
— De la morale aussi! Et qu'est-ce que vous avez trouvé en fait de morale par exemple?
— La morale? Cela t'intéresse? Eh bien, il nous semble qu'il faudrait chercher la morale non dans la vertu, c'est-à-dire dans la raison, la discipline, les bonnes mœurs, l'honnêteté, mais plutôt dans le contraire, je veux dire: dans le péché, en s'abandonnant au danger, à ce qui est nuisible, à ce qui nous consume. Il nous semble qu'il est plus moral de se perdre et même de se laisser dépérir que de se conserver. Les grands moralistes n'étaient point des vertueux, mais des aventuriers dans le mal, des vicieux, des grands pécheurs qui nous enseignent à nous incliner chrétiennement devant la misère. Tout ça doit te déplaire beaucoup, n'est-ce pas?[41]
Ele permaneceu calado. Ainda estava sentado como antes,

com os pés cruzados muito para trás, sob o assento, e inclinado para a frente em direção à mulher quase deitada sobre o sofá, com o tricórnio de papel. Tinha entre os dedos a lapiseira que pertencia a ela, e com os olhos tão azuis como os de Hans Lorenz Castorp fitava a sala que se esvaziara. Os pensionistas haviam se dispersado. O piano, no canto diagonalmente oposto, não deixava ouvir senão alguns sons suaves e espaçados, produzidos com uma mão só pelo enfermo de Mannheim, a cujo lado se achava a professora, folheando um álbum de partituras que tinha sobre os joelhos. Quando se interrompeu a conversa entre Hans Castorp e Clawdia Chauchat, o pianista cessou de tocar, deitando no colo também a mão que até então acariciara o teclado. A srta. Engelhart prosseguiu estudando as notas. Os quatro únicos remanescentes da festa carnavalesca conservavam-se imóveis. O silêncio prolongou-se por alguns minutos. Sob o seu peso, pouco a pouco inclinaram-se cada vez mais cabeças do par sentado junto do piano, a do jovem de Mannheim em direção ao piano, e a da srta. Engelhart para o álbum de partituras. Por fim, como se tivessem se colocado secretamente de acordo, levantaram-se ambos ao mesmo tempo e com grande discrição. Caminhando suavemente, nas pontas dos pés, e evitando lançar um olhar para o outro canto da sala, com a cabeça baixa e os braços rigidamente pendurados, sumiram-se o rapaz de Mannheim e a professora, pela sala de correspondência.

— Tout le monde se retire — disse a sra. Chauchat. — C'étaient les derniers; il se fait tard. Eh bien, la fête de Carnaval est finie. — E ergueu os braços a fim de tirar com as duas mãos o gorro de papel do cabelo arruivado, cuja trança cercava a cabeça qual uma coroa. — Vous connaissez les conséquences, monsieur.[42]

Mas Hans Castorp fez que não, com os olhos fechados, sem modificar, de resto, a sua posição.

— Jamais, Clawdia — respondeu. — Jamais je te dirai

“vous”, jamais de la vie ni de la mort, se é que se pode dizer assim; e deveria poder-se. Cette forme de s’adresser à une personne, qui est celle de l’Occident cultivé et de la civilisation humanitaire, me semble fort bourgeoise et pédante. Pourquoi, au fond, de la forme? La forme, c’est la pédanterie elle-même! Tout ce que vous avez fixé à l’égard de la morale, toi et ton compatriote souffrant, tu veux sérieusement que ça me surprenne? Pour quel sot me prends-tu? Dis donc, qu’est-ce que tu penses de moi?[43]

— C’est un sujet qui ne donne pas beaucoup à penser. Tu es un petit bonhomme convenable, de bonne famille, d’une tenue appétissante, disciple docile de ses précepteurs et qui retournera bientôt dans les plaines, pour oublier complètement qu’il a jamais parlé en rêve ici et pour aider à rendre son pays grand et puissant par son travail honnête sur le chantier. Voilà ta photographie intime, faite sans appareil. Tu la trouves exacte, j’espère?

— Il y manque quelques détails que Behrens y a trouvés.

— Ah, les médecins en trouvent toujours, ils s’y connaissent…

— Tu parles comme M. Settembrini. Et ma fièvre? D’où vient-elle?

— Allons donc, c’est un incident sans conséquence qui passera vite.

— Non, Clawdia, tu sais bien que ce que tu dis là n’est pas vrai, et tu le dis sans conviction, j’en suis sûr. La fièvre de mon corps et le battement de mon cœur harassé et le frissonnement de mes membres, c’est le contraire d’un incident, car ce n’est rien d’autre — e seu rosto pálido, com os lábios trêmulos, inclinou-se ainda mais para o rosto da mulher —, rien d’autre que mon amour pour toi, oui, cet amour qui m’a saisi à l’instant, où mes yeux t’ont vue, ou, plutôt, que j’ai reconnu, quand je t’ai reconnue toi… Et c’était lui, évidemment, qui m’a mené à cet endroit…

— Quelle folie!

— Oh, l’amour n’est rien, s’il n’est pas de la folie, une

chose insensée, défendue et une aventure dans le mal. Autrement c'est une banalité agréable, bonne pour en faire de petites chansons paisibles dans les plaines. Mais quant à ce que je t'ai reconnue et que j'ai reconnu mon amour à toi… oui, c'est vrai, je t'ai déjá connue, anciennement, toi et tes yeux merveilleusement obliques et ta bouche et ta voix, avec laquelle tu parles… Une fois déjà, lorsque j'étais collégien, je t'ai demandé ton crayon, pour faire enfin ta connaissance mondaine, parce que je t'aimais irraisonnablement, et c'est de là, sans doute, c'est de mon ancien amour pour toi que ces marques me restent que Behrens a trouvées dans mon corps, et qui indiquent que jadis aussi j'étais malade…[44]

Seus dentes batiam. Enquanto ia divagando, retirou um pé de sob o assento que rangia. Ao avançar esse pé, tocou o chão com o outro joelho, de maneira que ajoelhava diante dela, com a cabeça baixa e o corpo todo trêmulo.

— Je t'aime — balbuciou —, je t'ai aimée de tout temps, car tu es le Toi de ma vie, mon rêve, mon sort, mon éternel désir…

— Allons, allons! — disse ela. — Si tes précepteurs te voyaient…[45]

Mas Hans Castorp sacudiu a cabeça, desolado, o rosto sobre o tapete, e respondeu:

— Je m'en ficherais, je me fiche de tous ces Carducci et de la République éloquente et du progrès humain dans le temps, car je t'aime![46]

Ela acariciou-lhe suavemente com a mão os cabelos aparados da nuca.

— Petit bourgeois! — disse. — Joli bourgeois à la petite tache humide. Est-ce vrai que tu m'aimes tant?[47]

E arrebatado por esse contato, já sobre ambos os joelhos, com a cabeça deitada para trás e com os olhos fechados, ele continuou a falar:

— Oh, l'amour, tu sais… Le corps, l'amour, la mort, ces trois ne font qu'un. Car le corps, c'est la maladie et la volupté, et

c’est lui qui fait la mort, oui, ils sont charnels tous deux, l’amour et la mort, et voilà leur terreur et leur grande magie! Mais la mort, tu comprends, c’est d’une part une chose mal famée, impudente qui fait rougir de honte; et d’autre part c’est une puissance très solennelle et très majestueuse, beaucoup plus haute que la vie riante gagnant de la monnaie e farcissant sa panse, beaucoup plus vénérable que le progrès qui bavarde par les temps: parce qu’elle est l’histoire et la noblesse et la piété et l’éternel et le sacré qui nous fait tirer le chapeau et marcher sur la pointe des pieds... Or, de même, le corps, lui aussi, et l’amour du corps, sont une affaire indecente et fâcheuse, et le corps rougit et pâlit à sa surface par frayeur et honte de lui-même. Mais aussi il est une grande gloire adorable, image miraculeuse de la vie organique, sainte merveille de la forme et de la beauté, et l’amour pour lui, pour le corps humain, c’est de même un intérêt extrêmement humanitaire et une puissance plus éducative que toute la pédagogie du monde!... Oh, enchantante beauté organique qui ne se compose ni de teinture à l’huile ni de pierre, mais de matière vivante et corruptible, pleine du secret fébrile de la vie et de la pourriture! Regarde la symétrie merveilleuse de l’édifice humain, les épaules et les hanches et les mamelons fleurissants de part et d’autre sur la poitrine, et les côtes arrangées par paires, et le nombril au milieu dans la mollesse du ventre, et le sexe obscur entre les cuisses! Regarde les omoplates se remuer sous la peau soyeuse du dos, et l’échine qui descend vers la luxuriance double et fraîche des fesses, et les grandes branches des vases et des nerfs qui passent du tronc aux rameaux par les aisselles, et comme la structure des bras correspond à celle des jambes. Oh, les douces régions de la jointure intérieure du coude et du jarret avec leur abondance de délicatesses organiques sous leurs coussins de chair! Quelle fête immense de les caresser ces endroits délicieux du corps humain! Fête à mourir sans plainte après! Oui, mon dieu, laisse-moi sentir

l’odeur de la peau de ta rotule, sous laquelle l’ingénieuse capsule articulaire sécrète son huile glissante! Laisse-moi toucher dévotement de ma bouche l’arteria femoralis qui bat au front de la cuisse et qui se divise plus bas en les deux artères du tibia! Laisse-moi ressentir l’exhalation de tes pores et tâter ton duvet, image humaine d’eau et d’albumine, destinée pour l’anatomie du tombeau, et laisse-moi périr mes lèvres aux tiennes![48]

Não abriu os olhos, depois de concluir; estremecendo e vacilando sobre os joelhos, permaneceu sem se mover, com a cabeça inclinada para trás; nas mãos estendidas, a lapiseira de prata. Ela disse:

— Tu es en effet un galant qui sait solliciter d’une manière profonde, à l’allemande.[49]

E lhe pôs na cabeça o gorro de papel.

— Adieu, mon prince Carnaval! Vous aurez une mauvaise ligne de fièvre ce soir, je vous le prédis.[50]

Com essas palavras, resvalou da cadeira, deslizou pelo tapete rumo à porta, sob cujo umbral hesitou um instante, meio voltada para trás; ergueu um de seus braços nus, com a mão a repousar no gonzo. Por cima do ombro disse baixinho:

— N’oubliez pas de me rendre mon crayon.[51]

E saiu.

---

1 “Lembre-se da morte.”
2 “Não há de quê, senhora!”
3 “Começo de decomposição.”
4 “Eu também sou pintor.”
5 “Roupa íntima feminina.”
6 “Descanse em paz [...]. Que a terra lhe seja leve. Dá-lhe o repouso eterno, Senhor.”
7 “[...] de seu único e último filho, que também iria morrer”.
8 “Os dois, vocês compreendem, sinhores... Primeiro um e agora o outro.”
9 “[...] como herói, ao modo espanhol”.
10 “[...] assim como seu jovem e confiante irmão Fernando”.
11 “Ei! Engenheiro! Espere! O que está fazendo, Engenheiro? Um pouco de razão, poxa! Mas este rapaz é maluco!”
12 “[...]. Tenha cuidado, é um pouco frágil [...]. É preciso rosquear, você sabe.”
13 “É um rapaz muito acanhado, muito honesto, muito alemão.”
14 “Acanhado? Honesto?”
15 “[...] nós, os alemães?”
16 “Estamos falando do seu primo. Mas é verdade, vocês são um pouco burgueses. Amam mais a ordem do que a liberdade, toda a Europa sabe.”

17 “Amar… amar… O que é isso? Falta uma definição para essa palavra […] como dizemos proverbialmente.”
18 “Vou lhe dizer em francês […]. O que toda a Europa chama de liberdade talvez seja uma coisa muito pedante e muito burguesa em comparação com a nossa necessidade de ordem — é isso!”
19 “Veja só! É engraçado. É no seu primo que você pensa quando diz coisas estranhas assim?”
20 “Não, ele é realmente uma boa alma […], sabe? Mas não é burguês, é militar.”
21 “Você quer dizer: uma natureza perfeitamente firme, segura de si? Mas o seu pobre primo está seriamente doente.”
22 “Talvez ao me mostrar os quadros dele.”; “Isto é: ao fazer o seu retrato?”; “Por que não? Achou bem-feito o meu retrato?”; “Mas claro, extremamente. Behrens retratou a sua pele com perfeita exatidão, ah, de fato, muito fielmente. Eu também adoraria ser retratista, para ter a oportunidade de estudar a sua pele, como ele.”; “Fale alemão, por favor!”
23 “É uma espécie de estudo artístico e médico — em suma: trata-se das humanidades, entende?”
24 “Escondido dos médicos. Assim que Behrens voltar, todo mundo vai se precipitar para as cadeiras. Será extremamente ridículo.”
25 “Mas pare com o seu Behrens, ora! […] E além disso, em cima do tapete…”
26 “[…] Como um sonho singularmente profundo, pois é preciso dormir muito profundamente para sonhar assim… Quero dizer: É um sonho bem conhecido, sonhado em todos os tempos, longo, eterno, sim, estar tão perto de você como agora, eis a eternidade.”
27 “Poeta! […] Burguês, humanista e poeta: eis o alemão completo, como deve ser!”
28 “Temo que não sejamos de jeito nenhum, nem um pouco, como devemos ser — ele respondeu. — De qualquer ponto de vista. Talvez sejamos filhos enfermiços da vida, pura e simplesmente.”; “Bonita expressão. Então me diga… Não teria sido muito difícil sonhar esse sonho mais cedo. É um pouco tarde que o cavalheiro resolve dirigir a palavra à sua humilde criada.”; “Por que palavras? — disse ele. — Por que falar? Falar, discorrer, é algo bem republicano, admito. Mas duvido que seja poético no mesmo grau. Um dos nossos pensionistas, que se tornou um pouco amigo meu, o sr. Settembrini…”; “Ele acaba de dirigir a você umas palavras.”; “Pois bem, é um grande tagarela, sem dúvida, e até gosta muito de recitar belos versos — mas esse homem será um poeta?”; “Lamento sinceramente nunca ter tido o prazer de conhecer esse cavalheiro.”; “Acredito, de fato.”; “Ah! Acredita?”; “Como? O que eu disse aí foi uma frase perfeitamente indiferente. Mas, como você bem observa, não falo muito francês. Com você, porém, prefiro esssa língua à minha, pois, para mim, falar francês é falar sem falar, de certa maneira: sem responsabilidade, ou como falamos em sonho. Entende?”; Mais ou menos.”; “Chega… Falar — continuou Hans Castorp —, que pobre questão! Na eternidade não se fala. Na eternidade, sabe?, a gente age como que desenhando um porquinho: inclina a cabeça para trás e fecha os olhos.”; “Nada mau, isso! Na eternidade você se sente em casa, sem a menor dúvida, você a conhece a fundo. Devo admitir que você é um pequeno sonhador muito curioso.”; “E além disso — disse Hans Castorp —, se eu tivesse falado com você mais cedo, teria de tratá-la de ‘senhora’!”; “Pois bem, será que tem a intenção de me chamar de ‘você’ para sempre?”; “Mas claro. Sempre a chamei de ‘você’ e a chamarei assim eternamente.”; “É um pouco atrevido, digamos. Seja como for, não terá por muito tempo a oportunidade de me chamar de ‘você’. Vou partir.”
29 “Depois do jantar.”
30 “Você não está mal-informado. Talvez, por ora…”
31 “Quanto a isso… não. […] É por isso que vou arriscar uma pequena mudança de ar.”
32 “Quanto a mim, sabe?, amo a liberdade acima de tudo e em especial a de escolher meu domicílio. Você não entende o que é isso: ser obcecada por independência. É da minha raça, talvez.”
33 “E o seu marido no Daguestão lhe concede… a sua liberdade?”; “É a doença que me concede. Eis-me neste lugar pela terceira vez. Passei um ano aqui, desta vez. É possível que eu volte. Mas então você estará bem longe, há muito tempo.”
34 “Meu nome também! Realmente, você leva muito a sério as fantasias do Carnaval.”
35 “Sim… não… como sabemos das coisas aqui. Você tem uma manchinha úmida aí dentro e um pouco de febre, não é?”; “Trinta e sete e oito ou nove, de tarde.”
36 “Ah, meu caso, sabe?, é um pouco mais complicado… não propriamente simples.”; “Há alguma coisa nesse ramo das humanidades chamado medicina — disse Hans Castorp — e que se denomina entupimento tuberculoso dos vasos linfáticos.”; “Ah! Você espionou, meu caro, bem se vê.”
37 “E você?”
38 “Que pergunta! Faz seis meses!”
39 “Sem dúvida, foi totalmente por acaso…”
40 “Sempre esse Behrens!”; “Ah, ele representou a sua pele de um jeito tão exato… Aliás, é um viúvo de faces ardentes e que possui um serviço de café absolutamente notável… Acredito de fato que ele conhece o seu corpo não só como médico, mas também como adepto de uma outra disciplina das humanidades.”; “Decididamente, você tem razão ao dizer que fala em sonho, meu amigo.”; “Que seja… Deixe-me sonhar de novo depois de ter me acordado tão cruelmente com essa sineta de alarme da sua partida. Sete meses diante dos seus olhos… E agora, quando realmente a conheci, você me fala de partida!”; “Repito que poderíamos ter conversado mais cedo.”
41 “Eu? Você não escapará de mim, meu pequeno. Trata-se dos seus interesses. Será que você era

tímido demais para se aproximar de uma mulher com quem agora fala em sonho, ou será que havia alguém que o impediu de fazê-lo?"; "Eu já lhe disse. Não queria chamá-la de 'senhora'."; "Farsante! Responda, ora: aquele cavalheiro bem-falante, aquele italiano que saiu da festa… o que foi que ele lhe disse há pouco?"; "Não ouvi rigorosamente nada. Preocupo-me muito pouco com esse senhor quando meus olhos veem você. Mas você esquece… não teria sido tão fácil conhecê-la socialmente. Havia ainda o meu primo, a quem eu era ligado e que se inclina muito pouco a se divertir aqui; ele não pensa em nada senão no retorno às planícies, para se tornar soldado."; "Pobre-diabo. Na verdade, ele está mais doente do que sabe. O seu amigo italiano, aliás, tampouco vai muito bem."; "Ele mesmo diz isso. Mas meu primo… É verdade? Você me apavora."; "É muito possível que vá morrer se tentar ser soldado nas planícies."; "Que vá morrer. A morte. Palavra terrível, não é? Mas é estranho, hoje essa palavra não me impressiona tanto. Foi um modo de falar bem convencional, quando eu disse: 'Você me apavora'. A ideia da morte já não me apavora. Deixa-me tranquilo. Não tenho pena… nem do meu bom Joachim nem de mim mesmo, ao ouvir que talvez ele vá morrer. Se é verdade, o estado dele se parece muito com o meu, e não o acho particularmente imponente. Ele está moribundo, e eu, eu estou apaixonado, pois é!… Você falou com meu primo no ateliê de fotografia íntima, na antessala, lembra-se?"; "Lembro-me vagamente."; "Portanto, naquele dia Behrens fez o seu retrato transparente."; "Isso mesmo."; "Meu Deus! E você está com ele aí?"; "Não, está no meu quarto."; "Ah, no seu quarto. Quanto ao meu, tenho-o sempre na carteira. Quer que lhe mostre?"; "Mil vezes obrigada. Minha curiosidade não é invencível. Será um aspecto muito inocente."; "Eu vi o seu retrato exterior. Gostaria muito mais de ver o seu retrato interior, que está trancado no seu quarto… Deixe-me perguntar outra coisa! Às vezes um senhor russo que se hospeda na cidade vem vê-la. Quem é? Com que objetivo esse homem vem?"; "Você é tremendamente capaz em espionagem, reconheço. Pois bem, respondo. Sim, é um compatriota adoentado, um amigo. Conheci-o em outra estação balneária, já faz alguns anos. Nossas relações? Ei-las: tomamos juntos nosso chá, fumamos dois ou três papirosi, e conversamos, filosofamos, falamos do homem, de Deus, da vida, da moral, de mil coisas. Eis o meu relatório. Está satisfeito?"; "Da moral também! E o que encontraram em matéria de moral, por exemplo?"; "A moral? Isso lhe interessa? Pois bem, parece-nos que se deveria buscar a moral, não na virtude, isto é, na razão, na disciplina, nos bons costumes, na honestidade, mas de preferência no contrário, quero dizer: no pecado, entregando-se ao perigo, ao que é nocivo, ao que nos consome. Parece-nos que é mais moral perder-se, e até se deixar definhar, do que conservar-se. Os grandes moralistas não eram uns virtuosos, mas uns aventureiros no mal, uns depravados, grandes pecadores que nos ensinam a nos inclinarmos cristãmente perante a miséria. Tudo isso deve desagradá-lo muito, não é?"
42 "Todos se retiram […]. Eram os últimos; está tarde. Pois é, a festa de Carnaval terminou. […] O senhor conhece as consequências, cavalheiro."
43 "Jamais, Clawdia […]. Jamais a chamarei de 'senhora', jamais na vida nem na morte […]. Essa forma de se dirigir a uma pessoa, que é a do Ocidente culto e da civilização humanista, me parece muito burguesa e pedante. Por que, no fundo, haver forma? A forma é a própria pedanteria! Tudo o que vocês fixaram em relação à moral, você e o seu compatriota adoentado, você quer seriamente que isso me surpreenda? Que bobo imagina que eu sou? Mas me diga, o que pensa de mim?"
44 "É um tema que não dá muito a pensar. Voce é um homenzinho correto, de boa família, com um aspecto apetitoso, discípulo dócil de seus preceptores e que breve retornará às planícies, para esquecer completamente que algum dia falou de sonho aqui e para ajudar a tornar seu país grande e poderoso por seu trabalho honesto no canteiro de obras. Essa é a sua fotografia íntima, feita sem aparelho. Acha-a exata, espero?"; "Faltam alguns detalhes que Behrens encontrou."; "Ah, os médicos sempre encontram, eles são especialistas nisso…"; "Você fala como o sr. Settembrini. E minha febre? De onde vem?"; "Ora essa, é um incidente sem consequência que passará depressa."; "Não, Clawdia, você bem sabe que o que está dizendo não é verdade, e o diz sem convicção, tenho certeza. A febre do meu corpo e o batimento do meu coração extenuado, e o arrepio dos meus membros são o contrário de um incidente, pois não são nada além — […] —, nada além do meu amor por você, sim, esse amor que me agarrou no instante em que meus olhos a viram, ou melhor, que eu reconheci quando reconheci você… E foi ele, evidentemente, que me trouxe a este lugar…"; "Que loucura!"; "Ah! O amor não é nada, se não for loucura, uma coisa insensata, proibida e uma aventura no mal. Do contrário, é uma banalidade agradável, útil para fazer cançõezinhas tranquilas nas planícies. Mas quanto a eu tê-la reconhecido e ter reconhecido o meu amor por você… sim, é verdade, já conheci você, antigamente, você e seus olhos maravilhosamente oblíquos e sua boca e sua voz, com a qual você fala… Já uma vez, quando eu era colegial, pedi-lhe a sua lapiseira, para enfim travar com você um conhecimento social, porque eu a amava irracionalmente, e é daí, com certeza é de meu antigo amor por você que me restam essas marcas que Behrens encontrou no meu corpo, e que indicam que também outrora eu estava doente…"
45 "Eu te amo […], te amei desde sempre, pois você é o Tu de minha vida, meu sonho, meu destino, meu eterno desejo…"; "Vamos, vamos! […] Se seus preceptores o vissem…"
46 "Eu estaria pouco ligando, estou pouco ligando para todos esses Carducci e para a República eloquente e para o progresso humano no correr do tempo, pois te amo!"
47 "Pequeno-burguês! […]. Lindo burguês, com a manchinha úmida. É verdade que me ama tanto?"

48 “Ah, o amor, sabe... O corpo, o amor, a morte, esses três formam um só. Pois o corpo é a doença e a volúpia, e é ele que faz a morte, sim, são carnais, esses dois, o amor e a morte, e é esse o terror, e a grande magia deles! Mas, compreenda, a morte é, de um lado, uma coisa mal-afamada, impudente, que faz enrubescer de vergonha; e, de outro, é uma força muito solene e muito majestosa, muito mais poderosa que a vida risonha ganhando uns trocados e enchendo a pança, muito mais venerável que o progresso que tagarela pelos tempos: porque ela é a história e a nobreza e a piedade e o eterno e o sagrado que nos fazem tirar o chapéu e andar na ponta dos pés... Ora, da mesma maneira, também o corpo, e o amor ao corpo, são algo indecente e desagradável, e em sua superfície o corpo enrubesce e empalidece de pavor e vergonha de si mesmo. Mas ele também é uma grande glória adorável, imagem milagrosa da vida orgânica, santa maravilha da forma e da beleza, e o amor por ele, pelo corpo humano, é, da mesma maneira, um interesse extremamente humanitário e uma força mais educativa que toda a pedagogia do mundo!... Ah, enfeitiçante beleza orgânica que não se compõe de tinta a óleo nem de pedra, mas de matéria viva e corruptível, cheia do segredo febril da vida e da podridão! Olhe a simetria maravilhosa do edifício humano, os ombros e os quadris e os mamilos florescentes de um lado e outro no peito, e as costelas dispostas aos pares, e o umbigo no meio da moleza do ventre, e o sexo obscuro entre as coxas! Olhe as omoplatas se mexerem sob a pele sedosa das costas, e a espinha dorsal que desce até a luxúria dupla e fresca das nádegas, e os grandes ramos dos vasos e nervos que passam do tronco às ramificações pelas axilas, e como a estrutura dos braços corresponde à das pernas. Ah, as doces regiões da junção interna do cotovelo e do jarrete com sua abundância de delicadezas orgânicas sob suas almofadas de carne! Que imensa festa acariciar esses pontos deliciosos do corpo humano! Festa de morrer, sem queixa depois! Sim, meu Deus, deixe-me sentir o odor da pele da rótula, sob a qual a engenhosa cápsula articular expele seu óleo deslizante! Deixe-me tocar devotamente com minha boca a arteria femoralis que bate na frente da coxa e se divide mais abaixo nas duas artérias da tíbia! Deixe-me sentir a exalação dos seus poros e roçar sua penugem, imagem humana de água e albumina, destinada à anatomia do túmulo, e deixe-me morrer, com meus lábios nos seus!”
49 “Você é, na verdade, um galanteador que sabe solicitar de um modo profundo, à alemã.”
50 “Adeus, meu príncipe Carnaval! A linha de sua febre esta noite será ruim, é o que lhe prevejo.”
51 “Não esqueça de me devolver minha lapiseira.”

VI.

TRANSFORMAÇÕES

Que é o tempo? Um mistério — inessencial e onipotente. Uma condição do mundo dos fenômenos, um movimento, ligado e mesclado à existência dos corpos no espaço e a seu movimento. Mas, deixaria de haver tempo se não houvesse movimento? Não haveria movimento sem o tempo? Perguntas! O tempo é uma função do espaço? Ou vice-versa? Ou são ambos idênticos? Perguntas demais! O tempo é ativo, tem caráter verbal, “presentifica”. Mas presentifica o quê? Transformação! O agora não é o então; o aqui é diferente do ali; pois entre ambos se intercala o movimento. Mas, visto ser circular e fechar-se sobre si mesmo o movimento pelo qual se mede o tempo, trata-se de um movimento e de uma transformação que quase se poderiam designar repouso e imobilidade: pois o então repete-se constantemente no agora, e o ali repete-se no aqui. Como, por outro lado, nem sequer os mais desesperados esforços podem fazer imaginar um tempo finito ou um espaço limitado, tomou-se a decisão de “pensar” o tempo e o espaço como eternos e infinitos — evidentemente na esperança de obter dessa forma um resultado, se não perfeito, ao menos melhor. Ora, estabelecer o postulado do eterno e do infinito não significa, porventura, o aniquilamento lógico e matemático de tudo quanto é limitado e finito, e sua redução aproximada a zero? É possível uma sucessão no eterno, ou uma justaposição no

infinito? São compatíveis com o eterno e o infinito (essas hipóteses emergenciais) conceitos como distância, movimento, transformação, ou a mera existência de corpos limitados no universo? Perguntas, mas há que fazê-las!

Hans Castorp as fazia, e outras mais, em seu cérebro, que desde sua chegada cá em cima se mostrara disposto a esse tipo de indiscrições e pirraças; é possível que certa volúpia sinistra, conquanto poderosa, expiada nesse meio-tempo, o tenha preparado para isso e despertado nele o atrevido desejo de empreender tais especulações. Interrogava-se a si próprio, interrogava ao bom Joachim, interrogava ao vale coberto desde tempos imemoriais com espessa neve, se bem que não pudesse esperar de nenhuma dessas instâncias qualquer coisa parecida com uma resposta, sendo difícil dizer qual dentre os três era o menos capacitado para lhe satisfazer a curiosidade. Se dirigia a si mesmo essas perguntas, era justamente por não encontrar resposta alguma. Quanto a Joachim, era quase impossível interessá-lo por tais coisas; pois, como Hans Castorp o expressara certa noite em francês, o primo não pensava noutra coisa a não ser em regressar à planície e fazer-se soldado. Com essa esperança cuja realização ora parecia próxima, ora se distanciava maliciosamente, Joachim vinha travando uma batalha encarniçada, que ele aos poucos se mostrava inclinado a encerrar com violência, de um só golpe. Sim, o bondoso, o paciente, o honrado Joachim, para o qual disciplina e cumprimento do serviço eram tudo na vida, sucumbira a tendências rebeldes e insurgira-se contra a "escala de Gaffky", aquele sistema de exame mediante o qual verificavam e designavam lá no laboratório do subsolo — no "labor", como se costuma chamá-lo — o grau em que o enfermo estava infectado: conforme os bacilos aparecessem no material analisado, apenas isoladamente ou em enormes quantidades, o coeficiente da escala de Gaffky podia ser mais ou menos elevado, e tudo dependia dele. Pois era ele que indicava inequivocamente as possibilidades de cura

com que o enfermo teria de contar; não era difícil determinar, segundo essa escala, o número de meses ou de anos que certo doente ainda deveria permanecer ali em cima: desde a "visita de médico", de apenas meio ano, até o veredicto de "prisão perpétua", com o qual se enunciava muito pouco sobre a real duração da estada prevista. Era, pois, contra a referida escala de Gaffky que Joachim se rebelava; ele renegava de forma aberta toda fé em sua autoridade — não de forma *totalmente* aberta diante dos superiores, mas na presença do primo, e até à mesa.

— Estou farto disso. Não vão me fazer de bobo por mais tempo! — disse em voz alta, numa dessas ocasiões, enquanto o sangue lhe subia ao rosto bronzeado. — Faz catorze dias, eu tinha Gaffky número 2, uma bagatela, e as melhores perspectivas; hoje tenho 9, estou literalmente infestado, e na planície: nem pensar. Que o diabo entenda essas coisas! Isso é insuportável. Lá em cima, na Schatzalp, há um homem, um camponês grego; foi mandado da Arcádia por um agente; é um caso sem esperança, tuberculose galopante, e o *exitus* pode produzir-se de um dia para outro; mas nunca na vida esse homem teve bacilos no esputo. Por outro lado, aquele gordo capitão belga que partiu curado quando cheguei tinha Gaffky número 10; os bacilos iam pululando nele, e todavia tinha apenas uma pequena caverna. Que me deixem em paz com Gaffky! Vou dar a isso um ponto final; volto para casa, mesmo que me custe a vida!

Assim falou Joachim, e todos ficaram consternados quando viram esse jovem pacato e comedido em tal estado de revolta. Hans Castorp, ao ouvir como o primo ameaçava abandonar tudo e regressar à planície, não pôde senão lembrar-se de algumas palavras que certa pessoa pronunciara em francês. Mas guardou silêncio. Que mais deveria ser feito? Arvorar-se diante do primo em modelo de paciência, como fazia a sra. Stöhr, que realmente exortava Joachim a que deixasse dessa atitude de obstinação

blasfema, que se resignasse humildemente e se guiasse pelo exemplo da lealdade com que ela, Karoline, perseverara ali em cima, renunciando com suma força de vontade a retomar as suas tarefas de dona de casa em Cannstatt, a fim de devolver qualquer dia a seu marido uma esposa completa e definitivamente curada? Não, a isso não se atrevia Hans Castorp, tanto mais que desde o Carnaval tinha a consciência pesada com relação a Joachim. Isto é, sua consciência dizia-lhe que o primo devia considerar certos fatos — dos quais eles não falavam entre si, mas que Joachim indubitavelmente não ignorava — como uma espécie de traição, de deserção e de infidelidade, no que se refere a um par de olhos redondos e castanhos, a uma propensão espontânea ao riso prazeroso e a um perfume de flor de laranjeira a cujos efeitos Joachim se via exposto cinco vezes por dia, mas que afrontava austera e decentemente, baixando os olhos para o prato... Até na resistência muda que Joachim lhe opunha às especulações e reflexões sobre o "tempo", com certa reprovação dirigida à sua consciência, Hans Castorp pensava encontrar vestígios dessa pudicícia militar. Agora, quanto ao vale hibernal sob a espessa camada de neve, esse vale ao qual Hans Castorp, da sua excelente espreguiçadeira, endereçava as mesmas perguntas metafísicas, seus picos, cimos, vertentes, e os bosques marrons, verdes, avermelhados, eles todos se quedavam no meio do tempo, silenciosos, envoltos pelo tempo dessa terra no seu fluxo calmo, ora resplandecentes no profundo azul do céu, ora escondidos pelas brumas, ora abrasados em suas regiões mais altas pelo clarão rubro do sol poente, ora cintilando num brilho duro de diamantes sob o feitiço de uma noite de luar —, mas sempre cobertos de neve, desde havia seis meses imemoriais, embora decorridos num abrir e fechar de olhos; e todos os pensionistas declaravam já não poder suportar essa neve que os repugnava, suas necessidades quanto a isso já teriam sido satisfeitas durante o verão, diziam eles, e ainda assim havia

essas quantidades de neve, sai dia, entra dia, esses montões de neve, almofadões de neve, encostas de neve, e isso estaria para além das forças humanas, seria veneno para o espírito e a alma. E eles o que faziam era pôr óculos de cor, verdes, amarelos, vermelhos, para poupar os olhos, mas sobretudo em benefício do coração.

Fazia então seis meses que o vale e as montanhas estavam ocultos sob o manto de neve? Fazia sete! O tempo progride enquanto contamos a história — o *nosso* tempo, que dedicamos à narrativa, mas também o tempo de Hans Castorp e seus companheiros de infortúnio na neve lá de cima, esse tempo passado em profundidade. Pois sim, o tempo progride — e presentifica transformações. Tudo que Hans Castorp antecipara em rápidas palavras na terça-feira de Carnaval, durante o regresso de Davos-Platz, estava a caminho de se tornar realidade, e no sr. Settembrini isso causava grande indignação. Verdade é que o solstício do verão ainda não se achava iminente, mas a Páscoa já passara pelo vale branco, o mês de abril ia avançando, Pentecostes se descortinava à frente, sem obstáculos, e em breve começaria a primavera, com o degelo — não que toda a neve fosse derreter, já que nos cumes, ao sul, e nas gretas dos rochedos da cordilheira rética, ao norte, aí sempre haveria neve, sem falar daquela que cairia nos próprios meses de verão, mas se fundiria imediatamente; não obstante, o transcurso do ano prometia inovações decisivas para dentro de pouco tempo, pois desde aquela noite de Carnaval em que Hans Castorp pediu emprestado à sra. Chauchat uma lapiseira, que devolveu mais tarde, para receber em troca, a seu pedido, um outro objeto, uma lembrança, que levava consigo, no seu bolso — desde aquela noite já tinham escoado seis semanas, duas vezes mais que Hans Castorp originalmente pretendera passar aqui em cima.

Com efeito, seis semanas haviam transcorrido desde a noite em que Hans Castorp travara conhecimento com

Clawdia Chauchat e voltara a seu quarto muito mais tarde que Joachim, o primo consciente de seus deveres; seis semanas desde o dia seguinte, que acarretara a partida da sra. Chauchat, sua partida interina, sua partida *temporária* ao Daguestão, lá muito longe, no Leste, ainda além do Cáucaso. Essa partida tinha caráter temporário; tratava-se apenas de uma partida interina; a sra. Chauchat tencionava voltar, não se sabia quando, mas qualquer dia estaria de regresso, voluntariamente ou mau grado seu — de tudo isso Hans Castorp guardava afirmações diretas e verbais, proferidas não durante o diálogo em língua estrangeira que acabamos de relatar, senão no lapso intermediário que, de nossa parte, deixamos transcorrer em silêncio, o lapso durante o qual interrompemos o curso ligado ao tempo da nossa narrativa e admitimos que reinasse exclusivamente o tempo em si. Em todo caso o jovem recebera essas afirmações reconfortantes, antes de voltar ao quarto número 34; pois no dia seguinte não trocara mais nenhuma palavra com a sra. Chauchat, mal chegara a vê-la, vira-a duas vezes de longe: uma vez durante o almoço, quando ela, trajando uma saia de casimira azul e um casaquinho de lã branca, dirigiu-se à sua mesa a passo silencioso e cheio de graça, após ter fechado com estrondo a porta envidraçada; nessa ocasião, o coração de Hans Castorp pulsara até a garganta, e somente a severa vigilância que lhe devotava a srta. Engelhart impedira-o de esconder o rosto entre as mãos… E a segunda vez dera-se às três horas da tarde, quando da partida de madame Chauchat, que Hans Castorp não presenciara propriamente, mas apenas observara de uma janela do corredor que dava para a rampa do sanatório.

Esse acontecimento desenrolara-se da mesma forma que Hans Castorp já tivera diversas oportunidades de ver durante sua estada aqui em cima: o trenó ou a carruagem parava na rampa, o cocheiro e o criado amarravam as bagagens, e diante do portão aglomeravam-se pensionistas do sanatório, os amigos de quem regressava à planície,

curado ou não, para ali viver ou morrer, ou simplesmente pessoas que deixavam de cumprir com os deveres de sua dieta para presenciar a ocorrência; um funcionário da administração, de sobrecasaca, e às vezes até os próprios médicos faziam-se presentes, e por fim surgia quem estava de partida — com o rosto quase sempre radiante, emanando a poderosa vitalidade que lhe ocasionava essa aventura, saudando com condescendência os curiosos à sua volta, que ali permaneceriam… Dessa vez, quem saíra do edifício fora a sra. Chauchat, risonha, carregada de flores, envolta num comprido abrigo de viagem, de uma fazenda felpuda, com gola de pele, e levando um enorme chapéu. Acompanhava-a o sr. Buligin, seu compatriota de peito sumido, que faria parte da viagem na sua companhia. Também ela parecia cheia de animação, alegre, como todos os que partiam — devido à simples perspectiva de uma mudança de vida, quer se viajasse com autorização do médico, quer se interrompesse a estada em virtude de um tédio desesperado, com a consciência inquieta, e por própria conta e risco. A sra. Chauchat tinha as faces coradas; tagarelava sem cessar, provavelmente em russo, enquanto alguém lhe agasalhava os joelhos com um cobertor de peles… Não somente os patrícios e os comensais da sra. Chauchat, mas também grande número de outros pensionistas tinha comparecido ao bota-fora. O dr. Krokowski, esboçando um sorriso enérgico, mostrou os dentes amarelos em meio à barba. Chegaram cada vez mais flores. A tia-avó ofereceu um confeito à viajante, “conféktka”, como ela costumava dizer, uma espécie de marmelada russa. A professora estivera presente, e também o moço de Mannheim — este a certa distância, espiando melancolicamente; seus olhos aflitos, resvalando ao longo da fachada, descobriram Hans Castorp junto à janela do corredor, e por alguns instantes fixaram nele o olhar turvo… Behrens, o conselheiro áulico, deixou de aparecer; evidentemente já se despedira da viajante em outra ocasião,

num ambiente mais particular… Em seguida, entre acenos e aclamações da assistência, os cavalos puseram-se em movimento; e ao mesmo tempo que o avanço do trenó fizera o corpo da sra. Chauchat reclinar-se no espaldar, uma vez mais seus olhos oblíquos percorreram sorridentes toda a extensão do edifício do Berghof e durante a fração de um segundo detiveram-se sobre o rosto de Hans Castorp… Pálido, o jovem que ficava atrás dirigiu-se a toda pressa ao seu quarto, onde assomou na sacada, para ver lá de cima, mais uma vez, o trenó que com os guizos tilintando deslizava estrada abaixo, em direção ao “vilarejo”; depois se deixou cair numa cadeira e tirou do bolso do casaco a lembrança que recebera, o penhor que desta vez não consistia em lasquinhas de madeira avermelhada, mas sim numa chapinha de vidro, tarjada de preto, que devia ser mantida contra a luz para que se enxergasse alguma coisa: o retrato interior de Clawdia, que não mostrava o rosto, mas sim o delgado esqueleto de seu busto, envolto de modo espectral e transparente pelas formas suaves da carne, e ainda os órgãos da cavidade torácica…

Quantas vezes não contemplara Hans Castorp esse retrato, quantas vezes não o apertara aos lábios, no tempo que decorrera desde então e que assim presentificara transformações! O tempo presentificara, por exemplo, sua adaptação a uma vida levada aqui em cima na ausência de Clawdia Chauchat, separada dele por um vasto espaço; e essa adaptação viera mais depressa do que se poderia imaginar: o tempo, nessas alturas, tinha um caráter especial e parecia feito para produzir hábitos, ainda que fosse apenas o hábito de não se habituar. Já não cabia esperar o estrondo da porta envidraçada, ao começo das cinco refeições por demais opulentas, e ele de fato não se repetiu. Agora sra. Chauchat batia as portas em outros sítios, a uma enorme distância — manifestação ligada e mesclada à sua índole e à sua doença, de modo semelhante à relação que existe entre o tempo e os corpos no espaço: talvez toda a sua

enfermidade *consistisse* nisso e em nada mais... Mas ela, embora invisível e distante, permanecia presente no espírito de Hans Castorp, sem ser vista — era o gênio do lugar, que o jovem conhecera e possuíra numa hora nefasta, cheia de doçura e de pecado, hora incompatível com cançõezinhas pacatas da planície; era o gênio do lugar, cujo retrato espectral o jovem levava na altura de seu coração, submetido a tantos esforços nestes nove meses.

Naquela hora seus lábios trêmulos haviam balbuciado muita coisa extravagante, ora em idioma estrangeiro, ora em língua materna, falando quase inconscientemente, numa voz meio apagada: proferiram propostas, juras, projetos e intentos insensatos, que com justeza jamais encontraram sanção. Pois ele quisera acompanhar o gênio para além do Cáucaso, segui-lo, esperar por ele no lugar que seus caprichos de nômade escolhessem para o próximo domicílio, nunca mais se separar dele; e outras ideias irresponsáveis de igual teor. O que o nosso jovem insignificante guardava daquela hora de intensa aventura era precisamente o referido penhor espectral e a possibilidade, que tocava as raias do provável, de que a sra. Chauchat mais cedo ou mais tarde voltasse a Davos para uma quarta estada, conforme decidisse a doença que lhe proporcionava a sua liberdade. Mas, fosse cedo ou fosse tarde — e também isso fora dito na hora da despedida —, em todo caso Hans Castorp se acharia, naquela ocasião, "bem longe, desde muito tempo"; seria ainda mais difícil suportar o sentido desdenhoso dessa profecia, se não se pudesse ponderar que certas coisas não são vaticinadas para se realizarem, mas precisamente na intenção contrária, como uma espécie de sortilégio destinado a *evitar* que se realizem. Profetas desse gênero escarnecem o futuro, predizendo-lhe como se passará, para que tenha vergonha de tomar realmente o rumo anunciado. E se o gênio, no decorrer da conversa relatada e fora dela, chamara Hans Castorp de "joli bourgeois au petit endroit humide",[1] o que representava, pouco mais ou menos, uma

tradução das palavras de Settembrini sobre o “filho enfermiço da vida”, era o caso de se perguntar qual dos dois elementos dessa mistura da sua natureza seria o mais forte, o bourgeois ou o outro… Ademais, o gênio não levara em conta que ele próprio já se fora e voltara diversas vezes, e que Hans Castorp também poderia estar de volta no momento oportuno, ainda que, na verdade, se detivesse aqui em cima justamente para *não* ter necessidade de retornar: para ele, como para muitos outros, residia nisso o sentido da sua permanência.

Uma das profecias sarcásticas daquela noite de Carnaval acabava de tornar-se realidade: Hans Castorp apresentou uma curva de temperatura bastante feia; uma curva íngreme, formando um pico elevado, que ele registrara com sensação solene; depois de uma ligeira queda, ela se prolongava numa espécie de planalto um tanto ondulado, que se mantinha constantemente acima do nível de suas temperaturas habituais. Tratava-se de uma temperatura anormal, cuja elevação e persistência, na opinião do dr. Behrens, não eram explicáveis pelos sintomas encontrados nos pulmões de Hans Castorp.

— Meu amigo! O senhor está mais intoxicado que se podia esperar — disse o médico. — Hum! Vamos experimentar as injeções. Isso lhe fará bem. Dentro de três ou quatro meses o senhor se sentirá como um peixe n’água, se a coisa correr conforme as previsões deste seu criado. — Daí sucedeu que Hans Castorp, duas vezes por semana, na quarta e no sábado, logo após a caminhada da manhã, passou a ter que se apresentar ao laboratório, ao “labor”, para tomar sua injeção.

Ambos os médicos, ora um, ora outro, ministravam o remédio, mas o conselheiro fazia-o com perícia, de um só golpe, esvaziando a seringa no próprio momento da picada. De resto não se preocupava com o lugar em que picava, de maneira que às vezes resultava uma dor infernal, e o ponto acometido permanecia por muito tempo duro e ardente.

Além disso a injeção atacava fortemente o organismo em geral, abalando o sistema nervoso à maneira de um violento esforço desportivo. Isso e também a elevação momentânea da temperatura que o remédio produzia atestavam-lhe o poder que possuía. Era o que o conselheiro predissera e o que acontecia, segundo a regra e sem que o fenômeno anunciado desse motivo para queixas. Quando finalmente chegava a vez da pessoa, a história toda levava apenas um instante; num ápice recebia-se o contraveneno sob a pele da coxa ou do braço. Mas em certas ocasiões, quando o dr. Behrens se achava bem-disposto e não entristecido pelo tabaco, era possível entabular, durante a injeção, uma rápida palestra com ele, que Hans Castorp procurava dirigir, mais ou menos do seguinte modo:

— É com o maior prazer que me lembro daquela hora agradável que passamos na sua casa durante o café, sr. Conselheiro, em outono do ano passado. Ainda ontem, ou talvez um pouco antes, falei com meu primo a esse respeito...

— Gaffky sete — disse o médico. — É o último resultado. O rapaz não quer porque não quer se desintoxicar. E mesmo assim nunca me suplicou tanto como agora, nunca insistiu tanto comigo em ir-se embora, para brandir o sabre. Esse criançola! Anda choramingando por causa dos seus quinze meses, como se fossem séculos que ele desperdiça aqui! Quer partir, assim ou assado. Ele diz o mesmo ao senhor? O senhor deveria chamá-lo à consciência, com firmeza e seriedade. Esse sujeito vai se arruinar totalmente, ao engolir antes do tempo a neblina tão poética de vocês, lá em cima, à direita. Um garganta como ele não precisa de muita massa cinzenta, mas o senhor, como homem mais circunspecto e paisano de formação burguesa, tem a obrigação de fazê-lo entrar no juízo, antes que ele cometa alguma loucura.

— É o que faço, sr. Conselheiro — respondeu Hans Castorp, sem deixar de dirigir o rumo da conversa. — Faço isso muitas vezes, quando ele procura rebelar-se, e acho que

Joachim voltará à razão. Mas os exemplos que a gente tem diante dos olhos nem sempre são os melhores. É isso o que anda mal. A cada instante há alguém que parte; partem para a planície, por iniciativa própria, sem verdadeira autorização, e no entanto com uma alegria festiva, como se a partida fosse justificada. Isso exerce uma certa sedução sobre caracteres fracos. Faz pouco tempo, por exemplo… deixe ver quem partiu recentemente… Uma senhora, da mesa dos “russos distintos”, madame Chauchat. Ouvi dizer que ela viajou para o Daguestão. Bem, o Daguestão, não conheço o clima daquela região. Pode ser que seja menos desfavorável do que o nosso ar lá em cima, junto ao mar. Mas em todo caso é planície, do nosso ponto de vista, embora geograficamente talvez seja montanhoso; não sou muito forte nessas coisas. Como é possível viver lá embaixo sem estar curado, num país onde faltam os conceitos básicos e ninguém tem uma ideia das nossas regras nem sabe quando se deve observar o repouso ou tomar a temperatura? Aliás, ela tencionava voltar de qualquer jeito, como ocasionalmente me disse… Mas, afinal, por que chegamos a falar dela?… Enfim, aquele dia encontramos o senhor no jardim, o Conselheiro ainda se lembra? Quer dizer, o senhor nos encontrou, quando estávamos sentados num banco, ainda sei qual foi, e fumávamos. Ou melhor, quem fumava era eu, pois meu primo não fuma, inexplicavelmente. E o senhor também estava fumando. Então oferecemos um ao outro as nossas marcas preferidas; lembro-me perfeitamente. O seu Brasil me agradou muitíssimo, embora seja preciso tratá-lo como se faz com um potro, com prudência; senão, acontece alguma coisa como aquela que se passou com o senhor depois dos dois pequenos charutos importados, quando esteve a ponto de dançar a sua última dança. Hoje se pode gracejar sobre aquilo, mas só porque tudo terminou bem… Recentemente encomendei em Bremen mais algumas centenas de Maria Mancini. Estou muito acostumado a essa marca, que me é

simpática sob todos os aspectos. É verdade que o frete e a alfândega a encarecem sensivelmente, e se o senhor aumentar de novo o prazo de minha permanência sou capaz de me converter ao fumo daqui. Nas vitrines se veem charutos muito bonitos... E depois tivemos oportunidade para ver os quadros do senhor; lembro-me como se fosse hoje. Gostei sumamente dos seus trabalhos. Fiquei mesmo surpreendido ao ver quanta coisa o senhor consegue fazer com tintas a óleo. Eu nunca me atreveria a tanto. Foi nessa ocasião que vimos também o retrato da sra. Chauchat, com a pele magistralmente reproduzida. Francamente, senti-me entusiasmado. Naquela época ainda não conhecia a modelo, ou apenas de vista e de nome. Depois, pouco antes da sua partida, cheguei a conhecê-la pessoalmente.

— Não diga! — respondeu o conselheiro áulico... E a resposta foi a mesma, caso se permita este breve retrospecto, que ele dera quando Hans Castorp lhe comunicou ter um pouco de febre, antes do primeiro exame médico. E depois não disse mais nada.

— Sim, senhor, conheci-a pessoalmente — confirmou Hans Castorp. — Sei por experiência que não é fácil entabular relações com pessoas estranhas aqui em cima, mas entre a sra. Chauchat e mim a coisa arranjou-se, casualmente, à última hora. Tivemos uma conversa que... — Hans Castorp acabou de receber a injeção, retraiu o corpo e, aspirando o ar por entre os dentes, deu um chiado de dor. — Fff!... Foi um nervo importantíssimo que o senhor pegou desta vez, Conselheiro. Ah! sim, sim, dói como o diabo. Obrigado, obrigado, um pouquinho de massagem faz bem... Pois é, tivemos uma conversa que fez nos conhecermos melhor.

— Ah, é?... E então? — fez o conselheiro. Anuiu com a cabeça, com cara de quem espera uma resposta elogiosa e põe na pergunta, de antemão e por experiência própria, a confirmação dos esperados elogios.

— Acho que meu francês cambaleou bastante — esquivou-se Hans Castorp. — De onde é que eu o falaria melhor? Mas,

afinal, no momento certo as palavras acabam estando à mão, e assim conseguimos entender-nos mais ou menos bem.

— Não duvido. E então? — voltou o conselheiro a indagar, acrescentando por sua conta: — Bonitinha, não é?

Hans Castorp, abotoando o colarinho, achava-se de pé, com as pernas e cotovelos afastados, e com o rosto levantado para o teto.

— No fundo, é uma velha história — disse. — Acontece nas estações de cura que duas pessoas ou até duas famílias vivam durante semanas sob o mesmo teto e contudo completamente distanciadas. Um dia travam conhecimento, apreciam-se sinceramente, e ao mesmo tempo ficam sabendo que uma delas está a ponto de partir. Imagino que algo assim, lamentável, ocorra com certa frequência. Num caso desses, a gente gostaria de conservar pelo menos um certo contato, ter notícias um do outro, quero dizer, por correspondência. Mas a sra. Chauchat…

— Ué… ela não quer? — riu-se o conselheiro jovialmente.

— Isso mesmo, ela não quis saber disso. Por acaso ela não escreve ao senhor, assim, de vez em quando, dos lugares em que está?

— Ih, Deus nos guarde! — respondeu Behrens. — Ela nem pensa nisso. Em primeiro lugar, por preguiça, e, além disso, em que língua escreveria? Eu não sei ler russo. Arranho-o um pouco, em caso de necessidade, mas não leio uma palavra sequer. E o senhor tampouco, não é? Bem, e quanto ao francês ou ao alemão, nossa gatinha sabe miá-los com muita graça, mas para escrever se veria em apuros. Não esqueça da ortografia, meu amigo! Sim senhor, com isso temos que nos conformar. Mas ela volta de vez em quando. É uma questão de técnica ou de temperamento, como eu já lhe disse. Uns partem às vezes e precisam voltar mais dia menos dia, enquanto outros ficam logo o tempo suficiente para nunca mais terem necessidade de voltar. Se seu primo partir agora, e não deixe de lhe dizer isso bem claramente, é

possível que o senhor ainda esteja aqui para assistir às solenidades do regresso dele.

— Mas, doutor, quanto tempo acha o senhor que eu…

— Que o senhor? Que ele! Ele ficará menos tempo lá embaixo do que passou aqui em cima: esta é a opinião da minha humilde pessoa, e seria muita amabilidade sua se a transmitisse a ele.

Era aproximadamente nesses termos que se desenrolava esse tipo de conversas, dirigidas com astúcia por Hans Castorp, embora com um resultado entre nulo e ambíguo. Quanto ao tempo que era preciso permanecer ali para presenciar a volta de um enfermo partido prematuramente, a resposta fora equívoca, e, no que se refere a certa pessoa desaparecida, fora até nula. Hans Castorp nada ouviria dela enquanto o mistério do espaço e do tempo os separasse; ela não lhe escreveria, e ele tampouco encontraria uma oportunidade para fazê-lo… Mas, refletindo bem, como poderia ser de outra forma? Não fora uma ideia muito pedante e burguesa de sua parte essa de sugerir uma troca de cartas, ao passo que outrora considerara desnecessário e nem sequer desejável que se *falassem*? E ele "falara" realmente com ela, no sentido que o Ocidente culto dá a essa palavra, naquela noite de Carnaval em que estivera a seu lado? Ou se expressara apenas numa língua estrangeira, como que num sonho, e de modo pouco civilizado? Para que então escrever em papel de carta ou cartões-postais, como os dirigia de vez em quando ao pessoal de casa, na planície, a fim de relatar as vicissitudes dos resultados dos exames médicos? Não tinha Clawdia razão de se sentir desobrigada de escrever, devido à liberdade que a doença lhe outorgava? Falar, escrever — um assunto eminentemente humanista e republicano, de fato, um assunto para o mestre Bruneto Latini, que redigira aquele livro sobre as virtudes e os vícios, doutrinara os florentinos e lhes ensinara a discursar e a governar a sua república em conformidade com as regras da política…

Com isso, os pensamentos de Hans Castorp começaram a rumar para Lodovico Settembrini, e ele corou, assim como fizera certa vez quando o escritor entrara de súbito no seu quarto de doente, acendendo repentinamente as luzes. Sem dúvida, Hans Castorp poderia ter dirigido ao italiano também as suas perguntas relativas aos enigmas transcendentais, fosse apenas para provocá-lo ou por pirraça, sem a esperança de receber uma resposta do humanista, que só se preocupava com os interesses terrestres da vida. Mas, desde o baile de Carnaval e a cena emocionada com que Settembrini saíra da saleta de música, as relações entre Hans Castorp e ele haviam se entibiado até certo ponto, o que se explicava pela consciência pesada de um e pelo profundo agastamento pedagógico do outro. A consequência era que se evitavam mutuamente, e durante semanas inteiras não trocaram palavra alguma. Hans Castorp continuava a ser um "filho enfermiço da vida", aos olhos do sr. Settembrini? Não, ele provavelmente era agora um desenganado aos olhos desse homem, que procurava a moral na virtude e na razão… E Hans Castorp punha-se a recalcitrar com relação ao sr. Settembrini; cerrava o cenho e franzia os lábios cada vez que se encontravam, enquanto o olhar negro e brilhante do italiano pousava nele numa reprovação silenciosa. Não obstante, essa birra se desfez imediatamente, quando o literato, semanas após, voltou a lhe dirigir a palavra, se bem que o fizesse apenas de passagem e sob a forma de alusões mitológicas, cuja compreensão requeria certa cultura ocidental. Foi depois do jantar; encontraram-se perto da porta envidraçada que já não se fechava com estrondo. Ao passar pelo jovem, e na intenção de não se demorar junto dele, Settembrini disse:

— Pois então, Engenheiro, gostou da romã?

Hans Castorp sorriu, satisfeito, mas um tanto acanhado.

— Como?… Que é que o senhor quer dizer, sr. Settembrini? Uma romã? Mas não nos serviram romãs! Nunca na vida comi… Isto é, um dia, sim, bebi xarope de romã com água

gasosa de Selters. Achei muito doce.

O italiano, que já se achava a alguma distância, virou a cabeça e retrucou:

— Aconteceu algumas vezes que deuses e mortais tenham visitado o reino das sombras e encontrado o caminho de volta. Mas os habitantes do inferno sabem que quem comeu dos frutos desse reino lhes pertence para sempre.

E prosseguiu no caminho, com as suas eternas calças claras de xadrez, deixando atrás Hans Castorp, que deveria sentir-se "trespassado" por tamanha significação e que, com efeito, realmente estava, embora murmurasse de si para si, entre irritado e divertido:

— Latini, Carducci, spaghetti per tutti, deixe-me em paz!

Não obstante, essas primeiras palavras que lhe haviam sido concedidas deixaram-no muito feliz. Pois, apesar do troféu, da macabra lembrança que ele levava sobre o coração, afeiçoara-se ao sr. Settembrini, a cuja vida devotava grande importância; e a ideia de se ver para sempre rejeitado e abandonado pelo italiano indubitavelmente lhe pesaria na alma de modo mais opressivo e mais cruel do que os sentimentos de um aluno que reprovasse nos exames e gozasse das vantagens da ignomínia, à maneira do sr. Albin… Contudo, não se atreveu a entabular, da sua parte, uma conversa com o seu mentor, e este deixou passar outras semanas inteiras antes de entrar novamente em contato com o seu discípulo enfermiço.

Isso sucedeu quando as ondas marinhas do tempo, rolando no seu ritmo eternamente invariável, haviam trazido a Páscoa, que foi celebrada no "Berghof" como também lá se observavam, do mesmo modo, todas as etapas e cesuras, a fim de se evitar a monotonia desconexa. Na hora do café da manhã, cada pensionista encontrou ao lado do talher um tufo de violetas; no pequeno almoço, todos receberam ovos coloridos, e a mesa festiva do almoço estava enfeitada de coelhinhos de açúcar e chocolate.

— Já fez uma viagem de navio, Tenente, ou o senhor,

Engenheiro? — perguntou o sr. Settembrini, quando, depois da refeição, com o palito entre os dentes se aproximou da mesinha dos primos, no vestíbulo. Como a maioria dos pensionistas, eles tinham abreviado, nesse dia, de um quarto de hora o repouso principal, para instalar-se diante de uma xicrinha de café e de um cálice de conhaque. — Esses coelhinhos e esses ovos coloridos relembram-me a vida num vapor grande, diante de um horizonte vazio desde semanas, no deserto salino. Tal vida se passa sob condições cujo perfeito conforto não consegue fazer esquecer, senão superficialmente, sua natureza monstruosa, ao passo que nas zonas mais profundas da alma a consciência disso continua roendo, em forma de um secreto horror... Reencontro aqui o espírito com que, a bordo de uma arca dessas, se observam piedosamente as festas da "terra ferma". São as reminiscências de pessoas que vivem fora do mundo, recordações sentimentais do calendário... Na terra firme seria Páscoa hoje, não é? Na terra firme celebram hoje o aniversário do Rei — e nós também o fazemos, o melhor que podemos, já que também somos criaturas humanas... Não tenho razão?

Os primos concordaram com ele. Realmente, era assim. Hans Castorp, comovido pelo fato de o italiano ter falado com ele, e instigado pelo remorso, elogiou a observação em altos brados. Achou-a espirituosa, magnífica, literária, e fez tudo para lisonjear o sr. Settembrini. Indiscutivelmente, era apenas de um modo superficial — assim como o sr. Settembrini acabava de expressar-se com tanta plasticidade — que o conforto de um transatlântico fazia olvidar as circunstâncias e sua temeridade e, se ele podia tomar a liberdade de desenvolver algumas ideias por sua conta — havia nesse conforto perfeito até uma certa provocação, algo semelhante àquilo que os antigos chamavam de hybris (para agradar ao seu interlocutor, até mesmo os antigos ele chegou a citar) e outras coisas nefandas desse tipo, como "Sou o rei da Babilônia!", sacrilégios, em suma. Por outro

lado, porém, o luxo a bordo envolvia — usou mesmo o verbo “envolver”! — um grande triunfo do espírito humano e da honra humana. O homem, ao transferir esse luxo e conforto para as águas coroadas de espuma salgada, e ao mantê-lo ali, audaciosamente plantava, por assim dizer, o pé na cerviz dos elementos, das potências bravias, e isso envolvia a vitória da civilização humana sobre o caos, caso lhe permitissem servir-se dessa expressão…

O sr. Settembrini escutou-o atentamente, com os pés e os braços cruzados, enquanto, num gesto gracioso, cofiou com o palito o bigode sinuoso.

— É notável — disse ele. — O homem não pode fazer observações gerais de certa extensão, a respeito de qualquer assunto, sem se trair inteiramente, sem depositar nelas, mau grado seu, toda a sua personalidade, sem representar, de alguma forma parabólica, o tema fundamental e o problema original da sua vida. É isso o que acaba de lhe acontecer, Engenheiro. Aquilo que o senhor disse agora brotou de fato do fundo de seu eu e também expressou, de um modo poético, a condição temporal dessa personalidade: continua sendo a condição experimental…

— *Placet experiri!* — riu-se Hans Castorp, pronunciando o “c” à italiana e sacudindo a cabeça afirmativamente.

— Sicuro, se se trata, no caso em apreço, da paixão respeitável de explorar o mundo e não de mera licensiosidade. O senhor mencionou a “hybris”. Serviu-se desse termo. Mas a hybris da razão em face das potências tenebrosas é a mais alta humanidade, e quando atrai sobre si a vingança de divindades ciumentas, per esempio, quando a arca de luxo vai a pique, achamo-nos sempre à frente de um fim honroso. Também a façanha de Prometeu era hybris, e as torturas que ele padeceu no penedo da Cítia são consideradas por nós o mais sagrado dos martírios. Mas, que se deve dizer daquela outra hybris, da perdição na experiência libidinosa, feita com as potências contrárias à razão e hostis ao gênero humano? Há honra nelas? Pode

haver honra em tal conduta? Sì o no!

Hans Castorp mexia a colher na xicrinha, se bem que esta não tivesse mais nada.

— Engenheiro, Engenheiro! — prosseguiu o italiano, meneando a cabeça, e a mirada dos olhos negros “fixou-se” pensativamente no espaço. — Não teme o senhor o furacão do segundo círculo do inferno, o furacão que agita e sacode os pecadores da carne, os infelizes que sacrificaram a razão à volúpia? Gran Dio! Quando tenho a visão do senhor varrido pelo vendaval, voando de cá para lá, de cabeça para baixo, sinto-me com vontade de cair no chão, de tanto pesar, assim como cai um cadáver…

Riram-se, contentes de ouvi-lo gracejar e dizer coisas poéticas. Settembrini, porém, acrescentou:

— O senhor vai se lembrar, Engenheiro, como na noite de Carnaval, bebendo vinho, se despediu em certo sentido de mim. Sim senhor, foi uma espécie de despedida. Bem, hoje é a minha vez. Tal como os senhores me veem agora, estou a ponto de lhes dizer adeus. Vou sair desta casa.

Os primos ficaram pasmados.

— Não é possível. Está brincando! — exclamou Hans Castorp, como o fizera numa ocasião semelhante. Estava quase tão assustado quanto naquele outro dia. Mas também Settembrini replicou:

— Nem um pouquinho. É como digo. Além disso, o senhor já andava preparado para ouvir essa notícia. Avisei-o de que eu estava decidido a levantar as minhas tendas e a estabelecer-me definitivamente em qualquer parte do lugar, logo que se mostrasse insustentável a minha esperança de poder voltar ao mundo do trabalho dentro de um prazo mais ou menos previsível. Que quer o senhor que eu faça? Esse momento chegou. É coisa certa que não me posso curar. Posso prolongar a minha vida, mas só aqui. A sentença, o veredicto final é “prisão perpétua”. O Conselheiro Behrens acaba de pronunciá-lo com o seu peculiar bom humor. Muito bem, eu tiro as consequências. Aluguei uma habitação.

Estou tratando do transporte dos meus modestos bens terrenos e dos utensílios do meu ofício literário… Não fica longe daqui, no “vilarejo”. Nós nos veremos seguidamente, não há dúvida. Não perderei o senhor de vista, mas, como habitante da mesma casa, tenho a honra de me despedir.

Essa foi a comunicação que Settembrini lhes fez no domingo de Páscoa. Os primos se mostraram extraordinariamente comovidos. Demorada e repetidamente falaram com o literato sobre a sua decisão e as modalidades que lhe permitiriam observar o regime também na sua morada particular; trataram do modo de levar adiante aqueles vastos trabalhos enciclopédicos que tomara a si, as sinopses de todas as obras-primas da beletrística, sob o ponto de vista dos conflitos originados pelo sofrimento e de sua erradicação; finalmente se informaram também a respeito dos futuros aposentos do sr. Settembrini, que se achavam na casa de um “quinquilheiro”, como se expressava o italiano. Esse quinquilheiro alugara o andar superior da sua casa a um alfaiate natural da Boêmia, que por sua vez sublocava cômodos… Essas conversas, conforme explicamos, já pertenciam ao passado. O tempo ia avançando, e desde então já presentificara mais de uma transformação. Settembrini realmente deixara de morar no Sanatório Internacional Berghof e passara-se para a casa de Lukaček, alfaiate de senhoras, onde morava fazia semanas. Sua mudança não se realizara num trenó, senão a pé. Ele saíra envolto num curto sobretudo amarelo, de mangas e gola de peles. Acompanhara-o um homem, transportando, num carrinho de mão, a bagagem literária e terrena do escritor, que fora visto afastar-se, brandindo a bengala, após ter beliscado, com o dorso de dois dedos, as faces de uma das criadas, postada junto ao portão do edifício… Como já ficou dito, o mês de abril achava-se relegado quase inteiramente — mais de três quartas partes — à sombra do passado. Verdade é que ainda reinava pleno inverno. Pela manhã, a temperatura atingia nos quartos uns escassos seis

graus acima de zero, ao passo que fora fazia nove abaixo. Quando se deixava o tinteiro na sacada, durante a noite, a tinta congelava-se, formando um pedaço de gelo parecido com hulha. Mas era coisa sabida que a primavera vinha se aproximando. De dia, quando brilhava o sol, já se sentia um pressentimento suave e delicado pairando no ar. O período do degelo estava iminente, e a isso estavam ligadas as transformações inexoráveis que se realizavam no “Berghof”. Nem sequer a autoridade e a palavra viva do conselheiro áulico eram capazes de deter-lhes o avanço, posto que combatesse o preconceito popular contra o degelo, em toda parte, nos quartos e na sala, por ocasião de exames, visitas e refeições.

Vinham os pensionistas para se dedicar aos esportes de inverno, ele perguntava, ou como enfermos, como pacientes? Por que cargas-d’água precisavam de neve, de neve gelada? Era desfavorável a temporada de degelo? Pelo contrário, era a mais favorável de todas! Comprovadamente o número de doentes acamados era menor nessa época do ano, em todo o vale, do que em qualquer outra estação. No mundo inteiro as condições climáticas para tuberculosos eram piores do que ali, no momento. Quem tivesse um pingo de juízo deveria persistir e aproveitar o efeito fortalecedor dessa fase do clima alpino. Depois, estariam imunizados contra todos os golpes e ataques do tempo, blindados contra qualquer clima do mundo, contanto que esperassem a realização da cura completa — e assim por diante. O conselheiro falava em vão, no entanto; a animosidade contra o degelo estava arraigada nas cabeças, e a estação de cura se esvaziou. Pode ser que a aproximação da primavera agitasse o coração da gente e tornasse irrequietas e ávidas de mudanças até pessoas sedentárias. Em todo caso aumentava de forma inquietante o número das partidas arbitrárias, das partidas “em falso”, e isso também no Berghof. A sra. Salomon, de Amsterdam, por exemplo, apesar do prazer que lhe causavam os exames médicos e a

subsequente ostentação de roupa interior de rendas finas, partiu “em falso”, de um modo totalmente arbitrário, sem a mínima autorização, e não porque se sentisse melhor, senão por andar cada vez pior. O início da sua permanência ali fora muito anterior à chegada de Hans Castorp. Fazia mais de um ano que ela chegara, com uma afecção muito leve, em virtude da qual lhe tinham receitado uma temporada de três meses. Depois de quatro meses fora-lhe assegurado que estaria “boa daqui a quatro semanas”; mas, seis semanas depois, já não se falava em cura. Era preciso, conforme se disse, que ela permanecesse outros quatro meses, no mínimo. E assim tudo prosseguiu — afinal de contas, aqui não era um calabouço nem uma mina siberiana. A sra. Salomon ficara e exibira sua melhor roupa de baixo. Como, porém, depois do último exame, e na iminência do degelo, lhe houvessem falado de um acréscimo de cinco meses, por causa de sibilos em cima à esquerda e de indiscutíveis anomalias do ruído respiratório abaixo da axila esquerda, perdera a paciência. Sob protesto, invectivando contra o “vilarejo” e a “praça” de Davos, contra o famoso ar das montanhas, o Sanatório Internacional Berghof e os médicos, partira para o seu lar em Amsterdam, cidade úmida, cheia de correntes de ar.

Foi razoável o que ela fez? O dr. Behrens encolheu os ombros e levantou os braços, deixando-os cair ruidosamente sobre as coxas logo a seguir. O mais tardar no outono — disse — a sra. Salomon estaria de volta, e então seria para sempre. Ele viria a ter razão? Já o veremos, é por um longo tempo terreno que ainda estaremos ligados a este oásis de prazeres. O caso Salomon não era, porém, o único desse tipo. O tempo presentificava transformações; sempre fora assim, mas em geral de maneira mais paulatina, menos escandalosa. A sala de refeições mostrava grandes lacunas, em todas as sete mesas, na dos “russos distintos” como na dos “ordinários”, nas longitudinais como nas transversais. Mas não se podia tirar daí uma conclusão confiável a

respeito do número de pensionistas na casa; houvera também chegadas, como sempre as havia, e os quartos talvez continuassem ocupados, mas então se trataria de pacientes cujo estado final talvez lhes restringisse a liberdade de ir e vir. Na sala de refeições, como já verificamos, faltavam muitos que ainda não tinham perdido essa liberdade; algumas lacunas, entretanto, estavam abertas de um modo particularmente incisivo e vazio, como, por exemplo, a que deixara o dr. Blumenkohl, que acabava de falecer. Seu rosto fora assumindo cada vez mais intensamente aquela expressão de quem tem na boca qualquer coisa de sabor repugnante; depois acamara definitivamente e afinal morrera — ninguém sabia precisar quando. O assunto fora tratado com a costumeira discrição. Uma lacuna! A sra. Stöhr tinha o lugar pegado a essa lacuna e horrorizava-se disso. Por esse motivo, mudou-se para o outro lado do jovem Ziemssen, ocupando a cadeira de Miss Robinson, que recebera alta como curada, ao passo que à sua frente a professora permanecia firme em seu posto, à esquerda de Hans Castorp. No momento achava-se sozinha naquele lado da mesa, pois os outros três lugares estavam vagos. O estudante Rasmussen, que dia a dia se tornara mais obtuso e mais sonolento, achava-se de cama e era considerado moribundo; a tia-avó com sua sobrinha e com Marúsia, a moça dos seios opulentos, estava em viagem — servimo-nos do termo “viagem”, como todos faziam, uma vez que a sua volta próxima passava por fato indubitável. No outono já estariam de regresso — podia-se chamar aquilo de “partida”? Muito depressa chegaria o solstício de verão, logo após Pentecostes, que estava iminente, e, uma vez alcançado o dia mais longo, viria a rápida descida, rumo ao inverno. Numa palavra, a tia-avó e Marúsia quase que estavam de volta, e era melhor assim, já que a risonha Marúsia de modo algum ficara curada e desintoxicada. A professora ouvira falar de blastomas tuberculosos que a Marúsia dos olhos castanhos trazia no peito exuberante, e

que já tinham sido operados diversas vezes. Quando a sra. Engelhart mencionou isso, Hans Castorp lançou um rápido olhar a Joachim, que inclinava para o prato o rosto subitamente cheio de manchas terrosas.

A alegre tia-avó dera aos comensais — isto é, aos primos, à sra. Stöhr e à professora — um jantar de despedida no restaurante, uma comezaina com caviar, champanhe e licores, durante a qual Joachim se conservara taciturno, proferindo só poucas palavras numa voz quase surda. Tanto assim que a tia-avó, com o seu espírito afetuoso, procurara confortá-lo, chegando até a tratá-lo por “você”, em completo abandono das conveniências civilizadas.

— Paizinho — dissera ela, à maneira russa —, não há de ser nada. Não se importe, mas coma, beba e converse! Daqui a pouco a gente voltará. Vamos todos comer, beber e falar, e não nos entregar à tristeza. Deus mandará o outono antes do que esperamos. Como vê, não há motivos para mágoas. — Na manhã do dia seguinte distribuíra, como lembrança, vistosas caixinhas de “conféktka” a quase todas as pessoas presentes na sala de refeições, e a seguir pôs-se em viagem com suas duas meninas.

E Joachim? Como se achava ele? Sentia-se aliviado e livre desde aquele dia, ou sofria a sua alma severas privações em face dos lugares vazios à mesa? Sua impaciência insólita e insubmissa, sua ameaça de partir sem autorização, caso continuassem a lográ-lo — tinham elas, porventura, sua origem na ausência de Marúsia? Ou, pelo contrário, devia-se que ele não fosse embora e aquiescesse aos elogios do degelo pelo conselheiro justamente ao fato de que Marúsia, a moça dos seios opulentos, não havia partido em definitivo, mas somente para uma viagenzinha simples, da qual regressaria dentro de cinco das menores unidades de tempo que se conheciam ali em cima? Ah, havia na sua conduta um pouco de tudo isso, e em igual medida; Hans Castorp podia percebê-lo, sem que jamais houvesse falado com Joachim a esse respeito. Abstinha-se estritamente de

mencionar o assunto, assim como Joachim evitava pronunciar o nome de outra pessoa que também se ausentara numa viagenzinha.

Nesse meio-tempo, fora ocupado o lugar de Settembrini à mesa. Quem era que ali se encontrava, ao lado de uns pensionistas holandeses de apetite tão estupendo que cada um deles costumava pedir três ovos fritos, ainda antes da sopa que formava o início dos cinco pratos do jantar normal? Era Anton Karlovitch Ferge, aquele que experimentara a infernal aventura do choque pleural. Sim, o sr. Ferge abandonara o leito; mesmo sem pneumotórax, o seu estado melhorara de tal maneira que lhe permitia passar levantado a maior parte do dia e participar das refeições, com seu bigode hirsuto e bonachão, e o grande pomo de adão, de aspecto igualmente jovial. De vez em quando, os primos conversavam com ele na sala ou no vestíbulo, e faziam também alguns dos passeios regulamentares em sua companhia, quando o acaso os unia. Nutriam simpatia por esse sofredor ingênuo, que declarava nada entender de assuntos sublimes, mas que, feita essa confissão, passava de modo muito agradável a contar histórias sobre a fabricação de galochas e a falar de regiões longínquas do império russo, de Samara e da Geórgia, enquanto caminhavam todos em meio à neblina, com os pés chafurdando na massa aguada de neve derretida.

Pois agora os caminhos estavam realmente impraticáveis, achavam-se em plena dissolução, e a neblina pairava sobre eles. O conselheiro áulico afirmava não se tratar de neblina, senão de nuvens; mas isso, na opinião de Hans Castorp, era simples questão de palavras. A primavera foi travando uma luta violenta, que, com inúmeras reincidências no rigor do inverno, se prolongou por meses inteiros até meados de junho. Já em março houvera ocasiões em que, quando o sol brilhava, mal se podia suportar o calor na sacada e na espreguiçadeira, apesar das roupas levíssimas e do guarda-sol. Certas senhoras haviam acreditado na chegada do verão

e foram ao café da manhã com vestidos de musselina. O seu procedimento era até perdoável em face das peculiaridades do clima alpino, que favorecia o equívoco pela confusão meteorológica das estações. Mas também havia em sua precipitação uma boa parte de visão curta e falta de imaginação, próprias da estupidez de seres que só vivem para o momento, incapazes de pensar em mudanças futuras, ávidos de variedades e dominados por uma impaciência que lhes devora o tempo. O calendário dizia março, isso significava primavera, quase equivalia a verão, então se tiraram logo os vestidos de musselina da mala, para que se pudesse exibi-los antes que chegasse o outono. E de fato sobreveio uma espécie de outono. O mês de abril trouxe consigo dias sombrios, de um frio úmido, cuja chuva incessante se transformou aos poucos em neve que caía turbilhonando. Os dedos enregelavam-se na *loggia*; os dois cobertores de lã de camelo voltaram a prestar serviços, e pouco faltou para que se recorresse novamente ao casaco de peles. A administração decidiu-se a reacender a calefação, e todos se queixavam de se ver esbulhados da primavera. Pelo fim do mês, tudo estava oculto sob uma espessa camada de neve; mas logo surgiu o vento föhn, previsto, pressagiado pelos pensionistas mais experientes e mais sensíveis. A sra. Stöhr, bem como a srta. Levi, a da pele de marfim, e também a viúva Hessenfeld foram unânimes em afirmar que já o tinham pressentido, antes que se mostrasse a menor nuvem por cima dos cumes da formação de granito, lá ao sul. Em seguida, a sra. Hessenfeld começou a demonstrar uma propensão para crises de choro, a Levi acamou, e a sra. Stöhr, exibindo obstinadamente a dentadura de lebre, exteriorizava de hora em hora o supersticioso receio de uma hemoptise, em vista da crença de que o föhn causava ou favorecia tais acidentes. Reinou um calor incrível. Apagaram a calefação. Durante a noite deixava-se aberta a porta da sacada, e, não obstante, o termômetro marcava pela manhã onze graus no interior do quarto. Derreteram-se quantidades

enormes de neve, ela foi assumindo uma cor de gelo, tornou-se porosa e esburacada. Os montões desfizeram-se, como se quisessem esconder-se debaixo do solo. Tudo ressumbrava, gotejava, marulhava; nos bosques se ouvia o ruído de pingos que caíam e de massas de neve que deslizavam dos galhos; as barreiras acumuladas ao longo dos trilhos, os pálidos tapetes a cobrirem os prados, sumiam-se, ainda que a neve fosse por demais abundante para desaparecer depressa. Surgiram fenômenos maravilhosos, surpresas primaveris durante os passeios obrigatórios pelo vale, espetáculos fabulosos, nunca vistos. Desfraldou-se um campo plano; o fundo era formado pelo cume cônico do Schwarzhorn, ainda envolto em neve, e à direita se erguia, bem próxima, a geleira de Scaletta, também coberta de neve profunda. A pradaria, com um monte de feno no meio, achava-se igualmente sob a neve, embora a camada já aparecesse mais fininha e mais rala, interrompida, aqui e ali, por elevações escuras de terra e perfurada em toda parte pela grama seca. Mas os andarilhos notaram a natureza irregular da camada de neve que revestia esse prado: ao longe, em direção às encostas arborizadas, era mais espessa; à sua frente, porém, diante dos seus olhos, o capim desbotado, ressequido pelo inverno, estava apenas salpicado, pintalgado, floreado de manchas brancas... Olharam-nas mais de perto; pasmados, inclinaram-se por cima delas e verificaram que não era neve, mas flores, flores de neve, neve de flores, pequenos cálices sobre curtas hastes, alvos ou de um azul esbranquiçado; eram crocos, deveras, que aos milhões haviam brotado do solo do campo encharcado, em tal quantidade que se podia mesmo tomá-los por neve, com a qual de fato se confundiam, pouco mais adiante.

Os passeantes riram-se do seu equívoco, exultaram de alegria diante desse milagre que se realizava à vista deles, dessa adaptação imitadora e graciosamente tímida, por meio da qual a vida orgânica se atrevia a ressurgir. Colheram

flores, contemplaram e examinaram as delicadas formas dos cálices, enfeitaram as lapelas, levaram um ramalhete para casa e colocaram-no num copo d'água, nos seus quartos. Pois a rigidez inorgânica do vale, embora como num passatempo, demorara muito a passar.

Mas a neve de flores logo se viu recoberta por neve autêntica, e as soldanelas azuis bem como as prímulas amarelas e vermelhas, que as substituíram, não tiveram melhor sorte. Como era difícil para a primavera abrir caminho e triunfar sobre o inverno! Dez vezes vira-se obrigada a recuar antes que se pudesse firmar nessas alturas — até a próxima irrupção do inverno, com o torvelinho branco, o vento glacial e a calefação acesa. Em princípios de maio (pois enquanto falávamos das flores de neve chegou o mês de maio), em princípios de maio ainda era verdadeira tortura escrever na sacada um simples cartão-postal destinado à planície, pois os dedos ressentiam-se da umidade própria de um novembro rigoroso. As cinco ou seis árvores frondosas que existiam na região estavam despidas como as da planície em janeiro. Houve chuva dias a fio; ela caiu a cântaros durante uma semana inteira, e sem as qualidades reconfortantes das espreguiçadeiras do tipo usado aqui em cima teria sido extremamente duro passar tantas horas de repouso ao ar livre, em meio ao vapor das nuvens, com o rosto molhado e enrijecido. Secretamente, porém, foi uma chuva de primavera, e mais e mais deu-se a conhecer como tal. Quase toda a neve fundiu-se sob o seu efeito, e se foi; já não se via mais o branco, só aqui e ali um cinzento gelado de aspecto sujo, e finalmente os campos começaram a reverdecer.

Que bênção para os olhos esse verde dos prados, após o branco sem fim! Havia, além disso, ainda um outro verde cuja delicadeza e suavidade graciosa ultrapassavam de longe as da grama fresca. Eram os feixes de agulhas novas dos lariços. Hans Castorp, nos seus passeios regulamentares, raramente deixava de acariciá-los com a mão ou de roçar a

face de encontro a eles; tão irresistível era o encanto da sua maciez e da sua frescura.

— Bem pode tornar-se botânico — disse o jovem a seu companheiro — e bem pode mesmo, de verdade, querer votar-se a essa ciência quem experimenta o despertar da natureza depois de um inverno conosco, aqui em cima! São gencianas, meu caro, o que você vê lá na encosta, e isto aqui é uma espécie de violeta amarela que eu não conhecia. Mas o que temos aqui são ranúnculos, do mesmo tipo que cresce lá embaixo. São duplos e pertencem à família das ranunculáceas. É uma planta especialmente bonita e tem corola ambígua, sabe? Veja como ela dispõe de uma porção de estames e de grande número de ovários, um androceu e um gineceu, se me lembro bem. Acho que acabarei comprando uma ou outra obra botânica, para me instruir um pouco melhor nesse campo da vida e da ciência. Como o mundo está ficando colorido!

— Em junho haverá mais cores ainda — disse Joachim. — A floração destes prados é célebre. Mas creio que não esperarei até lá… Este seu desejo de estudar botânica se deve à influência de Krokowski, não?

Krokowski? De onde ele tirara isso? Ah sim, era porque o dr. Krokowski, numa das suas últimas conferências, entrara na botânica. Estaria redondamente enganado quem supusesse que as transformações presentificadas pelo tempo pudessem levar o dr. Krokowski a desistir de suas conferências! Continuava a realizá-las a cada quinze dias, de sobrecasaca, embora não de sandálias, que só calçava durante o verão e portanto voltaria a calçar em breve. Ainda discorria uma segunda-feira sim, outra não, na sala de refeições, como naquele dia em que o novato Hans Castorp, manchado de sangue, chegara atrasado. Durante nove meses, o analista tratara do amor e da doença, nunca em demasia, mas em doses pequenas, palestras de meia hora a quarenta e cinco minutos; desdobrava ante seu público os tesouros da sua sabedoria e das suas ideias, e todos tinham

a impressão de que ele jamais se veria obrigado a parar com essas conferências e que isso continuaria interminavelmente. Era uma espécie de *As mil e uma noites* bimensal, prolongando-se à vontade, de preleção em preleção, e sumamente apropriada a satisfazer, à maneira dos contos de Sheerazade, a curiosidade de um príncipe e a dissuadi-lo de atos violentos. Na sua abundância ilimitada, o tema do dr. Krokowski fazia pensar na empresa em que colaborava Settembrini, a *Enciclopédia dos males*. Podia-se julgar a variabilidade do assunto pelo fato de que o conferencista recentemente até se ocupara da botânica, ou mais precisamente: de cogumelos… Por outro lado, parecia ter dado um novo rumo às suas palestras: falava de preferência do amor e da *morte*, o que dava ocasião a numerosas observações de cunho ora delicadamente poético, ora inexoravelmente científico. Nessa ordem de ideias, o sábio, com seu sotaque arrastado à maneira oriental e com seu “r” lingual carregado, chegara a tratar da botânica, isto é, dos cogumelos, essas criaturas da sombra, luxuriantes e fantásticas, oriundas da vida orgânica, de natureza carnal, e muito afins com o reino dos animais. Na sua estrutura entravam produtos do metabolismo animal, albumina e glicogênio. E o dr. Krokowski citara certo cogumelo famoso desde a Antiguidade clássica, devido à sua forma e às capacidades que se lhe atribuíam, um fungo cujo nome latino continha o epíteto *impudicus*, e cujo aspecto recordava o amor, ao passo que o odor relembrava a morte. Era evidentemente um cheiro cadavérico o que se desprendia do *impudicus*, quando destilava da sua cabeça campanular aquele muco viscoso e esverdeado que a recobria e que era o portador dos espórios. Entre os incautos esse cogumelo continuava sendo considerado afrodisíaco.

Ora, essa palestra não deixara de ser um tanto forte para as senhoras, conforme opinou o promotor Paravant, que, graças ao apoio moral da propaganda do conselheiro, perseverara firme no sanatório, apesar do degelo. E também

a sra. Stöhr, que igualmente demonstrava bastante força de caráter para não arredar pé e resistia à sedução de uma partida em falso, observou à mesa que o dr. Krokowski fora um pouco “obscuro” ao referir-se àquele cogumelo clássico. “Obscuro”, disse a desgraçada, conspurcando sua doença com esses lapsos inomináveis. O que Hans Castorp mais estranhou, no entanto, foi o fato de Joachim ter aludido ao dr. Krokowski e à sua botânica; porque em outras ocasiões nunca haviam falado do analista, como tampouco das pessoas de Clawdia Chauchat ou de Marúsia. Não o mencionavam: preferiam manter silêncio sobre sua existência e atividade. Desta vez, porém, Joachim se referira ao assistente num tom mal-humorado, assim como a observação de não querer aguardar a floração dos prados, aliás, também já revelara o mesmo mau humor. O bom Joachim parecia perder aos poucos o equilíbrio. Sua voz vibrava de irritação, e ele já não se mostrava tão brando e tão comedido como antes. Fazia-lhe falta o perfume de flor de laranjeira? Levavam-no ao desespero as peças que lhe pregava a escala de Gaffky? Sentia-se ele incapaz de resolver se era melhor esperar o outono ali em cima ou arriscar uma partida não autorizada?

Na realidade existia ainda outra coisa à qual se devia a vibração agastada da voz de Joachim, e que o fizera mencionar num tom quase sarcástico a conferência botânica de poucos dias antes. Dessa coisa Hans Castorp nada sabia, ou melhor: ele não sabia que Joachim bem sabia. Pois ele próprio, o espírito propenso a aventuras, o filho enfermiço da vida e da pedagogia, ele sabia, sim, e muito bem. Numa palavra, Joachim descobrira certas façanhas do primo, surpreendera-o, de inopino, numa traição semelhante àquela que Hans Castorp cometera na terça-feira de Carnaval. Tratava-se de uma nova deslealdade, agravada pela circunstância indubitável de ter chegado a ser um hábito.

O ritmo constante e monótono do curso do tempo, a

organização minuciosa e prefixada do dia normal, que era sempre o mesmo, idêntico a si próprio, repetindo-se a ponto de criar confusão, a eternidade parada que tornava difícil compreender por que tinha a faculdade de presentificar transformações — essa ordem inabalável do programa diário incluía, como todos se recordam, entre as três e meia e quatro horas da tarde, a ronda do dr. Krokowski por todos os quartos, ou seja, de sacada em sacada, de uma espreguiçadeira a outra. Quantas vezes já se repetira o dia normal do Berghof, desde aquele momento em que Hans Castorp, na sua posição horizontal, se melindrara ao perceber que o assistente dava uma volta em torno dele e não o levava em conta! Desde muito tempo o visitante de outrora convertera-se num "camarada" — era dessa palavra que o dr. Krokowski se servia quando se dirigia a ele durante a visita de praxe. E se, como Hans Castorp fizera notar a Joachim, essa palavra militar soava horrivelmente na boca do dr. Krokowski — pois o médico pronunciava seu "r" de modo exótico, mediante um só estalo da língua na região anterior do palato —, até certo ponto ela estava em harmonia com o jeito enérgico, alegre e jovial que nele parecia convidar à confiança alegre, mas que, em boa parte, era desmentido por sua palidez negra, e ao qual se agregava, a todo momento, algo de controverso.

— Pois então, camarada, como vão as coisas? — dizia o dr. Krokowski cada vez que, vindo do casal russo de bárbaros, se aproximava da cabeceira do assento de Hans Castorp. E sempre que ouvia essa alocução animada, o enfermo, com as mãos sobre o peito, esboçava o mesmo sorriso forçado e amável, contemplando os dentes amarelos do assistente, que apontavam em meio à barba preta. — Descansou bem? — costumava prosseguir o dr. Krokowski. — Sua curva desceu? Ah, subiu hoje? Não faz mal. Até casar isso se arranja. Meus cumprimentos! — E com essas palavras de som igualmente horroroso, devido ao "r" carregado, já continuava o seu caminho, passando para o compartimento

de Joachim. Afinal de contas, só se tratava de uma ronda destinada a verificar se tudo estava em ordem.

Às vezes, porém, o dr. Krokowski demorava-se um pouco mais ao lado de Hans Castorp. Então o homem espadaúdo, com o infalível sorriso másculo, conversava com o camarada sobre isso e aquilo. Falava do clima, de partidas e chegadas, da disposição do paciente, do seu bom ou mau humor, e também da sua situação pessoal, da sua origem e do seu futuro, antes de dizer "Meus cumpierimientos" e de prosseguir na ronda. E Hans Castorp, que, para variar, tinha as mãos entrelaçadas na nuca, respondia-lhe, igualmente sorrindo, a todas as perguntas — com uma sensação penetrante de repulsa, isso sim, mas, não obstante, respondia. Conversavam com a voz abafada, e se bem que a divisória de vidro separasse os compartimentos apenas incompletamente Joachim não podia escutar a conversa do outro lado e, de resto, não fazia a menor tentativa de escutá-la. Ouvia até como o primo se levantava da cadeira e entrava no quarto, acompanhado do dr. Krokowski, provavelmente para lhe mostrar a curva de temperaturas; e lá o colóquio ainda continuava por algum tempo, a julgar pelo atraso com que o assistente, vindo do corredor, entrava no aposento de Joachim.

De que falavam os camaradas? Joachim não perguntava, mas, se um dentre os leitores não lhe seguisse o exemplo e ventilasse a questão, iria notar, de forma generalizada, que existem muitos assuntos e muitas razões para o intercâmbio espiritual entre homens e camaradas, cujos conceitos fundamentais têm o cunho do idealismo, e dos quais um foi levado pelo seu caminho formativo a considerar a matéria o pecado original do espírito, ou uma perigosa excrescência dele, ao passo que o outro, o médico, se acostumou a ensinar o caráter secundário da enfermidade orgânica. Somos de opinião de que eles, como muitas outras coisas, não terão discutido nem trocado numerosas ideias com respeito à matéria como degeneração desonrosa do

imaterial, à vida como impudicícia da matéria, e à doença como forma depravada da vida! Talvez palestrassem, baseados no tema de conferências em curso, sobre o amor como fator patogênico, sobre a natureza metafísica dos indícios, sobre focos “antigos” e “recentes”, sobre venenos solúveis e filtros de amor, sobre a iluminação do inconsciente, a bênção da análise psíquica, a reversão dos sintomas… — mas que é que sabemos nós dos assuntos por eles tratados, uma vez que tudo isso não passa de conjetura e suposições feitas em resposta à hipotética pergunta sobre qual o teor do que falavam o dr. Krokowski e o jovem Hans Castorp!

Agora, a propósito, já não conversavam mais, as palestras pertenciam ao passado, tinham se estendido por poucas semanas apenas; em tempo recente, o dr. Krokowski não se demorava com esse doente mais do que com qualquer outro. “Pois então, camarada?” e “Meus cumpierimientos!” — suas visitas haviam voltado a limitar-se a isso, na maioria das vezes. Em compensação, porém, Joachim fizera outra descoberta, justamente a que ele julgava uma traição da parte de Hans Castorp. Fizera-a totalmente sem querer, sem se ter dado ao trabalho de espionar o primo, o que se afastaria da sua retidão militar. Sucedeu simplesmente, numa quarta-feira, que lhe interromperam o repouso e o chamaram no subsolo, para que o massagista o pesasse. Foi então que recebeu a surpresa. Descia pela escada, a escada limpinha, coberta de linóleo, donde se abria a vista sobre a porta da sala de consultas, a cujos lados havia os dois gabinetes de “radioscopia”, à direita o do organismo, e à esquerda, dobrando o corredor, o da alma, sito um degrau mais abaixo, com o cartão do dr. Krokowski pregado à porta. A meia altura da escada, Joachim estacou, pois Hans Castorp, que vinha da injeção, acabava de sair da sala de consultas. Com ambas as mãos fechou a porta que atravessara depressa e, sem olhar em torno de si, voltou-se para a direita, rumo à outra, na qual o cartão se achava

fixado por meio de percevejos. Alcançou-a com poucos passos silenciosos e cadenciados. Bateu nela, inclinando-se e avizinhando o ouvido do dedo que batia. E quando ressoou do calabouço o barítono do dono do gabinete, dizendo "Entre!", com um estalo exótico do "r" e com um som desfigurado das vogais, Joachim viu como o primo desaparecia na penumbra da caverna analítica do dr. Krokowski.

Dias longos, os mais longos, objetivamente falando, com referência ao número das suas horas de sol; pois a extensão astronômica era incapaz de influir sobre a pouca duração, do dia avulso tanto como dos dias em geral, na sua fuga monótona. O equinócio da primavera já se passara havia três meses. Chegara o solstício de verão. Mas o ano natural ali em cima seguia o calendário com certa relutância. Somente nesses dias a primavera começara a impor-se definitivamente, uma primavera ainda livre de todo o peso do verão, aromática, transparente e leve, com um azul de esplendor argênteo e com uma abundância infantil de cores na floração dos prados.

Nas encostas, Hans Castorp encontrava as mesmas flores das quais Joachim, na sua amabilidade, lhe pusera no quarto alguns exemplares, então os últimos, para lhe dar boas-vindas: aquilégias e campânulas. Isso significava que o ciclo do ano estava a ponto de se fechar sobre si. Mas quantas variedades da vida orgânica não tinham brotado do solo, por entre a nova esmeraldina das vertentes e das pradarias: estrelas, cálices, campanas e outras formas menos regulares, enchendo com o seu perfume seco o ar abrasado pelo sol! Assomavam lícnides alpinas e amores-perfeitos bravos em enormes quantidades, bem-me-queres, margaridas, prímulas amarelas e vermelhas — tudo muito maior e mais lindo do que Hans Castorp o conhecia da planície, se é que lá prestara atenção à flora. Também se viam soldanelas, balouçando as campanazinhas providas de pestanas, soldanelas azuis, purpúreas e rosadas, especialidade da região.

Ele ia colhendo essas flores graciosas, levava ramalhetes ao sanatório, e isso numa intenção muito séria; não o fazia apenas para adornar o quarto, senão para se dedicar, como se propusera, a estudos rigorosamente científicos. Adquirira

alguns apetrechos florísticos, um manual da Botânica Geral, uma pazinha de tamanho adequado para desenterrar as plantas, um herbário e uma lupa forte. Com isso se punha a trabalhar na sacada, já em trajes de verão, numa das fatiotas que levara consigo, quando da sua chegada, o que também evidenciava que o ano em breve completaria o giro.

Havia flores frescas em diversos jarros sobre tudo que era mesa no interior do quarto, bem como na mesinha com a lâmpada, que se achava ao lado da excelente espreguiçadeira. Flores meio murchas, já um tanto débeis, mas ainda cheias de seiva, encontravam-se espalhadas pelo parapeito e pelo chão da sacada, enquanto outras, cuidadosamente desdobradas, iam sendo comprimidas por grandes pedras colocadas sobre duas folhas de mata-borrão, que lhes absorviam a umidade, para que Hans Castorp pudesse classificar os preparados ressequidos e achatados no seu álbum, onde os fixava com tiras de papel gomado. O jovem estava deitado, com os joelhos erguidos, uma perna sobre a outra, enquanto o manual aberto lhe repousava sobre o peito, com o dorso para cima, formando uma espécie de cumeeira. Mantinha o vidro espesso e polido da lupa entre os ingênuos olhos azuis e uma flor, cuja corola removera parcialmente com o canivete, a fim de poder melhor examinar o tálamo. Grandemente aumentado pela lente, o objeto parecia intumescer, assumindo extravagantes formas carnosas. Ali estavam as anteras a derramar da extremidade dos filamentos o pólen amarelo! Sobre o ovário eriçava-se o estilete canelado, e por meio de um corte longitudinal era possível ver o canalzinho por onde os grãos e os utrículos do pólen, boiando numa secreção açucarada, eram arrastados até a cavidade do gineceu. Hans Castorp contava, conferia e comparava; fazia estudos a respeito da estrutura e da posição das pétalas do cálice e da corola, tanto dos órgãos masculinos como dos femininos; confrontava aquilo que via com gravuras científicas e esquemáticas; verificava com satisfação a exatidão

científica na estrutura das plantas que conhecia; passava, então, a determinar, com a ajuda de Lineu, aquelas cujos nomes ignorava, quanto à seção, ao grupo, à ordem, à série, à família e à espécie. Como dispusesse de muito tempo, conseguiu realizar alguns progressos na sistemática botânica, à base da morfologia comparativa. Abaixo da planta seca colocada na página do herbário, escrevia numa bela caligrafia o nome latino que a ciência humanística galantemente lhe outorgara; a seguir acrescentava as peculiaridades características. Por fim mostrou tudo ao honrado Joachim, que ficou surpreendido.

De noite, Hans Castorp contemplava os astros. Apossara-se dele o interesse pelo transcurso do ano, posto que já tivesse assistido na Terra a mais de vinte voltas em torno do sol, sem nunca se importar com essas coisas. Se nós mesmos, involuntariamente, servimo-nos de termos como “equinócio da primavera”, fizemo-lo em conformidade com a maneira de pensar do nosso herói, levando em conta as suas ocupações presentes. Pois, dessa espécie eram os termos que nos últimos tempos ele gostava de empregar, novamente pasmando o primo pelos seus conhecimentos especializados.

— Agora o sol se acha a ponto de entrar no signo de Câncer — disse, por exemplo, durante um passeio. — Você sabia disso? É o primeiro signo de verão do zodíaco; compreende? Depois, o sol passará por Leão e por Virgem, em direção ao ponto do outono, um dos pontos equinociais, aonde chegará em fins de setembro, quando a sua posição voltará a coincidir com o equador do céu, como ocorreu recentemente em março, com a entrada do sol no signo de Áries.

— Isso me escapou — respondeu Joachim, um tanto carrancudo. — Que sabedoria é essa? Signo de Áries? Zodíaco?

— Sim senhor, o zodíaco, o círculo dos signos. As velhíssimas constelações: Escorpião, Sagitário, Capricórnio

etc. Não é possível não se interessar por isso. Há doze signos, como até você deve saber. Três para cada estação, os ascendentes e os descendentes, a órbita das constelações que o sol perfaz. Acho isso grandioso! Imagine que os encontraram pintados no teto de um templo egípcio; era até um templo de Afrodite, nas proximidades de Tebas. Os caldeus também os conheciam; os caldeus, sabe? Aquele velho povo de magos, de origem árabe e semítica, sumamente versado em astrologia e em profecias. Também eles já estudaram o cinturão celeste, por onde se movimentam os planetas, e subdividiram-no nesses doze signos, os dodecatemoria, tais como foram transmitidos. É notável! Isso é a humanidade!

— Agora você já diz "humanidade", como Settembrini.

— Sim, como ele, ou talvez de modo um pouco diferente. A gente deve aceitá-la assim como ela é, e de qualquer maneira se trata de uma coisa impressionante. Penso nos caldeus com grande simpatia, quando fico deitado, olhando os planetas que eles também já conheciam. Verdade é que não conheciam todos. Urano foi descoberto só recentemente, por meio de telescópio, faz cento e vinte anos.

— Recentemente?

— Pois sim, é o que chamo "recentemente", em comparação com os três mil anos decorridos desde a época deles. Mas quando estou na minha cadeira, contemplando os planetas, esses três mil anos, por sua vez, transformam-se em "recentemente", e eu me recordo intimamente dos caldeus, que também os viram e pensaram à sua maneira a respeito deles. E isso é a humanidade.

— Muito bem. Você está revolvendo ideias grandiosas no seu cérebro.

— Você diz "grandiosas" e eu as chamo "íntimas". Depende do ponto de vista... Mas, quando o sol entrar no signo da Libra, daqui a três meses, aproximadamente, os dias voltarão a ser mais curtos, de forma que o dia e a noite serão

iguais. E mais tarde continuarão diminuindo, até a época do Natal, como você sabe. Mas não se esqueça de que os dias aumentarão novamente, enquanto o sol passar pelos signos de inverno, o Capricórnio, o Aquário, Peixes, pois o ponto da primavera torna então a aproximar-se, como já o fez três mil vezes desde os tempos dos caldeus, e os dias prosseguirão aumentando, até daqui um ano, quando chegar de novo o princípio do verão.

— Claro!

— Nada de claro! Em realidade, isso não passa de uma ilusão. Durante o inverno, aumentam os dias, e quando chega o mais longo, em 21 de junho, com o início do verão, já começa a descida, voltam a diminuir, enquanto nos encaminhamos para o inverno. Isso lhe pareceu “claro”, mas quem faz abstração dessa tal “clareza” passa por momentos de angústia e pavor, e sente necessidade de agarrar-se em qualquer coisa firme. É como se algum espírito brincalhão tivesse disposto o mundo de tal forma que ao princípio do inverno começasse em realidade a primavera, e ao início do verão, o outono... Você tem a impressão de que lhe pregam uma peça, de que o fazem andar à roda, mostrando-lhe a perspectiva de um ponto onde se dará meia-volta. Falar em voltas quando se anda num círculo! Ora, o círculo consta de um sem-número de pontos em que se muda de direção. As voltas não podem ser medidas. Não há rumo que persista, e a eternidade não é uma linha reta, mas um carrossel.

— Pare com isso!

— Festejos de solstício! — exclamou Hans Castorp. — Solstício de verão! Fogueiras acesas nas montanhas e cirandas dançadas de mãos dadas ao redor das labaredas erguidas! Nunca vi isso, mas ouvi dizer que é assim que fazem os homens primitivos, quando celebram a primeira noite de verão, com a qual se inicia o outono, essa hora meridiana e esse ponto culminante do ano, donde, então, parte a descida. Dançam, giram e exultam. De que exultam, na sua primitividade? Você é capaz de compreendê-los? Por

que sentem essa alegria desenfreada? Será porque o caminho começa a descer, em direção às trevas, ou talvez porque subiram até esse momento e agora se acham em cima, no ponto da inflexão inevitável, que é a noite da plenitude do verão, o apogeu, mesclado de depressão e altivez? Chamo as coisas pelo seu nome, com as palavras que me ocorrem. É uma presunção melancólica ou uma melancolia presumida, o que faz os homens primitivos exultarem e dançarem em torno das chamas. Agem assim por puro desespero, se você me permite essa expressão, em homenagem ao círculo falaz e à eternidade sem rumo duradouro, na qual tudo se repete.

— Não permito nada — resmungou Joachim. — Por favor, não me meta nessa história! São assuntos meio estrambólicos esses com que você se ocupa de noite, durante o repouso.

— Pois é. Não quero negar que você emprega o seu tempo de um modo mais vantajoso, quando estuda a sua gramática russa. Em breve dominará perfeitamente esse idioma. Olhe, rapaz, isso será muito útil para você, se um dia houver uma guerra, o que queira Deus não aconteça!

— Queira Deus não aconteça? Você fala como um paisano. A guerra é necessária. Sem guerras, o mundo apodreceria dentro de pouco tempo, como disse Moltke.

— Bem, parece que o mundo tem mesmo uma tendência para isso — replicou Hans Castorp. Estava a ponto de falar novamente nos caldeus, que também haviam feito guerras e conquistado a Babilônia, se bem que fossem semitas e quase judeus. Mas, nesse momento, os primos repararam em dois senhores que, caminhando à sua frente, tinham sido interrompidos na sua conversa pelo som da voz de Hans Castorp e se voltavam para olhá-los.

Isso se passou na rua principal, entre o Cassino e o Hotel Belvedere, durante o caminho de regresso ao “vilarejo”. O vale estendia-se enganalado, num vestido de cores suaves, claras e alegres. O ar era delicioso. Uma sinfonia de

prazenteiros aromas de flores campestres enchia a atmosfera pura, seca, impregnada de um sol luzidio.

Reconheceram Lodovico Settembrini, ao lado de um desconhecido. Parecia, porém, que o italiano, por sua vez, não os avistara ou não desejava encontrar-se com eles, pois desviou rapidamente o olhar e, gesticulando, absorveu-se na palestra com o companheiro; até se esforçou por avançar mais depressa. Mas, quando os primos, passando à direita dele, saudaram-no com uma mesura humorística, fingiu surpresa enorme e extremamente agradável, exclamando “Sapristi!” e “Com os diabos, que sorte!”. No entanto, procurou dessa vez retardar o passo, para que os primos pudessem passar e distanciar-se, o que eles não compreenderam, ou melhor: não notaram, porque não viram nenhuma razão para isso. Sinceramente satisfeitos pelo encontro depois de uma longa separação, detiveram-se ao seu lado e apertaram-lhe a mão, informando-se sobre o seu estado de saúde e olhando, numa expectativa cortês, para o companheiro dele. Assim o forçaram a fazer o que, evidentemente, preferia evitar, mas o que se afigurava aos jovens a coisa mais natural e mais indicada do mundo, isto é, apresentá-los ao estranho. Fê-lo, finalmente, com uns gestos amáveis e com palavras joviais, quando o grupo já estava a ponto de se pôr em movimento, de maneira que os apertos de mão cruzaram-se diante do seu peito.

O desconhecido, que tinha aproximadamente a idade de Settembrini, era, como ficaram sabendo, o vizinho dele, o outro sublocatário de Lukac ˇ ek, o alfaiate de trajes femininos. Segundo entenderam, chamava-se Naphta. Era um homem pequeno, magro, escanhoado, e de uma fealdade tão chocante que quase merecia ser qualificada de corrosiva; causou espanto aos primos. Tudo nele parecia cortante: o nariz adunco que dominava o rosto, a boca de lábios finos e comprimidos, as grossas lentes dos óculos de aros leves, atrás dos quais apontavam os olhos de um cinzento claro, até mesmo o silêncio que o homem

guardava, e que fazia supor que também a sua maneira de falar seria incisiva e lógica. Não levava chapéu, como era costume ali, e andava sem sobretudo; suas roupas eram, aliás, muito bem-feitas: um terno de flanela azul-escura com listras brancas, de corte elegante, não exageradamente moderno, como verificaram os relances críticos e mundanos dos primos, que se encontraram com um olhar do pequeno sr. Naphta, igualmente examinador, mas mais rápido e mais penetrante, que lhes deslizou pelos corpos. Não soubesse Lodovico Settembrini usar com tanta graça e dignidade o paletó hirsuto e as calças de xadrez, sua pessoa teria destoado desfavoravelmente da aparência distinta dos seus companheiros. Tal não se dava, porém, de maneira alguma, porque as calças tinham sido passadas havia pouco, de modo que à primeira vista pareciam quase novas — obra de seu senhorio, como supuseram os primos. Se o feioso Naphta, pela qualidade e pela elegância mundana das suas roupas, achava-se mais próximo dos primos que de seu vizinho, punham-no numa linha com este e distanciavam-no dos jovens não somente a sua idade mais avançada como também outra coisa que facilmente se deduzia da tez dos quatro homens: a dos primos era avermelhada, respectivamente trigueira pelo efeito do sol, ao passo que a de Settembrini e de Naphta era pálida. No decorrer do inverno, o bronze do rosto de Joachim assumira um matiz ainda mais escuro, e o semblante de Hans Castorp luzia, rosado, sob a cabeleira loura. A ação dos raios, entretanto, não exercera efeito algum sobre a palidez latina do sr. Settembrini, que formava um conjunto nobre com o bigode negro. E a pele do seu companheiro, embora de cabelos louros — eram de um louro cinzento, metálico e desbotado, e ele os usava penteados para trás, alisados, desnudando a testa fugidia —, mostrava igualmente o tom baço e esbranquiçado das raças morenas. Dois dos quatro levavam bengala: Hans Castorp e Settembrini; Joachim não a apreciava, por razões militares, e Naphta, depois de

apresentado, voltara imediatamente a juntar as mãos atrás das costas. Eram mãos pequenas e delicadas, tais quais os pés, em harmonia com a sua estrutura. O fato de ele estar constipado e o modo débil, ineficaz, como tossia não causavam espécie.

Aquele ligeiro quê de perplexidade ou de agastamento que Settembrini mostrara ao ver os jovens foi vencido por ele com grande elegância. O italiano exibiu um humor radiante e acompanhou a apresentação de toda sorte de chistes. Designou, por exemplo, o sr. Naphta como "*princeps scholasticorum*". Afirmou que a alegria "campeava fulgurante na sala do seu peito", como dizia Aretino; e isso era devido à primavera, a primavera que lhe enchia o coração. Os senhores bem saberiam — continuou — que ele tinha muita coisa que objetar ao mundo daqui de cima e que já desabafara muitas vezes sobre isso. Mas, glória a essa primavera alpina, que pelo menos passageiramente o reconciliava com todos os horrores desta esfera. Nela faltava tudo de perturbador e de excitante que havia na primavera da planície. Nada de efervescência nas profundidades! Nada de brumas carregadas de eletricidade! Só clareza, secura, aprazimento e graça austera. Isso harmonizava com seu gosto, era superbe.

Os quatro andavam numa fila irregular, lado a lado, onde o caminho o permitia; mas, quando se encontravam com outros transeuntes, Settembrini, que formava a ala direita, tinha de descer da calçada, e às vezes se interrompia por um instante o alinhamento, porque um ou outro dentre eles ficava atrás ou dava um passo para o lado — ora Hans Castorp, que caminhava entre o humanista e Joachim, ora Naphta, na extremidade esquerda. Naphta soltou uma breve risada, com voz sobre a qual o resfriado exercia um efeito de surdina, e que ao falar recordava o som de um prato rachado em que se bate com o nó do dedo. Apontando com a cabeça para o italiano, disse com um sotaque arrastado:

— Ouçam só o voltairiano, o racionalista. Elogia a natureza,

porque mesmo nas condições mais fecundas ela não nos perturba com brumas místicas, mas conserva uma secura clássica. Como se diz unidade em latim?

— O humor — exclamou Settembrini por cima do ombro esquerdo —, o humor, na concepção que nosso Professor tem da natureza, consiste no seguinte: à maneira da Santa Catarina de Siena, ele pensa nas chagas de Cristo ao ver prímulas vermelhas.

Naphta retrucou:

— Isso seria antes sutil que humorístico. Mas assim pelo menos se confere espírito à natureza, e ela carece dele.

— A natureza — tornou Settembrini, em voz abafada, já não falando por cima do ombro, senão em direção ao chão — não necessita nem um pouco do espírito que o senhor lhe quer dar. Ela própria é espírito.

— O senhor não se aborrece com o seu monismo?

— Ah, então o senhor confessa que é por amor à distração que divide o mundo em dois campos adversários e separa Deus e a natureza?

— Acho interessante que o senhor fale de amor à distração para designar aquilo que tenho em mente, quando digo "paixão" e "espírito".

— E imaginar que o senhor, que usa palavras tão retumbantes para necessidades tão frívolas, às vezes me censura a retórica!

— O senhor insiste em afirmar que espírito significa frivolidade. Mas ele não tem culpa de ser dualista por natureza. O dualismo, a antítese, eis aí o princípio motor, passional, dialético e espirituoso. Ver o mundo dividido em dois campos adversários: isso é espírito. Todo monismo é fastidioso. *Solet Aristoteles quaerere pugnam*.[2]

— Aristóteles? Aristóteles transferiu a realidade das ideias gerais para dentro dos indivíduos. Isso é panteísmo.

— Errado. Se o senhor concede caráter substancial aos indivíduos, se procura distanciar do geral a essência das coisas e dar a ela um lugar no fenômeno individual, como

fizeram Tomás e Boaventura, bons aristotélicos que eram, então dissolve toda união entre o mundo e a ideia suprema, e com isso o mundo fica fora do divino, e Deus é transcendente. Isso, meu senhor, é Idade Média clássica.

— Idade Média clássica! Acho deliciosa essa combinação de palavras.

— O senhor me desculpe, mas admito o conceito do clássico onde ele cabe, quer dizer: cada vez que uma ideia alcança seu ponto culminante. A Antiguidade nem sempre foi clássica. Verifico no senhor uma antipatia contra... o movimento livre das categorias, contra o absoluto. Também não quer o espírito absoluto. O que quer é que o espírito seja sinônimo de progresso democrático.

— Espero que estejamos de acordo quanto à convicção de que o espírito, por mais absoluto que seja, nunca deve tornar-se advogado da reação.

— Ele sempre é, porém, advogado da liberdade.

— Por que disse "porém"? A liberdade é a lei do amor humano, e não o niilismo e a maldade.

— Que evidentemente lhe causam medo.

Settembrini levou a mão até acima da cabeça. A discussão ficou em suspenso. Os olhos de Joachim passaram, perplexos, de um para outro interlocutor, ao passo que Hans Castorp, com as sobrancelhas alçadas, cravava o olhar no chão. Naphta falara de um modo cortante e apodítico, se bem que fosse ele quem se empenhara em prol da liberdade mais ampla. A sua maneira de contradizer, com os lábios crispados, e de comprimir imediatamente depois a boca, era sobremodo desagradável. Settembrini ora lhe resistira com respostas joviais, ora pronunciara as suas réplicas com um belo fervor, por exemplo quando exigira a unidade de certas concepções básicas. Agora, enquanto Naphta permanecia calado, o italiano começou a dar aos primos explicações a respeito da existência desse desconhecido, compreendendo a necessidade de esclarecimentos que lhes cabia, depois de toda aquela disputa com Naphta. Este o deixou falar sem dar

importância ao assunto. O sr. Naphta — explicou Settembrini, realçando, à maneira italiana, com a maior ênfase, a situação da pessoa por ele apresentada — era professor de línguas antigas nos últimos anos dos cursos de Fridericianum. Fazia cinco anos que seu estado de saúde o obrigara a morar ali e a convencer-se de que necessitava de uma permanência muito prolongada. Por isso abandonara o sanatório e estabelecera-se numa residência particular, justamente na casa de Lukaček, o alfaiate de senhoras. Aqui no vilarejo, a instituição de ensino com o nível mais avançado fora inteligente o bastante para assegurar para si a colaboração do exímio latinista, ex-aluno de um seminário, dizia Settembrini, expressando-se de maneira um tanto vaga. E o sr. Naphta conferia grande brilho a esse estabelecimento... Numa palavra, o humanista elogiava muito o feioso Naphta, não obstante este houvesse acabado de travar com ele uma espécie de contenda abstrata e a discussão rixenta estivesse a ponto de reiniciar-se.

Pois neste momento Settembrini passava a dar ao sr. Naphta explicações acerca dos primos, ficando claro que já antes lhe falara a respeito deles. Aquele era, pois, o jovem engenheiro “das três semanas”, no qual o conselheiro Behrens encontrara um lugar úmido, disse ele, e ali se achava a esperança da organização do exército prussiano, o tenente Ziemssen. Falou então da impaciência de Joachim e dos seus projetos de partida, acrescentando que por certo faria mal juízo do engenheiro quem não lhe atribuísse o mesmo desejo ardente de voltar ao trabalho.

Naphta fez uma careta e disse:

— Os senhores têm um patrono eloquente. Longe de mim pôr em dúvida a fidelidade da interpretação que ele acaba de dar aos seus pensamentos e desejos. Trabalho, sempre o trabalho! Esperem um pouco, e ele logo começará a me tratar de inimigo da humanidade, de *inimicus humanae naturae*, se eu me atrever a evocar tempos em que essa sua clarinada não produzia o efeito hoje costumeiro. Houve

épocas em que o oposto do seu ideal era infinitamente mais estimado. Bernardo de Clairvaux, por exemplo, ensinava uma hierarquia da perfeição, bem diferente daquela com que sonha o sr. Lodovico. Querem conhecê-la? A categoria mais baixa achava-se no “moinho”; a segunda, no “campo”, e a terceira, a mais louvável… tape os ouvidos, Settembrini!… no “leito de repouso”. O moinho é o símbolo da vida terrena, e me parece bem escolhido como tal. O campo designa a alma do homem leigo, que é amanhada pelo sacerdote e pelo diretor espiritual. Essa categoria já é mais digna. No leito, porém…

— Basta! Já sabemos disso! — gritou Settembrini. — Meus senhores, agora ele vai lhes explicar as finalidades e o uso da cama.

— Eu ignorava que o senhor fosse tão recatado, Lodovico. Quem vê como pisca o olho às raparigas… Onde fica a desinibição pagã? A cama é o lugar da coabitação do amante com a amada, e como símbolo significa o isolamento contemplativo do mundo e da criatura, para efeitos da coabitação com Deus.

— Arre! Andate, andate! — exclamou o italiano, quase chorando. Todos se riram. Mas Settembrini acrescentou com gravidade:

— Ah, não, senhor! Sou europeu: ocidental. A sua hierarquia é o puro Oriente. O Leste abomina toda espécie de atividade. Lao-Tsé ensina que o ócio é mais proveitoso que qualquer outra coisa entre o céu e a terra. Se todos os homens cessassem de agir, haveria na terra a mais perfeita calma e felicidade. É dessa coabitação que o senhor fala.

— Não diga! E a mística ocidental? E o quietismo que conta com Fénelon entre os seus adeptos e ensina que toda ação representa um erro, já que a veleidade de ser ativo ofende a Deus, o único que deve agir? Cito as *Proposições de Molinos*. Tenho a impressão de que a possibilidade espiritual de encontrar a salvação no repouso se acha universalmente difundida entre os homens.

Nesse ponto, Hans Castorp interveio. Com a coragem que confere a singeleza, intrometeu-se na discussão, dizendo, enquanto seus olhos fitavam o vazio:

— Contemplação, isolamento. Essas coisas têm o seu valor. Tudo isso soa razoável. Nós, aqui em cima, vivemos num isolamento bastante intenso, indiscutivelmente. A cinco mil pés de altura, achamo-nos deitados nas nossas espreguiçadeiras tão cômodas; os nossos olhares abaixam-se sobre o mundo e as criaturas, e então nos ocorre toda espécie de ideias. Para dizer a verdade, e pensando bem, a cama, ou melhor, a espreguiçadeira me fez progredir muito nos últimos dez meses e me proporcionou mais ideias do que o moinho, na planície, no curso de todos os anos passados. Isso não se pode negar.

Settembrini encarou-o com os olhos negros onde assomava um brilho melancólico.

— Engenheiro! — disse em voz opressa. — Engenheiro! — E pegando Hans Castorp pelo braço reteve-o um momento, como se quisesse falar com ele em particular, nas costas dos outros.

— Quantas vezes não lhe disse que uma pessoa deve saber quem é e pensar do modo como lhe convém. Não obstante todas as *Proposições*, cabem ao homem ocidental a razão, a análise, a ação e o progresso, não a cama onde se espreguiça o monge.

Naphta, que ouvira as palavras do italiano, disse, voltando-se para trás:

— Onde o monge se espreguiça! Aos monges deve-se a cultura do solo europeu. Graças a eles a Alemanha, a França e a Itália deixaram de estar cobertas de mato virgem e de pântanos e nos fornecem trigo, frutas e vinho. Os monges, meu caro senhor, trabalharam, e trabalharam bastante…

— Ebbè, pois então!

— Perdão! O trabalho do religioso não tinha a sua finalidade em si, quer dizer, não era narcótico algum, tampouco se empenhava em fazer progredir o mundo ou em

obter vantagens comerciais. Era um exercício puramente ascético, uma parte de disciplina expiatória, um meio para conseguir a salvação. Proporcionava uma proteção contra a carne e servia para exterminar a sensualidade. Seu caráter, permita que eu saliente isso, não era de modo algum social. Era o mais imaculado egoísmo religioso.

— Fico-lhe muito grato pelos esclarecimentos que me deu e folgo em ver que a bênção do trabalho se impõe até contra a vontade do homem.

— Sim, senhor, contra a intenção dele. Nesse ponto, descobrimos nada menos do que a diferença entre o útil e o humano.

— Descubro antes de tudo, e com indignação, que o senhor volta a dividir o mundo em dois princípios.

— Lastimo ter incorrido no seu desagrado, mas é preciso separar e classificar as coisas e manter a ideia do *Homo Dei* livre de elementos impuros. Os bancos e o ofício dos cambistas são uma invenção de vocês, italianos; que Deus os perdoe! Mas os ingleses inventaram a sociologia econômica, e isso o gênio do homem nunca lhes poderá perdoar.

— Ora, o gênio da humanidade inspirou também os grandes economistas daquelas ilhas… O senhor queria dizer alguma coisa, Engenheiro?

Hans Castorp afirmou que não, mas pôs-se a falar, sem embargo, e tanto Naphta como Settembrini escutaram-no com certa curiosidade.

— Acho, sr. Naphta, que o senhor deve simpatizar com a profissão do meu primo e aprovar a pressa que ele tem de exercê-la novamente… Quanto a mim, sou paisano cem por cento, e meu primo sempre me censura por isso. Nem sequer fiz o serviço militar e sou inteiramente adepto da paz. De vez em quando tenho chegado a pensar que bem poderia tornar-me sacerdote. Pergunte a meu primo se não lhe falei às vezes nesse sentido. Mas, abstraindo das minhas inclinações pessoais, e talvez nem seja precisamente

necessário abstrair delas por completo, tenho muita compreensão e simpatia pela classe militar. Esse ofício tem de fato um lado barbaramente sério, um lado “ascético”, com a sua licença, dado que o senhor empregou esse termo há poucos instantes, e o soldado deve estar sempre preparado para entrar em contato com a morte… com a qual, em última análise, também o sacerdócio tem que lidar; de que mais se ocupariam senão disso? Daí provêm a bienséance[3] da classe militar, e a hierarquia, a obediência, e o pundonor espanhol, se me permitem essa expressão. Nesse caso é indiferente se alguém usa o colarinho engomado da farda ou uma golilha. Isso vem a dar no mesmo, no “ascetismo”, como o senhor o definiu com tanta precisão… Não sei se consegui formular as ideias que…

— Como não — confirmou Naphta, lançando um olhar em direção a Settembrini, que fazia girar a bengala e contemplava o céu.

— E por isso penso eu — continuou Hans Castorp — que as inclinações de meu primo Ziemssen deveriam ser simpáticas ao senhor, segundo tudo quanto acaba de dizer. Não me refiro “ao trono e ao altar” e a outros binômios desse gênero, por meio dos quais certa gente, pessoas exclusivamente ordeiras, bem-intencionadas e nada mais, costuma justificar a afinidade desses princípios. Mas quero dizer que o trabalho da classe militar, isto é, o serviço (serviço é o termo adequado nesse caso) é realizado sem nenhum interesse em vantagens comerciais e não tem nenhuma relação com a “sociologia econômica”, da qual o senhor falou. Por isso, os ingleses têm muito poucos soldados, alguns para a Índia, alguns em casa, para os desfiles…

— Não adianta continuar, Engenheiro — interrompeu-o Settembrini. — A existência militar, e digo isso sem a mínima intenção de contrariar nosso amigo, o tenente, é insustentável do ponto de vista espiritual, por ser meramente formal, sem conteúdo próprio. O protótipo do soldado é o lansquenete, o mercenário que se alista tanto

por essa como por aquela causa. Numa palavra, houve os soldados da Contrarreforma espanhola, os soldados dos exércitos da Grande Revolução, os napoleônicos, os garibaldinos, os prussianos. Vamos falar novamente no soldado, quando eu souber *por que causa* ele se bate.

— Mas o fato de que ele se bate — replicou Naphta — permanece uma peculiaridade evidente da sua classe. Nisso temos que concordar. É possível que ela não seja suficiente para tornar essa classe "sustentável do ponto de vista espiritual", no sentido que o senhor dá a essas palavras, mas coloca-a numa esfera que escapa por completo à concepção positiva que o burguês tem da vida.

— Aquilo que o senhor acha por bem qualificar de "concepção positiva do burguês" — retrucou o sr. Settembrini, da borda dos lábios, entesando as comissuras da boca sob o bigode ondulante, enquanto o pescoço fazia um estranho movimento de parafuso, como para escapar oblíqua e bruscamente do colarinho — estará sempre à disposição quando se trata de defender de todas as formas possíveis as ideias da razão e da moral e a sua influência legítima sobre as almas jovens e vacilantes.

Fez-se silêncio. Os jovens olhavam diante de si, perplexos. Depois de ter dado alguns passos, Settembrini, cuja cabeça e pescoço tinham voltado à posição normal, disse:

— Não se admirem. Esse senhor e eu temos discussões frequentes, mas tudo se passa amigavelmente e sobre o fundamento de muitas ideias comuns.

Fazia bem ouvir isso. Era um modo de falar cavalheiresco e humano, da parte do sr. Settembrini. Mas Joachim, igualmente cheio de boas intenções e empenhado em dar à conversa um cunho inofensivo, disse como que coagido por alguma coisa mais forte que sua vontade:

— Falávamos casualmente da guerra, meu primo e eu, enquanto íamos atrás dos senhores.

— Foi o que ouvi — respondeu Naphta. — Apanhei essa palavra e me voltei. Estavam tratando de política?

Examinavam a situação mundial?

— Qual nada! — riu-se Hans Castorp. — Como chegaríamos a fazer isso? A profissão de meu primo impede-o de se preocupar com a política, e eu renuncio espontaneamente a discuti-la, porque nada entendo dela. Desde que estou aqui não abri um único jornal…

Settembrini, como já fizera em outra ocasião, achou censurável essa indiferença. Demonstrou imediatamente estar a par dos acontecimentos importantes, que julgou com otimismo, uma vez que as coisas estavam tomando um rumo favorável para a civilização. A atmosfera geral da Europa estava cheia de pensamentos pacíficos e planos de desarmamento. A ideia democrática achava-se em marcha. O italiano assegurou ter recebido informações confidenciais, segundo as quais os Jovens Turcos acabavam de ultimar os preparativos para uma empresa revolucionária. A Turquia como Estado nacional e constitucional — que triunfo do espírito humano!

— A liberalização do Islã! — escarneceu Naphta. — Essa é boa! O fanatismo esclarecido: ótimo! A propósito, esse assunto interessa ao senhor — acrescentou, dirigindo-se a Joachim. — Se Abdul Hamid cair, terminará a influência alemã na Turquia, e a Inglaterra vai arvorar-se em protetora… Convém que os senhores tomem muito a sério as relações e as informações do nosso Settembrini — prosseguiu, e também isso soava um tanto impertinente, uma vez que ele próprio parecia julgá-los inclinados a não prezar devidamente o italiano. — Ele anda muito bem-informado sobre as questões nacionais-revolucionárias. Na terra dele há pessoas que mantêm muito boas relações com a comissão inglesa dos Bálcãs. Mas que será dos convênios de Reval, Lodovico, se os seus turcos progressistas levarem a melhor? Eduardo VII já não poderá conceder aos russos a abertura dos Dardanelos, e se a Áustria, apesar de tudo, se decidir a fazer uma política balcânica ativa…

— Sempre as suas profecias sinistras! — refutou

Settembrini. — Nicolau ama a paz. A ele se devem as conferências de Haia, que representam feitos morais de primeira ordem.

— Ora, a Rússia precisava obter algum descanso, depois do seu pequeno desastre no Oriente.

— Acho muito feio, da sua parte, zombar do desejo de aperfeiçoamento social que sente a humanidade. O povo que contrariasse um esforço desse gênero indubitavelmente cairia no ostracismo moral.

— De que serviria a política, afinal, se não desse a uns e outros uma oportunidade para se comprometer moralmente?

— O senhor está adotando a causa do pangermanismo?

Naphta encolheu os ombros, que de um lado e outro tinham altura um tanto desigual. Além da sua fealdade parecia mesmo um pouco torto. Não se dignou responder. Settembrini concluiu:

— Em todo caso é cínico o que acaba de dizer. No generoso empenho que faz a democracia para impor-se internacionalmente o senhor quer ver um mero ardil político…

— E o senhor deseja que eu encontre em tudo isso idealismo ou até religiosidade? Trata-se dos derradeiros arrancos, muito débeis, do instinto de autoconservação que ainda resta a um sistema mundial condenado ao fim. A catástrofe virá e deve vir; está avançando por todos os caminhos e de todos os modos. Considere, por exemplo, a política britânica. A necessidade da Inglaterra de reforçar a esplanada em torno de sua fortificação indiana é legítima. Mas quais são as consequências? Eduardo sabe tão bem como o senhor e eu que os governantes de Petersburgo têm de desforrar-se do revés sofrido na Manchúria e que têm urgência em desviar o perigo da revolução. Mesmo assim orienta, talvez porque não pode agir de outra maneira, o expansionismo russo em direção à Europa, desperta rivalidades adormecidas entre Petersburgo e Viena…

— Ora, Viena! O senhor se preocupa com esse obstáculo ao

progresso do mundo, provavelmente por reconhecer no reino caduco de que ela é a capital da múmia do Sacro Império Romano-Germânico.

— E eu acho que o senhor é russófilo, provavelmente por alimentar uma simpatia humanística pelo cesaripapismo.

— Meu senhor, até mesmo do Kremlin a democracia pode esperar mais que da corte de Viena, e é vergonhoso para o país de Lutero e de Gutenberg que…

— Talvez não somente vergonhoso, mas também estúpido. No entanto, tal estupidez é, igualmente, um instrumento da fatalidade…

— Ah, deixe-me em paz com a fatalidade! Basta que a razão humana *queira* ser mais forte que ela, e logo o conseguirá.

— Não se pode querer senão o destino. A Europa capitalista quer o seu.

— Quem não abomina a guerra com suficiente intensidade acredita na sua vinda.

— Enquanto sua abominação não se volta já de saída ao próprio Estado, ela se mantém abrupta, do ponto de vista lógico.

— O Estado nacional é o princípio terreno que o senhor pretenderia atribuir ao diabo. Mas torne as nações livres e iguais, proteja as pequenas e fracas contra a opressão, faça justiça, crie fronteiras nacionais…

— A fronteira do Brenner, já sei. A liquidação da Áustria! Se eu ao menos soubesse como o senhor pretende realizar isso sem uma guerra…

— E eu gostaria de saber quando e onde foi que condenei a guerra nacional.

— Mas parece-me que o ouço dizer…

— Não, senhor, posso confirmar as palavras do sr. Settembrini — interveio Hans Castorp, que acompanhara a discussão, caminhando com a cabeça inclinada para o lado e deixando o olhar atento passar de um a outro interlocutor. — Meu primo e eu tivemos diversas vezes o prazer de

conversar com ele sobre esse assunto e outros semelhantes; isto é, em realidade limitamo-nos a escutar, enquanto ele desenvolvia e formulava as suas opiniões. E assim sou capaz de confirmar, e também meu primo deve ainda lembrar-se, que o sr. Settembrini mais de uma vez nos falou com grande entusiasmo do princípio do movimento, da rebelião e do aperfeiçoamento do mundo, que, por natureza, não é um princípio muito pacífico, segundo me parece. E ele afirmou que esse princípio teria ainda de vencer grandes obstáculos antes de triunfar em toda parte e antes de se realizar a república universal, geral e feliz. Eram essas as suas palavras, embora se expressasse de uma forma muito mais plástica e mais literária que eu, é óbvio. Mas uma coisa eu sei com absoluta certeza e até gravei textualmente na minha memória, porque me assustei na minha qualidade de fanático paisano; foi quando disse que esse dia havia de chegar, se não pelos pés das pombas, sobre as asas das águias. O que me causou espanto foram as asas das águias; disso me recordo ainda. Acrescentou que era preciso aniquilar a Áustria, para abrir caminho à felicidade. Não se pode, portanto, dizer que o sr. Settembrini reprove a guerra em si. Tenho razão, sr. Settembrini?

— Mais ou menos — disse o italiano, laconicamente, desviando o rosto e brandindo a bengala.

— Que lástima! — sorriu Naphta, malicioso. — O seu próprio discípulo apresenta as provas das tendências bélicas do senhor. *Assument pennas ut aquilae…*[4]

— Até Voltaire admitiu a guerra civilizadora e recomendou a Frederico II a guerra contra os turcos.

— Em vez de fazê-la, este se aliou com eles, he, he. E depois, a república universal! Não me atrevo a perguntar o que será dos princípios do movimento e da rebelião, uma vez alcançadas a felicidade e a união. Nesse instante, a rebelião se tornaria um crime…

— O senhor sabe perfeitamente, e também esses jovens, que se trata de um progresso da humanidade concebido

como infinito.

— Mas todo movimento é circular — objetou Hans Castorp. — No espaço e no tempo; é isso o que nos ensinam as leis da conservação da massa e da periodicidade. Recentemente, meu primo e eu conversamos a esse respeito. Será que se pode, em presença de um movimento fechado, sem rumo constante, ainda falar de um progresso? Quando fico deitado, de noite, e contemplo o zodíaco, isto é, a metade que é visível, e penso naqueles povos antigos, cheios de sabedoria…

— Ao senhor não convém cismar nem devanear, Engenheiro — interrompeu-o Settembrini. — Cumpre-lhe confiar-se decididamente aos instintos de sua juventude e de sua raça, que devem obrigá-lo à atividade. Também a sua formação científica deve vinculá-lo à ideia de progresso. O senhor, em períodos imensuráveis, vê a vida evoluir e elevar-se do infusório ao ser humano, e diante disso não pode duvidar de que ainda se ofereçam a esse mesmo ser humano possibilidades infinitas de aperfeiçoamento. Mas, se o senhor insistir na matemática, conduza sua marcha circular de perfeição em perfeição e conforte-se com o conceito do século XVIII, segundo o qual o homem, originalmente bom, feliz e perfeito, foi depravado e corrompido somente pelos erros sociais, e, graças a um trabalho crítico na estrutura da sociedade, voltará a ser bom, feliz e perfeito…

— O sr. Settembrini deixa de acrescentar — aparteou Naphta — que o idílio de Rousseau é uma trivialização racionalista da doutrina eclesiástica da fase primitiva, em que o homem era livre do Estado e do pecado, a fase inicial da proximidade de Deus e da relação filial com Ele, que nos incumbe reencontrar. O restabelecimento da Cidade de Deus, porém, após a dissolução de todas as formas terrenas, acha-se situado no ponto em que se tocam a terra e o céu, o que é acessível aos sentidos e aquilo que os ultrapassa. A salvação é transcendente, e quanto à sua república

universal capitalista, meu caro doutor, é bastante estranho ouvir o senhor falar de “instinto”, referindo-se a ela. A tendência instintiva toma inteiramente o partido do nacionalismo, e o próprio Deus implantou nos homens o instinto natural que induz os povos a se separarem uns dos outros, formando estados diferentes. A guerra…

— A guerra — gritou Settembrini —, até a guerra, meu caro, já teve que servir ao progresso, como o senhor não pode deixar de admitir, ao lembrar-se de certos acontecimentos da sua época preferida, quero dizer: das Cruzadas! Essas guerras civilizadoras favoreceram, de um modo sumamente feliz, as relações entre os povos, no que diz respeito ao intercâmbio econômico e político-comercial, e uniram a humanidade ocidental sob o signo de uma ideia.

— O senhor mostra-se bem tolerante com a ideia. Assim, também eu empregarei muita cortesia numa pequena retificação a fazer: as Cruzadas, como a intensificação comercial que produziram, não exerceram influência internacionalista alguma, e, pelo contrário, ensinaram os povos a se distinguirem entre si; assim, estimularam fortemente o desenvolvimento da ideia do Estado nacional.

— É exato, no que se refere à relação entre os povos e o clero. Sim, senhor, naqueles tempos começou a firmar-se a consciência do Estado nacional contra a presunção hierárquica…

— E, todavia, isso que o senhor chama de presunção hierárquica é apenas a ideia da união dos homens sob o signo do espírito!

— Já conhecemos esse espírito. E não precisamos dele, obrigado.

— É lógico que o senhor, com sua mania nacionalista, abomine o cosmopolitismo da Igreja, que triunfa sobre o mundo. Eu gostaria apenas de saber como tenciona conciliar com isso o horror que sente com relação à guerra. O seu culto do Estado, à maneira antiga, deve fazer do senhor um paladino da concepção positiva do direito, e como tal…

— Chegamos a falar do direito? No direito dos povos, meu caro senhor, continua viva a ideia do direito natural e da razão humana universal…

— Qual! O seu direito dos povos é outra trivialização rousseauniana do *ius divinum*,[5] que nada tem que ver com a natureza, nem com a razão, mas se baseia na revelação…

— Não nos percamos na discussão de nomes, Professor! Continue tranquilamente a chamar de *ius divinum* o que eu reverencio sob as designações de direito natural e direito dos povos. O essencial é que acima dos direitos positivos dos estados nacionais se eleva um outro direito, superior e geral, que permite resolver, mediante arbitragens, as questões de interesses em litígio.

— Mediante arbitragens! Ora essa, era o que faltava! Um tribunal de árbitros burgueses, que decide acerca das questões da vida, descobre a vontade de Deus e determina o curso da história! Bem, aí temos os pés das pombas. E onde ficam as asas das águias?

— A moralidade burguesa…

— Ah, mas, a moralidade burguesa não sabe o que quer! De um lado, há quem grite pelo combate à diminuição da natalidade, e exige-se que se reduzam as despesas necessárias para a educação dos filhos e seu preparo profissional. Do outro lado, estamos sufocando no meio da multidão; todas as profissões estão de tal modo abarrotadas que a luta pelo pão de cada dia ofusca os horrores de todas as guerras passadas. Praças arborizadas e cidades-jardim! Fortalecimento da raça! Mas para que fortalecimento, se a civilização e o progresso desejam que não haja mais guerras? A guerra seria o remédio contra tudo e para tudo. Para o fortalecimento e mesmo contra a diminuição da natalidade.

— O senhor está brincando. Já não fala sério. Nossa discussão está se desintegrando, e no momento oportuno. Chegamos! — disse Settembrini, e com a sua bengala mostrou aos primos a casinha, diante de cuja cancela

acabavam de parar. Estava situada perto da entrada do “vilarejo”, à beira da estrada, da qual a separava apenas um estreito jardim. Era de aparência modesta. Uma parreira silvestre, brotando de raízes desnudas, rodeava o portão da casa e estendia um braço retorcido ao longo do muro, na direção da janelinha do rés do chão, à direita, onde se achava a vitrine de um pequeno armarinho. O rés do chão pertencia ao “merceeiro”, como explicou Settembrini. A habitação de Naphta ficava no primeiro andar, ao lado da oficina do alfaiate, e ele, Settembrini, estava domiciliado na água-furtada, onde tinha um estúdio quieto.

Com uma amabilidade surpreendente e acentuada, Naphta expressou a esperança de que esse encontro fosse seguido por muitos outros.

— Não deixem de visitar-nos — pediu. — Eu diria: venham visitar-me, não tivesse o dr. Settembrini direitos mais antigos à amizade dos senhores. Apareçam quando quiserem, cada vez que tiverem vontade de conversar um pouco. Aprecio muito o intercâmbio com a juventude, e também não me falta por completo a tradição pedagógica... Se o nosso venerável mestre — e apontou para Settembrini — pretende conferir ao humanismo burguês o monopólio da capacidade e da vocação pedagógicas, é preciso desmenti-lo. Assim, até breve!

O italiano fez algumas objeções. Havia certas dificuldades, segundo disse. Os dias que o Tenente ainda passaria ali em cima estavam contados, e o Engenheiro, sem dúvida, redobraria seu zelo na observação do regime, para que pudesse segui-lo o mais depressa possível e partir para a planície.

Os jovens concordaram com ambos, primeiro com um e depois com o outro. Acabavam de aceitar, com uma mesura, o convite de Naphta, e reconheceram, momentos após, a inteira razão dos argumentos de Settembrini. Dessa forma, tudo ficou no ar.

— Como é que ele o chamou? — perguntou Joachim,

enquanto subia, pela curva da estrada que conduzia ao Berghof.

— Eu entendi "venerável mestre" — respondeu Hans Castorp. — Estou justamente pensando a respeito disso. Deve tratar-se de algum gracejo. Eles usam entre si uns títulos esquisitos. Settembrini intitulou Naphta de "*princeps scholasticorum*", o que também não está mal. Acho que os escolásticos eram os sábios teólogos da Idade Média, filósofos dogmáticos, se me lembro bem. De fato mencionaram diversas vezes a Idade Média, e com isso me recordei de uma observação que Settembrini fez logo no primeiro dia: de que havia aqui em cima muita coisa que lhe parecia medieval. Viemos a falar nisso por causa do nome de Adriática von Mylendonk... E *ele* lhe agradou?

— O baixinho? Não muito. Ele disse certas coisas de que gostei. Claro que as arbitragens não passam de poltronaria. Mas ele mesmo não é do meu agrado; que me adianta que alguém diga coisas bem ditas, se ele mesmo é um sujeito duvidoso? E você não pode negar que esse Naphta é um tipo suspeito. Aquela história do lugar da coabitação é indubitavelmente escabrosa. Além disso, ele tem um nariz de judeu; você não viu? Só os semitas têm esses corpos minguados. É sério que você pretende visitar esse indivíduo?

— Óbvio que vamos visitá-lo! — declarou Hans Castorp. — Quanto ao físico minguado, você julga como militar. Olhe, os caldeus tinham o mesmo tipo de nariz e todavia sabiam muito bem a quantas andavam, não somente em matéria de ciências ocultas. O Naphta também tem qualquer coisa de ocultista. Ele me interessa bastante. Não quero afirmar que eu já possa formar uma opinião a seu respeito, mas se a gente se encontrar mais vezes com ele, eu talvez chegue a entendê-lo, e não acho impossível que nossa inteligência saia lucrando com isso.

— Ah, meu caro, aqui em cima você está cada vez mais inteligente, com sua biologia e botânica, e com os seus

pontos de inflexão inevitáveis. E desde o primeiro dia se preocupou com o “tempo”. Mas me parece que estamos aqui para ficar mais sadios e não mais sábios; mais sadios e completamente sãos, até que enfim nos devolvam a liberdade e nos enviem à planície como curados.

— “A liberdade vive nas montanhas!” — cantarolou Hans Castorp, frivolamente. — Primeiro, diga-me o que a liberdade é! — acrescentou, falando. — Naphta e Settembrini também discutiram isso e não chegaram a um acordo. “A liberdade é a lei do amor aos homens”, diz Settembrini, e isso me lembra o avô dele, o carbonário. Mas, por mais corajoso que fosse o carbonário e por mais corajoso que seja o nosso caro Settembrini…

— Pois é, ele ficou bem incomodado quando vieram a falar da coragem pessoal…

— … creio que ele tem medo de certas coisas que o pequeno Naphta *não* teme. Compreende? Na liberdade e na coragem dele acho que há muita bobagem. Você acredita que Settembrini teria bastante valor de se perdre ou même de se laisser dépérir?[6]

— Por que se mete a falar francês?

— Porque… Bem, a atmosfera aqui é tão internacional… Não sei qual dos dois deve gostar mais dela, se Settembrini, por causa da república universal burguesa, ou se Naphta, com sua cosmópole hierárquica. Prestei muita atenção, como vê, mas não consegui me esclarecer sobre isso. Pelo contrário, tive a impressão de que das falas dos dois só saiu foi muita confusão.

— É sempre assim. Você pode ter certeza de que só sai mesmo confusão dos bate-bocas e trocas de opiniões. Eu já lhe disse: o que importa não são as opiniões que um homem tem, mas sim a questão de saber se é ou não um tipo decente. O melhor é não ter opinião e cumprir o dever.

— Pois sim, você pode falar desse modo porque é um lansquenete e leva uma existência puramente formal. Mas comigo é diferente: sou paisano e me sinto, por assim dizer,

responsável. E me irrita ver tamanha confusão quando um prega a república universal, internacional, e abomina a guerra por princípio, mas ao mesmo tempo é tão patriota que reclama a todo custo a fronteira do Brenner, ao passo que o outro considera o Estado obra do diabo e decanta a união geral que surge no horizonte, mas no próximo instante defende o direito do instinto natural e zomba das conferências de paz. Temos de visitá-los para formar uma opinião. Você diz, na verdade, que estamos aqui não para nos tornar mais inteligentes, mas para melhorar de saúde. Mas, meu caro, acho que deve ser possível combinar essas duas coisas. Caso contrário, você chegaria a dividir o mundo, e isso não pode dar certo.

DA CIDADE DE DEUS E DA REDENÇÃO PELO MAL

No seu compartimento da sacada, Hans Castorp estava a classificar uma planta, que se achava vegetando em numerosos lugares desde que começara o verão astronômico e os dias se tornavam mais curtos. Tratava-se da aquilégia, espécie de ranunculácea que crescia em forma de arbusto, de longo caule, com flores azuis ou violeta, mas também castanho-avermelhadas, e com folhas bastante amplas, de aspecto herbáceo. A planta encontrava-se aqui e ali, mas abundava especialmente naquele lugar tranquilo onde Hans Castorp a vira pela primeira vez, fazia quase um ano: o remoto desfiladeiro no meio do bosque atravessado pelo regato torrentoso e murmurante, com a pequena ponte e o banquinho onde terminara o seu passeio prematuro, arriscado e prejudicial, e para o qual voltava de vez em quando.

Para quem se encaminhasse até lá com um espírito menos empreendedor que o dele naquele dia, o lugar não ficava longe. Partia-se do local de chegada das corridas de trenó no “vilarejo” e subia-se parte da encosta através do bosque, por uma vereda cujas pontes de madeira iam transpondo a pista vinda de Schatzalp; sem desvios, cantigas de ópera nem pausas para descansos, era possível alcançar o recanto pitoresco em vinte minutos. Quando Joachim se via forçado a ficar em casa, em virtude de certas obrigações do serviço — exames, radiografias, análises de sangue, injeções ou pesagens —, Hans Castorp aproveitava dias de bom tempo para caminhar ali, depois da segunda refeição da manhã, e às vezes já depois do café, no início do dia; acontecia também que ele ocupasse as horas entre o chá da tarde e o jantar numa visita a seu lugar predileto, a fim de passar algum tempo sentado no banco, onde outrora o acometera a violenta hemorragia. Com a cabeça inclinada, escutava então o marulhar da torrente e contemplava a paisagem a

rodeá-lo, com a multidão de aquilégias azuis que novamente floresciam no fundo do vale.

Era só para isso que ia ali? Não, ele se deixava ficar no banco para estar sozinho, entregar-se às suas recordações, recapitular as impressões e aventuras, e refletir sobre tudo aquilo. Eram tantas coisas, variadas e ao mesmo tempo difíceis de coordenar, pois lhe pareciam multiplamente entrelaçadas e confundiam-se a tal ponto que mal se podia distinguir a realidade dos meros pensamentos, devaneios e produtos da imaginação. Mas eram todas de natureza aventurosa, tanto que a lembrança delas fazia parar ou martelar seu coração, que continuava emocionável como sempre, desde o primeiro dia que ele passara aqui em cima. Ou será que bastava, para ocasionar a estranha agitação em seu coração impulsivo, a simples consideração racional de que ali mesmo, onde Pribislav Hippe lhe aparecera em carne e osso num instante de vitalidade reduzida, a aquilégia não continuava florida, mas já voltava a florir, e que portanto as “três semanas” logo se tornariam um ano inteiro?

De todo modo, já não lhe sangrava o nariz ao sentar-se no banco, ao lado do regato torrentoso; essa fase já passara. Sua aclimatação, cujas dificuldades Joachim lhe predissera logo no começo, e que realmente se mostrara um tanto penosa, fizera progressos; depois de onze meses, devia-se considerá-la completa, e não havia mais o que esperar nesse sentido. As reações químicas do seu estômago tinham se regularizado e adaptado. O Maria Mancini recuperara o antigo sabor, e os nervos de suas mucosas ressequidas havia muito que se regozijavam novamente com o aroma dessa marca pouco dispendiosa, que o jovem, por uma espécie de lealdade, ainda mandava vir de Bremen, cada vez que as suas provisões se iam esgotando, embora produtos tentadores se oferecessem nas vitrines de Davos. Não formava o Maria um certo elo entre ele, o arrebatado, e a sua velha pátria, na planície? O charuto não estabelecia e conservava essas relações de um modo mais eficaz do que

faziam, por exemplo, os cartões-postais que Hans Castorp de vez em quando dirigia aos tios lá debaixo, em intervalos que se tornavam cada vez maiores, na mesma proporção em que ele próprio, acomodando-se aos conceitos ali vigentes, assumia em face do tempo uma atitude mais generosa? Eram de preferência cartões com vistas bonitas do vale, ora coberto de neve, ora no seu aspecto estival, e que só ofereciam ao remetente o espaço justo para relatar o último boletim médico, o resultado de um exame mensal ou geral, na forma adequada aos conhecimentos dos parentes, ou seja: para participar-lhes, por exemplo, que as observações óticas e acústicas acabavam de registrar uma incontestável melhora, mas que ele ainda não estava desintoxicado, e que a temperatura levemente elevada que o termômetro continuava mostrando tinha sua origem em alguns pequenos lugares que persistiam, mas seguramente desapareceriam de todo, contanto que se tivesse paciência; dessa forma evitava-se o desgosto de ter de voltar a Davos algum tempo depois. Ele podia estar certo de que ninguém esperava dele trabalhos epistolares mais extensos; suas missivas não se endereçavam a nenhuma esfera humanista e eloquente; e as respostas que recebia tampouco eram muito expansivas. Elas costumavam acompanhar as ordens de pagamento que vinham de casa, os juros da sua herança paterna, tão vantajosos quando convertidos à moeda suíça, que nunca conseguia gastá-los por completo antes da chegada de uma nova remessa. As respostas consistiam em algumas linhas escritas a máquina, assinadas por James Tienappel, com lembranças e votos de restabelecimento da parte do tio-avô e às vezes também do navegante Peter.

Segundo Hans Castorp comunicou aos seus, o conselheiro deixara, havia pouco, de ministrar-lhe injeções. O enfermo não se dera bem com elas, que lhe causavam dores de cabeça, falta de apetite, perda de peso e grande cansaço; tinham começado por fazer subir-lhe a "temperatura", sem depois conseguir acabar com ela. A febre continuava

ardendo-lhe sob a face rosada, e o calor seco que ele sentia subjetivamente recordava-lhe que a aclimatação para um filho da planície, com o seu clima úmido, consistia antes de tudo na aquisição do hábito de não se habituar; nem o próprio Radamanto chegara a habituar-se, como bem evidenciava sua tez azulada.

— Muitos jamais se acostumam — dissera Joachim, e parecia que era esse o caso de Hans Castorp.

Pois os tremores da nuca, que haviam começado a molestá-lo pouco depois da sua chegada, não davam mostras de cessar, senão que se reproduziam inevitavelmente tanto durante os passeios como no meio das conversas, e mesmo naquele refúgio inundado de flores azuis, aonde o jovem se retirava para refletir sobre o complexo das suas aventuras. Assim, aquele jeito com que Hans Lorenz Castorp gravemente apoiara o queixo no nó da gravata quase que se tornara um vezo do neto, que, ao imitar o avô, não deixava de lembrar-se do colarinho alto do velho, essa forma interina de golilha de gala, bem como do fundo de ouro pálido da pia batismal, dos sons obscuros de “bis, tri, tetra” e de outras coisas afins, que o levavam a novas reflexões acerca do curso da sua vida.

Pribislav Hippe não mais lhe aparecia em carne e osso, como fizera onze meses antes. A aclimatação de Hans Castorp estava terminada; as visões tinham cessado; o jovem já não jazia estendido no banco, com o corpo posto fora de ação, enquanto o seu eu se detinha num presente longínquo. Tais incidentes haviam deixado de ocorrer. A nitidez e a viveza dessa reminiscência, quando a evocava, mantinham-se nos limites normais e saudáveis. Pode ser que Hans Castorp se sentisse inspirado por ela, ao tirar do bolso a lembrança de vidro, que ali guardava num envelope forrado, dentro da sua carteira. Era uma pequena chapa que, mantida horizontalmente, paralela ao chão, parecia preta, espelhante e opaca, mas, elevada contra a luz, aclarava-se e exibia coisas humanísticas: a imagem transparente do corpo

humano, o arcabouço das costelas, os contornos do coração, o arco do diafragma e as bolsas do pulmão, bem como os ossos da clavícula e do braço, e tudo isso rodeado por um invólucro pálido e vaporoso, a carne que Hans Castorp insensatamente desfrutara na semana do Carnaval. Não era de admirar que seu coração emocionável parasse ou se precipitasse a cada vez que ele contemplava esse presente e depois prosseguia, fazendo o balanço ou refletindo acerca de “tudo”, encostado no espaldar tosco do banco, com os braços cruzados, a cabeça inclinada para o ombro, ao som dos murmúrios da torrente e à vista das flores azuis de aquilégia.

A forma sublime da vida orgânica, a figura humana, pairava diante dele, como em certa noite gélida e estrelada, no decorrer de estudos eruditos. Para o jovem Hans Castorp, seu aspecto íntimo relacionava-se com numerosos problemas e discernimentos dos quais o bom Joachim talvez não tivesse nenhuma obrigação de ocupar-se, mas que nele, como paisano, despertavam uma sensação de responsabilidade; verdade é que na planície nunca reparara neles, e provavelmente jamais teria chegado a descobri-los, mas aqui o fazia, nesse isolamento contemplativo, onde as pessoas olhavam de cinco mil pés de altura sobre o mundo e as criaturas e tinham as suas próprias ideias a respeito de todas as coisas, quiçá devido a uma superexcitação do corpo originada por venenos solúveis, que abrasava o rosto. Esse pensamento o fazia lembrar-se de Settembrini, o tocador de realejo pedagógico, cujo pai nascera na Hélade, e que explicava o amor pela forma sublime como política, rebelião e eloquência, ao consagrar, sobre o altar da humanidade, a lança do cidadão. Também pensava no camarada Krokowski e naquelas práticas a que se entregava no seu gabinete tenebroso, desde algum tempo; cismava com respeito à dupla natureza da análise, procurando descobrir até que ponto ela era favorável à ação e ao progresso, e onde começava a ser afim do túmulo e de sua mal-afamada

anatomia. Evocava as imagens dos dois avôs, o rebelde e o conservador, que se vestiam de preto, ambos, mas por motivos diferentes, e ponderava o valor de um e de outro. Refletia acerca de complexos tão vastos como são forma e liberdade, espírito e corpo, honra e vergonha, tempo e eternidade. E certa vez experimentou uma breve mas violenta vertigem ao recordar-se de que a aquilégia estava novamente em flor e o ano se fechava sobre si mesmo.

Hans Castorp usava um termo estranho para designar essa ocupação séria do seu intelecto, à qual se dedicava naquele retiro pitoresco. Chamava-a "reinar"; servia-se dessa denominação de uma brincadeira pueril, palavra da sua infância, para aplicá-la a uma distração que lhe era cara, ainda que andasse acompanhada de terror, de vertigens, de toda espécie de tumultos do seu coração e aumentasse o calor que lhe abrasava o rosto. Mas não lhe parecia inconveniente que o esforço exigido por essa atividade o obrigasse a apoiar o queixo no nó da gravata; pois essa atitude estava em harmonia com a dignidade que lhe conferia o ato de "reinar", em face da forma sublime que lhe pairava ante os olhos.

"*Homo Dei*", eis como o feioso Naphta chamara aquela forma sublime, ao defendê-la da sociologia inglesa. Seria de admirar que Hans Castorp, devido à sua responsabilidade civil e no interesse do seu "reino", se julgasse na obrigação de fazer, em companhia de Joachim, uma visita ao homenzinho? Settembrini não gostava disso; Hans Castorp tinha bastante inteligência e sensibilidade para percebê-lo com toda a clareza. Já aquele primeiro encontro não agradara ao humanista, que abertamente procurara evitá-lo e por razões pedagógicas quisera proteger os jovens, particularmente Hans Castorp, contra o contato com Naphta, embora o próprio Settembrini se desse e discutisse com ele. Assim são os educadores. A si mesmos concedem as coisas mais interessantes, alegando já "ter idade" para elas; à juventude, porém, proíbem-nas, pretendendo fazê-la sentir

que ainda não “tem idade”. Ainda bem que ao tocador de realejo não coubesse de forma alguma proibir a Hans Castorp o que quer que fosse; nem sequer fizera uma tentativa nesse sentido. Era suficiente que o discípulo enfermiço escondesse sua sensibilidade e fingisse alguma ingenuidade para que nada mais o impedisse de corresponder amavelmente ao convite do pequeno Naphta. Foi o que fez, junto com Joachim, que o acompanhou mau grado seu. Encaminharam-se à habitação de Naphta, poucos dias depois do primeiro encontro, numa tarde de domingo, logo após o repouso principal.

Do Berghof até a casinha do portão rodeado com a parreira eram apenas poucos minutos de descida. Os primos entraram, deixando à direita a porta do armarinho, e galgaram a estreita escada parda que os conduzia à porta do primeiro andar. Ao lado da campainha via-se uma placa com o nome de Lukaček, o alfaiate para senhoras. Abriu-lhes a porta um garoto vestido com uma espécie de libré, jaqueta listrada e polainas, um criadinho de cabelos aparados rente e de faces coradas. Perguntaram pelo senhor professor Naphta, e, como não tivessem levado cartões de visita, deram os seus nomes, que ele prometeu repetir ao sr. Naphta — sem mencionar os títulos. A porta do quarto oposta à entrada achava-se aberta e permitia um olhar na oficina, onde Lukaček, apesar do domingo, estava costurando, sentado na mesa, à moda turca. Era um homem pálido e calvo. Sob o nariz adunco, desmedidamente grande, pendia o bigode negro com uma expressão azeda, cobrindo as comissuras da boca.

— Bom dia! — disse Hans Castorp.

— Grütsi! — respondeu o alfaiate no dialeto suíço, se bem que este não combinasse nem com seu nome nem com o seu aspecto, e tivesse um som artificial e esquisito.

— Trabalhando firme? — prosseguiu Hans Castorp, sacudindo a cabeça. — Mas é domingo!

— Trabalho urgente — explicou Lukaček, lacônico, e

continuou cosendo.
— É coisa fina, então? — opinou Hans Castorp. — Será para uma festa ou coisa que o valha?
O alfaiate deixou a pergunta por algum tempo sem resposta. Cortou o fio com os dentes e voltou a enfiar a agulha. Depois fez que sim.
— Vai ficar bonito? — indagou Hans Castorp novamente. — É com mangas?
— Sim, com mangas, é para uma velha — replicou Lukaček com nítido sotaque tcheco. A volta do criadinho interrompeu essa conversa entabulada no umbral da porta. O sr. Naphta convidava os senhores a entrarem, anunciou o rapaz, abrindo aos jovens uma porta situada a dois ou três passos para a direita e levantando um reposteiro. Os visitantes foram recebidos por Naphta, que os esperava de pé sobre um tapete verde-musgo, calçando chinelos enfeitados de laçadas.
Ambos os primos ficaram surpreendidos diante do luxo do gabinete de trabalho, arejado por duas janelas; chegaram a sentir-se deslumbrados, pois a pobreza da casinha, de sua escada e do mísero corredor não deixava nem de longe prever aquilo, e o contraste dava à elegância do aposento de Naphta um cunho de conto de fadas, que ele em realidade não tinha, e tampouco teria aos olhos de Hans Castorp e de Joachim Ziemssen. Inegavelmente, a mobília era distinta e até suntuosa, a tal ponto que, apesar da escrivaninha e das estantes de livros, não estava de acordo com o caráter de um gabinete de trabalho. Havia demasiada seda — seda cor de vinho, seda purpúrea: os reposteiros que escondiam as toscas portas eram feitos desse material, bem como as sanefas das janelas e os forros de um terno de móveis agrupados num dos lados mais estreitos da peça, em frente da segunda porta e diante de um gobelino que cobria a parede na quase totalidade da sua extensão. Eram poltronas de estilo barroco, com um leve estofamento dos braços, dispostas em torno de uma mesa redonda, incrustada de

metal, atrás da qual se achava um sofá do mesmo estilo, guarnecido de almofadas de veludo de seda. As estantes de livros ocupavam as partes das paredes situadas entre as duas portas. Elas, tanto como a escrivaninha, ou melhor, a secretária, provida de uma tampa de correr, e que tinha o seu lugar entre as janelas, eram de acaju lavrado, com portas envidraçadas e revestidas de seda verde. Mas, no canto à esquerda do sofá, via-se uma obra de arte, uma grande escultura de madeira pintada, posta sobre um pedestal recoberto de pano vermelho; uma pietà cujo aspecto ingênuo e expressivo até as raias do grotesco causava profundo espanto. A Virgem era representada com uma touca, de cenho carregado, retorcendo de tanta mágoa a boca semiaberta; tinha sobre os joelhos o Salvador, uma figura de erros primários nas proporções, e cuja anatomia crassamente exagerada documentava a ignorância do artista; a cabeça caída estava crivada de espinhos; o rosto e os membros manchados e mesmo inundados de sangue; grossas gotas de sangue coagulado brotavam da ferida lateral e dos sinais que os pregos haviam deixado nas mãos e nos pés. Inegavelmente, essa obra assombrosa dava um acento particular ao aposento abundante de seda. Também o papel de parede, que aparecia acima das estantes e ao lado das janelas, fora evidentemente escolhido pelo sublocador: o verde das listras verticais era o mesmo do tapete macio estendido por cima de uma alcatifa vermelha. Somente para o teto baixo não houvera remédio; continuava frio e cheio de fendas. No entanto, pendia dele um pequeno lustre veneziano. As janelas achavam-se veladas por cortinas cor creme que chegavam até o chão.

— Viemos ter um colóquio com o senhor — disse Hans Castorp, enquanto seus olhares se fixavam mais na piedosa e horripilante escultura, lá no canto, do que no dono do excêntrico gabinete. Este notava com satisfação que os primos haviam cumprido a sua palavra. Com um gesto convidativo da mãozinha direita, Naphta quis conduzi-los

até as poltronas forradas de seda. Mas Hans Castorp, como que magnetizado, foi diretamente à pietà de madeira e plantou-se diante dela, com os braços fincados nos quadris e a cabeça inclinada para o lado.

— Que é isso que o senhor tem aí? — perguntou em voz baixa. — É formidável. Onde já se viu tamanho sofrimento? É coisa antiga, naturalmente?

— Século XIV — respondeu Naphta. — Com toda a probabilidade de origem renana. Está impressionando o senhor?

— Enormemente — disse Hans Castorp. — Quem olha isso não pode deixar de ficar impressionado. Eu nunca teria pensado que uma coisa pudesse ser tão feia (queira perdoar-me) e tão bela ao mesmo tempo.

— Produtos de um mundo da alma e da expressão — replicou Naphta — são sempre feios de tanta beleza e belos de tanta fealdade. Essa é a regra. Trata-se da beleza espiritual, não da beleza da carne, que é absolutamente estúpida. E não só isso, ela é também abstrata — acrescentou. — A beleza do corpo é abstrata. Unicamente a beleza interior, a da expressão religiosa, é que tem realidade.

— Fico-lhe grato pela precisão com que o senhor discerniu e classificou isso — disse Hans Castorp. — Século XIV? — repetiu, para certificar-se. — Mil trezentos e tanto? Sim, isto é a encarnação da Idade Média. Reconheço, por assim dizer, a ideia que fiz dela nos últimos tempos. No fundo não sabia nada a seu respeito. Sou um homem do progresso técnico, se é que me cabe mencionar minha pessoa. Mas aqui em cima tive diversas ocasiões para entrar em contato com os conceitos da Idade Média. A doutrina social econômica ainda não existia naqueles tempos, é escusado dizer. Qual é o nome do artista?

Naphta deu de ombros.

— Que importa? — replicou. — Nós não deveríamos fazer essa pergunta, desde que na época em que a obra nasceu

ninguém se preocupava com ela. Isso aí não é da autoria de um cavalheiro de marcada individualidade; é anônimo e coletivo. Provém, aliás, de uma Idade Média muito avançada, do gótico, *signum mortificationis*. Nessa escultura, o senhor nada mais encontrará daquela tendência de suavizar e de embelezar que ainda a época românica julgava indispensável para a representação do Crucificado. Nada de coroa real, nada de majestoso triunfo sobre o mundo e o martírio da morte. Tudo aqui revela da forma mais radical o sofrimento e a debilidade da carne. É com a estética gótica que na realidade começam o ascetismo e o pessimismo. O senhor talvez não conheça o tratado de Inocêncio III, *De miseria humanae conditionis*: uma pecinha literária muito engraçada. Ela data de fins do século XII, mas somente esta arte virá prestar-se a ilustrá-la.

— Sr. Naphta — disse Hans Castorp, depois de ter dado um profundo suspiro —, tudo o que o senhor acaba de explanar interessa-me muito. "*Signum mortificationis*", foi o que disse? Gravarei isso na memória. E antes o senhor usou os termos "anônimo e coletivo"; parece-me que vale a pena refletir sobre eles. Infelizmente o senhor supõe com razão que não conheço o livro do papa (estou supondo que Inocêncio III foi um papa). Se bem compreendi o senhor, é uma obra ascética e engraçada, não é? Devo confessar que nunca teria imaginado que essas duas coisas pudessem andar juntas. Mas, pensando bem, compreendo. Claro, um tratado sobre a miséria humana oferece muitas oportunidades para gracejos à custa da carne. Pode-se obter essa obra? Recorrendo aos restos do meu latim, talvez seja capaz de entendê-la.

— Eu tenho esse livro — respondeu Naphta, indicando com a cabeça uma das estantes. — Fica à sua disposição. Mas, por que não nos sentamos? O senhor pode ver a pietà também do sofá. Está justamente chegando um pequeno lanche...

Era o criadinho que trazia o chá acompanhado de uma

cesta bonita, guarnecida de prata, na qual havia um bolo cortado em fatias. Atrás dele, porém, pela porta aberta, quem é que entrava a passo alado, dizendo “Sapristi!” e “Accidenti!”, com um sorriso fino nos lábios? Era o sr. Settembrini, domiciliado no andar superior e que descera na intenção de fazer companhia aos visitantes. Contou que, de sua janelinha, vira os primos chegar. Terminara depressa uma página da enciclopédia, que estava redigindo naquele momento, para então convidar-se a si mesmo. Não haveria algo mais natural que ele descer para encontrá-los. Sua familiaridade antiga com os habitantes do Berghof autorizava-o a isso, e havia ainda as suas relações e o seu intercâmbio intelectual com Naphta, que, apesar das profundas divergências de opinião, eram muito intensos. Assim, o anfitrião cumprimentou-o com um simples aceno, sem mostrar a mínima surpresa. Isso não impediu que sua entrada deixasse em Hans Castorp, e bem nitidamente, uma dupla impressão. De um lado sentiu que o sr. Settembrini acabava de comparecer para evitar que eles, Joachim e sobretudo ele mesmo, ficassem a sós com o pequeno e feioso Naphta, e para criar, pela sua presença, um contrapeso pedagógico; de outro lado, era manifesto que o italiano não desprezava, senão aproveitava com muito gosto a oportunidade de abandonar por algum tempo sua água-furtada e deixar-se estar no distinto aposento de Naphta, forrado de seda, tomando um chá oferecido com elegância. Antes de se servir, esfregou as mãos amareladas, por cujas costas se estendiam pelos negros, a partir dos dedos mindinhos; a seguir, com prazer evidente e indissimulado, saboreou as fatias do bolo entremeado de veias de chocolate.

A conversa continuou a ocupar-se da pietà, porque Hans Castorp, com olhares e palavras, se agarrava ao assunto, dirigindo-se ao sr. Settembrini e procurando, por assim dizer, pô-lo em contato crítico com aquela obra de arte. Entretanto, a fisionomia do humanista denotava com toda

clareza o horror que lhe causava esse adorno no quarto, quando se voltou para olhá-lo; pois ao sentar-se dera as costas ao canto onde se achava a escultura. Por demais cortês para dizer tudo o que pensava, limitou-se a criticar os erros nas proporções e na anatomia do grupo, infidelidades à verdade natural, que estavam longe de comovê-lo, por não terem origem na incapacidade de um artista primitivo, senão que documentavam a má vontade, um princípio fundamentalmente hostil. Nesse ponto, Naphta concordou com ele. Sem dúvida, afirmou com maledicência, não se podia falar de inabilidade técnica. Tratava-se, sim, de um consciente ato do espírito que se emancipava da natureza, cuja desprezibilidade era proclamada, no sentido religioso, pela enérgica negação do menor respeito por ela. Mas Settembrini declarou que o menosprezo da natureza e de seu estudo era incompatível com a humanidade e, em oposição à absurda falta de forma, cultivada pela Idade Média e pelas épocas que a imitavam, pôs-se a encomiar em palavras eloquentes a herança greco-romana, o Classicismo, a forma, a beleza, a razão e a alegria piedosamente fundada na natureza, que eram os únicos chamados a melhorar a causa do homem. Nisso interveio Hans Castorp, perguntando o que se devia pensar, nesse caso, de Plotino, o qual expressara a vergonha que sentia de seu corpo, e de Voltaire, que em nome da razão se revoltara contra o escandaloso terremoto de Lisboa. Absurdo? Aquilo também era absurdo, mas, refletindo bem, podia-se chegar à opinião de que no absurdo se revelava a honestidade do espírito; e a absurda hostilidade da arte gótica contra a natureza era, em última análise, tão honesta quanto a atitude de Plotino e de Voltaire, já que nela se expressava a mesma emancipação do fado e do fato, o mesmo orgulho indócil que se nega a recuar ante um poder estúpido, o da natureza…

Naphta soltou uma risada, que lembrou muito o mencionado prato rachado e terminou num acesso de tosse. Settembrini disse com distinção:

— Com tantos gracejos, o senhor prejudica nosso anfitrião, e mostra-se ingrato pelos doces tão saborosos. Gratidão é algo importante para o senhor? Eu me refiro àquele tipo de gratidão que consiste em fazer bom uso dos presentes que se ganham…

Ao ver que Hans Castorp ficara envergonhado, o italiano acrescentou de modo mais amável:

— O senhor é conhecido como trocista, meu caro Engenheiro. Seu jeito de zombar amistosamente da verdade não me faz desesperar, em absoluto, do amor que tem a ela. O senhor sabe muito bem que só se pode qualificar de honesta a sublevação do espírito contra a natureza que vise a dignidade e beleza do ser humano, e não a outra, que tem, senão por finalidade, ao menos por consequência seu aviltamento e humilhação. O senhor tampouco ignora quantas atrocidades desumanas, quanta intolerância sanguinária produziu a época à qual aquele artefato que se acha atrás de mim deve a sua existência. Basta que eu lhe chame à memória esse tipo horroroso do juiz de hereges, por exemplo a sinistra figura de um Conrado de Marburgo, e o infame furor dos sacerdotes contra tudo quanto se opusesse à tirania do sobrenatural. O senhor está longe de reconhecer a espada e a fogueira como instrumentos do amor aos homens…

— … a cujo serviço — interrompeu-o Naphta — trabalhou a máquina usada pela Convenção para purificar o mundo, eliminando dele os maus cidadãos. Todos os castigos da Igreja, inclusive a fogueira, inclusive a excomunhão, foram impostos para salvar as almas da pena eterna, o que já não se pode dizer do entusiasmo exterminador dos jacobinos. Permito-me observar que toda justiça penal e capital que não brote da fé no Além é uma sandice bestial. E quanto ao aviltamento do homem, sua história coincide exatamente com a do espírito burguês. O Renascimento, a Época das Luzes, as ciências naturais e a economia política do século XIX não esqueceram de ensinar nada, absolutamente nada,

que fosse próprio para favorecer esse aviltamento, começando pela nova astronomia: em virtude dela o centro do universo, o magnífico cenário onde Deus e o diabo disputavam a posse da criatura por ambos almejada, foi transformado num insignificante planetazinho, e ela pôs um fim provisório à grandiosa posição do homem no cosmo, que servia de base à astrologia.

— Provisório? — a expressão do rosto do sr. Settembrini, ao fazer a pergunta com tanta hostilidade, tinha qualquer coisa de um inquisidor ou juiz de hereges que espera que a pessoa interrogada se comprometa com palavras indiscutivelmente criminosas.

— Por certo. Terão sido algumas centenas de anos apenas — confirmou Naphta com frieza. — Pois todos os sinais apontam para uma reabilitação da Escolástica nesse sentido, o processo já está em pleno andamento. Copérnico será derrotado por Ptolomeu. A tese heliocêntrica encontra oposição espiritual cada vez maior, e é provável que as empresas inspiradas por essa resistência alcancem seus objetivos. A ciência se verá filosoficamente coagida a restituir à Terra todas as honras que o dogma eclesiástico quis reservar-lhe.

— Como é que é? Oposição espiritual? Ver-se filosoficamente coagida? Alcançar objetivos? Que sorte de voluntarismo se manifesta em suas palavras? E onde fica a pesquisa incondicional? O conhecimento puro? Onde fica a verdade, meu senhor, tão intimamente ligada à liberdade, e cujos mártires, longe de insultarem a Terra, como o senhor quer fazer crer, se tornarão o eterno adorno deste astro??

O sr. Settembrini tinha uma maneira vigorosa de interrogar. Estava sentado, muito ereto, e despejava sobre o pequeno Naphta suas palavras íntegras. Por fim, levantou a voz tão poderosamente que ressoava nelas sua absoluta certeza de que a resposta do adversário só poderia consistir num silêncio consternado. Enquanto falava, segurava entre os dedos um pedacinho de bolo. Depois, porém, depositou-o no

prato, pois ao cabo de todas essas perguntas não teve mais vontade de abocanhá-lo.

Naphta retrucou com uma calma desagradável:

— Meu amigo, não existe conhecimento puro. É indiscutível a legitimidade da concepção eclesiástica da ciência, que se pode resumir nas palavras de Santo Agostinho: “Creio para compreender”. A fé é o órgão do conhecimento, e o intelecto é secundário. A sua ciência incondicional não passa de um mito. Há sempre uma fé, um conceito do mundo, uma ideia, numa palavra: uma vontade, e cabe à razão explicá-la e comprová-la. Em todos os casos, chega-se ao “*Quod erat demonstrandum*”.[7] A simples ideia da prova contém, psicologicamente considerada, um elemento muito voluntarista. Os grandes escolásticos dos séculos XII e XIII eram unânimes na convicção de que na filosofia não podia ser verdade o que era falso perante a teologia. Deixemos de lado a teologia, se o senhor assim o quer; mas uma humanidade que não reconhece não poder ser verdade nas ciências naturais o que seja falso ante a filosofia não é humanidade. Ante Galileu, a argumentação do Santo Ofício rezava que sua tese era filosoficamente absurda. Não pode haver argumentação mais incisiva.

— Ora, ora! Os argumentos do nosso pobre e grande Galileu mostraram-se mais sólidos. Não, Professore, falemos a sério! Diante destes dois jovens atentos responda-me: o senhor acredita em uma verdade, na verdade objetiva, científica, que a lei suprema de toda moralidade nos manda procurar, e cujos triunfos sobre a autoridade formam a gloriosa história do espírito humano?

Hans Castorp e Joachim voltaram seus rostos de Settembrini para Naphta, o primeiro mais rapidamente que o segundo. Naphta replicou:

— Tal triunfo não é possível, porque a autoridade é o próprio homem, seu interesse, sua dignidade, sua salvação, e entre ela e a verdade não pode existir antagonismo algum. Elas coincidem.

— A verdade seria, por conseguinte…

— Verdadeiro é o que provê o ser humano. Nele se acha resumida toda a natureza; em toda a natureza, apenas ele foi criado, e toda a natureza foi feita só para ele. Ele representa a medida das coisas, e sua salvação é o critério da verdade. Um conhecimento teórico que carecesse da relação prática com a ideia da salvação do homem seria de tal maneira desprovido de interesse que deveríamos negar-lhe todo valor como verdade e não poderíamos admiti-lo. Os séculos cristãos achavam-se completamente de acordo a respeito da irrelevância das ciências naturais para o homem. Lactâncio, a quem Constantino, o Grande, escolheu como preceptor de seus filhos, perguntou com toda a franqueza que classe de bem-aventurança se obteria por conhecer o lugar onde nasce o Nilo, ou por saber os disparates que os físicos dizem com referência ao céu. Será que o senhor pode refutá-lo? Se a filosofia platônica foi preferida a qualquer outra, é porque não se preocupava com o conhecimento da natureza e sim com o conhecimento de Deus. Posso lhes garantir que a humanidade está prestes a reencontrar o caminho que leva a esse ponto de vista, e de perceber que a tarefa da verdadeira ciência não é correr atrás de conhecimentos ímpios, mas eliminar, por princípio, o que é nocivo ou apenas irrelevante sob o prisma da ideia; numa palavra: cabe-lhe dar provas de instinto, comedimento e capacidade de escolher. É pueril pensar que a Igreja tenha defendido as trevas contra a luz. Ela teve três vezes razão ao proscrever a busca incondicional do conhecimento das coisas, isto é, uma busca que despreze tomar em consideração o elemento espiritual, o objetivo da conquista da salvação. E o que mergulhou o homem nas trevas e o enterrará cada vez mais são precisamente as ciências naturais, “incondicionais” e afilosóficas.

— O senhor acaba de ensinar um pragmatismo — retrucou Settembrini — que basta transportar para o plano político para lhe pôr em evidência o caráter pernicioso. É bom, é

verdadeiro, é justo o que convém ao Estado. Sua salvação, sua dignidade, seu poder representam o critério ético. Muito bem! Isso abre as portas a qualquer crime, e a verdade humana, a justiça individual, a democracia: elas que se arranjem…

— Sugiro o emprego de um pouco de lógica — tornou Naphta. — Uma possibilidade é dar razão a Ptolomeu e à Escolástica, e então o mundo é finito quanto ao tempo e ao espaço. Nesse caso, a divindade é transcendental; a oposição entre Deus e o mundo existe, e também o homem é um ser dualista: o problema de sua alma consiste no antagonismo entre o sensível e o suprassensível, e tudo que é social tem, de longe, papel secundário. Essa é a única forma de individualismo que julgo consequente. Ou então os seus astrônomos renascentistas encontraram a verdade, e o cosmo é infinito. Assim não há mundo suprassensível, não há dualismo. O além acha-se absorvido pelo aquém; desaparece a oposição entre Deus e a natureza; e como nesse caso a personalidade humana, em vez de ser o campo de batalha de dois princípios inimigos, é harmoniosa e una, o conflito que se trava no interior do homem baseia-se exclusivamente naquele que há entre os interesses individuais e coletivos, e a finalidade do Estado torna-se, à boa maneira pagã, a lei moral. Ou uma coisa ou outra.

— Protesto! — gritou Settembrini, enquanto o seu braço teso estendia ao anfitrião a xícara de chá. — Protesto contra a insinuação de que o Estado moderno signifique a servidão diabólica do indivíduo! Protesto pela terceira vez, contra essa alternativa vexatória entre prussianismo e reação gótica diante da qual o senhor nos quer colocar! A democracia não tem outro sentido senão o de ser um corretivo individualista de toda forma de absolutismo do Estado. Verdade e justiça são as joias da coroa da eticidade individual, e no caso de um conflito com os interesses estatais talvez até assumam a aparência de potências inimigas do Estado, quando, em realidade, visam ao bem

mais altaneiro, ao bem supraterreno do Estado. O Renascimento como origem da idolatria do Estado! Que lógica mais bastarda! As conquistas, e emprego essa palavra no sentido literal: as *conquistas* do Renascimento e do Século das Luzes, meu senhor, chamam-se personalidade, direitos do homem, liberdade!

Os ouvintes soltaram a respiração que haviam contido durante a grande réplica do sr. Settembrini. Hans Castorp não pôde deixar de bater, embora discretamente, na borda da mesa com a palma da mão.

— Magnífico! — murmurou entre dentes, e também Joachim mostrou-se altamente impressionado, conquanto o prussianismo houvesse sido mencionado em sentido desfavorável.

A seguir, porém, ambos se voltaram para o interlocutor que acabava de ser rechaçado. Hans Castorp o fez com tamanha impaciência que fincou o cotovelo na mesa e o queixo, no punho, mais ou menos na posição de desenhar um porquinho, para então fitar o sr. Naphta de muito perto e com imensa atenção.

Este se achava sentado tranquilo e afiado, com as mãos magras sobre os joelhos. E disse:

— Eu tentei introduzir um pouco de lógica na nossa discussão, e a resposta do senhor baseia-se em sentimentos elevados. Que o Renascimento deu à luz tudo aquilo que se chama liberalismo, individualismo, humanismo burguês é um fato que eu conhecia mais ou menos bem. Mas seu “sentido literal” põe-me frio, pois a era heroica de “conquistas” desses seus ideais há muito que passou; os ideais estão mortos, ou pelo menos agonizantes, e aqueles que lhes darão o golpe de misericórdia já se acham próximos. Se não me engano, o senhor se arvora em revolucionário. Mas, se acredita que o resultado das revoluções vindouras será a liberdade, iludiu-se redondamente. O princípio da liberdade cumpriu o seu destino e chegou a ser antiquado nos últimos quinhentos

anos. Uma pedagogia que ainda hoje pretende ser a filha do racionalismo e vê os seus meios formativos na crítica, na libertação e no culto do eu, na destruição de formas de vida determinadas de um modo absoluto, ora, tal pedagogia pode obter ainda hoje triunfos retóricos passageiros, porém o seu caráter atrasado é óbvio para os espíritos avisados. Todas as organizações verdadeiramente educadoras sempre souberam qual deve ser o objetivo último da pedagogia, afinal: a autoridade absoluta, a obrigação de ferro, a disciplina, o sacrifício, a renúncia a si próprio, o domínio da personalidade. Em última análise, desconhece e não ama a juventude quem pensa que ela sente prazer diante da liberdade. O que ela aprecia mais é a obediência.

Joachim empertigou-se. Hans Castorp corou. O sr. Settembrini torcia nervosamente o belo bigode.

— Não, senhor! — prosseguiu Naphta. — O segredo e a existência da nossa era não são a libertação e o desenvolvimento do eu. O que ela necessita, o que deseja, o que criará é… o terror.

Abafara a voz ao pronunciar essa última palavra. Não se movera. Só as lentes de seus óculos haviam lampejado rapidamente. Seus ouvintes, todos os três, tinham estremecido, também Settembrini, que imediatamente se dominou e tornou a sorrir.

— E seria possível informar — indagou — quem ou o que (como vê, sou todo interrogações e nem sei como formular a pergunta), quem ou o que o senhor imagina como portador desse… custa-me repetir a palavra… desse terror?

Naphta continuou imóvel, afiado e relampejante.

— Estou às ordens — disse. — Penso não me enganar quando pressuponho que estamos de acordo com respeito ao estado primitivo ideal do homem, à sua liberdade de governo e de poder, à sua relação filial e imediata com Deus, na qual nada havia de domínio e de serviço, nada de lei e de castigo, nada de injustiça, de união carnal, de diferenças de classe, de trabalho e de propriedade, mas exclusivamente

igualdade, fraternidade, perfeição moral.

— Muito bem. Concordo com isso — declarou Settembrini. — Concordo, exceção feita do ponto da união carnal, que evidentemente deve ter existido sempre, uma vez que o homem é um vertebrado muitíssimo desenvolvido, em nada diferente de outros seres…

— Como quiser. Verifico que em princípio somos da mesma opinião, no que se refere ao estado primordial, paradisíaco, isento de lei e ligado imediatamente a Deus, esse estado que se perdeu em virtude do pecado original. Creio que poderemos trilhar lado a lado mais um pedaço do caminho; reduziremos então o Estado a um contrato social que, levando em conta o pecado, foi estabelecido como proteção contra a injustiça, e veremos nisso a origem do poder soberano…

— Benissimo! — exclamou Settembrini. — O contrato social! Aí temos o Século das Luzes, aí temos Rousseau. Eu nunca teria pensado…

— Permita-me. Neste ponto separam-se os nossos caminhos. Do fato de que toda potência e todo governo pertenciam primitivamente ao povo, e que este transmitiu o seu direito de legislação e a totalidade de seu poder ao Estado, ao príncipe, deduz a sua escola, antes de mais nada, que o povo tem o direito de se rebelar contra a realeza. Nós, porém…

"'Nós'?", pensou Hans Castorp, cheio de curiosidade. "Quem é 'nós'? Depois tenho que perguntar a Settembrini a quem ele se refere com esse 'nós'."

— Nós, porém — continuou Naphta —, talvez não sejamos menos revolucionários que o senhor. Nós sempre concluímos desse fato, em primeiro lugar, a supremacia da Igreja sobre o Estado secular. Pois, se a origem não divina do Estado não estivesse escrita na sua testa, bastaria recordar precisamente o fato histórico de ele derivar da vontade do povo e não, como a Igreja, de uma fundação de Deus, para demonstrar que ele é, se não uma obra do mal, pelo menos

um produto da emergência e da imperfeição pecaminosa.

— O Estado, senhor…

— Já sei o que o senhor pensa do Estado nacional. “Acima de tudo o amor à pátria e o infinito desejo de glória!” Esta frase é de Virgílio. O senhor corrige-a pelo acréscimo de um pouco de individualismo liberal, e surge a democracia. Mas isso não modifica os fundamentos de sua relação com o Estado. Pois o senhor não parece chocar-se com a circunstância de que a alma do Estado é o dinheiro. Ou tenciona, acaso, desmenti-la? A Antiguidade era capitalista, devido ao seu culto do Estado. A Idade Média cristã percebeu com toda clareza o imanente capitalismo do Estado secular. “O dinheiro será o imperador” é uma profecia do século XI. O senhor nega que ela literalmente já se realizou, e que dessa forma se cumpriu por completo a demonização de nossa vida?

— Meu amigo, o senhor continua com a palavra. Estou impaciente por saber quem é esse grande desconhecido, o sustentáculo do terror.

— Curiosidade bem ousada, quando vinda do porta-voz de uma classe social que, ao sustentar a liberdade, arruinou o mundo! A rigor, posso dispensar sua réplica, porque não ignoro a ideologia política da burguesia. Seu objetivo é o império democrático, o Estado mundial, a elevação do princípio nacional do Estado à condição de universalidade. O imperador desse império? Conhecemo-lo. A sua utopia é horrorosa, e todavia neste ponto voltamos, de certo modo, a estar de acordo. Pois a sua república universal capitalista tem algo de transcendente, e, de fato, o Estado universal é a transcendência do Estado secular; assim, partilhamos ambos a crença em que um estado de perfeição final da humanidade, situado em um horizonte ainda distante, deve corresponder a um estado de perfeição original. Desde os dias de Gregório Magno, fundador do Estado divino, da Cidade de Deus, a Igreja considerou-se incumbida de reconduzir os homens ao governo de Deus. A pretensão do

papa de exercer soberania e domínio não se deu em virtude dele mesmo; sua ditadura vicária quis ser, isso sim, um meio e um caminho para alcançar a meta da salvação, uma forma de transição do Estado pagão ao reino celeste. O senhor falou diante destes nossos aprendizes sobre os atos sanguinários da Igreja, sobre punições e intolerâncias que ela exerce, e mostrou-se bem tolo ao fazê-lo: pois está claro que o anseio por Deus não pode ser pacifista, e o próprio Gregório disse: "Maldito seja o homem que impede sua espada de derramar sangue!". Já sabemos que o poder é mau. Mas, para que chegue o reino, é preciso suspender momentaneamente o dualismo entre bem e mal, aquém e além, espírito e arbítrio, e uni-lo em um princípio que reúna o ascetismo e o domínio. Eis aí o que chamo necessidade do terror.

— Sim, mas e o sustentáculo? Quem será seu sustentáculo?

— O senhor ainda me pergunta? Será que escapou à sua convicção manchesteriana a existência de uma doutrina sociológica que significa a superação do economicismo pelo homem, e cujos princípios e objetivos coincidem inteiramente com os do Estado cristão de Deus? Os padres da Igreja qualificavam "meu" e "teu" de palavras funestas e chamavam a propriedade privada de usurpação e roubo. Condenavam a posse de bens por ser a terra, segundo o direito natural e divino, comum a todos os homens, produzindo seus frutos para o uso geral. Ensinavam que somente a cobiça, uma consequência do pecado original, defendia os direitos de posse e criara a propriedade particular. Eram bastante humanos, bastante hostis ao comércio para considerar a atividade econômica em geral um perigo para a salvação da alma, isto é, para a humanidade. Odiavam o dinheiro e os negócios, e a riqueza capitalista era para eles o combustível das chamas do inferno. A lei econômica fundamental, a saber, que o preço resulta da relação entre a oferta e a procura, foi desprezada

de todo o coração por eles, que reprovavam o aproveitamento de circunstâncias favoráveis como exploração cínica da miséria do próximo. Existia, contudo, aos seus olhos, uma exploração mais nefanda ainda: a do tempo, a monstruosidade de se fazer pagar um prêmio pelo simples transcurso do tempo, ou seja, os juros, e de se abusar assim de uma instituição genericamente divina, o tempo, para vantagem de uns e prejuízo de outros.

— Benissimo! — exclamou Hans Castorp, que, levado pelo entusiasmo, empregou a fórmula de aprovação do sr. Settembrini. — O tempo... Uma instituição de caráter genericamente divino... Isto é importantíssimo!...

— Sim senhor — prosseguiu Naphta. — Esses espíritos humanos julgavam asquerosa a ideia de um aumento do dinheiro por si só. Incluíam no conceito da usura qualquer especulação ou anatocismo e declaravam que todo rico era ladrão ou herdeiro de ladrão. Iam ainda mais longe. Partilhavam a opinião de São Tomás de Aquino, segundo a qual o comércio em si, o mero negócio comercial, a compra e venda no intuito de obter um lucro, mas sem transformação nem melhoramento da mercadoria, representavam uma profissão ignominiosa. Nem sequer ao trabalho em si mesmo eles eram propensos a conferir muito apreço, já que o trabalho é apenas um assunto ético e não religioso, e se realiza a serviço da vida e não de Deus. E, como se tratasse não mais que da vida simplesmente, e da economia, exigiam que uma atividade produtiva fosse condição de toda vantagem econômica e constituísse a medida do respeito devido. Honrosos pareciam-lhes o agricultor e o artífice, mas não o mercador e o industrial. Queriam que a produção se acomodasse às necessidades e abominavam a produção em massa. Bem, depois de séculos de soterramento ressurgem todos esses princípios e padrões econômicos no movimento moderno do comunismo. A semelhança é completa, e vai até detalhes como o sentido de reivindicar que quem exerça soberania e domínio não seja a corporação internacional de

comerciantes e especuladores, mas o trabalho internacional, o proletariado do mundo, que hoje opõe à depravação burguesa-capitalista a humanidade e os critérios do Estado divino. A ditadura do proletariado, essa exigência de salvação política e econômica dos nossos tempos, não tem o sentido de um domínio que se exerça em virtude de si mesmo e por toda a eternidade, mas sim o de uma ab-rogação temporária, sob o signo da cruz, do conflito entre o espírito e o arbítrio; tem o sentido da superação do mundo por meio de sua dominação, o sentido da transição, da transcendência, o sentido do Reino. O proletariado assumiu para si a obra de Gregório; sente arder no seu íntimo o zelo piedoso do grande papa e, como ele, tampouco poderá afastar de suas mãos o derramamento de sangue. Sua incumbência é espalhar o terror para a salvação do mundo e para a conquista do objetivo da redenção, que é a relação filial com Deus, sem Estado e sem classes.

Tal foi a exposição sutil de Naphta. Fez-se silêncio no pequeno grupo. Os jovens olhavam o sr. Settembrini como se fosse ele quem devesse reagir dessa ou daquela forma. Então ele disse:

— Espantoso. Francamente, confesso que estou emocionado. Eu não teria esperado por essa. *Roma locuta*. E como! E como falou! Diante dos nossos olhos, ele executou um salto-mortale hierático, e se há nisso uma contradição na adjetivação, ela foi “temporariamente ab-rogada”, ah, como foi! Repito: é espantoso. O senhor admite a possibilidade de objeções, caro Professor? Objeções feitas sobre o fundamento da lógica, e nada mais? O senhor acaba de se esforçar por nos fazer entender um individualismo cristão baseado na dualidade entre Deus e o mundo, e por demonstrar sua primazia sobre toda moralidade determinada pela política. Poucos minutos depois levou o socialismo até a ditadura e o terror. Como fazer consoar essas coisas?

— Coisas contraditórias — replicou Naphta — bem podem

consoar, e até rimar entre si. Só não consoa o que é mediano e medíocre. Como já me permiti observar, seu individualismo é medianidade, uma concessão, e nada mais. Corrige sua ética pagã com um pouco de cristianismo, um pouco de “direito do indivíduo”, um pouco de pretensa liberdade, e isso é tudo. Um individualismo, porém, que parte da importância cósmica, da importância astrológica da alma individual, um individualismo não social, mas religioso, que concebe o humano não como antagonismo entre o eu e a sociedade, senão como o conflito entre o eu e Deus, entre carne e espírito, um tal individualismo, genuíno, ele sim harmoniza-se da melhor forma com uma comunidade pautada pela máxima coerção...

— Anônimo e coletivo, esse individualismo — disse Hans Castorp.

Settembrini mirou-o com os olhos arregalados.

— Cale-se, Engenheiro! — ordenou com uma severidade que ia em função de seu nervosismo e tensão. — Instrua-se, mas não se manifeste!... Recebi uma resposta — prosseguiu, voltando-se novamente para Naphta. — Ela pouco me consola, mas é uma resposta. Encaremos todas as consequências que dela decorrem... Com a indústria, o comunismo cristão nega a técnica, a máquina, o progresso. E a liberdade, ele a nega com o que o senhor denomina corporação de comerciantes: com dinheiro e negócios financeiros, coisas que para a Antiguidade tinham muito mais valor que a agricultura e o artesanato. Pois é bastante evidente, e salta mesmo aos olhos, que dessa forma, tal como aconteceu na Idade Média, todas as relações particulares e públicas ficam presas ao terreno e ao solo, e do mesmo modo a... custa-me pronunciá-lo... a pessoalidade. Se apenas o solo pode alimentar, só ele é que outorga a liberdade. Não importa quão alto seja o conceito de que artífices e camponeses possam gozar: basta que não possuam terras, e logo são servos de quem as possui. Até uma fase muito adiantada da Idade Média, as grandes

massas, inclusive nas cidades, compunham-se de servos. No curso de nossa conversa, o senhor mencionou cá e lá a dignidade humana. Não obstante, defende uma moral econômica que implica falta de liberdade e ausência de dignidade da pessoa humana.

— Sobre a dignidade e a ausência dela — disse Naphta — bem se poderia discutir. Por ora eu ficaria muito satisfeito se o contexto de nossos debates lhe permitisse ver na liberdade menos um belo gesto que um problema. O senhor observa que a moral econômica cristã, com toda sua beleza e humanidade, cria servos. Eu oponho a isso que a questão da liberdade, ou a questão das cidades, como se poderia dizer de uma forma mais concreta, que essa questão, por elevada e ética que seja, acha-se historicamente ligada à mais desumana degeneração da moral econômica, a todas as atrocidades das corporações modernas de comerciantes e especuladores, com o domínio satânico exercido pelo dinheiro, pelos negócios.

— Faço questão de que o senhor não se esquive com antinomias e ambiguidades, mas professe clara e inequivocamente ser partidário da mais negra das reações!

— O primeiro passo em direção à verdadeira liberdade e humanidade seria abandonar esse medo covarde ante a ideia de "reação".

— Agora basta! — disse o sr. Settembrini numa voz levemente trêmula, afastando de si a xícara e o prato, que de qualquer modo já estavam vazios, e levantando-se do sofá forrado de seda. — Por hoje já basta, é o que basta para um dia, segundo me parece. Professor, obrigado pelo lanche saboroso e pela conversa, muito espiritual. Os deveres do regime reclamam estes meus amigos do Berghof, e eu gostaria, antes de irem, de mostrar-lhes o meu cubículo lá em cima. Vamos, cavalheiros! Addio, padre!

Agora até havia chamado Naphta de "padre"! Hans Castorp, de sobrancelhas erguidas, tomou nota do apelido. Os primos deixaram que Settembrini organizasse a partida,

dispondo deles e nem sequer perguntando se Naphta eventualmente gostaria de acompanhá-los. Os jovens despediram-se, agradecendo também, e foram convidados a voltar em breve. Acompanharam o italiano, Hans Castorp levando emprestada a obra *De miseria humanae conditionis*, um volume cartonado, em estado precário de conservação. Ainda sentado à mesa, Lukac ˇ ek, com sua barba melancólica, continuava trabalhando no vestido com mangas daquela velha, quando passaram por sua porta, para logo ganhar a escada íngreme que conduzia à água-furtada. No fundo não se tratava de mais um andar, senão simplesmente do vão do sótão, com o madeiramento despido abaixo das telhas e com a atmosfera estival de um depósito, cheirando a madeira quente. Mas o sótão abrigava dois compartimentos que o capitalista republicano habitava e que serviam de gabinete de estudo e dormitório ao colaborador beletrista da *Sociologia dos males*. Ele parecia alegre ao mostrá-los a seus jovens amigos, qualificou a habitação de isolada e íntima, a fim de lhes sugerir os epítetos adequados de que poderiam servir-se para elogiá-la, o que de fato fizeram em uníssono. Era encantadora, acharam ambos, tão isolada e tão íntima, exatamente como dissera o sr. Settembrini. Lançaram um olhar ao pequeno dormitório, onde, à frente do catre estreito, no ângulo do espigão, se estendia um pequeno tapete de retalhos, e depois voltaram ao gabinete de trabalho, mobiliado de modo não menos sumário, mas que mostrava, ao mesmo tempo, uma ordem um tanto espalhafatosa e até fria. Cadeiras toscas e antiquadas em número de quatro, com assentos de palha, achavam-se colocadas simetricamente aos lados das portas, e também o sofá estava encostado à parede, de modo que o centro da peça era ocupado por uma mesa redonda solitária, coberta com uma toalha verde, na qual se via, como adorno ou para refrescos, uma sóbria garrafa de água com um copo enfiado sobre o gargalo. Livros encadernados e brochados encontravam-se apoiados

obliquamente uns nos outros sobre uma pequena estante, e junto à janelinha erguia-se sobre pernas altas uma papeleira leve, diante da qual havia um pedacinho de feltro espesso, bastante grande para que se pudesse ficar de pé em cima dele. Durante um momento, Hans Castorp, a título de experiência, pôs-se no lugar onde o sr. Settembrini costumava trabalhar, estudando as belas-letras para fins enciclopédicos, sob o ponto de vista do sofrimento humano. Fincando os cotovelos na tábua inclinada, o jovem declarou que ali se podia viver de um modo isolado e íntimo. Nessa mesma posição, ele opinou, o pai de Lodovico, com seu nariz fino e comprido, haveria de ter ficado diante da escrivaninha, em Pádua. E Hans Castorp inteirou-se de que essa realmente era a papeleira do erudito, já falecido, e de que também as cadeiras empalheiradas, a mesa e a própria garrafa d'água haviam pertencido a ele. E mais ainda: as cadeiras vieram do avô, o carbonário; haviam feito parte da mobília do seu escritório de advocacia em Milão. Impressionante. Aos olhos dos jovens, a fisionomia das cadeiras tomou ares de insubmissão política; Joachim levantou-se daquela em que se instalara inocentemente, de pernas cruzadas, olhou-a desconfiado e não voltou a ocupá-la. Hans Castorp, porém, em pé diante da papeleira de Settembrini, o Velho, pensou no filho que agora trabalhava nela, unindo na literatura a política do avô e o humanismo do genitor. Pouco depois saíram todos os três. O escritor ofereceu-se a acompanhar os primos no caminho de casa.

Caminharam um bom pedaço sem falar, mas seu silêncio dizia sobre Naphta, e Hans Castorp não tinha pressa: estava certo de que o sr. Settembrini não deixaria de falar sobre o vizinho que dividia com ele a mesma casa, e que só fora com eles na intenção de fazê-lo. Não se enganou. Depois de um suspiro, dado para tomar impulso, o italiano começou dizendo:

— Senhores, eu desejaria adverti-los.

Como Settembrini fizesse uma pausa, Hans Castorp

indagou com fingida surpresa:
— Contra o quê?
Ele ao menos deveria ter perguntado “Contra quem?”, mas conteve-se e usou a forma impessoal, para documentar a extensão da sua inocência, ainda que até mesmo Joachim soubesse bem de que se tratava.
— Contra a personalidade que acabamos de visitar — respondeu Settembrini — e que tive de apresentar-lhes contra a minha vontade. Os senhores sabem que isso aconteceu por mero acaso, e não houve jeito de evitá-lo. Mas a responsabilidade me cabe e pesa muito sobre mim. É minha obrigação expor à juventude, da qual os senhores fazem parte, os perigos espirituais que acarreta o contato com esse homem. Devo pedir-lhes que mantenham em limites seguros as relações com ele. Sua forma é lógica, mas sua natureza é a confusão.
Hans Castorp replicou que, realmente, não se sentia à vontade com Naphta. Suas palavras deixavam-no às vezes com uma sensação esquisita. Podia-se pensar em alguns momentos que ele pretendia afirmar seriamente que o sol girava em torno da Terra. Mas, como poderiam eles, os primos, ter imaginado que fosse inconveniente travar relações sociais com um amigo do sr. Settembrini? Ele próprio não acabava de dizer que haviam conhecido Naphta por seu intermédio? Tinham-no encontrado em sua companhia; o homem passeava com ele, tomava o chá na sua casa, assim sem cerimônia, e tudo isso demonstrava, afinal…
— Sem dúvida, Engenheiro, sem dúvida! — A voz do sr. Settembrini soava suave, resignada, e contudo levemente trêmula. — São objeções que se impõem, e por isso o senhor tem razão de fazê-las. Muito bem, estou disposto a defender-me. Vivo sob o mesmo teto com esse senhor. Encontros frequentes são inevitáveis. Uma palavra traz a outra. A gente trava conhecimento. O sr. Naphta é homem inteligente, o que é coisa rara. Tem um temperamento

discursivo, assim como eu. Que me condene quem quiser, mas aproveito a oportunidade de cruzar as lanças da ideia com um adversário de qualidade até certo ponto igual. Não tenho mais ninguém, nem perto nem longe… Numa palavra, não nego que o visito e que ele me visita. Também passeamos juntos. E discutimos. Discutimos encarniçadamente, quase todos os dias. Mas confesso que a oposição e a hostilidade da sua maneira de pensar representam para mim precisamente um atrativo a mais para me encontrar com ele. Tenho necessidade do atrito. As convicções não vivem, a não ser que tenham ocasião de lutar, e eu, por minha parte, tenho sólidas convicções. Mas como poderiam os senhores afirmar o mesmo das suas próprias pessoas? O senhor, Tenente, ou o senhor, Engenheiro? Não estão armados para se defender contra miragens intelectuais. Correm o perigo de que essas sutilezas meio fanáticas, meio maliciosas, lhes prejudiquem o espírito e a alma.

Hans Castorp admitiu tudo isso. Seu primo e ele próprio eram, provavelmente, naturezas um tanto expostas. A velha história dos filhos enfermiços da vida; claro! Mas a ela podia-se opor Petrarca com sua divisa, que o sr. Settembrini conhecia. Em todo caso era digno de ser ouvido o que Naphta explanava. Que não fossem injustos: aquilo que ele dissera sobre o tempo comunista, por cujo transcurso ninguém deveria receber um prêmio, era mesmo notável. E também eram muito interessantes as ideias dele sobre pedagogia, coisas que ele, Hans Castorp, nunca teria chegado a saber sem Naphta…

Settembrini cerrou os lábios, e Hans Castorp apressou-se a acrescentar que ele naturalmente se abstinha de tomar partido e de formar uma opinião. Apenas achara dignos de atenção os argumentos de Naphta sobre os desejos da juventude, nada mais.

— Mas não deixe de me explicar uma coisa! — continuou. — Esse sr. Naphta… e digo “esse senhor” para indicar que

não simpatizo de todo com ele, pelo contrário, guardo aqui comigo sérias reservas quanto a ele…

— E o senhor faz muito bem! — exclamou Settembrini, cheio de gratidão.

— … ele acaba de dizer horrores contra o dinheiro, a alma do Estado, segundo se expressava, e contra a propriedade particular, que tachava de roubo; numa palavra, atacou a riqueza capitalista, a qual, se não me engano, afirmou que era o combustível das chamas do inferno. Parece-me que se serviu dessa expressão. Em altos brados elogiou a condenação medieval do anatocismo. E apesar de tudo isso, ele próprio… O senhor me desculpe, mas ele deve… É uma surpresa e tanto, quando se entra na casa dele. Toda aquela seda…

— Pois é — sorriu Settembrini. — A tendência dos seus gostos é característica.

— … e os belos móveis antigos — prosseguiu Hans Castorp nas suas reminiscências —, a pietà do século XIV… o lustre veneziano… o criadinho de libré… e bolo de chocolate em abundância… É preciso que ele, pessoalmente…

— O sr. Naphta, pela sua pessoa — explicou Settembrini —, é tão pouco capitalista quanto eu.

— Mas… — perguntou Hans Castorp. — As suas palavras escondem um “mas”, sr. Settembrini.

— Bem, essa gente não deixa nenhum dos seus na miséria.

— Quem é “essa gente”?

— Aqueles padres.

— Padres? Que padres?

— Ora, Engenheiro, eu falo dos jesuítas.

Fez-se um momento de silêncio. Os primos mostraram sinais de grande consternação. Hans Castorp exclamou:

— Não é possível!… Céus, cruzes! Não vá me dizer… O homem é um jesuíta?!

— O senhor adivinhou — respondeu o sr. Settembrini, com elegância.

— Não, nunca na vida eu teria… Quem é que chegaria a

pensar algo assim! É por isso que o senhor o chamou de “padre”?

— Foi um pequeno excesso de cortesia — tornou Settembrini. — O sr. Naphta não é padre. Se por enquanto ainda não atingiu esse grau, a culpa é da enfermidade. Mas ele passou pelo noviciado e fez os primeiros votos. A doença forçou-o a interromper os estudos teológicos. Depois, teve ainda alguns anos de serviço como prefeito num instituto da ordem, isto é, como preceptor ou mentor de jovens alunos. Isso vinha ao encontro das suas inclinações pedagógicas. E aqui pode continuar a satisfazê-las, ensinando latim no Fridericianum. Vive em Davos faz cinco anos. Não se pode dizer ao certo quando será capaz de partir, se é que um dia o será. Mas Naphta pertence à ordem, e, mesmo que os laços que o ligam a ela fossem mais frouxos, nunca lhe faltaria nada. Eu já expliquei aos senhores que ele, pessoalmente, é pobre, quer dizer, não possui bens. Claro, é a regra! A ordem, por sua vez, dispõe de imensas riquezas e cuida dos seus, como os senhores podem ver.

— Barba… ridade! — murmurou Hans Castorp. — E eu não sabia nem jamais pensei que uma coisa dessas ainda pudesse existir! Um jesuíta. Sim, senhor!… Mas diga-me mais uma coisa: se da parte de lá ele está tão bem provido e amparado, por que cargas-d’água é que vive… Não quero criticar sua moradia, sr. Settembrini, o senhor está muito bem instalado na casa de Lukaček, de um modo comodamente isolado e sobretudo tão íntimo… Mas sou da opinião de que esse Naphta, uma vez que anda tão cheio da nota, para usar esse termo vulgar… Por que ele não aluga uma moradia mais vistosa, com uma entrada elegante e peças grandes, numa casa distinta? Há mesmo qualquer coisa de misterioso e aventureiro nesse jeito de morar em um quartinho desses, com todas aquelas sedas…

Settembrini deu de ombros.

— Devem ser razões de tato e de gosto que determinaram a escolha — disse afinal. — Acho que sua consciência

anticapitalista se sente melhor quando ele habita o quarto de homem pobre e se compensa pela maneira como vive. Talvez queira ser discreto. Não há por que ficar ostentando, quando o diabo está por trás, sustentando. Põe-se uma fachada que não dá na vista, e atrás dela vige o gosto do sacerdote pela seda…

— Que esquisito! — disse Hans Castorp. — Algo absolutamente novo para mim e, por isso mesmo, emocionante, tenho que confessar. Não, de fato estamos muito gratos, sr. Settembrini, porque nos apresentou esse homem. Voltaremos a visitá-lo muitas vezes, pode estar certo. Ficou combinado assim. Relações como essa surpreendem, ampliam o horizonte e permitem olhar para um mundo cuja existência a gente ignorava por completo. Um autêntico jesuíta! Quando digo “autêntico”, dou a mim mesmo o mote do que me passa pela cabeça, e que não posso deixar de notar. Pergunto: ele é um jesuíta autêntico, como os outros? Sei muito bem que o senhor pensa não ser autêntico quem tem o diabo atrás de si como sustento. Mas o que eu gostaria de saber é outra coisa, que se pode resumir na pergunta: Ele é autêntico *como jesuíta*? É essa questão que me consome. Ele acaba de dizer uma porção de coisas, e o senhor sabe a que me refiro, sobre o comunismo moderno e o anseio divino do proletariado que não deve impedir suas mãos de derramar sangue. Numa palavra, ele disse coisas que não quero comentar, mas comparado com esse homem o avô do senhor, com sua lança do cidadão, era um cordeirinho inocente, e peço que não leve a mal essa minha expressão. Isso é possível? Ele conta com aprovação de seus superiores? O que ele diz é compatível com a doutrina romana, uma vez que, quanto eu saiba, a ordem intriga em prol dela, no mundo inteiro? Isso tudo não acaba sendo — como é mesmo a palavra? — herético, subversivo, incorreto? Isso ocorre *a mim mesmo* sobre Naphta, e eu gostaria muito de saber o que o senhor pensa.

Settembrini sorriu.

— Muito simples. O sr. Naphta é, antes de mais nada, um jesuíta, e um jesuíta para valer. Mas em segundo lugar é um homem de espírito, do contrário eu não procuraria a companhia dele, e como tal empenha-se em encontrar novas combinações, adaptações e associações, ainda em busca de variações apropriadas a este tempo. Os senhores me viram surpreso diante das teorias dele. Comigo, ele nunca se revelara até esse ponto. Servi-me do estímulo que a presença dos senhores exerceu sobre ele para provocá-lo, a fim de que dissesse, em certo sentido, a palavra final. E essa palavra soou bastante excêntrica, bastante monstruosa…

— Sim, claro; mas por que ele não chegou a ser padre? Ele teria a idade certa para isso.

— Eu já lhe disse que a doença o impediu, temporariamente.

— Hm… Mas, se Naphta é em primeiro lugar um jesuíta e, em segundo lugar, um homem de espírito em busca de combinações, o senhor não acredita que este último elemento, esse suplemento, provém da enfermidade?

— Que o senhor quer dizer com isso?

— Nada, não, sr. Settembrini. Mas parece-me o seguinte: ele tem um lugar úmido que o impede de ser padre. Mas aquelas suas combinações também o teriam impedido, e sob esse aspecto pode-se dizer que as combinações e o lugar úmido pertencem à mesma categoria. Ele é, à sua maneira, uma espécie de filho enfermiço da vida, um joli jésuite com uma petite tache humide.[8]

Haviam chegado ao sanatório. No terraço em frente do edifício detiveram-se ainda um instante, antes de se separarem. Formaram um pequeno grupo, enquanto outros pensionistas, que andavam ociosos nas proximidades do portão, observavam sua conversa. O sr. Settembrini disse:

— Mais uma vez, meus jovens amigos, advirto-os. Não posso proibir-lhes, caso a curiosidade os impulsione, que cultivem essa relação que já se estabeleceu. Mas tragam em torno do coração e do intelecto uma couraça de

desconfiança, e nunca deixem faltar uma resistência crítica. Eu lhes definirei esse homem com uma única palavra. Ele é um voluptuoso.

Os primos fizeram uma careta. A seguir Hans Castorp perguntou:

— Um quê? Ora veja! Mas ele pertence a uma ordem. Pelo que sei, existem ali alguns votos que devem ser feitos, e além disso Naphta é tão minguado e tão débil…

— O senhor fala muito ingenuamente, Engenheiro — retrucou o sr. Settembrini. — Aquilo nada tem que ver com a debilidade, e quanto aos votos há certas reservas. Porém, eu falei num sentido mais lato e mais espiritual, na esperança de encontrar alguma compreensão da parte do senhor. Lembra-se do dia em que o visitei em seu quarto, já faz muito, muitíssimo tempo, quando o senhor passava pelo período de acamamento obrigatório, logo depois da sua admissão como paciente…

— Como não! O senhor entrou na hora do crepúsculo e acendeu a luz. Recordo-me como se fosse hoje…

— Bem, naquele dia o curso de nossa conversa, como graças a Deus acontece com frequência, levou-nos a certos assuntos elevados. Creio que falamos até da vida e da morte, da natureza digna da morte, contanto que seja uma condição e um complemento da vida, e do caráter de bicho-papão que ela assume quando o espírito comete o erro pavoroso de isolá-la como princípio. Meus senhores! — prosseguiu o sr. Settembrini, aproximando-se muito dos dois jovens e estendendo-lhes o polegar e o dedo médio da mão esquerda à maneira de uma forquilha, como para apanhar-lhes a atenção, enquanto erguia o indicador da direita em sinal de admoestação… — Gravem na memória que o espírito é soberano, sua vontade é livre, e ele determina o mundo moral. Porém, se ele isola a morte de maneira dualista, esta se converte de um modo efetivo e prático (*in actu*, os senhores me entendem), graças a essa vontade do espírito, numa potência própria, oposta à vida, num

princípio antagônico, na grande sedução, e império dela é o da voluptuosidade. Os senhores perguntam: “Por que da voluptuosidade?”. E eu lhes respondo: porque a morte dissolve e redime, porque traz a redenção, mas não a redenção do mal, e sim a redenção pelo mal. A morte dissolve a ética e a moralidade, redime da disciplina e da moderação, liberta para a volúpia. Se os advirto contra o homem que os senhores, mau grado meu, conheceram por meu intermédio, se os exorto a que blindem os corações com a tríplice couraça da crítica, no contato e nas discussões com ele, é porque todos os seus pensamentos têm caráter voluptuoso, pois estão colocados sob a proteção da morte, que é uma potência sumamente licenciosa, como eu já lhe disse, Engenheiro, naquela ocasião. Lembro-me bem da expressão que usei, sempre guardo na memória as expressões precisas e incisivas que tive oportunidade de formular: a morte é uma potência que se volta contra o avanço moral, o progresso, o trabalho e a vida. E o mais nobre dever do educador é pôr as almas dos jovens ao abrigo das suas emanações mefíticas.

Seria impossível falar de forma mais clara e mais elegante do que o sr. Settembrini acabava de fazer. Hans Castorp e Joachim Ziemssen agradeceram-lhe muito todos os conselhos, despediram-se e subiram até o portal do Berghof, enquanto o sr. Settembrini regressava à sua papeleira de humanista, um andar acima da cela de Naphta, revestida de seda.

A visita dos primos à casa de Naphta, que acabamos de descrever, foi a primeira que lhe fizeram. Seguiram-na duas ou três outras, uma até na ausência do sr. Settembrini; e todas elas forneceram ao jovem Hans Castorp material para as suas reflexões, sempre que ele, com a forma sublime chamada *Homo Dei* a pairar ante seu olhar interior, se sentava em meio ao lugar florido de azul, e ali “reinava”.

IRASCIBILIDADE. E MAIS UMA COISA MUITO CONSTRANGEDORA

Assim veio o mês de agosto, e logo em seus primeiros dias passou despercebido o aniversário da chegada de nosso herói aqui em cima, junto de nós. E ainda bem que passou — o jovem Hans Castorp pressentira-o com certo mal-estar. E essa era a regra. O dia da chegada não era benquisto, veteranos e mesmo primeiranistas não o comemoravam, e se normalmente se aproveitava qualquer pretexto para festividades e bebedeiras alegres, se o número de destaques gerais e importantes que marcavam o ritmo e pulsação do ano fosse acrescido de muitíssimos outros de natureza privada e irregular, se aniversários natalícios, exames médicos, iminências de partidas, quer autorizadas, quer "em falso", dessem motivos para comezainas no restaurante e para festins regados a champanhe — essa data, por sua vez, era relegada ao silêncio, deslizava-se por cima dela, realmente esquecia-se dela, e podia-se estar confiante em que os outros tampouco a teriam em mente. Sem dúvida, era costume prestar atenção às subdivisões do tempo; observava-se o calendário, a sucessão, a volta de determinado dia. Mas medir e contar aquele tempo que para uma certa pessoa se associava ao espaço ali de cima — isto é, contar o tempo particular e individual — cabia a principiantes e a pacientes de curto prazo; os mais traquejados preferiam a imensidão, a eternidade despercebida, o dia que era sempre o mesmo, e cada um tinha suficiente delicadeza para supor nos demais o desejo que ele próprio alimentava. Dizer a um enfermo: "Hoje faz três anos que o senhor está aqui" seria julgado inábil e brutal. Era coisa que não acontecia. A própria sra. Stöhr, por maiores que fossem os seus defeitos, demonstrava nesse ponto bastante tato e polidez, de maneira que nunca cometeria tamanha gafe. Sua enfermidade, o estado febril de seu corpo, andavam ligados, inegavelmente, a uma

crassa ignorância. Havia só poucos dias, ela falara à mesa da “afetação” dos ápices dos seus pulmões, e durante uma conversa sobre assuntos históricos declarara que as datas dos grandes feitos da história eram para ela uma espécie de “anel de Polícrates”, deixando estupefatos os comensais. Era, porém, inimaginável que fosse recordar, em fevereiro, ao jovem Ziemssen a data do seu jubileu, ainda que talvez se lembrasse dela; pois a sua infortunada cabeça estava naturalmente cheia de datas e coisas inúteis, e a sra. Stöhr gostava de fazer as contas dos outros. Mas a tradição impedia-a de falar.

E o mesmo se deu no aniversário da chegada de Hans Castorp. No curso da refeição, a desgraçada procurara uma vez piscar-lhe o olho de modo significativo; mas, como a fisionomia do jovem não desse sinal algum de compreensão, apressara-se a bater em retirada. Também Joachim deixara de manifestar-se, e todavia não esquecera a data em que fora à estação de Davos-Dorf para receber o visitante. Mas Joachim, por natureza pouco inclinado a conversar — muito menos do que Hans Castorp se mostrava ali em cima, sem falar de certos humanistas e disputadores da sua roda —, exibia nos últimos tempos uma taciturnidade singular e surpreendente. Só se expressava em monossílabos, embora o seu semblante revelasse um violento trabalho interior. Era evidente que a estação de Davos-Dorf despertava nele outras ideias que não as de chegada e de recepção... Mantinha intensa correspondência com a planície. Dentro dele, decisões iam amadurecendo. Os preparativos que fazia aproximavam-se do fim.

O mês de julho fora quente e cheio de sol. Mas com o princípio do novo mês irrompeu uma onda de mau tempo, com uma umidade brumosa e com chuvas mescladas de neve, seguidas de uma nevada incontestável. Esse tempo estendeu-se, interrompido por alguns esplêndidos dias de verão, além dos fins de agosto, até pleno setembro. No começo, os quartos continuavam conservando o calor do

período estival precedente; registravam-se dez graus no seu interior, o que passava por temperatura agradável. Mas aos poucos aumentava o frio, e o aspecto da neve que caía sobre o vale causou viva satisfação, porque foi só diante disso — a queda de temperatura não teria bastado — que a administração decidiu-se a acender o aquecimento central, primeiro na sala de refeições e depois também nos quartos; e quem, após ter cumprido o dever do repouso, se desembaraçasse dos seus dois cobertores e, abandonando a sacada, entrasse no aposento podia tocar com as mãos úmidas e enregeladas os radiadores reanimados, cuja emanação seca intensificava o ardor das faces.

Era isso o inverno? Os sentidos dificilmente se esquivavam a essa impressão, e todos lamentavam "terem sido roubados do verão", posto que eles mesmos, ajudados por circunstâncias artificiais e naturais, por um pródigo consumo de tempo, o tivessem escamoteado a si próprios. A razão argumentava que ainda viriam uns belos dias de outono, talvez até toda uma série deles, e de tamanho esplendor cálido que não seria excessiva honra atribuir-lhes o nome de verão — uma vez que se fizesse abstração da órbita do sol já menos oblíqua e do fato de anoitecer mais cedo. Mas o efeito que a paisagem hibernal exercia sobre a alma era mais forte que esse tipo de consolo. Os enfermos colocavam-se junto à porta cerrada da *loggia* e contemplavam com repugnância o torvelinho que se abatia lá fora. Pelo menos era essa a atitude de Joachim, que disse numa voz oprimida:

— Já vai começar de novo?

Hans Castorp respondeu do fundo do quarto:

— Seria um pouco prematuro. Só pode ser passageiro, apesar da terrível aparência definitiva. Se o inverno consiste em escuridão, neve, frio e radiadores quentes, então o inverno voltou, não há como negar. E quando se considera que o inverno acaba de terminar e mal passou o degelo (em todo caso nos *parece* que estamos recém-saídos da primavera, não é?), então admito que é caso de se passar

mal. São coisas que ameaçam a vontade de viver de qualquer um, e vou lhe explicar por quê. Quero dizer que o mundo normalmente está organizado de maneira a corresponder às necessidades do homem e a estimular-lhe a vontade de viver; isso é preciso admitir. Não vou a ponto de dizer que a ordem natural das coisas, por exemplo, o tamanho da Terra, o tempo que ela precisa para dar uma volta em torno de si mesma, e em torno do sol, o ciclo das estações, o ritmo cósmico, se o quer chamar assim, ora, que tudo isso obedeça às nossas necessidades; tal afirmação seria muito pretensiosa e simplista; seria pura teleologia, como dizem os filósofos. Mas o caso é que, graças a Deus, as nossas necessidades e os fatos básicos e gerais da natureza estão de acordo uns com os outros. Digo: "Graças a Deus!" porque aí temos realmente um motivo para dar graças a Ele, e quando vem o verão ou o inverno na planície então já passou tanto tempo desde o verão ou o inverno anterior que a estação que chega nos é nova e bem-vinda outra vez, e disso deriva a vontade de viver. Mas aqui em cima, essa ordem e esse acordo têm sido perturbados, primeiro porque no fundo não há verdadeiras estações, como você mesmo me disse certa vez, mas somente dias de inverno e dias de verão pêle-mêle,[9] numa completa mixórdia; e segundo porque aquilo que decorre para nós aqui não é tempo, de maneira que quando o inverno chega já não é novo, mas sim o mesmo de antes; e daí se explica o mau humor com que você está olhando pela janela.

— Muito obrigado — disse Joachim. — E agora que você me explicou tudo isso, parece-me tão satisfeito que até se conforma com a coisa em si, apesar de ela… Não! — exclamou Joachim. — Basta! — ele disse. — Uma porcaria! Tudo aqui é uma enorme porcaria. Dá asco! E se você, da sua parte… *Eu*… — E saiu do quarto a passo apressado, batendo a porta atrás de si, furioso; e, a julgar pelos sinais, seus olhos belos e brandos haviam marejado de lágrimas.

O outro ficou atrás, consternado. Não tomara muito a sério

certas decisões do primo, enquanto este se limitara a ameaças feitas em altos brados. Agora, porém, que alguma força operava silenciosamente no interior de Joachim, e o primo se comportava como acabava de fazer, Hans Castorp aterrorizou-se, porque compreendia que esse militar era bastante homem para passar a agir. E o jovem ficou pálido de medo, medo que sentia por ambos, pelo outro e por si próprio. Fort possible qu'il va mourir,[10] pensou, e como isso indubitavelmente fosse uma sabedoria de terceira mão ainda se mesclou com ela a tortura de uma suspeita antiga e jamais aquietada, enquanto ele continuou a cismar: "Será possível que ele vá me deixar sozinho aqui em cima, a mim, que somente subi para visitá-lo?".! E ainda chegou a acrescentar: "Mas isso seria maluco e horroroso, a tal ponto que sinto como meu rosto se gela e meu coração lateja desordenadamente. Pois se eu ficar sozinho nestas alturas (e é isso que farei, se ele partir, pois não entra em questão eu acompanhá-lo), então nesse caso (agora meu coração para por completo), então nesse caso é para sempre, para todos os tempos, pois sozinho nunca na vida reencontrarei o caminho que conduz à planície…".

Tais foram as temorosas reflexões de Hans Castorp. Aquela mesma tarde devia trazer-lhe certeza sobre o curso do porvir: Joachim declarou suas intenções, foram lançados os dados, deu-se o golpe decisivo.

Depois do chá desceram ao subterrâneo bem-iluminado para apresentar-se ao exame mensal. Era em princípios de setembro. Ao entrarem na atmosfera seca do consultório encontraram o dr. Krokowski sentado em seu lugar diante da escrivaninha, ao passo que o conselheiro, com as faces muito azuladas, e com os braços cruzados, encostava-se à parede. Com o estetoscópio que segurava numa das mãos, ia dando leves golpes no seu ombro. Bocejou em direção ao teto.

— Bom dia, meus filhos — disse em voz fatigada.

No decorrer da cena que se seguiu, continuou

manifestando uma disposição bastante lânguida, cheia de melancolia e de renúncia geral. Provavelmente acabava de fumar. Mas tivera também alguns desgostos autênticos, dos quais os primos já tinham ouvido falar, incidentes de sanatório, de um gênero suficientemente conhecido. Tratava-se de uma jovem, de nome Ammy Nölting, que se internara no Berghof pela primeira vez no outono do ano retrasado e recebera alta nove meses depois, em agosto; mas já em setembro reaparecera, porque não "se sentira bem" em casa; em fevereiro, fora novamente mandada para a planície, com pulmões onde já não se percebia o menor ruído estranho; mas em meados de julho voltara a ocupar o seu lugar à mesa da sra. Iltis. Haviam surpreendido a dita Ammy, à uma hora da madrugada, em companhia de um enfermo chamado Polypraxios, o mesmo grego que na noite do Carnaval causara sensação pela elegância das suas pernas, um jovem químico, cujo pai possuía uma fábrica de tintas no Pireu. Polypraxios fora apanhado no quarto de Ammy por uma amiga loucamente enciumada, que ali chegara pelo mesmo caminho que ele, isto é, pelas sacadas, e, dilacerada de mágoa e de raiva diante do quadro que se lhe oferecera, fizera uma gritaria medonha, alarmando todo o mundo e dando origem a um escândalo extraordinário. Behrens vira-se obrigado a despedir todos os três, o ateniense, a Nölting e a amiga que de tanta paixão não se importara com a própria honra; ele acabava de discutir esse assunto chocante com o assistente, a cuja clientela particular haviam pertencido tanto Ammy como a amiga. Ainda durante o exame dos primos prosseguiu ocupando-se com o caso, num tom sombrio e resignado; era um perito tão consumado na arte da auscultação, que sabia explorar o interior de um enfermo enquanto falava de outra coisa, e ainda ditava ao assistente os fenômenos verificados.

— Pois é, gentlemen, sempre essa maldita libido! — disse. — Claro que os senhores se divertem com essa história, pouco lhes importa... Vesicular... Mas um diretor de

sanatório fica com nojo dessas coisas; podem... Maciez... podem me acreditar. Que culpa tenho eu de que a tísica ande frequentemente acompanhada de extrema concupiscência? Respiração levemente rude... Não fui eu quem arranjou o mundo dessa maneira. Mas, antes que a gente se dê conta disso, acha-se no papel de um dono de conventilho. Diminuição do murmúrio, abaixo da axila esquerda... Temos a análise, proporcionamos oportunidades para desabafarem. Que adianta? Quanto mais se abrem esses piratas, mais assanhados se tornam. Eu recomendo a matemática... Aqui melhorou; desapareceram os roncos... Ocupar-se com matemática, digo eu, é o melhor remédio que existe contra a lascívia. O promotor Paravant, que muito sofria da tentação, meteu-se a estudá-la. Anda às voltas com a quadratura do círculo e sente-se bastante aliviado. Mas a maioria é por demais estúpida e preguiçosa para isso; que Deus os perdoe!... Vesicular... Olhe, eu sei perfeitamente que para a mocidade aqui em cima não custa tomar um mau caminho e depravar-se por completo. Há tempos fiz algumas tentativas de intervir nesses casos de devassidão. Mas aconteceu que um irmão ou noivo qualquer me perguntasse à queima-roupa o que eu tinha com isso. Desde então limito-me a ser um simples médico e nada mais. Ligeiro estertor à direita, na parte superior...

Estava terminado o exame de Joachim. O dr. Behrens enfiou o estetoscópio no bolso do avental e esfregou os olhos com a manzorra esquerda, como costumava fazer, quando “entregava os pontos” ou sentia-se melancólico. Quase maquinalmente, entre bocejos mal-humorados, recitou a sua lição:

— Pois então, Ziemssen, ânimo! É verdade que nem tudo corre como no manual de fisiologia, aqui e ali ainda está encrencado, e por enquanto o senhor ainda não liquidou sua conta com Gaffky; pelo contrário, comparado com a última vez, até subiu um grau na escala: seis é o que deu, mas não há motivo para anunciar aos brados a dor do mundo.

Quando chegou aqui, estava mais doente que hoje, isso lhe dou por escrito, e se o senhor ficar conosco ainda uns cinco ou seis *menses*... Não acha que *menses* soa melhor que meses? Decidi que só vou dizer *menses*, daqui para a frente...

— Sr. Conselheiro... — começou Joachim. Estava de pé, com o torso desnudo, numa atitude tesa. Tinha o peito saliente, os calcanhares unidos e as mesmas manchas terrosas no rosto que tivera em certa ocasião, quando Hans Castorp pela primeira vez notara que esse era o modo como empalidecia a tez bronzeada.

— Se o senhor — prosseguiu Behrens, sem se importar com a interrupção — prestar serviço mais meio aninho por aqui, vai ficar curado, poderá tomar Constantinopla de assalto, terá fortaleza o bastante para firmar-se como comandante em chefe em todas as fortalezas que queira...

Deus sabe quantos trocadilhos o médico ainda teria feito, em sua disposição sombria, não o tivessem desconcertado a atitude imperturbada de Joachim e sua intenção inabalável de falar, e de falar corajosamente.

— Sr. Conselheiro — disse o jovem —, com todo o respeito eu lhe queria dar parte de que resolvi viajar.

— Ora veja! Quer tornar-se viajante? Eu pensava que o senhor, mais tarde, quando curado, queria ingressar nas fileiras do Exército.

— Não, sr. Conselheiro, tenho de partir imediatamente, daqui a uns oito dias.

— Não diga! Estou escutando bem? O senhor quer bater em retirada, quer escapulir? Sabe que isso é deserção?

— Não, sr. Conselheiro, não penso assim. Preciso apresentar-me a meu regimento.

— Mesmo que eu lhe diga que dentro de meio ano sem falta poderei dar-lhe alta, mas que eu, antes de meio ano, não posso dar-lhe alta?

Joachim ia assumindo atitude cada vez mais militar. Encolhendo a barriga, ele disse laconicamente e com voz

sufocada:

— Faz mais de um ano e meio que estou aqui, sr. Conselheiro. Não posso esperar mais tempo. No começo, o senhor me disse: três meses. Depois o meu tratamento foi sucessivamente prolongado por outros três ou seis meses, e ainda não estou curado.

— A culpa é minha?

— Não, sr. Conselheiro. Mas não posso esperar mais tempo. Se não quero perder de vez o recrutamento, então não posso esperar aqui em cima pela cura completa. Tenho que descer agora mesmo. Ainda necessito de algum tempo para me equipar e tomar outras providências.

— Sua família está de acordo com seu procedimento?

— Minha mãe está de acordo. Já ficou tudo combinado. Em 1º de outubro entrarei como aspirante no Regimento 76.

— Assumindo todos os riscos? — perguntou Behrens, fixando nele os olhos injetados.

— Sim, sr. Conselheiro — respondeu Joachim, com os lábios trêmulos.

— Bom, então está bem, Ziemssen. — O conselheiro mudou de expressão, relaxou a atitude, cedeu. — 'Tá bem, Ziemssen. Mexa-se! Deus o acompanhe na viagem. Vejo que o senhor sabe o que quer, toma a responsabilidade para si, e é certo que as consequências são da sua conta e não da minha, a partir do momento em que o senhor toma a responsabilidade para si. Ajuda-te, e ajudar-te-ei. O senhor parte por sua conta e risco, eu não garanto nada. Mas que assim seja, afinal, tudo pode sair bem. O senhor escolheu uma profissão ao ar livre. É possível que se dê bem com ela e consiga triunfar.

— Sim, sr. Conselheiro.

— E esse jovem da classe dos paisanos? O senhor vai junto na romaria?

Cabia a Hans Castorp responder. Ele estava ali, tão pálido como há um ano, quando do exame de então resultara seu internamento; estava no mesmo lugar como naquela

ocasião, e novamente se via pulsar seu coração contra as costelas. Ele disse:

— Para mim, tudo depende de seu parecer, sr. Conselheiro.

— De meu parecer? Muito bem! — E puxando-o pelo braço, Behrens aproximou-o de si. Auscultou e percutiu. Não ditou. A coisa foi rápida. Quando terminou, disse:

— O senhor pode partir.

Hans Castorp balbuciou:

— Quer dizer… Mas como? Estou curado?

— Sim, o senhor está curado. Daquele lugar à esquerda, em cima, já não vale a pena falar. A temperatura do senhor não pode ter relação com ele. Não sei dizer de onde ela vem. Acho que não tem grande importância. Por mim, o senhor pode partir.

— Mas, sr. Conselheiro… Permita-me a pergunta… O senhor está falando sério?

— Se eu falo sério? Mas como? Que ideia é essa? Eu queria saber o que o senhor pensa de mim. Por quem me toma? Pelo dono de um conventilho?

Era uma explosão de cólera. O azul das faces do médico intensificara-se, assumindo um tom violeta por causa da congestão ardente; a crispação unilateral do lábio, sob o bigodinho, acentuara-se, descobrindo os dentes de cima, amarelados; ele fez avançar a cabeça, como um touro, e seus olhos saltaram, lacrimosos e estriados de sangue.

— Não admito isso! — ele gritou. — Em primeiro lugar, fique sabendo que não sou dono de coisa alguma! Sou um funcionário desta empresa! Sou médico! Sou *somente* médico, o senhor compreende? Não sou alcoviteiro, não sou nenhum Signor Amoroso da via Toledo, na bela Nápoles, está me entendendo? Sirvo a humanidade sofredora! E se os senhores tiverem formado opinião diferente a respeito de minha pessoa, podem ambos ir às favas ou ao diabo ou águas abaixo, conforme sua livre escolha! Boa viagem!

A passos longos e apressados saiu pela porta que dava para a antessala do gabinete de radiografia e fechou-a atrás

de si com um estrondo.

Os primos olharam para o dr. Krokowski em busca de um conselho. Mas este enterrou o nariz e o rosto inteiro em sua papelada. Vestiram-se às pressas. Enquanto subiam a escada, Hans Castorp falou:

— Foi terrível. Você já o viu assim antes?

— Não, assim nunca. São esses ataques de loucura cesárea. A única coisa que se pode fazer é aguentá-los sem perder a linha. Claro que ele andava nervoso com a história de Polypraxios e da Nölting. Mas você viu — continuou Joachim, e era visível que o prazer de ter lutado com êxito lhe enchia o coração e lhe oprimia o peito —, você viu como ele cedeu terreno e capitulou, quando percebeu que eu não estava brincando? Basta que a gente se mostre enérgico e não se deixe atemorizar. Agora recebi uma espécie de autorização; o próprio Behrens disse que provavelmente conseguirei triunfar; daqui a oito dias, a viagem que… e em três semanas me apresentarei ao regimento — apressou-se em corrigir-se, de modo a deixar Hans Castorp fora da jogada e limitar à própria pessoa as manifestações que fazia com a voz vibrante.

Hans Castorp permaneceu calado. Não comentou a “autorização” de Joachim, tampouco a própria, da qual também poderia ter falado. Preparou-se para o repouso. Introduziu o termômetro na boca. Com umas poucas manobras velozes e precisas, cheias de arte aperfeiçoada, envolveu-se nos seus dois cobertores de lã de camelo, em conformidade com aquela prática sagrada da qual ninguém tinha ideia na planície. Depois, deixou-se ficar estendido, imóvel, transformado num rolo simétrico, sobre a excelente espreguiçadeira, em meio à umidade fria da tarde de princípios de outono.

Nuvens carregadas de chuva pairavam baixas, a bandeira com a marca do sanatório estava arriada, restos de neve cobriam os galhos molhados do abeto. Do alpendre do andar térreo, donde, fazia mais de um ano, ressoara pela primeira

vez a voz do sr. Albin, subia um murmúrio de conversas abafadas até os ouvidos de quem cumpria seu serviço e cujos dedos e rosto rapidamente se enregelavam com o frio e a umidade. Ele estava acostumado e aceitava com gratidão o estilo de vida daqui, que havia muito se tornara para ele o único imaginável, e que lhe permitia ficar deitado ao abrigo de tudo e entregar-se a seus pensamentos.

Era coisa resolvida. Joachim partiria. Radamanto dera-lhe alta — não "rite", não como curado, mas em todo caso dera-lhe alta com uma meia aprovação, em virtude e como reconhecimento de sua atitude firme. O primo viajaria no trem de bitola estreita, desceria à baixada, até Landquart, até Romanshorn, para depois transpor o lago vasto e profundo, sobre o qual cavalgara o cavaleiro do poema, e então atravessar a Alemanha inteira até chegar em casa. Viveria lá embaixo, no mundo da planície, rodeado de pessoas sem noção alguma sobre como se devia viver, pessoas que nada sabiam do termômetro, nem da arte de se envolver nos cobertores, nem do saco de peles, dos três passeios cotidianos, do... enfim, difícil dizer, difícil listar tudo que desconheciam as pessoas lá embaixo; mas a noção de que Joachim, depois de ter passado mais de um ano e meio ali em cima, viveria doravante entre os inscientes, essa noção — que só dizia respeito a Joachim, e apenas vaga e hipoteticamente a ele, Hans Castorp — perturbou-o de tal forma que fechou os olhos e fez com a mão um gesto qual se defendesse.

— Impossível, impossível! — murmurou.

Mas, uma vez que era impossível, ele mesmo continuaria a viver sozinho aqui em cima, sem Joachim? Sim. Por quanto tempo? Até que Behrens lhe desse alta como curado, e isso a sério, e não como hoje. Mas, em primeiro lugar esse momento era de tal forma indeterminado que para fixá-lo só se podia repetir aquele gesto vago que Joachim esboçara em certa ocasião; e, em segundo lugar, era duvidoso se o impossível de agora se tornaria mais possível no futuro. O

contrário parecia mais provável. Era preciso reconhecer, com lealdade, que nesse momento em que o impossível talvez ainda não fosse tão impossível como o seria mais tarde uma mão estava sendo estendida para segurá-lo; pelo fato da partida “em falso” de Joachim, eram-lhe oferecidos um bastão e um guia para conduzi-lo à planície, para onde ele, por força própria, jamais encontraria o caminho. A pedagogia humanística, se ficasse sabendo dessa oportunidade, quanto não o exortaria a que agarrasse o bastão e aceitasse o guia! Ora, o sr. Settembrini representava coisas e potências interessantes, sem dúvida, mas não exclusivas e absolutas; e o mesmo ocorria com Joachim. O primo era militar. Partia, quase na hora do projetado regresso de Marúsia, a moça dos seios opulentos, que, como sabemos, devia voltar a 1º de outubro. Ao paisano Hans Castorp, porém, a partida afigurava-se impossível precisamente porque ele tinha de esperar por Clawdia Chauchat, de cuja volta, por enquanto, nem sequer se falava. “Não penso assim”, dissera o primo, quando Radamanto usara o termo “deserção”, que com referência a Joachim, estava claro, não passava de um disparate e de um exagero do médico agastado. Mas ao paisano apresentavam-se as coisas sob um aspecto diferente. No seu caso (ah, era assim mesmo, sem dúvida alguma! Fora com a intenção de arrancar de seus sentimentos essa ideia decisiva que ele se deitara hoje, aqui, nesse frio úmido) — ora, no seu caso seria mesmo deserção, caso ele aproveitasse a ocasião e partisse mais ou menos “em falso” para a planície; ele desertaria das responsabilidades que se desdobravam diante dele, devido à visão daquela forma sublime chamada *Homo Dei*; desatenderia os deveres que lhe impunha o seu reinado, deveres laboriosos e excitantes, que ultrapassavam suas forças inatas, mas que o enchiam de uma felicidade aventurosa quando se consagrava a eles em sua sacada ou naquele lugar florido de azul.

Tirou o termômetro da boca, com tamanha violência como

só lhe acontecera numa única ocasião: quando o usara pela primeira vez, logo depois de a superiora lhe haver vendido o delgado instrumento. Examinou-o com a mesma curiosidade de então. Mercúrio se elevara com vigor. Mostrava 37,8 — quase 9.

Hans Castorp jogou para longe os cobertores, levantou-se de um salto, deu alguns passos rápidos através do quarto, em direção à porta do corredor. Depois voltou à cadeira. Achando-se novamente na posição horizontal, chamou em voz baixa a Joachim e informou-se da temperatura do primo.

— Não tirei — ele respondeu.

— Bem, estou com "temperardente" — disse Hans Castorp, servindo-se da expressão da sra. Stöhr, que a usava por analogia com "aguardente". Joachim, atrás da divisória de vidro, permaneceu em silêncio.

Tampouco mais tarde ele disse coisa alguma, nem nesse dia nem nos seguintes, e não fez perguntas a respeito dos projetos e decisões de Hans Castorp; dada a brevidade do prazo, tudo iria se revelar naturalmente, por atos, ou pela omissão de atos, e foi esta última a alternativa que se deu. Hans Castorp parecia ter aderido ao quietismo, que pretendia saber que agir equivaleria a ofender a Deus, que pretenderia atuar sozinho. Em todo caso, a atividade limitara-se nesses últimos dias a uma visita a Behrens, da qual Joachim sabia, e cujo transcurso e resultado eram tão fáceis de adivinhar como contar de um a cinco nos dedos da própria mão. O primo declararia que se permitia conferir mais valor às numerosas advertências anteriores que o conselheiro lhe fizera, no sentido de que esperasse a cura completa para que jamais tivesse necessidade de voltar, do que àquelas palavras apressadas, ditas num minuto de exasperação; ele tinha 37,8, não se podia considerar *rite* como autorizado a partir, e, a menos que as palavras do conselheiro naquela ocasião devessem ser interpretadas como uma expulsão — medida que ele, falante, não achava merecer —, desejava comunicar sua decisão, à qual teria

chegado pelo caminho do raciocínio calmo e em desacordo consciente com Joachim Ziemssen: ele permaneceria aqui por enquanto e aguardaria sua plena desintoxicação. A isso, o médico responderia quase literalmente: “Très bien e muito bem!” e: “Vamos pôr uma pedra no que passou!”; e ainda: isso sim é que é falar como pessoa sensata; e que ele logo vira que Hans Castorp teria mais talento para bom paciente que aquele fujão, aquele gabola. E assim por diante.

Fora esse, segundo as conjeturas mais ou menos exatas de Joachim, o transcurso da entrevista. Por isso não disse nada. Apenas verificou em silêncio que Hans Castorp não imitava as medidas que ele mesmo tomava para preparar a viagem. Por outro lado, o bom Joachim andava mais que atarefado com os seus próprios problemas. Realmente não lhe era possível preocupar-se com a sorte e o futuro domicílio do primo. Uma tempestade agitava-lhe o peito, como facilmente se pode compreender. Ainda bem que tinha deixado de tomar a temperatura, sob a alegação de que o termômetro se quebrara ao cair no chão; se a houvesse tomado, talvez fosse obter resultados perturbadores, sobre-excitado como estava, possuído de alegria e de impaciência, que ora lhe abrasavam as faces com um ardor sombrio, ora as faziam empalidecer. Já não era capaz de permanecer deitado. Durante todo o dia, Hans Castorp ouvia-o percorrer o aposento a passos largos, e isso precisamente nas horas, quatro vezes por dia, em que no “Berghof” predominava a posição horizontal... Um ano e meio! E agora desceria à planície, iria para casa, e ao regimento, afinal, mesmo que tivesse apenas meia autorização para isso! Não era pouca coisa, de modo algum; Hans Castorp tinha plena compreensão quanto aos sentimentos do primo que caminhava, irrequieto. Dezoito meses, todo o ciclo de um ano e mais a metade de outro, passara-os aqui nestas alturas, criando raízes profundas neste solo, seguindo os trilhos desta ordem vigente, deste plano de vida inalterável, que ele observara durante sete vezes setenta dias, em todas

as estações — e agora voltar para casa no estrangeiro, ir ter com os inscientes desta vida! Quantas dificuldades de aclimatação não o esperariam lá embaixo? E seria de admirar que não houvesse somente alegria na grande excitação de Joachim? E que também um quê de angústia, de dor pela despedida de tantas coisas costumeiras o impelisse a andar pelo quarto? Isso sem nem falar de Marúsia…

Mas preponderava a alegria. O coração e a boca do bom Joachim transbordavam de alegria; ele se ocupava de si próprio, desinteressando-se do futuro do primo. Dizia que tudo seria novo e viçoso: a vida, ele mesmo, o tempo — cada dia, cada hora. Voltaria a desfrutar um tempo valioso, anos de juventude que decorreriam lentamente e pesariam na balança. Falou de sua mãe, segunda mulher do tio de Hans Castorp, a tia Ziemssen, que tinha os mesmos olhos meigos e negros de Joachim; ele não a vira todo esse tempo passado nas montanhas, porque ela, esperando, assim como ele, mês a mês e semestre a semestre a volta do filho, acabara por não se resolver em momento algum a vir visitá-lo. E falou, com um sorriso entusiástico, do juramento à bandeira que prestaria dentro em breve: a cerimônia solene era realizada em presença da bandeira, e jurava-se ao próprio estandarte.

— Não diga! — admirou-se Hans Castorp. — Sério? Diante de um mastro e um pedaço de pano?

Sim, era isso mesmo; e na artilharia jura-se diante do canhão, de maneira simbólica. Na opinião do paisano eram costumes bem entusiásticos… Até patéticos e fanáticos, se poderia dizer; a que Joachim acedeu com a cabeça, orgulhoso e satisfeito.

Absorvia-se nos preparativos. Pagou a última conta na administração, e começou a arrumar as malas dias antes do prazo que se fixara a si mesmo. Emalou as roupas de verão e as de inverno, e mandou o criado costurar dentro de uma capa de aniagem o saco de peles e os cobertores de lã de camelo: talvez lhe pudessem ser úteis por ocasião das

grandes manobras. Pôs-se a dizer adeus a todo mundo. Fez visitas de despedida a Naphta e Settembrini — sozinho, pois o primo não o acompanhou dessa vez, tampouco perguntou pelo que o italiano observara quanto à partida iminente de Joachim e à não partida de Hans Castorp: se Settembrini teria dito "Vêdia só! Vêdia só!" ou "Que cosa, que cosa!", ou as duas coisas, ou "Poveretto", isso pouco importava.

Chegou então a véspera da viagem, o dia em que Joachim percorreu pela última vez todas as fases do programa diário, cada refeição, cada repouso, cada passeio, e também se despediu dos médicos e da superiora. E fez-se a manhã do dia da partida: com os olhos ardentes e as mãos frias, Joachim apareceu na hora do café. Não dormira a noite toda. Mal engoliu um bocado, e quando a anã anunciou que a bagagem já se achava amarrada no carro levantou-se de um pulo, a fim de dizer adeus aos companheiros de mesa. A srta. Stöhr verteu lágrimas durante a despedida, as lágrimas fáceis e insípidas peculiares às pessoas incultas; mas, por trás das costas de Joachim, fez à professora uma careta, encolhendo os ombros e meneando a mão espalmada para manifestar, de uma forma sumamente ordinária, as suas dúvidas quanto à propriedade da partida do jovem e ao seu futuro bem-estar. Hans Castorp reparou nesse gesto, enquanto, já de pé, esvaziou sua xícara para seguir o primo. Restava ainda distribuir as gorjetas e, no vestíbulo, retribuir os cumprimentos oficiais de um emissário da administração. Como sempre, alguns pensionistas estavam presentes para assistir ao bota-fora: a sra. Iltis, com o "esterilete", a Levi com sua pele de marfim, o excêntrico professor Popov e sua noiva. Abanaram os lenços, quando o coche, refreado nas rodas traseiras, desceu a rampa. Joachim recebera um ramalhete de rosas. Tinha a cabeça coberta com um chapéu. Hans Castorp, não.

A manhã era magnífica, o primeiro dia de sol depois de longo tempo enevoado. O Schiahorn, as Torres Verdes, o cimo do Dorfberg destacavam-se no azul como símbolos

inabaláveis, e os olhos de Joachim repousavam sobre eles. É quase uma pena, opinou Hans Castorp, que o tempo tenha melhorado tanto, justamente no momento da partida. Parecia haver nisso certa maldade, uma impressão final desfavorável facilitava qualquer separação. Ao que Joachim replicou não precisar de algo que lhe facilitasse partir; esse tempo era ótimo para seu preparo militar, e muito útil lá embaixo. Afora essas palavras, falaram muito pouco. Dadas a situação de cada um deles em particular e a que existia entre ambos, realmente não sobrava muito a dizer. Além disso, o porteiro coxo achava-se sentado à sua frente, ao lado do cocheiro.

Eretos, sacudidos sobre o estofamento duro do carro, haviam deixado atrás o regato e a trilha estreita. Seguiram então pela estrada ladeada de habitações esparsas, paralela ao leito da via férrea, e finalmente pararam na praça pedregosa, em frente da estação de Davos-Dorf, não mais que um telheiro. Hans Castorp assustou-se ao reconhecer tudo isso. Desde sua chegada, que se realizara de tardezinha, fazia mais de treze meses, não voltara a ver a estação.

— Foi aqui que cheguei — constatou desnecessariamente. E Joachim limitou-se a responder:

— Pois é… — enquanto pagava o cocheiro.

O laborioso porteiro coxo dedicou-se à compra da passagem e ao despacho das bagagens. Os primos achavam-se lado a lado sobre a plataforma, diante do trenzinho, ao lado do pequeno compartimento estofado em cor cinza, onde Joachim pusera o sobretudo, o cobertor de viagem enrolado e as rosas, para reservar o seu lugar.

— Bem, agora pode ir prestar o seu juramento entusiástico — disse Hans Castorp.

E Joachim tornou:

— Sem falta!

E que mais? Um encarregou o outro de transmitir as últimas saudações, lembranças aos de baixo, lembranças

aos de cima. Depois, Hans Castorp limitou-se a desenhar com a bengala no asfalto. Quando soou o sinal prevenindo os passageiros da iminência da partida, sobressaltou-se. Olhou Joachim, e este o olhou por sua vez. Apertaram-se as mãos. Hans Castorp esboçou um sorriso indeciso, ao passo que os olhos do primo mostravam-se sérios, tristes e insistentes.

— *Hans!* — disse então... Deus todo-poderoso! Onde, em todo o vasto mundo, já se viu coisa tão embaraçosa? Joachim acabava de chamar Hans Castorp pelo prenome! Não por "você" ou "meu caro", como sempre havia feito, mas pelo prenome, sem levar em conta seus princípios todos de rigidez e reserva, e de um modo embaraçosamente exagerado. — Hans — repetiu, apertando com uma angústia apressada a mão do primo, ao passo que este não podia deixar de perceber que a nuca do outro, exausto pela insônia, pelo nervosismo da viagem e pelo abalo da despedida, tremia, como fazia a sua própria, quando estava "reinando". — Hans — disse Joachim, com insistência —, venha logo, você também!

Com isso, ele saltou pelo estribo. Fechou-se a porta, ouviu-se o apito, os vagões se deslocaram, a pequena locomotiva pôs-se em movimento, e o trem partiu. O viajante acenou com o chapéu pela janela. O outro, que ficava atrás, respondeu com a mão. Com o coração emocionado, ainda ficou ali por muito tempo, sozinho. Depois, voltou devagar a fazer o caminho que, havia um ano e alguns dias, Joachim trilhara com ele.

ASSALTO RECHAÇADO

A roda girava. O ponteiro ia avançando. Já terminara a época do salepo e da aquilégia; o cravo silvestre desaparecera também. As estrelas azuis da genciana, bem como os lírios verdes pálidos e venenosos, tornavam a apontar na grama úmida. Por cima dos bosques pairava uma aura avermelhada. O equinócio de outono acabava de transcorrer. O dia de Finados achava-se próximo, e, para os consumidores de tempo mais treinados, também o domingo do Advento, o dia mais curto do ano, e a festa do Natal. Por enquanto, porém, desfiava-se ainda uma série de belos dias de outubro, dias como aquele em que os primos haviam ido ver os quadros do conselheiro.

Desde a partida de Joachim, Hans Castorp não tomava mais as refeições à mesa da sra. Stöhr, a mesma que o dr. Blumenkohl abandonara para morrer, e onde Marúsia procurara abafar no lencinho perfumado de flor de laranjeira sua maljustificada hilaridade. Agora achavam-se ali pensionistas novos, pessoas completamente desconhecidas. O nosso amigo, porém, entrado no terceiro mês do segundo ano da sua estada, recebera da administração um outro lugar, numa mesa vizinha, mais próxima da porta que dava para o avarandado, colocada perpendicularmente entre a antiga e a dos “russos distintos”, numa palavra: a mesa de Settembrini. Sim, novamente lhe coubera a ponta, em frente do lugar do médico, que em cada uma das sete mesas ficava reservado ao uso esporádico do conselheiro ou do seu assistente.

Na outra extremidade, à esquerda do assento do médico-presidente, tronejava sobre diversas almofadas aquele mexicano corcunda, o fotógrafo diletante, cuja expressão, em virtude de seu isolamento linguístico, se assemelhava à de um surdo. A seu lado ficava a solteirona da Transilvânia, que, como já deplorara Settembrini, pretendia interessar o

mundo inteiro pelo seu cunhado, se bem que ninguém soubesse nada desse homem nem quisesse saber. Tendo atrás da nuca uma bengala de punho de prata, que também lhe prestava serviços durante os passeios regulamentares, via-se essa criatura, a certas horas do dia, junto da platibanda da sua sacada, empenhada em alargar o peito chato como uma bandeja por meio de exercícios respiratórios. Defronte a ela achava-se um tcheco, que chamavam sr. Wenzel, já que ninguém era capaz de pronunciar o seu nome de família. Settembrini, em seu tempo, às vezes fizera tentativas no sentido de articular a exótica sequência de consoantes de que se compunha esse nome; claro que não o fizera numa intenção séria, senão para demonstrar graciosamente a impotência da sua nobre língua de latino em face daquele amontoado selvagem de sons. Esse homem, embora fosse redondo como uma bola e se distinguisse por uma voracidade sensacional mesmo entre os pensionistas, afirmava, desde havia quatro anos, que estava fadado a morrer. Durante as reuniões noturnas, tocava de vez em quando num bandolim enfeitado de fitas as canções da sua terra, ou contava historietas das suas plantações de beterrabas, onde trabalhavam exclusivamente lindas pequenas. Mais perto de Hans Castorp, a ambos os lados da mesa, encontravam-se os Magnus, o cervejeiro de Halle e sua esposa. Uma atmosfera de melancolia pairava em torno desse casal, porque ambos andavam perdendo substâncias essenciais para o metabolismo: o homem, açúcar, e a mulher, proteínas. A disposição de alma sobretudo da pálida sra. Magnus parecia desprovida do menor traço de esperança. A vacuidade do espírito desprendia-se dela com um bafio de adega, e de forma ainda mais pura do que a inculta sra. Stöhr ela representava a combinação de enfermidade e estupidez, de que Hans Castorp se escandalizara espiritualmente, sendo por isso repreendido pelo sr. Settembrini. O sr. Magnus revelava maior viveza e loquacidade, embora somente

daquele modo que outrora originara as explosões da impaciência literária de Settembrini. Além disso, era colérico e frequentemente tinha atritos com o sr. Wenzel por motivos políticos e outros. Exasperavam-no as aspirações nacionalistas do tcheco, e ainda mais o fato de ele ser partidário do antialcoolismo e pôr em dúvida a moralidade da profissão de cervejeiro. Em oposição a isso, o sr. Magnus, com o rosto rubro, defendia a perfeição higiênica da bebida à qual os seus interesses se achavam tão intimamente ligados. Em tais ocasiões, o sr. Settembrini costumara fazer, humoristicamente, o papel de pacificador. Hans Castorp, no lugar dele, sentia-se menos hábil e não dispunha de suficiente autoridade para substituí-lo.

Não mantinha relações pessoais senão com dois dos seus comensais: o primeiro era A. K. Ferge, de Petersburgo, seu vizinho da esquerda, o sofredor bonachão que, sob as brenhas do bigode ruivo, sabia falar ora da fabricação de galochas ora de regiões longínquas, do círculo polar, das neves eternas do cabo Norte, e de vez em quando acompanhava Hans Castorp num dos passeios regulamentares. O segundo, porém, que se unia a eles cada vez que se oferecia oportunidade e que tinha seu lugar na outra extremidade da mesa, em frente do mexicano corcunda, era o moço de Mannheim, de cabelos ralos e dentes defeituosos; chamava-se Wehsal, Ferdinand Wehsal, comerciante, e era o mesmo cujos olhares haviam ficado presos, com um desejo melancólico, à graciosa pessoa da sra. Chauchat; desde o Carnaval ele procurava obter a amizade de Hans Castorp.

Fazia-o com obstinação e humildade, com um servilismo suplicante que tinha, aos olhos de Hans Castorp, qualquer coisa de horroroso e repulsivo, porque ele compreendia o sentido complicado dessa atitude, a qual, mesmo assim, esforçava-se por acolher com humanidade. Com uma expressão calma — pois sabia que o menor franzimento do cenho já faria o rapaz, pusilânime como era, encolher-se e

sobressaltar-se — tolerava as maneiras subservientes de Wehsal, que aproveitava todas as ocasiões para inclinar-se diante dele e bajulá-lo; permitia até que o outro, durante os passeios, lhe carregasse o sobretudo, função de que Wehsal se desempenhava com certo fervor; e suportava até mesmo a conversa escusa do homem de Mannheim. Wehsal tinha a mania de ventilar problemas como este: era ou não era razoável declarar o seu amor a uma mulher que se amava, mas que manifestamente não correspondia? Ou seja: qual a opinião dos cavalheiros sobre a declaração de amor *sem chance alguma*? Ele, da sua parte, atribuía-lhe valor máximo; segundo a sua opinião, associava-se a isso uma felicidade indizível. Pois se o ato da confissão despertava repulsa e acarretava grandes vexames, garantia ao menos por um instante o pleno contato amoroso com o objeto do desejo, que era forçado a receber a confidência e a entrar na esfera da própria paixão. Mesmo que tudo terminasse nesse ponto, a perda eterna não representaria um preço excessivo pela volúpia desesperada de um único momento. O desabafo era um ato violento, e quanto maior a repugnância que se lhe opusesse, mais gozo proporcionaria... A essa altura, uma sombra anuviou a fisionomia de Hans Castorp e fez Wehsal retroceder; na verdade, ela se deveu mais à presença do jovial sr. Ferge, o qual, como ele mesmo afirmava com frequência, ficava totalmente alheio a quaisquer assuntos elevados e complexos, e não à austeridade puritana do nosso herói. Como sempre nos empenhamos em apresentá-lo nem melhor nem pior do que era, não omitimos o seguinte fato: certa noite, quando estava a sós com Hans Castorp, o pobre Wehsal, em palavras incolores, insistiu com ele para que lhe confiasse, por amor a Deus, alguns pormenores daqueles acontecimentos e daquelas experiências da noite de Carnaval, que se haviam realizado depois do fim do baile; Hans Castorp atendeu a esse pedido com tranquilidade benevolente, sem que — ao contrário do que o leitor talvez acredite — esse diálogo

tivesse cunho leviano ou vil. Temos todavia razões fortes para manter afastados dessa cena tanto o leitor como nós próprios, e limitamo-nos a acrescentar que a partir do referido dia Wehsal passou a carregar o casacão do condescendente Hans Castorp com redobrado ardor.

E eis o que havia a dizer sobre os comensais de Hans Castorp. O lugar à sua direita estava vazio. Não fora ocupado senão passageiramente, durante alguns dias: por um hóspede, como ele mesmo fora em outros tempos, um parente que viera da planície em visita, um emissário, bem se poderia dizer — numa palavra: James Tienappel, tio de Hans.

Era fantástico ver de repente como vizinho de mesa um representante e enviado da pátria, um homem que ainda trazia fresca no tecido inglês da fatiota a atmosfera do antigo, do submerso, da vida passada, do mundo dos vivos que existia lá embaixo. Mas era forçoso que isso acontecesse. Havia muito que Hans Castorp contara com tal ofensiva da planície e mesmo previra com exatidão a personalidade que seria incumbida do reconhecimento; o que, aliás, não fora muito difícil, já que Peter, o navegante, mal entrava em questão, e quanto ao tio-avô Tienappel era coisa sabida que nem dez cavalos o arrastariam a essas regiões, cuja pressão atmosférica lhe seria sumamente perigosa. Não, tinha de ser James o encarregado de investigar, em nome da família, a situação do parente extraviado. Hans Castorp esperara mesmo que ele chegasse antes. Desde que Joachim regressara sozinho e pusera a família a par do estado das coisas ali de cima, o assalto era iminente, mais que iminente. Dessa forma, Hans Castorp não se surpreendeu nem um pouquinho quando, duas semanas exatas depois da partida do primo, o porteiro lhe entregou um telegrama. Abriu-o, cheio de pressentimentos, e ficou sabendo da próxima chegada de James Tienappel. Este teria de resolver alguns assuntos pendentes na Suíça e aproveitaria a ocasião para fazer uma excursão até às

alturas de Hans. Chegaria daí a dois dias.

“Pois bem”, pensou Hans Castorp. “Ótimo”, pensou, e intimamente acrescentou algo parecido com “Como queira!” E falando em pensamentos ao parente que se aproximava, disse ainda: “Ah, se você fizesse ideia!”. Numa palavra, inteirou-se da notícia com a mais completa calma, transmitiu-a ao conselheiro Behrens e à administração, mandou reservar um quarto — o de Joachim ainda estava disponível — e dali a dois dias, à hora da sua própria chegada, isto é, em torno das oito da noite, entrou no mesmo veículo mal-estofado em que havia pouco acompanhara Joachim, para encaminhar-se à estação de Davos-Dorf e receber o emissário da planície, que vinha em busca de endireitar a situação.

Com a tez rubicunda, sem chapéu nem sobretudo, ele se achava à beira da plataforma quando o trenzinho entrou na estação. Pela janela do compartimento convidou o tio a descer tranquilamente, porque já chegara ao seu lugar de destino. O cônsul Tienappel — ele era vice-cônsul e substituía dignamente o pai nesse cargo honorário — apareceu friorento, envolto no seu casaco de inverno, pois a noite de outubro estava mesmo muito fria, pouco faltava para que se pudesse falar em geada, e de madrugada com certeza a temperatura iria abaixo de zero; desembarcou, alegremente surpreendido, e mostrou sua alegria com certa parcimônia, de um jeito muito civilizado, peculiar aos cavalheiros distintos do noroeste da Alemanha, então cumprimentou o sobrinho, que estava mais para um primo, expressando com elogios enfáticos a satisfação que experimentava ao encontrá-lo com tão bom aspecto, viu que o porteiro coxo o dispensava de preocupar-se com a bagagem, e assim galgou lá fora, em companhia de Hans Castorp, o assento alto e duro do coche. Puseram-se a caminho sob um céu abundantemente estrelado, e Hans Castorp, com a cabeça deitada para trás, explicou ao tio-primo aquelas paragens elevadas, circunscrevendo essa ou

aquela constelação cintilante com palavras e gestos, e chamou os planetas pelos nomes; enquanto isso, o outro prestava mais atenção à pessoa de seu acompanhante que ao cosmo, dizia de si para si que talvez fosse admissível, e não uma rematada loucura, falar das estrelas, precisamente nesse momento e nesse lugar, mas que mesmo assim havia outros assuntos mais urgentes. Perguntou desde quando Hans Castorp estava tão familiarizado com aquele mundo longínquo; ao que o sobrinho replicou que devia esses conhecimentos ao repouso noturno que fazia na sacada, na primavera, verão, outono e inverno. Como é? Ele ficaria de noite na sacada? Ah, sim. E o cônsul faria o mesmo. Não haveria jeito de escapar a isso.

— É claro, está mais que evidente — disse James Tienappel, complacente e um tanto intimidado. Seu irmão de criação tinha a fala sossegada e monótona. Sem chapéu, sem sobretudo, estava sentado a seu lado, na frescura quase gelada da noite outonal. — Você pelo visto não sente frio? — perguntou-lhe James; pois ele mesmo tiritava sob o grosso tecido do casacão, e sua maneira de falar parecia ao mesmo tempo precipitada e hesitante, já que os seus dentes manifestavam a tendência de entrechocar-se.

— Nós não sentimos frio — respondeu Hans Castorp, calmo e lacônico.

O cônsul não se cansava de olhá-lo de lado. Hans Castorp não buscou saber dos parentes e conhecidos de casa. Recebeu, impassivelmente grato, as lembranças que James lhe transmitiu, inclusive as de Joachim, que já se apresentara ao regimento e estava radiante de alegria e orgulho. Fê-lo sem pedir maiores informações a respeito das coisas de sua terra. James ficou inquieto com algo de natureza vaga, que ele não sabia se vinha do sobrinho ou se tinha origem em seu próprio estado físico de viajante; olhou em torno sem distinguir muita coisa da paisagem alpina, e aspirou profundamente o ar, que ele soltou e declarou magnífico. Por certo!, foi o que o outro respondeu, não era

sem motivo que esse ar adquirira tanta fama. Tinha virtudes poderosas. Acelerava a combustão geral, no entanto permitia ao corpo assimilar as proteínas. Curava doenças que todo ser humano trazia latentes em si, mas antes costumava dar a elas um vigoroso estímulo e causar sua irrupção triunfal, em virtude do impulso geral que conferia ao organismo. Com a devida permissão! Triunfal? Por que triunfal? Sim, triunfal; pois será que ele jamais notara que a irrupção de uma doença representa uma espécie de triunfo e constitui como que uma festa do corpo?

— Claro, está mais que evidente — apressou-se o tio a concordar, sem que pudesse conter certo tremor da mandíbula, e então anunciou que permaneceria oito dias, isto é, uma semana, sete dias, portanto, ou apenas seis, quem sabe. Como o aspecto de Hans Castorp lhe parecia excepcionalmente bom e robusto, devido a esse tratamento cuja duração se estendera além de toda expectativa, podia supor que o sobrinho desceria com ele para casa.

— Ora, ora, que precipitação é essa? — disse o jovem. O tio James falava à maneira lá de baixo. Bastaria que estudasse um pouco o nosso ambiente e se aclimatasse a ele para que mudasse de ideia. Tudo dependia da cura definitiva. Só o definitivo tinha importância, e recentemente Behrens lhe pespegara mais seis meses. Ao ouvir isso, o tio tratou-o por “meu filho” e perguntou se estava louco.

— Você ficou doido de vez? — exclamou.

Afinal de contas, essas férias já duravam quinze meses, e agora mais meio ano! Em nome de Deus todo-poderoso, não haveria tanto tempo à disposição! Mas Hans Castorp deu uma risada serena e abrupta, com a cabeça erguida em direção às estrelas. Pois sim, o tempo! Nesse ponto, justamente, com referência ao tempo humano, James teria de retificar, antes de mais nada, os conceitos que trouxera consigo da planície, antes de abrir a boca aqui em cima. No interesse de Hans, amanhã mesmo ele falaria seriamente com o sr. conselheiro áulico, foi o que Tienappel prometeu.

— Não deixe de fazer isso! — disse Hans Castorp. — Você gostará dele. É um tipo interessante, ao menos enérgico e melancólico. — A seguir apontou para as luzes do Sanatório Schatzalp e se referiu, de passagem, aos cadáveres que eram transportados pela pista de trenó.

Jantaram juntos no restaurante do Berghof, depois de Hans Castorp ter levado o visitante ao quarto de Joachim, para dar-lhe uma oportunidade de se lavar um pouco. A peça fora fumigada com H_2CO, contou Hans Castorp, não como se tivesse ocorrido uma partida "em falso", mas uma de caráter bem diferente, quer dizer, um *exitus*, e não um *exodus*. E quando o tio pediu uma explicação do sentido dessas palavras, o sobrinho lhe disse:

— É a gíria local! Nosso jeito de falar! — disse ele. — Joachim desertou. Fugiu para as fileiras do Exército. Isso também existe. Mas, vamos, ligeiro, para que a gente ainda arranje alguma comida quente! — Sentaram-se um à frente do outro no restaurante agradavelmente aquecido, sobre o alto estrado. A anã atendeu-os sem demora, e James encomendou uma garrafa de borgonha, que foi trazida deitada numa cestinha. Brindaram e deixaram-se penetrar pelo doce ardor do vinho. O sobrinho falou da vida que se levava ali em cima, no ciclo das estações; mencionou certas personagens da sala de refeições; passou para o pneumotórax, cujo processo explicou, citando o caso do jovial sr. Ferge e alongando-se sobre o fenômeno horripilante do choque pleural, sem omitir as três síncopes de cor diferente, que o russo pretendia ter sofrido, bem como a alucinação do olfato, que desempenhava um papel importante no momento do choque, e da gargalhada que soltara ao desmaiar. Hans Castorp conduzia toda a conversa. James comeu e bebeu muito, segundo o seu costume, com um apetite que a mudança de ar e a viagem haviam estimulado. Mesmo assim interrompia de vez em quando a alimentação e permanecia com a boca cheia, sem pensar em mastigar. Mantendo a faca e o garfo em ângulo obtuso sobre

o prato, cravava os olhos em Hans Castorp, aparentemente sem se dar conta disso. De resto, o sobrinho tampouco se melindrava com esse procedimento do tio. As veias inchadas delinearam-se nas fontes do cônsul Tienappel, cobertas de ralos cabelos louros.

Não trataram dos acontecimentos da terra natal, nem de coisas familiares e pessoais, nem da cidade, nem dos negócios, nem finalmente da firma Tunder & Wilms, Estaleiros, Fábrica de Máquinas e Caldeiras, que prosseguia aguardando a chegada daquele jovem estagiário, o que, porém, estava tão longe de ser a única ocupação que ela tinha a cumprir que caberia perguntar se ela de fato ainda aguardava. Decerto, James Tienappel já aludira a todos esses assuntos, enquanto o carro os levara ao sanatório, e mais tarde tornara a fazê-lo, mas eles haviam caído ao chão e jaziam mortos, rejeitados pela indiferença tranquila, decidida e perfeitamente natural de Hans Castorp, por algo que o tornava intangível e inatacável, em certo sentido, e que fazia pensar na sua insensibilidade quanto ao frio da noite outonal ou naquelas suas palavras: "Nós não sentimos frio". Talvez fosse por isso que o tio o olhava de vez em quando, fixamente. A conversa focalizou também a superiora, os médicos, as conferências do dr. Krokowski. James poderia assistir a uma delas, se a sua estada durasse oito dias. Quem dissera ao sobrinho que o tio tinha a intenção de ouvir a palestra do médico? Ninguém. Mas dava-o por garantido, presumia-o com uma segurança tão plácida que o simples pensamento de não presenciar esse espetáculo devia parecer absurdo ao outro. Daí sucedeu que o tio se apressou a dizer "Perfeitamente, compreendo", como para antecipar a suspeita de que ele houvesse planejado algo impossível. Essa era a força cujo efeito indistinto, porém imperioso, fazia que o sr. Tienappel fitasse o sobrinho sem querer — agora, a propósito, já com a boca aberta, pois obstruíra-se-lhe o canal respiratório do nariz, ainda que o cônsul não estivesse resfriado. Ouviu como o parente falava

da enfermidade que ali em cima formava o interesse profissional comum a todos, e da predisposição que certas pessoas tinham para contraí-la. Foi posto a par do caso do próprio Hans Castorp, caso sem gravidade, mas de cura lenta; da atração que os bacilos exerciam sobre o tecido celular das ramificações dos brônquios e dos alvéolos pulmonares; da formação de tubérculos; da secreção de venenos solúveis e embriagadores; da decomposição das células e do processo de caseificação, a cujo respeito era interessante saber se o mal se deteria em virtude de uma petrificação calcária e de uma cicatrização do tecido conjuntivo, curando-se dessa forma, ou se, pelo contrário, estenderia a sua área, criando cavernas cada vez maiores e corroendo o órgão. James Tienappel ficou sabendo da forma loucamente acelerada, galopante, desse processo, que em poucos meses e mesmo em algumas semanas levava ao *exitus*; informou-se sobre a pneumotomia, técnica magistralmente praticada pelo conselheiro, e sobre a resseção pulmonar, que fariam no dia seguinte, ou em breve, numa doente recém-chegada em estado gravíssimo, uma escocesa outrora muito formosa, mas agora atacada de *gangraena pulmonum*, a necrose dos pulmões, de modo que nela operava uma peste negra-esverdeada, que a obrigava a respirar durante todo o dia uma solução vaporizada de ácido carbólico, para que não perdesse o juízo de tanto nojo de si própria… E de súbito aconteceu ao cônsul, inopinadamente e para seu maior embaraço, desatar a rir. Explodiu numa gargalhada, procurou imediatamente conter-se, dominou-se, espantado, tossiu e empenhou-se em disfarçar, por todos os meios, a gafe inexplicável. Verificou, porém, entre tranquilizado e novamente inquieto, que Hans Castorp absolutamente não prestara atenção a esse incidente, que não lhe podia ter escapado; bem ao contrário, o sobrinho passou por cima dele com uma displicência que não era devida ao tato, à consideração ou à cortesia, senão à mera indiferença e impassibilidade, e manifestava uma tolerância

de dimensões exorbitantes, como se, havia muito, fosse incapaz de estranhar ocorrências dessa espécie. No entanto, o cônsul, seja porque desejava encobrir posteriormente com um manto de siso e de lógica o seu acesso de hilaridade, seja por qualquer outro motivo, enveredou de repente numa conversa "só para homens", "de mesa de bar", e com as veias frontais túrgidas meteu-se a falar de uma chansonnette, cantora de cabaré, um pedaço de mau caminho, que a essa época se exibia no bairro de Sankt Pauli e com os seus encantos carregados de muito temperamento virava a cabeça ao mundo masculino da república de Hamburgo. No decorrer dessa narrativa, a língua de tio James mostrou-se um tanto embargada, mas não havia necessidade de se preocupar com isso, uma vez que a complacência inabalável do seu interlocutor evidentemente contemplava esse fenômeno. Contudo, o tio notou pouco a pouco a imensa fadiga da viagem, que o dominava, a tal ponto que já por volta das dez e meia optou pelo fim do encontro. No vestíbulo, não ficou muito satisfeito quando toparam com o dr. Krokowski, que estava lendo um jornal junto à porta de um dos salões, e ao qual James Tienappel foi apresentado pelo sobrinho. Como resposta às palavras enérgicas e alegres do assistente, o cônsul foi incapaz de proferir mais do que "Perfeitamente, compreendo". Deu-se por feliz quando o sobrinho, anunciando que iria buscá-lo às oito para o café da manhã, passou do quarto de Joachim, já desinfetado, para o seu próprio, pelo caminho da sacada. Então o cônsul finalmente pôde deixar-se cair sobre a cama do desertor, com o costumeiro cigarro de boa-noite. Foi por um triz que não provocou um incêndio, porque duas vezes começou a cochilar com o toco aceso entre os lábios.

James Tienappel, que Hans Castorp chamava "tio James" ou simplesmente "James", era um homem de pernas longas, à beira dos quarenta, que trajava ternos de tecidos ingleses e roupa de baixo de nívea alvura; tinha cabelos parcos de um amarelo-canário, olhos azuis pouco distantes entre si,

um bigodinho de palha semiaparado e mãos muito bem cuidadas. Esposo e pai havia alguns anos, nem por isso se vira forçado a abandonar a espaçosa vivenda do velho cônsul, à avenida de Harvestehude; desposara uma moça da sua classe social, que era tão civilizada e distinta quanto ele e falava da mesma maneira suave, acelerada, correta e polida. Em casa, era considerado um homem de negócios muito enérgico, circunspecto e, apesar de toda a sua elegância, friamente realista; mas num ambiente onde reinavam costumes diferentes, por ocasião de viagens pelo sul do país, por exemplo, assumia certa atitude de assentimento precipitado, uma disposição cortês e pressurosa a autoanular-se, na qual se revelava não tanto uma insegurança quanto à própria cultura, mas sim, ao contrário, a consciência de uma forte reclusão dela em si mesma, bem como o desejo de corrigir, em si, o condicionamento aristocrático e de não deixar perceber a menor surpresa diante de formas de existência que lhe pareciam incríveis. “Claro, perfeitamente, compreendo!”, apressava-se a dizer, para que ninguém pensasse que ele, embora distinto, era um espírito estreito. Chegara a Davos com uma missão precisa e concreta, com o encargo e na intenção de intervir com firmeza na situação do parente pachorrento, de “arrancá-lo” dali, segundo ele mesmo dizia, e devolvê-lo ao lar. E, todavia, não deixara de perceber que estava operando em terreno estranho. Desde o primeiro momento sentira-se acolhido por um mundo singular, um ambiente moral cuja autoconfiança não só não ficava para trás da que caracterizava seu próprio mundo, mas que chegava a ultrapassá-la; e com isso sua energia de homem de negócios entrou imediatamente em conflito com sua boa educação, em um conflito dos mais graves, inclusive; pois a confiança altiva desse ambiente hospedeiro revelou-se realmente opressora.

Era o que previra Hans Castorp, quando, no seu íntimo, respondera ao cônsul com um sereno “Como quiser”. Mas

não há por que crer que o sobrinho tivesse intenção de tirar partido, contra seu tio, da força de caráter do meio ambiente. Hans Castorp já estava por demais identificado com esse meio para que pudesse agir assim. Não era ele quem se valia dessa força; pelo contrário, tudo ocorria com a simplicidade mais natural, desde o momento em que o primeiro pressentimento da inutilidade da sua empresa apenas roçou o espírito do cônsul, até o clímax e o desfecho, que Hans Castorp, apesar de tudo, não pôde deixar de acompanhar com um sorriso melancólico.

Na primeira manhã, depois do café, durante o qual o veterano apresentou o visitante à roda dos comensais, Tienappel travou conhecimento com o conselheiro Behrens, que, comprido e corado, remando com as mãos, foi atravessando a sala em companhia de seu assistente pálido, em negro, e passando de mesa em mesa com seu retórico “Dormiu bem?” de todos os dias… e foi então, digamos, que o cônsul soube, pelo conselheiro, ter sido não somente uma brilhante ideia de jerico fazer companhia ao neveu solitário, mas que ele também fazia tal coisa em interesse próprio, porque era claro estar totalmente anêmico. Anêmico, ele, Tienappel? Opa, e como!, foi o que Behrens retrucou, enquanto abaixava com o indicador uma das pálpebras inferiores do cônsul. Em alto grau!, ele acrescentou e disse que sr. Tio faria muito bem, caso se instalasse comodamente na sacada por algumas semanas, estendendo-se na espreguiçadeira e imitando em todos os pontos o exemplo de seu sobrinho. No estado dele o procedimento mais inteligente seria portar-se como se estivesse atacado de uma leve *tuberculosis pulmonum*, que aliás está latente em todas as pessoas.

— Perfeitamente, compreendo — apressou-se o cônsul a responder.

Com os olhos acompanhando por um instante a figura do médico com a nuca saliente, que remava embora, deixou-se ficar com a boca semiaberta, numa atitude polida e

pressurosa, ao passo que a seu lado Hans Castorp se mantinha calmo e impassível. Então fizeram o passeio em direção ao banco junto do curso d’água, como convinha, e logo após James Tienappel fez sua primeira hora de repouso, instruído por Hans Castorp; este, para reforçar o plaid que o tio trouxera, emprestou-lhe um dos seus cobertores de lã de camelo — em vista do bom tempo de outono, dava-se por bem satisfeito com um só — e ensinou-lhe com todo o cuidado, manobra por manobra, a arte tradicional de se enrolar. Mesmo depois de o cônsul já se achar agasalhado e convertido numa múmia lisa e cilíndrica, o sobrinho desmanchou tudo e mandou o tio repetir o processo inteiro, corrigindo-o apenas em caso de necessidade. Mostrou-lhe ainda como fixar o guarda-sol na cadeira e orientá-lo em relação ao sol.

O cônsul entrou a gracejar. O espírito da planície ainda era forte nele, que zombava do que aprendia, como já zombara da extensão preestabelecida do passeio que haviam dado depois do café. Mas ao ver o sorriso plácido e incompreensivo com que o sobrinho acolhia suas ironias, no qual se espelhava toda a confiança serena que inspirava a tradição local, assustou-se, temeu por sua energia de negociador e resolveu providenciar sem demora a conversa decisiva com o conselheiro sobre seu sobrinho, o mais rápido possível, nessa mesma tarde, quando ainda pudesse conduzi-la com ideias próprias e as forças lá de baixo; pois as sentia diminuir, e percebia que o espírito do lugar, aliado à sua boa educação, constituía adversário perigoso.

Além disso percebeu haver sido desnecessário o conselho dado pelo médico de que ele se submetesse, em virtude de sua anemia, ao regime dos enfermos: isso vinha por si mesmo, e não parecia sequer possível imaginar uma alternativa; e para um homem bem-educado como ele não havia como discernir de antemão até que ponto tudo apenas parecia ser assim em virtude da tranquilidade e segurança inabalável de Hans Castorp, nem até que ponto as coisas

todas teriam mesmo que ser incontornavelmente assim, e não de outra maneira. Nada parecia mais evidente que ao primeiro repouso seguir-se a segunda refeição da manhã, opulenta como era, e dessa refeição resultar o passeio até “Platz” — e Hans Castorp, logo depois, embrulhar o tio mais uma vez. Embrulhar, sim, essa era a palavra. E ao sol de outono deixá-lo estendido numa cadeira cujo conforto era indiscutível e mesmo digno dos mais altos elogios. Era assim que ele próprio ficava, até que o gongo ribombante os convidasse a tomar o almoço em companhia dos demais pensionistas, um almoço excelente, saborosíssimo, e tão opulento que o repouso geral não se afigurava, a seguir, como mero hábito exterior, mas como necessidade interna a que todos se submetiam por convicção pessoal. E assim por diante, até o estupendo jantar e a reunião noturna no salão, em torno dos instrumentos ópticos. Nada havia que objetar contra uma ordem do dia que se impunha com tão branda naturalidade; ela não teria oferecido oportunidade alguma para objeções, mesmo que as capacidades críticas do cônsul não se encontrassem minguadas em virtude de seu estado, que ele não queria qualificar de mal-estar, mas que representava uma combinação desagradável de fadiga e excitação, acrescida de calor e de frio.

Para marcar a conversa com o conselheiro Behrens, ansiosamente almejada, James Tienappel seguira a via hierárquica. Hans Castorp dirigira o requerimento ao massagista, que o encaminhara à superiora, cuja pessoa singular o cônsul Tienappel veio a conhecer nessa ocasião. Ela surgiu na sacada, onde o achou deitado, e suas maneiras estranhas impuseram dura prova à boa educação do cônsul, indefeso como ele estava, estendido no invólucro cilíndrico dos cobertores. Que o prezado rapaz, foi o que ele ouviu, tivesse paciência por alguns dias: o conselheiro andava atarefado, com intervenções cirúrgicas e exames gerais. A humanidade sofredora tinha preferência, em conformidade com a ética cristã, e, como o cônsul alegasse estar bem de

saúde, devia acostumar-se ao fato de não ser aqui em cima o número um, mas ter que esperar na fila até chegar sua vez. Seria diferente se ele porventura quisesse pedir um exame médico, o que a ela, Adriática, não causaria espécie, pois bastava olhar-lhe nos olhos, assim, de perto, para ver que estavam turvos e irrequietos; e a julgar por seu aspecto, absolutamente não dava a impressão de estar com o organismo em perfeita ordem; que por favor não a levasse a mal, mas ele não lhe parecia lá muito *limpo*... E ela ainda quis saber se o cônsul desejava uma consulta ou uma conversa de caráter particular. Uma entrevista particular, naturalmente, foi o que assegurou o cônsul, ali de seu leito. Ele que esperasse então até ser chamado. Para conversas particulares o conselheiro quase não dispunha de tempo.

Numa palavra, tudo se passou de um jeito bem diferente do que James imaginara, e a conversa com a superiora lhe havia desferido um golpe duradouro no equilíbrio. Por demais civilizado para dirigir-se com desabrida franqueza ao sobrinho, cuja calma impassível demonstrava pleno acordo com os fenômenos ali de cima, e dizer-lhe quão horrorosa lhe parecia aquela megera, limitou-se a sondar cautelosamente o terreno. Fez notar que a superiora parecia ser uma senhora muito original, o que Hans Castorp admitiu, até certo ponto, na medida em que lançou ao ar um olhar interrogador e perguntou ao tio, de sua parte, se a Mylendonk lhe vendera um termômetro.

— Não! A mim? É a área de negócios dela? — tornou o tio.

Ruim mesmo, no entanto, era depreender claramente da fisionomia do sobrinho que ele não teria se admirado nem um pouco se isso de fato tivesse acontecido. “Nós não sentimos frio”, era o que se lia nessa fisionomia. O cônsul, porém, ressentia-se do frio, ressentia-se dele sem cessar, apesar de a cabeça lhe arder, e pensou que se a superiora realmente lhe houvesse oferecido um termômetro ele decerto o teria rejeitado, mas que isso não teria sido o mais correto, já que não se podia, sob maneiras civilizadas, usar o

termômetro de outra pessoa, como o do sobrinho, por exemplo.

Assim decorreram alguns dias, quatro ou cinco. A vida do emissário avançava sobre trilhos — sobre os trilhos que se achavam preparados para ela, e dos quais parecia inimaginável apartar-se. O cônsul tinha lá suas experiências, recebia impressões — mas deixemos de bisbilhotá-lo. Um belo dia, no quarto de Hans Castorp, apanhou uma chapinha de vidro preto que, recostada num minúsculo cavalete lavrado, se achava na cômoda, junto com outros objetos pessoais com que o morador do asseado aposento comprazia-se em adorná-lo. Mantendo-a contra a luz, verificou tratar-se de um negativo fotográfico.

— Que é isso? — perguntou o tio, contemplando-o… E bem havia por que perguntar! O retrato não tinha cabeça; era o esqueleto de um torso humano, envolto numa névoa de carne: um torso feminino, a propósito, como se podia reconhecer.

— Isso? É uma lembrança — disse Hans Castorp.

Ao que o tio replicou:

— Perdão!

E logo repôs o retrato no cavalete, afastando-se depressa. Isso apenas como exemplo de suas experiências e impressões nesses quatro ou cinco dias. Também participou de uma conferência do dr. Krokowski, uma vez que era impossível ficar de fora. E quanto à ambicionada entrevista particular com o dr. Behrens, teve a satisfação de obtê-la no sexto dia. Marcaram-lhe uma hora, e depois do café da manhã desceu ao subsolo, decidido a dizer algumas palavras enérgicas a respeito de seu sobrinho e do tempo que este desperdiçava ali.

Quando voltou, perguntou numa voz assolada:

— Você já tinha ouvido algo assim?!

Mas era claro que Hans Castorp já ouvira algo assim, e tampouco diante disso ele sentiria frio; então o tio cortou a conversa, e às perguntas pouco curiosas do sobrinho

limitou-se a responder “Ah, nada, nada!”, só que a partir daquele momento passou a manifestar um novo hábito: o de olhar obliquamente para cima, com o cenho franzido e os lábios em bico, para, logo depois, virar a cabeça num movimento brusco e fixar em direção oposta o olhar que acabamos de descrever... A conversa com Behrens seguira um curso diferente do que o cônsul previra? Falara-se não somente de Hans Castorp, mas também do próprio James Tienappel, a tal ponto que a conversa perdera o caráter de entrevista particular? A conduta do cônsul dava a entender que sim. Ele se mostrava bastante animado, tagarelava muito, ria sem motivo, acotovelava o flanco do sobrinho e exclamava:

— Que tal, meu velho?

E de vez em quando reaparecia aquele olhar, primeiro numa, depois noutra direção. Mas seus olhos seguiam também rumos mais precisos, tanto à mesa como durante os passeios regulamentares e as reuniões noturnas.

De início o cônsul não prestara maior atenção a uma certa sra. Redisch, esposa de um industrial polonês, que tinha o seu lugar à mesa da sra. Salomon, ora ausente, e do colegial voraz de óculos redondos; e de fato ela não passava de uma das numerosas damas que povoavam os alpendres de repouso, uma baixinha morena, encorpada, já não muito jovem, ligeiramente grisalha, com uma papada graciosa e olhos castanhos muito vivos. Sob o ponto de vista de sua civilidade, não poderia comparar-se de modo algum com a esposa do cônsul Tienappel, lá embaixo, na planície. Mas na noite de domingo, depois do jantar, o cônsul fizera no vestíbulo, graças a um vestido preto que ela trajava, muito decotado e enfeitado de lantejoulas, a descoberta de que a sra. Redisch tinha seios, de uma alvura mate, seios de mulher, muito apertados um contra o outro e cuja linha média se perdia decote adentro; e essa descoberta abalara o homem maduro e refinado até o fundo de sua alma, entusiasmara-o como fosse coisa inédita, insuspeitada,

inaudita. Tratou de se apresentar à sra. Redisch, e logo conseguiu; então conversou longamente com ela, primeiro de pé, depois sentado, e quando foi dormir recolheu-se cantarolando. No dia seguinte, a sra. Redisch já não envergava o vestido preto com as lantejoulas, mas apareceu toda coberta. Mas o cônsul sabia o que sabia, e foi fiel a suas impressões. Empenhou-se em encontrar a senhora durante os passeios regulamentares para caminhar a seu lado e conversar com ela de forma especialmente galante e efusiva. À mesa, bebia à saúde dela, ao que ela retribuía com um sorriso que fazia brilhar as cápsulas de ouro a revestir seus dentes; numa conversa com o sobrinho o cônsul chegou a declarar que a sra. Redisch era realmente uma "mulher divina", para depois tornar a cantarolar. Hans Castorp suportava tudo aquilo com serena indulgência, e sua fisionomia expressava que essas coisas lhe pareciam naturais. Mesmo assim elas não contribuíam para consolidar a autoridade do parente mais velho e condiziam mal com a missão do cônsul.

A refeição durante a qual ele saudou a sra. Redisch com o copo erguido, e isso por duas vezes — ao chegar o ragu de peixe, e mais tarde, quando serviram o sorvete —, foi a mesma que o conselheiro Behrens tomou à mesa de Hans Castorp e do visitante, uma vez que era seu costume comer alternadamente em cada uma das sete mesas; em todas elas, em uma das pontas, sempre havia, afinal, um lugar reservado para ele, em posição de destaque. Com as enormes manzorras juntas diante do prato, e com o bigodinho retorcido, o médico deixava-se ficar entre o sr. Wehsal e o corcunda mexicano, com o qual conversava em espanhol — pois sabia todas as línguas, inclusive húngaro e turco. Com os olhos azuis saltados e estriados de sangue, observou como o cônsul Tienappel saudava a sra. Redisch com a taça de bordeaux. Mais tarde, no decorrer da refeição, o conselheiro fez uma pequena preleção, animado por James, que, do outro extremo da mesa, lhe perguntou à

queima-roupa o que se passava com o homem quando apodrecia. O conselheiro, afinal, estudara as coisas do corpo, o corpo era sua especialidade, e se poderia intitulá-lo uma espécie de príncipe do corpo, se ele lhes permitisse a expressão: ele que lhes fizesse a gentileza de informá-los, então, o que ocorria quando o corpo se decompunha!

— Antes de tudo é a barriga que lhe estoura — explicou o conselheiro, fincando os cotovelos na mesa e inclinando-se sobre as próprias mãos postas. — O senhor está estendido sobre seu leito de serragem e estilhas, e os gases, sabe, começam a inchar-lhe o cadáver, intumescê-lo poderosamente, assim como meninos malvados fazem com as rãs que eles enchem de ar. Aos poucos, o senhor se transforma num verdadeiro balão, a pele do seu ventre não suporta mais a tensão e rebenta. Cabum!, e com isso o senhor sente grande alívio, faz como Judas Iscariotes ao cair do galho: todas as suas entranhas se derramam. Bem, e depois disso o senhor volta, em certo sentido, a ser apresentável em sociedade. Se lhe concedessem uma folga, poderia fazer uma visita a sua família enlutada sem lhes causar impressão tão ruim. É o que se chama deixar de feder. Depois disso pode-se sair ao ar livre; a gente volta a tornar-se um tipo decente, como aqueles cidadãos de Palermo pendurados nos subterrâneos do convento dos capuchinhos, do lado de fora da Porta Nuova. Pendem ali sequinhos e elegantes e gozam de estima geral. O mais importante é deixar de feder.

— Compreendo — disse o cônsul. — Muito, muito obrigado mesmo! — E no dia seguinte, pela manhã, tinha desaparecido.

Fora-se, partira com o primeiro trenzinho para a planície. Claro que deixara tudo em ordem. Quem poderia pensar o contrário? Liquidara a conta, pagara o preço de um exame médico, e clandestinamente, sem nada dizer ao sobrinho, aprontara as duas maletas, talvez à noite ou de madrugada. Quando Hans Castorp, na hora do café da manhã, entrou no

quarto do tio, encontrou-o desocupado.

Com as mãos nos quadris, exclamou “Ora essa!”, e nesse instante sua fisionomia esboçou um sorriso melancólico. “Então é assim”, disse e sacudiu a cabeça. Alguém acabava de safar-se, com os pés pelas mãos, numa pressa silenciosa, como se precisasse aproveitar a resolução de dado momento para não perder a oportunidade; e assim atirara as coisas na maleta e sumira-se: sozinho, não a dois, sem haver cumprido sua missão honrosa, dando-se por muitíssimo satisfeito por escapar são e salvo, esse homem de valor, o trânsfuga que desertava para a bandeira da planície, o tio James! Pois então, boa viagem!

Hans Castorp não deixou transparecer a ninguém que nada soubera da partida de seu familiar em visita, em especial ao porteiro coxo, que acompanhara o tio até a estação. Recebeu do lago de Constança um cartão-postal cujo conteúdo informava que James, chamado por telegrama, se vira obrigado a regressar à planície por causa de negócios. Não quisera incomodar o sobrinho... Uma mentira formal! “Que sua estada continue sendo agradável!” Era ironia? Nesse caso, seria bastante forçada, julgou Hans Castorp, pois o tio decerto não pensara em gracejos e zombarias quando se lançara à viagem de volta, mas percebera numa visão íntima, isso sim, e pálido de terror, que se voltasse à planície depois de haver passado oito dias aqui em cima, ainda levaria muito tempo para deixar de considerar errada, contrária à natureza e inconveniente a vida de uma pessoa que, após o café da manhã, ao invés de sair para o passeio regulamentar e estender-se ao ar livre, embrulhada em cobertores segundo o ritual, simplesmente se encaminhasse ao escritório. E essa percepção assustadora fora o motivo imediato da sua fuga.

Terminou assim a tentativa da planície de se reapossar do fugitivo Hans Castorp. O jovem não se iludiu quanto à importância decisiva desse malogro, já previsto por ele, no que dizia respeito às suas relações com a gente lá de baixo.

Para a planície, o malogro significaria renúncia definitiva, acompanhada de um dar de ombros; para ele, porém, liberdade plena, em face da qual seu coração, aos poucos, já deixava de estremecer.

OPERATIONES SPIRITUALES

Leo Naphta era natural de um lugarejo situado nas proximidades da fronteira entre a Galícia e a Volínia. Seu pai, do qual falava com respeito e sob o sentimento claro de já estar suficientemente distanciado do mundo de sua origem para poder julgá-lo com benevolência, fora schochet, açougueiro ritual: e quanto esse ofício diferia daquele exercido pelo açougueiro cristão, que era artífice e comerciante. O pai de Leo não era nem uma nem outra coisa. Era uma autoridade de caráter religioso. Examinado pelo rabino quanto à sua habilidade piedosa, autorizado por ele a abater, em conformidade com os preceitos do Talmude, o gado que a lei de Moisés considerava apto para esse fim, Elia Naphta, cujos olhos cheios de espiritualidade plácida haviam brilhado, segundo a descrição do filho, com um esplendor estelar, revelara ele próprio, em todo seu ser, o cunho sacerdotal, uma solenidade que relembrava que nos tempos antigos a função de degolar animais coubera aos sacerdotes. As vezes em que Leo, ou Leib, como o chamavam na infância, tivera ocasião de ver o pai desempenhar-se das suas tarefas rituais no pátio, ajudado por um oficial enorme, um rapagão daquele tipo atlético que se encontra entre os judeus, e o frágil Elia, com a barba loura aparada em forma oval, de aparência ainda mais delgada e mais franzina ao lado daquele gigante, brandia a grande faca de schochet contra o animal atado, amordaçado, mas não aturdido, para abrir-lhe um profundo talho à altura da vértebra cervical, enquanto o ajudante, em tigelas que se enchiam rapidamente, apanhava o sangue fumegante que brotava do corpo, o menino contemplava esse espetáculo com o olhar da criança que muito além das aparências visíveis penetra até a essência das coisas, olhar que o filho do Elia de olhos estelares deve ter possuído em grau incomum. Leo sabia que os carniceiros cristãos tinham

a obrigação de atordoar os animais com um golpe de maceta ou de machado antes de matá-los, e que essa prescrição lhes era imposta a fim de evitar ao gado um tratamento torturante e impiedoso. Seu pai, por sua vez, embora muito mais delicado e sábio que aqueles lorpas, e ainda dotado de olhos estelares como nenhum deles, procedia conforme a lei, dando o golpe mortal à rês não aturdida e deixando-a derramar seu sangue até cair exausta. O menino Leib percebia instintivamente que o método desses gojim grosseiros era inspirado por uma bondade fácil e profana, e que dessa forma não se prestava ao ato sagrado a mesma honra que ele gozava em virtude do rigorismo solene do rito paterno. O conceito da devoção ligava-se, no seu íntimo, ao da crueldade, assim como na sua imaginação o aspecto e o cheiro do sangue a jorrar acompanhavam a ideia do sagrado e do espiritual. Pois compreendia perfeitamente que o pai não se devotara ao seu ofício sanguinário pelo mesmo gosto brutal que talvez determinasse a escolha de rapazes cristãos robustos e de seu próprio ajudante; motivos espirituais haviam-no influenciado, apesar do seu físico frágil, e em harmonia com os seus olhos estelares.

Elia Naphta fora realmente um sonhador e pensador; não se limitara a estudar a Torá, mas também interpretara a Escritura, cujas máximas discutia com o rabino, chegando a altercar com ele, não raras vezes. Na região, e não apenas entre seus correligionários, era considerado homem extraordinário, que sabia mais que os outros, em parte devido à sua piedade, em parte também graças a conhecimentos suspeitos, talvez, e em todo caso contrários à ordem natural das coisas. Havia nele um quê de irregularidade sectária, algo de um confidente de Deus, de um Baal-Schem ou Zaddik, quer dizer, um taumaturgo, tanto mais que, de fato, em certa ocasião curara uma mulher de uma erupção maligna, e em outra ocasião, um garoto de convulsões, e tudo isso por meio de sangue e palavras. Mas justamente esse nimbo de uma piedade um tanto ousada,

no qual o cheiro de sangue da sua profissão desempenhava um papel, tornou-se causa de sua perdição. Em consequência de um motim e de uma irrupção da fúria popular, provocada pela morte não esclarecida de duas crianças cristãs, Elia foi trucidado de forma horrorosa: encontraram-no crucificado, fixado com cravos à porta da sua casa incendiada. Sua esposa, tísica e acamada, abandonou em seguida o país, com os filhos, o menino Leib e seus quatro irmãozinhos, todos se lamentando e gemendo, de braços erguidos ao céu.

Graças à previdência de Elia, a família não estava inteiramente desprovida de recursos e encontrou asilo numa cidadezinha do Vorarlberg. Ali a sra. Naphta se empregou numa fiação de algodão, onde trabalhou o quanto pôde e enquanto duraram suas forças, para que os filhos mais velhos frequentassem a escola primária. Mas, se a sabedoria ministrada por esse estabelecimento bastava ao talento e às necessidades dos irmãos de Leo, absolutamente não se dava o mesmo com ele. Herdara da mãe o germe da doença pulmonar, e do pai, além da compleição delgada, um discernimento fora do comum, dons intelectuais que desde cedo andavam unidos com instintos altivos, com a ambição do sublime, com a nostalgia angustiosa de formas de vida mais aristocráticas, e lhe infundiam o desejo apaixonado de elevar-se acima da esfera da sua origem. Fora da escola, o adolescente de catorze ou quinze anos formava o seu espírito de modo impaciente e descontrolado, por meio de livros que soube arranjar e com os quais nutria a inteligência. Pensava coisas e manifestava ideias que induziam a mãe a encolher a cabeça entre os ombros e a levantar ao céu as magras mãos espalmadas. Pela sua índole e suas respostas chamou durante o ensino religioso a atenção do rabino distrital, homem pio e erudito, que o escolheu para aluno particular e lhe satisfez a predileção formal com aulas de hebraico e línguas clássicas, e a ânsia de lógica com ensinamentos matemáticos. Mas a solicitude

do homem foi muito mal recompensada. Evidenciou-se cada vez mais nitidamente que ele acolhera uma serpente em seu seio. Repetiram-se as contendas que outrora houvera entre Elia Naphta e seu rabino; não se puseram de acordo; entre o professor e o discípulo surgiram divergências religiosas e filosóficas que se agravaram de forma crescente, e o honrado teólogo muito teve que sofrer em virtude da insubmissão intelectual do jovem Naphta, sua tendência crítica e cética, espírito de contradição e dialética afiada. Acresceu-se a isso que a sutileza e rebeldia intelectual de Leo acabaram por assumir um caráter revolucionário: o contato com o filho de um deputado social-democrata da Assembleia Imperial e com o próprio representante popular havia orientado para a política o espírito do adolescente e imprimido à sua paixão pela lógica o rumo da crítica social. Leo ousou manifestar ideias que fizeram eriçar os cabelos do bom talmudista, orgulhoso da sua própria lealdade, e que finalmente desmancharam a amizade entre o professor e o aluno. Numa palavra, as coisas chegaram ao ponto de Naphta ser amaldiçoado pelo seu mestre e definitivamente expulso do seu gabinete de estudos. Isso sucedeu justamente na época em que a sua mãe, Rakel Naphta, estava agonizante.

Também por esse tempo, imediatamente após o transpasse da mãe, Leo travou conhecimento com o padre Unterpertinger. O jovem de dezesseis anos estava sentado, solitário, num banco do parque de Margarethenkopf, numa colina situada ao oeste da cidadezinha, à beira do Ill, donde se descortinava uma vista ampla e alegre sobre o vale do Reno. Achava-se ali, absorto em pensamentos sombrios e amargos quanto ao seu destino e futuro, quando um professor do instituto jesuítico Stella Matutina, ao passear pelo parque, sentou-se a seu lado, pôs o chapéu no banco, cruzou as pernas sob a sotaina de padre secular e, após ter lido algumas páginas do seu breviário, entabulou uma conversa que se tornou muito animada e estava fadada a

decidir a sorte de Leo. O jesuíta, homem experiente, de trato afável, pedagogo apaixonado, bom psicólogo e hábil pescador de almas, aguçou o ouvido, desde as primeiras frases, articuladas com sarcástica clareza, que o mísero judeuzinho proferiu em resposta às suas perguntas. Sentiu nelas o sopro de uma espiritualidade aguda e atormentada e, penetrando mais a fundo, topou com um saber e uma elegância maliciosa de pensamento que a aparência de maltrapilho do rapaz apenas tornava mais surpreendentes. Falaram de Marx, cujo *Capital* Leo Naphta estudara numa edição popular, e daí passaram para Hegel, do qual ou sobre o qual o jovem também lera o suficiente para formular algumas observações incisivas. Fosse por uma inclinação geral ao paradoxo, fosse devido à intenção de agradar, chamou Hegel de “pensador católico”; quando o padre, sorrindo, lhe perguntou em que se fundava essa opinião, uma vez que Hegel, na sua qualidade de filósofo oficial da Prússia, devia ser considerado lógica e essencialmente protestante, replicou o jovem que as próprias palavras “filósofo oficial” confirmavam que, no sentido religioso, embora naturalmente não no sentido eclesiástico-dogmático, sua afirmação da catolicidade de Hegel estava certa. *Pois* (Naphta gostava muitíssimo dessa conjunção, que na sua boca adquiria um caráter triunfal e inexorável e fazia-lhe os olhos relampejarem atrás dos óculos, cada vez que tinha oportunidade de inseri-la nas suas deduções), pois o conceito de político achava-se psicologicamente vinculado ao de católico, ambos formavam uma categoria que abrangia tudo quanto fosse objetivo, operante, ativo, realizador, e tudo que produzisse efeitos externos. A essa categoria opunha-se a esfera pietista, protestante, que tinha a sua origem na mística. No jesuitismo, ele acrescentou, tornava-se evidente a natureza político-pedagógica do catolicismo; essa ordem sempre considerara a estadística e a educação domínios seus. E ainda citou Goethe, que, embora arraigado no pietismo e indiscutivelmente protestante, tinha

um forte cunho católico, em virtude do seu objetivismo e da sua doutrina da ação, chegando a defender a confissão auricular e mostrando-se quase jesuíta como educador.

Não importa que Naphta tivesse dito essas coisas por acreditar nelas, ou por achá-las espirituosas, ou finalmente na intenção de comprazer ao seu interlocutor, como faz um homem pobre que deve lisonjear e calcula com precisão o que lhe pode ser útil ou prejudicial. Fosse como fosse, o padre preocupou-se menos com o valor verdadeiro dessas palavras do que com a inteligência geral que elas documentavam. A conversa prosseguiu, e dentro em pouco o jesuíta conhecia a situação particular de Leo. A entrevista terminou com um convite de Unterpertinger para que Naphta o visitasse no instituto.

Assim deu-se que Naphta pudesse pôr os pés no solo do Stella Matutina, cuja atmosfera científica e socialmente elevada desde muito o atraía; e mais que isso: graças ao rumo que as coisas acabavam de tomar, obteve um novo mestre e protetor, mais disposto que o anterior a lhe apreciar e estimular a índole; um mentor cuja bondade, fria por natureza, baseava-se no conhecimento do mundo, e em cujo círculo de vida o jovem anelava adentrar. Semelhante a muitos judeus talentosos, Naphta tinha um instinto ao mesmo tempo revolucionário e aristocrático; era socialista e também dominado pelo sonho de participar de uma forma de vida soberba, distinta, exclusiva e ordenada. A primeira manifestação que lhe inspirara a presença de um teólogo católico fora, embora se apresentasse sob a forma de pura análise comparativa, uma declaração de amor à Igreja Romana, que se lhe afigurava como uma potência nobre e espiritual, quer dizer antimaterial, contrária à realidade hostil do mundo, e portanto revolucionária. Essa homenagem era sincera e tinha raízes no fundo do seu ser: como ele próprio explicava, o judaísmo, graças à sua orientação terrena e objetiva, graças ao seu caráter socialista e à sua espiritualidade política, achava-se muito

mais próximo da esfera católica, era infinitamente mais congênere dela do que o protestantismo na sua mania de ensimesmar-se e na sua subjetividade mística. Assim, a conversão de um judeu à religião católica representava, do ponto de vista da Igreja, um processo muito mais fácil que a conversão de um protestante.

Separado do pastor da sua comunidade religiosa de origem, órfão, desamparado, e ainda ansioso por respirar um ar mais puro, por gozar o estilo de vida que lhe cabia devido ao seu talento, Naphta, que desde havia algum tempo atingira a idade legal que o capacitava para escolher sua religião, estava tão impaciente por consumar o ato da conversão que seu "descobridor" pôde dispensar qualquer esforço no sentido de conquistar essa alma, ou bem mais, esse cérebro extraordinário, para o mundo da sua confissão. Já antes de receber o sacramento do batismo, Naphta encontrara, através da influência do padre, asilo provisório no Stella Matutina, que lhe garantia o seu alimento material e intelectual. Domiciliou-se ali, abandonando, com a maior equanimidade e com a insensibilidade de um aristocrata do espírito, os seus irmãos mais moços à caridade pública e àquele destino que eles mereciam em virtude dos seus dons medíocres.

As terras do educandário eram tão extensas quanto os seus edifícios, que podiam abrigar aproximadamente quatrocentos alunos. O conjunto abrangia bosques e prados, meia dúzia de campos de jogo, celeiros, estábulos para centenas de vacas. O instituto era ao mesmo tempo um pensionato, uma granja-modelo, uma academia de esportes, uma escola de sábios e um templo das Musas; pois, sem cessar, havia representações teatrais e concertos. A vida era senhoril e claustral. A disciplina, a elegância, a alegria discreta, a espiritualidade, a cultura esmerada, a precisão do variadíssimo programa diário, tudo isso afagava os instintos mais profundos de Leo. O moço transbordava de felicidade. Ministravam-lhe excelentes manjares num vasto refeitório,

onde o silêncio era de regra, assim como nos corredores do estabelecimento, em cujo centro um jovem prefeito, sentado numa cátedra elevada, lia em voz alta para os alunos que tomavam a refeição. O zelo que Naphta desenvolvia nos estudos era ardente, e apesar da sua debilidade física fazia toda espécie de esforços para não se deixar superar, à tarde, nos jogos desportivos. A devoção com que todas as manhãs assistia à primeira missa e participava do ofício dominical devia causar prazer aos padres pedagogos. Seu comportamento e suas maneiras satisfaziam-nos da mesma forma. Nos dias de festa, pela tarde, depois de comer doces e beber vinho, ia passear, trajando o uniforme cinzento e verde, com o colarinho engomado, boné e barras nas calças.

Sentia-se deslumbrado de gratidão diante das considerações com que eram tratados a sua origem, o seu cristianismo recente e a sua situação particular em geral. Ninguém parecia saber que ele se beneficiava de uma vaga gratuita. O regulamento da casa desviava a atenção dos companheiros do fato de ele não ter nem família nem pátria. Quanto à remessa de víveres ou guloseimas existia uma proibição geral. Encomendas que chegavam apesar disso eram repartidas entre todos, e também Leo recebia a sua parte. O cosmopolitismo da instituição impedia que a sua origem racial aparecesse de modo evidente. Havia lá jovens de terras exóticas, sul-americanos de origem portuguesa, cujo aspecto era mais “judeu” que o dele, e dessa forma o conceito deixou de subir à tona. O príncipe etíope que entrara ao mesmo tempo que Naphta, inclusive, era um negro típico, com cabelos lanosos, e mesmo assim muito distinto.

Na classe de retórica, Leo manifestou o desejo de estudar teologia, para que um dia pudesse pertencer à ordem, se é que fosse julgado digno. Isso teve por consequência que sua vaga gratuita foi transferida do segundo internato, onde o regime era mais modesto, para o primeiro. Agora era servido à mesa por criados, e seu cubículo no dormitório achava-se

situado entre o de um nobre silesiano, o conde Von Haruval e Chamaré, e o do marquês Di Rangoni-Santacroce, de Modena. Passou brilhantemente pelos exames e, fiel aos seus propósitos, abandonou o educandário e mudou-se para o noviciado na vizinha aldeia de Tisis, onde passou a levar uma vida de humildade obediente, de subordinação muda e de adaptação religiosa, vida que lhe proporcionava prazeres espirituais no sentido das concepções fanáticas de épocas distantes.

Nesse meio-tempo, porém, sua saúde sofreu um abalo, menos por causa do rigor da vida de noviço, que não carecia de oportunidades para fortalecer o corpo, do que em virtude de processos que se desenvolviam no seu íntimo. A sutileza e a sagacidade dos processos pedagógicos de que ele era objeto iam ao encontro dos seus talentos particulares, e ao mesmo tempo provocavam-nos. Durante as operações espirituais às quais consagrava os seus dias e ainda parte das suas noites, no curso de todos esses exames de consciência, contemplações, ponderações e introspecções, ele se enredava em milhares de dificuldades, contradições e dúvidas, pois movia-o uma paixão pela contenda. Leo era o desespero, e também a grande esperança, do diretor dos seus exercícios, a quem acossava dia por dia com sua fúria dialética e falta de ingenuidade.

— *Ad haec quid tu?*[11] — perguntava, com as lentes dos óculos cintilando.

E o padre posto contra a parede não tinha outro recurso senão recomendar-lhe a prece, para que conseguisse a tranquilidade do coração, "*ut in aliquem gradum quietis in anima perveniat*".[12] Mas, essa "tranquilidade" consistia, quando obtida, num completo embotamento da vida individual e na redução fatal a um mero instrumento, era a paz de um cemitério do espírito, cujos sinais exteriores sinistros Naphta podia muito bem estudar entre os seus companheiros em mais de uma fisionomia de olhar parado, e que ele mesmo nunca lograria alcançar por outro caminho

que não o da ruína corporal.
Fala em favor do nível intelectual dos seus superiores o fato de que essas reservas e objeções em nada diminuíam a estima de que Naphta gozava junto deles. O próprio padre provincial chamou-o pelo fim dos dois anos de noviciado, conversou com ele e autorizou-lhe a admissão na ordem. O jovem escolástico, que recebera quatro ordenações inferiores, a saber, a do porteiro, a do acólito, a do leitor e a do exorcista, e que também fizera os votos “simples”, passou, com isso, a pertencer em definitivo à Companhia, e partiu para o colégio de Falkenburg, na Holanda, a fim de se dedicar aos estudos de teologia.
Tinha então vinte anos, e nos três anos seguintes, sob a influência de um clima prejudicial e de excessivos esforços intelectuais, o mal hereditário realizou tamanhos progressos que sua permanência no colégio só teria sido possível com perigo de vida. Uma hemoptise que sofreu alarmou os seus superiores, e, depois de ele se achar durante semanas inteiras entre a vida e a morte, enviaram o jovem precariamente restabelecido ao lugar donde viera. No mesmo estabelecimento onde fora educado, Leo encontrou colocação como prefeito, vigilante dos alunos e professor de humanidades e filosofia. Esse interlúdio fazia parte do regulamento, só que normalmente se voltava ao colégio depois de poucos anos de serviço, para prosseguir e concluir os sete anos de estudos teológicos. Disso o irmão Naphta não pôde usufruir. Continuava enfermo; o médico e os superiores julgaram que o serviço nesse lugar com ar saudável, a companhia dos alunos e as ocupações agrícolas eram o que lhe convinha por enquanto. Naphta recebeu a primeira ordenação superior e obteve assim o direito de cantar a Epístola na missa solene dos domingos — direito que ele não exercia, em primeiro lugar porque lhe faltava por completo o talento musical, e em segundo, por causa da doença, que lhe tornava a voz esganiçada e fazia-a pouco apta para cantar. Não progrediu além do subdiaconato —

não alcançou o diaconato, muito menos a ordenação sacerdotal; e como a hemoptise se repetisse, e a febre não desse mostras de ceder, teve que submeter-se, à custa da ordem, a um tratamento prolongado. Instalara-se em Davos, onde se encontrava fazia mais de cinco anos. Mal se podia falar de um tratamento, senão de uma condição fixa da sua existência, que exigia atmosfera rarefeita e que alguma atividade como professor de latim no ginásio dos enfermos tornava menos penosa...

Essas coisas, além de outros pormenores, foram chegando ao conhecimento de Hans Castorp pela boca do próprio Naphta, quando o visitava em sua cela forrada de seda, ora sozinho, ora acompanhado dos seus comensais Ferge e Wehsal, que apresentara ao anfitrião, ou quando o encontrava num passeio e regressava com ele até o "vilarejo". Ia conhecendo esses detalhes ao acaso, em fragmentos ou sob a forma de narrativas coesas, e não somente os achava extraordinariamente interessantes, mas também incitava Ferge e Wehsal a considerá-los sob o mesmo prisma, o que de fato acontecia. Verdade é que o primeiro nunca deixava de acrescentar a restrição de não entender de coisas sublimes (uma vez que unicamente a experiência do choque pleural o elevara acima das mais humildes dentre as contingências humanas). Wehsal, porém, regozijava-se visivelmente com a carreira afortunada de um homem outrora opresso pelo destino, essa carreira que agora, como para abater qualquer soberba, se via interrompida e parecia encalhar no mal físico que eles tinham em comum.

Hans Castorp, por sua vez, lamentava essa estagnação e recordava com orgulho e desassossego o honrado Joachim, que num esforço heroico rasgara a rede resistente da retórica de Radamanto e fugira ao encontro de seu estandarte, a cuja haste, imaginava Hans Castorp, ele ora devia estar agarrado, erguendo três dedos da mão direita

para prestar o juramento de fidelidade. Também Naphta tinha uma bandeira à qual jurara, e sob cuja proteção se encontrava, como ele mesmo dizia, ao informar Hans Castorp acerca da organização da ordem; mas, em vista de todas as suas reservas e combinações, era-lhe notadamente menos fiel do que Joachim à sua. Hans Castorp, contudo, como paisano e filho da paz, sempre que escutava o jesuíta ci-devant, ou o futuro jesuíta, sentia fortalecer-se sua opinião de que cada qual dos dois devia olhar com simpatia a profissão do outro e perceber o parentesco estreito que havia entre ambas. Eram estamentos militares, tanto uma como a outra, e isso sob muitos aspectos: sob o da "ascese" e sob o da hierarquia, o da obediência e o do pundonor espanhol. Esse último desempenhava um papel importantíssimo na ordem de Naphta, que tinha origem na Espanha, e cuja regra de exercícios espirituais, espécie de precursora do regulamento que Frederico da Prússia deu à sua infantaria, era, na sua forma original, redigida em espanhol. Por isso ocorria frequentemente a Naphta empregar termos espanhóis nas suas narrativas e explicações. Falava então das "dos banderas", em torno das quais os exércitos se agrupavam para a grande investida: o exército infernal e o clerical; este na região de Jerusalém, comandado por Cristo, o "capitán general" de todos os justos; e o outro na planície da Babilônia, onde Lúcifer bancava o "caudillo" ou chefe do bando…

O Instituto Stella Matutina não era, enfim, uma verdadeira escola de cadetes, cujos alunos, distribuídos em "divisões", iam sendo orientados no sentido honroso de uma bienséance clerical-militar, que representava, por assim dizer, uma combinação de "colarinho engomado" e "golilha espanhola"? Ora, pensou Hans Castorp, se a ideia de honra e distinção desempenhava no estamento de Joachim um papel tão brilhante, com quanta nitidez ela não aparecia naquele outro estamento, que Naphta desgraçadamente tivera que abandonar em razão da doença! A crer neste último, a

ordem compunha-se exclusivamente de oficiais ambiciosos, cujo único pensamento era distinguir-se no serviço. (“*Insignes esse*”, dizia-se em latim.) Segundo a doutrina e o regulamento do fundador e primeiro geral, o espanhol Loyola, tais homens prestavam serviços maiores, serviços mais grandiosos do que todos aqueles que agiam guiados pela mera razão. Realizavam a sua obra “*ex superrogatione*”, indo além do seu dever; não se limitavam a resistir à rebelião da carne (“*rebellioni carnis*”), o que não passava, em suma, daquilo que faz todo homem dotado de bom senso, mas também combatiam as tendências para a sensualidade, o egoísmo e o amor às coisas mundanas, até em assuntos geralmente considerados lícitos. Pois agir em detrimento do inimigo, “agere contra”, quer dizer, *atacar*, era mais honroso e mais importante que apenas defender-se (“*resistere*”). “Debilitar e desbaratar o inimigo!”, rezava o regulamento de campanha, e mais uma vez o seu autor, o espanhol Loyola, estava plenamente de acordo com o capitán general de Joachim, o prussiano Frederico e sua máxima estratégica: “Atacar, atacar!”, “Não dar trégua ao inimigo!”, “Attaquez donc toujours!”.[13]

Mas o que os mundos de Naphta e de Joachim tinham em comum, antes de mais nada, era a relação com o sangue e o axioma de que não se devia impedir a mão de derramá-lo; nisso, sobretudo, concordavam estritamente, como mundos, como ordens e como estamentos, e a um filho da paz parecia notável o que Naphta contava sobre tipos de monges guerreiros da Idade Média, que, ascetas até o esgotamento e no entanto ávidos de poder espiritual, não haviam poupado sangue no seu esforço de estabelecer a Cidade de Deus e o reino do sobrenatural; falava dos belicosos templários que julgavam mais meritório morrer na luta contra os infiéis do que na cama, e para os quais matar ou ser morto por amor a Jesus não era crime, senão glória suprema. Ainda bem que Settembrini não estava presente quando Naphta expôs essas ideias! Caso contrário, não teria deixado de fazer o

papel do tocador de realejo desmancha-prazeres e de fazer soar a flauta pastoril da paz, não obstante o seu próprio projeto de guerra santa nacional e civilizadora contra Viena, que ele absolutamente não rejeitava, ao passo que o sarcasmo e a mordacidade de Naphta castigavam de preferência essa paixão e esse fraco do seu adversário. Cada vez que o italiano se inflamava por esse gênero de sentimentos, o outro lhes opunha um cosmopolitismo cristão, chamando todos os países, e ao mesmo tempo nenhum, de sua pátria e repetindo em voz cortante a frase de um geral da sua ordem, de nome Nickel, segundo o qual o patriotismo era “uma peste e a morte certa do amor cristão”.

Óbvio, era em nome da ascese que Naphta tratava de peste o amor à pátria — pois quanta coisa ele não subsumia sob esse termo, quanta coisa, segundo sua opinião, não contrariava a ascese e o reino de Deus! Não somente o apego à família e ao lar, mas também o apego à saúde e à vida: eis o que Naphta desaprovava no humanista, quando este charamelava a paz e a felicidade; num tom rixoso, acusava-o de amor pela carne, amor carnalis, de amor pela comodidade do corpo, *commodorum corporis*, e imputava-lhe à queima-roupa uma irreligiosidade pequeno-burguesa por conceder importância, a menor que fosse, à vida e à saúde.

Isso se deu durante a grande controvérsia sobre a saúde e a doença, que certo dia, já nas proximidades do Natal, surgiu dessas divergências, no curso de um passeio de ida e volta a Davos-Platz, através da neve. Todos eles participaram dela, Settembrini, Naphta, Hans Castorp, Ferge e Wehsal — todos ligeiramente febris, aturdidos e ao mesmo tempo excitados pela caminhada e pela discussão no frio glacial das alturas, e sem exceção sujeitos a calafrios. E fosse o seu papel preponderantemente ativo, como o de Naphta ou Settembrini, ou sobretudo receptivo, limitado a breves apartes, sentiam-se todos tomados de um zelo tão intenso

que, esquecidos de tudo, estacavam aqui e ali, formando um grupo absorto, gesticulante, de pessoas que falavam simultaneamente e obstruíam o caminho, sem se importar com os demais transeuntes, os quais tinham que contorná-los, a não ser que se detivessem também, aguçando o ouvido e escutando pasmados aquelas digressões extravagantes.

O ponto de partida da disputa era no fundo Karen Karstedt, a pobre Karen, com as pontas dos dedos corroídas, que acabava de falecer. Hans Castorp nada soubera da repentina piora e do *exitus*; do contrário, como bom camarada não teria deixado de assistir ao seu enterro, tanto mais que gostava de funerais. Mas, devido à costumeira discrição, inteirara-se demasiado tarde do passamento de Karen, quando esta já se adaptara definitivamente à existência horizontal no jardim do anjinho de pedra com o boné de neve oblíquo. *Requiem aeternam*...[14] Hans Castorp dedicou à sua memória algumas palavras amistosas, o que induziu o sr. Settembrini a zombar das atividades caritativas de Hans, das visitas que fizera a Leila Gerngross, ao comerciante Rotbein, à abarrotada sra. Zimmermann, ao filho fanfarrão da Tous-les-deux e à torturada Natalie von Mallinckrodt, e a caçoar das flores caras com que o engenheiro homenageara essa cambada ridícula e miserável. Hans Castorp observara que os beneficiários das suas atenções, com exceção, até o momento, da sra. Von Mallinckrodt e do menino Teddy, já estariam mortos, ao que Settembrini retrucou, perguntando se esse fato, porventura, os fazia mais respeitáveis. Existiria algo, sim, reagiu Hans Castorp, que se poderia chamar reverência cristã diante do infortúnio. E antes que Settembrini tivesse ocasião de corrigi-lo, Naphta começou a falar de piedosos excessos de caridade que a Idade Média presenciara, casos assombrosos de fanatismo e fervor no cuidado dos doentes: filhas de reis tinham beijado as fedorentas chagas de lázaros, expondo-se voluntariamente ao contágio da lepra e chamando de rosas as úlceras assim

contraídas; haviam bebido a água na qual acabavam de banhar enfermos purulentos, e declarado que nada no mundo lhes sabia melhor.

Settembrini fez que iria vomitar. E disse que o estômago se lhe revolveria menos por causa do asco físico que provocavam essas imagens e visões do que devido à loucura monstruosa que se documentava em tal concepção de filantropia ativa. Aprumando-se, voltou à sua antiga dignidade alegre, ao falar das formas modernas e progressistas da caridade humanitária e da repressão triunfal das epidemias. Àquelas atrocidades opôs a higiene, a reforma social e os grandes feitos da ciência médica.

Esses produtos da probidade burguesa, foi o que replicou Naphta, teriam sido de pouca utilidade para os séculos a que ele acabara de se referir. Nenhuma das partes interessadas poderia ter lucrado com eles, nem os enfermos e míseros, nem os saudáveis e afortunados, que se mostravam caridosos não por compaixão, mas em prol da salvação da própria alma. Pois uma reforma social coroada de êxito teria privado estes últimos do meio mais importante de que dispunham para justificar-se, e os outros, do seu estado sagrado. A manutenção constante da pobreza e da enfermidade se realizaria, portanto, no interesse de ambos os partidos, e esse conceito continuaria sendo sustentável enquanto fosse possível defender o ponto de vista puramente religioso.

Um ponto de vista sórdido, foi o que declarou Settembrini, e um conceito cuja imbecilidade quase que não valeria a pena combater! Pois a ideia do “estado sagrado”, bem como aquilo que o Engenheiro, sem pensar por si mesmo, teria dito a respeito da “reverência cristã diante do infortúnio” não passariam de mentiras baseadas numa ilusão, numa simpatia errônea, num engano psicológico. A compaixão que uma pessoa sadia manifesta a um enfermo e eleva à forma de veneração, simplesmente por ser incapaz de imaginar como ela mesma suportaria tais sofrimentos, ora, essa

compaixão, segundo Settembrini, seria exagerada; e nem caberia dedicá-la ao enfermo, pois ela surgiria de um erro de raciocínio ou de imaginação, uma vez que, com ela, o homem sadio atribui ao doente sua própria maneira de experimentar emoções, ideando que este seja, de certo modo, uma pessoa sadia que tenha de suportar os tormentos de um enfermo — o que constituiria um erro crasso. O enfermo é justamente um enfermo, tem uma natureza particular e o modo de sentir alterado, como decorrência de seu estado; a doença prepara o sujeito de modo que os dois, ela e ele, se entendam bem: há diminuições de sensibilidade, desfalecimentos, narcoses providenciais, medidas da natureza, no sentido do ajustamento e alívio morais e espirituais, fenômenos que o homem sadio, na sua ingenuidade, se esquece de levar em conta. O melhor exemplo seria justamente essa súcia de tuberculosos aqui de cima, com sua luxúria, estupidez, leviandade e falta de vontade de curar-se. Numa palavra, bastaria que o homem sadio compassivo e reverente adoecesse, para logo se perceber que a enfermidade o põe realmente num estado à parte, mas não num estado honroso, que ele, Naphta, estaria levando exageradamente a sério.

A essa altura da controvérsia, Anton Karlowitch Ferge indignou-se, tomando a defesa do choque pleural contra difamações e faltas de respeito. Como é que era? Seu choque pleural, levado exageradamente a sério? Ora, que fizessem o favor! O enorme pomo de adão e o bigode jovial subiam e desciam, enquanto ele se revoltava contra qualquer menosprezo dos sofrimentos por que passara. Declarou ser apenas um homem simples, viajante de uma companhia de seguros, e ficar alheio a todas as coisas sublimes. A própria conversa de que estava participando ultrapassava em muito o seu horizonte. Mas se Settembrini tencionava incluir o choque pleural no que acabava de dizer — esse inferno de cócegas, com o fedor de enxofre e as três síncopes de cores diferentes —, via-se na obrigação de

protestar, com toda a cortesia e humildade. Pois nesse caso não cabia falar de diminuições de sensibilidade, de narcoses providenciais e de erros de imaginação. Tratava-se, sim, da maior e mais horrível infâmia que existia sob o sol, e sem a ter experimentado não se podia imaginar a atrocidade que…

— Ora, ora, ora! — disse Settembrini. Quanto mais o tempo passava, mais grandioso ia ficando o colapso do sr. Ferge, e aos poucos parecia que ele o portava sobre a cabeça como uma auréola de santidade. Ele mesmo, Settembrini, não teria tanto respeito diante de enfermos que exigiam tanta admiração. Também estava doente, e bastante; mas, sem a menor afetação, sentia-se antes inclinado a envergonhar-se disso. De resto, falava de um modo impessoal, filosófico, e o que acabava de observar sobre as diferenças entre o homem sadio e o enfermo, no que se referia à sua natureza e sua maneira de sentir, não era coisa sem pé nem cabeça. Que os cavalheiros se lembrassem, por favor, das doenças mentais, das alucinações, por exemplo. E se um de seus interlocutores, o Engenheiro, ou o sr. Wehsal, descobrisse essa noite, à hora do crepúsculo, o seu falecido pai num canto do quarto, e ele o olhasse e lhe dirigisse a palavra, seria de supor que cada um deles visse nessa experiência muitíssimo emocionante e perturbadora um motivo para duvidar dos seus sentidos e de sua razão, e que ela os induzisse a sair prontamente do quarto e buscar o caminho até um psiquiatra. Não seria assim? E o mais engraçado era que essas coisas nem sequer poderiam acontecer a algum deles, pois estavam mentalmente sãos. E se elas porventura acontecessem, então já não estariam sãos, mas doentes, e não reagiriam como um homem sadio, quer dizer, espantando-se e fugindo, senão que aceitariam o fenômeno como perfeitamente normal e entabulariam uma conversa com o espectro, como os alucinados costumam fazer. E acreditar que a alucinação constituía para os alucinados um motivo de espanto saudável era justamente o erro de imaginação dos que não estavam enfermos.

O sr. Settembrini falou de forma cômica e plástica do pai defunto no canto do aposento. Ninguém pôde evitar o riso, nem mesmo Ferge, apesar de sentir-se melindrado pelo desdém com que o humanista encarara sua aventura infernal. Este, por sua vez, aproveitou-se da animação reinante para expor e defender com muitos pormenores a não respeitabilidade dos alucinados e dos pazzi em geral. Essa gente — disse — permitia-se muita coisa sem motivo justificável, e não raro seria capaz de refrear sua demência, como ele mesmo pudera verificar por ocasião de visitas que fizera a asilos de lunáticos. Quando um médico ou uma pessoa estranha aparecia no limiar da cela, o alucinado, na maioria das vezes, reprimia suas caretas, seu falatório e sua gesticulação, e conduzia-se decentemente, durante todo o tempo que se sentia observado, para logo depois relaxar de novo. Pois, em muitos casos, a loucura representava um relaxamento, uma vez que servia como refúgio a naturezas débeis e como medida de proteção contra golpes excessivamente graves do destino, que tais pessoas não se atreviam a suportar com lucidez. Mas todo mundo poderia alegar o mesmo; e ele, Settembrini, com a simples força do seu olhar, guiara, ao menos por uns momentos, numerosos loucos à razão, opondo às divagações deles uma atitude lógica inexorável…

Naphta deu uma risada sardônica, ao passo que Hans Castorp asseverou crer ao pé da letra em tudo que o sr. Settembrini acabara de dizer. Ao imaginar que este, com a razão intransigente e esboçando um sorriso sob o bigode, houvesse lançado seu olhar sobre o aparvalhado, compreendeu perfeitamente que o pobre-diabo se visse forçado a conter-se e prestar honras à lucidez, mesmo que para ele a presença do sr. Settembrini constituísse uma perturbação altamente indesejada… Mas também Naphta visitara hospícios de alienados. Recordava-se de ter passado pelo "pavilhão dos furiosos", onde havia deparado com cenas e quadros perante os quais, santo Deus, o olhar

razoável e a influência corretiva do sr. Settembrini dificilmente lograriam êxito. Cenas dantescas, quadros grotescos de horror e de tormento: os loucos desnudos, acocorados no banho contínuo, em todas as posições do terror de espírito e do estupor apavorado, alguns gritando de tanta desolação, outros com os braços erguidos e as bocas escancaradas, soltando gargalhadas nas quais se misturavam todos os ingredientes do inferno...

— Pois é! — disse o sr. Ferge, tomando a liberdade de relembrar-lhes a risada que lhe escapara durante seus ataques.

Numa palavra, a pedagogia inexorável do sr. Settembrini teria falhado por completo em face das visões do pavilhão dos furiosos. Nesse caso, o espanto próprio à reverência religiosa teria sido uma reação mais humana do que aqueles raciocínios arrogantes e moralistas que o nosso iluminadíssimo Cavaleiro Rosacruz e Vigário de Salomão se comprazia em opor à insânia.

Hans Castorp não teve tempo de refletir sobre os títulos que Naphta acabava de conferir a Settembrini. Iria informar-se a esse respeito na primeira ocasião que surgisse. No momento, o curso da conversa lhe monopolizava a atenção, porque Naphta estava examinando com acrimônia as tendências gerais que tornavam o humanista propenso a tributar, por princípio, todas as honras à saúde e a fazer o possível para aviltar e menosprezar a doença — ponto de vista que, na verdade, manifestava extraordinária e quase admirável renegação de si mesmo, uma vez que o próprio sr. Settembrini estava enfermo. A impressionante dignidade de sua atitude, porém, não a impedia de se constituir em total equívoco; ela resultava de uma estima e deferência ante o corpo que não se podia justificar senão quando este ainda se encontrasse no seu estado primordial, próximo de Deus, e não no estado de degradação — *in statu degradationis*. Pois, criado para ser imortal, ele se tornara presa da perversidade e da corrupção devido à depravação da natureza e por causa

do pecado original; era mortal e putrescível e só podia ser considerado um cárcere ou calabouço, útil, quando muito, para despertar sentimentos de pudor e confusão, *pudoris et confusionis sensum*, como dizia Santo Inácio.

Hans Castorp intrometeu-se dizendo que também o humanista Plotino dera expressão a esses mesmos sentimentos. Mas o sr. Settembrini, levantando a mão sobre a cabeça, pediu-lhe que evitasse cumular pontos de vista e se limitasse a um papel receptivo.

Prosseguindo com suas deduções, Naphta tomou o respeito da Idade Média cristã ante a miséria do corpo e derivou-o da aprovação religiosa que essa era demonstrou em face do sofrimento da carne. Pois as chagas do corpo não somente tornavam manifesta a queda que lhe acontecera, mas também correspondiam, de modo edificante e religiosamente satisfatório, à perversidade venenosa da alma; a formosura do corpo, por sua vez, era um fenômeno falaz, ofensivo à consciência, e o melhor a fazer era negá-lo por meio da humilhação mais profunda, na enfermidade. *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?* Quem me libertará do corpo desta morte? Expressava-se aí a voz do espírito, que era, para todo sempre, a voz da verdadeira humanidade.

Não! Essa era, segundo a opinião emocionada do sr. Settembrini, uma voz das trevas: a voz de um mundo para o qual ainda não nascera o sol da razão e da humanidade. E sim! Embora sua própria pessoa em carne e osso se achasse cheia de tóxicos, mantivera seu espírito bastante sadio e livre de pestilência para enfrentar garbosamente o clérigo Naphta em questões relativas ao corpo, e para expor a alma ao ridículo. Chegou até a glorificar o corpo humano como autêntico templo de Deus, ao que Naphta retrucou, dizendo que esse tecido não era outra coisa senão o véu estendido entre nós e a eternidade; o que teve por consequência Settembrini proibir-lhe, de uma vez por todas, que se servisse da palavra “humanidade”… e assim por diante.

Com os rostos transidos de frio, sem chapéu, os pés protegidos por galochas que pisavam a superfície endurecida, rangente e polvilhada de cinzas da camada de neve que aumentava a altura da calçada, ou abrindo caminho através das massas porosas que enchiam a sarjeta, seguiam ambos pelejando por seus princípios da forma mais pessoal possível: Settembrini abrigado por um jaquetão de inverno que vestia com elegância, ainda que a gola e os punhos de castor, puídos pelo uso, parecessem como que sarnentos, Naphta com um sobretudo preto, completamente fechado até os pés, forrado de peles por dentro, das quais, porém, nada se via na parte exterior; seguiam discutindo, e não raro acontecia que, em vez de se dirigirem um ao outro, interpelavam Hans Castorp, e cada qual lhe expunha e submetia seu ponto de vista, referindo-se ao adversário não mais que com um aceno da cabeça ou com o polegar. O jovem ia entre eles e voltava o rosto para cá e para lá, concordando ora com um, ora com outro; às vezes estacava, com o corpo inclinado para trás, gesticulando com a mão agasalhada por uma luva de pelica forrada, e proferia uma opinião particular, naturalmente pouco valiosa, enquanto Ferge e Wehsal giravam em torno dos três, mantendo-se à frente deles, depois atrás, ou então avançando a seu lado, todos em uma só fileira, até o tráfego interromper o alinhamento.

Sob a influência de apartes de Ferge e Wehsal, a conversa começou a ocupar-se de assuntos mais concretos. Em rápida sequência, e sob crescente interesse de todos, foram tratados os problemas da incineração dos mortos, do castigo corporal, da tortura e da pena de morte. Foi Wehsal quem trouxe à baila o açoitamento, e Hans Castorp achou que esse tema condizia com a índole do rapaz de Mannheim. Ninguém se surpreendeu quando o sr. Settembrini, em palavras esmeradas, invocando a dignidade humana, investiu contra o emprego desse método brutal na pedagogia, e nem sequer no direito penal. Tampouco causou

surpresa o fato de Naphta falar a favor das bastonadas, e apenas a sinistra audácia com que o fazia provocou um leve espanto. Segundo ele, era absurdo proferir, nesse caso, disparates acerca da dignidade humana, já que a nossa verdadeira dignidade se baseava no espírito e não na carne; e como a alma humana estivesse por demais inclinada a tirar do corpo toda a sua alegria de viver, os sofrimentos infligidos a este representavam um meio altamente recomendável para estragar à alma o prazer que nela despertavam as coisas sensuais, para separá-la da carne e reconduzi-la ao espírito, que dessa forma voltaria a dominar. Era pura tolice considerar o castigo corporal particularmente humilhante. Santa Isabel foi fustigada, até sangrar, pelo seu confessor, Conrado de Marburgo, e, como conta a lenda, isso "arrebatou-lhe a alma até o terceiro coro"; ela mesma vergastou uma pobre velha que estava muito sonolenta para se confessar. Era possível que alguém se atrevesse seriamente a qualificar de inumanas e bárbaras as flagelações a que se sujeitavam os membros de certas ordens ou seitas, e de um modo geral as pessoas de sentimentos mais profundos, a fim de fortalecerem dentro de si o princípio do espírito? Ver um progresso real na abolição do açoitamento pelos países que se julgavam adiantados era uma opinião que apenas se tornava mais cômica pela inabalável firmeza com que costumava ser defendida.

Em todo caso, opinou Hans Castorp, era absolutamente necessário admitir que no antagonismo entre corpo e espírito seria o corpo, sem dúvida, que corporificaria… o corpo corporificaria, rá, rá!… bem, seria ele que corporificaria o princípio mau e diabólico. Pois o corpo pertence naturalmente à natureza… naturalmente à natureza, o que acharam desta?… e a natureza, em oposição ao espírito e à razão, é intrinsecamente má: misticamente má — poderia dizer quem quisesse ostentar cultura e conhecimento. Partindo desse ponto de vista, seria apenas lógico tratar o corpo de acordo com ele, quer dizer, aplicar-

lhe meios de castigo que também merecem ser designados misticamente maus. Se o sr. Settembrini tivesse tido a seu lado Santa Isabel, quando a fraqueza do corpo o impediu de participar do congresso progressista em Barcelona, quem sabe…

Todos se riram, e, como o humanista fizesse menção de protestar, Hans Castorp apressou-se a contar das sovas que ele mesmo levara em outros tempos: nos primeiros anos do ginásio ainda existia o costume de ministrar esse castigo; havia palmatória, e, embora os professores, por certas considerações sociais, se abstivessem de lhe pôr as mãos, ele teria apanhado certa vez uma surra de um condiscípulo mais forte, um rapagão robusto, que bateu nele com uma vara flexível nas nádegas e na barriga das pernas cobertas somente pelas meias. Aquilo doeu de maneira infame, pavorosa, inesquecível, realmente mística. Entre soluços convulsivos, cheios de vergonha íntima, haviam brotado a Hans Castorp lágrimas de raiva, humilhação e desespero. E ele então acrescentou ter lido que nas prisões os assassinos mais rudes choramingam como criancinhas, quando açoitados.

Enquanto o sr. Settembrini escondia o rosto com as duas mãos, metidas em luvas de couro muito gasto, Naphta, com o sangue-frio de um estadista, perguntou como é que poderiam ser dominados criminosos renitentes, senão por meio do cavalete e do bastão, que se adequavam com estilo ao ambiente de uma casa de correção; um cárcere humano era um meio-termo estético, uma solução negociada, e o sr. Settembrini, apesar da sua bela eloquência, no fundo nada entendia de beleza. No que dizia respeito à pedagogia, o conceito da dignidade humana defendido por aqueles que queriam excluir os castigos corporais tinha sua raiz, segundo Naphta, no individualismo liberal da época burguesa e humanitária, no absolutismo esclarecido do eu, que estava a ponto de extinguir-se e dar lugar a ideias sociais menos efeminadas, que já se achavam iminentes; ideias de

disciplina e de docilidade, de coação e obediência, às quais era inerente uma sagrada crueldade; ideias que modificariam, uma vez mais, a visão que se tinha da flagelação dos pobres cadáveres.

— Ah, daí é que vem a célebre expressão "*perinde ac si cadaver essent*", "ser obediente como um cadáver"! — chacoteou Settembrini; ao que Naphta objetou não dever ser crime de lesa-majestade administrar uma boa sova a esse corpo que Deus mesmo, para punir nosso pecado, destinara à horrorosa ignomínia da putrefação... E assim entraram a falar da incineração dos mortos.

Settembrini fez o elogio desse processo: essa tal ignomínia poderia ser remediada, foi o que disse com alegria. Considerações práticas e motivos idealistas predestinavam a humanidade a acabar com ela. E o italiano declarou ter participado dos preparativos de um congresso internacional em prol da cremação, que se reuniria provavelmente na Suécia. Projetava-se expor ali um crematório modelo e um columbário, ambos construídos segundo experiências reunidas até então. Era de prever que tal apresentação daria origem a sugestões e estímulos de vasto alcance. Que método mais antiquado e obsoleto, esse de enterrar os mortos, dadas as condições da vida moderna! A extensão das cidades! A transferência dos chamados campos-santos para a periferia, em vista do espaço que exigiam! Os preços dos terrenos! O caráter prosaico que assumiam os funerais, devido à necessidade de se usarem meios modernos de transporte! Sobre todas essas coisas, o sr. Settembrini conseguiu fazer observações sensatas e incisivas. Motejou da figura do viúvo inconsolável que realizava todos os dias uma peregrinação à sepultura da saudosa defunta, para palestrar com ela no próprio local. Era necessário que um homem com essa mentalidade idílica dispusesse, em abundância inexplicável, do bem mais precioso da nossa vida: de tempo. Mas o movimento que reinava nos cemitérios centrais das cidades modernas decerto curaria

qualquer um de tamanho sentimentalismo atávico. A destruição do corpo morto pelo fogo — quanto mais limpa, mais higiênica, mais digna e mesmo mais heroica não era essa visão, em confronto com o costume de abandoná-lo à lamentável decomposição e assimilação executada por organismos inferiores! Sim, também a disposição emocional, o anseio humano por perpetuidade, tinha a ganhar com esse processo novo. O que sucumbia à ação do fogo eram as partes inconstantes do corpo, que já em vida estavam sujeitas ao metabolismo; as outras partes, as que menos participavam desse fenômeno e acompanhavam o homem quase sem modificação através de sua existência de adulto, eram não só as que mais resistiam ao fogo, mas também as que formariam as cinzas a serem recolhidas pelos sobreviventes, de modo a guardarem o que, no falecido, fora imperecível.

— Que maravilha! — disse Naphta. — Ah, essa era muito, mas muito boa! As cinzas como parte imperecível do homem!

Mas claro, retorquiu o italiano, Naphta pretendia mesmo era manter a humanidade na sua atitude irracional diante dos fatos biológicos. Persistia naquela fase de religião primitiva, para a qual a morte representava um papa-gente, rodeado de tão misterioso terror que era impossível dirigir a ele o olhar claro da razão. Que barbárie! O espanto em face da morte remontava a épocas de um nível cultural extremamente baixo, nas quais a morte violenta fora a regra, e o cunho horripilante que a revestia por muito tempo se associara, no sentimento do homem, à ideia da morte em geral. Graças ao desenvolvimento da higiene e da consolidação da segurança pessoal, porém, a morte natural tornava-se comum, e ao trabalhador moderno a visão do repouso eterno, após o esgotamento normal das suas forças, absolutamente não se afigurava medonho, senão esperado e desejável. Não, a morte nada tinha de fantasma nem de mistério; era, sim, fenômeno inequívoco, racional,

fisiologicamente necessário e simpático. Perder tempo excessivo com sua contemplação seria roubar à vida seu quinhão. Por isso tencionava-se combinar com aquele crematório modelo e o columbário, que era o "recinto da morte", um "recinto da vida", no qual se aliariam a arquitetura, a pintura, a escultura, a música e a poesia, no sentido de afastar o espírito dos sobreviventes do espetáculo da morte, do luto obtuso e da lamentação inativa, e encaminhá-lo para os bens que a vida oferecia…

— O mais depressa possível! — zombou Naphta. — Para que ninguém exceda no culto da morte e não se vá demasiado longe na reverência tributada a um fato tão banal, sem o qual, porém, certamente não haveria arquitetura, nem pintura, nem escultura, nem música, nem poesia.

— Ele deserta e se vai rumo à bandeira — murmurou Hans Castorp, como que num sonho.

— A obscuridade da sua observação, Engenheiro — respondeu Settembrini —, deixa transparecer-lhe o caráter censurável. É preciso que a experiência da morte seja, em última análise, a experiência da vida; do contrário, não passa de um espantalho.

— Serão empregados símbolos obscenos no "recinto da vida", tal como se encontram em alguns sarcófagos antigos? — perguntou Hans Castorp seriamente.

Um pasto bem gordo para os sentidos, isso certamente deveria haver, afirmou Naphta com convicção. Em mármore e pintura a óleo, um gosto classicista alardearia o corpo, esse corpo pecaminoso subtraído à podridão, e não seria de surpreender, uma vez que, de tanto carinho, já não queriam mais deixar flagelá-lo, nem um pouquinho…

A essa altura da conversa, Wehsal interveio mencionando a tortura; o tema lhe caía como uma luva. Que é que os amigos pensavam sobre interrogatórios violentos? Ele, Ferdinand, sempre gostara de aproveitar, por ocasião das suas viagens comerciais, as oportunidades para visitar nos

centros de cultura antiga aqueles recantos quietos onde outrora se realizara esse tipo de exploração da consciência. Conhecia as câmaras de tortura de Nürnberg e Regensburg, que estudara de perto no interesse da sua formação intelectual. Com efeito, ali o corpo fora submetido, por amor à alma, a um tratamento pouco delicado, empregando-se nisso processos muito engenhosos. E nem sequer houvera gritarias. A pera, a famosa "pera", que não era nenhuma guloseima, costumava ser fincada na boca aberta, e logo reinava um silêncio absoluto, apesar da mais intensa atividade…

— Porcheria! — resmungou Settembrini.

Ferge observou que, sem menosprezar a pera e a atividade silenciosa, ainda não se inventara outra tortura mais infame que a apalpação da pleura. Nem naqueles tempos poderiam ter imaginado coisa pior.

Mas isso teria acontecido com o fim de curá-lo!

A alma obstinada e a justiça ofendida, ambas serviram em mesmo grau, nem maior nem menor, para justificar a supressão passageira da misericórdia. Ademais, a tortura era um produto do progresso racional.

Naphta não deveria estar em seu juízo perfeito.

Ah, estava sim. O sr. Settembrini era um beletrista e por certo não tinha familiaridade com a história do processo jurídico na Idade Média. Ela correspondia de fato a um processo de racionalização progressiva, no sentido de Deus haver sido eliminado pouco a pouco da jurisprudência, em virtude de ponderações baseadas na razão. Foi abolido o ordálio, porque haviam notado que o mais forte vencia, ainda que a justiça não se achasse a seu lado. Pessoas do tipo do sr. Settembrini, céticas e críticas, fizeram essa constatação e conseguiram impor que o processo penal antigo, bastante ingênuo, fosse substituído pelo processo da Inquisição, que deixou de se fiar na intervenção de Deus em favor da verdade para agora empenhar-se em arrancar ao réu a confissão da verdade. Nenhuma condenação sem

confissão! Que consultassem até hoje a gente do povo: esse instinto estava profundamente arraigado. Por completa que fosse a cadeia das provas — a condenação era considerada injusta enquanto faltasse a confissão. Como obtê-la? Como descobrir a verdade, além dos meros indícios, além da simples suspeita? Como saber o que escondiam o coração e o cérebro de quem dissimulava a verdade, de quem se recusava a revelá-la? Quando o espírito se mostrava recalcitrante, não existia outro recurso senão o de apelar ao corpo, que era mais acessível. A tortura, como veículo da confissão indispensável, foi imposta pela razão. Ora, quem reclamara e introduzira o processo baseado na confissão fora o sr. Settembrini, e também lhe cabia, portanto, a responsabilidade pela tortura.

O humanista pediu aos demais que não acreditassem em nada disso. Tratava-se de gracejos diabólicos. Se a teoria do sr. Naphta fosse certa, se realmente a razão tivesse inventado aquela atrocidade, isso demonstraria, quando muito, o quanto necessitava ser escorada e esclarecida, e quão poucos motivos tinham os adoradores do instinto natural para recear que um dia as coisas se passassem na terra de um modo excessivamente razoável. No entanto, não havia dúvida de que o seu interlocutor se equivocara. Aquela monstruosidade jurídica não podia ser derivada da razão, porquanto os seus alicerces jaziam na crença no inferno. Que eles lançassem um olhar aos museus e às câmaras de tortura. Isso bastava para perceber que aqueles métodos de beliscar, esticar, tostar e apertar com parafusos manifestamente haviam brotado de uma imaginação pueril e obcecada, do desejo de imitar piedosamente o que acontecia nos lugares do castigo eterno, lá no Além. Ainda se tencionara, com isso, fazer o bem do malfeitor. Supusera-se que a própria alma sofredora dele lutava pela confissão, e que só a carne, como princípio do mal, se opunha a essa boa vontade. De maneira que se pensara prestar um serviço caridoso, ao subjugar a carne por meio da tortura. Desatino

de ascetas…

Os antigos romanos tinham sofrido da mesma loucura?

Os romanos? Ma che!

Ora, mas eles também empregaram a tortura como elemento processual.

Um impasse lógico… Hans Castorp procurou encontrar uma saída, trazendo à baila, por sua própria iniciativa, o problema da pena de morte, como lhe competisse imprimir outro rumo a uma discussão dessas. A tortura estava abolida, se bem que os juízes de instrução ainda usassem uma técnica parecida para amolecer os acusados. Mas a pena de morte parecia imortal, era indispensável. Os povos mais civilizados conservavam-na. Os franceses tinham feito péssimas experiências com seu sistema de deportações. Simplesmente não se sabia o que fazer, na prática, com certas criaturas antropoides, a não ser cortar-lhes a cabeça.

Aqui não se trataria de “criaturas antropoides”, corrigiu-o o italiano, mas de seres humanos como ele, o Engenheiro, e como o próprio Settembrini. Só que fracos de vontade, vítimas de uma sociedade falha. E falou de um grande criminoso, assassino reincidente, integrante daquela espécie que os promotores públicos, nas suas acusações, costumam qualificar de “bestial”, ou de “monstros sob forma humana”. Esse homem cobrira de versos as paredes da sua cela, e os seus versos absolutamente não eram maus, chegavam a ser muito melhores que os que promotores produzem de vez em quando.

Isso lançaria uma luz singular sobre a arte, retrucou Naphta. Mas para além disso, o fato nada teria de curioso.

Hans Castorp esperara que o sr. Naphta fosse advogar em favor da conservação da pena capital. Naphta, ele pensou, provavelmente era tão revolucionário quanto o sr. Settembrini, mas no sentido conservador, como um revolucionário da conservação.

O mundo, o sr. Settembrini sorriu, senhor de si, passará por cima dessa revolução do retrocesso anti-humano. O sr.

Naphta preferiria difamar a arte a admitir que ela confere dignidade humana até ao indivíduo mais depravado. Com um fanatismo desses não se pode conquistar a juventude ávida de luz. Acabava de ser fundada, a propósito, uma liga internacional, cujo objetivo era abolir a pena de morte em todos os países civilizados. O sr. Settembrini tinha a honra de fazer parte dela, segundo comentou. Ainda não fora escolhido o lugar onde se realizaria seu primeiro congresso, mas a humanidade poderia estar confiante em que os oradores, ao terem sua voz ouvida ali, haveriam de surgir munidos de argumentos! Então ele enumerou alguns deles, sobretudo o da possibilidade sempre presente do erro judiciário, do assassinato legal, e um outro, de que nunca se devia abandonar a esperança de ver o criminoso emendar-se; citou até a sentença: “Minha é a vingança”, e também explicou que o Estado, desde que mais se empenhasse no aperfeiçoamento do homem do que na violência, não tinha direito de retribuir o mal pelo mal. Rejeitou a ideia da “punição”, após ter combatido a da “culpa”, sobre a base de um determinismo científico.

A seguir, a “juventude ávida de luz” teve que presenciar como Naphta movia o pescoço de um lado a outro, a cada argumento. Ele escarneceu da relutância em derramar sangue e do respeito à vida manifestados pelo filantropo; afirmou que tal culto da vida individual provinha das épocas burguesas mais triviais, marcadas por passeios sob a proteção de guarda-chuvas, mas que bastava, no entanto, sob condições pouco mais exaltadas, entrar em jogo uma única ideia que ultrapassasse a da “segurança”, qualquer coisa superpessoal, superindividual — o que era, afinal, o único estado digno do homem e portanto o estado normal, num sentido superior — e imediatamente, sem titubear, a vida individual não só era sacrificada à ideia superior, mas também oferecida espontaneamente pelo próprio indivíduo. A filantropia do senhor seu antagonista, disse ele, esforçava-se por privar a vida de todos os seus acentos sombrios e

mortalmente sérios; empenhava-se na castração da vida, inclusive por meio do determinismo da sua assim chamada ciência. A verdade, porém, era que o determinismo não só não abolia o conceito de culpa, mas, pelo contrário, ainda o tornava mais sólido e mais formidável.

Aquela não havia sido das piores. Será que ele ainda exigiria que a desgraçada vítima da sociedade se sentisse realmente culpada e então se encaminhasse voluntariamente ao cadafalso, movida por suas convicções?

Claro que sim. O criminoso se acharia tão compenetrado da culpa como de si próprio. Pois ele era como era, e não pretendia ser diferente; e nisso reside a culpa, justamente. O sr. Naphta estava transportando a culpa e o mérito da esfera empírica para a esfera metafísica. Era no fazer e no agir que reinava a determinação; ali não havia liberdade, mas provavelmente no ser. O homem era, como havia desejado ser, e como não deixaria de desejar ser até seu próprio desaparecimento; se houvesse assassinado, ele o teria feito "por sua própria vida", e portanto não seria um preço excessivo, caso pagasse por isso com a própria vida. Que morresse, já que gozara a mais profunda volúpia.

A volúpia mais profunda?

A mais profunda de todas.

Alguém crispou os próprios lábios. Hans Castorp pigarreou de leve. Wehsal deixou cair o maxilar. O sr. Ferge deu um suspiro. Settembrini observou com finura:

— Bem se vê que certa maneira de generalizar dá ao assunto um matiz pessoal... O senhor teria vontade de matar?

— Não é da sua conta. Mas se o tivesse feito, garanto-lhe que me riria na cara da estupidez humanitária que se dispusesse a me alimentar com lentilhas até o fim de meus dias. Não há sentido em que o assassino sobreviva ao assassinado. Esses dois, sem a presença de mais ninguém, tão sozinhos como jamais são duas criaturas, a não ser numa circunstância análoga, participam de um segredo que os une

para sempre, um agindo, e o outro sofrendo a ação. Seus destinos são inseparáveis.

Settembrini confessou displicentemente que carecia do órgão capaz de compreender tal misticismo da morte e do homicídio, e que não lamentava essa falta. Não tinha nada que objetar aos talentos religiosos do sr. Naphta — sem dúvida superiores aos dele mesmo —, mas fazia questão de declarar que não os invejava. Uma irreprimível necessidade de asseio mantinha-o distante de uma esfera em que aquela reverência diante do infortúnio, mencionada havia pouco pela juventude cúpida de experiências, reinava não apenas no sentido físico, evidentemente, mas também no sentido espiritual; numa palavra: mantinha-o distante de uma esfera na qual a virtude, a razão e a saúde de nada valiam, ao passo que o vício e a enfermidade desfrutavam da mais alta estima.

Naphta confirmou que de fato a virtude e a saúde não constituíam estados religiosos. E disse que seria de grande proveito deixar claro que religião nada tem que ver com razão e moralidade. Pois ela nada tem que ver com a vida, acrescentou. Esta se alicerça em condições e bases que pertencem em parte à teoria do conhecimento, em parte ao domínio da moral. As primeiras chamam-se tempo, espaço, causalidade; as segundas, moralidade e razão. Todas essas coisas não são apenas estranhas e indiferentes à religião, mas até mesmo hostilmente antagônicas a ela; pois são elas que formam a vida, a assim chamada saúde, ou seja: essa condição arquifilisteia e ultraburguesa, da qual o mundo religioso constitui antítese absoluta, uma antítese genialmente absoluta. Aliás, destacou Naphta, não seria intenção dele negar que a esfera da vida pudesse produzir o gênio. Havia, sim, uma burguesia mergulhada na vida, de robustez monumental inegável, uma majestade filesteia, digna de reverência, na opinião de muitos; mas não caberia perder de vista que ela, plantada com sua dignidade espaçosa, pés firmes no chão, mãos fincadas nas ancas e

peito estufado, representa, isso sim, a encarnação da irreligiosidade.

Hans Castorp levantou o dedo indicador como um escolar. Disse que não queria melindrar nenhum dos dois partidos, mas era notório estarem falando de progresso, do progresso humano, e por conseguinte de política e da república eloquente e da civilização do Ocidente culto, e diante disso gostaria de expressar a opinião de que a diferença ou, se o sr. Naphta insistia nesse ponto, a oposição entre vida e religião tinha sua origem naquela que havia entre tempo e eternidade. Pois o progresso realizava-se exclusivamente no tempo; ele não tinha lugar na eternidade, e nela tampouco a política e a eloquência. Na eternidade, apenas apoiava-se a cabeça no regaço de Deus, por assim dizer, e fechava-se os olhos. E esta seria, numa formulação confusa, a diferença entre religião e moralidade.

Settembrini replicou que a sua maneira ingênua de exprimir-se era menos inquietante que seu medo de melindrar sentimentos alheios e que sua tendência a fazer concessões ao diabo.

Ora, no que tocava ao diabo, o sr. Settembrini e ele, Hans Castorp, já haviam discutido fazia muito tempo. "O Satana, o ribellione!" Restava agora saber a que diabo é que ele acabara de fazer concessões. Àquele da rebelião, da crítica e do trabalho, ou ao outro? Que perigo para a vida, esse impasse: um diabo à direita, um diabo à esquerda! Como, em nome do diabo, safar-se dali?

Essa não seria, disse Naphta, uma maneira apropriada de caracterizar a situação, tal como o sr. Settembrini desejava vê-la: essencial na concepção que ele tinha do mundo era fazer de Deus e de Satã duas pessoas ou dois princípios diversos, colocando "a vida" entre ambos, como objeto de disputa, aliás em plena conformidade com as ideias da Idade Média. Em realidade, porém, os dois eram uma e mesma coisa, opostos à vida, ao modo de viver burguês, à ética, à razão, à virtude — devido ao princípio religioso que juntos

representavam.

— Que embrulhada asquerosa! Che guazzabuglio proprio stomachevole! — explodiu Settembrini.

Bem e mal, santidade e malvadez, tudo misturado! Sem discernimento! Sem vontade! Sem a capacidade de se reprovar o que seja reprovável! O sr. Naphta tinha noção *de que* é que estava negando, ao confundir, em presença da juventude, Deus e o diabo, e ao rejeitar o princípio ético em nome dessa execranda dualidade una? Com isso ele estaria negando o *valor* — toda e qualquer valoração —, espantoso dizer algo assim! Ora, nesse caso não existiriam bem e mal, apenas o universo moralmente desordenado! E não existiria tampouco o indivíduo com sua dignidade crítica, mas somente a coletividade que tudo traga e nivela, e nela, a decadência mística. O indivíduo…

Que coisa deliciosa ver o sr. Settembrini voltar a considerar-se um individualista! Mas para sê-lo era preciso conhecer a diferença entre moralidade e bem-aventurança, que esse monista e sr. Illuminatus pura e simplesmente ignorava. Numa esfera em que, de modo estúpido, se concebia a vida como dotada de sua finalidade em si mesma, sem um fim e um objetivo que a ultrapassassem, reinavam uma ética social e uma ética da espécie, uma moralidade de animais vertebrados, mas não um individualismo — que como tal prosperava exclusivamente no terreno do religioso e do místico, no “universo moralmente desordenado”, conforme se dissera. O que era, afinal, a moralidade do sr. Settembrini? E o que ela se propunha fazer? Achava-se ligada à vida, logo não ia além da mera utilidade; e logo estava despida de heroísmo, em um grau digno de piedade extrema. Servia para se chegar a ser velho e feliz, rico e sadio, e nada mais, ponto final. Essa mentalidade filisteia, baseada na razão e no trabalho, valia como ética para o sr. Settembrini! Quanto a ele, Naphta, tomava a liberdade de qualificá-la, e sempre voltar a qualificá-la, como mísero modo de vida burguês.

Settembrini exigiu de seu interlocutor que se moderasse. Mas sua própria voz vibrou de paixão quando declarou ser insuportável que o sr. Naphta falasse sem cessar do modo de vida burguês, Deus sabia por quê, num tom aristocraticamente desdenhoso, como se o *contrário* — e ninguém ignorava o que era o contrário de viver — fosse coisa mais distinta!

Novos bordões, novas deixas! Agora tinham chegado ao problema da condição de nobreza e da aristocracia! Hans Castorp, rubro e exausto pelo frio e multiplicidade de assuntos, além disso inseguro quanto à inteligibilidade ou ao atrevimento febril da sua própria linguagem, confessou com os lábios quase inertes que sempre visionara a morte trajando uma golilha engomada à moda espanhola, ou pelo menos um uniforme um tanto menos solene que incluísse um colarinho alto, ao passo que a vida usava um simples colarinho moderno… Mas ele mesmo, assustando-se diante dos devaneios ébrios e da inconveniência das suas palavras, apressou-se a afirmar que não era precisamente isso que tencionara dizer. Queria saber, no entanto, se não existiam pessoas, certas criaturas humanas, que era impossível imaginar mortas, justamente por serem ordinárias demais! Ou seja: que seriam a tal ponto feitas para a vida que davam a impressão de serem incapazes de morrer e indignas de receber a consagração da morte.

O sr. Settembrini expressou a esperança de que Hans Castorp dissesse tais coisas apenas para ocasionar que alguém o contestasse. O jovem sempre teria nele alguém disposto a socorrê-lo quando se tratasse da defesa espiritual contra tentações como essas. “Feito para a vida”, dissera ele? E empregara essas palavras em sentido pejorativo? “Digno da vida!” Eis o termo de que convinha servir-se, e os conceitos se encadeariam em ordem perfeita e verdadeira. “Digno da vida”: e logo se chegaria, com associações facílimas e naturais, à ideia de “digno do amor”, ideia tão intimamente ligada à primeira a ponto de se poder dizer que

só o que fosse verdadeiramente digno do amor seria verdadeiramente digno da vida, também. Essas duas qualidades juntas — digno da vida e digno do amor — constituíam o que se podia denominar nobreza.

Hans Castorp achou essas deduções encantadoras e muito pertinentes. Disse que o sr. Settembrini o conquistara por completo com sua teoria plástica. Podia-se dizer o que se quisesse — e dizia-se, por exemplo, que a doença era uma forma de existência superior, e por isso tinha algo de solene —: certo era que a enfermidade acentuava em excesso o que fosse corporal, reduzia e restringia o homem ao corpo e dessa forma prejudicava sua dignidade a ponto de aniquilá-la, pelo fato de nos rebaixar ao estado de corpo e nada mais. A doença era portanto inumana.

Pelo contrário, a doença era sumamente humana, foi a resposta imediata de Naphta. E ser humano correspondia a ser doente. Em realidade, o ser humano seria em essência um enfermo, estar doente o tornaria humano, e quem desejasse curá-lo e induzi-lo a fazer as pazes com a natureza, "voltar à natureza" (embora ele nunca tenha sido natural), tudo que hoje propõem enfim, qual profetas, os regeneradores, defensores da alimentação crua, vegetarianos, naturistas e helioterapeutas, todos esses tipos à la Rousseau, não almejam outra coisa a não ser desumanizar e embrutecer o homem... Humanidade? Distinção? O homem é um ser nitidamente desprendido da natureza e sente-se oposto a ela. O que o distingue de toda outra forma de vida orgânica é precisamente o espírito. Neste, portanto, na doença, é que se baseiam a dignidade do homem e sua distinção; em uma palavra: quanto mais enfermo, tanto mais humano, e o gênio da enfermidade é mais humano que o da saúde. É estranho ver como alguém que se finge de filantropo fecha os olhos diante dessas verdades fundamentais da humanidade. O sr. Settembrini preconiza o progresso. Como se o progresso, se é que existe algo assim, não se devesse unicamente à enfermidade, ou

seja: ao gênio, que, por sua vez, nada é senão doença! Como se os sadios não tivessem vivido, em todos os tempos, das conquistas feitas pelos doentes! Houve quem, de maneira consciente e voluntária, se lançasse às regiões da doença e da loucura, a fim de adquirir para a humanidade conhecimentos suscetíveis de se transformar em saúde, depois de conquistados por meio da insânia; pois primeiro vem o sacrifício heroico, e só depois sua posse e exploração deixam de ser dependentes da enfermidade e da demência. Eis aí a genuína morte na cruz…

"Ah!", pensou Hans Castorp. "E vem você, jesuíta incorreto, com suas combinações e sua maneira de interpretar a morte na cruz! Já se vê por que não chegou a ser padre, joli jésuite à la petite tache humide!" E voltando-se a Settembrini em seu íntimo, pensou: "Agora é sua vez de rugir, leão!" E este se pôs a "rugir", declarando que tudo quanto Naphta acabara de sustentar não passava de miragens, rabularias e confusão feita para enganar o mundo.

— Diga! — lançou na cara do seu antagonista. — Diga-o sob a sua responsabilidade de educador, sustente sem rodeios, na presença dessa juventude em formação, que o espírito é… enfermidade! Pois sim! É com tais argumentos que o senhor conduzirá a juventude ao espírito e a inspirará a depositar nele sua fé! E declare ainda que a doença e a morte são nobres, ao passo que a saúde e a vida são vis, porque este é o método mais garantido para levar o educando a servir a humanidade! Davvero, è criminoso!

E qual um cruzado veio em defesa da condição nobre da saúde e da vida, condição conferida pela natureza, que nada tinha a temer diante do espírito. A forma!, foi o que disse, ao que Naphta opôs com altivez:

— O *logos*!

No entanto, aquele que nada queria saber do *logos* disse:

— A razão! — enquanto o paladino do *logos* defendia "a paixão".

Tudo isso era confuso.

— O objeto! — dizia um. E o outro respondia:

— O eu!

Por fim entraram a falar, um de “arte” e o outro de “crítica”. Mas sempre voltavam à “natureza” e ao “espírito”, discutindo qual dos dois era mais nobre, e ventilando o “problema aristocrático”. Dessa contenda, entretanto, não resultou clareza nem ordem, nem ao menos uma ordem de caráter dualista e militante; pois as posições não somente eram opostas, mas confundiam-se. Os adversários, ao invés de se limitar a combater-se reciprocamente, amiúde se contradiziam a si próprios. Settembrini muitas vezes dava vivas retóricos à “crítica”, mas logo a seguir punha-se a reivindicar honras de princípio nobre para o contrário dela, que, segundo ele, era a “arte”; enquanto isso, Naphta viera mais de uma vez em defesa do “instinto natural”, opondo-se a Settembrini, que tratara a natureza como “potência estúpida”, mero “fato e fado”, ante os quais a razão e o orgulho do homem não teriam direito de abdicar. A essa altura dos debates, porém, Naphta colocou-se justamente ao lado do espírito e da “doença”, porque somente nesse campo se encontravam a nobreza e a humanidade, ao passo que o italiano se arvorou em advogado da natureza e da sua nobreza sadia, sem pensar em emancipar-se dela. Não menor era a embrulhada no que dizia respeito ao “objeto” e ao “eu”. Nesse ponto, a confusão, que para eles, aliás, era sempre a mesma, parecia mais irremediável do que nunca, chegando a um ponto em que absolutamente não se sabia mais qual dos dois antagonistas era o homem piedoso e qual o livre-pensador. Naphta proibia a Settembrini, em termos severos, qualificar-se de “individualista”, já que negava a oposição entre Deus e a natureza, estabelecia como o problema do homem, como seu conflito interior, unicamente a contenda entre os interesses individuais e coletivos, e portanto se aferrava a uma ética burguesa, ligada à vida considerada finalidade em si: aferrava-se a uma ética desprovida de heroísmo, que visava o útil e via a lei moral

nos objetivos do Estado; ele Naphta, por sua vez, sabia muito bem que o problema interno do homem tinha a sua raiz no antagonismo entre o real e o transcendental; por isso representava o verdadeiro individualismo, o individualismo místico, e era em realidade o campeão da liberdade e do “sujeito”. Mas, se era assim, pensou Hans Castorp, que seria feito então das questões “anonimato e coletividade”, para salientar, a título de exemplo, *uma* das incoerências? Que acontecera com aquelas opiniões precisas que Naphta exteriorizara durante o colóquio com o padre Unterpertinger, quanto à “catolicidade” do filósofo do Estado, Hegel, quanto ao laço íntimo que ligava os conceitos “político” e “católico”, e quanto à categoria do que fosse objetivo, formada por ambos em conjunto? A estadística e a educação, não foram elas que sempre formaram o campo particular das atividades da ordem de Naphta? E que educação! Por certo, o sr. Settembrini era um pedagogo diligente, zeloso até às raias do importuno e do maçante; mas, quanto à objetividade ascética, desprezadora do eu, seus princípios não ousam competir nem de longe com os de Naphta. Mando absoluto! Disciplina de ferro! Coação! Obediência! O terror! Podia até ser que tudo isso tivesse seu aspecto honroso, mas não dedicava grande consideração à dignidade crítica do indivíduo. Tratava-se da regulamentação dos exercícios, pia e austera até a morte, à maneira do prussiano Frederico e do espanhol Loyola; de modo que ao final restava uma única pergunta: como é que Naphta chegara a essa necessidade incondicional e sanguínea, já que confessadamente não acreditava em conhecimento puro e em ciência sem pressupostos, já que não acreditava na verdade, em suma, naquela verdade objetiva, científica, cuja busca representava para Lodovico Settembrini a lei suprema de toda a moralidade humana? Nesse ponto, a piedade e a austeridade estavam ao lado do sr. Settembrini; pois o procedimento de Naphta parecia lasso e licencioso, ele subordinava a verdade ao homem e

declarava que verdade era aquilo que mais convinha a este. Essa maneira de fazer a verdade depender dos interesses do homem não beirava ao modo de viver burguês e à mentalidade utilitarista dos filisteus? Nisso não se manifestava uma objetividade de ferro, propriamente, e havia nessas ideias, isso sim, muito mais liberdade e individualismo do que Leo Naphta estaria disposto a admitir — posto que elas fossem "política", de modo semelhante ao que preconizava certa máxima do sr. Settembrini sobre a liberdade: a liberdade seria a lei do amor à humanidade. Era evidente que isso significava vincular a liberdade, assim como Naphta também vinculava a verdade: ao ser humano, em um caso e noutro. Tais inculações eram mais piedosas que livres, era óbvio, e aí se estava diante de mais uma dessas diferenças que ameaçavam apagar-se no curso das definições. Ah, esse sr. Settembrini! Não era à toa que fosse um literato, sendo neto de um político e filho de um humanista. Magnânimo, preocupava-se com a crítica e a beleza da emancipação, e cantarolando dirigia-se às mocinhas que encontrava na rua; enquanto isso, o pequeno e penetrante Naphta achava-se coibido por votos severos. E, não obstante, este era quase um devasso, tamanha a sua liberdade de pensamento, e aquele, um puritano, sob certos aspectos. O sr. Settembrini temia o "espírito absoluto" e queria a todo transe identificar o espírito com o progresso democrático; enojava-o a libertinagem religiosa do militar Naphta, que misturava Deus e o diabo, a santidade e a malvadez, o gênio e a doença, sem conhecer espécie alguma de valoração, julgamento racional nem vontade. Quem era livre, afinal de contas, e quem era piedoso? Em que consiste a verdadeira posição, o genuíno estado do homem? No declínio em meio à coletividade que tudo traga e nivela, de um modo tão libertino quanto ascético, ou no "indivíduo crítico", em cujo interior se debatem a estroinice e a austeridade virtuosa do burguês? Ah, os princípios e aspectos se debatiam o tempo todo, contradições íntimas

era o que não faltava, e extremamente difícil para a responsabilidade de um paisano era não somente chegar a uma decisão entre tamanhas divergências, mas também manter os elementos da discussão separados de forma clara e pura, já que era grande a tentação de simplesmente atirar-se de cabeça ao "universo moralmente desordenado", de que falara Naphta. Uma encruzilhada e emaranhamento completos, a grande confusão, e Hans Castorp acreditava perceber que os adversários se teriam mostrado menos encarniçados se durante sua querela essa confusão não lhes houvesse pesado sobre a alma.

Tinham subido juntos até o "Berghof"; a seguir, os três que lá moravam haviam acompanhado os externos de volta, até defronte de sua casinha, e ali permaneceram ainda muito tempo de pé sobre a neve, enquanto Naphta e Settembrini se digladiavam — pedagogicamente, como Hans Castorp bem sabia, e no intuito de influenciar a formação da juventude ávida de luz. Para o sr. Ferge, todos esses assuntos eram por demais elevados, como repetidas vezes deu a entender, e Wehsal demonstrou pouco interesse, desde que haviam deixado de falar de flagelações e torturas. Hans Castorp, com a cabeça baixa, sulcava a neve com a ponta da bengala e refletia sobre a grande confusão.

Finalmente separaram-se. Era impossível conservarem-se eternamente de pé, e o colóquio não tinha limites. Os três pensionistas do Berghof tomaram novamente o rumo do seu domicílio, e os dois pedagogos rivais tiveram de entrar juntos na sua casinha, um para alcançar sua cela forrada de sedas, e o outro para subir a seu cubículo de humanista, com a papeleira e a garrafa d'água. Hans Castorp, porém, encaminhou-se ao seu compartimento na sacada, com os ouvidos cheios do tumulto e do estrépito das armas dos dois exércitos que, sob as *dos banderas*, avançando de Jerusalém e da Babilônia, se entrechocaram no alvoroço de uma batalha confusa.

Cinco vezes por dia manifestava-se em torno das sete mesas o descontentamento unânime com o tempo que o inverno ia oferecendo este ano. Julgavam que ele não se desempenhava senão insuficientemente dos deveres de um inverno alpino, que estava longe de proporcionar os recursos meteorológicos aos quais a região devia a sua fama, na medida garantida pelo prospecto, e na intensidade a que os veteranos estavam acostumados e que os novatos haviam imaginado encontrar. Registrava-se um grave déficit de sol, de radiação solar, esse importante fator do tratamento, e sem cujo concurso a cura tardaria a chegar, sem dúvida alguma... E pensasse o que pensasse o sr. Settembrini quanto à sinceridade com que os hóspedes da montanha se empenhavam em recuperar a saúde e em regressar da “pátria” à planície: eles em todo caso reclamavam seus direitos, reivindicavam o que se lhes devia pelo seu bom dinheiro ou por aquele com que seus pais ou seus maridos pagavam a sua estada, e não cessavam de resmungar em suas conversas à mesa, no elevador e no vestíbulo. Também a direção geral demonstrou estar plenamente inteirada da sua obrigação de remediar a falta e de indenizar os pensionistas. Foi adquirido um novo aparelho de “sol artificial”, porque os dois que o sanatório já possuía não bastavam para corresponder às necessidades dos pensionistas desejosos de bronzear a pele pelos raios ultravioleta, o que favorecia muito as garotas e as mulheres moças e dava ao mundo masculino, apesar da sua vida horizontal, a aparência de magníficos desportistas e conquistadores. E essa aparência trazia frutos reais: as mulheres, embora estivessem perfeitamente a par da origem técnica e cosmética dessa virilidade, eram bastante tolas ou matreiras, bastante ávidas de miragens sensuais, para deixar-se embriagar pela ilusão e para entregar-se à maneira

feminina.

— Meu Deus! — disse a sra. Schönfeld, uma enferma ruiva de olhos avermelhados, procedente de Berlim, quando certa noite encontrou no vestíbulo um cavalheiro de pernas compridas e peito encovado, que no seu cartão de visitas se apresentava como “Aviateur diplômé et Enseigne de la Marine allemande”,[15] já submetido ao pneumotórax e que, a propósito, vestia o smoking para o almoço e tirava-o para o jantar, afirmando que o regulamento da Marinha o prescrevia assim. — Meu Deus! — ela repetiu, enquanto contemplava o enseigne com os olhos cúpidos. — Como ele está bronzeado pelas lâmpadas ultravioleta! Que maravilha! Parece um caçador de águias, esse diabo!

— Cuidado, sereia! — murmurou ele ao seu ouvido, no elevador, e ela arrepiou-se toda. — Você me pagará seus olhares sedutores! — E pelas sacadas, contornando as divisórias de vidro, o diabo e caçador de águias foi unir-se à sereia...

Contudo, faltava muito para que o sol artificial fosse considerado uma compensação satisfatória do saldo devedor de genuína luz solar que exibia o balanço desse ano. Dois ou três dias de sol puro por mês — dias que brilhavam esplêndidos, com um azul de veludo profundíssimo atrás dos cumes alvos, com uma cintilação de diamantes, e uma deliciosa ardência na nuca e na face dos homens, dias livres do confuso cinzento das brumas e dos véus espessos —, dois ou três dias assim, no curso de semanas inteiras, eram muito pouco para a alma de pessoas cujo destino justificava exigências excepcionais em matéria de consolo, e que intimamente insistiam no cumprimento de um pacto que lhes assegurava, em troca da renúncia aos prazeres e às atribuições da humanidade dos países planos, uma existência inerte, sem dúvida, mas sumamente fácil e divertida, despreocupada até a abolição do tempo e favorecida sob todos os aspectos. Pouco adiantava que o conselheiro lhes chamasse à memória que, mesmo sob essas

circunstâncias, a existência no Berghof estava longe de se parecer com um calabouço ou uma mina siberiana, e que elogiasse o ar da região, tão leve e tão fino, semelhante ao éter vazio do universo, pobre em acréscimos terrestres, em elementos bons ou maus, esse ar que até na ausência do sol levava enormes vantagens sobre a fumaceira e as emanações da planície. Apesar disso, generalizavam-se o mau humor e os protestos. Ameaças de partidas "em falso" tornavam-se comuns, e acontecia mesmo que se realizassem, apesar de haver exemplos como o bem recente da melancólica volta da sra. Salomon, cujo caso a princípio não fora grave, embora demorado, mas em consequência da estada não autorizada na úmida e ventosa Amsterdam transformara-se em incurável…

Em lugar do sol, porém, veio a neve, enormes quantidades de neve, uma abundância tamanha como Hans Castorp nunca vira em toda a sua vida. O inverno anterior não deixara realmente nada a desejar a esse respeito; mas a sua produção fora exígua em comparação com a do ano em curso. O que este oferecia era monstruoso, desmesurado, e fazia a alma consciente da natureza excêntrica e aventureira dessa região. Nevava dia por dia e noite por noite, ora neve fininha, ora torvelinhos densos; caía neve sem cessar. Os poucos caminhos que estavam sendo mantidos em estado praticável pareciam desfiladeiros, com muralhas de neve mais altas do que um homem a ambos os lados. Exibiam superfícies lisas de alabastro, agradáveis à vista no seu esplendor granuloso e cristalino, e que serviam aos hóspedes da montanha para rabiscos, desenhos, e para transmissão de toda espécie de recados, brincadeiras e motejos. No entanto, mesmo entre essas muralhas caminhava-se sobre uma camada de neve bastante elevada, por profundas que fossem as escavações. Isso se notava nas partes fofas do solo e nos buracos em que o pé subitamente afundava, às vezes até o joelho. Era preciso andar com muito cuidado, para não quebrar, de repente, uma perna. Os

bancos haviam desaparecido, submersos. Algum pedaço do espaldar emergia aqui ou ali da sepultura branca. Lá embaixo, na aldeia, o nível das ruas modificara-se tão estranhamente que as lojas tinham baixado do rés do chão ao subsolo, que se alcançava descendo da calçada, por degraus talhados na neve.

E continuava nevando sobre as massas já amontoadas, todos os dias, com a neve caindo mansinha e com um frio moderado de dez a quinze graus abaixo de zero, que não chegava a congelar a medula da gente. Sentia-se pouco esse frio. Era como se não se registrassem mais dois ou cinco graus, uma vez que a calmaria e a secura do ar não permitiam que o frio cortasse. Pela manhã reinava muita obscuridade. Tomava-se o café sob o luar artificial dos lustres que pendiam do teto da sala com os arcos alegremente coloridos das abóbadas. Lá fora estendia-se o vácuo sombrio. O mundo estava embrulhado num algodão alvacento, que se comprimia de encontro às vidraças, e totalmente oculto pela neve e pela cerração. Sumira-se a cordilheira. O máximo que se divisava, de tempo em tempo, eram algumas das coníferas mais próximas; erguiam-se carregadas de neve e rapidamente se perdiam na bruma. De vez em quando um abeto, agitando-se, desembaraçava-se do excesso de carga e despejava uma poeira branca no ambiente gris. Pelas dez horas, o sol surgia por cima da montanha, qual uma fumarada vagamente luzente; era como se tencionasse dar uma vida débil e fantasmagórica, um tênue reflexo de realidade, à paisagem anulada e irreconhecível. Mas tudo permanecia diluído numa espectral delicadeza e palidez, sem contornos que os olhos pudessem traçar com segurança. As linhas dos picos confundiam-se, dissolviam-se na névoa, sumiam-se no fumo. Os lençóis de neve, iluminados por uma luz lívida, estendendo-se uns ao lado e acima dos outros, guiavam o olhar ao nada. Às vezes, uma nuvem irradiada, fumacenta, pairava por muito tempo diante de um paredão rochoso, sem modificar a sua forma.

Por volta do meio-dia, o sol, penetrando parcialmente a neblina, costumava fazer um esforço de converter a bruma em azul. A tentativa, entretanto, ficava longe de se transformar em realidade. Mas havia momentos em que se vislumbravam traços do azul celeste, e a luz escassa bastava para fazer cintilar ao longe com reflexos diamantinos a paisagem estranhamente desfigurada pela aventura da neve. A essa hora, geralmente, cessava a nevada, como para permitir uma visão de conjunto dos resultados obtidos. Os raros e esparsos dias de sol pareciam servir à mesma finalidade. Descansavam então os torvelinhos, e o repentino calor celestial procurava derreter a superfície deliciosamente pura das massas de neve recém-caída. O aspecto do mundo era feérico, infantil e burlesco. Os espessos e macios almofadões que jaziam, como que afofados, sobre os galhos das árvores, as corcovas do solo, sob as quais se escondiam arbustos rasteiros ou rochas salientes; a aparência agachada, submersa, grotescamente mascarada, da paisagem — tudo isso originava um mundo de gnomos, aparentemente ridículo, que parecia ter saído de um livro de contos de fadas. Mas, ao passo que o cenário imediato, através do qual as pessoas se movimentavam laboriosamente, despertava ideias fantásticas e picarescas, eram de magnificência e de santidade as sensações que inspirava o fundo longínquo, com a alterosa estatuária dos Alpes envoltos em neve.

De tarde, das duas às quatro, Hans Castorp estava estendido em seu compartimento de sacada, e muito bem agasalhado, com a cabeça apoiada no espaldar nem baixo demais nem excessivamente alto da excelente espreguiçadeira, deixava os olhos vagar, por sobre o parapeito almofadado, em direção aos bosques e às montanhas. A plantação de pinheiros, verde-negra e carregada de neve, escalava as encostas, e entre as árvores o solo estava em toda parte coberto de neve, que se apresentava fofa como um coxim. Mais para cima levantava-

se a serra rochosa, de um cinza esbranquiçado, com imensas áreas de neve, interrompidas aqui e ali por proeminentes penedos de cor mais escura, e com as cristas delicadamente veladas. Nevava silenciosamente. O quadro ia se tornando mais e mais borrado. O olhar, perdendo-se num vazio suave, passava facilmente para o cochilo. Um estremecimento acompanhava o instante da transição, mas depois não podia haver sono mais puro do que esse em meio ao frio glacial, sono sem sonhos, não afetado por reminiscência alguma do peso da vida orgânica, uma vez que a respiração do ar rarefeito, inconsistente e inodoro, não era mais difícil para o corpo vivo do que a não respiração para o morto. Na hora do despertar, a cordilheira sumira-se por completo atrás da bruma nevosa, e só por alguns momentos apontavam certos fragmentos dela, um pico aqui, uma rocha saliente ali, que logo tornavam a ocultar-se. Esse jogo silencioso de espectros era sumamente divertido. Precisava-se de muita atenção para espiar todas as fases dessa fantasmagoria de véus. Bravio e grandioso, desprendendo-se da cerração, exibia-se um grupo de penhascos, cujos cumes e bases permaneciam invisíveis; mas o olhar que os abandonasse, por um minuto apenas, já não os tornaria a encontrar.

De quando em quando desencadeavam-se tempestades de neve que impossibilitavam por completo a permanência na sacada, porque o torvelinho branco, invadindo o compartimento em grandes quantidades, cobria tudo com uma camada espessa, tanto o chão como os móveis. Sim, podiam ocorrer tempestades nesse vale alto, cercado de montanhas. A atmosfera rarefeita tumultuava, e os flocos pululavam nela com tamanha abundância que nada se enxergava a um passo de distância. Rajadas de um vigor sufocante imprimiam à neve um movimento selvagem, flutuante, oblíquo, arrastando-a de baixo para cima e fazendo-a remoinhar numa dança louca. Isso já não era nevada, era um caos de trevas alvas, uma monstruosidade, a extravagância fenomenal de uma região distante da zona

temperada, onde somente os tentilhões brancos que de repente apareciam em enormes bandos eram capazes de sentir-se em casa e orientar-se.

Não obstante, Hans Castorp amava aquela vida na neve. Achava-a, sob diversos aspectos, muito parecida com a das praias do mar. A monotonia primitiva da natureza era comum aos dois ambientes. A neve, aquele pó de neve, profundo, fofo, imaculado, desempenhava ali o mesmo papel que lá embaixo cabia à areia de brancura amarelada. O contato com uma e outra era igualmente limpo. O pó seco e frio era sacudido dos sapatos e das roupas, como na planície os pulverizados detritos de conchas e pedras, oriundos do fundo do mar, sem que ficasse vestígio algum. Caminhar pela neve era laborioso, tal e qual um passeio pelas dunas, a não ser que as superfícies derretidas de dia pelo ardor do sol tivessem endurecido em virtude do frio da noite. Então se andava ali mais ligeiro e mais agradavelmente do que sobre um soalho de parquete, com a mesma facilidade e o mesmo prazer que sente quem passeia sobre a areia lisa, firme, úmida e elástica à beira do mar.

Esse ano, porém, trouxera consigo nevadas e quantidades de neve depositada que restringiam fortemente as possibilidades de exercícios ao ar livre, para todos, exceção feita dos esquiadores. Os arados limpa-neves permaneciam em funcionamento, mas só a muito custo conseguiam manter as veredas mais frequentadas e a rua principal de Davos num estado de precária praticabilidade. Os poucos caminhos que continuavam abertos e rapidamente acabavam em zonas intransitáveis estavam abarrotados de pessoas sadias ou enfermas, nativas ou pertencentes à sociedade internacional dos hotéis. As pernas dos pedestres eram atropeladas pelos trenós, que, gingando e jogando, se precipitavam encosta abaixo, guiados por homens e mulheres que lançavam gritos de advertência, cujo tom patenteava o quanto essa gente, no seu veículo infantil, estava compenetrada da importância de suas atividades.

Pois ao chegarem embaixo, logo tratavam de arrastar com a corda, montanha acima, seu brinquedo da moda.

Hans Castorp estava mais que farto desse tipo de passeios. Tinha dois desejos, dentre os quais o mais forte era ficar a sós com seus pensamentos e seus negócios de quem "reinava". Para esse fim, seu compartimento de sacada poderia bastar-lhe, embora de um modo superficial. O outro desejo, porém, que acompanhava o primeiro, fazia-o anelar vivamente um contato mais íntimo e mais livre com as montanhas assoladas pela neve, às quais o jovem começara a querer bem. Mas esse desejo era irrealizável, enquanto o peito que o abrigava pertencesse a um pedestre desprovido de asas e de instrumentos. Pois imediatamente mergulharia até o pescoço no elemento branco, se tentasse avançar além dos caminhos habituais, abertos com a pá, e cujo fim se alcançava depressa em toda parte.

Assim aconteceu, um belo dia desse segundo inverno que Hans Castorp passava ali em cima, que o jovem decidiu comprar um par de esquis e aprender a servir-se deles, na medida que exigiam as suas necessidades. Não era desportista; nunca o fora, por falta de uma mentalidade preocupada com a educação física, e tampouco fingia sê-lo, à maneira de certos pensionistas do Berghof que, para corresponder à moda e ao espírito do lugar, se fantasiavam excentricamente. Sobretudo as mulheres faziam isso; Hermine Kleefeld, por exemplo, que, embora a respiração insuficiente lhe tingisse de um constante azul a ponta do nariz e os lábios, gostava de aparecer, à hora do lanche, trajando calças de lã, e depois da refeição costumava refestelar-se assim, numa das poltronas de vime do vestíbulo, abrindo as pernas de modo bastante inconveniente. Se Hans Castorp tivesse solicitado autorização do conselheiro para o seu extravagante intento, decerto teria recebido resposta negativa. Atividades desportivas estavam rigorosamente proibidas à comunidade de enfermos, tanto no Berghof como em outros lugares, nos

estabelecimentos do mesmo gênero. Pois aquela mesma atmosfera que aparentemente era aspirada com muita facilidade exigia dos músculos cardíacos esforços violentos, e, no que dizia respeito à pessoa de Hans Castorp, continuava em pleno vigor a sua atilada frase sobre “o hábito de não se habituar”. A tendência febril, que Radamanto atribuía a uma mancha úmida, persistia obstinadamente. Não fosse ela, que é que Hans Castorp ia fazer ali em cima? Seu desejo e seu projeto eram, portanto, incoerentes e ilícitos. Mas convém procurar compreendê-lo. Hans Castorp não estava aguilhoado pela ambição de igualar-se aos almofadinhas do ar livre e aos pseudodesportistas que, se a moda o mandasse assim, dedicariam o mesmo zelo ardoroso a jogar cartas numa sala abafada. Sentia-se estreitamente ligado a uma outra comunidade menos livre do que o povinho dos turistas. Sob um ponto de vista mais amplo e mais novo, devido a certo senso de dignidade, que o distanciava dos demais, e à consciência das suas obrigações, que lhe restringia os planos, tinha a impressão de que não lhe cabia brincar nas alturas como aquela gente e rolar pela neve feito um louco. Não tencionava realizar escapadas; propunha-se proceder com moderação, e Radamanto bem poderia permitir-lhe o que desejava fazer. Mas Hans Castorp previa que o médico, em nome do regulamento do sanatório, não deixaria de vedar a realização do intento, e por isso decidiu agir à revelia dele.

Numa oportunidade, comunicou o seu projeto ao sr. Settembrini. Este quase o abraçou de tanta alegria.

— Sim senhor! Claro! Faça isso, Engenheiro, pelo amor de Deus! Não consulte ninguém e faça-o. Foi seu anjo da guarda quem lhe deu essa ideia. Faça-o imediatamente, antes de perder a vontade saudável! Irei com o senhor, vou acompanhá-lo até a loja, e juntos adquiriremos sem demora esses abençoados utensílios! Gostaria até de acompanhá-lo através das montanhas, de correr a seu lado, com os esquis

alados nos pés, como Mercúrio, mas não me é permitido… Ora, permitido! Se apenas se tratasse da “permissão”, pouco me importaria, mas não posso, porque sou um homem perdido. Mas o senhor… Isso não lhe fará mal nenhum, absolutamente, desde que se mostre prudente e não abuse. Tolice, mesmo que lhe fizesse um pouquinho de mal, seria ainda o seu anjo da guarda quem… Não quero dizer mais nada. Que plano excelente! Encontra-se aqui faz dois anos e ainda é capaz de ter ideias assim! Não senhor, seu fundo é bom. Não temos motivos para desespero. Bravos, bravos! O senhor pregará uma peça ao príncipe das trevas. Compre os esquis e mande-os para minha casa, ou para Lukacˇek, ou para o merceeiro que mora embaixo. Ali pode buscá-los, quando quiser exercitar-se e deslizar sobre a neve…

E assim foi feito. Sob os olhos do sr. Settembrini, que se fingia de crítico perito, embora nada entendesse de esportes, Hans Castorp adquiriu, numa loja especializada da rua principal, um par de bonitos esquis, de boa madeira de freixo, lustrados com verniz castanho-claro e providos de magníficas correias e pontas levantadas. Também comprou os necessários bastões ferrados e munidos de rodelas, e fez questão de levar tudo isso nos próprios ombros até o domicílio de Settembrini, onde não teve dificuldade em combinar com o merceeiro as condições do depósito dos utensílios. Pela observação frequente de outros esquiadores, inteirara-se do modo de usar os esquis, o bastante para que, longe das multidões reunidas nos campos de exercício, começasse sozinho a dar os primeiros e malsucedidos passos numa encosta quase despida de árvores e situada nas proximidades do Sanatório Berghof. De vez em quando, o sr. Settembrini ia assistir às suas tentativas, de alguma distância, apoiando-se na bengala, com as pernas graciosamente cruzadas, e premiando com brados de elogio a progressiva habilidade do jovem. Tudo se passou sem incidentes, mesmo o momento em que Hans Castorp, ao descer pela curva da estrada aberta a pá, na intenção de

encaminhar-se ao “vilarejo” e de deixar os esquis na casa do merceeiro, deparou com o conselheiro. Behrens não o reconheceu, embora isso se desse em pleno meio-dia e o principiante quase se chocasse com ele; passou pelo jovem, envolvendo-se numa nuvem de fumaça de charuto.

Hans Castorp verificou que depressa adquire uma técnica quem dela necessita em seu íntimo. Não tinha pretensões de perícia. O que precisava, podia aprendê-lo em poucos dias, sem se esfalfar nem perder o fôlego. Tratava de manter os pés juntos e de traçar sulcos paralelos; experimentava dirigir-se por meio dos bastões durante as descidas; aprendia a franquear obstáculos e pequenos acidentes do terreno, num só arranco, com os braços abertos, elevando-se e mergulhando como um navio no mar agitado. Após a vigésima tentativa já não caía, quando, em plena corrida, refreava-se em telemark, avançando uma das pernas e curvando o joelho da outra. Aos poucos foi ampliando seus exercícios. Um belo dia, o sr. Settembrini viu-o desaparecer nas brumas alvacentas. Com as mãos em concha à guisa de porta-voz, enviou-lhe algumas palavras de advertência, depois do que se foi para casa, pedagogicamente satisfeito.

Era linda a paisagem da montanha hibernal — linda não de um modo suave e agradável, senão assim como o ermo do mar do Norte nos dias de um forte vento oeste —, e, embora não houvesse estrondo de trovões, reinava um silêncio de morte, que no entanto despertava sentimentos de reverência semelhantes. As solas compridas, elásticas, de Hans Castorp levavam-no em muitas direções, ao longo da encosta esquerda, rumo a Clavadel, ou à direita, passando por Frauenkirch e Glaris, de trás das quais os sombrios contornos do maciço de Amselfluh surgiam nas brumas, qual um fantasma; e também ao vale de Dischma ou, pelos fundos do Berghof, montanha acima, em direção ao arborizado monte Seehorn, do qual apenas o cume envolto em neve ultrapassava o limite da vegetação; e à floresta de Drusatscha, atrás da qual se enxergava a pálida silhueta da

cordilheira Rética, revestida de espessa camada de neve. Por meio do funicular ele se transportou, com seus esquis, até Schatzalp, onde, levado a dois mil metros de altura, pôs-se a vaguear calmamente através da neve poeirenta, por sobre faiscantes planos inclinados, que em dias claros ofereciam uma vista grandiosa do campo das suas aventuras.

Regozijava-se com sua nova aquisição, que lhe abria zonas antes inviáveis e aniquilava quase todos os obstáculos. Ela lhe proporcionava o manto da desejada solidão, a mais profunda imaginável, solidão que inspirava à alma a sensação do desconhecido e do perigoso dessas paragens. Havia ali, por exemplo, um precipício coberto de pinheiros, que se perdia na cerração da neve, e do outro lado subia uma vertente rochosa com enormes massas de neve, ciclópicas, gibosas e arqueadas, que formavam cavernas e cúpulas. Quando Hans Castorp parava, a fim de não ouvir a si próprio, o silêncio era absoluto e perfeito, com o menor traço de som como que abafado por meio de algodão, um silêncio ignoto, jamais sentido, que não existia em nenhum outro lugar. Nenhuma brisa, por mais leve que fosse, roçava as copas das árvores; não se ouvia nenhum sussurro, nenhum pio de pássaro. Era o silêncio primevo, aquele que Hans Castorp espiava ao deter-se assim, apoiado no bastão, com a cabeça inclinada para um dos ombros e com a boca entreaberta. E suave, incessantemente, a neve continuava caindo, numa queda calma, sem ruído algum.

Não, esse mundo, no seu silêncio insondável, não tinha nada de hospitaleiro. Admitia o visitante por sua própria conta e risco. Em realidade não o recebia nem acolhia, mas apenas lhe tolerava a intrusão e a presença, sem se responsabilizar por nada. A impressão que despertava era a de uma ameaça muda e elementar, baseada não em hostilidade, senão antes numa indiferença mortal. O rebento da civilização, que pela sua origem fica alheio e distante da natureza selvagem, é muito mais acessível à sua grandiosidade do que o seu filho rude, que depende dela

desde a infância e mantém com ela relações de prosaica familiaridade. Este mal conhece o temor religioso com que aquele, arregalando os olhos, a enfrenta. Esse temor forma o âmago de toda a relação sentimental entre os filhos da civilização e a natureza, e faz vibrar na sua alma, constantemente, uma espécie de emoção piedosa e de desassossego tímido. Hans Castorp, com sua blusa de lã de camelo, de mangas compridas, com suas grevas e seus esquis de luxo, no fundo sentia-se audacioso ao contemplar a paz primeva, o ermo hibernal, com aquela funesta ausência de sons; e a sensação de alívio que se apresentava quando, no caminho de volta, apontavam nas brumas as primeiras habitações humanas, tornava-o consciente do seu estado anterior e instruía-o sobre o terror secreto e sagrado que, durante horas, dominara o seu coração. Na ilha de Sylt, de calças brancas, seguro, elegante e reverente, detivera-se à beira da formidável rebentação como diante de uma jaula de leões, atrás de cujas grades as feras mostram a bocarra aberta com as terríveis presas. A seguir banhara-se, enquanto um guarda salva-vidas advertia, por meio de um toque de corneta, aqueles que temerariamente procuravam franquear a primeira onda, a fim de se aproximar da ressaca que se revolvia em sua direção, e o último golpe daquela catarata lhes atingia a nuca, como uma patada. De lá, o jovem conhecia a entusiástica felicidade que propiciam os ligeiros contatos amorosos com as potências cujo abraço pleno seria fatal. Mas o que nunca chegara a conhecer era a veleidade de levar esse inebriante contato com a natureza mortífera ao ponto em que estivesse iminente o abraço pleno, e a fascinação de penetrar — débil criatura que era, apesar das armas e do equipamento sofrível que lhe fornecera a civilização — dentro do monstruoso mistério, ou, ao menos, evitar a fuga até o momento em que a aventura beirasse o perigo e seus limites se tornassem independentes da vontade humana, o momento em que já não se tratasse de espumas lançadas à praia e de leves pancadas com a

pata, mas sim do vagalhão, da fauce do mar.

Numa palavra: aqui em cima Hans Castorp tinha coragem — caso se entenda por coragem ante os elementos não a objetividade obtusa na relação com eles, mas o abandono consciente e o triunfo sobre o medo da morte, obtido por meio da simpatia. — Simpatia? — Com efeito, Hans Castorp simpatizava com os elementos, no íntimo do seu frágil peito civilizado; e havia certa ligação entre essa simpatia e o novo sentimento de dignidade que o invadira ante a visão daquela turba a brincar com seus trenós, e que lhe apresentara como desejável e conveniente uma solidão mais profunda e mais grandiosa, menos provida de um conforto de hotel, e portanto distinta daquela que lhe conferia seu compartimento na sacada. Fora dali que ele contemplara as cristas envoltas em brumas e a dança da nevada, envergonhando-se, no fundo da sua alma, de ser mero espectador por cima do parapeito de sua comodidade. Era por isso, e não por um capricho desportivo, tampouco devido a um prazer inato com práticas do corpo, que aprendera a usar os esquis. Se não se sentia seguro nessas alturas, com a grandiosidade e o silêncio mortal da neve que caía — e de fato, esse filho da civilização estava longe de tal estado de sossego —, era também inegável que seu espírito e sua alma, desde muito, iam saboreando alimentos pouco seguros. Um colóquio com Naphta e Settembrini não era precisamente o que existia de mais seguro; também ele levava a regiões ínvias e altamente perigosas. E se cabia dizer que Hans Castorp simpatizava com o vasto ermo hibernal é porque este, apesar do terror piedoso que lhe inspirava, afigurava-se-lhe como arena própria para as contendas que travavam os seus pensamentos complexos, e como lugar adequado para quem, sem bem saber por quê, via-se incumbido de reinar e ocupar-se de negócios relativos à situação e ao Estado do *Homo Dei.*

Aqui não havia ninguém cujo toque de corneta avisasse o incauto do perigo iminente, a não ser que o sr. Settembrini

fosse esse homem, com as mãos em concha, bradando advertências a Hans Castorp, que se sumia na cerração. Mas este, cheio de coragem e de simpatia, não prestara à advertência maior atenção do que dedicara àquela outra que ressoara atrás dele na noite de Carnaval, enquanto avançava em determinada direção:

— Eh, Ingegnere, un po’ di ragione, sa![16]

“Ai de você, Satana pedagógico, com sua ragione e sua rebellione”, foi o que pensou. “Aliás, gosto de você. Embora você seja um doidivanas e um tocador de realejo, são boas suas intenções, melhores e mais simpáticas, para mim, que as do jesuíta e terrorista pequeno e penetrante, esse algoz e flagelador espanhol com seus óculos relampejantes, se bem que quase sempre ele tenha razão, quando vocês estão discutindo… quando brigam pedagogicamente pela minha pobre alma, como Deus e o diabo, pelo homem na Idade Média…”

Com as pernas salpicadas de neve, apoiando-se nos bastões, ia escalando vertentes descoradas, cujos lanços se elevavam cada vez mais alto, em forma de terraços, e não se sabia aonde; parecia que não levavam a parte alguma; sua região superior confundia-se com o céu, o qual mostrava o mesmo branco nevoento que eles, de modo que era impossível dizer onde ele começava; não se distinguia cume nem crista alguma, era o nada brumoso em cuja direção Hans Castorp avançava penosamente, e como atrás dele também o mundo, aquele vale habitado por criaturas humanas, não tardasse a fechar-se e subtrair-se à vista, e como som algum chegasse dali até ele, antes mesmo que ele percebesse sua solidão, sim, sua desorientação, tornou-se tão profunda como ele desejara, profunda a ponto de ocasionar-lhe aquele susto que é condição prévia da coragem.

— *Praeterit figura hujus mundi*[17] — disse de si para si, em um latim de espírito nada humanístico. Aprendera essa locução de Naphta. Estacou e olhou a seu redor. Não se via

nada em parte alguma, exceção feita de esparsos e minúsculos flocos de neve, que, vindos da brancura do céu, desciam até a brancura do solo. O silêncio em volta dele era impressionantemente vazio. Enquanto o seu olhar se refrangia no vácuo alvo que o deslumbrava, Hans Castorp sentiu como o seu coração, agitado pela subida, começava a latejar: esse órgão musculado, cuja forma animalesca e cujo mecanismo ele espreitara, talvez nefandamente, por entre os crepitantes relâmpagos do gabinete de radioscopia. E uma espécie de comoção apoderou-se dele, uma singela e devota simpatia por esse seu coração, o coração palpitante do ser humano, que pulsava aqui em cima no ermo glacial, tão sozinho com seus problemas e seus enigmas.

Prosseguiu em seu avanço vagaroso, sempre acima, rumo ao céu. Às vezes inseria na neve a extremidade superior do bastão de esqui e observava como do fundo do buraco vinha uma luz azul, que acompanhava a vara, quando ele a retirava. Isso divertia Hans Castorp, que se deixava ficar muito tempo parado a fim de reproduzir uma e outra vez o pequeno fenômeno óptico. Era uma luz singular e delicada, luz das montanhas e das profundidades, entre esverdeada e azul, clara como o gelo e entretanto sombria, uma luz que o atraía misteriosamente, recordando-lhe a luz e a cor de certos olhos oblíquos, prenhes de destino, que o sr. Settembrini, do ponto de vista humanístico, qualificara desdenhosamente de “fendas tártaras” e de “olhos de lobo de estepe”, olhos que Hans Castorp contemplara em tempos remotos e que fora inevitável reencontrar, os olhos de Hippe e de Clawdia Chauchat.

— Com prazer — ele disse a meia voz, no silêncio. — Mas cuidado para não quebrá-lo: Il est à visser, tu sais.[18]

E no seu íntimo ouviu atrás de si exortações eloquentes, no sentido de levá-lo à razão.

À sua direita, não muito distante, um bosque desenhou-se na bruma. Ele se voltou para lá, para ter em mira um objetivo terrestre, em vez da alvura transcendente, e logo

resvalou em brusca descida, sem que houvesse previsto, minimamente, uma depressão do solo. O deslumbramento impediu-o de reconhecer a formação do terreno. Nada se via, tudo se confundia diante dos olhos. Obstáculos completamente inesperados obrigaram-no a nova subida, antes que pudesse abandonar-se ao declive, e sem que seus olhos fossem capazes de distinguir o grau de inclinação.

O bosque que o atraíra estava situado além do barranco onde ele entrara sem querer. O fundo dessa garganta, coberto de neve fofa, pendia para o lado da montanha, como ele verificou após ter seguido alguns instantes naquela direção. O caminho descia, e as vertentes laterais tornavam-se cada vez mais altas; como um desfiladeiro, a dobra do terreno parecia conduzir ao seio da montanha. Depois, os esporões do seu veículo apontaram novamente para cima; o terreno se elevou, e logo já não havia parede lateral para escalar; a carreira de Hans Castorp, sem destino, voltou a dar-se sobre a encosta aberta da montanha, rumo ao céu.

A seu lado, atrás e abaixo de si, viu o bosque de coníferas. Tomando aquela direção, alcançou em rápida descida os pinheiros carregados de neve, que, dispostos em forma de cunha, representavam, nessa zona despida de vegetação, uma espécie de vanguarda da encosta arborizada, cujos contornos se perdiam nas brumas. Sob a ramagem, fumou um cigarro enquanto descansava; em sua alma persistiam sensações de angústia, tensão, ansiedade, todas decorrentes do silêncio profundíssimo, da solidão aventuresca; mas, ao mesmo tempo, sensações de orgulho, por haver conquistado tudo aquilo, e de plenitude, por usufruir do direito que sua dignidade lhe conferia sobre essa região.

Era por volta das três da tarde. Logo depois da refeição, ele se pusera a caminho, na intenção de gazear parte do repouso principal e a merenda e estar de volta antes de escurecer. Encheu-se de alegria ao pensar que ainda tinha algumas horas pela frente, em que poderia passar vagando

ao ar livre, em meio à natureza grandiosa. Na algibeira de seu calção de golfe levava um pedaço de chocolate, e no bolso da blusa, um pequeno frasco de vinho do Porto.

Mal se podia divisar a posição do sol, tão densa era a cerração que o escondia. Mais atrás, na outra extremidade do vale, onde a montanha formava um ângulo que não se via, as nuvens e as brumas iam escurecendo e davam a impressão de avançar. Era um sinal de neve, de mais neve, como se ainda houvesse falta dela. Parecia iminente uma nevada. E de fato: logo os pequenos flocos silenciosos passaram a cair copiosamente sobre a encosta.

Hans Castorp deu um passo à frente a fim de recolher alguns sobre a manga e examiná-los com os olhos peritos de um naturalista amador. Assemelhavam-se a farrapinhos informes, mas já tivera outros sob sua lente magnífica, e sabia muito bem de que joias minúsculas, esquisitas e precisas eles se compunham: alfaias, insígnias, broches de diamantes, como o mais hábil joalheiro não poderia fazer mais ricos e mais minuciosos. Aquele pó branco tão leve e tão fofo, cujas massas oprimiam o bosque e cobriam as áreas abertas, aquele pó sobre o qual seus esquis o carregavam, diferia muito da areia do seu país, na qual fazia pensar. Era coisa sabida que não constava de grãos de pedra, mas de miríades de partículas d’água, que, ao congelarem, se haviam associado como cristais numa harmoniosa multiplicidade; tratava-se de parcelas da mesma substância inorgânica que intumescia o plasma vital, o corpo das plantas e do homem. E entre as miríades de estrelinhas mágicas, no seu esplendor secreto, invisível, miúdo e não destinado aos olhos humanos, não havia dois que fossem iguais. Um infinito capricho de inventor empenhava-se na modificação e no mais refinado desenvolvimento de um mesmo esquema fundamental, que era o hexágono de lados e ângulos iguais. Mas cada qual desses artefatos frios, em si, mostrava a mais absoluta simetria e uma regularidade glacial, e justamente nisso estava o inquietante, o

antiorgânico, o hostil à vida; eles eram regulares em excesso, num grau jamais alcançado pela substância organizada para a vida. A esta repugnava uma precisão tão exata, que se lhe afigurava mortal, como o mistério da própria morte. Hans Castorp julgava compreender por que os construtores de templos da Antiguidade costumavam introduzir, de caso pensado, pequenas exceções clandestinas na disposição de suas colunas, ademais simétricas.

Pôs-se em movimento por meio dos bastões; resvalando sobre os esquis ao longo da beira do bosque, desceu cerração adentro, pela vertente oculta, por uma camada espessa de neve. Subindo ou deslizando, sem objetivo nem pressa, continuou a vagar através da região morta. Com suas extensões vazias e onduladas, vegetação árida de arbustos esparsos e definhados, que ressaltavam como manchas escuras, e o horizonte limitado por elevações suaves, o ambiente parecia-se estranhamente com uma paisagem de dunas. Hans Castorp sacudiu a cabeça em sinal de aprovação, enquanto se deteve para admirar essa semelhança; e mesmo o calor do rosto, o tremor dos membros, a mescla singular e perturbadora de excitação e fadiga que experimentava, suportou-os todos com simpatia, pois estava diante de coisas que lhe chamavam à memória impressões familiares, de efeitos parecidos, ocasionados pelo ar das praias marítimas, igualmente estimulante, e ao mesmo tempo saturado de substâncias soporíferas. Sentiu satisfação ao perceber sua independência alada, a liberdade de suas andanças. Não tinha à sua frente nenhum caminho que se visse obrigado a seguir; tampouco atrás dele havia um que o levasse ao ponto de partida. A princípio, encontrara sinais, paus cravados no solo, sinais da neve, mas de propósito libertara-se da sua influência, que lhe recordava o homem da corneta e que lhe parecia em desacordo com a relação íntima entre ele e o grande ermo hibernal.

Atrás de outeiros rochosos cobertos de neve, por entre os quais ele se infiltrou, indo ora à direita ora à esquerda, havia um plano inclinado, seguido de outro, horizontal, e em seguida surgiram vastos montes, cujos barrancos e desfiladeiros, estofados de almofadas macias, pareciam transitáveis e atraentes. Sim, a sedução das alturas e das distâncias, das solidões que se ofereciam sempre novas, exercia grande força sobre a disposição de Hans Castorp. Arriscando-se a voltar tarde, ele procurou penetrar mais a fundo o silêncio selvagem, a zona do perigo, a ameaça. Nem se preocupou com o fato de a tensão e a ansiedade reinantes no seu interior irem se transformando em autêntico temor ante a escuridão prematura e crescente do céu, que se abatia sobre a região qual um véu cinzento. Esse temor fê-lo notar que até agora se empenhara secretamente em perder o rumo e esquecer a direção onde se achavam situados o vale e o vilarejo, algo que, aliás, lograra realizar com pleno êxito. A propósito, sabia que se voltasse agora mesmo e prosseguisse montanha abaixo alcançaria o vale bem depressa, mesmo que em um ponto distante do "Berghof". Mas seria depressa demais, se fosse assim: pois nesse caso chegaria muito cedo e não aproveitaria todo o tempo de que dispunha. Se, porém, fosse surpreendido pela tempestade de neve, talvez não conseguisse encontrar o caminho de volta. Nem por isso resolveu-se a fugir antes da hora, por mais que o acossasse o temor, o temor sincero que lhe inspiravam os elementos. Isso não era proceder à maneira de um desportista; pois este não entraria em luta com os elementos, sem ter certeza de poder dominá-los; agiria com prudência e seria bastante sensato para ceder. Mas, só há uma palavra para designar o que se passava na alma de Hans Castorp: desafio. E por mais que a palavra encerre sentimentos censuráveis, mesmo que — ou sobretudo quando — a mentalidade petulante que lhe corresponde ande acompanhada de muito temor sincero, bastam apenas algumas reflexões humanas para

compreender vagamente que no âmago da alma de um jovem e de uma pessoa que durante anos viveu como esta aqui deposita-se ou, segundo diria o engenheiro Hans Castorp, "acumula-se" muita coisa que um belo dia deve explodir em forma de um elementar "Ora bolas!" ou de um "Custe o que custar!", cheio de impaciência exasperada. Numa palavra, achamo-nos à frente de um desafio, de uma atitude negativa oposta à prudência razoável. E foi assim que ele continuou avançando sobre suas pantufas compridas, deslizou por mais uma encosta e escalou outra vertente, onde, a alguma distância, se viu um chalezinho, um galpão ou a choupana de um pastor, talvez, com o teto carregado de pedras; tomou então a direção da montanha seguinte, com a encosta hirsuta de pinheiros, atrás dos quais picos altos assomavam como torres em meio à bruma. À sua frente, o paredão salpicado de raros grupos de árvores elevava-se muito íngreme; porém, era possível contorná-lo mais para a direita sobre um declive moderado, a meio, e passar para trás dele, a fim de ver o que viria depois, e assim Hans Castorp tomou a si essa tarefa de explorador, depois de haver descido, em frente à plataforma do chalé, por uma garganta bastante profunda que se inclinava da direita para a esquerda.

Mal retomara a subida quando o esperado se tornou realidade: a nevada e a ventania estalaram, chegou a tempestade de neve que por tanto tempo ameaçara, se é que se pode falar de "ameaça" com relação a elementos cegos e inscientes que não pretendem de modo algum aniquilar-nos, o que seria relativamente reconfortante, mas mostram, isso sim, a mais absoluta indiferença quanto a essa consequência eventual da sua ação. "Opa!", pensou Hans Castorp e estacou, quando a primeira rajada, revolvendo o denso torvelinho, lhe feriu o corpo. "Esse tipo de sopro vai até a medula." E de fato, o vento era de uma espécie bastante enjoada. O frio espantoso que reinava, uns vinte graus abaixo de zero, não se fazia sentir e parecia

moderado, desde que o ar desprovido de umidade se conservasse tão calmo e imóvel como de costume; mas, logo que se agitava sob o efeito do vento, cortava a carne como uma navalha, e quando isso acontecia com tamanha intensidade como agora — pois o primeiro pé de vento a varrer a região não passara de um precursor —, nem sete casacos de pele teriam bastado para resguardar os ossos do terror glacial da morte, e Hans Castorp não trajava sete casacos de pele, mas apenas uma blusa de lã, que em circunstâncias normais teria sido suficiente, e até mesmo incômoda sob o brilho do sol. A borrasca fustigava-o pelo lado e por parte das costas, de maneira que não era recomendável dar a volta e recebê-la em pleno rosto; como esse raciocínio se aliasse à sua teimosia e àquela atitude de “Ora bolas!” que ele adotara no seu íntimo, o audacioso jovem prosseguiu no seu avanço por entre os pinheiros isolados, na intenção de chegar ao outro lado da montanha que acabava de escalar.

Nisso, porém, não havia prazer algum, pois nada se enxergava além da dança dos flocos, que, aparentemente sem caírem, enchiam o espaço com sua abundância turbilhonante. As lufadas glaciais que os remexiam faziam arder as orelhas numa dor aguda, tolhiam os membros e entorpeciam os dedos, de modo que Hans Castorp já não sabia se ainda segurava o bastão recoberto de metal ou se não o tinha mais nas mãos. Detrás a neve lhe entrava no colarinho e, derretendo, descia pelas costas. Também se amontoava nas suas espáduas e lhe cobria o flanco direito. Parecia-lhe que ia transformar-se num homem de neve, com o bastão na mão enrijecida. E todos esses inconvenientes eram as consequências de uma situação relativamente favorável. Se ele desse meia-volta, a coisa pioraria, e não obstante convinha empreender sem demora aquela tarefa laboriosa que constituía o caminho de volta.

Parou; encolheu os ombros furiosamente e dirigiu os esquis para o lado oposto. O vento contrário logo lhe impediu a

respiração, de maneira que mais uma vez se submeteu à penosa manobra da meia-volta, a fim de retomar fôlego e enfrentar o inimigo impassível numa disposição melhor. Com a cabeça abaixada, respirando com economia e cautela, conseguiu pôr-se em movimento na direção desejada. Embora esperasse o pior, mostrou-se surpreendido pelas dificuldades da marcha, que tinham a sua origem antes de mais nada no deslumbramento e na falta de fôlego. A cada instante via-se obrigado a deter-se, em primeiro lugar para respirar ao abrigo da tempestade, e ainda porque, olhando para cima com a cabeça baixa, nada enxergava naquelas trevas brancas e devia andar com cautela, para evitar choques com árvores ou quedas causadas por obstáculos. Flocos em massa fustigavam-lhe o rosto e nele se derretiam, de modo que a pele gelava. Entravam-lhe na boca, onde se fundiam com sabor insípido e aquoso; voavam contra as pálpebras, que se cerravam convulsivamente; inundavam os olhos, estorvando a visão, que, por outro lado, teria sido inútil, uma vez que o campo visual estava velado por uma cortina espessa, e o sentido da vista achava-se obstruído pelo deslumbramento resultante de toda essa brancura. Quando ele fazia um esforço para ver, deparava com o nada, o remoinho branco do nada. E só de tempos em tempos assomavam sombras fantasmagóricas do mundo real: um arbusto definhado, um grupo de pinheiros, a pálida silhueta do galpão pelo qual passara pouco antes.

Deixou-o para trás e procurou encontrar o caminho de volta, atravessando a vertente, a cuja beira se erguia o chalé. Ora, não existia caminho. Conservar um rumo, a direção aproximada do sanatório, era uma questão de sorte antes que de raciocínio, já que a vista, que talvez conseguisse enxergar a mão diante dos olhos, não alcançava sequer as pontas dos esquis, e, mesmo que se pudesse enxergar melhor, existiam ainda numerosos óbices que se opunham ao avanço: o rosto coberto de neve, a tempestade como um antagonista que tolhia e cortava a respiração, que

impedia aspirar ou liberar o ar, e que forçava o caminhante, a cada instante, a virar-se de costas em busca de alento: pois tentasse quem tentasse seguir adiante, Hans Castorp ou outro, mais forte — qualquer um se veria obrigado a parar, tomar alento, apertar as pálpebras para fazer a água sair dos olhos piscos, sacudir a couraça de neve que se formara sobre a frente do corpo, até perceber que constituiria atrevimento insensato qualquer tentativa de avançar sob tais condições.

Apesar de tudo, Hans Castorp avançou, isto é: continuou marchando. Mas restava saber se se tratava de uma marcha profícua, de um avanço na direção certa, e se não seria mais indicado para ele permanecer no lugar onde se encontrava — o que, no entanto, tampouco parecia útil. A probabilidade teórica inclinava-se para o contrário, e do ponto de vista prático Hans Castorp, dentro em breve, teve a impressão de que alguma coisa não andava bem no solo em que pisava, que não era mais aquela encosta pouco inclinada que ele realcançara a muito custo, subindo do barranco, e que urgia transpor antes de mais nada. O trecho plano fora muito curto, e logo recomeçou a subida. Evidentemente, a tempestade, que vinha do sudoeste, da região da extremidade oposta do vale, desviara-o da sua rota, pela furiosa pressão contrária. Já fazia algum tempo que o jovem se esfalfava num avanço errado. Às cegas, envolto na turbilhonante noite branca, apenas se esforçara por penetrar mais fundo no elemento indiferente-ameaçador.

— Ora, vejam! — murmurou entre dentes, enquanto estacava. Sua expressão não foi patética, ainda que, por um momento, tivesse a sensação de que uma mão gélida lhe agarrasse o coração, fazendo-o sobressaltar-se e bater de encontro às costelas num ritmo acelerado, como naquele dia em que Radamanto lhe descobrira o lugar úmido no peito. Hans Castorp compreendia que não lhe cabia pronunciar palavras altissonantes, pois ele mesmo lançara o desafio e era responsável por tudo quanto a situação tivesse de

inquietante. — Essa é boa! — disse de si para si, e sentiu que suas feições, os músculos mímicos da sua fisionomia, já não obedeciam à alma e nada sabiam reproduzir, nem medo, nem raiva, nem desdém, por estarem enregeladas. — E agora? Descer por ali de viés, ir adiante para onde o nariz aponta, sempre contra o vento. Falar é fácil, quero ver é fazer — continuou, ofegante, proferindo palavras entrecortadas, a meia voz, enquanto voltava a pôr-se em movimento. — Mas algo tem que acontecer. Nada de ficar sentado esperando, senão acabo soterrado pela simetria hexagonal; e Settembrini, quando me procurar com a corneta na mão, há de me achar acocorado aqui, de olhos vidrados, com uma touca de neve na cabeça, de viés... — Percebeu que estava falando sozinho, e de um jeito meio esquisito. Assim proibiu-se disso, mas ao proibir-se voltou a fazê-lo, a meia voz e de maneira expressa, embora os lábios lhe estivessem tão adormentados que desistiu de usá-los e falou sem as consoantes formadas com ajuda deles, o que lhe chamou à memória uma situação anterior na qual ocorrera o mesmo. — Boca fechada e trate de safar-se! — disse, e acrescentou: — Pelo visto você está desvairando, já não bate bem. Que coisa triste, de certo modo.

Que isso, no entanto, fosse triste, sob o aspecto de ele poder livrar-se dessa, não passava de mera constatação da razão controladora, feita, por assim dizer, por uma pessoa estranha, desinteressada, ainda que tomada de preocupações. Quanto à sua inclinação natural, ele se sentia muito disposto a abandonar-se àquela confusão que se queria apoderar dele com o aumento do cansaço, mas deu-se conta dessa tendência e refletiu sobre ela. “É a modificação que se produz no modo de sentir de um homem que foi surpreendido por uma tempestade de neve nas montanhas e que não encontra mais o caminho de casa”, fez o esforço de pensar, e pronunciou, sem fôlego e com voz trêmula, trechos esparsos desse raciocínio, mas evitando, por discrição, expressões mais claras. “Quem ouve falar

disso imagina que é horroroso, mas esquece que a enfermidade — e minha situação é, de certo modo, uma enfermidade — prepara sua vítima com o fim de adaptá-la a si própria. Há diminuições de sensibilidade, narcoses providenciais, medidas da natureza para conferir alívio... Assim é que é! No entanto, é preciso lutar contra essas coisas, uma vez que elas têm duas caras e são ambivalentes ao extremo; sua apreciação depende inteiramente do ponto de vista. Elas são bem-intencionadas e benéficas para quem não está destinado a regressar; mas são prejudiciais e devem ser combatidas, enquanto ainda se pode ter a esperança do regresso: como no meu caso, que não penso, e que não penso de modo algum, nesse meu coração que palpita tempestuoso, em me deixar soterrar aqui por essa cristalometria que de tão regular chega a ser estúpida...”

De fato, já se sentia bastante esgotado e, de modo confuso e febril, ia debelando a incipiente perturbação dos seus sentidos. Assim, não se assustou, como o teria feito caso estivesse em seu juízo, quando notou que novamente se afastara da pista plana; e desta vez na direção oposta, provavelmente, lá para onde o declive era mais forte. Pois tornara a descer, tendo o vento oblíquo contra si, e, embora isso não fosse o mais correto, pareceu-lhe mais cômodo agir assim, ao menos por enquanto.

— Não faz mal — opinou. — Um pouco mais abaixo voltarei a tomar o rumo certo.

E foi o que fez, ou acreditou fazer, ou talvez nem sequer acreditasse fazê-lo, ou, o que era mais inquietante, talvez nem mesmo ligasse mais importância à diferença entre fazer ou não fazer. Tal era o efeito daquelas equívocas diminuições da sensibilidade, contra as quais ele se debatia apenas debilmente. A mescla de excitação e fadiga que formava o estado costumeiro e constante de um pensionista, cuja aclimatação consistia no hábito de não se habituar, intensificara-se nos seus dois componentes, de tal maneira que já não se podia falar de uma reação sensata contra os

desfalecimentos do espírito. Tonto e cambaleante, estremecia de ebriedade e de emoção semelhantes àquelas que experimentava depois de um colóquio com Naphta e Settembrini, porém num grau muito mais forte; e daí decorria que ele, para justificar sua preguiça em lutar contra os desfalecimentos narcóticos, eventualmente recorresse a reminiscências desordenadas que guardava daquelas discussões. Apesar da sua desdenhosa revolta contra a ideia de se ver soterrado pela simetria hexagonal, balbuciava de si para si qualquer coisa cujo sentido, ou insensatez, era o seguinte: a sensação do dever que queria induzi-lo a combater as diminuições suspeitas nada era senão pura ética, isto é, um mísero modo burguês de viver e certa mentalidade de filisteus irreligiosos. O desejo e a tentação de deitar-se a descansar insinuavam-se na sua alma e faziam que raciocinasse sobre sua situação, considerando-a semelhante a uma tempestade de areia no deserto: nesse caso os árabes costumavam estender-se com o rosto para baixo, puxando o albornoz por cima da cabeça. E o fato puro e simples de não possuir albornoz e de ser impossível puxar sobre a cabeça uma blusa de lã constituiu para ele uma objeção contra tal modo de agir, embora ele já não fosse criança e estivesse inteirado, por muitas narrativas, sobre como é que se morre por congelamento.

Depois de uma descida em velocidade branda e de um trecho plano, reiniciou-se a subida, aliás bastante íngreme. Isso não implicava que ele se achasse necessariamente num caminho errado, pois a recondução ao vale incluía trechos que subiam, e quanto ao vento, era provável que tivesse mudado, obedecendo a um capricho, já que desde algum tempo Hans Castorp o recebia pelas costas, o que lhe parecia, por si só, algo benéfico. Era a tempestade que o dobrava, ou era o declive, macio, branco e velado pelo torvelinho crepuscular, que exercia atração sobre seu corpo, fazendo-o curvar-se para a frente? Tratava-se apenas de reclinar-se, abandonando-se a essa atração, e era forte a

tentação de fazê-lo — tão grande como aquela descrita nos livros, que a qualificavam como típico-ameaçadora, sem nada diminuir, no entanto, a força vital-presente que ela continha. Pois ela reivindicava direitos individuais, não queria deixar-se classificar entre as coisas conhecidas, não admitia confronto, insistia em ser única e incomparável na sua urgência — sem poder negar, no entanto, ter sua origem na sugestão emanada de certa pessoa, criatura vestida de preto, à espanhola, com uma alvíssima golilha pregueada, e cuja imagem ou concepção fundamental evocava toda sorte de conceitos sombrios, penetrantemente jesuíticos, hostis à humanidade, visões de uma servidão submetida a tortura e flagelos, coisas de que o sr. Settembrini tinha horror, embora na sua guerra contra elas só se tornasse ridículo, com seu realejo e sua ragione…

Não obstante, Hans Castorp comportou-se valentemente e resistiu à tentação de se deixar cair. Não enxergava nada, mas continuava lutando e ganhando terreno; com ou sem proveito, cumpria o seu dever e trabalhava, desprezando os grilhões cada vez mais pesados, com os quais a tempestade glacial lhe prendia os membros. Como a subida se mostrasse extraordinariamente escarpada, enveredou para o lado, sem se dar conta disso, e seguiu algum tempo ao longo da vertente. Abrir as pálpebras convulsas e espreitar em torno de si exigia um esforço cuja comprovada inutilidade pouco o animava a repeti-lo. Mesmo assim deparava com alguma coisa, de vez em quando: uns pinheiros aglomerados, um arroio ou rego, cuja negrura ressaltava na paisagem, entre os rebordos cobertos de neve. E quando, para variar, se encontrou novamente num trecho de descida, dessa vez contra a ventania, descobriu, a alguma distância, flutuando livremente na confusão de véus varridos, a sombra de uma habitação.

Que vista simpática e reconfortante! Vigoroso, em que pesem todos os obstáculos, Hans Castorp conseguira avançar até onde assomavam moradas humanas, indicando

a proximidade do vale habitado. Talvez houvesse gente ali; talvez lhe permitissem entrar, para aguardar, sob a proteção do teto, o fim da tormenta; talvez fosse possível arranjar um companheiro ou um guia, o que se tornaria necessário no caso de a escuridão natural sobrevir nesse meio-tempo. O jovem encaminhou-se para aquela coisa quimérica, que a todo instante se sumia nas trevas borrascosas. Antes de alcançá-la ainda teve que vencer, na direção contrária ao vento, um aclive que lhe exauriu as forças, e uma vez lá, verificou com um misto de revolta, pasmo, susto e vertigem que aquela era a cabana que conhecia, o galpão com o teto carregado de pedras, que, por inúmeros rodeios e à custa dos mais intensos esforços, acabava de reconquistar.

Era coisa do diabo. Violentas pragas, com omissão dos sons labiais, saíram da boca enregelada de Hans Castorp. Para orientar-se, deu volta à choça, apoiando-se nos bastões, e constatou que dessa vez chegara até ela por trás, e que por conseguinte estivera cometendo durante mais de uma hora — segundo sua avaliação — tolices das mais perfeitas e infrutuosas. Mas assim costumava acontecer, conforme se podia ler nos livros. A gente movimentava-se em círculo, labutava, com o coração cheio da quimera de um esforço útil, e em realidade descrevia curvas vastas e estúpidas que reconduziam ao ponto de partida, tal e qual a órbita falaz do ano. Era assim que as pessoas se extraviavam e não encontravam o caminho de volta. Hans Castorp reconheceu o fenômeno tradicional com certa satisfação, embora também com algum terror. Deu na coxa uma palmada de raiva e espanto, ao ver que a experiência geral se reproduzira tão pontualmente no seu caso particular e presente.

O galpão solitário era inacessível; a porta estava chaveada, não se podia entrar em parte alguma. Contudo, Hans Castorp resolveu permanecer onde estava, já que o telhado saliente dava a ilusão de um certo abrigo, e a choça, no lado dirigido para a montanha, lá onde Hans Castorp buscou

refúgio, realmente oferecia proteção contra a tempestade a quem se apoiasse com o ombro na parede construída de tábuas, uma vez que, pelo comprimento dos esquis, não era possível encostar-se. Aconchegando-se obliquamente à construção, deixou-se ficar ali, depois de haver cravado o bastão na neve, a seu lado; afundou as mãos nos bolsos, levantou a gola da blusa de lã e escorou-se na perna de fora. A cabeça estonteada repousava, de olhos fechados, nas tábuas do galpão. Só de quando em quando, Hans Castorp lançava olhares piscos por cima do barranco, em direção à vertente oposta que às vezes assomava vagamente por entre os véus da neve.

A sua situação era relativamente cômoda. “Desse jeito poderei aguentar de pé a noite toda, se necessário”, pensou. “Basta mudar o pé de apoio, de tempos em tempos, e virar-me, por assim dizer, para o outro lado. Só preciso, sem falta, mexer-me um pouco nos intervalos. Sinto-me transido por fora, mas acumulei bastante calor graças à caminhada que dei, e assim o desvio não foi de todo inútil, embora eu tenha andado feito tonto, batendo as botas em torno da cabana… Batendo as botas? Que expressão é essa? Não cabe aqui, nem é usual, neste caso que me aconteceu; sirvo-me dela por capricho, sinal de que não tenho as ideias claras na cabeça; mas em certo sentido as palavras me parecem apropriadas… Ainda bem que tenho resistência, pois o torvelinho, a nevada, o caos podem prolongar-se até amanhã de manhã, perfeitamente; e, mesmo que se só estendam até o escurecer, já será bem grave, porque de noite o perigo de a gente perder-se e dar voltas à toa é tão grande como no meio de uma tempestade de neve… Agora já deve ser de tardezinha, seis horas, mais ou menos. Desperdicei muito tempo errando pela região. Que horas são, afinal?” Procurou o relógio, se bem que não fosse fácil tirá-lo do bolso com os dedos gelados, insensíveis. Olhou o relógio de ouro, com tampa de mola e monograma, que mesmo naquela solidão desolada continuava a tiquetaquear,

viva e lentamente, semelhante ao coração dele, o comovente coração humano a pulsar no calor orgânico do tórax…

Eram quatro e meia. Mas que diabos, passara muito pouco tempo desde o começo da tempestade. Mal dava para acreditar, mas a andança não durara sequer um quarto de hora. “O tempo me pareceu longo”, pensou. “Ao que parece, essa coisa de andar perdido é meio fastidiosa. Mas não há o que contestar: chegam as cinco, cinco e meia, e então escurece. A tempestade vai terminar em tempo de evitar que eu saia a bater as botas por aí, sem rumo? Um gole de vinho do Porto iria bem, para firmar.”

Trouxera aquela bebida diletante simplesmente porque no “Berghof” havia dela um bom estoque, que era vendido aos excursionistas em garrafas chatas, embora fosse claro não se ter em vista clientes que se desgarrassem ilicitamente na neve e no frio glacial das montanhas e que aguardassem a chegada da noite nessas condições. Se suas faculdades mentais estivessem menos esgotadas, deveria ter dito a si próprio que, sob o ponto de vista das probabilidades de regresso, o vinho do Porto era aproximadamente a pior coisa que se podia beber. Foi o que notou após ter engolido alguns tragos que lhe produziram um efeito semelhante àquele que tivera a cerveja de Kulmbach na noite do primeiro dia após sua chegada, quando seu palavrório desordenado e incontido sobre molhos para peixe e outras coisas do mesmo quilate havia chocado Settembrini — o sr. Lodovico, o pedagogo cujo olhar reconduzia à razão até mesmo os loucos mais varridos, e cuja corneta melodiosa Hans Castorp ouviu nesse exato instante através dos ares, sinal de que o eloquente educador se aproximava em marcha forçada, a fim de libertar dessa situação maluca o discípulo que tantas preocupações lhe causava, o filho enfermiço da vida, e então guiá-lo pelo caminho de volta… Tudo isso, naturalmente, era absurdo e tinha a sua origem na cerveja de Kulmbach, que ele bebera por distração. Em primeiro lugar, o sr. Settembrini

não dispunha de corneta, mas apenas de um realejo com uma perna de pau, plantado no calçamento da rua, e cujo som animado ele fazia acompanhar de olhares humanísticos lançados na direção das fachadas; e em segundo lugar, ele nada sabia nem notara o que estava acontecendo, visto que deixara de morar no Sanatório “Berghof” e se achava na casa de Lukaček, alfaiate de senhoras, naquele cubículo com a garrafa d’água, acima da cela forrada de sedas do sr. Naphta. Além disso, tinha tão pouco direito e oportunidade para intervir quanto tivera em certa noite de Carnaval, quando Hans Castorp se encontrara numa posição igualmente maluca e arriscada, ao devolver à enferma Clawdia Chauchat son crayon, sua lapiseira, a lapiseira de Pribislav Hippe… Que “posição” era essa, afinal de contas? A posição adequada à sua existência devia ser estar deitado e não de pé, no sentido genuíno, próprio e não apenas metafórico da palavra. A posição horizontal era a que convinha a um membro veterano da sociedade aqui de cima. Ele por acaso não estava acostumado a ficar deitado ao ar livre, num ambiente de neve e de frio, tanto de dia como de noite? E fez menção de ir se deixando cair ao chão, até que uma clareza tomou conta dele, agarrou-o pelo colarinho e manteve-o de pé, de modo que coube atribuir essas lucubrações sobre a “posição” à cerveja de Kulmbach e ao seu desejo de deitar-se e dormir, desejo impessoal, tipicamente perigoso, que procurava seduzi-lo por meio de sofismas e de trocadilhos.

“Acaba-se de cometer um erro”, reconheceu. “Não foi certo beber o vinho do Porto, esses poucos goles me puseram chumbo na cabeça, ela me cai sobre o peito, e meus pensamentos não passam de coisas confusas e de gracejos insípidos, nos quais não devo me fiar — nem nos primeiros que me ocorrerem, tampouco nas observações críticas que eu faça a seu respeito. Aí é que está a desgraça. ‘Son crayon’!… Quer dizer: o crayon dela e não dele; só se diz ‘son’ porque ‘crayon’ é masculino, tudo mais é apenas

gracejo. Não há que perder tempo com isso! No momento acho muito mais urgente o fato de que minha perna esquerda, na qual estou apoiado, me recorda a perna de pau do realejo de Settembrini, que ele empurra à frente com o joelho, sobre a calçada, cada vez que se aproxima da janela e estende o chapéu de veludo, na esperança de que a rapariga lá de cima lhe atire alguma moeda. E ao mesmo tempo sinto qualquer coisa como mãos a me atrair impessoalmente para a neve. O único remédio contra isso é o movimento. Preciso movimentar-me, como castigo por ter bebido a cerveja de Kulmbach e para desentorpecer a perna de pau."

Afastou-se da parede, tomando impulso com o ombro. Mas mal se distanciou do galpão, com um único passo para a frente, e o vento feriu-o com verdadeiros golpes de foice e rechaçou-o até o abrigo. Sem dúvida, esse era o lugar mais indicado para ele. Por enquanto, devia conformar-se com isso, além do que tinha plena liberdade de encostar o ombro esquerdo, para variar, apoiar-se na perna direita e sacudir a outra para revigorá-la. Com um tempo destes, disse de si para si, a gente não deve sair de casa. Um pouco de variação pode ser admissível, mas não a mania de inovações nem um envolvimento com a Noiva do Vento. Fica quietinho e deixa pender a cabeça, se está muito pesada. A parede é boa, tábuas de madeira, até parece desprender-se delas um certo calor, se é que se pode falar de calor aqui, um calor natural da madeira, discreto, ou talvez apenas um produto da imaginação, coisa subjetiva... Ah, essas árvores todas! Ah, o clima vivo dos vivos! E que perfume!...

Um parque estendia-se a seus pés, sob a sacada onde ele se encontrava; um vasto parque de luxuriante verdor, formado por árvores caducifólias, olmos, plátanos, faias, bordos, bétulas, levemente matizadas quanto ao colorido da folhagem abundante, fresca, lustrosa, com as copas agitando-se num suave sussurro. Um ar delicioso, úmido, embalsamado pelas árvores, envolvia a região. Um

aguaceiro quente vinha se abatendo, mas a chuva parecia iluminada. Até as alturas do céu via-se a atmosfera resplandecer de gotinhas cintilantes. Que beleza! Ah, esse sopro do torrão natal, o aroma e a plenitude da planície, depois de tão prolongada privação! O ar ressoava com vozes de aves, pios, silvos, gorjeios, chilidos e soluços, cheios de fervor, de graça e de doçura, sem que se enxergasse um único passarinho. Hans Castorp sorriu, respirando gratamente. E nesse ínterim o quadro tornou-se ainda mais belo. Um arco-íris curvava-se sobre um lado da paisagem, um arco completo e nítido, puro na sua magnificência, com o brilho úmido de todas as suas cores, que, untuosas como óleo, inundavam o verde espesso e reluzente. Mas isso parecia música, era como o som intenso de harpas, mesclado de flautas e violinos! Sobretudo o azul e o violeta espalhavam-se com maravilha. Tudo se confundia com eles, como por um feitiço, transformando-se, evoluindo de modo sempre novo e cada vez mais belo. Lembrava aquele dia, anos atrás, quando Hans Castorp tivera ensejo de ouvir um cantor de fama mundial, um tenor italiano, de cuja garganta partiam sons de uma arte benéfica e de uma força abençoada, inundando os corações dos homens. Esse homem sustentara uma nota aguda, linda desde o começo; aos poucos, porém, de momento a momento, a harmonia apaixonada descortinara-se, ampliara-se, tomando volume, iluminara-se com um esplendor mais e mais deslumbrante. Um a um, os véus que antes ninguém percebera se haviam desfeito; caíra mais um, o último, revelando, segundo o pensamento de todos, a luz suprema, a luz mais pura, mas seguira outro e ainda outro — incrível! —, o derradeiro, desencadeando tamanha exuberância de fulgor e de perfeição banhada em lágrimas que um rumor surdo de arrebatamento, soando quase como um protesto ou uma objeção, se elevara do seio da multidão, e ele próprio, o jovem Hans Castorp, fora tomado de soluços. E o mesmo lhe acontecia agora, em face dessa paisagem que se

metamorfoseava, se desdobrava em progressiva transfiguração. O azul a pairar em toda parte... Os véus luzentes da chuva iam caindo. Eis que surgiu o mar, um mar, o mar do Sul, de um azul profundo e saturado, refulgindo de luzes argênteas, com uma belíssima enseada a abrir-se vaporosa para um lado, envolta até a metade por perfis de montanhas de um azul cada vez mais pálido, com ilhas cá e lá, onde cresciam palmeiras e resplandeciam casinhas brancas por entre bosques de ciprestes. Oh, oh! Era demais. Nem se merecia tudo isso. Que bem-aventurança de luz, de absoluta pureza do céu, de frescor de águas ensolaradas! Hans Castorp jamais vira aquilo, nem coisa semelhante. Em viagens de férias mal passara pelas regiões do Sul, conhecia o mar áspero, o mar cinzento, ao qual se apegava com sentimentos vagos e pueris, mas nunca chegara a ver o Mediterrâneo, Nápoles, a Sicília ou a Grécia. E todavia *recordava-se*. Sim, por estranho que pareça, celebrava neste momento uma reminiscência.

— Ah, sim! É isso! — exclamou nele uma voz, como se desde tempos imemoriais tivesse levado no seu coração, às escondidas e sem confessá-lo a si próprio, toda essa alegria azul, irradiada pelo sol. E esses “tempos imemoriais” eram vastos, infinitamente vastos, tal e qual o mar que se abria à sua esquerda, ali onde o céu, num tom delicado de violeta, descia até as águas.

O horizonte era alto; a amplitude dava a ideia de elevar-se, o que se devia ao fato de Hans ver o golfo de cima, de certa altura: as montanhas estendiam-se em promontórios, coroadas de selvas; entravam no mar, para depois retroceder em semicírculo, do centro daquela vista até o ponto onde ele estava sentado, e para além. Era uma costa rochosa, em cujos degraus de pedra aquecidos pelo sol ele se achava acocorado. À sua frente inclinava-se a ribeira pedregosa, escadeada, coberta de musgos e brenhas, até uma praia plana, onde o cascalho, por entre os juncos, formava angras azuladas, pequenos portos e lagoas

avançadas. E essa região banhada pelo sol, essas ribas de fácil acesso, essas bacias risonhas no meio de rochedos, bem como o mar até as ilhas distantes entre as quais iam e vinham embarcações, tudo estava povoado: as pessoas, filhos do sol e do mar, mexiam-se ou repousavam em toda parte, uma humanidade bela e jovem, sensata e jovial, tão agradável de se ver… O coração de Hans Castorp se abriu dolorosamente, por inteiro, amando o que via diante de si.

Mancebos adestravam cavalos, e com a mão no cabresto corriam ao lado dos animais, que trotavam relinchando e sacudindo a cabeça; montavam-nos sem sela e forçavam-nos a entrar na água, batendo com os calcanhares desnudos os flancos da cavalgadura, enquanto os músculos das espáduas brincavam ao sol sob a pele trigueira, e os gritos que trocavam entre si ou dirigiam às montarias tinham algo de mágico. À margem de uma enseada que penetrava profundamente na terra firme, e cujas ribanceiras se espelhavam como num lago alpino, havia moças dançando. Uma delas, cujos cabelos atados na nuca tinham um encanto singular, estava sentada, com os pés enterrados numa concavidade do solo, e tocava uma flauta pastoril. Por cima dos dedos ágeis, seus olhares vagavam em direção às companheiras, que nos seus vestidos largos e flutuantes executavam os passos da dança, ora isoladas, sorridentes, com os braços abertos, ora aos pares, com as fontes coladas graciosamente uma na outra. Atrás das costas da flautista, costas alvas, longas, delgadas, que a posição dos braços tornava redondas, viam-se outras irmãs, sentadas ou em pé, de mãos dadas, conversando calmamente e contemplando a cena. A maior distância, alguns jovens exercitavam-se no tiro de arco. Era aprazível e ameno ver como os mais velhos ensinavam aos mais jovens, ainda inábeis, de cabelos encaracolados, como retesar o arco e apontá-lo ao alvo; rindo, amparavam os novatos cambaleantes sob o rechaço da corda, quando a seta se desprendia dela com um sussurro. Outros pescavam com anzol. Achavam-se de

bruços nas lajes dos penedos da costa, com uma das pernas balouçando no ar, enquanto mergulhavam a linha na água. Conversando calmamente, voltavam a cabeça para o vizinho, que reclinava o corpo para lançar a isca bem longe. Outros estavam ocupados em transportar ao mar, arrastando, empurrando, levantando, um barco de alto bordo, provido de mastro e vergas. Crianças brincavam e exultavam no meio da rebentação. Uma jovem, estendida no solo, de costas, olhava para trás, enquanto com uma das mãos apertava contra os seios a veste floreada e com a outra procurava alcançar com avidez um fruto ornado de folhas, que um moço de ancas estreitas, de pé atrás dela, lhe oferecia e retirava, brincando com ela. Havia vultos recostados nos nichos dos rochedos. Outros hesitavam à beira d’água, experimentando-lhe o frescor com a ponta do pé e segurando os ombros com os braços cruzados. Alguns casais passeavam ao longo da praia, e junto ao ouvido da moça encontrava-se a boca do rapaz que a guiava com confiança. Cabras felpudas saltavam de rocha em rocha, guardadas por um jovem pastor que se quedava sobre uma elevação, com uma das mãos na cintura e a outra num comprido cajado; um chapeuzinho de abas dobradas para trás cobria-lhe os crespos cabelos castanhos.

“Mas isso é um encanto!”, pensou Hans Castorp de coração. “Sobremaneira delicioso e cativante! Como são formosos e sadios, sensatos e felizes! Sim, e não têm somente beleza, mas seriedade e a graça que lhes vêm de dentro. É isso que tanto me comove e faz que me apaixone por eles: o espírito e sentido, devo dizer, que lhes fundamenta a essência, na qual vivem e permanecem uns com os outros!” Referia-se àquela grande amabilidade e respeito que os filhos do sol partilhavam de modo equânime e gentil nas relações entre eles: uma deferência espontânea, encoberta sob os sorrisos que trocavam a cada passo, manifestada com discrição, e que todavia tinha sua raiz em um consenso que os unia e em uma ideia que encarnavam.

Havia até um quê de dignidade e de rigor, mas todo diluído na alegria, e que se tornava sensível em seus atos como influência espiritual inefável, fundada numa seriedade nada sombria e numa piedade razoável, embora não faltasse a tudo isso o lado cerimonioso. Pois ali, numa pedra redonda coberta de musgo, estava sentada uma jovem mãe, que retirara de um dos ombros o vestido pardo e amamentava sua criança. E todos os que andavam perto dela a saudavam de um modo especial, que resumia tudo que estava tão expressivamente tácito na atitude geral dessas pessoas. Os rapazes, voltando-se para a figura maternal, cruzavam os braços sobre o peito, num gesto leve, rápido e formal, e inclinavam a cabeça com um sorriso; as moças apenas esboçavam uma genuflexão, semelhante àquela com que os devotos na igreja passam pelo altar-mor. Mas ao mesmo tempo faziam-lhe sinais com a cabeça, vivos, alegres e cordiais... E essa mistura de devoção comedida e amizade jovial, assim como a vagarosa brandura da mãe, que com o indicador apertado sobre o seio buscava tornar mais cômoda a amamentação para o pequerrucho, erguia dele os olhos e agradecia com outro sorriso os que lhe prestavam reverência, tudo isso arrebatava a alma de Hans Castorp. Ele não se cansava de olhar e contudo se perguntava, angustiado, se teria permissão de olhar, se esse ato de espreitar aquela felicidade solar e civilizada não o tornava passível de punição extrema, a ele, o intruso, que se sentia lerdo com seus sapatos, e falto de nobreza e garbo.

Parecia não haver inconveniente. Debaixo de onde estava sentado, achava-se um belo efebo, cuja cabeleira espessa e penteada para o lado avançava além da testa e caía sobre a fronte; tinha os braços cruzados sobre o peito e mantinha-se distante dos companheiros — sem dar mostras de tristeza ou rancor, senão apenas de perfeita calma. E este o viu, fixou nele o olhar, e então seus olhos passaram do espia às imagens da praia, e de lá para cá, e de volta, espreitando seu espreitamento. De repente, porém, levantou a vista,

enxergando ao longe, por cima do estranho, e de um instante para outro desapareceu do lindo rosto de linhas de corte severo, inda meio pueris, o sorriso comum a todos, decorrente do respeito fraterno e cortês... E, sim, sem que seu cenho se tivesse anuviado, assomou-lhe no semblante uma gravidade como que pétrea, inexpressiva, insondável, um retraimento de morte, que encheu o malsossegado Hans Castorp de pálido terror, mesclado de um vago pressentimento quanto ao sentido daquele sinal.

Também ele olhou para trás... Colunas poderosas, sem base, compostas de blocos cilíndricos e de cujas junturas brotava musgo, erguiam-se atrás dele: colunas do pórtico de um templo, até o qual conduziam duas escadarias, com um vão entre si, onde Hans Castorp se encontrava sentado, num dos degraus. Com o coração opresso, levantou-se, desceu a escada com o corpo de lado, entrou numa extensa galeria, atravessou-a e seguiu um caminho lajeado até outros propileus. Passou também por estes e defronte de si viu o templo maciço, cinza-esverdeado, corroído pela inclemência do tempo, de escadas íngremes e frontão largo, pousado sobre os capitéis de colunas vigorosas e quase atarracadas, que se adelgaçavam para cima, e em cuja estrutura um ou outro dos tambores canelados, que se deslocara, formava uma saliência lateral. Laboriosamente, às vezes recorrendo ao apoio das mãos, por entre suspiros que lhe arrancava a crescente angústia do coração, Hans Castorp galgou os altos degraus e alcançou a floresta das colunas do peristilo. Esta era muito profunda, e o jovem passeou por ela como por entre os troncos de um bosque de faias à beira do mar descorado; evitou penetrar-lhe no âmago e esquivou-se do centro. Mas terminou voltando-se para ele e chegou ao lugar onde as fileiras de colunas se separavam, até deparar-se com um grupo de estátuas, duas figuras de mulheres talhadas em pedra, sobre um pedestal, mãe e filha, segundo parecia: uma, sentada, mais idosa e mais digna, muito branda e divina, mas com sobrancelhas lamentosas acima

dos olhos vazios, sem pupilas, com uma túnica flutuante, um manto pregueado e um véu a cobrir-lhe a cabeleira ondulada de matrona; outra, de pé, abraçada maternalmente pela primeira, com um rosto redondo de donzela, braços e mãos envoltos e ocultos nas dobras da capa.

Enquanto Hans Castorp contemplava a estátua, seu coração, por motivos obscuros, fazia-se ainda mais pesado, mais temeroso e mais opresso de presságios. Mal ousava e, contudo, se via forçado a contornar as figuras para franquear, atrás delas, a segunda colunata dupla. Aí encontrou aberta a porta brônzea do santuário, e os joelhos do pobre quase que cederam diante do espetáculo que se lhe oferecia aos olhos estarrecidos. Duas mulheres grisalhas, seminuas, de cabelos desgrenhados, com seios pendentes de bruxa e mamilões do comprimento de um dedo, entregavam-se lá dentro, em meio a braseiros chamejantes, a manipulações horrorosas. Por cima de uma bacia esquartejavam uma criancinha. Dilaceravam-na com as mãos, num furioso silêncio — Hans Castorp divisou os finos cabelos louros melados de sangue —, e devoravam os pedaços. Os ossinhos frágeis estalavam entre suas presas, e o sangue pingava de seus lábios selvagens. Um pavor gélido paralisou Hans Castorp. Fez menção de tapar os olhos com as mãos e não conseguiu. Quis fugir e não pôde. E assim, no meio da sua atividade abominável, elas acabaram por descobri-lo, brandiram contra ele os punhos ensanguentados, ralharam sem voz, mas com extrema maldade e palavras obscenas, aliás no dialeto popular da terra de Hans Castorp. Ele se sentiu mal, pior que nunca. Desesperado, quis arrancar-se daquele lugar — e, na mesma posição em que caiu próximo da coluna, de costas sobre um dos lados, deu por si, as invectivas medonhas ainda nos ouvidos, agarrado ao pé do galpão na neve e aterrorizado pelo frio, deitado sobre um braço com a cabeça recostada, e as pernas estendidas à frente, com os esquis.

No entanto, não chegou a acordar, no sentido próprio da palavra. Apenas piscou os olhos, aliviado por se ver livre dessas megeras atrozes. Mas não tinha certeza e também pouco lhe importava saber se se achava estatelado junto a uma coluna de templo ou a um galpão. Em certo sentido prosseguia sonhando, se não em imagens, ao menos em pensamentos, porém de forma não menos atrevida e curiosa.

— Logo vi que era sonho — balbuciou para si mesmo. — Um sonho encantador e pavoroso. No fundo, eu sabia o tempo todo, foi tudo concepção minha: o parque de árvores frondosas e a umidade agradável e todo o resto, as coisas belas e as odiosas, eu quase que o sabia de antemão. Mas como é possível saber uma coisa dessas e concebê-la para si, e assim satisfazer-se e atemorizar-se? Donde tirei aquele belo golfo semeado de ilhas e depois o recinto do templo, ao qual me guiaram os olhares do rapaz simpático que se mantinha isolado? Sou tentado a dizer que não extraímos os sonhos unicamente da nossa própria alma. Sonhamos anônima e coletivamente, embora de forma individual. A grande alma, da qual você é apenas uma partícula, talvez sonhe por meio de você, da maneira como você sonha, e com coisas que sempre enchem os sonhos secretos dela: juventude, esperança, felicidade, paz… e também a ceia sangrenta que ela celebra. Aqui me acho ao pé da minha coluna e ainda sinto em mim os vestígios reais do meu sonho, o horror frio que experimentei ante a ceia sangrenta, e também a alegria íntima originada pelas cenas anteriores, quando vi a felicidade e os costumes piedosos da humanidade branca. Cabe-me, é o que afirmo, tenho o genuíno direito de me deitar aqui e de me entregar a esse tipo de sonhos. Fiquei sabendo muita coisa no convívio com a gente daqui, sobre a deserção e a razão. Bati as botas por aí, sem rumo numa montanha perigosíssima, com Naphta e Settembrini. Sei tudo a respeito do ser humano; conheci sua carne e seu sangue; devolvi o lápis de Pribislav Hippe à enferma Clawdia. Mas quem conhece o corpo e a vida

conhece a morte. Isso, entretanto, não é tudo, senão que apenas o começo, pedagogicamente falando. É preciso acrescentar a outra metade, o oposto. Pois todo o interesse pela morte e pela doença não passa de uma forma de exprimir aquele que se tem pela vida, como demonstra a humanística Faculdade de Medicina, que sempre se dirige à vida e à sua enfermidade num latim muito cortês e não passa de uma sombra desse assunto grande e urgentíssimo, cujo nome pronuncio com toda simpatia: é o filho enfermiço da vida, é o ser humano, com seu estado e sua posição… Não o desconheço; aprendi muito aqui em cima; desde a planície deixei-me arrastar a tamanhas alturas que quase perdi o fôlego. Mas agora, do pé da minha coluna, abre-se-me uma vista nada má… Sonhei com a posição do homem e sua comunidade polida, sisuda e respeitosa, a cujas costas se passava, no interior do templo, a medonha ceia sangrenta. Será que os filhos do sol se tratavam uns aos outros com tanta cortesia e amabilidade, precisamente na recordação silenciosa daquela atrocidade? Nesse caso tirariam uma conclusão muito sutil e elegante. Quero, com toda a minha alma, aderir a eles e não a Naphta, tampouco a Settembrini. Ambos são charlatães. Um é devasso e malicioso, ao passo que o outro não deixa de tocar a corneta da razão e imagina ser capaz de desenlouquecer os próprios doidos, o que me parece absurdo. É o espírito filisteu, é mera ética, é irreligiosidade, disso tenho certeza. Mas também não desejo tomar o partido do pequeno Naphta, com a sua religião que é apenas um guazzabuglio de Deus e diabo, bem e mal, que só serve para fazer o indivíduo atirar-se de cabeça, a fim de mergulhar misticamente no todo. Esses dois pedagogos! Suas próprias divergências e oposições não passam de um guazzabuglio e de um confuso fragor de batalha, que não pode aturdir a quem tiver o cérebro mais ou menos livre e o coração piedoso. Sua questão em torno da aristocracia! A distinção de ambos! Vida ou morte — enfermidade, saúde — espírito e natureza. Há oposição entre

essas coisas? E pergunto: isso lá é pergunta que se faça? Não, não é, e tampouco cabe perguntar pela distinção. A deserção da morte está encerrada na vida; sem ela não haveria vida, e a posição do *Homo Dei* acha-se no meio, entre a deserção e a razão, tal como seu estado também está entre a coletividade mística e o individualismo inconsistente. É o que vejo aqui de minha coluna. Nessa sua posição cumpre-lhe viver de um modo fino e galante, e manter relações de amistoso respeito consigo próprio; pois só ele é distinto, e não as oposições. O ser humano é senhor das oposições, que existem por seu intermédio, e por conseguinte ele é mais nobre que elas. Mais nobre que a morte, demasiado nobre para ela: e isso é a liberdade de sua mente. Mais nobre que a vida, demasiado nobre para ela: e isso é a piedade em seu coração. Eis que acabo de fazer uma rima, um poema onírico sobre o ser humano. Quero me lembrar dele. Quero ser bom. Não quero conceder à morte poder algum sobre meus pensamentos! Pois é nisso que consistem a bondade e a filantropia, e em nada mais. A morte é uma grande potência. As pessoas tiram o chapéu e avançam a passo cadenciado, nas pontas dos pés, quando ela está por perto. Ela usa a cerimoniosa golilha do passado, e todos se vestem gravemente de preto em sua honra. Diante dela, a razão parece tola, porque é apenas virtude, ao passo que a morte é liberdade, deserção, amorfia e volúpia. Volúpia, diz meu sonho, não amor. Morte e amor: eis aí uma rima péssima, insípida, equivocada! O amor enfrenta a morte; só ele, e não a razão, é mais forte que ela. Só ele, e não a razão, inspira pensamentos de bondade. Também a forma não consiste senão em amor e bondade: forma e civilidade de uma comunidade sensata e cordial e de um belo Estado humano, sob a recordação silenciosa da ceia sangrenta. Ah, sim, isto se chama sonhar com clareza e reinar bem! Quero lembrar-me disso. Quero conservar o meu coração fiel à morte e, contudo, recordar-me claramente de que fidelidade à morte e ao passado é apenas malvadez,

volúpia tenebrosa e misantropia, caso determine nosso pensar e nosso reinar. *Em virtude da bondade e do amor o ser humano não deve conceder à morte poder algum sobre seus pensamentos*. E com isso, acordo... Pois segui meu sonho até o fim, alcancei meu objetivo. Há muito eu procurava essas palavras: no lugar onde me apareceu Hippe, em meu compartimento na sacada, e em toda parte. Minha busca levou-me também às montanhas cobertas de neve. Agora eu as alcancei. Meu sonho revelou com a máxima nitidez que agora sei delas para sempre. Sim, isso me encanta e me aquece. Meu coração pulsa com força e sabe por quê. Não pulsa somente pelas razões do corpo, como as unhas de um cadáver que continuam crescendo; pulsa de um modo humano e certo, por causa de um espírito de felicidade. São como uma poção, essas palavras do meu sonho: melhores que vinho do Porto ou cerveja inglesa; correm pelas minhas veias como o amor e a vida, e me induzem a arrancar-me do meu sono e de meu sonho, sobre os quais sei muito bem oferecerem os mais graves perigos à minha vida tão jovem... Levante-se, levante-se! Abra os olhos! São seus membros, essas pernas aí na neve! Aprume-se e levante-se! Olha só, o tempo está bom!

Era imensamente difícil a libertação dos laços que o enredavam e procuravam mantê-lo deitado; mas o impulso que soube tomar foi mais forte. Hans Castorp soergueu-se sobre o cotovelo, dobrou os joelhos com um esforço viril, arrastou-se, apoiou-se e pôs-se de pé, contorcendo-se. Calcou a neve com os esquis, bateu os braços em torno das costelas e sacudiu os ombros, enquanto lançava olhares nervosos e concentrados para cá, para lá e para o alto, lá no céu, onde um azul pálido assomava entre nuvens cinza-azuladas, finas como um véu, que singravam devagar, descobrindo a lâmina delgada da lua. Crepúsculo fluido. Sem nevada nem tempestade. Do outro lado a parede rochosa, com a encosta hirsuta de pinheiros, plena e visível por inteiro, jazia em paz. A sombra subia até meia altura; a

metade superior estava iluminada num delicadíssimo cor-de-rosa. Que é que havia? Que se passava com o mundo? Era manhã? Ele ficara deitado na neve durante a noite toda, sem congelar, ao contrário do que diziam os livros? Nenhum dos seus membros ficou entanguido, nenhum deles se esfacelou com um ruído agudo enquanto bateu os pés no solo, agitou-se e bateu-se, e enquanto seus pensamentos se esforçavam por examinar a fundo a situação. As orelhas, as extremidades das mãos e os dedos dos pés estavam entorpecidos, mas não em grau mais intenso do que muitas vezes lhe acontecera em noites de inverno, durante o repouso na sacada. Conseguiu encontrar o relógio. Estava funcionando. Não parara, como costumava fazer quando não lhe dava corda à noite, por esquecimento. Ainda estava longe de marcar cinco horas. Faltavam doze ou treze minutos. Inacreditável! Seria possível que houvesse levado só uns dez minutos, ou pouco mais, estendido na neve, remoendo tantas imagens de felicidade ou horror, tantos pensamentos ousados, enquanto o tumulto hexagonal se sumia com a mesma rapidez com que chegara? Tivera uma sorte notável, quanto ao aspecto de tornar à casa. Pois duas vezes os seus sonhos e fantasias haviam tomado um rumo que o fizera sobressaltar-se reavivado: a primeira vez, de horror; a segunda, de alegria. Parecia que a vida tinha boas intenções ante seu filho enfermiço que errava nas alturas…

Fosse como fosse, raiasse para ele a manhã ou a tarde (ainda era a tarde, sem dúvida, comecinho da noite): de qualquer modo, nas circunstâncias gerais ou em sua situação pessoal, não havia obstáculo que pudesse impedir Hans Castorp de regressar, e foi o que ele fez. Com um arranco grandioso, quase em linha reta, encaminhou-se ao vale, onde, ao chegar, já encontrou as lâmpadas acesas, embora os restos da luz do dia conservada pela neve lhe tivessem mais que bastado, durante o caminho. Desceu pelo Bremenbühl, ao longo do bosque, e às cinco e meia alcançou o “vilarejo”, onde deixou seu aparato esportivo na casa do

merceeiro, fez uma pausa no cubículo do sr. Settembrini e relatou-lhe como se deixara surpreender pela tempestade de neve. O humanista levou um susto enorme. Ergueu a mão sobre a cabeça, censurou com energia uma tamanha imprudência e não tardou em acender o fogareiro de álcool, crepitante, para logo preparar um café para quem estava tão exausto, cuja força, no entanto, não impediu que Hans Castorp adormecesse ali mesmo, na cadeira.

Uma hora mais tarde, era acariciado pela atmosfera ultracivilizada do "Berghof". No jantar, avançou faminto sobre a comida. O que sonhara estava em vias de se apagar. E o que pensara, naquela mesma noite já não o entendia muito bem.

COMO UM SOLDADO, COMO UM VALENTE

Hans Castorp sempre recebia notícias breves de seu primo; boas e jubilosas no começo, menos favoráveis depois, e finalmente outras que mal disfarçavam fatos muito tristes. A série dos cartões-postais começara por uma mensagem bem-humorada sobre a chegada de Joachim ao regimento e sobre a cerimônia patética em que o primo, segundo Hans Castorp expressou em seu cartão de resposta, prestara juramento de pobreza, castidade e obediência. Depois as missivas continuaram alegres: em meio a saudações e bons votos, assinalaram as diversas etapas de uma carreira sem percalços e bem-fadada, aplainada pela dedicação apaixonada à profissão e pela simpatia dos superiores. Como Joachim cursara a universidade durante alguns semestres, haviam-no dispensado dos estudos na Escola Militar e do serviço de aspirante. No dia de Ano-Novo foi promovido a sargento e mandou uma fotografia que o mostrava numa farda guarnecida de galões. Cada um de seus concisos relatos refletia o prazer que experimentava ante o espírito da hierarquia pundonorosa, com sua disciplina férrea, mas que não a impedia de levar em conta as fraquezas humanas, ainda que sob a forma de um humor rude. Contou anedotas a respeito da conduta romântica e extravagante do subtenente, soldado carrancudo e fanático, que tratava o jovem e inexperiente subordinado como se visse nele o futuro chefe, que Joachim efetivamente viria a ser, uma vez que já frequentava a mesa dos oficiais. Tudo muito engraçado e rústico. Depois falou-se da admissão ao exame para oficial. No início de abril Joachim tornou-se tenente.

Parecia não existir homem mais feliz que ele, pessoa alguma cuja natureza e cujos desejos correspondessem mais completamente a essa forma de vida. Entre deliciado e ruborizado, Joachim contou como passara pela primeira vez com seu novo uniforme em frente à prefeitura e então dera

sinal de descansar armas à sentinela que, para prestar-lhe honras, se pusera em posição de sentido. Relatava as pequenas contrariedades e as satisfações do serviço, a camaradagem simpática e benfazeja, a lealdade astuta da ordenança, os incidentes cômicos durante os exercícios e nas horas de instrução, revistas e confraternizações. Também mencionava, de vez em quando, assuntos sociais, visitas, banquetes e bailes. Nunca, porém, se referia à sua saúde.

Nunca, até próximo do verão. Foi quando comunicou que se achava acamado e tivera, infelizmente, que pedir afastamento médico: febre catarral, coisa de poucos dias. Em princípio de junho voltou ao serviço, mas já por meados do mês voltou a sentir-se “derreado”, queixou-se amargamente da sua “má sorte” e não escondeu o receio de não poder estar em seu posto quando chegassem as grandes manobras, no início de agosto, das quais tanto queria participar, de coração. Tolice, pois em julho já estava saudável; até o dia em que surgiu no horizonte a necessidade de um exame, em virtude de umas malditas oscilações da sua temperatura. Muita coisa dependeria desse exame. Decorreu bastante tempo sem que Hans Castorp tivesse notícias do resultado, e quando as recebeu não foram de Joachim, que deixara de escrever, ou porque era incapaz de fazê-lo, ou porque se envergonhava. Quem telegrafou foi a mãe, a sra. Ziemssen. Anunciou que os médicos julgavam indispensável que o filho tirasse uma licença de algumas semanas, recomendavam a montanha e aconselhavam a partida imediata; pedia a reserva de dois quartos. Telegrama de resposta pago de antemão. Assinado: Tia Luise.

Foi em fins de julho que Hans Castorp recebeu esse telegrama em seu compartimento na sacada. Percorreu-o com os olhos, releu-o uma e duas vezes, sacudindo levemente não só a cabeça, mas também o tronco. Por fim disse entre dentes:

— Tsim, tsim, tsim! Vejam tsó. Joachim está voltando! — disse e sentiu-se invadido de repentina alegria.

Mas logo tornou a aquietar-se e pensou: “Hm, hm, péssimas notícias. Um presente de grego, se poderia dizer. Que maldição, foi tão depressa: e já tem que tomar o caminho da pátria amada! A mãe o acompanha, ainda por cima… (Disse ‘a mãe’ e não ‘tia Luise’; seu senso de parentesco e relações familiares se desvanecera às raias da estranheza.) Mau sinal. E bem na véspera das manobras, que ele esperava com tanto ardor, esse bom rapaz. Hm, hm, quanta maldade em tudo isso, uma bela porção de maldade e sarcasmo, um fato anti-idealista. O corpo triunfa, quer outra coisa que a alma, impõe-se e desmente os arrogantes que sobre ele ensinam estar submisso à alma. Parece que não sabem o que falam; pois, se tivessem razão, uma luz bastante duvidosa incidiria sobre a alma, num caso como este. *Sapienti sat*,[19] sei bem o que estou dizendo. Pois o problema que *eu* estou ventilando é precisamente saber até que ponto está errado opor a alma ao corpo e até onde ambos estão em conluio e jogam uma partida cujo resultado combinaram de antemão. Essa ideia, felizmente, não ocorre àquela gente presunçosa. Longe de mim, meu bom Joachim, censurar você ou seu zelo exagerado! Você é sincero, mas que adianta a sinceridade, pergunto eu, se o corpo e a alma estão em conluio? Será possível que você não conseguiu esquecer certos perfumes refrescantes, seios opulentos e uns risinhos imotivados que seguem à sua espera na mesa da Stöhr?… Joachim está voltando!”, voltou a pensar e estremeceu de alegria. “É claro, chegará em mau estado, mas estaremos juntos outra vez e não precisarei mais viver num isolamento completo aqui em cima. Isso é bom. Não será exatamente como antes; o quarto dele está ocupado por mistress Macdonald, que lá não para de tossir a sua tosse surda, com a fotografia do filhinho sempre à mão ou na mesinha a seu lado. Mas está no estágio final, e se o quarto ainda não estiver reservado… Por enquanto deve haver

outro disponível. Que eu saiba, o 28 está desocupado. Vou logo à administração e falarei sobretudo com Behrens. Que novidade! De um lado é triste, e de outro, maravilhoso, mas uma novidade e tanto, em todo caso. Quero apenas esperar aquele camarada que bem sabe cumpierimientar, e que deve passar por aqui logo mais, pois, como vejo, já são três e meia. Vou perguntar-lhe se mesmo neste caso vai se aferrar à opinião de que é preciso considerar o corpo algo secundário...”

Ainda antes do chá da tarde dirigiu-se ao escritório da administração. O quarto em vista, situado no mesmo corredor que o seu, estava à disposição. Também para a sra. Ziemssen não faltariam aposentos. Hans Castorp apressou-se a falar com Behrens. Encontrou-o no “laboratório”, com um charuto em uma das mãos, e na outra, uma proveta com líquido de cor duvidosa.

— Sr. Conselheiro, já sabe da última? — começou Hans Castorp...

— Sim, que as encrencas nunca acabam — respondeu o tisiólogo. — Este aqui é o Rosenheim, de Utrecht — ele disse e apontou com o charuto para o vidro. — Tem Gaffky 10. E aí me vem o fabricante Schmitz, berrando e queixando-se de que o Rosenheim escarrou na calçada... com Gaffky 10. E eu é que devo ralhar com ele. Mas se ralho, o homem tem um chilique, pois é bem enfezado, e ocupa três quartos, com família e tudo. Se eu o agastar, a direção-geral cai em cima de mim. Está vendo os conflitos que surgem a todo momento? Mesmo que a gente queira seguir seu caminho tranquilo e imaculado...

— Que história estúpida — disse Hans Castorp com a compreensão de um veterano traquejado. — Conheço os dois senhores. O Schmitz é extremamente correto e diligente, e o Rosenheim, bastante relaxado. Mas pode ser que existam ainda outros motivos de atritos, de caráter não higiênico. É o que me parece provável. Schmitz e Rosenheim são ambos amigos de Doña Perez, de Barcelona, aquela que

come à mesa da Kleefeld. Acho que nisso reside a causa da desavença. No lugar do senhor, eu recordaria aos pensionistas, de uma forma geral, a proibição existente, e quanto ao resto fecharia os olhos.

— Claro que vou fechar. Já ando com blefarospasmo de tanto fechar. Mas o que o traz aqui?

E Hans Castorp comunicou a notícia triste e ao mesmo tempo maravilhosa.

Não se pode dizer que o médico se tenha mostrado surpreso. Não ficaria surpreso em caso algum, e menos ainda neste, porque Hans Castorp, respondendo a perguntas ou por iniciativa própria, sempre o mantivera a par do estado de Joachim e já em maio lhe dera a notícia de que o primo caíra de cama.

— Aha! — fez Behrens. — Pois então, não lhe disse? Que é que eu disse a ele e ao senhor, não dez, mas cem vezes? Agora é que são elas! Durante nove meses o homem teve tudo que desejava e gozou o seu paraíso. Mas não era um paraíso cem por cento desintoxicado, e nesse caso faltou a bênção; é no que esse desertor nunca quis acreditar, apesar das palavras do velho Behrens. Sempre convém acreditar no velho Behrens, do contrário a gente apanha e cria juízo quando é tarde demais. Claro, ele chegou a tenente; sim, senhor, não se discute. Mas que lhe adianta? Deus vê o coração, não vê graus e patentes, ante Ele aparecemos todos desnudos, general ou soldado raso, tanto faz... — E desatou a tagarelar, esfregou os olhos com a manzorra, entre cujos dedos segurava o charuto, e então pediu que Hans Castorp lhe desse uma folga. Um cômodo para Ziemssen seria coisa fácil de encontrar, e quando o primo chegasse, que o metesse na cama sem demora. Quanto a ele, Behrens, não guardava rancor a ninguém, mantinha os braços abertos como um pai e estava disposto a matar um bezerro pela volta do fujão.

Hans Castorp telegrafou. Contou a torto e a direito sobre a volta iminente de Joachim, e quem o conhecia ouviu a nova

com pesar e contentamento sinceros a um só tempo, pois o caráter reto e cavalheiresco de Joachim conquistara simpatia geral; e segundo o juízo e sentimento tácito de muitos ele fora, entre todos aqui de cima, o melhor. Não nos referimos a ninguém em particular, mas cremos que mais de um experimentou certa satisfação ao ficar sabendo que Joachim se via forçado a trocar o serviço militar pelo modo de vida horizontal e que, reto como era, tornaria a ser um dos nossos. A sra. Stöhr, por certo, previra tudo desde o princípio; os acontecimentos acabavam de consolidar-lhe o ceticismo ordinário que manifestara quando da partida de Joachim para a planície. Não deixou de vangloriar-se dos seus pressentimentos.

— Mal, muito mal — ela dizia. Logo vira que a coisa cheirava mal, e agora esperava apenas que Ziemssen, com a teimosia dele, não a tivesse feito feder mais ainda. (Na sua imensa vulgaridade, disse mesmo "feder".) Cada um devia manter seu posto, como ela, que tinha lá seus interesses na planície, em Cannstadt, onde viviam seu marido e dois filhos, mas mais importante era saber dominar-se…

Não chegou mais resposta alguma de Joachim ou da sra. Ziemssen. Hans Castorp permaneceu sem saber do dia e hora da chegada; por essa razão não houve recepção na estação de trem, eles simplesmente apareceram três dias após a remessa do telegrama de Hans, e foi com um risinho nervoso que o tenente Joachim aproximou-se de onde o primo cumpria seu serviço regular.

Foi pouco depois do começo do repouso noturno. Trouxera-os o mesmo trem em que chegara Hans Castorp, havia anos, anos que não tinham sido nem breves nem longos, senão desprovidos de duração, anos extremamente ricos em experiências e todavia nulos e vazios. Até a estação do ano era a mesma: um dos primeiros dias de agosto. Como já dissemos, Joachim entrou alegremente. Sim, experimentou de fato uma emoção alegre quando entrou no aposento de Hans Castorp, ou melhor, quando saiu dele, depois de ter

medido o quarto a passo rápido, para ganhar a sacada. Sorrindo, saudou o primo. Em voz abafada proferiu algumas palavras entrecortadas pela respiração acelerada. Acabava de realizar a longa viagem de regresso, atravessando diversos países e o lago que parece um mar, e subindo por estreitas sendas até grandes alturas. E agora estava ali como se jamais se tivesse afastado, e seu parente, que num sobressalto se soerguera da sua posição horizontal, recebeu-o com muitos olás e ora, oras. Joachim tinha o rosto corado, fosse devido à vida ao ar livre que levara, fosse em virtude da excitação da viagem. Diretamente, sem procurar o seu próprio quarto, precipitara-se para o número 34, a fim de cumprimentar o companheiro de dias passados que novamente se tornavam presentes agora. Enquanto isso, sua mãe achava-se ocupada em arrumar-se. Tinham a intenção de jantar dentro de dez minutos, no restaurante, é claro. Hans Castorp não deixaria de comer algo para acompanhá-los, ou pelo menos de tomar um gole de vinho. E Joachim arrastou-o ao número 28, onde tudo se passou como naquela noite da chegada de Hans, só que com os papéis trocados; Joachim, conversando febrilmente, lavava as mãos na pia lustrosa, e Hans Castorp contemplava-o, surpreendido e mesmo desapontado por ver o primo à paisana. Disse-lhe que não se via nele marca alguma de sua carreira militar. Sempre o imaginara como oficial, de uniforme, e ele agora se apresentava em um conjunto cinza, como qualquer pessoa. Joachim riu-se, achando-o muito ingênuo. Ah, não, o uniforme ficara em casa, como lhe convinha. O uniforme, era preciso que Hans Castorp soubesse, tinha caráter bem especial. Não era a qualquer parte que se ia de uniforme.

— Ah, sim. Obrigado por me dizer isso! — respondeu Hans Castorp.

Mas Joachim não parecia dar-se conta do sentido aviltante de sua explicação, e logo pediu informações acerca das pessoas e acontecimentos do “Berghof”, não somente sem qualquer presunção, mas com toda a intensa ternura que é

própria de quem volta ao lar. A seguir, a sra. Ziemssen apareceu na porta, saudou o sobrinho como certas pessoas acham conveniente em ocasiões como esta, ou seja, fingiu uma surpresa jovial por encontrá-lo aqui; mas sua expressão de alegria achava-se empanada pelo cansaço e por uma inquietação silenciosa, que evidentemente se ligava a Joachim. E assim desceram ao andar térreo.

Luise Ziemssen tinha os mesmos olhos formosos, negros e meigos de Joachim. Os cabelos igualmente pretos, mas já entremeados de muitos fios brancos, estavam seguros por uma rede quase invisível, e isso harmonizava com seu modo de ser, que era ponderado, simpaticamente comedido e controlado com brandura, o que lhe conferia uma dignidade agradável, apesar da singeleza do seu espírito. Era claro — e Hans Castorp não se admirou nem um pouquinho com esse fato — que ela não compreendia a animação de Joachim, o aceleramento da sua respiração e sua fala precipitada, fenômenos que provavelmente estavam em desacordo com a conduta que o filho tivera em casa e durante a viagem, e não correspondiam à sua situação. A mãe achou tal atitude um tanto chocante. Como essa chegada se lhe afigurasse triste, julgava conveniente adaptar sua atitude ao caráter da situação. Era incapaz de participar dos sentimentos de Joachim, essas turbulentas emoções despertadas pela volta, cuja embriaguez no momento sobrepuja quaisquer pensamentos opostos, e que talvez fossem ainda estimuladas pela renovada aspiração do ar alpino aqui de cima, esse nosso ar incomparável, leve, inconsistente e excitante. Isso tudo permaneceu intransparente para a sra. Ziemssen, nem haveria como ser diferente. “Meu pobre filho!”, ela pensou, e ao mesmo tempo via como o coitado se abandonava com o primo a uma hilaridade transbordante, como ressuscitavam mil recordações, faziam mil perguntas, e riam-se das respostas, inclinando-se para trás em suas cadeiras. Diversas vezes ela disse:

— Ora, ora, meus filhos!

E o que acabou por dizer, enfim, pretendeu manifestar alegria, mas na realidade expressou estranheza e leve censura:

— Joachim, faz tempo que não o vejo assim. Será possível que tivéssemos de vir aqui para que você voltasse a se sentir como no dia da promoção?

E com isso acabou-se a alegria de Joachim. Seu bom humor virou, ele recobrou a consciência, calou, não tocou na sobremesa, embora houvesse um saborosíssimo suflê de chocolate com nata batida (em seu lugar, Hans Castorp fez jus ao prato, embora seu farto jantar se houvesse encerrado havia só uma hora), e terminou por não mais levantar os olhos, certamente porque os tinha cheios de lágrimas.

Sem dúvida não fora essa a intenção da sra. Ziemssen. No fundo era antes por causa das conveniências que queria obter um pouco mais de seriedade e de moderação, sem saber que tudo que é meio-termo e comedimento ficava estranho nesse lugar, onde só se oferecia a escolha entre os extremos. Ao ver o filho tão abatido, ela mesma esteve a ponto de chorar e sentiu-se grata ao sobrinho pelos esforços que fazia no sentido de reanimar o primo desolado. Sim, foi o que ele disse, entre os pensionistas Joachim encontrará muitas modificações e novidades, mas alguns outros já voltaram durante a ausência dele e estão como antes. A tia-avó, por exemplo, com sua companhia, há tempos que está de volta. Como sempre, as senhoras comem à mesa da Stöhr, e Marúsia ainda gosta muito de rir.

Joachim permaneceu calado. À sra. Ziemssen, porém, essas palavras chamaram à memória um encontro e certas saudações que ela não devia esquecer de transmitir. Tratava-se de um encontro com uma senhora nada antipática, embora viajasse sozinha e tivesse sobrancelhas excessivamente regulares. Num restaurante de Munique, onde se haviam demorado um dia entre dois trajetos noturnos, essa senhora aproximara-se da mesa para cumprimentar Joachim. Era uma antiga paciente do

sanatório... E pediu a Joachim que a ajudasse a lembrar o nome.

— Sra. Chauchat — disse Joachim baixinho.

Por enquanto, ela se achava numa estação terapêutica no Allgäu e pensava passar o outono na Espanha. No inverno, provavelmente, voltaria para cá. Mandava muitas lembranças...

Hans Castorp já não era mais menino, sabia dominar os nervos vasculares que o poderiam ter feito empalidecer ou ruborizar.

— Ah, era ela? — disse. — Vejam só; saiu então do Cáucaso. E quer ir à Espanha?

Sim, a senhora falara de um lugar nos Pireneus.

— Mulher bonita; atraente, ao menos. Voz agradável, gestos agradáveis. Mas de maneiras muito livres, relaxadas — observou a sra. Ziemssen. — Abordou-nos sem mais aquela, embora Joachim, segundo ouvi, nunca lhe houvesse sido apresentado. Que costumes estranhos.

— São o Oriente e a doença — explicou Hans Castorp, acrescentando que não se devia aplicar a essas coisas o padrão da civilização humanística. Isso seria erro grave. E lhe dava que pensar que a sra. Chauchat tivesse a intenção de ir à Espanha. Hm, Espanha... Esta se encontrava na direção oposta, igualmente distante do ponto médio humanístico, não para o lado da moleza, mas do rigor. Ali não havia falta de forma, senão excesso. A morte considerada forma, por assim dizer. Não a dissolução da morte, mas sua austeridade, de preto, distinta e sangrenta, Inquisição, golilha engomada, Loyola, o Escorial... Seria interessante saber que impressão a sra. Chauchat traria da Espanha. Sem dúvida perderia ali o costume de bater as portas, e talvez resultasse da sua permanência uma certa compensação dos dois aquartelamentos anti-humanísticos em face do humano. Mas também era possível que surgisse algo maldosamente terrorista, caso o Oriente fosse à Espanha...

Não, Hans Castorp nem empalidecera nem se ruborizara, mas a impressão que lhe haviam causado as inopinadas notícias sobre a sra. Chauchat traduzia-se em palavras que não podiam esperar outra resposta a não ser um silêncio penoso. Joachim mostrou-se pouco espantado, por conhecer de outras ocasiões aquela argúcia que o primo exibia ali em cima. Nos olhos da sra. Ziemssen, porém, refletia-se a mais vasta estupefação. Ela se comportou como se Hans Castorp acabasse de pronunciar palavrões indecentes, e, depois de uma pausa cheia de embaraço, levantou-se da mesa com algumas palavras discretas, destinadas a disfarçar o incidente. Antes de se separarem, Hans Castorp comunicou as ordens do conselheiro áulico, segundo as quais Joachim deveria passar ao menos o dia seguinte na cama, até que o médico o tivesse examinado. O mais se veria. Depois, os três parentes dirigiram-se aos seus quartos, e dentro em breve estavam estendidos, gozando o frescor da noite de verão alpino, que entrava pelas portas abertas. Cada um se entregava aos seus pensamentos, os de Hans Castorp voltados sobretudo à perspectiva do retorno da sra. Chauchat, dali a seis meses.

E assim o pobre Joachim estava de volta à pátria, para um pequeno tratamento suplementar, que julgavam oportuno. Ficou claro que a expressão “pequeno tratamento suplementar” era uma senha emitida na planície, que também passara a valer aqui em cima. O próprio conselheiro Behrens adotou-a, ainda que, como início da terapia, de saída já pespegasse a Joachim quatro semanas de repouso na cama: elas seriam necessárias, na sua opinião, para consertar os estragos mais graves, ajudar o paciente a reaclimatar-se e regular-lhe a combustão interior. Quanto à duração do tratamento, o conselheiro soube esquivar-se a todas as tentativas de lhe marcar um prazo fixo. A sra. Ziemssen, sisuda, compreensiva, de um temperamento nada sanguíneo, sugeriu, longe do aquartelamento de Joachim, o outono, o mês de outubro, por exemplo, como termo final.

Behrens concordou com ela, pelo menos no sentido de declarar que então já se poderia ver mais claro que agora. Aliás, ele causou uma impressão excelente à mãe de Joachim. Mostrou-se muito galante, disse “minha prezada senhora”, fitando-a com os olhos túrgidos e estriados de sangue à maneira de um vassalo leal, e usou com tanta perfeição o linguajar excêntrico dos estudantes alemães que a sra. Ziemssen, apesar da sua mágoa, não pôde deixar de rir.

— Sei que meu filho está em boas mãos — disse ela.

E passados oito dias de sua chegada, partiu para Hamburgo, visto não haver real necessidade da sua presença, e o filho dispor de um parente para fazer-lhe companhia.

— Pois então, fique contente: já no outono — disse Hans Castorp, no nº 28, sentado ao pé da cama de seu primo. — O velho comprometeu-se, até certo ponto; você sabe a quantas anda e tem uma data com que contar. Outubro é o tempo com que contar. É a época em que certa gente vai à Espanha, e você também voltará para sua *bandera*, a fim de se distinguir…

Sua incumbência diária era consolar Joachim, principalmente por ele ter de faltar, devido ao tratamento, às grandes manobras que começavam nesses dias de agosto. Era coisa com que o primo não se conformava. Joachim chegava a desprezar a si mesmo por causa da maldita fraqueza que o fizera sucumbir no último instante.

— *Rebellio carnis* — disse Hans Castorp. — Que é que se vai fazer? O mais valente oficial nada pode contra ela, e o próprio Santo Antão teve experiências de sobra a seu respeito. Meu Deus, há manobras todos os anos, e você já sabe como corre o tempo aqui. Ele realmente não existe. Você nem sequer se ausentou o bastante para que lhe fosse difícil pegar novamente o ritmo, e num abrir e fechar de olhos o seu pequeno tratamento suplementar estará terminado.

Não obstante, o senso temporal de Joachim havia se reavivado bastante pela vida na planície, de modo que as próximas quatro semanas não deixavam de lhe inspirar medo. Mas muita gente o ajudava a passar por elas; a simpatia que todos sentiam por esse homem de caráter limpo manifestava-se em visitas vindas de perto e de longe: veio Settembrini, mostrou-se compadecido e encantador, e, como sempre o houvesse tratado por “Tenente”, passou agora a chamá-lo de “Capitano”; também Naphta apresentou-se, e aos poucos foram comparecendo todos os velhos conhecidos dentre os pensionistas da casa, aproveitando um quarto de hora da liberdade concedida pelo regulamento para sentarem-se na beira da cama dele, repetirem a expressão “pequeno tratamento suplementar” e fazerem-no contar o que lhe acontecera: as sras. Stöhr, Levi, Iltis e Kleefeld, os srs. Ferge, Wehsal e outros mais. Alguns até lhe levaram flores. Decorridas as quatro semanas, levantou-se, já que a febre baixara o suficiente para que pudesse caminhar, e na sala de refeições sentou-se entre o primo e a sra. Magnus, esposa do cervejeiro, com o sr. Magnus à sua frente, e assim ocupou na extremidade lateral o lugar que durante certo tempo havia sido do tio James e, mais tarde, da sra. Ziemssen.

Dessa forma, os jovens passaram a viver de novo lado a lado, como outrora. Para que a situação anterior ressuscitasse de modo mais completo ainda, Joachim voltou a receber seu quarto antigo, pegado ao de Hans Castorp, logo depois de mistress Macdonald exalar seu último suspiro com o retrato do filhinho na mão, e somente após uma cuidadosa desinfecção com H2CO, era evidente. No fundo, e do ponto de vista sentimental, as coisas haviam mudado, no sentido de que desta vez era Joachim quem vivia ao lado de Hans Castorp, e não vice-versa. Hans Castorp era agora o veterano, de cujo estilo de vida o outro participava passageiramente, como visitante. Pois Joachim aferrava-se com toda a sua energia ao termo final em outubro, ainda

que no seu sistema nervoso central existissem certos pontos avessos a conduzir-se em conformidade com as normas humanísticas, e os quais impediam, em sua pele, a radiação compensatória de calor.

Os dois retomaram suas visitas a Settembrini e Naphta, bem como os passeios em companhia desses homens unidos pelo antagonismo. Quando A. K. Ferge e Ferdinand Wehsal também participavam, o que não era raro acontecer, ficavam em seis, e aqueles adversários no espírito contavam então com um público numeroso, perante o qual travavam duelos intermináveis, que não poderíamos descrever de forma completa sem que nos perdêssemos num labirinto desolador, assim como todos os dias acontecia a eles próprios. Apesar do número crescente de ouvintes, Hans Castorp tendia a considerar a sua pobre alma o objetivo principal daquela contenda dialética. Soube por Naphta que Settembrini era maçom, o que lhe causou impressão não menos viva do que as revelações do italiano relativas ao fato de Naphta pertencer à ordem dos jesuítas e ser mantido por ela. Ficou surpreso ao inteirar-se de que coisas como essas ainda existissem a sério, e empenhou-se em interrogar o terrorista quanto à origem e natureza daquela instituição curiosa que em breve celebraria seu bicentenário. Se Settembrini falava pelas costas de Naphta sobre a natureza intelectual de seu vizinho e se usava para isso um tom de advertência enfática contra algo diabólico, não era esforço algum para Naphta, pelas costas do outro, zombar da esfera que o humanista representava, dando a entender que predominava nela um espírito muito retrógrado e fora de moda: esclarecimento burguês e liberalismo de antanho, nada mais que mísera fantasmagoria, alimentada, no entanto, pela ridícula ilusão de ainda conter vida revolucionária.

— Que é que o senhor iria esperar? O avô dele já era carbonaro, o que quer dizer: carvoeiro. Foi do avô que ele herdou essa fé dos carvoeiros na razão, na liberdade, no

progresso da humanidade e em todo esse baú de velharias da ideologia das virtudes classicistas-burguesas... Veja, o que perturba o mundo é a desproporção entre a rapidez do espírito e a imensa lerdice, morosidade e inércia da matéria. É preciso admitir que essa desproporção já basta para desculpar cada desinteresse do espírito em relação à realidade, pois via de regra os fermentos que produzem as revoluções da realidade já há muito lhe repugnam. Com efeito, o espírito morto causa maior repulsa ao espírito vivo que quaisquer basaltos que, pelo menos, não pretendem ser espírito e vida. Tais basaltos, restos de realidades antigas, que o espírito deixou atrás de si tão longe que se recusa ligar a elas o conceito do real, conservam-se pela inércia e, devido a sua persistência bruta, inanimada, impedem o insípido de se dar conta da sua insipidez. Expresso-me de um modo geral, mas o senhor pode tirar dessas generalidades conclusões a respeito daquele liberalismo humanitário que ainda crê encontrar-se numa posição heroica em face do mando e da autoridade. Ah, sim! E há também aquelas catástrofes com as quais ele quer comprovar ainda estar vivo, e os triunfos atrasados e espetaculares que prepara e espera realizar um dia! Só de pensar nisso, o espírito vivo seria capaz de morrer de tédio, se não soubesse que em realidade quem surgirá dessas catástrofes como vencedor, e quem as aproveitará, será ele mesmo, que funde em seu seio os elementos do vetusto com os do mais longínquo porvir, para fazer uma revolução de verdade... Como vai seu primo, Hans Castorp? O senhor sabe que sinto grande simpatia por ele.

— Obrigado, sr. Naphta. Acho que todo mundo tem por Joachim uma simpatia sincera, porque é de fato um rapaz excelente. Também o sr. Settembrini gosta muito dele, embora desaprove certo terrorismo fanático que é peculiar ao ofício de Joachim. E agora o senhor me diz que ele é irmão de loja. Eu não teria imaginado, e não nego que me dê que pensar. A pessoa dele me aparece sob uma luz

diferente, e muitas coisas tornam-se mais claras para mim. Será que ele coloca às vezes os pés em ângulo reto e aperta a mão da gente de um modo especial? Eu jamais notei algo assim...

— Creio — opinou Naphta — que o nosso simpático Irmão Tripingado já passou da idade de tais criancices. Suponho que o cerimonial das lojas tenha se adaptado, embora de modo bastante incompleto, ao espírito cívico bastante prosaico de nossos tempos. Provavelmente sentiriam vergonha do ritual de outrora como de charlatanices indignas de gente civilizada; e com razão, pois seria muito absurdo tomar o republicanismo ateu e adorná-lo com vestes de mistério. Não sei sob quais atrocidades a constância do sr. Settembrini foi posta à prova; pode ser que o hajam levado com os olhos vendados através de uma porção de galerias ou feito esperar em calabouços escuros, antes de lhe abrirem a sala do conclave, deslumbrante de luzes refletidas por espelhos. Talvez o tenham catequizado solenemente. Quem sabe se não lhe ameaçaram com espadas o peito desnudo, em frente de uma caveira e de três velas acesas! Isso o senhor deve perguntar a ele mesmo, mas receio que o encontre pouco loquaz; pois, ainda que tudo tenha decorrido com bem mais civilidade, em todo caso mandaram-no jurar silêncio.

— Jurar silêncio? Então é verdade?...

— Claro. Silêncio e obediência.

— Obediência também? Escute, professor, nesse caso me parece que ele não tem motivos, em absoluto, de se escandalizar da exaltação e terrorismo inerentes à profissão do meu primo. Silêncio e obediência! Eu nunca teria imaginado que um homem tão liberal como Settembrini pudesse sujeitar-se a condições e votos tão tipicamente espanhóis. Realmente, farejo na maçonaria um elemento militar ou jesuítico...

— Seu faro está certo — respondeu Naphta. — Sua vareta de rabdomante estremece e inclina-se. A ideia da Associação

é inseparável e tem raiz comum com a do Incondicional. Por conseguinte é terrorística, isto é: antiliberal. Desonera a consciência individual e, em nome da finalidade absoluta, santifica todos os meios, também os sangrentos, inclusive o crime. Existem indícios de que antigamente a união dos irmãos costumava ser selada com sangue também nas lojas maçônicas. Uma união jamais é contemplativa, mas essencial e invariavelmente organizadora, sob a direção de um espírito absoluto. O senhor sabia que o fundador da Sociedade dos Iluminados, que durante algum tempo esteve a ponto de fundir-se com a maçonaria, era antigo membro da Companhia de Jesus?

— Não, eu não sabia mesmo disso.

— Adam Weishaupt organizou sua ordem secreta humanitária segundo o modelo da ordem dos jesuítas. Ele mesmo era maçom, e os mais conceituados membros das lojas daquela época faziam parte dos Iluminados. Refiro-me à segunda metade do século XVIII, que Settembrini não hesitaria em qualificar de fase de decadência da sua irmandade. Na realidade, porém, foi o período do maior florescimento, como foi para todas as sociedades secretas, o tempo em que a maçonaria de fato se alçava a uma vida superior, vida que foi extinta mais tarde por homens da laia do nosso filantropo, que, se tivesse vivido naquela época, indubitavelmente teria pertencido aos que a tachavam de jesuítica e obscurantista.

— E havia motivos para isso?

— Sim... se assim quiser. O liberalismo trivial tinha suas razões para pensar dessa forma. Era o tempo em que os nossos padres procuravam encher a Associação de vida hierárquico-católica; então floresceu em Clermont, na França, uma loja de jesuítas maçons. Era, além disso, a época em que as lojas foram penetradas pelo espírito da Rosacruz, essa confraria bem singular, a cujo respeito o senhor pode gravar na memória que ela aliava objetivos de aperfeiçoar e afortunar o mundo, metas racionalistas e

político-sociais, a estranhas relações com as ciências secretas do Oriente, com sabedoria indiana e árabe, e o conhecimento mágico da natureza. Foi naquele período que se realizaram a reforma e a emenda do sistema de muitas lojas maçônicas, no sentido da Estrita Observância, sentido expressamente irracional e misterioso, mágico e alquimista, ao qual os graus elevados do rito escocês da maçonaria devem sua origem. Aí se trata de graus de Ordens de Cavaleiros, que foram acrescentados à velha hierarquia militar de aprendiz, oficial e mestre, graus de grão-mestres, que embocavam na esfera hierática e estavam compenetrados da sabedoria secreta da Rosacruz. Deparamos nesse ponto com uma volta para certas Ordens de Cavaleiros a serviço da religião, principalmente os templários, que, como o senhor sabe, prestavam diante do patriarca de Jerusalém o juramento de pobreza, castidade e obediência. Ainda hoje existe um grau elevado da maçonaria que se intitula "Príncipe de Jerusalém".

— Tudo isso é novo para mim, sr. Naphta, totalmente novo. Mas assim consigo entender os truques do nosso amigo Settembrini… "Príncipe de Jerusalém"! Nada mau. O senhor deveria chamá-lo assim, numa boa ocasião, por brincadeira. Ele o tratou, outro dia, de "Doctor Angelicus", e isso exige vingança.

— Ora, ainda há uma porção de outros títulos altissonantes para os graus elevados e graus templários da Estrita Observância. Há um Mestre Perfeito, um Cavaleiro do Oriente, um Grão-Sacerdote, e o grau 31 intitula-se até mesmo "Augusto Príncipe do Mistério Real". O senhor pode notar que todas essas denominações revelam relações com a mística oriental. A própria ressurreição dos templários significa nada mais nada menos que o reatamento de tais relações, e representa a irrupção de fermentos irracionais num mundo de ideias empenhado em melhorar a sociedade por meios razoáveis e utilitaristas. Desse modo, a maçonaria ganhou novos atrativos e um brilho inédito, que explicam o

sucesso que teve naquela época. Aliciava todos os elementos que estavam fartos do racionalismo do século, com seu esclarecimento e comedimento humano, e sentiam sede de filtros mais potentes. O êxito da ordem foi tal que os filisteus se queixavam de ela alhear os maridos da felicidade doméstica e da dignidade feminina.

— Bem, Professor, nesse caso é compreensível que o sr. Settembrini não goste de se recordar dessa fase de florescimento da sua ordem.

— Pois é. Não gosta mesmo de recordar-se de épocas em que sua Associação atraía sobre si todas aquelas antipatias que o liberalismo, o ateísmo e a razão enciclopédica devotam normalmente ao complexo Igreja, catolicismo, monge, Idade Média. Já lhe disse que os maçons foram censurados por seu obscurantismo…

— E por quê? Gostaria de ouvir com mais detalhes como isso se dá.

— Já lhe digo. A Estrita Observância equivalia a um aprofundamento e ampliação das tradições da ordem. Fazia remontar suas origens históricas ao mundo dos mistérios, às chamadas trevas da Idade Média. O grau de grão-mestre pertencia nas lojas a pessoas iniciadas na *physica mystica*, portadores do conhecimento mágico da natureza, grandes alquimistas, na maior parte…

— Agora tenho que fazer um esforço brutal para lembrar-me mais ou menos bem das finalidades da alquimia. Acho que alquimia tem a ver com fazer ouro, pedra filosofal, *Aurum potabile*…[20]

— Sim, em termos populares. Em linguagem mais erudita, porém, ela é purificação, transformação e refinamento da matéria, transubstanciação em direção a uma forma mais elevada, e potenciação, portanto: o *lapis philosophorum*,[21] produto masculino-feminino de enxofre e mercúrio, a *res bina*,[22] a *prima materia* bissexual, nada menos que o princípio de potenciação, do impulso para o alto por meio de agentes exteriores. É pedagogia mágica, se assim quiser.

Hans Castorp permaneceu calado. Levantou seus olhos brilhantes, de soslaio.

— Um dos símbolos de transmutação alquímica — prosseguiu Naphta — foi a tumba, sobretudo.

— O túmulo?

— Sim, o sítio da putrefação. A tumba é a quintessência de todo hermetismo, não é outra coisa senão o receptáculo, o alambique de cristal, cuidadosamente conservado, onde a matéria é comprimida até se conseguir sua derradeira transmutação e depuração.

— "Hermetismo" é a expressão certa, sr. Naphta. "Hermético": sempre gostei da palavra. É uma genuína palavra mágica, com associações amplas e indeterminadas. O senhor me desculpe, mas eu não posso deixar de pensar nos vidros Weck que a nossa governanta em Hamburgo — Schalleen é seu nome, sem senhora nem senhorita, apenas Schalleen —, nesses vidros que ela guarda enfileirados nas prateleiras da despensa de nossa casa, uns vidros hermeticamente fechados, com frutas, carne e tudo quanto possível. Ficam ali anos e anos, e quando se abre um deles, conforme a necessidade, o conteúdo está fresco e perfeito, o tempo não consegue prejudicá-lo, pode-se consumi-lo como está. Não se trata de alquimia e de purificação, está claro, é apenas conservação, e daí vem o nome "conserva". Mas o que há de mágico nessa história é que o conteúdo dos vidros Weck ficou lá subtraído ao tempo; ficou hermeticamente separado dele, o tempo passou-lhe ao largo, para ele não havia tempo, e ele ficou, isso sim, fora dele, lá na prateleira. Bem, basta de vidros Weck. Não é lá grande coisa o que eu disse. Perdão, sr. Naphta, creio que o senhor queria prosseguir nas suas deduções.

— Desde que o senhor o deseje. O aprendiz deve estar ávido de saber e isento de qualquer temor de falar segundo o estilo de nosso assunto. A tumba, o túmulo, sempre tem sido o principal símbolo do ritual de ingresso na Associação. O aprendiz, o calouro que pretende ser admitido à

sabedoria, precisa passar pelos calafrios da sepultura, para comprovar sua impavidez. O costume da ordem requer que, a título de experiência, ele seja levado ao sepulcro e tenha de permanecer nele, até sair guiado pela mão fraternal de um desconhecido. Aí temos a origem dos labirintos e dos calabouços escuros que o noviço tem de atravessar, do pano negro de que estava revestido o próprio conclave da Estrita Observância, o culto do ataúde, que desempenhava um papel muito importante nas cerimônias de iniciação e nas reuniões. O caminho dos mistérios e da purificação achava-se flanqueado de perigos, conduzia por entre o terror da morte, por entre o reino da decomposição; e o aprendiz, o neófito, é a juventude: a juventude desejosa dos milagres da vida, ansiosa por despertar para a faculdade demoníaca de certas vivências e guiada por homens mascarados que são apenas sombras do mistério.

— Muito obrigado, professor Naphta. Magnífico. Pois então é isso que se chama pedagogia hermética. Não me pode fazer mal algum que tais coisas tenham chegado a meus ouvidos.

— Tanto mais que se trata de uma senda que conduz à esfera extrema, ao reconhecimento absoluto do suprassensível e, com isso, à meta final. Nos decênios posteriores, a observância alquímica das lojas conduziu muitos espíritos nobres e inquiridores a essa meta. Não preciso pronunciar o nome dessa meta, uma vez que não pode ter escapado ao senhor que a sequência de graus do rito escocês é apenas um sucedâneo da hierarquia; que a sabedoria alquímica do mestre-pedreiro culmina no mistério da transmutação; e que a orientação secreta que a loja dá aos seus discípulos se encontra nos recursos da Graça, de um modo tão nítido como ocorre nos joguetes simbólicos do cerimonial maçônico, que reaparecem na simbologia litúrgica e edificante de nossa santa Igreja católica.

— Ah, então é assim!

— Por certo! E isso ainda não é tudo. Já tomei a liberdade

de observar que é apenas uma superficialidade histórica derivar a maçonaria da honrada corporação dos pedreiros. Ao menos a Estrita Observância proporcionou-lhe alicerces humanos ainda bem mais profundos. O segredo das lojas tem em comum com os mistérios da nossa Igreja evidentes relações com as solenidades ocultas e os excessos sagrados da humanidade mais remota… Quanto à Igreja, refiro-me à ceia e ao ágape, ao consumo sacramental da carne e do sangue, mas no que diz respeito à loja…

— Um momento, por favor! Um momento para um aparte! Também na vida daquela associação incondicional a que meu primo pertence existem ágapes. Ele me escreveu diversas vezes sobre essas festas. Abstração feita de alguns que se embriagam um pouco, o resto se passa de modo bem correto, mais que nos festins de grêmios estudantis…

— Sim, e no que diz respeito à loja há o culto da tumba e do ataúde, ao qual eu justamente tentava conduzir sua atenção. Em ambos os casos trata-se do simbolismo das coisas derradeiras e extremas, de elementos de uma religiosidade primitiva, orgíaca, de sacrifícios noturnos desenfreados, em honra do perecer e do devir, da morte, da metamorfose e da ressurreição… O senhor se lembra talvez de que os mistérios de Ísis, bem como os de Elêusis, costumavam ser celebrados à noite em cavernas tenebrosas. Bem, na maçonaria existiram e ainda existem muitas reminiscências egípcias, e entre as sociedades secretas houve algumas que se denominaram associações eleusinas. Lá havia solenidades da loja, eram festas dos mistérios eleusinos e dos segredos afrodisíacos, e nessas ocasiões até as mulheres finalmente entravam em cena: eram festas das rosas, e a elas aludem as três rosas azuis do avental maçom, que, segundo parece, acabavam tendendo a terminar em bacanais…

— Ora veja, professor Naphta, que é que o senhor está me dizendo… E tudo isso faz parte da maçonaria? E com essas coisas é que devo associar, em meu espírito, o nosso tão

esclarecido sr. Settembrini?

— O senhor seria muito injusto com ele nesse caso. Não, não, Settembrini nada sabe sobre esses costumes antigos. Eu já disse ao senhor que homens como ele tornaram a expurgar a loja maçônica de quaisquer elementos de vida superior. Ela se humanizou e se modernizou, santo Deus. Livrou-se de desvios dessa espécie e reencontrou o caminho do proveito, da razão e do progresso, da luta contra príncipes e padres, numa palavra: o caminho do aperfeiçoamento social; lá se voltou a falar de natureza, virtude, moderação, da pátria. E, como suponho, também dos negócios. Em suma: é a mísera mentalidade burguesa, sob a forma de um clube...

— Uma pena. Quanto às festas das rosas, uma pena mesmo. Vou perguntar a Settembrini se já não sabe mais dessas coisas.

— O honrado cavaleiro do esquadro! — escarneceu Naphta. — Não esqueça que ele teve que dar duro para ser admitido nas obras do Templo da Humanidade, pois é pobre como um rato de igreja, e naquela roda não se exige apenas alta formação (e formação humanística, por favor), mas também se faz questão de que os membros pertençam às classes abastadas, para que sejam capazes de pagar as taxas de admissão e anuidades nada modestas. Cultura e bens: eis no que consiste o burguês! E eis aí os alicerces da república mundial, e liberal!

— Isso mesmo! — confirmou Hans Castorp, rindo. — Aí os temos claros e límpidos, diante dos próprios olhos.

— Ainda assim — acrescentou Naphta, depois de um pequeno silêncio — dou-lhe o conselho de não fazer pouco-caso desse homem e da sua causa. Uma vez que estamos falando desse assunto, gostaria até de recomendar-lhe que se ponha em guarda. Coisas de mau gosto nem por isso são inocentes. A estreiteza não é necessariamente inofensiva. Aquela gente deitou muita água no seu vinho, que em outros tempos foi capitoso, mas a própria ideia da

associação permanece forte o bastante para suportar uma boa dose de diluição; conserva restos de um mistério fecundo, e é indubitável que as lojas influem sobre o jogo do mundo, o que bem se pode ver nesse simpático sr. Settembrini, que representa mais que somente sua própria pessoa: atrás dele agem forças das quais ele é parente e emissário…

— Emissário?

— Sim, um fazedor de prosélitos, um pescador de almas.

“E que tipo de emissário é você?”, pensou Hans Castorp. Mas em voz alta disse:

— Obrigado, professor Naphta. Sou-lhe muito grato pelos conselhos e advertências. Quer saber de uma coisa? Vou subir ao andar superior, se é que se pode chamar aquilo de andar, e sondar um pouquinho o maçom disfarçado. Um aprendiz deve ser ávido de saber e livre de temor… Claro que com a devida prudência. Há que ter prudência ao lidar com emissários…

Não havia por que ter pejo de solicitar mais informações a Settembrini, já que este não tinha condição alguma de censurar o sr. Naphta por falta de discrição nem jamais se esforçara por manter em segredo o fato de pertencer àquela sociedade harmoniosa. A *Rivista della Massoneria Italiana* achava-se aberta sobre a sua mesa; Hans Castorp é que até aquele momento nunca dera por ela. E quando, avisado por Naphta, encaminhou a conversa na direção da “arte real”, como se as relações de Settembrini para com a maçonaria fossem coisa indiscutível, encontrou muito pouca reserva. Verdade é que havia pontos a respeito dos quais o literato não se expressava e, ao contrário, cerrava os lábios com certa ostentação, decerto forçado por aqueles votos terroristas que Naphta mencionara: sigilos e mistérios em torno dos costumes exteriores e da própria posição naquela organização notável. Quanto ao mais, porém, armou sua roda e esboçou para o interlocutor curioso um vasto quadro da extensão da sua liga, que estava difundida pelo mundo

inteiro, com mais de vinte mil lojas e cento e cinquenta grã-lojas, e tinha representação até em países como Haiti e a república negra de Libéria. Citou também uma porção de nomes de grandes homens que haviam sido maçons, ou o eram na atualidade: Voltaire, Lafayette e Napoleão, Franklin e Washington, Mazzini e Garibaldi, e, entre os vivos, o próprio rei da Inglaterra, bem como numerosas personalidades em cujas mãos se achavam os destinos dos Estados europeus, membros de governos e de parlamentos.

Hans Castorp manifestou respeito, mas nenhuma surpresa. Em sua opinião, o mesmo se dava com corporações de estudantes. Eles se mantinham unidos a vida toda e sabiam garantir seus lugares, de maneira que dificilmente alguém conseguia abrir caminho na hierarquia administrativa sem pertencer a uma dessas corporações. Por isso, talvez não fosse muito sensato da parte do sr. Settembrini enumerar aqueles nomes célebres como irmãos de loja, se quisesse com isso lisonjeá-la; pois, mais que isso, devia-se supor que a ocupação de tantos cargos importantes por membros da Associação demonstrava tão somente o poder desta última, que decerto exercia, sobre os jogos do mundo, uma influência maior que o sr. Settembrini queria admitir.

Settembrini sorriu. Chegou a se abanar com o exemplar da *Massoneria* que tinha na mão. Será que lhe queriam armar uma cilada?, ele chegou a perguntar. Ou teriam, porventura, a intenção de induzi-lo a dizer coisas imprudentes acerca da natureza política e do espírito essencialmente político das lojas?

— Quanta astúcia desnecessária, Engenheiro! Professamos a política abertamente, sem rodeios. Desprezamos o cunho odioso que certos idiotas, sobretudo na sua terra, Engenheiro, e quase em nenhum outro país, gostam de imprimir a essa palavra e a essa atividade. Um filantropo simplesmente não pode reconhecer a diferença entre política e não política. Não existe a não política. Tudo é política.

— Sem exceção?
— Sei bem que para algumas pessoas o mais conveniente é destacar na ideia da maçonaria sua natureza originalmente apolítica. Mas essas pessoas jogam com as palavras e traçam fronteiras que há muito devem ser consideradas fictícias e absurdas. Em primeiro lugar, ao menos as lojas espanholas tiveram, desde o início, um caráter político…
— Posso imaginar.
— O senhor pode imaginar só um pouco, Engenheiro. Não se suponha capaz de pensar muita coisa sozinho, mas procure ser receptivo e assimilar (rogo-lhe que o faça em seu próprio interesse, e no interesse do seu país e da Europa) o que estou a ponto, em segundo lugar, de difundir em seu espírito. Ora, a ideia maçônica jamais foi apolítica, em época alguma; não podia sê-lo, e, se acaso acreditasse sê-lo, andaria equivocada com respeito à sua natureza. Que é que somos? Pedreiros e ajudantes que trabalham em uma construção. Todos perseguem um e mesmo objetivo; o bem da totalidade é a lei básica da fraternização. Qual é esse bem, essa construção? O edifício social artisticamente construído, a perfeição da humanidade, a Nova Jerusalém. Como conceber, diante disso, que se faça distinção entre política e não política? A questão social, a questão da própria coexistência, é política, cem por cento política, política e nada mais! Quem se consagra a elas (e não mereceria ser chamado humano quem deixasse de fazê-lo) pertence à política, à externa e à interna, e compreende que a arte do maçom é a arte de reinar.
— Reinar…
— E que a maçonaria dos Iluminados conhecia o grau de Regente…
— Muito bem, sr. Settembrini. A arte de reinar, o grau de Regente, isso me agrada. Mas agora me diga uma coisa: os senhores são cristãos, lá na sua loja?
— Perchè?

— Perdão, quero formular a pergunta de outra maneira, mais geral e mais simples. O senhor acredita em Deus?

— Vou lhe responder. Mas por que pergunta?

— Eu antes não quis tentá-lo, mas há uma história na Bíblia, em que alguém tenta o Senhor com uma moeda romana e recebe a resposta de que se deve dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. A mim me parece que essa maneira de distinguir nos leva à diferença entre política e não política. Se Deus existe, existe também essa diferença. Os maçons acreditam em Deus?

— Eu me comprometi a responder-lhe. O senhor fala de uma unidade que se procura criar, mas que por enquanto ainda não se tornou realidade, para o maior pesar dos bem-intencionados. A liga universal dos maçons não existe. Se ela se realizar um dia, e repito que se trabalha silenciosa e assiduamente nessa grande obra, terá indubitavelmente uma confissão religiosa uniforme, nos seguintes termos: "Écrasez l'infâme!".[23]

— De modo obrigatório? Isso não seria lá muito tolerante.

— Acho que o senhor ainda não está à altura de discutir o problema da tolerância, Engenheiro. Mas grave na sua memória, ao menos, que a tolerância se torna crime quando se devota ao mal.

— E Deus seria o mal?

— A metafísica é o mal. Não serve para nada a não ser para adormecer a energia que deveríamos consagrar à construção do Templo da Sociedade. Por isso é que o Grande Oriente da França abriu caminho, já faz vinte e cinco anos, riscando o nome de Deus de todos os seus documentos. Nós, os italianos, seguimos esse exemplo…

— Como isso é católico!

— E com isso o senhor está querendo dizer…

— Que eu acho sumamente católica a ideia de riscar Deus.

— Aonde é que o senhor quer chegar?

— A nada especialmente interessante, sr. Settembrini. Não preste demasiada atenção às minhas palavras! Só que por

um momento tive a impressão de que o ateísmo era coisa colossalmente católica, e de que o católico talvez riscasse Deus apenas para ser um católico ainda melhor.

A isso, o sr. Settembrini intercalou uma pausa; mas era evidente que só o fazia devido a ponderações pedagógicas. Após um silêncio comedido, respondeu:

— Engenheiro, longe de mim a intenção de fazê-lo vacilar no seu protestantismo ou de melindrar-lhe os sentimentos de protestante. Estávamos falando de tolerância... É supérfluo salientar que eu sinto pelo protestantismo mais do que mera indulgência; encaro-o com profunda admiração, como o oponente histórico do estrangulamento da consciência. A invenção da imprensa e a Reforma são e permanecerão os dois méritos supremos que a Europa Central teve na causa da humanidade. Isso não se discute. Mas, depois das palavras que o senhor acaba de proferir, não duvido de que me compreenderá, quando lhe indicar que este é apenas um dos aspectos do assunto, e que existe ainda um outro aspecto. O protestantismo encerra em si elementos que... A própria pessoa do seu reformador encerrava em si certos elementos... Eu me refiro aos elementos do quietismo e do ensimesmamento hipnótico, que não são europeus, que são estranhos e hostis à lei vital deste continente altivo. Olhe-o bem, esse Lutero! Contemple os retratos dele, os da sua juventude e os posteriores! Que tipo de crânio é esse? Que significam essas maçãs? Que significa a singularidade dos olhos? É a Ásia, meu amigo! E eu ficaria admirado, admiradíssimo, se não houvesse nele algo de vênedo-eslavo-sármata, e se o surgimento impactante desse homem (quem negaria sua força?) não houvesse significado tremenda sobrecarga sobre um dos pratos da balança, tão perigosamente equilibrados em seu país, um bem ao lado do outro: um peso formidável sobre o prato oriental, que teria lançado o outro, o prato ocidental, ao céu, onde ele paira até hoje...

Settembrini se afastara da papeleira humanista, junto à

janelinha, e aproximara-se da mesa redonda com a garrafa d’água, acercando-se de seu discípulo, que estava sentado no divã, sem se recostar, com o cotovelo no joelho e o queixo na mão.

— Caro! — disse o sr. Settembrini. — Caro amico! Será necessário tomar decisões, decisões de importância inestimável para a felicidade e o futuro da Europa, e elas caberão ao seu país. Situado entre o Oeste e o Leste, terá de escolher, terá de declarar-se definitiva e conscientemente por uma ou outra das duas esferas que lhe disputam a natureza. O senhor é jovem. O senhor participará dessa decisão, sua vocação é influir sobre ela. Bendigamos, pois, o destino. Se ele o arrastou até estas paragens medonhas, ao mesmo tempo deu-me a oportunidade de exercer certa influência sobre sua juventude maleável, por meio de minhas palavras, não totalmente isentas de experiência e vigor: a oportunidade de fazer sua juventude sentir a responsabilidade que pesa sobre ela, ou melhor, que sua pátria traz sobre os ombros, ante toda a civilização…

Hans Castorp continuou sentado, com o queixo apoiado na mão cerrada. Olhava para fora, através da janelinha do sótão, e nos singelos olhos azuis podia-se perceber uma certa recalcitrância. Permaneceu calado.

— O senhor não responde? — perguntou o sr. Settembrini, comovido. — O senhor e o seu país guardam um silêncio cheio de reserva, um silêncio cuja falta de transparência não permite avaliar-lhe a profundidade. Não gostam da palavra, ou não sabem servir-se dela, ou ainda a tratam, de modo pouco amistoso, como coisa sagrada; em todo caso, o mundo articulado ignora e não está sendo informado sobre como lidar com vocês. Isso é perigoso, meu amigo. A língua é a própria civilidade… Toda palavra, mesmo a mais antagônica, é muito vinculativa… Mas o mutismo, este isola. Chega-se a suspeitar que vocês procurarão romper o isolamento por meio de atos. Vocês farão o primo Giacomo — (Settembrini, por comodidade, tinha o costume de

chamar Joachim de “Giacomo”) —, farão o primo Giacomo ir à frente do silêncio de vocês mesmos: “e com poderosos golpes mata dois; os outros fogem”…

Como Hans Castorp se pusesse a rir, também o sr. Settembrini esboçou um sorriso, satisfeito, pelo menos momentaneamente, com o efeito de suas palavras plásticas.

— Muito bem, riamo-nos! — disse. — O senhor sempre me encontrará disposto para a alegria. “O riso é o reflexo resplandecente da alma”, diz um escritor antigo. Além disso, perdemos o fio da conversa e nos desviamos para assuntos que, não o nego, estão em conexão com as dificuldades que se impõem aos nossos trabalhos preparatórios em prol da fundação da liga universal maçônica, dificuldades que têm sua origem sobretudo na Europa protestante… — E o sr. Settembrini prosseguiu falando com ardor acerca da ideia dessa liga, que nascera na Hungria, e cuja esperada realização estava destinada a outorgar à maçonaria um poder decisivo nas questões mundiais. A essa altura apontou para cartas relativas ao assunto, que recebera de próceres estrangeiros da Associação; mostrou um bilhete do próprio punho do grão-mestre da Suíça, o irmão Quartier la Tente, do grau 33, e comentou o projeto de fazer do esperanto o idioma oficial da organização. Seus anseios alçaram-no até a esfera da alta política, ele voltou seus olhos, então, para mais além e avaliou as probabilidades de triunfo que a ideia republicano-revolucionária tinha em seu próprio país, na Espanha e em Portugal. Também com os dirigentes da grã-loja desta última monarquia, segundo ele, mantinha contato por cartas. Lá as coisas igualmente se encaminhavam para uma decisão, não havia dúvida. Que Hans Castorp se lembrasse das suas palavras quando, dentro em breve, os acontecimentos começassem a precipitar-se lá em baixo. O jovem prometeu fazê-lo.

Convém observar que essas palestras maçônicas, mantidas entre o discípulo e cada um dos mentores em separado, se haviam efetuado numa época anterior à da volta de Joachim.

A discussão que relataremos agora teve lugar depois dessa data, já na presença dele, umas nove semanas após o regresso, em princípios de outubro, e, se Hans Castorp conservou na memória a referida reunião sob o sol outonal, em frente do Cassino de Platz, com bebidas refrescantes na mesa, foi porque naquele dia se preocupou com Joachim, em segredo: preocupou-se por causa de indícios e fenômenos que ademais não costumam causar preocupação, a saber, dores de garganta e rouquidão, ou seja, moléstias inofensivas, mas que se apresentaram ao jovem Castorp sob uma luz peculiar, precisamente aquela que ele pensava descobrir no fundo dos olhos do primo, esses olhos que sempre haviam sido grandes e meigos, mas precisamente nesse dia, e não antes, lhe apareceram maiores e mais profundos; era como se os olhos tivessem assumido expressão meditativa e — deve-se acrescentar a estranha palavra — *ameaçadora*, além daquela iluminação já mencionada, que lhes vinha de dentro e que seria absolutamente errado caracterizar como algo que desagradasse Hans Castorp — pois, ao contrário, ela até o agradava bastante, sem deixar, no entanto, de lhe causar preocupação. Numa palavra, não se pode falar dessas impressões de outro modo senão com certa confusão, forma adequada a seu próprio caráter.

A conversa, a controvérsia — uma controvérsia entre Naphta e Settembrini, é claro — giravam em torno de um assunto diferente e tinham um nexo apenas frouxo com a maçonaria. Além dos primos, Ferge e Wehsal também se achavam presentes, e o interesse de todos era grande, embora alguns não estivessem à altura da discussão — o sr. Ferge, por exemplo, de modo expresso. Contudo, uma luta travada como se a própria vida estivesse em jogo, mas cujo espírito e esmero faziam supor que não se tratava da vida, senão de um torneio elegante — como acontecia em todas as contendas entre Naphta e Settembrini —, tal luta é obviamente e *per se* interessante, mesmo para quem pouco

entende do assunto e apenas vagamente lhe enxerga o alcance. Até pessoas estranhas, nas mesas vizinhas, escutaram admiradas a troca de palavras, atraídas pela paixão e pela graça do diálogo.

Como já dissemos, isso se deu defronte ao Cassino, depois do chá da tarde. Ali os quatro pensionistas do Berghof haviam se encontrado com Settembrini e, por casualidade, Naphta se reunira a eles. Estavam todos agrupados em volta de uma mesinha de metal, na qual se achavam diversas bebidas diluídas com água gaseificada, bem como cálices com anis e vermute. Naphta, que costumava tomar a merenda nesse local, pedira vinho e doces, que evidentemente constituíam uma reminiscência do seu noviciado. Joachim umedecia, com muita frequência, a garganta enferma com limonada, que tomava muito concentrada e bem azeda, porque assim ela lhe contraía os tecidos e lhe dava algum alívio. Settembrini bebia simples água açucarada, mas servia-se de um canudo com tanto prazer como se saboreasse o mais fino de todos os refrescos.

— Que é que foi, Engenheiro? — disse ele, caçoando. — Que rumor acaba de me chegar aos ouvidos? Sua Beatrice voltará? Sua guia através das nove esferas giratórias do Paraíso? Bem, espero que, apesar disso, o senhor não rejeite por completo a mão amiga e orientadora de seu Virgílio. Aqui o nosso eclesiástico lhe pode confirmar que o mundo do *medioevo*[24] não é completo enquanto falta à mística franciscana o polo oposto do conhecimento tomista.

Todos riram de tanta erudição bem-humorada. Olharam Hans Castorp, que também se riu e levantou o cálice de vermute à saúde do “seu Virgílio”. Parece incrível que um interminável conflito de ideias enchesse a hora seguinte em resultado dessas palavras inofensivas, se bem que rebuscadas, de Settembrini. Naphta, que em certo sentido se julgava provocado, passou imediatamente ao ataque e investiu contra o poeta latino, notoriamente idolatrado pelo humanista, que o colocava acima de Homero. Naphta, por

sua vez, já demonstrara em diversas ocasiões o maior desdém por ele como por todos os demais poetas latinos, e com presteza e malícia aproveitou-se também dessa oportunidade para fazê-lo. Observou que da parte do grande Dante era uma atitude parcial, muito bondosa e arraigada na época, essa de cercar de tanta solenidade um versejador medíocre e de outorgar-lhe no seu poema um papel tão importante, ainda que o sr. Lodovico atribuísse a esse papel caráter demasiado maçônico. Que valor tinha, afinal, esse cortesão laureado, bajulador da casa juliana, com sua retórica pomposa, mas desprovida da menor centelha de espírito criador, esse literato de cidade grande, cuja alma, se é que possuía uma, era indiscutivelmente de segunda mão e que de maneira alguma era poeta, mas apenas um francês de peruca empoada em plena era de Augusto?

O sr. Settembrini não duvidava de que seu interlocutor soubesse encontrar meios e caminhos para conciliar o menosprezo que sentia pela fase da mais alta civilização romana com as suas funções de professor de latim, mas pareceu-lhe necessário indicar a Naphta uma outra contradição mais grave em que ele incorria com essas suas opiniões, pois se punha com elas em total desacordo com os séculos de sua própria predileção, os quais de forma alguma haviam desprezado Virgílio, mas sim feito jus à sua grandeza, ainda que de modo algo ingênuo, convertendo-o num mago de poderosa sabedoria.

Era em vão, retrucou Naphta, que o sr. Settembrini chamava em seu auxílio a ingenuidade daquela época matutina, triunfante, que conservara sua força inventiva até no endemoniamento do que vencia. Por outra parte, os doutores da jovem Igreja não se haveriam cansado de advertir seus alunos contra as mentiras dos filósofos e poetas antigos, e especialmente contra o perigo de serem maculados pela exuberante eloquência de Virgílio. E nos dias de hoje, quando novamente uma era se aproximava do túmulo, e mais uma vez raiava a aurora proletária, cumpria

ter compreensão dessa sua atitude! E, para liquidar a questão, acrescentou que o sr. Lodovico podia ficar persuadido de que ele, Naphta, exercia com toda a necessária *reservatio mentalis*[25] aquela profissãozinha burguesa a que o outro tivera a bondade de aludir. Não era sem ironia que se enquadrava num sistema de ensino clássico-retórico, ao qual nem os maiores otimistas podiam prometer mais que alguns decênios de duração.

— Vocês, o senhor e seus amigos — exclamou Settembrini —, os têm estudado, com o suor do seu rosto, a esses poetas e filósofos antigos. Vocês procuraram apoderar-se da sua preciosa herança, assim como exploraram o material dos edifícios antigos para a construção das suas igrejas. Ora, vocês sentiram claramente que não seriam capazes de produzir uma nova forma de arte apenas com as próprias forças da sua alma proletária. Vocês esperaram derrotar a Antiguidade com as armas dela. Isso se repetirá, muitas e muitas vezes! O espírito matutino de vocês, em toda a sua bronquice, terá de frequentar a escola daqueles que vocês querem desprezar e fazer os outros desprezarem. Pois, sem cultura, vocês não poderiam existir ante os olhos da humanidade, e não há senão uma única cultura, aquela que vocês qualificam de burguesa, e que em realidade é humana! — O fim da educação humanística uma questão de decênios? Somente a polidez impedia o sr. Settembrini de dar uma gargalhada tão despreocupada quanto zombeteira. Uma Europa que soubesse guardar seus bens eternos passaria, com toda calma, à ordem do dia da razão clássica, sem se importar com os apocalipses proletários almejados por certas pessoas.

Mas era precisamente a ordem do dia, Naphta replicou mordaz, que o sr. Settembrini parecia ignorar. Estava na ordem do dia, como questão, o que o seu interlocutor via por bem tratar como fato consumado: a tradição mediterrâneo-clássico-humanista era uma causa da humanidade e por conseguinte humana e eterna, ou não passava de uma

forma espiritual e de um acessório de determinada época, a época burguesa e liberalista, e portanto fadada a morrer junto com ela? À história caberia decidir essa questão, e o sr. Settembrini faria muito bem caso não se fiasse com demasiada certeza em uma sentença favorável a seu conservadorismo latino.

Chamar o sr. Settembrini, esse servidor declarado do progresso, de conservador foi uma grande insolência do pequeno Naphta. Todos perceberam isso, sobretudo a vítima da insolência: com particular amargura, ele cofiou nervosamente o bigode sinuoso, à espera de poder desferir o golpe de vingança, e assim deu tempo ao adversário para que fizesse novas investidas contra o ideal de formação clássica, contra o espírito retórico-literário da escola e da educação europeias, e contra seu spleen gramático-formal, que nada mais era senão um acessório da dominação de classe da burguesia, mas que, havia muito, já soava ridículo aos ouvidos do povo. Sim, poucos se davam conta de quanto o povo se divertia com aqueles títulos de doutor, com todo o mandarinato da erudição e com a escola pública, esse instrumento da ditadura da classe burguesa, que o manejava na ilusão insana de que a cultura popular era uma forma diluída da cultura erudita. O povo sabia muito bem onde encontrar a erudição e a educação de que precisava na luta contra a burguesia caduca, e não a procurava nessas casas de correção do ensino formal. Já não era segredo para pessoa alguma que o próprio tipo de nossas escolas, derivado das escolas monásticas da Idade Média, representava um anacronismo, uma grotesca velharia, e que ninguém mais no mundo devia à escola sua verdadeira formação; e que um ensino livre, acessível a todos por meio de conferências públicas, exposições, cinemas etc., era muitíssimo superior a qualquer ensino escolar.

O sr. Settembrini respondeu que nessa mistura de revolução e de obscurantismo que Naphta acabava de oferecer a seus ouvintes a parte obscurantista predominava

de forma pouco apetitosa. A satisfação que se sentia, ao vê-lo tão preocupado com a iluminação do povo, sofria forte abalo pelo receio de que, na realidade, agisse nele a instintiva tendência de envolver o povo e o mundo nas trevas do analfabetismo.

Naphta sorriu. O analfabetismo! Com isso seu interlocutor pensava, sem dúvida, ter pronunciado uma verdadeira palavra de horror, persuadido de que todo o mundo, ciente de seu dever, empalideceria em face dessa cabeça de Górgona. Ele, Naphta, lamentava ter de desapontar seu oponente ao dizer-lhe que o pavor dos humanistas ante o conceito de analfabetismo fazia-o rir, e nada mais. Era preciso ser um literato renascentista, um precioso, um homem do *Secento*, um marinista, um palhaço do *estilo culto*, para atribuir às artes de ler e de escrever toda essa exagerada primazia pedagógica, a ponto de se imaginar que reinariam as trevas do espírito onde faltasse o conhecimento de ambas. O sr. Settembrini se recordava de que o maior poeta da Idade Média, Wolfram von Eschenbach, tinha sido analfabeto? Naquela época julgava-se vergonhoso na Alemanha enviar à escola um menino que não quisesse ser padre, e esse menosprezo aristocrático e popular pelas artes literárias fora em todos os tempos um sinal de nobreza fundamental da alma, ao passo que era na verdade o literato, esse filho genuíno do humanismo e da burguesia, quem sabia ler e escrever, o que o fidalgo, o guerreiro e o povo ignoravam, ou sabiam apenas mal... O que ele sabia e entendia de tudo que havia do mundo, afinal, era mesmo coisa nenhuma, e não passava, isso sim, de um latinista doidivanas que dominava a língua e deixava a vida a cargo de pessoas honradas... E por isso fazia da política algo vão, isto é, algo cheio de vã retórica e belas-letras, o que no linguajar dos partidos se denomina radicalismo e democracia — etcétera, etcétera.

Ao ouvir isso, o sr. Settembrini não se conteve mais. Exclamou que era excessiva a temeridade com que o outro

exibia o seu gosto pela piedosa barbárie de certas épocas, escarnecendo do amor à forma literária, sem a qual de fato se tornaria impossível e inimaginável a humanidade, sim, impossível e inimaginável! Nobreza? Somente quem odiasse o gênero humano seria capaz de dar esse nome à ausência da palavra, ao materialismo brutal e mudo. Deveras nobre era apenas um certo luxo distinto, a generosità que se manifestava na atitude de conceder à forma um valor humano próprio, independente do conteúdo, o culto da oratória como arte pela arte, essa herança da civilização greco-romana, que os humanistas, os *uomini letterati*, haviam devolvido pelo menos aos países neolatinos, e que era a fonte de todo o idealismo ulterior e voltado ao conteúdo, também do idealismo político.

— Sim, senhor! Isso que o senhor deseja envilecer, ao qualificar como divórcio entre discurso e vida, não é outra coisa senão uma unidade superior no diadema da beleza, e eu prevejo sem temor qual será, entre as duas frentes que se denominam literatura e barbárie, aquela pela qual a juventude valorosa escolherá propugnar.

Hans Castorp acompanhara a conversa sem tanta atenção, visto se preocupar com a pessoa do guerreiro e representante de uma essencialidade distintíssima, que se achava perto dele. No fundo, o que mais lhe dava que pensar era a expressão nova que se via nos olhos do primo. Por isso sobressaltou-se um pouco ao sentir-se chamado e interpelado pelas últimas palavras do sr. Settembrini. A seguir fez uma cara igual àquela que fizera na ocasião em que o italiano o quisera obrigar solenemente a escolher entre o “Oriente” e o “Ocidente”, quer dizer, uma cara cheia de reserva e de recalcitrância. Permaneceu calado. Esses dois levavam tudo ao extremo, como talvez fosse necessário, quando se queria discutir. Disputavam encarniçadamente em torno de alternativas irreconciliáveis, ao passo que a ele próprio parecia patente que em alguma parte entre essas posições incompatíveis, entre o humanismo retórico e a

barbárie analfabeta, devia encontrar-se aquilo que ele, pela sua pessoa, podia reputar de humano. Não se manifestou, porém, para não exasperar os dois antagonistas. Envolto em reticências, observou como continuavam borboleteando de assunto em assunto, como um estendia a mão ao outro, na intenção hostil de guiá-lo por sempre novos desvios, desde o momento em que Settembrini desencadeara a controvérsia com sua gracinha sobre o latino Virgílio.

O humanista ainda não largara a palavra, brandia-a, fazia com que ela triunfasse. Arvorou-se em guardião do gênio literário; glorificou a história das letras a partir do instante em que, pela primeira vez, um ser humano gravara na pedra sinais simbólicos, a fim de conferir a durabilidade de um monumento ao seu saber e sentir. Falou de Tot, deus egípcio, com o qual o grande Hermes do helenismo se identificava, e que tinha sido venerado como o inventor da escrita, como padroeiro das bibliotecas e animador de todos os esforços intelectuais. Ajoelhou-se, metaforicamente, diante desse Trismegisto, o Hermes humanista, ao qual a humanidade devia os presentes sublimes da palavra literária e da retórica agonística. Com isso levou Hans Castorp a ponderar que esse egípcio nato fora evidentemente um estadista e desempenhara, em maior escala, o papel do sr. Brunetto Latini, o primeiro que esmerilou a cultura dos florentinos e ensinou-lhes a oratória, bem como a arte de dirigir a sua república conforme as regras da política. Ao que Naphta redarguiu que o sr. Settembrini desfigurava levemente as coisas e que Tot-Trismegisto saíra muito “favorecido” no seu retrato. Em realidade, tratava-se de uma divindade símia, da lua e das almas, um babuíno coroado de um crescente, que sob o nome de Hermes fora antes de tudo um deus da morte e dos mortos: dominador e guia das almas, transformado em arquifeiticeiro na fase derradeira da Antiguidade e em pai da alquimia hermética na Idade Média cabalística.

Como é que era? Na oficina de pensamentos e representações de Hans reinavam um vaivém e um sobe e

desce. Lá estava a morte no seu manto azul, como um rétor humanista; e quando se olhava mais de perto esse deus pedagógico da literatura, esse filantropo, via-se acocorada em seu lugar a imagem grotesca de um mono que levava sobre a fronte o signo da noite e da magia... Procurou afastar a visão com a mão. A seguir cobriu os olhos. Mas pelas trevas onde ele se refugiara de tamanha confusão ressoava a voz de Settembrini, que prosseguia encomiando a literatura. Não somente a grandeza contemplativa, senão também a grandeza ativa, bradava o italiano, teria estado ligada a ela, por todos os tempos; e mencionou Alexandre, César, Napoleão, mencionou Frederico da Prússia e outros heróis, até mesmo Lassalle e Moltke. Não se intimidou quando Naphta lhe opôs a China, onde reinava a mais ridícula idolatria do abecedário que se conhecia, e onde uma pessoa chegava a ser generalíssimo quando sabia traçar com tinta nanquim todos os quarenta mil ideogramas, o que devia agradar muito ao coração de um humanista. Ora, ora, Naphta haveria de saber perfeitamente que aqui não se tratava de caligrafia, mas da literatura como impulso de humanidade, do espírito dela, oh, pobre zombeirão!, desse espírito que era o espírito em si, o milagre da união entre análise e forma. Era ele, o espírito, que despertava a compreensão ante tudo quanto fosse humano, que se empenhava em debilitar e aniquilar os preconceitos tolos e as convicções estúpidas, e que purificava, enobrecia e melhorava o gênero humano. Ao criar o mais intenso refinamento moral e a mais sutil sensibilidade, conduzia os homens, longe de fanatizá-los, ao ceticismo, à justiça, à tolerância. O efeito purificante e santificador da literatura, a destruição das paixões pelo conhecimento e pela palavra, a literatura como caminho para a compreensão, a indulgência e o amor, o espírito literário como o fenômeno mais nobre do espírito humano em geral, o poder salvador da língua, o literato como homem perfeito, como santo: — era nessa tonalidade exaltada que fluía o panegírico apologético do sr.

Settembrini. Ah, mas tampouco seu adversário se deixava amedrontar; e ele bem soube interromper o aleluia angélico com argumentos maliciosos e brilhantes, optando pelo partido da conservação e da vida, contra o espírito dissolvente que se escondia atrás dessa falácia seráfica. Aquela fusão milagrosa que o sr. Settembrini decantara em voz trêmula não passava, segundo se ouvia agora, de um embuste e de uma trapaça. Pois a forma que o espírito literário se vangloriava de saber conciliar com o princípio do exame e da divisão era apenas uma forma de aparência e de mentira, e não uma forma de vida, genuína, madura, natural. O pretenso aperfeiçoador do homem apregoava a pureza e a santificação, mas em realidade visava à castração e à sarjadura da vida; o espírito, o zelo da teoria profanavam a vida, e quem se esforçava por destruir as paixões desejava o nada — o puro nada, sendo "puro" o único adjetivo adequado para qualificar o nada. E nesse ponto, precisamente nesse ponto, o literato Settembrini patenteava o que era; revelava-se partidário do progresso, do liberalismo e da revolução burguesa. Pois o progresso era mero niilismo, e o burguês liberal era, bem propriamente, o homem do nada e do diabo; isso mesmo, ele chegava a negar Deus, negava o que havia de conservadora e positivamente absoluto, e o fazia ao professar o antiabsoluto demoníaco e arvorar-se em modelo de piedade, por causa de seu pacifismo letal. No entanto, o que menos havia nele era piedade, e pelo contrário, atentava como um criminoso contra a vida, a cuja Inquisição e Tribunal da Santa Vehme ele merecia ser entregue — etcétera.

Naphta sabia argumentar com boas alfinetadas, torcer o panegírico em algo diabólico, e apresentar-se a si próprio como encarnação do amor austero e conservador, de maneira que mais uma vez se tornava completamente impossível distinguir onde se achava Deus e onde o diabo, onde a morte e onde a vida. Ninguém duvidará ao afirmarmos que seu antagonista se mostrou à altura e não

ficou devendo resposta, que foi notável e provocou uma réplica não menos boa, depois da qual a discussão prosseguiu por algum tempo, antes de a conversa embocar naquela confusão já mencionada. Hans Castorp, entretanto, já deixara de prestar atenção, porque Joachim, nesse ínterim, lhe comunicara que tinha certeza de se ter resfriado e de estar com febre, e que não sabia o que fazer, uma vez que resfriados aqui não equivaliam a “reçu”. Os duelistas não deram a mínima para isso, mas Hans Castorp, que, como já dissemos, velava diligentemente pelo primo, retirou-se em sua companhia, no meio de uma tréplica, sem se importar com a questão de saber se o público restante, composto de Ferge e Wehsal, seria ou não capaz de produzir o estímulo pedagógico necessário para a continuação da contenda.

Durante o caminho combinou com Joachim que em matéria de resfriado e dores de garganta trilhariam a via hierárquica; quer dizer, encarregariam o massagista de avisar a superiora, depois do que supostamente seriam tomadas medidas em favor do enfermo. E fizeram bem. Na mesma noite, logo depois do jantar, Adriática bateu à porta de Joachim, quando Hans Castorp casualmente se encontrava lá, e informou-se, em voz esganiçada, sobre os desejos e as moléstias do jovem oficial.

— Dores de garganta? Rouquidão? — repetiu a enfermeira. — Que lhe deu na veneta, rapaz? — E fez uma tentativa de fitar o doente com olhar penetrante, embora não fosse culpa de Joachim que os olhares, afinal, não se encontrassem: era o da superiora que sempre se esquivava. Coisa estranha ela insistir nessa manobra, apesar de a experiência lhe demonstrar que era incapaz de realizá-la! Com auxílio de uma espécie de calçadeira de metal, que tirou da bolsa presa à cintura, examinou a goela do paciente, enquanto Hans Castorp a alumiava com a lâmpada de cabeceira. Mantendo-se nas pontas dos pés, a superiora espiava a úvula de Joachim.

— Agora me diga, meu rapaz: já se engasgou alguma vez?

Que responder? Naquele momento, durante o exame, não havia possibilidade alguma de explicar-se; mas também depois de ela soltá-lo não foi fácil encontrar a resposta. Claro que já lhe acontecera engasgar-se uma ou outra vez, enquanto comia ou bebia; mas isso ocorria a toda gente e certamente não era o que ela queria saber. Ele disse: “Como assim?”. E acrescentou que não se lembrava quando fora a última vez.

“Está bem”, foi o que ela disse; e que havia sido apenas uma ideia que lhe veio. Então ele se resfriara, foi o que ela disse, para surpresa dos primos, visto que normalmente não se tolerava a palavra “resfriado” no sanatório. Para um exame mais minucioso, se preciso fosse, seria indispensável o laringoscópio do conselheiro. Ao sair, a superiora deixou comprimidos de formaminto, bem como uma atadura e um pedaço de guta-percha, para que Joachim pudesse fazer compressas durante a noite. Joachim serviu-se das duas coisas e teve a nítida impressão de que lhe traziam alívio. Por isso continuou com o tratamento, já que a rouquidão não fazia menção de ceder; pelo contrário, até se intensificou nos dias seguintes, embora as dores de garganta às vezes desaparecessem quase por completo.

O tal resfriado febril não passava, aliás, de pura imaginação. O resultado objetivo do exame era o de sempre, justamente aquele que, em combinação com os diagnósticos anteriores do conselheiro, requeria do ambicioso Joachim um “pequeno tratamento suplementar”, antes que ele pudesse voltar às fileiras do Exército. O prazo de outubro, que acabava de expirar, era tratado com a maior discrição possível. Ninguém o mencionou, nem o conselheiro, nem os primos entre si. Silenciosos, com os olhos baixos, passaram uma esponja nessa data. Depois do que Behrens ditara ao assistente-psicanalista, por ocasião da última consulta mental, e do que a chapa radiográfica mostrava, era mais do que evidente que uma partida “em falso” seria arriscadíssima. E dessa vez tratava-se de perseverar ali em

cima, com disciplina de aço, no trabalho da cura, até que se obtivesse a definitiva imunidade, necessária para suportar as exigências do outro trabalho, lá na planície, e para cumprir o juramento.

Tal a divisa a que se chegara por um acordo tácito entre todos. Na realidade, porém, um não tinha certeza de que o outro, no âmago da sua alma, acreditasse nessa divisa. Se baixavam os olhares, era devido a essa dúvida, o que não se dava sem que antes os seus olhos *houvessem se encontrado*. E isso vinha ocorrendo com certa frequência desde o referido colóquio sobre literatura, quando Hans Castorp notara pela primeira vez aquela luz nova no fundo dos olhos de Joachim, bem como a expressão “ameaçadora” que havia ali. Ela se manifestou à mesa, certa vez: Joachim, com voz rouca, engasgou-se de repente e de modo bem grave, a ponto de mal conseguir recobrar o fôlego. Foi ali, enquanto Joachim ofegava atrás do guardanapo, e sua vizinha, a sra. Magnus, lhe dava palmadas nas costas segundo um velho costume, que os olhos de ambos se encontraram de um modo que espantou Hans Castorp, mais que o próprio engasgamento, que afinal podia acontecer a qualquer um. Então Joachim cerrou os olhos e, com o rosto oculto pelo guardanapo, abandonou a mesa e a sala, a fim de esperar lá fora o fim do acesso de tosse.

Sorrindo, embora ainda um pouco pálido, voltou após dez minutos com um pedido de desculpas nos lábios pelo susto que dera aos comensais, e participou, como antes, da abundante refeição; mais tarde até se esqueceram por completo de comentar o incidente banal. Mas alguns dias depois, não durante o jantar, senão por ocasião do fartíssimo café da manhã, deu-se o mesmo, sem que dessa vez os olhares se encontrassem, ao menos não os dos primos, já que Hans Castorp, inclinado para o prato, continuou comendo com aparente indiferença. Terminada a refeição, contudo, pareceu necessário dizer algumas palavras sobre o ocorrido, e Joachim vociferou contra a Mylendonk, cuja

pergunta feita à queima-roupa o fizera ficar com a pulga atrás da orelha; essa mulher o sugestionara e o embruxara, o diabo que a carregasse. Hans Castorp respondeu que sim, evidentemente se tratava do efeito de uma sugestão, era até divertido chegar a essa constatação, apesar de todo o desagrado que a situação envolvia. E Joachim, como dera um nome ao problema, teve sucesso em defender-se da bruxaria, dali para diante; cuidou-se ao comer, e não se engasgou com maior frequência que qualquer outra pessoa não embruxada: só uns nove ou dez dias mais tarde repetiu-se o incidente, o que, afinal, nem sequer mereceu qualquer comentário.

Não obstante foi chamado por Radamanto, embora ainda não fosse sua vez. A superiora avisara o médico e sem dúvida fizera bem. Uma vez que a casa dispunha de um laringoscópio, existiam motivos suficientes para tirar do armário o instrumento engenhosamente construído: aquela rouquidão obstinada, que às vezes degenerava em afonia total, e também a dor de garganta que voltava a manifestar-se cada vez que Joachim omitia lubrificar a goela com remédios salivantes; sem contar que, se agora se engasgava não tão amiúde, era só devido à imensa cautela que tinha durante as refeições, o que sempre o atrasava em relação aos vizinhos.

E o conselheiro, com espelhos e reflexos, perscrutou profunda e demoradamente a garganta de Joachim. A seguir, o paciente, em obediência aos rogos de Hans Castorp, encaminhou-se logo à sacada do primo, para relatar-lhe pormenores do exame. A coisa lhe havia causado muitas cócegas e fora bastante desagradável, segundo contou cochichando, porque estavam na hora do repouso principal, com silêncio obrigatório. Behrens fizera um grande palavrório sobre um estado de irritação e dissera que convinha pincelar todos os dias. Logo no dia seguinte começaria a causticar. Só era preciso preparar o remédio. Enfim, estado de irritação e causticações. Hans Castorp

tinha a cabeça cheia de associações de ideias, que iam muito longe e se referiam a pessoas quase estranhas, como, por exemplo, o porteiro coxo e aquela senhora que passara uma semana inteira comprimindo a orelha e todavia não tivera motivos para preocupar-se. Estava a ponto de fazer mais algumas perguntas, porém não conseguiu pronunciá-las, e resolveu pedir informações ao próprio conselheiro, quando estivessem a sós. Por enquanto limitou-se a expressar a Joachim a satisfação que experimentava ao ver que aquela moléstia se achava agora sob controle e que o dr. Behrens se encarregara do assunto. Era bamba nessas coisas e sem dúvida saberia remediar. Joachim fez um sinal de aprovação, sem encarar o primo, deu meia-volta e passou ao seu compartimento.

Que é que havia com o honrado Joachim? Nesses últimos dias, os seus olhos tinham se tornado inseguros e esquivos. Fazia pouco tempo, a superiora Mylendonk malograra no seu esforço de lhe penetrar o olhar meigo e tristonho; e, se ela repetisse a tentativa agora, ninguém poderia dizer com certeza o que sucederia. Em todo caso, ele evitava esse tipo de encontros, e quando se produziam apesar disso (pois Hans Castorp olhava-o com muita frequência) não contribuíam para diminuir o desassossego. Angustiado, Hans Castorp permanecia estendido na sua sacada, e no íntimo crescia-lhe a tentação de ir ter com o chefe imediatamente. Isso, entretanto, não era possível, já que não se poderia levantar sem que Joachim o notasse; assim, foi preciso ter paciência, sob a expectativa de cercar Behrens no decorrer da tarde.

Mas isso não deu certo. Coisa estranha! Não conseguiu encontrar o conselheiro, nem esta tarde nem durante os dois dias seguintes. Claro que Joachim o estorvava um pouco, uma vez que não devia perceber nada; mas isso não bastava para explicar por que Hans Castorp não chegava a obter essa entrevista e tinha tamanhas dificuldades em apanhar Radamanto. Procurava-o e perguntava por ele em toda a

casa, mandavam-no de cá para lá, a lugares onde era certo que encontraria o médico, mas ao chegar ele não estava mais ali. Behrens assistiu a uma das refeições, mas estava sentado muito longe, à mesa dos “russos ordinários”, e sumiu-se antes da sobremesa. Algumas vezes Hans Castorp teve a impressão de poder tê-lo agarrado pela manga do casaco; viu-o na escada ou num corredor, a conversar com Krokowski, com a superiora ou com um enfermo, e pôs-se à espreita. Mas bastou desviar o olhar, e Behrens desapareceu.

Não foi senão no quarto dia que realizou o seu propósito. Da sua sacada descobriu o médico no jardim, ocupado em dar ordens ao jardineiro. Rapidamente, Hans Castorp desembaraçou-se dos cobertores e correu ao seu encontro. O conselheiro, com a nuca saliente, e com as mãos remando, já se afastava em direção ao seu apartamento. Hans Castorp pôs-se a correr e até tomou a liberdade de chamar, mas não foi ouvido. Finalmente, ofegando, conseguiu detê-lo.

— Que é que o senhor perdeu aqui? — interpelou-o o conselheiro desabridamente, com seus olhos lacrimosos. — Será preciso que lhe mande entregar um exemplar extra do regulamento da casa? Ao que eu saiba, é hora de repouso. Sua curva e sua chapa não o autorizam nem um pouco a bancar o varão libertino. Devia haver aqui um espantalho divino para afugentar com sua lança pessoas que folgam no jardim entre as duas e as quatro. Afinal de contas, que é que o senhor quer?

— Sr. Conselheiro, preciso lhe falar um momento!

— Estou notando, e já faz certo tempo que o senhor meteu essa ideia na cabeça. Vive atrás de mim, como se eu fosse uma donzela e lhe prometesse não sei que prazeres. Que deseja de mim?

— Perdão, sr. Conselheiro, é por causa de meu primo. Agora lhe pincelam a garganta… Estou convencido, é claro, de que com isso aquela coisa se endireitará. É coisa inofensiva, não? Era só isso que lhe desejava perguntar…

— O senhor sempre quer que tudo seja inofensivo, Castorp,

é essa a sua índole. Às vezes não se mostra avesso ao contato com coisas nada inofensivas, mas então as trata como se fossem perfeitamente inocentes, e com isso pensa agradar a Deus e aos homens. O senhor é uma espécie de covarde e de hipócrita, meu caro, e quando seu primo o chama de paisano, usa termo bastante eufêmico.

— Pode ser que seja assim, sr. Conselheiro. Por certo, as fraquezas do meu caráter estão fora de questão. E esse é precisamente o caso nesse momento, elas não estão de modo algum em questão, e o que eu lhe queria pedir, já faz três dias, é apenas…

— Que eu lhe sirva um gole de vinho bem açucarado e diluído! O senhor quer me importunar e maçar, para que eu o confirme na sua maldita hipocrisia e para que o senhor possa dormir o sono dos justos, enquanto outras pessoas velam e se expõem à tempestade.

— Olhe, doutor, o senhor é muito severo comigo. Eu queria, pelo contrário…

— Sim, senhor, a severidade não é propriamente o seu forte. Seu primo é um tipo bem diferente, é feito de outro estofo. Ele está a par de tudo. Está a par de tudo, e se *cala*, compreende? Não se agarra ao avental da gente, pedindo que alguém o iluda com miragens e histórias inofensivas. Sabia o que estava fazendo e o que arriscava. É um homem que se mantém firme e sabe calar o bico, o que é uma arte viril, na qual infelizmente não são peritos os simpáticos bípedes da sua espécie. Mas uma coisa lhe digo, Castorp; se vai começar a fazer cena aqui, a lamentar-se e entregar-se ao seu sentimentalismo paisano, mandarei que o ponham no olho da rua. O que precisamos aqui são homens, compreende?

Hans Castorp permaneceu calado. Sua tez assumiu aquela cor terrosa, de quando ele corava. Ele estava bronzeado demais para tornar-se totalmente lívido. Por fim, disse com os lábios trêmulos:

— Muito obrigado, sr. Conselheiro. Eu também estou a par,

agora. Acho que o senhor não falaria comigo com... não sei bem como dizer... com tanta solenidade se o caso de Joachim não fosse grave. Também detesto cenas e gritarias; nesse ponto o senhor não me julga bem. E quanto à discrição, não faltarei a ela. Disso pode estar certo.

— O senhor quer bem a seu primo, Hans Castorp? — perguntou o médico, agarrando de repente a mão do jovem e fixando nele os olhos azuis, lacrimosos e injetados, de baixo e por entre as pestanas brancas...

— Não sei que lhe responder, sr. Conselheiro. Um parente tão próximo, tão bom amigo e meu camarada aqui em cima. — Hans Castorp deixou escapar um breve soluço, fazendo um dos pés girar sobre a ponta de si mesmo.

O médico apressou-se a soltar-lhe a mão.

— Pois então trate-o com gentileza durante estas seis ou oito semanas — disse. — Proceda com a sua costumeira ingenuidade. Sem dúvida é isso o que ele preferirá. Eu também vou estar presente e providenciarei para que as coisas, na medida do possível, decorram de modo elegante e confortável.

— É a laringe, não é? — perguntou Hans Castorp, sacudindo a cabeça.

— *Laryngea* — confirmou o conselheiro. — A destruição progride rapidamente. E a mucosa da traqueia também já se acha em mau estado. Pode ser que as vozes de comando, lá no serviço, hajam criado um *locus minoris resistentiae*.[26] Sempre devemos estar preparados para tais deslocamentos da doença. Há pouca esperança, meu filho. No fundo, não há nenhuma. Claro que lançaremos mão de todos os recursos...

— A mãe... — disse Hans Castorp.

— Mais tarde, mais tarde. Não há pressa, por enquanto. Empregue o seu tato e a sua delicadeza para informá-la aos poucos. E agora volte ao seu posto. Ele está notando o que se passa, e com certeza lhe será desagradável saber que a gente fala dele pelas costas.

Todos os dias, Joachim se fazia pincelar. O outono era lindo. Correto e marcial, nas calças de flanela branca e na jaqueta azul, frequentemente ele chegava atrasado às refeições, cumprimentava os comensais com amabilidade, de um modo discreto e másculo, pedia desculpas por sua impontualidade e sentava-se para tomar a comida especial que lhe preparavam agora, uma vez que não podia engolir os alimentos normais, devido ao perigo de se engasgar: serviam-lhe sopas, picadinhos e mingau. Não demorou para que os companheiros de mesa compreendessem a situação. Retribuíam-lhe a saudação com ênfase, de modo caloroso e cortês, chamando-o de "sr. Tenente". Na sua ausência interrogavam Hans Castorp, e também das outras mesas acorriam pessoas para se informar. A sra. Stöhr acudiu, torcendo as mãos e choramingando, no seu jeito vulgar. Mas Hans Castorp limitava as suas respostas a monossílabos. Admitia a gravidade do caso, mas ao mesmo tempo negava-a até certo ponto. Agia assim por causa das aparências, sentindo no seu íntimo que não devia abandonar Joachim antes do tempo.

Passeavam juntos; três vezes por dia cobriam a distância regulamentar exata a que o conselheiro áulico acabava de restringir Joachim, de modo a evitar qualquer desgaste desnecessário de forças. Hans Castorp ia à esquerda do primo. Antes haviam caminhado assim ou também de outra maneira, conforme a ocasião, mas agora Hans Castorp mantinha de preferência a esquerda. Falavam pouco; proferiam as palavras que o dia normal do Berghof lhes punha na boca, e nada mais. Sobre o assunto que se erguia entre eles não era preciso dizer coisa alguma, sobretudo por serem pessoas de mentalidade reservada, que só em casos extremos se tratam pelo nome de batismo. Mesmo assim havia instantes em que o sentimento borbulhava e efervescia no peito paisano de Hans Castorp, a ponto de extravasar. Mas isso era impossível. O que se agitara dolorosa e violentamente acalmava-se, e ele permanecia

calado.

Joachim caminhava a seu lado, com a cabeça baixa. Tinha os olhos fixos no solo, como se contemplasse a terra. Era muito esquisito: andava, correto e asseado, saudando os transeuntes na sua maneira cavalheiresca, cuidava de seu exterior e sua bienséance como sempre — e, contudo, pertencia à terra. Bem, nós todos pertenceremos a ela, mais cedo ou mais tarde. Mas quando se é tão jovem e quando se tem boa vontade de prestar serviço à própria bandeira com tamanha alegria, então é amargo demais pertencer-lhe dentro de tão pouco tempo: e tudo acaba sendo ainda mais amargo e incompreensível para Hans Castorp, a caminhar por ali, ciente de tudo, do que para o próprio homem destinado à terra, cujo saber calado e discreto é de natureza no fundo muito acadêmica, carece para ele de caráter realístico e interessa antes aos outros que a ele mesmo. Com efeito, nossa morte é assunto dos sobreviventes, mais que de nós próprios; saibamos citá-la ou não, conserva pleno valor para a alma aquela sentença de um sábio espirituoso, que reza: enquanto existimos, não existe a morte, e quando ela existe, nós já deixamos de existir; ou seja, aquela sentença sobre não haver, entre nós e a morte, qualquer relação real, e ela ser para nós uma coisa absolutamente sem interesse, que, quando muito, afeta o mundo e a natureza; e eis por que todas as criaturas contemplam a morte com grande calma, indiferença e ingenuidade egoística, sem assumir responsabilidades. Muito dessa ingenuidade e dessa irresponsabilidade foi o que Hans Castorp encontrou na atitude de Joachim ao longo daquelas semanas; e assim compreendeu que o primo, embora sabendo de tudo, não tinha dificuldade em guardar um silêncio decoroso sobre o que sabia, porque suas relações íntimas com tudo aquilo eram apenas frouxas e teóricas, ou então porque, na medida em que requeriam consideração prática, eram reguladas e determinadas por um sadio senso de conveniência, que não admitia a discussão desse saber,

nem a de muitas outras indecorosidades funcionais de que a vida tem consciência, indecorosidades que a condicionam, mas que não a impedem, no entanto, de manter a bienséance.

Passeavam, e guardavam silêncio sobre assuntos da natureza que não convinham tanto à vida. As lamentações furiosas e exaltadas que Joachim proferira no começo, por ter que faltar às manobras e ao serviço militar em geral, também emudeceram. Mas por que, em vez delas, retornava com tanta frequência, e apesar de toda a mencionada ingenuidade, aquela expressão turva de pavor nos olhos meigos de Joachim — aquela insegurança que provavelmente daria vitória à superiora, em caso de nova investida? Era porque ele sabia ter as órbitas cavas e as faces encovadas? — Pois tal era o aspecto que seu rosto assumia a olhos vistos no curso dessas semanas, muito mais que desde quando voltara da planície, e sua tez trigueira, dia a dia, ia tomando aparência de couro amarelado. Era como se ele tivesse razões de envergonhar-se e desprezar-se a si próprio num ambiente que, em conformidade com a atitude do sr. Albin, não tinha outras preocupações a não ser desfrutar as imensas vantagens oferecidas pela ignomínia. Diante de que e de quem se abaixava e fugia, então, o seu olhar outrora tão franco? Que coisa singular esse pudor que a criatura sente em face da vida, e que a faz refugiar-se num esconderijo para morrer, convencida de que não pode esperar da natureza exterior respeito nem piedade alguma ante seu sofrimento e sua agonia; e com razão, uma vez que até um bando de pássaros orgulhosos de seu voo não somente não costuma honrar o companheiro enfermo, mas até o maltrata com bicadas violentas e desdenhosas. Coisas da natureza, com sua maldade; mas o peito de Hans Castorp, ao contrário, enchia-se de uma compaixão amorosa e profundamente humana, sempre que percebia nos olhos do pobre Joachim um pudor instintivo e obscuro como aquele. Caminhava à esquerda do primo, cada vez mais

declaradamente; e, como Joachim começasse a andar um tanto trôpego, apoiava-o quando se tratava de galgar uma pequena encosta coberta de capim, cingia-o com o braço, e certa vez até lhe aconteceu esquecer de retirar a mão do ombro do primo, que a sacudiu com alguma irritação, dizendo:

— Ei, deixe disso! Parecemos bêbados, se andamos assim.

Mas então veio um momento em que o jovem Hans Castorp percebeu a turvação do olhar de Joachim sob uma outra luz, e foi quando Joachim recebeu a ordem de ficar de cama; era início de novembro — e havia muita neve. Pois se lhe tornara difícil demais ingerir os picadinhos e os mingaus, e a cada dois bocados um lhe descia atravessado. Indicou-se a passagem para uma alimentação exclusivamente líquida, ao mesmo tempo que Behrens prescreveu repouso permanente na cama, para poupar forças. Foi portanto na véspera de Joachim acamar-se em definitivo, na última noite que ele pôde passar de pé sobre as próprias pernas, que Hans Castorp o surpreendeu: conversando com Marúsia, aquela moça injustificadamente risonha, com o lencinho perfumado de flor de laranjeira, e os seios tão formosos. Foi depois do jantar, durante a reunião noturna, no vestíbulo. Hans Castorp, que se demorara no salão de música, saiu à procura de Joachim e o encontrou em frente da lareira revestida de azulejos, ao lado da cadeira de Marúsia: uma cadeira de balanço — ela sentada ali, e Joachim com a mão esquerda sobre o espaldar, de modo que Marúsia, inclinada para trás, quase deitada, voltava seus olhos castanhos e arredondados para cima, para o rosto dele, que aproximava seu rosto ao dela e dizia algo com voz baixa e entrecortada, enquanto ela, em uma mescla de negligência e emoção, dava de ombros e sorria.

Hans Castorp apressou-se em se afastar, não sem ter notado que outros pensionistas, como era de esperar, se compraziam ao observar a cena — sem que Joachim os percebesse, ou lhes prestasse atenção. Esse espetáculo: o

primo abandonando-se sem a menor reserva a uma conversa com a Marúsia dos seios opulentos, a cuja mesa estivera sentado tanto tempo sem nunca trocar com ela uma única palavra, e diante de cuja pessoa e existência sempre baixara os olhos com expressão austera, razoável e honesta, embora empalidecesse e se cobrisse de manchas ao falar nela — ora, esse espetáculo comoveu Hans Castorp muito mais que qualquer outro sinal de debilidade que houvesse notado em seu pobre primo nestas últimas semanas. “Sim, ele está perdido!”, pensou, e sentou-se em silêncio numa das cadeiras do salão de música, a fim de deixar a Joachim o tempo necessário para o que ele se concedia, lá no vestíbulo, na derradeira noite de que dispunha.

A partir de então Joachim assumiu a posição horizontal, e Hans Castorp escreveu a Luise Ziemssen sobre isso; na sua excelente espreguiçadeira, escreveu-lhe que havia uma coisa a acrescentar às notícias dadas até então, a saber, que Joachim se achava acamado, que o desejo de ver a mãe perto de si podia ler-se nos olhos dele, embora nada dissesse a esse respeito, e que o conselheiro Behrens apoiava expressamente esse desejo tácito. Hans Castorp foi delicado ao acrescentar tal coisa, mas o fez de maneira clara. E não foi de admirar, portanto, que a sra. Ziemssen tenha recorrido aos meios de transporte mais rápidos para se unir ao filho: bastaram três dias após a remessa da carta (bastante humana, mas não menos alarmante) para que ela chegasse a Davos. Hans Castorp buscou-a de trenó na estação do “vilarejo” em meio a uma tempestade de neve, e na plataforma, enquanto o trenzinho entrava na gare, compôs o semblante da melhor forma, para não assustar a mãe em excesso, mas também para que seu primeiro olhar não descobrisse nele qualquer alegria falaz.

Quantos encontros como esse já haviam ocorrido ali, e quantas vezes os que desciam do trem haviam examinado com insistência e angústia as feições de quem os recebia, ao se aproximarem uns dos outros! A sra. Ziemssen dava a

impressão de ter vindo a pé de Hamburgo a Davos. Com o rosto ardente, apertou contra o peito a mão de Hans Castorp, olhou em torno como que amedrontada e cochichou perguntas apressadas, qual tratasse de um segredo; ele se esquivou das perguntas, agradeceu-lhe por ter vindo tão depressa: era ótimo que estivesse ali, e como Joachim não ficaria contente ao vê-la. Bem, por ora ele estava de cama, infelizmente, em razão da alimentação líquida, que naturalmente exercia certa influência sobre o estado de suas forças. Mas, para casos assim havia bastantes recursos, como a alimentação artificial, por exemplo. Ela veria por si mesma…

E ela viu; e a seu lado, Hans Castorp viu também. Até aquele instante não se dera conta das mudanças que se haviam produzido em Joachim nas últimas semanas — gente moça não costuma observar essas coisas. Agora, porém, perto da mãe vinda de longe, contemplou-o com os olhos dela, por assim dizer, como se não o visse desde muito tempo; reconheceu com clareza e segurança o que ela também reconheceu, sem dúvida, e o que Joachim decerto sabia melhor que ninguém: que era um moribundo. O jovem oficial comprimia a mão da sra. Ziemssen na sua, essa mão tão definhada e amarela como seu rosto, em que, pelo emagrecimento, as orelhas, aquela leve contrariedade de seus melhores anos, pareciam mais afastadas que outrora, ocasionando até certa desfiguração, mas que, à parte esse defeito, e apesar dele, parecia ainda mais belo e viril pelo cunho do sofrimento e pela expressão grave, austera e mesmo orgulhosa, ainda que os lábios, encimados pelo bigodinho negro, assomassem nele um tanto grossos, em confronto com as sombras das faces encovadas. Dois sulcos se haviam talhado na pele amarelada de sua testa, entre os olhos, que embora sumidos no fundo de órbitas ossudas estavam maiores e mais belos que nunca, a ponto de Hans Castorp conseguir aprazer-se neles. Pois desaparecera dali o menor traço de perturbação, tristeza e insegurança desde

que Joachim acamara, e em sua profundidade escura e calma via-se somente a luz que cedo se tornara perceptível — e também, por certo, aquela “ameaça”. Ele não sorriu ao estreitar a mão da mãe e ao dizer-lhe, em voz baixa, Boa tarde e Bem-vinda. Tampouco sorrira um momento sequer quando ela entrou, e essa imobilidade, esse ar imutável de sua fisionomia já diziam tudo.

Luise Ziemssen era uma mulher corajosa. Não se desfez em pranto à vista de seu filho valente. A rede quase invisível que lhe cingia os cabelos era um símbolo de sua atitude comedida e controlada; com aquela fleuma e energia peculiares às pessoas da sua terra, tomou a si cuidar de Joachim, cujo aspecto precisamente lhe estimulava a combatividade materna e lhe conferia uma fé em que, se ainda havia possibilidade de salvação, esta só poderia proceder de sua força e vigilância. Decerto não foi para a sua própria comodidade, senão apenas por causa das aparências, que consentiu alguns dias após em contratar uma enfermeira para o filho gravemente enfermo. Foi a irmã Berta, em realidade Alfreda Schildknecht, que surgiu, com sua maleta negra, à cabeceira do leito de Joachim. Mas, nem de dia nem de noite, a zelosa atividade da sra. Ziemssen lhe deixava muito que fazer, de modo que irmã Berta tinha tempo de sobra para deter-se no corredor e para lançar olhares curiosos em todas as direções, com o cordão do pince-nez atrás da orelha.

A diaconisa protestante era uma alma prosaica. A sós no quarto com Hans Castorp e com o doente, que absolutamente não dormia, mas jazia de costas, com os olhos abertos, foi capaz de dizer:

— Eu nunca teria imaginado que um dia me chamariam para velar junto ao leito de morte de um dos senhores.

Hans Castorp, horrorizado, ameaçou-a furiosamente com o punho cerrado. Mas ela mal compreendia por quê. Estava longe de pensar, e com razão, que talvez fosse conveniente poupar Joachim, e tinha um espírito por demais realista para

supor que alguém, e muito menos o mais interessado, pudesse nutrir ilusões sobre o caráter e as perspectivas desse caso.

— Tome — dizia ela, deitando água-de-colônia num lenço e aproximando-o do nariz de Joachim. — Goze mais um pouco da vida, tenente! — E, de fato, a essa altura dos acontecimentos teria sido pouco razoável procurar enganar o bom Joachim, a não ser que fosse na intenção de exercer sobre ele uma influência tonificante; era o que visava a sra. Ziemssen, quando lhe falava da cura, em voz enfática e comovida. Pois duas coisas eram evidentes, e ninguém se podia equivocar a seu respeito: a primeira, que Joachim ia ao encontro da morte com plena consciência, e a segunda, que o fazia em paz e satisfeito consigo próprio. Somente na última semana, em fins de novembro, quando se manifestou o enfraquecimento do coração, foi que se abandonou durante várias horas ao esquecimento, deixando-se embalar por doces e vagas esperanças quanto ao seu estado. Falava então da iminência da sua volta ao regimento e da sua participação nas grandes manobras, que pensava ainda não terem terminado. Foi nessa mesma época que o conselheiro Behrens desistiu de alentar as esperanças dos parentes e declarou que o passamento era questão de horas.

É um fenômeno tão patético quanto formal essa autoilusão esquecediça e crédula a que se entregam mesmo os espíritos viris, numa fase em que, na realidade, o processo destruidor se aproxima do seu fim; é normal, impessoal e superior a toda e qualquer consciência, na mesma medida que a tentação de adormecer que seduz os que estão a ponto de morrer congelados, ou a marcha circular de quem perdeu o caminho. Hans Castorp, a quem a mágoa e a dor do coração não impediam de encarar esse fenômeno de modo objetivo, associou a ele algumas observações malformuladas, mas sutis, numa palestra com Naphta e Settembrini, na qual os informara sobre o estado de seu parente. E o humanista censurou-o por ter julgado errôneo o

conceito comum, segundo o qual a fé filosófica e a confiança num *exitus* favorável eram expressão de boa saúde, ao passo que o pessimismo e a condenação do mundo constituíam sinais de morbidez; se fosse assim, não seria possível que a fase final, desesperadora, produzisse um otimismo de um cor-de-rosa tão sinistro, comparado com o qual a depressão precedente parecia revelar uma vitalidade sadia. Graças a Deus ele podia comunicar aos amigos compassivos que Radamanto, em meio a toda essa desolação, não excluía a esperança, profetizando um *exitus* suave e, apesar da juventude de Joachim, livre de sofrimentos.

— Um caso idílico com o coração, minha excelentíssima senhora! — disse, enquanto segurava a mão de Luise Ziemssen entre as suas manzorras do tamanho de uma pá, e fitou-a com os olhos azuis, saltados, lacrimosos e estriados de sangue. — Estou satisfeito, estou satisfeitíssimo porque o caso vai tomando um curso cordial, fazendo o rapaz escapar ao edema da glote e outras infâmias. Dessa forma, poupam-se-lhe muitos tormentos. O coração decai rapidamente. É melhor assim para ele e para nós. Podemos cumprir o nosso dever e aplicar-lhe injeções de cânfora, sem o perigo de expô-lo a prolongadas complicações. Quando o fim se aproximar, ele dormirá muito e terá sonhos amenos. Acho que lhe posso prometer isso, e mesmo se não dormir nos últimos instantes o trespasse será breve e imperceptível. Então tudo se tornará indiferente para ele. Disso a senhora pode ter certeza. Aliás, é sempre assim. Eu conheço a morte, sou um dos seus velhos empregados. Creia-me, em geral a gente a receia demais. Posso afirmar-lhe que é quase insignificante. Pois aquela trabalheira que às vezes a precede não pode ser considerada parte dela; é o que há de mais vivo, e pode conduzir à vida e à saúde. Mas ninguém que voltasse da morte seria capaz de lhe contar coisas interessantes a seu respeito, uma vez que ela não se percebe. Saímos das trevas e nas trevas entramos. Entre

elas há experiências, mas o começo e o fim, o nascimento e a morte não são coisas que notamos, não têm caráter subjetivo; como processos, pertencem inteiramente à esfera do objetivo. Assim é que é…

Essa era a maneira do conselheiro de consolar. Esperemos que tenha feito algum bem à sisuda sra. Ziemssen. As profecias do médico realizaram-se quase por completo. Joachim, debilitado, dormia horas a fio durante esses últimos dias; era provável que também sonhasse com o que gostava de sonhar, isto é, assuntos da planície e da vida militar; quando acordava e lhe perguntavam como se achava, respondia sempre, embora indistintamente, que se sentia muito bem e feliz, apesar de ter o pulso quase imperceptível e não mais notar as picadas das agulhas de injeções. Seu corpo tornara-se insensível; poderiam beliscá-lo ou queimá-lo, e isso não diria mais respeito ao honrado Joachim.

Entretanto, passara por grandes mudanças, desde a chegada da mãe. Como lhe era muito incômodo barbear-se, não o fazia desde oito ou dez dias. Tinha a barba forte, e seu rosto amarelo como cera, com os olhos meigos, estava agora emoldurado por uma barba negra, espessa, de guerreiro, como aquelas que os soldados deixam crescer nas campanhas, e que, segundo a opinião de todos, o tornava mais belo e mais viril. Sim, subitamente Joachim se transformara de um jovem num homem maduro, devido a essa barba, e não só devido a ela. Como um relógio cujo balanceiro está estragado, sua vida precipitava-se para a frente; a galope percorria as idades que não lhe fora dado alcançar no tempo real, e no curso das últimas vinte e quatro horas Joachim converteu-se em ancião. A debilidade do coração produziu-lhe no rosto certa turgidez, que lhe deu uma fisionomia cansada e causou a Hans Castorp a impressão de que a morte devia ser no mínimo um trabalho imenso, conquanto Joachim, graças aos desfalecimentos e a certas restrições de sensibilidade, não parecesse notá-lo. O inchaço afetava mais intensamente a parte dos lábios, e

certa secura ou enervação do interior da boca tinha relação evidente com ela. O resultado era que Joachim balbuciava como um velho e com essa fraqueza irritava-se a valer: se ao menos pudesse livrar-se dela, dizia tartamudeando, tudo estaria bem; mas assim, era um incômodo muito desagradável.

O que queria dizer com esse “tudo estaria bem” não era muito claro. Evidenciava-se cada vez mais a tendência à ambiguidade, característica do estado em que se encontrava, e mais de uma vez ele disse coisas ambivalentes, parecia saber e não saber, e em certa ocasião, claramente abalado por uma sensação de aniquilamento, declarou, meneando a cabeça e com certa mordacidade: que jamais na vida ele se sentira tão mal assim.

Em seguida, tornou-se reservado, austero, retraído e mesmo descortês. Já não admitia ficções e paliativos, deixava de corresponder a tentativas nesse sentido, olhava em frente para o vazio. Sob assistência de um jovem pastor que Luise Ziemssen mandara chamar, e que, para grande pesar de Hans Castorp, não usava golilha engomada, senão somente peitilho, fez-se uma oração; e foi sobretudo depois dessa visita que Joachim começou a assumir uma atitude oficial, de militar, expressando seus desejos apenas sob a forma de comandos lacônicos.

Pelas seis da tarde entregou-se a uma atividade esquisita: passou a mão direita, cujo pulso estava guarnecido de uma corrente de ouro, várias vezes sobre a colcha, à altura dos quadris; em seu caminho de volta, a mão erguia um pouco a colcha e a trazia na direção dele, sob o gesto de quem ajunta ou recolhe algo com um ancinho.

Às sete horas morreu… Alfreda Schildknecht encontrava-se no corredor, somente a mãe e o primo estavam presentes. Joachim resvalara do travesseiro e deu a ordem breve de que o acomodassem mais acima. Enquanto a sra. Ziemssen lhe enlaçava os ombros com um dos braços, para executar a ordem, o enfermo mencionou com certa pressa que devia

imediatamente redigir e despachar um requerimento, solicitando a prorrogação de sua licença. No meio dessas palavras realizou-se o “trespasse imperceptível”, observado com reverência por Hans Castorp, à luz da lâmpada de cabeceira com seu quebra-luz vermelho. Seus olhos vidraram, desapareceu a tensão inconsciente de seu rosto, sumiu a olhos vistos a laboriosa turgidez dos lábios, a beleza viril da primeira mocidade tornou a estender-se por sobre o semblante mudo, e assim tudo acabou.

Como Luise Ziemssen virasse a cabeça, soluçando, foi Hans Castorp quem, com a ponta do dedo anular, cerrou as pálpebras do corpo imóvel e inanimado. Também lhe juntou suavemente as mãos sobre a colcha. Em seguida se ergueu e chorou, deixando correr sobre as faces lágrimas como aquelas que tanto haviam ardido no rosto do oficial da Marinha inglesa; esse líquido claro, que jorra neste mundo a toda hora e em toda parte, com tanta abundância e com tanta amargura que os poetas deram o seu nome ao vale terreno; esse produto alcalino e salgado das glândulas que o abalo dos nervos, causado por uma dor penetrante, arranca ao nosso corpo, e que, como Hans Castorp sabia, continha além disso traços de mucina e albumina.

Veio o conselheiro áulico, avisado pela irmã Berta. Meia hora antes ainda estivera no quarto, para dar no moribundo uma injeção de cânfora. Apenas lhe escapara o instante do “trespasse imperceptível”.

— Pois é, ele cumpriu o que tinha que cumprir — disse apenas, enquanto se punha ereto, afastando o estetoscópio do peito inerte de Joachim. E, com um aceno de cabeça, apertou as mãos dos dois parentes. Depois deteve-se ainda alguns momentos com eles em frente da cama, contemplando o rosto petrificado de Joachim, com a barba de guerreiro. — Que sujeito incrível, este rapaz! — prosseguiu falando por cima do ombro, apontando com a cabeça para aquele que ali descansava. — Quis forçar as coisas, sabem?… Claro, o serviço lá embaixo só constava de

coação e de violência… Apesar da febre, cumpriu seu dever, custasse o que custasse. É o campo da honra, compreendem? Safou-se para o campo da honra, esse fujão. Mas no caso dele a honra significou a morte, e a morte… Bem, vocês também podem inverter a frase, à vontade. Seja como for, ele nos disse: “Tenho a honra de me despedir”. Que incrível, esse rapaz! — E foi-se, alto, encurvado, com a nuca saliente.

Era coisa decidida que o corpo de Joachim seria transportado à sua terra natal, e a Firma Berghof se encarregaria de tudo que fosse necessário e conveniente, diante da gravidade e da natureza do acontecimento. A mãe e o primo não precisaram mover uma palha. No dia seguinte, deitado com uma camisa de seda sob a colcha adornada de flores, rodeado de uma luminosidade baça e nívea, Joachim parecia ainda mais belo do que logo após o trespasse. O menor vestígio de cansaço sumira-se de seu rosto. Ao esfriar, adquirira uma forma silenciosa e pura. Mechas crespas de cabelo escuro caíam-lhe sobre a testa imóvel, macilenta, e que parecia plasmada de matéria nobre, mas delicada, misto de mármore e cera. Na barba igualmente encrespada ressaltavam os lábios cheios e altivos. Um capacete antigo assentaria bem a essa cabeça, segundo achavam alguns dentre os visitantes presentes na hora da despedida.

A sra. Stöhr chorava entusiasticamente ao ver a forma que assumira aquele que fora Joachim.

— Um herói! Um herói! — exclamou repetidas vezes, e fez questão de que no enterro se tocasse a “Erótica” de Beethoven.

— Cale-se, por favor! — sibilou Settembrini, a seu lado.

Entrara no quarto ao mesmo tempo que ela, acompanhado de Naphta, e comovido, de coração. Com as duas mãos apontava Joachim aos presentes, exortando-os ao lamento.

— Un giovanotto tanto simpàtico, tanto stimàbile![27] — repetiu algumas vezes.

Embora conservando sua atitude contida, e sem olhar o

italiano, Naphta não se pôde abster de observar mordazmente, em voz baixa:

— Folgo em ver que o senhor não se preocupa só com a liberdade e o progresso, mas também tem o senso das coisas sérias.

Settembrini engoliu a pílula. Talvez se apercebesse de que as circunstâncias davam a Naphta uma posição superior à sua, temporariamente; talvez fosse essa supremacia provisória do adversário o que ele procurara contrabalançar pela intensidade do seu luto e o que agora o fazia guardar silêncio, mesmo quando Naphta, abusando das vantagens transitórias que lhe oferecia a situação, acrescentou em tom cortante e sentencioso:

— O erro dos literatos consiste na crença de que somente o espírito torna as pessoas decentes. Em realidade, o que se dá é antes o contrário. Somente onde *falta* o espírito existe decência.

“Hmm!”, pensou Hans Castorp. “Eis aí mais um desses oráculos píticos! Basta pronunciá-lo, cerrar os lábios em seguida, e logo a intimidação prevalece, por uns bons momentos...”

À tarde chegou o ataúde de metal. Um homem, que veio com ele, deu a entender que cabia exclusivamente a ele transferir Joachim para o suntuoso receptáculo, enfeitado de alças e cabeças de leões. Era funcionário da empresa funerária, trajava uma espécie de sobrecasaca preta e curta, e exibia uma aliança de casamento na mão plebeia, cuja carne encobria o adorno amarelado que parecia encravado ali. Seus trajes davam a impressão de desprender um cheiro cadavérico, mas isso não passava de mero preconceito. O homem manifestava, de qualquer modo, aquela pretensão peculiar aos especialistas, os quais pensam que todo o seu trabalho se deve realizar atrás de cortinas e que não convém expor aos olhares dos sobreviventes senão os resultados piedosos e edificantes do seu esforço. Justamente essa atitude despertou em Hans Castorp certa desconfiança.

Consentiu em que a sra. Ziemssen se retirasse, mas não admitiu que o dispensassem sem mais nem menos e permaneceu no quarto, para colaborar ativamente: tomou o corpo pelas espáduas e ajudou a carregá-lo da cama até o caixão; depositaram então a figura de Joachim sobre a mortalha e uma almofada guarnecida de borlas, onde ela repousou alta e solene, entre os castiçais emprestados pelo Sanatório Berghof.

No dia seguinte, porém, patenteou-se um fenômeno que determinou Hans Castorp a se distanciar e libertar-se intimamente dessa forma morta e a abandonar em definitivo o campo ao profissional, esse guardião antipático da piedade. Joachim, cuja expressão antes fora grave e pudica, acabava de esboçar um sorriso no meio da barba de guerreiro, e Hans Castorp não se iludia quanto ao fato de que esse sorriso encerrava o germe da degeneração. Essa percepção fez que seu coração sentisse a urgência do caso. Ainda bem que estava iminente a hora em que iriam buscar o féretro, que logo seria fechado e parafusado. Vencendo seu jeito reservado, Hans Castorp roçou delicadamente com os lábios a testa gelada daquele que outrora tinha sido Joachim, e, não obstante a sua desconfiança contra o homem sinistro, saiu do quarto, obediente, em companhia de Luise Ziemssen.

Deixemos cair o pano, pela penúltima vez. Mas enquanto ele desce e farfalha, mantenhamo-nos em espírito ao lado de Hans Castorp, que continua em sua montanha; olhemos com ele ao longe e abaixo, agucemos os ouvidos; depararemos então com um campo-santo úmido, lá na planície, onde resplandece e se abaixa uma espada, ressoam vozes de comando e estrondeiam três salvas de fuzil, três saudações fanáticas sobre o túmulo de Joachim Ziemssen, seu túmulo de soldado que as raízes das plantas começam a invadir.

---

1 “Lindo burguês com um pontinho úmido.”
2 “Aristóteles tem o hábito de procurar briga.”

3 “Decoro, boas maneiras.”
4 “Subirão com asas como águias…”
5 “Direito divino.”
6 “Se perder ou até mesmo se deixar definhar.”
7 “Como queríamos demonstrar.”
8 “Um belo jesuíta com uma manchinha úmida.”
9 “Desordenadamente.”
10 “É bem possível que ele vá morrer.”
11 “O que você me diz disso?”
12 “Para que consiga algum grau de tranquilidade na alma.”
13 “Portanto atacar sempre!”
14 “Descanso eterno…”
15 “Aviador graduado e membro da Marinha alemã.”
16 “Ei, Engenheiro, um pouco de razão, poxa!”
17 “A aparência desse mundo passa.”
18 “É de rosquear, você sabe.”
19 “Ao sábio basta.”
20 “Ouro potável.”
21 “Pedra filosofal.”
22 “Matéria dual.”
23 “Esmagar o infame!”
24 “Idade Média.”
25 “Reserva mental.”
26 “Ponto de menor resistência.”
27 “Um rapaz tão gentil, tão respeitável!”

VII.

PASSEIO PELA PRAIA

Pode-se narrar o tempo, ele próprio, o tempo como tal, em si mesmo? Não, de fato não, algo assim seria um arrojo insano! Ante uma narrativa que rezasse: “O tempo decorria, escoava, seguia seu curso” e assim por diante — não haveria quem, de sã consciência, pudesse chamá-la de narrativa. Seria como se alguém tivesse a ideia maluca de manter durante uma hora um e mesmo tom ou acorde e tomasse algo assim por música. Pois a narrativa se parece com a música, no sentido de, como esta, *preencher* o tempo, “enchê-lo com decência”, “subdividi-lo” e fazer que “haja algo ali” e que “ali algo aconteça”, para citarmos, com a melancólica piedade que se costuma devotar aos ditos dos falecidos, palavras ocasionais do bem-aventurado Joachim: palavras que há muito se perderam — sem que saibamos se o leitor ainda tem clareza quanto ao tempo decorrido desde então. O tempo é o *elemento* da narrativa, assim como é o elemento da vida: está ligado a ela, indissociavelmente, como aos corpos no espaço. Ele também é o elemento da música, que, ao medir e segmentar o tempo, torna-o delicioso e divertido de uma só vez: nesse ponto, como mencionamos, ela se assemelha à narrativa que (diversamente da obra de artes plásticas, que surge esplendorosa diante de nós como um todo, e que não se acha relacionada com o tempo senão à maneira de todos os corpos) não se pode apresentar senão sob a forma de uma

sequência de fatos, como algo que se desenvolve e necessita do tempo, mesmo que deseje estar toda presente a cada instante que transcorre.

Isso é óbvio, está como ao alcance das mãos. Mas também não se pode ignorar que aqui paira certa diferença. O elemento temporal da música é um só: um recorte do tempo terreno dos homens, que ela inunda para exaltá-lo e enobrecê-lo de um modo indizível. A narrativa, porém, tem dois tipos de tempo: primeiro, seu tempo próprio, real-musical, que lhe determina o curso, a existência; e segundo, o de seu conteúdo, apresentado sob certa perspectiva, e isso de forma tão variável que o tempo imaginário da narrativa pode coincidir, quase por completo, e mesmo inteiramente, com seu tempo musical, ou então afastar-se dele, a distâncias estelares. Uma peça musical denominada *Valsa dos cinco minutos* dura cinco minutos; nisso, e em nada mais, consiste sua relação com o tempo. Uma narrativa, porém, cujo conteúdo temporal abrangesse um lapso de cinco minutos poderia ter duração mil vezes maior, em virtude de uma excepcional meticulosidade no preenchimento desses cinco minutos — e todavia parecer variada e breve, ainda que, em relação a seu tempo imaginário, fosse longa e monotônica. Por outro lado é possível que o tempo do conteúdo da narrativa ultrapasse em muito sua própria duração, em virtude de um abreviamento — e dizemos “abreviamento” para assinalar um elemento ilusório, ou, para falar com maior clareza, um elemento mórbido que é decisivo aqui: na medida em que, nesse caso, a narrativa se utiliza de um passe hermético de mágica e de uma sobreperspectiva temporal, que nos chamam à memória certos casos da experiência real, casos anormais e indicadores de um campo suprassensível. Anotações em diários de fumadores de ópio relatam que a pessoa entorpecida passou, durante o breve período de transe, por sonhos cuja extensão no tempo abrangeu dez, trinta e até sessenta anos, ou que chegou a transpor o limite

de toda experiência humana de apreensão do tempo: sonhos, portanto, cuja duração imaginária excedeu em muito a real, e nos quais predominou uma abreviação incrível da experiência do tempo, de modo que neles as noções precipitaram-se com tamanha velocidade, como se do cérebro do inebriado, segundo expressão de um consumidor de haxixe, “houvessem tirado uma peça, como o balanceiro de um relógio deteriorado”.

Ora, é assim que a narrativa logra proceder com o tempo: de um modo congênere ao desses sonhos oriundos do vício; é assim que ela o trata. Mas, uma vez que ela pode “tratá-lo”, fica evidente que o tempo, elemento da narrativa, também pode tornar-se *objeto* dela; e, caso seja exagero afirmar que se possa “narrar o tempo”, por certo não constitui iniciativa totalmente absurda, como nos pareceu de início, a de querer narrar *sobre o tempo*, sobre o tempo que constitui uma época: a um *Zeitroman* bem se poderia atribuir esse sentido ambivalente, peculiarmente onírico. E se lançamos a questão sobre a possibilidade de narrar o tempo, foi só para confessar que, com a presente história, é isso mesmo que temos em mente. E se, de passagem, pusemos em dúvida que os leitores reunidos em torno de nós ainda tivessem clareza quanto ao tempo decorrido desde que o honroso Joachim, falecido nesse ínterim, havia inserido na conversa aquela observação sobre a música e o tempo (observação que demonstra certa sublimação alquimística da natureza dele, que, obediente, não se inclinava por si só a esse tipo de comentário), não ficaríamos nem um pouco zangados caso nos inteirássemos de que, neste momento, reinasse certa falta de clareza quanto a isso: nem um pouco contrariados e até satisfeitos, pela simples razão de termos natural interesse em que todos participem das experiências do nosso herói, e porque ele, Hans Castorp, há muito deixou de estar seguro sobre a questão em apreço, se é que chegou a está-lo, em algum momento. Isso faz parte do seu romance, um romance sobre

o *tempo* e um romance de época, ou seja, um *Zeitroman*, tanto num como noutro sentido.

Afinal, de quando a quando Joachim vivera com ele aqui em cima até sua partida “em falso”, ou considerado o período todo; quando, segundo o calendário, se realizara aquela primeira partida à revelia; quanto ele estivera ausente; quando voltara, e por que período o próprio Hans Castorp permanecera aqui até o primo regressar e, a seguir, ausentar-se do tempo; e, para deixarmos Joachim de lado, de quando a quando a sra. Chauchat ausentara-se; e desde quando, ao menos desde que ano, ela *estava de volta* (pois ela estava de volta, sim); e quanto tempo terreno Hans Castorp passara no “Berghof” até que ela estivesse de volta: ora, se alguém consultasse Hans Castorp sobre tudo isso — o que em realidade ninguém fazia, nem mesmo ele próprio, provavelmente por ter receio de tais indagações —, o jovem teria tamborilado com os dedos na fronte, sem saber informações precisas. E tal fenômeno não era menos inquietante que aquela incapacidade momentânea de dizer sua idade ao sr. Settembrini logo na primeira noite da sua estada ali, e constituía, isso sim, um agravamento dessa incapacidade, pois ele já nem sabia mais, a sério e de modo permanente, quantos anos tinha!

Isso talvez pareça fantástico; mas está longe de ser inaudito ou inverossímil que algo assim, sob determinadas condições, possa acontecer a qualquer um de nós e a qualquer instante; sob tais condições, nada nos resguardaria de mergulharmos na mais profunda ignorância quanto ao curso do tempo, e de perdermos, por conseguinte, a noção da nossa idade. Esse fenômeno é possível, já que não temos em nossas entranhas, em absoluto, um órgão para o tempo, o que nos torna incapazes de avaliar, nem sequer por aproximação, o decurso do tempo a partir de nós mesmos e sem basear-nos em indícios exteriores. Alguns mineiros soterrados e impossibilitados de observar a sucessão de dias e noites calcularam, quando salvos, fosse de três dias o

tempo que haviam passado nas trevas entre a esperança e o desespero. Haviam sido dez. Seria natural se, nessa situação angustiosa, o tempo se lhes houvesse afigurado longo. No entanto, se reduziu para eles a menos de um terço da sua duração objetiva. Parece, portanto, que sob condições desconcertantes a impotência humana tende antes a vivenciar o tempo de forma muito abreviada que a superestimá-lo.

Certo, ninguém põe em dúvida que Hans Castorp, caso quisesse, poderia escapar dessa incerteza sem grande dificuldade e, por meio de um cômputo, ganhar clareza sobre a situação; da mesma forma como o leitor o poderia fazer, sem trabalho algum, se a confusão e o vago porventura repugnassem a seu espírito sadio. No que toca a Hans Castorp, talvez não se sentisse muito à vontade na sua ignorância, mas tampouco se animava a fazer um esforço para livrar-se daquela vagueza e confusão, e para conhecer a idade que alcançara aqui em cima; e o que o impedia de sentir-se bem era certo pejo que trazia na consciência, embora a mais crassa falta de consciência seja não ter em conta o próprio tempo.

Não sabemos se convém alegar a seu favor que as circunstâncias fomentavam grandemente a sua falta de boa vontade, para não o acusar de aberta má vontade. Quando a sra. Chauchat voltou — de modo bem diferente do que imaginara Hans Castorp, mas disso trataremos noutra parte —, estava-se novamente na época do Advento, e o dia mais curto do ano, o princípio do inverno, astronomicamente falando, achava-se iminente. Em realidade, porém, não se levando em conta tais subdivisões teóricas e considerando-se o frio e a neve reinantes, era inverno sabe Deus desde quando, e este inverno não fora interrompido senão passageiramente por abrasadores dias de verão, com um azul-celeste de uma intensidade tão exagerada que tocava as raias do preto, dias estivais, portanto, como também costumavam ocorrer no inverno, abstração feita da neve,

que por sua vez caía em todos os meses de verão. Quantas vezes Hans Castorp não conversara com o malogrado Joachim sobre essa grande confusão! Era ela que misturava e embaralhava as estações, privava o ano de suas cisões naturais e o tornava, de maneira monotônica e custosa, diverso e divertido; ou então, de maneira diversa e divertida, custoso e monotônico; e isso a tal ponto que, no fundo, segundo observação remota de Joachim, pronunciada com asco, nem se podia falar de tempo. O que realmente se misturava e se baralhava durante essa grande confusão eram certos conceitos emocionais ou estados de consciência de "ainda" ou de "de novo" — uma experiência das mais perturbadoras, emaranhadas e embruxadas que se possa imaginar, e para cujo gozo Hans Castorp, logo no primeiro dia da sua estada aqui em cima, sentira uma forte inclinação imoral, a saber: durante as cinco refeições demasiadamente fartas na sala decorada com motivos alegres, onde o acometera uma primeira vertigem desse gênero, inofensiva em comparação com as posteriores.

Desde então, essa ilusão dos sentidos e do espírito assumira proporções muito mais vastas. O tempo, por mais enfraquecida ou aniquilada que esteja a sensação subjetiva que se tem a seu respeito, possui uma realidade objetiva, enquanto age, enquanto "presentifica". Saber se a conserva hermeticamente fechada e posta na prateleira se acha ou não fora do tempo é um problema que compete a pensadores profissionais, embora, em certa ocasião, Hans Castorp o tenha abordado, impelido por uma presunção juvenil. Mas sabemos que o tempo age até mesmo sobre os hibernantes. Um médico relata o caso de uma menina de doze anos que um belo dia adormeceu e prosseguiu dormindo treze anos; mas ao despertar já não era criança, senão mulher feita. Nem poderia ser de outra forma. O morto está morto; entrou no eterno descanso; tem muito tempo, quer dizer, o tempo não existe, quanto à sua pessoa. Isso todavia não impede que suas unhas e seus cabelos

continuem a crescer, e que em suma... Mas, não, não queremos recordar a fala um tanto rude que Hans Castorp usou certa vez, falando desse assunto, e com a qual Joachim então se escandalizou, à maneira dos habitantes da planície. Também a ele, Castorp, lhe cresciam as unhas e os cabelos; cresciam depressa, como parecia, pois, envolto num pano branco, seguidamente ficava sentado na cadeira da barbearia na rua principal do vilarejo, para que lhe cortassem o cabelo, que mais uma vez acabava de formar franjas ao redor das orelhas — na verdade, sempre ficava sentado ali, ou melhor: quando estava sentado ali e conversava com o barbeiro hábil e obsequioso que se desincumbia da sua tarefa, depois de o tempo se ter desincumbido da sua; ou também quando ficava de pé junto à porta da sacada, com a tesourinha e lixa tiradas de um belo estojo forrado de veludo, e cortava as unhas — nessas ocasiões, enfim, experimentava uma espécie de susto mesclado com curioso prazer, e de súbito sentia-se tomado daquela vertigem que já mencionamos; essa vertigem no duplo sentido da palavra, como estado de exaltação e engano, a voraginosa impossibilidade de distinção entre o "ainda" e o "de novo", de cuja mistura e esvanecimento resultam, atemporais, o "sempre" e o "eterno".

Temos afirmado frequentemente que não tencionamos apresentar o nosso herói nem melhor nem pior do que era, e por isso não queremos deixar de contar que muitas vezes se empenhava em compensar a complacência censurável em face dessas tentações místicas, provocadas por ele consciente e propositadamente, com esforços em sentido contrário. Era capaz de ficar sentado com o relógio na mão — relógio de algibeira, chato, liso, de ouro fino, e a tampa, com o monograma gravado, aberta. Contemplava então o mostrador redondo, de porcelana, rodeado por uma dupla fileira de cifras árabes, pretas e vermelhas, e em cima do qual os dois ponteiros de ouro, enfeitados de suntuosos arabescos, apontavam em diferentes direções, enquanto o

delgado ponteiro dos segundos, tiquetaqueando, dava pressurosas voltas à sua areazinha especial. Hans Castorp fixava-o, como para deter e esticar alguns minutos, na intenção de agarrar o tempo pela cauda. O minúsculo ponteiro saltitava pelo seu caminho, sem se importar com as cifras que alcançava, percorria, ultrapassava, deixava para atrás, lá longe, voltava a demandar e alcançava de novo. Era insensível a objetivos, divisões e marcos. Deveria demorar-se por um instante no 60 ou pelo menos dar um pequeno sinal de que alguma coisa terminava ali. Mas, pelo jeito como passava por cima desse ponto assim como por qualquer outra risca não marcada, reconhecia-se que toda essa marcação e subdivisão do seu caminho eram apenas acessórias, e que o ponteiro se limitava a caminhar, a caminhar para a frente... Diante dessa percepção, Hans Castorp tornava a abrigar o cronômetro no bolsinho do colete e abandonava o tempo à sua própria sorte.

Como tornar plausíveis aos honrados cidadãos dos países planos as transformações que se efetuavam na economia íntima do nosso jovem aventuroso? A escala dessas identidades perturbadoras ia crescendo. Desde que, para uma pessoa não muito concentrada, era difícil distinguir o “agora” de hoje do de ontem, de anteontem, de três dias atrás, o presente já se mostrava inclinado e capaz de se confundir com aquele presente que existira um mês ou um ano antes, e de unir-se com ele para formar o “sempre”. Mas, ainda que se mantivesse a distinção entre os casos de consciência moral, que se chamam “ainda”, “de novo”, “vindouro”, poderíamos sentir-nos tentados a ampliar o alcance das denominações relativas com que o “hoje” se isola do passado e do porvir, as denominações de “ontem” e de “amanhã”, e a aplicá-las a proporções mais abrangentes. Sem dificuldade se poderiam imaginar alguns seres, habitantes de planetas menores, por exemplo, que lidassem com um tempo em miniatura, e para cuja vida “breve” os saltinhos velozes do nosso ponteiro dos segundos

representassem o mesmo que para nós a progressão lenta e tenaz do ponteiro das horas. Mas também seria possível idear criaturas a cujo espaço correspondesse um tempo de passos tão majestosos, que os conceitos de “há um instante”, “em breve”, “ontem” e “amanhã” adquirissem para sua experiência um significado muito mais amplo. Isso seria, digamos, não somente admissível, mas até mesmo legítimo, sadio e respeitável, no espírito de um relativismo indulgente e conforme com o provérbio “outras terras, outros usos”. Que pensar, porém, de um filho desta terra, com a idade mencionada acima, para o qual um dia, uma semana, um mês, um semestre devessem ter grande importância por acarretar tantas modificações e progressos para sua vida —, mas que um dia adquire o hábito vicioso de (ou ao menos cede, vez por outra, ao prazer de) dizer “ontem” ou “amanhã” em lugar de “faz um ano” ou “no ano que vem”? Sem dúvida, aqui caberia o veredito: “desvio e extravio”, e, com ele, o mais alto desassossego.

Há neste mundo uma situação de vida, há certas circunstâncias paisagísticas (se é que se pode falar de “paisagem” no caso que paira ante nós) em razão das quais um desvario como esse e a dissolução das distâncias tempo-espaciais chegam a ponto de quase criar uma uniformidade vertiginosa, de forma como que natural e legítima, e de tal modo que, ao menos para um período de férias, um abandono a seu enleio mágico possa parecer tolerável. Pensamos em passeios por praias marítimas, estado em que Hans Castorp nunca deixava de pensar com imensa simpatia; como bem sabemos, a vida na neve lhe recordava de modo grato e agradável as dunas de sua terra natal. Temos confiança em que a experiência e memória de nossos leitores também não falhem ao nos referirmos a esse isolamento maravilhoso. Você segue e segue mais adiante… e de uma caminhada como essa jamais voltará a tempo, pois você escapa ao tempo e o tempo escapa de você. Ó mar, contamos esta história longe de você, devotamos a você

nossos pensamentos e nossa afeição; você deve soar em nossa narrativa em alto e bom som, estar presente aqui, como sempre esteve, está e continuará a estar… Deserto marulhante sob a cúpula celeste de um cinza-claro empalidecido, ermo impregnado de umidade acre, cujo sabor perdura em nossos lábios. Andamos, andamos sobre o solo levemente elástico, salpicado de sargaço e de pequenas conchas; nossos ouvidos estão envoltos pelo vento, esse vento imenso, vasto e brando que, sem freio nem maldade, atravessa livre o espaço e produz um ligeiro atordoamento em nossa cabeça — caminhamos, caminhamos e vemos nossos pés lambidos por línguas espumantes, línguas desse mar que é impelido para a frente e, fervilhando, torna a recuar. Agita-se a rebentação, vaga após vaga choca-se com a terra, sob um murmúrio agudo e surdo, antes de deslizar sedosa pela praia rasa — tanto cá como lá, e nos bancos de areia lá fora, e esse rumor confuso e generalizado do suave marulho sobrepuja em nossos ouvidos todas as demais vozes do mundo. Bastamo-nos, e o resto olvidamos… Ah, cerremos os olhos, abrigados na eternidade! Mas não, olha ali: naquela vastidão glauca, espumante, que com enormes escorços se perde no horizonte, surge uma vela. Ali? Que tipo de ali é esse? Fica muito longe? Fica perto? Isso você não sabe dizer. Subtrai-se à sua avaliação. Para dizer que distância separa esse navio da praia, você deveria saber qual seu tamanho, como corpo. Pequeno e próximo, ou grande e longínquo? Sua vista turva-se em dúvida, pois nenhum dos órgãos e dos sentidos que você possui lhe informa sobre o espaço… Andamos, andamos adiante… desde quando? E até onde? Tudo incerto. Nada se modifica, por mais que avancemos. Ali é igual a aqui, e antes é igual a agora e depois; o tempo afoga-se na monotonia imensa do espaço, e onde reina a uniformidade o movimento de um ponto a outro já não é mais movimento. E onde movimento já não é mais movimento, não existe o tempo.

Os sábios da Idade Média afirmavam que o tempo era uma

ilusão, que seu curso, entre causa e efeito, não passava do produto de um dispositivo dos nossos sentidos, e que o verdadeiro ser das coisas era um presente imutável. Terá passeado à beira-mar aquele doutor que foi o primeiro a conceber esse pensamento, saboreando nos seus lábios a leve amargura da eternidade? Seja como for, repetimos que aqui se falou de liberdades tais como a gente se permite nas férias, de fantasias inspiradas pelo ócio da vida, e das quais o espírito decente se farta tão depressa, como um homem forte, do repouso na areia cálida. Criticar os meios e as formas do conhecimento humano, pôr em dúvida a sua validade objetiva, seria absurdo, desprezível e hostil, se tal atitude se baseasse em outra intenção que não a de designar à nossa razão limites que ela não pode transpor sem incorrer em negligência ante suas próprias funções. Devemos nossa gratidão a um homem como o sr. Settembrini, por ter tachado a metafísica de “o mal”, ao instruir, com a intransigência de um pedagogo, o jovem cujo destino nos preocupa e que ele mesmo, em certa ocasião, qualificara acertadamente de “filho enfermiço da vida”. E a melhor maneira de honrar a memória de um falecido que tanto prezamos é declarar que o sentido, o objetivo e o propósito do princípio crítico só podem e devem ser: a noção do dever e o imperativo da vida. Sim, a sabedoria do legislador, traçando criticamente os limites da razão, içou nesses mesmos limites a bandeira da vida e proclamou como um dever militar do homem servir sob essa bandeira. Será que devemos supor, e creditar tal coisa a Hans Castorp como circunstância atenuante, que ele haja sido ratificado em sua administração viciosa do tempo e em seu perigoso cortejo com a eternidade pelo fato de algo que certo palrador melancólico chamara de “excesso de entusiasmo” de seu primo militar haver conduzido ao *exitus* letal?

MYNHEER PEEPERKORN

Mynheer Peeperkorn, um holandês de certa idade, esteve hospedado durante algum tempo no Sanatório “Berghof”, que com muita razão usava em seu prospecto o epíteto “internacional”. Pieter Peeperkorn — era este o seu nome, e assim falava de si próprio dizendo, por exemplo: “E agora Pieter Peeperkorn vai se regalar com uma cachacinha” — era um holandês colonial, nascido em Java, um plantador de café. Sua nacionalidade um tanto desbotada mal bastaria por si só para que nos decidíssemos, de última hora, a introduzi-lo em nossa história. Pois, meu Deus, quanta variedade de cores e matizes não existia na sociedade do renomado instituto que o conselheiro dr. Behrens dirigia como médico, com sua facúndia poliglota! Recentemente chegara até uma princesa egípcia — a mesma que em outra ocasião oferecera ao conselheiro aquele notável aparelho de café e os cigarros adornados com uma esfinge; era uma personagem sensacional, com os dedos amarelos de nicotina e enfeitados de anéis, que usava o cabelo curto e, exceção feita às refeições principais, em que ostentava toaletes de Paris, trajava casaco de homem e calças bem frisadas. De resto não se interessava pelo mundo masculino e concedia seus favores mesclados de displicência e de paixão, com exclusividade, a uma judia romena, que se chamava simplesmente Landauer; isso embora o promotor Paravant tivesse abandonado as matemáticas para dedicar-se à Sua Alteza, e se conduzisse feito um idiota, de tanto amor. Mas, como se a presença da princesa não fosse suficiente, achava-se no seu séquito um eunuco negro, homem doente e débil, que, não obstante seu defeito básico, do qual Karoline Stöhr gostava de zombar, parecia amar a vida mais do que ninguém e se mostrava inconsolável ante a imagem que a radiografia exibia do seu interior, depois de ter lançado luz sobre a sua negrura…

Comparado com tais figuras, Mynheer Peeperkorn poderia aparecer como que desprovido de cores. E, posto que essa parte da nossa narração pudesse ser intitulada “Mais alguém”, tal e qual outra, anterior, não há motivos para recear que entre em cena uma nova fonte de perturbações espirituais e pedagógicas. Não, Mynheer Peeperkorn absolutamente não era talhado para criar no mundo quaisquer confusões lógicas. Como veremos, era homem muito diferente. Que, apesar disso, a sua pessoa tenha perturbado gravemente o nosso herói, explica-se pelo que se segue.

Mynheer Peeperkorn chegou à estação do “vilarejo” no mesmo trem noturno que trouxe madame Chauchat, e dirigiu-se no mesmo trenó que ela ao Sanatório Berghof, em cujo restaurante jantaram juntos. Tratava-se, em suma, não somente de uma chegada simultânea, mas também de uma chegada em comum, e esse caráter comum, que continuava manifestando-se, por exemplo, no fato de “Mynheer” receber um lugar à mesa dos “russos distintos”, ao lado da recém-vinda, em frente do lugar do médico, ali onde outrora o professor Popov se conduzira daquele modo desenfreado e equívoco — esse caráter comum deixava perplexo o bom Hans Castorp, que não previra que os acontecimentos pudessem tomar tal rumo. O conselheiro anunciara-lhe à sua maneira o dia e a hora do regresso de Clawdia:

— Pois então, Castorp, meu velho, a fidelidade na espera será recompensada. Depois de amanhã, à noite, a gatinha estará de volta. Recebi um telegrama.

Mas nas suas palavras nada transparecera de que a sra. Chauchat não chegaria sozinha, talvez porque o próprio Behrens ignorasse que ela e Peeperkorn viriam juntos e formavam um par. Pelo menos fingiu-se surpreendido, quando Hans Castorp pediu-lhe satisfações, por assim dizer, no dia seguinte à chegada em comum.

— Eu também não sei dizer onde ela foi arranjar esse um — declarou. — Acho que se conheceram na viagem, lá nos

Pireneus. Pois é, meu pobre e desiludido Celadon, por enquanto o senhor terá que se conformar com ele. Não há remédio. São amicíssimos; compreende? Parece que existe até comunhão de bens. O homem é imensamente rico, segundo ouvi dizer. Um rei do café aposentado, sabe? Tem criado malaio. Estilo de vida opulento. Não veio, aliás, para se divertir. Além de um forte catarro com base alcoólica, sofre de uma febre maligna que contraiu nos trópicos. Uma febre intermitente, sabe? Doença mal tratada e pertinaz. É necessário que o senhor se arme de paciência.

— Pois não — disse Hans Castorp, condescendentemente.

“E você?”, acrescentou de si para si. “Como se sente? Afinal de contas você não está completamente desinteressado. Se não me engano, houve lá qualquer coisa no passado com um viúvo de faces azuladas que sabia pintar a óleo de modo convincente. Acho que suas palavras revelam certa alegria maliciosa, e contudo, em certo sentido, somos companheiros de infortúnio diante desse Peeperkorn.”

— Um tipo curioso, e personalidade original, por certo — prosseguiu em voz alta, com um gesto displicente. — É robusto e delicado, eis a impressão que se tem dele, ou pelo menos a que eu tive hoje, quando tomamos o café da manhã. Robusto e ao mesmo tempo delicado. São esses os adjetivos que o caracterizam, segundo a minha opinião, se bem que normalmente sejam considerados contraditórios. Ele é alto e espadaúdo, isso sim, e gosta de ficar de pé, com as pernas abertas e as mãos enterradas nos bolsos da calça, que são verticais... Achei necessário mencionar que nas calças dele os bolsos afundam verticalmente e não se encontram aos lados, como nas minhas, nas do senhor e nas da maioria das pessoas que pertencem às classes mais altas da sociedade... E quando ele se mantém nessa posição e fala guturalmente, à maneira dos holandeses, não há como negar seu aspecto robusto. Mas seu cavanhaque é ralo; embora comprido, é tão ralo que bem se poderia contar-lhe

os fios. Também os olhos são pequenos, apagados e quase sem cor. Que fazer? Não lhe adianta arregalá-los a todo momento; com isso só cria aquelas rugas pronunciadas na testa, que lhe sobem pelas têmporas e atravessam a fronte em sentido horizontal, essa fronte alta e vermelha, emoldurada por cabelos brancos, igualmente compridos e ralos. Mesmo que os arregale assim, os olhos continuam pequenos e apagados. E o colete de peito alto lhe imprime um cunho de clérigo, apesar da sobrecasaca de xadrez. Bem, foi essa a impressão que tive hoje de manhã.

— Estou vendo que o senhor o examinou direitinho — respondeu Behrens. — Estudou o homem em todas as suas particularidades, o que me parece muito acertado, uma vez que terá que habituar-se à sua existência.

— Pois é, devemos habituar-nos — disse Hans Castorp.

Deixamos a cargo dele a descrição aproximada da figura do novo e inesperado hóspede, e ele não se desincumbiu mal da sua tarefa. É provável que nós mesmos não tivéssemos obtido melhor resultado. Seu posto de observação, afinal, era sumamente favorável. Como sabemos, Hans Castorp avizinhara-se, durante a ausência de Clawdia, da mesa dos “russos distintos”; visto a sua mesa ficar paralela à outra, que apenas avançava um pouco mais em direção à porta do avarandado, e visto tanto ele como Peeperkorn ocuparem, cada qual, as pontas dirigidas para o interior da sala, achavam-se colocados lado a lado, por assim dizer; e Hans Castorp, um pouco atrás do holandês, tinha portanto a facilidade de uma inspeção discreta, enquanto enxergava obliquamente diante de si o rosto da sra. Chauchat, em um perfil de três quartos. Para completar o talentoso esboço de Hans Castorp, poderíamos acrescentar que Peeperkorn tinha o bigode raspado, o nariz grande e carnudo, e a boca igualmente grande, com os lábios irregulares, como que gretados. Apesar de as mãos serem bastante largas, as unhas eram compridas e pontudas. Quando Peeperkorn falava — o que fazia quase sem cessar, embora Hans

Castorp não conseguisse entender claramente o conteúdo das suas palavras —, servia-se dessas mãos para gestos elegantes, que mantinham os ouvintes em suspenso, gestos delicadamente matizados, esmerados, precisos e nítidos, que revelam a cultura de um diretor de orquestra; curvava então o dedo indicador, para que formasse um círculo com o polegar, ou estendia a mão espalmada — larga, mas de unhas pontudas — num movimento protetor, tranquilizante, que exigia atenção. Contudo, a atenção sorridente que ele conquistava era logo decepcionada pela vagueza das exposições tão intensamente preparadas. Ou melhor: não era decepcionada, senão transformada em uma alegre surpresa, pois o vigor, a fineza, a ênfase dos preparativos não apenas substituíam com perfeição, e ainda posteriormente, aquilo que faltava, mas eram em si satisfatórios, interessantes e mesmo preciosos. Às vezes ele nem sequer chegava a pronunciar palavras. Acontecia-lhe pôr suavemente a mão sobre o antebraço de seu vizinho da esquerda, um jovem sábio búlgaro, ou de madame Chauchat, à sua direita; depois erguia a mesma mão obliquamente, reclamando silêncio e curiosidade para o que desejava dizer; então franzia as sobrancelhas, a tal ponto que as rugas que desciam em ângulo reto da testa para as comissuras exteriores dos olhos se aprofundavam como numa máscara, e baixava o olhar sobre a toalha da mesa, ao lado da pessoa que se vira capturada por ele, enquanto os lábios grandes e gretados pareciam dispostos a formular algo extremamente importante. Alguns instantes após, porém, afrouxava a respiração e renunciava a falar, dando, por assim dizer, o comando “Descansar armas!”. Sem haver proferido palavra alguma, tornava a ocupar-se com seu café, que mandava fazer especialmente forte, e que lhe serviam na sua própria cafeteira.

Depois de ter bebido, procedia da seguinte maneira: com um gesto de mão coibia a conversa e obtinha silêncio, assim como o regente, por meio de um mando imperioso, faz calar

a confusão dos instrumentos que estão sendo afinados, para concentrar a orquestra e dar início à peça. Sua cabeça grande, rodeada de labaredas de cabelos brancos, com os olhos sem cor definida, as poderosas rugas da fronte, o comprido cavanhaque e a boca desnuda e dolorida, era indiscutivelmente impressionante, de modo que todos costumavam obedecer-lhe ao gesto. Os comensais emudeciam, olhavam-no sorrindo, esperando, e aqui ou ali havia quem lhe desse um sinal alentador. Então Peeperkorn dizia numa voz bastante abafada:

— Senhoras e senhores. Muito bem. Tudo vai bem. E basta. Queiram, no entanto, observar e não perder de vista em nenhum momento que… Nada mais sobre este ponto… O que me cumpre declarar não é aquilo, mas principalmente, e exclusivamente, o seguinte: temos o dever… É de uma forma inelutável… Repito e faço questão de usar essa expressão: é de uma forma *inelutável* que se reivindica de nós… Não, senhoras e senhores, não! Esse não é o sentido… Não me interpretem como se eu… Que erro grave não seria pensar que… E *basta*, senhoras e senhores! Basta de vez! Sei que estamos de acordo sobre todas essas questões, e por isso: vamos ao ponto!

Não dissera nada, mas a majestade da sua cabeça parecia tão indiscutível, o jogo de fisionomia e a gesticulação eram de tal modo enérgicos, imponentes, expressivos, que todos, inclusive Hans Castorp, empenhado em escutar, criam ter ouvido algo de grande peso, ou, se é que se davam conta de que o discurso carecia por completo de conteúdo e de coerência, não se ressentiam dessa falta. Seria interessante saber qual teria sido a reação de um surdo. Talvez se afligisse, por ver-se levado, pela apresentação, a tirar conclusões erradas quanto à alocução enunciada, e porque imaginasse perder, devido à surdez, uma informação valiosa. Pessoas assim são propensas à desconfiança e à amargura. Mas à outra extremidade da mesa havia um jovem chinês que ainda não chegara a adquirir bons

conhecimentos de alemão. Em certa ocasião, esse moço, que acabava de ver e de ouvir um desses discursos, sem compreendê-lo, manifestou alegre satisfação, exclamando “Very well!” e chegando mesmo a aplaudi-lo.

E Mynheer Peeperkorn “foi ao ponto”. Empertigou-se, dilatou o largo peito, abotoou a sobrecasaca de xadrez por cima do colete de gola alta. Sua cabeça branca, nesse momento, lembrava um rei. Com um aceno chamou uma criada — era a anã —, e esta, embora atarefadíssima, atendeu imediatamente ao sinal peremptório. Com o jarro de leite e o bule de café nas mãos, colocou-se ao lado da sua cadeira. Também ela não pôde deixar de fazer um gesto alentador, enquanto em seu rosto grande e envelhecido aflorou um sorriso. Parecia toda atenção, como se estivesse imobilizada pelo olhar baço lançado por Peeperkorn de sob as poderosas rugas da testa e por sua mão erguida, cujo indicador se reunia com o polegar para formar um círculo, ao passo que os três outros dedos se esticavam para o alto, dominados pelas pontas de lança das unhas.

— Minha filha! — disse ele. — Bem. Por enquanto tudo vai bem. A senhora é pequena. Não há de ser nada. Pelo contrário. Vejo nisso uma vantagem e dou graças a Deus por ser assim como é, e devido à sua baixa estatura, de tanto caráter… Pois então! O que desejo da sua parte também é pequeno, pequenino, e tem caráter bem forte. Antes de tudo, qual é seu nome?

Ela se atrapalhou, sempre sorrindo, e disse por fim que seu nome era Emerentia.

— Excelente! — exclamou Peeperkorn, recostando-se à cadeira e estendendo o braço em direção à anã. Dera à exclamação um tom de quem pretende dizer: “Mas por que se preocupar? Tudo vai às mil maravilhas”. — Minha filha — prosseguiu então, de modo muito sério, quase com severidade —, isso ultrapassa todas as minhas expectativas. Emerentia… A senhora pronuncia o nome com modéstia, mas ele, unido à sua pessoa… Numa palavra, isso abre as

mais belas perspectivas. Vale a pena deter-se e concentrar tudo quanto o peito contém de sentimento para que… Na forma do apelido… Acho que a senhora me entende, minha filha: na forma familiar e abreviada de um *apelido*… pode-se dizer Rentia, mas Emezinha também soa simpático… No momento não hesito em escolher Emezinha. Muito bem, Emezinha, minha filha, preste atenção: quero um pedaço de pão, minha querida. Pare! Ainda não vá! Que mal-entendido algum adentre nossa conversa! Percebo em seu rosto relativamente grande que esse perigo… Pão, Rencinha, mas não um pão assado… aqui há pão em abundância, e dos mais diversos tipos. Quero, sim, é pão destilado, meu anjo. Pão de Deus, pão claro, segundo um apelidinho bem familiar, para eu me regalar com ele. Não tenho certeza se o sentido dessa palavra lhe… Eu estaria disposto a substituí-la por "tônico para o coração", não surgisse com isso o novo perigo de me ver interpretado no sentido de uma habitual leviandade… Basta, Rentia. Basta e fim! É tudo muito mais no sentido de nosso dever e vinculação sagrada… Por exemplo, no sentido do dever moral de eu me regozijar de coração com sua baixa estatura de caráter tão forte… Uma genebrinha, querida! Era isso que eu queria dizer. Genebra de Schiedam, Emerencinha! Apresse-se e me traga uma.

— Uma genebra genuína — repetiu a anã e deu meia-volta, na intenção de se desembaraçar do bule e do jarro. Finalmente depositou-os na mesa de Hans Castorp, ao lado do seu talher, evidentemente para não incomodar o sr. Peeperkorn. Sem demora o hóspede recebeu a bebida desejada. O cálice estava tão cheio que o "pão" se derramava por todos os lados e molhava o prato. O holandês tomou-o entre o polegar e o dedo médio e ergueu-o contra a luz.

— Feito isso — declarou — Pieter Peeperkorn vai se regalar com uma cachacinha. — E engoliu o destilado de cereais, depois de o mastigar por uns momentos. — E agora — acrescentou — contemplo todo o mundo com olhos

reconfortados. — Em seguida pegou da mão da sra. Chauchat, que estava na mesa, levou-a aos lábios e recolocou-a sobre a toalha, mantendo-a ainda durante alguns instantes na sua.

Um homem singular, uma personalidade vigorosa, se bem que pouco clara. A sociedade do Berghof interessava-se vivamente por ele. Diziam que acabava de retirar-se dos negócios coloniais, depois de ter garantido o seu. Falavam da sua esplêndida casa em Haia e da sua vila em Scheveningen. A sra. Stöhr qualificou-o de “magneto do dinheiro” (Magnata! Que mulher terrível!) e aludiu a um colar de pérolas que madame Chauchat usava desde sua volta com o vestido de gala, e que, segundo a opinião de Karoline, dificilmente se poderia tomar por galanteria de marido transcaucasiano, senão que devia ter mesmo sua origem na “comunhão de bens”. Ao dizer isso, piscou um olho e fez um gesto na direção do seu vizinho Hans Castorp, baixando os cantos da boca, numa paródia de pesar. Nem a enfermidade nem o sofrimento haviam contribuído para refinar a sra. Stöhr, de modo que ela se aproveitou da situação incômoda do nosso herói para seus escárnios brutais. Hans Castorp não perdeu a linha. Corrigiu-lhe até com certa graça o lapso a que a induzira a ignorância. Ela acabava de confundir duas palavras — explicou —, queria dizer “magnata do dinheiro”. Mas o termo “magneto” também não estava mal escolhido, uma vez que Peeperkorn, evidentemente, possuía grande força de atração. Também respondeu com bem-fingida indiferença à professora Engelhart, quando esta, enrubescida, com sorriso amarelo e sem encará-lo, perguntou-lhe que tal ele achava o novo hóspede. Mynheer Peeperkorn, disse ele, era uma “personalidade esfumada”: uma personalidade, sem dúvida, mas esfumada. Essa classificação precisa foi prova de objetividade e, com isso, de calma de seu espírito; e desconcertou por completo a professora. E quanto a Ferdinand Wehsal e sua indireta sobre as circunstâncias

inesperadas em que a sra. Chauchat regressara, Hans Castorp demonstrou-lhe que existem olhares cuja clareza inequívoca nada fica devendo às palavras mais nitidamente articuladas. “Miserável!”, dizia o olhar com que mediu de alto a baixo o homem de Mannheim; disse-o, excluindo qualquer interpretação sutilmente ambígua, e Wehsal compreendeu esse olhar, engoliu-o e até o aprovou, meneando a cabeça e exibindo os dentes cariados. Mas, a partir desse incidente, desistiu de carregar o sobretudo de Hans Castorp nos passeios que faziam em companhia de Naphta, Settembrini e Ferge.

Em nome de Deus!, pensou Hans Castorp; o sobretudo, ele bem poderia carregá-lo sozinho, até preferiria fazê-lo, e fora pura amabilidade sua entregá-lo de vez em quando àquele coitado. Mas ninguém de nós pode enganar-se quanto ao fato de Hans Castorp sentir-se malferido por aquelas circunstâncias totalmente imprevistas, que aniquilavam todos os preparativos íntimos que fizera para a ocasião do reencontro com o objeto de suas aventuras carnavalescas. Ou melhor: que os tornavam supérfluos, e era isso o que mais o humilhava.

Seus propósitos haviam sido os mais delicados e sensatos. Longe dele pensar num procedimento precipitado ou importuno. Nunca tivera a intenção de ir esperar Clawdia na estação. Ainda bem que jamais tivesse ventilado tal ideia! Em todo caso ficara na dúvida se essa mulher, à qual a doença outorgava tamanha liberdade, julgaria verdadeiros os fantásticos acontecimentos de uma remota noite de Carnaval, cheia de sonhos, de máscaras e de conversas em língua estrangeira, ou, ainda, se ela desejaria que isso fosse recordado de um modo direto. Mas não, nada de petulâncias, nada de reivindicações impertinentes! E, mesmo admitindo que as suas relações com a enferma dos olhos oblíquos houvessem ultrapassado, pela sua natureza, os limites traçados pela razão e pelas convenções ocidentais, cumpria observar, quanto às formas, a mais perfeita civilização e, por

enquanto, até a ficção do esquecimento. Um cumprimento cortês de uma mesa para a outra, e nada mais, no momento! Mais tarde aproveitaria uma oportunidade para se aproximar com toda a discrição e para perguntar, incidentalmente, como a viajante tinha passado desde aquele dia... O verdadeiro reencontro poderia produzir-se numa ocasião oportuna e trazer consigo a recompensa dessa coibição cavalheiresca.

Mas, como já dissemos, toda essa delicadeza parecia vã nesse instante, já que deixara de ser o resultado de uma escolha livre e por isso não tinha méritos. A presença de Mynheer Peeperkorn excluía de uma forma mais que completa a possibilidade de uma tática que não consistisse em extrema reserva. Na noite da chegada, Hans Castorp tinha observado, da sacada, como o trenó subira em marcha lenta pela curva da rampa. Na boleia achava-se o criado malaio, um homenzinho amarelado com um chapéu-coco e com uma gola de peles no sobretudo. Nos assentos de trás, ao lado de Clawdia, instalara-se o homem estranho, com o chapéu puxado sobre os olhos. Naquela noite, Hans Castorp dormira muito pouco. No outro dia, não tivera grande dificuldade em saber o nome desse desconcertante companheiro de viagem, e como brinde lhe haviam dado a notícia de que ambos acabavam de ocupar uns aposentos luxuosos e vizinhos no primeiro andar. Viera então o café da manhã. Hans Castorp encaminhara-se bem cedo ao seu lugar e, muito pálido, esperara pelo momento em que a porta envidraçada se fechasse com estrondo. Mas isso não se realizara. A entrada de Clawdia decorrera sem ruído nenhum, pois atrás dela Mynheer Peeperkorn tinha fechado a porta. Alto, espadaúdo, com a fronte ampla e as labaredas brancas em torno do crânio imponente, ia seguindo os passos da companheira de viagem, que, no seu costumeiro andar felino, avançando a cabeça, se aproximava da sua mesa. Sim, era ela; não mudara em nada! Contra os seus propósitos, esquecido de tudo, Hans Castorp devorava-a

com os olhos tresnoitados. Reencontrava o cabelo ruivo, penteado sem muita arte e enrolado, numa trança simples, em volta da cabeça; revia os “olhos de lobo de estepe”, a curva da nuca, os lábios que pareciam mais cheios do que eram em realidade, devido àquelas maçãs acentuadas que produziam uma graciosa concavidade das próprias faces... Clawdia!, ele pensou, estremecendo, e fitou o desconhecido, com a cabeça atirada para trás, num gesto de desafio e de mofa em face da grandiosidade teatral do seu aspecto; fê-lo exortando o próprio coração a que não levasse a sério o poderio de um direito de posse atual cuja segurança era posta em dúvida por certos fatos do passado; e tratava-se de fatos *certos* do passado, não de coisas vagas, obscuras, acontecidas no terreno da pintura diletante, como aquelas que outrora haviam sido capazes de inquietá-lo... A sra. Chauchat também conservara aquele hábito de exibir-se sorrindo a toda a sala, antes de se sentar, como para apresentar-se à sociedade, e Peeperkorn secundava-a, deixando que Clawdia celebrasse a pequena cerimônia, enquanto ele se mantinha de pé atrás dela, antes de se instalar, a seu lado, à extremidade da mesa.

Não houvera oportunidade para um cumprimento cortês de uma mesa para outra. Quando da “cerimônia de apresentação”, os olhos de Clawdia tinham vagueado para além da pessoa de Hans Castorp e da parte da sala onde ele se achava, em busca de regiões mais distantes. O encontro seguinte no refeitório dera-se da mesma forma, e quanto mais refeições se realizavam, sem que os seus olhares se cruzassem de outro modo a não ser num resvalo cego e indiferente da parte da sra. Chauchat, tanto menos indicado parecia aquele cumprimento cortês. Durante a breve reunião noturna, os companheiros de viagem mantinham-se na saleta. Juntos ocupavam o sofá, rodeados pelos comensais. Peeperkorn, cujo rosto majestoso, intensamente avermelhado, se destacava do alvo dos cabelos e do cavanhaque, esvaziava a garrafa de vinho tinto que lhe fora

servida no jantar. Pois em cada refeição principal emborcava uma garrafa, às vezes até uma e meia ou duas, sem falar do “pão” que já vinha acompanhando o café da manhã. Era claro que esse homem majestoso tinha extraordinária necessidade de se regalar. Para o mesmo fim usava várias vezes por dia um café extremamente forte, que tomava numa xícara grande, não somente de manhã, mas também por ocasião do almoço, e não depois senão durante a refeição, e ao mesmo tempo que o vinho. Ambas essas coisas — conforme Hans Castorp ouviu o holandês explicar — eram boas contra a febre, além do seu efeito regalador; um remédio muito bom para a febre intermitente que contraíra nos trópicos, e que já no segundo dia da sua estada o reteve na cama durante algumas horas. O conselheiro qualificava-a de quartã, visto acometer o holandês de quatro em quatro dias; no começo o fazia bater os dentes, depois lhe causava um violento ardor e por fim abundante transpiração. Ao que dizia o médico, a enfermidade originara também uma congestão do baço.

VINGT ET UN

Assim transcorreu algum tempo, umas três ou quatro semanas, segundo julgamos, uma vez que absolutamente não nos podemos fiar nas avaliações e no senso de tempo de Hans Castorp. Escoaram-se sem acarretar novas mudanças. Na alma do nosso herói produziram certo rancor contra as circunstâncias imprevistas que o obrigavam a uma discrição pouco meritória; rancor que se ia tornando habitual e se dirigia em especial contra aquela circunstância que se chamava a si própria Pieter Peeperkorn cada vez que tomava uma cachacinha, contra a presença importuna desse homem majestoso, imponente e pouco claro, que realmente o constrangia de um modo muito mais brutal do que fizera o sr. Settembrini quando "era demais ali". Rugas de descontentamento e de irritação sulcavam verticalmente a testa de Hans Castorp, entre as sobrancelhas, e de sob essas rugas contemplava cinco vezes ao dia a mulher que regressara. Mesmo assim se sentia feliz por poder contemplá-la, e cheio de desdém pelo poderoso presente, que ignorava até que ponto sua segurança era posta em jogo pelo passado.

Certa noite, porém, a reunião noturna no vestíbulo e nos salões foi mais animada que em geral, o que de vez em quando acontecia sem qualquer motivo especial. Houve música; algumas canções ciganas briosamente executadas ao violino por um estudante húngaro. A seguir, o conselheiro Behrens, que estivera presente por um quarto de hora, em companhia do dr. Krokowski, obrigara um pensionista a tocar nos baixos do piano a melodia do "Coro dos peregrinos", enquanto ele, de pé a seu lado, maltratava o instrumento com uma escova que fazia saltitar pelos agudos, para parodiar um acompanhamento de rabeca. Isso fez rir. Sob vivos aplausos, meneando a cabeça como se sua própria brincadeira o surpreendesse agradavelmente, o conselheiro

abandonou os salões. Mas a reunião se prolongou; continuaram a fazer música, sem que se exigisse dos ouvintes nenhuma atenção concentrada; formaram-se partidas de dominó e de bridge, com bebidas nas mesas; outros se divertiam com brinquedos ópticos; aqui e ali se viam pensionistas conversando. Também a roda da mesa dos “russos distintos” se havia misturado com os grupos do vestíbulo e do salão de música. Mynheer Peeperkorn aparecia em diferentes lugares; era impossível não notá-lo, já que sua cabeça majestosa dominava os que o cercavam, triunfando devido à sua importância e força principesca. Aqueles que o rodeavam, embora a princípio houvessem sido atraídos pela mera fama da sua riqueza, logo começavam a sentir o encanto da sua personalidade; deixavam-se ficar, sorriam, faziam-lhe com a cabeça acenos alentadores, esqueciam-se de si próprios, fascinados pelos olhos sem cor sob as poderosas rugas da testa; com a atenção presa aos gestos elegantes e insistentes das mãos de unhas compridas, não experimentavam a menor decepção em face das palavras abruptas, incoerentes, ininteligíveis, confusas e realmente gratuitas que seguiam essa gesticulação.

Quem procurasse Hans Castorp nesse ambiente iria encontrá-lo no salão de leitura, naquele mesmo recinto onde ele outrora — esse “outrora” é vago; o autor, o herói e o leitor já não percebem claramente a distância — recebera importantes informações sobre a organização do progresso humano. Nesse lugar estava-se mais tranquilo. Umas poucas pessoas partilhavam-no com Hans Castorp. A uma das escrivaninhas duplas, iluminadas por uma lâmpada suspensa, alguém redigia uma carta. Uma senhora, com dois pince-nez sobre o nariz, achava-se sentada junto à biblioteca e folheava um volume ilustrado. Nas proximidades da passagem aberta que dava para a sala do piano, Hans Castorp ocupava uma cadeira que casualmente se encontrava ali; era uma cadeira em estilo renascença,

forrada de veludo, com espaldar alto e reto, e sem braços. O jovem voltava as costas ao reposteiro e tinha nas mãos um jornal, na posição de quem lê; mas, em vez de ler, escutava, com a cabeça inclinada obliquamente, os sons de música entrecortados e mesclados de vozes. No entanto, seu cenho sombrio indicava que ele tampouco prestava muita atenção a esses sons, e que seus pensamentos trilhavam veredas pouco musicais; veredas espinhosas da desilusão causada pelos acontecimentos que zombavam de um moço que se sujeitara a um longo período de espera e, ao fim desse período, se vira ignominiosamente logrado; as veredas ásperas do desafio, pelas quais avançara a um ponto em que pouco faltava para a decisão de depositar o jornal nessa cadeira incômoda que o acaso lhe oferecera, sair pela porta do vestíbulo e substituir essa vida social sem graça pela solidão glacial do compartimento de sacada, onde Maria Mancini lhe faria companhia.

— E seu primo, monsieur? — perguntou de trás dele, por cima da sua cabeça, uma voz. Era uma voz feiticeira para os seus ouvidos fadados a achar extremamente agradável o agridoce daquele timbre velado, levando dessa forma ao extremo o conceito do agradável. Era a voz que dissera uma vez: “Com muito prazer. Mas cuidado para não quebrá-la!”. Uma voz dominadora, a voz do destino, e que, se ele não se enganava, perguntara por Joachim.

Lentamente, Hans Castorp desceu o jornal e levantou um pouquinho o rosto, de modo que apenas o topo da cabeça se encostava ao espaldar reto da cadeira. Até fechou os olhos durante um momento, mas logo os reabriu, para dirigi-los ao alto, na direção que a posição da cabeça impunha ao seu olhar, e pôs-se a fitar o vazio. Dir-se-ia que a expressão do bom rapaz tinha algo de um visionário ou de um sonâmbulo. Bem desejou que a pergunta fosse repetida, mas isso não se deu. Dessa forma nem sequer tinha certeza de que ela ainda se encontrava atrás dele, quando respondeu, depois de algum tempo, com bastante atraso, e a meia voz:

— Está morto. Foi servir na planície e morreu.

O próprio Hans Castorp notou que “morto” era a primeira palavra de destaque a ser pronunciada entre eles. Notou ao mesmo tempo que ela, por falta de familiaridade com a língua alemã, escolhia termos excessivamente fracos para expressar seus sentimentos, quando disse de trás dele e por cima da sua cabeça:

— Coitado! Que pena! Completamente morto e enterrado? Desde quando?

— Faz algum tempo. Foi levado para baixo pela mãe. Tinha-lhe crescido uma barba de guerreiro. Deram três salvas fúnebres por cima do túmulo.

— Ele as mereceu. Foi um homem muito bom. Muito melhor que outros, que certos outros.

— Sim, era bom. Radamanto sempre falava de seu excesso de entusiasmo. Mas seu corpo não estava de acordo. *Rebellio carnis*, como dizem os jesuítas. Sempre ligara grande importância ao corpo, de um modo honroso. Mas seu corpo deixara entrar substâncias desonrosas e pregou-lhe uma peça ao excessivo entusiasmo. É, aliás, mais moral perder-se e perecer do que preservar-se.

— Vejo que certa pessoa continua sendo um valdevinos filosófico. Quem é esse Radamanto?

— Behrens. Settembrini o chama assim.

— Ah, já sei, Settembrini. Aquele italiano… Eu não simpatizava com ele. Ele não tinha senso de humanidade. — (A voz pronunciou a palavra “humaniedade”, com um prolongamento arrastado e entusiástico.) — Era altivo. Não está mais aqui? Eu sou ignorante. Não sei o que quer dizer: Radamanto.

— Qualquer coisa humanística. Settembrini mudou-se. Temos filosofado bastante nestes últimos tempos, ele, Naphta e eu.

— Quem é Naphta?

— O adversário dele.

— Se é o adversário dele, gostaria de conhecê-lo… Mas eu

não disse ao senhor que seu primo morreria se descesse à planície para ser soldado?

— Sim, você sabia.

— Que atrevimento!

Um longo silêncio. Ele não se retratou. Comprimindo o alto da cabeça contra o espaldar reto, com o olhar visionário cravado no ar, ficou esperando que a voz tornasse a soar. Novamente não sabia com certeza se ela ainda se achava atrás dele. Receava que os sons entrecortados de música que entravam da sala vizinha pudessem ter abafado o ruído de passos que se afastassem. Até que enfim a voz voltou:

— E monsieur nem sequer foi assistir ao enterro de seu primo?

Ele respondeu:

— Não, disse-lhe adeus aqui mesmo, antes de fecharem o caixão, pois ele começou a sorrir. Você não imagina como a testa dele estava fria.

— Outra vez? É assim que se fala com uma senhora que mal se conhece?

— Será que devo falar humanisticamente e não com humanidade? — (Sem querer, também ele prolongou a palavra de um jeito sonolento, como quem boceja e se espreguiça.)

— Quelle blague!...[1] E o senhor esteve aqui todo esse tempo?

— Sim, fiquei esperando.

— Por quem?

— Por você.

Uma risada soou por cima dele, dada simultaneamente com a palavra “Louco!”.

— Por mim? Provavelmente não deixaram você sair.

— Ao contrário. Em certa ocasião, Behrens me teria deixado sair, num acesso de raiva. Mas teria sido apenas uma partida em falso. Pois, além das cicatrizes que tenho de tempos antigos, desde a época de colégio, sabe?, há ainda o ponto recente que Behrens descobriu e que me está

causando a febre.

— Febre ainda?

— Sim, sempre tenho um pouquinho. Quase sempre. Com intermitências, mas não é uma febre intermitente.

— Des allusions?[2]

Ele permaneceu calado, franzindo o cenho, por cima do olhar visionário. Depois de algum tempo perguntou:

— E *você*, por onde tem andado?

Uma mão deu uma pancada no espaldar da cadeira.

— Mais c'est un sauvage!...[3] Por onde tenho andado? Por toda parte. Em Moscou — (a voz pronunciou "Muoscou", prolongando o nome do mesmo jeito arrastado como com a palavra "humaniedade") —, em Baku, em balneários alemães, na Espanha.

— Ah, na Espanha? Como foi?

— Mais ou menos. Viaja-se mal ali. As pessoas são meio mouras. Castela é muito seca e rígida. O Kremlin é mais belo que aquele palácio ou convento por lá, ao pé da montanha...

— O Escorial?

— Sim, o castelo de Filipe. Um castelo cheio de inumaniedade. O que me agradou muito mais foi uma dança popular na Catalunha, a sardana, acompanhada por gaita de foles. Eu mesma entrei nela. Todos se dão as mãos e dançam à roda. A praça inteira fica cheia de gente. C'est charmant.[4] Tem muita humaniedade. Comprei um pequeno barrete azul como é usado por todos os homens e meninos do povo por ali; é quase um fez, a boina. Ponho-a durante o repouso e em outras ocasiões. Monsieur poderá julgar se ela me assenta bem.

— Que monsieur?

— O que está sentado nessa cadeira.

— Eu pensava que fosse: Mynheer Peeperkorn.

— Ele já emitiu seu juízo. Diz que fico encantadora com ela.

— Ele disse isso? Até o fim? Falou a frase até o fim, de modo que se pudesse compreender?

— Ah, parece que alguém está mal-humorado. Procura ser malicioso, mordaz. Procura zombar de personalidades que são muito maiores, melhores e mais cheias de humaniedade que certa pessoa, junto com seu… avec son ami bavard de la Méditerranée, son maître grand parleur…[5] Mas não tolerarei que meus amigos sejam…

— Você ainda guarda meu retrato interior? — ele interrompeu a voz em um tom melancólico.

Ela riu.

— Eu teria que procurá-lo.

— O seu trago aqui comigo. Além disso tenho um cavaletezinho em cima da minha cômoda, onde ele fica de noite e…

Não chegou a acabar a frase. À sua frente achava-se Peeperkorn. Andara à procura da sua companheira de viagem. Entrara vindo de trás do reposteiro e surgira diante da cadeira do interlocutor a cujas costas ela se encontrava. Quedava-se ali qual uma torre, tão perto dos pés de Hans Castorp que este só com dificuldade conseguiu levantar-se entre os dois outros, quando verificou, apesar do seu estado sonâmbulo, que o momento exigia dele tal gesto de cortesia. Teve de resvalar lateralmente da cadeira, que ficou no meio das três pessoas dispostas num triângulo.

A sra. Chauchat obedeceu às regras do Ocidente civilizado apresentando-os um ao outro. Com referência a Hans Castorp disse que se tratava de um conhecido de tempos passados, da sua última estada no Berghof. A existência do sr. Peeperkorn dispensava comentários. Pronunciou o nome do holandês, e este fixou no jovem os olhos baços, sob os arabescos das rugas da testa e das fontes, mais fundas devido à atenção, e que davam a seu rosto o aspecto de um ídolo. Estendeu a Hans Castorp a mão, cujas costas eram largas e sardentas; uma mão de capitão, pensou Hans Castorp, exceto as unhas pontudas. Pela primeira vez ele entrava em contato com a poderosa personalidade de Peeperkorn (“personalidade” — constantemente surgia essa

palavra à vista do holandês; quem o via sabia de repente o que era uma personalidade, e mais ainda: convencia-se de que uma personalidade não podia ser diferente dele), e seus jovens anos, vacilantes, sentiram-se esmagados pelo peso dos sessenta desse homem espadaúdo com o rosto vermelho emoldurado de labaredas brancas, com a boca gretada e dolorida, e com o cavanhaque que pendia, comprido e ralo, sobre o colete clerical. Ademais, Peeperkorn era a amabilidade em pessoa.

— Meu caro senhor — disse —, que plenitude. Não, permita-me... a plenitude! Acabo de travar conhecimento com sua pessoa... conhecimento com um moço que inspira confiança... Faço-o com consciência, meu senhor, estou compenetrado disso. O senhor me agrada. Ora, por favor! Basta! O senhor me agrada.

Não adiantava fazer objeções. Seus gestos eram peremptórios. Hans Castorp lhe era simpático. E desse fato Peeperkorn tirou consequências que expressou em forma um tanto vaga, mas que por intermédio da sua companheira de viagem se tornaram coerentes e compreensíveis.

— Minha filha — disse ele —, muito bem. Que tal?... Por favor, não me interprete mal... A vida é breve, e nossa capacidade de satisfazer as exigências dela é... São fatos, minha filha. São leis. I-ne-xorabilidades! Numa palavra, minha filha, numa palavra e sem perda de tempo... — E fez perdurar um gesto expressivo, afastando de si toda a responsabilidade para o caso de se cometer, apesar do seu conselho, um erro decisivo.

Ao que parecia, a sra. Chauchat tinha prática na interpretação de tais desejos apenas esboçados. Ela disse:

— Por que não? Poderíamos passar juntos algum tempo. Quem sabe se jogamos um pouco e tomamos uma garrafa de vinho? Por que está aí parado? — disse, voltando-se para Hans Castorp. — Mexa-se! Não vamos ficar só nós três. Precisamos de companhia. Quem mais está no salão? Mande vir a quem encontrar! Vá buscar alguns de nossos amigos

que estão nas sacadas! Convidemos também o dr. Ting-Fu, nosso companheiro de mesa.

Peeperkorn esfregou as mãos.

— Ótimo! — disse. — Perfeito! Excelente! Vá depressa, meu amigo! Obedeça! Formaremos uma roda. Vamos jogar, comer e beber. Vamos sentir que… Ótimo, meu caro rapaz.

Hans Castorp serviu-se do elevador e subiu ao segundo piso. Bateu à porta de A. K. Ferge, que por sua vez tirou Ferdinand Wehsal e o sr. Albin das suas espreguiçadeiras no alpendre do andar térreo. O promotor Paravant e o casal Magnus haviam sido encontrados no vestíbulo, a sra. Stöhr e a Kleefeld, no salão. Foi ali, embaixo do lustre central, que abriram uma espaçosa mesa de jogo. Cercaram-na de cadeiras e de mesinhas auxiliares. Cada convidado que se unia ao grupo era cumprimentado por Mynheer, com o olhar baço, mas cortês, e com os arabescos da fronte içados em sinal de atenção. Sentaram-se doze à mesa. Hans Castorp recebeu o lugar entre o majestoso anfitrião e Clawdia Chauchat; distribuíram-se cartas e fichas, pois segundo haviam combinado jogariam algumas partidas de vingt et un. Peeperkorn, com aquele seu jeito imponente, mandou chamar a anã e pediu vinho, um chablis 1906, três garrafas por enquanto, acompanhadas de doces, tudo o que ela pudesse encontrar de passas de frutas do sul e confeitos. O modo como esfregava as mãos para saudar os quitutes que lhe serviam patenteava sua satisfação; e também palavras lhe serviam para comunicar o que sentia, em frases que, de um modo impressionante, terminavam no meio, mas que não o impediam de se expressar como personalidade que ocasiona uma forte impressão geral. Pondo as mãos nos antebraços dos vizinhos, teve pleno êxito ao reclamar a mais intensa atenção de todos para a maravilhosa cor de ouro do vinho, para o açúcar exsudado pelas passas de Málaga, e para certo tipo de rosquinhas salgadas e polvilhadas com sementes de papoula. Qualificou-as de divinas, sufocando de vez, com um gesto imperioso, o menor germe de

oposição que porventura se levantasse contra o emprego de uma palavra tão exaltada. Foi o primeiro a encarregar-se da banca; mas prontamente a cedeu ao sr. Albin, pois, como disse, se é que o entenderam bem, a função de banqueiro impedia-o de gozar livremente a festa.

Era visível que o jogo de azar representava para ele um assunto secundário. Jogava-se por nada, segundo a sua opinião. Por proposta dele haviam fixado a aposta mínima de cinquenta centavos, mas isso representava muito dinheiro para a maioria dos parceiros. O promotor Paravant tanto como a sra. Stöhr empalideciam e coravam alternadamente. Esta, sobretudo, remexia-se na cadeira, presa de terríveis lutas interiores, quando se lhe deparava o problema de comprar ou não comprar a dezoito. Dava gritos lancinantes quando o sr. Albin, com um gesto frio e rotineiro, lhe atirava uma carta muito alta que lhe aniquilava por completo os projetos. Peeperkorn ria-se jovialmente.

— Grite, madame, grite! — ele disse. — É um som agudo, cheio de vida, que vem do fundo de… Beba e regale o seu coração, para que uma vez mais… — E encheu-lhe a taça. Encomendou mais três garrafas. Bebeu à saúde de Wehsal e da obtusa sra. Magnus porque um e outra lhe pareciam ter grande necessidade de animação.

O vinho, que era realmente ótimo, coloriu em pouco tempo os rostos, exceção feita ao dr. Ting-Fu, que permanecia invariavelmente amarelo, com os olhos rasgados, pretos como azeviche, soltando discretos risinhos cacarejantes, enquanto fazia elevadas apostas com uma sorte escandalosa. Os outros não queriam ficar atrás. O promotor Paravant, com o olhar turvo, desafiou o destino, arriscando dez francos numa entrada que despertava apenas moderadas esperanças; empalideceu ao ver que havia comprado demais, e todavia ganhou, uma vez que o sr. Albin, confiando num ás traiçoeiro, fizera dobrar todas as apostas. Eram emoções que não se limitavam à pessoa que as causava a si mesma. Toda a roda tomava parte nelas; nem

o sr. Albin conseguia dominar sua excitação o bastante, embora rivalizasse, em matéria de fria circunspeção, com os crupiês do cassino de Montecarlo, que afirmava ter frequentado muito. Também Hans Castorp jogava com apostas fortes; e da mesma forma a Kleefeld e a sra. Chauchat. Do vingt et un passaram aos “tours”, “chemin de fer”, “campista” e à perigosa “différence”. Revezavam-se arrebatamentos de exultação e de desespero, explosões de cólera e gargalhadas histéricas, tudo isso provocado pelo estímulo que a sorte falaz exercia sobre os nervos; e essas manifestações eram sérias e sinceras — não teriam sido diferentes no caso de vicissitudes da vida real.

Mas não eram somente, e nem sequer em primeiro lugar, o jogo e o vinho os fatores que produziam a tensão psíquica dessa roda, as faces quentes, a dilatação das pupilas nos olhos brilhantes, ou que davam origem àquilo que poderia ser definido como a dedicação esforçada do pequeno grupo, a respiração embargada, a concentração quase dolorida no que trazia o momento. Em realidade, isso tudo se devia, sim, à influência de uma individualidade soberana que se encontrava entre os presentes, à “personalidade” que os dominava, a Mynheer Peeperkorn, que mantinha as rédeas em sua mão gesticulante e fazia sentir a todos o feitiço dessa hora, pelo espetáculo da sua grandiosa fisionomia, pelo olhar baço sob o drapejamento monumental da fronte, pela sua fala e mímica impressionante. Que dizia? Coisas pouquíssimo claras, e que se tornavam tanto menos distintas quanto mais bebia. Mas o grupo estava suspenso de seus lábios, fitava sorrindo o círculo que seu indicador formava com o polegar, e a cujo lado se eriçavam, pontudos como lanças, os outros dedos, enquanto o rosto majestoso efetuava uma ação altamente expressiva. Sem resistência, todos se submetiam a uma servidão sentimental que deixava longe os limites de paixão abnegada que essa gente se impunha em tempos normais, e que ultrapassava as forças de alguns. A sra. Magnus, ao menos, começou a

sentir-se mal. Esteve a ponto de desmaiar, mas recusou obstinadamente subir ao quarto e contentou-se com a chaise-longue, onde lhe puseram um guardanapo molhado sobre a testa, e de onde, depois de descansar um pouco, ela voltou para a roda.

Peeperkorn teve a ideia de atribuir o desfalecimento dela a uma alimentação insuficiente. Com o indicador erguido proferia palavras significativamente abruptas nesse sentido. Era preciso comer, comer copiosamente, foi o que ele deu a entender, para cumprirem-se as exigências da vida. E logo encomendou mantimentos para toda a roda, uma refeição composta de carne, fiambre, língua, peito de ganso, assados, salames e presunto. Chegaram travessas cheias de suculentos quitutes, guarnecidos de bolinhas de manteiga, de rabanetes e de salsa, a ponto de se assemelhar a exuberantes canteiros de flores. Apesar de que se fizesse muita honra aos pratos, não obstante o jantar precedente cuja abundância é escusado mencionar, Mynheer Peeperkorn declarou, depois de ter provado alguns bocados, que essas coisas não passavam de "frioleiras", e isso com uma cólera que documentava o caráter pavorosamente imprevisível da sua natureza de soberano. Chegou até a enfurecer-se quando alguém se atreveu a defender a refeição. A cabeça imponente quase explodia de raiva, enquanto Peeperkorn, com o punho cerrado, dava um murro na mesa. Gritou que tudo isso era uma "grande droga", com o resultado de os comensais emudecerem constrangidos, uma vez que ele, como anfitrião, devia ter o direito de julgar aquilo que oferecia e pagava.

Mas essa ira, por inexplicável que possa parecer, condizia perfeitamente com a fisionomia do holandês, como Hans Castorp, mais do que ninguém, teve de reconhecer. Não o desfigurava nem diminuía de modo algum. Na sua incompreensibilidade que pessoa alguma ousava nem intimamente relacionar com as quantidades de vinho que ele acabara de ingerir, não deixava de revelar grandeza e

majestade, de maneira que todos se inclinaram diante dele e evitaram servir-se mais uma vez dos frios. Foi a sra. Chauchat quem tranquilizou o companheiro de viagem. Acariciou-lhe a larga mão de capitão, que depois do murro repousava na mesa, e sugeriu em voz meiga que talvez se pedisse outra coisa, um prato quente, se assim lhe agradasse, e se fosse possível obtê-lo do chefe de cozinha a essa hora.

— Minha filha — disse Peeperkorn —, está bem.

E sem nenhum esforço, cheio de dignidade, passou da fúria desenfreada para um estado de moderação. Beijou a mão de Clawdia. Encomendou omeletes para si próprio e para os seus convidados, uma boa omelete com ervas finas, para que se pudessem satisfazer as exigências da vida. E junto com o pedido mandou à cozinha uma nota de cem francos, a fim de dispor o pessoal do serviço a interromper seu descanso.

Seu bom humor ressuscitou inteiramente quando apareceram diversas travessas com a fumegante iguaria, amarela qual um canário e salpicada de verde, impregnando o recinto com o cheiro suave e morno de ovos e manteiga. Os comensais serviram-se, ao mesmo tempo que Peeperkorn, e sob a sua vigilância jovial. Em frases confusas e com gestos irresistíveis obrigou todos a saborear com atenção e até com fervor essa dádiva de Deus. Fê-la acompanhar de genebra holandesa, uma rodada de cálices cheios, e insistiu em que ninguém deixasse de sorver com intensa devoção o líquido claro, do qual se desprendia um olor sadio de trigo com uma leve dose de zimbro.

Hans Castorp fumava. Também a sra. Chauchat servia-se de cigarros de ponta de papelão, guardados numa caixa russa, de verniz, ornada de uma troica em plena corrida, e que para maior comodidade pusera na mesa diante de si. Peeperkorn, embora não censurasse seus vizinhos por se entregarem a esse prazer, não fumava nunca. Pelo que se podia deduzir das suas explanações, o consumo do tabaco já

fazia parte de gozos por demais refinados, cujo cultivo representava um agravo à majestade das dádivas simples da vida, dessas dádivas e funções que a nossa sensibilidade mal e mal conseguia apreciar devidamente.

— Meu caro jovem — disse a Hans Castorp, fascinando-o com olhar baço e gesto imperioso —, meu caro jovem, o que é simples! O que é sagrado! Ora, o senhor me compreende. Uma garrafa de vinho, um prato fumegante de ovos, um puro cálice de cereal… Dediquemo-nos a isso em primeiro lugar e desfrutemo-lo, esgotemos o que nos oferece e façamos-lhe a honra a que tem direito, antes de… Absolutamente, meu senhor! Basta! Encontrei pessoas, homens e mulheres, cocainômanos, fumadores de haxixe, morfinômanos… Pois bem, meu amigo! Pois não! Se é assim que querem! Não devemos julgar. Mas àquelas coisas que merecem a primazia, as coisas singelas, grandes, que têm sua origem em Deus, essa gente lhes ficava… Basta, meu amigo. Condenados. Decaídos. Essa gente lhes ficava em dívida! Meu caro jovem, não importa como se chama… Sim, eu já sabia o seu nome, mas esqueci-me dele… A perversidade não consiste na cocaína nem no ópio, nem no vício em si. O pecado imperdoável reside…

Estacou. Alto e espadaúdo, voltado a seu vizinho, persistiu num silêncio poderoso e expressivo, como que a exigir entendimento; tinha o indicador levantado, a boca entreabria-se, irregular e gretada, sob o lábio superior desnudo, rubro e um tanto arranhado pela navalha, e o drapejamento linear da vasta fronte emoldurada de labaredas brancas estava franzido com esforço; os olhos pequenos e baços achavam-se dilatados, e Hans Castorp divisou neles um quê de horror que Peeperkorn experimentava em face do crime, do pecado grave, do fiasco irremissível a que acabava de aludir, e cuja extensão monstruosa todos deviam perceber, obedecendo à ordem silenciosa que lhes dava com toda a força fascinante da sua personalidade soberana, ainda que indistinta… É um horror

objetivo, pensou Hans Castorp, porém mesclado de um elemento particular, de um pavor que se apossou desse homem dominador. Tratava-se mesmo de *medo*, não de um medo insignificante e pequeno, senão de um horror pânico que pareceu bruxulear ali por alguns instantes; e Hans Castorp, que tinha índole demasiadamente reverenciosa, não deixou de comover-se com essa observação, não obstante todos os motivos que bem poderiam ocasionar uma atitude hostil de sua parte contra o majestoso companheiro de viagem da sra. Chauchat.

Baixou os olhos e fez que sim, para dar ao seu augusto vizinho a satisfação de sentir-se compreendido.

— Isso deve ser verdade, sim — ele disse. — Pode ser pecado, e sinal de tacanheza, abandonar-se a prazeres refinados, sem fazer jus às dádivas simples e naturais da vida, que são grandes e sagradas. Tal é sua opinião, Mynheer Peeperkorn, se o compreendo bem, e, embora essa ideia nunca me tenha ocorrido, aprovo-a sinceramente, desde o momento em que o senhor chamou a minha atenção sobre ela. Pode ser que sejam muito raras as ocasiões em que essas dádivas saudáveis e singelas da vida recebem a plenitude das honras que lhes devem. Certamente a maioria das pessoas é por demais relaxada, distraída, irresponsável e desgastada para lhes prestar essas honras, penso eu…

O potentado pareceu muito contente.

— Meu jovem — exclamou —, perfeito. Queira permitir… Não falemos mais nisso. Peço-lhe que beba comigo, que esvazie sua taça em minha companhia, com os braços enlaçados. Isso não quer dizer que já lhe ofereça nos tratarmos por “você”, como irmãos… Estive a ponto de fazê-lo; verifiquei, porém, que esse ato seria um pouco precipitado. Provavelmente, dentro de um tempo não muito longo, eu vou… Conte com isso! Mas se o senhor o desejar e insistir em que nós dois imediatamente…

Hans Castorp concordou com o adiamento sugerido por Peeperkorn.

— Muito bem, meu filho. Muito bem, camarada. Tacanheza? Muito bem. Ótimo, e também horrível. Irresponsável: muito bem. Dádivas: nada bem. Exigências! Exigências sagradas e femininas que a vida impõe à honra e à masculinidade.

Hans Castorp não pôde esquivar-se à súbita percepção de que Peeperkorn estava totalmente embriagado. Mas tampouco seu inebriamento era vil nem vergonhoso, não se manifestava como um estado de humilhação, senão que se associava à majestade da sua natureza, formando um fenômeno grandioso que impunha respeito. O próprio Baco, pensou Hans Castorp, apoiava-se em seus companheiros, quando estava bêbado, sem detrimento da sua divindade; o que importa em mais alto grau é saber *quem* está bêbado, se é uma personalidade ou um pobre-diabo. E evitou, em seu íntimo, diminuir o respeito que lhe inspirava a esmagadora figura do companheiro de viagem, cujos gestos esmerados se haviam tornado vagos e cuja língua balbuciava.

— Irmão, irmão a quem digo "você"! — disse Peeperkorn, presa de uma embriaguez livre e altiva. Atirou para trás o corpo potente, e, estendendo o braço por sobre a mesa, golpeou-a com o punho frouxamente cerrado. — Está em vista... Para breve, embora a ponderação, por enquanto... bem. Basta! A vida, meu caro jovem, é uma mulher, uma mulher estatelada, com os seios exuberantes e apertados, com o ventre amplo e macio entre os quadris salientes, com braços delgados, coxas opulentas e olhos semicerrados, uma mulher que nos desafia magnífica e zombeteiramente e reivindica todas as energias da nossa virilidade, que se deve confirmar, ou perecer diante dela... Perecer, meu jovem! O senhor percebe o que isso significaria? A derrota do sentimento em face da vida, eis o que é a tacanheza para a qual não há perdão, nem compaixão, nem dignidade, e que fica inexorável e sardonicamente decaída, recebe um basta! — compreende, meu jovem? — e é então vomitada... Degradação e desonra são palavras brandas para designar

essa ruína e bancarrota, essa vergonha pavorosa. Ela é o declínio, o desespero infernal, o fim do mundo…

Ao falar, o holandês fora lançando o poderoso corpo mais e mais para trás, ao mesmo tempo que a majestosa cabeça se inclinava para o peito, como se ele estivesse a ponto de adormecer. Ao pronunciar a última palavra, porém, deixou o punho frouxo recair sobre a mesa num murro vigoroso, de maneira que o degradado Hans Castorp, nervoso devido ao jogo, ao vinho e à peculiaridade das demais circunstâncias, sobressaltou-se e fixou no potentado um olhar respeitoso e espantado. "Fim do mundo" — como essas palavras se harmonizavam com o rosto de Peeperkorn! Hans Castorp não se recordava de as ter ouvido, fora, talvez, das aulas de religião, e isso não era por acaso, segundo pensava, pois a quem, dentre todos os seus conhecidos, cabia pronunciar tal expressão trovejante? Quem, para formular a pergunta com mais acerto, tinha a necessária *envergadura*? Seria possível que o pequeno Naphta se servisse dela de vez em quando; mas isso não passaria de uma usurpação e de uma bravata agressiva, ao passo que na boca de Peeperkorn a locução atroadora adquiria a plenitude do seu poder esmagador, vibrava com o clangor de trombetas e alcançava a grandiosidade bíblica. "Meu Deus, é uma personalidade!", sentiu o jovem pela centésima vez. "Aproximei-me de uma personalidade, e ela é o companheiro de viagem de Clawdia." Também ele estava meio tonto; com uma das mãos, fazia girar a taça sobre si mesma, em cima da mesa. A outra mão, tinha-a no bolso da calça, e fechava um olho para que não entrasse a fumaça do cigarro que lhe pendia no canto da boca. Não seria melhor permanecer calado, depois dessas palavras terem sido proferidas por uma pessoa que tinha vocação para atroá-las? Para que fazer ouvir sua voz débil? Mas seus dois educadores democratas o haviam acostumado a discussões: ambos democratas por natureza, se bem que um não gostasse de sê-lo; assim, deixou-se arrastar e acabou por fazer um de seus

comentários ingênuos:

— Suas observações, Mynheer Peeperkorn — (Que expressão era essa? Porventura se faziam "observações" sobre o fim do mundo?) —, suas observações reconduziram meus pensamentos até aquilo que o senhor acaba de estabelecer quanto ao vício, isto é, que constitui um insulto às dádivas simples e, segundo disse o senhor, sagradas, ou, como eu prefiro dizer, às dádivas clássicas da vida, as dádivas de vulto, em certo sentido, antepor-lhes as dádivas posteriores, requintadas, os refinamentos, aos quais as pessoas "se abandonam", para repetir uma expressão usada por um de nós dois, ao passo que "se consagram" ou "fazem honra" àquelas grandes dádivas. Mas nesse ponto, precisamente, parece-me residir a desculpa… O senhor me perdoe, mas a minha natureza é propensa a desculpas, se bem que elas careçam de envergadura, como sinto nitidamente… Ora, nesse ponto parece-me residir a desculpa do vício, porque este, conforme verificamos, se baseia na tacanheza. O senhor pronunciou sobre os horrores da tacanheza palavras de tamanho peso que me deixou sinceramente emocionado. No entanto, acho eu que a pessoa viciada não se mostra insensível, em absoluto, a esses horrores, mas os reconhece plenamente, uma vez que o fracasso do seu sentimento em face das dádivas clássicas da vida a impele em direção ao vício. De modo que nisso não há, ou não precisa haver, nenhuma ofensa à vida, desde que essa atitude pode, com a mesma razão, ser considerada uma homenagem à vida, tendo-se em conta que os refinamentos são meios de embriagar-se e de exaltar-se, stimulantia, como se costuma dizer, meios usados para o apoio e a elevação da sensibilidade, de maneira que, apesar de tudo, sua finalidade e seu objetivo sejam a vida, o amor ao sentimento, o desejo de sentimento que experimenta a tacanheza… Parece-me…

Que é que estava dizendo? Não bastava aquela insolência democrática de empregar as palavras "um de nós dois", ao

referir-se de um lado a uma personalidade e do outro a si próprio? Vinha-lhe a coragem necessária para tal ousadia de um passado que punha em dúvida certos direitos de posse? Que lhe dera na veneta quando se metia nessa análise igualmente petulante do "vício"? A única coisa que agora lhe restava fazer era sair do apuro, pois tornou-se evidente que acabava de desencadear uma tempestade terrível.

Enquanto o seu convidado falava, Mynheer Peeperkorn tinha permanecido na sua posição anterior, com o corpo atirado para trás e a cabeça curvada sobre o peito, de modo que não se podia saber se as palavras de Hans Castorp lhe penetravam na consciência. A essa altura, porém, pouco a pouco, quanto mais se confundia o jovem, mais se empertigava o holandês, afastando-se do espaldar e aparecendo em toda a sua grandeza; ao mesmo tempo, a majestosa cabeça tornava-se rubra e congestionada; subiam, entesando-se, os arabescos da fronte; os olhinhos dilatavam-se numa ameaça indistinta. Que estava se preparando? Parecia a ponto de se desencadear um acesso de raiva, comparado com o qual o anterior não passaria de ligeiro agastamento. O lábio inferior de Mynheer comprimia-se contra o superior numa expressão de ira violenta, fazendo descer os cantos da boca e avançar o queixo. Lentamente, o braço direito ia se distanciando da mesa; levantou-se até à altura da cabeça, com o punho cerrado, tomando um magnífico impulso para o golpe que aniquilaria o palrador democrático. Tomado de susto, mas também cheio de um fantástico prazer devido a essa imagem expressiva da indignação de um rei, ele era capaz, somente, de ocultar o medo e sua imensa vontade de fugir dali. Então apressou-se a dizer conciliadoramente:

— Sem dúvida me expressei mal. Tudo isso depende da envergadura, e de nada mais. Não se pode qualificar de vício o que tem tal envergadura. O vício não a tem nunca, tampouco os prazeres refinados. Mas em todos os tempos, o homem ávido de sentimentos tem disposto de um recurso,

de um meio de se exaltar e embriagar, que faz parte das dádivas clássicas da vida, e cujo caráter é simples, sagrado, e por conseguinte oposto ao vício. É um recurso de grande envergadura, por assim dizer. Falo do vinho, um presente divino feito aos homens, segundo já afirmavam os povos humanísticos da Antiguidade, a invenção filantrópica de um deus, relacionada com a própria civilização. Não se diz que graças à arte de plantar a vinha e de espremer a uva os homens abandonaram o estado de selvageria e se civilizaram? Ainda hoje, os povos em cujos países há parreiras são considerados mais civilizados, ou pelo menos julgam-se assim, do que aqueles que não têm vinho, os cimérios; isso é realmente notável. Pois significa que a civilização, em vez de ser um assunto do intelecto e da sobriedade ponderada, depende do entusiasmo, da ebriedade e da sensação de deleite. Não é essa também a sua opinião, se posso tomar a liberdade de lhe fazer a pergunta?

Um sabido, esse Hans Castorp. Ou, como o sr. Settembrini formulara com certo requinte literário, um “maganão”. Imprudente e até atrevido no contato com personalidades, e ao mesmo tempo hábil, quando se tratava de se livrar da encrenca. Agora, numa situação complicadíssima, acabava de improvisar, com muita graça, um discurso em homenagem ao alcoolismo; além disso mencionara, de passagem, a “civilização”, da qual, na verdade, pouco se notava na primitividade formidável da atitude de Mynheer Peeperkorn; e finalmente conseguira abrandar e tornar inoportuna essa atitude aterradora, ao fazer uma pergunta à qual era impossível responder com o punho erguido. E de fato o holandês suavizou o seu gesto de rancor antediluviano. Descendo lentamente, o braço se aproximava da mesa; a cabeça se descongestionava. “Sorte sua!” é o que se lia em sua fisionomia, que mostrava apenas restos da ameaça anterior. Dissipara-se a tempestade, e para liquidar o caso a sra. Chauchat interveio, chamando a atenção do

seu companheiro de viagem sobre o declínio da animação que se verificava entre os comensais.

— Meu amigo, você se esquece de seus convidados — disse em francês. — Está se dedicando com demasiada exclusividade a esse senhor, por mais importantes que sejam os assuntos a tratar. Mas nesse meio-tempo o jogo parou quase completamente, e receio que os outros se aborreçam. Quer que encerremos a sessão?

Peeperkorn voltou-se prontamente à roda dos convidados. Era verdade: desmoralização, letargia e marasmo haviam se alastrado entre eles, que se encontravam entregues às mais diferentes ocupações, como uma classe de colegiais quando falta a autoridade do professor. Alguns estavam a ponto de adormecer. Peeperkorn não tardou a retomar as rédeas que lhe tinham escapado da mão.

— Senhoras e senhores! — gritou com o indicador levantado, e esse dedo pontudo qual uma lança parecia uma espada que desse um sinal, ou uma bandeira. Seu apelo, por sua vez, recordava o "Siga-me quem não for covarde!" de um líder que fizesse parar um princípio de debandada. A intervenção da sua personalidade teve o efeito imediato de unir e reanimar o grupo. Os comensais reagiram. Compuseram as fisionomias que antes estavam frouxas. Entre sorrisos e acenos, fitaram os olhos do anfitrião, esses olhos baços sob as rugas lineares da fronte, que davam a seu rosto a aparência de um ídolo. E o holandês fascinou-os a todos, obrigou-os a se dedicar novamente ao serviço, apenas abaixando a ponta do indicador em direção ao polegar e elevando os demais dedos com as unhas compridas. Com um gesto que ao mesmo tempo protegia e moderava, espalmou as mãos de capitão, enquanto dos lábios doloridos e gretados se desprendiam palavras cuja indistinção e falta de nexo exerciam, graças ao apoio da sua personalidade, uma poderosa influência sobre os espíritos.

— Senhoras e senhores! Muito bem. A carne, senhoras e senhores, é infelizmente… Basta. Não, peço que me

permitam… “fraca”, reza a Escritura. “Fraca” isto é, propensa a esquivar-se às exigências que… Mas eu apelo à sua… Numa palavra, senhoras e senhores, eu *a-pe-lo*. Talvez me digam que o sono… Muito bem, senhoras e senhores, ótimo, excelente. Eu amo o sono e honro-o. O sono faz parte das… Como é que o senhor formulou, meu caro jovem?… Ora: das dádivas clássicas da vida, e entre elas ocupa o primeiro, o primeiríssimo… perdão… o supremo, senhoras e senhores. Queiram, porém, observar e lembrar-se: Getsêmani! “E, tendo tomado consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, disse-lhes: Ficai aqui e vigiai comigo.” Os senhores se lembram? “Depois foi ter com seus discípulos, e encontrou-os dormindo, e disse a Pedro: Não pudeste vigiar uma hora comigo?” É bastante intenso, senhoras e senhores. Pungente. Emocionante. “E foi novamente, e encontrou-os dormindo; porque seus olhos estavam pesados de sono… E disse-lhes: Ah, agora quereis dormir e descansar? Eis que a hora está próxima…” Senhoras e senhores, é lancinante, dilacera o coração.

De fato, todos estavam comovidos e envergonhados até o fundo da alma. O holandês tinha as mãos juntas sobre o peito, por cima do cavanhaque ralo, e inclinava obliquamente a cabeça. Seu olhar apagado turvara-se em face da tristeza solitária e mortal que lhe brotara dos lábios gretados. A sra. Stöhr soluçava. A sra. Magnus soltou um profundo suspiro. O promotor Paravant, na qualidade de representante dos convidados, como uma espécie de delegado, viu-se induzido a dirigir, em voz abafada, algumas palavras ao venerado anfitrião, para garantir-lhe a lealdade de todos os seus vassalos. Devia haver um equívoco. Ninguém estava cansado; todos se sentiam alegres, dispostos, animados, cheios de bom humor e plenamente atentos. Era uma noite tão linda, tão festiva, uma noite simplesmente extraordinária; todos compreendiam isso e tinham a mesma sensação. Ninguém pensava por enquanto em lançar mão daquela dádiva da vida que era o sono.

Mynheer Peeperkorn podia contar com os seus convidados em conjunto e com cada um em particular.

— Perfeitamente! Magnífico! — exclamou Peeperkorn, empertigando-se. Suas mãos se desligaram, separaram-se e subiram. Ficou com os braços abertos, dirigidos para cima, e com as palmas viradas para fora como numa oração pagã. Sua fisionomia grandiosa, que havia poucos instantes ainda vibrara de mágoa gótica, abriu-se, exuberante e jovial. Até mesmo uma covinha de sibarita assomou-lhe subitamente na face. “Eis que está próxima a hora…” E pediu o cardápio. Colocou no nariz um pince-nez com aros de chifre, e cuja ponte se erguia na altura da testa. Encomendou champanhe, três garrafas de Mumm & Cia., Cordon rouge, très sec, acompanhadas de petits fours, pequenas guloseimas, deliciosas e coniformes, com uma saborosa massa cor de barro, revestida de um glacê de açúcar, recheadas de cremes de chocolate e de pistache, e oferecidas sobre papeizinhos com beiras rendadas. A sra. Stöhr lambia os dedos ao prová-las. O sr. Albin, com uma calma displicente, libertou a primeira rolha da sua gaiola de arame e deixou o cogumelo de cortiça desprender-se do gargalo adornado, com o estalo de uma pistola de criança, e saltar até o teto. Em seguida, conforme a tradição elegante, embrulhou a garrafa num guardanapo, antes de despejar o vinho. A nobre espuma molhou o linho das toalhas que cobriam as mesinhas auxiliares. Fizeram tinir as taças, e esvaziaram-nas de um só trago. O estômago sentia-se eletrizado pelas cócegas do líquido gelado e aromático. Os olhos começaram a brilhar. O jogo ficara interrompido, sem que se dessem ao trabalho de recolher as cartas e o dinheiro espalhado na mesa. A roda abandonou-se a um deleitoso far niente, mesclado com uma conversação sem nexo, cujos elementos cada um extraía da sua sensibilidade aguçada; elementos sumamente promissores na sua fase primitiva, mas que no caminho à expressão se haviam transformado numa algaravia fragmentária, entaramelada entre indiscreta

e incompreensível, capaz de envergonhar ou enfurecer qualquer pessoa sóbria que a ouvisse. A essa altura, porém, os comensais suportavam-na sem objeção alguma, visto se acharem todos no mesmo estado. Até a sra. Magnus tinha as orelhas rubras e alegava sentir como a vida pulsava nas suas veias; afirmação de que o marido parecia gostar pouco. Hermine Kleefeld, recostando-se ao ombro do sr. Albin, estendia-lhe a taça para que a enchesse de vinho. Peeperkorn dirigia a bacanal com esmerados gestos dos dedos de unhas pontudas. Também providenciou acerca do abastecimento e dos reforços. Depois do champanhe, mandou trazer café, moca fortíssimo, que vinha novamente acompanhado de "pão" e de licores doces, mas picantes, como são apricots brandy, chartreuse, crême de vanille e maraschino, para as senhoras. Mais tarde apareceram ainda filés de peixe avinagrado e cerveja, e finalmente chá, de duas espécies, chá chinês e chá de macela, para quem não preferisse conservar-se fiel ao champanhe ou aos licores, ou ainda voltar a beber um vinho genuíno. Assim fazia Mynheer, cujo processo de purificação íntima progredira, depois da meia-noite, em direção a um tinto suíço de um buquê ingênuo-frisante, que bebia em companhia da sra. Chauchat e de Hans Castorp, e do qual emborcava taça após taça, como se realmente estivesse com sede.

À uma hora, a sessão festiva ainda se arrastava, prolongada ora pela paralisia plúmbea da embriaguez, ora pelo prazer singular de desperdiçar a noite, ora enfim pela influência da personalidade de Peeperkorn e pelo exemplo infausto de São Pedro e dos seus, cuja fraqueza ninguém queria imitar. De modo geral, o belo sexo parecia menos exposto a tal perigo; pois, ao passo que os homens, corados ou pálidos, bufando, com as pernas esticadas, bebiam apenas mecânica e esporadicamente, sem revelar o verdadeiro entusiasmo no cumprimento do dever, as mulheres mostravam-se mais ativas. Hermine Kleefeld, com os cotovelos desnudos apoiados na mesa e o rosto fincado

entre as mãos, exibiu rindo a brancura dos seus dentes ao cacarejante Ting-Fu, enquanto a sra. Stöhr, achegando o queixo ao ombro avançado, lançava ao promotor Paravant olhares faceiros que lhe deviam fomentar a vontade de viver. A sra. Magnus chegara ao ponto de instalar-se sobre os joelhos do sr. Albin e puxá-lo pelas orelhas, o que o sr. Magnus observava com manifesto alívio. Anton Karlovitch Ferge foi solicitado a contar a história do choque pleural, mas a língua embargada impediu-o de realizar o intento; ele confessou francamente seu fracasso, e os outros, por unanimidade, consideraram que isso era motivo para beber mais. Durante alguns instantes, Wehsal verteu lágrimas amargas, brotadas de certos abismos da miséria, cuja profundeza a sua língua já não estava em condições de desvendar à humanidade; com café e conhaque, no entanto, conseguiram endireitar-lhe o espírito. Os gemidos que se arrancavam de seu peito e o queixo rugoso, trêmulo e inundado de lágrimas despertaram, por outro lado, o mais vivo interesse de Peeperkorn, que, erguendo o polegar e alçando os arabescos da fronte, chamou a atenção de todos sobre o estado de Wehsal.

— Isto é… — disse. — Realmente, isto é… Não, permita-me: sagrado! Seque-lhe o queixo, minha filha, tome aqui meu guardanapo! Não! melhor deixá-lo em paz! Ele prefere que não. Senhoras e senhores… é sagrado! Sagrado sob todos os aspectos, no sentido cristão e no pagão! Um protofenômeno! Um fenômeno de primeira… de suprema… Não, não, isto é…

Essas palavras “Isto é…” e “Isto é mesmo…” formavam o leitmotiv das explicações e comentários que acompanhavam seus gestos precisos, ainda que estes, com o tempo, tivessem assumido caráter levemente grotesco. Ele tinha um jeito de manter à altura da orelha o anel que o polegar formava com o indicador, e de afastar desse anel a cabeça inclinada, com uma expressão humorística que despertava sensações iguais àquelas que originaria o sacerdote idoso de um culto estranho, caso dançasse diante do altar de

sacrifícios, arregaçando a vestimenta com uma graça esquisita. Em outra ocasião, refestelando-se em toda a sua grandeza, com os braços a cingir os espaldares das cadeiras vizinhas, obrigou os comensais, para grande perplexidade de todos, a evocar, junto com ele, a visão viva e intensa da manhã, uma gélida e sombria manhã de inverno, com a luz amarela da lâmpada de cabeceira espelhando-se na vidraça, sobre um fundo de ramaria calva, que lá fora se ouriçava na madrugada brumosa, glacial, áspera como o grito das gralhas… Pela descrição sugestiva, soube dar tanta força a esse quadro singelo e cotidiano que os convidados ficaram todos arrepiados, principalmente quando lhes recordou a água gelada espremida de uma grande esponja sobre a nuca, e que qualificou de sagrada. Tudo isso era apenas uma digressão, um exemplo destinado a ensinar-lhes a atenção em face das coisas da vida, um improviso fantástico, que ele logo abandonou, para novamente devotar a sua fervorosa ênfase e a presença dos seus sentimentos a essa hora noturna, festivamente desenfreada. Mostrou-se apaixonado por tudo quanto era mulher que se achava a seu alcance, sem preferências nem discriminação. Fez à anã declarações tais que o rosto envelhecido, excessivamente grande, da desgraçada criatura se enrugou todo num vasto sorriso. Disse à sra. Stöhr galanteios de tal calibre que a mulher ordinária, avançando ainda mais o ombro, levou a sua costumeira afetação às raias da perfeita loucura. Pediu à Kleefeld que lhe desse um beijo na boca ampla e gretada, e perseguiu até a insípida sra. Magnus — tudo isso sem detrimento da terna dedicação que demonstrava à sua companheira de viagem, cuja mão frequentemente levava aos lábios, com um ardor cavalheiresco.

— O vinho… — disse. — As mulheres… Isto é… Isto é mesmo… Permitam-me… Fim do mundo… Getsêmani…

Por volta das duas horas espalhou-se o boato de que “o velho”, quer dizer, o conselheiro Behrens, se aproximava a passo acelerado das salas de reunião. No mesmo instante

produziu-se grande pânico entre os pensionistas enervados. Cadeiras e baldes de gelo foram derrubados. Os convidados fugiram pela porta da biblioteca. Peeperkorn, tomado de cólera majestática, ao ver o brusco encerramento da festa, deu com o punho na mesa e gritou algo como "escravos medrosos" por trás do pessoal que se sumia. Mas Hans Castorp e a sra. Chauchat conseguiram que ele se conformasse, até certo ponto, com a ideia de que esse festim, depois de quase seis horas de duração, tinha que terminar, afinal. Também aquiesceu quando lhe relembraram o sagrado regalo do sono, e permitiu que o levassem para a cama.

— Ampare-me, minha filha! Ampare-me do outro lado, jovem — disse à sra. Chauchat e a Hans Castorp. E eles ajudaram-no a levantar da cadeira o corpo pesado. Ofereceram-lhe o braço, e escorado por ambos começou a trilhar o caminho que o levaria ao repouso. Caminhava com as pernas abertas, inclinando a enorme cabeça para um dos ombros levantados, e empurrava ora um ora outro dos seus guias devido a seu andar cambaleante. Na realidade permitia-se o luxo de um rei ao exigir que o pilotassem e apoiassem dessa forma. Se o achasse necessário, provavelmente teria sido capaz de caminhar sozinho. Mas Peeperkorn desdenhou tal esforço que, em todo caso, só poderia ter o sentido mesquinho e inferior de dissimular pudicamente a sua ebriedade, ao passo que ele, evidentemente, não tinha a mínima vergonha dela, exibindo-a de modo magnífico e exuberante. Dava-lhe um prazer régio, quando aqueles cambaleios dirigiam seus serviçais ora para a direita ora para a esquerda. Ele mesmo disse, enquanto avançavam:

— Meus filhos... Bobagem... Não estamos nem um pouquinho... Se nesse momento... Vocês deveriam ver... Ridículo...

— Ridículo! — confirmou Hans Castorp. — Não existe a menor dúvida! Tributa-se à dádiva clássica da vida o que se

lhe deve, quando se cambaleia dessa forma em sua homenagem, sem dissimulação. Pelo contrário, a sério... Eu também bebi bastante, mas, apesar da minha pretensa embriaguez, tenho absoluta clareza da honra especial que me cabe ao poder conduzir à cama uma verdadeira personalidade, e daí ser tão fraco o efeito que a embriaguez exerce sobre mim, cuja envergadura nem sequer pode ser comparada com...

— Ora, ora, seu tagarelinha — disse Peeperkorn, e a passo vacilante o comprimia contra o corrimão da escada, arrastando consigo a sra. Chauchat.

O rumor de que o conselheiro se aproximava não passava, como se manifestou, de um rebate falso, talvez posto em circulação pela anã fatigada, na intenção de dar cabo da reunião. Nessas circunstâncias, Peeperkorn estacou e fez menção de voltar para continuar com a bebedeira. Mas de ambos os lados recebeu sugestões em contrário, e assim consentiu em que o pusessem novamente em movimento.

O criado malaio, aquele homenzinho com gravata branca e sapatos de seda preta, esperava o patrão no corredor, diante da porta do apartamento. Acolheu-o com uma mesura, levando uma das mãos ao peito.

— Beijem-se, vocês dois! — ordenou Peeperkorn. — Meu caro jovem, cabe que você dê um beijo de despedida na fronte dessa mulher encantadora! — acrescentou, dirigindo-se a Hans Castorp. — Ela não fará objeções e lhe retribuirá. Façam isso, vocês dois, à minha saúde e com a minha licença! — ele disse; mas Hans Castorp se negou a executar a ordem.

— Não, Vossa Majestade — disse. — O senhor me desculpe, mas não é possível.

Peeperkorn, encostado ao malaio, alçou os arabescos da fronte e quis saber por que não era possível.

— Porque não posso trocar beijos na fronte com a sua companheira de viagem — explicou Hans Castorp. — Desejo-lhe uma boa noite de repouso. Não, isso seria sob todos os

aspectos uma grande tolice.

E como também a sra. Chauchat se encaminhasse à porta de seu quarto, Peeperkorn consentiu em que o jovem obstinado se afastasse, sendo que ainda o acompanhou por algum tempo com os olhos, por sobre o próprio ombro e o do malaio, com a testa franzida, e muito surpreso com tamanha insubordinação, que sua natureza de soberano não estava habituada a encontrar.

MYNHEER PEEPERKORN (CONTINUAÇÃO)

Mynheer Peeperkorn residiu no Sanatório Berghof durante todo esse inverno — quer dizer, durante os meses que ainda restavam dele — e uma parte da primavera, de modo que por último pôde-se realizar uma notável excursão em grupo (também Naphta e Settembrini tomaram parte) ao vale de Flüela e à cascata que lá existe... Por último? Quer dizer que não ficou mais tempo? — Não, não ficou mais tempo. — Partiu então? — Sim e não. — Sim e não? Nada de mistérios, por favor. É preciso resignar-se. O tenente Ziemssen também faleceu, sem falar de muitas outras pessoas menos honradas que entraram na dança da morte. De maneira que o confuso Peeperkorn morreu daquela febre tropical maligna? — Não, não foi assim. Mas por que tanta impaciência? Deve-se respeitar a condição da vida e da narrativa, segundo a qual as coisas não podem acontecer todas ao mesmo tempo. Cumpre não se rebelar contra as formas do conhecimento humano que Deus nos conferiu. Prestemos ao tempo pelo menos tanta honra quanta ainda permite a natureza da nossa história! De todo modo não sobra mais muita. A narração precipita-se aos trambolhões ou, se a expressão porventura soa por demais barulhenta, vai deslizando com a rapidez do vento, vum, vum! Quem indica o nosso tempo é um ponteirozinho que saltita como se medisse segundos, mas cada vez que passa pelo vértice, friamente e sem se demorar, significa sabe Deus o quê. Já faz anos, isso é indiscutível, que nos achamos aqui em cima. Sentimo-nos tomados de vertigem. Sonhamos um sonho vicioso, sem ópio nem haxixe, e o censor que vela pelos bons costumes não deixará de nos condenar — no entanto nos esforçamos, de propósito, por opor à névoa perniciosa a mais intensa clareza de raciocínio e o máximo de agudeza lógica! Não é por acaso, convém reconhecer, que nos rodeamos de inteligências como as dos srs. Naphta e Settembrini, em vez

de nos cercarmos apenas de esfumados Peeperkorns — e, é bem verdade, isso leva a uma comparação que, sob certos pontos de vista, principalmente no que se refere à *envergadura*, resulta vantajosa para a personagem que surgiu depois, como também Hans Castorp parecia concluir, deitado em sua sacada e refletindo sobre os dois educadores excessivamente articulados, que lhe disputavam a pobre alma; ele verificava que ambos pareciam anões em confronto com Pieter Peeperkorn, a ponto de sentir-se inclinado a qualificá-los de "tagarelinhas", assim como o holandês, em um chiste de régia ebriedade, fizera com ele; e saudou como feliz e proveitoso que a pedagogia hermética ainda lhe proporcionasse o contato com uma autêntica personalidade.

Que essa personalidade fosse o companheiro de viagem de Clawdia e como tal constituísse imenso obstáculo era problema à parte, que no entanto não perturbava a objetividade de Hans Castorp. A simpatia sinceramente respeitosa, embora às vezes um tanto atrevida, que lhe inspirava esse homem de grande envergadura não era perturbada, repetimo-lo, pela simples circunstância de ele viver em comunhão de bens com uma mulher que emprestara uma lapiseira a Hans Castorp numa noite de Carnaval. Nosso jovem não era de índole a deixar-se influenciar por essas coisas. Não duvidamos de que certos leitores ou leitoras se escandalizarão com tamanha "falta de temperamento" e de que bem prefeririam que ele odiasse e evitasse Peeperkorn, que o tratasse, no seu íntimo, como velho burro e beberrão tartamudo, em vez de visitá-lo por ocasião dos seus ataques de febre intermitente, sentar-se à beira da sua cama, conversar com ele (esse verbo naturalmente só se refere às contribuições que o colóquio recebia da parte de Hans Castorp, e não às do grandioso Peeperkorn) e sujeitar-se assim ao influxo dessa personalidade, com o espírito curioso de quem viaja para se instruir. Mas era precisamente o que ele fazia, e relatamos o

fato indiferentes ao perigo de que diante disso alguém se possa recordar de Ferdinand Wehsal, que costumava carregar o sobretudo de Hans Castorp. Essa reminiscência não demonstra coisa alguma. O nosso herói não era nenhum Wehsal. Nada tinha que ver com os abismos da miséria. Apenas não era "herói", quer dizer: não deixava que suas relações com o masculino fossem determinadas pela mulher. Fiéis ao nosso princípio de não o apresentar nem melhor nem pior do que era, constatamos que ele se recusava simplesmente, e não de forma intencional e expressa, mas de modo todo ingênuo, a consentir em que influências romanescas o impedissem de ser justo no julgamento de seu próprio sexo e o privassem da capacidade de apreciar experiências realizadas nessa esfera, e que pudessem ser proveitosas para a sua formação. Pode ser que essa atitude não agrade às mulheres, e, se não nos enganamos, a sra. Chauchat, sem querer, incomodava-se muito com ela; certas indiretas que lhe haviam escapado, e que assinalaremos no que se segue, apontam para isso. Mas talvez fosse justamente essa qualidade o que fizesse de Hans Castorp objeto bastante próprio para disputas pedagógicas.

Pieter Peeperkorn achava-se acamado com frequência: e não seria motivo de surpresa que isso fosse acontecer no dia seguinte àquela noite de jogo e de champanhe. Quase todos os que haviam participado da sessão prolongada e exaustiva sentiam-se mal, inclusive Hans Castorp, que sofria de forte dor de cabeça. Mas nem por isso deixou de visitar o anfitrião da véspera em seu quarto de enfermo. Fez-se anunciar pelo malaio, que encontrou no corredor do primeiro andar, e foi recebido com boas-vindas.

Entrou no dormitório do holandês, onde havia duas camas. Antes atravessara um salão que o separava do quarto da sra. Chauchat, e pôde verificar que esses aposentos diferiam das peças normais que o Berghof alugava aos pensionistas, tanto pelas dimensões como pela elegância da mobília. Existiam ali poltronas forradas de seda e mesas de pernas

arqueadas. Um tapete fofo cobria o chão, e também as camas não pertenciam ao tipo vulgar de higiênicos leitos de morte. Eram até suntuosas, feitas de cerejeira polida, com guarnições de latão, e tinham um pequeno dossel comum, sem cortinas pendentes; o que as unia era apenas um pequeno baldaquino protetor.

Peeperkorn estava estendido sobre um dos dois leitos. Na colcha de seda vermelha viam-se livros, cartas e jornais. Com o pince-nez de aros de chifre colocado muito alto na testa, lia o *Telegraaf*. Sobre uma cadeira ao lado da cama havia um serviço de café e uma garrafa de vinho tinto meio vazia; era o mesmo da noite anterior, com o buquê ingênuo-frisante, e, ao lado, vidros de remédios na mesinha de cabeceira. Para discreta surpresa de Hans Castorp, a camisola que o holandês usava não era branca, mas de lã, com mangas compridas, abotoadas nos punhos, e tinha, em vez de gola, um decote redondo; ajustava-se estreitamente aos largos ombros e ao peito imponente do velho. A grandiosidade humana da cabeça que jazia sobre o travesseiro ressaltava em virtude desse traje, que a distanciava da esfera burguesa e imprimia à figura de Peeperkorn um cunho em parte proletário-popular e em parte eternizado, como num busto.

— Perfeitamente, meu caro jovem — disse, enquanto pegava na ponte do pince-nez, para tirá-lo. — Faça-me o favor… Absolutamente. Pelo contrário.

E Hans Castorp sentou-se junto dele, escondendo seu assombro compassivo — a não ser que fosse admiração real aquilo que lhe impunha seu próprio senso de justiça. Para dissimular esse sentimento, recorreu a lugares-comuns amistosos e animados, que Peeperkorn secundava com frases impressionantemente abruptas e gesticulação enfática. O holandês não tinha bom aspecto. Seu rosto estava amarelo e mostrava traços de sofrimento e fadiga. Pela manhã, tivera violento acesso de febre, e o subsequente cansaço aliava-se à ressaca provocada pela

embriaguez da véspera.

— Ontem fomos um tanto longe — disse. — Não, permita-me... Foi exagerado e prejudicial... O senhor ainda está... Bem, no seu caso não faz mal. Mas na minha idade e para a minha abalada... Minha filha — prosseguiu, dirigindo-se com terna, mas decidida severidade para a sra. Chauchat, que acabava de entrar pela porta do salão —, está tudo muito bem, mas eu lhe repito que teria sido melhor vigiar-me e impedir-me de...

Enquanto proferia essas palavras, vibravam-lhe nas feições e na voz os prenúncios de um ataque de raiva soberana. Mas bastava imaginar a tempestade que teria irrompido se alguém houvesse feito uma tentativa de estorvar-lhe seriamente a bebedeira para avaliar a totalidade da injustiça e insensatez dessa censura. Essas coisas talvez sejam inerentes à grandeza. Com efeito, sua companheira de viagem passou por cima do assunto e cumprimentou Hans Castorp, que se levantara. Não lhe deu a mão, mas limitou-se a sorrir e a pedir “que não se incomodasse, por favor” e que “de maneira alguma” interrompesse o seu tête-à-tête com Mynheer Peeperkorn. Logo se entregou a uma série de atividades. Mandou o criado retirar o serviço de café. Desapareceu por alguns instantes e voltou com aquele seu andar felino. Sem sentar-se, procurou tomar parte na conversa, ou — se queremos aderir à opinião vaga de Hans Castorp — empenhou-se em controlá-la um pouquinho. Claro! Tinha plena liberdade de regressar ao Sanatório Berghof em companhia de uma personalidade de grande envergadura; mas, quando o homem que tanto esperara por ela prestava a essa personalidade as devidas honras, de homem para homem, ela se mostrava inquieta e mesmo sarcástica, com todos esses “por favor” e “de maneira alguma”. Hans Castorp riu-se disso, baixando bem a cabeça, a fim de ocultar o sorriso. Ao mesmo tempo sentiu-se abrasado de alegria interior.

Peeperkorn serviu-lhe uma taça de vinho, da garrafa que se

encontrava na mesinha de cabeceira. Nas atuais circunstâncias, opinava o holandês, o melhor que se podia fazer era continuar no ponto onde haviam parado à noite anterior, e esse vinho leve tinha o mesmo efeito que água gaseificada. Bebeu à saúde de Hans Castorp, e este, enquanto bebia, observou como a sardenta mão de capitão, com as unhas pontudas e o punho abotoado da camisola de lã a estreitar-lhe o pulso, erguia o copo; e como os lábios amplos e gretados pousavam-lhe na borda, e o vinho deslizava pela garganta proletária ou escultórica, que alternadamente se levantava e descia. Depois vieram a falar do remédio que se via no criado-mudo, um líquido pardo do qual Peeperkorn engoliu uma colherada, a conselho e com o auxílio da sra. Chauchat. Tratava-se de um antipirético à base de quinina. Peeperkorn fez que o visitante o provasse para conhecer o gosto característico do preparado, amargo e contudo aromático. A seguir manifestou seu elogio à quinina, que não somente era uma bênção por destruir os germes e exercer um efeito salutar sobre o centro regulador da temperatura, mas que também merecia ser apreciada como tônico: reduzia o metabolismo da albumina, favorecia a assimilação dos alimentos; numa palavra, constituía uma poção feita para regalar a gente, um remédio magnífico, que fortalecia, estimulava e reavivava. Também era inebriante, e seria fácil uma pessoa embriagar-se de quinina — acrescentou, pilheriando e esboçando gestos sugestivos com a cabeça e a mão, que novamente o assemelhavam a um sacerdote pagão a bailar.

Que substância maravilhosa, essa casca febrífuga! Não fazia, aliás, nem três séculos que a farmacologia europeia sabia da sua existência, e não haviam decorrido cem anos desde que a química descobrira o alcaloide ao qual essa casca devia as suas virtudes, isto é, a própria quinina. Descobrira-o e analisara-o até certo ponto, mas não podia pretender ter elucidado completamente a sua composição e não conseguira produzi-lo artificialmente. Falando de modo

geral, nossa farmacologia faria bem em não se gabar blasfemamente da sua sabedoria, pois em face de muitas outras matérias acontecia-lhe o mesmo. Tinha ela certos conhecimentos a respeito do dinamismo, dos efeitos das substâncias, mas o problema de encontrar a causa exata desses efeitos frequentemente lhe criava sérios embaraços. Se o jovem se ocupasse um pouquinho com a toxicologia, verificaria que ninguém era capaz de informá-lo acerca das qualidades elementares que determinavam os efeitos dos chamados venenos. Havia, por exemplo, os venenos das serpentes, dos quais apenas se sabia que essas secreções animais pertenciam ao grupo dos compostos de albumina, constavam de diversos tipos de albuminoides e somente produziam seus efeitos fulminantes sob uma determinada combinação, que permanecia completamente indeterminada, no entanto. Quando introduzidas na circulação do sangue, originavam consequências pasmosas, uma vez que ninguém estava acostumado a ver a albumina agir como peçonha. Mas, quanto ao mundo das substâncias químicas — disse Peeperkorn, que se soerguera no travesseiro e elevava o anel da precisão e os dedos lanciformes ao lado da cabeça com os olhos apagados e com os arabescos da fronte —, quanto às substâncias químicas, a verdade era esta: todas elas eram ao mesmo tempo medicamentos e venenos; a farmacologia e a toxicologia eram uma e mesma coisa; os doentes se curavam por meio de tóxicos, e o que era considerado portador da vida podia, sob certas circunstâncias, produzir um espasmo que matava no lapso de um segundo.

O holandês falava sobre remédios e peçonhas com muita insistência, e de modo mais coerente que em geral. Hans Castorp escutava-o, sacudindo a cabeça obliquamente inclinada. O que lhe interessava era menos o conteúdo das palavras de Peeperkorn, que de coração parecia preocupado com seu assunto, do que o estudo silencioso dos fatores que originavam aquela influência de sua personalidade, que no

fundo era tão inexplicável quanto os venenos das cobras. O dinamismo, expunha Peeperkorn, era o que importava no mundo das substâncias; todo o resto era condicionado a ele. Também a quinina era um veneno medicativo, de natureza poderosíssima. Quatro gramas dela bastavam para causar surdez e vertigens, para cortar a respiração, para turvar a vista à maneira da atropina, e para embriagar o paciente tal e qual o álcool. Os operários que trabalhavam nas fábricas de quinina tinham os olhos inflamados e os lábios inchados, além de sofrerem erupções da pele. Entrou a tratar da cinchona, a árvore da quina, que crescia em florestas virgens das cordilheiras, a três mil metros de altura, onde tinha seu hábitat, e donde sua casca, sob a denominação de “pó dos jesuítas”, chegara à Espanha em época muito tardia — ao passo que os indígenas da América do Sul conheciam sua força já de longa data. Descreveu as enormes plantações de cinchona que o governo holandês explorava em Java, de onde anualmente se embarcavam para Amsterdam e Londres muitos milhões de quilos dessas cascas tubulares, avermelhadas e parecidas com a canela… Em geral, as cascas eram muito interessantes, esse tecido que envolvia as árvores, desde a epiderme até o cerne; quase sempre, disse Peeperkorn, elas possuíam extraordinárias qualidades dinâmicas, tanto para o bem como para o mal. Os conhecimentos que os povos de pele escura haviam desenvolvido com respeito às drogas eram muito superiores aos nossos. Em algumas ilhas a leste da Nova Guiné, os jovens preparavam um filtro de amor, pulverizando a casca de determinada árvore, provavelmente venenosa, como a *Antiaris toxicaria* de Java, que, tal como a mancenilheira, empestava o ar em redor com suas exalações e aturdia homens e animais, até a morte. Aqueles jovens pulverizavam, pois, a casca dessa árvore, misturavam o pó com pedacinhos de coco, enrolavam a mistura numa folha e fritavam-na. Enquanto a adorada esquiva dormia, esguichavam-lhe no rosto o caldo assim obtido, e ela

acordava apaixonada pelo homem que a borrifara. Às vezes era a casca da raiz que tinha poderes singulares, como, por exemplo, a de um cipó do arquipélago malaio, o *Strychnos tieuté*, ao qual os indígenas adicionavam veneno de cobras, para preparar o *upas-radcha*, uma droga que, introduzida na circulação do sangue por meio de uma flechada, tinha por resultado a morte instantânea, sem que ninguém soubesse explicar de que modo isso se dava. Apenas se esclarecera que o upas, no que se refere ao seu dinamismo, era parente da estricnina… E Peeperkorn, que acabava de sentar-se na cama e de vez em quando apanhava a taça de vinho com a mão de capitão ligeiramente trêmula, a fim de levá-la aos lábios gretados e de sorver grandes e ávidos tragos, falou da árvore dos olhos de gralha, *Strychnus nux-vomica*, da costa do Coromandel, de cujas bagas alaranjadas, as nozes-vômicas, se extraía o mais poderoso dentre os alcaloides, a estricnina. Abafando a voz a ponto de torná-la um simples murmúrio, e içando as pregas da fronte, descreveu a ramaria cinzenta, a folhagem estranhamente lustrosa e as flores amarelo-esverdeadas dessa árvore, de modo que o jovem Hans Castorp obtivesse dela uma imagem mesclada de melancolia e de cores histericamente exageradas, que lhe causou leves arrepios.

A essa altura, a sra. Chauchat interveio na conversação, fazendo notar que falar muito não fazia bem a Peeperkorn, que a palestra o cansava e talvez lhe acarretasse um novo acesso de febre. Por maior que fosse o desgosto que sentia ao interromper a entrevista, via-se obrigada a pedir que Hans Castorp a desse por terminada esse dia. Este obedeceu, naturalmente, mas no curso dos meses seguintes eram frequentes as ocasiões em que se achava sentado à beira da cama do homem majestoso, nos dias seguintes aos acessos de quartã, enquanto a sra. Chauchat, controlando discretamente o colóquio ou também intercalando umas poucas palavras, andava de cá para lá pelo apartamento. Também nos dias em que o holandês estava sem febre, o

jovem passara muitas horas com ele e com sua companheira de viagem, adornada de pérolas. Quando o holandês não se encontrava acamado, raras vezes deixava depois do jantar de reunir em torno de si uma pequena seleção dos pensionistas do Berghof, cuja composição mudava de uma vez para outra. Iam então jogar, beber e regalar-se com boas coisas, ora no salão, como da primeira vez, ora no restaurante, e Hans Castorp ocupava o seu lugar habitual entre a mulher displicente e o homem magnífico. Uniam-se até para o tradicional exercício ao ar livre; davam passeios dos quais participavam os srs. Ferge e Wehsal, e mais tarde também Settembrini e Naphta, os antagonistas no espírito, que forçosamente encontraram um dia, e que Hans Castorp se sentiu feliz de poder apresentar a Peeperkorn e, finalmente, também a Clawdia Chauchat. Era-lhe indiferente se essa apresentação e essas novas relações fossem ou não agradáveis aos dois adversários, pois tinha a secreta convicção de que ambos necessitavam de um objeto pedagógico e de que prefeririam conformar-se com um séquito indesejável a renunciar às disputas travadas em sua presença.

Com efeito, não se enganou na esperança de que os membros do seu variegado círculo de amigos terminariam por habituar-se ao fato de não se poderem habituar uns aos outros. Era inevitável que entre eles houvesse atritos e divergências sem conta, e até uma tácita hostilidade; e nós mesmos ficamos admirados ao ver como nosso herói insignificante conseguia agrupá-los à sua volta: temos para nós que tal coisa se devia a uma certa simpatia pela vida, simpatia lépida e peculiar a seu caráter, que lhe afigurava tudo quanto se dizia como “digno de nota”, e que se poderia denominar vinculativa, não apenas no sentido de ligar a si pessoas e personalidades das mais diversas, mas também de ocasionar vínculos inclusive entre elas mesmas, até certo ponto.

Como era curioso o enredo dos fios produzidos por essas

relações! Sentimo-nos tentados a mostrar por um instante essa trama complexa, assim como o próprio Hans Castorp a contemplava com olhares astutos e benevolentes, durante os referidos passeios. Havia ali o mísero Wehsal, que nutria pela sra. Chauchat um desejo ardoroso, e que devotava a Peeperkorn e a Hans Castorp uma humilde veneração; ao primeiro, em virtude de estar presente, e ao segundo, em virtude do passado. Havia, por sua vez, Clawdia Chauchat, a enferma viajante, com seu andar graciosamente felino, escrava de Peeperkorn por convicção e vontade próprias e que, apesar de tudo, sempre parecia estar um tanto desassossegada e agressiva, cada vez que observava as boas relações entre seu senhor e o cavalheiro de uma remota noite de Carnaval. Essa irritação não fazia pensar em outra, que manifestava em sua atitude ante o sr. Settembrini? Esse eloquente falador e humanista, com o qual antipatizava, e que tachava de presumido e desumano? Esse amigo pedagógico do jovem Hans Castorp, que ela bem gostaria de interrogar sobre o significado de certas palavras de seu idioma mediterrâneo, do qual ela ignorava cada sílaba, assim como ele quanto ao idioma dela, embora com menos desdém: palavras que o italiano gritara atrás do atraente moço alemão, quando o burguesinho bonito, de boa família e com sua mancha úmida fizera menção de se aproximar dela… Hans Castorp, que andava apaixonado “até o pescoço”, como se costuma dizer, não no sentido jocoso que às vezes se possa dar a essa expressão idiomática, mas como amam os que são acometidos de um caso proibido e insensato, impossível de decantar em cantigazinhas inocentes da planície — ora, ele que andava malferido por essa paixão que o tornara dependente, submisso, sofrente e servil, era todavia o homem capaz de guardar, em plena escravidão, uma boa dose de lepidez, suficiente para saber qual o valor, agora e depois, de sua dedicação à enferma lânguida e de olhos tártaros tão encantadores: um valor ao qual ela pôde tornar-se atenta, como ele mesmo dizia de si

para si, graças ao comportamento do sr. Settembrini em relação a ela, o qual lhe confirmava as piores suspeitas e era de fato tão hostil como pudessem permitir os limites da polidez humanística. Mas o pior, ou, sob o ponto de vista de Hans Castorp, o mais vantajoso, era que ela tampouco se viu compensada por suas relações com Naphta, das quais esperara muito mais. Verdade é que ali não encontrava a animosidade que por princípio o sr. Lodovico opunha à sua maneira de ser, e as condições para uma conversa entre os dois mostravam-se mesmo mais favoráveis: de vez em quando, Clawdia e o baixinho sutil falavam em separado, sobre livros ou problemas da filosofia política, que ambos encaravam da mesma forma radical; e Hans Castorp, à sua maneira singela, costumava tomar parte nesses colóquios. Ela, no entanto, não podia deixar de perceber certa reserva aristocrática nas atenções que lhe prestava aquele adventício, prudente como todos do seu tipo; o terrorismo espanhol de Naphta tinha, na verdade, pouco em comum com sua noção de "humaniedade", propensa a vagar pelo mundo e a bater as portas; e a isso acrescia-se um derradeiro fator de natureza muito delicada: uma ligeira malquerença, dificilmente definível, cuja aura a sra. Chauchat, com sua sensibilidade feminina, forçosamente sentia da parte *dos dois* adversários, de Settembrini e de Naphta (assim como também a sentia seu galã de Carnaval), e cuja origem se encontrava nas relações que ambos mantinham com Hans Castorp. Tratava-se da antipatia do educador contra a mulher como elemento que perturba e distrai, desse antagonismo tácito e primitivo que acabava por uni-los, por nele neutralizar-se sua discórdia pedagógica, ademais muito intensa.

Não havia traços dessa mesma aversão na conduta que os dois dialéticos adotavam ante Pieter Peeperkorn? Hans Castorp acreditava percebê-la, talvez por esperar, com certa maldade, que ela fosse ocorrer. Desejara bastante reunir o majestoso tartamudo com seus dois "conselheiros de

regência”, como às vezes os chamava em seu íntimo, chistosamente. Ansiava ver o que resultaria desse encontro. Ao ar livre, Mynheer era menos grandioso que num recinto fechado. O chapéu de feltro macio que ele costumava repuxar sobre os olhos e que encobria as labaredas brancas dos cabelos e os imponentes arabescos da fronte reduzia-lhe as feições, fazendo que elas como que encolhessem; e suprimia até mesmo ao nariz vermelho sua majestade. Além disso, Peeperkorn causava menos impressão ao caminhar que ao permanecer parado em pé. Dava passos muito curtos, e a cada um deles inclinava obliquamente todo o seu corpo pesado e mesmo a cabeça, lançando a carga inteira sobre o pé que avançava no respectivo momento, o que fazia pensar antes num velho bonachão que num rei. Em vez de empertigar-se ao andar, como costumava fazer quando se detinha, assumia postura um tanto encurvada. Mesmo assim, ultrapassava por mais de um palmo o sr. Lodovico, sem falar do pequeno Naphta, e esse não era o único motivo por que sua presença pesava muito sobre a existência dos dois políticos, como Hans Castorp antevira em sua imaginação.

Dessa confrontação resultavam uma pressão, uma diminuição e limitações — o que se fazia perceptível não somente a um observador sagaz, mas também aos próprios envolvidos, tantos aos franzinos eloquentes quanto ao tartamudo imponente. Peeperkorn tratava Naphta e Settembrini com extraordinária cortesia e com extrema atenção; devotava-lhes um respeito que Hans Castorp qualificaria de irônico, não o impedisse a plena compreensão da incompatibilidade desse adjetivo com o conceito de uma grande envergadura. Os reis não conhecem a ironia, nem sequer como meio correto, clássico de retórica, e ainda menos num sentido mais complexo. Aquilo que, escondido sob uma camada de seriedade um tanto exagerada, ou mesmo de forma patente, caracterizava a atitude do holandês em face dos amigos de Hans era antes uma

zombaria, a um só tempo delicada e grandiosa.

— Pois é! Pois é! — dizia então, enquanto os ameaçava com o dedo e inclinava a cabeça com os lábios gretados abertos num sorriso jovial. — Isto é… Isto são… Meus senhores, chamo sua atenção… Cerebrum, cerebral, compreendem? Não, não, perfeito assim, esquisito, isto é… ou isto bem se mostra…

E eles se vingavam trocando olhares que, depois de se encontrarem, se elevavam ao céu numa expressão de desespero. A seguir procuravam os olhos de Hans Castorp, mas este se esquivava.

Acontecia, então, o sr. Settembrini pedir diretamente explicações do seu discípulo, manifestando assim sua inquietação pedagógica.

— Mas, por Deus, Engenheiro! Esse homem é um velho estúpido! Que é que o senhor acha nele? De que forma lhe pode ser útil? Simplesmente não posso entender. Tudo seria claro, embora não digno de elogios, se o senhor se resignasse com a existência dele e procurasse na sua companhia apenas a de sua atual amante. Mas é impossível não perceber que o senhor quase dedica mais atenção a ele do que a ela. Ajude-me a compreender, peço-lhe!

— Perfeitamente — respondeu Hans Castorp, rindo. — Ótimo! Isto é… Permita-me… Muito bem. — E fez uma tentativa de arremedar os gestos esmerados de Peeperkorn. — Sim, senhor — continuou, rindo ainda. — Isso lhe parece estúpido, sr. Settembrini, e indiscutivelmente não é claro, coisa que, a seus olhos, deve ser pior do que estúpido. Ora, a estupidez… Há tantos tipos de estupidez, e a argúcia não é o melhor dentre eles… Upa! Tenho a impressão de que acabo de formular um bon mot. O senhor gostou?

— Excelente. Aguardo ansiosamente a publicação do seu primeiro livro de aforismos. Talvez ainda não seja tarde para rogar-lhe que, ao escrevê-lo, leve em consideração certas ideias que ventilamos uma vez, com referência ao perigo que o paradoxo encerra para o homem.

— Não deixarei de seguir seu conselho, sr. Settembrini. É o que farei, sem falta. Quando me ocorreu aquele mot, eu absolutamente não andava caçando paradoxos. Desejava apenas assinalar as enormes dificuldades que cria (sim, trata-se mesmo de criar) a definição de estupidez e de argúcia. É tão difícil distingui-las, porque uma se confunde com a outra… Sei perfeitamente que o senhor detesta o guazzabuglio místico e opina pelo valor, pelo juízo, pela apreciação dos valores. Quanto a isso, concordo inteiramente. Mas, quanto à “estupidez” e à “argúcia”, isso constitui às vezes um completo mistério, e deve ser lícito a gente se ocupar de mistérios, contanto que haja o sincero esforço de desvendá-los, se possível. Quero perguntar-lhe uma coisa. Pergunto: pode o senhor negar que ele nos põe a todos no chinelo? Sirvo-me de uma locução meio vulgar; mas, como vejo, o senhor não pode negá-lo. Ele nos põe no chinelo, e por essa ou aquela razão tem o direito de nos ridicularizar. De onde? Por quê? Em que sentido? Claro que esse direito não lhe veio em virtude de sua argúcia. Admito que no caso dele mal se pode falar de argúcia. Pelo contrário, o seu forte são a indistinção e o sentimento. O sentimento é mesmo o seu cavalo de batalha; perdoe-me essa expressão da linguagem popular. Eu repito: não é devido à argúcia que nos põe no chinelo, quer dizer, não o faz por suas qualidades intelectuais. O senhor protestaria, se eu afirmasse o contrário, e de fato isso não entra em questão. Não é tampouco por causa das suas qualidades físicas. Por causa das suas espáduas de capitão, por respeito à força brutal dos seus braços, e porque ele seria capaz de derrubar qualquer um de nós com um só murro. Mas nem pensa em fazer isso, e se alguma vez pensasse bastariam algumas palavras civilizadas para acalmá-lo… Não é, portanto, por causa das suas qualidades físicas. E, todavia, não há dúvida de que fatores físicos desempenham um certo papel no seu caso; não no sentido da força dos braços, senão num outro, místico. Cada vez que o corpo desempenha um

papel, entra-se no terreno do místico. O elemento corporal confunde-se então com o espiritual, e vice-versa, de maneira que é impossível distingui-los. Mas nota-se o efeito, o dinamismo, e já nos achamos postos no chinelo. Para explicar esse fato, dispomos de uma única palavra: personalidade. Empregamo-la também num sentido mais racional, para dizer que se tem personalidade jurídica ou moral, ou não sei que personalidades mais. No entanto, não é a isso que me refiro, mas a um mistério que ultrapassa os limites da estupidez e da argúcia. Acho que as pessoas devem ter o direito de se ocuparem com esse mistério, ora para desvendá-lo, se possível, ora, se isso for impossível, para edificar-se com ele. E, uma vez que o senhor é a favor dos valores, a personalidade não deixa de ser, afinal de contas, um valor positivo, segundo me parece. Mais positivo que a estupidez e a argúcia. Positivo no mais alto grau, absolutamente positivo, tal qual a vida. Numa palavra, um valor vital, feito para que nos ocupemos com ele de forma intensa. Foi isso que achei indicado ponderar, como resposta àquilo que o senhor disse acerca da estupidez.

Nos últimos tempos, Hans Castorp já não se atrapalhava nem perdia o fio ao fazer explanações desse gênero. Deixara de estacar no meio do discurso. Chegava até o fim da sua réplica, baixava a voz, punha um ponto final e seguia seu caminho como um homem, se bem que ainda se ruborizasse ao falar e tivesse, no fundo do coração, um pouco de medo do silêncio crítico que se seguiria quando emudecesse, que ocorria para que tivesse tempo bastante para se envergonhar. Com efeito, Settembrini interpôs esse silêncio, antes de dizer:

— O senhor nega que anda à caça de paradoxos. Sabe muito bem, no entanto, que eu também não gosto de vê-lo caçando mistérios. Ao fazer da personalidade um enigma, corre perigo de entregar-se à idolatria. O senhor venera uma máscara. Está vendo mística onde se trata de mistificação, de um daqueles enganosos receptáculos vazios, por meio

dos quais o demônio do elemento corporal-fisionômico gosta de iludir-nos. O senhor nunca frequentou o ambiente dos atores? Não conhece esses rostos de histriões, onde se combinam os traços de Júlio César, Goethe e Beethoven, e cujos portadores se revelam como os mais lamentáveis cretinos, tão logo abram a boca?

— Ora, um jogo da natureza — disse Hans Castorp. — Mas não é apenas isso, o jogo da natureza não se limita a ser ilusão. Pois se esses homens são atores, devem ter talento, e o próprio talento vai além da estupidez e da argúcia; ele constitui, em si mesmo, um valor vital. Também Mynheer Peeperkorn tem talento, por mais que o senhor proteste; e com esse talento ele nos põe no chinelo. Coloque o sr. Naphta num canto da sala e deixe-o fazer uma conferência muito digna de nota sobre Gregório Magno e a Cidade de Deus; mas no outro canto encontra-se Peeperkorn com sua boca estranha, alçando as rugas da testa e dizendo apenas: "Perfeitamente! Permita-me... Basta!". O senhor vai ver que as pessoas se reunirão em torno de Peeperkorn, todas elas, e que Naphta ficará sozinho com sua argúcia e sua Cidade de Deus, ainda que se expresse com tanta clareza que nos penetre até a medula, para empregar uma locução de Behrens.

— Não tem vergonha de adorar o êxito? — indagou o sr. Settembrini. — *Mundus vult decipi*.[6] Não faço questão de que as pessoas se aglomerem ao redor do sr. Naphta. Ele é um desgraçado espírito de contradição. Mas sinto-me tentado a tomar o partido dele, à vista da cena imaginária que o senhor acaba de descrever com uma aprovação absolutamente censurável. Siga desprezando, se quiser, o que é distinto, preciso, lógico, a palavra humanamente coerente! Desdenhe tudo isso, e ainda prefira uma embrulhada qualquer de alusões e de charlatanaria sentimental: e com isso logo estará nas mãos do diabo...

— Mas lhe asseguro que ele pode falar de modo bem coerente, quando se anima — disse Hans Castorp. — Certa

vez ele me falou do dinamismo das drogas e de árvores venenosas da Ásia, tudo tão interessante que chegava a ser inquietante… o interessante sempre tem algo de inquietante… e tudo aquilo não era tão interessante em si, mas quando associado ao efeito de sua personalidade, somente: ela é que tornava tudo ao mesmo tempo inquietante e interessante…

— Claro, já sei do fraco que o senhor tem por coisas asiáticas. De fato, eu não lhe posso oferecer esse tipo de maravilhas — retrucou o sr. Settembrini com tanta amargura que Hans Castorp se apressou a declarar que as vantagens da sua palestra e dos seus ensinamentos eram de ordem totalmente diferente, e que ninguém tinha a ideia de fazer comparações injustas para ambas as partes. Mas o italiano rejeitou e fez como se não ouvisse esses cumprimentos. E prosseguiu:

— Em todo caso o senhor deve permitir que eu admire sua objetividade e a calma de seu espírito, Engenheiro. Elas tocam as raias do grotesco, como o senhor deve admitir. Afinal de contas, esse bravateiro lhe surrupiou sua Beatriz. Chamo as coisas por seus nomes. E o senhor? Isso não tem precedentes…

— Há diferenças de temperamento, sr. Settembrini. Diferenças quanto ao calor do sangue e ao cavalheirismo da raça. O senhor como filho do Sul naturalmente recorreria ao veneno ou ao punhal, ou talvez desse ao caso um aspecto passional e convencional. Numa palavra, tudo acabaria numa rinha de galos. Isso seria, sem dúvida, muito viril, viril no sentido convencional, e muito galante. Mas comigo a coisa é diferente. Eu absolutamente não sou viril a ponto de ver num outro homem apenas o macho rival. Pode ser que eu não seja viril sob aspecto algum, mas tenho certeza de não o ser daquele modo que eu, sem querer, chamei de “convencional”, não sei por quê. No meu coração pachorrento pergunto-me a mim mesmo se existe alguma coisa de que eu possa censurar Peeperkorn. Será que ele me

fez algum mal intencionalmente? Ofensas devem ser feitas de propósito, do contrário não são ofensas. E, no que toca ao "fazer mal", seria preciso que eu me ativesse a *ela*, e a isso não tenho direito. Não tenho direito em geral, e em especial não o tenho com relação a Peeperkorn. Pois, em primeiro lugar, é uma personalidade, o que por si só já é algo que atrai as mulheres; e em segundo não é paisano, como eu, e sim uma espécie de militar, como o pobre do meu primo; quer dizer, ele tem um point d'honneur,[7] uma mania, que se refere ao sentimento, à vida... Estou dizendo tolices, mas prefiro desvairar um pouquinho e exprimir, com maior ou menor clareza, uma ideia complicada a proferir tão só lugares-comuns, formulados de forma perfeita. Quem sabe se isso não é uma espécie de traço militar no meu caráter, se assim se pode dizer...

— Diga-o — tornou Settembrini, sacudindo a cabeça em sinal de aprovação. — Isso é um traço digno de louvor, sem dúvida. A coragem para o conhecimento e a expressão, eis o que é a literatura, eis o que é o espírito de humanidade...

Nessas ocasiões, eles costumavam separar-se em bons termos. O sr. Settembrini dava um fim conciliador a conversas desse gênero, e tinha excelentes razões para proceder assim. A sua própria posição não era, em absoluto, tão inatacável que houvesse sido prudente levar muito longe o rigorismo. Uma conversa que tivesse por assunto o ciúme constituía para ele terreno um tanto escorregadio. Num determinado ponto, o humanista deveria ter respondido que, em virtude da sua veia pedagógica, a sua relação com o sexo masculino também não era inteiramente convencional e semelhante àquela dos galos, e que, por isso, o imponente Peeperkorn o atrapalhava da mesma forma como Naphta e a sra. Chauchat. Finalmente, nesse ponto seu discípulo não podia escapar da influência e da superioridade natural de uma personalidade, à qual nem ele mesmo nem seu parceiro em assuntos cerebrais eram capazes de se subtrair.

A sua situação costumava melhorar quando se respirava uma atmosfera intelectual, quando havia discussões, quando era possível prender a atenção das pessoas que tomavam parte nos passeios a um daqueles seus debates elegantes e ao mesmo tempo apaixonados, acadêmicos e todavia conduzidos num tom que faria supor tratar-se de questões tremendamente atuais e ligadas à vida. Essas contendas eram travadas quase exclusivamente pelos dois adversários, e enquanto duravam ficava neutralizada até certo ponto a presença da “grande envergadura”, que não as podia acompanhar senão alçando as rugas da testa em sinal de pasmo, e intercalando exclamações zombeteiras, porém abruptas. E mesmo sob essas circunstâncias, como lhe era peculiar, ela exercia sua pressão. Lançava uma sombra sobre a conversa, que assim se via diminuída em seu brilho. Privava-a de sua essência. De uma forma perceptível a todos, embora Peeperkorn não se desse conta de tudo isso, ou só o fizesse num grau dificilmente apreciável, sua presença opunha à discussão algo que não favorecia nenhuma das duas causas, ofuscava a querela, que assim parecia desprovida de importância decisiva, e imprimia-lhe — mal nos atrevemos a dizê-lo — um cunho de futilidade. Ou, para formulá-lo de outra maneira: essa engenhosa luta de vida e morte relacionava-se secretamente, de um modo subterrâneo e indefinível, com a “grande envergadura” que caminhava lado a lado com ela, e cujo magnetismo lhe absorvia a força. É impossível precisar mais claramente esse processo misterioso, bem desagradável para os dois antagonistas. Só se pode dizer que, não existisse Pieter Peeperkorn, muito mais difícil teria sido esquivar-se à necessidade de tomar partido, como quando Leo Naphta, por exemplo, defendeu a natureza total e basicamente revolucionária da Igreja contra a doutrina do sr. Settembrini, o qual via nessa potência histórica tão somente a protetora da mais sinistra estagnação e do mais obscuro conservantismo, ao passo que todas as simpatias pela vida e

pelo futuro, dispostas à revolução e à reforma, estariam baseadas nos princípios do esclarecimento, ciência e progresso oriundos de uma época gloriosa de renascimento da cultura antiga, sendo que ele mesmo empenhava-se por sustentar essa opinião com gestos primorosos e palavras brilhantes. A isso Naphta respondeu frio e incisivo, e afirmou-se capaz de demonstrar — e de fato o demonstrou com evidência quase deslumbrante — que a Igreja, como encarnação da ideia religiosa-ascética, estava muito longe, em seu íntimo, de ser partidária e amparo daquilo que se empenhava por persistir, ou seja: a formação secular e as ordenações jurídicas do Estado; pelo contrário, ela arvorava a bandeira da revolução mais radical, da revolução completa; e, de modo geral, tudo o que se considerava digno de ser mantido e o que os tíbios, os covardes, os conservadores, os burgueses ansiavam manter: o Estado e a família, a arte e a ciência seculares, tudo isso sempre estivera em oposição consciente ou inconsciente à ideia religiosa, à Igreja, cuja tendência inata e cujo objetivo inalterável eram a dissolução de todas as ordenações seculares e a reorganização da sociedade segundo o modelo da Cidade de Deus, ideal e comunista.

Em seguida, Settembrini tomou a palavra, e soube aproveitá-la — e como soube! Tal confusão da ideia revolucionária, luciferiana, com a revolta geral de todos os maus instintos, disse ele, era deplorável. O espírito inovador da Igreja consistira durante séculos inteiros, por meio da Inquisição, em perseguir o pensamento fecundo, em estrangulá-lo, em sufocá-lo na fumaceira dos holocaustos. Recentemente, porém, mandava os seus emissários declarar que simpatizava com a revolução, e afirmava ser seu objetivo substituir a liberdade, a cultura, a democracia, pela ditadura do populacho e pela barbárie. Sim, aquilo representava realmente um caso pavoroso de consequência contraditória ou de consequente contradição…

Naphta objetou que entre os argumentos do seu oponente

não faltavam exemplos semelhantes de contradição e de incoerência. Embora o sr. Settembrini julgasse ser um democrata, revelava pouca simpatia pelo povo e pela igualdade; pelo contrário, manifestava a altivez censurável de um aristocrata, ao qualificar de populacho o proletariado universal, chamado a exercer a ditadura temporária. Mas era como autêntico democrata que se comportava em face da Igreja, evidentemente, a qual representava, era preciso admiti-lo com orgulho, a potência mais nobre da história humana; nobre no sentido supremo e mais lato, no sentido espiritual. Pois o espírito ascético — se lhe permitiam empregar esse pleonasmo —, o espírito da negação e do aniquilamento do mundo era a nobreza por excelência, o princípio aristocrático na sua forma mais pura. Esse espírito não poderia nunca ser popular, e, com efeito, também a Igreja sempre tinha sido impopular. Bastaria que o sr. Settembrini se ocupasse um pouquinho com a cultura da Idade Média para que deparasse com esse fato, com a antipatia rude que o povo, na acepção mais ampla da palavra, sentia pelas coisas eclesiásticas. Existiam, por exemplo, entre as invenções da imaginação dos poetas populares, certas figuras de monges que, de modo bem luterano, opunham o vinho, a mulher e o canto à ideia ascética. Todos os instintos do heroísmo mundano, todo o espírito guerreiro, bem como a poesia cortesã, tinham sido adversários mais ou menos abertos da ideia religiosa e, por conseguinte, da hierarquia. Pois tudo isso havia sido o "mundo" e a mentalidade do populacho, por oposição à nobreza do espírito representada pela Igreja.

O sr. Settembrini agradeceu ao seu antagonista por lhe ter refrescado a memória. A figura do monge Ilsan, do "Canto do Jardim das Rosas", tinha muitos traços simpáticos, em confronto com esse aristocratismo de tumba que acabava de ser apregoado. Embora ele, Settembrini, não fosse um partidário do reformador alemão ao qual se aludira, estava disposto a defender com o máximo ardor todo o

individualismo democrático que formava a base da sua doutrina, contra quaisquer ambições eclesiástico-feudais de domínio sobre a personalidade.

— O-la-lá! — exclamou Naphta.

Porventura se estava pretendendo acusar a Igreja, ele disse, de qualquer ausência de espírito democrático e da falta de compreensão quanto ao valor da personalidade humana? E que dizer da ausência de preconceitos no direito canônico, tão humana? Pois, ao passo que no direito romano a capacidade jurídica dependia da posse dos direitos civis, e no germânico, da nacionalidade e da liberdade pessoal, o direito canônico, libertando-se de todas as considerações políticas e sociais, exigia apenas que o indivíduo pertencesse à Igreja e tivesse a verdadeira fé, e ainda declarava os escravos, prisioneiros de guerra e servos como detentores da capacidade testamentária e sucessória!

Settembrini observou causticamente que essa declaração talvez não houvesse sido feita, caso não se tivesse secretamente em mira a “porção canônica” cobrada sobre cada herança. A seguir pôs-se a falar da “demagogia dos padrecos”, referiu-se à prática eclesial de pôr em movimento o mundo subterrâneo, visto que os deuses, por razões bem compreensíveis, nada queriam saber de pessoas quaisquer, classificou essa prática como afabilidade própria à ambição de poder irrestrita, e ainda opinou que a Igreja, afinal, ligava maior importância à quantidade das almas do que à sua qualidade, o que implicava uma grande falta de distinção espiritual.

Desprovida de distinção espiritual — justamente a Igreja? O sr. Settembrini teve sua atenção prontamente conduzida ao aristocratismo inexorável sobre o qual se baseava a ideia de uma hereditariedade da ignomínia, a transmissão de uma culpa grave para os descendentes que — democraticamente falando — eram inocentes, como acontecia no caso dos filhos naturais, sobre os quais pesavam o opróbrio vitalício e a privação de quaisquer direitos. Mas o italiano rogou não se

insistisse nesse ponto, uma vez que o seu sentimento humano se revoltava contra tal procedimento. Além disso estava farto de rodeios e reconhecia claramente nos truques da apologética do adversário o infame e diabólico culto do nada que pretendia ser considerado espírito e que fazia aparecer como algo legítimo e sagrado a confessada falta de popularidade do princípio ascético.

A essa altura, Naphta pediu licença para dar uma estrondosa gargalhada. Falava-se de um niilismo da Igreja! Do niilismo do sistema de governo mais realista de toda a história universal! O sr. Settembrini, acaso, nunca sentira o sopro da ironia humana mediante a qual a Igreja constantemente fazia concessões ao mundo e à carne, ocultando, com prudente transigência, as derradeiras consequências do princípio, e deixando reinar o espírito como influência reguladora, sem tratar a natureza com excessivo rigor? Não ouvira tampouco falar desse elegante conceito eclesiástico que era a indulgência, a qual incluía até mesmo um sacramento, o do matrimônio, que, ao contrário dos demais sacramentos, não era um bem positivo, senão apenas uma proteção contra o pecado, outorgada unicamente para restringir os desejos sensuais e a intemperança, de maneira que se conservava o princípio ascético, o ideal da castidade, sem que se opusesse à carne uma severidade pouco política?

Diante disso, o sr. Settembrini não podia deixar de protestar contra uma tal concepção abominável da “política” e contra o gesto presunçoso de condescendência e sisudez que se arrogava o espírito, ou melhor, aquilo que nesse caso se julgava como tal, e que era usado com relação ao seu contrário. Pretendia-se que esse contrário era pejado de culpa e tinha de ser tratado “politicamente”; mas em realidade não precisava daquela indulgência peçonhenta. A seguir, o humanista investiu contra o maldito dualismo de uma interpretação do mundo que diabolizava o universo, tanto a vida quanto seu presunçoso oposto, a saber, o

espírito. Pois, se aquela era ruim, necessariamente este também deveria ser, como mera negação. E ele quebrou lanças em defesa da inocência da volúpia — o que fez Hans Castorp pensar naquele cubículo de humanista, no sótão, com a papeleira, os assentos de palha e a garrafa d'água —, ao passo que Naphta, por sua vez, afirmou que a volúpia jamais podia ser livre de culpa, e exigiu da natureza que sentisse, em face do espírito, um peso na consciência. Definiu a política eclesiástica e a indulgência do espírito como sendo "o amor", a fim de refutar o niilismo do princípio ascético — o que ocasionou em Hans Castorp a impressão de que a palavra "amor" estabelecia um estranho contraste com o pequeno Naphta, tão magro e sutil ele era…

A discussão prosseguiu nesse tom, já conhecemos o jogo, e Hans Castorp também. E nós, como ele, escutamos por alguns instantes, para observar as formas que assumia tal luta peripatética à sombra da personalidade que passeava ao lado dos digladiadores, e qual a maneira mal perceptível como essa presença emasculava os debates. Era como se uma secreta coação os obrigasse a relacionar-se com ela e apagasse assim a faísca que saltava de um a outro interlocutor; impunha-se a reminiscência daquela sensação de desanimadora falta de vida que experimentamos quando a corrente elétrica se interrompe. Era assim mesmo. As contradições já não produziam nem crepitação, nem chispas, nem contato; a presença neutralizava o espírito, ao invés de ser neutralizada por ele; Hans Castorp verificou esse fato com surpresa e curiosidade.

Revolução e conservação! E os olhares fixavam-se em Peeperkorn; via-se como ele avançava a passo lerdo. Não era bom marchador, com o seu andar oscilante para os lados, e com o chapéu desabado na testa. Moviam-se os lábios amplos, irregulares e gretados, e ouvia-se como ele, apontando humoristicamente com a cabeça em direção aos adversários, dizia:

— Pois é, pois é… Cerebrum, cerebral, compreendem? Isto

é… ou isto bem se mostra…

E vejam só: não havia mais corrente na chave de luz, morta de vez. Os antagonistas faziam nova tentativa; lançavam mão de exorcismos mais fortes; entravam a falar do “problema aristocrático”, da popularidade e da distinção. Não saltava faísca alguma. Como por influência magnética, a conversa tomava um caráter pessoal. Vinha então a Hans Castorp a imagem do companheiro de viagem de Clawdia, estendido sobre a cama, debaixo da colcha vermelha, na sua camisola de malha sem gola, metade operário velho, metade busto de um rei — e numa convulsão débil extinguia-se a vida da discussão. Outras tensões mais fortes! De um lado a negativa, o culto do nada, e do outro o eterno “sim”, a inclinação afetuosa do espírito para a vida! Mas onde ficavam a vida, a chispa, a corrente, quando se encarava Peeperkorn, o que sucedia inevitavelmente, mercê de uma secreta atração? Numa palavra: todas elas permaneciam *ausentes*, e isto era, para empregar o termo de Hans, nada mais nada menos que um mistério. Para seu livro de aforismos ele podia anotar que se deve expressar um mistério pelas palavras mais simples possíveis, ou deixar de expressá-lo. Quem fizesse uma vaga tentativa de formulá-lo poderia afirmar, de um modo exclusivo, mas decidido, que Pieter Peeperkorn, com sua máscara enrugada de soberano e sua boca dolorosamente gretada, era sempre as duas coisas, que ambas as coisas se aplicavam à sua pessoa, e que nela pareciam anuladas a todos os que o viam; era isso e aquilo, um e outro. Pois sim, esse velho estúpido, esse zero majestoso! Ele é que paralisava a energia dos argumentos, não, porém, por meio de confusões e chicanas como Naphta. Peeperkorn não era ambíguo à maneira do jesuíta; era-o de modo totalmente oposto, positivo — ele, esse mistério cambaleante, claramente ultrapassara os limites não só da estupidez e da argúcia, mas também os de muitos outros binômios a que Settembrini e Naphta recorriam, a fim de produzir a alta tensão necessária para seus fins

pedagógicos. A personalidade, tinha-se essa impressão, carecia de caráter educador — e contudo, quantas oportunidades não oferecia a quem viajava em busca de formação! Que coisa estranha observar essa ambiguidade na figura de um rei, na ocasião em que os digladiadores entravam a falar do casamento e do pecado, do sacramento da indulgência, da culpabilidade e da inocência da volúpia! Peeperkorn inclinava a cabeça para o ombro e o peito; descerravam-se-lhe os lábios doloridos; numa expressão de langoroso lamento fendia-se-lhe a boca, enquanto as narinas se distendiam e alargavam como sob o efeito de alguma dor; as rugas da fronte subiam e os olhos assim dilatados lançavam olhares incertos, cheios de sofrimento; era a imagem perfeita da amargura. Mas, eis que num instante o semblante de mártir se abria, se tornava sensual! A inclinação oblíqua da cabeça modificava o seu sentido, começava a significar malícia; os lábios, ainda entreabertos, esboçavam um sorriso pouco pudico; a covinha de sibarita, que conhecemos em outras ocasiões, ressurgia numa das bochechas; e já estava ali o sacerdote pagão a dançar. Enquanto a cabeça apontava humoristicamente para o lado daqueles homens cerebrais, ouvia-se como ele dizia:

— Ah, sim! Pois é, pois é. Perfeitamente. Isto é… Isto são… ou isto bem se mostra… O sacramento da volúpia, compreendem?…

Mas, como já mencionamos, os amigos e mentores de Hans Castorp, embora prejudicados, achavam-se numa situação relativamente favorável, sempre que podiam discutir. Nessas ocasiões estavam no seu elemento, ao passo que o contrário se dava com a grande envergadura, e quanto ao papel que Peeperkorn então representava podia, afinal de contas, haver opiniões diferentes. Era, entretanto, indiscutível que a posição dos dois adversários se tornava menos favorável, quando já não se tratava de engenho, palavras e spiritus, senão de objetos reais, de assuntos terrenos, práticos, numa palavra, de questões e de coisas diante das quais uma

natureza de soberano costuma ser posta à prova. Quando isso sucedia, estavam liquidados, sumiam-se na sombra, pareciam insignificantes, e Peeperkorn apossava-se do cetro, determinava, resolvia, dava ordens, encomendava, delegava… Não é de admirar que se empenhasse em obter esse estado de coisas e em sair da logomaquia para ali chegar. Sofria enquanto ela perdurava, ou, pelo menos, quando se prolongava. Mas o que o fazia sofrer não era a vaidade; disso Hans Castorp tinha certeza. A vaidade não possui grande envergadura, e a grandeza não é vaidosa. Não, o desejo de realidade que experimentava o holandês brotava de fontes muito diversas: do "medo", para dizê-lo de forma grosseira e exagerada; daquele senso do dever e daquela mania do pundonor, que Hans Castorp procurara explicar ao sr. Settembrini e considerara uma espécie de traço militar.

— Meus senhores — dizia o holandês, erguendo a mão de capitão com as unhas pontudas, num gesto imperioso e insistente. — Muito bem, senhores, perfeitamente, ótimo! A ascese, a indulgência, o prazer dos sentidos… Quanto a isso, eu queria… Absolutamente. Muitíssimo importante! Bem discutível! Mas permitam… Receio que estejamos a ponto de cometer… Esquivamo-nos, senhores, esquivamo-nos de um modo imperdoável ao mais sagrado… — E respirando profundamente acrescentou: — Esse ar, senhores, o ar característico deste dia de föhn, com sua dose de aroma primaveril, cheio de pressentimentos e de recordações, que delicadamente nos entibia… Não deveríamos aspirá-lo, só para soltá-lo em forma de… Insisto, senhores, não deveríamos fazer isso. É um insulto. É unicamente a ele que se deveria dedicar toda a nossa… a suprema e a mais intensa… Basta, senhores! E o nosso peito que o respira deveria louvar irrestritamente… Detenho-me, senhores, detenho-me em homenagem a esse…

Deteve-se; inclinou-se para trás, com o chapéu dando sombra aos olhos, e todos lhe imitaram o exemplo.

— Chamo a sua atenção — prosseguiu o holandês — para as alturas, essas grandes alturas, onde gira aquele ponto negro, no meio desse esquisito azul que puxa para preto… É uma ave de rapina, uma enorme ave de rapina. É, se não me engano muito… Meus senhores, e a senhora, minha filha: é uma águia. É a ela que dirijo decididamente… Olhem! Isto não é nem gavião nem abutre… Se os senhores fossem tão presbiopes como eu, na minha avançada… Pois sim, minha filha, na minha avançada. Meus cabelos são brancos; como não? Bem, os senhores veriam tão nitidamente como eu, pela curva obtusa das asas… Uma águia, senhores. Uma águia real. Diretamente acima de nós descreve os seus círculos. Sem bater as asas adeja em alturas grandiosas por cima das nossas… Decerto nos espia com seus olhos poderosos, que enxergam ao longe, sob os ossos salientes das órbitas… A águia, senhores, a ave de Júpiter, o rei da sua estirpe, o leão dos ares! Usa calças de plumas e um bico de ferro, curvo na ponta, e tem garras de uma força incrível, dobradas para dentro, de maneira que a traseira, muito comprida, passa por cima das dianteiras como um gancho férreo. Olhem, é assim! — E a mão de capitão com as unhas compridas esforçava-se por representar as garras da águia. — Meu compadre, o que é que você está espiando, fazendo voltas? — e de novo dirigiu o olhar para cima. — Desça! Crave o bico de aço na cabeça e nos olhos do homem, dilacere-lhe o ventre, àquela criatura que Deus… Perfeito! E basta! Suas garras devem enredar você nas entranhas e o sangue gotejar de seu bico…

Falava com entusiasmo. Sumira-se o interesse dos companheiros pelas antinomias de Naphta e Settembrini. Além disso, a visão da águia continuou influenciando tacitamente as decisões e iniciativas que se seguiram, sob a direção de Mynheer. Entraram num restaurante, comeram e beberam, completamente fora de hora, mas com um apetite inflamado pela tácita recordação da águia. Houve um regabofe e uma bebedeira daquele tipo que Mynheer

frequentemente organizava, também fora do Berghof, onde quer que se encontrassem, em Platz, na praça, ou em “Dorf”, no “vilarejo”, ou numa estalagem de Glaris ou de Klosters, aonde haviam ido num trenzinho de excursão. Sob as suas ordens de soberano, consumiam então dádivas clássicas, como café com creme, acompanhado de pães rústicos, de queijos suculentos e da aromática manteiga dos Alpes, que conservava o mesmo sabor excelente quando servida com castanhas assadas. Tudo isso era regado a vinho tinto de Valtellina, que se tomava à vontade. Peeperkorn temperava os manjares improvisados com grandiosos e abruptos discursos, ou convidava Anton Karlovitch Ferge a falar, esse sofredor bonachão, alheio a quaisquer assuntos sublimes, mas que sabia contar coisas realísticas sobre a fabricação de galochas na Rússia: a massa de borracha era mesclada de enxofre e de outras substâncias, e os sapatos acabados, cobertos de uma camada de verniz, eram “vulcanizados” a uma temperatura de cem graus. Também tratava do círculo polar, onde estivera diversas vezes no decorrer das suas viagens de negócios. O sol da meia-noite e o inverno constante da região do cabo Norte eram descritos em palavras que brotavam da garganta nodosa, de sob o bigode hirsuto. Ali, ele narrava, o vapor aparecia minúsculo em confronto com os imensos rochedos e a vastidão do mar azul-ferrete. Zonas amarelas de luz estendiam-se por sobre o céu; a luz da aurora boreal. E tudo isso causara a ele, Anton Karlovitch, uma impressão fantasmagórica, tanto a paisagem como a sua própria presença no meio dela.

Assim falava o sr. Ferge, a única personagem do nosso pequeno grupo que se achava fora da rede de relações que ligavam os outros entre si. Quanto a essas relações, porém, convém relatar dois breves diálogos, duas conversas estranhas que, a essa altura dos acontecimentos, o nosso herói pouco heroico manteve com Clawdia Chauchat e com o seu companheiro de viagem, cada qual em separado; uma no vestíbulo, à noite, enquanto o “obstáculo” se achava

acamado com febre, no seu quarto, e a outra, de tarde, à cabeceira do leito de Mynheer…

Aquela noite, o vestíbulo achava-se envolto em penumbra. A costumeira reunião tinha sido breve e pouco animada. Já muito cedo os pensionistas se haviam recolhido aos compartimentos de sacada, para o repouso noturno, exceção feita daqueles que trilhavam caminhos proibidos pelo regulamento, em direção ao “mundo”, onde se dançasse ou jogasse. Uma lâmpada solitária continuava acesa em qualquer parte do teto do recinto abandonado, e também as saletas contíguas estavam quase completamente escuras. Hans Castorp sabia, porém, que a sra. Chauchat, depois de ter jantado sem a companhia do seu senhor, ainda não regressara ao primeiro andar, mas se demorava na sala de leitura. Por esse motivo também ele hesitara em subir. Encontrava-se na parte dos fundos do vestíbulo, um degrau mais alta que o resto e separada do recinto principal por alguns arcos brancos, que repousavam sobre pilares forrados de madeira. Estava sentado junto à lareira revestida de azulejos, numa cadeira de balanço igual àquela em que se embalara Marúsia, enquanto Joachim conversara com ela a primeira e única vez. Fumava um cigarro, o que aqui, e a essa hora, para todos os casos, era permitido.

Ela veio chegando, ele ouviu seus passos, atrás dela o farfalhar do vestido, e ela logo pôs-se ao lado dele, abanando-se com uma carta que segurava num canto, e disse com sua voz de Pribislav:

— O concierge já se foi. O senhor me dê logo um timbre-poste!

Trajava, aquela noite, um vestido leve, de seda escura, com um decote redondo e mangas amplas, cujos punhos abotoados se estreitavam em torno dos pulsos. Era um vestido de que Hans Castorp gostava em especial. Clawdia se adornara com o colar de pérolas que esplendia palidamente no crepúsculo. Ele ergueu os olhos, e, fitando o rosto quirguiz, disse:

— Timbres? Não tenho.
— Mas como, não tem? Tant pis pour vous.[8] Não está preparado para ser útil a uma dama? — Fez um desdém com a boca e deu de ombros. — Isso me decepciona. Vocês, pelo menos, deveriam ser pessoas eficientes a quem se pudesse sempre recorrer. Eu imaginava que o senhor tivesse aí, numa repartição da sua carteira, uns blocos bem dobrados de todos os tipos de selos, classificados segundo valores.
— Não. E para quê? — respondeu ele. — Nunca escrevo cartas. E a quem? Muito raramente mando um cartão-postal, e então desses que já vêm com selo. A quem eu poderia escrever cartas? Não tenho ninguém. Não tenho mais afinidade alguma com a planície, eu a perdi de vez. Em nosso cancioneiro popular temos uma canção que diz: “Fiquei perdido para o mundo”. É meu caso.
— Bem, então, senhor perdido, passe logo para cá um papirosa, que quero fumar — disse ela. Sentou-se à sua frente, ao pé da lareira, num banquinho coberto com uma almofada. Cruzou as pernas e estendeu uma das mãos. — Parece que isso o senhor tem. — E displicentemente, sem dizer “obrigada”, tirou da caixinha de prata o cigarro que ele lhe ofereceu, e ainda serviu-se do isqueiro que ele acendeu próximo ao rosto dela, inclinado para a frente. Na indolência desse “passe logo para cá” e no jeito de aceitar sem agradecer revelaram-se a incúria da mulher mimada, mais que isso, no entanto, o senso de camaradagem próprio à humanidade, ou melhor: à “humaniedade”, o senso de posse coletiva, uma naturalidade enérgica e todavia meiga dos gestos de dar e receber. De si para si, ele criticou isso tudo sob um senso apaixonado. E a seguir disse:
— Sim, cigarros tenho sempre. Realmente, nunca deixo de andar com alguns deles. É coisa que se precisa ter. Como passar sem fumar? Isso, se alguém quiser saber, chama-se paixão, não é? Francamente, não sou pessoa passional, mas tenho minhas paixões, paixões fleumáticas.
— Deixa-me tranquila — ela disse, enquanto soltava a

fumaça — saber que o senhor não é homem passional. Aliás, como poderia ser? Do contrário, o senhor teria que ser diferente dos outros da sua espécie. Paixão é: viver por amor à vida. Mas é coisa sabida que vocês vivem por amor à experiência. Paixão significa esquecer-se de si próprio. Mas tudo o que vocês desejam é enriquecer. C'est ça.[9] O senhor não se dá conta, em absoluto, de que isso constitui um egoísmo abominável que um dia fará de vocês os inimigos da humanidade?

— Ora, ora! Logo os inimigos da humanidade? O que você está dizendo, Clawdia, de forma tão geral? Em que coisas concretas e pessoais você está pensando, ao afirmar que não nos empenhamos em viver, mas só em enriquecer? Vocês, mulheres, não costumam pregar moral assim a esmo. Ah, essa história de moral! Isso é assunto para Naphta e Settembrini, em uma de suas controvérsias. Já está no terreno da grande confusão. Nem a própria pessoa sabe se vive por amor a si própria ou por amor à vida, e ninguém pode saber disso com exatidão e certeza. Acho que os limites são móveis. Existe abnegação egoísta, e egoísmo abnegado… Creio que é mais ou menos como no amor. É contrário à moral, sem dúvida, que eu seja incapaz de prestar atenção ao que você me diz a respeito dela, mas me sinto antes de mais nada feliz por estarmos reunidos, assim como nos achamos uma única vez, e como nunca nos encontramos desde o seu regresso. E que eu lhe possa dizer que esses punhos justos assentam em você de um jeito maravilhoso, e que essa seda transparente que flutua ampla ao redor dos seus braços… desses braços que eu conheço…

— Vou embora.

— Não vá, por favor! Terei em consideração as circunstâncias, e as personalidades.

— É o menos que se pode esperar de um homem sem paixão.

— Está vendo? Faz troça de mim e ralha comigo, se eu… E quer ir embora, quando eu…

— A quem queira ser compreendido, roga-se o favor de falar sem lacunas.
— Então não poderei tirar proveito algum da habilidade que você tem em adivinhar lacunas? É injusto, eu diria, se não compreendesse que aqui não se trata de justiça…
— Não, senhor. A justiça é uma paixão fleumática. Ao contrário do ciúme, que torna inevitavelmente ridículas as pessoas fleumáticas.
— Está vendo? Ridículas. Então lhe peço tolerar minha fleuma. E repito: como é que eu passaria sem ela? Como poderia ter suportado essa espera?
— Como é?
— Essa espera por você.
— Voyons, mon ami.[10] Não quero perder tempo criticando a forma de tratamento de que o senhor, com uma obstinação absurda, se serve ao falar comigo. Acho que o senhor há de se cansar disso, e eu, afinal de contas, não me ofendo facilmente, não sou uma burguesa indignada…
— Não, porque está enferma. A doença confere a você essa liberdade. Ela transforma você… Espera, agora me ocorre uma palavra que jamais empreguei antes: a doença torna você genial!
— Deixemos a genialidade para outra ocasião! Não era isso o que eu queria dizer. Exijo uma única coisa. Não pretenda que eu, de uma forma ou outra, seja culpada da sua espera, se é o senhor que realmente esperou; nem que haja sido encorajado por mim para tal atitude, ou apenas que eu o tenha autorizado a agir assim. O senhor deve admitir, sem rodeios, que se deu precisamente o contrário…
— Com muito prazer, Clawdia. Como não! Você não me mandou esperar. Esperei por livre e espontânea vontade. Compreendo perfeitamente que você ligue importância a isso…
— Até as suas concessões têm qualquer coisa de impertinente. Falando em geral, o senhor é um homem impertinente, sabe Deus por quê. Não só nas suas relações

comigo, mas também noutras circunstâncias. Mesmo na sua admiração e na sua humildade há algo de impertinente. Não pense que não percebo! Nem me convém falar com o senhor, de uma vez por todas, por causa da sua impertinência e também porque se atreve a me falar da sua espera. É imperdoável que ainda se encontre aqui. Há muito tempo que deveria ter voltado para o seu trabalho, sur le chantier,[11] ou onde quer que fosse…

— Agora você está falando sem genialidade e de modo totalmente convencional, Clawdia. Isso não passa de um lugar-comum. Você não pode ter a mesma opinião que Settembrini, e que outro sentido poderiam ter as suas palavras? Você as disse sem pensar; não as posso levar a sério. Eu não partirei “em falso” como o coitado do meu primo, que morreu, assim como você previu, quando tentava cumprir seu dever na planície. Talvez soubesse que morreria, mas preferiu a morte ao regime do tratamento. Muito bem, para isso era soldado. Mas eu não sou; sou paisano. No meu caso seria deserção se me comportasse como ele e fizesse questão, apesar da proibição de Radamanto, de me dedicar lá embaixo ao progresso e a outras coisas úteis. Isso seria a mais profunda das ingratidões e a maior infidelidade ante a doença e o gênio, e também ante meu amor por você, do qual tenho cicatrizes antigas e feridas recentes, e ante esses seus braços, que conheço, se bem que deva admitir que foi apenas num sonho, num sonho genial, que travei conhecimento com eles, de maneira que disso nada resulta para você, realmente: consequência alguma, nem compromisso, nem restrição da liberdade…

Ela riu, com o cigarro na boca, a ponto de se contraírem os olhos tártaros. Reclinou-se ao forro de madeira apoiando as mãos no banquinho; com as pernas cruzadas, balouçava o pé calçado com um sapato preto de verniz.

— Quelle générosité! Oh là, là, vraiment, meu pobrezinho, foi exatamente assim que sempre imaginei un homme de génie![12]

— Deixe disso, Clawdia. Claro que por natureza não sou um homme de génie coisa alguma, e tampouco sou um homem de grande envergadura. Não, meu Deus! Mas o acaso — diga que foi o acaso — levou-me muito alto, até essas regiões geniais… Numa palavra, talvez você não saiba que existe algo chamado pedagogia alquimístico-hermética, a transubstanciação, rumo ao mais sublime, e por conseguinte uma ascensão, se é que me compreende. Mas é óbvio que a matéria suscetível de ser impelida e empurrada, por influências exteriores, em direção a uma esfera mais elevada, necessita para isso de certas qualidades próprias. E quanto às qualidades que eu possuía, sei muito bem que eram as seguintes: desde muito tempo estava familiarizado com a doença e com a morte, e já nos meus tempos de menino cometi o disparate de pedir-lhe emprestado uma lapiseira, tal como se deu aqui naquela noite de Carnaval. Mas o amor disparatado é genial, pois a morte, sabe, é o princípio de genialidade, a *res bina,* o *lapis philosophorum*, e é também o princípio pedagógico, uma vez que o amor pela morte conduz ao amor pela vida e pelo ser humano. É realmente assim; descobri-o no meu compartimento de sacada, e me sinto feliz por ter uma ocasião de dizer isso a você. Há dois caminhos que conduzem à vida: um é o caminho ordinário, direto e honrado; o outro é mau, passa pela morte, e este é o caminho genial.

— Você é um filósofo abstruso — disse ela. — Não pretendo compreender todos esses seus pensamentos confusos e alemães; mas eles soam humanos, e certamente você é um bom rapaz. Por outro lado, comportou-se en philosophe.[13] Não há como negá-lo.

— Excessivamente en philosophe para o seu gosto, não é, Clawdia?

— Deixe de impertinências! Isso começa a ficar maçante. Essa coisa de esperar foi estúpida e não estava autorizada. Mas você não está zangado comigo, por ter esperado em vão?

— Bem, foi um pouco difícil, sim, Clawdia, mesmo para um homem de paixões fleumáticas: difícil para mim, e duro de sua parte, por você ter chegado na companhia dele; pois é claro que você sabia, por intermédio de Behrens, que eu estava aqui à sua espera. Mas eu já lhe disse que só a considero uma noite de sonho, a nossa noite, e que lhe concedo sua liberdade. Afinal de contas não esperei em vão, já que você está aqui; estamos sentados um perto do outro, como aquela outra vez; ouço a maravilhosa aspereza da sua voz, que há tanto tempo é familiar ao meu ouvido, e sob essa seda flutuante estão seus braços, que conheço — embora o seu companheiro de viagem se ache lá em cima, num ataque de febre, o grande Peeperkorn que lhe deu essas pérolas…

— E com o qual você mantém boas relações, para seu próprio proveito.

— Não leve isso a mal, Clawdia! Também Settembrini censurou-me pelo mesmo motivo, mas essa mentalidade não passa de um preconceito convencional. Aquele homem é uma aquisição valiosa. É uma personalidade, ora essa. Que a idade dele já esteja avançada, vá lá. Mesmo assim acho bem compreensível que você, como mulher, o ame loucamente. Você o ama muito?

— Rendo homenagem a seu espírito de filósofo, Joãozinho alemão — disse ela, acariciando-lhe o cabelo —, mas nem por isso considero um sinal de humaniedade falar a você do amor que tenho por ele.

— Ora, Clawdia, por que não? Creio que o humano começa onde os homens sem gênio pensam que ele termina. Falemos tranquilamente dele! Você o ama com paixão?

Ela se inclinou para a frente, e jogou na lareira o cigarro acabado. Deixou-se ficar, então, com os braços entrelaçados.

— Ele me ama — respondeu —, e seu amor faz que eu me sinta orgulhosa, grata e dedicada a ele. Você compreende isso bem. Ou não seria digno da amizade que ele lhe devota… O sentimento dele obrigou-me a segui-lo e a servi-

lo. Haveria como ser diferente? Julgue você mesmo! Acha humanamente possível desprezar os sentimentos dele?

— É impossível — confirmou Hans Castorp. — Não, não, é lógico que isso não entrava na questão. Que mulher seria capaz de desprezar os sentimentos dele, o temor por esses sentimentos, e de abandoná-lo, por assim dizer, no Getsêmani?

— Você não é nada bobo — disse ela, e seus olhos oblíquos imobilizaram-se numa expressão pensativa. — É inteligente. O temor pelos sentimentos…

— Não se precisa muita inteligência para compreender que você tinha que segui-lo, ainda que — ou melhor: porque — no amor dele deve haver muita coisa angustiante.

— C'est exact…[14] Angustiante… A gente tem muitas preocupações por causa dele, sabe? E muitas dificuldades… — Ela pegara a mão do jovem e sem pensar brincava com as articulações. Mas de repente ergueu o olhar e, com o cenho carregado, perguntou: — Um momento! Você não acha infame falarmos sobre ele desta maneira?

— De modo algum, Clawdia. Não, longe disso! É apenas humano. Você gosta dessa palavra, que arrasta com uma ênfase fanática. Sempre me interessa ouvi-la pronunciada por sua boca. Meu primo Joachim detestava-a por motivos militares. Dizia que ela significava indolência e relaxamento geral, e quando a considero sob esse aspecto, como um irrestrito guazzabuglio de tolerância, também não posso deixar de impor-lhe objeções; isso admito francamente. Mas quando ela expressa liberdade, genialidade, bondade, é uma grande coisa, e, segundo me parece, não faz mal que a empreguemos a favor da nossa conversa sobre Peeperkorn e sobre as preocupações e dificuldades que ele causa a você. Claro que elas são a consequência da mania de pundonor que ele tem, de seu medo de que o sentimento possa fracassar, esse medo que o faz tanto amar as dádivas clássicas e os meios de se regalar. Podemos falar disso com toda reverência, pois nele tudo tem grande envergadura, a

envergadura grandiosa de um rei, e nós não aviltamos nem a ele nem a nós próprios fazendo reflexões humanas sobre esse assunto.

— Não se trata de nós — disse ela, voltando a cruzar os braços. — A pessoa não seria mulher se, em virtude de um homem, não quisesse aceitar também aviltamentos, em virtude de um homem de grande envergadura, como você diz, e para o qual se é um objeto do sentimento e do temor pelo sentimento…

— Perfeitamente, Clawdia. Muito bem formulado. Também o aviltamento tem grande envergadura nesse caso, e a mulher, das alturas do seu aviltamento, pode dirigir-se aos que não têm a envergadura de um rei, e falar-lhes com tanto desdém como você, quando se referiu aos timbres-poste, naquele tom em que me disse: "Vocês, pelo menos, deveriam ser pessoas eficientes a quem se pudesse sempre recorrer".

— Você é melindroso? Deixe disso! Mandemos às favas os melindres! Não está de acordo? Também eu me melindrei às vezes; quero reconhecê-lo hoje, já que estamos assim próximos um do outro. Irritei-me por causa da sua fleuma e porque você se entendia tão bem com ele, só para satisfazer sua própria experiência egoísta. E contudo via com prazer e gratidão que você o tratava com reverência… Havia na sua conduta muita lealdade, e, ainda que nela se mesclasse um pouquinho de impertinência, não podia deixar de apreciar essa sua atitude.

— Foi muita bondade sua.

Ela o fitou.

— Tenho a impressão de que você é incorrigível. Vou lhe dizer uma coisa: você é um rapaz malicioso. Não sei se tem espírito, mas é cheio de malícia, isso não se discute. Aliás, não faz mal nenhum; isso se pode suportar. Pode-se até manter amizade com uma pessoa assim. Quer que mantenhamos a amizade? Que façamos uma aliança a favor dele, assim como normalmente se faz contra alguém? Quer

me dar sua mão para selarmos essa aliança? Muitas vezes me sinto angustiada… Acontece que sinto medo de estar a sós com ele, medo da solidão interior, tu sais…[15] É angustiante mesmo… Às vezes receio que ele acabe mal… Fico horrorizada, às vezes… Gostaria de ter a meu lado um homem bom… Enfin, se lhe interessa saber, talvez seja por isso que voltei para cá com ele…

Seus joelhos se tocavam, enquanto estavam sentados assim, ele na cadeira inclinada para a frente, e ela no banquinho. Ao proferir essas últimas palavras bem perto do rosto dele, ela lhe apertara a mão. Ele disse:

— Por mim? Mas isso é maravilhoso! Oh, Clawdia, é realmente extraordinário. Então você voltou para cá com ele porque eu estava aqui? E ainda quer pretender que a minha espera foi estúpida, desautorizada e totalmente vã? Seria muito mesquinho da minha parte, se eu não soubesse apreciar o oferecimento de sua amizade, da amizade com você em prol dele…

Foi então que ela o beijou na boca. Era um daqueles beijos russos, desses que se trocam naquele vasto país cheio de alma, nas mais importantes festas cristãs, como uma consagração do amor. No nosso caso, porém, esse beijo foi trocado entre um jovem notoriamente "malicioso" e uma mulher também jovem, de andar sedutoramente felino; e enquanto descrevemos essa cena, não podemos deixar de pensar, sem querer, e de um modo vago, na maneira engenhosa, embora um tanto suspeita, com que o dr. Krokowski costumava falar do amor num sentido ligeiramente ambíguo, de modo que ninguém sabia com certeza se se referia a um assunto piedoso ou a algo físico, passional. E nós não fazemos o mesmo, ou talvez o fizessem Hans Castorp e Clawdia Chauchat, quando trocavam esse beijo russo? Ora, que diria o leitor, se nos recusássemos redondamente a resolver esse problema? A nosso ver, seria um procedimento analítico, mas — para repetir a expressão de Hans Castorp — "muito mesquinho" e francamente hostil

à vida, fazer em matéria de amor uma distinção “limpa” entre elementos piedosos e elementos passionais. Que significaria “limpo” nesse caso? E o que significariam “sentido ambíguo” e “caráter equívoco”? Ridicularizamos abertamente esses conceitos. Não será bom e grande o fato de a língua não possuir senão uma única palavra para tudo quanto aquilo pode abranger, desde o sentimento mais piedoso até o desejo mais carnal? O equívoco torna-se, pois, plenamente unívoco, uma vez que o amor não pode ser separado do corpo, nem sequer no auge da piedade, tal como não é ímpio nem nos momentos de carnalidade extrema. O amor continua sempre sendo ele mesmo, tanto sob a forma de conduta amistosa em face da vida como sob a forma da mais sublime paixão; é a simpatia pela espera orgânica, o abraço comoventemente voluptuoso daquilo cujo destino é apodrecer. Decerto há caritas até na paixão mais furiosa e na paixão mais reverente. Sentido ambíguo? Pois que seja ambíguo o sentido do amor! Nessa indistinção se manifestam a vida e a humanidade. Revelaríamos uma desoladora falta de “malícia”, se nos inquietássemos diante dessa ambiguidade.

Enquanto os lábios de Hans Castorp e da sra. Chauchat se encontram juntos no beijo russo, apagamos as luzes do nosso pequeno teatro, para mudança de cena. Pois agora trataremos do segundo dos dois diálogos que prometemos relatar. Restabelecida a iluminação, a iluminação crepuscular de uma tardezinha de primavera, na época do degelo, deparamos com o nosso herói numa situação que já nos é familiar, à beira da cama do grande Peeperkorn, palestrando com ele submissa e amigavelmente. Ao chá das quatro horas, servido no refeitório, a sra. Chauchat comparecera sozinha, como já se dera nas três refeições anteriores, e logo depois se encaminhara a Davos-Platz para efetuar algumas compras. Diante disso Hans Castorp fizera anunciar ao holandês uma das suas costumeiras visitas, em parte para mostrar-se atencioso e para distraí-lo um pouco,

em parte para edificar-se com a irradiação dessa personalidade; numa palavra: por motivos tão ambíguos como a vida. Peeperkorn pôs o *Telegraaf* de lado, pegou o pince-nez de aros de chifre pela ponte e atirou-o em cima do jornal. A seguir estendeu ao visitante a mão de capitão, enquanto os lábios largos e gretados se moviam vagamente, com uma expressão dolorosa. Como sempre, tinha a seu alcance vinho tinto e café. O serviço de café achava-se numa cadeira junto à cama, e o fundo pardo da xícara deixava perceber que fora usada havia pouco. Mynheer acabava de tomar o trago de todas as tardes, forte e quente, com açúcar e creme, e que o fazia transpirar. O rosto de rei, emoldurado de labaredas brancas, estava corado, com pequenas bagas de suor assomando na testa e no lábio superior.

— Estou suado — disse. — Seja bem-vindo, meu jovem. Pelo contrário. Sente-se! É um sinal de fraqueza, quando a gente, logo depois de ter ingerido uma bebida quente, começa a… Tenha a bondade de… Sim, senhor. O lenço. Muito obrigado.

A cor vermelha do rosto ia desaparecendo com rapidez, dando lugar àquele palor amarelado que depois de um ataque de febre maligna costumava cobrir o rosto desse homem soberbo. A quartã fora muito violenta durante a manhã, com todas as suas três fases, a fria, a abrasadora e a úmida. Os olhinhos apagados de Peeperkorn pareciam cansados, sob o enrugamento da fronte, que lhe dava o aspecto de um ídolo. Ele disse:

— Isto é… Plenamente, meu jovem. Eu queria plenamente, quanto à palavra “reconhecimento”… Em absoluto. É muito gentil da sua parte, conceder a um enfermo em idade avançada…

— Uma visita? — perguntou Hans Castorp… — Em absoluto, Mynheer Peeperkorn. Quem deve agradecer sou eu, por ter uma oportunidade de me sentar aqui. Pois eu tiro muito mais proveito dessa visita que o senhor. Venho por

razões puramente egoísticas. Mas como o senhor pode qualificar-se de “enfermo em idade avançada”? Ninguém seria capaz de adivinhar que isso se refere à sua pessoa. Está traçando de si uma imagem totalmente falsa.

— Está bem — respondeu Peeperkorn, e fechou os olhos por alguns instantes, recostando no travesseiro a majestosa cabeça com o queixo erguido. Os dedos com as unhas compridas jaziam entrelaçados sobre o amplo peito de rei, que se delineava sob a camisola de malha. — Está bem, meu jovem. Ou melhor: suas intenções são boas; disso não duvido. Estava agradável ontem de tarde — pois sim, foi ontem à tarde — naquele lugar hospitaleiro… me esqueci do nome… lá onde comemos um salame excelente com ovos mexidos e com esse vinho local tão saudável…

— Foi uma maravilha! — confirmou Hans Castorp. — Nós todos não tivemos pejo de saborear a comida. O chef de cozinha do Berghof ficaria ofendido, e com razão, se nos tivesse visto. Todos, sem exceção, nos lançamos a comer! Era um salame de lei. O sr. Settembrini estava até comovido e comia-o, por assim dizer, com os olhos cheios de lágrimas. É um patriota, como o senhor deve saber, um patriota democrático. Consagrou a sua lança de cidadão sobre o altar da humanidade, para que de futuro os direitos alfandegários do salame sejam pagos na fronteira do Brenner.

— Isso não tem importância — declarou Peeperkorn. — É um homem distinto, que sabe conversar de forma alegre; um perfeito cavalheiro, ainda que não lhe seja dado mudar de roupa com muita frequência.

— Não lhe é dado de modo algum — disse Hans Castorp. — De modo algum! Já o conheço faz muito tempo e me dou bem com ele; quero dizer que ele se interessa por mim de uma maneira pela qual lhe devo a minha maior gratidão, só porque achava que eu era um “filho enfermiço da vida”; é uma dessas locuções que empregamos entre nós, e que terceiros não podem compreender sem explicação. Settembrini dá-se ao trabalho de exercer sobre mim uma

influência corretiva. Mas nunca, nem no verão nem no inverno, o vi em outros trajes que não aquelas calças de xadrez e o jaquetão puído. Ele usa, aliás, essas roupas velhas com uma correção notável, de modo muitíssimo distinto. Nesse ponto concordo inteiramente com o senhor. A maneira como se veste é um triunfo sobre a pobreza, e quanto a mim, prefiro essa pobreza à própria elegância do pequeno Naphta, em face da qual nunca me sinto muito à vontade, porque ela é o diabo, em certo sentido, e os recursos necessários para ela lhe vêm de uma fonte escusa; estou mais ou menos bem-informado a respeito da sua situação.

— É um homem distinto e alegre — repetiu Peeperkorn, passando por cima da observação que Hans Castorp fizera com referência a Naphta — ainda que — permita-me esta restrição — ainda que não esteja livre de preconceitos. Madame, minha companheira de viagem, não o aprecia muito, como o senhor talvez tenha notado. Não revela simpatia ao falar dele, indubitavelmente porque esses preconceitos se manifestam na atitude que ele toma diante dela. Não precisa dizer palavra alguma, meu jovem! Quanto ao sr. Settembrini e aos sentimentos amistosos que o senhor tem por ele, estou longe de… Basta! Nem penso em afirmar que, quanto à cortesia que um cavalheiro deve a uma dama, ele jamais… Perfeito, meu caro amigo, irrepreensível! Mas existem ali um limite, uma reserva, uma certa es-qui-van-ça que tornam a animosidade de madame contra ele, humanamente falando, muito…

— Compreensível. Que a tornam natural. Altamente justificável. Desculpe, Mynheer Peeperkorn, que eu tenha tomado a liberdade de terminar sua frase. Pude arriscar-me a isso na certeza de estar inteiramente de acordo com o senhor. Sobretudo quem considera o quanto as mulheres — o senhor talvez se ria porque eu, com a minha pouca idade, falo das mulheres de modo generalizado —, quem considera o quanto as mulheres, na sua conduta perante o homem,

dependem do modo como o homem se conduz ante elas, não se pode admirar. As mulheres, é assim que eu gostaria de formular a ideia, são criaturas reativas, sem iniciativa própria, criaturas indolentes, no sentido de passivas… Permita-me, por favor, que eu desenvolva, embora sem habilidade, esse meu ponto de vista. A mulher, pelo que pude observar, considera-se, nos assuntos amorosos, em primeira linha como simples objeto; espera que os acontecimentos cheguem até ela; não escolhe livremente; só chega a escolher à base da escolha prévia do homem e mesmo então, permita-me acrescentar mais isso, mesmo então a liberdade da sua escolha é restrita e influenciada pelo fato de ela *ter sido* escolhida, a não ser que se trate de um espécime excessivamente mísero de homem; e nem essa condição vigora em todos os casos… Deus meu, acho que as coisas que digo são banalidades, mas quando somos jovens tudo nos parece novo, novo e surpreendente. Pergunte a uma mulher: “Você o ama?”, e ela lhe responderá, com os olhos erguidos ou mesmo baixos: “Ele me ama tanto!”. Agora imagine uma resposta dessas na boca de um de nós. (Perdoe-me por me ter posto no mesmo plano com o senhor!) Talvez haja homens que devem responder dessa forma, mas se tornariam perfeitamente ridículos, seriam vassalos do amor feminino, para me expressar de uma forma epigramática. Eu desejaria saber que importância se atribui uma mulher que dá aquela resposta. Será que julga dever uma dedicação sem limites ao homem que concede a uma criatura tão humilde o favor da sua escolha amorosa, ou será que ela vê no amor que o homem tem à sua pessoa um sinal infalível da perfeição dele? Ventilei esse problema muitas vezes nas minhas horas solitárias.

— São os primórdios das coisas, são fatos clássicos, meu caro jovem! Suas palavras singelas e fluentes tocam em fundamentos sagrados — replicou Peeperkorn. — O homem é embriagado pelo seu próprio desejo; a mulher exige e espera ser embriagada pelo desejo dele. Disso nos provém a

obrigação de sentir. Daí a pavorosa ignomínia da insensibilidade, da impotência de levar a mulher ao desejo. O senhor toma uma taça de vinho tinto em minha companhia? Eu tomarei. Tenho sede. Perdi muito líquido hoje.

— Agradeço imensamente, Mynheer Peeperkorn. Embora eu não tenha o hábito de beber a esta hora, estou sempre disposto a tomar um trago à sua saúde.

— Então sirva-se da taça. Temos uma só. Eu me arranjarei com o copo da pia. Acho que esta zurrapa não se ofenderá, se bebida de um recipiente simples... — Com a mão de capitão levemente trêmula, encheu os copos, ajudado pelo visitante, e avidamente esvaziou o seu. O vinho tinto descia-lhe pela garganta escultural como se fosse água pura.

— Isso refresca — disse ele. — O senhor não bebe mais nada? Então permita que eu tome mais um... — Derramou um pouco de vinho ao encher o copo. O lençol de cima estava salpicado de manchas vermelho-escuras. — Eu repito — prosseguiu com o dedo indicador em riste, enquanto na outra mão tremia o copo cheio —, repito: daí resulta a nossa obrigação, o nosso dever *religioso* de sentir. Nosso sentimento (compreende?) é a força viril que desperta a vida. A vida está adormecida. Quer ser acordada para celebrar bodas orgiásticas com o sentimento divino. Pois o sentimento, meu jovem, é divino. O homem é divino, desde que sente. É o sentimento de Deus. Deus criou o homem para sentir por meio dele. O homem é apenas o órgão pelo qual Deus realiza seu enlace matrimonial com a vida despertada e ébria. Se o homem fracassa quanto ao sentimento, irrompe a ignomínia de Deus, dá-se a derrota da virilidade de Deus, uma catástrofe cósmica, um horror inimaginável... — Tornou a beber.

— Deixe que eu segure o copo, Mynheer Peeperkorn — disse Hans Castorp. — Acho muito instrutivo seguir o curso dos seus pensamentos. O senhor acaba de desenvolver uma teoria teológica que atribui ao homem uma função religiosa

muito digna, se bem que, talvez, um pouco unilateral. Nas suas ideias, se me posso permitir esta observação, há um certo rigorismo que tem algo de angustiante… Queira perdoar! Todo rigor religioso é por natureza angustiante para pessoas de uma envergadura mais modesta. Nem penso em me atrever a corrigir o senhor, mas queria apenas desviá-lo desses problemas e voltar ao que o senhor disse acerca de certos “preconceitos” que, segundo a sua opinião, o sr. Settembrini tem com referência a madame, sua companheira de viagem. Não é de ontem que conheço o sr. Settembrini; conheço-o faz muito tempo, há anos e anos. E posso lhe assegurar que os seus preconceitos, se é que existem, não são em absoluto os preconceitos mesquinhos de um pequeno-burguês. No caso dele só se pode tratar de preconceitos de um estilo mais elevado e, por conseguinte, de caráter impessoal: princípios pedagógicos gerais que o sr. Settembrini defende, para falar com franqueza, com vistas a mim, em minha qualidade de “filho enfermiço da vida”… Mas isso nos leva muito longe. É um assunto vasto demais para que poucas palavras o possam…

— E o senhor ama madame? — perguntou Mynheer de repente, voltando para o visitante o rosto de soberano, com a boca dolorosa e gretada e com os olhinhos apagados sob os arabescos drapejados da fronte… Hans Castorp teve um sobressalto. Balbuciando, respondeu:

— Se eu… Quer dizer… Sinto grande respeito pela sra. Chauchat, obviamente, já pelo fato de ela ser…

— Por favor! — disse Peeperkorn, refreando-o com um esmerado gesto da mão estendida e obtendo, desta forma, o necessário “espaço” para as palavras que tencionava pronunciar. — Permita-me — continuou —, deixe-me repetir que estou longe de culpar esse senhor italiano por uma infração real das leis do cavalheirismo… Não acuso ninguém de tal infração, ninguém! Mas notei… Neste momento, por exemplo, tenho o prazer de… Bem, meu caro jovem! Está tudo muito bem. Tenho nisso grande prazer; não se discute;

é mesmo muito agradável para mim. Mesmo assim digo de mim para mim… Numa palavra, digo de mim para mim: o senhor conhece madame há mais tempo que eu. Já esteve aqui com ela na outra temporada. Além disso madame é uma mulher cheia de encantos, e eu sou apenas um velho enfermo. Como se explica então… Por eu estar indisposto, ela desceu hoje de tarde à vila para fazer compras, sozinha e sem ninguém que a acompanhasse… Não há mal nisso! Absolutamente! Mas não há dúvida de que seria… Será que devo atribuir à influência dos… como foi que o senhor se expressou?… dos princípios pedagógicos de signor Settembrini o fato de o senhor não ter seguido o impulso cavalheiresco… Peço que me entenda literalmente…

— Literalmente, Mynheer Peeperkorn. Oh, não. Mas de modo algum, em absoluto. Ajo de modo plenamente autônomo. Pelo contrário, em certa ocasião o sr. Settembrini até me… Lastimo ver em seu lençol umas manchas de vinho, Mynheer Peeperkorn. Não acha que se deveria… Lá em casa costumavam pôr sal enquanto a mancha ainda estava fresca…

— Isso não tem importância — disse Peeperkorn, sem perder de vista o visitante.

Hans Castorp corou.

— As coisas — disse com um sorriso amarelo — apresentam-se aqui sob um aspecto diferente do normal. O espírito que reina neste lugar, se me posso expressar assim, não é o espírito convencional. O doente tem a primazia, quer seja homem quer seja mulher. O senhor está indisposto, Mynheer Peeperkorn. Trata-se de uma indisposição aguda, uma indisposição momentânea. Sua companheira de viagem está melhor, em comparação. Creio agir de acordo com as intenções de madame, quando na ausência dela a substituo um pouquinho aqui… se é que num caso desses pode haver substituição, rá, rá, rá: em vez de representar o senhor junto dela e oferecer a ela minha companhia até a vila. Com que direito eu imporia meus

serviços de cavalheiro à sua companheira de viagem? Para isso me faltam títulos e autorização. Posso afirmar que tenho bastante sensibilidade em relação a questões de direito. Numa palavra, acho que minha situação é correta; ela corresponde ao estado geral das coisas, e corresponde, sobretudo, aos sentimentos sinceros que tenho por sua pessoa, Mynheer Peeperkorn, e com isso creio ter dado a sua pergunta... O senhor acaba de fazer uma pergunta, não?... Creio ter dado a essa pergunta uma resposta satisfatória.

— Uma resposta muito agradável — replicou Peeperkorn. — Ouço com sincero prazer as suas frases leves e ágeis, meu caro jovem. Elas saltam por cima de todos os obstáculos, e removem de um modo simpático as arestas das coisas. Mas satisfatória? Não, a sua resposta não me satisfaz. Desculpe-me se com isso lhe causo uma decepção. "Rigoroso", meu caro amigo! Há poucos instantes o senhor empregou esse termo com referência a certas concepções que eu acabava de expor. Mas também nas suas palavras há um certo rigorismo, uma austeridade, uma atitude forçada, que não me parecem em harmonia com a sua natureza, se bem que, em certo sentido, já os tenha encontrado na sua conduta. Durante os nossos passeios e outros empreendimentos que realizamos em comum, o senhor costuma tomar essa mesma atitude em face de madame... e de mais ninguém. Isto o senhor me deve explicar. É um dever, meu jovem, uma obrigação! Não me engano. Vi a minha observação confirmada em muitas ocasiões. É improvável que outras pessoas não a tenham feito também, com a única diferença de que elas talvez, ou mesmo provavelmente, saibam a razão desse fenômeno.

Essa tarde, Mynheer proferia períodos extraordinariamente precisos e acabados, apesar do cansaço causado pela febre maligna. Quase não havia incoerências. Meio sentado na cama, voltava para o visitante os imponentes ombros e a grandiosa cabeça, estendia um dos braços por cima da colcha, e a mão sardenta de capitão, saindo verticalmente

do punho da manga de lã, exibia aquele característico anel da exatidão, flanqueado pelos dedos lanciformes, enquanto a boca formava frases tão claras, tão incisivas e mesmo tão plásticas que o próprio sr. Settembrini deveria ter ficado contente. Os "erres" de palavras como "provavelmente" ou "razão" eram guturais e carregados.

— O senhor está sorrindo — continuou. — Pisca os olhos e vira a cabeça de cá para lá. Parece entregar-se a reflexões sem resultado positivo. E todavia não há dúvida alguma de que sabe a que me refiro e de que se trata. Não quero dizer que nunca dirija a palavra a madame ou lhe fique devendo a resposta, quando a ocasião requer o contrário. Mas repito que o faz de modo forçado, ou para ser mais exato: esquiva-se, evita alguma coisa, e quando se observa mais de perto, vê-se que esta coisa é *uma* determinada forma de tratamento. Quanto ao seu procedimento, tem-se a impressão de que o senhor fez uma aposta, de que comeu uma filipina com madame, e não pode, segundo as condições estipuladas, dirigir-lhe diretamente a palavra. Como consequência disso, evita qualquer forma de tratamento. Nunca lhe diz "a senhora".

— Mas, Mynheer Peeperkorn… Que "filipina" seria essa?…

— Posso chamar sua atenção para um fato que o senhor certamente notou também: acaba de empalidecer até os lábios.

Hans Castorp não ergueu o olhar. Inclinado para a frente, ocupava-se intensamente com as manchas vermelhas no lençol. "Isso tinha que acontecer!", pensou. "Tudo tendia nessa direção. Acho que eu mesmo fiz o que estava a meu alcance para chegar a este ponto. Em certo sentido, tinha isso em mira, como percebo agora. Será que realmente empalideci? É possível, porque está iminente o momento decisivo. Não se sabe o que acontecerá. Ainda consigo mentir? Até poderia, mas não quero de modo algum. Por enquanto continuarei olhando essas manchas de sangue, essas manchas de vinho tinto no lençol."

De cima dele também não vinha palavra alguma. O silêncio prolongou-se por dois ou três minutos, tornando perceptível a enorme extensão que essas unidades minúsculas podem adquirir em tais circunstâncias.

Quem reencetou a conversa foi Pieter Peeperkorn.

— Foi naquela noite em que tive o prazer de travar conhecimento com o senhor — começou em tom de rapsodo, baixando a voz pelo fim, como se terminasse a primeira frase de uma longa história. — Acabávamos de celebrar uma pequena festa. Havíamos saboreado comidas e bebidas. A altas horas da noite, numa disposição animada, com o espírito livre e empreendedor, dirigíamo-nos, de braços dados, para os nossos quartos. Sucedeu então o seguinte: diante desta minha porta, no momento da despedida, ocorreu-me a ideia de convidar o senhor a tocar com os lábios a fronte da mulher que o tinha apresentado a mim como um bom amigo de uma temporada anterior, e de deixar ao critério dela se queria retribuir, na minha presença, esse ato solene e alegre, como consagração da hora sublime. O senhor rejeitou minha sugestão; rejeitou redondamente, alegando que lhe parecia absurdo trocar beijos na fronte com a minha companheira de viagem. O senhor não vai negar que aquilo era uma explicação que por sua vez necessitava de um comentário, e esse comentário o senhor me ficou devendo até agora. O senhor está disposto a pagar essa dívida?

“Ora, ora, ele percebeu até isso”, pensou Hans Castorp e pôs-se a estudar ainda mais intensamente as manchas de vinho, chegando até a arranhar uma com a ponta curva do dedo médio. “Pode ser que naquele instante eu desejasse, no fundo do coração, que ele percebesse e tomasse nota do fato. Caso contrário, eu não teria dito essas coisas. Mas que haverá agora? Sinto o coração bater, nada fraco. Terei de enfrentar uma enorme explosão de fúria real? Quem sabe se eu não faria bem em vigiar o seu punho que talvez já esteja erguido por cima da minha cabeça? Uma situação

esquisitíssima e para lá de crítica, essa em que me encontro.”

De chofre sentiu a mão de Peeperkorn agarrar-lhe o pulso direito.

“Agora me pega pelo pulso!”, pensou. “Ora, que ridículo, por que me comportar como um cão surrado? Cometi alguma falta contra ele? Nenhuma. O primeiro que teria direito de se queixar seria aquele homem no Daguestão. E depois mais este ou aquele. E finalmente eu mesmo. Ao que saiba, ele não tem motivo nenhum para queixar-se. Pois então, por que meu coração bate tanto? Já é tempo que me aprume e olhe com franqueza, mas também com reverência, para esse rosto majestoso!”

Foi o que fez. O rosto majestoso estava amarelo. Os olhos pareciam apagados sob o enrugamento içado da testa. Os lábios gretados mostravam uma expressão amarga. Um lia nos olhos do outro, o grande ancião e o jovem insignificante, enquanto um seguia segurando o pulso do outro. Finalmente Peeperkorn disse em voz baixa:

— O senhor foi amante de Clawdia durante a outra temporada.

Hans Castorp voltou a inclinar a cabeça, mas logo voltou a levantá-la e respondeu depois de respirar fundo:

— Mynheer Peeperkorn! Repugna-me em mais alto grau mentir-lhe, e esforço-me por encontrar uma possibilidade de evitar tal coisa. Não é fácil. Eu exageraria se confirmasse o que o senhor acaba de dizer, e mentiria se o negasse. Isso se explica assim: durante muito tempo, durante muitíssimo tempo mesmo vivi nesta casa com Clawdia… Perdão!… com sua atual companheira de viagem, sem conhecê-la no sentido convencional. A convenção não tinha lugar em nossas relações, ou melhor: nas minhas relações com ela, sobre as quais quero acrescentar que sua origem está envolta em obscuridade. Nos meus pensamentos, nunca tratei Clawdia de outra forma a não ser por “você”, e tampouco o fiz em realidade. Pois aquela noite em que me

desembaracei de certas peias pedagógicas que mencionei de passagem, e me aproximei dela, sob um pretexto que um fato longínquo me sugeria, era uma noite de mascarada, noite de Carnaval, noite sem responsabilidade, noite do “você”, em cujo decorrer esse “você” adquiriu, inconscientemente e como num sonho, seu sentido pleno. Ao mesmo tempo, porém, era a véspera da partida de Clawdia.

— Sentido pleno — repetiu Peeperkorn. — O senhor, de forma muito gentil… — Soltou Hans Castorp, e com as palmas das mãos de capitão, de unhas compridas, começou a esfregar as duas faces do rosto, as órbitas, as bochechas e o queixo. A seguir juntou as mãos sobre o lençol enlaivado de vinho e voltou a cabeça para a esquerda, a direção onde se achava o visitante, parecendo, contudo, desviar o rosto.

— Respondi-lhe com a maior clareza possível, Mynheer Peeperkorn — disse Hans Castorp —, e procurei escrupulosamente não dizer nem de menos nem de mais. O que mais me importava era fazê-lo notar que, sob certo aspecto, se tem plena liberdade de levar ou não em conta aquela noite, a noite do “você” consumado, e da despedida; fazer notar que essa noite se achava completamente fora do normal e quase que fora do calendário, um hors d’œuvre, por assim dizer, uma noite extra, noite bissexta, vinte e nove de fevereiro, e que, por conseguinte, seria apenas meia mentira se eu negasse o que o senhor acaba de afirmar.

Peeperkorn não deu resposta.

— Preferi — recomeçou Hans Castorp depois de uma pequena pausa — falar a verdade, não obstante o perigo de perder assim sua benevolência, o que, digo francamente, seria para mim uma perda sensível; posso assegurar que seria um golpe, um verdadeiro golpe, que bem se poderia comparar com aquele que significou para mim o fato de a sra. Chauchat não voltar sozinha, mas como sua companheira de viagem. Arrisquei correr esse perigo, porque desde muito desejava que houvesse clareza entre nós, entre

o senhor, por quem sinto tão extraordinário respeito, e a minha pessoa; isso me parecia ser mais bonito e conter mais humanidade… O senhor conhece o modo como Clawdia pronuncia essa palavra, com sua voz encantadoramente velada, arrastando-a com tanta graça… Bem, isso me parecia ser mais bonito e conter mais humanidade que a omissão e o fingimento. Sob esse aspecto experimentei grande alívio quando o senhor, há pouco, fez aquela afirmação.

Nenhuma resposta.

— Não é só isso, Mynheer Peeperkorn — prosseguiu Hans Castorp. — Há mais uma coisa que me inspirou o desejo de lhe falar com toda a franqueza. Trata-se da experiência pessoal que me ensinou quão irritantes são, numa situação dessas, a incerteza e a necessidade de se guiar por conjeturas. Agora *o senhor* é que sabe com quem Clawdia… antes de se estabelecer a atual situação de direito, que seria a mais rematada loucura desrespeitar… com quem Clawdia teve, ou passou, ou cometeu… sim, cometeu um… um dia vinte e nove de fevereiro. Eu por mim nunca cheguei a adquirir essa clareza, apesar de me dar conta de que todos os que tenham ensejo de refletir sobre essas coisas devem incluir nos seus cálculos esse tipo de precedentes, o que no fundo quer dizer: predecessores; e isso apesar de eu ainda saber que o conselheiro Behrens, que atua como pintor diletante, como o senhor talvez saiba, fez dela, no curso de muitas sessões, um excelente retrato a óleo, com uma representação tão realística da pele que existem, cá entre nós, motivos de sobra para suspeitas. Aquilo me causou tormentos e muita dor de cabeça, e ainda hoje causa.

— O senhor ainda a ama? — perguntou Peeperkorn, sem mudar de posição, isto é, com o rosto desviado… O quarto espaçoso ia desaparecendo mais e mais na penumbra.

— Perdão, Mynheer Peeperkorn — replicou Hans Castorp —, mas os sentimentos que nutro pelo senhor, sentimentos da mais alta estima e admiração, não me permitiriam falar-lhe

dos sentimentos que nutro pela sua companheira de viagem.

— E ela — perguntou Peeperkorn em voz abafada — continua a corresponder a esses sentimentos até hoje?

— Não digo — tornou Hans Castorp —, não digo que em algum momento ela tenha correspondido a eles. Isso me parece pouco provável. Acabamos de frisar esse assunto teoricamente quando tratamos da natureza reativa das mulheres. Claro que na minha pessoa não há muita coisa que se possa amar. Que envergadura tenho eu? Julgue o senhor mesmo! A possibilidade de um… de um vinte e nove de fevereiro só pode ser atribuída ao fato de a mulher se deixar influenciar pela escolha prévia do homem. Quero acrescentar que tenho a impressão de cometer um ato de vaidade e de mau gosto, se falo de mim como de um “homem”, mas Clawdia é indiscutivelmente mulher.

— Ela obedeceu aos sentimentos — murmuraram os lábios gretados de Peeperkorn.

— Como o fez no caso do senhor, com muito mais obediência ainda — retrucou Hans Castorp —, e como, segundo todas as probabilidades, já o deve ter feito umas quantas vezes… Disso se devem dar conta os que têm ensejo de…

— Chega! — disse Peeperkorn, com o corpo ainda virado, e a palma da mão voltada a seu interlocutor. — Não seria infame falarmos assim sobre ela?

— Não acho, Mynheer Peeperkorn. Não, senhor, nesse ponto me parece que o posso tranquilizar completamente. Estamos falando de coisas humanas: humanas no sentido de genialidade e liberdade. Desculpe essa expressão que talvez seja um pouco pomposa; mas uma emergência, há poucos dias, me fez lançar mão dela.

— Está bem. Continue! — ordenou Peeperkorn, baixinho.

Também Hans Castorp abafou a voz. Sentado na borda da cadeira, junto à cama, com as mãos apertadas entre os joelhos, inclinou-se para o ancião majestoso.

— Pois ela é uma criatura genial — disse — e aquele homem que vive lá além do Cáucaso — o senhor deve saber que ela tem um marido por lá — permite-lhe a liberdade, a genialidade, seja por embotamento, seja por inteligência. Não sei dizê-lo, porque não conheço o sujeito. Em todo caso, anda acertado fazendo-lhe essa concessão, já que é a doença que a torna livre, o princípio genial da doença, ao qual ela está sujeita. E quem tiver ensejo de fazê-lo andará acertado imitando o exemplo dele, sem se queixar nem do passado nem do futuro…

— O senhor não se queixa? — perguntou Peeperkorn, e voltou-lhe o rosto… Parecia pálido na penumbra, com o olhar fixo, apagado e lasso, sob as rugas da fronte que lhe davam aparência de um ídolo. A boca ampla, gretada, estava semiaberta, como numa máscara trágica.

— Eu não pensava — respondeu Hans Castorp com modéstia — que se tratasse de mim. Minhas palavras têm por objetivo evitar que *o senhor* se queixe, Mynheer Peeperkorn, e me prive de sua benevolência por causa de ocorrências passadas. É isso o que me importa nesta hora.

— Mesmo assim — disse Peeperkorn — deve ter sido uma dor profunda aquela que lhe causei sem saber.

— Se isto é uma pergunta — volveu Hans Castorp — e se lhe dou uma resposta afirmativa, isso não significa de forma alguma que eu não saiba apreciar o enorme privilégio de conhecê-lo, uma vez que não se pode separar esse privilégio da decepção a que o senhor se refere.

— Obrigado, jovem, obrigado. Gosto da gentileza das suas palavras ágeis. Mas, abstração feita das nossas relações…

— Difícil fazer abstração delas — disse Hans Castorp — e também não preciso fazê-la, para responder à sua pergunta com um simples “sim”. Pois o fato de Clawdia ter voltado em companhia de uma personalidade da envergadura do senhor só podia aumentar e complicar o desgosto que constituía para mim a própria circunstância de ela ter voltado em companhia de um homem. Esse fato me deu muito que fazer

e continua dando até hoje; não o nego. De propósito me empenhei o mais que pude em ver o lado positivo da coisa, quer dizer: os sentimentos de sincera reverência que tenho pelo senhor, Mynheer Peeperkorn. Isso incluía, aliás, uma pequena malícia contra a sua companheira de viagem; pois as mulheres absolutamente não gostam de que os seus amantes se entendam.

— De fato... — disse Peeperkorn, e escondeu um sorriso, passando a mão em concha por sobre a boca e o queixo, como se houvesse o perigo de a sra. Chauchat vê-lo sorrir. Também Hans Castorp esboçou um sorriso discreto, e a seguir ambos sacudiram a cabeça num entendimento tácito.

— Afinal de contas — prosseguiu Hans Castorp — eu tinha direito a essa pequena vingança; pois, quanto a mim, não me faltam motivos para me queixar, não de Clawdia, nem tampouco do senhor, Mynheer Peeperkorn, mas num sentido geral, por causa da minha vida e de meu destino. Uma vez que tenho a honra de gozar da sua confiança, e que essa hora crepuscular é tão esquisita, quero pelo menos esboçar esses motivos.

— Pois não — disse Peeperkorn cortesmente, e Hans Castorp continuou:

— Estou aqui em cima faz muito tempo, Mynheer Peeperkorn, há vários anos já, nem sei dizer quantos. Mas são anos da minha vida, e por isso mencionei a “vida”, assim como também voltarei oportunamente a falar do “destino”. Meu primo, ao qual eu desejava fazer uma pequena visita, um militar com intenções decentes e honradas, que no entanto pouco lhe adiantaram, meu primo foi-me arrebatado, e eu continuo aqui. Eu não era soldado; tinha uma profissão civil, como o senhor talvez tenha ouvido falar, uma profissão sólida e sensata, que, segundo dizem, tem até funções de ligar os povos entre si. Não nego que jamais tenha sentido uma afeição especial por ela, e isso por razões sobre as quais só quero dizer que se acham envoltas em obscuridade. Acham-se ali lado a lado com as origens dos

sentimentos que tenho pela sua companheira de viagem (sirvo-me desse termo para demonstrar expressamente que nem penso em discutir direitos adquiridos), meus sentimentos por Clawdia Chauchat e o tratamento de “você” que lhe devoto em meu íntimo, como nunca deixei de fazer, desde que os olhos dela encontraram os meus pela primeira vez, enfeitiçando-me de imediato… Eles me enfeitiçaram num sentido insensato, compreende? Por amor a ela, e a despeito do sr. Settembrini, sujeitei-me ao princípio oposto à razão, ao princípio genial da doença, ao qual talvez já tenha estado sujeito desde muito ou desde sempre. Fiquei aqui em cima, já não sei com certeza há quanto tempo. Esqueci tudo e me desliguei de tudo, de meus parentes e minha profissão, e de meu futuro na planície. E quando Clawdia partiu, esperei por ela, esperei sempre aqui em cima, de modo que estou perdido para a planície, que me considera morto. Era isso que eu tinha em mente, quando me referi ao “destino” e tomei a liberdade de alegar que eu enfim tinha certo direito de me queixar da atual situação de direito. Certa vez li uma história… Não, eu a vi no teatro. Havia lá um rapaz que não fazia mal a ninguém. Era, aliás, um soldado, tal qual meu primo. Ele trava conhecimento com uma encantadora cigana, um verdadeiro encanto de mulher fatal e selvagem, com uma flor atrás da orelha, e ela o domina de tal maneira que o rapaz se desnorteia completamente e chega a sacrificar-lhe tudo, desertar das fileiras, associar-se em sua companhia a um bando de contrabandistas, e desonrar-se sob todos os aspectos. Ao cabo de tudo isso, ela se cansa dele e arranja um toureiro de personalidade poderosa com uma magnífica voz de barítono. A história termina assim: o soldadinho, com o rosto branco como giz, e com a camisa aberta, esfaqueia-a em frente de um circo. Por outro lado, a mulher o havia provocado a esse ato. É uma história que não vem ao caso, essa que acabo de contar. Mas, afinal, por que me ocorreu?

Quando Hans Castorp falara em “esfaquear”, Peeperkorn

modificara sua posição semissentada. Retrocedera um pouco na cama, voltando rapidamente o rosto ao visitante e lançando nele um olhar perscrutador. A seguir, empertigou-se, apoiado no cotovelo, e disse:

— Jovem, ouvi as suas palavras e agora estou a par de tudo. Permita que, com base em que me comunicou, lhe ofereça uma explicação leal. Se os meus cabelos não fossem brancos e eu não me achasse acometido por uma febre maligna, o senhor me veria disposto a dar-lhe, de homem para homem, com a arma na mão, satisfação pelo mal que lhe causei sem saber, e ao mesmo tempo pelo outro que lhe infligiu minha companheira de viagem, e do qual também lhe devo contas. Perfeitamente. O senhor me veria disposto. Mas, sendo as coisas como são, permita que eu lhe faça uma outra proposta. Trata-se do seguinte: lembro-me de um momento sublime, logo no início das nossas relações… Lembro-me dele, embora naquela ocasião tivesse feito muita honra ao vinho. Foi o momento em que eu, agradavelmente impressionado pelo caráter do senhor, estive a ponto de lhe propor o "você" fraternal. No entanto, não pude deixar de perceber que esse passo seria um tanto precipitado. Muito bem, hoje me refiro àquele instante, transporto-me novamente para ele e dou por terminado o prazo então estabelecido. Meu caro jovem, somos irmãos; declaro-nos irmãos. O senhor falou do significado pleno de um "você". Também o nosso terá significado pleno, o significado da fraternidade no sentimento. A satisfação que não lhe posso dar com a arma, devido à minha idade e à doença, ofereço-a sob a forma de uma aliança fraternal, assim como às vezes se trama contra terceiros, contra o mundo ou contra quem quer que seja, nós o faremos, de nossa parte, no sentimento comum por alguém. Tome a sua taça, jovem, enquanto eu volto a usar meu copo de pia, que afinal de contas não ofende em nada essa zurrapazinha…

E com a mão de capitão ligeiramente trêmula encheu os copos, ajudado pelo reverente e perplexo Hans Castorp.

— Peço que o senhor se sirva! — repetiu Peeperkorn. — Que cruze o braço comigo e beba assim! Que esvazie o copo!… Ótimo, meu jovem. Basta. Aqui, minha mão. Você está contente?

— Essa palavra naturalmente é muito fraca para expressar o que sinto, Mynheer Peeperkorn — disse Hans Castorp, que tivera algumas dificuldades em emborcar a taça de um só gole e enxugava os joelhos com o lenço, porque derramara um pouco de vinho. — Prefiro dizer que estou infinitamente feliz, e ainda mal posso compreender como me foi concedido algo assim… Francamente, é como se eu estivesse sonhando. É uma honra imensa para mim, e não sei como a mereci, a menos que de um modo passivo, porque não pode ser de outra forma. Não será de admirar que no começo me pareça um tanto excêntrico empregar esse novo tratamento, e que eu tropece de vez em quando, sobretudo em presença de Clawdia, que, à maneira das mulheres, provavelmente não gostará deste arranjo…

— Deixe isso comigo — replicou Peeperkorn —, e o resto é uma questão de prática e de hábito. E agora vá, meu caro jovem! Deixe-me sozinho, meu filho! Está escuro; já é noite cerrada, e nossa amiga pode voltar a qualquer instante. Um encontro de vocês, neste momento, talvez não seja conveniente.

— Passe bem, Mynheer Peeperkorn — disse Hans Castorp, enquanto se levantava. — Como o senhor está vendo, procuro vencer minha timidez legítima e exercito-me no tratamento audacioso. Escureceu; é verdade. Seria bem possível que o sr. Settembrini entrasse neste quarto e acendesse a luz, para que reinassem a razão e as convenções; é o fraco dele. Até amanhã! Saio daqui tão alegre e tão orgulhoso como nem de longe teria imaginado. Estimo suas melhoras! Sei que tem à frente pelo menos três dias sem febre, durante os quais não precisa temer qualquer esforço. Isto me dá tanta alegria como se eu fosse você. Boa noite!

Uma cascata não deixa de ser destino atraente para excursões, e dificilmente se explica por que Hans Castorp, apesar de sentir inclinação particular pelas quedas-d'água, ainda não visitara o pitoresco salto situado na floresta do vale de Flüela. Essa omissão talvez fosse perdoável durante o tempo em que convivera com Joachim; o rigoroso senso do dever, peculiar ao primo, que não viera para divertir-se, e nunca perdia de vista a finalidade da sua estada, havia limitado o horizonte de ambos aos arredores próximos da Casa "Berghof". E depois do decesso de Joachim — sim, também depois dele, as relações entre Hans Castorp e a paisagem alpina haviam guardado, com exceção de alguns passeios de esqui, o caráter de conservadora monotonia, que contrastava fortemente com o vasto alcance de suas experiências interiores e de seus afazeres de quem "reinava". Esse contraste exercia sobre o jovem um encanto que ele, em certo sentido, saboreava com plena consciência. Mesmo assim aprovou vivamente um projeto de excursão de coche até aquele lugar famoso, projeto que um dia foi ventilado em sua vizinhança mais próxima, ou seja, naquele pequeno círculo de amigos constituído por sete pessoas (ele próprio incluído).

Nesse ínterim chegara o mês de maio, mês das delícias, segundo as ingênuas cantilenas da planície. Aqui em cima, o ar de maio costumava ser bastante frio e não muito convidativo; mas ao menos podia-se dizer que o degelo estava terminado. Verdade é que diversas vezes no decorrer dos últimos dias haviam caído grossos flocos, mas a neve derretia-se logo, deixando atrás apenas um pouco de umidade. As massas compactas do inverno acabavam de fundir-se, esvair-se, desaparecer, com exceção de alguns restos isolados, e o verdor do mundo novamente transitável constituía um convite a todo espírito empreendedor.

No curso das semanas passadas, as atividades sociais do grupo tinham sido influenciadas pela indisposição de seu chefe supremo, o majestoso Pieter Peeperkorn, cuja febre maligna, lembrança dos trópicos, não queria ceder nem aos efeitos de um clima excepcional, nem aos antídotos de um médico tão competente como o conselheiro Behrens. O holandês passara muito tempo na cama, e não somente nos dias em que a quartã reivindicava cruelmente os seus direitos. O baço e o fígado davam-lhe muito trabalho, conforme o médico explicava em particular aos amigos mais chegados do enfermo. Também o estômago não se achava em estado perfeito, e Behrens não se esqueceu de indicar o perigo de um enfraquecimento progressivo a que estava exposta, sob essas circunstâncias, até mesmo uma constituição tão robusta como a de Peeperkorn.

Durante todas essas semanas, Mynheer não presidira senão uma refeição noturna, e os passeios coletivos também não foram muito extensos. Aliás, e contamos isso cá entre nós, Hans Castorp experimentava uma espécie de alívio graças a esse afrouxamento dos laços que ligavam o grupo, pois a nova fraternidade com o companheiro de viagem da sra. Chauchat, regada a brindes e saudações, causava-lhe desconfortos; nas conversas que mantinha com Peeperkorn em presença de terceiros, voltavam a aparecer aquela mesma "atitude forçada", aquela mesma "esquivança" e "evitação" decorrentes de uma partilha da filipina que o holandês percebera na conduta diante de Clawdia: para não empregar o tratamento direto, nos casos em que este se impunha, Castorp servia-se de estranhos circunlóquios. Era o mesmo dilema, ou talvez o dilema inverso, que pesava sobre as palavras que trocava com Clawdia na frente de outras pessoas ou apenas do próprio Peeperkorn, um dilema que, em razão da satisfação que esse seu mestre lhe dera, passara a revelar o caráter de um duplo impasse formal.

Agora, enfim, o que estava na ordem do dia era o plano de uma excursão à cascata: Peeperkorn em pessoa fixara o

itinerário e sentia-se disposto a tentar a empresa. Era o terceiro dia depois de um ataque de quartã, e Mynheer comunicou que tinha a intenção de aproveitar a ocasião. Não almoçara no refeitório; como era frequente nestes últimos tempos, tomara as primeiras refeições no salão do seu apartamento, em companhia de madame Chauchat. Mas já na hora do café da manhã, Hans Castorp recebera do porteiro coxo a ordem de estar pronto para um passeio de coche uma hora após o almoço, transmitir essa mesma ordem aos srs. Ferge e Wehsal e comunicar a Settembrini e Naphta que o carro passaria por sua casa para buscá-los; além disso, deveria ocupar-se de reservar dois landôs para as três da tarde.

A essa hora encontraram-se diante do portão da Casa “Berghof”: Hans Castorp, Ferge e Wehsal esperavam os donos do apartamento principesco, e distraíam-se por ali, enquanto isso, acariciando os cavalos, que, com os beiços pretos, grossos e úmidos, lhes tiravam pedaços de açúcar das palmas da mão. Com um pequeno atraso, nada mais, os companheiros de viagem surgiram na escadaria. Peeperkorn, cuja cabeça de rei parecia mais magra, e que trajava um sobretudo comprido, um pouco gasto, deteve-se no patamar, ao lado de Clawdia, tirando o chapéu redondo e macio, e seus lábios articularam um “Bom dia!” inaudível. A seguir apertou as mãos de cada um dos três senhores, que haviam ido ao encontro do casal, até o pé da escada.

— Meu jovem! — disse então dirigindo-se a Hans Castorp e pondo-lhe a mão esquerda sobre o ombro. — Como vai, meu filho?

— Muito, muito obrigado! E de sua parte, como vai? — respondeu o jovem.

O sol brilhava. Era um dia lindo, sem nuvens. Mesmo assim tinham agido com acerto vestindo casacões de meia-estação, porque era provável que durante o passeio o frio se tornasse sensível. Também madame Chauchat trajava um sobretudo quente, cinturado, de um tecido felpudo, com

grandes quadrados de xadrez, e uma gola de pele que lhe cobria os ombros. No chapéu de feltro trazia um véu cor de azeitona, atado por baixo do queixo, e que dobrava as abas em torno do rosto. Ficava tão encantadora com esse chapéu que literalmente fazia sofrer a maioria dos cavalheiros presentes, exceção feita de Ferge, o único que não estava apaixonado por ela. Foram distribuídos os lugares, provisoriamente, já que mais tarde os externos se reuniriam ao grupo, e a indiferença de Ferge teve por consequência caber-lhe o assento de costas, no primeiro landô, em frente de Mynheer e de madame, ao passo que Hans Castorp embarcou junto com Wehsal no segundo carro, não sem ter apanhado um sorriso irônico de Clawdia. O vulto frágil do criado malaio também participava da excursão. Com um volumoso cesto, sob cuja tampa apontavam os gargalos de duas garrafas de vinho, e que foi depositado debaixo de um dos assentos de costas do primeiro landô, o homenzinho aparecera atrás dos seus amos, e quando se achava instalado na boleia, com os braços cruzados, deu-se aos cavalos o sinal de partida. Com os freios apertados, os carros começaram a descer pela curva da rampa.

Também Wehsal notara o sorriso da sra. Chauchat. Mostrando os dentes cariados, fez comentários acerca dele para Hans Castorp.

— Viu como ela se riu do senhor — perguntou —, por ter que ir sozinho comigo? É sem falta: primeiro o dano, depois o escárnio. O senhor não acha irritante e repulsivo estar assim ao meu lado?

— Componha-se, Wehsal, e veja lá como fala! Que baixeza… — repreendeu-o Hans Castorp. — As mulheres sorriem a qualquer instante, pelo prazer de sorrir. Não vale a pena refletir sobre cada um de seus sorrisos. Por que o senhor insiste em se rebaixar? Como todos nós, o senhor tem qualidades e defeitos. Por exemplo, toca bastante bem o “Sonho de uma noite de verão”, coisa que nem todos sabem fazer. O senhor deveria tocá-lo de novo, qualquer dia destes.

— É, o senhor fala comigo de cima para baixo — respondeu o pobre-diabo — e nem sequer percebe o desaforo que seu consolo contém, e que apenas me humilha mais e mais. Para o senhor é fácil dizer essas coisas e reconfortar a gente do alto de seu alazão; pois, se hoje se encontra numa situação um tanto ridícula, teve ao menos a sua vez, esteve no sétimo céu, santo Deus, e sentiu os braços dela em torno de seu pescoço, e tudo aquilo, santo Deus… Eu sinto queimar a garganta e o fundo do coração quando penso nisso… E o que o senhor faz, com plena consciência do que gozou, é olhar com desdém, aí de cima, meus tormentos de mendigo…

— Nada bonito esse seu jeito de falar, Wehsal. É abjeto mesmo, para além da conta; não lhe escondo minha opinião, já que o senhor me tacha de desaforado, e parece querer falar assim, desse jeito abjeto; faz de propósito, e faz tudo para parecer asqueroso e humilhar-se a cada momento. Está tão apaixonado assim?

— É terrível — replicou Wehsal, meneando a cabeça. — São indescritíveis as torturas que sofro pela sede e pela cobiça de possuí-la. Quem me dera dizer que isso será minha morte! Mas num estado desses não se pode nem viver nem morrer. Enquanto ela estava ausente, comecei a me sentir melhor. Aos poucos consegui me preocupar menos. Mas desde que voltou e a vejo todos os dias, a minha paixão me faz morder o braço e agarrar miragens. Já não sei o que fazer. Uma coisa assim não deveria existir. Mas não é possível desejar que desapareça. Quem sofre de tal paixão não pode ter esse desejo, porque seria o mesmo como desejar que desaparecesse a própria vida, que se amalgamou com a paixão; é coisa que não se pode… Que adiantaria morrer? Depois, sim; com prazer! Nos braços dela; com a maior satisfação! Mas antes seria absurdo; pois a vida é o desejo, e o desejo é a vida e não pode voltar-se contra si próprio; nisso é que consiste o maldito dilema. E quando digo “maldito”, isso não passa de uma maneira de falar. É

como se um terceiro falasse, porque eu mesmo absolutamente não posso ter essa opinião. Há muitos tipos de tormentos, Castorp, e quem está sendo torturado quer se ver livre, quer simplesmente, incondicionalmente, que o soltem. Eis o que é o seu único objetivo. Mas quando se trata da tortura da cobiça carnal, não se pode desejar a libertação, a não ser pelo caminho e sob a condição de a ver saciada. Não há outro meio, por preço algum! Assim são as coisas, e quem não sofre disso não perde tempo com reflexões desse gênero, mas quem sofre chega a ver estrelas e a conhecer Nosso Senhor Jesus Cristo. Deus do céu! Que instituição curiosa é essa de a carne cobiçar outra carne com tanta violência, só porque esta não é a própria, mas pertence à alma de outrem! Como é singular esse desejo, e, para bem dizer, como é modesto, na sua bondade pudica! É o caso de dizer: se a carne deseja apenas isso, vá lá que o tenha! Afinal de contas, que é que eu quero, Castorp? Quero, acaso, matá-la? Quero derramar o sangue dela? Quero apenas é acariciá-la! Castorp, meu caro Castorp, desculpe que me lamente dessa forma, mas, afinal, ela poderia muito bem entregar-se a mim! Haveria nisso algo de sublime, Castorp! Eu não sou um animal; à minha maneira, também sou humano! O desejo da carne espalha-se em todas as direções; não tem limites e não se fixa, e por isso o chamamos bestial. Mas quando se concentra numa única criatura, com um rosto humano, então os nossos lábios começam a falar de amor. Mas o que eu desejo não é apenas o torso dela, o manequim de carne que é o seu corpo; pois, se no seu rosto uma coisinha de nada tivesse uma forma diferente, talvez eu deixasse de cobiçar todo o resto do corpo. Assim se vê claramente: o que eu amo é a sua alma, e eu a amo é com a alma. Pois o amor ao rosto é o amor da alma…

— Mas que é que o senhor tem, Wehsal? Está fora de si, e sabe Deus que tolices vai soltando…

— Mas, precisamente isso, precisamente isso é a desgraça

— prosseguiu o coitado —, a desgraça é ela ter uma alma e ser uma criatura humana dotada de corpo e alma! Ora, a alma dela nada quer saber da minha, e seu corpo, nada do meu. Que miséria, que grandíssima miséria! Daí acontece que o meu desejo está condenado à vergonha, e meu corpo tem de se retorcer eternamente! Por que ela não quer saber de mim, Castorp, nem com o corpo nem com a alma? Por que lhe causa horror o meu desejo? Porventura não sou homem? Um homem repugnante não é homem? Sou homem no mais alto grau; juro que ultrapassaria tudo que já se viu se ela me abrisse o paraíso dos seus braços, que são tão formosos porque pertencem ao rosto da sua alma! Eu seria capaz de lhe dar todas as volúpias do mundo, Castorp, caso se tratasse apenas dos corpos e não das almas também; e caso não existisse a maldita alma dela, que nada quer saber de mim, mas sem a qual eu não lhe cobiçaria o corpo. E neste dilema dos diabos, tão nojento, debato-me eternamente!

— Psit, Wehsal! Mais baixo! O cocheiro o entende! De propósito ele não volta a cabeça, mas noto, pelas suas costas, que está escutando.

— Ele me entende e escuta; aí está, Castorp! Aí temos novamente aquela coisa, aquela instituição com a sua particularidade e seus característicos. Se eu falasse de palingenesia ou... ou de hidrostática, ele não entenderia patavina; não saberia de que se trata, não escutaria e não mostraria o menor interesse. Pois esses assuntos não são populares. Mas a coisa mais sublime, a mais extrema e a mais secreta, num sentido sinistro, o assunto da carne e da alma, olhe, essa coisa é ao mesmo tempo a mais popular. Cada um a entende, cada um pode zombar de quem sofre dela e a quem ela transforma os dias em torturas voluptuosas, e as noites num inferno ignominioso! Castorp, meu caro Castorp, deixe que eu me lamente um pouco; pois que noite são estas que eu tenho! Noite após noite sonho com ela; ah, com quanta coisa dela não sonhei! A garganta e

o estômago me queimam, quando recordo. E todos os sonhos terminam assim: ela me esbofeteia, me bate em pleno rosto e às vezes me cospe na cara, me cospe na cara, com o rosto da sua alma crispado de asco, e então acordo, coberto de suor e de vergonha e de volúpia…

— Muito bem, Wehsal, e agora vamos fazer uma pequena pausa e tomar a decisão de calar a boca até chegarmos à casa do merceeiro, e até que alguém nos venha fazer companhia. É uma sugestão e uma ordem! Não quero ofendê-lo, e admito que o senhor se encontra em graves apuros. Mas lá em casa contavam a história de um indivíduo que tinha recebido o seguinte castigo: quando falava, saíam-lhe da boca serpentes e sapos, a cada palavra uma serpente ou um sapo. O livro não rezava o que aquela personagem fazia diante disso, mas sempre fui de opinião de que ela devesse ter calado a boca.

— Mas falar é uma necessidade humana — Wehsal replicou, melancólico —, uma necessidade humana, meu caro Castorp, falar e desabafar, quando se está em apuros.

— É até um *direito* humano, Wehsal, que seja. Mas na minha opinião há direitos que, sob certas circunstâncias e sob a luz da razão, simplesmente não convém usar.

Assim guardaram silêncio, conforme a ordem de Hans Castorp. Ademais, o coche não tardou a alcançar a casinha do merceeiro, coberta de vinhas, onde não os deixaram esperar um instante sequer. Naphta e Settembrini já se achavam na rua; o humanista trajava aquela jaqueta puída, forrada de peles, e o jesuíta, um sobretudo amarelo-esbranquiçado, de meia-estação, pespontado em toda parte, e que lhe dava aparência de janota. Acenaram uns aos outros. Trocaram cumprimentos, enquanto os carros faziam meia-volta, e os dois senhores também embarcaram. Naphta ocupou o quarto assento do primeiro landô, ao lado de Ferge, ao passo que Settembrini, de humor radiante, transbordando de piadas esplêndidas, associou-se a Hans Castorp e Wehsal. Este lhe cedeu o seu lugar no fundo do

carro, onde o sr. Settembrini se instalou com a mais elegante displicência, na atitude de quem costuma passear em corsos.

E celebrou o prazer de andar de carro, quando o corpo se encontra em confortável estado de repouso e não obstante se transporta através de um cenário que sempre se modifica. Diante de Hans Castorp expressou sentimentos de complacência paternal, e a face do pobre Wehsal ele chegou a acariciar com palmadinhas, enquanto o convidava a esquecer-se de seu próprio eu antipático e abandonar-se à admiração deste mundo luminoso, que lhe designava num amplo gesto da mão direita, revestida com uma luva de couro bem surrada.

A viagem foi excelente. Os quatro cavalos, todos eles malacaras, animais vivos, fortes, bem-alimentados e de pelo lustroso, pisavam com ritmo firme na magnífica estrada, que a essa época estava livre de poeira. Às vezes se aproximavam das margens rochedos anfractuosos, com flores e capim crescendo entre as juntas das pedras. Postes telegráficos corriam em sentido oposto. Surgiam bosques nas encostas. Curvas amenas, primeiro almejadas, depois percorridas, mantinham alerta a curiosidade. Em regiões distantes, iluminadas pelo sol, via-se sempre a cordilheira, parcialmente coberta de neve. Já haviam perdido de vista a paisagem familiar do vale, e a mudança do cenário cotidiano produzia sobre os espíritos um efeito animador. Pouco depois, os coches pararam à beira da floresta. Tinha sido combinado que a partir desse ponto os excursionistas prosseguiriam a pé até a meta do passeio, com a qual os seus sentidos, sem se dar conta disso, tinham desde havia muito estabelecido um contato frouxo no início, mas que se tornava cada vez mais intenso. Terminada a viagem com os carros, todos notaram um ruído longínquo, um suave rumor sibilante, vibrante, murmurante, que de vez em quando tornava a esquivar-se à percepção. Os membros do grupo estacaram para ouvir melhor, e uns chamavam a atenção

dos outros.

— Por enquanto — disse Settembrini, que já conhecia o lugar de outras vezes — o ruído parece fraquinho. Mas lá na cascata é fortíssimo nesta época do ano. Os senhores vão ver que não poderemos ouvir nossas próprias vozes.

Adentraram-se na floresta, por uma vereda coberta de úmidas agulhas de pinheiro. Peeperkorn ia na frente, apoiado no braço da sua companheira, com o chapéu preto e macio repuxado sobre a testa, e com seu típico andar oscilante. Atrás deles seguia Hans Castorp, sem chapéu como os demais senhores, com as mãos nos bolsos; inclinando a cabeça obliquamente, olhava em torno e assobiava baixinho. Logo após vinham Naphta e Settembrini, depois Ferge com Wehsal, e por fim o malaio, caminhando sozinho, com o cesto de víveres no braço. Falavam da floresta.

Aquela floresta não era como todas as outras, oferecia um aspecto pitorescamente singular, exótico e ao mesmo tempo lúgubre. Havia ali uma espécie de líquen musgoso, que pendia das árvores em abundância, carregava-as, envolvia-as por completo. Em longas barbas incolores, as emaranhadas teias da planta parasita desciam bambaleando da ramagem como que embrulhada e estofada. Quase não se viam agulhas, senão apenas grinaldas de musgo: uma degeneração grave e bizarra, uma visão mágica e mórbida. A floresta não ia bem de saúde, sofria da moléstia desse líquen exuberante, que ameaçava sufocá-la, era essa a opinião geral, enquanto o pequeno cortejo avançava pela vereda de agulhas, ouvindo os ruídos do destino que se aproximava, aquele reboo e sussurro que aos poucos se transformavam em estrondo e prometiam confirmar a predição de Settembrini.

Numa curva descortinou-se o panorama do desfiladeiro penhascoso que se abria no meio do bosque, atravessado por uma ponte. No fundo, a catarata, e, na medida em que se a vislumbrava, chegavam ao auge seus efeitos acústicos:

um espetáculo infernal. As massas d'água precipitavam-se na vertical, num único salto de sete ou oito metros de extensão, de largura também considerável, e em seguida se lançavam brancas por sobre os rochedos. Sua queda produzia um estrépito medonho, no qual pareciam mesclar-se todos os tipos de ruídos e de tonalidades possíveis, trovões e silvos, bramidos, berros, fanfarras, estouros, estalidos, ribombos e badaladas de sinos — era mesmo de aturdir os sentidos. Os visitantes tinham se adiantado muito sobre as rochas escorregadias, para chegar bem perto. Açoitados e salpicados por um sopro úmido, envoltos em borrifos d'água, com os ouvidos abarrotados e obstruídos pelo fragor, trocavam olhares e sacudiam a cabeça entre sorrisos tímidos, ao contemplarem o espetáculo, essa catástrofe contínua, formada de espuma e de alarido, cujo marulhar insensato e excessivo os estonteava, causava-lhes medo e ilusões acústicas. Tinham a impressão de ouvir de trás, de cima, de todos os lados gritos de ameaça ou de advertência, clarinadas ou vozes de homens rudes.

Agrupados atrás de Mynheer Peeperkorn — a sra. Chauchat entre os outros cinco cavalheiros —, contemplavam com ele o turbilhão. Não lhe divisavam o rosto, mas viam-no descobrir a cabeça rodeada de labaredas brancas e inflar o peito, enchendo-o daquele ar fresco. Comunicavam-se entre si por meio de olhares e de sinais, uma vez que por certo quaisquer palavras, inclusive as que se gritassem diretamente ao ouvido do vizinho, seriam abafadas pelo fragor da queda. Os lábios articulavam expressões de surpresa e de admiração, que no entanto permaneciam inaudíveis. Mediante acenos de cabeça, Hans Castorp, Settembrini e Ferge combinaram escalar a encosta do desfiladeiro a cujo sopé se encontravam, a fim de chegar à ponte superior e ver as águas de cima. Não era difícil. Uma escada íngreme, com degraus estreitos, talhados na rocha, conduzia a uma espécie de pavimento superior da floresta. Galgaram-na um após outro; avançaram pela ponte;

chegados ao meio, por cima do jorro curvo da cascata, acenaram para os amigos que se achavam embaixo. A seguir atravessaram o resto da pontezinha e realizaram a laboriosa descida pelo outro lado, até a outra margem da torrente, de onde partia mais uma ponte, pela qual voltaram a reunir-se ao grupo.

A essa altura, a mímica passou a referir-se à merenda. Alguns opinavam que seria conveniente distanciarem-se, para esse fim, da zona do barulho, a fim de saborearem a refeição vesperal com os ouvidos descansados e não à maneira de surdos-mudos. Mas não podiam deixar de perceber que Peeperkorn não concordava com isso. Sacudiu a cabeça, repetidas vezes apontou com o indicador para o chão, e os lábios gretados, repuxados com esforço, articularam um "Aqui!". Que se podia fazer? Nessas questões de encenação, Peeperkorn era o diretor e o mestre. O peso da sua personalidade teria sido decisivo, mesmo que não fosse ele, como sempre, o organizador e o dono da empresa. Homens de tamanha envergadura foram e serão tiranos e autocratas, em todos os tempos. Mynheer tencionava merendar à vista da cascata, em plena trovoada. Assim mandava o seu capricho soberano, e quem não quisesse renunciar à comida teria de ficar. A maioria estava pouco satisfeita. O sr. Settembrini, que via eliminada a possibilidade de um intercâmbio humano, de uma palestra democrático-distinta ou ao menos de uma discussão, ergueu a mão por cima da cabeça, com aquele seu peculiar gesto de resignação e desespero. O malaio apressou-se a executar a ordem do amo. Levara consigo duas cadeiras dobradiças que armou junto à parede rochosa, para Mynheer e madame. Depois estendeu uma toalha aos seus pés e espalhou sobre ela o conteúdo do cesto: um aparelho de café, copos, garrafas térmicas, doces e vinho. Tudo avidamente disputado por todos. Trataram de instalar-se nas pedras ou na balaustrada da ponte, com a xícara de café quente na mão e o prato cheio de bolo sobre os joelhos. Silenciosos, em

meio ao fragor, começaram a comer a merenda.

Peeperkorn, com a gola do sobretudo levantada, e com o chapéu depositado no chão, perto de si, bebia vinho do Porto num copo de prata, guarnecido de um monograma, que esvaziou várias vezes. E de repente se pôs a falar. Que homem estranho! Não era possível que ouvisse a própria voz, e muito menos que os outros entendessem uma sílaba sequer daquilo que lhes comunicava sem comunicá-lo. Levantou, entretanto, o dedo indicador. A seguir, mantendo o copo na mão direita, estendeu o braço esquerdo, com a palma da mão voltada obliquamente para cima. Viu-se então o rosto majestoso movimentar-se ao falar; viu-se a boca articulando palavras que permaneciam desprovidas de som, como se fossem proferidas num vácuo. Todos pensavam que logo desistiria desse esforço inútil, ao qual assistiam com um sorriso perplexo. Mas ele, com uma gesticulação esmerada, fascinante, imperiosa, continuava a arengar o fragor, fixando os olhinhos lassos, apagados e muito abertos, ora num, ora noutro espectador, de modo que a pessoa a quem parecia dirigir-se estava obrigada a dar-lhe um sinal de aprovação, com as sobrancelhas alçadas, abrindo a boca e pondo a mão em concha na orelha, como se isso bastasse para resolver a situação irremediável. A seguir, Mynheer até se levantou! Com o copo na mão, vestido com o sobretudo de viagem surrado que quase lhe ia até os pés, com a gola erguida, a cabeça descoberta, e a testa de ídolo alta e rugosa rodeada pelas labaredas brancas do cabelo, era assim que estava junto ao penhasco, de pé, e ali movia o semblante, a cuja frente elevava, doutrinando, o anel do polegar e do indicador dominado pelos outros dedos em riste, como para remediar a indistinção do brinde mudo pelo sugestivo signo da exatidão. Compreendiam-se através dos gestos e liam-se-lhes dos lábios algumas palavras isoladas que habitualmente saíam da sua boca: “Absolutamente!”, “Basta!” e nada mais. A cabeça pendia para um lado, com uma expressão de amargor nos lábios gretados: a perfeita

imagem de um mártir. Em seguida, porém, desabrochou a lasciva covinha, sinal do espírito sibarita, galhofeiro, e do impudor sagrado de um sacerdote pagão que arregaça as vestes ao dançar. E Peeperkorn ergueu o copo, descreveu com ele um semicírculo em direção a seus convidados, para então esvaziá-lo completamente em dois ou três tragos, de maneira que o fundo se voltasse para o céu. Por fim, com o braço estendido, passou-o ao malaio, que o recebeu com uma mesura, e deu o sinal de partida.

Depois de se inclinarem diante dele para expressar gratidão, todos se dispuseram a obedecer-lhe a ordem. Os que se achavam acocorados no chão levantaram-se de um pulo; quem estava sentado na balaustrada da pontezinha desceu depressa. O delgado javanês, com o chapéu-coco e a gola de peles, apanhou a baixela e os restos de comida. Na mesma ordem de marcha que haviam observado na ida, voltaram pela vereda úmida, coberta de agulhas de pinheiro, através da floresta desfigurada pelas grinaldas de líquen, até a estrada onde os esperavam os coches.

Desta vez, Hans Castorp embarcou no carro do mestre e sua companheira. Ocupou um lugar em frente do casal, ao lado do bom Ferge, que continuava alheio a quaisquer assuntos elevados. Quase não se falou durante a viagem de regresso. Mynheer mantinha as mãos espalmadas sobre o cobertor que envolvia as suas pernas e as de Clawdia, e deixava pender a mandíbula inferior. Settembrini e Naphta desceram e despediram-se antes que os carros atravessassem os trilhos e o curso d’água. Wehsal permaneceu sozinho no segundo coche, enquanto este subia pela curva da rampa e alcançava o portal do Berghof, onde todos se separaram…

Na noite que se seguiu a esse dia, que é que houve com o sono de Hans Castorp? Ele acaso foi mais leve e mais superficial devido a uma certa prontidão interior, da qual a sua alma não se dava conta, mas que tinha por consequência que a menor modificação do costumeiro

silêncio noturno do Sanatório Berghof, um alarma por mais abafado que fosse e a mal perceptível repercussão de passos rápidos à distância, bastasse para o tornar desperto e lúcido e para fazê-lo sobressaltar-se na cama? Fato é que acordou muito antes que alguém batesse à sua porta, o que se deu pouco depois das duas horas. Respondeu sem demora, clara e energicamente, com plena presença de espírito. Ouviu então a voz aguda e hesitante de uma das enfermeiras auxiliares, ocupadas na casa, e que lhe solicitava, em nome da sra. Chauchat, que comparecesse imediatamente ao primeiro andar. Com redobrada energia mandou dizer que logo iria. Levantou-se de um salto; enfiou rapidamente as roupas; passou os dedos pelos cabelos, a fim de afastá-los da testa, e desceu sem pressa, mas também não devagar, mais incerto quanto às circunstâncias do que ao próprio fato que havia causado tal convite.

Encontrou aberta a porta do salão de Peeperkorn, bem como aquela que dava para o quarto do holandês, onde todas as luzes estavam acesas. Ambos os médicos, a superiora Von Mylendonk, madame Chauchat e o criado javanês achavam-se presentes. Este não estava vestido como de costume, mas trazia uma espécie de traje nacional: uma jaqueta parecida com uma camisa, de listras largas e com mangas muito amplas e compridas; uma saia de muitas cores em lugar das calças; e um chapéu cônico de pano amarelo. Além disso se adornara com um colar de amuletos que lhe pendiam sobre o peito. Mantinha-se imóvel, com os braços cruzados, à esquerda da cabeceira da cama, na qual jazia Pieter Peeperkorn, de costas, com os braços estendidos ao longo do corpo. Empalidecendo, o jovem abrangeu a cena com a vista, enquanto entrava. A sra. Chauchat estava de costas para ele. Sentada numa poltrona baixa ao pé da cama, apoiava o cotovelo na colcha, com o queixo fincado na mão, os dedos cravados no lábio inferior, e contemplava o rosto do seu companheiro de viagem.

— ’noite, meu rapaz — disse Behrens, que acabava de

conversar baixinho com o dr. Krokowski e com a superiora. Sacudiu melancolicamente a cabeça e torceu o lábio com o bigodinho branco. Trajava o avental de médico, de cujo bolso de cima o estetoscópio sobressaía. Calçava chinelos bordados e andava sem colarinho. — Não há remédio — acrescentou num murmúrio. — Trabalho perfeito. Pode chegar mais perto. Lance ali seu olhar de perito, e logo vai perceber que a arte médica foi sabotada sem dó nem piedade.

Sobre as pontas dos pés, Hans Castorp aproximou-se da cama. Os olhos do malaio vigiavam cada um de seus movimentos; acompanhavam-nos, sem que o homem virasse a cabeça, de modo que se lhe via o branco do olho. Com um olhar de esguelha, o jovem verificou que a sra. Chauchat não dava atenção à sua presença. Postou-se ao lado do leito, em sua posição típica, com o peso do corpo a repousar sobre uma das pernas, as mãos juntas à frente da barriga, inclinando a cabeça para o lado, numa contemplação reverente e pensativa. Peeperkorn achava-se estatelado sob a colcha de seda vermelha, naquela camisola de malha que Hans Castorp tantas vezes o vira usar. As mãos, bem como partes do rosto, mostravam manchas de um roxo enegrecido, o que contribuía consideravelmente para desfigurar o holandês, se bem que, fora disso, as feições majestosas permanecessem inalteradas. Também em estado de descanso, e apesar das pálpebras cerradas, ressaltavam fortemente as rugas da alta fronte circundada de labaredas brancas, essas rugas pregueadas como num ídolo, que se estendiam horizontalmente em quatro ou cinco fileiras, antes de descerem em ângulo reto por ambas as têmporas, e que pareciam acentuadas pelos esforços habituais de uma vida inteira. Os lábios gretados e amargurados estavam entreabertos. A cianose indicava uma interrupção brusca, um impedimento veemente e apoplético das funções vitais.

Hans Castorp quedou-se uns instantes imóvel, observando tudo aquilo com grande reverência. Vacilava em modificar a

sua posição e esperava que a “viúva” lhe dirigisse a palavra. Mas, como tal não se desse, preferiu não a incomodar por enquanto e voltou-se para o grupo das outras pessoas que se achavam atrás dele. O conselheiro fez um sinal de cabeça em direção ao salão. Hans Castorp seguiu-o até ali.

— Suicidium? — perguntou baixinho, com objetividade profissional...

— Se é! — respondeu Behrens, dando de ombros; e acrescentou: — Cem por cento. No superlativo. O senhor já viu uma coisa destas numa casa de miudezas? — e puxou do bolso do avental um estojo de forma irregular, do qual tirou um pequeno objeto que apresentou ao jovem... — Eu, nunca. Mas vale a pena. A gente morre sem ter aprendido tudo. Coisa fantástica e engenhosa. Tirei-a das mãos dele. Cuidado! Um pouco que espirre sobre a pele e já se formam bolhas.

Hans Castorp revolveu entre as mãos o objeto misterioso. Era feito de aço, marfim, ouro e borracha e oferecia aspecto bem estranho. Viam-se dois dentes de garfo, recurvos, de aço polido, e com pontas muito afiadas; havia uma parte central de marfim, levemente retorcida e incrustada de ouro, cujo mecanismo elástico permitia mover os dentes até certo ponto e aproximá-los um do outro; e tudo terminava numa espécie de saquinho de borracha preta e meio dura. O tamanho do objeto não ia além de umas poucas polegadas.

— Que é isto? — perguntou Hans Castorp.

— Isto — respondeu Behrens — é a encarnação de uma seringa hipodérmica. Ou, sob o ponto de vista inverso, a cópia mecânica das presas de uma naja. O senhor me compreende? Parece que não — continuou ao ver que Hans Castorp não deixava de fitar, como que hipnotizado, o objeto curioso. — Aqui estão os dentes. Não são totalmente maciços, mas passa por eles um tubo capilar, um canal finíssimo, cuja extremidade exterior se vê nitidamente, na parte dianteira, um pouco acima das pontas. Claro que os tubinhos têm outro orifício na raiz dos dentes e ali

comunicam-se com o conduto excretor da glândula de borracha, que se estende através da peça central de marfim. No momento da mordida, os dentes executam um movimento elástico de contração, como é fácil perceber, e exercem pressão sobre o depósito de veneno, que então impele o seu conteúdo para dentro dos canais, de maneira que no mesmo instante em que as pontas entram na carne a dose de peçonha penetra na circulação do sangue. É muito simples quando já se vê pronto, diante dos próprios olhos. Difícil era inventá-lo. Provavelmente foi feito segundo indicações dele mesmo.

— Com certeza! — disse Hans Castorp.

— A carga pode não ter sido muito grande — prosseguiu o conselheiro. — O que lhe faltou em quantidade sobrou-lhe em…

— … dinamismo — completou Hans Castorp.

— Certo. Já verificaremos do que se trata. Pode-se esperar com certa curiosidade o resultado da análise, porque não duvido de que nos dará oportunidade para aprender alguma coisa. Aposto como aquele personagem exótico que ali está de sentinela e se endomingou para a ocasião saberia perfeitamente informar-nos. Na minha opinião foi usada uma combinação de substâncias animais e vegetais, o melhor que existe no ramo, pois o efeito deve ter sido fulminante. Tudo leva a crer que lhe cortou a respiração; paralisia imediata do centro respiratório, entende? Asfixia rápida, provavelmente sem esforços nem dores.

— Quisera Deus! — disse Hans Castorp piamente. Com um suspiro devolveu ao conselheiro o sinistro instrumentozinho e voltou ao quarto.

Lá, só o malaio e madame Chauchat ainda estavam presentes. Desta vez Clawdia levantou a cabeça e olhou o jovem, quando ele voltou a se aproximar da cama.

— O senhor tinha direito a que eu o mandasse chamar — disse ela.

— Foi muito gentil da sua parte — respondeu Hans

Castorp. — E a senhora tem razão. Éramos amigos e nos tratávamos de “você”. Tenho vergonha até o fundo do meu coração de me ter esquivado a chamá-lo assim na frente dos outros e de ter recorrido a subterfúgios… A senhora estava a seu lado em seus instantes derradeiros?

— O criado me avisou quando tudo estava terminado — explicou ela.

— A envergadura dele era tamanha — recomeçou Hans Castorp — que o fracasso do sentimento em face da vida lhe causava a sensação de uma catástrofe cósmica e da ignomínia de Deus. Pois a senhora deve saber que ele se considerava o órgão nupcial de Deus. Era uma fantasia de rei… Quando se está comovido, tem-se a coragem de empregar expressões que soam rudes e desapiedadas, mas que afinal são mais solenes que as palavras de uma devoção convencional.

— C’est une abdication[16] — disse ela. — Ele sabia de nossa loucura?

— Não me foi possível negá-la, diante da interpelação direta que me fez, madame. Ele adivinhara tudo, quando me recusei a beijar-lhe a fronte na presença dele. Embora esta presença seja antes simbólica que real neste momento, a senhora me permitirá que o faça agora?

Num movimento breve, como que o de um aceno, ela inclinou a cabeça até ele, de olhos fechados. E Hans Castorp aproximou os lábios da sua testa. Os olhos castanhos do malaio, olhos de animal, observaram a cena de esguelha, até revelar-se deles a parte branca.

Mais uma vez ressoa a voz do conselheiro Behrens. Prestemos-lhe atenção! Talvez seja a última vez que a ouçamos. Até mesmo esta história deve ter um fim; já se prolongou por bastante tempo, ou melhor: o tempo do seu conteúdo vai se precipitando de tal forma que também a sua duração musical está na iminência de se esgotar. Assim pode ser que não se nos ofereça mais nenhuma oportunidade para escutar as alegres cadências da pitoresca linguagem de Radamanto.

— Castorp, meu velho — disse ele —, o senhor está se aborrecendo. Anda bicudo, tenho notado todos os dias; na sua testa está escrito: desgosto. O senhor é um menino traquinas e blasé, Castorp, mimado com experiências sensacionais, e se não ganha todo dia uma novidade de primeira torce o nariz e resmunga contra a maldita época de vacas magras. Tenho ou não tenho razão?

Hans Castorp permaneceu calado, e em face desta atitude é de supor que realmente reinavam trevas no seu interior.

— Eu sempre tenho razão! — respondeu Behrens à sua própria pergunta. — Olhe, cidadão carrancudo do Reich, antes de espalhar por aqui o veneno do descontentamento alemão, deveria dar-se conta de que não se acha abandonado coisa nenhuma por Deus e pelos homens, mas que as autoridades velam pelo seu bem, velam sem cessar; sim, senhor! E não param de procurar meios de diverti-lo. O velho Behrens está a postos. E agora vamos deixar de brincadeiras, meu garoto. Tive uma ideia para resolver seu caso; foram noites sem dormir, sabe Deus, até que me veio algo à cabeça. Daria para falar de uma iluminação… Enfim, tenho esperança de que a ideia vá render, e nada mais nada menos que sua completa desintoxicação e regresso triunfal, tudo muito mais cedo que se podia imaginar.

E depois de uma pausa bem calculada:

— Está arregalando os olhos, hein? — ele prosseguiu, embora Hans Castorp não arregalasse os olhos coisa alguma, mas o fitasse com uma expressão entre sonolenta e distraída. — E nem consegue imaginar o que o velho Behrens quer dizer com isso? Pois o que quero dizer é o seguinte: algo está errado com o senhor, Castorp, e isso não há de ter passado despercebido à sua prezada apercepção. E algo deve estar errado, desde que as manifestações de sua intoxicação, já faz um tempo, não batem mais com o estado local, que melhorou muito, isso não se contesta: não é de ontem que venho meditando sobre o assunto. Aqui temos sua última radiografia... Vamos olhar essa coisa mágica contra a luz. Aqui, como o senhor está vendo, nem os piores resmungões e pessimistas, para usar uma das expressões prediletas de nosso imperador, encontrariam os defeitos que procuram. Alguns focos estão resolvidos de vez, a área diminuiu, tem contornos mais nítidos, e isso tudo aponta, como o senhor bem sabe em sua erudição, para uma cura progressiva. Homem, esse quadro não explica que a temperatura ande tão irregular aí no recinto do seu corpo; então o médico vê-se na obrigação de procurar outras causas.

Um movimento leve da cabeça, por educação, deu sinal do esforço que Hans Castorp fazia para mostrar a mínima curiosidade.

— Pois é, meu caro Castorp, sem dúvida o senhor está pensando que o velho Behrens deva admitir que cometeu algum erro no tratamento. Mas nesse caso o senhor estaria redondamente enganado e julgaria mal tanto a situação como o velho Behrens. O seu tratamento não foi errado; apenas pode ser que a sua orientação tenha sido unilateral. Cheguei a ventilar a possibilidade de os sintomas do senhor não terem, desde o começo, a sua origem exclusiva na *tuberculosis*; e isso porque hoje me parece improvável que ainda continuem tendo sua origem nela. Deve existir uma outra fonte de perturbações. Na minha opinião, o senhor

tem “cocos”…

Depois de registrar um sinal de Hans Castorp, o conselheiro reforçou:

— Na minha mais convicta opinião, o senhor tem “estreptos”… o que não é motivo algum para se assustar desse jeito.

(Não haveria como falar de susto. A fisionomia de Hans Castorp expressava era certa deferência irônica, seja em face da acuidade intelectual com que se via confrontado, seja em face do patamar de dignidade a que o elevava essa nova hipótese do conselheiro.)

— Nada de pânico! — assim ele variava sua fala consoladora. — Todo mundo tem “cocos”. “Estreptos” é coisa que todo burro tem. O senhor não tem de que se gabar. Na verdade, sabemos não faz muito tempo que qualquer um pode ter estreptococos no sangue, sem que fenômenos mais ou menos perceptíveis indiquem a infecção. Temos diante de nós um fato ainda desconhecido para muitos colegas médicos: o sangue pode conter tubérculos, sem que estes tenham a menor consequência. Já estamos a poucos passos de descobrir que a tuberculose, na verdade, é uma patologia do sangue.

Hans Castorp achou isso tudo muito curioso.

— Bem, quando falo de estreptos — recomeçou Behrens — o senhor não deve pensar na forma grave da doença, que é mais conhecida. A análise bacteriológica do seu sangue deveria demonstrar se esses bichinhos simpáticos realmente se instalaram aí dentro do senhor. Mas serão apenas os efeitos de um tratamento com estreptovacina que revelarão se seu estado febril provém deles ou não. É esta a trilha que percorreremos, meu amigo, e, como já lhe expliquei, os resultados que espero são imprevisíveis. Se a tuberculose é muito resistente, hoje em dia já se consegue curar doenças como essa em relativamente pouco tempo; e se o senhor reagir bem a essas injeções, voltará a estar saudável em seis semanas. Que me diz? O velho Behrens está ou não está em

serviço, hein?

— Por enquanto, uma mera hipótese — disse Hans Castorp, esmorecido.

— Uma hipótese e tanto! Uma hipótese que pode render bons frutos! — retrucou o conselheiro. — O senhor verá os bons frutos, se os cocos se proliferarem em nossas culturas. Amanhã de tarde furamos seu barril, Castorp; faremos uma sangria, segundo as boas regras dos antigos barbeiros de aldeia. A brincadeira é boa por si só, e pode trazer efeitos milagrosos sobre o corpo e a alma…

Hans Castorp declarou-se disposto a participar da diversão e agradeceu com muitas mesuras pela atenção que lhe davam. Com a cabeça inclinada para o ombro, seguiu o conselheiro com o olhar, à medida que ele se afastava, remando. A intervenção do médico-chefe viera justamente num momento crítico. Radamanto interpretara de modo bastante acertado a fisionomia e o estado de espírito desse hóspede na montanha, e sua nova investida destinava-se — destinava-se expressamente, sem disfarçar a intenção — a ir para além do ponto morto que esse paciente alcançara havia pouco, segundo se podia concluir de seu semblante, que recordava exatamente o que mostrara o saudoso Joachim na época em que certas decisões bruscas e indisciplinadas se haviam preparado no seu íntimo.

E mais: parecia a Hans Castorp que não somente ele próprio chegara a esse ponto morto, mas que ao mundo na sua totalidade acontecera o mesmo, ou melhor: tornava-se-lhe difícil distinguir nesse caso os fatores particulares dos gerais. Suas relações com uma autêntica personalidade tinham acabado de forma excêntrica, o que produzira múltipla agitação no sanatório. Clawdia Chauchat abandonara novamente a sociedade dos pensionistas, depois do beijo de despedida que, à sombra de uma grande e trágica renúncia, e num espírito de reverente devoção, fora trocado entre ela e o grande amigo do seu senhor. E desde aquele clímax, o jovem sentia que alguma coisa não

andava certa no mundo e na vida; tudo lhe dava a impressão de ter saído dos eixos; de um modo singular e cada vez mais intenso, tudo se lhe afigurava angustiante; era como se um demônio se tivesse apossado do poder, um demônio cuja influência perigosa e tola desde muito tempo já se fizera bastante sensível, mas que, a essa altura, se arrogava uma autoridade irrestrita, capaz de inspirar um terror secreto e sugerir pensamentos de fuga: o demônio que se chamava “tédio”.

Decerto julgarão que o narrador exagera crassa e romanticamente, ao estabelecer uma relação entre o conceito de tédio e o princípio demoníaco, e ao atribuir ao primeiro o efeito de um pavor místico. E todavia não contamos histórias da carochinha; pelo contrário, atemo-nos exatamente às experiências pessoais do nosso singelo herói, que se nos deram a conhecer de um modo avesso a qualquer análise, e que fornecem a prova cabal de ser possível, sob certas circunstâncias, que o tédio assuma tal caráter e inspire sentimentos desse gênero. Hans Castorp olhava em torno de si... Via coisas inquietantes, perniciosas, e sabia o que via diante de si: era a vida sem tempo, a vida sem cuidados nem esperanças, a vida como abjeção que se move à medida que estagna, a vida morta.

Predominava nela um alvoroço constante; ocupações de toda espécie corriam lado a lado, mas cá e lá uma delas se degenerava em loucura fortuita e selvagem, à qual todos se entregavam com fanatismo. A fotografia diletante, por exemplo, sempre tivera papel importante no mundo do Berghof; duas vezes, porém — quem permanecia tempo suficiente aqui em cima podia vivenciar a volta periódica de tais epidemias —, a paixão pela fotografia transformara-se em doidice generalizada, que se prolongava por semanas e meses. Não houvera então ninguém que, com uma expressão preocupada, houvesse deixado de inclinar a cabeça por cima de uma máquina fotográfica fincada no estômago, ou de fazer o obturador piscar e passar as

imagens de mesa em mesa. De repente faziam questão de revelar sozinhos suas fotografias. A câmara escura que havia à disposição dos pensionistas nem de longe bastava para satisfazer as necessidades. Assim, as janelas dos quartos e as portas das sacadas foram revestidas de cortinas pretas, e à luz de lâmpadas vermelhas os amadores lidavam com banhos químicos — até um belo dia produzir-se um incêndio que quase devorou o estudante búlgaro da mesa dos "russos distintos"; em consequência disso, as autoridades do sanatório proibiram tais atividades. Não tardaram em desinteressar-se da fotografia simples. Entrou a moda dos instantâneos a magnésio e das fotografias coloridas pelo processo de Lumière. Começaram então a deleitar-se com retratos de pessoas que, bruscamente surpreendidas pelo relâmpago de magnésio, mostravam os olhos fixos e os rostos lívidos, contraídos, de cadáveres de assassinados que alguém tivesse assentado numa cadeira, depois de lhes abrir os olhos. E Hans Castorp guardava um diapositivo emoldurado em papelão, que se devia manter contra a luz para vê-lo com o rosto cor de cobre, numa clareira verde-gaio, pintalgada de dentes-de-leão muito amarelos, um dos quais lhe luzia na lapela; ladeavam-no a sra. Stöhr e a srta. Levi, com a tez de marfim, a primeira num pulôver azul-celeste, a segunda numa blusa vermelha como sangue.

Havia também a filatelia. Sempre existiam pensionistas que se dedicavam a ela, mas em determinadas épocas alastrava-se, originando uma verdadeira mania coletiva. Todo mundo trocava, regateava, colava selos em álbuns. Tomavam assinaturas de revistas filatélicas; entabulavam correspondências com casas especializadas da Suíça e do exterior, com associações e colecionadores. Até mesmo pessoas cuja situação financeira mal lhes permitia passar esses meses ou anos em um sanatório de luxo gastavam importâncias pasmosas na aquisição de selos raros.

A epidemia durava até se impor uma outra tolice, como, por exemplo, a compra e o consumo de enormes

quantidades de chocolates de todas as marcas, que um dia entrou em voga. Todos andavam com os lábios pardos, e mesmo os mais apetitosos produtos da cozinha do Berghof encontravam uma acolhida desdenhosa e crítica, já que os estômagos estavam entulhados por Milka-nut, Chocolat à la crème d’amandes, Marquis-napolitains e línguas de gato salpicadas de ouro, e por isso indispostos.

A arte de desenhar porquinhos com os olhos fechados, introduzida pela mais alta autoridade numa longínqua noite de Carnaval, e muito cultivada desde então, transformara-se aos poucos em exercícios geométricos de paciência, aos quais se dedicavam em certa época as forças intelectuais de todos os pensionistas do Berghof e mesmo os últimos pensamentos e derradeiras demonstrações de energia dos moribundos. Durante semanas a fio, a casa viu-se sob o signo do desenho de uma figura complicada que se compunha de nada mais nada menos que oito círculos grandes e pequenos e de diversos triângulos inscritos uns nos outros. Tratava-se de esboçar à mão livre e num só traço o intrincado multilátero; mas a mestria suprema consistia em realizar essa proeza com os olhos espessamente vendados, o que, em última análise, e exceção feita a deslizes de menor monta, foi logrado somente pelo promotor Paravant, campeão absoluto dessa excentricidade engenhosa.

Sabemos que ele se consagrava à matemática; sabemo-lo pela boca do próprio conselheiro, e também conhecemos a casta motriz do seu zelo; ouvimos elogios às qualidades mitigantes dessa ciência que embotava o aguilhão da carne. Se todos houvessem imitado o exemplo do promotor, provavelmente teriam sido desnecessárias certas medidas de precaução, cuja introdução nos últimos tempos se tornara inevitável. Procedera-se antes de tudo à obstrução de todas as passagens que existiam nas sacadas para quem contornasse aquelas divisórias de vidro fosco, que não se estendiam até a balaustrada. Nessas passagens foram

colocadas pequenas portas que, de noite, se fechavam à chave, sob os largos sorrisos de todo o mundo. A partir de então eram muito procurados os quartos do primeiro andar, acima do avarandado, onde se podia saltar a balaustrada, caminhar por cima do teto de vidro e passar de um compartimento a outro, evitando as portinhas. Mas não era por causa do promotor que fora preciso introduzir essa inovação disciplinar. A veemente tentação que a figura da egípcia Fatme exercera sobre Paravant havia muito que estava dominada, e esta tinha sido a última agitação de sua virilidade natural. Com redobrado ardor ele se lançara então nos braços da deusa de olhos claros, cujo poder o conselheiro, calmamente, costumava celebrar com palavras cheias de moral elevada. Outrora, antes da sua licença muitas vezes prorrogada, e que ameaçava converter-se em aposentadoria definitiva, empenhara-se com afinco em comprovar a culpa dos pobres pecadores. Agora dedicava toda essa persistência, toda a sua tenacidade desportiva a um único problema que dia e noite lhe absorvia os pensamentos. Esse problema era a quadratura do círculo.

O funcionário deslocado adquirira no curso dos seus estudos a convicção de que as provas com que a ciência queria demonstrar a impossibilidade dessa construção não eram sólidas, e que por esta razão é que a bondosa Providência o distanciara do mundo dos vivos, lá de baixo, e o transportara até aquelas alturas, sendo ele, Paravant, escolhido para arrancar o objetivo sublime da esfera do transcendente e para colocá-lo no terreno firme da solução exata. E assim chegara a traçar círculos, a calcular onde quer que se encontrasse. Cobria imensas quantidades de papel com figuras, letras, algarismos, símbolos algébricos. Seu rosto bronzeado, aparentemente o rosto de um homem de perfeita saúde, mostrava a expressão visionária, obstinada, de um maníaco. Sua conversa referia-se exclusivamente, com pavorosa monotonia, ao fator pi, essa fração desesperante, que o gênio inferior de um calculador

chamado Zacharias Dase calculara um dia até duzentas decimais, e isso por um capricho gratuito, já que nem duas mil decimais aumentariam de modo apreciável as possibilidades de nos aproximarmos da precisão inatingível. Não havia quem não procurasse escapar do pensador atormentado, pois todos os que ele conseguia agarrar pela manga do casaco tinham de suportar torrentes de palavras fervorosas, destinadas a lhes despertar a sensibilidade humana, para que percebessem a vergonha com que a irracionalidade irremediável dessa proporção mística poluía o espírito do homem. O promotor executava inúmeras multiplicações do diâmetro do círculo e do quadro do raio por pi, na intenção de encontrar respectivamente a circunferência e a área, e a inutilidade de todos esses esforços levava-o a acessos de dúvida. Ele então se perguntava se a humanidade, desde os dias de Arquimedes, não complicara desnecessariamente a solução do problema, e se esta solução não era, em realidade, incrivelmente fácil. Ora, por que não seria possível retificar o contorno de um círculo e por conseguinte curvar uma reta a ponto de fazê-la assumir a forma circular? Às vezes, Paravant pensava estar na iminência de uma revelação. Era visto frequentemente, altas horas da noite, na sala de refeições vazia e mal-iluminada, onde permanecia sentado à sua mesa, sobre cuja superfície nua dispunha cuidadosamente em forma de círculo um pedaço de barbante, ao qual bruscamente, como que para surpreendê-lo, dava a forma de quadrado. Em seguida, costumava apoiar a cabeça na mão e entregar-se a sombrias meditações. O conselheiro acudia-lhe de vez em quando nessas brincadeiras melancólicas e animava-o a persistir na sua mania. Acontecia também dirigir-se o coitado a Hans Castorp para desabafar a sua querida mágoa, e isso se repetia, já que encontrava compreensão amistosa e bastante simpatia pelo mistério do círculo. O promotor explicava ao jovem a desgraça de pi, exibindo um desenho sumamente exato, onde com extremo esmero a

circunferência de um círculo estava traçada entre dois polígonos de inúmeros lados minúsculos, um inscrito e outro circunscrito, desenho que representava o máximo de aproximação a que o homem pode chegar. O resto, porém, a curva que de um modo etéreo-espiritual se esquivava à racionalização por parte das retas que a comprimiam, este resto — dizia Paravant com a maxila inferior a tremer — este resto era pi! Hans Castorp, apesar da sua índole receptiva, mostrava-se menos irritado com pi do que o seu interlocutor. Dizia que aquilo não passava de uma quimera; aconselhava o sr. Paravant a que não se inflamasse em excesso com aquela busca ilusória; falava dos pontos de inflexão, sem extensão alguma, de que se compunha o círculo, desde o seu início inexistente até o seu fim que também não existia, bem como da soberba melancolia que se manifestava nessa eternidade, a qual, sem nunca guardar um rumo constante, sempre voltava ao ponto de partida. Suas palavras revelavam tanta religiosidade sossegada que produziam passageiramente um efeito tranquilizador sobre o sr. Paravant.

Por seu caráter complacente, o bom Hans Castorp estava predestinado a receber as confidências de vários dos seus companheiros que se achavam possuídos de alguma ideia fixa e sofriam por não encontrar na maioria leviana dos pensionistas pessoas que os quisessem ouvir. Um antigo escultor, natural de uma província da Áustria, homem de certa idade, com um bigode branco, nariz adunco e olhos azuis, concebera um projeto político-financeiro, que caligrafara, sublinhando os trechos decisivos com pinceladas de tinta nanquim. Esse projeto tinha o seguinte objetivo: cada assinante de jornal deveria ser obrigado a entregar no primeiro dia de cada mês uma quantidade de papel-jornal velho que correspondesse a 40 gramas por dia. Isso importaria anualmente em cerca de 1400 gramas, e em vinte anos em nada menos de 288 quilos, os quais, à base de um preço de 20 pfennig por quilo, representariam um valor de

57,60 marcos. Cinco milhões de assinantes, assim prosseguia o memorando, entregariam, portanto, em vinte anos a soma formidável de 288 milhões de marcos, dois terços da qual poderiam ser deduzidos das assinaturas, ao passo que o resto, aproximadamente cem milhões de marcos, seria aproveitado para fins humanitários, como, por exemplo, o financiamento de sanatórios populares para tísicos, subvenções para talentos, pobres etc. O plano estava elaborado em todos os pormenores, tinha até mesmo uma coluna que permitia ao funcionário encarregado da recolha mensal do papel verificar, pela altura da pilha, a quantidade que faltava, e também a quantidade de formulários perfurados ainda disponíveis, usados para emitir recibo. Era um projeto sólido e fundado sob todos os aspectos. O gesto insensato e a destruição de papel-jornal, que gente mal-avisada ainda desperdiçava em cloacas ou fogões, constituíam alta traição às nossas florestas e um golpe contra a economia nacional. Poupar papel, guardar papel, significaria conservar e economizar celulose, árvores, máquinas que a fabricação de pasta mecânica e de papel desgastava, e exigiria menos capital e material humano. Além disso, o papel-jornal velho facilmente adquiria valor quádruplo ao ser transformado em papel de embrulho ou em papelão, de maneira que seria capaz de se converter num fator econômico de vasta importância e em fundamento de rendosos impostos estaduais ou municipais, ao passo que os leitores de jornais veriam as suas contribuições aliviadas. Numa palavra, o projeto era bom, era, em realidade, inatacável, e se no entanto tinha algo de sinistra ociosidade e mesmo de obscura tolice, era somente por causa do fanatismo excêntrico com que o ex-artista defendia e apregoava uma ideia econômica, só esta e mais nenhuma outra, apesar de evidentemente levá-la tão pouco a sério, no fundo do seu coração, que não fazia a menor tentativa para realizá-la... Sacudindo a cabeça inclinada em posição oblíqua, Hans Castorp escutava as exposições do homem,

cada vez que este, com palavras febrilmente exaltadas, propagava sua ideia de salvação. Ao mesmo tempo o jovem analisava a natureza do desdém e da repulsa que o impediam de tomar o partido do inventor contra a indolência do mundo.

Alguns pensionistas do Berghof estudavam esperanto e compraziam-se em conversar à mesa nessa geringonça artificial. Hans Castorp observava-os de cenho franzido, se bem que opinasse de si para si que eles não eram os piores. Desde algum tempo encontrava-se por ali um grupo de ingleses que haviam introduzido um jogo de salão que consistia apenas no seguinte: formavam um círculo e um dos participantes dirigia ao vizinho a pergunta: “Did you ever see the devil with a nightcap on?”. O assim interrogado devia responder: “No! I never saw the devil with a nightcap on”,[17] e em seguida passar adiante a pergunta, que sem cessar percorria a roda. Era espantoso. Mas o pobre Hans Castorp assustava-se ainda mais diante dos companheiros que jogavam paciência, os quais se podia observar no sanatório a qualquer hora e em todo lugar. A mania dessa distração alastrara-se nos últimos tempos a tal ponto que não é exagerado dizer que transformara o Berghof num antro de vício. Hans Castorp tinha motivos para experimentar diante disso uma sensação de horror, tanto mais que ele mesmo, por algum tempo, fora vítima da epidemia, talvez o caso mais grave de todos. Entusiasmara-se pela paciência dos “onze”; nesse jogo, usa-se o baralho completo; dispõem-se na mesa três filas de três cartas cada uma; duas cartas vizinhas cuja soma seja onze ou três figuras que se encontrem numa fila podem ser substituídas por outras cartas, até a paciência, bafejada pela sorte, sair bem. Parecia incrível que de um procedimento tão simples pudesse resultar tamanha fascinação, capaz mesmo de levar ao enfeitiçamento. Entretanto Hans Castorp, tal e qual muitos outros, deparara com essa possibilidade, e o fizera com expressão carrancuda, visto o excesso jamais levar à

alegria. Dominado pelos caprichos do demônio das cartas, encantado pelos fantásticos e volúveis favores de Fortuna, que, às vezes, num gracioso gesto de simpatia, acumulava logo de início as parelhas de onze pontos e os grupos de Valete-Dama-Rei, de modo que o jogo estava ganho ainda antes do começo da terceira mão (triunfo fugaz, que apenas estimulava os nervos para novas tentativas); e que outras vezes não oferecia até a nona e última carta nenhuma oportunidade para retirar parelhas ou grupos, ou ainda contrariava, numa reviravolta brusca, no último momento, o êxito que já parecera garantido — ora, ele jogava paciência a toda hora, onde quer que se achasse; tirava as cartas tanto de noite, à luz das estrelas, como pela manhã, ainda de pijama, à mesa e mesmo durante os seus sonhos. Horrorizava-se diante dessa mania, mas continuava a fazê-lo. Sucedeu, assim, que um belo dia, por ocasião de uma visita, o sr. Settembrini o encontrou jogando, e logo o "importunou", conforme a missão que lhe coubera desde o começo das suas relações.

— Accidenti![18] — disse o humanista. — Está tirando a sorte com as cartas, Engenheiro?

— Não é bem essa minha intenção — respondeu Hans Castorp. — Só estou jogando paciência, desafiando o acaso inconstante. As extravagâncias dele me intrigam, sua obsequiosidade que se reveza com uma obstinação incrível. Esta manhã, quando me levantei, a paciência saiu bem três vezes seguidas, uma vez até em duas mãos apenas, o que representa um recorde. Pois o senhor acredita que hoje de tarde já fiz trinta e duas tentativas, sem que nenhuma vez chegasse apenas à metade do baralho?

O sr. Settembrini mirou-o com uma expressão triste dos olhos negros, como tantas vezes fizera no decorrer dos anos.

— Em todo caso, o senhor me parece atarefado — disse. — Não tenho a impressão de que encontrarei na sua companhia consolo para as minhas preocupações e bálsamo para aliviar o conflito interior que me atormenta.

— Conflito? — repetiu Hans Castorp, e tirou uma carta.

— A situação mundial me deixa atordoado — suspirou o maçom. — Está a ponto de se realizar a Liga Balcânica. Todas as minhas informações confirmam isso. A Rússia trabalha assiduamente nesse sentido, e a ponta da combinação dirige-se contra a monarquia austro-húngara, sem cuja destruição nenhuma parte do programa russo pode se tornar realidade. O senhor compreende o meu dilema? Odeio Viena de todo o coração, como o senhor sabe. Mas será esse um motivo para que a minha alma dê apoio ao despotismo sármata, que está prestes a lançar a tocha incendiária contra o nosso nobre continente? Por outro lado, uma colaboração diplomática entre o meu país e a Áustria, por mais passageira que fosse, não deixaria de me ferir como uma ofensa. Esses são os escrúpulos de consciência que...

— Sete e quatro — disse Hans Castorp. — Oito e três. Valete, dama, rei. Está melhorando. O senhor me traz sorte, sr. Settembrini.

O italiano emudeceu. Hans Castorp sentiu como os olhos negros, a mirada cheia de razão e de moral, pousavam sobre a sua pessoa, profundamente entristecidos. Mesmo assim prosseguiu por algum tempo ainda tirando cartas, antes de firmar o queixo na mão, com aquela fisionomia teimosa de fingida inocência que as crianças arteiras exibem. Ergueu então o olhar para o mentor que estava de pé à sua frente.

— Seus olhos — ele disse — procuram dissimular em vão que o senhor sabe muito bem aonde chegou.

— *Placet experiri* — foi a resposta petulante de Hans Castorp, em virtude da qual o sr. Settembrini o abandonou. Verdade é que o jovem, deixado sozinho, permaneceu por muito tempo diante da sua mesa, no meio do quarto branco, sem tirar cartas; com a cabeça apoiada na mão, cismava e, no seu íntimo, sentia-se tomado de horror em face do estado macabro e inseguro em que tudo se lhe apresentava; espantava-o a careta cinicamente risonha do demônio, do

deus-macaco, sob cujo domínio insensato e desenfreado se achava o mundo, e que se chamava “O Grande Tédio”.

Um nome mau, apocalíptico, próprio para inspirar uma angústia secreta. Hans Castorp, permanecendo sentado, esfregou com as mãos a fronte e a região do coração. Tinha medo. Parecia-lhe que “tudo aquilo” não podia acabar bem, que uma catástrofe devia ser o seu fim lógico, uma revolta da natureza paciente, um temporal, um tufão que varresse o mundo, desfazendo o feitiço que o paralisava, arrancando a vida do “ponto morto” e dando cabo da “época de vacas magras” num terrível dia do juízo. Não lhe faltava, como já dissemos, vontade de fugir. Ainda bem que as autoridades “velavam sem cessar”, sabiam interpretar sua fisionomia e se esforçavam por diverti-lo mediante hipóteses novas e fecundas!

No linguajar característico dos acadêmicos universitários, as autoridades haviam declarado que se achavam na pista das verdadeiras causas da temperatura irregular de Hans Castorp, causas que, segundo sua afirmação científica, seria tão fácil remediar que a cura, a alta efetiva e o regresso à planície pareciam de súbito iminentes. O coração do jovem batia mais depressa, assaltado pelas mais diversas emoções, enquanto estendia o braço para a sangria. Levemente pálido, com os olhos piscos, admirava a maravilhosa cor de rubi de sua seiva vital, que, subindo aos poucos, enchia o receptáculo transparente. O conselheiro em pessoa, assistido pelo dr. Krokowski e por uma enfermeira, efetuou a pequena operação cujas consequências podiam ser grandes. Depois se escoou uma série de dias, que Hans Castorp passou curioso por saber que papel faria o sangue dado, fora de seu corpo, aos olhos da ciência.

No começo, o conselheiro dizia que o tempo não era suficiente para que alguma coisa pudesse germinar. Depois, dizia que infelizmente nada germinara ainda. Mas chegou a manhã em que, na hora do café, se aproximou da mesa de Hans Castorp, o qual a essa época tinha o seu lugar entre os

“russos distintos”, na extremidade superior, lá onde outrora seu grande amigo costumara sentar-se. Entre felicitações temperadas de floreios, o médico lhe comunicou que numa das culturas por ele preparadas tinha sido descoberta, de modo inegável, a presença de estreptococos. Era um problema de cálculo de probabilidades saber se os fenômenos de intoxicação tinham a sua origem na tuberculosezinha que em todo caso ainda persistia, ou nos “estreptos”, cuja proporção também não era mais que modesta. Era preciso examinar o material com mais cuidado e mais detalhe. A cultura ainda não estava completamente desenvolvida. No laboratório, mostrou-a a Hans Castorp. Era uma geleia vermelha, de sangue, no meio da qual se distinguiam uns pontinhos cinzentos. Aquilo eram os cocos. (Qualquer burro tinha cocos, da mesma forma que tubérculos, e não houvesse os sintomas, a descoberta não teria muito valor.)

Fora do corpo de Hans Castorp, e sob os olhos da ciência, o sangue coagulado do seu coração continuava a desempenhar o seu papel. E raiou a manhã em que o conselheiro, servindo-se de palavras emocionadas, cheias de locuções pitorescas, informou-o do seguinte: não somente numa única cultura, mas também em todas as demais, acabavam de desenvolver-se cocos, e em grandes quantidades. Era difícil dizer se todos eles eram estreptococos, mas agora parecia muito provável que os fenômenos de intoxicação fossem causados por eles, posto que não se podia dizer até que ponto a tuberculose, que indiscutivelmente existira e ainda não se dera por totalmente vencida, havia contribuído para esses fenômenos. Que conclusão se devia tirar de tudo isso? Um tratamento de estreptovacina! O prognóstico? Extraordinariamente favorável, e além disso não haveria o menor risco em fazer uma tentativa que de forma alguma prejudicaria o paciente. Uma vez que o soro seria tirado do próprio sangue de Hans Castorp, a injeção não introduziria

no corpo nenhum elemento de enfermidade que já não se encontrasse nele. Na pior das hipóteses seria inútil, sem nenhum efeito. Mas essa hipótese era mesmo tão má, dado o fato de que Hans Castorp teria que ficar ali de qualquer jeito?

Hans Castorp não queria ir tão longe a ponto de afirmar o contrário. Submeteu-se ao tratamento, embora o achasse ridículo e desonroso. Essas vacinas com a sua própria substância afiguravam-se-lhe como uma diversão desagradável, um horroroso incesto do eu com o eu, de natureza estéril e desprovida de esperança. Assim o fazia julgar a sua ignorância hipocondríaca, que tinha razão somente no que se referia à esterilidade do processo, a qual se manifestou completa. A diversão prolongou-se por várias semanas. Às vezes parecia prejudicá-lo, o que não podia ser outra coisa que um engano; outras, dava a impressão de lhe trazer proveito, o que também se revelou ilusório. O resultado foi zero, sem que isso fosse expressamente proclamado. A experiência morreu um belo dia de morte natural, e Hans Castorp continuou a jogar paciência, cara a cara com o demônio, cujo reinado descomedido — o jovem sentia claramente — estava fadado a um fim horroroso.

Qual foi a nova aquisição do Sanatório Berghof que salvou o nosso velho amigo da mania das cartas, para lançá-lo nos braços de uma paixão diferente, mais nobre, embora na verdade não menos estranha? A ponto de falar dessa inovação, nós mesmos sentimos o misterioso encanto que o assunto irradia, e que nos inspira o sincero desejo de comunicar os fatos ao leitor.

Tratava-se de um acréscimo feito ao número de aparelhos de diversão que se achavam no maior dos salões da casa. A compra, cuja ideia era fruto dos incessantes cuidados da gerência, tinha sido resolvida no seio do grêmio administrativo do sanatório e exigira despesas que não queremos computar, mas devemos qualificar de generosas por parte da direção desse estabelecimento, que merece a nossa irrestrita recomendação. Seria um brinquedo engenhoso do tipo da caixa estereoscópica, do caleidoscópio em forma de luneta e do tambor cinematográfico? Sim e, sob certos aspectos, também não. Pois, em primeiro lugar não era óptico mas acústico aquele instrumento com que os pensionistas certa noite depararam no salão de música e que os fez bater as mãos em sinal de aplauso e de surpresa. Além disso, as referidas atrações levianas absolutamente não podiam ser comparadas com ele quanto à classe, ao nível e ao valor. Isso não era um espetáculo infantil, monótono, do qual todos estavam fartos e que ninguém olhava depois de mais de três semanas de permanência no sanatório. Era uma opulenta cornucópia de prazeres artísticos que alegravam ou entristeciam a alma. Era um instrumento de música. Era uma vitrola.

Receamos seriamente que essa palavra possa ser interpretada num sentido indigno e obsoleto, e associada a ideias que talvez correspondam aos primitivos precursores daquilo que temos em mente, não, porém, à realidade, essa

realidade que a técnica consagrada ao serviço das musas desenvolvera, num infatigável esforço burilador, até a mais elevada perfeição. Não, meus amigos! Não falamos de um daqueles míseros caixotes a manivela que em tempos remotos enchiam os ouvidos pouco exigentes do público de restaurantes com seus berros fanhosos, esses caixotes coroados pelo prato giratório e pelo braço da agulha, e que pareciam apêndices de um monstruoso funil de trombeta. A arca preta, de madeira mate, um pouco mais comprida do que larga, que ali, em cima de uma estantezinha, exibia as suas linhas simples e nobres, e que um fio revestido de seda ligava a uma tomada elétrica embutida na parede, absolutamente não se parecia com aquelas máquinas toscas, antediluvianas. Abria-se a tampa graciosamente chanfrada, guarnecida no seu interior de um suporte metálico dobradiço que, ao levantar-se do fundo do aparelho, fixava-a automaticamente numa posição oblíqua, protetora; e numa concavidade pouco profunda via-se o prato giratório, forrado de pano verde, cingido de um aro niquelado, com o pino central igualmente de níquel, que se enfiaria no furo dos discos de ebonite. Notava-se, além disso, bem na frente, ao lado direito, um dispositivo cifrado à maneira de relógio, e que servia para regular a velocidade. À esquerda, havia uma alavanca, mediante a qual se podia pôr em marcha ou travar o mecanismo, e mais para trás, ao mesmo lado, o braço oco, niquelado, sinuoso e claviforme, que se movia em articulações macias e tinha na sua extremidade o diafragma redondo, achatado, com o torninho destinado a segurar a agulha. Abriam-se também os batentes da porta da frente. Atrás dela descobria-se uma espécie de gelosia, formada por fasquias enviesadas de madeira preta — e nada mais.

— É o modelo mais recente — disse o conselheiro, que acabava de entrar. — A última conquista da técnica. Pois é, meus filhos, de primeiríssima qualidade! Ultrafino! Não há coisa melhor nesse gênero. — Procurou arremedar de

maneira cômica a linguagem de um vendedor ignorante que apregoa a sua mercadoria. — Isto não é um aparelho, não é máquina — continuou, enquanto tirava uma agulha de uma caixinha colorida, de lata, que se achava na mesa, e a fixava no diafragma —, isso aí é um instrumento, é um Stradivarius, um Guarneri, com ressonâncias e vibrações do mais extremo refinamento! A marca é “Polyhymnia”, segundo nos informa esta inscrição no interior da tampa. Fabricada na Alemanha. Nesse ramo ninguém nos ganha, sabem? O sentimentalismo musical em forma moderna, mecanizada! A alma alemã up to date! E aí está a discoteca — acrescentou, designando um pequeno armário com fileiras de álbuns volumosos. — Entrego todo esse tesouro ao uso e prazer irrestrito dos senhores e das senhoras, mas pede-se ao público que zele por ele. Que tal se ouvíssemos uma peça, a título de experiência?

Os enfermos imploraram-lhe que o fizesse. E Behrens apanhou um daqueles livros mágicos, de valioso conteúdo, virou as páginas pesadas e de uma das bolsas de cartolina, cujos buracos circulares deixavam ver os rótulos multicores, tirou um disco que colocou no aparelho. Com uma única manobra acionou o prato giratório, esperou alguns segundos, até o movimento alcançar a velocidade desejada, e aplicou a delicada ponta da agulha de aço cautelosamente à beira do disco. Ouviu-se um leve chiado. O médico desceu a tampa, e no mesmo instante irrompeu pelos batentes abertos da porta, por entre as fasquias da gelosia, um turbilhão orquestral, uma melodia alegre, barulhenta, apressada, os primeiros compassos saltitantes de uma abertura de Offenbach.

Todos escutavam, sorrindo, boquiabertos. Não podiam dar crédito a seus ouvidos, tão puros e tão naturais saíam os trinados dos sopros de madeira. Um violino, sozinho, preludiava fantasiando. Ouvia-se a arcada, ouvia-se o tremolo da mão esquerda, a suave transição de uma posição a outra. O violino encontrou a melodia que procurara, uma

valsa, “Ai de mim, perdi a amada”. Graciosamente, a orquestra acompanhava a ária insinuante, e era delicioso quando esta, honrosamente acolhida pelo conjunto dos músicos, se repetia sob o estrondo de tutti. Não era, naturalmente, a mesma coisa como se uma verdadeira orquestra tocasse no salão. O som não sofria a menor desfiguração, mas o seu volume estava diminuído pela perspectiva; se nos é permitido empregar diante desse fenômeno acústico uma comparação tirada do terreno da óptica: era como se olhássemos um quadro por um binóculo às avessas, de modo que aparecesse distante e reduzido, sem detrimento da nitidez do desenho e da luminosidade das cores. A peça musical, engenhosa e picante, ia sendo reproduzida com todo o brilho inerente a essa composição frívola. O final era a leveza pura e simples, um galope comicamente hesitante no começo, um lascivo cancã, evocando a visão de cartolas brandidas no ar, de joelhos sacudidos e de saias farfalhantes, e cujo desenlace humorístico-triunfal parecia não ter fim. A seguir, o mecanismo desligou-se automaticamente. Terminara. Houve aplausos sinceros.

Reclamaram mais música e receberam-na. Uma voz humana brotou da arca, voz máscula, ao mesmo tempo macia e poderosa, acompanhada por uma orquestra. Era um barítono italiano de grande fama. Desta vez já não se podia falar de distância e de véus abafadores. A magnífica voz ressoava na plenitude natural do seu volume e vigor. Quem passasse para uma das salas vizinhas, cujas portas estavam abertas, e não visse o aparelho poderia pensar que o cantor em carne e osso estivesse presente, e cantasse com as partituras na mão. Ele cantava uma aria di bravura em sua própria língua — eh, il barbieri. Di qualità, di qualità! Figaro qua, Figaro la, Figaro, Figaro, Figaro! Os ouvintes quase morriam de riso, ao escutar o parlando em voz de falsete e ao notar o contraste entre a voz potente e a vertiginosa desenvoltura da língua. As pessoas mais competentes talvez

fossem capazes de observar e de apreciar a arte do fraseado e da técnica respiratória. Mestre na apresentação irresistível, virtuose do gosto latino que exige o “da capo”, o cantor sustentou por muito tempo a penúltima nota, antes da tônica final. Parecia aproximar-se da ribalta e erguer uma das mãos, a ponto de o público bater palmas antes mesmo do fim da ária. Era esplêndido.

E isso não era tudo. Uma trompa de caça executou com escrupulosa delicadeza variações sobre uma canção popular. Um soprano fez vibrar as clarinadas, os staccati e os gorjeios de uma ária de “La Traviata” com a mais encantadora frescura e precisão. O fantasma de um violinista de celebridade mundial tocou, como se se achasse por trás de alguns véus, uma “Romança” de Rubinstein, com acompanhamento de um piano que soava tão duro como um cravo. A arca milagrosa fervia aos poucos, mas ainda saíam dela badaladas de sinos, glissandi de harpas, clangores de trombetas e rufos de tambores. Finalmente tocaram discos de dança. Já havia até algumas amostras da importação mais recente, ao gosto das tavernas de portos exóticos: o tango, destinado a relegar a valsa vienense ao baile dos avós. Dois pares que sabiam executar os passos da moda exibiram-se sobre o tapete. Behrens acabava de retirar-se, depois de recomendar-lhes que não usassem uma agulha mais de uma vez e que tratassem os discos como fossem ovos frescos. Hans Castorp encarregou-se do aparelho.

Por que ele? Isso se dera com a maior naturalidade. Falando laconicamente, em voz abafada, opusera-se àqueles que, depois da saída do conselheiro, queriam tomar a si a incumbência de mudar os discos ou as agulhas e de acionar ou desligar o motor elétrico.

— Deixem isto comigo! — dissera, afastando-os do aparelho, e eles, indiferentes, lhe haviam obedecido; primeiro, porque ele dava a impressão de ser entendido no assunto desde havia muito tempo, e segundo, porque não faziam questão de trabalhar na fonte do prazer, ao invés de

se deixar servir comodamente e sem responsabilidade, até o momento em que isso lhes causasse tédio.

Hans Castorp era diferente. Enquanto o conselheiro apresentava a nova aquisição, o jovem mantivera-se silencioso no fundo da sala; não se rira, não batera palmas, mas prestara intensa atenção às peças oferecidas, torcendo uma sobrancelha entre dois dedos, como às vezes tinha por hábito. Tomado de certa inquietação, de quando em quando mudara de lugar, sem que o público o notasse. Entrara na biblioteca, a fim de escutar ali. Mais tarde plantara-se ao lado de Behrens, com as mãos nas costas e com a cara fechada. Examinara a arca, para lhe aprender o fácil manejo. Uma voz dizia nele: “Alto! Alerta! Começa uma época! Isso veio para mim!”. Estava cheio do infalível pressentimento de mais uma paixão, de outro encantamento, do peso de um novo amor. Um jovem da planície, que ao primeiro olhar lançado a uma garota se sente ferido pela flecha farpada do amor, não experimenta sensações diferentes. Os atos subsequentes de Hans Castorp foram determinados pelo ciúme. Propriedade comum? Qual nada, a curiosidade indolente não tem nem o direito nem a força necessária para possuir! “Deixem isto comigo!”, disse Hans Castorp entre dentes, e eles pareciam muito satisfeitos. Dançaram mais um pouco ao som das músicas fúteis que ele lhes oferecia. Pediram ainda um disco de canto, um dueto de ópera, a Barcarola dos “Contos de Hoffmann”, cuja graça lhes enfeitiçava os ouvidos, e, quando Hans Castorp chaveou a tampa, recolheram-se ao repouso, tagarelando, animados pelo novo brinquedo. Era precisamente isto o que o jovem esperava. Haviam abandonado tudo na mais completa desordem, as caixinhas de agulhas e os álbuns abertos, os discos espalhados por toda parte. Era típico! Hans Castorp fez como se os seguisse, mas, clandestinamente, separou-se deles na escada. Voltou ao salão, cerrou todas as portas e permaneceu ali durante grande parte da noite, muito atarefado.

Ia se familiarizando com a inovação. Sem que ninguém o incomodasse, examinava os tesouros musicais que acompanhavam o aparelho, o conteúdo de todos os pesados álbuns. Havia doze, de dois tamanhos diferentes, e cada qual continha doze discos. Muitas dessas chapas pretas, com os angustos sulcos circulares, eram gravadas dos dois lados. Certas peças estendiam-se por sobre o disco inteiro, e não eram raros os casos em que o mesmo disco continha duas obras diferentes. Assim, no início pareceu difícil e mesmo perturbadora a tarefa de obter uma visão de conjunto desse terreno cheio de belas possibilidades, que lhe cabia conquistar. Hans Castorp experimentou cerca de uns vinte e cinco discos, servindo-se de certo tipo de agulhas finas que tocavam em surdina, para não molestar ninguém e para não ser ouvido através da noite. Mas isso representava apenas a oitava parte de tudo quanto se lhe oferecia e clamava por ser experimentado. Por enquanto, Hans Castorp se contentou com uma rápida leitura dos títulos, e só de vez em quando escolhia a esmo uma amostra das silenciosas gravações circulares, para incorporá-la na arca que a faria soar. Era só pelo colorido que lhes cobria a parte central, e por nada mais, que esses discos de ebonite se distinguiam à primeira vista. Um era igual ao outro. Todos estavam cobertos até quase o centro por um sem-número de círculos concêntricos, e no entanto esse lineamento delicado continha tudo que se pudesse imaginar de música, os mais felizes achados de todas as regiões da alma, em esmerada interpretação.

Existiam ali numerosas aberturas e movimentos avulsos, pertencentes ao mundo sublime da sinfonia, tocados por orquestras famosas, cujos regentes eram designados pelo nome. Seguia-se uma série de lieder cantados por membros de grandes óperas, com acompanhamento de piano; tratava-se em parte de obras elevadas, produtos do esforço consciente de artistas individuais; em parte, de singelas cantigas do povo; e, ainda, de outras peças que, por assim

dizer, constituíam um meio-termo entre ambos os gêneros: embora frutos de uma arte intelectual, representavam, quanto à inspiração e à forma, a alma e o gênio do povo no que possuía de mais puro e mais piedoso; eram canções populares artificiais, se é possível usar o epíteto “artificial” sem lhes diminuir o caráter genuíno da invenção. Referimo-nos sobretudo a uma canção que Hans Castorp conhecia desde criança, mas pela qual só agora começava a sentir um amor misterioso, rico em associações, canção essa de que falaremos noutra parte... Que mais havia, ou, para tornar a resposta mais fácil: que faltava, afinal? Havia abundância do gênero lírico. Um coro internacional de festejados cantores e cantoras, acompanhados por orquestras discretamente refreadas, empregava o dom divino das suas vozes afeitas ao bel canto, na interpretação de árias, duetos, ensembles, provenientes das mais diversas regiões e épocas do repertório operístico: a beleza meridional, com o seu arrebatamento ao mesmo tempo generoso e frívolo; o mundo dos povos germânicos, mescla de espírito brincalhão e demoníaco; a grande ópera e a ópera cômica, de origem francesa. Era tudo isso? Ah, não! Vinham ainda o grupo de músicas de câmara, os quartetos e os trios, os solos instrumentais de violinos, violoncelos e flautas, os cantos de concerto, com acompanhamento obligato de violino ou flauta, as peças puramente pianísticas, para não falar das diversões leves, como os couplets e os discos de serventia concreta, gravados por orquestras de dança, e que requeriam uma agulha grossa.

Hans Castorp examinava e classificava tudo isso. Manobrando em completa solidão, entregou parte do tesouro ao instrumento que o despertava para uma vida sonora. Com a cabeça a arder, recolheu-se ao quarto numa hora tão avançada como aquela em que terminara o primeiro festim organizado pela saudosa personalidade do majestoso e fraternal Peeperkorn. Das duas da madrugada até às sete da manhã, sonhou com a arca mágica. No seu

sonho via o prato giratório dar voltas em torno do pino, tão depressa que não se podia distinguir nenhum pormenor, e todavia sem o mínimo ruído, num movimento que consistia não somente no turbilhonante fluxo circular, mas também numa estranha ondulação lateral, de maneira que ao braço articulado, portador da agulha, que passava por cima, era imprimida uma oscilação elástica, muito proveitosa, segundo tudo fazia crer, ao vibrato e ao portamento dos instrumentos de corda e das vozes humanas. Mas, tanto em sonho como em estado de vigília, continuava incompreensível por que o simples ato de acompanhar uma linha fina como um cabelo, por cima de uma caixa de ressonância, e com o único auxílio da membrana do diafragma, era capaz de reproduzir a vasta complexidade das composições que enchiam os ouvidos interiores do adormecido.

De manhã cedo, ainda antes do café, voltou ao salão e, com as mãos postas, sentado numa poltrona, fez sair da arca a voz maravilhosa de um barítono que cantava, com acompanhamento de harpa, a ária de Wolfram von Eschenbach, da ópera “Tannhäuser”. A harpa tinha um som perfeitamente natural; eram arpejos autênticos, não adulterados, que partiam da arca, junto com a voz humana, ampla, suave, bem-articulada. Era pasmoso. E nada podia haver de mais terno no mundo do que um dueto de uma ópera italiana de um compositor moderno, que Hans Castorp tocou a seguir — essa aproximação sentimental, cheia de humildade e ternura, que se produz entre uma voz de tenor mundialmente famosa, que muitas vezes figurava nos álbuns, e um sopranozinho meigo, cristalino; era impossível imaginar coisa mais delicada do que esse “Dammi il braccio, mia piccina...”,[19] cantado pelo homem, e aquela pequena frase simples, doce, de melodia pressurosa com que ela lhe respondia...

Hans Castorp sobressaltou-se quando a porta se abriu às suas costas. Era o conselheiro que lançava um olhar ao

salão. Em avental de médico, o estetoscópio no bolso do peito, permaneceu um instante com o trinco da porta na mão, acenando para o alquimista de sons. Depois que este retribuiu o aceno por cima do ombro, o rosto do chefe, com as faces azuladas e o bigodinho torto de um lado, logo se sumiu atrás da porta cerrada. E Hans Castorp tornou a dirigir a atenção ao harmonioso casalzinho de namorados invisíveis.

Mais tarde, no decorrer do dia, após o almoço e o jantar, havia ouvintes a observar-lhe as atividades, um público que se renovava constantemente — uma vez que consideramos o próprio Hans Castorp não como parte do auditório, senão como autor do divertimento oferecido. Também ele tendia para esse ponto de vista, e os habitantes do Berghof admitiam-no tacitamente desde o início, não se opondo ao ato enérgico com que o jovem se nomeara a si próprio administrador e guardião da nova instituição pública. Para essa gente, isso não representava sacrifício algum. Manifestavam, na verdade, certo arrebatamento superficial quando aquele idolatrado tenor, extasiando-se em harmonia e doçura, derramava a voz que encantava o mundo em cantilenas e efusões de paixão altamente artísticas. Mas, não obstante o seu júbilo ruidoso, faltava-lhes o verdadeiro amor, e por isso estavam muito dispostos a deixar os cuidados do aparelho a quem se quisesse encarregar deles. Era Hans Castorp quem mantinha em ordem o tesouro dos discos; era ele quem anotava no interior da capa o conteúdo do respectivo álbum, de maneira a se poder encontrar imediatamente qualquer música desejada; era ele quem lidava com o instrumento. Dentro de pouco tempo, isso já se notava pelos seus gestos rápidos, precisos e delicados. Realmente, que teriam feito os outros? Teriam violado os discos, maltratando-os com agulhas gastas; eles os teriam abandonado nas cadeiras, sem invólucro protetor; teriam abusado do aparelho para brincadeiras estúpidas, tocando uma peça sublime com a velocidade de 110 ou colocando o

ponteiro em zero, de modo a tirarem da caixa ora um trilo histérico ora um grunhido sufocado... Já haviam chegado a fazer tudo isso. Embora doentes, eram rudes. Eis por que Hans Castorp, ao cabo de algum tempo, confiscou simplesmente a chave do armário que continha os álbuns e as agulhas. Daí por diante andava com ela no bolso, e quem quisesse ouvir um concerto teria de chamá-lo.

Pela noite, depois da reunião, quando os pensionistas acabavam de se recolher, vinham suas melhores horas. Permanecia então no salão ou voltava ali clandestinamente, para tocar músicas, sozinho, até altas horas da noite. Verificou que o perigo de perturbar com isso o sossego da casa era menor do que acreditara. O alcance desses sons espectrais era evidentemente pequeno. As vibrações, por mais surpreendente que fosse o efeito causado por elas perto da sua fonte, enfraqueciam a alguma distância, mostrando-se débeis e desprovidas de verdadeiro poder, como toda fantasmagoria. Hans Castorp achava-se entre as quatro paredes, a sós com as maravilhas da arca, com as exuberantes produções desse ataudezinho truncado, de madeira de violino. Diante dos batentes abertos desse pequeno templo de fosca negrura, instalara-se numa poltrona, com as mãos postas, inclinando a cabeça para um ombro, e com a boca entreaberta banhava-se em melodias.

Os cantores e as cantoras que estava ouvindo — não os via. Sua forma humana encontrava-se na América, em Milão, em Viena, em São Petersburgo. Não fazia mal que não se encontrassem ali, pois aquilo que Hans Castorp possuía era o que neles havia de melhor, era a sua voz, e o jovem apreciava essa depuração e abstração que restavam bastante acessíveis aos sentidos para permitir-lhe um bom controle humano — sobretudo quando se tratava de artistas alemães, compatriotas seus — com eliminação de todos os inconvenientes que acarretaria a excessiva proximidade física. Podia-se distinguir o dialeto, a dicção, a origem étnica dos artistas. O caráter vocal revelava fatos relacionados com

a envergadura espiritual de cada um deles. Pela maneira como aproveitavam ou desperdiçavam as possibilidades de interpretação, evidenciava-se o grau da sua inteligência. Hans Castorp exasperava-se quando fracassavam. Também sofria e mordia os lábios, cada vez que ocorriam imperfeições da reprodução técnica. Sentia-se como sobre brasas quando, no meio de um disco muitas vezes tocado, uma nota de canto soava estridente ou berrante, o que sucedia frequentemente com as delicadas vozes femininas. Mesmo assim se conformava, pois quem ama tem de sofrer. Às vezes se inclinava por sobre o mecanismo que girava palpitando, como sobre um ramalhete de lilases, com a cabeça sumida numa nuvem de sons. Mantinha-se à frente da arca aberta, e saboreava o prazer soberano de um regente, enquanto com um gesto de mão, no momento preciso, dava aos clarins o sinal de ataque. Tinha alguns favoritos na coleção, números de canto e peças instrumentais, que nunca se cansava de ouvir. Não podemos deixar de citá-los.

Um pequeno grupo de discos apresentava as cenas finais daquela ópera pomposa, transbordante de gênio melódico, que fora composta por um grande compatriota do sr. Settembrini, o velho mestre da música dramática meridional, na segunda metade do século passado, por encomenda de um potentado oriental, e devia a sua origem à circunstância solene da entrega à humanidade de uma obra da técnica destinada a aproximar os povos. Devido à sua formação, Hans Castorp sabia pouco mais ou menos do que se tratava. Conhecia em linhas gerais os destinos de Radamés, Amnéris e Aída, que cantavam para ele em italiano, no interior da caixa, e assim entendia praticamente tudo quanto diziam o incomparável tenor, o majestoso contralto com a magnífica mudança de timbre na meia voz e o soprano cristalino. Não os entendia palavra por palavra, mas apanhava uma ou outra frase, graças ao seu conhecimento das situações e à simpatia que

experimentava por elas, essa afeição íntima que se intensificava à medida que tocava aqueles quatro ou cinco discos, a ponto de se transformar num autêntico sentimento amoroso.

Em primeiro lugar havia uma discussão entre Radamés e Amnéris. A filha do rei mandara conduzir à sua presença o homem acorrentado, a quem amava e desejava ardentemente salvar, se bem que ele tivesse renegado a pátria e a honra por amor à escrava bárbara. (Verdade é que o próprio Radamés afirmava que “puro se conservara seu pensamento, e intata sua honra”.) Mas essa integridade íntima, sem embargo da gravidade da sua culpa, pouco lhe adiantava. Em virtude do seu crime evidente, ele estava sujeito à jurisdição dos sacerdotes, que eram inexoráveis quanto às fraquezas humanas. Parecia certo que não fariam cerimônias, se no último instante não alterasse a sua atitude e renunciasse à escrava, para lançar-se nos braços do majestoso contralto com a mudança de timbre, que, do ponto de vista acústico, merecia isso plenamente. Amnéris fazia os mais fervorosos esforços em prol do tenor harmonioso, o qual, porém, tragicamente obcecado e avesso à vida, se limitava a cantar “Não posso” ou “Em vão”, cada vez que lhe implorava, com súplicas desesperadas, que abandonasse a escrava, porque sua vida estava em jogo. “Não posso.” “Rogo mais uma vez: renuncia a ela!” “Em vão!” A cegueira desejosa de morrer e o mais ardente pesar de amor reuniam-se num diálogo, que era extraordinariamente belo, mas não deixava nenhuma esperança. A seguir, Amnéris acompanhava com seus gritos de dor as medonhas fórmulas das réplicas do tribunal religioso, cujos sons surdos subiam das profundezas, e às quais o infausto Radamés absolutamente não reagia.

“Radamés, Radamés!”, cantava com insistência o sumo sacerdote, e de uma forma muito sutil lhe fazia ver o crime de traição.

“Desculpa-te!”, exigia o coro dos sacerdotes.

E como o sumo sacerdote verificava que Radamés permanecia mudo, todos, com cavernosa unanimidade, declaravam-no culpado de traição.

“Radamés, Radamés!”, recomeçava o presidente, “desertaste do acampamento na véspera da batalha.”

“Desculpa-te!”, cantava novamente o coro. “Ele se cala”, constatava pela segunda vez o presidente muito mal impressionado, e em consequência disso todos os votos dos juízes tornavam a reunir-se na sentença: “Traição!”.

“Radamés, Radamés!”, ouvia-se pela terceira vez a voz do implacável acusador. “Violaste o juramento à pátria, à honra e ao rei.” — “Desculpa-te!”, ressoava novamente o coro. E “Traição!” era o veredito definitivo que o grêmio dos sacerdotes pronunciava com horror, depois de sua atenção ter sido chamada para o fato de Radamés calar-se teimosamente. Destarte era impossível evitar o inevitável. O coro, cujas vozes nem sequer se haviam retirado para deliberar, promulgava a sentença, segundo a qual a sorte do criminoso estava decidida. Ele teria que morrer a morte dos malditos; entraria vivo na tumba, sob o templo da divindade irada.

A indignação que Amnéris manifestava diante dessa crueldade clerical era coisa que o ouvinte devia imaginar o melhor que pudesse; pois a reprodução interrompia-se nesse ponto. Hans Castorp teve que mudar o disco, o que fez com movimentos silenciosos, precisos e, por assim dizer, com os olhos baixos. Quando voltou a instalar-se na poltrona para escutar, já se desenrolava a última cena do melodrama, o dueto final entre Aída e Radamés, cantado na profundeza da sua sepultura subterrânea, enquanto por cima das suas cabeças os sacerdotes fanáticos, desapiedados, celebravam o seu culto no templo e, com as mãos espalmadas, proferiam surdas ladainhas... “Tu — in questa tomba?”,[20] clamava entre espanto e delícia a voz de Radamés, essa voz incrivelmente insinuante, meiga e ao mesmo tempo heroica. Sim, ela se juntara a ele, a bem-amada, pela qual sacrificara

a vida e a honra; esperara-o nesse lugar; deixara-se enterrar com ele, para morrer a seu lado. Os cantos em que os amantes comentavam esse fato, ora dialogando, ora unindo as suas vozes, esses cantos interrompidos de quando em quando pelo ruído surdo do cerimonial, que vinha do pavimento superior — eram eles o que, em última análise, enfeitiçara até o fundo da alma o ouvinte solitário e noturno, devido tanto às circunstâncias como à expressão musical. Falava-se do céu nesse dueto, mas ele mesmo era celeste, e cantavam-no divinamente. A linha melódica que as vozes de Radamés e Aída, isoladas ou reunidas, não cessavam de traçar, essa curva singela e feliz em torno da tônica e da dominante, que subia desde a nota fundamental até a prolongação em marcato, a um semitom da oitava, e depois de um contato fugidio com esta se voltava para a quinta —, essa linha afigurava-se ao ouvinte mais pura, mais maravilhosa do que tudo o que já lhe ocorrera. No entanto, Hans Castorp teria demonstrado muito menos entusiasmo pelos meros sons, não existisse a situação que os inspirava, e que tornava o seu espírito sensível para a doçura que dela se desprendia. Era tão belo o fato de Aída se ter juntado ao condenado Radamés, a fim de partilhar com ele, para toda a eternidade, o destino sepulcral! Com razão o sentenciado protestava contra a imolação de uma vida tão graciosa. Mas, através do seu grito terno e desesperado “No, no! Troppo sei bella!”,[21] transparecia o encanto que experimentava ante a definitiva união com Aída, que pensara nunca mais ver. Hans Castorp não precisava forçar a imaginação para participar desse encanto e dessa gratidão. Mas, o que sentia, compreendia e gozava antes de mais nada, enquanto, com as mãos postas, olhava a portinhola negra de cujas fasquias partia toda essa beleza, era o alto e idealístico voo da música, da arte, da alma humana, o sublime e irrefutável embelezamento que esse idealismo outorgava aos horrores vulgares das coisas reais. Bastava visionar com os olhos da razão o que se passava nessa cena. Duas pessoas enterradas

vivas, com os pulmões cheios de gases mefíticos, pereceriam juntas, ou, o que seria ainda pior, uma depois da outra, torcendo-se de fome; a seguir, a putrefação exerceria sobre os corpos os seus indescritíveis efeitos, até que no fundo da tumba repousassem dois esqueletos, cada um dos quais ficaria completamente indiferente e insensível à questão de saber se jazia ali sozinho ou acompanhado. Este era o aspecto realista e objetivo das coisas — um aspecto e uma coisa à parte, que o idealismo do coração nem sequer levava em conta, e que o espírito da beleza e da música ofuscava triunfalmente. Para as almas operísticas de Radamés e Aída não existia a realidade que os ameaçava. Suas vozes elevavam-se em uníssono até aquela jubilosa appoggiatura à oitava, afirmando que nesse momento se abria o céu, e que suas almas errantes voavam ao encontro dos raios do dia eterno. O poder consolador desse paliativo fazia bem ao ouvinte e contribuía muito para que esse número do seu programa predileto se lhe tornasse especialmente caro.

Ele costumava descansar desses sustos e êxtases, escutando uma outra peça breve, mas cheia de concentrada magia, peça de conteúdo muito mais plácido que o da primeira, um idílio, porém um idílio refinadíssimo, ideado e colorido com o aproveitamento dos meios parcos e ao mesmo tempo complexos da arte contemporânea. Era uma peça puramente orquestral, sem canto, um prelúdio sinfônico de origem francesa, composta com uma instrumentação relativamente reduzida para a nossa época, mas com o mais perfeito conhecimento da polifonia moderna, e habilmente elaborada para envolver a alma numa teia de sonhos.

O sonho a que Hans Castorp se entregava ao tocar esse disco era o seguinte: achava-se ele deitado de costas num prado banhado pelo sol e semeado das estrelas variegadas de um sem-número de flores. Tinha por baixo da cabeça um montículo de terra. Estava com as pernas encolhidas, uma cruzada por cima da outra. Mas deve-se observar que essas

pernas eram pernas de bode. Só para o seu próprio prazer — pois a solidão do prado era completa — suas mãos dedilhavam um pequeno instrumento de sopro, que mantinha diante da boca, clarineta ou charamela, da qual extraía sons pacatos e fanhosos, um após outro, assim como lhe ocorriam, e todavia numa sequência agradável. E esses balidos despreocupados subiam ao céu intensamente azul, sob o qual fremia ao sol a delicada folhagem de isolados freixos e bétulas, que uma leve aragem agitava. Mas esta musiqueta contemplativa, inconsciente, semimelodiosa, estava longe de ser a única voz que ressoava pela solidão. Os zumbidos dos insetos no ar quente do verão, por cima do capim; a própria luz do sol, a suave brisa, a agitação das copas das árvores, a cintilação das folhas — todo o movimento brando da paz estival que reinava em redor transformava-se numa mescla de sons que dava ao singelo toque da charamela um sentido harmônico, sempre renovado e sempre cheio de surpresas. De vez em quando recuava ou emudecia o acompanhamento sinfônico; mas Hans, com suas pernas de bode, continuava a soprar no seu instrumento, e a monotonia ingênua da sua música despertava novamente a magia sonora, de requintado colorido, da natureza; essa magia que, depois de uma nova interrupção, voltava finalmente, superando-se a si mesma. Juntavam-se-lhe instrumentos novos, mais agudos, atacando em rápida sucessão. Por um momento fugaz, cuja plenitude deliciosa, perfeita, encerrava, todavia, a eternidade, era-lhe dada a exuberância de que a orquestra dispunha e que lhe negara até então. O jovem fauno sentia-se muito feliz no seu prado, nesse dia de verão. Ali não havia quem exigisse: “Desculpa-te!”, não havia responsabilidades, não havia sacerdotes reunidos num tribunal de guerra, julgando um homem que se esquecera da honra e estava perdido para o mundo. Nesse lugar reinavam o próprio esquecimento, a bem-aventurada imobilidade, o estado inocente da ausência de tempo. Era o relaxamento praticado com a melhor das

consciências, a miragem apoteótica de todo tipo de negação do imperativo ocidental da ação; e a sensação de calma que esse disco inspirava conferia-lhe valor especial aos olhos do nosso músico noturno.

Existia uma terceira peça... Na realidade eram outra vez diversas peças, três ou quatro, formando um grupo e revezando-se entre si. A ária do tenor, que fazia parte do conjunto, enchia sozinha uma face do disco. Novamente se tratava de música francesa, trechos de uma ópera que Hans Castorp conhecia bem, que ouvira e vira diversas vezes no teatro, e a cujo enredo até aludira de passagem em uma conversa, uma conversa de importância decisiva... A cena passava-se no meio do segundo ato, numa taverna espanhola, baiuca espaçosa, enfeitada de panos. O edifício de estilo mourisco já estava um tanto danificado. A voz de Carmen, cálida, levemente rouca mas atraente pelo timbre peculiar à sua raça, declarava que queria dançar em homenagem ao sargento, e já se ouvia o tatalar das suas castanholas. No mesmo instante, porém, ressoavam a alguma distância trombetas, clairons, um sinal militar que se repetia e fazia o rapaz sobressaltar-se violentamente. “Espera um pouco. Só um momento!”, gritava ele, aguçando os ouvidos qual um cavalo. E quando Carmen perguntava: “Por quê? Que é que há?”, exclamava o sargento: “Não ouves?”, todo surpreendido porque a clarinada não a impressionava tanto como a ele. E explicava que esse sinal era dado pelas trombetas do quartel. “Do regresso se aproxima a hora”, dizia em estilo operístico. Mas a cigana era incapaz de compreender aquilo, e também não queria fazê-lo. Tanto melhor — argumentava ela, entre tola e insolente —, nesse caso não havia necessidade de castanholas; o próprio céu lhes mandava música para dançar: “Ta-ra-ta-rá...”. O rapaz estava fora de si. A mágoa que lhe causava a decepção eclipsava-se diante do esforço de explicar a ela de que se tratava, e que nenhuma paixão do mundo podia resistir a esse sinal. Como era possível que

ela não compreendesse uma coisa tão fundamental e tão absoluta? “É preciso que eu volte ao quartel agora mesmo, para a revista”, clamava ele, desesperado diante da ignorância da mulher, que lhe tornava o coração ainda mais triste do que normalmente. E imaginem o que Carmen lhe respondia a isso! Estava furiosa, indignada até o fundo da alma. Era em cada nota a personificação do amor enganado e ofendido; ou, ao menos, fingia sê-lo. “Ao quartel? Para a revista?” E o seu coração? Seu coração meigo e carinhoso que, na sua fraqueza — sim, ela não o negava; na sua fraqueza! —, se dispusera a diverti-lo com danças e cantos? “Ta-ra-ta-rá!” Com um gesto de escárnio selvagem conduzia à boca a mão em funil, para arremedar o clarim. “Ta-ra-ta-rá!” Mais não era necessário para que o imbecil se levantasse de um pulo e fizesse menção de sair correndo. Pois então, que se fosse! E lhe estendia o capacete, o sabre, o cinturão. Que não perdesse tempo, que se apressasse para voltar ao quartel!… E ele pedindo misericórdia. Mas a mulher prosseguia com o seu sarcasmo cáustico, representando o papel dele que perdera a pouca razão que tinha ao ouvir as clarinadas. Ta-ra-ta-rá, para a revista! Deus do céu! Chegaria tarde. Depressa, chamavam-no para a revista, e por isso era natural sobressaltar-se feito um louco, no momento em que Carmen queria dançar para ele. Ora, se aquilo era o amor que sentia por ela!…

Que situação angustiosa! Ela não o compreendia. Essa mulher, essa cigana não podia nem queria compreender. Não queria, pois isto era indubitável: na sua fúria e no seu sarcasmo havia algo que ia além dos fatos atuais e particulares, um ódio, uma inimizade primitiva contra o princípio que se servia desses clairons franceses — ou dessas trompas espanholas — para chamar o soldadinho apaixonado. Triunfar sobre esse princípio era a ambição suprema, inata, ultrapessoal. Para esse fim fazia uso de um recurso muito simples: afirmava que, se ele ia embora, era porque não a amava. Era precisamente isso o que José, lá no

interior da arca, não podia suportar. Conjurava-a a que o deixasse falar. Ela não queria. Então obrigava-a a escutá-lo. Era um momento infernalmente sério. Sons trágicos desprendiam-se da orquestra, um motivo sombrio, cheio de ameaça, que, como Hans Castorp sabia, se alastrava através de toda a ópera, até à catástrofe final, e também constituía a introdução da ária do soldadinho, num outro disco que se seguia a este.

"Guardo-a, fiel, em meu coração...", era bonito ouvir José cantar, uma maravilha. Esse disco, Hans Castorp também o colocava por ele mesmo, fora dos conjuntos de peças já estabelecidos, e sempre o ouvia com a mais atenta simpatia. Quanto ao conteúdo, a ária não valia grande coisa, mas o sentimento expressado nessas súplicas era comovente. O soldado falava da flor que Carmen lhe atirara no começo das suas relações, e que significara tudo para ele no cárcere, onde fora metido por causa dela. Muito emocionado, confessava que em certos momentos amaldiçoara o destino por ter admitido que Carmen cruzasse os seus caminhos. Mas em seguida se arrependera dessa blasfêmia e ajoelhara-se para rogar a Deus lhe permitisse revê-la. *Pois* — e este "pois" era a mesma nota aguda com que imediatamente antes iniciara a frase "Te revoir, Carmen..."[22] —, *pois* — e ora se desencadeava no acompanhamento toda a magia instrumental apropriada para descrever o pesar, a saudade, a ternura frustrada e o doce desespero do soldadinho) —, *pois* bastara que Carmen lhe surgisse ante os olhos, na sua beleza simplesmente fatal, e lançasse um olhar sobre ele ("sur moi", com uma appoggiatura breve, soluçante, de tom inteiro, na primeira palavra) para que José sentisse com a mais absoluta clareza que ela se apoderara de todo o seu ser — "pour t'emparer de tout mon être", cantava ele, desolado, numa sequência melódica reiterada, que a orquestra, lamentando-se por sua própria conta, repetia, subindo da tônica dois tons e voltando-se ardorosamente para a quinta inferior. "Meu coração te pertence", afirmava

desnecessariamente o rapaz, com palavras triviais, mas imensamente carinhosas, servindo-se mais uma vez dessa figura musical. A seguir galgava a escala até o sexto grau, para acrescentar: “Et j’étais une chose à toi!”.[23] Com isso a voz deixava cair dez tons e confessava com a mais profunda emoção: “Carmen, je t’aime!”,[24] retardando dolorosamente o fim dessa frase por uma prolongação com harmonia modulada, antes que a última sílaba da palavra “aime” se fundisse com a primeira no acorde fundamental.

— Está bem — dizia então Hans Castorp, entre melancólico e agradecido, e ainda punha no aparelho o disco do “Finale”, em que todos felicitavam o jovem José pelo fato de o encontro com o oficial ter lhe impossibilitado o regresso, de maneira que não podia senão desertar: como Carmen, para o seu maior espanto, já lhe sugerira antes.

“Segue-nos por abismos pedregosos,
selvagens, mas por onde os ventos correm…”

cantavam em coro. Era fácil entender a letra.

“Como é bela a vida errante;
O universo por país; tua vontade por lei,
E sobretudo aquela coisa inebriante
Que é a liberdade, a liberdade!”

— Está bem — dizia Hans Castorp novamente e passava para uma quarta peça, que o comovia pela bondade e pelo sentimento.

Nós não somos responsáveis de que fosse outra vez uma composição francesa, como tampouco nos pode ser imputado o espírito militar que também nela se manifestava. Era uma melodia intercalada, um solo de canto, uma “Oração” da ópera de Gounod sobre o Fausto. Aparecia um indivíduo ultrassimpático, de nome Valentim; mas Hans Castorp, no seu íntimo, chamava-o de outra forma, por um nome mais familiar, cheio de recordações aflitivas, cujo portador ele mesmo identificava por completo com o personagem que se manifestava no interior da arca, se bem

que este tivesse voz muito mais bela. Era um vigoroso e cálido barítono, e sua ária se dividia em três partes. Havia duas estrofes muito semelhantes uma à outra, de caráter piedoso, compostas quase no estilo de um hino sacro protestante, e que emolduravam uma terceira de espírito destemido, cavalheiresco, um canto guerreiro, frívolo, e não obstante também piedoso. Era precisamente isso o que havia nessa ária de francês e militar. A personagem invisível cantava:

> “Antes de deixar este lugar,
> Terra natal dos meus antepassados...”

e nessas circunstâncias dirigia a sua prece ao Senhor dos céus, confiando-Lhe a irmã para que a protegesse durante a sua ausência. Ele iria para a guerra — e com isso mudava o ritmo, tornando-se enérgico. Que as preocupações e as tristezas fossem para o diabo! Ele, o invisível, queria procurar o lugar onde houvesse a mais encarniçada batalha e o maior perigo, e arrojar-se intrépida, piedosa, francesmente, contra o inimigo. “Mas, se Deus me chamar para o céu”, cantava, “velarei fielmente sobre ti.” Embora esse “ti” se referisse à irmã, comovia profundamente Hans Castorp, e essa sua emoção não o abandonaria até o fim da ária, quando o homem valente no interior do aparelho repetia, acompanhado por poderosos acordes corais:

> “Oh, Senhor dos Céus, acolhe minha súplica:
> Margarete eu confio à proteção Tua.”

Esse disco não apresentava nenhum outro interesse. Achamos indicado dedicar-lhe umas poucas palavras, porque Hans Castorp o apreciava especialmente, mas também porque ele desempenhou mais tarde um certo papel em circunstâncias bastante estranhas. E agora falaremos da quinta e última das peças que pertenciam ao grupo dos discos prediletos. Dessa vez não nos referimos a uma obra francesa, mas a uma música específica e inteiramente alemã. Não era um trecho de ópera, senão um

lied, uma daquelas canções que são simultaneamente patrimônio popular e obra-prima, e devem a essa simultaneidade o seu caráter peculiar e espiritual… Mas, para que todos esses circunlóquios? Era “A tília” de Schubert; era simplesmente aquela canção que todos conhecem e que começa com as palavras: “Recordo a velha tília bem junto do portão…”.

Cantava-a um tenor, com acompanhamento de piano, rapaz cheio de tato e de bom gosto, que sabia tratar com grande inteligência, com muita delicadeza musical e com esmerada técnica de recitação o seu assunto singelo e ao mesmo tempo sublime. Ninguém ignora que essa maravilhosa canção, quando cantada por uma criança ou pela boca do povo, soa diferente da composição artística. Na sua forma popular, simplificada, as estrofes de oito versos seguem a melodia principal, ao passo que, no lied de Schubert, já a segunda estrofe é variada; o tom passa para menor, mas no quinto verso volta a maior, de um modo lindíssimo. Na frase que segue, a dos “ventos frios” e do chapéu arrancado da cabeça, a melodia é dramaticamente dissolvida, e só se recomporá senão nos últimos quatro versos da terceira estrofe, que são repetidos, para dar um remate à canção. A inflexão realmente arrebatadora da melodia ocorre três vezes, na sua segunda metade modulada; a terceira vez, por conseguinte, na reprise da última semiestrofe, a partir do verso “E agora vou tão longe…”. Essa inflexão mágica que não ousamos analisar por meio de palavras realiza-se nos fragmentos de frases “Mil coisas que senti…”, “Falando para mim…” e “Daquele sítio ali…”. A clara e cálida voz de tenor, soluçante sem exagero, e de magnífica técnica respiratória, cantava-a sempre com uma compreensão tão inteligente da sua beleza que o ouvinte sentia o coração indizivelmente comovido. E o artista sabia intensificar esse efeito por um falsete extremamente suave que usava ao cantar os versos: “E *sempre* estava lá” e “A *paz* está aqui”. Na repetição da

última frase, porém, naquele “Encontrarás a paz”, cantou o primeiro “encontrarás” com a plenitude da sua voz cheia de nostalgia, e o segundo, num delicadíssimo flageolet.

Isso quanto ao lied e à sua interpretação. Nos casos anteriores podíamos jactar-nos de ter comunicado aos nossos leitores uma vaga compreensão da simpatia íntima que Hans Castorp experimentava pelas peças favoritas dos seus concertos noturnos. Mas tornar compreensível o que significava para ele essa última, essa canção, a velha “Tília”, é realmente empresa das mais complexas, que requer da nossa parte um tratamento de extraordinária delicadeza, porque o contrário nos levaria antes a comprometer do que a esclarecer a questão.

É assim que queremos colocá-la: um assunto espiritual, isto é, um assunto significativo, torna-se “significativo” precisamente porque designa algo fora dos seus próprios limites, porque é expressão e expoente de uma esfera espiritual mais vasta, de um mundo inteiro de sentimentos e pensamentos, que encontrou nele um símbolo mais ou menos perfeito — o que dá então a medida da sua importância. Além disso é “significativo” em si o amor que se sente por tal assunto. Esse amor nos informa sobre a pessoa de quem ama, caracteriza as relações que ela mantém com aquela esfera mais vasta, com o referido mundo que o assunto representa e que é, consciente ou inconscientemente, amado junto com ele.

Será que alguém dará crédito à afirmação de que nosso singelo herói, depois de tantos anos de desenvolvimento hermético-pedagógico, adentrara fundo o bastante na vida espiritual, a ponto de ter *consciência* do “significado” de seu amor e do objeto deste seu sentimento? Afirmamos e narramos que sim, que ele teve essa consciência. Aquela canção significava muito para Hans Castorp, um mundo inteiro e justamente um mundo que ele amava, não há dúvida; pois, não fosse assim, não ficaria obstinado a tal ponto pela parábola que substitui e representa esse mundo.

Sabemos o que estamos dizendo ao acrescentarmos — talvez sob forma um tanto obscura — que seu destino teria tomado um rumo diferente se sua alma não houvesse sido particularmente receptiva às tentações da esfera sentimental, da atitude genericamente espiritual que o lied resumia de um modo interior e misterioso. Esse mesmo destino, porém, trouxera consigo elevações, aventuras, clarividências, e colocara-o diante de problemas ligados ao reinar; os problemas, por sua vez, haviam-no tornado maduro para criticar intuitivamente esse mundo, essa parábola absolutamente admirável que o representava, e também esse amor que nutria por ele; e haviam desencadeado nele escrúpulos de consciência com respeito a todos três, o mundo, a parábola e o amor.

Ora, nada entenderia do amor quem supusesse que tais escrúpulos pudessem prejudicá-lo. Pelo contrário, dão-lhe o verdadeiro sabor. Eles é que conferem ao amor o incentivo da paixão, de maneira que se poderia definir a paixão, de um modo absoluto, como o amor que duvida. E em que consistiam os escrúpulos de consciência de Hans Castorp, e os escrúpulos dele quanto ao reinar, que o levavam a duvidar da legitimidade superior da afeição que nele despertavam aquela encantadora canção e o mundo de que ela tratava? Qual era o mundo que se abria atrás dela e que, segundo os pressentimentos íntimos de Hans Castorp, devia ser o mundo do amor proibido?

Era a morte.

Mas isso é rematada loucura! Uma canção tão maravilhosa! Uma obra-prima das mais puras, nascida nas derradeiras e mais sagradas profundezas do gênio popular! Um patrimônio sublime, a mais alta expressão do sentimento genuíno, a graça personificada! Que calúnia!

Está bem! Está tudo muito bem! É assim que pessoas bem-intencionadas devem falar. Entretanto, por trás desse formoso produto levantava-se a morte. Ele mantinha relações com a morte, relações que era possível amar, mas

não sem que — de um modo intuitivo e próprio a quem reina — pudesse prescindir de se dar conta do caráter ilícito de tal amor. Por sua natureza original, a canção talvez não expressasse simpatia pela morte, senão algo muitíssimo popular e vital. Mas a simpatia espiritual por tal coisa era, apesar de tudo, uma simpatia pela morte. No início, sim, havia na canção a mais pura piedade, o decoro em pessoa — não cabe negá-lo de modo algum; em suas consequências, porém, havia resultados da obscuridade.

Afinal, que coisas são essas de que Hans Castorp procurava persuadir-se? Ninguém teria sido capaz de dissuadi-lo delas. Produtos da obscuridade. Produtos sinistros. Um espírito de algoz e a misantropia trajando roupas pretas, à espanhola, e uma golilha engomada, e volúpia em lugar de amor — como isso podia resultar da piedade de olhos leais?

Embora a confiança que Hans Castorp dedicava ao literato Settembrini nunca tivesse sido irrestrita, o jovem lembrava-se de algumas lições que outrora lhe ministrara o lúcido mentor, em tempos remotos, logo no começo da sua carreira hermética, quando lhe falara do "retrocesso", do "retrocesso" espiritual em direção a certos mundos. O discípulo achava oportuno aplicar com muita cautela aqueles ensinamentos ao assunto em apreço. O sr. Settembrini qualificara de "doença" o fenômeno desse retrocesso. O próprio conceito do mundo e a época espiritual buscados pelo retrocesso talvez se afigurassem "mórbidos" ao seu intelecto pedagógico. Mas como? A nostálgica e meiga canção de Hans Castorp, a esfera sentimental de que ela fazia parte, e a afeição a essa esfera seriam então — sintomas de "doença"? Nada disso! Eram o que havia de mais sadio no mundo da psique. E todavia tratava-se de um fruto que, embora por um momento parecesse fresco e viçoso, tendia fortemente à decomposição e à putrefação. Para quem o saboreava no momento oportuno representava um regalo puríssimo da alma; mas, num instante inoportuno, que já podia ser o próximo, difundia podridão e ruína no seio da

humanidade que o ingeria. Era um fruto da vida, gerado pela morte e prenhe de morte. Era um milagre da alma — o mais sublime talvez, ante a visão da beleza insciente, e abençoado por esta; mas também, por razões muito plausíveis, um milagre contemplado com desconfiança pelo olho de quem, simpático à vida, reinasse com senso de responsabilidade e tivesse afeição à esfera orgânica; e, por fim, um objeto do triunfo sobre si mesmo, segundo o veredito último da consciência.

Sim, um triunfo sobre si mesmo, talvez fosse esta a essência do triunfo sobre esse amor — sobre essa magia da alma de consequências tão sinistras! Os pensamentos, ou melhor: os semipensamentos intuitivos de Hans Castorp alçavam voo alto, enquanto, em meio à noite e à solidão, ele se achava sentado à frente do truncado ataúde de música. Voavam para além do alcance da razão dele, eram pensamentos elevados por via alquímica. Ah, como era poderosa a magia da alma! Nós todos éramos filhos dela e, obedecendo-lhe, podíamos realizar grandes coisas neste mundo. Não se precisava de mais gênio, senão de muito mais talento do que tivera o autor da Canção da Tília para conferir, como artista da magia da alma, proporções gigantescas ao lied e, com ele, conquistar o mundo. Provavelmente seria até possível fundar impérios sobre essa base, impérios terrestres, terrestres por demais, impérios rudes, entusiastas do progresso e que no fundo não sofriam da menor nostalgia — impérios em cujo seio o lied degenerava a uma música de vitrola elétrica. Mas o melhor dentre os filhos dessa magia talvez fosse aquele que consumisse sua vida no esforço de triunfar sobre si e falecesse esboçando com os lábios a *nova* palavra do amor, que ainda não sabia dizer. Valia a pena morrer por essa canção mágica! Mas, quem morria por ela em realidade já não era por ela que morria, e só era um herói porque, em última análise, morria por algo novo, tendo em seu coração uma nova palavra de amor e de futuro…

Eram, pois, aqueles os discos preferidos de Hans Castorp.

Quanto às conferências de Edhin Krokowski, produzira-se, no decorrer dos anos, uma modificação surpreendente. Suas pesquisas dedicadas à análise das almas e à vida dos sonhos sempre haviam revelado um caráter subterrâneo, catacumbal. Recentemente, porém, numa transição suave que o público mal percebera, acabavam de tomar o rumo para o mágico, inteiramente misterioso. As palavras que o médico, trajando sobrecasaca e sandálias, postado atrás de uma mesinha coberta, fazia de duas em duas semanas, na sala de refeições, como a atração principal da casa e o orgulho do prospecto, essas palestras apresentadas numa voz arrastada e com sotaque estrangeiro ao auditório que as escutava imóvel, já não se ocupavam dos disfarces da atividade erótica e da reconversão da doença no afeto tornado consciente. Tratavam a essa altura dos profundos segredos do hipnotismo e do sonambulismo, dos fenômenos da telepatia, do sonho revelador e da deuteroscopia, bem como dos milagres da histeria. Enquanto o dr. Krokowski comentava tudo isso, ampliavam-se os horizontes filosóficos de tal maneira que de repente os olhos dos ouvintes vislumbravam enigmas tais como o da relação entre a matéria e a esfera psíquica, ou ainda o próprio enigma da vida que parecia mais acessível por sendas dúbias, mórbidas, do que pelo caminho da saúde…

Mencionamos esses fatos por achar que é nosso dever refutar as afirmações de espíritos levianos, segundo as quais o assistente recorrera às coisas ocultas apenas para salvar as conferências do perigo de uma irremediável monotonia, isto é, para fins puramente emocionais. Assim diziam as más línguas, que não faltam em parte alguma. É verdade que, durante as conferências de segunda-feira, os cavalheiros coçavam mais apressadamente do que nunca as orelhas para ouvir melhor, e a srta. Levi parecia-se ainda mais do

que antes com aquela figura de cera com mecanismo interior. Mas esses efeitos eram tão legítimos quanto o desenvolvimento por que passara o espírito do sábio, que podia defender não somente a lógica, mas até a necessidade do caminho intelectual por ele transposto. Sempre haviam sido o seu campo de estudos aquelas regiões vastas e obscuras da alma humana, que são designadas pelo nome de inconsciente, se bem que fosse mais acertado falar de um superconsciente, já que dessas esferas, e às vezes de um modo fantástico, procede um conhecimento que ultrapassa em muito o saber consciente do indivíduo e que sugere a ideia da existência de relações ou laços entre as tenebrosas zonas interiores da psique individual e uma alma universal, perfeitamente consciente. A região do inconsciente, "oculta" no sentido próprio da palavra, imediatamente se mostra oculta também no sentido mais limitado e constitui uma fonte da qual emanam os fenômenos que assim chamamos por falta de outro termo melhor. Isso não é tudo. Quem considera o sintoma orgânico da doença o produto de afetos relegados da vida consciente da alma e transformados em histeria reconhece também um poder criador das forças psíquicas exercido sobre a matéria — um poder que se deve qualificar de segunda fonte dos fenômenos mágicos. Quem pensa assim é um idealista do patológico, para não dizer um idealista patológico, e há de encontrar-se no ponto de partida de raciocínios que rapidamente alcançarão o problema do ser em si, quer dizer, o problema das relações existentes entre o espírito e a matéria. O materialista, filho de uma filosofia da força bruta, jamais renunciará a declarar que o espiritual é o produto fosforescente do material. O idealista, porém, partindo do princípio da histeria criadora, divergirá, e dentro em breve estará decidido a resolver a dúvida acerca da primazia em sentido totalmente oposto. Em suma, trata-se aqui, nada mais, nada menos, que da velha controvérsia sobre a questão de saber o que existiu antes, se o ovo ou a galinha — controvérsia que conduz a

uma embrulhada completa precisamente pelo duplo fato de não se poder imaginar ovo que não haja sido posto por uma galinha, nem galinha que não tenha saído de um ovo que já se pressupõe.

Eram esses, pois, os assuntos que nos últimos tempos o dr. Krokowski explanava em suas conferências. Alcançara-os por caminhos orgânicos, legítimos, lógicos — não cessamos de insistir nisso, e nos parece até supérfluo acrescentar que já começara a comentá-los muito antes de Ellen Brand entrar em cena. Com a sua chegada, porém, as coisas passaram-se à fase empírica e experimental.

Quem era Ellen Brand? Estávamos a ponto de nos esquecer que nossos leitores ignoram a resposta, ao passo que para nós, naturalmente, o seu nome é familiar. Quem era ela? À primeira vista, quase ninguém. Uma coisinha querida de dezenove anos, com cabelos louros como trigo; chamavam-na Elly; era dinamarquesa, mas nem sequer natural de Copenhague, senão de Odense, na ilha de Fiônia, onde o pai se dedicava ao comércio de manteiga. Ela mesma tivera durante alguns anos um emprego como funcionária da sucursal provincial de um banco da capital, onde trabalhara, sentada numa banqueta giratória, diante de livros volumosos, com uma manga protetora no braço. No curso dessa atividade teve sintomas de elevação de temperatura. O caso não era grave. No fundo tratava-se apenas de suspeitas. Mas Elly era frágil, bastante frágil e claramente anêmica, embora tão gentil que as pessoas sentiam vontade de lhe pôr a mão nos cabelos louros, o que o conselheiro fazia mesmo regularmente, quando falava com ela na sala de refeições. Um frescor nórdico parecia envolvê-la, tinha uma castidade cristalina, uma atmosfera entre infantil e virginal, muito atraente, tal como a mirada franca, pura, dos seus olhos azuis, de criança, e como a sua voz branda, aguda, fininha. Falava um alemão levemente estropiado, com certos errinhos típicos de pronúncia. Nas feições não havia nada de particular. O queixo era muito curto. Tinha o

seu lugar à mesa da Kleefeld, que a protegia como uma mãe.

Em torno da donzela Elly Brand, essa amável ciclistazinha e bancária dinamarquesa, havia, no entanto, coisas que ninguém teria imaginado, à primeira ou segunda vista de sua pessoa tão clara, mas que começaram a revelar-se poucas semanas após sua chegada aqui em cima. Coube ao dr. Krokowski patentear a plenitude do mistério.

Certas diversões coletivas, durante a reunião noturna, deram ao erudito os primeiros motivos de perplexidade. Os pensionistas faziam jogos de adivinhações. Também procuravam encontrar objetos escondidos, guiando-se por sons de piano que se tornavam mais fortes à medida que a pessoa se aproximava do esconderijo e mais fracos quando ela se desviava do caminho. A seguir, passaram a exigir a execução correta de determinadas ações complexas de quem esperava atrás da porta, enquanto os outros deliberavam; combinava-se, por exemplo, que essa pessoa devesse trocar os anéis de dois outros participantes do jogo, ou convidar alguém a dançar, mediante três reverências, ou retirar certo livro da biblioteca, para entregá-lo a fulano ou sicrano etc. Jogos desse tipo não eram habitualmente praticados entre os pensionistas do Berghof, e não foi possível averiguar de quem partira a ideia. Certamente não fora de Elly. Mas foi somente depois da sua chegada que esse jogo entrou em moda.

Os que tomavam parte nele — eram quase todos velhos conhecidos nossos, e também Hans Castorp achava-se no meio do grupo — mostravam-se ora mais ora menos hábeis nas suas tentativas, ou fracassavam por completo. A aptidão de Elly Brand, porém, manifestou-se como extraordinária, sensacional e mesmo chocante. A segurança infalível com que a moça encontrara quaisquer esconderijos apenas lhe valera aplausos e risadas cheias de admiração. Mas quando começou a executar ações mais complicadas, os espectadores ficaram boquiabertos. Ela realizava tudo quanto lhe houvessem imposto secretamente; realizava-o,

logo que voltava ao recinto, com um leve sorriso, sem a menor hesitação e também sem nenhuma música que a guiasse. Ia à sala de refeições para buscar uma pitada de sal; espargia-a sobre a cabeça do promotor Paravant; em seguida, tomava-o pela mão e levava-o ao piano, onde tocava com o dedo indicador dele as primeiras notas de uma canção infantil; feito isso, reconduzia-o até o seu lugar, cumprimentava-o com uma mesura, aproximava um tamborete e sentava-se, por fim, a seus pés — exatamente assim como, depois de muita deliberação, fora combinado em segredo.

Claro, ela tinha que ter escutado!

Elly ruborizou-se. Como que aliviados ao vê-la confundida, todos se puseram a censurá-la em coro, quando ela assegurou: Não, não! Que não pensassem isso! Palavra de honra que não escutara lá fora, atrás da porta, seguramente que não!

Não escutara lá fora, atrás da porta?

— Não! — respondeu ela, desculpando-se, e acrescentou que era ali mesmo, dentro da sala que escutava. Quando entrava, não podia evitar fazê-lo.

Dentro da sala? Não podia evitá-lo?

Alguém lhe sussurrava aos ouvidos — soprava-lhe o que devia fazer, falava baixinho, mas com muita precisão e nitidez.

Isso era uma confissão, evidentemente. Elly tinha, sob certos aspectos, consciência de ter cometido uma falta; fizera trapaça. Deveria ter dito que não se prestava para um jogo dessa espécie, já que alguém lhe sussurrava tudo aos ouvidos. Uma competição perde todo seu sentido humano quando um dos participantes dispõe de vantagens sobrenaturais. Do ponto de vista desportivo, Elly estava subitamente desqualificada, mas de uma forma que causava arrepios a muitos que souberam do fato. Várias vozes, simultaneamente, clamaram pela presença do dr. Krokowski. Saíram correndo para buscá-lo, e ele veio, atarracado,

esboçando um sorriso enérgico. Ficara logo a par do assunto, e todo o seu ser inspirava alegre confiança. Ofegando, os mensageiros lhe haviam comunicado que uma coisa de crassa anormalidade acabava de acontecer, que surgira uma criatura onisciente, uma donzela que ouvia vozes... Não digam, foi o que ele disse. E daí? Calma, meus amigos! Vamos ver... O assistente achava-se no seu próprio terreno, um terreno perigoso, alagadiço, instável para todos os outros, mas onde ele se movimentava com simpática segurança. Fez perguntas, pediu que lhe contassem a história. Não digam! Ora vejam!

— E assim que acontece com você, minha criança? — e lhe pôs a mão na cabeça, como todos gostavam de fazer.

Explicou que havia muitos motivos para atenção e nenhum para espanto. Cravou os olhos castanhos, exóticos, nos olhos azuis, claros, de Ellen Brand, ao mesmo tempo que descia a mão suavemente por sua cabeça, pelo ombro, até o braço. A jovem devolveu o olhar com uma expressão mais e mais piedosa, fitando-o por baixo, enquanto a cabeça se inclinava para a espádua e o peito. Quando os olhos da moça começaram a velar-se, o sábio levantou a mão, displicentemente, diante do rosto dela, e declarou que tudo ia muito bem. Mandou que o grupo excitado fosse repousar, com exceção de Elly Brand, com a qual tencionava “palavrear” alguns instantes.

“Palavrear!” Já se sabia o que isso significa. Ninguém se sentia à vontade ao ouvir essa palavra, uma palavra peculiar ao jovial camarada Krokowski. Todos tinham a impressão de que uma mão fria lhes tocava o fundo do coração, também Hans Castorp, quando, com grande atraso, se instalou em sua excelente espreguiçadeira. Lembrou-se de como o solo lhe oscilara sob os pés, quando vira as proezas anormais de Elly e ouvira-a dar, toda ruborizada, a explicação do fato. Também recordou o leve mal-estar, a angústia física, algo como que um enjoo que o acometera nesse instante. Nunca havia assistido a um terremoto, mas estava convencido de

que tal fenômeno devia produzir sensações análogas de inconfundível pavor, abstraindo-se da curiosidade que as faculdades fatais de Ellen Brand lhe inspiravam além disso; uma curiosidade que encerrava em si a sensação da sua própria inutilidade, num sentido superior, isto é, a consciência da inacessibilidade espiritual do domínio que ela procurava alcançar, e por conseguinte a dúvida de saber se ela era apenas ociosa ou também pecaminosa; o que, entretanto, não a impedia de permanecer o que era, quer dizer: curiosidade. No curso da sua vida, Hans Castorp, como todo mundo, tinha ouvido isso ou aquilo acerca de coisas de natureza ou sobrenatureza oculta. Já se mencionou aquela tia vidente, cuja lenda melancólica lhe fora transmitida. Mas não sentira tão próximo de sua própria pessoa esse mundo que, teórica e desinteressadamente, jamais deixara de reconhecer. Nunca fizera experiências particulares nesse terreno, e sua aversão a tais experiências, oposição de gosto, antipatia estética, reação do orgulho humano — se é que podemos empregar termos tão elevados com referência ao nosso insignificante herói —, tudo quase se igualava à viva curiosidade que essas coisas lhe despertavam. Hans Castorp pressentia, pressentia com absoluta nitidez, que essas experiências, fosse qual fosse o rumo que tomassem, não poderiam levar a um fim senão insípido, incompreensível, desprovido de dignidade humana. E mesmo assim, ardia por fazê-las. Percebia que “ou ocioso ou pecaminoso”, essa alternativa já *per se* bastante triste, não constituía em realidade alternativa alguma, mas era uma e mesma coisa, e que a inutilidade espiritual não era senão a forma de expressar, fora da moral, o caráter proibido da experiência. O princípio do *Placet experiri*, porém, que lhe inculcara certa pessoa que indubitavelmente desaprovaria com a maior veemência tentativas *dessa espécie*, continuava arraigado em Hans Castorp; sua ética foi coincidindo aos poucos com sua curiosidade, o que, na verdade, sempre vinha ocorrendo até então: e se ocorria, era

com a irrestrita curiosidade de um viageiro ávido de formação, curiosidade que, ao saborear o mistério da personalidade, talvez já se achasse próxima do domínio que agora se lhe deparava, e à qual revelava uma espécie de espírito militar, por não se esquivar da esfera vedada, desde que esta se oferecia a ela. Em consequência disso, Hans Castorp resolveu permanecer em seu posto e não se afastar quando surgissem novas aventuras relacionadas a Ellen Brand.

O dr. Krokowski impusera estrita proibição a que continuassem, por parte dos leigos, quaisquer experimentos com as faculdades ocultas da srta. Brand. Requisitara a garota para a ciência; tinha sessões com ela no calabouço analítico; hipnotizava-a, segundo se dizia, e esforçava-se por lhe desenvolver e disciplinar as possibilidades latentes e por investigar-lhe os antecedentes psíquicos. Hermine Kleefeld, amiga maternal e protetora de Elly, fazia aliás o mesmo e inteirava-se, sob sigilo, de uma porção de coisas, que logo ia espalhando, sob o mesmo sigilo, por toda a casa, inclusive o gabinete do porteiro. Ela ficou sabendo, por exemplo, que aquele ou aquilo que sussurrava à pequena as respostas certas por ocasião dos jogos chamava-se Holger; era o jovem Holger, um espectro muito familiar a ela, um ser etéreo do outro mundo, e uma espécie de guardião-fantasma de Ellen. Era então este quem lhe revelara aquela história da pitada de sal e do dedo indicador do promotor Paravant? Sim, com os lábios de sombra acariciando-lhe a orelha, a ponto de ela sentir cócegas e se ver forçada a sorrir, o fantasma lhe segredara tudo. Deveria ter sido muito agradável na escola, quando Holger soprava as lições que você não tinha preparado, não é? A essa pergunta, Ellen não dera resposta, segundo contava a Kleefeld. Mais tarde explicara que Holger talvez não tivesse o direito de fazer isso. Não lhe cabia intrometer-se em assuntos tão sérios. Além disso, era possível que ele mesmo não soubesse as lições.

Manifestou-se em seguida que Ellen, desde criança,

embora com grandes intervalos, tivera aparições, tanto visíveis como invisíveis. Que significava aquilo, aparições invisíveis? Por exemplo, o seguinte: quando tinha dezesseis anos, achava-se certo dia, em plena tarde, sozinha diante da mesa redonda na sala de estar da casa paterna, ocupada em fazer um trabalho manual. A seus pés, perto dela, estava deitada no tapete uma cadela dinamarquesa do pai, de nome Freia. A mesa estava coberta por uma toalha de muitas cores, espécie de xale turco, daquele tipo que as mulheres velhas usavam dobrado triangularmente. O xale estava estendido em diagonal sobre a superfície da mesa, com as pontas pendentes das bordas. E, de repente, Ellen viu como a ponta à sua frente se enrolava devagar; alguém a enrolava com calma, cuidado e regularidade até quase o centro da mesa, de maneira que o rolo formado era bastante comprido. Enquanto isso acontecia, Freia, num violento sobressalto, soergueu-se bruscamente, com as patas dianteiras muito tesas e o pelo eriçado. A seguir precipitou-se para o quarto vizinho, uivando, onde se escondeu debaixo do sofá. Durante um ano inteiro foi impossível induzi-la a entrar novamente na sala de estar.

A srta. Kleefeld perguntou se foi Holger quem enrolou o xale… A pequena Brand não sabia… E o que ela pensara quando aquilo se deu? Ora, como era completamente impossível pensar o que quer que fosse a esse respeito, Elly não pensara nada em particular. E ela informara seus pais do acontecido? Não… Era estranho. Ainda que nada houvesse que pensar acerca dessa ocorrência, Elly tinha a sensação de que era conveniente, nesse caso como em outros semelhantes, calar-se e guardar tudo em pudico e rigoroso segredo. Sofrera muito com tudo isso? Não, muito não. Afinal de contas, uma toalha que se enrola não era que fizesse alguém sofrer. Mas houvera outras coisas mais difíceis de suportar. Por exemplo:

Fazia um ano, também no lar paterno em Odense, certa manhã ela saíra muito animada de seu quarto, situado ao

rés do chão. Estava a ponto de atravessar o vestíbulo, a fim de subir a escada e encaminhar-se para a sala de jantar, para preparar o café, como de costume, antes da entrada dos pais. Já alcançara quase o patamar, onde a escada dava uma volta, quando viu nele, junto à beira, diante do primeiro degrau, sua irmã mais velha, Sophie, que era casada e morava nos Estados Unidos. Viu-a realmente, em carne e osso. Sophie trajava um vestido branco e, coisa singular, uma coroa de nenúfares úmidos. Tinha as mãos postas perto dos ombros e acenava com a cabeça para Elly. Esta, como que petrificada, perguntou, entre alegre e atônita:

— Mas como, Sophie? Você aqui?

E Sophie novamente fez que sim. Em seguida sumiu-se; tornou-se transparente; depois de pouco tempo era visível somente assim como se percebe a flutuação do ar quente, e por fim não se viu mais nada, de maneira que Ellen pôde passar livremente. Mais tarde, porém, ficou sabendo que àquela mesma hora a mana Sophie morrera de endocardite em Nova Jersey.

Bem, foi a opinião de Hans Castorp quando a Kleefeld lhe contara a história, isso fazia sentido e parecia plausível. A aparição aqui, o óbito lá... Inegavelmente havia entre as duas coisas algum nexo que se devia reconhecer. Então, consentiu em tomar parte num passatempo social de natureza espírita, mover um copo sobre a mesa, que haviam resolvido organizar com Ellen Brand, por pura impaciência, e contornando assim a proibição ciumenta do dr. Krokowski.

Só algumas poucas pessoas foram admitidas à sessão que teria lugar no quarto de Hermine Kleefeld; além da anfitriã, Hans Castorp e a pequena Brand, havia ainda as sras. Stöhr e Levi, bem como o sr. Albin, o tcheco Wenzel e o dr. Ting-Fu. À noite, às dez em ponto, reuniram-se discretamente e examinaram, falando baixinho, os preparos feitos por Hermine e que eram os seguintes: numa mesa redonda de tamanho médio, sem toalha, colocada no centro do aposento, encontrava-se uma taça de vinho, virada, com o

pé para cima, e em torno dela, nas bordas, estavam espalhadas, com intervalos convenientes, umas vinte e cinco chapinhas de osso, normalmente usadas como fichas de jogo, e nas quais haviam sido desenhadas a tinta as letras do alfabeto. Antes de mais nada, a Kleefeld serviu chá, o que foi acolhido com agrado, uma vez que as sras. Stöhr e Levi, não obstante a inocência infantil da empresa projetada, já se queixavam de ter palpitações e as extremidades frias. Depois de ingerir a bebida quente, sentaram-se em redor da mesinha, e, sob uma luz rosada, já que a anfitriã, para criar uma atmosfera apropriada, apagara a luz do teto e deixara acesa somente a lampadazinha de cabeceira revestida de um abajur, todos encostaram levemente um dedo da mão direita ao pé da taça. Assim prescrevia o método. Aguardaram então o momento em que o copo se pusesse a trepidar.

Isso podia produzir-se facilmente, pois a superfície da mesa era lisa, e o bordo do copo, bem polido; a pressão exercida pelos dedos trêmulos, por mais leve que fosse o contato, seria naturalmente irregular, mais vertical aqui, mais lateral ali, o que bastaria, com o tempo, para determinar o copo a abandonar a sua posição central. Na periferia do seu campo de ação, a taça iria ao encontro de letras, e, se aquelas com que se encontrasse compusessem palavras com algum sentido, isso representaria um fenômeno interior e complexo até a impureza, um conglomerado de elementos conscientes, semiconscientes, inconscientes, um produto em que se mesclavam a ajuda ativa de alguns, instigada pelo desejo — quer se dessem ou não conta de que o tinham — e o consentimento secreto de extratos não iluminados da alma coletiva, uma colaboração subterrânea, visando resultados aparentemente estranhos, para os quais contribuiriam em grau maior ou menor as esferas obscuras de cada um, sobretudo as da graciosa garota Elly. Todos sabiam disso de antemão, e Hans Castorp, segundo seu costume, chegou até a comentar o fato, enquanto estavam sentados, a esperar,

com os dedos trêmulos. E, com efeito, as extremidades frias e as palpitações das senhoras, bem como a alegria constrangida dos homens, tinham o seu motivo, dada a circunstância de todos saberem disso e de ninguém ignorar que se haviam reunido no seio da noite para um brinquedo impuro com a natureza de cada um, para uma experiência, entre tímida e curiosa, com partes ignotas do seu eu, aguardando aquelas ilusões ou semirrealidades que chamamos de mágicas. Era quase só para dar uma certa forma ao assunto e, por conseguinte, por mera convenção, que se admitia que espíritos de defuntos se serviriam do copo para dirigir-se ao grupo. O sr. Albin ofereceu-se para ser o interlocutor e para interpelar os fantasmas que porventura se manifestassem, porque já participara de sessões espíritas em outras ocasiões.

Decorreram vinte minutos ou talvez mais. Esgotaram-se os temas para conversas cochichadas. A curiosidade inicial diminuiu. Apoiavam com a mão esquerda o cotovelo do braço direito. O tcheco Wenzel estava a ponto de adormecer. Ellen Brand, com o dedinho ligeiramente encostado na taça, fixava os grandes e puros olhos de criança para além das coisas mais próximas, na luz da lampadazinha de cabeceira.

De repente o copo virou, bateu na mesa e fugiu das mãos das pessoas que o cercavam e só com muita dificuldade conseguiram acompanhá-lo com os dedos. Deslizou até à borda da mesa, correu um bom pedaço ao longo dela e voltou em linha reta ao centro. Ali tornou a bater na mesa e permaneceu imóvel.

O espanto que todos sentiam era um misto de alívio e de pavor. A sra. Stöhr declarou com voz chorosa que preferia parar com aquilo. No entanto lhe fizeram ver que devia ter se decidido antes, e que agora lhe cabia ficar quietinha. As coisas pareciam em pleno desenvolvimento. Foi estipulado que, para responder “sim” ou “não”, era desnecessário que o copo fosse ao encontro das letras, mas bastaria que batesse na mesa uma ou duas vezes, respectivamente.

— Está presente algum espírito? — perguntou o sr. Albin com uma fisionomia séria, dirigindo-se por cima das cabeças ao vazio… Seguiu-se um instante de vacilação. Depois o copo caiu, dando uma resposta afirmativa.

— Como você se chama? — perguntou o sr. Albin num tom quase rude, acentuando a energia das palavras por um gesto de cabeça.

O copo pôs-se em movimento. Correu resolutamente, em zigue-zague, de ficha em ficha, embora recuando em certos intervalos um bom pedaço em direção ao centro da mesa. Aproximou-se do “h”, do “o”, do “l”; em seguida deu a impressão de estar cansado, de confundir-se, de não saber como continuar; mas, concentrando-se novamente, encontrou também o “g”, o “e” e o “r”. Justamente como se esperava! Era Holger em pessoa, o mesmo fantasma Holger que soubera aquelas coisas da pitada de sal etc., porém não interviera em assuntos escolares. Achava-se ali, flutuava na atmosfera, pairava em torno do grupo. E agora? Que iam fazer com ele? Um certo acanhamento reinava na roda. Deliberaram em voz abafada, falando atrás da mão, por assim dizer, sobre o que queriam saber do espírito. O sr. Albin decidiu-se a perguntar quais haviam sido a atividade e a profissão de Holger em vida. Fez a pergunta da mesma maneira que antes, em tom de interrogatório, severamente, com o cenho cerrado.

A taça permaneceu silenciosa durante alguns instantes. A seguir, encaminhou-se cambaleando e tropeçando no “p”; recuou e designou o “o”. Que sairia disso? A tensão era forte. Cacarejando, o dr. Ting-Fu manifestou o receio de que Holger talvez houvesse sido policial. A sra. Stöhr rebentou numa gargalhada histérica, sem contudo interromper o trabalho do copo, que, embora num avanço coxo e barulhento, deslizou até o “e” e depois, evidentemente com omissão de uma letra, terminou no “t”. Acabava de soletrar “poet”.

Imaginem! Holger tinha sido poeta! Sem necessidade e por puro orgulho, segundo parecia, o copo virou e bateu o sinal

afirmativo. Um poeta lírico?, perguntou a Kleefeld, pronunciando a palavra como paroxítona, segundo Hans Castorp notou, descontente... Holger deu a impressão de não estar disposto a entrar em pormenores. Não respondeu. Limitou-se a repetir a resposta anterior, soletrando depressa com segurança e clareza e acrescentando o "a" que esquecera da outra vez.

Muito bem, um poeta. O embaraço foi crescendo, um embaraço singular, relacionado com as manifestações de esferas não controladas da vida interior, mas ao qual a atualidade falaz e semiobjetiva dessas manifestações imprimia o rumo para a realidade exterior. Desejaram saber se Holger se sentia à vontade e feliz no seu estado. De um modo sonhador, o copo percorreu a palavra "sereno". Ah, sim, sim, "sereno". Hmm, isso não teria ocorrido a ninguém, mas, uma vez que o copo a soletrara, acharam todos que a resposta era plausível e bem-formulada. E havia quanto tempo se encontrava Holger nesse estado sereno? De novo, veio algo que não teria ocorrido a ninguém ali, algo que se dava a si mesmo, como em um sonho. E que era: "Iminência impaciente". Ótimo! Também poderia ter dito "Impaciência iminente". Era um oráculo vindo do Além, pela boca de um poeta ventríloquo. Hans Castorp, sobretudo, achou-o excelente. Uma "impaciência iminente" era, pois, o elemento de tempo em que Holger vivia. Claro, ele não podia senão falar por meio de oráculos para satisfazer a curiosidade dos interlocutores, já que, provavelmente, se esquecera de lidar com os conceitos e com as medidas exatas deste mundo... E agora, que mais informações queriam? A Levi confessou estar curiosa por saber qual era, ou qual havia sido outrora, o aspecto de Holger. Se ele era um jovem formoso? Que ela mesma perguntasse, foi o que ordenou o sr. Albin, que considerava uma pergunta dessas indignas de sua função. Assim, tratando-o por você, ela indagou se Holger tinha cabelos louros e cacheados.

— Lindos cachos castanhos, castanhos — diziam as curvas

descritas pelo copo, que de propósito soletrava duas vezes a palavra “castanhos”. Uma satisfação animada reinava no círculo. As senhoras mostravam-se francamente apaixonadas. Em um gesto oblíquo, atiravam beijos em direção ao teto. O dr. Ting-Fu observou, entre risinhos, que Mister Holger parecia ser muito vaidoso.

Nesse momento o copo enfureceu-se, tornou-se louco de cólera. Meteu-se a percorrer a mesa, a esmo, feito doido; virou raivosamente; caiu e rolou no regaço da sra. Stöhr, que o olhou, lívida de susto, com os braços abertos. Cautelosamente, com muitas desculpas, reconduziram-no ao seu lugar. Censuraram o chinês. Como podia ele atrever-se a dizer uma coisa dessas? Pois estava vendo aonde levava o atrevimento! Que fariam se Holger, na sua indignação, sumisse e emudecesse por completo? Empenharam-se o mais que puderam em sossegar o copo. Perguntaram se Holger não queria, talvez, recitar um poema. Afinal de contas fora poeta antes de, em iminência impaciente, adejar pelos ares. Ah, como desejavam conhecer uma de suas obras! Ficariam todos tão encantados.

E, vejam só: o bom copo fez que sim. E, de fato, havia um quê de bonacheirice conciliadora na maneira como o fez. E em seguida o fantasma Holger começou a poetar. Poetou sem titubear, copioso e minucioso, sabe-se lá por quanto tempo, parecendo que jamais pararia com aquilo. O poema que proferiu à maneira de um ventríloquo, na medida em que os componentes da roda repetiram as palavras, cheios de admiração, foi se revelando surpreendente; era matéria mágica e sem margens, como o mar, tema predileto seu… Algas em montes extensos ao longo da augusta praia, na ampla baía da ilha com dunas escarpadas. Oh, vede como a imensa vastidão esverdeada e morrediça confunde-se com o eterno, onde o sol de verão, encoberto por tiras largas dos véus nebulosos de turvo carmesim e luzes leitosas, retarda seu ocaso! Boca alguma é capaz de expressar nem como nem quando o movediço reflexo argênteo d’água se tornara

madrepérola pura, cintilante, envolta toda no jogo colorido, pálido-opalino, inefável-cambiante das pedras da lua brilhante... Ai de nós, imperceptivelmente como nasceu esvai-se o silencioso encantamento. O mar adormece. Mas os suaves vestígios da despedida do sol remanescem aqui e ali. Não escurece até tardias horas da noite. Uma meia-luz espectral paira sobre o bosque de pinheiros no alto das dunas e dá uma aparência de neve à pálida areia das profundidades. Ilusão de uma floresta hibernal, em completo silêncio por onde se ouvem os estalos dos ramos roçados pelo lerdo voo de uma coruja! Acolhe-nos a esta hora! Tão elástico o andar, tão alta e branda a noite! E o mar lá embaixo respira lentamente, profundamente; devaneando murmura sons arrastados. Está com saudade de revê-lo? Então aproxime-se da desbotada vertente da duna e suba por ela, afundando-se nessa substância macia que inunda seus sapatos. Rígida e íngreme, a terra coberta de arbustos desce até a praia pedregosa, e os resquícios do dia continuam fazendo o seu jogo fantasmagórico à beira da vastidão esmaecida... Estenda-se na areia aqui em cima! Que frescor de morte, que maciez de seda ou de farinha! Ela corre por entre os dedos de sua mão cerrada, num esguicho descorado, fininho, e forma no chão a que pertence um montículo delicado. Você não reconhece aquele fio de areia? É o fluxo silencioso, estreito, através da angústia da ampulheta, o utensílio solene e frágil que adorna a cela do ermitão. Um livro aberto, uma caveira, e na estante a dupla concavidade de vidro com sua armação delgada. E dentro dela, um pouquinho de areia tirada da eternidade a fazer o papel do tempo, de modo secreto e sagrado que inspira pavor...

Dessa forma, as improvisações líricas do fantasma Holger haviam percorrido uma sequência de associações estranhas, desde o mar do seu país natal até um ermitão e o instrumento do seu espírito contemplativo. E ele veio a falar de muitas coisas mais, decantando o humano e o divino em

palavras sonhadoras e audaciosas que causaram enorme admiração ao grupo que as soletrava. Mal tinham tempo de intercalar aplausos entusiásticos, tão rápida era a marcha ziguezagueante de um assunto a outro, e que não fazia menção de terminar. Depois de uma hora ainda não se podia prever o fim dessa torrente poética que tratava inesgotavelmente das dores do parto, do primeiro beijo dos namorados, da coroa do sofrimento, da benevolência paternal e grave de Deus; sondava as atividades da criatura; perdia-se nos tempos, nas paisagens, no espaço sideral, mencionando até o zodíaco e os caldeus. Sem dúvida iria prolongar-se a noite inteira, não houvessem seus invocadores afastado os dedos do copo. Agradeceram cordialmente a Holger e declararam que era bastante por essa vez, que a beleza de tudo aquilo ultrapassava as suas mais arrojadas expectativas. Que lástima que ninguém tivesse tomado nota do poema, cujo destino inexorável seria agora cair no esquecimento, o que infelizmente já tinha acontecido em grande parte, devido a uma certa inconsistência peculiar aos sonhos. Na próxima vez não deixariam de nomear em tempo um secretário, para ver o efeito que isso produziria transladado à escrita e recitado de um modo fluente. De momento, porém, e antes que Holger voltasse à serenidade de seu vagar apressado, seria melhor, e, em todo caso, muito amável da sua parte, se respondesse ainda a uma que outra pergunta precisa que lhe fizessem os componentes do grupo. Ainda não sabiam o que indagar, mas pediam que lhes comunicasse ao menos se, em princípio e por especial deferência, estava disposto a responder.

— Sim — foi a resposta. Mas, a essa altura, revelou-se a desorientação geral. Que deviam perguntar? Era como nas histórias da carochinha, quando a fada ou o anão permitem que se faça uma pergunta e a pessoa contemplada incide no perigo de desperdiçar a oportunidade preciosa. Havia muita coisa no mundo e no futuro que parecia digna de se saber, e

a responsabilidade de quem escolhia era grande. Como ninguém se arriscasse a tomar uma decisão, Hans Castorp, com um dedo encostado na taça, e com a face esquerda apoiada no punho, disse que gostaria de ouvir quanto tempo duraria a sua permanência aqui em cima, em vez das três semanas prefixadas.

Bem, visto não se encontrar outra pergunta melhor, vá lá que o fantasma, da plenitude da sua sabedoria, satisfizesse essa curiosidade qualquer! Depois de alguma hesitação, o copo começou a trepidar. Traçou uma resposta bem estranha e, segundo parecia, incoerente, que ninguém era capaz de interpretar. Soletrou a sílaba "vai" e em seguida a palavra "viés", que era ainda menos aproveitável. Feito isso, mencionou alguma coisa sobre o quarto de Hans Castorp, de maneira que a ordem lacônica na sua forma completa rezava que aquele que perguntara "fosse por seu quarto de viés". Por seu quarto de viés? De viés pelo número 34? Que isso queria dizer? Enquanto estavam ali sentados, deliberando e meneando a cabeça, um murro formidável fez estremecer a porta.

Todos ficaram atônitos. Era um assalto? Estava lá fora o dr. Krokowski para suspender a sessão proibida? Olharam-se consternados, aguardaram o ludibriado. Mas, no mesmo instante, houve outro murro estrondoso no centro da mesa, aplicado uma vez mais, com toda a força do punho, como para esclarecer que também o primeiro não tinha sido dado fora da sala, senão dentro.

Fora uma brincadeira de mau gosto do sr. Albin? Ele negou sob palavra de honra, mas já sem necessidade: todos estavam quase certos de que ninguém da roda era o culpado daquilo. De maneira que foi Holger? Juntos, lançaram para Elly o olhar, pois sua atitude quieta lhes chamara a atenção. Achava-se sentada, recostando-se no espaldar e apoiando na borda da mesa as pontas dos dedos, enquanto os pulsos pendiam para baixo. Inclinava a cabeça para um dos ombros, e alçava as sobrancelhas, ao passo que

baixava as comissuras dos lábios, formando uma boca bicuda. Esboçava um levíssimo sorriso, que tinha, a um só tempo, algo de fingido e algo de inocente. Os olhos azuis de criança miravam o vazio, sem nada perceber. Chamaram-na pelo nome, mas ela não deu sinal de vida. Nesse momento apagou-se a lampadazinha de cabeceira.

Apagou-se? A sra. Stöhr, incapaz de conter-se por mais tempo, começou a lançar gritos estridentes, pois acabava de ouvir o estalido da luz. Esta tinha sido apagada por mão que seria eufemístico qualificar de estranha. Fora a de Holger? Até então se mostrara tão brando, disciplinado e poético, mas a essa altura sua natureza estava a ponto de degenerar em puerilidade e traquinice. Quem poderia garantir que a mão que golpeava a porta e os móveis e apagava travessamente a luz não agarraria qualquer pessoa pela garganta? No escuro, clamaram por fósforos, por uma pilha elétrica. A Levi deu um berro, alegando que alguém a puxara pelos cabelos da frente. De tanto medo, a sra. Stöhr não se envergonhava de invocar Deus em alta voz.

— Ah, Deus nosso Senhor, salvai-nos mais esta vez! — gritava e suplicava gemendo que lhes fosse concedida a graça, apesar de terem tentado o inferno.

Foi o dr. Ting-Fu quem teve a ideia razoável de acender a luz do teto, de modo que o quarto logo se achou banhado de claridade. Verificaram então que a lâmpada de cabeceira de fato não se apagara sozinha, mas que alguém dera volta à chave; bastava repetir com mãos humanas essa manobra realizada por meios ocultos para que voltasse a luzir. Hans Castorp, por sua vez, teve enquanto isso uma surpresa que podia tomar por especial atenção das forças obscuras e pueris que ali se manifestavam. Encontrou sob os joelhos um objeto leve, o “suvenir” que em certa ocasião espantara seu tio, quando o descobrira na cômoda do sobrinho: o diapositivo de vidro que mostrava o retrato de Clawdia Chauchat, e que ele, Hans Castorp, certamente não introduzira no quarto de Kleefeld.

Guardou-o no bolso, sem mencionar o fenômeno. Os outros estavam ocupados com Ellen Brand, que continuava sentada no mesmo lugar, na posição que acabamos de descrever, com os olhos cegos e expressão estranhamente afetada. O sr. Albin soprou-lhe na cara e imitou diante de seus olhos o gesto com que o dr. Krokowski movera a mão de baixo para cima. Com isso, ela recobrou os sentidos e chorou um pouco, sem que ficasse claro por quê. Acariciaram-na, beijaram-lhe a fronte e mandaram-na dormir. A Levi dispôs-se a passar a noite em companhia da sra. Stöhr, já que de tanto pavor a mulher vulgar não sabia como encontrar a cama. Hans Castorp, com o apport no bolso interno, não fez objeção alguma quando foi convidado para terminar aquela noite irregular tomando um conhaque no quarto do sr. Albin, junto com os demais cavalheiros; pois tinha notado que incidentes desse gênero exerciam um certo efeito, não sobre o coração e tampouco sobre o espírito, mas sobre os nervos do estômago; efeito prolongado, parecido com o do enjoo nas viagens marítimas, cujas vítimas sentem ainda em terra firme, durante horas a fio, as oscilações causadoras das náuseas.

Por enquanto, a sua curiosidade estava satisfeita. No primeiro instante, o poema de Holger não lhe parecera mau, mas nitidamente se lhe impuseram a vacuidade íntima e a insipidez, aliás previstas, de tudo isso, de maneira que resolveu contentar-se com essas poucas faíscas dos fogos do inferno a esvoaçar em torno dele. O sr. Settembrini, como era de esperar, confirmou-o o mais possível nessa intenção, quando Hans Castorp lhe falou das suas experiências.

— Era só o que faltava! — exclamou o humanista. — Que miséria! Que miséria! — E sem rodeios declarou que a pequena Elly era uma impostora das mais ladinas.

A isso, o seu discípulo não disse sim nem não. Dando de ombros, opinou que não existia clareza inequívoca sobre o que era realidade, e, por conseguinte, não se sabia o que era impostura. Os limites talvez fossem instáveis. Podia ser que

houvesse transições de uma à outra, graus de realidade, no seio da natureza muda e neutra, esquivando-se a distinções que, a seu ver, tinham manifestamente um caráter moralizante. Que pensava o sr. Settembrini, por exemplo, da palavra “ilusão”, esse estado em que elementos do sonho e elementos da realidade formavam uma mescla que talvez fosse menos alheia à natureza do que aos nossos toscos pensamentos cotidianos. O mistério da vida era literalmente insondável, e não era de admirar que de vez em quando surgissem do abismo ilusões que… E assim por diante, no estilo amável, complacente e bastante vago que era peculiar ao nosso herói.

O sr. Settembrini ministrou-lhe a ensaboadela que merecia e realmente conseguiu fortalecer-lhe a consciência ao menos de momento. Obteve até uma espécie de promessa de que o seu discípulo nunca mais participaria de tamanhas perversidades.

— Respeite a parte de humanidade que o senhor encerra em si mesmo, Engenheiro — exortou-o. — Tenha confiança no raciocínio claro, humano, e abomine as contorções do cérebro, o atoleiro espiritual! Ilusões? Mistério da vida? Caro mio! Quando entra em decomposição a coragem ética de optar e de fazer uma distinção entre conceitos como a impostura e a realidade, acaba-se a vida em geral, da mesma forma que o juízo, os valores e o ato corretivo. E aí tem início a obra atroz de um processo de putrefação, causado pelo ceticismo moral.

E acrescentou ainda que o homem era a medida de todas as coisas e tinha o direito imprescindível de se pronunciar sobre o bem e o mal, sobre a verdade e a mentira. Ai de quem se atrevesse a desviar a humanidade da fé nesse direito criador! Para ele era melhor ser afogado no mais fundo de todos os poços, com uma mó em volta do pescoço.

Hans Castorp aprovou tudo isso com um gesto da cabeça. De fato, por ora começou a distanciar-se desse tipo de empresa. Ouviu dizer que o dr. Krokowski, no seu

subterrâneo analítico, organizava sessões com Ellen Brand, às quais era admitida uma parte seleta dos pensionistas. Mas o jovem declinou do convite com indiferença, o que naturalmente não impedia que os componentes da roda e o próprio dr. Krokowski o mantivessem mais ou menos a par dos êxitos alcançados no curso das suas experiências. Manifestações de forças no gênero das que se haviam produzido no quarto da Kleefeld de um modo arbitrário e brutal: murros aplicados à mesa e aos móveis, lâmpadas apagadas e outras coisas semelhantes, eram todas obtidas e praticadas durante essas reuniões, sistematicamente e com todas as garantias possíveis de sua autenticidade. Para esse fim o camarada Krokowski hipnotizava a pequena Elly conforme as regras da arte, a fim de transportá-la a um estado de sonambulismo. Evidenciara-se que um acompanhamento musical facilitava os exercícios. Por isso, o gramofone mudava de lugar naquelas ocasiões, requisitado pelo círculo mágico. Mas, como o tcheco Wenzel, que então se encarregava do serviço, fosse homem dotado de senso musical e que certamente não maltrataria nem danificaria nada, Hans Castorp podia confiar-lhe o instrumento sem grande inquietação. Para essa finalidade especial, tirava do tesouro de discos um álbum com uma seleção de peças leves, danças, pequenas aberturas e outras bagatelas musicais, que punha à disposição do grupo. Elly não fazia questão de ouvir sons mais sublimes, de maneira que esses discos lhe bastavam.

Acompanhado por esse tipo de música, assim se inteirava Hans Castorp, um lenço levantara-se do chão por iniciativa própria, ou melhor, guiado por uma “garra” escondida em suas dobras; o cesto de papéis do doutor esvoaçara rumo ao teto; o pêndulo de um relógio de parede fora, alternadamente, detido e acionado “por ninguém”; uma sineta tinha sido “apanhada” e agitada; e assim, outros fatos obscuros e insignificantes do mesmo calibre. O erudito diretor dessas experiências achava-se na feliz situação de

saber designar tais proezas por um nome grego cheio de decoro científico. Tratava-se, segundo explanava em suas conferências e colóquios particulares, de fenômenos telecinéticos, de casos de levitação. O doutor classificava-os numa categoria que recebera da ciência o nome de "materializações". Eram precisamente a elas que visavam os seus esforços nas tentativas realizadas com Ellen Brand.

Conforme a terminologia usada por ele, estavam à frente de complexos inconscientes, projetados biopsiquicamente para a esfera objetiva. O estado sonambúlico e a constituição mediúnica deviam ser considerados a fonte dessas projeções, que tinham de ser qualificadas como representações oníricas objetivadas, uma vez que nelas agia uma faculdade ideoplástica da natureza. Sob certas condições, o pensamento era capaz de atrair a matéria e de configurar-se nela, adquirindo uma realidade efêmera. Essa matéria emanava do corpo do médium, para adquirir, fora dele, a forma transitória de extremidades biologicamente vivas, como tentáculos ou mãos, que justamente efetuavam insignificâncias admiráveis, como essas que os convidados presenciaram no laboratório do dr. Krokowski. Às vezes esses membros eram visíveis e palpáveis, e suas formas podiam ser conservadas em parafina ou gesso. Em outros casos, porém, seu desenvolvimento não se limitava a isso. Diante dos olhos das pessoas que faziam as experiências, e a fim de entabular relações com elas, surgiam cabeças, semblantes de homens com feições individuais, fantasmas de corpo inteiro… E era nesse ponto que a teoria do dr. Krokowski começava a tornar-se estrábica, a olhar em duas direções simultaneamente e a assumir o mesmo caráter vacilante, ambíguo, que haviam revelado as suas expectorações acerca do "amor". Pois daí em diante já não se podia falar de forma inequívoca, nem inteiramente científica, das subjetividades do médium e seus ajudantes passivos enquanto entidades refletidas para a esfera real; entravam em jogo, ao menos participando ou contribuindo, egoidades

estranhas, vindas de fora ou do Além; tratava-se — possivelmente, mas não confessadamente — de algo não vivo, de seres que se aproveitavam da oportunidade complexa e secreta do momento para voltar à matéria e comunicar-se com quem os chamava; tratava-se, em suma, da evocação espiritista dos mortos.

Eram esses, pois, os resultados que o camarada Krokowski trabalhava por obter, assistido pelos seus. Atarracado, com um sorriso enérgico nos lábios, inspirando confiança alegre, dedicava-se a esse trabalho. Uma vez que ele pessoalmente estava familiarizado com aquele terreno suspeito, pantanoso, sub-humano, prestava-se muito bem para guiar através da região até os espíritos tímidos ou céticos. Graças aos dons extraordinários de Ellen Brand, que o doutor se empenhava em desenvolver e treinar, parecia sorrir-lhe pleno êxito, segundo contavam a Hans Castorp. Diversos componentes da roda já haviam sido tocados por mãos materializadas. O promotor Paravant recebera lá das esferas transcendentes uma violenta bofetada, que aceitara com satisfação científica, a ponto de, movido pela curiosidade, simplesmente oferecer a outra face, não obstante sua condição de cavalheiro, jurista e sócio veterano de uma agremiação de estudantes, cujo código de duelo o teria obrigado a uma atitude muito diferente se o golpe houvesse partido de mãos vivas. A. K. Ferge, o singelo sofredor que ficava alheio a todas as coisas sublimes, segurara na mão uma das tais extremidades de fantasma e verificara pelo tato que era bem-conformada e completa, antes de ela se esquivar de um modo indescritível ao seu aperto cordial nos limites prescritos pelo respeito. Escoou-se um período bastante longo, quase dois meses e meio, com duas sessões por semana, até que uma mão do outro mundo, mão de um jovem, segundo parecia, mostrou-se aos olhos de todos, irradiada pela luz rosada de uma lampadazinha de mesa, revestida de papel encarnado. Tateando, a mão passou por sobre a superfície da mesa e deixou seu rastro num pote de

barro, cheio de farinha. Mas oito dias depois aconteceu que um grupo de colaboradores do dr. Krokowski, o sr. Albin, a Stöhr e o casal Magnus, irrompeu por volta da meia-noite no compartimento de sacada de Hans Castorp, que ali cochilava em meio ao frio glacial. Com todos os sinais de entusiasmo desenfreado e de arrebatamento febril, relataram em palavras precipitadas o seguinte: o Holger da Elly acabava de aparecer, sua cabeça surgira por cima do ombro da sonâmbula; ele tinha realmente "lindos cachos castanhos, castanhos" e sorrira com uma expressão inesquecível, pela brandura e melancolia, antes de voltar a sumir.

Como se harmonizava, ponderou Hans Castorp, essa aflição distinta com a conduta que Holger manifestava em outras ocasiões, com certas criancices sem graça e com aquela molecagem pura e simples, que constituía a bofetada nada melancólica que se desferira no promotor? Evidentemente não se podia exigir, nesse caso, uma coerência lógica de caráter. Talvez se encontrassem ante uma mentalidade semelhante à do Corcundinha da canção popular, com sua malícia patética e sua ânsia de que se reze por ele. Os admiradores de Holger não pareciam preocupados com isso. O que tencionavam fazer era que Hans Castorp se determinasse a abandonar seu isolamento. Insistiram em que ele não deixasse de assistir à próxima sessão, agora que tudo ia às mil maravilhas. Pois Elly prometera, enquanto dormia, que da próxima vez apresentaria qualquer falecido cuja presença o círculo reclamasse.

Qualquer falecido? Mesmo assim Hans Castorp persistiu em sua atitude negativa. Mas o fato de se poder chamar qualquer falecido continuou a absorvê-lo durante os três dias seguintes, a ponto de chegar a decisões completamente opostas. No fundo não foram os dias, senão apenas alguns minutos que o demoveram a um tal resultado. A mudança de opinião realizou-se a uma hora solitária da noite, no salão de música, enquanto ele ouvia

mais uma vez aquele disco ao qual a personalidade ultrassimpática de Valentim imprimira seu cunho peculiar. Sentado em sua cadeira, Hans Castorp ouviu aquela prece guerreira, despedida de um homem de valor, que o impulsionava ao campo da honra, e ele a cantar:

— E se Deus me chama às alturas celestes,
A ti voltarei os meus olhos, fiel,
oh Margarete!

Como acontecia sempre que tocava essa ária, sentiu-se possuído de uma veemente emoção, que dessa vez, aumentada por certas possibilidades, se condensou a ponto de transformar-se em desejo. E ele pensou: “Pecaminoso e ocioso, ou não, em todo caso viria a ser algo gentil e inusitado, uma aventura amável. E ele, caso tenha a ver com isso, não me guardará rancor, se o conheço bem”. Lembrou-se então da maneira amável e displicente como fora pronunciada a resposta: “Pois não!”, nas trevas do gabinete de radioscopia, quando achara necessário pedir licença para certas indiscrições ópticas.

Na manhã do dia seguinte avisou que tomaria parte na sessão marcada para a noite. Uma hora após o jantar reuniu-se aos outros, que se encaminhavam ao andar subterrâneo, conversando sem nervosismo, habituados como estavam ao sobrenatural. Na escada encontrou o dr. Ting-Fu e o tcheco Wenzel, mas também os outros que se reuniram no calabouço do dr. Krokowski eram membros fundadores do grupo ou pelo menos veteranos traquejados, como, por exemplo, os srs. Ferge e Wehsal, o promotor público, as sras. Levi e Kleefeld, para não falar das pessoas que o haviam informado da aparição da cabeça de Holger, e a médium, Elly Brand, é claro.

A garota nórdica já se achava sob a guarda do médico, quando Hans Castorp passou pela porta adornada por um cartão de visita. Enquanto Krokowski, com o avental preto de trabalho, cingia-lhe paternalmente o ombro, ela esperava

os convidados ao sopé dos degraus que, no nível do andar subterrâneo, conduziam à habitação do assistente; e ela os cumprimentava um a um, tal qual o doutor. Essas saudações mostravam de ambas as partes um caráter despreocupado, alegre e cordial. Visivelmente tinham todos o firme propósito de não deixar entrar no ambiente a menor angústia solene. Conversavam entre si em voz alta, gracejavam, trocavam cotoveladas animadoras, para demonstrar das mais diversas maneiras a falta de acanhamento. Entre a barba do dr. Krokowski apareciam constantemente os dentes amarelados, com aquela peculiar expressão tranquilizadora e robusta, ao repetir diante de cada integrante da roda: "Saudações! Êntgue, porr favorr"; e apareceram ainda mais quando ele cumprimentou Hans Castorp, que estava taciturno e trazia no rosto sinais de indecisão. O anfitrião saudou-o com um enérgico aceno de cabeça, apertando-lhe a mão com força quase brutal.

— Ânimo! Não há motivo para andar cabisbaixo. Aqui não há poltrões nem beatos, mas somente o humor viril da pesquisa sem preconceitos.

A pantomima não o fez sentir-se mais à vontade. Como mencionamos, tomara sua decisão sob a lembrança do gabinete de radioscopia; mas essa associação de ideias não basta, em absoluto, para definir seus sentimentos. Ao contrário, eles antes lhe evocavam a recordação de um estado de alma singular e inesquecível, mescla de nervosismo, petulância, curiosidade, menosprezo e devoção, que tomara conta dele fazia muitos anos, quando entrara pela primeira vez, levemente tocado e em companhia de amigos, num bordel do bairro de Sankt Pauli.

Como já estivessem todos presentes, o dr. Krokowski e duas ajudantes, que eram dessa vez a sra. Magnus e a srta. Levi com a tez de marfim, retiraram-se à sala vizinha para examinar a médium. Enquanto isso, Hans Castorp permaneceu com os nove outros componentes da roda no consultório do assistente, aguardando o fim dessa cerimônia

de rigor científico, que se celebrava antes de todas as sessões e sempre sem resultado algum. A peça era-lhe familiar, desde certas horas que ali passara, às escondidas de Joachim, “palavreando” com o analista. Nos fundos, à esquerda, perto da janela, havia uma escrivaninha com uma cadeira de braços e outra poltrona para o paciente; a ambos os lados da porta lateral, via-se uma biblioteca de consulta; um biombo de vários painéis separava a escrivaninha e as cadeiras de uma chaise-longue forrada de oleado, colocada diagonalmente no ângulo direito do gabinete, onde também se achava uma vitrine de instrumentos; num outro canto erguia-se um busto de Hipócrates, ao passo que acima da lareira a gás, na parede direita, estava pendurada uma gravura reproduzindo a *Anatomia* de Rembrandt. Em suma, era uma sala de consultas típica, semelhante a muitíssimas outras. Mas para a finalidade especial dessa noite haviam sido feitas modificações na mobília. A mesa redonda de acaju, que normalmente se encontrava cercada de poltronas no centro da peça, embaixo do lustre elétrico e sobre o tapete vermelho que cobria quase todo o assoalho, fora deslocada para o primeiro plano, em direção ao ângulo esquerdo, junto do busto de gesso; ao passo que outra mesinha revestida de uma toalha leve, e na qual se achava uma lâmpada de abajur vermelho, tinha sido colocada nas proximidades da lareira acesa, que irradiava um calor seco. Por cima dessa mesinha pendia do teto outra lâmpada escondida atrás de véus vermelhos e negros. Na mesa e a seu pé viam-se alguns objetos de vasta notoriedade: a sineta, ou melhor, duas sinetas de construção diferente, uma de badalo e a outra parecida com uma campainha; havia, além disso, um prato com farinha e um cesto de papéis. Cerca de uma dúzia de cadeiras e poltronas de diversos tipos circundavam a mesinha, formando um semicírculo, desde os pés da chaise-longue até quase o centro da sala, onde se achava o lustre. Era ali, perto da última cadeira, a meio caminho da porta lateral, que a vitrola encontrara seu

lugar. O álbum com as peças frívolas jazia numa banqueta próxima. Tais haviam sido os preparativos. As lâmpadas vermelhas ainda não estavam acesas. O candelabro central difundia uma luz branca e clara. A janela, com uma das faces estreitas da escrivaninha voltada para ela, estava oculta atrás de duas cortinas, uma escura, e a outra rendilhada de cor creme, conhecida como store.

Ao cabo de dez minutos, o doutor voltou do gabinete vizinho, acompanhado das três senhoras. O aspecto da pequena Elly mudara consideravelmente. Em lugar do vestido trazia uma espécie de traje de sessão, algo semelhante a um chambre de crepe branco, com um cordão em torno da cintura, e que deixava desnudos os braços delgados. Os seios de moça desenhavam-se macios e soltos sob a fazenda, dando a impressão de que ela, sob o chambre, não vestia quase nada.

Cumprimentaram-na vivamente.

— Olá, Elly! Tão encantadora de novo! Uma verdadeira fada! Muito sucesso, meu anjo!

Ela sorriu tanto pelas aclamações como por sua vestimenta, que, como não ignorava, lhe ficava muito bem.

— Inspeção prévia: resultado negativo — anunciou o dr. Krokowski. — Pois então, mãos à obra, camaradas! — acrescentou, com seus peculiares “erres” palatais, exóticos, produzidos por um simples golpe de língua. Hans Castorp, mal impressionado por esse vocativo, estava a ponto de escolher um lugar, tal como faziam os demais, entre gritos, conversas e palmadinhas no ombro. Mas, nesse instante, o médico dirigiu-se a ele pessoalmente.

— Meu amigo (meu amiêgo) — ele disse —, uma vez que o senhor se encontra hoje no nosso meio como visitante, ou, em certo sentido, como novato, gostaria de outorgar-lhe por esta noite um direito especialmente honroso. Confio-lhe o encargo de controlar a nossa médium. Praticamos esse controle da seguinte maneira.

E rogou ao jovem que se aproximasse de uma das

extremidades do semicírculo. Era aquela que ficava próxima do biombo e da chaise-longue. Ellen Brand instalara-se ali numa simples cadeira de vime, voltando o rosto mais para a porta de entrada com os degraus do que para o centro do aposento. O doutor sentou-se em outra cadeira igual, logo à sua frente, e apanhou-lhe as mãos, enquanto apertava os joelhos da garota entre os seus.

— Faça como eu, imite essa ação! — ordenou, cedendo o lugar a Hans Castorp. — O senhor deve admitir que ela está totalmente presa. Mas o senhor ainda terá uma assistente. Tenha a bondade, minha prezada srta. Kleefeld! — A moça, mobilizada por essas palavras urbanas e exóticas, juntou-se ao grupo para agarrar com ambas as mãos os pulsos frágeis de Elly.

Hans Castorp não pôde abster-se por completo de contemplar o rosto, tão próximo do seu, da donzela prodígio que mantinha estreitamente aprisionada. Encontraram-se os olhos, mas os de Elly, fugindo, abaixaram-se em sinal de um pudor bem compreensível em vista daquela situação. Ao mesmo tempo, ela esboçou um sorriso um tanto afetado, com a cabeça obliquamente inclinada e com a boca levemente bicuda, como fizera durante a sessão da taça. No jovem encarregado de vigiá-la isso evocou, aliás, uma outra recordação mais remota: fora mais ou menos assim que sorrira Karen Karstedt, quando, em companhia dele e de Joachim, se achara diante do jazigo ainda intacto no cemitério do "vilarejo"...

Os componentes do semicírculo acabavam de sentar-se. Ele se compunha de treze pessoas, sem incluir o sr. Wenzel, que tinha o hábito de consagrar sua pessoa ao serviço de Polyhymnia. Depois de ligar o aparelho, o tcheco ocupou um tamborete nas proximidades, às costas do auditório que ficava com os rostos voltados para o centro da sala. Também tinha consigo o violão. Sob o lustre central, na outra extremidade da fileira curva, o dr. Krokowski tomou assento, depois de ter acendido, com uma só manobra, as duas

lâmpadas vermelhas, e de ter apagado, com outra, a luz do teto. Uma escuridão suavemente avermelhada envolvia o aposento, cujas zonas e recantos mais afastados se esquivavam ao olhar. Somente a superfície da mesinha e o que lhe ficava em torno estavam iluminados por uma débil luz rubra. Durante os minutos que se seguiram, mal se enxergava o vizinho mais próximo. Apenas lentamente os olhos acomodaram-se às trevas e aprenderam a aproveitar a pouca luz que lhes era concedida, e que as pequenas labaredas, dançando na lareira, intensificavam até certo ponto.

O dr. Krokowski dedicou algumas palavras à iluminação, cuja insuficiência do ponto de vista científico procurou desculpar. Estaria redondamente enganado quem a interpretasse como destinada a criar uma atmosfera sugestiva, propícia a mistificações. Apesar da melhor boa vontade não se podia, infelizmente, trabalhar com uma luz mais forte. À natureza das forças em apreço, que lhes cabia estudar, era inerente a incapacidade de se desenvolver e produzir efeitos com luz branca. Esse era um fato fundamental com que deviam conformar-se... Hans Castorp, por sua vez, estava muito satisfeito com isso. A escuridão lhe fazia bem. Atenuava a singularidade da situação. Para justificar a escuridão, o jovem chamou à memória, além disso, as outras trevas do gabinete de radioscopia, que faziam a gente concentrar-se piedosamente; nelas, os olhos habituados ao dia eram purificados, antes de que pudessem "ver".

— A médium — prosseguia o assistente na sua introdução, que evidentemente se dirigia a Hans Castorp em particular — já não tinha necessidade de ser adormecida por ele, o médico. Como o controlador logo teria oportunidade de verificar, Elly caía espontaneamente em estado de transe, e feito isso, o guardião-fantasma, o famoso Holger, falava por intermédio da sua boca. Era a ele, e não a ela, que se deviam expressar os respectivos desejos. Por outra parte

consistiria em erro, que poderia causar até o malogro da tentativa, crer que seria preciso concentrar a vontade e os pensamentos, com todas as forças, no fenômeno esperado. Pelo contrário, o mais indicado era uma atenção ligeira, distraída por meio de conversas. Recomendou a Hans Castorp que não perdesse o controle perfeito das extremidades da médium.

— Formem a cadeia! — ordenou por fim o dr. Krokowski, e assim fizeram, rindo, quando não encontravam, na escuridão, as mãos dos vizinhos. O dr. Ting-Fu, que tinha o lugar ao lado de Hermine Kleefeld, deitou a mão direita no ombro dela, e estendeu a esquerda ao sr. Wehsal, que era o elo seguinte da cadeia. Junto do médico achavam-se o sr. e a sra. Magnus, seguidos por A. K. Ferge, que, se Hans Castorp não se enganava, segurava a mão da Levi com a tez de marfim; e assim por diante… “Música!”, comandou o dr. Krokowski, e o tcheco, às costas do assistente e dos seus vizinhos, pôs o aparelho em ação e colocou a agulha no disco. “Conversem!”, ordenou Krokowski novamente, enquanto ressoavam os primeiros compassos de uma abertura de Millöcker. E docilmente todos se esforçaram por entabular uma palestra, que tratava de nada, absolutamente nada; falaram ora da neve caída nesse inverno, ora do cardápio da última refeição, ora da chegada de um novo pensionista, ora enfim de partidas autorizadas ou “em falso”. Meio abafada pela música, interrompendo-se e recomeçando, a conversa mantinha-se numa animação artificial. Assim se passaram alguns minutos.

O disco ainda não chegara ao fim quando Elly teve um sobressalto violento. Um tremor percorreu-a toda. Gemeu. O tronco inclinou-se para a frente, de maneira que a testa tocava a de Hans Castorp. Ao mesmo tempo começaram os braços a mover-se de um modo estranho, avançando e recuando bruscamente, como se acionassem uma bomba.

— Transe! — anunciou a Kleefeld com perícia. A música emudeceu. A conversa parou. Através do silêncio repentino

ouvia-se a branda e arrastada voz de barítono do doutor, que perguntava:

— Holger está presente?

Elly estremeceu novamente. Gingou na cadeira. Então Hans Castorp sentiu como as duas mãos da médium apertavam as suas, com força e movimentos breves.

— Ela está me apertando as mãos — comunicou aos outros.

— Ele — corrigiu-o o médico. — Foi ele quem as apertou. De modo que se acha presente. Salve, Holger — continuou com a unção. — Seja bem-vindo, companheiro, de todo o coração! E permita-me recordar-lhe: a última vez que esteve entre nós, você prometeu que chamaria qualquer falecido, qual fosse o irmão ou a irmã que lhe citasse alguém de nossa roda; e que você o tornaria visível a nossos olhos mortais. Você está disposto e se sente capaz de cumprir hoje essa promessa?

Elly tremeu outra vez. Suspirou. Hesitou antes de responder. Vagarosamente, levou as suas mãos e as de seus assistentes até à testa, onde as manteve imóveis por alguns instantes. Depois segredou ao ouvido de Hans Castorp um "sim" ardente.

O sopro dessa palavra, adentrando-lhe diretamente o ouvido, causou ao nosso amigo aquele arrepio epidérmico que o povo chama de "pele de galinha" e cuja natureza o conselheiro lhe explicara certa vez. Falamos de um arrepio instintivo, para distinguir o fenômeno puramente corporal do psíquico, uma vez que aquilo nada tinha que ver com um verdadeiro horror. O que o jovem pensou nesse momento foi pouco mais ou menos o seguinte: "Ora vejam, ela promete mundos e fundos!". Mas ao mesmo tempo sentiu-se comovido e consternado; sim, invadiu-o um sentimento confuso que tinha origem na circunstância enganadora de que essa moça tão nova, cujas mãos segurava, lhe sussurrara ao ouvido a palavra "sim".

— Ele disse "sim" — informou Hans Castorp, embaraçado.

— Muito bem, Holger! — disse o dr. Krokowski. — Nós lhe

tomamos a palavra ao pé da letra. Temos confiança em que você fará tudo quanto estiver em seu poder. Logo saberá o nome do ente querido cujo comparecimento desejamos... Camaradas — continuou, dirigindo-se ao grupo —, digam de uma vez! Quem é que tem um desejo? Qual é a criatura que nosso amigo Holger deve fazer aparecer?

Seguiu-se profundo silêncio. Todos esperavam que o vizinho se manifestasse. Verdade é que cada qual, individualmente, escrutara nesses últimos dias o seu íntimo, para saber em que direção e para que pessoa rumavam seus pensamentos. Mas a volta dos mortos, isto é, o desejo por tal volta, nunca deixa de ser coisa problemática e delicada. Em última análise, e falando com franqueza, esse desejo não existe; é uma ilusão; à luz do dia, é tão impossível como a própria coisa que se tornaria visível caso a natureza, num caso particular, abolisse tal impossibilidade. O que chamamos "luto" talvez não seja a dor que nos inflige a impossibilidade de ver os nossos mortos voltarem à vida, senão a outra que experimentamos diante do fato de sermos incapazes de desejar tal coisa.

Todos tinham, vagamente, essa sensação. Embora dessa vez não se tratasse de uma volta séria e verdadeira à vida, mas apenas de um arranjo puramente sentimental e teatral, cuja única finalidade era ver o finado; embora, por conseguinte, o ato fosse inofensivo do ponto de vista da vida, apavoravam-se diante da ideia de encarar o ente em que pensavam, de maneira que cada um preferia abandonar ao vizinho o privilégio de expressar um desejo. Também Hans Castorp não se adiantou, ainda que ouvisse através das trevas aquele "Pois não!" bondoso e complacente. No último instante, estava disposto a deixar a primazia a outrem. Mas, como aquilo se prolongasse por muito tempo, voltou a cabeça para o presidente da sessão e disse com voz velada:

— Eu queria ver meu falecido primo Joachim Ziemssen.

Foi um alívio para todos. Dos componentes do grupo,

somente o dr. Ting-Fu, o tcheco Wenzel e a própria médium não tinham conhecido pessoalmente o defunto citado. Os demais, Ferge, Wehsal, o sr. Albin, o promotor, o casal Magnus, a Stöhr, a Levi e a Kleefeld, demonstraram sua aprovação com ruídos e alegria. Até o dr. Krokowski fez um gesto de satisfação, se bem que suas relações com Joachim sempre houvessem sido um tanto frias, pois este se mostrara recalcitrante em matéria de análise.

— Ótimo — disse o doutor. — Ouviu, Holger? Em vida, você não conheceu a pessoa designada. Será que você a reconhece no Além das coisas, e está disposto a guiá-la até nós?

A tensão foi grande. A adormecida gingava, dava suspiros, estremecia. Parecia procurar e lutar, enquanto se deixava cair ora para um ora para outro lado, murmurando palavras incompreensíveis ao ouvido de Hans Castorp ou da Kleefeld. Por fim, Hans Castorp recebeu de ambas as mãos de Elly o aperto que significava “sim”. Comunicou o fato aos demais e…

— Pois bem! — exclamou o dr. Krokowski. — Mãos à obra, Holger!… Música! — ordenou. — Conversem! — E mais uma vez lhes recomendou que para servir à causa nada adiantava concentrar-se sofregamente nem fixar todas as ideias na visão esperada, senão prestar uma atenção vaga, desembaraçada.

Seguiram-se então horas mais estranhas do que a vida curta do nosso herói continha até esse momento. Ainda que não possamos vislumbrar com absoluta clareza os seus destinos ulteriores e o percamos de vista em determinado ponto da nossa história, sentimo-nos inclinados a crer que foram as mais estranhas que chegou a viver.

Havemos por bem avisar os nossos leitores previamente de que se trata de horas inteiras, mais de duas, inclusive uma pequena interrupção do “trabalho” que agora começava; esse trabalho de Holger ou, na realidade, da donzela Elly, que se prolongava terrivelmente, de maneira que todos já

estavam prestes a desesperar de um resultado positivo. Acrescia a isso que, por pura misericórdia, muitas vezes se sentiam tentados a resignar-se e abreviar o trabalho que de fato parecia imensamente difícil e dava a impressão de ultrapassar as forças débeis da rapariga a quem fora cometido. Nós, homens, a não ser que nos esquivemos às coisas humanas, conhecemos, de uma determinada situação da vida, aquela compaixão intolerável, mas ridícula, porque não aceita por ninguém; uma compaixão inoportuna, talvez; conhecemos aquele grito indignado: "Basta!", que tende a se desprender do nosso peito, posto que "aquilo" não possa nem deva "bastar" e que seja preciso terminá-lo dessa ou daquela forma. Já devem ter compreendido que nos referimos à nossa função de esposo e de pai, bem como ao processo do parto, ao qual a luta de Elly se assemelhava de maneira tão inequívoca e inconfundível que mesmo aqueles que ainda não o conheciam tinham de reconhecê-lo. Tal era o caso do jovem Hans Castorp, já que tampouco ele mesmo se havia esquivado à vida. Foi, pois, sob essas condições que travou conhecimento com aquele ato cheio de misticismo orgânico. Sob que condições? E com que finalidade? Era impossível qualificar com outro adjetivo, exceto escandalosos, os pormenores e as particularidades dessa sala de partos tão animada, banhada em luz vermelha. Isso se aplicava tanto à pessoa virginal da parturiente, com o roupão flutuante e os bracinhos desnudos, como ao resto do ambiente, a saber, a música incessante e leviana que partia do gramofone, as conversas artificiais que o semicírculo mantinha para cumprir a ordem recebida, as aclamações joviais e estimulantes que os componentes da roda dirigiam sem cessar à garota que ali se contorcia:

— Vamos, Holger! Coragem! Vai dar certo! Continue assim! Mais um pouco e você consegue!

E absolutamente não excetuamos a figura e a posição do "marido", desde que consideremos Hans Castorp como tal, por ter sido ele a manifestar o desejo: o marido que

comprimia os joelhos da “mãe” com os seus e lhe segurava as mãos; essas mãozinhas que estavam tão úmidas como haviam sido as da pequena Leila, de maneira que era preciso apertá-las sempre, para evitar que lhe escapassem.

Pois a lareira a gás, às costas das pessoas sentadas nas suas proximidades, irradiava forte calor.

Misticismo e solenidade? Nada disso! Era barulhento e banal aquilo que se passava nas trevas vermelhas, às quais os olhos, pouco a pouco, se haviam habituado a ponto de dominarem a maior parte do aposento. A música e os gritos recordavam os métodos que emprega o Exército de Salvação, com o fim de galvanizar o auditório; essa recordação impunha-se até a quem, como Hans Castorp, jamais assistira a um serviço divino desses fanáticos jubilosos. Não era num sentido fantasmagórico que essa cena parecia mística, misteriosa, capaz de inspirar pensamentos piedosos a pessoas sensíveis, senão unicamente num sentido natural, orgânico, e já mencionamos o parentesco próximo e íntimo que era a fonte dessa associação de ideias. Os esforços de Elly produziam-se à maneira de dores do parto, depois de intervalos de repouso, durante os quais ela pendia frouxamente para o lado da cadeira, num estado inacessível, que o dr. Krokowski definiu como “transe profundo”. Em seguida tornava a sobressaltar-se; revolvia-se; lutava com os vigilantes; sussurrava-lhes nos ouvidos palavras ardentes, sem nexo; fazia bruscos movimentos laterais como se quisesse expulsar alguma coisa do seu próprio corpo; rangia os dentes; em certa ocasião até mordeu a manga de Hans Castorp.

Isso durou uma hora ou talvez mais. Por fim, o presidente da sessão julgou indicado intercalar uma pausa. O tcheco Wenzel, que, para variar um pouco, terminara poupando o aparelho e tocando o violão com grande habilidade, pôs o instrumento de lado. Com um suspiro de alívio, soltaram-se as mãos. O dr. Krokowski encaminhou-se à parede, para

acender a luz do teto. A claridade branca se fez tão deslumbrante que todos piscavam como tolos os olhos acostumados à noite. Elly dormia, muito inclinada para a frente, com o rosto quase a tocar as coxas. Via-se como se entregava a uma atividade estranha que parecia familiar aos outros, mas que Hans Castorp contemplou com atenção e surpresa: durante alguns minutos ela passou a mão cava, de cá para lá, pela zona dos quadris, estendendo-a e recolhendo-a num gesto de quem, ao trabalhar com uma concha ou um ancinho, procurasse juntar e puxar algo para si. Por fim estremeceu várias vezes e acordou. Piscando como tola, também ela, com os olhos sonolentos, esboçou um sorriso.

Foi um sorriso gracioso, um tanto alheado. A compaixão que haviam sentido ao vê-la penar parecia realmente desperdiçada. A rapariga não dava a impressão de estar particularmente exausta. Talvez nem sequer se lembrasse dos seus trabalhos. Estava sentada na poltrona dos enfermos, perto da janela, entre a escrivaninha e o biombo que escondia a chaise-longue. Dera meia-volta à cadeira, de modo que pudesse apoiar o braço na superfície da escrivaninha e olhar para dentro da sala. Deixava-se estar assim, alvo de olhares comovidos, recebendo de vez em quando um aceno alentador, e guardando silêncio durante todo esse intervalo que se prolongou por quinze minutos.

Tratava-se de um verdadeiro recreio que dava oportunidade para descansar e para contemplar, com suave satisfação, a obra já realizada. Abriram-se as cigarreiras dos homens. Fumavam com prazer. Aqui e ali se formavam grupos que discutiam o caráter da sessão. Estavam longe de desanimar ou de encarar o fracasso definitivo. Existiam sintomas próprios para deter tal ceticismo. Todos aqueles que ocupavam os lugares na extremidade oposta do semicírculo, vizinho ao do médico, afirmavam unanimemente que haviam sentido, diversas vezes e com absoluta nitidez, aquela aura fria que costumava partir da

médium e avançar numa determinada direção, cada vez que se preparavam aparições. Outros pretendiam ter notado fenômenos luminosos, manchas brancas, aglomerações movediças de energias que acabavam de se manifestar nas proximidades do biombo. Numa palavra: nada de relaxamento! Nada de poltroneria! Holger empenhara a sua palavra, e não tinham direito de duvidar de que a cumpriria.

O dr. Krokowski deu o sinal para recomeçar a sessão. Enquanto todos voltavam aos lugares, reconduziu a médium pessoalmente até a cadeira dos seus tormentos, acariciando-lhe os cabelos. Tudo se passou como antes. Hans Castorp pediu que o substituíssem no cargo de primeiro vigilante, mas o presidente se opôs. Disse que fazia questão de oferecer à pessoa que expressara o desejo o contato físico direto com a médium, a fim de garantir-lhe que praticamente não havia, por parte desta, quaisquer possibilidade de manipulações fraudulentas. Foi assim que Hans Castorp voltou a ocupar sua estranha posição à frente de Elly. A luz transformou-se em trevas vermelhas. Recomeçou a música. Novamente se produziram depois de poucos minutos os bruscos tremores de Elly e o movimento de dar impulso a uma bomba. Dessa vez foi Hans Castorp quem anunciou o transe. O parto escandaloso prosseguiria.

E como seguiu! De um modo terrivelmente penoso... Parecia não querer seguir — e era capaz? Que loucura! De onde vinha a maternidade nesse caso? Parir... mas como? E o quê?

— Acudam! Acudam! — gemia a garota, enquanto as dores ameaçavam converter-se naquele estado desfavorável e perigoso de espasmo constante, ao qual os peritos da obstetrícia deram o nome de eclampsia. Às vezes chamava o doutor, pedindo que lhe impusesse as mãos. O assistente assim fez, encorajando-a com vigor. A magnetização, se é que se tratava de tal, fortaleceu-a para novas lutas.

Dessa forma transcorreu a segunda hora, durante a qual se alternavam os arpejos do violão e as peças fúteis da vitrola,

ressoando pelo recinto, a cuja semiescuridão os olhos acabavam de se acostumar outra vez. Então ocorreu um incidente. Foi Hans Castorp quem o provocou, ao dar uma sugestão ou ao pronunciar um desejo, uma ideia, que fomentara havia muito, ou melhor, desde o início da sessão, e talvez devesse ter manifestado antes. A essa altura, Elly se achava num transe profundo, apoiando o rosto nas mãos agarradas, e o sr. Wenzel estava a ponto de mudar ou de virar o disco. Nesse instante, o nosso amigo pôs-se a falar resolutamente, dizendo que queria fazer uma proposta — nada de importância, aliás, mas cuja realização poderia ser útil. Disponho… isto é, a discoteca da casa dispõe de uma peça de Gounod, "Margarete", a Oração de Valentin, para voz de barítono com orquestra, muito bonita. Ele, que proferia sua fala, era de opinião de que caberia experimentar com esse disco.

— E por quê? — perguntou o médico através da obscuridade vermelha.

— Por motivos sentimentais, questão de ambientação — afirmou o jovem. O espírito da referida peça era peculiar e muito especial. Valeria a pena fazer uma tentativa. A seu ver não era impossível que esse espírito ou caráter da ária abreviasse o processo em que se achavam empenhados.

— O disco está aqui? — indagou o doutor.

Não, não estava. Mas Hans Castorp poderia ir buscá-lo.

— Isso não! — Krokowski rejeitou peremptoriamente essa ideia. Mas como? Será que Hans Castorp tencionava ir e vir sem mais aquela, procurar um objeto e reencetar depois o trabalho interrompido? Nisso se demonstrava a sua inexperiência. Não, aquilo era impraticável. Tudo ficaria anulado, e seria preciso voltar ao ponto de partida. Também a exatidão científica vedava essas idas e vindas arbitrárias. Ele, o doutor, estava com a chave no bolso. Numa palavra, se o disco não se achasse disponível, melhor seria… Ainda prosseguia falando quando o aparteou o tcheco, do seu lugar ao pé do fonógrafo:

— O disco está aqui.
— Aqui? — perguntou Hans Castorp…
Sim, aqui mesmo. Margarete, "Oração" de Valentin. Às ordens! Excepcionalmente, o disco tinha sido colocado no álbum das peças fúteis, e não no álbum verde número II, o das árias, onde devia encontrar-se segundo sua categoria. Por acaso, excepcionalidade, desleixo ou feliz coincidência, ele fora misturado com as bagatelas, de maneira que bastava colocá-lo no aparelho.
Que é que Hans Castorp dizia sobre isso? Nada. Foi o médico que disse: "Tanto melhor!", e algumas pessoas repetiram suas palavras. A agulha meteu-se a chiar, abaixou-se a tampa. E uma voz máscula começou a cantar, entre os acordes de um hino sacro: "Antes de deixar este lugar…".
Ninguém falava. Todos ouviam. Com as primeiras notas cantadas, Elly reiniciara o seu trabalho. Sobressaltou-se; lançou gemidos; executou o movimento de dar impulso à bomba, e tornou a levar à testa as mãos úmidas, escorregadias. O disco continuava a girar. Veio a estrofe intermediária, com a modificação do ritmo, o trecho que tratava, de modo intrépido, pio, francês, de combates e perigos. Concluído ele, seguiu-se o fim, a reprise do começo reforçada pela orquestra, de um retumbar poderoso: "Oh, Senhor dos Céus, acolhe minha súplica…".
Hans Castorp estava ocupado com Elly. A rapariga corcoveava, lutava por aspirar pela garganta angustiada. A seguir entrou em colapso, com um suspiro, e daí por diante permaneceu imóvel. Hans Castorp, desassossegado, estava se curvando por cima dela, quando ouviu a voz chorosa e pipilante da Stöhr, que disse:
— Ziem… ssen!
O jovem não se aprumou. Sentiu na boca um sabor amargo. Ouviu uma outra voz profunda e fria, que replicava:
— Já faz tempo que o vejo.
O disco chegara a seu fim. Perdera-se no ar o derradeiro

acorde dos sopros. Mas ninguém fez o aparelho parar. Chiando em vão através do silêncio, a agulha prosseguia a percorrer a parte central do disco. Então Hans Castorp levantou a cabeça, e seus olhos, sem necessidade de procurar, tomaram a direção certa.

Havia no aposento uma pessoa mais. Ali, a alguma distância do grupo, nos fundos do gabinete, no ponto em que os restos da luz vermelha quase se confundiam com a escuridão, de modo que a vista mal avançava até ele, ali entre o lado comprido da escrivaninha e o biombo, sentado na poltrona dos pacientes do médico, que Elly ocupara durante o intervalo, estava Joachim. Era Joachim, com as sombras das faces encovadas e com a barba de guerreiro dos seus últimos dias, essa barba em meio à qual ressaltavam os lábios, cheios e altivos. Recostava-se ao espaldar e tinha uma perna cruzada sobre a outra. Não obstante o abrigo da cabeça, que lhe obscurecia as feições, distinguia-se novamente no seu rosto o cunho do sofrimento, bem como aquela expressão grave, austera, que lhe conferira tanta beleza viril. Duas rugas sulcavam a testa entre os olhos afundados nas órbitas ossudas; mas isso não diminuía a brandura do olhar desses olhos belos, grandes, escuros, que se dirigiam, numa interrogação calma e amistosa, para Hans Castorp, e só para ele. Sua pequena aflição de tempos passados — as orelhas de abano — continuava perceptível sob o abrigo da cabeça, esse abrigo estranho que ninguém sabia explicar. O primo Joachim não estava à paisana. Um sabre, cujo punho segurava com as duas mãos, parecia encostado na coxa da perna cruzada. Na cintura podia-se distinguir um coldre. Mas aquilo que trazia não era um verdadeiro uniforme. Nada nele era brilhante nem colorido. Era uma espécie de túnica, de gola virada e com bolsos laterais. Na parte inferior do peito achava-se uma cruz. Os pés de Joachim pareciam bastante grandes e as pernas, muito finas; estavam enroladas em grevas, o que lhes dava um aspecto desportivo antes que militar. E que

significava aquele abrigo da cabeça? Tinha-se a impressão de que Joachim se cobrira com uma marmita de soldado, com uma panela de cozinha que fixara sob o queixo por meio da jugular. Mas, coisa estranha!, aquilo lhe emprestava ares antigos, de lansquenete, e essa marcialidade assentava-lhe bem.

Hans Castorp sentiu nas mãos o hálito de Ellen Brand. A seu lado ouviu a respiração da Kleefeld, acelerada. Fora disso não se percebia som algum, a não ser o chiar incessante do disco, que ainda girava sob a agulha, e que ninguém se lembrou de parar. Não procurou com os olhos companheiro algum; não desejava vê-los nem saber deles. Obliquamente, por cima das mãos e da cabeça de Elly, que jaziam sobre seus joelhos, seu olhar atravessava a obscuridade vermelha e fixava-se no visitante que se achava na poltrona. Durante um momento, seu estômago pareceu a ponto de revoltar-se. Sua garganta contraiu-se, fazendo-o soluçar convulsivamente quatro ou cinco vezes.

— Perdoe-me! — murmurou de si para si. Em seguida, seus olhos transbordaram de lágrimas, de modo que não enxergava mais.

Ouviu como murmuravam:

— Dirija-lhe a palavra.

Ouviu a voz de barítono do dr. Krokowski, em tom solene e ao mesmo tempo jovial, pronunciar-lhe o nome e repetir a solicitação. Em vez de obedecer, Hans Castorp retirou as mãos de debaixo do rosto de Elly e se levantou.

Novamente o dr. Krokowski chamou-o pelo nome, agora em tom severo, de admoestação. Mas Hans Castorp já alcançara com poucos passos os degraus da porta de entrada e acendeu, numa manobra rápida, a luz branca do lustre.

Ellen Brand sobressaltou-se num choque violento. Torcia-se nos braços de Kleefeld. A poltrona estava vazia.

Hans Castorp aproximou-se de Krokowski, que, de pé, protestava. Quis falar, mas palavra alguma lhe saiu dos lábios. Imperioso, e com um gesto brusco da cabeça,

estendeu a mão. Depois de receber a chave, moveu-se várias vezes em direção ao rosto do médico; então deu meia-volta e saiu do quarto.

A GRANDE IRRITAÇÃO

E os anos foram passando, um após outro, e assim começou a pairar algo de diferente sobre o Sanatório Berghof: um espírito que, como Hans Castorp vagamente sentia, era o descendente direto do demônio cujo nome maligno já citamos em outra ocasião. O jovem estudara aquele demônio com a curiosidade irresponsável de um viageiro em busca de formação e até descobrira, em sua própria alma, perigosas aptidões para desempenhar um papel importante no culto abominável que todo o mundo lhe devotava. Segundo sua índole, nosso herói não era feito para se entregar ao vício que a essa altura dos acontecimentos se pôs a grassar e que, assim como o outro, antes só existira endemicamente ou em surtos espaçados. Contudo Hans Castorp notou, com espanto, que bastava relaxar um pouquinho para que, também ele, na sua fisionomia, nas suas palavras, no seu comportamento, sucumbisse a uma infecção à qual ninguém, nesse ambiente, conseguia subtrair-se.

Que estava acontecendo, afinal? Que havia no ar? Sanha de discórdia. Uma irritação aguda. Uma impaciência indizível. Um pendor geral para discussões venenosas, para acessos de raiva e mesmo para lutas corporais. Querelas ferozes, gritarias desenfreadas de parte a parte surgiam todos os dias entre indivíduos ou grupos inteiros, e o característico era que aqueles que não tomavam parte nos conflitos, em vez de se sentirem desgostosos diante da conduta dos respectivos adversários, ou de servirem de pacificadores, faziam sim era simpatizar com a explosão de sentimentos e abandonar-se intimamente à mesma vertigem. Ficavam pálidos ou estremeciam ao ver uma cena desse tipo. Os olhos brilhavam com agressividade, as bocas crispavam-se de tanta paixão. Se alguém gritava, invejavam-lhe o direito de gritar e de estar ativo naquele momento. O premente desejo de imitar essa pessoa

atormentava as almas e os corpos, e quem não tinha a força necessária para refugiar-se na solidão era irresistivelmente arrastado pelo torvelinho. As brigas por motivos fúteis, as recriminações mútuas em presença das autoridades empenhadas em reconciliar os digladiadores, mas que caíam, elas próprias, e com espantosa facilidade, vítimas do pendor geral a uma gritaria grosseira — tudo isso se tornava frequente no Sanatório Berghof. Os que saíam de casa mais ou menos tranquilos eram incapazes de prever em que estado voltariam. Uma pensionista que tinha o seu lugar à mesa dos "russos distintos", moça muito elegante da cidade provinciana de Minsk, ainda jovem e apenas levemente enferma — só lhe haviam sido prescritos três meses —, desceu certo dia à vila para comprar alguma coisa na loja francesa de blusas. Ali teve um atrito tão violento com a modista que, ao regressar possuída da mais viva excitação, teve uma forte hemoptise: e tendo chegado a esse ponto, passara a ser incurável. Mandaram vir o marido e informaram-no de que ela estava condenada a permanecer ali em cima para sempre.

Este é um exemplo do estado de espírito que se alastrava. Muito a contragosto citaremos outros casos. Um ou outro leitor talvez se lembre ainda de certo colegial, ou ex-colegial, que usava óculos de aros redondos e comia à mesa da sra. Salomon, aquele rapaz macilento que tinha o hábito de cortar toda a comida em pedaços, a ponto de obter uma espécie de picadinho, que então engolia vorazmente, com os cotovelos apoiados na mesa, interrompendo-se apenas para passar de vez em quando o lenço por trás das lentes espessas. Assim fizera durante todo o tempo, continuando a ser um colegial, ou um ex-colegial, sempre abarrotando-se de comida e enxugando os olhos, sem dar motivo para que, à sua pessoa, se prestasse atenção mais do que de forma passageira. Um belo dia, porém, durante o café da manhã, teve, inopinadamente, sem mais nem menos, um ataque de cólera que causou escândalo geral e agitou o ambiente da

sala de refeições. Ouviu-se um barulho que partia do lugar onde se achava o rapaz. E ali estava ele, sentado, lívido, a gritar, dirigindo-se à anã que se encontrava de pé a seu lado.

— É mentira sua! — gritou em voz esganiçada. — O chá está frio! O chá que me trouxe está frio como gelo. Não o quero! Prove-o você mesma antes de mentir. Então vai ver que é uma água morna, usada, intragável para gente que se preze. Como é que se atreve a me servir um chá gelado assim, como pode ter a ousadia de me oferecer essa porcaria morna na esperança de que eu a beba?! Eu não! Não tomarei isso! — vociferou e meteu-se a esmurrar a mesa com ambos os punhos, de modo que a baixela tinia e dançava. — Eu quero é chá quente! Quero chá fervendo. Tenho direito a isso, perante Deus e os homens! Não aceito este aqui. E faço questão de que me sirvam chá quentíssimo. Antes morrer agora mesmo do que tomar um só gole dessa… Aleijada maldita! — uivou de repente, abandonando, por assim dizer, de golpe, os últimos restos de controle e avançando com entusiasmo até os derradeiros limites da raiva. Ameaçou Emerentia com os punhos cerrados e mostrou-lhe literalmente os dentes cobertos de espuma. Prosseguiu dando murros na mesa, batendo o pé no chão e urrando aqueles “Eu quero” ou “Eu não quero”, enquanto na sala se repetia o espetáculo de sempre. Uma simpatia veemente, de alta intensidade, estava sendo dedicada ao colegial raivoso. Alguns pensionistas acabavam de se levantar de um pulo. Enquanto contemplavam o rapaz, também tinham, eles mesmos, os punhos cerrados, os dentes rilhando e os olhos chamejantes. Outros permaneciam sentados, pálidos, com os olhos baixos, sacudidos de tremor. E esse estado ainda persistia quando o colegial, completamente exausto, havia muito se achava diante de uma xícara de chá novo, sem tocar nela.

Que era isso?

Um homem entrou na comunidade do Berghof, um trintão,

antigo comerciante, febril desde muito tempo e que passava os anos indo de sanatório em sanatório. Era inimigo dos judeus, antissemita por princípio e por esporte; e o era com um fanatismo soberbo. Essa atitude negativa constituía todo o seu orgulho e o conteúdo da sua vida. Tinha sido comerciante; já não o era, não era nada no mundo a não ser inimigo dos judeus. Estava gravemente enfermo; sofria de penosos ataques de tosse; às vezes dava a impressão de espirrar pelos pulmões, um só espirro agudo, breve, sinistro. Mas não era judeu, e isso é que nele havia de positivo. Chamava-se Wiedemann, tinha um nome cristão e não um nome impuro. Era assinante de uma revista intitulada *A Tocha Ariana*, e dizia coisas como as seguintes:

— Hospedei-me no Sanatório X., em B… Estou a ponto de me instalar no alpendre de repouso, e quem é que vejo na espreguiçadeira à minha esquerda? O sr. Hirsch! E quem está deitado à direita? O sr. Wolf! Claro que parti imediatamente… — E assim por diante.

"Logo você!", pensou Hans Castorp, cheio de aversão, ao ouvir isso.

Wiedemann tinha um olhar rápido e insidioso muito característico. Literalmente, era como se andasse com uma borla suspensa diante do nariz, em que cravasse os olhos com malícia, sem nada enxergar atrás dela. A ideia fixa e absurda que o acossava convertera-se numa desconfiança pruriente, numa constante mania de perseguição, que o impelia a catar qualquer impureza oculta ou disfarçada que porventura existisse a seu redor e expô-la ao desprezo público. Fosse onde fosse, remoqueava, suspeitava, detratava. Em suma, o que lhe absorvia os dias era a tarefa de levar ao pelourinho todas as criaturas vivas que não tivessem aquela vantagem, a única que ele mesmo possuía.

As circunstâncias internas que estamos empenhados em descrever agravaram extraordinariamente a birra desse homem, e, como fosse inevitável que topasse também aqui em cima com criaturas que padecessem do defeito de que

ele, Wiedemann, estava livre, essas circunstâncias contribuíram para provocar uma cena lamentável que Hans Castorp não pôde deixar de presenciar, e que nos oferece mais um exemplo daquilo que estamos explanando.

É que existia por ali um outro homem. Não havia nada que desmascarar nele. O caso era claro. Chamava-se Sonnenschein, e como não se pudesse imaginar nome mais imundo, a pessoa de Sonnenschein formava, desde o primeiro dia, a borla suspensa diante do nariz de Wiedemann, que este olhava de esguelha, com olhares rápidos e maliciosos; nessa borla ele batia com a mão, menos para afastá-la do que para fazê-la balouçar, a fim de se irritar ainda mais com ela.

Sonnenschein tinha sido comerciante, tal qual o outro. Também ele estava gravemente enfermo e distinguia-se por uma suscetibilidade doentia. Era homem amável, nada estúpido, de índole bem-humorada. Mas odiava Wiedemann, devido àquelas indiretas e batidas na borla; odiava-o cegamente. E certa tarde, todo mundo acudiu correndo ao vestíbulo onde Wiedemann e Sonnenschein se engalfinhavam de modo desregrado e bestial.

Era um espetáculo medonho, deplorável. Os dois atracavam-se como meninos, mas com o desespero de homens adultos que chegaram até esse ponto. Arranhavam-se a cara; agarravam-se pela garganta e pelo nariz, enquanto se golpeavam mutuamente; cingiam-se com os braços; revolviam-se pelo chão, com uma seriedade pavorosa, radical; cuspiam, davam pontapés, puxões e socos, espumando de raiva. O pessoal da administração, que acorreu às pressas, teve muito trabalho em separar os ferrenhos contendores, enlaçados um no outro. Wiedemann, babando e deitando sangue, com o rosto atoleimado de tanta cólera, tinha os cabelos eriçados. Hans Castorp nunca vira tal coisa e pensava que aquilo não acontecesse em realidade. E foi com os cabelos ainda eriçados que, em um rompante, o sr. Wiedemann abandonou o recinto, enquanto

o sr. Sonnenschein, com um dos olhos desaparecido sob uma mancha azul, e uma falha ensanguentada na coroa de cabelos pretos que lhe rodeava a calva, era conduzido ao escritório, onde se sentou e chorou amargamente com o rosto enterrado entre as mãos.

Foi o que se deu entre Wiedemann e Sonnenschein. Todos os que haviam assistido a essa cena continuaram trêmulos durante horas a fio. Em confronto com tal miséria, é relativamente agradável falar de um autêntico ajuste de honra, ocorrido no mesmo período, e que mereceu tal designação até às raias do ridículo, em vista da solenidade formal com que foi tratado. Hans Castorp não presenciou as diferentes fases do caso, mas informou-se sobre o seu curso complicado e dramático por meio de documentos, declarações e termos referentes à questão, cujas cópias eram difundidas na Firma Berghof, e também fora dele, não só em Davos, no cantão e no país, mas também no estrangeiro, inclusive na América, e remetidas mesmo a pessoas em quem essa história certamente não despertaria o menor interesse.

Era um assunto polonês, uma querela de honra originada num grupo de poloneses que recentemente se reunira no Berghof. Era uma verdadeira coloniazinha que ocupava a mesa dos “russos distintos”. (Hans Castorp, diga-se de passagem, já não tinha o seu lugar ali, mas passara, no decorrer do tempo, pelas mesas da Kleefeld e da Salomon, indo parar na da srta. Levi.) Aquela roda era de tal modo elegante, cavalheiresca e polida que o observador só podia arregalar os olhos e preparar-se intimamente para toda sorte de incidentes. Havia lá um casal, bem como uma senhorita que mantinha relações amigáveis com um dos cavalheiros. O resto do grupo era formado exclusivamente por cavalheiros. Chamavam-se de Zutawski, Cieszynski, de Rosinski, Michael Lodygowski, Leo de Asarapetian etc. Ora, aconteceu que no restaurante do Berghof um certo Japoll, ao beber champanhe em companhia de dois outros cavalheiros,

fizera com respeito à esposa do sr. de Zutawski e à srta. Krylow, amiga íntima do sr. Lodygowski, considerações que não cabe repetir. Disso resultaram as providências, os atos e as formalidades que constituíam o conteúdo das atas distribuídas e remetidas a todo mundo. Hans Castorp lia o seguinte:

"Declaração, traduzida do original polonês. — A 27 de março de 19.., o sr. Stanislav von Zutawski dirigiu-se aos srs. dr. Antoni Cieszynski e Stefan von Rosinski, solicitando-lhes que fossem, em seu nome, ter com o sr. Kasimir Japoll, para pedir-lhe, em conformidade com o código de honra, satisfação pela 'grave ofensa e difamação que o sr. Kasimir Japoll infligiu à sra. Jadwiga von Zutawski, sua esposa, por ocasião de uma conversa com os srs. Janusz Teofil Lenart e Leo von Asarapetian'.

"Quando há poucos dias, por via indireta, o sr. de Zutawski tomou conhecimento da referida conversa, ocorrida em fins de novembro do ano passado, fez imediatamente o necessário para obter a mais absoluta certeza quanto aos fatos e ao caráter da ofensa perpetrada. No dia de ontem a 27 de março de 19.., a difamação e a ofensa foram confirmadas pela boca do sr. Leo von Asarapetian, testemunha auricular da conversa no decorrer da qual foram pronunciadas as palavras e insinuações ofensivas. Em virtude disso, o sr. Von Zutawski viu-se induzido a dirigir-se, sem perda de tempo, aos abaixo-assinados, a fim de confiar-lhes o mandato para instaurarem um processo contra o sr. Kasimir Japoll perante um tribunal de honra.

"Os abaixo-assinados fazem a seguinte declaração:

"'1) Considerando o termo lavrado por uma das partes no dia 9 de abril de 19.. em Lemberg, redigida contra o sr. Kasimir Japoll a pedido do sr. Ladislaw Goduleczny pelos srs. Zdzistaw Zygulski e Tadeusz Kady; e considerando, outrossim, a declaração do tribunal de honra redigida em Lemberg acerca desse mesmo caso, aos 18 dias de junho de 19.., e estando os dois documentos em pleno acordo quanto

ao fato de que, ‘em virtude das suas reiteradas faltas às exigências da honra, o sr. Kasimir Japoll não pode ser considerado um gentleman’,

“‘2) Os abaixo-assinados concluem do que se relatou acima, sob o pleno alcance dos acontecimentos, a absoluta impossibilidade de se considerar o sr. Kasimir Japoll capaz de dar satisfação de qualquer espécie.

“‘3) No que se refere à pessoa de si mesmos, os abaixo-assinados reputam inadmissível mediar ou tratar de questões de honra relacionadas a um homem que se colocou fora do conceito da honra.’

“Em face dessa situação, os abaixo-assinados chamam a atenção do sr. Stanislaw von Zutawski para o fato de ser inútil que ele defenda seus próprios direitos contra o sr. Kasimir Japoll em um procedimento baseado na honra e aconselham-no a recorrer à justiça penal, a fim de evitar que incidam novos danos causados por uma personalidade tão incapaz de dar qualquer satisfação, como é o caso do sr. Kasimir Japoll. — (Datado e assinado:) dr. Antoni Cieszynski, Stefan von Rosinski.”

Além disso, Hans Castorp teve oportunidade de ler o seguinte:

“Ata

“das testemunhas do incidente havido entre os srs. Stanislaw von Zutawski e Michael Lodygowski, de um lado,

“e os srs. Kasimir Japoll e Janusz Teofil Lenart, do outro, no bar no Cassino de D., a 2 de abril de 19.., entre as 7h30 e as 7h45 da tarde.

“O sr. Stanislaw von Zutawski, depois de refletir maduramente sobre as declarações feitas pelos seus representantes, os srs. dr. Antoni Cieszynski e Stefan von Rosinski, com referência ao caso do sr. Kasimir Japoll, chegou à convicção de que a recomendada denúncia criminal contra o sr. Kasimir Japoll não lhe poderia dar plena satisfação pela grave ofensa e difamação de sua esposa Jadwiga, porque

“1) há justas razões para temer que o sr. Kasimir Japoll no

momento preciso deixe de comparecer perante o tribunal, e que sua perseguição ulterior se possa tornar não somente difícil, mas até impossível, dada a sua nacionalidade austríaca,

"2) como, ademais, uma condenação judicial do sr. Kasimir Japoll não poderia expiar a ofensa pela qual este senhor procurou aviltar caluniosamente o nome e a estirpe do sr. Stanislaw von Zutawski e de sua esposa Jadwiga,

"o sr. Stanislaw de Zutawski escolheu o caminho mais breve, que, segundo sua convicção, é também o mais radical e, devido às circunstâncias, o mais oportuno, especialmente após ter recebido, por via indireta, a informação de que o sr. Kasimir Japoll tencionava partir desta localidade no dia seguinte,

"e assim sendo, a 2 de abril de 19.., entre as 7h30 e as 7h45 da tarde, na companhia de sua esposa Jadwiga e dos srs. Michael Lodygowski e Ignaz von Mellin, foi até o American Bar do Casino local, onde o sr. Kasimir Japoll consumia bebidas alcoólicas em companhia do sr. Janusz Teofil Lenart e de duas moças desconhecidas, e lá o esbofeteou diversas vezes.

"Imediatamente depois, o sr. Michael Lodygowski esbofeteou o sr. Kasimir Japoll, acrescentando que isso era a punição pelas graves ofensas infligidas à srta. Krylow e a ele mesmo.

"A seguir, o sr. Michael Lodygowski esbofeteou o sr. Janusz Teofil Lenart pelas inqualificáveis injúrias que ele impusera ao sr. e à sra. Von Zutawski, até que logo a seguir,

"sem perda de um instante, também o sr. Stanislaw von Zutawski esbofeteou repetidas vezes o sr. Janusz Teofil Lenart, por ter manchado caluniosamente a honra de sua esposa e da srta. Krylow.

"Durante todo esse procedimento os srs. Kasimir Japoll e Janusz Teofil Lenart permaneceram totalmente passivos. (Datado e assinado:) Michael Lodygowski, Ign. von Mellin."

O estado de espírito em que Hans Castorp se encontrava

não lhe permitia rir dessa rajada de bofetadas oficiais, como teria feito em outros tempos. Estremecia enquanto avançava na leitura; o pundonor inatacável de uma página e a desonra vil e desprezível da outra, que os documentos patenteavam aos olhos do leitor, moviam-no no mais fundo de si, pela discrepância algo desalentada, mas também impressionante, que continham. O mesmo ocorreu a todo mundo. Onde quer que se fosse, eram vistas pessoas que estudavam apaixonadamente e comentavam com os dentes a rilhar a querela de honra dos poloneses. Um panfleto que continha uma réplica do sr. Kasimir Japoll arrefeceu os espíritos. Ele dizia que, tempos atrás, em Lemberg, alguns almofadinhas presunçosos o haviam declarado inapto a dar satisfações, e que Von Zutawski tinha conhecimento desse fato, de maneira que todas as suas medidas, tomadas de inopino, tinham sido pura comédia, visto ele saber de antemão que não teria necessidade de se bater em duelo. Por outro lado Von Zutawski renunciara a fazer queixa contra ele, Japoll, unicamente porque sua esposa Jadwiga, como ninguém ignorava, nem sequer o próprio Von Zutawski, o presenteara com uma verdadeira coleção de cornos, coisa que ele, Japoll, com a maior facilidade, poderia ter provado perante a justiça. Também com respeito à srta. Krylow, uma citação em juízo teria sido pouco honrosa para ela, dada sua conduta habitual. De resto, existiam provas da incapacidade de dar satisfação somente no que se referia à pessoa do próprio Japoll, e não com respeito a seu interlocutor, Lenart; Von Zutawski, porém, servira-se de um pretexto para não correr perigo. Do papel que o sr. Asarapetian desempenhara em toda essa história nem era bom falar. E quanto àquela cena do bar do Cassino, convinha levar em conta que ele, Japoll, embora mordaz e propenso a pilhérias, era homem muitíssimo débil; Von Zutawski, por sua vez, chegara acompanhado dos seus amigos e da esposa, mulher de grande robustez, de modo que tinha a seu favor a superioridade física. Ademais, as

duas senhoritas que se encontravam junto com ele, Japoll, e Lenart, eram criaturas muito alegres, sim, mas medrosas como galinhas. Para evitar um pugilato brutal e um escândalo público, ele mesmo rogara a Lenart, o qual já estava a ponto de reagir, que se mantivesse tranquilo e tolerasse, por amor de Deus, o contato passageiro e inconvencional com os srs. Von Zutawski e Lodygowski, uma vez que não haveria dor, e os vizinhos julgariam tratar-se de uma brincadeira de amigos.

Assim rezava o folheto de Japoll, que, naturalmente, encerrava poucas possibilidades de salvar as aparências. Suas emendas não conseguiram anular senão superficialmente o belo contraste entre a honra e a covardia que as declarações da outra parte acabavam de estabelecer, tanto mais que ele, não dispondo dos meios de ampla divulgação do partido de Von Zutawski, se limitava a espalhar pelo público algumas cópias datilografadas da sua réplica. Aquelas atas que acabamos de transcrever, por sua vez, eram acessíveis a todo mundo, sendo remetidas até a pessoas completamente desinteressadas, como, por exemplo, Naphta e Settembrini, que também as tinham recebido. Hans Castorp viu-as nas suas mãos e notou com surpresa que até eles as liam com fisionomias contraídas, singularmente arrebatadas. A zombaria alegre que ele mesmo, devido à mentalidade que reinava no Berghof, era incapaz de forjar, esperara-a ao menos da parte do sr. Settembrini. Mas aquela infecção, que se alastrava, e que Hans Castorp via grassar a seu redor, contagiara também o espírito claro do maçom com uma força que lhe tirava a vontade de rir e o tornava facilmente acessível à fascinação provocante da história das bofetadas; até ele, o homem da vitalidade, andava deprimido em face do seu estado de saúde, que piorava de forma lenta mas inexorável, apenas com melhoras passageiras e ilusórias. O humanista praguejava contra essa miséria, tinha vergonha e desdém de si próprio, e no entanto, já por essa época, não podia evitar

acamar-se de vez em quando.

Naphta, seu condômino e adversário, tampouco ia melhor. A doença minava-lhe o interior do organismo: justamente ela, que havia sido a causa física — ou deve-se dizer o pretexto? — para que sua carreira na ordem tivesse um fim prematuro. As virtudes do ar rarefeito das alturas em que se vivia ali em cima não conseguiam deter o andamento do mal. Também ele tinha de ir para a cama com muita frequência, e a sua voz soava mais rachada que nunca, cada vez que falava. E à medida que a febre aumentava, mais loquaz, mais penetrante e mais cáustico ele ficava. Aquela oposição idealista à doença e à morte, cuja derrota diante da superioridade esmagadora da natureza infame tanto afligia o sr. Settembrini, tinha de ser alheia ao pequeno Naphta, e a sua maneira de reagir contra a piora do seu estado de saúde não consistia, por conseguinte, em mágoa e pesar, senão numa animação sarcástica, numa agressividade sem limite, numa necessidade maníaca de duvidar, de negar, de criar confusão, que irritava muito a melancolia do italiano, e incitava cada vez mais as divergências intelectuais. Era claro que Hans Castorp só podia falar das discussões a que assistia. Mas o jovem tinha quase certeza de não haver perdido uma sequer, pois sua presença, ao tratar-se de um tema pedagógico, era indispensável para dar grandeza aos colóquios. E, conquanto não se pudesse poupar ao sr. Settembrini o desgosto de ver que Hans Castorp se interessava pelos ditos maliciosos de Naphta, era forçoso admitir que estes ultrapassavam nos últimos tempos todas as medidas, e amiúde os próprios limites de um raciocínio são.

Esse enfermo não tinha nem a força nem a boa vontade de se elevar acima da doença, senão que via o mundo sob a imagem e o signo dela. Para desespero do sr. Settembrini, que gostaria de mandar para fora do quarto o discípulo atento, ou de lhe tapar os ouvidos naquele momento, Naphta declarava que a matéria era uma substância por

demais imprestável para que o espírito pudesse completar-se numa habitação que se constituísse dela. Esforçar-se por conseguir isso não passava de tolice. Em que dava tal esforço? Numa caricatura! O resultado prático da tão elogiada Revolução Francesa era o Estado capitalista burguês — que belo presente! E alguns ainda esperavam melhorá-lo tornando-o universal... A república universal traria a felicidade, pois sim! O progresso? Ah, aí se tratava de um enfermo que muda de posição a todo momento porque nisso espera encontrar alívio. O desejo inconfessado de ver rebentar uma guerra, secreto, mas muito difundido, era uma expressão dessa atitude. Ela não deixaria de vir, essa guerra, e isso era bom, se bem que acarretasse efeitos bem diferentes daqueles que aguardavam seus autores. Naphta menosprezava o Estado burguês, preocupado apenas com sua segurança. Veio a falar nisso num dia de outono, durante um passeio pela rua principal, quando começou a chover e todo mundo de repente, como a uma ordem de comando, abriu os guarda-chuvas. Aquilo se lhe afigurava como um símbolo da covardia e da efeminação vulgar que a civilização produzia. Um incidente como o naufrágio do vapor *Titanic* exercia um efeito atávico e todavia edificante. Depois todos reclamavam, aos brados, maior segurança dos meios de transporte. Em geral reinava a mais violenta indignação sempre que a "segurança" se via ameaçada. Isso era miserável, e tal moleza humanitária formava uma harmonia curiosa com a crueldade perversa e bestial daquele campo de batalha econômica, que constituía o Estado burguês. Guerra, guerra! Ele, por si mesmo, era a favor, e a impaciência geral por ela parecia-lhe honrosa.

Mas, quando o sr. Settembrini introduziu na conversa a palavra "justiça" e recomendou esse princípio sublime como meio preventivo contra catástrofes políticas, tanto externas como internas, evidenciou-se que o mesmo Naphta, que acabava de julgar o espírito por demais elevado para que fosse possível e desejável sua encarnação numa forma

terrena, punha agora em dúvida precisamente o espírito, e se empenhava em denegri-lo. Justiça? Era uma ideia digna de adoração? Uma ideia divina? Uma ideia de primeira categoria? Deus e a natureza eram injustos, tinham favoritos, selecionavam segundo as suas simpatias, concediam perigosas distinções a um e preparavam a outro uma sorte fácil e banal. E o homem dotado de vontade? Para ele, a justiça era, de um lado, uma fraqueza paralisante, a dúvida em si, e do outro, uma fanfarra que o chamava para atos inescrupulosos. Desde que o homem, para manter-se dentro da esfera da moral, tinha de corrigir esta "justiça" por aquela, onde ficavam a incondicionalidade e o radicalismo da ideia? Ademais, era-se "justo" para com um ou outro dos dois pontos de vista. O resto não passava de liberalismo, e com isso não se arranjava mais nada, hoje em dia. Numa palavra, a justiça era um termo oco da retórica burguesa, e para chegar à ação era preciso saber de que justiça se tratava — daquela que desejava conceder a cada um o que lhe pertencia, ou da outra, que queria dar parte igual a todos.

Escolhemos a esmo, das discussões sem fim, um exemplo para demonstrar a maneira como Naphta trabalhava por perturbar a razão. No entanto, era ainda pior o modo como falava da ciência, na qual não acreditava. Não tinha fé na ciência, dizia, visto o homem ter plena liberdade de crer ou não crer nela. Essa era uma crença como qualquer outra, apenas mais tola e mais prejudicial. A própria palavra "ciência" era a expressão do mais estúpido realismo que não se envergonhava de aceitar e gastar como moeda sonante os reflexos mais que duvidosos que os objetos sofriam do intelecto humano, e de preparar com eles a mais lamentável e a mais insossa doutrina que já se impingiu à humanidade. Não constituía, porventura, o conceito de um mundo material existente por si só a mais ridícula de todas as autocontradições? Ora, a ciência natural moderna, como dogma, baseava-se exclusivamente no postulado metafísico,

segundo o qual o tempo, o espaço e a causalidade (a saber: as formas de conhecimento dentro das quais se passam os fenômenos do mundo) eram condições reais, existentes independentemente do nosso conhecimento. Essa afirmação monista era o mais berrante desaforo já pespegado ao espírito. Em linguagem monista, o tempo, o espaço e a causalidade chamavam-se evolução, e com isso estava-se à frente do dogma central da pseudorreligião livre-pensadora e ateística, por meio da qual se tencionava abolir o primeiro Livro de Moisés e opor a sabedoria esclarecedora a uma fábula estultificante, como se Haeckel tivesse estado presente no momento em que nascia a Terra. Empirismo? O éter universal era, acaso, exato? O átomo, essa graciosa brincadeira matemática em torno da "parcela menor e indivisível" — existia uma prova que o demonstrasse? A teoria do espaço e do tempo infinitos fundava-se certamente na experiência; ou talvez não? Com efeito, qualquer pessoa que soubesse pensar logicamente seria levada a experiências curiosas e a resultados divertidos com esse dogma do espaço e do tempo infinitos e reais; obteria precisamente o resultado: nada. Perceberia que o tal realismo era genuíno niilismo. Por quê? Pela simples razão de ser zero a relação entre qualquer grandeza e o infinito. No infinito não existia medida, e na eternidade não havia nem duração nem modificação. No espaço infinito onde todas as distâncias seriam matematicamente iguais a zero, não era possível conceber sequer dois pontos situados um ao lado do outro, e ainda menos dois corpos, para não falar de um movimento. Ele, Naphta, fazia questão de constatar isso, para contrariar o atrevimento com que a ciência materialista apresentava os disparates astronômicos e o seu palavrório frívolo acerca do universo como se fossem conhecimentos absolutos. Coitada da humanidade que, em face de uma exposição ostensiva de cifras vazias, deixou que lhe impingissem o sentimento da sua própria nulidade e admitiu que a privassem do sentido patético da sua

importância! Talvez fosse ainda tolerável que a razão e o conhecimento humanos se mantivessem dentro da esfera terrena e nesse terreno tratassem como reais as suas experiências na exploração do objetivo e do subjetivo. Mas quando ultrapassassem esses limites e estendessem a mão para o enigma eterno, dedicando-se à chamada cosmologia ou cosmogonia, levariam a brincadeira um pouco longe, e sua presunção chegaria ao cúmulo do grotesco. Que absurdo blasfemo querer calcular a "distância" entre um astro e a Terra em trilhões de quilômetros ou também em anos-luz e imaginar que por meio dessas mentiras matemáticas se pudesse abrir ao espírito humano a vista para o infinito e o terreno, quando, em realidade, o infinito nada, absolutamente nada tinha que ver com grandezas, e a eternidade, nada com a duração e com os lapsos de tempo. Pelo contrário, o infinito e a eternidade, longe de serem conceitos da ciência natural, representavam justamente a abolição daquilo que chamamos natureza. A ingenuidade de uma criança que tomasse as estrelas por buracos no dossel celeste, através dos quais penetrasse a claridade eterna, lhe parecia mil vezes preferível a toda aquela lenga-lenga oca, disparatada, presunçosa, que a ciência monista produzia com respeito ao "universo".

Settembrini perguntou se Naphta partilhava dessa crença quanto às estrelas, ao que o jesuíta respondeu que se reservava o direito da humildade e da liberdade do ceticismo. Essas palavras davam ensejo a mais para entrever o que ele entendia por "liberdade", e em que direção esse conceito podia levar. Se ao menos o sr. Settembrini não tivesse motivos para temer que Hans Castorp pudesse considerar tudo isso digno de atenção!

A malvadez de Naphta ficava à espreita de oportunidades para descobrir as fraquezas do progresso dominador da natureza e para demonstrar que seus pioneiros e campeões sofriam recaídas muito humanas no irracional. Aeronautas, aviadores, disse ele, eram na maioria uns indivíduos

suspeitos, de pouco valor, e sobretudo muitíssimo supersticiosos. Costumavam levar consigo a bordo dos aviões mascotes ou uma gralha, cuspiam três vezes em todas as direções e calçavam as luvas dos seus predecessores afortunados. Tal insensatez primitiva era, porventura, compatível com a concepção do mundo em que se alicerçava a sua profissão?... A contradição que Naphta acabava de revelar divertia-o, causava-lhe prazer, de maneira que insistia nessa tecla por muito tempo. Mas todos esses exemplos não são senão casos isolados do sem-número de ditos hostis proferidos por Naphta. Abandonemo-los para contar fatos infelizmente muito reais.

Certa tarde de fevereiro, os cavalheiros se reuniram para uma excursão a Monstein, localidade situada a uma hora e meia de trenó da sua morada habitual. O grupo era formado por Naphta, Settembrini, Hans Castorp, Ferge e Wehsal. Foram-se em dois trenós, cada qual tirado por um só cavalo. No primeiro embarcaram Hans Castorp e o humanista, no segundo, Naphta, Ferge e Wehsal, que se instalou na boleia, ao lado do cocheiro. Todos estavam bem agasalhados. Às três horas partiram do domicílio dos externos. Os guizos soavam simpaticamente através da paisagem silenciosa sob o manto de neve, enquanto os trenós seguiam ao longo da encosta direita, passando por Frauenkirch e Glaris, rumo ao sul. Nuvens carregadas de neve aproximavam-se rapidamente, vindas dessa mesma direção, de modo que pouco depois desapareceu todo o azul do céu, salvo uma estreita nesga atrás deles, por cima da cordilheira Rética. O frio era intenso. As montanhas estavam envoltas em brumas. A estrada que percorriam, essa plataforma angusta, sem balaustrada, construída entre a parede e o abismo, subia uma vertente íngreme, coberta de abetos. Os cavalos avançavam a passo. Era comum virem a seu encontro desportistas com trenós, deslizando pela encosta, que se viam obrigados a desmontar para lhes dar passagem. Por detrás das curvas guizos estranhos ressoavam em delicada

advertência. Trenós puxados por dois cavalos atrelados um atrás do outro passavam por eles, sendo preciso então esquivar-se com muita cautela. Perto do destino final da viagem descortinou-se uma linda vista sobre um trecho rochoso da estrada de Zügen. Defronte ao pequeno hotel de Monstein, que se chamava Kurhaus, desembrulharam-se dos cobertores e caminharam alguns passos para poder contemplar o "Stulsergrat", a sudoeste. A gigantesca escarpa, de três mil metros de altura, estava escondida na bruma. Só se via em alguma parte um pico alto como o céu, superterreno, por assim dizer, recordando um longínquo valhala, sagrado e inacessível. Hans Castorp estava cheio de admiração por esse espetáculo e exortou os outros a partilhar com ele desse sentimento. Foi ele quem, tomado de uma sensação de humildade, pronunciou a palavra "inacessível", dando com isso ao sr. Settembrini uma oportunidade para observar que aquele cume já havia sido escalado. Era, aliás, uma coisa que quase não existia mais, essa da inacessibilidade e dos lugares em que o homem ainda não houvesse posto o pé. Naphta retrucou que isso era um pequeno exagero e uma gabolice. E citou o monte Everest, que por enquanto opunha uma negativa glacial à arrogância dos homens e parecia querer obstinar-se nessa reserva. O humanista mostrou-se agastado. O grupo voltou ao Kurhaus, à frente do qual se achavam além dos seus próprios trenós mais alguns outros, desatrelados.

No primeiro andar havia quartos numerados, para hóspedes. Ali também ficava a sala de refeições, de aspecto rústico e bem aquecida. Os excursionistas encarregaram a hoteleira solícita de lhes trazer uma pequena refeição: café, mel, pão branco e bolo de peras, a especialidade do lugar. Mandaram servir vinho tinto aos cocheiros. As outras mesas estavam ocupadas por turistas suíços e holandeses.

Teríamos imenso gosto em dizer que o café quente, muito digno de elogios, houvesse originado uma conversa elevada em torno da mesa dos nossos cinco amigos. Mas isso seria

inexato, uma vez que essa conversa foi em realidade um solilóquio de Naphta, que a monopolizou depois de umas poucas palavras com que os outros haviam contribuído; era um monólogo pronunciado de forma bastante estranha, censurável do ponto de vista das convenções, pois o ex-jesuíta dirigia-se apenas a Hans Castorp e o doutrinava com muita amabilidade, ao passo que voltava as costas a seu outro vizinho, que era o sr. Settembrini, e também não prestava a menor atenção aos dois outros senhores.

Seria difícil definir qual era o tema das suas improvisações, que Hans Castorp acompanhava sacudindo a cabeça em sinal de meia aprovação. Não havia, em realidade, um assunto único. A palestra vagava livremente pela esfera do espírito, roçando isso e aquilo, empenhada, essencialmente, em demonstrar, de forma desanimadora, a ambiguidade dos fenômenos espirituais da vida, bem como a natureza irisante e a debilidade combativa das grandes ideias derivadas deles. Esforçava-se por tornar evidente que o absoluto se apresentava neste mundo em roupas muitíssimo cambiantes.

A rigor se poderia dizer que a sua conferência se ocupava do problema da liberdade, que ele tratava com o propósito de gerar confusão. Entre outras coisas, mencionamos o Romantismo e a fascinante ambiguidade inerente a esse movimento europeu do início do século XIX, em face da qual fracassariam conceitos como “reação” ou “revolução”, a não ser que se unissem sob um conceito superior. Naturalmente era ridículo querer associar o conceito do “revolucionário” apenas ao progresso e esclarecimento vitorioso. O Romantismo europeu tinha sido, antes de mais nada, um movimento libertador, de caráter anticlassicista e antiacadêmico, dirigido contra o gosto da França antiga, contra a velha escola da razão, cujos paladinos eram ricularizados como cabeças de perucas empoadas.

E Naphta veio a falar das Guerras de Libertação, de entusiasmos fichteanos, de levantes populares delirantes e

musicais contra uma tirania insuportável — num tempo em que, infelizmente, rá, rá, rá, essas coisas todas haviam encarnado a liberdade, quer dizer: as ideias da Revolução. Que engraçado: cantando em alta voz, as pessoas insurgiram-se para esmagar a tirania revolucionária que beneficiava a opressão reacionária dos príncipes; e isso tinha sido feito em nome da liberdade!

Aqui o jovem ouvinte por certo notará a diferença, ou talvez a oposição, entre liberdade exterior e a interior — e ao mesmo tempo se confrontará com a escabrosa questão de saber que forma de servidão é a mais ou a menos compatível, rá, rá, rá, com a honra de uma nação.

Em última análise, a liberdade seria antes um conceito do Romantismo e não tanto da Época das Luzes, prosseguiu Naphta; pois com aquele ela tinha em comum o entrelaçamento inextricável dos impulsos de expansão coletiva e do ensimesmamento apaixonadamente individualístico. A sede individualística de liberdade originara o culto histórico-romântico do nacional, que seria belicoso e tachado de sinistro pelo liberalismo humanitário, posto que ele mesmo nada fizesse senão pregar o individualismo, só que de maneira até certo ponto inversa. O individualismo seria romântico-medieval na sua concepção da importância infinita e cósmica do indivíduo; daí teriam resultado a doutrina da imortalidade da alma, a teoria geocêntrica e a astrologia. Por outro lado, o individualismo seria também um aspecto do humanismo de tendências liberalistas, que penderia para a anarquia e pretenderia, em todo caso, proteger o querido indivíduo contra o destino de ser imolado à coletividade. Um e outro aspecto eram individualismo, e esse termo servia para muita coisa.

Mas devia-se admitir que o entusiasmo libertador tinha produzido os mais brilhantes adversários da liberdade, os mais engenhosos campeões do passado, no combate ao progresso impiamente destrutor. Naphta citou Arndt, que amaldiçoara o industrialismo e enaltecera a nobreza;

mencionou também Görres, o autor da mística cristã. A mística, acaso, nada tinha que ver com a liberdade? Não fora ela antiescolástica, antidogmática, anticlerical? Embora fosse forçoso considerar a hierarquia uma potência libertadora, desde que opusera um dique à monarquia absoluta… A mística da última fase da Idade Média pusera à prova o seu caráter liberal como precursora da Reforma, sim, da Reforma, rá, rá, rá, que por sua vez havia sido um amálgama indissolúvel de liberdade e reação medieval…

Os feitos de Lutero… Ah, sim, esses feitos tinham o mérito de patentear com a mais crua nitidez a natureza dúbia do próprio fazer, do fazer em geral. O ouvinte de Naphta sabia o que era um feito? Um feito fora, por exemplo, o assassínio do conselheiro de Estado Kotzebue pelo estudante Sand. Que fora aquilo que, para empregar a linguagem da criminologia, "pusera a arma na mão do jovem Sand"? O entusiasmo pela liberdade, é claro. Mas, sob uma observação mais detida, iria perceber-se que não tinha sido esse entusiasmo o agente, senão que o fanatismo moral e o ódio à estrangeirice frívola. Kotzebue estava, afinal, a serviço dos russos, isto é, a serviço da Santa Aliança, de maneira que Sand talvez, apesar de tudo, tivesse apunhalado… em prol da liberdade! Isso, no entanto, também parecia improvável, em face da circunstância de haver jesuítas entre os seus amigos mais íntimos. Em suma, fosse o que fosse um feito, ele era, em todo caso, um meio pouco adequado para expressar-se com clareza e contribuía pouco para resolver os problemas espirituais.

— Posso me permitir a pergunta: o senhor tenciona terminar logo com essas suas *indecências*?

Quem fizera a pergunta fora o sr. Settembrini, e num tom muito cortante. Mantivera-se quieto na sua cadeira, tamborilando na mesa e torcendo os bigodes. Mas aquilo lhe encheu as medidas. Sua paciência estava esgotada. Empertigou-se numa posição mais que ereta, com o rosto empalidecido. Era como se, apesar de sentado, se colocasse

nas pontas dos pés, de modo que apenas as coxas tocavam o assento. Com os olhos brilhantes encarava o inimigo que acabava de voltar-se para ele com fingida surpresa.

— *Como* é que o senhor houve por bem se expressar? — soou a contestação de Naphta…

— Eu houve por bem… — disse o italiano, engolindo em seco — … eu hei por bem declarar que estou decidido a impedir que o senhor continue a importunar a juventude indefesa com suas palavras ambíguas!

— Meu senhor, convido-o a que pondere suas palavras!

— Refuto tal convite, meu senhor, ele é desnecessário. Estou acostumado a ponderar o que digo, e minha expressão corresponde exatamente às circunstâncias, quando afirmo que, *per se*, seu jeito de perturbar o espírito da juventude já vacilante, de seduzi-la e de debilitar-lhe a moral é uma *infâmia*, e que palavras já não são rigorosas o bastante para refreá-lo como convém…

Ao pronunciar a palavra “infâmia”, Settembrini golpeou a mesa com a palma da mão. A seguir empurrou a cadeira para trás e levantou-se, dando dessa forma aos outros o sinal para imitá-lo. As pessoas que se achavam nas outras mesas observavam a cena com perplexidade; eram os holandeses, visto os suíços já terem partido.

Todos, pois, encontravam-se de pé em atitude tensa, à volta de nossa mesa: Hans Castorp e os dois adversários, e em frente deles Ferge e Wehsal. Todos os cinco estavam pálidos, com os olhos arregalados e as bocas crispadas. Não poderiam os três desinteressados ter feito uma tentativa para intervir num sentido conciliador, afrouxando a tensão por meio de uma piada e arranjando tudo mediante um apelo humano? Não fizeram essa tentativa. Seu estado de espírito opunha-se a isso. Quedavam-se de pé, trêmulos, e, sem querer, seus punhos se fechavam. O próprio A. K. Ferge, que declaradamente nada entendia de quaisquer coisas sublimes e de antemão renunciara a imaginar o alcance da querela, também ele estava convencido de que desta vez

não havia lugar para transigências, e que as pessoas que presenciavam a contenda, elas mesmas fascinadas, nada podiam fazer senão deixar as coisas tomarem seu curso normal. Seu bigode hirsuto e bonachão subia e descia em movimentos rápidos.

Reinava completo silêncio, de forma que se podia ouvir como Naphta rangia os dentes. Isso representava para Hans Castorp uma experiência semelhante àquela dos cabelos eriçados de Wiedemann. Pensara ele que "ranger os dentes" fosse somente uma locução e não um fato que se pudesse produzir. Mas, neste momento, o rangido realmente ressoava através do silêncio, um ruído bastante desagradável, selvagem e fantástico, que, no entanto, dava a prova de um formidável domínio de si próprio; pois, longe de gritar, o jesuíta disse em voz baixa, ofegante, apenas com uma quase risada:

— Infâmia? Refrear? Será que os burros virtuosos se metem a dar coices? Levamos a polícia pedagógica da civilização a desembainhar a espada? Eis o que chamo um êxito, para começo de conversa… e um êxito fácil de alcançar, como acrescento com desdém, pois uma zombariazinha leve já bastou para enfurecer e mobilizar a virtude que estava a postos! O resto, meu senhor, virá a seu tempo. Inclusive o tal "refreamento", ah sim, este também! Espero que seus princípios sociais não o impeçam de saber o que me deve, pois do contrário eu me veria forçado a pôr à prova esses princípios com meios que…

Um gesto severo do sr. Settembrini levou-o a prosseguir:

— Ah, já vejo que isso não será necessário. Eu estou no seu caminho, o senhor está no meu. Muito bem, liquidemos essa pequena diferença num lugar adequado. De momento só quero dizer uma coisa: o seu temor devoto pela ideologia escolástica da revolução jacobina vê um crime pedagógico na minha maneira de induzir a juventude a duvidar, de derrubar as categorias e de privar as ideias da dignidade acadêmica da virtude. Esse temor é por demais

compreensível, pois sua humanidade saiu de moda, tenha certeza disso, saiu de moda, acabou-se! Hoje em dia já não passa de um rabicho, uma sensaboria classicista, um ennui[25] espiritual que faz bocejar, e que a nova revolução, a nossa, senhor, está a ponto de abolir. Quando, na nossa função de educadores, semeamos a dúvida, uma dúvida mais profunda do que jamais pôde imaginar o seu modesto espírito esclarecido, sabemos perfeitamente o que estamos fazendo. É apenas do ceticismo radical, do caos moral, que nasce o absoluto, o terror sagrado de que carece o nosso tempo. Isso lhe digo para justificar-me e para instruí-lo. O resto pertence a um outro capítulo. O senhor terá notícias minhas.

— Estou ansioso por recebê-las, senhor! — gritou Settembrini por trás de Naphta, que, abandonando a mesa, se encaminhava ao cabide para apanhar seu casaco de pele. A seguir, o maçom deixou-se cair pesadamente na cadeira e apertou o coração com ambas as mãos.

— Distruttore! Cane arrabbiato! Bisogna ammazzarlo![26] — sibilou, arfando.

Os outros continuavam de pé em torno da mesa. Os bigodes de Ferge prosseguiam subindo e descendo. Wehsal deixava pender obliquamente a mandíbula inferior. Hans Castorp arremedava o jeito do avô quando escorava o queixo no colarinho, porque sentia a nuca tremer. Todos estavam pensando no inesperado desfecho da sua excursão. Todos, sem exceção do sr. Settembrini, pensavam também na circunstância feliz de terem alugado dois trenós em vez de um em comum, o que pelo menos facilitava o regresso. Mas que haveria depois?

— Ele provocou o senhor para um duelo — disse Hans Castorp com o coração angustiado.

— Com efeito — respondeu Settembrini, erguendo o olhar para o jovem que se achava de pé à sua frente. Mas logo o desviou dele e descansou a cabeça na mão.

— O senhor aceita? — quis Wehsal saber.

— Que pergunta! — retrucou Settembrini, lançando também a ele um rápido olhar. — Senhores — continuou então, levantando-se completamente controlado —, eu lastimo que o nosso passeio tenha chegado a este fim, mas, na vida que vivemos, todo homem deve andar preparado para essa espécie de incidentes. Teoricamente desaprovo o duelo. Por índole sou obediente à lei. Na prática, porém, o caso é diferente, e existem situações em que… existiam contrastes que… Numa palavra, estou à disposição desse cavalheiro. Ainda bem que na minha juventude pratiquei um pouco de esgrima. Algumas horas de treino hão de me devolver a agilidade do punho. Vamos embora! A respeito de tudo o mais a gente se porá de acordo. Acho que aquele senhor já terá dado ordem para atrelar.

Durante o regresso e mais tarde, Hans Castorp teve momentos em que se sentia tomado de vertigens diante da monstruosidade daquilo que tinham à sua frente; sobretudo quando se manifestou que Naphta não queria saber de floretes ou de sabres, senão insistia num duelo de pistola, e que realmente lhe cabia escolher as armas, já que, segundo os conceitos do código de honra, era ele o ofendido. Houve, pois, momentos em que o jovem conseguiu, até certo ponto, libertar-se daquele espírito que lavrava no ambiente, envolvendo e perturbando a todos, para então afirmar que aquilo era rematada loucura e devia ser evitado.

— Se, pelo menos, houvesse uma ofensa real! — exclamou numa conversa com os srs. Settembrini e Ferge, e com Wehsal, a quem Naphta, já durante a viagem de volta, escolhera para padrinho e que servia de intermediário entre as partes. — Um insulto de caráter meramente convencional! Se o nome honrado de um fosse enxovalhado pelo outro, se se tratasse de uma mulher ou de qualquer outro ponto vital, de uma situação em que não se visse qualquer outra possibilidade de compensação! Bem, num caso desses existe o duelo como último recurso. Depois, quando se lavou a honra, quando tudo terminou sem

grandes danos e se verifica que “os adversários se separaram reconciliados”, pode-se até opinar que se trata de uma boa instituição, de uma coisa salutar e prática em certos casos complicados. Mas que é que Naphta fez, afinal? Não quero defendê-lo, em absoluto. Pergunto apenas: que ele fez para ofender o senhor? Derrubou categorias. Privou, segundo sua própria expressão, as ideias de sua dignidade acadêmica. O senhor sentiu-se ofendido por isso. Com razão, vamos admiti-lo…

— Admiti-lo? — repetiu o sr. Settembrini, encarando-o.

— Com razão, com razão! Ele ofendeu o senhor com isso. Mas não o insultou. Aí está a diferença, permita-me que o diga! Trata-se de coisas abstratas, espirituais. Com coisas espirituais pode-se ofender, mas não insultar uma pessoa. Esse é um axioma que todos os tribunais de honra aceitariam, posso lhe garantir. E pelo mesmo motivo não há tampouco um insulto naquela resposta do senhor, em que falou de “infâmia” e de “refrear como convém”, já que também esses termos estavam sendo empregados em sentido espiritual. Tudo se mantinha na esfera espiritual e nada tinha que ver com a esfera pessoal. O espiritual nunca pode ser pessoal; este é o complemento e a interpretação do axioma, e por isso…

— O senhor está enganado, caro amigo — replicou o sr. Settembrini com os olhos fechados. — Está enganado em primeiro lugar ao afirmar que o espiritual não pode assumir caráter pessoal. O senhor não deveria pensar assim — continuou com um sorriso singularmente frouxo e doloroso. — Antes de tudo, porém, equivoca-se na apreciação que faz do espírito em geral, que evidentemente considera demasiado fraco para provocar conflitos e paixões de mesma intensidade como os que acarreta a vida real, e que não toleram outra solução exceto a luta armada. All’incontro![27] O elemento abstrato, purificado, ideal, é ao mesmo tempo o absoluto, é o que há de realmente rigoroso e encerra em si possibilidades muito mais profundas e mais radicais de ódio,

de oposição irrestrita e irreconciliável, do que a vida social. O senhor se admira ao ver que o abstrato conduz, por caminhos mais diretos e mais inelutáveis que a vida social, à situação em que se trata de “ou você ou eu: só um de nós dois”, à situação propriamente radical, a do duelo, da luta corporal? O duelo, meu amigo, não é uma “instituição” como qualquer outra. É um último recurso, é a volta ao estado primevo da natureza, levemente suavizada, apenas, por certo código cavalheiresco que não deixa de ser superficial. O característico dessa situação é o seu cunho totalmente primitivo, a luta corporal, e cabe a todo homem, por mais que se distancie da natureza, manter-se preparado para essa emergência. Ela pode ocorrer a qualquer instante. Quem não é capaz de arriscar a vida, o braço, o sangue na defesa de um ideal não é digno dele. Em que pese a nossa espiritualização, cumpre sermos homens.

Dessa forma, Hans Castorp recebera uma lição. Que se podia opor a isso? O jovem permaneceu calado, meditando com o coração opresso. As palavras do sr. Settembrini fingiam ser calmas e lógicas, e todavia soavam estranhas, pouco naturais na sua boca. Esses pensamentos não eram seus, como tampouco fora ele quem tivera a ideia do duelo, senão a aceitara daquele terrorista, que era o pequeno Naphta. Eram, sim, a expressão da mentalidade reinante em toda parte, e que se apossara também de Settembrini, reduzindo a sua bela inteligência ao papel de seu servo e instrumento. Mas como? O espírito, por ser rigoroso, deveria conduzir inexoravelmente à bestialidade, à solução encontrada por meio da luta corporal? Hans Castorp revoltava-se contra essa concepção, ou melhor, tentava revoltar-se; e, para maior espanto seu, verificava que também ele era incapaz de fazê-lo. Também no seu próprio íntimo ela se mostrava forte, essa mentalidade, e ele tampouco era talhado para distanciar-se dela. Daquela zona das suas recordações onde Wiedemann e Sonnenschein, desnorteados, se revolviam numa contenda bestial, vinha-

lhe uma inspiração tremenda, definitiva, e com horror Hans Castorp percebia que ao fim de todas as coisas não restavam outros meios a não ser os do corpo, as unhas e dentes. Sim, sim, parecia necessário bater-se, porquanto assim se podia garantir aquela suavização do estado primevo por meio do código cavalheiresco... E o jovem ofereceu ao sr. Settembrini seus serviços como padrinho.

Sua oferta foi rejeitada. Não, isso não convinha, não podia ser, foi a resposta que recebeu, primeiramente do próprio sr. Settembrini com um sorriso macio e doloroso, e a seguir, após um momento de reflexão, também de Ferge e de Wehsal, que, sem justificar essa opinião, achavam impossível Hans Castorp assistir ao duelo nessa função. Talvez ele pudesse comparecer ao campo de luta como árbitro, pois a presença de uma pessoa com esse encargo estava prevista nas regras cavalheirescas, destinadas a suavizar a bestialidade. O próprio Naphta, pela boca de Wehsal, seu representante em assuntos de honra, manifestou-se nesse sentido, e Hans Castorp conformou-se. Padrinho ou árbitro, fosse o que fosse, em todo caso teria uma oportunidade para exercer influência sobre as modalidades do combate, coisa que se mostrou amargamente necessária.

As propostas de Naphta ultrapassavam todos os limites. Ele exigiu cinco passos de distância e três trocas de balas, no caso de se tornar preciso. Na noite mesma do incidente mandou transmitir essa loucura por Wehsal, que se identificava por completo com a tarefa de ser porta-voz e representante dos caprichos selvagens do jesuíta e se aferrava a tais condições, ora porque recebera ordem de agir assim, ora porque correspondiam ao seu próprio gosto. Settembrini nada tinha a objetar, naturalmente, mas Ferge, como seu padrinho, e Hans Castorp, com a imparcialidade do árbitro, mostraram-se indignados. Este chegou até a ralhar com o miserável Wehsal. Perguntou-lhe se ele não tinha vergonha de trazer à baila essas sugestões desumanas

e antipáticas, embora se tratasse de um duelo puramente convencional, sem base em qualquer insulto real. A exigência das pistolas já era muito forte, mas esses pormenores sanguinários eram o cúmulo! Aí já não se podia falar mais em espírito cavalheiresco. Por que não atiravam logo à queima-roupa? Para Wehsal era fácil manifestar tamanha sede de sangue, porque não seria contra ele que se daria um tiro de cinco metros de distância. E assim por diante. Wehsal deu de ombros, indicando, sem dizer palavra, que se achavam numa situação radical, e com isso desarmou seus oponentes, antes inclinados a esquecer que as coisas eram como eram. Mesmo assim, no decorrer das negociações do dia seguinte, conseguiram reduzir as três trocas de tiros a uma única e chegar a um acordo na questão da distância: os combatentes ficariam separados um do outro por quinze passos e teriam o direito de avançar cinco passos antes de atirar. Mas também essa concessão não foi obtida senão pela promessa de que não se fariam tentativas de reconciliação. Descobriram então que nenhum deles possuía pistolas.

O sr. Albin, porém, tinha algumas. Além do revólver pequeno e lustroso, com o qual gostava de assustar as senhoras, dispunha ainda de um par gêmeo de pistolas de oficial, fabricadas na Bélgica e guardadas num estojo comum. Eram Brownings automáticas com coronhas de madeira marrom, que continham os depósitos das balas, com um mecanismo de aço azulado e canos polidos, sobre cujas bocas se achavam as miras. Em outra ocasião, Hans Castorp vira essas armas nas mãos do fanfarrão, e contra as suas próprias convicções, por puro senso de imparcialidade, ofereceu-se para pedi-las emprestado. E assim fez, não escondendo a finalidade em si, mas envolvendo-a na aura de segredo peculiar aos casos de honra, e invocando, com pronto êxito, a discrição cavalheiresca do rapaz. O sr. Albin mesmo lhe ensinou como carregar as armas e disparou-as diversas vezes ao ar livre, a título de experiência.

Tudo isso requereu tempo, e assim sucedeu que até a data

do encontro transcorreram dois dias e três noites. O lugar do duelo tinha sido proposto por Hans Castorp: era aquele sítio pitoresco, que no verão se cobria de flores azuis, e onde o jovem costumava retirar-se para "reinar". Era ali que, na terceira manhã após a desavença, se liquidaria a pendência, logo que houvesse bastante luz. Somente na véspera, a altas horas da noite, ocorreu a Hans Castorp, que andava muito nervoso, ser necessário levar também um médico ao campo de luta.

Foi de imediato deliberar com Ferge sobre esse problema, cuja solução se apresentou bem difícil. Radamanto pertencera a um grêmio de estudantes que mantinha o código de duelo, mas parecia impossível pedir ao chefe do estabelecimento que desse seu apoio a uma tal ilegalidade, tanto mais que se tratava de pacientes seus. De modo geral, havia pouca esperança de encontrar em Davos um médico que se dispusesse a assistir a um duelo a pistola entre dois homens gravemente enfermos. No que se referia a Krokowski, não se sabia ao certo se esse espírito refinado tinha muita prática na medicação de ferimentos.

Wehsal, igualmente consultado, declarou que Naphta já se opusera à presença de um médico, alegando que não ia ao lugar do duelo para ser ungido e enfaixado, mas para bater-se, e fazê-lo seriamente. Pouco lhe importava o que acontecesse depois. Isso ficaria para mais tarde. Embora essas palavras parecessem sinistras, Hans Castorp esforçou-se por interpretá-las no sentido de que Naphta era intimamente de opinião de que não haveria necessidade de um médico. E também Settembrini não respondera, interpelado por Ferge, que achava melhor abandonar a ideia, uma vez que ela não era de seu interesse? Talvez não fosse totalmente insensato esperar que os adversários, no fundo do coração, tivessem ambos a intenção de não causar derramamento de sangue. Haviam dormido duas noites desde aquela rixa, e tinham à sua frente uma terceira. O tempo aclara o ambiente e arrefece os ânimos. Não há

exaltação que resista à corrente das horas, sem sofrer alterações. Amanhã de madrugada, com a arma na mão, nenhum dos dois brigões seria o mesmo homem que fora na tarde do incidente. Agiriam automaticamente, sob o ditame da honra, e não por viva e espontânea vontade, como teriam feito se tivessem agido na própria ocasião; bastaria prevenir que uma negação do espírito atual viesse a beneficiar o que ele havia sido antes!

Hans Castorp não se enganava nessas suas reflexões — só que de um jeito como ele jamais teria imaginado. Ele tinha até toda a razão no que tocava ao sr. Settembrini. Porém, se houvesse apenas intuído em que sentido Leo Naphta modificaria seus desígnios até o momento decisivo, ou exatamente naquele momento, então mesmo as circunstâncias mais íntimas das quais aquilo tudo decorria não lhe teriam permitido consentir o que estava por ocorrer.

Às sete horas da manhã, o sol estava longe de surgir atrás da sua montanha, mas o dia raiava penosamente por entre as brumas; Hans Castorp, após uma noite inquieta, saía da Firma Berghof, a fim de se encaminhar ao lugar do encontro. As criadas que limpavam o vestíbulo olharam-no com surpresa. No entanto achou aberto o portão principal. Ferge e Wehsal, juntos ou separadamente, já o tinham transposto, um para guiar Settembrini e o outro para acompanhar Naphta ao campo de combate. Hans Castorp ia sozinho, visto a sua função de árbitro não lhe permitir associar-se a nenhuma das partes.

Ia maquinalmente, sob a coação da honra, forçado pelas circunstâncias. Era natural e necessário que ele assistisse ao duelo. Seria impossível manter-se afastado e aguardar o resultado na cama, em primeiro lugar porque… Mas o jovem, em vez de desenvolver o primeiro motivo, logo acrescentou o segundo: não se devia deixar que as coisas chegassem a seu termo. Por enquanto não acontecera nada de grave, graças a Deus, e não era inevitável, era até mesmo inverossímil que algo de grave acontecesse. Tiveram que se

levantar com luz artificial e sair sem ter tomado café, para reunir-se ao ar livre no frio cortante da madrugada, já que havia sido combinado assim. Mas Hans Castorp pensava que depois, sob o influxo da sua própria presença, embora não soubesse de que modo, tudo tomaria rumos mais favoráveis e menos tristes; e que era melhor não querer adivinhar como isso aconteceria, porquanto a experiência ensinava que mesmo os acontecimentos mais simples sempre transcorrem de forma diferente daquela antecipada pela imaginação.

Ainda assim, era a manhã mais desagradável de todas dentre aquelas de que se recordava. Hans Castorp sentia-se lasso e tresnoitado; seus dentes tendiam a bater nervosamente. Não precisava inquirir seu íntimo para desconfiar dos pensamentos com que acabava de se tranquilizar. Os tempos que corriam eram tão invulgares... A senhora de Minsk, arruinada pela cólera, o colegial enfurecido, Wiedemann e Sonnenschein, a história das bofetadas polonesas — tudo isso se revolvia confusamente no seu cérebro. Não podia imaginar que à sua frente, na sua presença, dois homens fossem trocar tiros e derramar o sangue um do outro. Mas quando se lembrava do que, ante os seus olhos, ocorrera entre Wiedemann e Sonnenschein, desconfiava de si próprio e do seu mundo e arrepiava-se sob o casaquinho forrado de peles, não obstante a sensação que nutria ante o extraordinário e o patético do momento, que o exaltava e animava, da mesma forma que os elementos vivificadores do ar da manhã.

Tomado de sentimentos contraditórios, que variavam a cada instante, o jovem saía do “vilarejo” através do lusco-fusco que lentamente se aclarava. Partindo do fim da pista de trenó, galgava a encosta, subindo por uma vereda muito estreita. Alcançou o bosque oculto por espessa camada de neve. Atravessou as pontes de madeira, por baixo das quais se estendia a pista, e avançou, por entre as árvores, num caminho aberto pelos pés dos transeuntes, mais que pelas pás. Como caminhasse rápido, passou depois de pouco

tempo por Settembrini e Ferge. Este levava a caixa de pistolas sob a ampla capa. Hans Castorp não vacilou em unir-se a eles. Mal chegara a seu lado, deparou com Naphta e Wehsal, que se achavam a pouca distância na frente.

— Que manhã fria! Menos dezoito graus — disse na melhor das intenções, mas, assustando-se ele mesmo com a frivolidade de suas palavras, acrescentou: — Senhores, estou convencido...

Os outros permaneceram silenciosos. Os bigodes joviais de Ferge subiam e desciam. Alguns segundos após Settembrini estacou e, tomando a mão de Hans Castorp entre as suas, disse:

— Meu amigo, eu não matarei. Não farei isso. Vou me expor à bala dele. É tudo o que a honra pode exigir de mim. Mas eu não matarei, fique sossegado!

Soltou a mão do jovem e prosseguiu o caminho. Hans Castorp estava profundamente emocionado, mas, depois de alguns passos, objetou:

— Acho maravilhoso da sua parte, sr. Settembrini, mas... Se ele, da sua parte...

O sr. Settembrini limitou-se a menear a cabeça. Hans Castorp, ponderando que, quando um não atirava, o outro de modo algum poderia atrever-se a fazê-lo, chegou à conclusão de que os auspícios eram felizes e suas esperanças começavam a confirmar-se. Sentiu-se grandemente aliviado.

Transpuseram a passadeira que cruzava a ravina, onde no verão caía a cachoeira pitoresca, que nessa época do ano estava congelada e muda. Naphta e Wehsal iam de cá para lá, pela neve, diante do banco escondido sob espessa camada branca. Era o mesmo banco em que Hans Castorp, certa vez, se vira acossado por recordações singularmente vivas, enquanto esperava o fim de uma hemorragia do nariz. Naphta fumava um cigarro, e Hans Castorp perguntou a si mesmo se não sentia vontade de imitá-lo, mas verificou que absolutamente não estava disposto a fazê-lo e deduziu disso

que a atitude do outro tinha um fundo de afetação. Com a sensação de agrado que sempre o invadia ali, contemplou a intimidade fria desse lugar que lhe pertencia e não era menos formoso sob aquele aspecto glacial do que na época em que aparecia inundado de flores azuis. O tronco e a ramagem do pinheiro, que formava uma linha diagonal através do quadro, dobravam-se sob a carga de neve.

— Bom dia! — exclamou o jovem com voz alegre, inspirado pelo desejo de introduzir no ambiente, desde o começo, um tom natural, destinado a dissipar as nuvens. Mas teve pouca sorte com essa intenção, pois ninguém respondeu. As saudações trocadas consistiam em reverências mudas, tão cerimoniosas que se tornavam quase imperceptíveis. Mesmo assim, Hans Castorp continuou decidido a lançar mão, sem demora, da emoção inicial, do aceleramento cordial da sua respiração, do calor originado pela caminhada rápida através da manhã de inverno, e a aproveitá-los em prol da finalidade boa. Por isso começou dizendo:

— Senhores, estou convencido…

— O senhor tratará das suas convicções em outra oportunidade — Naphta atalhou-lhe friamente a palavra. — As armas, por favor — acrescentou com a mesma arrogância. E Hans Castorp, como que se tivesse levado um tapa na boca, teve de ver Ferge tirar o estojo fatal de sob a capa. Wehsal, que se aproximara dele, recebeu das suas mãos uma das pistolas, a fim de passá-la a Naphta. A seguir, Ferge entregou a outra a Settembrini. Feito isso, pediu em voz baixa que desembaraçassem o lugar e pôs-se a medir a passos o terreno e a marcar a distância. Riscou na neve os limites externos com o tacão e assinalou as barreiras internas com duas bengalas, a sua e a de Settembrini.

Que fazia ali o sofredor bonachão? Hans Castorp mal podia dar crédito a seus olhos. Ferge tinha as pernas compridas e dava largas passadas, de maneira que os quinze passos resultaram numa extensão considerável. Mas havia ainda as malditas barreiras que realmente não distavam muito uma

da outra. Sem dúvida, Ferge estava bem-intencionado. E todavia... Que perturbação o forçava a dedicar-se a esses preparativos monstruosos?

Naphta atirara na neve a peliça, de modo que se via o forro de pele de marta do Canadá. Com a pistola na mão, pôs o pé numa das marcações externas, logo que esta foi traçada, enquanto Ferge ainda tratava das demais. Quando terminou, também Settembrini, com a jaqueta surrada, amplamente aberta, ocupou sua posição. Hans Castorp despertou da sua letargia e apressadamente tornou a avançar.

— Senhores — disse em voz opressa —, não se precipitem! Apesar de tudo é do meu dever...

— Cale-se! — gritou Naphta em tom imperioso. — Exijo o sinal.

Mas ninguém dava o sinal. Haviam esquecido de se pôr de acordo sobre esse ponto. Era lógico que alguém ordenasse: “Fogo!”, mas não tinham pensado, ou pelo menos não tinham declarado que caberia ao árbitro pronunciar o comando terrível. Hans Castorp permaneceu silencioso, e ninguém fez menção de substituí-lo.

— Vamos começar! — declarou Naphta. — Avance, meu senhor, e atire! — gritou ao adversário, e começou a avançar ele mesmo, com o braço estendido, apontando a pistola para o peito de Settembrini: uma visão inverossímil. Settembrini fez o mesmo. Ao terceiro passo (o outro, sem disparar, já alcançara a barreira), levantou a pistola muito alto e apertou o gatilho. A detonação provocou um eco múltiplo. As montanhas repercutiram o som sucessivas vezes, o barulho encheu o vale, e Hans Castorp pensou que os habitantes iriam aglomerar-se.

— O senhor atirou para o ar — disse Naphta com autocontrole, enquanto baixava a arma.

Settembrini replicou:

— Eu atiro como quero.

— Atire o senhor novamente!

— Nem penso nisso. Agora é sua vez. — O sr. Settembrini,

de cabeça erguida e olhando o céu, colocara-se quase de lado, não expondo o peito em cheio ao outro, o que era comovente de se ver. Evidentemente alguém o aconselhara a não oferecer ao adversário toda a largura do corpo, e ele se inspirava por essa advertência.

— Covarde! — bradou Naphta, e com esse grito de humanidade admitiu que era preciso maior coragem para atirar do que para servir de alvo; então levantou a pistola de um modo que nada mais tinha a ver com um combate, e descarregou-a na própria cabeça.

Que visão trágica, inesquecível! Enquanto as montanhas lançavam o ruído agudo de seu crime de lá para cá, como a bola em um jogo, Naphta cambaleou ou tombou alguns passos atrás, arremessando as pernas para o alto, descrevendo de supetão uma meia-volta à direita, e caindo com o rosto na neve.

Todos permaneceram imóveis durante um momento. Settembrini, depois de lançar a pistola longe de si, foi o primeiro a aproximar-se de Naphta.

— Infelice! — exclamou. — Che cosa fai per l’amor di Dio?[28]

Hans Castorp ajudou-o a virar o corpo. Viram o buraco vermelho escuro, ao lado da têmpora. E viram um rosto que seria melhor cobrir com o lenço de seda; um lenço, cuja ponta, uma delas, surgia do bolso de Naphta, na altura do peito.

O TROVÃO

Sete anos Hans Castorp passou com a gente aqui em cima — não é um número redondo ao gosto dos partidários do sistema decimal, mas um número bom, prático à sua maneira, um lapso de tempo mítico-pitoresco, pode-se dizer, e mais satisfatório para a alma que, por exemplo, uma árida meia dúzia. Ele comera em todas as sete mesas da sala de refeições, aproximadamente um ano em cada lugar. Por último achava-se à mesa dos “russos ordinários”, junto com dois armênios, dois finlandeses, um bucarense e um curdo. Achava-se ali, arvorando uma barbicha que deixara crescer nesse meio-tempo, um cavanhaquezinho louro como o trigo, de forma indefinível, cuja existência devemos considerar a expressão de certa indiferença filosófica quanto à sua aparência exterior. Temos que ir até mais longe, relacionando a ideia de uma tendência particular para descuidar-se de si próprio com uma tendência análoga que o mundo exterior manifestava com relação a ele. As autoridades haviam cessado de inventar novas diversões para sua pessoa. Verdade é que o conselheiro continuava a perguntar-lhe todas as manhãs se havia dormido bem. Mas, exceção feita dessa pergunta retórica, de caráter coletivo, só raras vezes lhe dirigia a palavra, e Adriática von Mylendonk (na época de que tratamos, ela andava com um terçol totalmente maduro) já não falava com ele sequer de vez em quando. Deixavam-no em paz, mais ou menos como se faz com um aluno que goza do estado singularmente feliz de já não ser submetido a exames nem ter que fazer qualquer outra coisa, porque reprovar é um fato consumado e ninguém mais se preocupa com ele — um tipo orgiástico de liberdade, digamos de passagem, perguntando-nos se a liberdade pode ter outra natureza senão justamente esta. Fosse como fosse, Hans Castorp constituía um caso pelo qual as autoridades já não precisariam velar, visto ser certo que

no seu peito nunca mais evoluiriam decisões indisciplinadas, subversivas. Era um paciente garantido, definitivo, que desde muito tempo cessara de saber para onde mais poderia ir e se tornara completamente incapaz de sequer ventilar a ideia do regresso à planície... Não se demonstrava um certo descuido com respeito à sua pessoa no simples fato de o terem transferido para a mesa dos “russos ordinários”? Com isso, por favor, não se quer dizer coisa alguma, nada mesmo, contra a assim chamada mesa dos “russos ordinários”! Não havia entre as sete mesas vantagens nem desvantagens manifestas. Era uma democracia de mesas de honra, para empregar uma metáfora audaciosa. A mesma comida superabundante era servida nessa mesa como em todas as demais; às vezes, conforme o turno, o próprio Radamanto jantava ali com suas manzorras gigantescas diante do prato, e os povos que tomavam as refeições em torno dela eram honrados membros da humanidade, se bem que não entendessem latim e não comessem com gestos tão elegantes assim.

O tempo, mas não aquele que marcam os relógios de estações de trem, cujo ponteiro grande dá saltos bruscos, de cinco em cinco minutos, senão o indicado por relógios pequeninos, cujo movimento de agulhas permanece imperceptível, ou o que a relva leva para crescer, sem que olho algum perceba, como se ela o fizesse em segredo, até que um belo dia se torna fato evidente; o tempo, uma linha composta de um sem-número de pontos sem extensão (e aqui o malogrado Naphta provavelmente perguntaria como é que coisas desprovidas de extensão conseguem produzir uma linha): ora, o tempo, à sua maneira silenciosa, imperceptível, secreta e contudo ativa, continuara a presentificar transformações. O menino Teddy, para citar apenas um exemplo, deixara um dia — o que, naturalmente, não significa um dia determinado, senão uma época cujo começo é vago — de ser menino. As senhoras já não podiam sentá-lo no colo, nas ocasiões em que se levantava, trocava

o pijama por uma roupa esporte e descia para ir ao encontro delas. Imperceptivelmente virara-se uma página; agora era ele quem as sentava em seu colo, e isso produzia o mesmo prazer a ambas as partes, talvez ainda mais que antes. Ele — não vamos dizer que desabrochara — mas espigara para se tornar mancebo: Hans Castorp não enxergara, mas então enxergou. A propósito, nem tempo nem espigamento trouxeram proveito ao mancebo Teddy, que não era talhado para isso. A temporalidade não lhe fez bem... e aos vinte e um anos morreu da enfermidade para a qual se mostrara predisposto, e seu quarto foi desinfetado. Contamos a sua história com voz calma, já que não houve grande diferença entre seu novo estado e o de até então.

Mas houve óbitos de maior peso, óbitos na planície, que interessavam mais ao nosso herói ou, ao menos, o teriam feito em outras épocas. Pensamos no passamento recente do velho cônsul Tienappel, tio-avô e pai de criação de Hans, de remota lembrança. Ele tivera o máximo cuidado com evitar expor-se a condições atmosféricas pouco saudáveis e deixara ao tio James o papel de sofrer essa vexação; mas não lograra esquivar-se para sempre à apoplexia, e a notícia do seu finamento, transmitida num telegrama lacônico, mas redigido em termos delicados e cautelosos — mais em consideração ao defunto que ao destinatário da mensagem —, subiu um belo dia até a excelente espreguiçadeira de Hans Castorp. E este, depois de recebê-la, comprou papel tarjado de preto e escreveu aos tios-primos que ele, órfão de pai e mãe, e considerando-se agora órfão pela terceira vez, sentia-se ainda mais aflito porque as circunstâncias não lhe permitiam e até mesmo lhe vedavam interromper a estada nessas alturas para acompanhar o tio-avô à última morada.

Falar em luto seria exagerar as coisas, mas os olhos de Hans Castorp, naqueles dias, revelavam expressão mais pensativa que a usual. Essa morte, cujo efeito sentimental em época alguma teria sido grande e pelos aventurosos anos de separação quase chegara a ser nulo, significava,

sem embargo, a ruptura de mais um laço, de mais uma relação que o ligava à esfera lá de baixo e completava o que Hans Castorp chamava, com razão, de liberdade. Com efeito, nessa fase final a que nos referimos, já estava totalmente suspenso qualquer contato entre ele e a planície. Não escrevia cartas nem as recebia. Já não mandava vir os Maria Mancini. Encontrara aqui em cima uma marca que lhe agradava, e à qual dedicara a mesma fidelidade que à amiga de tempos passados: o produto teria ajudado um explorador polar a suportar as piores privações no gelo eterno, e, dispondo dele, podia-se ficar estendido como que à beira do mar e aguentar tudo quanto sucedesse, pois se tratava de um charuto especialmente bem-acabado, de nome “Rütlischwur”, um pouco mais atarracado que o Maria, de cor cinzenta como a de um camundongo, anel azulado em torno, caráter muito dócil e suave; ao consumir-se, convertia-se em cinza branca como a neve, e guardava a forma, de modo a se verem nela as nervuras do invólucro; consumia-se com tamanha regularidade que o fumante podia servir-se do charuto em lugar de uma ampulheta, o que ele realmente fazia, conforme a necessidade, pois deixara de usar o relógio de algibeira. Estava parado, pois certo dia caíra da mesinha de cabeceira, e ele não tratara de mandar consertá-lo para que reassumisse sua cadenciada marcha circular, pela mesma razão por que havia muito renunciara a recorrer a calendários, quer os de arrancar folhinhas, quer os de informar-se de antemão sobre quando cairiam os dias e as festas: era em razão da “liberdade” que o fazia, em homenagem ao “passeio pela praia”, a esse constante “sempiterno”, essa magia hermética para a qual o jovem arrebatado a essas alturas se mostrara predisposto e que constituíra a aventura fundamental de seu espírito, aquela em que se haviam desenrolado todas as aventuras alquimísticas dessa matéria singela.

Assim ele permanecia, e assim, no alto verão, época de sua chegada, voltou a fechar-se sobre si mesmo pela sétima vez

— sem que ele soubesse — o ciclo de um ano.

Então houve o estrondo...

Mas a reserva e o pudor impedem-nos de narrar de boca cheia o que foi que ressoou e sucedeu. Justamente aqui não cabem bravatas nem fanfarrices! Convém enunciar com voz comedida que estrondeou o trovão de que todos temos ciência, essa detonação ensurdecedora da mistura sinistra de tédio e irritação há muito acumulados: um trovão histórico, diga-se com discreta reverência, que abalou os alicerces da Terra; e o trovão que, para nós, porém, faz explodir a montanha mágica e lança ante seus portões, insuavemente, o nosso dorminhoco. Estupefato ele se vê sentado na relva e esfrega os olhos, como um homem que, em que pesem numerosas admoestações, se omitiu de ler os jornais.

Seu amigo e mentor do Mediterrâneo sempre procurara remediar tal coisa e tomara para si a tarefa de informar o filho enfermiço de seu empenho pedagógico, ao menos em linhas gerais, a respeito dos eventos lá embaixo; mas encontrara ouvidos moucos por parte de um discípulo que, ao reinar, chegara a sonhar com esse ou aquele aspecto das sombras espirituais das coisas, mas que não se preocupara com as coisas em si mesmas, e isso em razão de uma tendência arrogante a tomar as sombras pelas coisas e a ver, nas coisas, apenas sombras — o que nem sequer autoriza qualquer um a censurá-lo com severidade, visto a relação entre sombras e coisas não estar esclarecida em definitivo.

Outrora, o sr. Settembrini enchia o ambiente de repentina clareza, sentava-se à beira da cama do jovem e empenhava-se em exercer sobre ele uma influência corretiva em assuntos da vida e da morte. Agora já não era assim. Agora era Hans Castorp quem sentava, com as mãos entre os joelhos, à beira da cama do humanista, no pequeno cubículo, ou ao pé do divã onde Settembrini repousava de dia, no simpático gabinete do sótão, com as cadeiras do carbonário e a garrafa d’água. Fazia companhia ao italiano e

escutava atento e gentil seus comentários sobre a situação mundial. Haviam se tornado raras as ocasiões em que o sr. Lodovico se achava em pé. Para a natureza sensível do humanista, o fim cruento de Naphta, aquela façanha terrorista do disputante sagaz e desesperado, tinha sido um choque violento demais, do qual não conseguia refazer-se. Desde então sentia-se fraco e decrépito. Sua colaboração com a *Sociologia dos males* estava interrompida. O dicionário de todas as obras beletrísticas relativas ao sofrimento humano deixara de progredir, e aquela Liga esperava em vão pelo respectivo tomo de sua enciclopédia. O sr. Settembrini via-se forçado a limitar à palavra falada suas contribuições à organização do progresso, e precisamente para esse fim as visitas amistosas de Hans Castorp ofereciam-lhe uma oportunidade da qual, sem elas, também se veria obrigado a prescindir.

Embora com voz débil, dizia muitas coisas bonitas, vindas do coração, sobre o autoaperfeiçoamento da humanidade pela via social. Seu discurso avançava suave, como sobre os pés de uma pomba, mas, quando se punha a tratar de assuntos como o da união dos povos livres em prol da felicidade geral, ressoava logo nas suas palavras, sem que ele mesmo o quisesse ou soubesse, o rumor das asas de uma águia; e a causa disso, sem dúvida, era a política, a herança do avô, que, unindo-se à herança humanística do pai, formava na alma de Lodovico o ideal das belas-letras, exatamente como humanidade e política uniam-se no ideal sublime e celebrativo da civilização, essa ideia mansa como as pombas e denodada como as águias, que aguardava o dia de se tornar realidade, a manhã dos povos, em que o princípio da Reação caísse derrotado e a Santa Aliança da democracia burguesa se visse encaminhada... Em suma, havia aqui certas desarmonias. O sr. Settembrini era humanitário, mas, ao mesmo tempo e pelos mesmos motivos, era quase explicitamente belicoso. Por ocasião do duelo com o crasso Naphta comportara-se como um ser

humano, mas em assuntos de maior importância, em que o espírito de humanidade, tomado pelo entusiasmo, se aliava à política em prol da ideia triunfante e dominadora da civilização, e onde se glorificava o cidadão mais simples no altar da humanidade, tornava-se duvidoso saber se ele, de modo impessoal, continuaria disposto a evitar que sua mão derramasse sangue... Sim, as circunstâncias íntimas ensejavam que, na bela consciência moral do sr. Settembrini, o elemento de denodo aquilino prevalecesse cada vez mais sobre a brandura columbina.

Frequentemente, sua atitude ante as grandes constelações do mundo era contraditória, acossada de escrúpulos e perturbada por embaraços. Recentemente, fazia apenas ano e meio ou dois anos, a cooperação diplomática de seu país com a Áustria, na questão da Albânia, enchera de desassossego suas explanações; essa cooperação, que o satisfazia por ser dirigida contra a Semi-Ásia isenta de latinidade, contra o cnute e Schlusselburg, ao mesmo tempo atormentava-o, por ser a mésalliance com o inimigo hereditário, com o princípio da Reação e avassalamento dos povos. No outono passado, o grande empréstimo que a França fizera à Rússia para a construção de uma vasta rede ferroviária na Polônia despertara nele sentimentos igualmente antagônicos; ora, o sr. Settembrini pertencia ao partido francófilo da sua terra, o que não é de admirar, quando se tem em mente que o avô comparara os dias da Revolução de Julho aos da criação do universo; mas o acordo entre a República iluminada e um alinhamento programático com a Cítia bizantina causava-lhe constrangimento moral — uma angústia que lhe oprimia o peito, mas que não tardava em converter-se, em vista do significado estratégico dessas vias férreas, em esperança e alegria bem arejadas. Então teve lugar o atentado contra o príncipe herdeiro, que para todos, exceção feita de alguns dorminhocos alemães, constituía um sinal de tempestade, um aviso aos iniciados, entre os quais temos toda razão de incluir o sr. Settembrini.

Hans Castorp, na verdade, viu-o horrorizar-se como indivíduo diante desse ato terrorista, mas observou como o peito do humanista vibrava com o pensamento de que se tratava de uma façanha libertadora, brotada do seio de uma nação e dirigida contra a cidadela que ele mais odiava, ainda que, ao mesmo tempo, devesse considerar tal feito fruto de atividades moscovitas, o que o inquietava, sem contudo impedi-lo de, três semanas mais tarde, qualificar o ultimato da Monarquia à Sérvia como insulto à humanidade e como crime hediondo, em face das consequências que podia prever, como conhecedor do assunto, e com as quais se regozijava, a ponto de acelerar a respiração, tamanho seu comprazimento...

Em uma palavra, os sentimentos do sr. Settembrini eram tão complexos quanto a fatalidade que ele via precipitar-se com imensa rapidez, e para a qual procurava por meio de palavras veladas preparar o seu discípulo, se bem que uma espécie de cortesia e de compaixão nacional o impedisse de falar sem rebuços a esse respeito. Nos dias das primeiras mobilizações e da primeira declaração de guerra adquirira o hábito de estender ambas as mãos ao visitante e apertar-lhe as dele, como se lhe quisesse falar, senão ao cérebro, pelo menos ao coração.

— Meu amigo! — disse o italiano. — A pólvora e a imprensa, sim, é incontestável que foram inventadas por vocês. Mas se o senhor pensa que nós marcharemos contra a Revolução... Caro...

Durante os dias de expectativa mais carregada, em que os nervos da Europa eram retesados sobre um verdadeiro cavalete de tortura, Hans Castorp não foi ter com o sr. Settembrini. Os jornais cheios de horrores chegavam agora diretamente da planície ao seu compartimento de sacada, empestando com seu cheiro de enxofre a sala de refeições e mesmo os quartos dos doentes graves ou moribundos. Eram aqueles segundos em que o dorminhoco na relva, sem saber o que lhe acontecera, soerguia-se lentamente, antes de

sentar-se e esfregar os olhos... Mas convém levarmos a imagem adiante para fazer jus ao que se passava no espírito dele. Ele encolheu as pernas contra o próprio corpo, ergueu-se, olhou em torno. Viu-se desencantado, redimido, libertado — não a partir da força que era sua, como teve que admitir com certa vergonha, senão expulso por potências exteriores e elementares, para as quais a libertação dele surgia como efeito totalmente secundário. Mas, embora seu pequeno destino se perdesse no destino geral — não se expressavam nisso certa bondade e justiça, entendidas como pessoais, e que eram portanto de origem divina? Se a vida, uma vez mais, acolhia seu pecaminoso filho enfermiço, não podia fazê-lo por um preço barato, mas somente dessa forma grave e severa, impondo-lhe uma prova que para ele, o pecador, talvez não significasse a vida, mas justamente nesse caso extremo poderia equivaler a três salvas fúnebres. E assim Hans Castorp pôs-se de joelhos e ergueu o rosto e as mãos ao céu, que estava sombrio, sulfurino, mas que deixava de ser o teto da gruta da montanha dos pecados.

Foi nessa posição que o sr. Settembrini o encontrou — falando-se aqui de modo fortemente imagético, entenda-se bem; pois, em realidade, o caráter reservado do nosso herói não permitiria um teatro desses. Na realidade nua e crua, o mentor encontrou-o ocupado a fazer as malas, porquanto Hans Castorp, desde o momento em que acordara, via-se arrastado por uma torrente remoinhosa de partidas "em falso", que o trovão abalador desencadeara no vale. Este torrão tão seu, sua "pátria", assemelhava-se a um formigueiro em pânico. De cinco mil pés de altura, a gente daqui de cima precipitava-se de ponta-cabeça em direção à planície das provações, sobrecarregando os estribos do trenzinho tomado de assalto, sem levar qualquer bagagem, se preciso fosse, bagagem que cobria, em pilhas enfileiradas, a plataforma de embarque da estação apinhada de gente, a cuja altura parecia haver chegado o bafo abrasador do incêndio da planície — e Hans precipitava-se

junto com todos. Em meio ao tumulto Lodovico abraçou-o… e o fez literalmente: cingiu-o com os braços e beijou-lhe as duas faces, à maneira meridional (ou também à maneira russa), o que, não obstante a agitação, não deixou de importunar nosso viajante "em falso". Este perdeu quase que por completo a serenidade, no entanto, quando no último instante o sr. Settembrini o chamou pelo primeiro nome, a saber, "Giovanni", e, abandonando a forma de tratamento habitualmente usada no Ocidente civilizado, serviu-se do "você".

— E così in giù — ele disse —, in giù finalmente! Addio, Giovanni mio![29] Eu teria preferido ver você partir de outra forma, mas vá lá, que seja, os deuses dispuseram as coisas assim e não de outro modo. Esperava despedir-me de você quando voltasse a seu trabalho, e agora você lutará no meio dos seus. Meu Deus, foi a você que isso coube, e não a nosso tenente. Como é estranho o jogo da vida… Vá lutar com bravura, lá aonde o enviam os laços do sangue! Ninguém pode fazer mais, a esta hora. E perdoe-me, se emprego o resto de minhas forças para concitar também meu país à luta, do lado que lhe indicam o espírito e o sagrado interesse próprio. Addio!

Hans Castorp enfiou a cabeça entre dez outras que enchiam o vão da janelinha. Acenou por cima delas. Também o sr. Settembrini acenou com a mão direita, enquanto, com a ponta do dedo anular da esquerda, tocava delicadamente o canto de um dos olhos.

*

*   *

Onde estamos? Que é isso? Aonde nos levou o sonho? Crepúsculo, chuva e barro, rubros clarões de fogo no céu turvo que sem cessar estruge atroadoramente; os úmidos ares invadidos e dilacerados por silvos agudos, por uivos

raivosos que avançam como o cão dos infernos e terminam sua órbita, entre estilhaços, jatos de terra, detonações e labaredas, por gemidos e gritos, por clarinadas estridentes e pelo rufar de tambores, clamando depressa, cada vez mais depressa... Ali, de uma floresta irrompem turbas sem cor, que correm, caem e saltam. Ali delineia-se ante o incêndio longínquo uma cadeia de colinas, e dele, de quando em quando, as brasas se condensam em chamas flutuantes. Ao nosso redor espraiam-se ondulosos campos aráveis, encharcados, revolvidos. Uma estrada rústica, barrenta, coberta de ramos quebrados alonga-se paralela à floresta; um atalho, sulcado e alagadiço, desvia-se dela e conduz em curva rumo às colinas, troncos de árvore erguem-se na chuva fria, desgalhados e nus... Aqui, um poste com indicação do caminho: não vale a pena consultá-lo; a penumbra lhe velaria as inscrições, mesmo que um transpasse aguçado já não houvesse esfrangalhado a tabuleta. Leste ou Oeste? É a planície, é a guerra. E nós somos sombras tímidas à beira do caminho, envergonhados por estarmos seguros nas sombras, sem a menor intenção de incorrer em bravatas nem fanfarrices, mas guiados até aqui pelo espírito da narração, para que possamos ver mais uma vez, antes de perdê-lo de vista, o rosto singelo de um desses camaradas cinzentos impelidos pelos tambores, e que ali correm e caem, surgidos da floresta, o rosto de um conhecido, do pecador ingênuo que acompanhamos por seu caminho durante uns bons anos, e cuja voz tantas vezes ouvimos.

Eles foram reunidos aqui em torno, esses camaradas, para dar impulso último ao combate que se prolongou pelo dia todo e que visa a reconquista da posição nas colinas e, atrás delas, dos vilarejos em chamas, caídos dois dias antes em poder do inimigo. É um regimento de voluntários, sangue jovem, na maioria estudantes, com pouco tempo no campo de batalha. Foram avisados em plena noite, viajaram de trem até o amanhecer e marcharam na chuva, até de tarde,

por caminhos péssimos — que nem sequer eram caminhos: com as estradas congestionadas, avançaram foi por campos e pântanos, sete horas a fio, com o casacão encharcado e equipamento completo, nada que lembrasse um passeio por lazer; pois quem não quisesse perder as botas tinha que curvar-se quase a cada passo, enfiar o dedo na lingueta e, puxando-a, livrar o pé do solo encharcado. Assim gastaram mais de uma hora para atravessar um pequeno prado. E chegam, afinal; seu sangue jovem suportou todas as fadigas; os corpos, excitados e exaustos, mas ainda mantidos em tensão pelas reservas vitais mais profundas, não demandam alimentação nem o sono que lhes falta. Os rostos molhados e salpicados de lodo, emoldurados pela presilha jugular, ardem sob os capacetes desaprumados, revestidos de pano cinzento. Estão inflamados pelo esforço e também pelo impacto das baixas que sofreram durante a marcha pela floresta pantanosa. Pois o inimigo, sabendo-os próximos, ergueu em seu caminho uma barragem de artilharia com shrapnels e granadas de grosso calibre, que já na floresta, com estilhaços, golpeou os grupos deles, e que agora, uivando, jorrando e lançando chamas, açoita a vasta campina tombada.

E eles têm que passar por isso, esses três mil mancebos febris, eles, como nova provisão, têm que decidir com suas baionetas o assalto às trincheiras cavadas diante e atrás da cadeia de colinas e também o assalto aos vilarejos em chamas, e têm que ajudar a fazê-lo avançar até determinado ponto, assinalado na ordem que seu líder traz no bolso. Há três mil deles, para que sobrem dois mil, quando chegarem às colinas e vilarejos; eis a explicação de serem tantos. Formam um só corpo, composto de tal maneira que mesmo depois de graves perdas ainda possam agir, vencer e saudar o triunfo com um hurra de milhares de vozes — sem se importar com os que se desagregam ao sair da formação. Muitos já se desagregaram, não aguentaram a marcha forçada para a qual eram jovens e fracos demais. Cada um

empalideceu, cambaleou, com os dentes cerrados, exigiu hombridade de si mesmo, mas ao cabo ficou para trás. Ainda se arrastou por algum tempo ao lado da coluna em marcha, mas pelotão após pelotão ultrapassou-o, e por fim ele desapareceu, ficou estendido onde não era bom ficar. Depois veio a floresta estilhaçadora. Mas ainda são muitos os que saem dali em turba; três mil podem suportar uma sangria, e mesmo assim persistem unidos na aliança, a fervilhar. Estão inundando desde já nossa terra úmida, a estrada, o atalho, os campos lamacentos; nós, sombras observadoras à beira do caminho, estamos em meio a eles. Na orla da floresta todos calam a baioneta com manobras destras, o clarim clama com insistência, o tambor rufa, ribomba num trovão profundo, e os homens, com gritos roucos, precipitam-se adiante como podem, pois seus pés pesam em pesadelo torturante, e a lama, plúmbea, gruda-se a suas botas toscas.

Atiram-se de bruços para esquivar-se a projéteis ululantes, levantam-se e avançam às pressas, dão brados jovens e estridentes de coragem, porque escaparam ilesos. São alvejados, caem, trançando os braços, com um tiro na testa, no coração, nas entranhas. Jazem, com as faces na lama, já não se movem mais. Jazem, as costas elevadas sobre a mochila, a parte posterior da cabeça metida no barro, seguram o ar nas mãos crispadas como garras. Mas a floresta envia outros que se atiram, que saltam, gritam ou avançam mudos, a passo trôpego, por entre os feridos.

Ah, esse sangue jovem, com suas mochilas e baionetas, capas e botas enlameadas! Sonhando de modo humanístico-estético, poderíamos imaginá-lo num quadro diferente. Poderíamos ter a seguinte visão: os jovens montando e banhando cavalos numa enseada do mar, caminhando pela praia em companhia da amada, achegando os lábios à orelha da noiva meiga, ou ensinando uns aos outros, amigos e felizes, o tiro com arco. Em lugar disso, esse sangue jovem jaz com o nariz no barro bombardeado. Que façam isso com alegria, ainda que transidos de medo e cheios de saudades

da mãe, é assunto à parte, que causa orgulho e envergonha, mas que jamais poderia ser razão para colocá-los nessa posição.

Eis aí nosso conhecido, eis aí Hans Castorp! Já bem de longe o reconhecemos pela barbicha que deixou crescer, enquanto comia à mesa dos "russos ordinários". Arde e está ensopado como os demais. Corre com os pés pesados pelo barro, segura o fuzil com o punho pendente. Vejam só: ele pisa a mão de um camarada desagregado — pisa essa mão com a bota ferrada e afunda-a no solo lamacento, salpicado de galhos lascados. E todavia é ele. Mas como pode ser? Está cantando! Ele canta, canta sem razão, de olhar vazio, por uma excitação vazia de pensamentos, e como quem aproveita a respiração ofegante para cantar de si para si, a meia voz:

"Talhei em sua casca
Mil coisas que senti..."

E cai. Não, ele se atirou ao chão, porque um cão dos infernos chega uivando, um enorme obus, um pão de açúcar asqueroso saído do abismo. Está deitado, comprimindo o rosto no barro frio, pernas escancaradas e pés torcidos, colados ao chão. O produto de uma ciência asselvajada, munida do que há de pior, abate-se como o diabo em pessoa a trinta passos dele, penetra obliquamente no solo, explode lá embaixo com espantosa violência e joga à altura de uma casa um jorro de terra, fogo, ferro, chumbo e matéria humana despedaçada. Pois ali havia dois — dois amigos, que se haviam atirado um ao lado do outro, no momento de perigo: e agora estão mesclados, sumidos.

Oh, que vergonha de nossa segurança nas sombras! Já é hora! Não vamos narrar mais! Feriu-se o nosso conhecido? Por um momento, pensou que sim. Um grande torrão bateu-lhe na canela, doeu bastante, mas não é sério. Ele se põe em marcha, prossegue cambaleando, coxo, com os pés pesados de barro, e canta com sua alegre inconsciência:

“Os galhos sussurra-avam,
Falando para mim…”

E assim, no tumulto, na chuva, no crepúsculo, escapa de nossa visão.

Passe bem, Hans Castorp, enfermiço e cândido filho da vida! Sua história terminou. Nós a contamos até o fim; ela não foi nem breve nem longa, foi uma história hermética. Nós a contamos em virtude dela, e não em razão de você, pois você era simplório. Mas essa história era sua, enfim; e como ela coube a você, você talvez devesse ter algo de bom nessa cachola, e não dissimulamos a simpatia pedagógica que, ao narrá-la, começamos a nutrir por você, e que bem seria capaz de nos levar a tocar delicadamente o canto de um dos olhos com a ponta do dedo, ao pensar que no futuro jamais tornaremos a vê-lo nem ouvi-lo.

Adeus — se viver, ou se ficar! Suas perspectivas não são boas; o macabro baile ao qual o arrastaram ainda vai durar uns vários anos de pecados, e não queremos apostar muita coisa em que você vá escapar. Para falar com franqueza, não sentimos escrúpulos por deixar aberta essa questão. Certas aventuras da carne e do espírito, que sublimaram sua singeleza, fizeram seu espírito sobreviver ao que sua carne dificilmente sobreviverá. Momentos houve em que, cheio de pressentimentos e absorto em seu reinar, você viu brotar da morte e da luxúria do corpo um sonho de amor. Será que também desta festa mundial da morte, e também da perniciosa febre que inflama o céu da noite chuvosa, ainda surgirá o amor?

FINIS OPERIS

---

1 “Que piada!…”
2 “Referências?”
3 “É um bruto mesmo!…”
4 “É uma graça.”
5 “Com seu amigo tagarela do Mediterrâneo, seu mestre, grande falador…”
6 “O mundo quer ser enganado.”
7 “Ponto de honra.”
8 “Pior para o senhor.”

9 “Assim é.”
10 “Vejamos, meu amigo.”
11 “No estaleiro.”
12 “Quanta generosidade! Uau, de fato”; “um homem de caráter.”
13 “De modo filosófico.”
14 “Exatamente…”
15 “Você sabe.”
16 “É uma abdicação.”
17 “Você já viu o diabo com uma bebida na mão?”; “Não, eu nunca vi o diabo com uma bebida na mão.”
18 “Maldição!”
19 “Dá-me o braço, minha querida…”
20 “Tu — neste túmulo?”
21 “Não, não! Tu és linda demais!”
22 “Rever-te, Carmen…”
23 “Eu representava alguma coisa para ti!”
24 “Carmen, eu te amo!”
25 “Tédio.”
26 “Devastador! Cachorro raivoso! É preciso matar você!”
27 “À batalha!”
28 “Infeliz! […] O que está fazendo, pelo amor de Deus?”
29 “Então para baixo […], para baixo, finalmente! Adeus, meu Giovanni!”

POSFÁCIO A VÁRIAS MÃOS

Paulo Astor Soethe

Revisar e atualizar a tradução de *A montanha mágica* por Herbert Moritz Caro, publicada pela primeira vez há mais de sessenta anos, implica um gesto de profunda admiração pela memória e pela obra desse intelectual judeu alemão nascido em Berlim em 1906, e falecido em 1991, em Porto Alegre.[1] Caro chegou ao Brasil em 1935 e foi um dos primeiros difusores da obra de Thomas Mann em nosso país, assim como de outros grandes escritores de língua alemã (Hermann Broch e Elias Canetti, por exemplo).

Foi por recomendação de Caro, aliás, que Erico Verissimo tomou contato com a obra do "mago" de Lübeck e a ele dedicou textos na *Revista do Globo*, para logo a seguir empenhar-se pela publicação de obras de Thomas Mann no Brasil.[2] Verissimo, a propósito, conheceu pessoalmente o colega escritor em 1941, nos Estados Unidos, na casa do rabino Abraham Feinberg, em Denver, e dedicou a esse encontro um capítulo em seu relato de viagem *Gato preto em campo de neve*. De certo modo, portanto, Caro não apenas traduziu a obra de Thomas Mann no Brasil como também contribuiu para que ele se tornasse parte da história literária brasileira.[3]

O texto que se lê no presente volume é o de um Thomas Mann alemão e brasileiro, agora ainda mais mestiço. Uma reescritura do trabalho basilar do primeiro tradutor, falante nativo de alemão,[4] sob a consideração da necessidade de se atualizar o texto — em face das mudanças no português brasileiro e sobretudo em face dos resultados e consensos da pesquisa especializada das últimas décadas —, vem ao encontro de uma das características fundamentais da obra:

o cultivo da ambivalência como produto e matéria literária de um pensamento movido por forças opostas, que podem assumir várias formas, nomes e configurações.[5] Daí fazer sentido, e se harmonizar com o espírito da obra, a despersonalização da escrita pelo convívio de dicções diversas, em que as formulações do escritor Thomas Mann no texto original (marcadas de saída pela incorporação literária de textos, figurações e motivos alheios),[6] as opções de Herbert Caro como tradutor "clássico" (contemporâneo e interlocutor direto de Mann) e as modificações do revisor da tradução confluem e se embatem para constituir nova usina de sentidos, dinâmica e disposta a integrar a cena literária e intelectual no Brasil contemporâneo. *A montanha mágica* é, inevitavelmente, um texto trazido até aqui por diversas mãos, e por mãos diversas.

A atualização e reinserção da obra de Thomas Mann no espaço público, a propósito, acontecem no Brasil em consonância com novidades no mundo editorial e acadêmico em outros contextos. Na Alemanha, desde 2001 o projeto monumental da nova edição da obra completa de Mann, a Grande Edição Comentada de Frankfurt (cidade sede da editora Fischer, à qual Thomas Mann está ligado desde o ano de 1900), prevê a publicação de cerca de quarenta volumes, dos quais quinze já foram lançados. *A montanha mágica* foi o segundo romance nessa série. Foi lançado em 2002 como volume duplo, sendo um dos tomos o aparato crítico, com mais de quinhentas páginas, trezentas delas dedicadas às notas explicativas.

Na Itália, para dar outro exemplo, a publicação de nova tradução do romance pela prestigiosa editora Mondadori, em outubro de 2010, realizada por Renata Colorni sob coordenação acadêmica de Luca Crescenzi, recebeu grande atenção na imprensa pela decisão dos responsáveis de atribuir à obra o título *La montagna magica*,[7] na contramão do uso italiano consagrado de *La montagna incantata*, já havia décadas. O sinal lançado pela alteração no título

indicava, muito mais, tratar-se da recolocação do grande romance alemão sobre a Europa — em que a personagem italiana Lodovico Settembrini tem papel central — sob o foco de atenção da intelectualidade literária na Itália, em tempos de intensa (e muitas vezes conflituosa) interação entre essas duas grandes nações da União Europeia, justamente em meio à atual fase de mobilidade e profundas transformações no continente.

No Brasil, a presença e a importância de Thomas Mann são bastante significativas, contam com longa história,[8] e vêm recebendo atenção crescente, não apenas pelo vínculo biográfico do escritor com o país natal de sua mãe.[9] Também em *A montanha mágica* há remissões ao Brasil, sendo a mais contundente, por certo, a menção à presença de "sul-americanos portugueses" no seminário em que ingressa Leo Naphta, um dos mentores do protagonista Hans Castorp. A remissão passou despercebida à germanística alemã, e sequer o volume com o aparato crítico da edição de 2002 dedica um comentário a isso. No capítulo "*Operationes spirituales*", no entanto, a aparência desses brasileiros é descrita, de modo inequívoco, como "mais judaica" que a de Naphta, o que impedia que a origem judaica dele chamasse a atenção dos demais seminaristas. O motivo de uma aproximação das aparências físicas de brasileiros e judeus se repetirá décadas mais tarde em um episódio das *Confissões do impostor Felix Krull*, e remete a uma das principais razões do longo silêncio de Thomas Mann sobre seus vínculos com o Brasil (formulada literariamente, no entanto, nesses dois momentos de sua obra): bem cedo, já em 1912, historiadores antissemitas imputaram a Thomas e Heinrich Mann a presença de "sangue judeu" na constituição étnica, de modo especial o germanista Adolf Bartels, que durante a ditadura nazista virá a ser um dos principais e mais influentes ideólogos do regime no meio acadêmico.[10] É a Bartels, inclusive, que Sérgio Buarque de Holanda se refere em 1929 como fonte de seu conhecimento sobre a suposta origem

brasileira de Thomas Mann, que o jovem sociólogo paulistano trata de confirmar na memorável entrevista que terá com o autor de *A montanha mágica*, logo após a conquista do prêmio Nobel de literatura.[11]

A origem brasileira, de qualquer modo, vem encontrando também na consciência do público internacional ressonância sempre maior, sobretudo como indício da discreta, mas contundente, sensibilidade de Thomas Mann quanto aos "pequenos detalhes" da condição estrangeira vivida ou observada por suas personagens e às movências e instabilidades a que estão expostas.[12] Em um gesto de autoestilização, Thomas Mann remeteu-se diversas vezes a essa origem como fonte do influxo da arte na constituição de sua pessoa.[13]

Sua mãe brasileira, Julia da Silva-Bruhns, nasceu em 14 de agosto de 1851 entre Angra dos Reis e Paraty, no litoral do Rio de Janeiro, e cresceu na fazenda Boa Vista, "entre o mar e a mata", como ela descreve em suas memórias.[14] Seu pai era João Luiz Germano Bruhns (1821-93). Membro de uma família de comerciantes de Lübeck, ele emigrou para o Brasil em 1840 para desenvolver atividade econômica. Depois de se fixar no litoral do Rio de Janeiro, em Angra dos Reis, casou-se com Maria Luiza da Silva, que faleceu em 1856 durante um parto. A pequena Julia, quarta filha do casal, tinha então pouco menos de cinco anos e, órfã da mãe, foi levada pelo pai em 1858 à sua cidade de origem, no norte da Alemanha. A menina ficou sob cuidados de uma educadora em um internato e jamais voltou ao Brasil. Pouco antes de fazer dezoito anos casou-se com um "senador vitalício" da cidade de Lübeck, Thomas Johann Heinrich Mann. Ela faleceu em março de 1923, quase dois anos antes do lançamento de *A montanha mágica*, em novembro de 1924. Em 2001 comemoraram-se com uma exposição no Museu da República, no Rio de Janeiro, os 150 anos do nascimento da menina brasileira que viria a ser a matriarca de uma dinastia de escritores e intelectuais de língua alemã.[15]

Pois, de fato, o atual presidente da Sociedade Alemã Thomas Mann, sediada na Buddenbrookhaus, em Lübeck,[16] Hans Wißkirchen, disse certa vez que os Mann representam para a Alemanha o que os Kennedy representam para os Estados Unidos e (remetendo-se a palavras do famoso crítico literário Marcel Reich-Ranicki) o que os Windsor representam para a Inglaterra: a família viveu de modo peculiar e intenso a história recente e tornou suas as grandes questões da Alemanha, sob grande identificação e visibilidade da opinião pública. Desde a reunificação alemã, com fases menos e mais intensas, há naquele país o que a imprensa chama de uma "mannomania". Pois além de Thomas Mann e seu irmão Heinrich, dois dos maiores escritores europeus do século XX, também os filhos e netos de Thomas se destacaram na vida intelectual alemã: Klaus e Erika como escritores e ativistas políticos e culturais; Michael como músico, depois germanista; Golo como historiador; Elisabeth como bióloga marinha. Frido Mann, neto de Thomas com sua esposa Christine Mann, pedagoga, filha do físico Werner Heisenberg, mantém contato com o Brasil desde meados dos anos 1990. Autor de romances e livros de ensaios, Frido contou em julho de 2015, por ocasião de seu septuagésimo quinto aniversário, com um evento na Literaturhaus de Munique em sua homenagem, para o público em geral, que lotou o auditório; em outubro do mesmo ano, o número 42 da revista *Der Spiegel* publicou longa reportagem sobre a família Mann (afinal, durante a Feira de Frankfurt foram apresentadas duas novas biografias de seus integrantes)[17] e ainda uma entrevista de três páginas com Frido: sua visibilidade e a recepção significativa de suas obras recentes confirmam a popularidade da família ainda hoje, de forma ativa e lúcida, no espaço público e no imaginário de grandes camadas da população alemã.

A preocupação em não perder o contato com o grande público leitor, a propósito, já era questão central para o autor de *A montanha mágica*, como desafio à própria

poética. O romance revela a um só tempo inovações formais que o aproximam de tendências autorreflexivas do início do século XX, mas também uma dicção e um universo de referências que o fazem legatário de uma “ilusão representacional” mais palatável, quase popular, ainda que autocrítica e transformadora.

Sobre a questão, o crítico Herbert Lehnert[18] bem percebeu que Thomas Mann convida seu leitor, por um lado, a identificar-se ingenuamente com o mundo figurado nas obras por via realista e a aceitar a ficção como um dado “natural”; por outro lado, atrai o leitor para que descubra, sob a ficção realista, a estrutura em que os elementos literários se conectam, sob um novo sistema de significações. Antecipações e retrospecções, leitmotiv, o entretecimento de informações e referências ao longo dos textos, tudo torna insuficiente uma leitura linear única, atenta apenas à superfície da narrativa. O bom leitor da obra precisa colocar-se diante dela como um todo, apreender-lhe a materialidade “orgânica”, por assim dizer, como quem se depara com um quadro, um objeto no espaço. Ao preço de renovadas incursões pelo romance, de uma longa permanência na “montanha mágica” de papel por bíblicos sete anos, é que se pode compreender e fruir essa obra, tê-la em vista no todo, em seus detalhes e densidade composicional. Mann, ao falar em 1939 sobre *A montanha mágica* a estudantes norte-americanos em Princeton, sugere de modo claro um procedimento, ao apresentar o romance como a seguir:

> Que devo dizer sobre o próprio livro e sobre como ele deve ser lido? De início, uma exigência bastante arrogante, qual seja: a de que se deve lê-lo duas vezes. A quem conseguiu levar o *Zauberberg* uma vez até o fim, aconselho que o leia uma vez mais, pois a peculiaridade de seu feitio, seu caráter composicional, propicia que o prazer do leitor se eleve e se aprofunde, na segunda vez. (XI, 611)

Trata-se aqui de uma citação indireta de Arthur Schopenhauer: pois no “Prefácio” de *O mundo como*

vontade e representação o filósofo sugere ao leitor uma segunda leitura da obra, para que possa compreender melhor o livro.[19] O princípio literário é característico, e não surpreende que outro grande escritor como João Guimarães Rosa faça desse mesmo texto de Schopenhauer a epígrafe de *Tutameia*: "Daí, pois, como já disse, exigir a primeira leitura paciência, fundada em certeza de que, na segunda, muita coisa, ou tudo, se entenderá sob luz inteiramente outra. Schopenhauer".[20]

Para exemplificar o procedimento e destacar um dentre os muitos leitmotiv que perpassam o texto, as considerações a seguir concentram-se sobre a figuração das mãos no romance. Na atenção às várias mãos que fazem chegar o texto à mão do leitor de hoje ressoa a atenção que o escritor dedica a esta que é, entre as partes externas do corpo, a mais ágil e complexa: a imensa maioria dos indivíduos tem suas mãos a maior parte do tempo diante dos olhos, mas o foco em geral se concentra sobre outra coisa, que elas portam; e não raro esse elemento tão marcante da condição de cada indivíduo passa despercebido — até que nas próprias mãos pousem mãos alheias, ou até que irrompam nas próprias mãos a dor, o tempo, e elas faltem. Pode dar-se aqui, na concentração sobre a manufatura do texto, a descoberta de um gesto reflexivo, plástico, estético, que é também explicitação do hábil manejo de Mann com imagens de pensamento únicas, hoje imprescindíveis.

No início do romance, quando o leitor toma contato com Hans Castorp e o conhece como burguesote mimado, o narrador não se furta a descrever o protagonista como a seguir: "Suas mãos, embora não fossem tipicamente aristocráticas, tinham a pele bem-cuidada e macia, adornadas pelo anel-sinete, herança do avô, e por outro anel de platina em forma de corrente". E logo depois: "Terminada a refeição, era sua primeira necessidade a tigelinha de água perfumada para lavar os dedos".

Ao cuidado e refinamento dessas mãos vai opor-se páginas

adiante o desleixo das de Clawdia Chauchat. A jovem russa irrita Castorp por bater a porta sempre que entra no refeitório. Seu caráter tosco, no entanto, também atrai e deslumbra o rapaz. Pouco antes de serem apresentados um ao outro, Castorp tem tempo de observá-la, com especial interesse pelas mãos:

> Uma das mãos ela manteve no bolso da jaqueta de lã muito justa, e a outra, no entanto, levou à nuca, apoiando e arranjando o cabelo. Hans Castorp olhou essa mão — entendia de mãos e lhes devotava atenção muito crítica, tendo o hábito de examinar, antes de mais nada, essa parte do corpo das pessoas com quem travava conhecimento. Não era propriamente feminina a mão que arrumava os cabelos; não oferecia aquele aspecto cuidado e refinado que costumavam ter as mãos das damas da esfera social de Hans Castorp. Bastante larga, de dedos curtos, tinha algo de primitivo, de infantil, que lembrava a mão de uma colegial. As unhas, evidentemente, ignoravam a manicure; estavam aparadas de maneira tosca, também de colegial, e a pele, nas bordas, parecia um tanto áspera, como a de quem tivesse o vício de roer as unhas.

O contraste social entre ambos (essa atenção dada às mãos é apenas um recurso, entre outros, para destacá-lo) está relacionado às principais transformações sofridas pelo protagonista na primeira metade do romance. Hans Castorp acaba permanecendo no sanatório por bem mais tempo que as três semanas previstas de início, nas quais apenas pretendia visitar o primo Joachim Ziemssen, acometido pela tuberculose. Sua permanência, a propósito, se dá de forma ambivalente: não se sabe em definitivo se Castorp adoece por estar apaixonado por Clawdia, e por isso fica, ou se ele se crê doente para ficar no sanatório, movido pela paixão. De qualquer maneira, a paixão e as diferenças entre ele mesmo e o objeto de seu desejo desencadeiam em Castorp um processo de questionamento e reflexividade que constituem, em última análise, a própria matéria do romance.

Um sonho com as mãos de Clawdia explicita a atração erótica que Hans sente por ela, fixa plasticamente o contraste entre ambos e aponta para a transformação dele

em decorrência do refinamento de sua percepção em face da realidade física do corpo. Duas vezes na mesma noite, Hans Castorp sonha, segundo informa o narrador:

> Achava-se sentado na sala das sete mesas, quando a porta envidraçada se fechou com enorme estrondo, e madame Chauchat, no seu suéter branco, entrou com uma mão no bolso e a outra na nuca. Porém, ao invés de se dirigir à mesa dos “russos distintos”, a mulher mal-educada aproximou-se a passo silencioso de Hans Castorp e, sem dizer palavra, estendeu-lhe a mão para beijar — não as costas, mas sim a palma. E Hans Castorp beijou o interior dessa mão; beijou essa mão pouco cuidada, um tanto larga, de dedos curtos, com a pele áspera nas bordas das unhas. Novamente o invadiu então, dos pés à cabeça, aquela sensação de gozo dissoluto por que passara, quando, a título de experiência, se sentira livre da pressão da honra e desfrutara as ilimitadas vantagens que a vergonha acarreta. Foi essa a sensação que ele tornou a encontrar no sonho, mas com intensidade muitas vezes maior.

A repetição meticulosa dos termos utilizados páginas antes para descrever a mão de madame Chauchat evidencia a condução do leitor entre polos distintos ao longo do romance, os quais encerram, sob formas quase idênticas, sentimentos e convicções ambivalentes. Se as expressões “larga”, “de dedos curtos” e sobretudo “com a pele áspera nas bordas das unhas” serviram para reprovar em Clawdia a aparência pouco nobre e o seu desleixo com as “boas maneiras”, elas são também, no sonho, índices da atração que o caráter licencioso da personagem exerce sobre Castorp. O prazer que o beijo provoca e que contagia o sonho dali em diante indica o afrouxamento dos vínculos sisudos que o atam ao código austero de seu meio social de origem: na expressão “se sentira livre da pressão da honra e desfrutara as ilimitadas vantagens que a vergonha acarreta”, bem a propósito, o adjetivo para “ilimitadas” é no original *bodenlos*, literalmente: “sem chão”, “desterrado”. As vantagens trazidas por esse prazer devem-se também ao desprendimento de Castorp do espaço da “planície” burguesa de Hamburgo e à sua fixação na paisagem alpina que abriga o sanatório Berghof.

De modo significativo, a decisão do protagonista de ficar no sanatório novamente estará associada à imagem da mão — à do próprio Castorp, desta vez. A oposição inicial entre as suas mãos e as de Clawdia, que se desmembrara em nova ambivalência, pelo sentido duplo conferido à mão da mulher russa (sensualidade e desleixo), sofre agora outro desmembramento, pela duplicação de sentido a ser conferido à mão refinada de Castorp. Pois após o primeiro exame radiográfico a que Castorp se submete, Behrens, o diretor do sanatório, permite-lhe ver a própria mão através do emissor de raios X. A descrição do que Castorp vê remete-nos de imediato ao trecho de centenas de páginas antes (citado há pouco):

> [Dr. Behrens] teve ainda a amabilidade de permitir que o paciente, a seus rogos insistentes, contemplasse a própria mão através do anteparo luminoso. E Hans Castorp viu o que devia ter esperado, mas que, em realidade, não cabe ver ao homem, e que jamais teria crido poder ver: lançou um olhar para dentro do seu próprio túmulo. Viu, antecipado pela força dos raios, o futuro trabalho da decomposição; viu a carne em que vivia, solubilizada, aniquilada, reduzida a uma névoa inconsistente, no meio da qual se destacava o esqueleto minuciosamente plasmado da sua mão direita, e em torno da primeira falange do dedo anular pairava, preto e frouxo, o anel-sinete que o avô lhe legara [...]. [Ele] contemplou uma parte familiar do seu corpo, estudou-a com olhos videntes e penetrantes, e pela primeira vez na vida compreendeu que estava destinado a morrer.

Agora a mão despoja-se de adornos, asseio e perfume, para revelar-se como imagem de morte e efemeridade. Com a ajuda de um instrumento óptico, ela se decompõe diante do olhar do observador, que insiste em vê-la. A dimensão da existência física em sua sensualidade, firmada pela mão de Clawdia, associa-se a outra dimensão, mórbida, efêmera. Como no sonho com Clawdia, em que há um distanciamento em relação aos valores comportamentais trazidos do mundo burguês da planície, aguça-se agora o desnudamento da existência física e natural, revelada como perecível. Ambivalente, no entanto, e reversível nesse trânsito entre elementos opostos no texto, em breve a imagem será

redimensionada uma vez mais.

Poucas páginas adiante, no capítulo intitulado “Liberdade”, a mão volta a receber destaque. Castorp acabara de escrever uma carta à família, em que comunica sua decisão de ficar no sanatório; e já nesse momento ele se desculpa, caso só venha a escrever raramente. Depois de evidenciar, por sinais como esse, o distanciamento de seu espaço de origem, e assumir a paixão por Clawdia, ele se entrega a contemplar — a própria mão:

> Feito isso, permaneceu deitado e elevou a mão contra o céu, com a palma para fora, assim como fizera diante do anteparo luminoso. Mas a luz celeste deixou intacto o seu aspecto de vida. Diante da sua clareza, a matéria da mão até se tornou mais opaca e mais escura, e somente os contornos afiguravam-se numa vaga iluminação vermelha. Era a mão viva, que Hans Castorp estava habituado a ver, a lavar, a usar, e não aquela armação estranha com que se defrontara através do anteparo. A cova analítica, que então vira aberta, voltara a se fechar.

A situação é paradoxal. O protagonista decide permanecer em um sanatório para tuberculosos por estar supostamente doente, observa a própria mão, apresentada pouco antes em sua dimensão física mais assustadora e efêmera, mas associa-a à vida. Além disso, reafirma o refinamento dessa mão e os cuidados com ela, evocando assim a distinção inicial entre ele mesmo e Clawdia Chauchat. Sabe-se que a motivação vital, afetiva e erótica que o compele a ficar, no entanto, decorre justamente dessa mulher, cuja mão, antes “desleixada”, havia provocado nele, em sonho, sensação intensa.

A superposição e o entretecimento desses elementos preservam as ambivalências (boas maneiras e desleixo, austeridade e licenciosidade, reprovação e atração, morbidez e vitalidade) e, em vez de apaziguá-las, fazem delas a fonte de novos significados, pela coexistência de contrários. Cada detalhe do romance celebra a impossibilidade de superação da ambivalência, pois ela está inscrita na condição bipartida do sujeito (corpo mortal e

“espírito” que integram um contexto cultural e moral), e no fato puro e simples da existência de sujeitos diversos — o que é, a propósito, condição e fonte da matéria literária em si mesma: a linguagem.

A clarividência intelectual, formulada linguisticamente, converte-se aqui em experiência “erótica”, em que o espírito reflexivo se rende ironicamente à vida, abdicando de si mesmo e de eventuais certezas, para continuar existindo e atuando: tal definição de Eros, figurada literariamente em *A montanha mágica*, é do próprio Thomas Mann, que a formulou anos antes em seu longo ensaio *Betrachtungen eines Unpolitischen* (“*Considerações de um apolítico*”, de 1918, ainda sem tradução ao português). Os valores morais e culturais (espirituais) expressos por Castorp parecem impor-se nas impressões que o narrador lhe atribui, mas sua corporeidade (a vida) é que avança para o primeiro plano, por via estética, sensorial. Ante si mesmo, a personagem descobre-se ambivalente, torna-se capaz de ver Clawdia também dessa maneira, e opta por permanecer próximo dela.

Apoiar a figuração da clarividência “espiritual” com a figuração da clarividência dos sentidos é um dos princípios estéticos de *A montanha mágica*. A percepção das mãos por Hans Castorp, as suas e as de Clawdia Chauchat, e a respectiva descrição e comentário dessa percepção pelo narrador prestam-se a significar na obra o contraste social e a atitude de vida diversa entre as duas personagens. Cada um desses elementos opositivos, no entanto, desmembra-se em nova ambivalência: a mão de Chauchat dá sinais de desleixo e de sensualidade; na mão de Castorp estão lado a lado sinais de efemeridade e regramento burguês.

Quando Castorp toma consciência desse complexo de ambivalências múltiplas (entre dois sujeitos, e no interior de cada um deles) concorre para seu entendimento das relações um outro fator: o espaço partilhado (comum, portanto, aos dois personagens). Ele atenta agora para a

linha que separa sua mão do entorno. Dá-se de novo a descrição da forma plástica da mão, não mais no negativo do raio X: ao elevar "a mão contra o céu", segundo o trecho do romance mencionado acima, Castorp vê que "a matéria da mão" havia se tornado "mais opaca e mais escura, e somente os contornos afiguravam-se numa vaga iluminação vermelha". A personagem passa a ter diante dos olhos sua "mão viva"; e com isso a "cova analítica, que então vira aberta, voltara a se fechar".

Nessa visão, contrastam-se as duas anteriores: a da mão do protagonista é objeto imbuído de significados sociais de asseio (ela está exposta a um olhar externo) e vem à lembrança o que mostrara o aparelho radiológico (como olhar da personagem para dentro de si). Agora, ao observar a mão contra o céu, e tendo presentes essas duas dimensões anteriores, Castorp percebe intocada, de qualquer modo, a forma vital da mão: o narrador desloca a atenção do leitor para a forma da superfície da mão, pela diminuição da luz que incide sobre ela (os olhos se aguçam) e pelo fato de ela ter se tornado "mais opaca"; além disso, ressalta-se o traçado de divisão entre ela e o fundo, o céu, pela atribuição de volume e cor a seu contorno, marcado por tons de vermelho. O contorno e a superfície, ou seja, os limites de separação entre corpo e entorno, fixam o significado da presença concreta do protagonista no mundo. Madame Chauchat já não é para ele a figura estranha percebida somente à distância e em sua exterioridade, mas começa a ser um outro, com quem ele é capaz de identificar-se. Eis para a narrativa e para a construção da obra a "matéria vertente": o espaço material e imaginário que separa as personagens assume forma e evidencia-se o suporte material, linguístico e estético em que se dão as movências do pensamento e da ação.

No final do romance, a propósito, quando eclode a Grande Guerra e soa o "trovão" que abala para sempre as estruturas então vigentes na Europa, Hans Castorp desce de maneira

impulsiva e mecânica à planície. Leitor e narrador deixam repentinamente a letargia do sanatório e agora acompanham o protagonista em meio ao campo de batalha. O cenário de horror da guerra é descrito com um apelo sensorial único no romance, daí valer a pena manter também o original alemão e perceber o trabalho cuidadoso de Herbert Caro, que preserva o ritmo e as aliterações:

> Crepúsculo, chuva e barro, rubros clarões de fogo no céu turvo que sem cessar estruge atroadoramente; os úmidos ares invadidos e dilacerados por silvos agudos, por uivos raivosos que avançam como o cão dos infernos e terminam sua órbita, entre estilhaços, jatos de terra, detonações e labaredas, por gemidos e gritos, por clarinadas estridentes e pelo rufar de tambores, clamando depressa, cada vez mais depressa...
>
> *Wo sind wir? Was ist das? Wohin verschlug uns der Traum? Dämmerung, Regen und Schmutz, Brandröte des trüben Himmels, der unaufhörlich von schwerem Donner brüllt, die nassen Lüfte erfüllt, zerrissen von scharfen Singen, wütend höllenhundhaft daherfahrendem Heulen, das seine Bahn mit Splittern, Spritzen, Krachen und Lohen beendet, von Stöhnen und Schreiem, von Zinkgeschmetter, das bersten will, und Trommeltakt, der schleuniger, schleuniger treibt...*

Em meio a essa “tempestade de aço” surgirá de novo o motivo da mão, a realidade agora é a do “barro bombardeado”.

> Eis aí nosso conhecido, eis aí Hans Castorp! Já bem de longe o reconhecemos pela barbicha que deixou crescer, enquanto comia à mesa dos “russos ordinários”. Arde e está ensopado como os demais. Corre com os pés pesados pelo barro, segura o fuzil com o punho pendente. Vejam só: ele pisa a mão de um camarada desagregado — pisa essa mão com a bota ferrada e afunda-a no solo lamacento, salpicado de galhos lascados. E todavia é ele. Mas como pode ser? Está cantando! Ele canta, canta sem razão, de olhar vazio, por uma excitação vazia de pensamentos, e como quem aproveita a respiração ofegante [...].

Nada casual o fato de que Castorp pise sobre a mão de um camarada que jaz na lama. Pois o clima de desolamento que se abatera sobre a Europa antes da Primeira Guerra Mundial — e que levou muitos jovens (mesmo artistas e intelectuais) a celebrá-la como fato agregador e a partir com entusiasmo para o front — é questão central no romance. Ao “grande

tédio” seguiu-se a “grande irritação”, tais os títulos de capítulos finais, até que em breve soou o “trovão”. *A montanha mágica* é diagnóstico único do tempo, das noções, esperanças e equívocos que antecederam a grande tragédia; e é também resposta concreta à “festa universal da morte”. É fruto de gestos prolongados de escrita e leitura, de autocrítica e de “simpatia pedagógica” em relação ao jovem Hans Castorp e sua geração. Esses gestos, vale repeti-los agora pelas próprias mãos, ao se tomar e retomar este volume de texto quase centenário, mas fonte certa de lampejos de “clareza repentina”, também para o Brasil de hoje.

Paulo Astor Soethe, nascido em 1968, é professor de língua e literatura alemãs na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba. Autor de estudos sobre Heinrich Böll, Heinrich e Thomas Mann e João Guimarães Rosa, dedica-se à formação de professores de alemão para a rede pública de ensino no Brasil e ao estudo de publicações brasileiras em língua alemã. Foi bolsista da Fundação Alexander von Humboldt em 2005 e 2006, em Tübingen, e desenvolve projetos, em instituições nos dois países, sobre as relações literárias entre Brasil e Alemanha. Traduziu obras de Jürgen Habermas e Karl-Otto Apel, entre outros, e o romance *Pontos de vista de um palhaço*, de Heinrich Böll. Em 2015, foi agraciado com o prêmio internacional Jacob e Wilhelm Grimm, do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).

---

1 O espólio de Herbert Caro referente a sua vida privada e sua obra como tradutor e publicista encontra-se hoje em Porto Alegre sob os cuidados do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (que em 2015 comemorou seus trinta anos de fundação, com serviços inestimáveis à memória brasileira) e constitui material de imenso valor para a compreensão da vida cultural no século XX em nosso país. De igual importância é o acervo musical de Caro, doado à UFRGS, que documenta sua atividade de crítico de música na imprensa porto-alegrense por mais de vinte anos. Sobre o assunto, ver: Ana Laura Colombo de Freitas, A formação do gosto musical na crítica jornalística de Herbert Caro no Correio do Povo (*1968-1980*): Da torre de marfim ao rés do chão. Porto Alegre, UFRGS, 2011, dissertação de mestrado. O tradutor revela, nesse ponto, especial afinidade com Thomas Mann, outro melófilo: A montanha mágica contém inúmeras alusões e menções diretas à música, em especial no capítulo “Abundância de harmonia”.

2 Erico Verissimo, como editor, tinha em vista publicar a tradução de A montanha mágica por Herbert Caro já no início dos anos 1940. A editora carioca Panamericana antecipou-se, no entanto, e lançou em 1943 uma outra tradução (parcial) do romance, de Otto Silveira.

3 Ver sobre o assunto: Karl-Josef Kuschel, Frido Mann, Paulo Astor Soethe, Terra mátria: A família de Thomas Mann e o Brasil. Trad. de Sibele Paulino. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

4 Dado que Herbert Caro era falante nativo de alemão, e aprendeu português apenas quando adulto, seria assunto interessante para um estudo linguístico e literário de sua tradução de A montanha mágica, inclusive para cotejo do texto com traduções para outras línguas românicas, a opção predominante de Caro pelo uso regular, quase constante mesmo, do pretérito imperfeito no português para traduzir o “Präteritum” alemão. Diferentemente do que se dá em alemão, no português (também em francês, italiano e outras línguas românicas) as formas sintéticas de perfeito

e imperfeito convivem lado a lado e desempenham papel sutil, mas decisivo, na constituição da perspectiva narrativa (ver sobre isso, entre outros, capítulo específico em Dominique Maingueneau, Élements de linguistique pour le texte littéraire. Paris: Dunod, 1993). Na revisão da tradução de Caro, esse foi um dos aspectos observados. O interesse e o desafio de encontrar solução devida para a questão repousam sobre o fato de que, em seu "Propósito", o próprio Thomas Mann chama a atenção para isso, ao destacar o interesse sobre essa forma verbal, quando se refere ao narrador como "den raunenden Beschwörer des Imperfekts", ou seja: "esse mago que evoca o pretérito" (o pretérito imperfeito, literalmente). Não é à toa que o estudo linguístico fundador sobre a questão na tradição alemã, a obra de Harald Weinrich Tempus: Besprochene und erzählte Welt (Stuttgart, 1964), referiu-se diretamente, já na Introdução, a Thomas Mann e seu "romance sobre o tempo", A montanha mágica.

5 Por exemplo, cf. Ernst Nündel, Die Kunsttheorie Thomas Manns. Bonn: Bouvier, 1972, p. 18.

6 Já em 1976, no artigo "Thomas Manns Beziehungen zur Philosophie und Naturwissenschaft" (Neue Deutsche Hefte, ano 23, fasc. 1, n. 149, pp. 40-58) Eberhard Hilscher demonstrou que a apropriação da tradição filosófica por Thomas Mann nem sempre foi sistemática, e nem sequer "correta". Para Hilscher, o escritor leu muitos filósofos de maneira indireta, por meio de menções e citações em outros livros (Hegel através de Schopenhauer, por exemplo), e foi propenso a uma leitura seletiva e desordenada até mesmo dos autores que conhecia bem, como Nietzsche e Schopenhauer. Cerca de vinte anos depois, em 1995, J. Terence Reed confirma o argumento: "Conhecimentos profundos ou uma adaptação meticulosa dos bens intelectuais da tradição por parte de Thomas Mann — eis aí algo que, de modo geral, ninguém mais insiste em pressupor. Em boa parte graças à pesquisa de fontes desenvolvida ao longo de duas décadas, hoje [...] entrou em cena, no lugar da visão abrangente e soberana do poeta doctus, o conceito de seu uso da montagem com fins bem-definidos" (cf. J. Terence Reed, "Thomas Mann und die literarische Tradition", em Helmut Koopmann (Org.). Thomas-Mann-Handbuch. 2. ed. Stuttgart: Alfred Kröner, 1995, p. 109).

7 Cf. Mann, Thomas. La montagna magica. Milão: Mondadori, 2010. Na quinta edição, de 2011, adicionou-se ao mesmo volume a tradução de "La morte a Venezia", em tradução de Emilio Castellani revisada por Renata Colorni, e com introdução de Elisabeth Galvan.

8 Ver sobre isso, entre outros, além de Kuschel et al., op. cit.: Vamireh Chacon, Thomas Mann e o Brasil. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975; Claudia Dornbusch, Aspectos interculturais da recepção de Thomas Mann no Brasil. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1992, dissertação de mestrado; e Richard Miskolci, Thomas Mann, o artista mestiço. São Paulo: Annablume, 2003. Não se pode deixar de mencionar neste contexto a obra de João Silvério Trevisan, que se ocupou como nenhum outro escritor brasileiro das relações entre a família Mann e o Brasil, de modo especial em seu romance Ana em Veneza (1994). Sobre o assunto, ver Sibele Paulino, O espaço literário em Ana em Veneza: Trânsitos culturais e identidade nacional. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2011, dissertação de mestrado.

9 Ver sobre o assunto: Sibele Paulino; Paulo A. Soethe, "Thomas Mann e a cena intelectual brasileira: Encontro e desencontros", em Pandaemonium Geramanicum, São Paulo, n. 14, 2009, pp. 28-53.

10 Destaque a isso foi conferido por um dos mais importantes biógrafos de Mann: Hermann Kurzke, Thomas Mann: Das Leben als Kunstwerk. Munique: Fischer, 2000, no capítulo "War der nicht Jude?" ["E esse não era judeu?"].

11 Cf. Sérgio Buarque de Holanda, "Thomas Mann e o Brasil", em O espírito e a letra. Estudos de crítica literária I, *1920-1947*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 251-6.

12 Por exemplo: Yahya Elsaghe, Thomas Mann und die kleinen Unterschiede: Zur erzählerischen Imagination des Anderen. Colônia: Böhlau-Verlag Gmbh, 2004.

13 Bem conhecido é o conteúdo de uma carta de Mann (de junho de 1939) a Agnes E. Mayer: "Minha herança paterna e materna divide-se exatamente segundo o modelo goetheano: do pai a 'estatura', ao menos uma dose disso, e 'o jeito sisudo de ser'; da 'mãezinha', tudo que G. [Goethe] resume simbolicamente nas palavras 'alegria, candura' e a 'vontade de histórias tecer [...]'. Cf. Thomas Mann, Briefe *1889-1955*. Org. Erika Mann. V. I-III. Frankfurt, M.: Fischer, 1961. Aqui: v. 2, pp. 100 e ss.

14 Cf. Julia Mann, Cartas e esboços literários. Trad. Claudia Baumgart. São Paulo: Ars Poetica, 1993, p. 8.

15 O catálogo da exposição é material valioso disponível em português: Dieter Strauss; Maria A. Sene, (orgs). Julia Mann: uma vida entre duas culturas. São Paulo, 1997.

16 Para informações, ver o site da instituição: http:<//buddenbrookhaus.de/de/45/home.html>.

17 Manfred Flügge, Das Jahrhundert der Manns. Berlim: Aufbau, 2015; Tilmann Lahme, Die Manns. Geschichte einer Familie. Frankfurt, M.: Fischer, 2015.

18 Cf. Herbert Lehnert, "Thomas Mann und die deutsche Literatur seiner Zeit", em Helmut Koopmann (Org.), Thomas-Mann-Handbuch, op. cit., pp. 138-9.

19 A indicação é de Hermann Kurzke, Thomas Mann: Epoche, Werk, Wirkung. 3. ed. rev. e ampl. Munique: C.H. Beck, 1997, p. 196.

20 Cf. João Guimarães Rosa, Tutameia. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. V.

CRONOLOGIA

6 DE JUNHO DE 1875
Paul Thomas Mann, segundo filho de Thomas Johann Heinrich Mann e sua esposa, Julia, em solteira Da Silva-Bruhns, nasce em Lübeck. Os irmãos são: Luiz Heinrich (1871), Julia (1877), Carla (1881), Viktor (1890)

1889
Entra no Gymnasium Katharineum

1893
Termina o ginásio e muda-se para Munique
Coordena o jornal escolar *Der Frühlingssturm* [A tempestade primaveril]

1894
Estágio na instituição Süddeutsche Feuerversicherungsbank
Decaída, a primeira novela

1894-5
Aluno ouvinte na Technische Hochschule de Munique. Frequenta aulas de história da arte, história da literatura e economia nacional

1895-8
Temporadas na Itália, em Roma e Palestrina, com Heinrich Mann

1897
Começa a escrever *Os Buddenbrook*

1898
Primeiro volume de novelas, *O pequeno sr. Friedmann*

1898-9
Redator na revista satírica *Simplicissimus*

1901
Publica *Os Buddenbrook: Decadência de uma família* em dois volumes

1903
Tristão, segunda coletânea de novelas, entre as quais *Tonio Kröger*

3 DE OUTUBRO DE 1904

Noivado com Katia Pringsheim, nascida em 24 de julho de 1883

11 DE FEVEREIRO DE 1905
Casamento em Munique

9 DE NOVEMBRO DE 1905
Nasce a filha Erika Julia Hedwig

1906
Fiorenza, peça em três atos
Bilse und ich [Bilse e eu]

18 DE NOVEMBRO DE 1906
Nasce o filho Klaus Heinrich Thomas

1907
Versuch über das Theater [Ensaio sobre o teatro]

1909
Sua alteza real

27 DE MARÇO DE 1909
Nasce o filho Angelus Gottfried Thomas (Golo)

7 DE JUNHO DE 1910
Nasce a filha Monika

1912
A morte em Veneza. Começa a trabalhar em *A montanha mágica*

JANEIRO DE 1914
Compra uma casa em Munique, situada na Poschingerstrasse, 1

1915
Friedrich und die grosse Koalition [Frederico e a grande coalizão]

1918
Betrachtungen eines Unpolitischen [Considerações de um apolítico]

24 DE ABRIL DE 1918
Nasce a filha Elisabeth Veronika

1919
Um homem e seu cão

21 DE ABRIL DE 1919
Nasce o filho Michael Thomas

1922
Goethe e Tolstói e *Von deutscher Republik* [Sobre a república alemã]

1924
A montanha mágica

1926

Unordnung und frühes Leid [Desordem e primeiro sofrimento]. Início da redação da tetralogia
José e seus irmãos
Lübeck als geistige Lebensform [Lübeck como modo de vida espiritual]

10 DE DEZEMBRO DE 1929
Recebe o prêmio Nobel de literatura

1930
Mário e o mágico
Deutsche Ansprache: Ein Appell an die Vernunft [Elocução alemã: Um apelo à razão]

1932
Goethe como representante da era burguesa
Discursos no primeiro centenário da morte de Goethe

1933
Sofrimento e grandeza de Richard Wagner
José e seus irmãos: As histórias de Jacó

11 DE FEVEREIRO DE 1933
Parte para a Holanda. Início do exílio

OUTONO DE 1933
Estabelece-se em Küsnacht, no cantão suíço de Zurique

1934
José e seus irmãos: O jovem José

MAIO-JUNHO DE 1934
Primeira viagem aos Estados Unidos

1936
Perde a cidadania alemã e torna-se cidadão da antiga Tchecoslováquia
José e seus irmãos: José no Egito

1938
Bruder Hitler [Irmão Hitler]

SETEMBRO DE 1938
Muda-se para os Estados Unidos. Trabalha como professor de humanidades na Universidade de Princeton

1939
Carlota em Weimar

1940
As cabeças trocadas
ABRIL DE 1941
Passa a viver na Califórnia, em Pacific Palisades

1942

Deutsche Hörer! 25 Radiosendungen nach Deutschland [Ouvintes alemães! 25 transmissões radiofônicas para a Alemanha]

1943
José e seus irmãos: José, o Provedor

23 DE JUNHO DE 1944
Torna-se cidadão americano

1945
Deutschland und die Deutschen [Alemanha e os alemães]
Deutsche Hörer! 55 Radiosendungen nach Deutschland [Ouvintes alemães! 55 transmissões radiofônicas para a Alemanha]
Dostoiévski, com moderação

1947
Doutor Fausto

ABRIL-SETEMBRO DE 1947
Primeira viagem à Europa depois da guerra

1949
A gênese do Doutor Fausto: *Romance sobre um romance*

21 DE ABRIL DE 1949
Morte do irmão Viktor
MAIO-AGOSTO DE 1949
Segunda viagem à Europa e primeira visita à Alemanha do pós-guerra. Faz conferências em Frankfurt am Main e em Weimar sobre os duzentos anos do nascimento de Goethe

21 DE MAIO DE 1949
Suicídio do filho Klaus

1950
Meine Zeit [Meu tempo]
12 DE MARÇO DE 1950
Morte do irmão Heinrich

1951
O eleito

JUNHO DE 1952
Retorna à Europa

DEZEMBRO DE 1952
Muda-se definitivamente para a Suíça e se instala em Erlenbach, próximo a Zurique

1953
A enganada

1954

Confissões do impostor Felix Krull

ABRIL DE 1954
Passa a viver em Kilchberg, Suíça, na Alte Landstrasse, 39

1955
Versuch über Schiller [Ensaio sobre Schiller]

8 e 14 DE MAIO DE 1955
Palestras sobre Schiller em Stuttgart e em Weimar

12 DE AGOSTO DE 1955
Thomas Mann falece

SUGESTÕES DE LEITURA

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Tosse, febre e Thomas Mann”. *Revista Leitura*. Rio de Janeiro, ano I, no 5, abr. 1943, p. 15.

BARBOSA, João Alexandre. “Uma antologia de Thomas Mann”. In: ——. *Entre livros*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

BRADBURY, Malcolm. “Thomas Mann”. In: ——. *O mundo moderno: Dez grandes escritores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 97-117.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. *O murmurante evocador do passado:* A Montanha Mágica *e o romance de formação após a Primeira Guerra Mundial*. História da Historiografia, v. 1, 2014, pp. 107-20.

CARPEAUX, Otto Maria. “O admirável Thomas Mann”. In: ——. *A cinza do purgatório*. Balneário Camboriú, SC: Danúbio, 2015. Ensaios. (E-book)

CICERO, Antonio. “Apresentação de *A montanha mágica*, de Thomas Mann”. In: MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

DOWDEN, Stephen D. (org.). *A Companion to Thomas Mann’s* Magic Mountain. Columbia: Camden House, 1999.

FONTANELLA, Marco Antonio Rassolin. A Montanha Mágica *como Bildungsroman*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2000, dissertação de mestrado.

GAY, Peter. *Represálias selvagens: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HEISE, Eloá. “Thomas Mann: Um clássico da modernidade”. *Revista de Letras*, Curitiba, UFPR, v. 39, pp. 239-46, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Thomas Mann e o Brasil”. In: ——. *O espírito e a letra: Estudos de crítica literária I e II*. Org., introd. e notas de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 251-6. v. 1.

KUSCHEL, Karl-Josef; MANN, Frido; SOETHE, Paulo Astor. *Terra mátria. A família de Thomas Mann e o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MAZZARI, Marcus Vinicius. “Liberdade contida”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 ago. 2000. Caderno Mais!.

MIELIETINSKI, E. M. “A antítese: Joyce e Thomas Mann”. In: ——. *A poética do mito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, pp. 354-404.

PAULINO, Sibele; SOETHE, Paulo Astor. *Thomas Mann e a cena intelectual brasileira: encontro e desencontros.* Pandaemonium germanicum, n.14, 2009, pp. 28-53.

PRATER, Donald. *Thomas Mann: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

2000.
RÖHL, Ruth. “Traço estilístico em Thomas Mann”. *Revista de Letras*. Curitiba (UFPR), v. 39, 1990, pp. 227-37.
ROSENFELD, Anatol. *Texto/ contexto*. 3a ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Debates, 76)
——. *Thomas Mann*. São Paulo: Perspectiva/ Edusp; Campinas: Ed. da Unicamp, 1994. (Debates, 259)
——. *Letras e leituras*. São Paulo: Perspectiva/ Edusp; Campinas: Ed. da Unicamp, 1994. (Debates, 260)
ROSENTHAL, Erwin Theodor. *O universo fragmentário*. Trad. de Marion Fleischer. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ Edusp, 1975 (Letras e Linguística, 11).
SOETHE, Paulo Astor. “Thomas Mann. Ironia burguesa e romantismo anticapitalista”. In: Codato, Adriano (org.). *Tecendo o presente. Oito autores para pensar o século* XX. Curitiba: SESC Paraná, 2006, pp. 31-49.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Der Zauberberg

O texto desta edição foi estabelecido a partir da *Große kommentierte Frankfurter Ausgabe*, publicada pela S. Fischer Verlag em 2002

Capa e projeto gráfico
RAUL LOUREIRO

Crédito da foto
ULLSTEIN BILD VIA GETTY IMAGES

Preparação
ISABEL LOPES COELHO

Revisão
HUENDEL VIANA
CLARA DIAMENT

Tradução dos trechos em francês
ROSA FREIRE D'AGUIAR

Tradução dos trechos em latim
CAETANO GALINDO

ISBN 978-85-438-0781-2

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Os Buddenbrook

IAN
EN
CLAU
SURA
DO
McEWAN
COMPANHIA DAS LETRAS

O CONTO
DA ILHA
DESCONHECIDA
ILUSTRAÇÃO JUERGEN CANNES
JOSÉ SARAMAGO
PRÊMIO NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

O conto da ilha desconhecida

Saramago, José
9788543804279
64 páginas

[Compre agora e leia]

Edição especial em e-book com ilustrações de Juergen Cannes.

Um homem vai ao rei e lhe pede um barco para viajar até uma ilha desconhecida. O rei lhe pergunta como pode saber que essa ilha existe, já que é desconhecida. O homem argumenta que assim são todas as ilhas até que alguém desembarque nelas.
Este pequeno conto de José Saramago pode ser lido como uma parábola do sonho realizado, isto é, como um canto de otimismo em que a vontade ou a obstinação fazem a fantasia ancorar em porto seguro. Antes, entretanto, ela é submetida a uma série de embates com o status quo, com o estado consolidado das coisas, como se da resistência às adversidades viesse o mérito e do mérito nascesse o direito à concretização. Entre desejar um barco e tê-lo pronto para partir, o viajante vai de certo modo alterando a idéia que faz de uma ilha desconhecida e de como alcançá-la, e essa flexibilidade com certeza o torna mais apto a obter o que sonhou.

"...Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós...", lemos a certa altura. Nesse movimento de tomar distância para conhecer está gravado o olho crítico de José Saramago, cujo otimismo parece alimentado por raízes que entram no chão profundamente.

Dorrit Harazim
O instante certo
Companhia Das Letras

Compre agora e leia

Oliver Sacks
Diário
de
Oaxaca
Companhia Das Letras

Diário de Oaxaca

Sacks, Oliver
9788580869026
128 páginas

Compre agora e leia

Conhecido por seus relatos clínicos que desvendam grandes mistérios do cérebro humano, Oliver Sacks revela uma nova faceta em seu diário de viagem para o estado de Oaxaca, no México. Durante dez dias, acompanhou um grupo de botânicos e cientistas amadores interessados em conhecer o hábitat das samambaias mais raras do mundo. Entre descrições minuciosas da morfologia das plantas e uma ou outra digressão acerca de pássaros e tipos de solo, o texto concentra toda a sua força em desvendar um grande mistério da mente humana: a curiosidade científica. Ao observar de perto o comportamento de seus colegas de excursão, Oliver Sacks revela que a ciência, longe de ser uma seara de cálculos e experimentos, nasce do interesse genuíno e apaixonado de amadores, cuja erudição nem sempre supera a vontade de aprender e descobrir fatos novos. Os personagens que compõem a expedição são sui generis. O grupo é composto de tipos humanos diversos: homens e mulheres, americanos e ingleses, cientistas e curiosos circulam com desenvoltura por selvas e grutas, mas protagonizam cenas de verdadeira comédia ao tentar, sem

sucesso, se imiscuir no cotidiano das cidades mexicanas por onde passam. É o caso da visita coletiva feita a um alambique onde se processa o mescal, bebida alcoólica extraída do agave, uma planta nativa que também dá origem à tequila. Levemente alterados pela degustação a que se submetem no maior "interesse científico", os expedicionários terminam sentados em uma pequena planície das redondezas, uivando para a lua e se "perguntando como será que os lobos e os outros animais se sentiram quando a lua, a sua lua, lhes foi roubada". Composto de uma gama variada de assuntos, Diário de Oaxaca versa ainda sobre a intimidade de Oliver Sacks, cujo mal-estar em relação aos meios oficiais e ultracompetitivos da ciência contemporânea fica evidente nas diversas passagens em que o autor externaliza sua admiração pelos amadores - classe de cientistas à qual, aliás, o livro é dedicado.